
OS
MISERÁVEIS
VICTOR HUGO

OS MISERÁVEIS

VICTOR HUGO

Título original: *Les Misérables*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Imagem de capa: Gustave Brion, *Jean Valjean*, 1862. Wikimedia Commons.
Imagem do boxe: Émile Bayard, *Cosette Sweeping*, 1862. Wikimedia Commons.

Os versos em latim 1 e 2 foram gentilmente traduzidos por Amós Coelho da Silva.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H889m Hugo, Victor, 1802-1885
3. ed. Os miseráveis / Victor Hugo; tradução Casimiro L. M.Fernandes; tradução revista por Eduardo Rosal; introdução Carlos Heitor Cony. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
632 p.

Tradução de: Les Misérables
ISBN 9788520942222

1.Romance francês. I. Fernandes, Casimiro L. M. II. Cony,Carlos Heitor. III. Título.

18-48265 CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

SUMÁRIO

Volume I

INTRODUÇÃO — Carlos Heitor Cony
PREFÁCIO DO AUTOR

PARTE PRIMEIRA — *Fantine*

Livro primeiro — Um justo
Livro segundo — A queda
Livro terceiro — No ano de 1817
Livro quarto — Confiar é, por vezes, abandonar
Livro quinto — A decadência
Livro sexto — Javert
Livro sétimo — Processo de Champmathieu
Livro oitavo — Contragolpe

PARTE SEGUNDA — *Cosette*

Livro primeiro — Waterloo
Livro segundo — A nau *Orion*
Livro terceiro — Cumprimento da promessa feita à morta

Livro quarto — O cortiço Gorbeau
Livro quinto — Para caçada tenebrosa, matilha silenciosa
Livro sexto — O Petit-Picpus
Livro sétimo — Parênteses
Livro oitavo — Os cemitérios aceitam o que lhes dão

Volume II

PARTE TERCEIRA — *Marius (1862)*

Livro primeiro — Paris estudada em seu átomo
Livro segundo — O grande burguês
Livro terceiro — O avô e o neto
Livro quarto — Os Amigos do ABC
Livro quinto — Excelência do infortúnio
Livro sexto — Conjunção de duas estrelas
Livro sétimo — *Patron-Minette*
Livro oitavo — O mau pobre

PARTE QUARTA — *Idílio na rua Plumet e Epopeia na rua Saint-Denis (1862)*

Livro primeiro — Algumas páginas de história
Livro segundo — Éponine
Livro terceiro — A casa da rua Plumet
Livro quarto — O socorro na Terra pode vir do céu
Livro quinto — O fim não se assemelha ao princípio
Livro sexto — O pequeno Gavroche
Livro sétimo — A gíria
Livro oitavo — Encantos e amarguras
Livro nono — Para onde todos estão indo?

Livro décimo — O dia 5 de junho de 1832
Livro décimo primeiro — O átomo fraterniza com o furacão
Livro décimo segundo — Corinto
Livro décimo terceiro — Marius entra na sombra
Livro décimo quarto — Grandeza da desesperança
Livro décimo quinto — A rua do Homme-Armé

PARTE QUINTA — *Jean Valjean*

Livro primeiro — A guerra entre quatro paredes
Livro segundo — O intestino de Leviatã
Livro terceiro — A lama, mas também a alma
Livro quarto — Javert fora dos trilhos
Livro quinto — O neto e o avô
Livro sexto — A noite branca
Livro sétimo — A última gota do cálice
Livro oitavo — O decrescimento crepuscular
Livro nono — Suprema sombra, suprema aurora

OS MISERÁVEIS

VICTOR HUGO

VOLUME 1

3ª edição

Introdução de Carlos Heitor Cony
Tradução de Casimiro L.M. Fernandes
Tradução revista por Eduardo Rosal

EDITORA NOVA FRONTEIRA

Introdução

Foi Thibaudet quem observou, a respeito de Victor Hugo, que o autor de *Os miseráveis* tinha mais *situation* que *présence* no vasto panorama da literatura, não só francesa como também universal. Até hoje, os críticos são obrigados a acentuar esta aparente dicotomia crítica em relação ao homem que encheu tão largo e brilhante período das letras mundiais. Mesmo aqueles críticos que lhe fazem severas restrições são obrigados a, como Otto Maria Carpeaux, admitir que "Victor Hugo é um colosso que desafia as definições".

Foi, sem dúvida, o maior nome de seu tempo. Contemporâneo de Balzac, tinha mais prestígio e mais público que o genial autor de *Um começo de vida*. E, como poeta, engolia todos os contemporâneos, não apenas na França, mas em todo o mundo. Era, sobretudo, O poeta. Aquele que, segundo André Gide, havia feito "os mais belos versos da língua francesa".

Era muito, mas não era tudo. Inquieto, honesto, turbulento, um homem bem ao gosto de sua época, Victor Hugo adotaria uma forma barroca para sua linguagem, mas ficaria sintonizado com os problemas de sua época, engajado naquela corrente que constituiu o veio mais nobre do romantismo francês, vindo de Michelet. Já não era mais aquele romantismo placidamente católico e conservador que dominara a França durante tantos anos, mas uma conscientização progressiva e progressista que transformaria Hugo no "grande plebeu" das letras francesas.

Seu barroquismo ou seu medievalismo, seu goticismo ou seu gongorismo, nada têm de reacionário. Não é um egresso saudoso da Idade Média, pitorescamente simpático como Walter Scott. Nem pagou tributo à Idade Média feudal-católica dos românticos reacionários. Victor Hugo conseguiu imprimir ao romantismo — e nisso só teve a emulação de Michelet — um caráter progressista que transformaria o movimento num dos mais importantes e fecundos de toda a história literária.

Complexa a abordagem de sua obra. Poeta, sobretudo, deve-se a Victor Hugo a grandeza e a distorção de toda uma mecânica poética que até hoje tem remanescentes. Seus versos, excessivamente belos, não raro desviados para o panfleto político ou social, são o modelo mais característico de um tipo de poesia tornado clássico e superado, logo depois, pelas correntes mais atuais. Assim, paradoxalmente, à medida que Victor Hugo foi o grande poeta de toda uma época, foi também o grande superado. Apesar disso, na França e fora da França, seus versos até hoje são

lembrados e amados. Foi, sozinho, e dentro da poesia universal, uma época inteira, uma espécie de Idade Média completa, com nascimento, apogeu e declínio definidos e definitivos.

Transcendendo à poesia, Victor Hugo foi também político e romancista. Como político, teve destacada atuação contra o golpe de Luís Napoleão, tornando-se o mais histérico e brilhante adversário daquela ditadura instalada a 2 de dezembro. Membro da Assembleia Francesa, Victor Hugo não se submeteu à violência: foi para a rua, com a faixa tricolor no peito, defender seu mandato popular em plena barricada, enfrentando à bala os soldados do ditador. Isso lhe valeu perseguições e o demorado exílio que entrou na lenda e na história de sua vida. Mais uma vez repetia-se a tradição francesa: guilhotinara seu melhor poeta da fase da revolução: Chénier. E exilara seu melhor poeta burguês: Victor Hugo.

Mas o autor que aqui nos interessa não é o poeta nem o político. É o romancista. Manobrando quase todos os gêneros literários, Victor Hugo sentia-se à vontade em qualquer um deles. Antes de exilar-se, já havia pintado o imenso painel medieval de Notre-Dame de Paris — um colosso de imaginação e de retrato, onde superou em muito as confessadas influências do modelo que escolhera: Walter Scott. Conseguiu ser até mais pitoresco que o original escocês. Mas não chegou nunca à categoria de "histórico". Seu romance é um belo e poderoso *divertissement* que até hoje comove leitores e impressiona os produtores de Hollywood.

Em compensação, foi no exílio que Victor Hugo teve vagar e motivo para se dedicar àquela que seria sua obra maior no domínio da prosa: *Os miseráveis*. Já não seria uma pintura, mas um retrato. O exótico e o histórico seriam substituídos pelo realismo e pela história. Em intenção, o livro prometia ser grande.

E foi, em vários sentidos, mas não em todos. O assunto original, como em muitas outras de suas obras, Victor Hugo tirou-o da realidade. Ouvira uma história relativa a um ex-forçado que, graças à sua força sobre-humana, conseguira fugir das galés. Escondido sob falso nome, o ex-forçado transforma-se numa espécie de Conde de Monte Cristo social, defendendo causas e pessoas trituradas por uma máquina que começava a se revelar diabólica: a sociedade moderna.

Desse pequeno núcleo real, o autor partiu para a estruturação de um vasto painel de toda a sua época. A maior parte da substância do livro é baseada em documentos. Desde 1929 — conta Matthew Josephson — que Hugo, através de um amigo seu, descobrira a história de um bispo da Provença que conseguira conquistar um perigoso ex-condenado que eventualmente se abrigara em sua casa. O sucesso desse ex-condenado nos negócios é uma corruptela óbvia do personagem de Alexandre Dumas. Os melhores momentos do livro estão todos relacionados com depoimentos

ou impressões do próprio Hugo. Assim, a grande cena do convento de Paris deve-se às recordações de Juliette Drouet; as lutas de rua — e a fabulosa cena da morte de Gavroche — são episódios que o próprio Hugo viveu, nos dias incertos de dezembro; e o estudante Marius, que enche grande parte do livro, não deixa de ser um personagem calcado no próprio Hugo, principalmente se levarmos em conta que, como Marius, Victor Hugo foi um monarquista convicto, mais tarde convertido — e pagando exorbitante preço pela conversão — à democracia e à revolução popular.

A ação de *Os miseráveis* desenrola-se no início do século XIX, entre 1807 e 1833. É a história de Jean Valjean, o ex-condenado que se recupera e, no purgatório da sociedade moderna, aproxima-se de um estágio de santidade rudimentar. Victor Hugo definiu o romance como uma "tempestade dentro de um crânio" — e pode-se acrescentar: tempestade também fora do crânio. Abusando dos recursos melodramáticos, as aventuras de Jean Valjean são emocionantes em si mesmas, e frequentemente dirigidas ao gosto popular mais primitivo e inarredável. Há de tudo no livro. A descrição dos trabalhos forçados nas galés, as peripécias da fuga e da perseguição policial, a insistência de Javert — Victor Hugo, de lambuja, criou um dos policiais mais perfeitos de toda a literatura universal —, os relatos idílicos de Fantine e Cosette, o tipo mais ou menos convencional do estudante Marius e a estupenda — talvez a maior criação de Hugo — presença de Gavroche, o menino das ruas de Paris.

Relacionados, sem ordem e sem nexo, os incidentes principais e os personagens mais importantes do livro, sentimos que temos em *Os miseráveis* um tipo de narrativa — ou de romance — que há muito acabou. Somando-se a tais ingredientes novelísticos as referências históricas — tal como a cena de Waterloo —, constatamos que o romance, ao tempo de Hugo, destinava-se a ser um condensador de fatos e emoções, uma *summa*, uma ópera popular. Modernamente, o romance rompeu com essas classificações e isolou-se num leito mais sóbrio e talvez menos fecundo. Não seria ilícito localizar, justamente nessa ruptura de meios e fins, o início da crise por que atravessa o gênero. Depois de Victor Hugo, o romance cairia no intimismo poético de Proust, nas experiências formais de Joyce, no absurdo de Kafka, no coisismo de Robbe-Grillet — e outros veículos e outros arsenais artísticos se encarregariam de substituir o romance naquilo que ele tinha de *summa*, de ópera.

Apesar de seu tamanho, *Os miseráveis* mantém do princípio ao fim a emoção de uma novela em série. Sentimental à extravagância, Victor Hugo redime-se em muitas páginas, quando se revela o revolucionário de seu tempo. Define a revolução

"como a lei de Deus". Incorpora-se a Michelet, a Robespierre, a Marat. É um herói saído de 1793, que ainda pulsa e vence.

George Meredith, quando o livro apareceu, disse que *Os miseráveis* era "a obra-prima da ficção do século XI". Apesar disso, o livro tinha um quê de embrionário, ou seja, de transição para o futuro. Se é verdade que as descrições e os caracteres gerais são feitos nos moldes do romantismo clássico, do romantismo hugoniano, o fato é que na descrição de cenas e personagens secundários — Gavroche é um belo exemplo do que afirmamos — inicia-se o embrião de um novo processo narrativo, uma gênesis discreta mas que cresceria em breve, através do realismo, até desaguar em Flaubert e Zola.

Victor Hugo, como romancista, sofreu do mesmo processo crítico por que passou o Victor Hugo poeta. Foi superado por autores que vieram logo depois. Não chegou à estatura de um Balzac, que morreu antes dele. Hoje, suas longas digressões, suas coincidências, seus retratos barrocos são tidos como menores. Mas nenhum escritor o ultrapassou na carga emotiva da palavra escrita. Por isso, não foi sem razão que Tennyson chamou Victor Hugo de "senhor das lágrimas humanas".

Carlos Heitor Cony

Prefácio do Autor

Enquanto existir, por efeito das leis e dos costumes, uma condenação social que produza infernos artificiais no seio da civilização e desvirtue com fatalidade humana o destino, que é inteiramente divinal; enquanto os três problemas do século — a degradação do homem pelo proletariado, a perdição da mulher pela fome, a atrofia da criança pelas trevas — não forem resolvidos; enquanto em certas regiões for coisa possível a asfixia social; ou, noutros termos, e sob aspecto mais amplo, enquanto houver na terra ignorância e miséria, não serão os livros como este decerto inúteis.

Hauteville House, 1º de janeiro de 1862.

PARTE PRIMEIRA

FANTINE

LIVRO PRIMEIRO

Um justo

I

O sr. Myriel

Em 1815, o sr. Charles-François-Bienvenu Myriel era bispo de Digne. Este senhor de aproximadamente setenta e cinco anos de idade ocupava a cadeira episcopal desde 1806.

Embora este pormenor não tenha qualquer relação com a essência da história que temos para contar, ainda assim não é inútil, mesmo que seja apenas pelo simples fato de sermos exatos em tudo, indicar aqui os boatos e as declarações que tinham circulado a seu respeito na época em que tomou posse no governo da diocese. Verdade ou mentira, o que se diz sobre os homens geralmente tem tanta influência em suas vidas e seu destino quanto aquilo que eles fazem. O sr. Myriel era filho de um conselheiro do Parlamento d'Aix; aristocracia de toga. Contava-se que seu pai, para garantir que o filho fosse o herdeiro do cargo que desempenhava, casou-o muito cedo, com cerca de dezoito ou vinte anos, como era de costume entre famílias parlamentares. Charles Myriel, apesar do casamento, segundo diziam, deu muito o que falar. Era bem-apessoado e, apesar da pouca estatura, era elegante, gracioso e muito espirituoso; toda a primeira parte de sua vida foi dedicada à mundanidade e ao galanteio.

Veio a revolução, os acontecimentos se precipitaram; as famílias parlamentares, dizimadas, expulsas e perseguidas, dispersaram-se. O sr. Charles Myriel fugiu, logo nos primeiros dias da revolução, para a Itália, onde perdeu a esposa, que sucumbiu a uma afecção pulmonar de que padecia havia muito tempo. Ele ficou, então, viúvo e sem filhos. O que se seguiu ao destino do sr. Myriel? O desabamento da antiga sociedade francesa, a queda de sua família, os trágicos espetáculos de 1793, talvez mais assustadores ainda para os emigrados, que, devido à distância, viam-nos aumentados pelo espanto; um conjunto de fatos que fizeram germinar nele ideias de isolamento e solidão? Teria sido ele, em meio às distrações e afeições em que desperdiçava a vida, subitamente abatido por algum desses golpes misteriosos e terríveis que muitas vezes aniquilam, quando atingem o coração, o homem a quem

as catástrofes públicas não conseguiram abalar, ainda que roubando-lhe posição e fortuna? Ninguém poderia afirmar; a única coisa que se sabe é que voltara da Itália como padre.

Em 1804, o sr. Myriel era pároco de Brignolles; já idoso e vivendo em um profundo isolamento.

Na época da coroação, devido a uma pequena questão de sua paróquia, não se sabe o quê, precisou ir a Paris. Entre outras pessoas poderosas, a fim de obter certas concessões para seus paroquianos, recorreu ao cardeal Fesch. Num dia em que o imperador foi visitar seu tio, o digno pároco, que esperava na antecâmara, achou-se no caminho em que passava Sua Majestade. Napoleão, notando a curiosidade com que aquele senhor o observava, voltou-se de repente e perguntou:

— Quem é aquele homem que está olhando para mim?

— *Sire* — disse Myriel —, Vossa Majestade vê um simples homem, mas eu estou vendo um grande homem. Temos ambos que aproveitar.

O imperador perguntou naquela mesma tarde ao cardeal o nome do pároco, e pouco tempo depois o sr. Myriel foi surpreendido pelo fato de ter sido nomeado bispo de Digne.

De resto, quanto haveria de verdade no que se contava da primeira parte da vida do sr. Myriel? Ninguém o sabia. Poucas famílias haviam conhecido a família Myriel antes da revolução.

O sr. Myriel precisou aceitar o fato de serem todos recém-chegados a uma cidade pequena, onde há muitas bocas que falam e poucas cabeças que pensam. Precisou se submeter a isso, apesar de ser um bispo, ou justamente porque era um bispo. Mas, no fim das contas, as declarações às quais seu nome foi misturado talvez fossem apenas isto: boatos, barulho, falácia, menos que palavras, palavrórios.

Fosse quem fosse, ao cabo de nove anos de episcopado e de residência em Digne, os mexericos, que nos primeiros momentos constituem conversação obrigatória nas terras pequenas, tinham caído todos no inteiro esquecimento. Ninguém se atrevia a falar sobre eles nem a lembrá-los.

O sr. Myriel chegou a Digne acompanhado de sua irmã, srta. Baptistine, uma moça solteira, dez anos mais nova do que ele.

Eles tinham a seu serviço uma criada chamada Magloire, que era da mesma idade da srta. Baptistine e que, depois de ter sido *a criada do senhor pároco*, agora cumpria a dupla função de camareira da srta. Baptistine e governanta do senhor bispo.

A srta. Baptistine era alta, pálida, delicada e meiga; realizava o ideal do que se exprime pela palavra "respeitável"; porque parece que para uma mulher ser venerável

é necessário que seja mãe. Ela nunca foi bonita; toda a sua vida, que não foi mais do que uma série de boas ações, lhe conferiu uma espécie de alvura e clareza, de tal modo que, com o passar do tempo, ganhou o que se poderia chamar de beleza da bondade. O que em sua mocidade era magreza, na idade madura tornou-se transparência, e essa diafanidade dava-lhe a imagem de um anjo; era mais uma alma do que uma virgem. Parecia feita de sombra; não tinha mais que o corpo necessário para determinar um sexo; uma simples matéria repleta de luminosidade; grandes olhos sempre humildes; um pretexto para que uma alma permanecesse na terra.

A sra. Magloire era uma velhinha baixa, branca, rechonchuda, atarefada e sempre arquejante, não só por causa de seus muitos afazeres, mas em consequência de sua asma.

Ao chegar, o sr. Myriel foi instalado em seu palácio episcopal com todas as honras concedidas pelos decretos imperiais, que classificam o bispo como imediato ao marechal de campo. O *maire* e o presidente fizeram-lhe a primeira visita, enquanto ele, por sua vez, fez a primeira visita ao general e ao prefeito.

Depois de estabelecido, a cidade esperou pelos atos de seu bispo.

II

O sr. Myriel torna-se dom Bienvenu

O palácio episcopal de Digne era situado junto ao hospital, vasta construção de pedra do princípio do século anterior, feita por dom Henri Puget, doutor em Teologia pela Faculdade de Paris, abade de Simore, bispo de Digne em 1712. Esse palácio era um verdadeiro domicílio senhorial. Tudo ali era majestoso: os aposentos do bispo, as salas, os quartos, o pátio de honra circundado de arcadas, segundo o antigo uso florentino, e os jardins com árvores magníficas. Na sala de jantar, longa e soberba galeria que ficava ao rés do chão e abria-se para os jardins, dom Henri Puget ofereceu um jantar de cerimônia, em 29 de julho de 1714, ao sr. Charles Brûlart de Genlis, arcebispo e príncipe de Embrun; a Antoine de Mesgrigny, capuchinho e bispo de Grasse; a Philippe de Vendôme, grão-prior da França; a François de Berton de Crillon, clérigo de Saint-Honoré de Lérins, bispo e barão de Vence; a César de

Sabran de Forcalquier, bispo-senhor de Glandève; e a Jean Soanen, sacerdote do Oratório, pregador ordinário do rei, bispo-senhor de Senez. A sala achava-se ornada com os retratos desses sete reverendos personagens, e sobre uma mesa de mármore branco lia-se gravada em letras de ouro a memorável data, 29 de julho de 1714.

O hospital era uma casa estreita e baixa, de um só andar e com um pequeno jardim.

Três dias após sua chegada, o bispo foi visitar o hospital. Terminada a visita, pediu ao diretor que o acompanhasse até sua casa.

— Senhor diretor — disse ele —, há quantos doentes no hospital atualmente?

— Vinte e seis, Excelência.

— São os que contei — disse o bispo.

— As camas — completou o diretor — estão muito apertadas e juntas.

— Eu havia reparado nisso.

— As salas não são mais que meros quartos nos quais o ar se renova com dificuldade.

— É realmente o que me parece.

— E também, quando faz bom tempo, o jardim é muito pequeno para os convalescentes.

— Foi o que disse a mim mesmo.

— Quando há alguma epidemia, às vezes com cem doentes, como o tifo que tivemos este ano e a febre miliar de dois anos atrás, ficamos sem saber o que fazer.

— Foi justamente o pensamento que me veio.

— Mas o que V. Exa. quer? — disse o diretor. — Não há remédio senão resignarmo-nos.

Este diálogo aconteceu na galeria, ao rés do chão, a que se chamava sala de jantar.

O bispo permaneceu em silêncio por um momento, depois voltou-se de repente para o diretor do hospital.

— Quantas camas o senhor acha que poderão acomodar-se nesta sala?

— Na sala de jantar de V. Exa.?! — reagiu estupefato o diretor.

O bispo percorria a sala com a vista, em toda a sua extensão, como quem calcula distâncias.

— Caberiam bem aqui vinte camas — disse ele, como se estivesse pensando em voz alta; em seguida, elevando a voz, acrescentou: — Olhe, senhor diretor, vou lhe dizer. É evidente que há aqui um grande erro. O senhor tem vinte e seis pessoas em cinco ou seis quartos pequenos. Nós aqui somos três e temos lugar para sessenta.

Repito: há um grande erro. O senhor está na minha casa; e eu, na sua. Deem-me minha casa, pois esta é de vocês.

No dia seguinte, os vinte e seis doentes já estavam instalados no palácio do bispo, e este no hospital.

O sr. Myriel não tinha bens de fortuna; a revolução, empobrecendo-lhe a família, arrebatara-lhe o patrimônio. Sua irmã tinha uma pensão vitalícia de quinhentos francos, que, no presbitério, lhe supria as despesas pessoais. O sr. Myriel recebia do Estado, como bispo, o ordenado de quinze mil francos; no prédio do hospital, determinou o emprego desta soma, de uma vez para sempre, do seguinte modo. Transcreveremos aqui o apontamento por ele mesmo escrito:

CÁLCULO DAS DESPESAS DE MINHA CASA

Para o pequeno seminário: mil e quinhentos francos.
Congregação da missão: cem francos.
Para os lazaristas de Montdidier: cem francos.
Seminário das missões estrangeiras em Paris: duzentos francos.
Congregação do Espírito Santo: cento e cinquenta francos.
Estabelecimentos religiosos da Terra Santa: cem francos.
Sociedades de caridade maternal: trezentos francos.
Em complemento, para a de Arles: cinquenta francos.
Para as obras de melhoria das prisões: quatrocentos francos.
Para as obras de assistência e soltura de presos: quinhentos francos.
Para soltar os pais de família presos por dívidas: mil francos.
Suplemento ao ordenado dos professores pobres da diocese: dois mil francos.
Celeiro de Hautes-Alpes: cem francos.
Congregações das senhoras de Digne, de Manosque e de Sisterom, para o ensino gratuito de moças indigentes: mil e quinhentos francos.
Para os pobres: seis mil francos.
Para minha despesa pessoal: mil francos.

Total: quinze mil francos.

Durante todo o tempo que o sr. Myriel ocupou a cadeira episcopal de Digne, não fez a menor alteração nessas disposições. Como se vê, chamava a isso *ter*

calculado as despesas de sua casa.

Essa ordenação foi aceita com uma submissão absoluta pela srta. Baptistine. Para essa santa senhora, o senhor bispo de Digne era ao mesmo tempo seu irmão e seu bispo; seu amigo, pela ordem da natureza, e seu superior, segundo a Igreja. Amava-o e venerava-o com a maior simplicidade. Quando ele falava, acatava humildemente; quando ele trabalhava, era prestativa. A criada, sra. Magloire, era a única que reclamava um pouco. O bispo, como pudemos notar, não reservou para si mais que mil francos, quantia que, somada à pensão da srta. Baptistine, chegava a mil e quinhentos francos por ano. Era com esse montante que viviam as duas senhoras e o velho sacerdote.

E quando o cura de alguma aldeia ia a Digne, o senhor bispo, graças à severa economia da sra. Magloire e à inteligente administração da srta. Baptistine, achava meio de o receber convenientemente.

Um dia, cerca de três meses depois de haver chegado a Digne, disse o bispo:

— Estou muito incomodado com tudo isso.

— Imagino! — exclamou a sra. Magloire. — S. Exa. nem ao menos reclamou a quantia que o departamento lhe deve dar para custear os deslocamentos de coche na cidade e as despesas das viagens pela diocese, como era habitual para os bispos anteriores.

— Exato! — disse o bispo. — Tem razão, sra. Magloire. — E fez sua reclamação.

Passado algum tempo, levando em consideração o pedido do bispo, o conselho geral votou-lhe uma soma anual de três mil francos, sob a seguinte indicação: *Abono ao senhor bispo para prover às despesas de deslocamento de coche e carruagem, e das viagens pastorais*.

Este fato escandalizou muito a burguesia local; e, por essa ocasião, um senador do império, antigo membro do conselho dos Quinhentos, favorável ao 18 de brumário, e provido, junto da cidade de Digne, numa magnífica senatoria, escreveu ao ministro dos cultos, sr. Bigot de Préameneu, uma pequena carta confidencial, em que transbordava irritação e da qual extraímos estas linhas autênticas:

> Despesas de deslocamento! Qual a necessidade de andar de coche numa cidade que não chega a ter quatro mil habitantes? Despesas com as viagens pela diocese? Em primeiro lugar, qual é o proveito de tais viagens? Além disso, qual a possibilidade de percorrer de carruagem um lugar montanhoso como este, em que não há estradas, e por onde só a cavalo se

pode transitar? Nem sequer a ponte de Durance em Châteaux-Arnoux suporta a passagem de um carro de bois. Os padres são todos assim: ávidos e avaros. Este, quando chegou aqui, apresentou-se como bom apóstolo; agora mostra-se como todos os outros, já precisa de coche e de carruagem: não dispensa o luxo dos antigos bispos. Maldita padraria! Asseguro-lhe, senhor conde, que não iremos bem enquanto o imperador não nos livrar desta corja. Abaixo o papa! (complicavam-se as relações com Roma). Quanto a mim, sou apenas por César. Etc. etc.

No entanto, a concessão acabou agradando bastante à sra. Magloire.

— Bom — disse ela à srta. Baptistine. — O senhor bispo começou a caridade pelos outros, mas, enfim, lembrou-se também de si. Agora já temos três mil francos!

Nessa mesma tarde entregou o bispo a sua irmã uma nota concebida do seguinte modo:

DESPESAS DE DESLOCAMENTO E VIAGENS

Para dar caldo de carne aos doentes do hospital: mil e quinhentos francos.
Para a sociedade de caridade maternal de Aix: duzentos e cinquenta francos.
Para a sociedade de caridade maternal de Draguignan: duzentos e cinquenta francos.
Para as crianças abandonadas: cento e cinquenta francos.
Para os órfãos: cento e cinquenta francos.
Total: três mil francos.

Esse era o orçamento do sr. Myriel.

Quanto aos rendimentos casuais do episcopado, como fianças e banhos, dispensas, bênçãos de igrejas ou de capelas, casamentos etc., o bispo tirava dos ricos, com a mesma aspereza e facilidade com que dava aos pobres.

Após algum tempo, começaram a proliferar as ofertas de dinheiro, batendo constantemente à porta do bispo os que tinham e os que não tinham, porque estes iam buscar a esmola que os primeiros haviam levado. Em menos de um ano, o sr. Myriel tornou-se o tesoureiro de todos os donativos e o caixa em que os necessitados achavam recurso para todos os apuros. Pelas suas mãos passavam somas

consideráveis, mas nem por isso fez a menor alteração no seu modo de viver, não acrescentando ao que lhe era indispensável nada que fosse supérfluo.

Pelo contrário. Como há sempre mais miséria nas camadas inferiores que fraternidade nas superiores, tudo era dado, por assim dizer, antes de ser recebido. O dinheiro em sua mão era como água em terra seca; por mais que recebesse, nunca era o suficiente. Nessas circunstâncias, despojava-se até do pouco que possuía.

Como era habitual entre os bispos anunciarem seu nome de batismo no princípio dos seus mandados e cartas pastorais, a pobre gente daquele lugar escolheu, seguindo um instinto afetuoso, dentre os nomes do bispo, aquele que lhes fazia maior sentido. Assim, passaram a chamá-lo então de dom Bienvenu. Afinal, essa denominação agradava ao bispo.

— Gosto deste nome — dizia ele. — Bienvenu ameniza o tratamento pomposo de *dom*.

Não pretendemos afirmar que o retrato que esboçamos aqui é verdadeiro; limitamo-nos a dizer que é semelhante.

III

A bom bispo mau bispado

O senhor bispo de Digne nem por ter convertido o seu ordenado em esmolas deixou de visitar o rebanho que lhe estava confiado, apesar de ser muito extensa a sua diocese. O lugar é extremamente montanhoso, e quase não há estradas, como disse o senador em sua carta; trinta e duas paróquias, quarenta e um vicariatos e duzentas e oitenta e cinco capelas. Não era fácil visitar tudo isso, mas o bispo conseguiu cumprir sua missão. Quando a visita era nas vizinhanças, ia a pé; na planície, ia numa carroça; e pela montanha, ia em uma liteira carregada por uma mula. Tanto sua irmã como a aia acompanhavam-no quase sempre. Quando o trajeto era muito custoso para elas, ia só.

Um dia entrou em Senez, antiga cidade episcopal, montado num jumento, porque sua bolsa, já exígua naquele momento, não lhe dava meios de andar de outro jeito. O *maire* da cidade, recebendo-o à porta do palácio episcopal, ficou

escandalizado ao vê-lo desmontar de tão insignificante animal. Alguns burgueses que se achavam presentes chegaram até a rir.

— Senhor *maire* — disse o bispo —, sei muito bem o que os desagrada; parece-lhes que é um gesto soberbo de um pobre padre apresentar-se na cavalgadura que o próprio Jesus Cristo usava. Asseguro-lhes que o fiz por necessidade e não por vaidade.

Em suas visitas, o bispo era sempre indulgente e doce; conversava mais do que pregava. Ele nunca ia buscar muito longe sua reflexão e seus exemplos. Para os habitantes de um país, ele citava o caso do país vizinho. Nos pontos em que descobria dureza para com os necessitados, dizia:

— Vejam os habitantes de Briançon. Deram aos indigentes, às viúvas e aos órfãos o direito de poderem ceifar as searas três dias antes de todos os outros. Eles reconstroem suas casas gratuitamente quando estão em ruínas. Por isso é uma terra abençoada por Deus. Há um século que não tem havido ali um só crime.

Nas aldeias ávidas de ganhos sem a preocupação genuína de ajudar o próximo, dizia ele:

— Ponham os olhos na gente de Embrun. Quando, pelo tempo da colheita, um pai de família tem os filhos no Exército, as filhas servindo na cidade e, além disso, encontra-se doente ou incapacitado, logo o pároco o recomenda em seu sermão; então, no domingo, terminada a missa, todos da aldeia, homens, mulheres e crianças, vão às terras do pobre impossibilitado, fazem-lhe a colheita e guardam no celeiro até o último grão.

Às famílias divididas por questões de dinheiro e herança, apresentava este exemplo:

— Vejam os montanheses de Devolny, lugar tão selvagem que em cinquenta anos não se ouviu uma só vez um rouxinol. Pois bem, quando morre o chefe de uma família, os filhos vão procurar fortuna em outro lugar e deixam a herança às irmãs, para que possam encontrar maridos.

Nos lugares propensos às demandas e outras pendências judiciais, e onde os agricultores se empobrecem comprando papel selado, dizia ele:

— Vejam os bons camponeses do vale de Queyras. Há naquele vale três mil almas, meu Deus! É uma espécie de pequena república. Não se conhece ali juiz nem oficial de justiça. O *maire* é quem faz tudo: reparte o imposto; coleta cada um segundo sua consciência, julga gratuitamente as causas, partilha os patrimônios sem honorários, dá sentenças sem custas; e todos lhe obedecem, porque é um homem justo entre homens simples.

Nas aldeias onde não encontrava professor, citava também os habitantes de Queyras.

— Sabem como eles fazem? — dizia ele. — Como um lugarejo de doze ou quinze famílias nem sempre pode sustentar um educador, há professores que são pagos por todo o vale, que percorrem as aldeias, demorando-se oito dias numa, dez noutra, sempre ensinando. Estes professores vão também às feiras, onde já pude vê-los. Conhecem-se pelas penas de escrever que trazem na presilha do chapéu. Os que só ensinam a ler trazem só uma pena; os que ensinam a ler e a escrever trazem duas; e os que ensinam a contar em latim trazem três penas. Estes são grandes sábios. Mas que vergonha que é ser ignorante! Quem não quer passar por ela, imita os de Queyras.

E assim falava grave e paternalmente; por falta de exemplos, convencido do que tinha a dizer e persuasivo, inventava parábolas, indo direto ao ponto, com poucas frases e muitas imagens, seguindo como modelo a própria eloquência de Jesus Cristo.

IV

As obras condizentes com as palavras

A conversa do bispo era afável e alegre. Colocava-a sempre à altura da compreensão das duas mulheres que passavam a vida a seu lado; quando ria, seu riso era o de um estudante.

A sra. Magloire dava-lhe muitas vezes o tratamento de *Vossa Alteza*. Um dia, ele levantou-se da poltrona e dirigiu-se à biblioteca para procurar um livro, que se encontrava em uma das prateleiras mais altas. Como era muito baixo, não pôde alcançar o livro, então disse à sra. Magloire:

— Traga-me uma cadeira; a *minha alteza* não chega àquela prateleira.

Uma de suas parentas distantes, a condessa de Lô, raramente perdia a oportunidade de enumerar em sua presença o que ela chamava de "as esperanças" de seus três filhos. Ela tinha vários ascendentes muito idosos e, portanto, próximos da morte, cujas heranças caberiam naturalmente a seus filhos. O mais novo tinha a

receber de uma tia-avó uns bons mil francos de renda; o segundo assumiria o título de duque de seu tio; o mais velho deveria suceder o pariato de seu avô. O bispo geralmente ouvia em silêncio essas inocentes e perdoáveis demonstrações maternais de vaidade. Uma vez, no entanto, ele parecia mais distraído do que o habitual, enquanto a condessa de Lô repetia os detalhes de todas essas heranças e "esperanças". Então, ela interrompeu-se com certa impaciência e disse:

— Meu Deus, primo! Em que você está pensando?

— Estou refletindo — disse o bispo — sobre algo peculiar que li, creio, em santo Agostinho: "Ponha sua esperança naquilo que não conseguirá realizar."

Outra vez, recebendo uma carta que anunciava a morte de um cavalheiro do país, na qual se explanava em uma longa página, além das dignidades do falecido, todas as qualificações feudais e nobiliárquicas de toda a família, exclamou:

— Que bons ombros possui a morte! Que admirável carga de títulos eles podem fazê-la levar alegremente, e como é preciso que tenham espirituosidade para usar o túmulo como forma de expor a vaidade!

Havia ocasiões também em que o bispo se mostrava finamente irônico, embora quase sempre com um fundo de seriedade. Durante uma quaresma, um jovem pároco veio a Digne pregar na catedral. Com grande eloquência, o assunto de seu sermão foi a caridade. Convidou os ricos a repartir com os pobres, a fim de evitarem o inferno, que pintou o mais medonhamente que pôde, e ganharem o paraíso, este, sim, desejável e encantador. Havia no auditório um rico comerciante, um tanto avarento, chamado sr. Geborand, que gavia ganhado dois milhões fabricando tecidos rústicos, sarjas, lãs etc. Nunca em sua vida Geborand deu alguma esmola a um infeliz, mas depois desse sermão notou-se que dava todos os domingos um tostão a seis senhoras pedintes que ficavam à porta da catedral; elas tinham que dividir entre si aquela mísera esmola.

Um dia, o bispo testemunhou o ato de caridade do rico comerciante e disse, sorrindo, à irmã:

— Ali está o sr. Geborand comprando um tostão de paraíso.

Quando se tratava de praticar a caridade, não recuava nem mesmo diante de uma recusa, e então usava palavras que levavam à reflexão. Uma vez, começou a pedir para os pobres num salão da cidade; achava-se ali o marquês de Champtercier, velho rico, avaro, que conseguia ser ao mesmo tempo ultrarrealista e ultravoltariano. Este tipo de gente já existiu. O bispo foi até ele, tocou-lhe o braço e disse:

— Senhor marquês, é necessário que V. Exa. contribua com algum donativo.

O marquês voltou-se e respondeu de forma seca:

— Tenho também os meus pobres, senhor bispo.

— Peço então que me doe todos eles — disse o bispo.

Um dia, na catedral, proferiu o seguinte sermão:

"Meus caríssimos irmãos, meus bons amigos, há na França um milhão, trezentos e vinte mil casas de camponeses que possuem apenas três aberturas; um milhão, oitocentos e dezessete mil com somente duas aberturas: a porta e uma janela; e, por fim, trezentas e quarenta e duas mil cabanas que possuem apenas uma abertura: a porta. E isso por causa de algo chamado imposto sobre portas e janelas. Coloquem famílias pobres, mulheres idosas, crianças pequenas, nesses alojamentos, e verão as febres e as doenças! Infelizmente! Deus dá o ar aos homens; a lei o põe à venda. Eu não culpo a lei, mas bendigo a Deus. Em Isère, no Var, nos dois Alpes, os Altos e os Baixos, os camponeses nem sequer possuem carrinhos de mão, por isso transportam o adubo nas costas; eles não têm velas, então queimam pedaços de madeira resinosa e cordas embebidas na resina das árvores para ter alguma luz. É assim em todo o Alto Dauphiné. Eles fazem pão por seis meses, cozinhando com esterco de vaca seco. No inverno, eles quebram esse pão com um machado e o deixam mergulhado na água durante vinte e quatro horas para que, enfim, possam comê-lo. Meus irmãos, tenham piedade! Vejam como sofrem ao vosso redor."

Nascido na Provença, ele facilmente se familiarizou com todos os dialetos do sul. Ele dizia:

— *Eh bé! Moussu, sès sagé?* — como no Baixo Languedoc. — *Onté anaras passa?* — como nos Baixos Alpes. — *Puerte un bouen moutou embe un bouen froumage grase* — como no Alto Dauphiné.[1] Isso agradou muito aàs pessoas e contribuiu bastante para que suas ideias fossem bem recebidas por todos. Ele poderia estar na cabana, nas montanhas ou em casa, em qualquer situação sabia como dizer coisas de grande importância nos mais vulgares idiomas. Falando em todas as línguas, penetrava em todas as almas.

Além disso, era sempre o mesmo, tanto com os nobres quanto com o povo.

Não condenava nada sem refletir nem antes de averiguar as circunstâncias. Ele dizia:

— Sigamos o caminho por onde passou a transgressão.

Sendo, como ele mesmo se denominava sorrindo, um *ex-pecador*, não tinha nada do terreno escarpado da rigorosidade, professando em voz alta, e sem franzir o cenho com ferozes virtuosidades, uma doutrina que se poderia resumir mais ou menos da seguinte maneira:

“O homem tem sobre si a carne, que é ao mesmo tempo seu fardo e sua tentação. Ele a arrasta e cede a ela.

“Ele deve vigiá-la, contê-la, reprimi-la e não obedecê-la senão em último caso. Nessa obediência ainda pode haver falha; mas o pecado, cometido assim, é venial. É uma queda, mas um cair de joelhos, que pode terminar em oração.

“Ser santo é exceção; ser justo é a regra. Erre, falhe, peque, mas seja justo.

“A lei do homem é pecar o menos possível. Não cometer um só pecado é o sonho do anjo. Tudo o que é terreno está sujeito ao pecado. O pecado é uma gravitação.”

Quando ele via todo mundo gritando alto e com indignação, dizia sorrindo:

— Oh! Oh! Parece-me que este é um grande crime que todo mundo comete. Vejam essas hipocrisias assustadas tão apressadas em protestar e se acobertar.

Ele era indulgente com as mulheres e os pobres sobre os quais recai o peso da sociedade humana. Ele dizia:

— As faltas das mulheres, das crianças, dos servos, dos fracos, dos pobres e dos ignorantes são culpa dos maridos, dos pais, dos professores, dos fortes, dos ricos e dos sábios.

E dizia ainda:

— Àqueles que não sabem algo, ensinem o quanto puder; a sociedade é a culpada por não oferecer gratuitamente uma instrução: é responsável pela noite que produz. O pecado é cometido em uma alma que está cheia de sombras. A culpa não é do pecador, mas, sim, daquele que criou a escuridão.

Como se pode ver, ele tinha um jeito estranho e particular de julgar as coisas. Eu suponho que tenha retirado isso do Evangelho.

Um dia, ele ouviu contarem numa reunião as circunstâncias de certo processo criminal que seria julgado em breve. Um miserável, pelo amor que tinha a uma mulher e ao filho, já sem recursos, fabricou moedas falsas. Naquela época, ainda se punia esse tipo de crime com a morte. A mulher foi presa quando tentou usar a primeira moeda. Conservaram-na presa, mas não tinham provas contra ela, que era a única a poder denunciar o amante. Para não perdê-lo, negou tudo. Insistiram, mas ela obstinou-se em negar. O procurador do rei teve, então, uma ideia: inventou uma infidelidade do amante e chegou, com fragmentos de cartas convenientemente produzidos, a persuadir a infeliz da existência de uma rival, e de que era iludida pelo homem a quem diligenciava defender. Exasperada então pelo ciúme, ela denunciou o amante e confessou tudo com provas. O homem estava perdido, e em poucos dias seria julgado em Aix, juntamente com sua cúmplice. Como dissemos, todos contavam esse fato extasiados com a habilidade do magistrado, o qual, pondo em

ação o ciúme, soube a verdade por efeito de uma explosão de cólera e, de uma vingança, fez sair a justiça. O bispo escutou a narração em silêncio e, depois de terminada, perguntou:

— Onde serão julgados esse homem e essa mulher?

— No Tribunal de Justiça.

— E quem julgará o procurador do rei? — retomou o bispo.

Aconteceu em Digne um episódio trágico. Um homem foi condenado à morte por assassinato. Era um infeliz, nem de todo instruído nem inteiramente ignorante, que já havia sido saltimbanco de feira e escrivão público. Seu processo prendeu a atenção da cidade inteira. Na véspera do dia determinado para a execução da sentença, o capelão da cadeia adoeceu, e sendo, por conseguinte, necessário um padre para assistir ao padecente nos últimos momentos, correram ao pároco, que se recusou, dizendo:

— Isso não é da minha alçada; não tenho o que fazer com padecentes ou com esse saltimbanco; também estou doente e, além do mais, esse não é meu lugar.

Deram parte ao bispo da recusa do pároco, que apenas respondeu:

— O senhor pároco tem razão. Não é o lugar dele, é o meu.

Dirigiu-se imediatamente à cadeia, entrou na cela do "saltimbanco", chamou-o pelo nome, estendeu-lhe a mão e falou-lhe. Passou o dia inteiro junto dele, esquecendo-se de comer e de dormir, orando a Deus pela alma do condenado e pedindo a este que orasse pela sua própria. Disse ao infeliz as melhores verdades, que são as mais simples; foi-lhe pai, irmão e amigo; bispo, só para o abençoar. Ensinou-lhe tudo, tranquilizando-o e confortando-o. Este homem ia morrer desesperado. A morte era para ele uma espécie de abismo. De pé e estremecendo diante daquele limiar fúnebre, ele recuou com horror. Ele não era ignorante o suficiente para ser absolutamente indiferente. Sua condenação, um profundo choque, havia de algum modo fissurado aqui e ali, em torno dele, a barreira que nos separa do mistério das coisas e que chamamos vida. Ele parecia continuamente fora desse mundo por essas frestas fatais, e não via senão trevas. O bispo fez-lhe entrever a luz.

No dia seguinte, quando foram buscar o infeliz, o bispo ainda estava lá. Ele acompanhou o pobre homem, mostrando-se à multidão com a murça roxa e a cruz episcopal ao pescoço, caminhando ao lado do condenado, que ia amarrado por cordas.

Subiu com ele na carroça e depois no patíbulo, não deixando um instante de o acompanhar. O infeliz, tão sombrio e acabrunhado na véspera, naquele momento

estava radiante. Sentia a alma reconciliada com Deus, e tinha esperança. O bispo abraçou-o e disse-lhe, quando o cutelo estava prestes a cair:

— Aquele que é morto pelo homem é ressuscitado por Deus; aquele que é expulso pelos irmãos encontrará o Pai. Ore, creia, entre na vida! Eis o Pai!

Quando desceu do cadafalso, tinha no olhar qualquer coisa que fez o povo se afastar. Voltando à humilde habitação a que chamava, sorrindo-se, *seu palácio*, disse à irmã:

— Acabei de oficiar pontificamente.

Como as coisas mais sublimes são quase sempre as menos compreendidas, houve na cidade quem tachasse de *afetação* o procedimento do bispo. Não foi senão comentários dos salões. O povo, que não enxerga maldade nos atos sagrados, ficou comovido e admirado.

Quanto ao bispo, presenciar a guilhotina provocou um choque do qual levou muito tempo para se restabelecer.

Com efeito, o patíbulo, quando está erguido, produz uma espécie de alucinação em quem o contempla. É possível ser indiferente à pena de morte, não julgá-la, dizer sim e não, desde que não se tenha visto com os próprios olhos uma guilhotina; mas, uma vez diante de uma, o choque é violento, então torna-se necessário tomar uma decisão a favor ou contra. Alguns admiram, como De Maistre; outros abominam, como Beccaria. A guilhotina é a concretização da lei; chama-se *vingança*; não é neutra e não permite que você permaneça neutro. Quem a vê, estremece de medo com os arrepios mais misteriosos. Todas as questões sociais desenham em torno desse cutelo o seu ponto de interrogação. O patíbulo é uma visão. Não é uma mera estrutura, não é uma máquina, não é um mecanismo inerte feito de madeira, ferro e cordas. Parece um tipo de ser com alguma iniciativa sombria; parece que essa estrutura vê, que essa máquina ouve, que esse mecanismo compreende, que essa madeira, esse ferro e essas cordas possuem vontade própria. No horrível delírio em que sua presença atira a alma, o patíbulo parece terrível e se mistura ao que faz. O patíbulo é o cúmplice do carrasco, nutre-se da carne e do sangue humano. É como um monstro fabricado pelo juiz e pelo carpinteiro; um espectro que parece viver uma espécie de existência espantosa, composta de todas as mortes que tem dado.

Assim, a impressão foi horrorosa e profunda; no dia seguinte ao da execução, e nos subsequentes, o bispo andou extremamente acabrunhado. A serenidade quase violenta do momento fúnebre desapareceu; o fantasma da justiça social o obcecava. Ele, que depois de suas ações se mostrava sempre tão radiante de satisfação, parecia agora repreender-se, e havia ocasião em que falava consigo mesmo, balbuciando monólogos fúnebres. Eis um deles, que sua irmã pôde ouvir e registrou:

> Não julgava que isto fosse tão monstruoso. É um erro deixarmo-nos absorver pela lei divina, a ponto de nem de leve atentarmos à lei humana. A morte só pertence a Deus. Com que direito os homens tocam nessa entidade desconhecida?

Com o tempo, essas impressões diminuíram e, provavelmente, desapareceram. No entanto, notou-se que o bispo agora evitava passar pela praça das execuções.

O sr. Myriel podia ser chamado a qualquer hora à cama dos doentes e moribundos. Ele tinha ciência de que esse era seu maior dever e seu maior trabalho. As famílias viúvas ou órfãs não precisavam pedir, pois ele ia por conta própria. Ele sabia como se sentar e ficar em silêncio por longas horas com o homem que perdera a mulher que amava ou a mãe que perdera o filho. Como ele sabia quando se calar, também sabia quando era a hora de falar. Como era admirável consolador! Ele não procurava apagar a dor pelo esquecimento, mas dignificá-la pela esperança. Sempre dizia:

— Cuidado com a forma como se voltam para os mortos. Não pensem no que apodrece. Olhem fixamente. Assim, poderão ver no céu o brilho vivo da pessoa amada que morreu.

Ele sabia que a crença é saudável. Ele procurava aconselhar e acalmar o homem desesperado, apontando para o homem resignado, assim como procurava transformar a dor de uma cova na dor que enxerga uma estrela.

V

De como dom Bienvenu poupava suas batinas

A vida doméstica do sr. Myriel era dominada pelos mesmos pensamentos que lhe dominavam a vida pública. Para quem pudesse estudá-la de perto, seria um espetáculo grave e interessante a pobreza voluntária em que vivia o senhor bispo de Digne.

Como todos os velhos, e como a maior parte dos pensadores, dormia pouco; mas seu sono era curto e profundo. Pela manhã, recolhia-se durante uma hora,

depois dizia sua missa na catedral ou no oratório de sua casa. Quando acabava, almoçava sopas de centeio, feitas do leite de suas vacas. Em seguida, começava a trabalhar.

Um bispo é um homem muito ocupado. Ele precisa receber todos os dias o secretário da diocese, que ordinariamente é um cônego; e, quase todos os dias, seus vigários. Ele tem congregações para comandar, privilégios para oferecer, uma infinidade de livros eclesiásticos para examinar: paroquianos, catecismos diocesanos, breviários etc. Ele tem mandamentos para escrever, predicações para autorizar, párocos e *maires* para coordenar, uma correspondência clerical, uma correspondência administrativa; de um lado o Estado, do outro a Santa Sé; enfim, mil afazeres.

O tempo que lhe restava desses mil deveres e ofícios, e seu breviário, ele dedicava aos necessitados, aos doentes e aos aflitos; o tempo que os aflitos, os doentes e os necessitados lhe deixavam, ele dedicava ao trabalho. Às vezes mexia em seu jardim, às vezes lia e escrevia. Mas atribuía uma única palavra para esses dois tipos de trabalho: chamava de *jardinagem*.

— A mente é um jardim — dizia ele.

Ao meio-dia, quando o tempo estava ameno, saía e dava um passeio, ora pela cidade, ora pelos subúrbios, entrando frequentemente nos casebres. Era visto caminhando sozinho, mergulhado em seus pensamentos, com olhar baixo, apoiado em sua longa bengala, vestido com sua quente e acolchoada capa roxa, calçando meias violetas em sapatos rústicos e usando o chapéu achatado do qual saíam três borlas douradas.

Era uma festa em todo lugar onde ele aparecia. Dizia-se que sua passagem tinha algo revigorante e iluminador. As crianças e os idosos iam à porta para receber o bispo como se fosse para receber o sol. Ele abençoava e era abençoado. Ofereciam sua casa para qualquer um que precisasse de alguma ajuda.

Parava a cada passo, fazia gracejos com os rapazes e as moças, sorrindo benevolamente para as mães e aconselhando a todos. Enquanto tinha dinheiro visitava os pobres; quando acabava, visitava os ricos.

Como queria que suas batinas durassem muito tempo, e não queria que percebessem, só saía pela cidade com a capa roxa, o que no verão não deixava de o incomodar.

Voltava para casa e jantava. O jantar era semelhante ao almoço.

Às oito e meia da noite, tomava uma sopa com a irmã; a sra. Magloire, respeitosamente de pé atrás deles, servia-os à mesa. Não havia nada mais frugal do que essa refeição. Mas se o bispo convidava algum dos seus párocos para cear, a sra.

Magloire aproveitava logo a ocasião para servir algum saboroso peixe dos lagos ou alguma fina peça de caça da montanha. Todo pároco que aparecia era um pretexto para uma boa refeição; o bispo permitia. Exceto esses casos, sua ceia ordinária não era senão de legumes cozidos na água e sopa com azeite. Assim, dizia-se na cidade:

— Quando o bispo não come como um pároco, come como um trapista.

Depois da ceia, conversava por volta de meia hora com a irmã, Baptistine, e com a sra. Magloire; depois, recolhia-se ao seu quarto e começava a escrever em papel solto ou nas margens de algum infólio. Ele era letrado e um tanto sábio. Deixou cinco ou seis manuscritos muito curiosos; entre eles, uma dissertação sobre a seguinte frase do Gênesis: "No princípio, o espírito de Deus pairava sobre as águas." Ele compara esse versículo com outros três textos: o árabe, que diz: "Os ventos de Deus sopraram"; Flavius Josèphe, que diz: "Um vento de cima se precipitou sobre a terra"; e finalmente a paráfrase caldaica de Onkelos, que traz: "Um vento de Deus soprava na face das águas." Em outra dissertação, ele examina os trabalhos teológicos de Hugo, bispo de Ptolémaïs, tio-avô de quem escreve este livro, e estabelece que é necessário atribuir a esse bispo os vários opúsculos publicados, no século passado, sob o pseudônimo de Barleycourt.

Muitas vezes, no meio da leitura de qualquer que fosse o livro, caía de repente em profunda meditação, da qual não saía senão para escrever algumas linhas nas próprias páginas do volume. Essas linhas muitas vezes não tinham nada a ver com o livro que estava lendo. Temos diante de nós uma nota escrita por ele em uma das margens de um livro intitulado: *Correspondência de lorde Germain com os generais Clinton, Cornwallis e os almirantes da estação da América. Em Versalhes, na livraria Poinçot, e em Paris, na livraria Pissot, cais de Augustins*.

Eis a nota:

> Ó vós que sois!
> O Eclesiastes vos nomeia de Todo-Poderoso, os Macabeus vos chamam de Criador; a Epístola aos Efésios vos chama de Liberdade; Baruch, de Imensidão; os Salmos, de Sabedoria e Verdade; João vos chama de Luz; os Reis, de Senhor; o Êxodo, de Providência; o Levítico, de Santidade; Esdras, de Justiça; a criação vos chama de Deus; o homem, de Pai; mas Salomão vos dá o nome de Misericórdia, o mais belo de todos os vossos nomes.

Às nove horas da noite, retiravam-se a irmã e a aia para seus quartos, no primeiro andar, deixando-o sozinho até de manhã.

Aqui é necessário darmos uma ideia exata da habitação do senhor bispo de Digne.

VI

Por quem era guardada a casa do prelado

A habitação do sr. Myriel tinha apenas, como já dissemos, o térreo e um só andar: três cômodos embaixo, três quartos em cima e um sótão na parte superior. Nos fundos da casa havia um jardim muito pequeno. A srta. Baptistine e sua aia ocupavam o andar de cima; o bispo acomodava-se no térreo. O primeiro aposento dele, aberto para a rua, servia como sala de jantar; o segundo, de quarto; e o terceiro, de oratório. Não se podia sair desse oratório sem passar pelo quarto de dormir nem sair do quarto sem passar pela sala de jantar. No oratório, ao fundo, havia uma alcova fechada, com uma cama para acomodar os hóspedes. O bispo oferecia essa cama aos párocos de outros lugares que, por seus afazeres ou necessidades paroquiais, iam a Digne.

A farmácia do hospital, pequena casa junto ao prédio, no fundo do jardim, fora transformada em cozinha e em celeiro.

Havia, além disso, também no jardim, um estábulo, que fora antes a cozinha do hospital, onde o bispo criava duas vacas. Não importava qual fosse a quantidade de leite que elas dessem, mandava invariavelmente, todas as manhãs, metade para os doentes do hospital.

— É o meu dízimo — dizia ele.

Seu quarto era grande o suficiente para que durante o inverno fosse difícil de aquecer. Como a madeira era muito cara em Digne, ele imaginou fazer no estábulo um compartimento fechado com uma divisória de tábuas. Era onde passava as tardes quando fazia muito frio. Ele chamava de seu *salão de inverno*.

Nesse salão de inverno, como na sala de jantar, não havia outras peças de mobília senão uma mesa de madeira branca, quadrada, e quatro cadeiras de palha. A

sala de jantar tinha por ornamento, além de mesa e cadeiras, um bufê velho, mas pintado de cor-de-rosa. De um bufê semelhante, convenientemente revestido de toalhas e rendas ordinárias, o bispo fez o altar que decorava o oratório.

Suas ricas penitentes e as santas mulheres de Digne, tinham, muitas vezes, se cotizado para fazer as despesas de um altar novo e mais acomodado para o oratório de bispo; mas ele, aceitando sempre a oferta, recebia de suas mãos o dinheiro e ia logo distribuí-lo aos pobres.

— O mais belo dos altares — dizia ele — é a alma consolada de um infeliz, que agradece a Deus em benefício.

Em seu oratório, ele tinha duas cadeiras de palha com genuflexório, e uma poltrona, também de palha, em seu quarto de dormir. Quando, por acaso, ele recebia sete ou oito pessoas de cada vez, o prefeito ou o general, ou o Estado-Maior do regimento da guarnição, ou alguns alunos do seminário menor, eram obrigados a ir buscar no estábulo as cadeiras do salão de inverno, os genuflexórios do oratório e a poltrona do quarto de dormir; dessa forma, podiam-se reunir até onze lugares para acomodar os visitantes. A cada nova visita, desmobiliava-se um cômodo.

Às vezes, eram doze visitantes: então o bispo dissimulava o embaraço da situação ficando de pé diante da lareira, se fosse inverno, ou passeando no jardim, se fosse verão.

Havia ainda, na alcova dos hóspedes, uma cadeira, mas a palha estava meio destruída e só possuía três pés, o que fazia com que só servisse apoiada à parede. A srta. Baptistine tinha também em seu quarto uma poltrona bem grande de madeira velha, dourada e revestida com um tecido florido; mas foi preciso fazê-la entrar pela janela para levá-la ao andar superior, pois a escada era muito estreita; ela não podia então ser realocada em caso de necessidade.

A srta. Baptistine sempre teve a ambição de poder comprar uma mobília de sala, de acaju, em veludo de Utrecht, e um canapé. Mas isso teria custado, pelo menos, quinhentos francos, e vendo que não havia sido possível economizar mais de quarenta e dois soldos, em cinco anos, desistiu de seu projeto. Aliás, quem consegue alcançar seu ideal? Nada de mais simples para se imaginar que o quarto de dormir do bispo. Uma porta-janela dando para o jardim; bem em frente, a cama, uma cama hospitalar de ferro com baldaquim de sarja verde; ao lado dela, atrás de uma cortina, os utensílios de banheiro, traindo ainda os antigos hábitos elegantes de homem do mundo; duas portas, uma perto da lareira, dando para o oratório; a outra, que dava para a sala de jantar, era perto da biblioteca, um grande armário com portas de vidro repleto de livros. A lareira de madeira com pintura simulando mármore, quase sempre sem fogo; nela, um par de suportes de ferro ornados por dois vasos antigos

de guirlandas e caneluras, com um prateado carcomido, que se podia considerar um luxo episcopal; acima da lareira, um crucifixo de cobre prateado fixado sobre um veludo preto puído, em uma velha moldura de madeira manchada. Perto da porta-janela, uma grande mesa na qual havia um tinteiro, muitos papéis bagunçados e grandes volumes. Diante da mesa, a cadeira. Ao lado da cama, um genuflexório, emprestado do oratório.

Dois retratos em molduras ovais estavam pendurados na parede, um em cada lado da cama. Pequenas inscrições douradas sobre o fundo neutro das telas, ao lado das figuras, indicavam que os retratos representavam: um, o padre Chaliot, bispo de Saint-Claude; o outro, o padre Tourteau, vigário-geral de Agde, abade de Grand-Champ, da ordem de Citeaux, diocese de Chartres. O bispo, por suceder aos doentes do hospital nesse quarto, encontrou esses retratos e os deixou ficar. Eram sacerdotes, provavelmente benfeitores, dois motivos para respeitá-los. Tudo o que ele sabia sobre esses dois personagens era que tinham sido nomeados pelo rei no mesmo dia, 27 de abril de 1785: um, para seu bispado; outro, para seu benefício. Quando a sra. Magloire retirou os quadros da parede, para tirar a poeira, o bispo encontrou essas particularidades escritas com uma tinta esbranquiçada em um papel amarelecido pelo tempo, colado com quatro seladores atrás do retrato do abade de Grand-Champ.

Ele tinha em sua janela uma cortina antiga de lã grosseira, que já havia envelhecido tanto que, para evitar a despesa de ter que comprar outra, a sra. Magloire foi obrigada a fazer uma grande costura bem no meio. Essa costura formava uma cruz. O bispo frequentemente apontava, dizendo:

— Como isso fica bem!

Todos os aposentos da casa, tanto os do térreo quanto os do andar superior, sem exceção, eram pintados com cal branca, como era de costume em casernas e hospitais.

Por isso, nos últimos anos, a sra. Magloire encontrou, como veremos mais adiante, sob o papel de parede, as pinturas que ornavam o quarto da srta. Baptistine. Antes de ser hospital, essa casa havia sido o parlatório dos burgueses. Por isso tal decoração. Os quartos eram pavimentados com ladrilhos vermelhos, que eram lavados todas as semanas, e havia tapetes de palha diante de cada cama. De resto, esse cômodo, habitado pelas duas mulheres, era de alto a baixo de uma limpeza requintada, único luxo que o bispo permitia:

— *Isso não prejudica os pobres.*

Convém, contudo, dizer que lhe restava ainda, do que já possuía, seis talheres de prata e uma concha sopeira, que a sra. Magloire via todos os dias, com o maior

prazer, reluzir sobre a grossa, mas alva, toalha de mesa. E, como nós pintamos aqui o bispo de Digne tal como era, devemos acrescentar que muitas vezes dizia:

— Dificilmente deixarei de comer com um talher que não seja de prata!

Além dos talheres, possuía ainda dois castiçais do mesmo metal, os quais faziam parte da herança que havia recebido de uma tia. Esses castiçais, que tinham sempre velas de cera, figuravam ordinariamente sobre sua lareira. Quando havia algum convidado para jantar, a sra. Magloire acendia as duas velas e colocava os castiçais na mesa.

Havia também no quarto do bispo, na cabeceira da cama, um pequeno armário, no qual a sra. Magloire fechava todas as noites os seis talheres. Mas é preciso dizer que nunca tirava a chave da fechadura.

O jardim, meio estragado pelas feias construções das quais falamos, era composto por quatro caminhos em cruz, difundidos em torno de uma fossa; outra calçada fazia a volta em todo o jardim, ao longo do muro branco que o cercava. Entre os caminhos havia quatro canteiros rodeados de buxo. Em três deles, a sra. Magloire cultivava legumes; no outro, o bispo havia plantado flores. Havia, aqui e ali, algumas árvores frutíferas. Uma vez, a sra. Magloire lhe disse, com uma doce malícia:

— Excelência, o senhor, que costuma tirar proveito de tudo, dá uma olhada então nesse canteiro inútil. Seria bem melhor que nos desse salada em vez de flores.

— Sra. Magloire — respondeu o bispo —, a senhora está enganada; o belo é tão útil quanto qualquer outra utilidade. — E acrescentou depois de uma pausa: — Talvez até mais.

Esse canteiro, composto de três ou quatro partes, ocupava o bispo quase tanto como seus livros. Ele passava, voluntariamente, uma hora ou duas horas podando, limpando e mexendo aqui e ali na terra, na qual plantava sementes. E não era hostil aos insetos, como se espera de um jardineiro. Afinal, não tinha pretensões de botânico; ignorava sobre grupos ou solidismos; não se preocupava em decidir entre Tournefort e o método natural; não tomava partido nem pelos utrículos contra os cotilédones, nem por Jussieu contra Linné. Não estudava as plantas; gostava das flores. Respeitava muito os sábios, e mais ainda os ignorantes, assim, sem nunca faltar com respeito aos dois, regava seu canteiro todas as tardes de verão, com um regador de flandres pintado de verde.

A casa não tinha uma só porta que se fechasse à chave. A da sala de jantar, que, como já dissemos, dava imediatamente para o largo da catedral, tivera noutro tempo fechaduras e ferrolhos como se fosse porta de prisão. O bispo mandou tirá-los todos, não a fechando depois, tanto de dia como à noite, senão com a tranqueta. Quem

quisesse entrar, qualquer que fosse a hora, era só empurrar. Nos primeiros tempos, tanto a srta. Baptistine como a governanta estavam sempre inquietas com o fato de a porta não ser fechada; mas o bispo lhes tinha dito:

— Se desejarem, podem mandar pôr ferrolhos em seus quartos.

As duas medrosas acabaram, enfim, por participar de sua confiança, ou por fingir que participavam dela; apenas a sra. Magloire sentia, de tempos em tempos, renascerem-lhe os receios. Com relação ao bispo, pode-se entender a explicação, ou, pelo menos, a indicação de seu pensamento, nas linhas seguintes escritas por ele nas margens de uma folha da Bíblia:

> Eis a diferença: a porta do médico não deve nunca estar fechada; a do padre deve estar sempre aberta.

Em outro livro, intitulado *Filosofia da ciência médica*, escreveu outra nota:

> Eu não sou médico como eles? Também tenho meus doentes: primeiro tenho os deles, que eles chamam de doentes, e depois os meus, que chamo de infelizes.

Noutro lugar escreveu:

> Não perguntem o nome a quem pede abrigo. Justamente aqueles cujo nome embaraça é que têm necessidade de ser asilado.

Aconteceu que um digno pároco, não sei mais se era o pároco de Couloubroux ou de Pompierry, ousou perguntar-lhe um dia, provavelmente instigado pela sra. Magloire, se o bispo tinha certeza de que não estava, até certo ponto, cometendo uma imprudência ao deixar, dia e noite, a porta aberta à disposição de quem quisesse entrar, e se não temia que acontecesse algum incidente em uma casa tão pouco vigiada. O bispo tocou-lhe o ombro e, com doce seriedade, respondeu, antes de passar a falar de outra coisa:

— *Nisi Dominus custodierit domum, in vanum vigilant qui custodiunt eam.*[2]

Ele dizia de boa vontade:

— Existe a bravura sacerdotal como existe a bravura do coronel de dragões. A única questão — acrescentava ele — é que a nossa deve ser tranquila.

VII

Cravatte

Vem agora ao caso contar aqui um fato, que não devemos omitir, como dos que mais ajudam a conhecer que espécie de homem era o bispo de Digne.

Depois da destruição do bando de Gaspard Bès, que havia infestado as gargantas de Ollioules, refugiou-se na montanha um de seus lugares-tenentes, o Cravatte. Escondeu-se por algum tempo com seus bandidos, sobreviventes da tropa de Gaspard Bès, no condado de Nice, depois entrou no Piemonte e reapareceu mais adiante na França, do lado de Barcelonnette. Foi visto antes em Jauziers, depois em Tuiles. Escondeu-se nas cavernas de Joug-de-l'Aigle, de onde fez pequenas incursões nos lugares e aldeias dos arredores, descendo pelos barrancos do Ubaye e do Ubaytte. Chegando pelo seu arrojo a penetrar em Embrun, entrou uma noite na catedral e roubou tudo que achou na sacristia. Seus saques desolavam o país, por isso começou a ser perseguido por diferentes destacamentos de tropa; mas em vão, pois achava sempre meios de escapar, ou então resistia-lhes à viva força. Era um miserável atrevido. No meio desse terror, chegou o bispo, que fazia sua viagem pastoral pelo distrito de Chastelar. O *maire* saiu-lhe ao encontro, e pretendeu convencê-lo de quanto seria prudente voltar. Cravatte ocupava a montanha até além do Arche; era muito perigoso atravessá-la, mesmo com uma escolta. Seria expor inutilmente três ou quatro pobres soldados.

— Por isso mesmo pretendo ir sem escolta — disse o bispo.

— E o que pensa V. Exa.?! — reagiu o *maire*.

— Penso tão parecido que recuso completamente a companhia dos soldados e partirei daqui a uma hora.

— Então vai?

— Vou.

— Sozinho?

— Sozinho.

— Excelência, não deveria fazer isso!

— Há na montanha — continuou o bispo — uma freguesia pequena e humilde, aonde não vou há três anos. São todos meus amigos aqueles pobres pastores. Possuem uma cabra de cada trinta que guardam. Fazem fortes e lindos cordões de lã, de várias cores, e tocam canções montanhesas em pequenas flautas de seis buracos. Eles precisam que eu lhes fale, de tempos em tempos, do bom Deus. Que diriam eles de um bispo medroso? Que diriam, se eu lá não fosse?

— Mas, Excelência, e os salteadores?

— É verdade, tem razão. Posso encontrá-los… afinal, eles também devem necessitar de ouvir falar em Deus.

— Mas, Excelência, é uma quadrilha! Um rebanho de lobos!

— Pois é, talvez tenha sido desse rebanho, senhor *maire*, que Jesus me fez pastor. Quem sabe os desígnios da divina Providência?

— Excelência, vão roubá-lo.

— Não tenho nada.

— Podem assassiná-lo.

— Ora! Com que fim fariam eles mal a um pobre padre que vai passando, ocupado unicamente em rezar suas orações?

— Valha-me Deus! O que vai ser se os encontrar!

— Irei pedir-lhes esmola para meus pobres.

— Excelência, não vá, por Deus! Não exponha a própria vida!

— É esse seu temor, senhor *maire*? — perguntou o bispo. — Não estou no mundo para guardar minha vida, mas para guardar as almas.

Foi necessário deixá-lo satisfazer sua vontade, partindo acompanhado de um rapazinho que se ofereceu como guia. Sua obstinação causou grande sensação e susto a toda a gente.

Daquela vez não quis levar consigo sua irmã nem a governanta. Atravessou a montanha montado numa mulinha, sem encontrar pessoa alguma, e chegou são e salvo até os "bons amigos" pastores. Ficou com eles quinze dias, pregando, administrando, moralizando, enfim. Quando estava próximo de retirar-se, resolveu cantar pontificalmente um te-déum e comunicou sua intenção ao pároco. Mas como poderia fazer isso sem as vestes episcopais? Não podiam pôr à sua disposição senão uma mesquinha sacristia de aldeia, em que só havia algumas casulas velhas de damasco muito usadas e guarnecidas de galões falsos.

— Isso não é obstáculo, senhor pároco! Olhe, na prática da missa, anuncie sempre o te-déum. Tudo vai se arranjar.

Procuraram-se paramentos em todas as igrejas dos arredores; mas reunidas as magnificências daquelas humildes paróquias não se encontraria nem com que se vestir decentemente um chantre da catedral.

Estavam já sem esperanças com essa dificuldade, quando uma grande caixa foi levada ao presbitério, para o bispo, por dois homens a cavalo, que imediatamente retornaram. Aberta a caixa, acharam dentro uma dalmática carregada de ouro, uma mitra ornada de diamantes, uma cruz arquiepiscopal, um báculo magnífico, enfim, todos os paramentos pontificais roubados um mês antes da sacristia de Nossa Senhora de Embrun. No fundo da caixa estava um papel em que se lia: *De Cravatte para dom Bienvenu.*

— Eu não disse que tudo se arranjaria! — exclamou o bispo. Depois, acrescentou sorrindo: — Quem se contenta com a sobrepeliz de um pároco, recebe de Deus os paramentos de um bispo.

— Excelência — disse sorrindo o pároco, meneando a cabeça —, de Deus ou do diabo.

O bispo encarou-o atentamente e replicou em tom de autoridade:

— Deus!

Quando voltou a Chastelar, corria gente de todas as aldeias à beira da estrada, para vê-lo passar. Encontrando no presbitério a srta. Baptistine e a governanta, disse à irmã:

— Então, eu não tinha razão? Um pobre padre vai com as mãos vazias visitar tristes montanheses e volta com as mãos cheias. Tinha ido levando apenas minha confiança em Deus e volto trazendo as riquezas de uma catedral.

À noite, antes de se deitar, falou mais:

— Não devemos temer os ladrões nem os assassinos. Além de exteriores, são perigos muito pequenos. Devemos temer sobretudo a nós mesmos. Os preconceitos: eis aí os ladrões; os vícios: eis aí os assassinos. Os grandes perigos estão dentro de nós. Que importa o que ameaça nossa cabeça ou nossa fortuna? Não devemos nos preocupar senão com o que ameaça nossa alma.

Em seguida, voltando-se para a irmã:

— Minha irmã, da parte do padre não há precaução contra o próximo. O que o próximo faz, Deus permite. Quando pressentimos que algum mal cairá sobre nós, basta-nos rezar. Rezemos, não por nós, mas para que nosso irmão não peque por nossa causa.

No fim das contas, esses acontecimentos foram raros em sua vida. Contamos o que sabíamos; mas, em geral, ele passava o tempo a dizer as mesmas coisas, nas mesmas circunstâncias. Um mês de seu ano era como uma hora de seu dia.

Quanto ao que aconteceu ao "tesouro" da catedral de Embrun, ficaríamos embaraçados se nos interrogassem sobre isso. Havia nela coisas muito belas, bastante tentadoras, ótimas para serem levadas em benefício dos infelizes. Já haviam sido roubadas antes. Metade da aventura já estava feita; bastava mudar um pouco sua direção, em prol dos pobres. Não afirmamos nada a respeito disso. Apenas diremos que foi encontrada entre os papéis do bispo uma anotação misteriosa que se refere, talvez, a esse caso, como se pode ver:

A questão é saber se isso deve voltar à catedral ou ao hospital.

VIII

Filosofia de sobremesa

O senador de que já falamos era um homem muito entendido, que sempre percorrera seu caminho com retidão, sem se prender aos encontros que funcionam como obstáculo e a que se pode chamar consciência, fé, justiça e dever; foi sempre direto ao seu fim, sem mudar uma só vez a direção na linha de seu adiantamento e de seu interesse. Não era mau homem; sentia o maior enternecimento pelo bom êxito de suas coisas, prestava todos os serviços que podia a seus filhos, a seus genros, a seus parentes, e mesmo a seus amigos; sempre encarara a vida pelo melhor lado, sem nunca perder as boas ocasiões nem qualquer provento inesperado. O resto parecia-lhe bobagem. Era espirituoso e letrado o suficiente para se considerar discípulo de Epicuro, não sendo, talvez, mais que um produto de Pigault-Lebrun. Ria espontânea e alegremente das coisas infinitas e eternas, e das "histórias absurdas do senhor bispo". Ele às vezes ria, com amável autoridade, diante do próprio sr. Myriel, que o ouvia.

Em não sei que cerimônia semioficial, o conde *** (o senador) e o sr. Myriel tiveram de jantar na casa do prefeito. Durante a sobremesa, o senador, um tanto descontraído, sem contudo perder a dignidade, exclamou:

— Pois bem, Excelência! Vamos conversar por um instante. Um senador e um bispo dificilmente se encaram sem piscar os olhos. Somos dois áugures. Quero

dizer-lhe que tenho também a minha filosofia.

— Faz muito bem — respondeu o bispo. — Tal como a filosofia que professamos, é também a cama que preparamos para nós mesmos. A sua deve ser de púrpura, senhor senador.

Este, mais animado, continuou:

— Sejamos bons amigos.

— E até bons diabos — disse o bispo.

— Declaro-lhe — tornou o senador — que o marquês de Argens, Pyrrhon, Hobbes e Naigeon não são de forma alguma parvos ridículos. Tenho na minha biblioteca todos os meus filósofos magnificamente encadernados.

— Como V. Exa., senhor conde — interrompeu o bispo.

O senador prosseguiu:

— Odeio Diderot; é um ideólogo, um declamador revolucionário, mas no íntimo mais crente em Deus e mais beato do que Voltaire. Este mesmo zombou de Needham, e fez mal, porquanto as enguias de Needham provam que Deus é inútil. Uma gota de vinagre numa colherada de massa de farinha substitui o *fiat lux*. Suponha a maior gota e a maior colher, e teremos o mundo. O homem é a enguia. Então, para que serve o Pai Eterno? Excelência, a hipótese da existência de Jeová me cansa. Não faz mais que produzir pessoas desnutridas com pensamento oco. Abaixo esse Todo que me perturba! Viva o Zero que me deixa tranquilo! Aqui entre nós, para aliviar meu peso e me confessar ao meu pastor, como é meu dever, eu lhe asseguro que tenho muito bom senso. Não sou louco por vosso Jesus, que prega, a todo momento, a renúncia e o sacrifício. Conselho de avarento a mendigos. Renúncia! Por quê? Sacrifício! Por quem? Não vejo senão um lobo que se imola para a felicidade de outro lobo. Fiquemos então com a natureza. Nós estamos no topo; temos a mais alta filosofia. De que serve estar acima, se não enxergamos além da ponta do nariz dos outros? Vivamos alegremente. A vida é tudo. Que o homem tenha outra vida em outro lugar, em cima, embaixo, em qualquer parte, não creio que seja má ideia. Ah! Recomendam-me o sacrifício e a renúncia; é necessário cuidar de tudo o que faço, quebrar a cabeça a respeito do que é bom ou mau, do que é justo ou injusto, do que é lícito ou ilícito. Por quê? Porque devo prestar conta de minhas ações. Quando? Após minha morte. Que belo sonho! Após minha morte, eficiente será quem beliscar o meu cadáver. Pegará então um punhado de cinzas com uma mão de sombra. Vamos falar a verdade, nós que já somos iniciados e já levantamos a túnica de Ísis: não existe nem bem nem mal; existe a vegetação. Vamos procurar o real, abrindo a questão por completo. Investiguemos a fundo, que diabo! É preciso farejar a verdade, esmiuçando por dentro, e agarrá-la. Assim, ela lhe dá

raras alegrias, então você se sente forte e sorri. Eu tenho uma base sólida. Excelência, a imortalidade do homem é uma promessa ilusória. Ah, que linda promessa! Confie nela. Que bom bilhete de viagem tem Adão! Somos almas, seremos anjos e teremos asas azuis nas omoplatas. Ajude-me então: não foi Tertuliano quem disse que os bem-aventurados irão de um astro a outro? Que seja. Seremos os gafanhotos das estrelas. E, depois, veremos Deus. Balela! Esses paraísos não passam de invenções. Deus é uma asneira monstruosa. Obviamente, não vou escrever isso no *Moniteur*; mas sussurro entre amigos. *Inter pocula*. Sacrificar a terra em nome do paraíso é deixar a caça por uma sombra. Ser enganado pelo infinito! Não sou tão burro. Eu sou nada. Eu me chamo conde de Nada, o senador. Eu já existia antes de nascer? Não. Continuarei a existir depois da morte? Não. O que sou? Um pouco de poeira reunida em um organismo. O que tenho a cumprir nesta terra? Tenho a escolha: sofrer ou gozar. Para onde me levará o sofrimento? Ao nada. Mas terei sofrido. Aonde me levará o prazer? Ao nada. Mas terei gozado. Minha escolha está feita. É preciso comer ou ser comido. Eu como. É melhor ser dente que erva. Essa é a minha sabedoria. Depois é como eu digo, o coveiro está aí, nosso Panteão, e tudo cai numa grande cova. Fim. *Finis*. Liquidação total. Esse é o ponto exato da total perda de consciência. A morte está morta, acredite em mim. Só de pensar que lá terá alguém que possa me dizer qualquer coisa já tenho vontade de rir. Invenção de enfermeiras. Bicho-papão para as crianças e Jeová para os adultos. Não: nosso futuro é a noite. Depois da tumba, não há mais que o mesmo nada. Quer você tenha sido Sardanápalo, quer tenha sido Vicente de Paulo, é o mesmo nada. Essa é a verdade. Então, viva o superior a tudo. Use seu ego enquanto o tem. Na verdade, eu vos digo, Excelência, tenho minha filosofia e meus filósofos. Não me deixo enganar por disparates. Depois de tudo, enfim, é preciso alguma coisa para os infelizes, os descalços, os mal pagos, os miseráveis. Fazem-nos engolir essas lendas, essas quimeras, a alma, a imortalidade, o paraíso, as estrelas. Eles mastigam isso tudo e passam em seu pão seco. Os que não têm nada têm Deus. É o mínimo que podem ter. Contudo, não oponho obstáculo a tudo isso, mas guardo Naigeon para mim. O bom Deus só é bom para o povo.

O bispo bateu palmas.

— Eis aí o que é falar! — exclamou ele. — Que coisa excelente e maravilhosa é esse materialismo! Quem o possui não é decerto logrado nunca: não se deixa desterrar estupidamente como Catão, nem apedrejar como Estêvão, nem queimar como Joana d'Arc. Aqueles que conseguem encontrar tão admirável doutrina têm a alegria de se sentir irresponsáveis, de pensar que podem devorar tudo sem inquietude, cargos, sinecuras, dignidades, o poder bem ou mal adquirido, as úteis

palinódias, as traições úteis, as gostosas capitulações da consciência e que entraram na tumba com sua digestão feita. Como é agradável! Não digo isso pelo senhor, senador. No entanto, é impossível não felicitá-lo. Homens grandes, como o senhor mesmo disse, têm a própria filosofia, rara, refinada, acessível apenas aos ricos, boa para todos os gostos, condimento admirável para todos os prazeres da vida. Essa filosofia está nas profundezas e é desenterrada por pesquisadores especializados. Mas os senhores são elevados, e não veem nada de mau que a crença no bom Deus seja a filosofia do povo, assim como o pato com castanhas é o peru com trufas do pobre.

IX

O caráter do irmão descrito pela irmã

Para dar uma ideia da vida doméstica do bispo de Digne e do modo como as duas mulheres que viviam com ele subordinavam suas ações, seus pensamentos e até seus instintos femininos, facilmente assustadiços, ao modo de pensar e às intenções do bispo, sem que ele necessitasse sequer falar para os exprimir, basta que transcrevamos aqui uma carta da srta. Baptistine à sra. viscondessa de Boischevron, sua amiga de infância. Essa carta está em nossas mãos.

Digne, 16 de dezembro de 18…

Minha boa amiga, não passa um só dia sem que não falemos a seu respeito. Isso já é um hábito; mas, além disso, há ainda outra razão. Imagine que a sra. Magloire fez extraordinárias descobertas ao lavar as paredes e vasculhar os tetos; agora nossos quartos forrados de papel velho e caiado não fariam má figura num palácio do gênero do seu. A sra. Magloire arrancou todo o papel, e sob ele havia muitas coisas. Minha sala de estar, que não tem muitos móveis e é onde aproveitamos para estender a roupa lavada, tem quinze pés de altura, dezoito de largura, um teto que antes era revestido com detalhes dourados e vigas como as do seu palácio. Estava recoberto por uma lona, na época que era um hospital. Enfim, há até obras de talha do tempo de nossas avós. Mas é meu quarto que precisa

ver. A sra. Magloire descobriu debaixo de pelo menos dez papéis, colados um por cima do outro, pinturas que, se não são boas, podem pelo menos ser suportadas. Vemos Telêmaco, após ter recebido a ordenação de cavaleiro por Minerva, ainda no jardim cujo nome me escapa. Enfim, um jardim aonde as damas romanas iam apenas uma noite. Que mais posso dizer? Vemos romanos, romanas (*também uma palavra ilegível*) e todo o seu séquito. A sra. Magloire limpou tudo isso; nesse verão, vai fazer o reparo de algumas pequenas avarias, envernizar tudo de novo, então meu quarto será um verdadeiro museu. Ela também encontrou em um canto do sótão dois suportes para estátua de madeira, peças de antiguidade. Pediram dois escudos de seis francos para dourá-los novamente, mas ele achou melhor dar esse dinheiro aos pobres; além disso, já estão muito feios e eu gostaria mais de uma mesa redonda de acaju.

Eu continuo muito feliz pela bondade de meu irmão. Dá tudo que tem aos pobres e aos enfermos. Os invernos aqui são muito rigorosos, por isso é indispensável fazer alguma coisa pelos desvalidos. Nós vivemos muito apoquentados, mas sempre temos luz para nos iluminar e fogo para nos aquecer. Você pode ver que essas doçuras não são dadas a todos.

Meu irmão está habituado a certas coisas e diz sempre que um bispo deve ser como ele é. Imagine que a porta da nossa casa nunca se fecha; pode entrar quem quiser e ir logo ao pé de meu irmão, que não teme coisa nenhuma, nem mesmo de noite. É a bravura que lhe pertence, segundo ele.

Ele não quer que nem eu nem a sra. Magloire nos preocupemos com ele. Ele se expõe a todos os perigos e não quer, nem mesmo, que possamos demonstrar que os percebemos. É preciso saber compreendê-lo.

Ele sai debaixo de chuva, não se importa em andar molhando os pés, viaja em pleno inverno. Não tem medo da noite, nem das estradas perigosas, nem com quem pode acabar topando.

No ano passado fez uma de suas excursões a um lugar infestado de ladrões; não quis que o acompanhássemos e permaneceu por lá quinze dias. Voltou são e salvo, sem que tivesse padecido o menor incômodo, enquanto acreditava-se que, àquela altura, já estaria morto. “Vejam como me roubaram!”, disse ele entrando em casa e abrindo uma grande mala cheia com as joias da catedral de Embrun, as quais os ladrões lhe tinham dado.

Dessa vez, quando chegou, não pude deixar de repreendê-lo um pouco; mas tendo o cuidado de só falar enquanto a carruagem fazia barulho, de modo que mais ninguém pudesse ouvr.

Nos primeiros tempos, dizia a mim mesma: não há perigo que o amedronte, ele é terrível. Mas agora já me acostumei com isso. Alertei a sra. Magloire para que não o contrariasse mais. Ele que se arrisque o quanto quiser. Eu faço o mesmo que a sra. Magloire, vou para o meu quarto, rezo por ele e durmo. Assim fico tranquila, porque eu sei que se acontecesse algo de ruim seria meu fim. Eu encontraria Deus com meu irmão e meu bispo. A sra. Magloire teve mais dificuldade do que eu para se habituar às imprudências dele, como ela dizia. Mas agora já está tudo definido. Nós duas rezamos juntas, sentimos medo juntas e, por fim, dormimos. O diabo entraria sem ser impedido de nada. Afinal, o que há de temeroso nesta casa? Temos sempre conosco alguém que é mais forte. O diabo pode até nos visitar, mas quem mora conosco é o bom Deus.

Aí está: isso é o suficiente. Meu irmão não precisa agora me dizer uma única palavra. Eu o compreendo sem que ele fale, e nós nos entregamos à Providência.

Eis a maneira como é preciso ser para conviver com um homem de tão grande espírito.

Perguntei ao meu irmão sobre as informações que a senhora me pediu sobre a família Faux. A senhora sabe como ele é instruído e como tem boa memória, pois é sempre um monarquista. Ele contou-me que se trata de uma antiga família normanda de Caen. Há quinhentos anos conhecia-se um tal de Raoul de Faux e um tal de Thomas de Faux, que eram fidalgos, e um deles senhor de Rochefort. Por último, Guy-Étienne-Alexandre, mestre de campo e mais algum outro título na cavalaria ligeira da Bretanha. Sua filha, Marie-Louise, casou-se com Adrien-Charles de Gramont, filho do duque Louis de Gramont, par de França, coronel da guarda francesa e lugar-tenente-general do Exército. O nome dessa família aparece com três grafias diferentes: Faux, Fauq e Faoucq.

Minha amiga, peço-lhe que nos recomende às orações de seu santo parente, o senhor cardeal. Quanto à querida Sylvaine, que ótima atitude de estar ao seu lado nesses breves instantes para me escrever. Ela faz tudo muito bem, trabalha como a senhora espera e me estima. É o que me basta saber. As notícias que me chegam sobre ela através de você já me deixam satisfeita e feliz. Minha saúde não é de todo má, todavia emagreço cada vez

mais. Adeus, não tenho mais folha para continuar, o que me obriga a despedir-me.

Desejo-lhe, como sempre, um milhão de coisas boas.

Baptistine

P.S.: Seu sobrinho está muito lindinho! Sabia que está quase fazendo cinco anos? Ontem, quando viu passar um cavalo com joelheiras, disse: — O que é que ele tem nos joelhos? — É uma criança realmente cativante. O irmão mais novo entretém-se durante horas arrastando pela casa uma vassoura, como se fosse uma carruagem, cujo barulho fica imitando com a boca.

Como se pode ver por essa carta, as duas mulheres sabiam adaptar-se ao modo de pensar do bispo, graças ao gênio particular feminino, que compreende melhor o homem do que ele próprio. O bispo de Digne, sob aquela aparência suave e cândida, que jamais se desmentia, cometia por vezes grandes feitos e magníficas temeridades, sem que mesmo parecesse suspeitá-lo. As duas mulheres tremiam de medo, mas deixavam-no prosseguir. A sra. Magloire, às vezes, até ensaiava alguma observação ao que o bispo iria fazer; mas sempre antes da decisão dele, nunca durante nem depois. Nunca o perturbavam enquanto ele fazia algo, nem mesmo com um sinal. Em certos momentos, sem que houvesse necessidade de que ele o dissesse, sem que ele mesmo, talvez, nem tivesse consciência, de tão perfeita que era sua simplicidade, elas percebiam vagamente que ele agia como bispo; então, elas não ficavam senão como se fossem duas sombras pela casa. Serviam-no discretamente, e, se fosse preciso desaparecer, elas o faziam. Sabiam, através de um admirável instinto de delicadeza, que certos cuidados podem acabar atrapalhando. Assim, mesmo acreditando que ele estava em perigo, elas compreendiam, não digo o pensamento, mas a natureza do bispo, a tal ponto de abrirem mão de vigiá-lo. Elas o confiavam a Deus.

Contudo, dizia Baptistine, como se acabou de ler, o fim de seu irmão seria o seu. A sra. Magloire não o dizia, mas também o pensava.

X

O bispo na presença de uma luz desconhecida

Numa época pouco posterior à data da carta que há pouco citamos, o bispo fez uma coisa, na opinião de toda a gente da cidade, ainda mais arriscada do que sua excursão através das montanhas que abrigavam os bandidos.

Havia nas proximidades de Digne um homem que vivia solitário. Esse homem, digamos já a palavra feia, foi membro da Convenção Nacional e chamava-se G.

Nas limitadas sociedades de Digne falava-se do convencionalista G. com uma espécie de terror… Um convencionalista! Vocês têm noção disso? Uma coisa do tempo em que todos se tratavam por tu e se chamavam uns aos outros de cidadãos. Esse tal homem era quase um monstro. Não votou pela morte do rei, mas quase; era, portanto, praticamente um regicida, um sujeito terrível. Como, com a retomada dos príncipes legítimos, não conduziram esse homem ao Tribunal de Justiça? Não teria a cabeça cortada, se se quisesse que assim fosse, pois é preciso ter clemência, mas, sim, um bom banimento para toda a vida. Um exemplo, enfim! Etc. etc. De qualquer maneira, era um ateu, como toda a sua gente. Fofocas que os gansos fazem sobre o abutre.

E seria G., de fato, um abutre? Sim, se o julgarmos pela ferocidade de sua solidão. Não tendo votado pela morte do rei, não foi compreendido nos decretos de desterro, assim pôde ficar na França.

Habitava a quase uma légua da cidade, longe de qualquer povoado, qualquer caminho, em não sei que recôncavo desconhecido de um vale muito selvagem. Segundo diziam, morava em uma espécie de campo, uma toca, ou um covil. Não tinha vizinhos, nem era um lugar por onde passava alguém. Desde que foi morar no vale, o caminho que conduzia até ali desapareceu, tomado por um enorme matagal. Falava-se desse lugar como da casa do carrasco.

Todavia, o bispo lembrava-se desse homem, e de tempos em tempos olhava para o horizonte, na direção em que certo grupo de árvores indicava o vale do velho membro da Convenção, e dizia para si mesmo: *Há ali uma alma que está isolada*. E no fundo do seu pensamento acrescentava: *Devo visitá-la.*

Mas, convenhamos, essa ideia, a princípio natural, depois de um momento de reflexão pareceu-lhe estranha, impossível e, até mesmo, repulsiva. Afinal, no fundo, ele partilhava a impressão geral, e inspirado pelo convencionalista, mesmo sem que percebesse com clareza, desse sentimento que divisa com o ódio e se expressa tão bem pela palavra “distanciamento”.

No entanto, a sarna da ovelha deve fazer o pastor recuar? Não! Ainda mais uma ovelha dessas!

O bom bispo hesitava, perplexo. Chegava a ir algumas vezes para aqueles lados, mas logo ia embora.

Enfim, espalhou-se um dia na cidade a notícia de que um jovem do campo, que servia ao convencionalista G. em seu covil, tinha por ali andado à procura de um médico, pois o velho amo estava no leito de morte, atacado pela paralisia, e que não passaria daquela noite.

— Graças a Deus! — exclamaram alguns.

O bispo pegou a bengala, pôs a capa, não só por causa da batina, que já estava, como dissemos, muito velha, mas por causa da noite que não tardaria a esfriar, e meteu-se pelo caminho.

O sol caía e quase sumia atrás da linha do horizonte quando o bispo chegou ao lugar excomungado, reconhecendo por certo bater do coração que se achava perto do covil. Saltou um fosso, transpôs uma cerca de arbustos, deu alguns passos resolutamente e de repente, no fim do terreno baldio, descobriu a caverna atrás de uma grande mata.

Era uma cabana muito baixa, pobre, pequena mas asseada, com toda a parede exterior coberta por plantas trepadeiras.

Em frente à porta, numa velha cadeira de rodas, poltrona campesina, estava sentado um homem de cabelos inteiramente brancos que parecia sorrir para o sol.

Próximo a esse velho, estava de pé um rapaz, o jovem pastor, oferecendo-lhe uma tigela de leite.

Enquanto o bispo o contemplava, o velho elevou a voz, dizendo:

— Obrigado, não preciso de mais nada.

E desviou o sorriso, que até então se dirigia ao sol, para o rapaz.

O bispo caminhou até o homem. Ao ruído dos passos, o velho voltou a cabeça, exprimindo na fisionomia a surpresa que se pode experimentar depois de tão longa vida.

— Desde que estou aqui, é a primeira vez que alguém vem à minha casa — disse ele. — Quem é o senhor?

O bispo respondeu:

— Chamo-me Bienvenu Myriel.

— Bienvenu Myriel! Já ouvi pronunciarem esse nome. É o senhor a quem o povo chama dom Bienvenu?

— Sou eu.

O velho prosseguiu com meio sorriso:

— Nesse caso, o senhor é meu bispo.

— De certa forma, sim.

— Entre, senhor bispo, entre.

O convencionalista estendeu a mão ao bispo, que fingiu não perceber e limitou-se a dizer:

— Sinto-me satisfeito por ver que me enganaram. Não parece estar doente.

— Excelência, estou perto da cura — respondeu o velho. Depois de uma pausa, acrescentou: — Não viverei mais do que três horas. Sei alguma coisa de medicina; sei de que modo a última hora se anuncia. Ontem tinha apenas os pés frios; hoje o frio alcançou-me os joelhos; já o sinto subir-me à cintura; quando chegar ao coração deixarei o mundo. O sol está magnífico, não é verdade? Fiz com que me arrastassem até aqui para que eu pudesse lançar uma última vista de olhos. O senhor pode falar, não me incomoda. Fez muito bem em vir assistir à morte de um homem. É bom que haja testemunhas neste momento. Há certas manias… Desejava chegar até o romper da aurora; mas sei que só viverei três horas. Morrerei de noite, mas, no fim de tudo, que importa isso! Acabar é uma coisa simples. Não se necessita do dia para morrer. Que seja; morrerei à luz das estrelas.

E falando desse modo olhou para o rapaz.

— Vá descansar. Você passou toda a noite em vigília; deve estar exausto.

O rapaz entrou na cabana.

O velho seguiu-o com a vista e acrescentou, como se estivesse pensando em voz alta:

— Enquanto ele dorme, morrerei. Os dois sonos poderão ser bons vizinhos.

O bispo não estava comovido como parece que poderia estar. Ele não acreditava que era possível sentir Deus em uma morte como essa; sejamos claros, porque as pequenas contradições dos grandes corações devem ser apontadas como qualquer outra coisa, pois ele que, na ocasião, ria de forma tão espontânea de como o consideravam grande, ficou um tanto chocado por não ter sido chamado de Excelência, e estava quase tentado a replicar-lhe de cidadão. Sentiu uma ligeira vontade de tratá-lo com aquela aspereza aceitável entre familiares, como costumam fazer médicos e padres, mas que não lhe era habitual. Por fim, esse homem, convencionalista, representante do povo, havia sido um poderoso dono de terra; pela primeira vez na vida, talvez, o bispo sentiu o impulso de agir com severidade.

O convencionalista, no entanto, o tratava com modesta cordialidade, ocasião em que se poderia ver se desfazer a humildade, tão compreensível para quem está à beira da morte.

O bispo, por sua vez, embora se resguardasse ordinariamente da curiosidade, que, segundo ele, era contígua à ofensa, não se privou de examinar o convencionalista com uma atenção que, não tendo origem na simpatia, diante de outra pessoa provavelmente teria sido censurada pela consciência. Um convencionalista fazia com que ele se sentisse um pouco fora da lei, mesmo a lei da caridade.

G., calmo, busto quase ereto, voz vibrante, era um desses grandes octogenários que surpreendem os fisiologistas. A revolução teve muitos desses homens apropriados para a época. Sentia-se nesse velho um homem a toda prova. Mesmo tão perto de seu fim, ainda conservava um aspecto saudável. Tinha em seu claro olhar, seu sotaque firme, seu robusto movimento de ombros, aquilo que é capaz de confundir a morte. Azrael, o anjo maometano dos túmulos, teria retrocedido, acreditando ter errado de porta. G. parecia morrer porque queria. A liberdade estava em sua agonia. Apenas suas pernas estavam imóveis. E era por elas que as trevas o seguravam. Os pés estavam mortos e frios, enquanto a cabeça vivia toda a potência da vida e parecia em plena luminosidade. G., na gravidade daquele momento, assemelhava-se ao rei do conto oriental, da cintura para cima feito de carne e da cintura para baixo, de mármore.

Havia uma pedra ali próximo, o bispo então sentou-se nela. O exórdio foi *ex abrupto*.

— Felicito-o — disse-lhe em tom de repreensão. — Creio que *nem sempre* votou pela morte do rei.

O convencionalista pareceu não reparar no sentido oculto daquela expressão "nem sempre", e respondeu com a maior seriedade:

— Não me felicite tanto assim; meu voto foi pelo fim do tirano.

— O que quer dizer? — tornou o bispo.

— Quero dizer que todo homem tem em si um tirano, a ignorância, e que foi pela morte desse tirano que votei. Foi esse tirano que engendrou a realeza; é a autoridade extraída da mentira, enquanto a ciência é a autoridade extraída da verdade. O homem não deve ser governado senão pela ciência.

— E pela consciência — acrescentou o bispo.

— É a mesma coisa. A consciência é a quantidade de ciência inata que temos em nós.

Dom Bienvenu escutava, um tanto admirado, aquela linguagem tão nova para ele.

O convencionalista prosseguiu:

— Quanto a Luís XVI, eu disse *não*. Não me julgo com o direito de matar alguém, mas tenho o dever de exterminar o mal. Votei pelo fim do tirano. Ou melhor, pelo fim da prostituição da mulher, da escravização do homem, pelo fim da escuridão da vida infantil. Votando pela República, eu votei por tudo isso. Votei pela fraternidade, pela concórdia, por um novo dia! Ajudei na derrubada dos preconceitos e dos erros. A derrocada dos erros e dos preconceitos faz com que a luz surja. Nós arruinamos o velho mundo, e esse velho mundo, vaso podre de misérias, ao recair sobre o gênero humano, transformou-se em um belo jarro de alegria.

— Alegria confusa — disse o bispo.

— Pode-se dizer "alegria conturbada", mas hoje, após o fatal retorno do passado que se chama 1814, cabe dizer "alegria desaparecida". Infelizmente, a obra foi incompleta, concordo; nós demolimos do Antigo Regime o plano factual, mas não pudemos suprimir por inteiro o plano das ideias. Destruir os abusos não é o suficiente; é preciso mudar os costumes. Não há mais o moinho, mas ainda venta.

— É fato que os senhores demoliram. E essa ação pode até ser útil; mas eu desconfio sempre de toda demolição imbuída de cólera.

— O direito tem também sua cólera, senhor bispo; e a cólera do direito é um elemento de progresso. Por mais que digam, a Revolução Francesa é o maior passo que a humanidade deu depois do aparecimento de Cristo. Incompleto, que seja, mas sublime. A revolução trouxe à tona todas as questões sociais; abrandou as ideias; acalmou, pacificou, esclareceu; fez espalhar-se pela terra correntes de civilização. A revolução foi grande; foi a sagração da humanidade.

O bispo não pôde impedir-se de murmurar:

— Será? E o ano de 1793?!

O convencionalista endireitou-se na cadeira com solenidade quase lúgubre e, com a energia possível a um moribundo, exclamou:

— Ah! Eis que chegamos a essa data! Forma-se uma nuvem durante mil e quinhentos anos; então, no fim de quinze séculos, ela estoura uma descarga; e depois querem processar o trovão que foi produzido!

O bispo sentiu, talvez sem admitir, que alguma coisa dentro dele o abatia. No entanto, conteve-se bem, e respondeu:

— O juiz fala em nome da justiça; o padre, em nome da compaixão, que não é outra coisa senão uma justiça mais elevada. Um trovão não se engana.

E acrescentou, olhando fixamente para o convencionalista:

— E Luís XVII?

O convencionalista estendeu a mão e agarrou o braço do bispo:

— Luís XVII? Vejamos! Por quem o senhor chora? Pela criança inocente? Perfeito, eu choro com o senhor. Pelo filho do rei? Nesse caso, proponho uma reflexão. Para mim, o irmão de Cartouche, criança inocente, pendurado até morrer pelas axilas na praça da Grève, devido ao único crime de ser irmão de Cartouche, não é menos doloroso que o neto de Luís XV, outra criança inocente, martirizado na Tour du Temple, devido ao único crime de ser neto de Luís XV.

— Senhor — disse o bispo —, não aprecio a conciliação desses nomes.

— Cartouche? Luís XV? Por qual dos dois o senhor reclama?

O velho ficou em silêncio por um momento. Apesar de o bispo quase ter se arrependido de ter ido até ali, sentia-se confusa e estranhamente envolvido.

O convencionalista completou:

— Ah! Senhor padre, o senhor não gosta das cruezas da verdade. Cristo as apreciava. Ele pegou uma vara e começou a espanejar o templo. Seu chicote, cheio de raios, era um rude anunciador de verdades. Quando clamava "*Sinite parvulos*…", não fazia distinção entre as pequenas crianças. Ele não se privaria de aproximar o filho primogênito de Barrabás com o primogênito de Herodes. Senhor, a inocência é, por si só, uma coroação. A inocência não se importa com titulações de nobreza. Ela tanto é esfarrapada quanto adornada de flores-de-lis.

— É verdade — disse o bispo em voz baixa.

— Insisto — continuou o convencionalista. — O senhor mencionou Luís XVII. Entendamo-nos. Estamos chorando por todos os inocentes, todos os mártires, todas as crianças, pelos que têm mais e os que têm menos? Eu estou. Mas então, repito, é preciso ir além de 93 e começar a lamentar pelos que são anteriores a Luís XVII. Chorarei pelos filhos dos reis com o senhor, desde que o senhor chore comigo pelos filhos do povo.

— Choro por todos — disse o bispo.

— Igualmente! — exclamou G. — E se a balança tiver que pender, que seja para o lado do povo. Há muito tempo que o povo sofre.

Houve ainda um silêncio. E foi o convencionalista quem o interrompeu. Levantou-se sobre um cotovelo, apoiou um dos lados do rosto entre o polegar e o dedo indicador dobrado, como se faz maquinalmente quando se interroga ou se julga alguma coisa, então interpelou o bispo, com um olhar repleto de todas as energias da agonia. Foi quase uma explosão.

— Sim, meu senhor, sei que há muito tempo que o povo sofre. Mas então, espere, se não é por tudo isso, por que o senhor veio me questionar e falar a respeito de Luís XVII? Eu não conheço o senhor. Desde que estou neste país, vivo neste recinto, sozinho, sem jamais colocar os pés fora daqui, nem vendo outra pessoa seão

esse menino que me ajuda. O nome do senhor, é verdade, já havia chegado confusamente até mim, e, devo dizê-lo, sem más referências, mas isso não quer dizer nada; os astutos têm muitas maneiras de fazer com que se acredite nesse respeitável homem do povo. Aliás, não ouvi o barulho de sua carruagem. O senhor, sem dúvida, deixou-a lá fora, atrás da talhadia, na bifurcação do caminho. Como disse, não o conheço. O senhor diz ser bispo, mas isso não me diz nada sobre sua pessoa moral. Em suma, repito-lhe minha pergunta: Quem é o senhor? É um bispo, quer dizer, um príncipe da Igreja, um desses homens cheios de ouro, brasões, rendas, que possuem grandes prebendas (bispo de Digne, quinze mil francos fixos, dez mil francos casuais, somando o total de vinte e cinco mil francos), que possuem cozinhas, que possuem librés, que fazem boa comida, comem galinha poedeira às sextas-feiras, que possuem palácios, e que se envaidecem tendo um lacaio à frente e outro atrás, em carruagens de gala de quatro portas, tudo em nome de Jesus Cristo, que andava descalço! O senhor é um prelado; tem rendimentos, palácios, cavalos, lacaios, boa mesa, todas as sensualidades da vida, tudo como os outros, e de tudo goza, mas nada disso me diz bastante; nada disso me esclarece sobre seu valor intrínseco e essencial. Não obstante, creio que veio com a pretensão de me trazer sabedoria. Com quem estou falando? Quem é o senhor?

O bispo baixou os olhos e respondeu:

— *Vermis sum.*

— Um verme da terra de carruagem! — murmurou o convencionalista.

Era a vez de o convencionalista se mostrar altivo; e o bispo, humilde.

O bispo replicou com doçura:

— Que seja, senhor. Mas explique-me como minha carruagem, que está lá atrás das árvores, como minha boa mesa e as galinhas poedeiras que como às sextas-feiras, como meus vinte e cinco mil francos de renda, como meu palácio e os meus lacaios, como isso tudo prova que a piedade não é uma virtude, que a clemência não é um dever e que 93 não foi inexorável?

O convencionalista passou a mão no rosto como se quisesse desfazer uma nuvem.

— Antes de responder — disse ele —, peço que me perdoe. Percebo que me enganei. O senhor está na minha casa; é meu hóspede. Devo-lhe cortesia. O senhor discute minhas ideias, então é justo que eu me limite a combater seus raciocínios. Suas riquezas e seus prazeres são vantagens que tenho contra o senhor nesse debate, entretanto é mais sensato não me servir disso. Prometo não mais utilizar esse recurso.

— Agradeço — disse o bispo.

G. retomou:

— Voltemos à explicação que o senhor me solicitou. Em que ponto estávamos? O que me dizia? Que 93 foi inexorável?

— Isso, inexorável — disse o bispo. — O que acha de Marat batendo palmas para a guilhotina?

— O que o senhor acha de Bossuet cantando o te-déum para as perseguições aos protestantes?

A resposta era dura, mas ia certeira com a força de um dardo de aço. O bispo estremeceu e ficou sem resposta, mas sentiu-se ofendido com essa maneira de se referir a Bossuet. Os melhores espíritos têm seus fetiches, e às vezes sentem-se vagamente mortificados com a falta de respeito da lógica.

O convencionalista começou a ofegar; a asma da agonia, que se mistura aos últimos suspiros, entrecortava-lhe a voz; contudo, ele conservava ainda uma perfeita lucidez de alma nos olhos. Então, continuou:

— Digamos ainda, aqui e ali, algumas palavras que posso enxergar. Fora da revolução, que, ligada ao seu contexto, é uma imensa afirmação humana, 93, infelizmente, é uma réplica. O senhor a considera inexorável; mas também toda a monarquia? Carrier é um bandido, mas qual nome dá a Montrevel? Fouquier-Tinville é um vagabundo, mas qual é sua opinião sobre Lamoignon-Bâville? Maillard é abominável, mas, por favor, e Saulx-Tavannes? O jornal *Père Duchesne* é feroz, mas qual epíteto o senhor daria ao *Père Letellier*? Jourdan-Coupe-Tête é um monstro, mas menos que o marquês de Louvois. Meu senhor, meu senhor, lamento por Maria Antonieta, arquiduquesa e rainha, mas também, senhor, por essa pobre mulher huguenote que, em 1685, sob o reinado de Luís, "o Grande", enquanto amamentava seu filho, foi arrancada e amarrada a uma coluna de pedra, nua até a cintura, com a criança mantida a distância; o seio inchado de leite e o coração, de angústia; a criança, faminta e pálida, via o seio da mãe e gritava; o carrasco dizia à mulher, mãe e lactante: "Abjura!", dando-lhe a escolha entre a morte da criança e a morte de sua consciência. O que o senhor diz desse suplício de Tântalo aplicado em uma mãe? Meu senhor, guarde bem isso, a Revolução Francesa teve suas razões. Sua ira será absolvida pelo futuro. Seu resultado é um mundo melhor. De seus golpes mais terríveis saem carícias para o gênero humano. Abreviando: prefiro parar, tenho cartas muito altas para esse jogo. Além disso, estou morrendo.

E, deixando de olhar para o bispo, o convencionalista concluiu seu pensamento com algumas palavras tranquilas:

— Sim, as brutalidades do progresso chamam-se revoluções. Quando elas acabam é que se reconhece que o gênero humano foi tratado com aspereza, mas que

avançou.

O convencionalista não duvidava de que tinha eliminado sucessivamente, uma após outra, todas as barreiras interiores do bispo. Restava uma última barreira, no entanto, derradeiro recurso da resistência, da qual dom Bienvenu retirou a seguinte fala, na qual reapareceu quase toda a rudeza do começo:

— O progresso precisa acreditar em Deus. O bem não pode ser servido por um ímpio. Não pior condutor para o gênero humano que um ateu.

O velho representante do povo não respondeu e teve um tremor. Olhou para o céu, e uma lágrima brotou lentamente em seu olhar. Quando as pálpebras ficaram cheias, a lágrima rolou ao longo de sua face lívida, e ele disse bem baixo, quase balbuciando, para si mesmo, com os olhos perdidos nas profundezas:

— Tu, ideal! Tu só existes!

O bispo sentiu uma inexplicável comoção.

Depois de alguns instantes de silêncio, o velho ergueu o dedo para o céu e disse:

— O infinito existe; está ali. Se o infinito não tivesse um "eu", o "eu" seria seu limite e não seria infinito; em outras palavras, ele não existiria. Mas existe; há, portanto, um "eu", e esse "eu" do infinito é Deus! O moribundo pronunciara essas últimas palavras em voz alta, com o estremecimento do êxtase e como se estivesse vendo alguma coisa extraordinária. Quando terminou, seus olhos se fecharam. O esforço que empregara o exauriu. Era evidente que acabava de viver em um minuto algumas horas que ainda lhe restavam. O que acabara de dizer o havia aproximado daquele que está à morte. Chegara, enfim, o momento supremo.

O bispo compreendeu-o; não havia tempo a perder; fora até ali como sacerdote. Da extrema indiferença, gradativamente ele passou à emoção extrema. Contemplou aqueles olhos fechados, pegou naquela mão inerte e gelada e inclinou-se para o moribundo:

— Esta hora pertence a Deus. Não lhe parece que seria lamentável que tivéssemos nos encontrado em vão?

O convencionalista tornou a abrir os olhos. Seu rosto exprimia uma sombria gravidade:

— Senhor bispo — disse ele com uma lentidão que provinha talvez mais da dignidade da alma do que da falta de forças —, passei a vida na contemplação, no estudo e na meditação. Tinha sessenta anos quando fui chamado pelo meu país para tomar parte na direção de seus negócios. Obedeci-lhe. Combati os abusos que nele se davam; havia tiranias, destruí-as; proclamei e defendi os princípios e direitos que se encontravam postergados. O território estava invadido, defendi-o; a França foi ameaçada, ofereci-lhe meu sangue. Eu era rico e fiquei pobre. Ocupava uma posição

elevada no Estado; os subterrâneos do Tesouro estavam cobertos de dinheiro, a ponto de ser necessário reforçar os muros, que estavam prestes a se fenderem sob o peso das moedas de ouro e prata, mas eu jantava na rua de l'Arbre-Sec por vinte e dois soldos. Socorri os oprimidos, aliviei os que sofriam; rasguei a toalha do altar, é verdade, mas foi para cuidar das feridas da pátria; sempre sustentei o avanço do gênero humano em direção à luz e resisti às vezes ao progresso impiedoso. Protegi, em certas ocasiões, meus próprios adversários, que são os senhores. E há, em Peteghem, nas Flandres, no exato lugar onde os reis merovíngios tinham seu palácio de verão, um convento, a abadia de Sainte-Claire em Beaulieu, que eu salvei em 1793. Fiz meu dever da melhor maneira que pude e segundo as minhas forças. Depois disso tudo fui expulso, repelido, perseguido, escarnecido, maldito e proscrito. Há muitos anos já, e apesar de meus cabelos brancos, sinto que muita gente se julga com direito de me desprezar; para a pobre multidão ignorante tenho rosto de condenado, e eu aceito, sem odiar pessoa alguma, o isolamento do ódio. Agora, conto oitenta e seis anos, e estou à beira da morte. O que o senhor vem me pedir?

— Que me abençoe! — disse o bispo, ajoelhando-se.

Quando o bispo ergueu a cabeça, percebeu que o rosto do convencionalista havia ganhado uma expressão sagrada. Ele tinha acabado de expirar.

O bispo voltou para casa profundamente absorto em não sei que pensamentos. Passou toda a noite em orações. No dia seguinte, alguns curiosos provocadores ensaiaram falar-lhe do convencionalista G…, mas ele limitou-se a apontar-lhes para o céu. Desde então, redobrou de ternura e fraternidade para com as crianças e os sofredores.

Toda alusão ao "velho vilão G." fazia com que caísse em um singular estado de preocupação. Ninguém poderia dizer que a passagem daquele espírito diante do seu e o reflexo daquela nobre consciência sobre a sua não foram decisivos para fazê-lo se aproximar da perfeição.

Essa "visita pastoral" foi, naturalmente, uma ocasião de burburinho para os pequenos círculos locais:

— Acaso é lugar de um bispo o leito de um moribundo como esse? Não havia, evidentemente, conversão possível. Todos esses revolucionários são relapsos. Então, por que ir até lá? O que ele quis encontrar lá? Ele devia estar muito curioso para testemunhar o diabo agindo impetuosamente em uma alma.

Um dia, uma nobre senhora, dessa variedade impertinente que se crê espirituosa, dirigiu-lhe esse atrevimento:

— Excelência, perguntam quando Vossa Excelência portará o barrete vermelho.

— Não! Não! É uma cor grosseira! — respondeu o bispo. — Felizmente, os que a desprezam num barrete a veneram em um chapéu.

XI

Restrição

É muito grande o risco de se enganar ao concluir, a partir do que se acaba de ler, que dom Bienvenu foi um "bispo filósofo", ou um "pároco patriota". O encontro, a que se poderia chamar aliança, com o convencionalista G. deixou-lhe apenas certa compaixão que o tornou ainda mais dócil. Isso é tudo.

Ainda que dom Bienvenu não tivesse sido nada mais que um mero político, talvez seja aqui o ponto de indicar, bem brevemente, quais foram suas atitudes nos acontecimentos da época, supondo que dom Bienvenu jamais tenha pensado em se posicionar.

Voltemos alguns anos atrás.

Pouco tempo depois da nomeação do sr. Myriel para a dignidade episcopal, o imperador tinha-o feito barão do império, conjuntamente com outros bispos. A prisão do papa, como se sabe, foi efetuada na noite de 5 para 6 de julho de 1809; nessa ocasião, o sr. Myriel foi chamado pelo imperador a fazer parte do sínodo dos bispos da França e da Itália. Esse sínodo reuniu-se na Notre-Dame e efetuou sua primeira sessão no dia 15 de julho de 1811, sob a presidência do cardeal Fesch. O sr. Myriel foi um dos noventa e cinco bispos que concorreram ao sínodo, mas não assistiu senão a uma sessão e a três ou quatro conferências particulares. Bispo de uma diocese montanhesa, vivendo tão perto da natureza, na rusticidade e quase na miséria, parece que levara ao centro daqueles personagens eminentes ideias que alteraram a temperatura da assembleia. Voltou às pressas para Digne, onde não faltou quem lhe fizesse perguntas acerca de seu ligeiro retorno, a que ele respondeu:

— *Eu os incomodava; levava-lhes ar exterior. Creio que a minha presença lhes produziu o efeito de uma porta aberta.*

Em outra ocasião, respondeu:

— O que vocês querem? Aqueles senhores são príncipes, e eu não passo de um pobre bispo camponês.

O fato é que ele havia desagradado. Entre outras coisas estranhas, falou sem querer, em uma noite em que estava na casa de um de seus colegas mais qualificados:

— Que belos relógios! Que ricos tapetes! Que belos livros! Isso deve ser bem incoveniente! Não! Eu não gostaria de ter tanta coisa supérflua gritando eternamente em meus ouvidos. Há pessoas que têm fome! Há pessoas que têm frio! Há tanta gente pobre! Tanta gente pobre!

Diga-se de passagem, não seria inteligente odiar o luxo. Isso implicaria odiar as artes. No entanto, entre os membros da Igreja, fora das representações e das cerimônias, o luxo é um erro. Parece revelar hábitos, de fato, pouco caridosos. Um padre abastado é um contrassenso. O padre deve estar sempre perto dos pobres. Afinal, pode-se tocar continuamente, noite e dia, em tanto sofrimento, tanto infortúnio, tanta indigência, sem carregar sobre si mesmo um pouco dessa miséria, como se ela fosse a poeira do trabalho? Podem imaginar um homem que está próximo a um braseiro e que não sente calor? Podem imaginar um operário que trabalha sem descanso numa fornalha e não tenha o cabelo queimado, nem a unha suja, nem uma gota de suor, nem um grão de cinza no rosto? A primeira prova da caridade de um padre, sobretudo de um bispo, é a pobreza.

Isso era, sem dúvida, o que pensava o senhor bispo de Digne.

Não precisamos crer então que ele partilhava de certos pontos delicados aos quais chamaríamos de "ideias do século". Ele pouco se envolvia com as querelas teológicas do momento e silenciava sobre questões em que a Igreja e o Estado se comprometiam; mas, quando muito pressionado, mostrava-se mais ultramontano que galicano. Como queremos fazer seu retrato sem esconder nada, somos forçados a acrescentar a extrema frieza dele com relação ao declínio de Napoleão. A partir de 1813, começou a aderir e aplaudir todas as manifestações de hostilidade. Recusou ir vê-lo passar quando ele retornava da ilha de Elba e, durante os Cem Dias, absteve-se de ordenar, em sua diocese, preces públicas pelo imperador.

Além de sua irmã, Baptistine, o bispo tinha dois irmãos, um general, outro prefeito, aos quais escrevia com frequência. Por algum tempo, mostrou-se severo com o primeiro, porque, tendo um comando na Provença, na época do desembarque em Cannes, o general se pusera à frente de mil e duzentos homens e perseguira o imperador como a alguém que se quer deixar escapar. Sua correspondência permaneceu mais afetuosa para o outro irmão, o antigo prefeito, homem de bravura e dignidade que vivia recluso em Paris, na rua Cassette.

Dom Bienvenu teve, então, sua fase de espírito partidário, suas horas de angústia, suas nuvens. A sombra das paixões do momento atravessou esse doce e grande espírito ocupado de coisas eternas. É fato que um homem como ele poderia ficar isento de opiniões políticas. Para que não se enganem sobre o que queremos dizer, não confundimos isso a que se costuma chamar de "opiniões políticas" com a grande vontade de progresso, a sublime fé patriótica, democrática e humana que, em nossos dias, deve ser a própria base de toda inteligência generosa. Sem aprofundar questões que não tocam senão indiretamente no tema deste livro, diremos simplesmente isto: teria sido bom se dom Bienvenu não tivesse sido partidário do rei e que seu olhar não tivesse se desviado, um só instante, dessa contemplação serena em que vemos brilhar distintamente, acima desse vaivém tempestuoso das coisas humanas, estas três luzes puras: a verdade, a justiça e a caridade.

Embora concordando que não era para uma função política que Deus havia criado dom Bienvenu, teríamos compreendido e admirado seu protesto em nome do direito e da liberdade, sua honrosa oposição, sua perigosa e justa resistência a Napoleão todo-poderoso. Mas o que nos agrada perante aqueles que sobem, agrada-nos menos perante os que tombam. Não gostamos de lutar se não há perigo; e, em todo caso, os combatentes da primeira hora são os únicos a ter o direito de serem os exterminadores da última. Quem não foi acusador obstinado durante a prosperidade deve se calar quando tudo desmoronar. O denunciador do sucesso é o único a ter legitimidade para fazer justiça depois da queda. Quanto a nós, quando a providência se mistura e atinge os fatos, nós a deixamos agir. Em 1812 começa a nos desarmar. Em 1813, a covarde ruptura do silêncio desse taciturno corpo legislativo, encorajado pelas catástrofes, não tinha nem um quê de indignação, e era um erro aplaudi-lo. Em 1814, diante dos marechais traidores, diante do Senado passando de uma lama a outra, insultando depois de haver divinizado, diante dessa idolatria que agora recuava cuspindo sobre o antigo ídolo, era um dever se virar contra isso tudo. Em 1815, como os derradeiros desastres pairavam no ar, como a França sentia o tremor dessa aproximação sinistra, como já se podia vagamente distinguir Waterloo esperando por Napoleão, a dolorosa aclamação do Exército e do povo ao condenado pelo destino nada tinha de ridículo e, mesmo com toda ressalva feita sobre o déspota, um coração como o bispo de Digne não deixaria de reconhecer o que havia de augusto e de tocante à beira desse abismo: a estreita ligação entre uma grande nação e um grande homem.

Com exceção desse fato, em tudo ele era e foi justo, verdadeiro, equitativo, inteligente, humilde e digno, fazendo o bem… e querendo o bem, o que é outra

caridade. Era um sacerdote, um sábio, um homem. Mas, é necessário dizer, em sua opinião política que acabamos de reprovar e que nos dispomos a julgar quase severamente, era tolerante e complacente, talvez até mais do que nós.

O porteiro da Câmara tinha sido nomeado pelo imperador. Era um antigo suboficial da velha guarda, legionário de Austerlitz, bonapartista como a águia imperial. Escapavam a esse pobre diabo, em certas ocasiões, palavras pouco ponderadas, que a lei de então qualificava como *sediciosas*. Depois que a imagem do imperador foi tirada da Legião de Honra, nunca mais se habituou com a *ordenança*, como ele dizia, a fim de não ser forçado a carregar sua cruz. Ele próprio removera com devoção a efígie imperial da cruz que Napoleão havia lhe dado; ficou então um buraco no qual ele não quis colocar nada. *Prefiro antes morrer* dizia *a ter que carregar sobre meu coração esses três sapos!* Ele gostava de zombar de Luís XVII: *Velho artrítico com polainas de inglês! Que vá para a Prússia com sua barba de bode!* dizia, feliz por reunir numa mesma imprecação as duas coisas que mais detestava: a Prússia e a Inglaterra. Tanto fez que perdeu o emprego; achou-se de repente na calçada, sem pão, com a mulher e os filhos. O bispo mandou-o chamar, repreendeu-o brandamente e nomeou-o guarda da catedral.

Ao fim de nove anos, devido às ações piedosas e às maneiras suaves, dom Bienvenu tinha adquirido na cidade de Digne a mais terna e filial veneração. Até mesmo seu procedimento com relação ao imperador fora aceito e como que tacitamente perdoado pelo povo, rebanho bondoso e frágil, que adorava Napoleão, mas que também estimava muito seu bispo.

XII

Solidão de dom Bienvenu

Em torno de um bispo há, quase sempre, tão grande quantidade de clérigos como há de oficiais em volta de um general. É isso o que o adorável são Francisco de Sales chamava de "padres fedelhos". Toda carreira tem aspirantes que fazem um cortejo aos que já a realizaram. Não há poder que não tenha sua corte. Não existe fortuna que não tenha seu tribunal. Os que desejam um futuro sempre giram em torno de

um presente esplêndido. Toda metrópole tem seu Estado-Maior. Todo bispo um pouco influente tem próximo a ele sua patrulha de querubins seminaristas, que vigiam e mantêm a boa ordem do palácio episcopal, montando guarda ao redor do sorriso de Sua Excelência. Agradar a um bispo é o pontapé inicial para o subdiaconato. É necessário preparar bem o caminho; o apóstolo não deve desdenhar do canonicato.

Da mesma forma como há em outro lugar gorros consideráveis, há na Igreja mitras também consideráveis. São os bons bispos na corte, ricos, cheios de rendas, hábeis, aceitos por todos, sabendo rezar sem dúvida, mas sabendo também solicitar, pouco escrupulosos nas salas de espera em nome de uma diocese, traços de união entre a sacristia e a diplomacia, mais abades que sacerdotes, mais prelados que bispos. Felizes os que se aproximam deles! Através do prestígio que eles têm, fazem chover a seu redor, sobre os atenciosos ou favorecidos, sobre toda essa juventude que sabe ser agradável, as paróquias rendosas, as prebendas, as arquidiaconias, as capelanias ou as funções catedrais, esperando pelas dignidades episcopais. Enquanto eles mesmos avançam, fazem progredir seus satélites: todo um sistema solar em marcha. Seu esplendor purpureia seu séquito. Sua prosperidade se espalha entre os que estão nos bastidores, em pequenas e boas promoções. Quanto maior a diocese do amo, maior a paróquia de seu favorito. E depois, lá está Roma. Um bispo que sabe chegar a arcebispo, um arcebispo que sabe chegar a cardeal, leva-o como conclavista, então você entra na rota, ganha seu pálio, de repente será auditor, camareiro, monsenhor, e de Excelência para Eminência é um passo, e entre a Eminência e a Santidade não há nada mais que a fumaça de um escrutínio. Todo solidéu pode sonhar com a tiara. O padre é, em nossos dias, o único homem que frequentemente pode tornar-se rei. E que rei! O rei supremo! Que berçário de ambições é um seminário! Quantos desses coroinhas corados, quantos desses jovens abades têm sobre a cabeça o jarro de leite de Perrette! Como a ambição se intitula facilmente de vocação, ou, quem sabe?, de boa-fé, e de tal modo que, enganando a si mesma, sente-se satisfeita com o que é!

Dom Bienvenu, humilde, pobre, autocentrado, não figurava entre as mitras de vulto, o que se comprovava pela completa ausência de jovens sacerdotes em torno dele. Bem se viu como "se deu mal" em Paris. Não havia um só futuro que pensasse em se consolidar para esse velho solitário; não havia uma só ambição nascente que tivesse a loucura de pretender crescer à sua sombra. Seus cônegos e vigários-gerais eram bondosos e pobres velhos, um pouco do povo como ele, murados também na sua diocese, sem saída para o cardinalato e muito semelhantes ao seu bispo, com a diferença de que eles já estavam acabados e o bispo em final de carreira. Era tão

manifesta a impossibilidade de ascensão junto de dom Bienvenu que os mancebos saídos do seminário, e ordenados por ele, procuravam logo recomendação para os arcebispos de Aix ou de Auch, e retiravam-se imediatamente. Afinal, repetimos, todos gostam de um empurrãozinho. Um santo que vive em excesso de abnegação é um vizinho perigoso; poderia comunicar, por contágio, uma pobreza incurável, uma ancilose nas articulações que são fundamentais para que se possa avançar. Em suma, mais renúncia do que se deseja; e é fato que se foge da sarna dessa virtude. Daí o isolamento de dom Bienvenu. Vivemos em uma sociedade sombria. Ser bem-sucedido, eis o ensinamento que cai gota a gota da corrupção que transborda.

Diga-se de passagem, nada é mais hediondo que o sucesso. Sua falsa semelhança com o mérito engana os homens. Para a multidão, o êxito é quase o mesmo que supremacia. O sucesso, sósia do talento, tem poder sobre um tolo: a história. Juvenal e Tácito foram os únicos que resmungaram. Em nossos dias, uma filosofia quase oficial entrou em intimidade com a história, vestindo-lhe a libré do sucesso e servindo-lhe como sala de espera. Ser bem-sucedido: essa é a teoria. Prosperidade supõe capacidade. Ganhar na loteria: isso é um homem hábil. Quem triunfa é venerado. Nascer iluminado é tudo. Tenham sorte, então terão o resto; sejam felizes, então serão vistos como grandes. Fora cinco ou seis exceções raras que constituem o brilho de todo um século, a admiração contemporânea não é mais que miopia. Qualquer coisa dourada é considerada ouro. Pouco importa não ser ninguém, contanto que se conquiste algo. O vulgar é um velho Narciso que adora a si mesmo e que aplaude a vulgaridade. Essas capacidades geniais que formaram Moisés, Ésquilo, Dante, Michelangelo, Napoleão, o povo imediatamente atribui por aclamação a qualquer um que consiga alguma coisa, qualquer que seja: que um notário se torne deputado; que um falso Corneille escreva *Tirídates*; que um eunuco venha a possuir um harém; que um Prudhomme ganhe acidentalmente a batalha decisiva de uma época; que um boticário invente solas de papelão para o exército de Sambre-et-Meuse e consiga, com esse papel vendido como couro, quatrocentos mil francos de renda; que um bufarinheiro case com a usura e a faça dar à luz sete a oito milhões dos quais ele é o pai e ela a mãe; que um pregador se torne bispo por falar anasalado; que um mordomo de uma grande casa esteja tão rico ao sair do serviço que o façam ministro das Finanças. Os homens chamam isso de Gênio, assim como chamam de Beleza a figura do Mousqueton e de Majestade a estátua de Cláudio. Eles confundem as estrelas que se formam no lamaçal por causa das pegadas dos patos com as constelações do abismo espacial.

XIII

As crenças do bispo

Do ponto de vista da ortodoxia, não temos o que sondar no bispo de Digne. Diante de uma alma como a dele, não sentimos senão respeito. A consciência de um justo deve ser acreditada em palavra. Além disso, como se dá em algumas naturezas, admitimos o possível desenvolvimento de todas as belezas da natureza humana em uma crença diferente da nossa.

O que ele pensava a respeito desse dogma ou daquele mistério? Esses segredos de foro íntimo só são conhecidos pelos túmulos nos quais as almas entram nuas. O que sabemos com certeza é que as dificuldades a respeito da fé nunca foram resolvidas por ele com hipocrisia. Nenhuma corrupção é possível ao diamante. Ele acreditava nisso o máximo que podia. *Credo in Patrem*, exclamava com frequência. E, além disso, de suas boas obras extraía a porção de alegria suficiente para satisfazer a sua consciência e dizer em voz baixa: "Você está com Deus!"

O que acreditamos ser importante dizer é que, fora, por assim dizer, e além de sua fé, o bispo tinha um excesso de amor. Por isso, *quia multum amavit*, foi julgado vulnerável pelos "homens confiáveis", pelas "pessoas importantes", pela "gente sensata", expressões favoritas desse nosso triste mundo, onde o egoísmo recebe a palavra de ordem do pedantismo. O que era esse excesso de amor? Era uma benevolência serena, que transbordava os homens, como já dissemos, e que, em certas ocasiões, estendia-se até as coisas. Vivia sem soberba. Era indulgente com as criações de Deus. Todo homem, mesmo o melhor, tem em si uma insensibilidade irrefletida que destina aos animais. O bispo de Digne não possuía essa frieza típica de muitos padres. Ele não chegava ao bramanismo, mas parecia ter meditado sobre este versículo do Eclesiastes: "Alguém sabe para onde vai a alma dos animais?" A feiura do aspecto, as deformidades do instinto não o perturbavam nem irritavam, mas, sim, o comoviam, quase enterneciam. Parecia que, de caso pensado, ele procurava, para além da vida aparente, uma causa, uma explicação, uma desculpa. Parecia, em certos momentos, pedir a Deus que comutasse a pena. Examinava sem raiva, com o olhar atento de um linguista que decifra um palimpsesto, o caos que ainda existe na natureza. Esse devaneio fazia com que dissesse, às vezes, coisas estranhas. Certa manhã, ele estava em seu jardim, acreditando que estava só, sem perceber que sua irmã caminhava um pouco atrás dele, de repente parou e olhou

para alguma coisa no chão: era uma aranha enorme, preta, peluda, horrível. Sua irmã, então, pôde ouvir o que ele disse:

— Pobre bicho! Ser assim não é culpa sua!

Por que não revelar essas infantilidades quase divinas da bondade? De fato são puerilidades, mas puerilidades sublimes, próprias de um são Francisco de Assis ou de um Marco Aurélio. Certa vez, chegou a torcer o pé para evitar de pisar em uma formiga.

Assim vivia esse homem justo. Às vezes adormecia em seu jardim; nada era então mais venerável.

Dom Bienvenu, se acreditarmos nas histórias contadas sobre sua juventude e, inclusive, sobre sua virilidade, era um homem passional, talvez até violento. Sua total mansidão era menos um instinto da natureza do que o resultado de uma grande convicção, filtrada em seu coração ao longo da vida e infiltrada lentamente em seu espírito, pensamento por pensamento; porque em um caráter, como em um rochedo, pode haver aberturas pelas quais a água entra. Essas aberturas são eternas; essas rochas são indestrutíveis.

Em 1815, como nos parece já ter sido dito, contava setenta e cinco anos, mas não parecia ter mais de sessenta. Ele não era alto, mas bastante corpulento. Então, para combater a demasiada nutrição dava longos passeios a pé; tinha o passo firme e pouco se curvava, detalhe do qual não queremos tirar a menor conclusão. Gregório XVI, aos oitenta anos, era forte e sorridente, o que não o impedia de ser mau bispo. Dom Bienvenu possuía o que o povo chama de "uma bela cabeça", mas tão simpática que todos se esqueciam de quanto era bela.

Quando conversava, com a alegria infantil que constituía uma das suas graças, e da qual já falamos, todos se sentiam à vontade a seu lado; parecia que tudo nele transmitia alegria. Sua cútis colorida e fresca, os dentes, todos sempre muito brancos, que conservava e mostrava quando se ria, davam-lhe o aspecto aberto e franco, que faz com que se diga de um homem: é um bom rapaz; e de um velho: é um bom homem. Foi esse, se se lembram, o efeito que produziu em Napoleão. No primeiro momento, e para quem o via pela primeira vez, não era, com efeito, mais do que um bom homem. Mas para quem permanecia por algumas horas junto dele e o via pensativo, por pouco tempo que fosse, transfigurava-se pouco a pouco e assumia o que quer que fosse de respeitável; sua fronte elevada e séria, que os cabelos brancos tornavam augusta, era também augusta pela meditação; a majestade sobressaía-lhe da bondade sem que a bondade cessasse de resplandecer; experimentava-se alguma coisa da comoção que se sentiria, se se visse um anjo risonho abrir lentamente as asas, sem parar de sorrir. O respeito, um respeito

inexprimível, pouco a pouco penetrava em nós e subia ao coração, até que nos sentíamos diante de uma alma forte, provada e indulgente, na qual o pensamento é tão grande que não pode ser senão amável.

Como vimos, a oração, a celebração dos ofícios religiosos, a esmola, a consolação dos aflitos, o cultivo de um pedaço de terra, a fraternidade, a frugalidade, a hospitalidade, a renúncia, a confiança, o estudo e o trabalho preenchiam cada um dos dias de sua vida. *Preenchiam* é a palavra exata: os dias do bispo estavam repletos de bons pensamentos, pelas boas palavras e boas ações. No entanto, não estavam completos se o tempo frio ou chuvoso o impedisse de passar, à noite, quando as duas senhoras se recolhiam, uma hora ou duas em seu jardim antes de adormecer. Parecia uma espécie de rito para que ele se preparasse para o sono pela meditação na presença dos grandes espetáculos vistos à noite no céu. Às vezes, tarde da noite, as duas senhoras, sem conseguir dormir, ouviam-no passear lentamente pelo jardim. Ele ficava ali sozinho, recolhido, calmo, apreciando tudo, comparando a serenidade de seu coração com a serenidade do éter, comovido entre as trevas pelos esplendores visíveis das constelações e pelos esplendores invisíveis de Deus, abrindo sua alma aos pensamentos que chegam do Desconhecido. Em momentos como esse, oferecendo seu sentimento à hora em que as flores noturnas oferecem seu perfume, iluminado como uma lâmpada no centro da noite estrelada, derramando-se em êxtase em meio ao esplendor universal da Criação, ele não poderia, talvez, dizer a si mesmo o que se passava no seu espírito; sentia alguma coisa esvoaçar para fora dele e alguma coisa descer até ele. Misteriosa troca dos abismos da alma com os abismos do universo!

Meditava na grandeza e na presença de Deus; na eternidade futura, estranho mistério; na eternidade passada, mistério mais estranho ainda; nos infinitos que se afundavam em seus olhos em todos os sentidos; e, sem procurar compreender o incompreensível, apenas observava. Não estudava Deus; era tomado de deslumbramento. Considerava magníficos esses encontros de átomos que dão forma à matéria, revelam as forças constatando-as, criando individualidades na unidade, proporções na extensão, o inumerável no infinito, e, pela luz, produzem a beleza. Esses átomos se atam e desatam sem cessar: daí a vida e a morte.

Sentava-se em um banco de madeira, encostado a uma grade decrépita, e contemplava os astros através das sombras acanhadas e raquíticas das suas árvores frutíferas. Aquele palmo de terra tão pobremente plantado, repleto de casebres e alpendres, era o que ele amava e o que lhe bastava.

Que mais faltava àquele velho que repartia seu lazer, seus curtos momentos de descanso na vida, entre a jardinagem de dia e a contemplação de noite? Não era o jardinzinho suficiente para adorar Deus simultaneamente nas suas obras mais

encantadoras e nas suas obras mais sublimes? Além disso, que mais poderia desejar? Possuía um pequeno jardim para passear e uma imensidão para meditar. Sob os pés, o que podia ser cultivado e dar fruto; na cabeça, o que se podia estudar e meditar: algumas flores na terra e todas as estrelas do céu.

XIV

Os pensamentos do bispo

Uma última palavra.

Como a natureza desses detalhes poderia, particularmente na época em que estamos, e para nos servirmos de uma expressão da moda, dar ao bispo de Digne uma certa fisionomia "panteísta", e fazer crer, seja como censura ou como elogio, que ele possuía em seu íntimo uma das filosofias pessoais, próprias ao nosso século, que germinam às vezes em espíritos solitários, construindo-se neles, engrandecendo-se neles até tomar o lugar das religiões, insistimos aqui que nenhum dos que conheceram dom Bienvenu acreditava estar autorizado a pensar nada parecido. O que iluminava esse homem era o coração. Sua sabedoria era feita dessa luz.

Nada de sistemas, muitas obras. As especulações obscuras dão vertigem; nada indica que ele se aventurasse em ideias apocalípticas. O apóstolo pode ser audacioso, mas o bispo deve ser cauteloso. Ele provavelmente tinha escrúpulo de sondar a fundo certos problemas reservados de algum modo aos grandes espíritos terríveis. Há um horror sagrado diante dos pórticos do enigma; essas entradas sombrias estão ali escancaradas, mas alguma coisa nos diz, enquanto passamos, para não entrar. Infeliz daquele que ousar entrar. Os gênios, nas profundezas inauditas da abstração e da pura especulação, situados, por assim dizer, acima dos dogmas, propõem suas ideias a Deus. Sua oração estabelece audaciosamente a discussão. Sua adoração interroga. Essa é a religião direta, cheia de ansiedade e de responsabilidade para quem enfrenta os obstáculos.

A meditação humana não tem limites. Por sua conta e risco, ela analisa e escava seu próprio deslumbramento. Poder-se-ia quase dizer que, por uma espécide de reação espetacular, ela deslumbra a própria natureza; o misterioso mundo que nos

cerca devolve o que recebeu, de tal modo que os contempladores tornam-se, ao mesmo tempo, os contemplados. Seja o que for, há na terra homens — serão mesmo homens? — que percebem distintamente, no horizonte dos sonhos, a grandeza do absoluto e que têm a terrível visão da montanha infinita. Dom Bienvenu não era desses homens, dom Bienvenu não era um gênio. Temia essas sublimidades por meio das quais alguns homens elevados, como Swedenborg e Pascal, caíram na demência. Evidentemente, esses poderosos devaneios têm sua utilidade moral e, por seus perigosos caminhos, aproxima-se da perfeição ideal. Mas dom Bienvenu era diferente; ele tomava o caminho mais curto, o do Evangelho.

Ele nunca empenhava-se para dar à casula as dobras do manto de Elias; não projetava nenhum raio de futuro na tenebrosa precipitação dos acontecimentos; não buscava condensar em chama a claridade das coisas; não tinha nada de profeta nem de mago. Era uma alma amante, e nada mais.

Que ele intensificava sua oração até o ponto de uma aspiração sobre-humana é bem provável, mas não pode haver oração maior que um amor profundamente verdadeiro; se fosse uma heresia rezar para além dos textos, santa Teresa e são Jerônimo seriam hereges.

Ele se debruçava sobre tudo que geme e expia. O universo parecia-lhe uma grande doença: sentia a febre em toda parte, auscultava o sofrimento em toda parte e, sem tentar desvendar o enigma, esforçava-se para aplicar um curativo na ferida. O terrível espetáculo das coisas criadas expandia dentro dele a ternura; sua única ocupação era encontrar para si mesmo e inspirar nos outros a melhor maneira de agradar e confortar. Qualquer coisa era, para esse bom e raro sacerdote, uma fonte permanente de tristeza que buscava consolar.

Há homens que trabalham na extração do ouro, mas dom Bienvenu trabalhava na extração da piedade. A miséria universal era sua mina. A dor, em toda parte, não era mais que uma ocasião para a bondade de sempre. *Amai-vos uns aos outros*: declarava esse mandamento, sem desejar mais nada, e encerrava nele toda a sua doutrina. Um dia, o tal senador do qual já falamos, um homem que se considerava um "filósofo", disse ao bispo:

— Ora, veja o espetáculo do mundo: guerra de todos contra todos; o mais forte é o mais espirituoso. Seu "amai-vos uns aos outros" é uma bobagem.

— Está bem — respondeu dom Bienvenu, sem discutir —, *se é uma bobagem, a alma deve guardar-se nela como a pérola dentro da ostra*.

Portanto, ele encerrava-se na piedade, ele a vivia, satisfazia-se completamente com ela, deixando de lado as questões prodigiosas que atraem e amedrontam, as perspectivas insondáveis da abstração, os precipícios da metafísica, todos esses

abismos profundos que convergem o apóstolo a Deus e o ateu ao nada: o destino, o bem e o mal, a guerra do ser contra o estar, a consciência do homem, o sonambulismo pensativo do animal, a transformação pela morte, a recapitulação de existências fechadas nos túmulos, o enxerto incompreensível de amores sucessivos em um "eu" persistente, a essência, a substância, o Nada e o Ente, a alma, a natureza, a liberdade, a necessidade. Problemas verticais: espessuras sinistras sobre as quais se inclinam os gigantescos arcanjos do espírito humano; formidáveis abismos que Lucrécio, Manu, são Paulo e Dante contemplam com um olhar fulgurante que, mirando fixamente o infinito, parece fazer despontarem nele novas estrelas.

Dom Bienvenu era simplesmente um homem que constatava de fora as questões misteriosas sem perscrutá-las, sem agitá-las, sem com elas perturbar o próprio espírito, e que tinha na alma o grave respeito que a sombra inspira.

Notas

1 — *Eh bé! Moussu, sès sagé?* (Ora! O senhor está louco?)
— *Onté anaras passa?* (Onde ele está?)
— *Puerte un bouen moutou embe un bouen froumage grase.* (Trago um bom carneiro com um queijo bem gorduroso.)
Na tradução não é possível manter a marca de oralidade das frases. (N.T.)

2 Se o Senhor não guardar a casa em vão se desvelam os que a guardam. (N.T.)

LIVRO SEGUNDO

A QUEDA

I

A noite após um dia de marcha

Nos primeiros dias do mês de outubro de 1815, uma hora antes do pôr do sol, entrou na cidade de Digne um homem que viajava a pé. Os raros habitantes que no momento se achavam às janelas, ou às portas de suas casas, observaram o viajante com uma espécie de inquietação. Era impossível encontrar na cidade transeunte de aspecto mais miserável. Tinha estatura mediana, era forte e robusto, e parecia estar na flor da idade; poderia ter, se muito, quarenta e seis ou quarenta e oito anos. Um boné com pala de couro, puxada para os olhos, ocultava-lhe parte do rosto queimado pelo sol e escorrendo suor. A camisa, malfeita e amarelecida, era presa na gola por uma pequena âncora de prata, deixando-lhe descoberto o peito cabeludo. Trazia um lenço torcido em torno do pescoço; calças de algodão azul, muito velhas, desbotadas num joelho e esburacadas no outro; uma blusa parda e esfarrapada, tendo num dos cotovelos um remendo de pano verde, costurado com barbante; às costas, uma mochila de soldado, muito cheia, bem nova e bem afivelada; na mão, um cajado enorme e nodoso; os pés sem meias, metidos em sapatos muito grosseiros, chapeados de ferro; o cabelo cortado rente e a barba compridíssima.

O suor, o calor, o andar a pé e a poeira tinham acrescentado ainda qualquer coisa de sórdido àquela figura esfarrapada.

Os cabelos rareavam, bem eriçados; começavam a crescer um pouco, mas parecia não terem sido cortados havia muito tempo.

Ninguém o conhecia. Era evidentemente um forasteiro. De onde vinha? Do Sul, do litoral, talvez, porque entrou em Digne pela mesma rua que sete meses antes tinha visto passar Napoleão, indo de Cannes para Paris. Aquele homem devia ter caminhado todo o dia; parecia fatigadíssimo. As mulheres do antigo bairro, que constitui a parte baixa da cidade, tinham-no visto parar debaixo de umas árvores do Boulevard Gassendi e beber água na fonte que fica no fim do passeio. Estava, de fato, com muita sede, porque algumas crianças que o seguiam ainda o viram tornar a beber, duzentos passos mais adiante, na fonte da praça do mercado.

Chegando à esquina da rua Poicheret, virou à esquerda, dirigiu-se para a habitação do *maire* e entrou. Ao cabo de um quarto de hora tornou a sair. À porta estava sentado um gendarme, no mesmo banco de pedra a que subira o general Drouot, no dia 4 de março, para ler à multidão assustada de Digne a proclamação feita no golfo de Juan. O desconhecido tirou o boné e cumprimentou humildemente o gendarme.

Este último, sem corresponder ao cumprimento recebido, observou-o com atenção, seguiu-lhe os passos por algum tempo e voltou depois à administração.

Havia então em Digne uma excelente estalagem, intitulada La Croix-de-Colbas, cujo dono era um tal Jacquin Labarre, homem muito considerado na cidade, pelo seu parentesco com outro Labarre, que era dono, em Grenoble, da estalagem Trois-Dauphins e que servira no corpo de guias. Por ocasião do desembarque do imperador tinham corrido muitos boatos pelo país acerca da tal estalagem Trois-Dauphins. Contava-se que o general Bertrand, disfarçado em carroceiro, tinha ido ali muitas vezes no mês de janeiro, e que distribuíra cruzes honoríficas a muitos soldados e mãos-cheias de napoleões aos burgueses. A verdade é que, entrando em Grenoble, o imperador recusou-se a instalar-se no prédio da prefeitura, agradecendo ao *maire* com estas palavras:

— Vou para a casa de um grande homem a quem conheço.

Foi então para a Trois-Dauphins. Esta glória do Labarre da Trois-Dauphins refletia-se no Labarre da La Croix-de-Colbas. Dizia-se dele na cidade: é o *primo do De Grenoble*.

Dirigiu-se o desconhecido para essa hospedaria que era a melhor da localidade. Entrou pela cozinha, que dava imediatamente para a rua. Todas as fornalhas estavam acesas; um grande fogo brilhava na lareira. O dono da casa, que era ao mesmo tempo o chefe de cozinha, corria de uma para outra caçarola, muito atarefado com o preparo de um jantar apresentável a uns carroceiros, que riam e falavam estrondosamente numa sala ao lado. Quem costuma viajar sabe que ninguém aprecia mais que os carroceiros uma boa mesa.Uma gorda marmota, acompanhada de perdizes-brancas e galos silvestres, girava no fogo em um grande espeto; nas fornalhas estavam sendo cozinhadas duas enormes carpas do lago de Lauzet e uma truta do de Alloz.

O dono da estalagem, sentindo abrir a porta e entrar alguém, perguntou, sem levantar a vista das fornalhas:

— Que quer o senhor?

— Comer e dormir — respondeu o desconhecido.

— Nada mais fácil — disse o estalajadeiro. Ao mesmo tempo voltou a cabeça, observando de cima a baixo o desconhecido e acrescentou: — Basta pagar.

O homem da mochila tirou do bolso da blusa uma bolsa de couro e respondeu:

— Aqui está o dinheiro.

— Nesse caso, estamos às suas ordens — disse o estalajadeiro.

O desconhecido tornou a guardar a bolsa de dinheiro, arriou a mochila, encostou-a na porta e, conservando o cajado na mão, foi sentar-se num banco ao pé do lume. As noites de outubro são muito frias em Digne, que fica nas montanhas.

Entretanto, o estalajadeiro, andando de um lado para outro, não parava de observar o recém-chegado.

— O jantar sai em breve? — perguntou este último.

— Daqui a pouco — respondeu o estalajadeiro.

Enquanto o forasteiro se aquecia, com as costas voltadas para o lume, o digno estalajadeiro Jacquin Labarre tirou um lápis do bolso, rasgou uma tira de papel da margem de um jornal velho que estava em uma mesinha próxima à janela. Na margem branca, escreveu uma ou duas linhas, dobrou o papel sem colar e entregou-o a um rapazinho que parecia lhe servir tanto de ajudante de cozinha quanto de lacaio. Ao mesmo tempo, disse algumas palavras ao ouvido do rapaz, e este correu direto à administração.

O desconhecido, sem reparar em nada disso, perguntou mais uma vez:

— O jantar sai em breve?

— Daqui a pouco — respondeu o estalajadeiro.

O rapazinho voltou e entregou um papel ao estalajadeiro, que o desdobrou apressadamente, como quem espera uma resposta. Pareceu lê-lo atentamente e depois, abanando a cabeça, esteve por um momento pensativo. Por fim, deu um passo na direção do desconhecido, com aspecto de quem estava mergulhado em reflexões pouco serenas.

— Senhor — disse ele —, não posso hospedá-lo.

O desconhecido endireitou-se no banco em que estava sentado.

— O quê?! Tem medo de que não lhe pague? Ou quer que eu pague adiantado? Tenho dinheiro, já lhe disse.

— Não se trata disso.

— Mas então de que se trata?

— Você tem dinheiro…

— Tenho — disse o homem.

— E eu — tornou o estalajadeiro — não tenho quarto disponível.

O desconhecido replicou com tranquilidade:

— Deixe-me ficar na cocheira.

— Não posso.

— Por quê?

— Os cavalos ocupam todos os lugares.

— Então — continuou o homem —, deixe-me num canto do celeiro; basta-me um feixe de palha. Veremos isso depois de jantar.

— Não lhe posso dar de jantar.

Essa declaração, feita pausadamente, mas com firmeza, pareceu muito grave ao desconhecido, que logo se levantou.

— É mole?! Estou morto de fome! Caminhei desde que o sol nasceu; andei doze léguas. Estou pagando, quero comer.

— Não tenho nada para lhe oferecer — respondeu o estalajadeiro.

O homem soltou uma gargalhada e voltou-se para a lareira e a fornalha, dizendo:

— Não tem nada? E aquilo ali?

— Já está tudo reservado.

— Para quem?

— Para uns carroceiros.

— Quantos são?

— Doze.

— Mas aí há comida para vinte pessoas.

— Eles reservaram isso tudo, e pagaram adiantado.

O desconhecido tornou a sentar-se, e disse sem erguer a voz:

— Estou numa estalagem e tenho fome; portanto, vou continuar aqui.

O estalajadeiro inclinou-se e disse-lhe ao ouvido, num tom que o fez estremecer:

— O que você deve fazer é ir embora.

O forasteiro, que estava curvado, mexendo nas brasas com a ponta de ferro do cajado, voltou-se de repente; e como se quisesse abrir a boca para replicar, o estalajadeiro encarou-o e disse-lhe, ainda em voz baixa:

— Chega de falar em vão. Quer que eu diga como se chama? Chama-se Jean Valjean. Quer, agora, que lhe diga quem é o senhor? Quando o vi entrar desconfiei de alguma coisa, sem saber por quê; mandei um bilhete à administração, e aqui está o que me responderam. Sabe ler?

Falando assim, apresentou ao forasteiro o papel que havia sido levado pelo rapaz e que, agora, acabava de ser trazido de volta à estalagem. O homem lançou um rápido olhar sobre o bilhete. Após um momento de silêncio, continuou o estalajadeiro:

— Eu tenho por costume ser educado com todos. Saia daqui.

O homem baixou a cabeça, pegou a mochila que havia posto no chão e saiu.

Achando-se na rua principal, seguiu por ela a esmo, encostando-se às paredes, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma só vez; se o tivesse feito teria visto o estalajadeiro da La Croix-de-Colbas no limiar da porta, rodeado dos seus hóspedes e das pessoas que passavam pela rua naquele momento, falando com vivacidade e apontando-o com o dedo; e, se atentasse para os olhares de desconfiança e assombro do grupo, perceberia que sua chegada logo seria um acontecimento notável para a cidade inteira.

Ele não viu nada disso. As pessoas oprimidas não olham para trás. Elas sabem muito bem que a má sorte as segue.

Caminhou assim ao acaso por algum tempo, sempre em frente, por ruas que não conhecia, e esquecendo-se do cansaço, como sucede sempre àqueles que estão tristes. De repente, sentiu bater com força a fome. A noite aproximava-se. Olhou em volta para ver se descobria alguma pousada.

A excelente estalagem fechara-se para ele; já não procurava senão alguma taberna humilde, algum casebre bem pobre.

Foi justamente quando viu que se acendia uma luz no fim da rua, e avistou ainda, à claridade do crepúsculo, um ramo de pinho pendurado em uma porta. Foi direto a ela.

Era, de fato, uma taberna; a que está na rua de Chaffaut.

O forasteiro parou por um momento à porta, espreitou para dentro e viu uma sala grande, iluminada por um candeeirozinho que estava sobre uma mesa e pela luminosidade do fogo de uma lareira. Viu alguns homens bebendo e o dono da casa se aquecendo próximo ao fogo, cuja chama fazia ferver uma panela de ferro pendurada num gancho.

Nessa taberna, que é também uma espécie de estalagem, entra-se por duas portas. Uma dá para a rua; a outra, para um patiozinho imundo de estrume.

O forasteiro não ousou entrar pela porta da rua. Passou para o pátio, parou ainda outra vez, levantou timidamente o ferrolho da porta e empurrou-a.

— Quem está aí? — perguntou o dono da casa.

— Um homem que quer comer e dormir.

— Tudo bem. Aqui é o lugar certo para comer e dormir.

O homem entrou. Os que ali se achavam voltaram-se para ele; iluminava-o de um lado a luz do candeeiro e do outro, o clarão da chaminé. Todos o observaram enquanto ele abria a mochila.

— Aqui temos fogo. A ceia está sendo preparada. Venha se aquecer, camarada — disse o taberneiro.

O viajante sentou-se junto à chaminé e esticou para perto do fogo os pés macerados por tanto caminhar. Saía um ótimo cheiro da panela. A parte do rosto que se lhe podia distinguir, por debaixo do boné afundado até os olhos, apresentou de repente uma vaga aparência de satisfação misturada ao outro aspecto pungente que lhe dá sempre o hábito do sofrimento.

Tinha, contudo, um perfil firme, enérgico e triste. Sua fisionomia era estranha, pois de início tinha um ar humilde, mas, por fim, parecia severa. Os olhos brilhavam sob as sobrancelhas como um fogo nos arbustos.

No entanto, um dos homens que estavam sentados à mesa era um peixeiro que, antes de entrar na taberna da rua de Chaffaut, tinha ido colocar seu cavalo no estábulo de Labarre. Por coincidência, na mesma manhã ele havia visto esse homem estranho e suspeito caminhando de Bras d'Asse em direção a… (Fugiu-me agora o nome, mas creio que seja Escoublon.) Ao se deparar com ele, o homem, que já parecia estar muito cansado, pediu-lhe que o levasse na garupa, ao que ele respondeu simplesmente acelerando o passo. Esse peixeiro integrava, meia hora antes, o grupo que rodeava Jacquin Labarre, e contara o desagradável encontro que tivera de manhã aos que se achavam na Croix-de-Colbas. Assim, do lugar em que estava fez um sinal imperceptível ao taberneiro que, então, aproximou-se. Em seguida, trocaram algumas palavras em voz baixa. Entretanto, o desconhecido pareceu mergulhado em suas reflexões.

O taberneiro voltou para a lareira e disse ao forasteiro, pousando-lhe bruscamente a mão no ombro:

— Trate de sair agora daqui.

O homem voltou-se e respondeu com calma:

— Ah! Também já sabe?…

— Sei.

— Já me rejeitaram em outra estalagem…

— E está sendo expulso desta também.

— Mas para onde quer que eu vá?

— Para qualquer outro lugar.

O desconhecido pegou o cajado, a mochila e saiu.

Quando ele saiu, vários rapazes que o tinham seguido desde a Croix-de-Colbas, e que pareciam estar à espera dele, atiraram-lhe pedras. O homem voltou-se com raiva e ameaçou com o cajado, então a garotada fugiu como uma revoada de pássaros.

Continuando a caminhar, passou pela frente da cadeia. Da porta pendia uma corrente de ferro que fazia tocar uma sineta. Ele puxou-a.

Abriu-se uma portinhola.

— Senhor porteiro — disse ele, tirando respeitosamente o boné —, poderia abrir-me a porta e dar-me pousada por esta noite?

Uma voz respondeu:

— Uma cadeia não é uma estalagem. Faça com que o prendam e será servido.

Em seguida, fechou a portinhola.

Prosseguindo, meteu-se por uma rua cheia de jardins, alguns dos quais fechados apenas por sebes, o que dava um ar de alegria à rua. Entre os jardins e as sebes, ele notou uma casinha de um único andar, em cuja janela se via luz. Espreitou pela janela, como fizera na taberna. Era um grande quarto, com as paredes caiadas. De um lado, uma cama drapeada de chita estampada e um berço. Em uma das paredes, uma espingarda de dois canos pendurada e algumas cadeiras de madeira. No meio do quarto, sobre uma mesa, já posta, estava um candeeiro de latão iluminando a toalha muito branca, mas grosseira, e uma vasilha de caldos da qual saía muito vapor; a luz do candeeiro fazia também brilhar como prata um canjirão de estanho cheio de vinho. À mesa estavam sentados um homem de mais ou menos quarenta anos, com aspecto jovial e alegre, e que fazia pular sobre os joelhos uma criancinha. Ao lado dele, uma mulher, muito moça ainda, amamentando outra criança. O pai e a criança riam bastante, a mãe sorria.

O desconhecido demorou-se por um momento contemplando aquele espetáculo agradável e consolador. O que se passava em seu espírito? Só ele poderia dizer. Pensava, provavelmente, que uma casa tão alegre devia ser hospitaleira, e que onde reinava tanta felicidade acharia, talvez, alguma compaixão.

Bateu bem de leve no vidro.

Não o ouviram.

Bateu pela segunda vez. Então, ouviu a mulher dizer:

— Meu amor, acho que estão batendo.

— Não ouvi nada — respondeu o marido.

O homem bateu uma terceira vez.

O marido levantou-se, pegou o candeeiro, dirigiu-se para a porta e abriu-a.

Era um homem de elevada estatura, meio camponês, meio operário. Tinha um grande avental de couro que lhe chegava até o ombro esquerdo e no qual faziam volume um martelo, um lenço vermelho, um frasco de pólvora para caça, toda sorte de objetos presos à cintura como se estivessem em um bolso. Com postura altiva, inclinava a cabeça para trás. A camisa, desabotoada e voltada para baixo, deixava ver um pescoço taurino, branco e nu. Tinha sobrancelhas densas, barba comprida, olhos

à flor do rosto e, além de tudo isso, o aspecto de quem está em casa, o que é uma coisa inexplicável.

— Peço-lhe que me desculpe, senhor — disse o desconhecido —, mas, se eu lhe pagar, poderia dar-me um prato de sopa e um canto para dormir, na barraca que está no jardim? Diga-me, é possível? Repito: irei pagar.

— Quem é você? — perguntou o dono da casa.

O homem respondeu:

— Venho de Puy-Moisson. Caminhei toda a noite, andei doze léguas. É possível? Posso pagar.

— Não me recusaria — disse o camponês — a dar pousada a uma pessoa confiável que a quisesse pagar. Mas por que não vai para a estalagem?

— Não há mais lugar.

— O quê! Isso não é possível. Hoje não é dia de feira nem de mercado. Foi à casa do Labarre?

— Fui, sim, senhor.

— E então?

— Não sei por quê, mas não me quis hospedar.

— Não foi à rua de Chaffaut?

O embaraço do forasteiro aumentou. Ele balbuciou:

— Também não me quiseram dar pousada.

O rosto do dono da casa assumiu expressão de desconfiança. Ele observou novamente o desconhecido de alto a baixo e, de repente, falou com uma espécie de estremecimento:

— Não será então você o tal homem?!…

E lançando um novo olhar para o desconhecido, recuou três passos, pôs o candeeiro em cima da mesa e foi buscar a espingarda que estava pendurada na parede.

Entretanto, ouvindo as palavras *Não será então você o tal homem?*, a mulher levantou-se, pegou as duas crianças pelos braços e escondeu-se precipitadamente atrás do marido, olhando para o desconhecido com espanto, a garganta fechada, os olhos assustados e murmurando em voz baixa:

— *Tso-maraude*.[1]

Isso tudo passou-se em menos tempo do que o necessário para o dizer. O dono da casa, depois de examinar por alguns instantes o homem como se examinasse uma víbora, dirigiu-se de novo à porta e disse:

— Vá-se embora!

— Por caridade — disse o homem —, dê-me ao menos um pouco d'água!

— Dou um tiro! — retrucou o camponês.

Em seguida, fechou violentamente a porta, da qual o desconhecido ouviu correrem os ferrolhos. Daí a um instante viu fechar-se, por dentro, a janela, e ouviu ainda o ruído de uma tranca de ferro.

A noite continuava a cair, e sentia-se soprar o vento frio dos Alpes. À luz do crepúsculo, o desconhecido percebeu, num dos jardins que margeiam a rua, uma espécie de cabana que lhe pareceu feita de feixes de feno. Saltou resolutamente uma cerca de madeira para entrar no jardim. Aproximou-se da cabana, cuja porta era apenas uma abertura muito baixa, semelhante aos abrigos que os cantoneiros constroem na beira da estrada. Pensou, sem dúvida, que era a cabana de um cantoneiro; sofria de fome e frio. Resignou-se da fome, mas ao menos tinha ali um abrigo contra o frio. Esse tipo de habitação não está nunca ocupada de noite. Deitou-se de bruços e entrou na cabana, onde achou calor e uma cama de palha. Permaneceu deitado na palha durante algum tempo sem conseguir se mexer, de tão cansado que estava. Depois, como a mochila lhe incomodava as costas e, em contrapartida, poderia servir-lhe de travesseiro, ele começou a soltar uma das correias. Nesse momento, escutou um latido feroz, ergueu a vista e viu desenhar-se na sombra, à entrada da cabana, a enorme cabeça de um cão de guarda.

Estava em uma casinha de cachorro.

O desconhecido era vigoroso e destemido; para se proteger, pegou o cajado, fez da mochila um escudo e saiu da casinha como pôde, mas não sem deixar para trás alguns retalhos dos seus farrapos.

Saiu igualmente do jardim, mas recuando, obrigado, para que o cachorro continuasse a distância, a utilizar como recurso uma manobra com o cajado, a qual os mestres nesse gênero de esgrima chamam de *rose couverte*.

Quando conseguiu, não sem custo, sair do jardim e se viu na rua, só, sem abrigo, expulso até da miserável cabana, em vez de sentar-se, deixou-se cair sobre uma pedra. E parece que quem passava naquela ocasião o ouviu dizer:

— Sou ainda menos que um cão!

Depois, levantou-se, continuou a caminhar e saiu da cidade, esperando achar alguma árvore oca, ou algum moinho abandonado, no qual pudesse se recolher.

Caminhou assim por algum tempo, sempre de cabeça baixa. Quando se sentiu longe de toda habitação humana, ergueu a vista e observou ao redor. Ele estava em um campo; tinha à sua frente uma daquelas colinas baixas cobertas de restolho de palha, que depois da colheita pareciam cabeças raspadas.

O horizonte estava mergulhado na escuridão, não somente por causa das sombras da noite, mas, sim, das nuvens muito baixas, que pareciam apoiar-se na

própria colina e se elevavam ocupando todo o céu. No entanto, como a lua ainda ia se levantar e até então pairava no zênite um resto de claridade crepuscular, as nuvens formavam, no alto do céu, uma espécie de abóbada esbranquiçada de onde caía sobre a terra um clarão.

Portanto, a terra estava mais iluminada que o céu, o que causa um efeito particularmente sinistro, e a colina, de contorno pobre e falhado, desenhava-se de modo confuso e sem brilho sobre o horizonte sombrio. Todo esse conjunto era medonho, pequeno, lúgubre, limitado. Tanto no campo quanto na colina não havia nada senão uma árvore disforme que se contorcia de medo a alguns passos do viajante.

Esse homem estava, evidentemente, muito longe de ter os delicados hábitos da inteligência e do espírito, que fazem com que alguém se sensibilize com os aspectos misteriosos das coisas; no entanto, havia naquele céu, naquela colina, naquela planície e naquela árvore algo tão profundamente desolador que, após um momento de imobilidade e de sonho, ele de repente recuou. Há instantes em que a natureza nos parece hostil.

Ele refez seus passos. As portas de Digne estavam fechadas. Digne, que resistiu a vários ataques durante as guerras religiosas, em 1815 ainda estava rodeada de muralhas, flanqueadas de torres quadrangulares, que tempos depois foram demolidas. Ele achou uma brecha e entrou na cidade.

Suspeitava que fossem mais ou menos oito horas da noite. Como não conhecia as ruas, começou, como da primeira vez, a andar a esmo.

Assim, chegou à prefeitura e depois ao seminário. Ao passar pela praça da catedral, mostrou o punho fechado para a igreja.

Há em um canto dessa praça uma tipografia, na qual foram impressas pela primeira vez as proclamações do imperador e da Guarda Imperial ao Exército, trazidas da ilha de Elba e ditadas pelo próprio Napoleão.

Exausto de cansaço e já sem qualquer esperança, deitou-se no banco de pedra que fica próximo à porta da tipografia.

Nesse momento, saía da igreja uma senhora idosa, que o viu estirado na sombra.

— Que está fazendo aí, meu amigo?

Ele respondeu com maus modos e com raiva:

— Como a senhora bem pode ver, estou deitado.

A bondosa senhora, de fato muito digna de ser assim considerada, era a marquesa de R.

— Nesse banco? — tornou ela.

— Por dezenove anos tive uma cama de pau, agora tenho uma de pedra.

— Foi soldado?

— Fui soldado, sim, minha senhora.

— Por que não vai para a estalagem?

— Porque não tenho dinheiro.

— Valha-me Deus! Também não tenho comigo mais que quatro soldos.

— Aceito sempre qualquer coisa.

O homem pegou o dinheiro e a marquesa de R. continuou:

— Mas não consegue ir para a estalagem com tão pouco. Já foi lá pedir agasalho? É impossível que possa ficar aqui toda a noite. Tem, sem dúvida, frio e fome. Pode ser que o recolham por caridade.

— Já bati em todas as portas.

— E então?

— Em todas me enxotaram.

A boa senhora tocou-lhe então no braço e indicou-lhe uma casinha baixa, situada no lado oposto do largo, ao lado do palácio do bispo.

— O senhor — repetiu ela — já bateu em todas as portas?

— Em todas.

— E também naquela?

— Não.

— Então faça isso.

II

A prudência aconselhada à sabedoria

Naquela noite, o senhor bispo de Digne, depois do seu passeio pela cidade, ficou até muito tarde em seu quarto, por estar muito ocupado com um grande estudo sobre os *Deveres*, o qual infelizmente ficou inacabado. Investigava cuidadosamente tudo o que os padres e os doutores da Igreja haviam dito sobre essa densa matéria. Seu livro estava dividido em duas partes: em primeiro lugar, os deveres de todos; em segundo, os deveres de cada um segundo a classe à qual pertence. Os deveres de todos são os mais importantes e são divididos em quatro. São Mateus os indica:

deveres para com Deus (Mt VI); deveres para consigo mesmo (Mt V, 29, 30); deveres para com o próximo (Mt VII, 12); e deveres para com as criaturas (Mt VI, 20, 25). Quanto aos outros deveres, o bispo os encontrou indicados e prescritos em outros lugares: para os soberanos e súditos, na Epístola aos Romanos; para os magistrados, as esposas, as mães e para os jovens, em são Pedro; para os maridos, os pais, as crianças e os empregados, na Epístola aos Efésios; para os fiéis, na Epístola aos Hebreus; para as virgens, na Epístola aos Coríntios. Ele fazia laboriosamente de todas essas prescrições um conjunto harmônico que gostava de apresentar às almas. Às oito horas ainda estava trabalhando, escrevendo muito incomodamente em pequenas tiras de papel, com um livro muito volumoso aberto sobre os joelhos. Foi assim que a sra. Magloire o encontrou ao entrar no quarto, pois, segundo o costume, ia buscar a prata no armariozinho junto do leito. Um momento depois, calculando o bispo que já se acharia servida a mesa e que sua irmã o estaria esperando, fechou o livro, levantou-se e encaminhou-se para a sala de jantar.

Essa sala, como já dissemos, tinha uma porta para a rua e uma janela para o jardim.

De fato, a sra. Magloire havia acabado de pôr a ceia na mesa.

Já livre de todo o serviço, ela conversava com a srta. Baptistine.

Sobre a mesa, que estava próxima à lareira, em que brilhava com esplendor o fogo, via-se um candeeiro.

Facilmente se pode imaginar o aspecto daquelas duas mulheres, ambas com mais de sessenta anos: a sra. Magloire, baixa, gorda e enérgica; a srta. Baptistine, doce, magra e frágil, um pouco mais alta que seu irmão, com um vestido de seda castanho-avermelhado, cor muito na moda em 1806, que ela comprara nessa época em Paris e ainda durava. Para empregar uma expressão vulgar, que tem o mérito de dizer, com apenas uma palavra, uma ideia que uma página dificilmente seria suficiente para expressar, a sra. Magloire tinha uma aparência de *caipira* e a srta. Baptistine de *cortesã*. A sra. Magloire usava touca branca, uma cruzinha de ouro no pescoço, única joia que havia na casa, um lenço muito branco saindo de um vestido preto, de mangas largas e curtas, um avental de algodão xadrez vermelho e verde, amarrado à cintura por uma fita também verde, com uma peça semelhante a um corpete presa em cada um dos dois cantos de cima por um alfinete, sapatos rústicos e meias amarelas, como as mulheres de Marselha. O vestido da srta. Baptistine era cortado segundo os padrões de 1806: blusa curta, bainhas estreitas, mangas estufadas, com presilhas e botões. Ela escondia os cabelos grisalhos sob uma peruca encaracolada *à l'enfant*. A sra. Magloire tinha um ar de pessoa inteligente, viva e bondosa. Os dois cantos da boca erguidos de modo desigual e o lábio superior, mais

grosso que o inferior, davam-lhe um quê de teimosia e arrogância. A tal ponto que quando o bispo se calava, ela costumava falar com ele resolutamente, com um misto de respeito e liberdade; porém, bastava que ele falasse algo para que ela o obedecesse humildemente, como a srta. Baptistine, que quase nem falava, limitando-se a obedecer e agradar. Mesmo quando ela era moça, não tinha beleza; tinha grandes olhos azuis, à flor do rosto, e um nariz comprido e arqueado; mas todo o seu aspecto e sua personalidade, como já havíamos dito de início, inspiravam bondade inefável. Ela sempre foi predestinada à mansidão, mas a fé, a caridade e a esperança, essas três virtudes que abrasam docemente a alma, haviam elevado, pouco a pouco, essa virtude até a santidade. A natureza não fez dela mais que um cordeiro; a religião transformou-a num anjo. Pobre mulher! Doce recordação desaparecida! A srta. Baptistine contou depois tantas vezes o que se passou naquela noite no palácio do bispo que muitas pessoas, ainda hoje vivas, se recordam de todos os pormenores da narração.

No momento em que o bispo entrou, a sra. Magloire estava falando com alguma vivacidade. Contava à *senhorita* qualquer assunto muito familiar, ao qual o bispo tinha se acostumado. Falava acerca da porta da rua.

Parece que, tendo ido fazer algumas compras para a ceia, a sra. Magloire ouviu contarem coisas extraordinárias em diferentes lugares. Falava-se de um desconhecido de má fama. Diziam que um vagabundo suspeito havia chegado à cidade, que devia estar oculto em alguma parte, e que era possível ter encontro desagradável quem naquela noite se recolhesse tarde; que a polícia havia feito errado, sabendo que o prefeito e o *maire* não se gostavam, de tal modo que permitiam certos acontecimentos só para prejudicarem um ao outro; que a gente prudente devia se proteger à revelia da própria polícia, além de tomar os devidos cuidados de *fechar e aferrolhar bem as portas de casa*.

A sra. Magloire acentuou muito essas palavras, mas o bispo, que vinha do seu quarto, onde sentia frio, sentou-se na frente do fogo para aquecer-se e se pôs, em seguida, a pensar em outras coisas. Ele nem sequer se deu conta das palavras de efeito que a sra. Magloire jogou no ar e que, depois, as repetiu. Então, a srta. Baptistine, querendo satisfazer a aia, sem desagradar ao irmão, arriscou-se a dizer timidamente:

— Ouviu, meu irmão, isso que a sra. Magloire disse?

— Ouvi, vagamente, alguma coisa — respondeu o bispo.

Depois, voltando um pouco a cadeira, colocou as mãos sobre os joelhos, ergueu para a velha criada o rosto, cordial e facilmente alegre, que o fogo iluminava, e acrescentou:

— Vejamos. O que é? O que está acontecendo? Estamos ameaçados de algum grande perigo?

A sra. Magloire repetiu então a história, exagerando-a um pouco, sem se dar conta. Segundo ela disse, parece que um boêmio, um vagabundo de pé descalço, esfarrapado, uma espécie de mendigo perigoso, estava nesse momento pela cidade; que já havia aparecido no albergue de Jacquin Labarre, que não o quis acolher; que o tinham visto no Boulevard Gassendi e depois percorrendo as ruas, já de noite. Um homem de mochila e cajado; uma figura medonha.

— Tem certeza?! — disse o bispo.

Essa condescendência em a interrogar animou a sra. Magloire, e pareceu-lhe que o bispo não estava muito longe de se assustar; portanto, prosseguiu com ar triunfante:

— É como lhe digo, Excelência. Haverá alguma desgraça esta noite na cidade. Toda a gente o diz. Além do mais, era de se esperar, com a polícia que temos (repetição inútil). Viver entre montanhas, e nem ao menos haver lampiões que iluminem as ruas de noite! Quando se sai à rua é tudo escuro como boca de lobo. Eu lhe digo, Excelência, assim como também o fez a senhorita.

— Eu — interrompeu a srta. Baptistine — não digo nada. O que meu irmão faz é sempre bem feito.

A sra. Magloire continuou, como se não tivesse ouvido o protesto:

— Estávamos dizendo que esta casa é muito desprotegida, e que se Sua Excelência o permitisse, eu iria dizer ao Paulin Musebois, o serralheiro, que viesse pôr na porta os ferrolhos que tinha dantes, e que estão todos ali guardados… Em um instante. E digo que são necessários os ferrolhos, ainda que não seja senão por esta noite; porque não há nada pior do que uma porta fechada só com a tranqueta, e que pode ser aberta pela parte de fora, por quem quiser; além do mais, com o costume que tem Sua Excelência de mandar entrar todos que batem, mesmo no meio da noite! Valha-me Deus! É possível entrar nesta casa sem sequer pedir licença.

Nesse momento, bateram violentamente na porta.

— Entre — disse o bispo.

III

Heroicidade da obediência passiva

Abriu-se a porta.

Mas abriu-se de par em par, como se alguém a empurrasse com energia e resolução.

Entrou um homem.

Esse homem nós já conhecemos. É o forasteiro que vimos há pouco, caminhando sem rumo em busca de pousada.

Entrou, deu um passo e parou, deixando atrás de si a porta aberta. Trazia a mochila às costas, o cajado na mão e, nos olhos, uma expressão rude, atrevida, fatigada e violenta. Era, de fato, uma aparição sinistra.

A sra. Magloire nem sequer teve energia para soltar um grito. Ficou boquiaberta e trêmula.

A irmã do bispo voltou-se, viu o homem que tinha entrado e quase se levantou da cadeira, impelida pelo susto; depois olhou de relance vagarosamente para o lado do fogão, encarou o irmão e logo sua fisionomia ganhou um ar calmo e sereno.

O bispo observava o homem com grande tranquilidade.

Quando ele estava abrindo a boca para perguntar ao recém-chegado, sem dúvida, o que desejava, o homem apoiou-se com as duas mãos sobre o cajado, olhou para o velho e para as duas mulheres e, sem esperar que o bispo falasse, disse em voz alta:

— Chamo-me Jean Valjean, e sou um grilheta. Estive dezenove anos nas galés; fui solto há quatro dias e vou para Pontarlier, que é o meu destino. Há quatro dias não paro, desde que saí de Toulon; hoje andei doze léguas a pé. Cheguei de tarde a esta terra e fui para uma estalagem, mas puseram-me para fora por causa do meu passaporte amarelo, que eu tive de apresentar na administração; não podia ser de outro modo. Fui, então, a outra estalagem, na qual disseram-me o mesmo: "Vá-se embora"; ninguém me quis por perto. Fui à cadeia, e o porteiro não me quis abrir a porta. Recolhi-me em uma casinha de cachorro, mas o cão mordeu-me e expulsou-me como o faria um homem: pareceu-me que também sabia quem eu era. Fui para o campo com intenção de dormir à luz das estrelas, mas não havia sequer uma única no céu. Lembrei-me de que poderia chover, e de que não haveria ali Deus que impedisse a chuva de cair, então voltei para a cidade a fim de me abrigar no vão de uma porta. Ali adiante, na praça, achei um banco de pedra, no qual ia me deitar, quando uma mulher me disse que viesse bater à sua porta. Bati. Agora diga-me, o que é isto aqui? Se é estalagem, tenho dinheiro, o meu ajuste de contas: cento e nove francos e quinze soldos, que ganhei em dezenove anos pelo meu trabalho na prisão.

Pagarei o que for; que importa? Para que serve o dinheiro? Andei doze léguas, estou morto de cansaço e de fome. Posso ficar?

— Sra. Magloire — disse o bispo —, ponha mais um prato na mesa.

O homem deu mais três passos e aproximou-se do candeeiro que estava sobre a mesa:

— Veja bem — disse ele, como se não tivesse entendido bem o que o bispo dissera —, não é isso. O senhor entendeu? Eu lhe disse que sou um grilheta, que venho das galés. — E tirando do bolso um papel amarelo, desdobrou-o e mostrou-o ao bispo. — Aqui está meu passaporte; bem vê que é amarelo e serve para me fazer ser expulso de toda parte onde chego. Quer ler? Eu também sei ler, aprendi na prisão; lá dentro existe uma escola para aqueles que quiserem estudar. Ouça o que diz o passaporte:

> "Jean Valjean, ex-prisioneiro, natural de…", isto tanto faz, ser de uma parte como de outra…, "esteve dezenove anos nas galés; cinco pelo crime de roubo com arrombamento, quatorze por quatro tentativas de fuga. É homem muito perigoso".

Ora, aqui está. Todos me escorraçaram. O senhor vai mesmo acolher-me? Se isto é uma estalagem, quer dar-me de comer e um canto para me deitar? O senhor não tem aqui um estábulo?

— Sra. Magloire — disse o bispo —, ponha lençóis lavados na cama do oratório.

Já explicamos até onde chegava a obediência das duas mulheres.

A sra. Magloire saiu imediatamente para executar as ordens.

O bispo voltou-se para o recém-chegado:

— Sente-se e aqueça-se, meu senhor. Nós vamos cear daqui a pouco; enquanto isso, prepararemos sua cama.

Dessa vez o homem compreendeu a situação em que se achava. A expressão do rosto, até então sombria e rude, foi substituída pela da surpresa, da dúvida e da alegria, em grau extraordinário. Em seguida, começou a balbuciar como louco:

— Isso é verdade? Como assim? O senhor não vai me expulsar, mesmo eu sendo um ex-prisioneiro?! Trata-me por *senhor* quando todos me tratam por *tu*, quando me enxotam como um cachorro?! Desde o início pensei que o senhor me expulsaria, por isso disse logo quem sou. Que boa mulher, a que me indicou vir para cá! Terei o que comer e uma cama com lençóis, como toda a gente! Há dezenove anos que não

me deito em uma cama! Mas quer mesmo que eu fique?! Ainda há boa gente no mundo. Além disso, tenho dinheiro; pagarei bem. Queira desculpar-me, senhor estalajadeiro, mas como se chama? Pago tudo o que quiser. O senhor é um grande homem. O senhor é mesmo um estalajadeiro?

— Eu sou — disse o bispo — um pobre padre que mora aqui.

— Um padre! — tornou o homem. — E que bom padre! Então, não vai me pedir dinheiro? O senhor é um pároco, não é? É o pároco dessa grande igreja que fica aqui perto? Veja como sou muito burro! Nem havia reparado em seu barrete.

E, falando desse modo, pôs a mochila e o cajado num canto, guardou o passaporte no bolso e sentou-se. A srta. Baptistine o observava com doçura. Ele continuou:

— É muito humano, senhor pároco; não despreza a gente. Mas sendo o senhor tão bom padre, não quer que eu lhe pague?

— Não — disse o bispo —; guarde o seu dinheiro. Quanto tem? Não me disse cento e nove francos?

— E quinze soldos — acrescentou o homem.

— Cento e nove francos e quinze soldos! E que tempo levou para ganhá-los?

— Dezenove anos.

— Dezenove anos?!

O bispo suspirou profundamente.

O homem prosseguiu:

— Tenho ainda todo o meu dinheiro. Em quatro dias não gastei senão vinte e cinco soldos, que ganhei em Grasse ajudando a descarregar uns carros. Como o senhor é padre, vou dizer-lhe: há nas galés um capelão… Um dia também vi um bispo… a quem todos chamavam de Excelência. Era o bispo de Majore, em Marselha. Perdão, eu não sei falar nessas coisas, como o senhor bem percebe; bispo é um cura que governa os outros curas. Disse missa num altar no meio da prisão, e tinha na cabeça uma coisa de ouro, assim bicuda, que brilhava muito com o sol do meio-dia. Nós estávamos todos formados em fileira nos três lados da prisão, e na nossa frente a artilharia, com os canhões de morrão acesos. Não pudemos ver bem; ele falou, mas, como estava muito longe de nós, não ouvimos o que disse. Foi assim que eu vi o que era um bispo.

Enquanto o homem falava, dom Bienvenu foi fechar a porta, que havia ficado de todo aberta.

Em seguida, a sra. Magloire voltou, trazendo a comida.

— Sra. Magloire — disse o bispo —, ponha o prato o mais perto possível da lareira. — Depois, voltando-se para seu hóspede, acrescentou: — Nos Alpes é bem

difícil suportar o frio da noite. Está sentindo frio, meu senhor?

Cada vez que o bispo pronunciava a palavra *senhor*, com sua voz docemente grave e de boa companhia, o rosto do homem parecia iluminar-se. O tratamento de *senhor* a um ex-prisioneiro é como um copo d'água a um náufrago da *Medusa*. A ignomínia tem sede de consideração.

— Esse candeeiro está iluminando muito mal — disse o bispo.

A sra. Magloire, que entendeu, foi buscar em cima da lareira do quarto de dormir do bispo os dois castiçais de prata. Depois, colocou-os acesos na mesa.

— O senhor pároco é muito bom homem! Disse-lhe donde vinha e que era um desgraçado; e assim mesmo não me desprezou, recolheu-me em sua casa, e ainda por cima manda acender velas para mim!

O bispo, sentado junto dele, tocou-lhe a mão com delicadeza.

— O senhor não precisava dizer-me quem era — afirmou ele. — Esta casa não é minha, mas sim de Jesus Cristo; esta porta não pergunta àquele que entra como se chama, mas, sim, se padece. O senhor se enquadra neste caso: tem fome e sede; portanto, seja bem-vindo. E não me agradeça, não me diga que o recolho em minha casa; ninguém aqui está em sua casa senão aquele que precisa de asilo. Digo a todos que por aqui passam: o senhor está mais em sua casa do que eu mesmo. Tudo o que está aqui pertence ao senhor. Para que eu precisaria saber seu nome? Além disso, tem um que eu já sabia antes que me dissesse.

O homem mostrou-se muito admirado:

— Verdade? O senhor já sabia como me chamo?

— Sabia — respondeu o bispo —; chama-se meu irmão.

— Olhe, senhor pároco! — exclamou o homem — Quando entrei aqui tinha muita fome e muito frio, mas o senhor é tão bom que nem eu sei mais o que tenho; passou-me tudo.

O bispo encarou-o, dizendo-lhe:

— O senhor tem sofrido muito?

— Bastante! Andei de sotaina vermelha, com uma bola de ferro presa ao pé, dormi em tábuas duras, suportei calor, frio, fadiga, pauladas; arrastava a grilheta dobrada pela menor coisa, era metido no calabouço, às vezes por uma palavra, e, já se sabe, sempre acorrentado; nem sequer quando estava doente de cama tiravam-me as correntes. Os cães são mais felizes! Dezenove anos! E tenho quarenta e seis. No fim disso tudo, um passaporte amarelo. Isso é tudo.

— De fato — disse o bispo — o senhor saiu de um lugar de tristeza, mas escute: haverá mais alegria no céu pelo rosto debulhado em lágrimas de um pecador arrependido do que pela túnica branca de cem justos. Se o senhor saiu desse lugar

doloroso trazendo pensamentos de ódio e de cólera contra os homens, é digno de compaixão; mas se saiu com pensamento de benevolência, de doçura e de paz, então o senhor vale mais do que qualquer um de nós.

Enquanto conversavam, a sra. Magloire tinha posto a ceia na mesa: uma sopa feita com água, óleo, pão e sal, uma porção de toucinho, outra de carneiro, figos, queijo fresco e pão de centeio. Além disso, a criada adicionou ao que já era habitual uma garrafa de vinho velho de Mauves.

O rosto do bispo assumiu de repente a expressão de alegria própria das naturezas hospitaleiras.

— Vamos para a mesa — disse ele com vivacidade.

Como costumava fazer com todas as pessoas estranhas que ceavam em sua companhia, fez o ex-prisioneiro se sentar à sua direita. A srta. Baptistine, perfeitamente tranquila, e com a maior naturalidade, tomou o lugar à sua esquerda.

O bispo rezou o *Benedicite* e, depois, seguindo o costume, serviu ele mesmo a sopa. O homem começou logo a comer avidamente.

De repente, o bispo disse:

— Parece-me que falta alguma coisa na mesa.

De fato, a sra. Magloire havia colocado ali os três talheres necessários. Ora, como era de costume, quando o senhor bispo convidava alguém para cear, os seis talheres de prata eram postos. Tratava-se de uma ostentação inocente. Essa graciosa exibição de luxo naquela casa agradável e severa, que elevara a pobreza até a dignidade, era uma espécie de criancice encantadora.

A sra. Magloire, percebendo a observação, saiu sem dizer nada, e após algum momento já brilhavam sobre a toalha os outros três talheres reclamados pelo bispo, simetricamente colocados diante de cada um dos três convivas.

IV

Detalhes sobre as queijarias de Pontarlier

Agora, para darmos uma ideia do que se passou à mesa do bispo, o melhor que temos a fazer é transcrever aqui alguns trechos de uma carta da srta. Baptistine à sra.

De Boischevron, na qual a conversa do ex-prisioneiro com o bispo é contada com a mais ingênua minuciosidade.

...O nosso hóspede não dava atenção a ninguém; comia com a voracidade de um esfomeado. No entanto, falou no fim do jantar:

— Senhor pároco, isto tudo é bom demais para mim, mas preciso dizer-lhe que os carroceiros, que não me deixaram comer com eles, passam muito melhor do que o senhor.

Aqui para nós, essa observação deixou-nos um tanto escandalizados. Meu irmão respondeu-lhe:

— Mas eles ficam mais cansados do que eu.

— Não é por isso — replicou o homem —; é porque eles têm mais dinheiro. O senhor, bem se vê, é pobre; talvez nem seja pároco. Pois olhe, por exemplo, se Deus fosse justo, o senhor seria mais que pároco.

— Deus é mais do que justo — disse meu irmão.

Algum tempos depois, acrescentou:

— É para Pontarlier que o senhor vai, sr. Jean Valjean?

— Com itinerário obrigado.

Parece-me que foi isso o que o homem disse. Depois continuou:

— Tenho de me pôr a caminho antes de o sol nascer. É duro caminhar assim; se as noites são frias, os dias são quentes ao extremo.

— Pois o senhor vai para um lugar muito bom — retomou meu irmão. — Na época da revolução, ficando a minha família arruinada, refugiei-me, em princípio, no Franco-Condado, e ali vivi por bastante tempo do meu trabalho. Como me sobrava boa vontade, achei sem dificuldade em que me ocupar. Bastava escolher entre: fábricas de papel, relojoarias, serralherias, latoarias, alambiques, lagares, e não menos de vinte usinas siderúrgicas, como a de Lods, a de Châtillon, a de Audincourt e a de Beure, quatro das mais importantes…

Acho que não me engano, e que são estas as terras que meu irmão citou; depois, interrompendo-se, dirigiu-me a palavra:

— Cara irmã, não temos algum parente para aqueles lados?

— Tínhamos alguns — respondi —; e entre eles o sr. Lucenet, que era capitão dos Guarda-Barreiras de Pontarlier, no tempo do Antigo Regime.

— Sim, é verdade — tornou meu irmão —; mas em 93 não havia parentes; ninguém podia contar senão com os próprios braços, por isso

lancei-me ao trabalho. Há em Pontarlier, para onde vai o sr. Jean Valjean, uma indústria patriarcal e muito charmosa para quem trabalha lá. São as fábricas de queijo que chamam de *fruitières*.

Então meu irmão, enquanto dava de comer ao homem, explicou-lhe com o máximo de detalhes como eram as *fruitières* de Pontarlier, as quais estavam separadas em dois tipos: as *grandes granjas*, pertencentes aos ricos e nas quais há quarenta ou cinquenta vacas, possibilitam a produção de sete a oito mil queijos por verão; as *fruitières de associação*, pertencentes aos pobres ou camponeses das montanhas, que compartilham suas vacas, e repartem entre si toda a produção. Eles pagam a um queijeiro que chamam de *grurin*. Este recebe o leite dos associados três vezes por dia e marca as quantidades em medidas duplas. No final de abril o trabalho das queijarias começa; e nos meados de junho os queijeiros conduzem suas vacas para as montanhas.

O homem, à proporção que ia comendo ia se reanimando. Meu irmão ia-lhe fazendo beber do excelente vinho de Mauves, que ele mesmo não prova, por ser, segundo diz, muito caro; e ao mesmo tempo contava-lhe coisas, com aquele modo divertido que você conhece bem, e dirigindo-me, de vez em quando, algumas palavras graciosas. Ele retomou muito o ponto sobre o *grurin*, como se precisasse que o homem compreendesse, sem aconselhá-lo direta nem duramente, que isso seria um ótimo destino para ele. Houve uma coisa na qual reparei bastante. O homem que tínhamos à nossa mesa era o que já lhe disse. Pois meu irmão, não só durante o jantar, mas em todo o tempo que estiveram juntos antes de se recolherem, à exceção de algumas palavras sobre Jesus, quando ele entrou, não proferiu uma única frase que pudesse recordar ao homem o que tinha sido, nem o que meu próprio irmão era. Era, aparentemente, uma boa ocasião para fazer-lhe um sermão e sublinhar a posição do bispo em relação ao prisioneiro, para que pudesse, assim, deixar uma marca em sua passagem. Poderia até parecer para alguém que era o caso de, tendo esse infeliz nas mãos, aproveitar para alimentar-lhe ao mesmo tempo o corpo e o espírito, através de alguma repreensão e aconselhamento moral, ou mesmo por meio de certa comiseração que servisse de estímulo a um comportamento melhor no futuro. Meu irmão sequer lhe perguntou de onde era nem o que havia feito. Afinal, em sua história havia um crime, e meu irmão parecia evitar tudo o que pudesse fazer com que essas lembranças viessem à tona para aquele homem. Meu irmão prosseguiu dessa forma até que, em

certo momento, quando falava dos montanheses de Pontarlier, que possuem *um trabalho ameno próximo ao céu* e que, completou ele, *são felizes por serem inocentes*, ele parou de repente, achando que havia nesta última palavra que acabava de deixar escapar alguma coisa que pudesse ofender o homem. À força de refletir sobre isso, creio haver compreendido o que se passava no coração do meu irmão. Ele pensava, sem dúvida, que aquele homem chamado Jean Valjean devia ter uma enorme miséria sempre presente em seu espírito e que o melhor a fazer era distraí-lo e fazê-lo crer, mesmo que por um momento, que era uma pessoa como qualquer outra, estando ali com ele da forma mais corriqueira possível. Não é exatamente assim que se compreende a caridade? Não há, boa senhora, algo de verdadeiramente evangélico nessa delicadeza que se abstém do sermão, de moral e da alusão? E a melhor expressão da piedade não é quando um homem tem algum ponto doloroso e não o fazemos tocá-lo de modo algum? Creio que resida aí o pensamento íntimo do meu irmão. Em todo caso, o que posso assegurar é que se realmente tinha essas ideias, não as expôs, nem mesmo para mim; conservou, do princípio ao fim, o homem que é em todas as noites, e jantou com Jean Valjean com o mesmo ar e com a mesma cerimônia com que teria jantado com o sr. Gédéon, o preboste, ou com o vigário da freguesia.

Estávamos já comendo figos como sobremesa quando bateram à porta. Era a sra. Gerbaud, com o filhinho nos braços. Meu irmão beijou a criança e pediu-me emprestados quinze soldos, que eu tinha comigo, para dar àquela senhora. O homem não deu grande atenção a isso; permaneceu calado e parecia muito cansado. Assim que a pobre sra. Gerbaud saiu, meu irmão deu graças a Deus e, depois, voltou-se para o homem, dizendo-lhe:

— O senhor deve estar precisando se deitar.

A sra. Magloire tirou a mesa em um instante. Compreendendo que devíamos deixar o hóspede à vontade, retiramo-nos ambas para nossos quartos. Todavia, um instante depois, mandei a sra. Magloire colocar sobre a cama do pobre homem uma pele de cabrito-montês da Floresta Negra, que eu tinha no meu quarto. As noites são glaciais, e aquelas peles aquecem bastante. Uma pena que esteja tão velha e que já nem tenha pelo para cair. Foi comprada por meu irmão, no tempo em que esteve na Alemanha, em Tottlingen, próximo das nascentes do Danúbio, assim como a faquinha de cabo de marfim que uso à mesa.

A sra. Magloire logo subiu de volta, e fomos ambas rezar no quarto onde se estende a roupa. Em seguida, sem dizermos mais coisa alguma, recolhemo-nos aos nossos quartos.

V

Tranquilidade

Dom Bienvenu, depois de ter dado as boas-noites à irmã, pegou os dois castiçais de prata que estavam em cima da mesa; ficou com um e entregou o outro ao seu hóspede, dizendo-lhe:

— Senhor, vou conduzi-lo ao seu quarto.

O homem seguiu-o.

Como se sabe, pelo que foi dito acima, a casa era dividida de modo que para se passar ao oratório, ou para se sair dele, era indispensável atravessar o quarto de dormir do bispo.

No momento em que o bispo e o hóspede atravessavam esse quarto, a criada estava guardando a prata no armariozinho que havia à cabeceira do leito. Era o último trabalho que fazia todas as noites antes de se deitar.

O bispo conduziu o hóspede até a cama que lhe fora preparada com roupa lavada. O homem pôs o castiçal sobre uma mesinha.

— Vamos — disse-lhe o bispo —, tenha uma noite sossegada. Pela manhã, antes de partir, há de tomar um copo de leite quente das nossas vacas.

— Muito obrigado, senhor padre — respondeu Jean Valjean.

Apesar de ter pronunciado essas palavras de forma extremamente pacífica, fez de repente e sem transição um movimento tão extraordinário que teria gelado de susto as duas santas mulheres, se o tivessem presenciado. Ainda hoje nos é difícil achar explicação clara do que se passou com ele naquele momento. Ele queria, por acaso, fazer uma advertência ou uma ameaça? Teria obedecido simplesmente a uma espécie de impulso instintivo, e para ele mesmo obscuro? O fato é que se voltou de repente para o velho, cruzou os braços e, fitando nele um olhar selvagem, exclamou com voz rouca:

— Então quer dizer que além de me acolher em sua casa o senhor ainda me dá uma cama quase ao pé da sua?!

E, interrompendo-se, acrescentou com um riso em que havia algo de monstruoso:

— Já pensou bem? Quem lhe assegura que eu não seja um assassino?

— Isso fica a cargo de Deus — respondeu o bispo.

Depois, com a maior gravidade, e mexendo os lábios, como quem reza ou fala consigo mesmo, ergueu dois dedos da mão direita e lançou a bênção ao hóspede, que não se curvou. Em seguida, sem olhar para trás, entrou em seu quarto.

Sempre que havia algum hóspede na alcova, corria dos dois lados da casa uma grande cortina de sarja que ocultava inteiramente o oratório. O bispo, ao passar diante da cortina, ajoelhou-se e fez uma breve oração.

Pouco depois, estava passeando no jardim, contemplando, sonhando e com a alma entregue aos grandiosos mistérios que Deus patenteia de noite aos olhos que se conservam abertos.

Quanto ao hóspede, estava realmente tão cansado que nem sequer aproveitou os lençóis lavados. Apagou a luz com um sopro das ventas, como costumam fazer os prisioneiros, deitou-se, mesmo vestido, sobre a cama e logo adormeceu profundamente.

Dava meia-noite quando o bispo terminou seu passeio pelo jardim e voltou para o quarto.

Alguns minutos depois, todos dormiam na casinha episcopal.

VI

Jean Valjean

No meio da noite, Jean Valjean acordou.

Jean Valjean pertencia a uma pobre família de camponeses de Brie. Na infância, não aprendeu a ler. Quando já estava na idade adulta, tornou-se podador em Faverolles. Sua mãe chamava-se Jeanne Mathieu e seu pai, Jean Valjean, ou Vlajean, provavelmente contração de *voilà Jean*.

Jean Valjean era dotado de caráter pensativo, sem que fosse triste, o que é próprio das naturezas afetuosas. Entretanto, no geral não havia nada tão indolente e tão insignificante, pelo menos aparentemente, quanto Jean Valjean. Perdera os pais quando ainda era muito criança. A mãe fora vítima de uma febre de leite mal tratada; e o pai, podador como ele, morreu depois de cair de uma árvore. Nada mais restou a Jean Valjean senão uma irmã muito mais velha do que ele, viúva e com sete filhos de ambos os sexos. Essa irmã criou Jean Valjean, e, enquanto era casada, agasalhou e sustentou o irmão. Mas o marido morreu. O mais velho de seus filhos tinha oito anos e o mais novo apenas um. Naquela época, Jean Valjean havia acabado de completar vinte e cinco anos. Assumiu, então, o papel de pai e, por sua vez, passou a amparar a irmã que o havia criado. Essa mudança operou-se com a maior simplicidade, como se fosse um dever, e até como uma questão de honra para Jean Valjean. A sua mocidade assim se consumia num trabalho rude e mal retribuído. Nunca tinha conhecido nenhuma afeição amorosa; nunca teve tempo para gastar com amores.

Voltava exausto para casa, à noite, e tomava sua sopa sem proferir uma só palavra. Sua irmã, Jeanne, enquanto ele comia, tirava-lhe muitas vezes da tigela a melhor parte da ceia, isto é, um pedaço de carne, de toucinho ou um olho de couve, para dar a algum dos filhos. Ele continuava comendo, curvado sobre a mesa, com a cabeça quase tocando a comida, e com os cabelos muito compridos caindo em volta da tigela e ocultando-lhe os olhos, sem se opor à subtração e até fingindo que não a notava.

Havia em Faverolles, pouco distante da habitação dos Valjean, e do outro lado do caminho, uma rendeira chamada Marie-Claude; os filhos de Jeanne Valjean, sempre esfomeados, iam algumas vezes pedir, em nome da mãe, uma porção de leite a Marie-Claude, e bebiam-no atrás de uma sebe, ou no primeiro canto que encontravam, disputando entre si a tigela, e com tanta pressa que as meninas, principalmente, o entornavam todo no avental; se a mãe tivesse conhecimento desses pequenos abusos de confiança, castigaria severamente os delinquentes. Jean Valjean, rude e rabugento, pagava o leite a Marie-Claude, sem que sua irmã o soubesse. Assim, as crianças saíam impunes.

No tempo das podas das árvores, Jean Valjean ganhava dezoito soldos por dia. Depois dessa temporada, trabalhava como ceifeiro, como boiadeiro, como servente de pedreiro, como carregador. Em suma, era homem para qualquer trabalho. Fazia o que podia. A irmã, por sua vez, trabalhava também. Mas o que poderia fazer com sete filhos? Era um triste grupo, que a miséria foi, pouco a pouco, envolvendo e apertando em seus braços descarnados. Houve, certa vez, um inverno extremamente

rigoroso em que Jean Valjean não conseguiu trabalho. A família não teve o que comer. Sete crianças sem pão!

Num domingo à noite, Maubert Isabeau, dono de uma padaria no largo da igreja em Faverolles, preparava-se para se deitar, quando ouviu uma forte pancada na vitrine da loja. Correu para conferir o que era, e chegou ainda a tempo de ver um braço, passando através de um buraco feito por um soco no vidro, pegar um pão e levá-lo. Isabeau saiu apressadamente e correu atrás do ladrão, que corria quanto lhe permitiam as pernas, conseguiu alcançá-lo e deteve-o. O ladrão havia largado o pão no caminho, mas tinha ainda o braço ensanguentado. Era Jean Valjean.

Esse fato ocorreu em 1795. Jean Valjean foi levado aos tribunais daquele tempo "pelo crime de arrombamento e roubo noturno numa casa habitada". Ele possuía uma espingarda, de que se servia como grande atirador, caçando, por vezes, em lugares proibidos, o que lhe foi muito prejudicial. Contra os caçadores furtivos há um preconceito, até certo ponto legítimo; é que o caçador furtivo, bem como o contrabandista, está a um passo do salteador. No entanto, diga-se de passagem, há um abismo separando essa classe de homens e o assassino hediondo das cidades. O caçador furtivo vive nas matas; o contrabandista nas montanhas, ou no mar. As cidades produzem homens ferozes, porque os corrompem. A montanha, o mar e a mata produzem homens selvagens; desenvolvem-lhes o lado feroz, mas muitas vezes sem lhes destruir o lado humano.

Jean Valjean foi declarado culpado. Os termos do código eram formais. Na nossa civilização existem momentos muito terríveis: os momentos em que a penalidade prenuncia um naufrágio. Que minuto fúnebre esse em que a sociedade se afasta e devora com seu irreparável abandono um ser pensante! Jean Valjean foi condenado a cinco anos de galés.

No dia 22 de abril de 1796, foi anunciada em Paris a vitória de Montenotte, graças ao general do Exército da Itália; vitória que a mensagem do Diretório ao Conselho dos Quinhentos, datada de 2 floreal do ano IV, chama de Buona-Parte. No mesmo dia, prenderam em Bicètre uma grande quantidade de pessoas. Jean Valjean era uma delas. Um velho porteiro da prisão, que tem hoje perto de noventa anos, lembra-se ainda perfeitamente do desgraçado que foi acorrentado na extremidade da quarta fileira, no ângulo norte do pátio. Estava, como os demais, sentado no chão, e parecia não compreender a situação em que se achava, senão que era horrível. É provável que entrevisse também, através das ideias vagas de um pobre homem inteiramente ignorante, alguma coisa de excessivo. Enquanto por detrás da cabeça lhe arrebitavam a cavilha da gargalheira, com fortes marteladas, chorava copiosamente, com lágrimas que quase o sufocavam e o impediam de falar, de tal

modo que só conseguia dizer, de tempos em tempos: "Eu era podador em Faverolles!…" Depois, sempre soluçando, levantava e baixava gradualmente a mão direita, sete vezes, como se tocasse sucessivamente em sete cabeças de alturas diferentes; e por esse gesto se adivinhava que o crime que cometera fora para vestir e sustentar sete crianças.

Partiu para Toulon, onde chegou ao cabo de vinte e sete dias de jornada, numa carroça e com a corrente ao pescoço. Chegando a Toulon vestiram-lhe a sotaina vermelha; desvaneceu-se tudo o que até então constituía sua vida; até o próprio nome, que foi substituído pelo nº 24.601. Como ficaram sua irmã e os sete filhos? Quem se ocupa dessas coisas? O que acontece a um punhado de folhas de uma pequena árvore cortada pelo pé?

É sempre a mesma história. Aqueles pobres seres, aquelas criaturas de Deus, a partir de então sem apoio, sem guia, sem abrigo, foram entregues à própria sorte, quem sabe? Cada um a seu modo, talvez, afundando pouco a pouco na fria bruma que engole os destinos solitários, mornas trevas onde tantas cabeças desafortunadas desaparecem sucessivamente na sombria marcha do gênero humano. Eles deixaram a própria terra. O campanário daquela que tinha sido sua aldeia esqueceu-os; o marco que designava o limite daquela que havia sido sua pequena seara esquecera-se pelo mesmo modo; ao cabo de alguns anos de permanência nas galés, o próprio Jean Valjean, depois de alguns anos de prisão, esqueceu-se deles. No coração em que houvera uma úlcera, havia agora uma cicatriz; e isso é tudo. Durante todo o tempo que esteve em Toulon, só ouviu falar de sua irmã uma vez. Foi, segundo me parece, no fim do quarto ano de cativeiro. Não me ocorre por quem lhe chegou a notícia; mas foi alguém que tinha visto a irmã, e que a conhecera na terra. Jeanne, segundo lhe disseram, estava em Paris e morava numa triste rua próxima à igreja de Saint-Sulpice, na rua Gindre; tinha em sua companhia apenas um filho, o mais novo. Onde estavam os outros seis? Talvez nem ela mesma o soubesse. Todas as manhãs, ia trabalhar em uma tipografia, na rua Sabot, nº 3, onde exercia a função de brochadeira e onde precisava estar às seis horas da manhã, o que, no inverno, significava chegar antes de o sol nascer. No edifício da tipografia havia uma escola para onde ela levava o rapazinho, que tinha sete anos; mas, como ela entrava no serviço às seis horas e a escola só abria às sete, a criança tinha de esperar uma hora no pátio, em pleno inverno, exposta ao tempo! Não consentiam que a criança entrasse na oficina porque, segundo diziam, atrapalhava o trabalho. Os operários viam todas as manhãs, quando entravam, o pobre pequeno sentado na calçada, morrendo de sono, e muitas vezes adormecido na sombra, acocorado e encostado em seu cesto de vime. Quando chovia, uma velhinha, que era porteira, tinha dó dele

e recolhia-o no seu cubículo, onde não havia mais do que uma cama pequena e pobre, uma roda de fiar e duas cadeiras de madeira; o menino dormia então ali num cantinho, aconchegando-se ao gato para amenizar o frio. Às sete horas, abria-se a escola e ele entrava. Eis o que disseram a Jean Valjean. Com isso, prenderam-lhe a atenção por um dia; foi um momento, um relâmpago, uma espécie de janela que de repente se abria sobre o destino dos entes a quem fora afeiçoado, mas que depois fechou-se novamente, e tudo desapareceu. Nunca mais ouviu falar deles, nunca mais os viu, nem tornarão a se encontrar no decurso desta dolorosa história.

Pelo fim do quarto ano encarcerado, chegou a Jean Valjean a sua vez de tentar fugir. Segundo o costume de tão triste lugar, foi ajudado pelos camaradas, e fugiu. Vagou pelos campos dois dias em liberdade, se é que se pode chamar de liberdade ver-se perseguido e ter de olhar para trás a cada momento, estremecendo ao menor ruído; ter, enfim, medo de tudo: da fumaça que saía de uma chaminé; do homem que via passar; do latido de um cachorro; do galopar de um cavalo; do barulho dos ponteiros de um relógio; da claridade do dia e da escuridão da noite; de um caminho; de um atalho; de uma moita; do próprio sono. Na noite do segundo dia, foi preso, sem que tivesse dormido um só instante e tendo ficado as trinta e seis horas sem comer coisa alguma. O tribunal marítimo condenou-o por esse delito ao aumento de três anos da pena, somando assim oito anos de prisão. No sexto ano, tocou-lhe de novo a oportunidade de fugir; aproveitou-a, mas não pôde consumar a fuga. Ouviu-se o tiro de artilharia que anunciava a hora de recolher; fez-se a chamada, mas Jean não respondeu; foi encontrado à noite pela ronda, escondido junto da quilha de um navio, que estava sendo construída. Descoberto, resistiu aos guardas, que afinal o prenderam. Evasão e rebelião. Esse fato, previsto pelo código especial, agravou-lhe a pena em mais cinco anos de galés, dos quais dois foram com corrente dupla. Treze anos. No décimo ano, voltou-lhe outra vez a chance de fuga; aproveitou-a, mas não obteve melhor êxito. Mais três anos por essa nova tentativa. Dezesseis anos. Enfim, segundo me parece, foi no décimo terceiro ano que ele, pela última vez, empenhou-se em escapar ao seu tormento; mas foi preso após quatro horas de ausência. Mais três anos por essas quatro horas. Dezenove anos. Em outubro de 1815, foi solto das galés, onde entrou em 1796, por ter partido um vidro e furtado um pão.

Abramos aqui um pequeno parêntese. É a segunda vez, nos seus estudos sobre a penalidade e sobre a condenação pela lei, que o autor deste livro encontra o roubo de um pão como ponto de partida dos desastres de um destino. Claude Gueux havia roubado um pão, assim como Jean Valjean. Há registros, numa estatística inglesa, de que, em Londres, a cada cinco roubos, quatro são motivados pela fome.

Jean Valjean entrou para as galés tremendo e soluçando; saiu delas impassível. Entrou cheio de desespero; saiu sombrio e taciturno.

O que será que se passou dentro dessa alma?

VII

O âmago do desespero

Vamos tentar traduzi-lo em palavras.

É indispensável que a sociedade olhe para essas coisas. Afinal, isso é obra dela mesma.

Jean Valjean era, já o dissemos, ignorante, mas não imbecil. A luz natural residia nele. A desgraça, que também tem luz própria, aumentou aquela pouca que já havia dentro daquele espírito. Sob pauladas, arrastando a grilheta, no calabouço, no trabalho rude e exaustivo, debaixo do sol ardente das galés, e sobre a cama de tábua dos prisioneiros, ele se recolheu em sua consciência e refletiu bastante.

Constituiu-se em tribunal.

Começou por julgar a si mesmo.

Reconheceu que não era um inocente injustamente punido. Confessou que havia cometido uma ação violenta e repreensível; que talvez não teriam lhe recusado aquele pão, se o tivesse pedido; que, em todo caso, teria sido preferível esperá-lo da caridade ou do trabalho; que não era suficiente, em sua razão definitiva e sem réplica, dizer que é impossível esperar quando se tem fome; que é muito raro alguém morrer literalmente de fome; em seguida, confessou que, feliz ou infelizmente, é intrínseca ao homem a capacidade de poder passar por um sofrimento duradouro e intenso, tanto moral quanto fisicamente, sem morrer; que era necessário, então, ter paciência, pois ela, aliás, teria até sido melhor para aquelas pobres crianças; que era um ato de loucura dele, um homem infeliz e fraco, pegar toda a sociedade pelo pescoço e supor que se pode sair da miséria roubando; que era, de todo modo, uma péssima porta de saída da miséria aquela pela qual se entra na infâmia; confessou, por fim, que ele era o culpado.

Mas, em seguida, perguntou a si mesmo: se só ele havia cometido erros em sua fatal história; se, em primeiro lugar, não era coisa muito grave ter-lhe faltado o trabalho, sendo trabalhador, chegar a não ter pão, sendo laborioso; se, depois de cometida e provada a culpa, o castigo não foi desmedido e feroz; se haveria mais abuso por parte da lei, na pena, do que por parte do culpado no crime; se não haveria excesso de peso em um dos lados da balança, aquele em que está a expiação; se o sobrepeso da pena não apagava completamente o crime e se não chegava a inverter a situação, colocando no lugar do erro do criminoso o erro da repressão, fazendo do culpado a vítima e do devedor o credor, pondo em definitivo o direito justamente do lado daquele que havia cometido o delito; se essa pena, tornada mais complicada devido às agravações sucessivas pelas tentativas de fuga, não acabava sendo uma espécie de atentado do mais forte contra o mais fraco, um crime da sociedade contra o indivíduo, um crime que recomeçava todos os dias, um crime que durou dezenove anos.

Ele perguntou a si mesmo se a sociedade humana poderia ter o direito também de submeter seus membros, por um lado pela sua insensata imprevidência, por outro pela sua impiedosa previdência, e de aprisionar para sempre um pobre homem, entre uma falta e um excesso: falta de trabalho e excesso de castigo.

Perguntou-se se não seria exorbitante que a sociedade tratasse assim exatamente seus membros que mais foram privados de bens e que, consequentemente, são os mais dignos de atenção.

Com essas questões postas e resolvidas, ele julgou a sociedade e a condenou.

Condenou-a ao seu ódio.

Julgou-a responsável pela infelicidade a que ele foi submetido e prometeu a si mesmo que não hesitaria em acertar as contas com ela um dia. Assegurou-se de que não havia nenhum equilíbrio entre o prejuízo que ele havia causado e o prejuízo que haviam causado a ele; concluiu, enfim, que seu castigo não era, na verdade, uma injustiça, mas, sem sombra de dúvida, que era uma iniquidade.

A cólera pode ser louca e absurda; a gente pode até se irritar sem motivo; a gente só pode estar indignado quando, no fundo, temos razão. Jean Valjean sentia-se indignado.

E, de resto, a sociedade humana não lhe tinha feito senão mal; nunca havia lhe encarado senão com o rosto carregado do que ela chama de justiça e que ela mostra àqueles a quem castiga. Os homens não o haviam tocado a não ser para pisá-lo. Desde a infância, depois de sua mãe e de sua irmã, nunca tinha recebido uma palavra amiga, ou um olhar benévolo. De sofrimento em sofrimento, aos poucos ele chegou à convicção de que a vida era uma guerra, e que nessa guerra ele era o

vencido. Não tinha outra arma além do seu ódio; resolveu afiá-la nas galés, para usá-la quando saísse dali.

Em Toulon havia uma escola para os condenados, dirigida pelos frades ignorantinhos,[2] na qual se ensinavam as coisas mais necessárias a alguns daqueles desgraçados que se sentiam com boa vontade. Ele entrou na escola aos quarenta anos, quando aprendeu a ler, escrever e contar. Sentiu que desenvolvendo a inteligência fortificava seu ódio. A instrução e a luz, em certos casos, podem servir para desenvolver a maldade.

Não se pode dizer isso sem tristeza: depois de ter julgado a sociedade que o fez desgraçado, julgou a Providência, que criou a sociedade, e condenou-a também.

Assim, durante aqueles dezenove anos de tormentos e de escravidão, aquela alma elevou-se e precipitou-se ao mesmo tempo. Por um lado, recebeu luz; por outro, trevas.

Não era má, como vimos, a natureza de Jean Valjean. Ele ainda era bom quando chegou às galés. Mas ao condenar a sociedade, soube que havia se tornado mau; quando condenou a Providência, soube que havia se tornado ímpio.

É difícil deixar de refletir um instante sobre essa questão.

A natureza humana pode efetivar assim tão grande transformação? O homem criado bom por Deus pode virar mau pela ação do homem? A alma pode ser totalmente refeita pelo destino e vir a ser má, quando o destino também é mau? O coração pode ser deformado, contraindo infâmias e doenças incuráveis sob a pressão de uma desgraça desproporcionada, como a coluna vertebral curvada por causa de um teto extremamente baixo? Não há em qualquer alma humana, assim como não há na alma de Jean Valjean em particular, uma primeira centelha, um elemento divino, incorruptível nesse mundo, imortal no outro, ao qual a bondade possa desenvolver, estimular, acender e fazer brilhar com esplendor, mas que a maldade não possa extinguir completamente?

Perguntas graves e obscuras, à última das quais qualquer fisiologista provavelmente responderia *não*, e sem hesitar, se tivesse visto em Toulon, nas horas de devaneio, sentado, os braços cruzados sobre a barra de algum cabrestante, a ponta da corrente enfiada no bolso, para que não a arrastasse, aquele prisioneiro indiferente, sério, silencioso e pensativo, pária das leis, que olhava o homem com raiva, condenado pela civilização, que olhava o céu com severidade.

Com certeza, e não queremos dissimular, o fisiologista observador teria visto ali uma miséria irreparável; ele lamentaria, talvez, esse homem doente criado por causa da lei, mas sem buscar um tratamento; desviaria o olhar das cavernas que havia

entrevisto naquela alma; e, como Dante diz da porta do inferno, apagaria dessa existência a palavra que Deus escreveu na fronte de todo homem: *Esperança!*

Esse estado de alma que tentamos analisar seria assim perfeitamente claro para Jean Valjean, tal como o tentamos mostrar para aqueles que nos leem? Jean Valjean via distintamente, depois de formados, ou teria visto distintamente, à medida que se formavam, todos os elementos de que se compunha sua miséria moral? Esse homem rude e iletrado teria se dado conta claramente da sucessão de ideias pelas quais, degrau após degrau, havia subido e descido até os lúgubres aspectos que estavam havia tantos anos já no horizonte interior de seu espírito? Estaria bem consciente de tudo o que tinha se passado com ele e de tudo isso que se remexia dentro dele? Não ousaríamos afirmar; afinal, sequer cremos nisso. Jean Valjean era de tal modo ignorante que, mesmo depois de tanta desgraça, não teria deixado de possuir ideias tão vagas. Havia momentos em que ele nem sequer sabia o que o fazia sofrer. Jean Valjean vivia nas trevas, sofria nas trevas, odiava as trevas; pode-se dizer que odiava, antes de tudo, a si mesmo. Vivia habitualmente nessa sombra, tateando como um cego e como um sonhador. A única coisa que lhe ocorria, por intervalos, vindo de si mesmo ou de fora, era um acesso de raiva, um acréscimo de sofrimento, um pálido e rápido clarão que iluminava toda a sua alma e fazia aparecerem ao redor dele, num lampejo, pelo vislumbre de uma luz terrível, os horríveis precipícios e as sombrias perspectivas de seu destino.

Após o relâmpago, a noite voltava a cair; mas onde ele estava? Já não sabia mais.

É próprio das dores dessa natureza, dominadas pelo que é desumano, isto é, pelo que embrutece, transformar pouco a pouco, por uma espécie de transfiguração estúpida, um homem em animal selvagem, certas vezes até em um animal cruel. As tentativas de fuga, sucessivas e obstinadas, de Jean Valjean seriam suficientes para provar esse estranho trabalho feito pela lei sobre a alma humana. Jean Valjean renovou essas tentativas, tão completamente inúteis e loucas, toda vez em que a ocasião se mostrou propícia, sem pensar um só instante no que aquilo resultaria nem nas experiências anteriores. Fugia impetuosamente como um lobo que encontra a jaula aberta. O instinto lhe dizia: salve-se! Mas a razão lhe teria dito: fique! No entanto, diante de tentação tão violenta, a racionalidade desaparecia, de tal modo que só lhe restava o instinto. Apenas seu lado animal agia. Quando era preso novamente, os novos castigos que lhe infligiam não serviam senão para sobressaltá-lo ainda mais.

Há um detalhe que não devemos omitir: Jean Valjean era dotado de uma força física que não se podia comparar com a dos demais prisioneiros das galés. Mesmo exausto, para alar um cabo ou virar um cabrestante, Jean Valjean valia por quatro

homens. Erguia e sustentava muitas vezes enormes pesos, substituindo quando era preciso o instrumento denominado *cric*, e que outrora se chamava *orgueil*, de onde tomou o nome, diga-se de passagem, da rua Montorgueil, perto do mercado de Paris. Os seus camaradas tinham-no apelidado de Jean-le-Cric. Uma vez, quando estava sendo reparada a sacada da Câmara de Toulon, deslocou-se uma das admiráveis colunas esculpidas por Puget que sustentam aquela sacada, e estava prestes a cair. Jean Valjean, que se achava próximo, susteve com o ombro a cariátide e, assim, deu tempo para que os operários chegassem.

Sua destreza era ainda maior que seu vigor. Certos prisioneiros, perpétuos sonhadores de fugas, chegam a fazer da combinação de força e destreza uma verdadeira ciência: a ciência dos músculos. Há uma tática misteriosa cotidianamente praticada pelos presos, eternos invejosos das moscas e dos pássaros. Fazer uma escalada, e achar pontos de apoio onde apenas se notava pequena saliência, era para Jean Valjean um brinquedo. Tendo o ângulo de uma parede, bastava-lhe a simples tensão das pernas, os cotovelos e os calcanhares, que parecia embutir nas asperezas da pedra, para alcançar magicamente o terceiro andar. Subiu assim algumas vezes ao teto da prisão.

Falava pouco e nunca ria. Era necessário extrema comoção para lhe arrancar, uma ou duas vezes por ano, o lúgubre riso de um condenado, que é como um eco do riso do demônio. Quem o visse julgaria que ele estava continuamente ocupado em contemplar qualquer coisa de muito terrível.

Andava, com efeito, absorto.

Através das percepções doentias de uma natureza incompleta e de uma inteligência assolada, ele sentia confusamente que uma coisa monstruosa pesava sobre ele. Nessa penumbra obscura e fosca em que ele se arrastava, cada vez que voltava o rosto e tentava levantar o olhar, ele via, com terror e raiva, que se elaborava, escalonava e subia para além de onde a vista alcança, com abismos horríveis, uma espécie de amontoado assustador de coisas, de leis, de preconceitos, de homens e acontecimentos, cujos contornos lhe escapavam, cuja massa o assustava, e que não era outra coisa que essa prodigiosa pirâmide a que chamamos de civilização. Ele distinguia aqui e ali, em meio a esse conjunto fervilhante e disforme, ora perto de si, ora longe, em planos inacessíveis, algum grupo, algum detalhe vivamente esclarecido: aqui o guarda e seu bastão; ali o gendarme e seu sabre; adiante o arcebispo mitrado; bem no alto, numa espécie de sol, o imperador coroado e deslumbrante. Parecia-lhe que esses esplendores longínquos, longe de dissipar sua noite, a tornavam mais fúnebre e mais negra. Todas essas leis, preconceitos, fatos, homens, coisas, iam e vinham sobre ele, segundo o movimento

complicado e misterioso que Deus imprime à civilização, sobrepondo-se e esmagando-o com um não sei quê de pacífico na crueldade e de inexorável na indiferença. Almas caídas no mais profundo infortúnio, infelizes homens perdidos no mais baixo dos limbos, onde não se enxerga nada, os reprovados pela lei sentem sobre suas cabeças todo o peso dessa sociedade humana, tão formidável para quem está de fora, tão terrível para quem é considerado inferior.

Nessa situação, Jean Valjean refletia. E qual poderia ser a natureza do seu sonho?

Se o grão de milho sob a mó pudesse pensar, seria sem dúvida no mesmo que Jean Valjean pensava.

Todas essas coisas, realidades plenas de espectros, fantasmagorias plenas de realidades, tinham acabado por criar nele uma espécie de condição interior quase inexprimível.

Por momentos, no meio de seu trabalho nas galés, ele parava e começava a pensar. Sua razão, agora mais amadurecida e inquieta do que antes, revoltava-se. Tudo o que lhe havia acontecido parecia absurdo; tudo o que o rodeava parecia impossível. Ele dizia a si mesmo: é um sonho. Olhava o guarda poucos passos adiante dele; o guarda lhe parecia um fantasma; de repente, esse fantasma lhe dava uma paulada.

A natureza visível apenas existia para ele. Poderíamos considerar verdade afirmar que não havia sol para Jean Valjean, nem belos dias de verão, nem céu radiante, nem alvoradas frescas de abril. Não sei qual fresta do dia iluminava habitualmente sua alma.

Para resumir, enfim, e poder sintetizar e traduzir em resultados positivos tudo isso que acabamos de apontar, basta que nos limitemos a constatar que em dezenove anos Jean Valjean, o inofensivo podador de Faverolles, o temível grilheta de Toulon, tornou-se capaz, graças à maneira como as galés o tinham moldado, de dois tipos de atos errados: em primeiro lugar, de um ato rápido, irrefletido, vertiginoso, instintivo, uma espécie de represália a todo o mal que havia sofrido; em segundo, de um ato grave, sério, ponderado pela consciência e meditado com as ideias errôneas que podem resultar em uma desgraça dessas. Suas premeditações passavam pelas três fases sucessivas que apenas as naturezas de um certa têmpera podem buscar: raciocínio, vontade e obstinação. Tinha como motivação a indignação habitual; a amargura da alma; o profundo sentimento das injustiças sofridas; a reação, mesmo contra os bons, os inocentes e justos, se é que existe alguém assim. O ponto de partida, assim como o ponto de chegada de todos os seus pensamentos, era o ódio à lei humana. Esse ódio, se não tivesse seu desenvolvimento travado por algum incidente providencial, se tornaria com o tempo ódio à sociedade, depois ao gênero

humano, depois à criação, e se traduziria por um vago, incessante e brutal desejo de prejudicar, não importa quem, qualquer ser vivente. Como se vê, não era sem razão que o passaporte de Jean Valjean o qualificava como *homem perigosíssimo*.

Aquela alma dessecara-se de ano em ano, cada vez mais, lenta, mas fatalmente. Quem tem o coração seco, não tem lágrimas nos olhos. Quando Jean Valjean saiu das galés, fazia dezenove anos que não derramava uma lágrima.

VIII

A onda e a sombra

Homem ao mar!

Que importa! O navio não para. O vento é fresco, e o navio tem um rumo que é obrigado a seguir. Portanto, segue em frente.

O homem que caiu ao mar desaparece, torna a aparecer, mergulha, sobe à superfície, estende os braços, clama; ninguém o ouve. O navio, estremecendo com a violência do furacão, só se importa com sua manobra; os marinheiros e passageiros nem mesmo veem o homem submergindo; a miserável cabeça do infeliz é apenas um ponto na enormidade das vagas.

São desesperados os gritos que o desgraçado solta das profundezas. Que espectro aquela vela que se afasta! Contempla-a freneticamente; ele a vê se afastar, até desaparecer. Há pouco ele pertencia à equipagem, e percorria o convés junto com os companheiros; havia pouco ainda tinha ali a sua cota de ar e de sol; pouco antes ainda vivia. Agora, o que lhe aconteceu? Escorregou, caiu, acabou-se.

Está ali nas águas monstruosas; debaixo dos pés, tudo lhe foge e se desloca. As ondas revoltas e retalhadas pelo vento rodeiam-no medonhas, os rolos do abismo arrebatam-no, os farrapos da água agitam-se em volta de sua cabeça, uma avalanche de ondas cospe em seu rosto e confusas aberturas quase o devoram; cada vez que afunda, entrevê precipícios tenebrosos: sente os pés presos por terríveis e desconhecidas vegetações; ele sente que se transforma em abismo, que faz parte da espuma; as ondas arremessam-no umas às outras, enquanto ele bebe a amargura e o

oceano covarde empenha-se em afogá-lo, assim como as profundezas se divertem com a sua agonia.

O homem, ainda assim, luta.

Tenta defender-se, tenta suster-se, emprega todos os esforços e consegue nadar. Ele, pobre força beirando a exaustão, combate o que é invencível.

Onde está o navio? Muito longe. Mal se avista nas lívidas sombras do horizonte.

As rajadas sopram; todas as espumas o esmagam. Ele levanta os olhos e não vê mais que lívidas nuvens. Assiste, agonizando, à imensa demência do mar, e é torturado por essa loucura. Ouve barulhos estranhos ao homem; barulhos que parecem vir do outro lado da terra e de não sei que lugar assustador.

Há pássaros nas nuvens, do mesmo modo que há anjos sobrevoando as aflições humanas. Mas o que podem fazer por ele? O pássaro voa, canta, plana, enquanto ele agoniza.

Sente-se sepultado ao mesmo tempo por esses dois infinitos: o oceano e o céu. Um é o túmulo; o outro, a mortalha.

A noite cai, e ele está ali nadando há horas, com as forças quase totalmente esvaídas; o navio, aquele ponto distante onde viviam homens, foi destruído; ele está só no formidável abismo crepuscular; afunda, resiste, contorce-se, sente por baixo dele as ondas monstruosas do invisível; ele grita:

— Não existem mais homens. Onde está Deus?

Continua gritando sem parar:

— Alguém! Alguém!

Nada no horizonte. Nada no céu.

Implora à amplidão, à onda, às algas, aos recifes, mas tudo se faz surdo. Implora à tempestade, mas a tempestade imperturbável só obedece ao infinito.

Ao redor dele, a escuridão, a névoa, a solidão, o tumulto tempestuoso e inconsciente, o vaivém indefinido e violento das águas. Dentro dele, o horror e o cansaço. Embaixo dele, o vazio. Nenhum ponto de apoio. Ele pensa nas aventuras tenebrosas de um cadáver sob a sombra infinita. O frio profundo o paralisa. As mãos se crispam, fecham-se, agarrando o nada. Ventos, nuvens, turbilhões, rajadas, estrelas inúteis! O que fazer? Desesperado, abandona-se ao cansaço, aceita que vai morrer, deixa-se levar, deixa-se ir e rola para sempre nas profundezas lúgubres do desaparecimento.

Ó marcha implacável das sociedades humanas! Perda de homens e almas ao longo do caminho! Oceano onde afunda tudo o que a lei deixa cair! Sumidouro sinistro da compaixão! Ó morte moral!

O mar é a inexorável noite social em que a penalidade lança os condenados. O mar é a miséria imensa.

A alma, desmoronando nesse abismo, pode tornar-se um cadáver. Quem a ressuscitará?

IX

Novos agravos

Ao chegar para Jean Valjean a hora de sair das galés, ele ouviu a estranha frase que lhe dirigiam:

— *Você está livre!*

Não acreditava que tinha acabado de ouvir aquilo, nem parecia ser verdade. Sentiu penetrar-lhe de súbito no íntimo da alma um raio da verdadeira luz que ilumina os vivos. Mas esse raio em breve empalideceu. Jean Valjean havia ficado deslumbrado com a ideia da liberdade; acreditou numa vida nova; mas imediatamente viu o que era aquela liberdade a que davam um passaporte amarelo.

Quanta amargura acompanhando aquela realidade! Contando seu dinheiro durante o trabalho forçado nas galés, viu que se elevaria à soma de cento e sessenta e onze francos. Mas é preciso acrescentar que ele havia esquecido de inserir nos cálculos o descanso forçado dos domingos e dias santificados, que em dezenove anos lhe subtraía, aproximadamente, vinte e quatro francos. Fosse como fosse, a quantia tinha sido reduzida, por diversos descontos locais, à soma de cento e nove francos e quinze soldos, que na ocasião da soltura lhe foram entregues.

Não tendo compreendido nada das contas que lhe tinham feito, julgava-se lesado. Não escondamos a palavra: julgava-se roubado.

No dia seguinte à soltura, viu em Grasse, diante da porta de uma destilaria de flor de laranjeira, vários homens descarregando cargas. Chegou-se a eles e ofereceu-se para trabalhar; como havia pressa de terminar aquele trabalho, aceitaram-no. Então, começou logo a ajudá-los. Ele era inteligente, robusto e desembaraçado; trabalhava com tanto empenho que era visível o contentamento do patrão. Enquanto estava trabalhando, passou um gendarme que, reparando muito nele,

pediu-lhe os documentos. Inevitavelmente, Jean Valjean teve de mostrar o passaporte amarelo; depois continuou a trabalhar. Pouco antes tinha indagado de um dos companheiros quanto ganhariam no dia por aquele trabalho. Responderam então: *trinta soldos*. Quando anoiteceu, como tinha de continuar seu caminho de madrugada, apresentou-se ao dono da fábrica pedindo que lhe pagasse. O patrão, sem dizer nada, deu-lhe quinze soldos. Jean Valjean reclamou, mas o patrão olhou para ele e respondeu: *Para ti é quanto basta*. Ele insistiu. O dono da fábrica encarou-o nos olhos e disse: *Gare le bloc!*[β]

Mais uma vez se considerou roubado.

A sociedade, o Estado, diminuindo-lhe o dinheiro, tinham-no roubado em grande escala; agora chegou a vez de um indivíduo roubá-lo em escala menor.

Estar solto não é estar livre; o condenado sai das galés, mas a condenação continua.

Eis o que lhe aconteceu em Grasse. E já vimos o modo como foi recebido em Digne.

X

O hóspede desperto

Soavam duas horas da madrugada no relógio da catedral quando Jean Valjean acordou.

O que o despertou foi o fato de a cama ser muito boa. Havia quase vinte anos que não dormia numa cama; e mesmo sem que tivesse se despido, aquela sensação era tão nova que acabou perturbando seu sono.

Ele havia dormido mais de quatro horas; foi o suficiente para acabar com o cansaço. Além disso, estava acostumado a ter poucas horas de descanso.

Abriu os olhos, olhou por um momento ao redor, apesar da escuridão, e fechou-os novamente para voltar a adormecer.

Quando se é agitado, ao longo do dia, por muitas sensações, quando o espírito se acha preocupado ao extremo, adormece-se; mas, caso se acorde, é impossível voltar a adormecer. O sono muito mais facilmente aparece do que reaparece. Foi o

que aconteceu com Jean Valjean; como não pôde tornar a adormecer, pôs-se a meditar.

Achava-se num desses momentos em que as ideias se apresentam turvas ao espírito. Havia uma espécie de vaivém obscuro em seu cérebro. Suas lembranças, tanto as antigas quanto as recentes, flutuavam e se cruzavam confusamente, misturando-se, perdendo as próprias formas, crescendo desmesuradamente até desaparecer, de repente, como se afundassem em uma água lodosa e agitada. Ocorriam-lhe muitos pensamentos, mas havia um entre todos que continuamente se lhe apresentava e expulsava os demais. Digamos logo que pensamento era este: tinha reparado nos seis talheres de prata e na concha que a sra. Magloire havia posto na mesa do jantar.

Estava obcecado por aqueles seis talheres de prata que estavam ali a poucos passos dele. No momento em que atravessara o quarto do lado para se dirigir ao do oratório, viu que a criada os guardava num armariozinho junto da cama do bispo. Ele havia observado bem que o armário ficava à direita de quem entra pela sala de jantar. Os talheres eram maciços e de prata antiga; juntando com a concha, conseguiria com eles ao menos duzentos francos: o dobro do que havia ganhado em dezenove anos. É verdade que teria ganhado mais, se a *administração* não o tivesse *roubado*.

O espírito de Jean Valjean flutuou por mais de uma hora em reflexões que não eram, decerto, isentas de luta. Soaram três horas. Ele voltou a abrir os olhos, ergueu-se repentinamente, estendeu os braços para procurar a mochila que havia deixado perto da cama, pousou os pés no chão e, quase sem saber como, percebeu-se sentado na beira da cama.

Ficou por algum tempo pensativo nessa atitude que teria parecido sinistra a quem assim o visse, acordado, no meio da escuridão, numa casa em que todos dormiam. De repente, abaixou-se, descalçou os sapatos, colocou-os vagarosamente sobre a esteira que estava ao pé da cama e voltou à posição pensativa e imóvel do início.

Em meio a essa meditação horrível, as ideias de que falamos agitavam-se sem parar no cérebro de Jean Valjean, entrando, saindo, entrando novamente, fazendo com que ele sentisse dentro de si uma espécie de pressão; em seguida, ele também pensava, sem saber por quê e com a obstinação maquinal do sonho, em um condenado chamado Brevet, que havia conhecido nas galés, cujas calças eram seguras apenas por um único suspensório de algodão tricotado. O desenho em xadrez desse suspensório vinha-lhe com frequência à cabeça.

Conservava-se, pois, nessa posição, e permaneceria nela indefinidamente até amanhecer, se não ouvisse o som do relógio marcando que já haviam passado quinze minutos, ou meia hora. Aquele som pareceu-lhe dizer "Avante!".

Pôs-se em pé, hesitou ainda por um instante e tentou escutar algo, mas, percebendo o profundo silêncio em toda a casa, dirigiu-se a passos lentos para a janela, que ele apenas entrevia. A noite não estava muito escura; era lua cheia, mas o céu mostrava-se coberto de nuvens, que se moviam com o vento. Assim, do lado de fora, alternavam-se momentos de sombra com outros de claridade, eclipses, por assim dizer, totais, e em seguida momentos do mais límpido luar; dentro de casa, reinava uma espécie de crepúsculo. Esse crepúsculo, suficiente para se poder caminhar sem tropeçar nos móveis, assemelhava-se a certa lividez que penetra pelo respiradouro de um subterrâneo sobre o qual vão e vêm os passantes. Jean Valjean chegou-se à janela e examinou-a. Não tinha grade, dava vista para o jardim e, segundo o costume da região, só estava trancada com uma pequena taramela. Abriu-a, mas, sentindo o ar demasiadamente fresco que entrava no quarto, logo tornou a fechá-la. Em seguida, olhou para o jardim com ar mais de investigação do que de simples contemplação. Notou que o jardim era fechado por um muro branco muito baixo e fácil de escalar. Além do muro, distinguiu as copas de algumas árvores igualmente espaçadas, o que indicava haver ali uma avenida ou rua arborizada.

Depois dessa observação, fez um movimento que indicava resolução; dirigiu-se ao pé da cama, pegou a mochila, abriu-a, meteu a mão e tirou de dentro dela algo que pôs sobre a cama, guardou dentro os sapatos, tornou a fechá-la, colocou-a no ombro, pôs o boné, puxou-o para que escondesse os olhos, procurou cuidadosamente o cajado, foi colocá-lo no canto da janela, voltou em seguida à cama e pegou o objeto que havia deixado nela. Esse objeto parecia uma barrinha de ferro, aguçada como um chuço numa das extremidades.

Seria difícil perceber na escuridão o objetivo de ter preparado assim aquele pedaço de ferro. Seria para servir de alavanca? Ou para servir de clava?

De dia, seria fácil reconhecer que não era mais do que um candeeiro de minerador. Os prisioneiros eram utilizados às vezes na extração de pedras das altas colinas que rodeiam Toulon, e não era raro que tivessem à sua disposição esses instrumentos de minerador. Os candeeiros deles são de ferro maciço e ponteagudos na extremidade inferior, para que possam ser fincados no rochedo.

Contendo a respiração, ele pegou o candeeiro com a mão direita e, pisando bem de leve, dirigiu-se para a porta do quarto vizinho, que, como se sabe, era o do bispo. Chegou à porta e percebeu que estava apenas encostada. O bispo não a havia fechado.

XI

O que ele faz

Jean Valjean pôs-se à escuta. Nenhum ruído.

Empurrou a porta.

Empurrou-a com a ponta dos dedos, ligeiramente, com a sutileza furtiva e apreensiva de um gato que quer entrar.

A porta cedeu à pressão e fez um movimento imperceptível e silencioso, que alargou mais a abertura.

Ele esperou um pouco e empurrou a porta uma segunda vez, mais afoitamente.

A porta continuou a ceder silenciosa. A abertura já era suficientemente grande para que ele pudesse passar; mas ao pé da porta estava uma mesinha que formava com ela um ângulo que obstruía a entrada.

Jean Valjean viu o obstáculo. Era necessário que, custasse o que custasse, a abertura se alargasse mais.

Decidiu-se, então, e deu um terceiro empurrão na porta, mais energicamente que os dois primeiros. Dessa vez, uma das dobradiças, com certeza enferrujada, soltou no silêncio um grito rouco e prolongado.

Jean Valjean estremeceu. O ruído da dobradiça ecoou-lhe nos ouvidos de modo estrondoso e formidável, que nem a trombeta do Juízo Final.

Dominado pelos exageros fantásticos do primeiro momento, teve a impressão de que a dobradiça se animara e ganhara de repente uma vida terrível, latindo como um cão de guarda, para advertir e despertar toda a gente.

Parou, trêmulo e desorientado, e deixou-se cair das pontas dos pés sobre os calcanhares. Sentiu as artérias baterem-lhe nas têmporas como dois martelos de forja, e pareceu-lhe que a respiração lhe saía do peito como o assobio do vento ao sair de uma caverna. Julgou impossível que o horrível clamor daquela dobradiça irritada não tivesse abalado a casa inteira como um tremor de terra; a porta, empurrada por ele, tinha soado um alarme e um chamamento; o velho iria levantar-se, as duas mulheres não tardariam a soltar gritos desordenados e toda a gente viria acudir; dentro de um quarto de hora a cidade estaria toda de pé e a polícia a postos. Acreditou, por um momento, que estava perdido.

Continuou onde estava, petrificado como uma estátua de sal, e sem se atrever a fazer o menor movimento. Passaram-se assim alguns minutos. A porta estava de

todo aberta; olhou para dentro do quarto; nada ali havia se movido. O ruído da dobradiça não havia despertado ninguém.

Aquele primeiro perigo havia passado, mas no espírito de Jean Valjean havia um tumulto medonho. Todavia, não retrocedeu; mesmo quando acreditara estar perdido, não o fizera. Já não queria senão chegar depressa ao fim. Avançou um passo para dentro do quarto.

O sossego ali era completo. Distinguiam-se aqui e ali formas confusas e vagas que, de dia, seriam papéis esparsos sobre a mesa, in-fólios abertos, volumes empilhados sobre um tamborete, uma poltrona empilhada de roupas, um genuflexório… todas essas coisas que, àquela hora, não eram mais que cantos escuros e pontos esbranquiçados. Jean Valjean avançou com precaução para não tropeçar nos móveis. No fim do quarto, ouviu a respiração monótona e tranquila do bispo adormecido.

Parou de repente. Estava ao pé do leito. Chegara ali mais depressa do que poderia supor.

A natureza alia, às vezes, seus efeitos e espetáculos às nossas ações, com uma espécie de sombria e inteligente pertinência, como se intentasse obrigar-nos a refletir. Havia meia hora que uma grande nuvem cobria o céu. No momento em que Jean Valjean parou diante do leito, a nuvem rasgou-se, como se o fizesse de propósito, e um raio de lua iluminou de repente, através da janela, o rosto pálido do bispo, que dormia tranquilamente. Por causa do intenso frio das noites dos Baixos Alpes, ele dormia vestido com uma camisa de lã parda, cujas mangas lhe cobriam os braços até os punhos. A cabeça recostada no travesseiro, uma atitude negligente própria de quem repousa; ele deixava pendida para fora da cama a mão ornada com o anel pastoral, a mesma com que já havia realizado tantas boas obras e santas ações. Todo o rosto parecia iluminado por certa expressão de satisfação, de esperança e de beatitude. Era mais do que um sorriso; era quase um esplendor. Havia em sua fronte a inexprimível irradiação de uma luz que não se podia ver. A alma dos justos, durante o sono, contempla um céu misterioso.

Um reflexo desse céu incidia sobre o bispo.

Era, ao mesmo tempo, uma transparência luminosa, porque o céu estava dentro dele. Esse céu interior era a sua consciência.

No momento em que o raio de luz da lua veio se sobrepor, por assim dizer, a essa claridade interior, o bispo adormecido pareceu em estado de glória. Esta, por sua vez, permaneceu doce e velada por uma meia-luz inefável. A lua, a natureza sonolenta, o jardim sem qualquer agitação, a casa tão calma, a hora, o momento e o silêncio acrescentavam um não sei quê de solene e indizível ao venerável repouso

daquele homem, e envolviam com uma espécie de auréola majestosa e serena seus cabelos brancos, seus olhos fechados, sua figura na qual tudo era esperança e confiança, sua cabeça de velho e seu sono de criança.

Havia naquele homem, sem que ele o suspeitasse, um quê de divino.

Jean Valjean continuou na penumbra, com a barra de ferro na mão, de pé, imóvel, assustado diante da presença daquele velho luminoso. Nunca havia visto nada semelhante. Tal confiança o assustava. O mundo moral não tem maior espetáculo que este: uma consciência perturbada e inquieta; ele, à beira de uma ação condenável, estava contemplando o sono de um justo.

O sono do bispo, nesse isolamento, com Jean Valjean como vizinho, tinha algo de sublime que ele percebia vagamente.

Ninguém poderia dizer o que se passava em seu espírito, nem ele próprio. Para tentar compreendê-lo seria necessário conceber o que há de mais violento e o que há de mais doce e suave. Mesmo em sua fisionomia não era possível detectar nada com convicção. Era uma espécie de espanto extravagante. Ele olhava; isso é tudo. Qual era seu pensamento? Seria impossível adivinhá-lo. O que era evidente é que ele estava comovido e aflito. Mas de que natureza era essa emoção?

Não tirava os olhos do velho. A única coisa que se podia destacar claramente de sua atitude e de sua fisionomia era uma estranha indecisão. Ter-se-ia dito que hesitava entre dois abismos: o que o conduz à perdição e o que dá a salvação. Parecia prestes a esmagar aquele crânio ou a beijar aquela mão.

Passados alguns instantes, levou vagarosamente a mão esquerda à testa, tirou o boné, deixou pender o braço com a mesma lentidão e tornou a ficar pensativo, com o boné na mão esquerda, o candeeiro de ferro na direita e os cabelos eriçados naquela cabeça selvagem.

O bispo continuava a dormir em uma paz profunda, sob o olhar amedrontado de Jean Valjean.

Um reflexo da lua tornava confusamente visível o crucifixo que ficava acima da lareira e que parecia abrir os braços aos dois homens, com uma bênção para um e um perdão para o outro.

De repente, Jean Valjean voltou a pôr o boné; e sem olhar para o bispo caminhou em seguida, ao longo do leito, direto ao armário que entrevia ao lado da cabeceira; ergueu o candeeiro de ferro como que para forçar a fechadura, mas viu nela a chave. Apenas abriu a portinha, deparou-se logo com o cesto em que estavam os talheres de prata. Pegou-o, atravessou o quarto a passos largos, sem a menor precaução, indiferente ao barulho que poderia produzir, chegou ao oratório, abriu a

janela, pegou o cajado, saltou para o jardim, meteu a prata na mochila, atirou para longe de si o cesto, transpôs o muro, como o faria um tigre, e fugiu.

XII

O bispo trabalha

No dia seguinte, ao romper do dia, dom Bienvenu já estava passeando pelo jardim quando, de repente, apareceu a sra. Magloire, correndo para ele com uma fisionomia de grande espanto.

— Excelência, Excelência — gritou ela —, sabe onde está o cesto dos talheres de prata?

— Sei — respondeu o bispo.

— Graças a Deus! — disse ela. — Não sabia o que poderia ter acontecido.

O bispo, que naquele instante levantara o cesto de junto de um vaso de plantas, apresentou-o à sra. Magloire.

— Está aqui.

— Como assim? — perguntou ela. — Não tem nada dentro! E os talheres?

— Ah! — reagiu o bispo. — Era a prataria o que procurava? Não sei onde está.

— Jesus! Roubaram-na! Foi, com certeza, o desconhecido.

Num abrir e fechar de olhos, com a vivacidade própria de uma velha bastante atenta, a sra. Magloire correu ao oratório, aproximou-se do biombo e voltou-se para o bispo, que havia acabado de se abaixar e suspirava ao examinar uma muda de cocleária dos Guillons com um galho partido por conta da queda do cesto. Ao ouvir o grito da sra. Magloire, ele levantou-se de repente.

— Excelência, o homem fugiu! A prataria foi roubada.

Ao mesmo tempo que soltava essa exclamação, lançou os olhos para um ângulo do jardim onde se viam os vestígios da fuga. As plantas do muro estavam todas arrancadas.

— Olha, foi por ali que ele fugiu… saltou para a travessa de Cochefilet. Que crueldade! Roubar-nos a prata!

O bispo permaneceu por um momento silencioso, ergueu depois o olhar sério e sereno, então disse à sra. Magloire, com a maior doçura:

— Antes de tudo, aquela prataria era de fato nossa?

A sra. Magloire ficou abismada. Seguiu-se ainda outro momento de silêncio; depois, o bispo acrescentou:

— Sra. Magloire, havia muito tempo que eu conservava indevidamente aquela prataria que pertencia, por direito, aos pobres. O que era aquele homem? Era um pobre, evidentemente.

— Ai, Jesus! — replicou a sra. Magloire. — Não falo por mim nem pela srta. Baptistine… para nós ela não nos faz falta; mas para o senhor é diferente. Com que talher há de comer agora?

O bispo encarou-a com ar de espanto.

— Ora! Não há colheres de estanho?

A sra. Magloire encolheu os ombros e disse:

— O estanho tem mau cheiro.

— Nesse caso, uso as de ferro.

A criada fez uma careta expressiva, dizendo:

— O ferro tem muito mau gosto.

— Então — disse o bispo —, uso colheres de madeira.

Instantes depois, estava almoçando à mesma mesa em que Jean Valjean estivera sentado na véspera. Enquanto comia, dom Bienvenu fazia com que a irmã, que não dizia nada, e a sra. Magloire, que em voz baixa lastimava a falta dos talheres, graciosamente percebessem que não há qualquer necessidade de colher nem de garfo, mesmo de madeira, para mergulhar um pedaço de pão em um copo de leite.

— Onde já se viu uma coisa dessas! — dizia a sra. Magloire, andando de um lado para outro. — Acolher um homem daqueles, e deitá-lo quase ao pé de si!… Ainda devemos agradecer por ele ter só nos roubado! Ai, meu Deus! Dá até um calafrio só de pensar!

Quando o bispo e a irmã se levantavam da mesa, bateram à porta.

— Entre — pediu o bispo.

A porta abriu-se e, então, um grupo de aspecto violento pôde ser visto. Eram três homens segurando outro pelo pescoço. Os três eram gendarmes, o outro era Jean Valjean.

Logo na entrada estava um cabo da Gendarmaria, que parecia conduzir o grupo. Entrou e encaminhou-se para o bispo, dirigindo-lhe um cumprimento militar.

— Excelência… — começou ele.

Ouvindo esse tratamento, Jean Valjean, que se conservava sombrio e abatido, ergueu a cabeça com ar de estupefação.

— Excelência! — exclamou ele. — Então não é cura…

— Silêncio! — disse um dos gendarmes. — É o senhor bispo.

Entretanto, dom Bienvenu aproximara-se dele, com a vivacidade que a sua idade lhe permitia.

— Ah, é o senhor! — exclamou ele, olhando para Jean Valjean. — Estimo muito tornar a vê-lo; mas não lhe tinha dado também os castiçais, que são de prata como os talheres, e que lhe podiam produzir bem duzentos francos? Por que não os levou?

Jean Valjean arregalou os olhos e encarou o venerável bispo com uma expressão que nenhuma linguagem humana poderia explicar.

— Então, Excelência — disse o chefe da Gendarmaria —, era verdade o que este homem afirmava? Nós o encontramos como quem ia fugindo; o prendemos por suspeito, e como tinha consigo esta prataria…

— Posso adivinhar que lhes disse — interrompeu o bispo, sorrindo — que havia sido dada por um velho padre, em casa de quem passara a noite. Já entendi. Os senhores não acreditaram e trouxeram-no. Mas estão enganados.

— Sendo assim — prosseguiu o cabo —, podemos deixá-lo ir?

— Sem dúvida — respondeu o bispo.

Os soldados largaram Jean Valjean, que recuou espantado.

— Então é verdade que não vão me prender?! — murmurou ele, com voz quase inarticulada e como se estivesse falando enquanto dormia.

— Sim, nós o soltamos, ainda não entendeu? — disse um dos soldados.

— Meu amigo — tornou o bispo —, não se vá sem levar seus castiçais; aqui estão eles.

E, dirigindo-se à lareira, pegou os dois castiçais de prata e entregou-os a Jean Valjean. As duas mulheres olhavam para tudo aquilo sem fazer o menor gesto nem proferir uma só palavra que pudesse contrariar o bispo.

Jean Valjean tremia de cima a baixo. Pegou os castiçais maquinalmente e espantado.

— Agora — disse o bispo —, pode ir em paz. Aliás, quando voltar aqui, meu amigo, não precisa entrar pelo jardim; pode sempre entrar e sair pela porta da rua, que, tanto de noite como de dia, se conserva fechada só com o trinco.

Depois, voltando-se para os soldados:

— Os senhores podem retirar-se.

Os soldados saíram.

Jean Valjean parecia ser um homem prestes a desfalecer.

O bispo aproximou-se dele e disse em voz baixa:

— Não se esqueça nunca de que me prometeu tornar-se, com essa prataria, homem de bem.

Jean Valjean, que não se recordava de lhe ter prometido coisa alguma, ficou abismado. O bispo, que acentuara muito as suas palavras, acrescentou com solenidade:

— Jean Valjean, meu irmão, o senhor não pertence mais ao mal, mas ao bem. Resgatei-lhe sua alma; libertei-a dos maus pensamentos, arranquei-a do espírito da perdição e entrego-a a Deus.

XIII

O pequeno Gervais

Jean Valjean saiu da cidade como se estivesse fugindo. Partiu apressadamente pelos campos afora, tomando caminhos e sendas que surgiam, sem perceber que às vezes retrocedia. Vagou assim toda a manhã, sem comer coisa alguma e sem sentir fome. Agitado por uma multidão de sensações completamente desconhecidas para ele àquela altura, sentia-se acometido por uma espécie de cólera, sem que soubesse contra quem: não teria podido dizer se estava comovido ou humilhado. Havia momentos em que lhe sobrevinha estranhamente uma terna comoção, a qual combatia com o endurecimento de seus últimos vinte anos. Mas esse estado o fatigava. Via com inquietação agitar-se dentro dele uma frieza terrível que a injustiça de sua desgraça lhe havia impingido. Perguntava a si mesmo com o que poderia substituí-la. Chegava, por vezes, a lastimar ter sido solto pelos gendarmes e que as coisas tivessem acontecido daquele jeito; pelo menos assim não se acharia tão agitado. Embora aquela estação do ano já tivesse avançado, havia ainda, aqui e ali, pelas sebes, algumas flores tardias, cujo odor, que transpassava em seu caminho, traziam-lhe lembranças da infância. Essas recordações eram-lhe quase insuportáveis, tanto tempo havia que não lhe ocorriam.

Assim, no decurso do dia, amontoaram-se em seu espírito os mais inexplicáveis pensamentos.

Quando o sol se achava já próximo do ocaso, alongando no solo a sombra da menor pedrinha, Jean Valjean estava sentado atrás de uma moita, numa grande planície avermelhada, absolutamente deserta. No horizonte, avistavam-se apenas os Alpes. Não se vislumbrava nem o campanário de alguma longínqua aldeia. Jean Valjean poderia estar a umas três léguas de Digne A poucos passos da moita, havia uma trilha que cortava a planície.

Em meio a essa meditação, que não teria contribuído pouco para tornar os seus farrapos medonhos a quem o tivesse encontrado, ouviu de repente um ruído alegre.

Voltou a cabeça e viu, caminhando pela trilha, um rapazinho saboiano, com cerca de dez anos, que cantava, com sua viela[4] a tiracolo e sua caixa de marmota[5] às costas. Era um desses rapazinhos doces e alegres que andam a correr de um lugar a outro mostrando os joelhos pelos buracos das calças.

O menino interrompia de vez em quando a cantiga e parava para atirar ao ar algumas moedas que tinha na mão, provavelmente toda a fortuna que possuía. Entre essas moedas, ele tinha uma de quarenta soldos.

O rapaz parou na beira do atalho, sem que visse Jean Valjean, e pôs-se a atirar o dinheiro ao ar, com o cuidado de o aparar todo nas costas da mão.

De repente, escapou-lhe a moeda de quarenta soldos, que foi rolando até Jean Valjean.

Jean Valjean pôs-lhe o pé em cima.

No entanto, o menino seguiu com a vista sua moeda e percebeu onde tinham parado.

Sem mostrar espanto, dirigiu-se para o homem que estava sentado e pensativo.

O lugar era absolutamente solitário. Até onde a vista podia alcançar não se via vivalma, tanto na planície quanto no caminho. A única coisa que se ouvia eram os ruídos distantes e confusos de um bando de pássaros que atravessavam o céu em uma altura incalculável. O rapaz estava de costas para o sol, que parecia pôr-lhe fios de ouro nos cabelos e iluminava o rosto selvagem de Jean Valjean com reflexos avermelhados.

— Senhor — disse o pequeno, com a confiança da infância, composta de ignorância e inocência —, esse é o meu dinheiro.

— Qual é o seu nome? — perguntou Jean Valjean.

— Gervais, senhor.

— Vá-se embora — disse Jean Valjean.

— Mas então dê-me o meu dinheiro, senhor — repetiu o rapaz.

Jean Valjean baixou a cabeça e não respondeu.

— Meu dinheiro! — continuou o menino.

Os olhos de Jean Valjean continuaram mirando o chão.

— Meu dinheiro! — gritou o saboiano. — Minha moeda de prata!

Jean parecia não ouvir. O pequeno segurou-lhe pela gola da blusa e puxou-o com toda a força que tinha, tentando ao mesmo tempo afastar-lhe o sapato grosseiro tachado de sobre o seu tesouro.

— Quero meu dinheiro! Quero meus quarenta soldos!

O menino chorava. Jean Valjean continuou sentado, mas ergueu a cabeça; sua vista estava turva. Com uma espécie de espanto, olhou por um instante para o rapazinho; depois, lançando de repente a mão ao cajado, gritou com voz terrível:

— Quem é você?

— Sou eu, senhor — respondeu o menino. — Sou eu, Gervais! Me devolva meus quarenta soldos, por favor! Levante o pé, senhor, por favor!

Depois, irritado, mesmo sendo tão pequeno, e quase ameaçador:

— Olha aqui, o senhor não vai levantar o pé? Anda, levanta esse pé!

— Ah, é você ainda! — disse Jean Valjean; e erguendo-se de repente, sem contudo tirar o pé de cima da moeda, acrescentou: — Você vai embora daqui ou não?

O rapazinho olhou para ele muito assustado, começou a tremer de cima a baixo e, depois de alguns segundos de entorpecimento, fugiu, correndo o quanto podia, sem se atrever a olhar para trás nem a soltar o menor grito.

Todavia, a certa distância foi obrigado pelo cansaço a parar; Jean Valjean, ainda absorto, ouviu-o soluçar.

Depois de alguns instantes, o menino havia desaparecido.

O sol tinha se posto.

Jean Valjean começou a ver-se rodeado pelas sombras; não havia comido nada o dia todo; é provável que estivesse com febre.

Desde que o saboiano se afastara, contiuava de pé, sem mudar de posição. Sua respiração estufava seu peito em intervalos longos e desiguais. Seu olhar, parado dez ou doze passos adiante, parecia estudar com uma atenção profunda a forma de um velho pedaço de faiança azul caído na erva. De repente, estremeceu; tinha acabado de sentir o frio da noite.

Puxou o boné mais para as orelhas, fez maquinalmente menção de fechar e abotoar a blusa, deu um passo e curvou-se para pegar no chão o cajado.

Nesse momento, deparou-se com a moeda de quarenta soldos, que quase enterrara com o pé e que brilhava entre as pedrinhas.

Foi quase uma comoção galvânica:

— Que diabo é isto? — murmurou ele, por entre dentes.

Recuou três passos e parou, sem que pudesse afastar a vista daquele ponto brilhante que pouco antes havia escondido com o pé, como se o objeto que luzia ali na sombra fosse um olho aberto, observando-o fixamente.

Passados poucos instantes, arremessou-se convulsivamente para a moeda de prata, levantou-a do chão, endireitou-se e pôs-se a olhar pela planície, lançando ao mesmo tempo os olhos para todos os pontos do horizonte, de pé e tremendo, como se fosse um animal bravio assustado e em busca de abrigo.

Não viu coisa alguma. A noite ia avançando, a planície ia se tornando feia e vaga, enquanto o nevoeiro pardacento e denso começava a interceptar a claridade crepuscular.

Jean Valjean fez um gesto como quem repentinamente se lembra de uma coisa, e pôs-se a caminhar com rapidez para o lado por onde o menino desaparecera. Depois de ter dado uns trinta passos, parou, olhou em torno e não descobriu nada.

Gritou então com toda a força:

— Gervais! Gervais!

Calou-se e esperou.

Ninguém lhe respondeu.

O campo estava deserto e silencioso. Via-se rodeado por aquela extensão sem fim. Em volta dele havia apenas uma espécie de vida lúgubre. Os arbustos sacudiam os magros ramos com uma fúria incrível. Ter-se-ia dito que ameaçavam e perseguiam alguém.

Jean Valjean continuou a caminhar, depois começou a correr; mas, de tempos em tempos, parava e gritava naquela solidão, com a voz mais impactante e triste que se poderia ouvir:

— Gervais! Gervais!

Não há dúvida de que se o menino o tivesse ouvido se esconderia com medo. Mas, àquela altura, com certeza o menino já estava bem longe.

Ele encontrou um padre que ia a cavalo. Foi, então, até ele e disse:

— Senhor padre, viu passar por aí um rapazinho?

— Não vi — respondeu o padre.

— Chama-se Gervais.

— Não vi ninguém.

Jean Valjean tirou da bolsa duas moedas de cinco francos e deu-as ao padre:

— Leve isso, senhor padre, para os seus pobres. É um menino de uns dez anos, que leva uma caixa de marmota, acredito eu, e uma viela. É um desses saboianos …

o senhor sabe.

— Mas não o vi.

— Gervais? O senhor sabe se ele é destas aldeias daqui?

— Se é como diz, meu amigo, é um pequeno estrangeiro, como os que passam por estes lugares; mas ninguém os conhece.

Jean Valjean tirou violentamente da bolsa outros dois escudos de cinco francos e deu-os ao padre, dizendo-lhe:

— Para os seus pobres. — Depois acrescentou, desorientado: — Senhor padre, mande-me prender, porque sou um ladrão.

O padre esporeou a cavalgadura; e fugiu completamente assustado.

Jean Valjean voltou a correr na direção em que ia antes.

Percorreu desse modo grande distância, olhando, chamando e gritando, mas não encontrou mais ninguém. Por duas ou três vezes correu para uma ou outra coisa que suspeitava ser uma pessoa deitada, ou agachada; mas não achava mais do que alguma moita ou pedra à flor da terra. Finalmente, parou num ponto em que se cruzavam três caminhos. A lua já havia se levantado. Olhou outra vez ao redor e chamou uma última vez:

— Gervais! Gervais! Gervais!

Seus gritos extinguiram-se no meio do nevoeiro, sem ao menos despertarem um eco. Depois, ele murmurou ainda, com voz fraca e quase inarticulada: "Gervais!" Foi o seu último esforço: os joelhos dobraram-se de repente, como se alguma potência invisível o carregasse de súbito com todo o peso de sua má consciência; em seguida, caiu exausto sobre uma pedra, com as mãos na cabeça, o rosto apoiado nos joelhos, e exclamou:

— Sou um miserável!

Então, seu coração se abriu e ele começou a chorar. Era a primeira vez que ele chorava em dezenove anos.

Quando Jean Valjean saiu da casa do bispo, viu-se como se sentia afastado de tudo o que até então constituía a base do seu modo de pensar. Não conseguia compreender o que sentia. Reagia contra as palavras suaves do velho:

"Não se esqueça nunca de que me prometeu tornar-se, com essa prataria, homem de bem. […] Resgatei-lhe sua alma; libertei-a dos maus pensamentos, arranquei-a do espírito da perdição e entrego-a a Deus."

Essas palavras não paravam de vir à sua mente. A esta indulgência celeste opunha o orgulho, que em nós é como o reduto do mal. Sentia confusamente que o perdão daquele padre havia sido o maior assalto e o mais forte ataque que já tinha sofrido: que seu embrutecimento seria definitivo se resistisse àquela clemência; que, cedendo

a ela, teria de renunciar ao ódio de que as ações dos outros homens lhe haviam enchido a alma durante tantos anos e que tanto lhe agradava; que havia chegado a ponto de vencer ou ser vencido e que já havia começado a ser travada uma luta, colossal e definitiva, entre a sua maldade e a bondade daquele homem.

Na presença de todas essas considerações, sentia-se como se estivesse embriagado. Enquanto caminhava dessa maneira, com os olhos amedrontados, teria uma percepção clara de qual poderia ser o resultado de sua aventura em Digne? Compreenderia todos esses zumbidos misteriosos que advertem ou importunam o espírito em certos momentos da vida? Uma voz desconhecida dizia-lhe ao ouvido que acabava de atravessar a hora solene do seu destino, que já não havia para ele meio-termo: dali em diante, se não se tornasse o melhor dos homens, seria o pior de todos; necessitava, por assim dizer, elevar-se mais alto do que o bispo ou cair mais baixo do que o forçado; se queria ser bom, devia tornar-se anjo; se queria conservar-se mau, teria de se tornar um monstro.

Aqui ainda é preciso que façamos as mesmas perguntas que já fizemos em outros pontos. Ele absorvia confusamente em seu pensamento alguma sombra disso tudo que lhe ocorria? É evidente, como já dissemos, que a desgraça educa a inteligência; entretanto, é duvidoso que Jean Valjean estivesse em condições de discernir tudo isso que apontamos aqui. Se essas ideias lhe ocorriam, ele mais as entrevia do que via, e elas só conseguiam lançá-lo numa perturbação inexprimível e quase dolorosa. Ao sair dessa coisa disforme e escura que se chama galé, sua alma foi ferida pelo bispo, da mesma maneira como um clarão muito forte o cegaria no momento em que ele saísse de algum lugar muito escuro. A vida futura, a vida possível que se lhe oferecia a partir de então, totalmente pura e radiante, enchiam-no de estremecimentos e ansiedade. Verdadeiramente, ele não sabia mais onde se encontrava. Como uma coruja que presenciasse o sol nascer de repente, o ex-prisioneiro viu-se ofuscado e cego pela virtude.

O que era certo, e de que nem ele mesmo duvidava, era que ele já não era mais o mesmo homem, que estava completamente transformado, que não tinha o poder de evitar o fato de ter ouvido e ter sido tocado pelas palavras do bispo.

Com seu espírito nessas condições encontrara o pequeno Gervais e roubara-lhe os quarenta soldos. Por quê? Não o conseguiria explicar claramente. Foi o último efeito, um supremo esforço dos maus pensamentos que trouxera das galés, um resto de impulsão, um resultado daquilo que em estática se chama *força adquirida*? Era isso, e talvez ainda menos. Digamos francamente: não foi ele quem roubou, não foi o homem, mas, sim, a besta que, por hábito e instinto, pôs estupidamente o pé sobre a moeeda, enquanto a inteligência se debatia no meio de tantas e tão novas

obsessões. Quando a inteligência despertou e viu a ação do bruto, Jean Valjean recuou constrangido e soltou um grito de espanto.

É que, fenômeno estranho e que só foi possível naquela situação em que ele estava, ao furtar o dinheiro daquela criança havia praticado um gesto que já não era mais capaz de fazer.

Fosse como fosse, essa última maldade produziu-lhe um efeito decisivo; atravessou-lhe repentinamente o caos em que tinha na inteligência e dissipou-o, colocando de um lado as densidades obscuras e, do outro, a luz; e agindo sobre sua alma, no estado em que se encontrava, assim como certos reagentes químicos agem sobre uma mistura turva, precipitando um elemento e clarificando o outro.

De início, antes mesmo de se examinar e de refletir, desorientado e como quem tenta se redimir, tratou de procurar o menino para lhe restituir o dinheiro; depois, vendo o quanto isso era inútil e impossível, parou, dominado por um extremo desespero. Quando gritou "Sou um miserável!", acabava de reconhecer quem ele realmente era; e já estava a tal ponto separado de si mesmo que lhe parecia não ser mais do que um fantasma de carne e osso que tinha diante de si, com o cajado na mão, vestindo uma blusa, tendo às costas a mochila cheia de objetos roubados, com o rosto sombrio e resoluto com o pensamento repleto de projetos abomináveis, o medonho forçado Jean Valjean.

O excesso de infortúnios, como já destacamos, tornou-o de alguma forma um visionário. Tudo ocorreu, então, como uma visão. Ele realmente viu diante de si aquele Jean Valjean de expressão sinistra. Esteve perto de perguntar quem era aquele homem, e foi tomado pelo horror.

Seu cérebro passava por um desses momentos violentos, apesar de terrivelmente calmos, em que a imaginação é tão profunda que absorve a realidade. Não se enxerga mais os objetos que se tem diante de si, e vê-se, como se estivessem fora, as figuras que estão dentro de si.

Ele contemplou a si mesmo, por assim dizer, face a face, e ao mesmo tempo, através dessa alucinação, via em uma profundeza misteriosa uma espécie de luz que, de início, pensou ser uma tocha. Olhando com mais atenção para essa luz que aparecia em sua consciência, notou que ela tinha uma forma humana e que essa tocha era o bispo.

Sua consciência considerou simultaneamente aqueles dois homens assim colocados em sua presença: o bispo e Jean Valjean. Foi preciso o primeiro para reformar o segundo. Por um dos efeitos singulares que são próprios dessa espécie de êxtase, à medida que sua meditação se prolongava, o bispo tornava-se cada vez mais grandioso e resplandecente, enquanto Jean Valjean ia diminuindo de vulto até

desaparecer. Houve um momento em que era apenas uma sombra; de repente, dissipou-se. Ficou só o bispo, que preenchia a alma desse miserável com magnífico esplendor.

Jean Valjean chorou por muito tempo; chorou lágrimas ardentes, soluçando, sentindo-se totalmente fraco e mais apavorado que uma criança.

Enquanto ele chorava, cada vez mais o dia ganhava vida em seu cérebro; um dia encantador e terrível ao mesmo tempo. Sua vida passada; seu primeiro erro; sua longa expiação; seu embrutecimento exterior; seu endurecimento interior; sua libertação satisfeita com tantos planos de vingança; o que lhe aconteceu na casa do bispo; e a última coisa que ele havia feito, isto é, o roubo de quarenta soldos de uma criança, crime tanto mais covarde quanto monstruoso, por ter sido cometido logo após o perdão do bispo. Tudo isso o revisitou e apareceu, visivelmente, com uma clareza que ele nunca havia visto antes. Contemplou sua vida, mas ela pareceu-lhe horrível, assim como sua alma pareceu-lhe execrável. No entanto, um dia tranquilo incidia sobre essa vida, sobre essa alma. Parecia que ele via Satã sob a luz do paraíso.

Quantas horas chorou assim? O que fez depois de ter chorado? Para onde foi? Nunca se soube. A única informação que parece averiguada é que, nessa mesma noite, o cocheiro que naquele tempo fazia o caminho de Grenoble, e que chegava a Digne pelas três horas da manhã, ao atravessar a praça da catedral no meio das sombras, viu um homem em posição de oração, de joelhos na calçada, em frente à porta de dom Bienvenu.

Notas

1 Patoá dos Alpes franceses: *chat de maraude*. (N.A.)
Podemos traduzir *chat de maraude* como "gatuno", isto é: aquele que furta; ladrão. (N.T.)

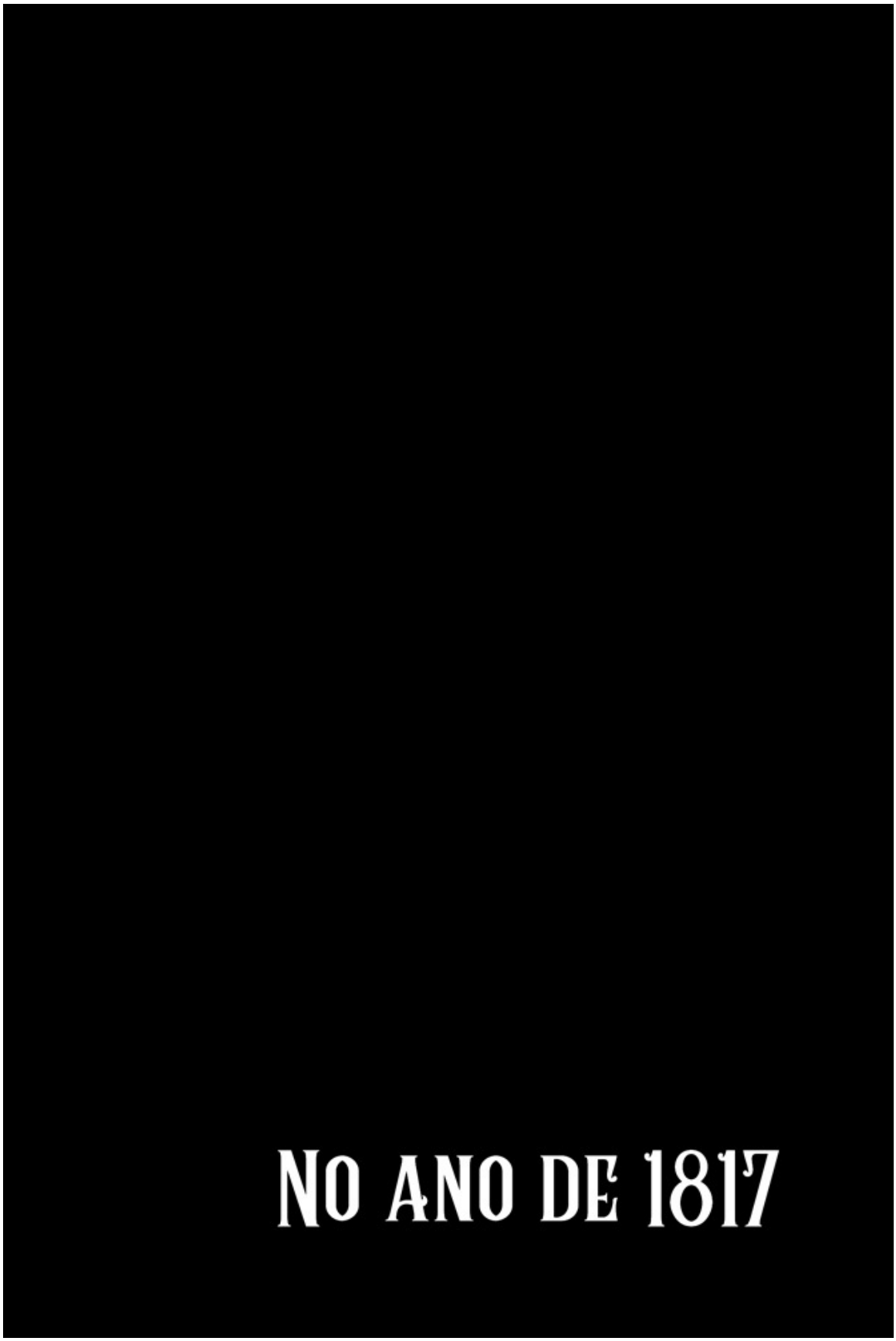
2 Frades pertencentes à Ordem de São João de Deus, fundada na Espanha e introduzida na França em 1601, por Marie de Médicis. Durante a Revolução Francesa, os frades foram expulsos e o termo "ignorantinho" passou a ser usado de forma depreciativa. (N.T.)

3 A prisão. (N.A.)

4 Instrumento musical de cordas, da época medieval, que chegou à Europa no século X e que se assemelha, em forma e som, ao violino. Há também a "viela de roda" (do francês "*vielle à roue*"), assim chamada devido ao fato de suas cordas serem friccionadas por meio de uma roda de resina girada por uma manivela. A viela de roda, por sua vez, guarda mais semelhança sonora com a sanfona. (N.T.)

5 Caixa em que as marmotas (espécie de animal roedor) eram guardadas e transportadas. Àquele tempo era comum, sobretudo na Saboia, região no sudeste da França, que os pequenos limpadores de chaminés capturassem marmotas para ensiná-las a dançar enquanto eles tocavam a viela, e, assim, pudessem obter alguma renda. (N.T.)

LIVRO TERCEIRO


No ano de 1817

I

O ano de 1817

O ano de 1817 é aquele que Luís XVIII, com certa postura real, que não era isenta de soberba, qualificava de 22º de seu reinado. Foi o ano em que o sr. Bruguière de Sorsum se tornou célebre. Todas as lojas de cabeleireiro estavam pintadas de azul e cheias de flores-de-lis, esperando novamente o uso dos pós e a volta do pássaro real. Era o tempo cândido em que o conde Lynch se apresentava todos os domingos, como tesoureiro, na bancada de Saint-Germain-des-Prés, com o traje de par de França, o cordão vermelho, o comprido nariz e a majestade de perfil particular a um homem que já havia realizado uma ação notável. A ação de Lynch consistia, sendo *maire* de Bordeaux, em 12 de março de 1814, em ter entregue a cidade demasiadamente cedo ao duque de Angoulême. Foi daí que lhe proveio o pariato. Em 1817, a moda fazia os meninos de quatro a seis anos serem engolidos por enormes bonés de marroquim, com orelheiras extremamente semelhantes às mitras dos esquimós. O Exército francês vestia-se de branco, como o austríaco; os regimentos chamavam-se legiões; em vez de números, portavam o nome de seus departamentos. Napoleão estava em Sanite-Hélène e, como a Inglaterra se recusava a enviar-lhe tecidos verdes, fez virarem do avesso suas velhas roupas. Em 1817, Pellegrini cantava, a srta. Bigottini dançava, Potier reinava, Odry não existia ainda. A sra. Saqui sucedia a Forioso. Ainda havia prussianos na França. O sr. Delalot era um indivíduo notável. A legalidade havia acabado de se consolidar, cortando a mão, depois a cabeça de Pleignier, de Carbonneau e de Tolleron. O príncipe de Talleyrand, camareiro-mor, e o padre Louis, designado ministro das Finanças, olhavam-se, rindo o riso de dois áugures; todos dois haviam celebrado, em 14 de julho de 1790, a missa da federação no Champ de Mars; Talleyrand, naquela ocasião, como bispo, enquanto Louis servia como diácono. Em 1817, nas vias paralelas a esse mesmo Champ de Mars, viam-se grossos cilindros de madeira lançados por terra, expostos à chuva e apodrecendo no meio da erva, pintados de azul, e ainda com vestígio de águias e de abelhas que já haviam tido uma coloração

dourada: eram as colunas que, dois anos antes, tinham sustentado o estrado do imperador no Champ de Mai. Estavam enegrecidas em um e outro ponto pelas fogueiras do acampamento austríaco, junto de Gros-Caillou. Duas ou três colunas tinham desaparecido nas fogueiras daquele acampamento, aquecendo as amplas mãos de *kaiserlicks*. O Champ de Mai teve como evento marcante o fato de ter sido reunido em junho ao Champ de Mars. Nesse ano de 1817, duas coisas eram populares: a relação Voltaire-Touquet e as tabaqueiras *à la charte*. A emoção parisiense mais recente era o crime de Dautun, que havia jogado a cabeça do próprio irmão no tanque do Mercado das Flores. O Ministério da Marinha começava a investigar a ausência da fragata *Medusa*, que deveria cobrir Chaumareix de vergonha e Géricault de glória. O coronel Selves ia ao Egito para se tornar Solimão Paxá. O palácio das Termas, na rua de La Harpe, servia de oficina a um tanoeiro. Via-se ainda, sobre a plataforma da torre octogonal do hotel de Cluny, a pequena cabina de madeira que havia servido de observatório para Messier, astrônomo da Marinha de Luís XVI. A duquesa de Duras lia para três ou quatro amigos, em seu salão ornado com cetim azul-celeste, o seu inédito *Ourika*. No Louvre, raspavam-se as letras N.[1] A ponte de Austerlitz abdicava e passava a ser chamada de ponte do Jardim do Rei, duplo enigma que disfarçava de uma só vez a ponte de Austerlitz e o Jardim das Plantas. Luís XVIII, preocupado, anotando por completo com o canto da unha em Horácio os heróis que se tornam imperadores e os tamanqueiros que se tornam delfins, tinha duas preocupações: Napoleão e Mathurin Bruneau. A Academia Francesa dava como tema digno de prêmio: *A felicidade que o estudo proporciona*. O sr. Bellart era oficialmente eloquente. Via-se germinar à sua sombra o futuro advogado-geral de Broë, destinado aos sarcasmos de Paul-Louis Courier. Havia um falso Chateaubriand chamado Marchangy, esperando que surgisse um falso Marchangy chamado Arlincourt. *Claire d'Albe* e *Malek-Adel* eram obras-primas; a sra. Cottin foi declarada a maior escritora da época. O Instituto deixava riscar de sua lista o acadêmico Napoleão Bonaparte. Uma ordem real promovia Angoulême na Escola Naval pois, já que o duque de Angoulême era um grande almirante, era evidente que a cidade de Angoulême tinha, por direito, todas as qualidades de um porto de mar, sem o qual o princípio monárquico ficaria prejudicado. Agitava-se no Conselho dos Ministros a questão de saber se era permitido tolerar as vinhetas que representavam as acrobacias que enfeitavam os cartazes de Franconi e atraíam os malandros da rua. O sr. Paër, autor de *Agnese*, bom homem de rosto quadrado, com uma verruga na bochecha, dirigia os pequenos concertos íntimos da marquesa de Sassenaye, na rua Ville-l'Évêque. Todas as jovens cantavam "l'Ermitte de Saint-Avelle", escrita por Edmond Géraud.

Le Nain Jaune passou a chamar-se *Miroir*. O Café Lemblin era adepto do imperador e contrário ao Café Valois, que tomava partido dos Bourbons. Casava-se com uma princesa da Sicília o duque de Berry, já obervado às escuras por Louvel. Havia um ano que Madame de Staël estava morta. Os guardas do rei assobiavam para a srta. Mars. Todos os grandes jornais ainda eram pequenos. O formato era restrito, mas a liberdade era grande. *Le Constitutionnel* era constitucional. *La Minerve* chamava Chateaubriand de *Chateaubriant*. Esse T fazia os burgueses rirem bastante à custa do grande escritor. Nos jornais vendidos, jornalistas prostituídos insultavam os proscritos de 1815; David não tinha mais talento; Arnault não tinha mais espírito; Carnot não tinha mais probidade; Soult não havia ganhado nenhuma batalha; e era fato que Napoleão não era mais visto como gênio. Ninguém ignora que é algo muito raro que as cartas remetidas pelo correio a um exilado chegassem às mãos de seu destinatário, pois a polícia cumpria seu religioso dever de interceptá-las. O fato não é novidade; Descartes, banido, já reclamava disso. Ora, tendo David demonstrado, num jornal belga, certa raiva por não receber as cartas que lhe eram escritas, alegrou os jornais realistas, que o ridicularizaram como proscrito. Dizer *regicida* em vez de *votantes*, ou *inimigos* em vez de dizer *aliados*, assim como dizer *Napoleão* em vez de *Buonaparte*, separava mais dois homens do que um abismo. Qualquer um que fosse sensato compreendia que a era das revoluções tinha sido encerrada para sempre pelo rei Luís XVIII, apelidado de "imortal autor da carta". No meio da Pont Neuf esculpia-se a palavra *Redivivus* no pedestal que aguardava a estátua de Henrique IV. O sr. Piet esboçava, na rua Thérèse, nº 4, seu conciliábulo para consolidar a monarquia. Os chefes da direita diziam em circunstâncias importantes: "É preciso escrever a Bacot." Canuel, O'Mahony e Chappedelaine rascunhavam, com certa aprovação de Monsieur, o que deveria ser mais tarde a "conspiração à beira da água". L'Épingle Noire, por sua vez, conspirava. Delaverderie conspirava com Trogoff. O sr. Decazes, espírito em certa medida liberal, dominava. Chateaubriand, de pé todas as manhãs à sua janela no nº 17 da rua Saint-Dominique, calçando suas pantufas, com os cabelos grisalhos cobertos com um lenço de Madras, os olhos fixos no espelho, um estojo completo de cirurgião-dentista diante de si, cuidava dos próprios dentes de homem charmoso, enquanto ditava variantes de *Monarquia segundo a Carta* para Pilorge, seu secretário. A crítica tida como autoridade preferia Lafon a Talma; Féletz assinava "A."; Hoffman assinava "Z."; Charles Nodier escrevia *Thérèse Aubert*. O divórcio havia sido abolido. Os liceus se chamavam colégios. Os estudantes tinham uma flor de lis dourada na gola e brigavam pelo rei de Roma. A polícia secreta do palácio denunciava à sua Alteza Real, Madame, o retrato, exposto em todo lugar, do duque

de Orléans, mais bem aparentado em uniforme de coronel-general dos hussardos que o duque de Berry em uniforme de coronel-general dos dragões; grave inconveniente. A cidade de Paris mandava redourar, às próprias custas, a cúpula dos Inválidos. Os homens sérios perguntavam-se o que Trinquelague faria nesta ou naquela ocasião; Clausel de Montals divergia, em vários pontos, de Clausel de Coussergues; Salaberry não se sentia satisfeito. O comediógrafo Picard, que era membro da Academia em que Molière não foi aceito, fazia representar *Les Deux Philibert* no Odéon, em cuja fachada as letras arrancadas ainda deixavam ler distintamente: THÉÂTRE DE L'IMPÉRATRICE. Embatiam-se os partidos pró e contra Euguet de Montarlot; Fabvier era faccioso; Bavoix, revolucionário. O livreiro Pélicier publicara uma edição de Voltaire, com o título *Obras de Voltaire*, da Academia Francesa. "Isto atrai os compradores", dizia o ingênuo editor. A opinião pública era de que o sr. Charles Loyson seria o gênio do século; a inveja começava a morder-lhe, sinal de glória; e faziam a seu respeito este verso:

Même quand Loyson vole, on sent qu'il a des pattes.[2]

Como o cardeal Fesch se recusava a pedir demissão, o sr. Pins, arcebispo de Amasie, administrava a diocese de Lyon. A querela sobre o Val de Dappes começava entre a Suíça e a França por um memorando do capitão Dufour, depois promovido a general. Saint-Simon, desconhecido, elaborava seu sonho sublime. Havia na Academia das Ciências um Fourier célebre, a quem a posteridade esqueceu, e em não sei que sótão, um Fourier obscuro, de quem o futuro se recordará. Lord Byron começava a aparecer; uma nota de um poema de Millevoye o anunciava à França nestes termos: "um tal lord Baron". David d'Angers esforçava-se em preparar o mármore. Em um beco sem saída da rua des Feuillantines, o abade Caron falava de forma elogiosa, num pequeno comitê de seminaristas, sobre um padre desconhecido chamado Félicité Robert, que foi mais tarde Lamennais. Uma coisa que soltava fumaça e se movia no Sena, com o barulho de um cão nadando, ia e vinha sob as janelas das Tulherias, da Pont Royal até a Pont Luís XV; era um mecanismo não muito bom, uma espécie de brinquedo, um devaneio onírico de um inventor, uma utopia: um barco a vapor. Os parisienses encaravam essa coisa inútil com indiferença. Vaublanc, reformador do Instituto por golpe de Estado, decreto e suborno, criador distinto de muitos acadêmicos, depois de tanto inventá-los, não pôde chegar a ser um deles. O bairro de Saint-Germain e o pavilhão Marsan desejavam Delaveau para chefe de polícia, por causa de sua devoção. No anfiteatro

da Escola de Medicina, Dupuytren e Récamier debatiam querelas a propósito da divindade de Jesus Cristo e quase chegavam a trocar socos. Cuvier, com um olho no Gênesis e o outro na natureza, esforçava-se para contentar à reação hipócrita pondo os fósseis de acordo com os textos bíblicos e fazendo Moisés ser acariciado pelos mastodontes. François de Neufchâteau, louvável cultivador da memória de Parmentier, fazia enormes esforços para que *pomme de terre* [batata] fosse pronunciado como *parmentière*, mas não conseguiu nada. O padre Grégoire, ex-bispo, ex-convencionalista e ex-senador, passara, na polêmica realista, ao estado de "o infame Grégoire". A locução que acabamos de usar, "passar ao estado de", foi denunciada como neologismo por Royer-Collard. Podia-se distinguir ainda por sua brancura, sob o terceiro arco da Pont d'Iéna, a pedra nova com a qual, dois anos antes, havia sido tapado o buraco feito por Blücher para explodir a ponte. A justiça convocava um homem que, ao ver entrar o conde d'Artois na Notre-Dame, disse em voz alta: "Caramba! Que saudade do tempo em que eu via Bonaparte e Talma entrar, de braços dados, no Bal-Sauvage." Intenções revolucionárias. Seis meses de prisão. Os traidores mostravam-se francamente; os homens que tinham passado para o inimigo na véspera de uma batalha não ocultavam coisa alguma da recompensa, e passeavam indecentemente à luz do dia, envoltos no cinismo das riquezas e das dignidades; os desertores de Ligny e dos Quatre-Bras, com toda a indecência da torpeza paga, expunham em perfeita nudez a sua dedicação monárquica, esquecendo-se do que está escrito na Inglaterra pelas paredes internas dos sanitários públicos: *Please adjust your dress before leaving*.[3]

Eis aqui, de modo confuso, o que acontecia no ano de 1817, hoje já caído em esquecimento. A história despreza quase todas essas particularidades, mas não poderia ser diferente; afinal, seria invadida pelo infinito. Todavia, esses pormenores, equivocadamente considerados pequenos — não há fatos pequenos na história humana, nem folhas pequenas na vegetação —, são úteis. São as feições dos anos que compõem a fisionomia dos séculos.

Nesse mesmo ano de 1817, quatro jovens parisienses criaram "uma boa farsa".

II

Duplo quarteto

Os quatro parisienses de que falamos eram um de Toulouse, outro de Limoges, o terceiro de Cahors e o quarto de Montauban; eram estudantes; e quem diz estudante diz parisiense. Estudar em Paris é nascer em Paris.

Quatro jovens insignificantes; não há ninguém que não tenha visto figuras semelhantes; quatro amostras dos primeiros que lembrarem: nem bons nem maus, nem instruídos nem ignorantes, nem gênios nem imbecis, e dotados da beleza do encantador abril que se chama vinte anos. Eram quatro Oscares quaisquer, porque nessa época ainda não existiam os Artures. "Queimai por ele os perfumes da Arábia!", exclamava a canção,[4] "Oscar se aproxima, Oscar, e quero vê-lo!". Tudo saído de Ossian; a elegância era escandinava e caledônia, o gênero inglês puro só mais tarde devia prevalecer, e o primeiro Artur, Wellington, acabava de ganhar a batalha de Waterloo.

Esses Oscares chamavam-se: um, Félix Tholomyès, de Toulouse; outro, Listolier, de Cahors; o terceiro, Fameuil, de Limoges; e o último, Blachevelle, de Montauban. Como era natural, cada um tinha a sua amante. Blachevelle amava Favourite, que se chamava assim por ter ido à Inglaterra; Listolier adorava Dahlia, que adotara por nome de guerra o nome de uma flor; Fameuil idolatrava Zéphine, abreviatura de Joséphine; Tholomyès tinha Fantine, denominada "a loura", por causa de seus belos cabelos dourados.

Favourite, Dahlia, Zéphine e Fantine eram quatro encantadoras moças, perfumadas, radiantes, um tanto operárias costureiras, não tendo abandonado de todo a agulha, prejudicadas pelos namoricos, mas apresentando nos rostos um resto de serenidade do trabalho e na alma a flor de honestidade que na mulher sobrevive à primeira queda. Entre as quatro havia uma a quem chamavam de "moça", porque era a mais nova, e outra que denominavam de "velha", e que tinha vinte e três anos. Para nada ocultar, as três mulheres eram mais experientes, mais descuidadas e mais prontas a deixar-se sempre arrastar pela vida tumultuosa do que Fantine, que estava ainda na sua primeira ilusão.

De Dahlia, Zéphine e, sobretudo, Favourite não se poderia dizer o mesmo. Já tinham mais de um episódio no seu romance apenas começado, e o apaixonado, que se chamava Adolphe no primeiro capítulo, chama-se Alphonse no segundo e Gustave no terceiro. A pobreza e o luxo são dois fatais conselheiros; uma ralha, o outro lisonjeia: as lindas mocinhas do povo ouvem sussurros dos dois ao pé do ouvido, um de cada lado. Essas almas mal preservadas dão-lhes ouvidos; daí os tombos que levam e as pedradas que recebem. São assim oprimidas com o esplendor de tudo que é imaculado e inacessível! Oh! Se a *Jungfrau*[5] estava com fome?

Favourite, por ter estado na Inglaterra, era admirada por Zéphine e Dahlia. Tivera, desde cedo, casa própria. Seu pai era um professor de matemática, rude e fanfarrão; não era casado e, apesar da idade, fazia o que podia. Quando ainda era jovem, viu um dia o vestido de uma criada ficar preso num cinzeiro e apaixonou-se por esse incidente. Dessa paixão resultara Favourite. De tempos em tempos, ela encontrava o pai, que nunca deixava de a cumprimentar. Numa manhã, entrou em sua casa uma velha com ares de beata dizendo-lhe:

— Não me conheces, menina?

— Não.

— Sou tua mãe.

Em seguida, a velha entrou na cozinha, comeu e bebeu, depois mandou que lhe trouxessem um colchão e se pôs a descansar. Essa mãe, rabugenta e devota, não falava nunca com Favourite, conservava-se horas inteiras sem dizer nada, almoçava, jantava e ceava por quatro, e costumava ir até o porteiro, com quem se entretinha falando mal da filha.

O que arrastara Dahlia para Listolier, para outros talvez, para a ociosidade, enfim, eram as bonitas e rosadas unhas que possuía. Não seria barbaridade obrigar aquelas unhas tão bonitas a trabalhar? Quem quer conservar-se virtuosa não deve ter dó das próprias mãos. E quanto a Zéphine, conquistara Fameuil pelo modo, ao mesmo tempo traquinas e acariciador, como dizia:

— Sim, senhor.

Assim como os quatro rapazes eram colegas, as quatro jovens também eram amigas. Os amores desse gênero são sempre acompanhados dessas amizades.

Ser sábio e ser filósofo são duas coisas distintas; e o que prova isso é que, guardando todas as reservas sobre aquelas vidas irregulares, Favourite, Zéphine e Dahlia eram filósofas, enquanto Fantine era uma moça sábia.

"Sábia?!", exclamarão por certo; "e Tholomyès?". Salomão responderia que o amor faz parte da sabedoria. Limitamo-nos a dizer que o amor de Fantine era um primeiro amor, único e fiel.

Era, entre as quatro, a única que só tinha sido tratada de você por apenas um homem.

Fantine era um desses seres que desabrocham, por assim dizer, à margem da sociedade. Saída das mais insondáveis espessuras da sombra social, tinha na fronte o sinal do que é anônimo e desconhecido. Nascera em Montreuil-sur-Mer. De que família? Quem o poderia dizer? Ninguém sabia quem era o pai e a mãe. Chamava-se Fantine. Mas por quê? Nunca a haviam conhecido por outro nome. Na época de seu nascimento, existia ainda o Diretório. Não tinha sobrenome porque não tinha

família; não tinha nome de batismo porque a Igreja não estava lá. Chamava-se como quis que se chamasse o primeiro transeunte que a encontrou na rua, muito pequenina e de pés descalços. Recebeu um nome como recebia no rosto a água das nuvens, quando chovia. Chamavam-lhe pequena Fantine, e isso era tudo o que sabiam sobre ela. Foi assim que entrou para a vida. Aos dez anos, saiu da cidade e foi trabalhar na casa de um rendeiro dos arredores; aos quinze, foi para Paris "em busca de fortuna". Fantine era formosa, e conservou-se pura o maior tempo que lhe foi possível. Era uma linda moça loura, com belos dentes. Seu dote era de ouro e pérolas; mas o ouro tinha-o nos cabelos e as pérolas na boca.

Trabalhou para sobreviver; depois, ainda para sobreviver, porque o coração também necessita de alimento, amou.

Amou Tholomyès.

Para ele foi apenas mais um namorico; para ela, uma grande paixão. As ruas do Quartier Latin, um formigueiro de estudantes e costureiras, testemunharam o começo desse sonho. Fantine, naqueles dédalos da colina do Panteão, onde começam e acabam tantas aventuras, fugira por muito tempo de Tholomyès, mas de modo que sempre o encontrava. Há um modo de fugir que se assemelha a procurar. Logo a écloga[6] começou.

Blachevelle, Listolier e Fameuil formavam uma espécie de corpo, de que Tholomyès era a cabeça e o espírito.

Tholomyès, típico estudante bem vivido, era rico; possuía quatro mil francos de renda, o que na pequena região de Santa Genoveva era um escândalo esplêndido. Tholomyès era um desajuizado de trinta anos, malconservado. Tinha rugas, era desdentado, e começava a aparecer-lhe uma calvície de que ele mesmo dizia, sem tristeza: "cabeça de trinta anos; joelho de quarenta". Digeria mal e tinha um olho que estava sempre lacrimejando. Mas à medida que a mocidade lhe escapava, tornava-se mais folgazão; substituía os dentes por gestos cômicos, os cabelos pela alegria e a saúde pela ironia; o olho lacrimejante o fazia rir sem parar. Estava todo desmantelado, mas coberto de flores. Sua mocidade, fechando a bagagem muito antes da idade própria, retirava-se em boa ordem, às gargalhadas, e não mostrando senão entusiasmo. Tivera uma peça rejeitada no vaudeville, e fazia de vez em quando seus versos. Além de tudo isso, duvidava superiormente de todas as coisas, o que denotava grande força de espírito aos olhos dos fracos. Assim, sendo irônico e calvo, tornou-se o chefe. *Iron* é uma palavra inglesa que quer dizer "ferro". Será daí que vem a ironia?

Um dia, Tholomyès chamou de parte os três amigos, fez um gesto de oráculo e disse-lhes:

— Há quase um ano que Fantine, Dahlia, Zéphine e Favourite nos pedem uma surpresa, a qual nós prometemos-lhes solenemente. Todos os dias elas nos lembram disso, sobretudo a mim; do mesmo modo que em Nápoles as mulheres gritam a são Januário "*Faccia gialluta fa o miracolo* (Face amarelada, faça um milagre)!", nossas belas meninas me dizem sem parar "Tholomyès, quando cumprirás tua surpresa?". Ao mesmo tempo, nossas famílias nos escrevem. Portanto, pressionados por ambos os lados, creio que é chegado o momento: vamos falar sobre isso.

Nesse ponto, Tholomyès abaixou a voz e articulou misteriosamente alguma coisa tão engraçada que fez com que os quatro ao mesmo tempo soltassem uma prolongada e entusiástica gargalhada. Blachevelle exclamou:

— Que grande ideia!

Então, chegaram à porta de uma taberna enfumaçada de tabaco, entraram e continuaram a conferência no meio da sombra.

O resultado desse papo obscuro foi um maravilhoso e alegre passeio no domingo seguinte, para o qual foram convidadas as quatro jovens.

III

Quatro a quatro

Hoje mal se pode fazer ideia do que era, há quarenta e cinco anos, um passeio ao campo, entre estudantes e costureiras. Os arredores de Paris já não são os mesmos. Aquilo que se poderia chamar de vida circumparisiense tem mudado completamente ao longo desse meio século; onde antes se encontrava o morangueiro, passa hoje um vagão; onde antes singrava o patacho, agora anda o barco a vapor; fala-se hoje em Fécamp como, àquela altura, se falava em Saint-Cloud. A Paris de 1862 é uma cidade que tem toda a França por arrabalde.

Os quatro pares executaram conscienciosamente todas as loucuras campestres possíveis naquele tempo. Começavam as férias, e era um lindo e calmo dia de verão. A mais velha, Favourite, a única que sabia escrever, em nome das quatro mandou a Tholomyès um bilhete que dizia o seguinte: "É muito boa hora de sair da felicidade."[7] Foi em consequência desse bilhete que eles se levantaram às cinco horas

da manhã. Foram de carruagem para Saint-Cloud, contemplaram a cascata seca e exclamaram: "Deve ser magnífica quando está com água!"; almoçaram na Tête-Noire, por onde Castaing ainda não havia passado, jogaram uma partida de argolas no bosque do grande tanque, subiram ao mirante de Diógenes, apostaram bolinhos de amêndoa na roleta da Pont de Sèvres, colheram flores em Puteaux, compraram pêssegos em Neuilly, comeram em toda parte folhados de maçã; foram, enfim, completamente felizes.

As moças corriam e chilreavam como toutinegras em liberdade. Era um delírio. De vez em quando, voltavam-se para seus amantes e batiam-lhes ligeiramente nas faces. Embriaguez matutina da vida! Adoráveis anos! As asas das libélulas estremecem. Oh! Quem quer que seja, terá suas recordações: já caminhou alguma vez pelo bosque afastando os ramos para que não ofendessem o rosto encantador que o segue? Já desceu sorrindo uma ribanceira, molhada pela chuva, em companhia de uma mulher amada que o segura pela mão, exclamando: "Ai! Minhas botas novas, em que estado ficarão?"

Precisamos dizer de imediato que a chuva, um feliz contratempo, fez falta a esse encontro tão agradável, embora Favourite tenha dito em tom magistral e maternal enquanto saía:

— Os caracóis passeiam pelas trilhas; sinal de chuva, meus filhos.

Todas quatro estavam loucamente felizes. Um velho poeta clássico, Labouïsse, homem de grande renome àquela altura e que também tinha sua Eléonore, passeando naqueles dias pelos bosques de Saint-Cloud, viu-as passar pelas dez horas da manhã e exclamou "Aí tem uma a mais", pensando nas três Graças. Favourite, a amiga de Blachevelle, aquela que tinha vinte e três anos, a mais velha, como diziam, corria na frente, sob os grandes ramos verdes, saltava os buracos, pulava ansiosamente os arbustos e encabeçava o alegre passeio com a vivacidade de um jovem fauno. Zéphine e Dahlia, a quem o acaso havia feito de tal modo belas que se completavam e aumentavam ainda mais suas belezas quando estavam juntas, não se separavam, mais por coquetismo que por amizade, e, apoiadas uma à outra, tomavam poses inglesas; os primeiros *keepsakes*[8] acabavam de aparecer, a melancolia despontava para as mulheres, como, mais tarde, o byronismo para os homens; as mulheres começavam a usar os cabelos soltos. Zéphine e Dahlia estavam usando cabelos cacheados. Listolier e Fameuil, embrenhados numa discussão sobre seus professores, explicavam para Fantine a diferença que havia entre Delvincourt e Blondeau.

Blachevelle parecia ter sido criado especialmente para, aos domingos, carregar no braço o xale de Favourite.

Tholomyès prosseguia, dominando o grupo. Era muito alegre, mas percebia-se nele a autoridade; havia um quê de ditatorial em sua jovialidade. Seu ornamento principal era uma calça boca de sino, cor nanquim, com presilhas de cobre; ele tinha na mão uma bengala com haste de vime que custava duzentos francos e, como se permitia tudo, tinha uma coisa estranha chamada cigarro na boca. Para ele nada era sagrado, ele fumava.

— Esse Tholomyès é admirável! — diziam os outros com veneração. — Que calças! Que energia!

Quanto a Fantine, era a própria alegria. Os brilhantes dentes que possuía tinham evidentemente recebido de Deus a missão do riso; levava de melhor vontade na mão do que na cabeça seu chapeuzinho de palha, guarnecido com fitas brancas; seus abundantes cabelos louros, sempre prontos a flutuar, soltando-se a cada passo, sendo necessário segurá-los quase sem cessar, pareciam ter nascido para a fuga de Galateia sob os salgueiros; seus lábios rosados balbuciavam de modo encantador; os cantos da boca, voluptuosamente salientes, como nas carrancas antigas de Erígone, tinham certo ar que animava os audazes; mas as sobrancelhas cheias de sombra abaixavam-se discretamente sobre a desordem que, por assim dizer, reinava na parte inferior do rosto, como se colocasse um ponto-final. Todo o seu vestuário tinha um quê de alegre e flamejante. Trajava um vestido de *barège*, verde-malva, sapatinhos abotinados, de um pardo duvidoso e cujas fitas se traçavam airosamente sobre finíssimas meias abertas, e uma espécie de *spencer* de musselina, invenção marselhesa, cujo nome *canezou*, corrupção da frase *quinze août* pronunciada na Canebière, significa bom tempo, calor e meio-dia. As três amigas, menos tímidas, como já dissemos, iam extraordinariamente decotadas, o que, no verão, sob chapéus cobertos de flores, é extremamente gracioso e provocador; mas ao lado desses atrevidos vestuários, o *canezou* da loura Fantine, com suas transparências, reticências e indiscrições, ocultando e mostrando ao mesmo tempo, parecia um provocante achado da decência, a que o notável júri de amor, presidido pela viscondessa de Cette, cujos olhos eram verde-mar, teria decerto concedido o prêmio de coquetismo, por concorrer para a castidade. Sucede, muitas vezes, residir a maior sabedoria no que é mais simples e ingênuo.

Face esplêndida, perfil delicado, olhos de um azul profundo, pálpebras pesadas, pés arqueados e pequenos, punhos e cotovelos admiravelmente torneados, pele branca que deixa entrever, aqui e ali, as ramificações azuladas das veias, bochecha pueril e fresca, pescoço robusto como o das Junos eginéticas, nuca forte e flexível, ombros modelados como por Coustou, tendo ao centro uma covinha sensual, visível através da musselina; uma alegria impregnada de sonho; escultural e esquisita, assim

era Fantine; podia-se entrever sob aqueles trapos uma estátua e, nessa estátua, uma alma.

Fantine era bela sem que tivesse a consciência disso. Os raros sonhadores, misteriosos sacerdotes do belo, que confrontam silenciosamente todas as coisas com a perfeição, teriam entrevisto naquela costureirinha, através da transparência da graça parisiense, a antiga eufonia sagrada. Aquela filha da sombra tinha dotes de nobreza. Era duplamente bela: pelo estilo e pelo ritmo. O estilo é a forma do ideal; o ritmo é o seu movimento.

Dissemos que Fantine era a própria alegria; mas era também o próprio pudor.

Para um observador que a estudasse atentamente, o que se desprendia dela, através de toda essa embriaguez da idade, da estação e do namorico, era uma incomparável expressão de recato e modéstia. Seguia um pouco surpresa, e é a castidade dessa admiração a linha que separa Psique de Vênus. Fantine tinha os dedos longos, brancos e finos da vestal que mexe as cinzas do fogo sagrado com um alfinete de ouro. Ainda que nada, o que só veremos adiante, tivesse negado a Tholomyès, seu rosto em repouso era soberanamente virginal; uma espécie de dignidade inflexível e quase austera a invadia de repente em certas horas, e nada mais singular e inquietante do que ver a alegria apagar-se tão rapidamente e o recolhimento seguir-se, sem transição, à expansão. Essa seriedade súbita, às vezes severamente acentuada, assemelhava-se ao desdém de uma deusa. Sua fronte, seu nariz e seu queixo ofereciam um equilíbrio de linhas, completamente distinto do equilíbrio de proporções, do qual resulta a harmonia de seu rosto; no intervalo tão característico que separa a base do nariz e o lábio superior, havia uma reentrância imperceptível e charmosa, sinal misterioso da castidade que tornou Barba-Roxa apaixonado por uma Diana encontrada nas escavações de Icônia.

Se o amor é uma falta, Fantine era a inocência sobrenadando nela.

IV

Tholomyès, de tão alegre, entoa uma canção espanhola

O dia do passeio foi de uma permanente aurora. Toda a natureza, sorridente, parecia em férias. Os jardins de Saint-Cloud embalsamavam a atmosfera; o sopro de vento do Sena agitava vagamente a folhagem; os ramos gesticulavam com o vento; as abelhas saqueavam os jasmins; uma multidão de borboletas pousava constantemente nas aquileias, nos trevos e nas avenas; sem falar na colônia de vagabundos que povoava o augusto parque do rei da França, os pássaros.

Os quatro alegres pares, aliados ao sol, aos campos, às flores e às árvores, resplandeciam.

E nesse ambiente paradisíaco, falando, cantando, correndo, dançando, caçando borboletas, colhendo campânulas, molhando as meias cor-de-rosa na grama alta, frescas, louca sem malícias, todas recebiam aqui e ali uns beijos de todos, exceto Fantine, fechada na vaga resistência sonhadora e tímida de quem ama.

— Você — dizia-lhe Favourite — está sempre aérea.

Essas são as verdadeiras alegrias. A passagem de casais felizes é um apelo profundo para a vida e a natureza, e faz a carícia e a luz surgirem de tudo. Era uma vez uma fada que fez os campos e os bosques expressamente para os apaixonados. Daí essa eterna escola campestre dos amantes, que sempre recomeça e durará enquanto houver campos e estudantes. Daí a grande popularidade da primavera entre os pensadores. O patrício e o plebeu, o duque, o par e o humilde, as pessoas da corte e as da cidade, como se dizia antigamente, todos estão sujeitos a tal fada. Rimos e nos procuramos, enquanto o ar ganha um brilho apoteótico. Eis a transfiguração do ato de amar! Os escreventes de tabelião viram deuses. E os gritinhos, as perseguições em meio aos arbustos, as cinturas tomadas em voo, os jargões melodiosos, as adorações que irrompem até no modo de pronunciar cada sílaba, as cerejas roubadas de uma boca à outra, tudo resplandece e nos transporta a glórias celestiais. Belas moças desperdiçam a própria doçura, enquanto acreditamos que ela nunca acabará. Os filósofos, os poetas, os pintores contemplam esses êxtases sem saber o que fazer, de tanto que isso os deslumbra. “A partida para Citera!”, exclamava Watteau; Lancret, o pintor dos plebeus, contempla burgueses envoltos no azul; Diderot estende os braços a todos esses apaixonados; e d’Urfé junta-lhes os druidas.

Depois do almoço, os quatro casais foram ver, no que se chamava então de canteiro do rei, uma planta recentemente trazida da Índia, cujo nome agora me escapa, que naquela época atraía Paris inteira para Saint-Cloud; era um bizarro e bonito arbusto, alto, em que inúmeros ramos finos e espalhados estavam cobertos de

um milhão de pequenas rosas brancas, como uma cabeleira despenteada e repleta de flores. Havia sempre uma multidão para admirá-lo.

Arbusto visto, Tholomyès exclamou:

— Vamos voltar a cavalo!

Acertaram o preço do aluguel dos jumentos e voltaram pelo caminho de Vanves e Issy. Em Issy, aconteceu o seguinte: o parque, propriedade nacional, administrado então por Bourguin, estava completamente aberto. Então eles entraram, visitaram o modelo do anacoreta em sua gruta, experimentaram os efeitos misteriosos da célebre sala de espelhos, lasciva armadilha digna de um sátiro milionário, ou de Turcaret metamorfoseado em Priapo; e se balançaram bastante na grande rede, presa aos dois castanheiros celebrados pelo abade de Bernis. Enquanto as belas se balançavam, uma após a outra, dando gargalhadas, enquanto as saias eram levantadas pelo vento, Greuze teria que ouvir o tolosense Tholomyés, um tanto espanhol, visto Toulouse ser prima de Tolosa, cantar em melancólica cadência a velha seguidilha, provavelmente inspirada por alguma moça bonita balançando-se alto com toda a força em uma corda presa a duas árvores:

Soy de Badajoz.
Amor me llama
Toda mi alma,
Es en mis ojos
Porque enseñas
A tus piernas.

Só Fantine recusou balançar-se.

— Não gosto nem um pouco de quem se faz assim importante — murmurou Favourite, com visível azedume.

Deixados os jumentos, nova alegria: atravessaram o Sena num barco; e de Passy dirigiram-se a pé para Étoile. Como se sabe, estavam a pé desde as cinco horas da manhã.

— Quem sente cansaço no domingo? — disse Favourite. — A fadiga *não trabalha* aos domingos.

Pelas três horas, os quatro pares, repletos de felicidade, desciam a montanha-russa, edifício singular que ocupava então as alturas de Beaujon e cuja tortuosa linha se avistava por cima das árvores dos Champs-Élysées.

De tempos em tempos, exclamava Favourite:

— E a surpresa? Quero saber dessa surpresa!
— Tenha paciência — respondia Tholomyès.

V

No restaurante Bombarda

Explorada a montanha-russa, pensaram em ir jantar. O radiante grupo, enfim um tanto cansado, chegou então à taberna Bombarda, nos Champs-Élysées, sucursal do famoso restaurante Bombarda, que ficava na rua de Rivoli, ao lado da travessa Delorme.

Um salão grande, mas feio, com uma cama ao fundo (apesar da amplidão da taberna, foi-lhes indispensável contentarem-se com essa pousada, por ser domingo) e duas janelas, de onde se podiam contemplar, por entre olmeiros, o cais e o rio; um magnífico raio de luz de agosto brilhava nas janelas; duas mesas, e numa delas uma triunfante montanha de ramalhetes envolta com chapéus masculinos e femininos; em torno da outra, os quatro casais, na presença de vários pratos, copos, garrafas de vinho e canjirões de cerveja; pouca ordem sobre a mesa e alguma desordem por debaixo dela:

Ils faisaient sous la table
Un bruit, un trique-trac de pieds épouvantable,[9]
diz Molière.

Eis o ponto em que se achava, às quatro horas e meia da tarde, a folia principiada às cinco da manhã. O sol declinava e o apetite extinguia-se.

Os Champs-Élysées, cheios de sol e de gente, eram apenas luz e poeira, duas coisas que compõem glória. Os cavalos de Marly, mármores relinchantes, empinavam-se numa nuvem de ouro. As carruagens iam e vinham. Um esquadrão magnífico da Guarda, com os clarins à frente, descia a avenida Neuilly; a bandeira branca, levemente rosada à luz do sol poente, flutuava na cúpula das Tulherias. A

praça da Concórdia, voltando a ser praça Luís XV, regurgitava de transeuntes contentes. Muitos usavam uma flor de lis de prata pregada a uma fita branca que, ainda em 1817, continuava a ser vendida pelas lojas. Em um ou outro ponto, em meio aos que passavam fazendo circo e aplaudindo, formavam-se rodas de moças, cantando uma bourbonesa, então célebre, destinada a fulminar os Cem Dias e que tinha o seguinte estribilho:

Rendez-nous notre père de Gand
Rendez-nous notre père.[10]

Muitas pessoas, trajando suas roupas de domingo, às vezes até mesmo floridas, como faziam os burgueses, espalhadas pelo grande canteiro e pelo canteiro de Marigny, jogavam argolas e davam voltas com seus cavalos de madeira; outras bebiam; outras, ainda, aprendizes de tipógrafos, usavam bonés de papel. Era perceptível a alegria delas. Tudo era radiante. Era um tempo de paz incontestável e de profunda segurança monárquica; época em que um relatório íntimo e especial do chefe de polícia, Anglès, dirigido ao rei, a respeito dos arredores de Paris, terminava com estas linhas:

> Tendo considerado tudo, majestade, não há nada a temer com relação a essa gente. São apáticos e indolentes como gatos. O povo humilde das províncias é inquieto, mas o de Paris não é. São tão homens pequenos. Majestade, seriam necessários dois deles para fazer um de vossos granadeiros. Não há o que temer quanto à plebe da capital françesa. É importante destacar ainda a queda no quantitativo dessa população nos últimos cinquenta anos; e o número do povo dos arredores de Paris está inferior ao de antes da revolução. Não indicam qualquer perigo. Em suma, é uma boa canalhada.

Os agentes de polícia não acreditavam na possibilidade de que um gato pudesse se transformar em leão; mas foi esse, no entanto, o milagre do povo de Paris. O gato de antes, tão desprezado pelo conde Anglès, tinha agora a estima das antigas repúblicas; ele encarnava em seus olhos a liberdade, e, como se servisse de bandeira para a Minerva áptera do Pireu, havia na praça pública de Corinto um colossal gato de bronze. A ingênua polícia da Restauração via com muito "bons olhos" o povo de

Paris. Não é, como se acreditava, tão "boa canalhada". O parisiense está para o francês como o ateniense para o grego; ninguém dorme melhor que ele, ninguém é mais francamente frívolo e preguiçoso que ele, ninguém mais do que ele possui um ar de alheamento. Mas não se deve fiar nesse perfil. Ele é próprio a toda espécie de negligência, mas, quando vislumbra um fim glorioso, é de uma fúria admirável. Deem-lhe uma lança, e ele fará o 10 de agosto; deem-lhe um fuzil, e terão Austerlitz. Ele é o ponto de apoio de Napoleão e a defesa de Danton. Quando se trata da pátria? Ele se alista. Quando se trata da liberdade? Ele arranca os paralelepípedos para lutar. Atenção! Seus cabelos cheios de cólera tornam-se épicos; sua camisa transforma-se em clâmide.[11] Cuidado! Da primeira rua Greneta que vier, farão forcas caudinas. Chegada a hora exata, o periférico se agiganta, o pequeno plebeu se levanta com olhar terrível, e de seu sopro faz uma tempestade, e sairá desses peitos tão fracos vento suficiente para alterar as dobras dos Alpes. É graças ao povo periférico de Paris que a revolução, misturada aos exércitos, conquista a Europa. O povo canta! Essa é sua alegria. Proporcionem uma canção a essa natureza forte, então verão o que acontece! Enquanto seu refrão é apenas a *Carmagnole*, não fazem mais que destronar Luís XVI; façam com que cantem a *Marseillaise*, e ela libertará o mundo.

Deixadas essas anotações feitas à margem do relatório de Anglès, voltemos aos nossos quatro casais. O jantar, como havíamos dito, tinha chegado ao fim.

VI

Capítulo em que se amam

Conversações de mesa e frases de amor. Umas são tão quiméricas como as outras: as frases de amor são ligeiras nuvens; as conversações de mesa, fumaças de cigarro.

Fameuil e Dahlia cantarolavam, Tholomyès bebia, Zéphine ria, Fantine dava apenas alguns sorrisos, Listolier soprava numa gaitinha de madeira que comprara em Saint-Cloud, enquanto Favourite contemplava Blachevelle e dizia:

— Eu te adoro, Blachevelle!

Isso suscitou uma pergunta de Blachevelle:

— Que farias tu, Favourite, se eu deixasse de te amar?

— Eu! — exclamou Favourite. — Não digas isso nem brincando! Se deixasses de me amar, eu te agarraria, te arranharia, te jogaria água e fazia com que te prendessem.

Blachevelle sorriu para si mesmo com a fatuidade voluptuosa de um homem lisonjeado no amor-próprio. Favourite continuou:

— Sim, eu gritaria pela Guarda! Ah! Pensas que eu me envergonharia? Canalha!

Blachevelle recostava-se extasiado na cadeira e fechava orgulhosamente os olhos.

Dahlia, sem deixar de comer, disse em voz baixa a Favourite, no meio da confusão geral:

— Pelo que vejo, morres pelo teu Blachevelle.

— Eu? Eu o detesto — respondeu Favourite no mesmo tom, tornando a pegar no garfo. — É um avarento. Quem eu amo é o rapaz que mora em frente à minha casa; é muito interessante. Você o conhece? Vê-se que insiste em ser ator, e eu amo os atores. Basta que ele entre em casa, logo a mãe exclama: "Ai, meu Deus, acabou-se o sossego. Já sei que vai gritar. Olha, meu filho, que me quebras a cabeça!" A questão é que ele anda pela casa, pelos celeiros de ratos, por buracos escuros tão altos que ele pode subir, e canta e declama, não sei o quê, que não se ouve nada lá de baixo! Ele já ganha vinte soldos por dia com um advogado, escrevendo trivialidades. É filho de um antigo cantor de Saint-Jacques-du-Haut-Pas. Ah! Está muito bem. É tão doido por mim que, ao me ver um dia fazendo massa para panquecas, me disse: "Menina, mesmo que você faça de suas luvas sonhos, eu os comerei." Olha que só os artistas é que dizem essas coisas. Ah! Ele é muito interessante; quase fico enfeitiçada por esse menino. Que seja assim; vou dizendo a Blachevelle que o amo. Como sei mentir, hein?! Como sei mentir!

Favourite, depois de uma pausa, continuou:

— Mas olha, Dahlia, como estou triste. Não fez senão chover todo o verão; o vento me incomoda e não quer abrandar; Blachevelle é um sovina; no mercado apenas se encontram ervilhas: a gente não sabe o que comer; tenho o *spleen*, como dizem os ingleses; a manteiga está caríssima! E depois, vês tu, é horroroso jantar num lugar onde há uma cama: isso me deixa desgostosa com a vida!

VII

Sabedoria de Tholomyès

Entretanto, ao passo que uns cantavam, outros falavam ao mesmo tempo; era uma completa confusão. Por fim, interveio Tholomyès:

— Não falemos assim ao acaso nem precipitadamente. Se queremos ser deslumbrantes, meditemos. Muita improvisão, assim de modo besta, esvazia o espírito. Cerveja que corre não deixa crescer a espuma. Senhores, nada de pressa. Aliemos a majestade ao rega-bofe; comamos com comedimento; prolonguemos o banquete; não nos apressemos. Vejam a primavera: se ela se apressar, está morta, isto é, irá congelar. O excesso de zelo perde os pessegueiros e damasqueiros, anula a graça e a alegria dos bons jantares. Nada de zelo, senhores! Grimond de la Reynière é da mesma opinião de Talleyrand.

No mesmo instante, manifestou-se no grupo uma surda rebelião.

— Vê se nos deixa em paz, Tholomyès — disse Blachevelle.

— Abaixo o tirano! — exclamou Fameuil.

— Bombarda, rega-bofe e bambocha! — gritou Listolier.

— O domingo está aí! — tornou Fameuil.

— E nós estamos sóbrios — acrescentou Listolier.

— Tholomyès, veja como estou muito calmo.

— Mas tu és o próprio marquês de Montcalm — respondeu Tholomyès.

Esse medíocre trocadilho[12] fez o efeito de uma pedra jogada em um charco. O marquês de Montcalm era então um realista célebre. Todas as rãs se calaram.

— Amigos — exclamou Tholomyès, com a entonação de um homem que reassume o poder —, acalmem-se! Não é preciso muita bulha para acolher esse jogo de palavras caído do céu. Tudo o que nos traz a sorte não é necessariamente digno de entusiasmo e de respeito. O trocadilho são os excrementos de um espírito que voa. A piada pode cair onde for; o espírito, após soltar uma besteira, dissipa-se no ar. A mancha esbranquiçada que se arrebenta de encontro ao rochedo não impede o condor de voar. Longe de mim querer insultar o trocadilho! Honro-o na proporção de seus méritos, nada mais. Tudo o que há de mais augusto, de mais sublime e de mais encantador na humanidade, e talvez além da humanidade, é feito com jogos de palavras. Jesus Cristo fez um trocadilho sobre são Pedro; Moisés, sobre Isaac; Ésquilo, sobre Polinices; Cleópatra, sobre Otávio. Lembrem-se que o trocadilho de Cleópatra precedeu a batalha de Actium, e que, sem ele, ninguém mais recordaria a cidade de Toryne, palavra grega que significa grande concha. Tendo exposto isso,

retomo minha exortação. Meus irmãos, repito, nada de zelo, nada de confusão, nada de excessos, mesmo em casos extremos, de muita alegria e de jogos de palavras. Ouçam-me, tenho a prudência de Anfiaraus e a calvície de César. É preciso um limite até mesmo para os enigmas dos trocadilhos. *Est modus in rebus.*[13] É preciso um limite até mesmo para os jantares. Vocês adoram folhados de maçã, minhas meninas, mas não abusem. Até mesmo com folhados é necessário bom senso e arte. A glutonaria castiga o guloso. *Gula punit Gulax*. A indigestão está encarregada por Deus de pregar a moral ao estômago. E guardem isso: cada uma de nossas paixões, mesmo o amor, tem um estômago que não deve ser exageradamente enchido. Em tudo é necessário escrever a tempo a palavra *finis*; é preciso se conter quando o limite parece urgente, trancar à chave o apetite, encarcerar a fantasia e colocar a si mesmo em um cárcere. Sábio é aquele que no momento exato é capaz de se deter. Podem confiar em mim, porque sei um pouco de Direito e, pelo que dizem meus exames, sei a diferença que existe entre uma questão encerrada e uma questão pendente; porque defendi uma tese, em latim, sobre a maneira como era aplicada a tortura em Roma, no tempo em que Munatius Demens era questor do parricida; porque serei doutor, ao que me parece, e nem por isso se conclui que eu precise ser completamente imbecil. É tão verdade quanto o fato de eu me chamar Félix Tholomyès. Feliz de quem, quando a hora certa soa, opta heroicamente pela abdicação, como o fizeram Sila e Orígenes!

Favourite ouvia com uma atenção profunda:

— Félix! — disse ela. — Que nome mais bonito! Gosto muito dele. É latim. Quer dizer Próspero.

Tholomyès prosseguiu:

— *Quirites*, *gentlemen*, *caballeros*, meus amigos! Vocês querem deixar de ter qualquer apetite e ultrapassar o leito nupcial, para então enfrentar o amor? Nada mais simples. Eis a receita: limonada, exercício ao extremo, trabalho forçado; deem o máximo de si, carreguem pedras, incansavelmente, sempre em vigília; apreciem bebidas nitrosas e chás de ervas de ninfeias; saboreiem emulsões de papoulas e agnus-castus; acrescentem a tudo isso uma dieta severa, morram de fome; e juntem a isso banhos frios, cintos de ervas, aplicação de uma placa de chumbo, loções com licor de Saturno, remediando tudo com uma mistura de água e vinagre.

— Acho melhor uma mulher — disse Listolier.

— A mulher! — continuou Tholomyès. — Desconfiem dela. Pobre daquele que se entrega ao coração volúvel da mulher! A mulher é pérfida e inconstante. Ela detesta a serpente por ciúme de profissão. Vê a serpente como uma loja concorrente do outro lado da rua.

— Tholomyès — gritou Blachevelle —, você está bêbado!

— Protesto! — respondeu Tholomyès.

— Então, alegre-se — retrucou Blachevelle.

— Está certo — respondeu Tholomyès.

E, enchendo o copo, levantou-se:

— Glória ao vinho! *Nunc te, Bacche, canam*![14] Perdão, minhas meninas, isso é espanhol. E a prova, *señoras*, está aqui: tal povo, tais barris. A arroba de Castela contém dezesseis litros; o cântaro de Alicante, doze; o almude das Canárias, vinte e cinco; o quartim das Baleares, vinte e seis; e as botas do czar Pedro, trinta. Viva o grande czar e viva sua bota, que é maior ainda! Minhas meninas, um conselho de amigo: iludam-se com seu colega ao lado, se acharem bom. A distração é própria do amor. O namorico não é feito para se agacharem e se embrutecerem como uma criada inglesa, que fica com calos nos joelhos. Ele não é feito para isso; é um passatempo alegre, o leve namorico! Diz-se: errar é humano. Mas eu digo: errar é estar amando. Minhas meninas, amo todas vocês. Ó Zéphine, ó Joséphine, figura meio amassada, você seria mais atraente se não estivesse de perfil. Seu rosto tem um quê de beleza, mas parece que alguém, por descuido, sentou sobre ele. Quanto a Favourite, ó ninfas e musas! Um dia Blachevelle atravessava o riacho da rua Guérin-Boisseau quando viu uma moça bonita, com meias brancas que deixavam à mostra suas pernas. Esse prólogo o agradou, então Blachevelle se apaixonou. Essa moça era Favourite. Ó Favourite, que lábios jônios você tem! Havia um pintor grego cujo nome era Eufórion, a quem chamavam "o pintor dos lábios". Ele seria o único digno de pintar seus lábios. Escuta! Antes de você não existia criatura alguma digna desse nome. Você foi feita para receber a maçã como Vênus ou para comê-la como Eva. A beleza começa em você. Acabei de falar da Eva; foi você quem a criou. Você merece o título de inventora da beleza feminina. Ó Favourite, vou parar de falar de você, porque passo agora da poesia à prosa. Há pouco você falava de meu nome. Isso me enterneceu; mas, quem quer que sejamos, desconfiemos dos nomes. Afinal, eles podem se enganar. Chamo-me Félix e não sou nada feliz. As palavras mentem. Não devemos aceitar cegamente as referências que elas nos dão. Seria um erro escrever a Liège para conseguir rolhas e a Pau para conseguir luvas. Miss Dahlia, em seu lugar, eu me chamaria Rosa. É preciso que a flor tenha perfume e que a mulher seja espirituosa. Nada direi de Fantine: é uma sonhadora, devaneadora, pensativa, uma sensível; é um fantasma em forma de ninfa e com o pudor de uma freira que se desencaminha como costureira, mas que se refugia nas ilusões, e canta, e reza, e contempla o céu azul sem saber bem o que vê nem o que faz, e, olhando o céu, vagueia em um jardim onde há mais passarinhos do que realmente existem! Ó

Fantine, saiba que eu, Tholomyès, sou uma ilusão. Mas você não me ouve, loura filha das quimeras! De resto, tudo nela é frescor, suavidade, juventude, leve claridade matinal. Ó Fantine, moça digna de ser chamada margarida ou pérola, você é uma mulher do mais belo Oriente. Minhas senhoras, um segundo conselho: não se casem; o casamento é um enxerto: pode dar certo ou não. Fujam desse risco. Mas chega! O que é que estou cantando aqui? Estou desperdiçando palavras. As moças são incuráveis quando o assunto é casamento; e nada que nós, os sábios, viermos a dizer impedirá que essas fabricantes de coletes e de borzeguins deixem de sonhar com um marido enriquecido de diamantes. Enfim, que seja; mas, minhas belas, guardem o que vou dizer: vocês comem açúcar demais. Vocês, mulheres, não têm senão um defeito, é a gulodice. Ó sexo roedor, seus alvos e lindos dentinhos adoram o açúcar. Ora, escutem bem, o açúcar é um sal. Todo sal é dessecante, mas o açúcar é o pior de todos. Através das veias esgota os líquidos do sangue; daí a coagulação e, depois, a solidificação do mesmo sangue; daí também a tuberculose no pulmão; daí a morte. É por isso que o diabetes confina com a tísica. Livrem-se, portanto, do açúcar, e viverão mais! Volto-me agora para os homens: senhores, tenham o máximo de conquistas! Roubem as amantes uns dos outros, sem remorsos, assim como, em uma dança, roubam-se as parceiras! Quando se trata de amor, não há amigos. Em toda parte em que esteja uma mulher bonita, as portas da hostilidade estão abertas. Nada de quartel, guerra até o fim! Uma mulher bonita é um *casus belli*, um flagrante delito. As invasões de que fala a história foram todas determinadas por esses cotilhões.[15] A mulher é o direito do homem. Rômulo raptou as sabinas; Guilherme, as saxônias; César fez o mesmo às romanas. O homem que não é amado paira como um abutre sobre as amantes dos outros. E, quanto a mim, lanço a todos esses desventurados viúvos a sublime proclamação de Bonaparte ao Exército da Itália:

— Soldados, estão desprovidos de tudo; e ao inimigo está sobrando!

Tholomyès fez uma pausa.

— Toma a respiração, Tholomyès — disse Blachevelle.

Ao mesmo tempo, com ar de lamento, Blachevelle, acompanhado por Listolier e Fameuil, entoou uma dessas canções de improviso, compostas com as primeiras palavras que ocorrem, rimadas a torto e a direito e vazias de sentido, como o gesto da árvore e o ruído do vento, nascidas do fumo dos cachimbos e dissipando-se com ele. Eis a cópia do que o grupo escreveu em resposta à arenga de Tholomyès:

Les pères dindons donnèrent
De l'argent à un agent

Pour que mons Clermont Tonnerre
Fût fait pape à la Saint-Jean.
Mais Clermont ne put pas être
Fait pape, n'etant pas prêtre;
Alors leur agent rageant
Leur rapporta leur argent.[16]

Isso não foi suficiente para acalmar a improvisação de Tholomyès, que esvaziou o copo, tornou a enchê-lo e recomeçou:

— Abaixo a sabedoria! Esqueçam tudo o que falei. Não sejamos puritanos, nem prudentes, nem probos. Proponho um brinde à alegria; sejamos alegres! Completemos nosso curso de Direito com a loucura e a comida. Indigestão e digesto. Que Justiniano seja o macho e Ripaille a fêmea! Alegria nas profundezas! Ó Criação! O mundo é um grande diamante! Eu sou feliz. Os pássaros são incríveis. Que bela festa por toda parte! O rouxinol é um Elleviou[17] grátis. Verão, eu te saúdo. Ó Luxembourg, ó Geórgicas da rua Madame e da Allée de l'Observatoire, ó jovens soldados sonhadores, ó boas e encantadoras criadas que, enquanto cuidam das crianças, se divertem esboçando outras! Os pampas das Américas me encheriam de prazer, se eu não tivesse as arcadas de Odéon. Minha alma voa nas florestas virgens e nas savanas. Tudo é belo. As abelhas zumbem nos favos e o sol fez o beija-flor com um espirro! Abraça-me, Fantine!

Mas enganou-se, e abraçou Favourite.

VIII

Morte de um cavalo

— Janta-se muito melhor no restaurante Édon do que no Bombarda! — exclamou Zéphine.

— Eu prefiro o Bombarda ao Édon — declarou Blachevelle —; é mais luxuoso, mais asiático. Olha a sala de baixo, com as paredes cobertas de espelhos!

— Preferiria que a comida fosse mais bem servida.

Blachevelle insistiu:

— As facas do Bombarda têm os cabos de prata, e no Édon são de osso. Ora, é óbvio que a prata é mais preciosa que o osso.

— Exceto para os que têm queixo de prata — observou Tholomyès, olhando para a cúpula dos Invalides, que se via das janelas do Bombarda.

Seguiu-se uma pausa.

— Tholomyès — disse Fameuil —, ainda há pouco tive uma discussão com Listolier.

— Discutir é bom — respondeu Tholomyès —, mas uma querela é melhor ainda.

— Falávamos sobre filosofia.

— Então diga.

— Qual você prefere: Descartes ou Spinoza?

— Désaugiers — disse Tholomyès.

Depois dessa resposta curta, bebeu e continuou:

— Concordo em viver. Nem tudo está acabado sobre a terra, pois ainda se pode divagar. Dou graças aos deuses imortais. Mentimos, mas rimos. Afirmamos, mas duvidamos. O inesperado sai do silogismo. E isso é bom. Por aqui ainda há seres humanos que sabem alegremente abrir e fechar a caixa de surpresas do paradoxo. Saibam, minhas senhoras: isso que vocês bebem com tanta tranquilidade é vinho da Madeira, da colheita do Curral das Freiras, que fica a trezentas e dezessete toesas acima do nível do mar! Bebem com atenção! Trezentas e dezessete toesas! O sr. Bombarda, magnífico dono deste restaurante, lhes dá essas trezentas e dezessete toesas por quatro francos e cinquenta cêntimos!

Fameuil interrompeu-o novamente:

— Tholomyès, suas opiniões fazem a lei. Quem é o seu autor preferido?

— Ber…

— ...quin?

— Não. Choux.

E Tholomyès prosseguiu:

— Honra ao Bombarda! Ele se igualaria a Munofis de Elefanta, se pudesse me conseguir uma almeia, e a Tigélio de Queroneia, se pudesse me trazer uma hetaira, pois, ó minhas senhoras, havia Bombardas no Egito e na Grécia. É Apuleio quem nos ensina. Infelizmente, sempre as mesmas coisas e nada de novo. Mais nada há de inédito na criação divina! *Nil sub sole novum*, diz Salomão;[18] *Amor omnibus idem*, escreve Virgílio;[19] e Carabine sobe com Carabin para a galeota de Saint-Cloud, como Aspásia embarcava com Péricles na frota de Samos. Uma última palavra:

sabem quem era Aspásia, minhas senhoras? Por mais que ela tenha vivido em um tempo em que as mulheres não tinham alma, ela possuía uma: alma com uma nuance cor-de-rosa e púrpura, mais quente que o fogo, mais fresca que a aurora. Aspásia era uma criatura em que se tocavam os dois extremos da mulher: era uma cortesã divinizada. Sócrates mais Manon Lescaut. Aspásia foi criada para o caso de se precisar de uma prostituta para Prometeu.

Tholomyès, uma vez impelido, dificilmente pararia, se no cais não tivesse caído um cavalo naquele mesmo instante. Por efeito da queda do animal, a carroça parou tão rapidamente quanto o orador. Era uma égua muito velha e magra, digna de esfola, e que arrastava uma carroça muito pesada. Chegando em frente ao Bombarda, o animal se recusou, já exausto e fraco, a caminhar mais. Esse incidente atraiu o povo. O carroceiro, praguejando indignado, mal tivera tempo de pronunciar, com a conveniente energia, a palavra sacramental, "Imprestável!", seguida por uma chicotada, e então o animal caiu para não tornar a levantar-se. Ao murmúrio dos transeuntes, todos os alegres ouvintes de Tholomyès olharam para a rua, e o orador aproveitou o momento para fechar a alocução com a melancólica estrofe:

Elle était de ce monde où coucous et carrosses
Ont le même destin,
Et, rosse, elle a vécu ce que vivent les rosses.
L'espace d'un: mâtin![20]

— Pobre animal! — disse Fantine suspirando.

— Aí vai a Fantine lastimar o cavalo! — exclamou Dahlia. — É possível ser mais tola?!

Nesse momento, Favourite, cruzando os braços e inclinando a cabeça para trás, encarou resolutamente Tholomyès, dizendo:

— Então?! E a surpresa?

— Justamente. Chegou a hora — respondeu Tholomyès. — Meus amigos, soou a hora de surpreendermos essas damas. Minhas senhoras, esperem-nos por um instante.

— Começa por um beijo — disse Blachevelle.

— Na testa — acrescentou Tholomyès.

Cada um deu um beijo cerimonioso na testa da sua amante; em seguida, dirigiram-se para a porta, um atrás do outro, e colocando o dedo na boca, para pedir

silêncio.

Favourite, vendo-os sair, bateu palmas.

— Já está divertido! — disse ela.

— Não demorem muito — murmurou Fantine. — Estamos à espera.

IX

Final feliz da alegria

Ficando sós, debruçaram-se em dupla nas janelas e começaram a conversar umas com as outras pela parte de fora.

Viram sair do Bombarda, de braços dados, os quatro rapazes, que voltaram-se e acenaram um adeus, sorrindo, até desaparecerem no meio da empoeirada multidão que todos os domingos invade os Champs-Élysées.

— Não demorem muito! — gritou Fantine.

— O que será que eles nos trarão? — Zéphine quis saber.

— Com certeza uma coisa bonita — acrescentou Dahlia.

— Eu gostaria — disse Favourite — que fosse alguma coisa de ouro.

Não tardou a se distraírem com a movimentação que acontecia, quase junto do cais, entre a ramaria do arvoredo, através da qual elas podiam observá-los, o que as divertia muito. Era a hora da partida dos correios e das diligências. Quase todos os serviços de entrega do Midi e do Oeste passavam então pelos Champs-Élysées. A maior parte seguia pelo cais e saía pela barreira de Passy. De minuto em minuto, passava um grande veículo pintado de amarelo e preto, bastante carregado, cuidadosamente aparelhado, disforme devido à quantidade de malas, mantas e alforjes, cheio de cabeças que mal se viam, esmagava a calçada, atravessando em meio à multidão, soltando faíscas como uma forja e deixando um rastro de fumaça poeirenta, com uma espécie de fúria. Esse tumulto entretinha as quatro moças. Favourite exclamava:

— Que confusão! Parece que são um monte de correntes voando.

Aconteceu, então, que uma dessas diligências, que dificilmente se distinguia por entre a espessura das ramagens, parou por um momento, partindo logo depois a

galope. Isso causou grande espanto em Fantine.

— Que surpresa! — disse ela. — Sempre julguei que a diligência não parava.

Favourite encolheu os ombros.

— Essa Fantine é surpreendente! Deve-se admirá-la como a uma coisa rara. Pasma-se com as coisas mais simples. Suponham que sou um viajante e que digo à diligência: vou andando adiante; o senhor me recebe quando eu passar pelo cais. A diligência passa, vê-me, para e me apanha. É uma coisa que se faz todos os dias. Não sabes mesmo nada da vida, minha querida!

Passou-se desse modo certo espaço de tempo. De repente, Favourite fez um movimento como de quem desperta.

— E a surpresa? — disse ela.

— É verdade — repetiu Dahlia —; a tão falada surpresa?

— Já demoram tanto! — disse Fantine.

No momento em que Fantine acabava de falar, entrou o garçom que havia servido o jantar, trazendo na mão uma coisa que parecia uma carta.

— O que é isso? — perguntou Favourite.

— É um papel que aqueles quatro sujeitos me deixaram para entregar às senhoras — respondeu o criado.

— Mas por que não o trouxe antes?

— Porque me recomendaram que não o entregasse antes que se passasse uma hora.

Favourite arrancou o papel das mãos do garçom. Era, de fato, uma carta.

— Olhem! — mostrou ela. — Não colocaram endereço algum, mas escreveram o seguinte:

Eis a surpresa!

Em seguida, abriu vivamente a carta e leu (Favourite sabia ler).

Caríssimas amantes!

Como sabem, temos nossos pais, isto é, uma coisa de que vocês têm pouco conhecimento. O honesto e pueril Código Civil chama-lhes pai e mãe. Ora, nossos pais, idosos bons velhinhos e boas senhoras, choram de saudades, reclamam-nos, chamam-nos filhos pródigos; e desejando que voltemos aos lares paternos, oferecem-se para matar o vitelo gordo. Não

podemos deixar de satisfazer tão virtuoso desejo. À hora em que lerem isto, cinco cavalos fogosos estarão nos levando aos nossos papais e às nossas mamães. Levantamos acampamento, como diz Bossuet. Fomos embora; partimos. Fugimos nos braços de Laffitte e nas asas de Caillard. A diligência de Toulouse arranca-nos do abismo; o abismo são vocês, belas pequenas! Tornamos a entrar na sociedade, no dever e na boa ordem, a galope, à razão de três léguas por hora. É do maior interesse da pátria que sejamos, como toda a gente, perfeitos, pais de família, guardas campestres e conselheiros do Estado. Venerem-nos, porque nos sacrificamos. Acabem depressa de chorar e substituam-nos com rapidez. Se esta carta as magoar, restituam-na. Adeus.

Durante quase dois anos, nós as fizemos felizes. Não guardem rancor.

Assinado:

Blachevelle
Fameuil
Listolier
Félix Tholomyès

P.S.: O jantar está pago.

As quatro jovens olharam umas para as outras.

Favourite foi a primeira a romper o silêncio:

— Bem! — exclamou ela. — Que grande farsa eles criaram!

— Foram muito originais! — disse Zéphine.

— Com certeza foi Blachevelle quem teve esta ideia — tornou Favourite. — Isso faz com que me apaixone mais. Se mais depressa se fosse, mais depressa o amava; essa é a verdade.

— Nada — interveio Dahlia —; essa ideia foi do Tholomyès. Vê-se logo.

— Nesse caso — replicou a Favourite —, morra Blachevelle e viva Tholomyès!

— Viva Tholomyès! — exclamaram Dahlia e Zéphine.

E explodiram em gargalhadas.

Fantine riu-se como as outras.

Passada uma hora, quando se achou só em seu quarto, chorou. Era, como já dissemos, seu primeiro amor; entregara-se a Tholomyès como a um marido. E a pobre moça tinha uma filhinha.

Notas

1 Referência à letra inicial do nome de Napoleão. (N.T.)

2 Mesmo quando Loyson voa, sente-se que ele tem patas. (N.T.)

3 Favor arrumar a roupa antes de sair. (N.T.)

4 Dois últimos versos da canção cantada pela personagem Atala, na Cena XI, Terceiro ato, de *Les saltimbanques: comédie-parade en trois actes, mêlée de couplets*, de Théophile Marion Dumersan, peça representada em Paris, pela primeira vez, em 1838. (N.T.)

5 Palavra alemã que pode significar "donzela", além de ser o nome de uma montanha dos Alpes berneses, na Suíça.(N.T.)

6 Poema bucólico em que os pastores dialogam. (N.T.)

7 Há, nessa frase, um jogo sonoro de palavras impossível de transpôr para a língua portuguesa: "*bonne heure*" [boa hora] e "*bonheur*" [felicidade]. (N.T.)

8 *Keepsakes*: pequenos presentes dados a alguém como lembrança. (N.E.)

9 Eles faziam sob a mesa barulhos e ruídos de pés. (N.T.)

10 Devolvam-nos nosso pai de Gand/ Devolvam-nos nosso pai. (N.T.)

11 Manto utilizado por soldados na Grécia Antiga. (N.T.)

12 "*Mon calme*" (que traduzimos por "muito calmo", para manter a sonoridade) e "*Montcalm*". (N.T.)

13 Horácio, *Sátiras*. (N.T.)

14 Virgílio, *Geórgicas*. (N.T.)

15 Cotilhão: antiga contradança de salão (muito difundida àquela altura na França), semelhante à dança de quadrilha. (N.T.)

16 Os padres doidos deram/ dinheiro a um agente/ para que Clermont Tonnerre/ fosse eleito papa em São João./ Mas Clermont não podia ser/ feito papa, não sendo padre;/ Então, com raiva, o agente/ levou de volta seu pagamento. (N.T.)

17 Famoso cantor de ópera da época. (N.E.)

18 Eclesiastes I, 10: "Nada de novo sob o sol." (N.T.)

19 *Geórgicas.* (N.T.)

20 Ela era desse mundo, onde cucos e carroças/ têm o mesmo destino,/ e, incompetente, ela viveu o que vivem os incompetentes,/ a duração de um: imprestável! (N.T.)

LIVRO QUARTO

CONFIAR É, POR VEZES,
ABANDONAR

I

Encontro de duas mães

No primeiro quarto deste século, havia em Montfermeil, próximo de Paris, uma espécie de taberna, que já não existe mais, pertencente a uns tais Thénardier, marido e mulher, e que era situada no beco do Boulanger. Por cima da porta via-se uma tabuleta de madeira pregada na parede, ostentando uma pintura que pretendia figurar um homem com outro às costas, tendo este último grandes dragonas de general douradas e grandes estrelas prateadas; algumas manchas vermelhas representavam sangue; o fundo do quadro era composto de nuvens de fumo, representando provavelmente uma batalha, e na parte inferior lia-se esta inscrição: AO SARGENTO DE WATERLOO.

Não há nada mais vulgar do que ver uma carroça de lenha, ou uma simples carroça, à porta de uma estalagem. Entretanto, o veículo, ou, para melhor dizer, o pedaço de veículo que obstruía o beco na frente da taberna do Sargento de Waterloo, em uma tarde da primavera de 1818, com certeza, por suas grandes proporções, teria atraído a atenção de qualquer pintor que por ali passasse.

Era a parte da frente de um desses veículos de transporte de carga que são usados nas regiões de florestas para carregar pranchas e troncos de árvore, e que são compostos por um grosso eixo de ferro maciço, em que se fixava uma pesada barra de tração para sustentar duas rodas enormes. Todo esse conjunto era robusto, esmagador e disforme. Parecia a carcaça de um canhão gigante. O barro da rua estava grudado nas rodas, nos aros e no eixo, formando uma camada de lama sobre a hedionda pintura amarelada, muito semelhante à que costuma ornar as catedrais. A madeira desaparecia sob a lama e o ferro, sob a ferrugem. Por baixo do eixo pendia como bambinela uma grossa corrente, digna de amarrar Golias. Essa corrente nos remetia não às vigas que ela devia transportar, mas a mastodontes e mamutes que teria podido prender; ela sugeria uma espécie de prisão ciclópica e sobre-humana, como se tivesse sido arrancada de algum monstro. Homero a usaria contra Polifemo e Shakespeare contra Calibã.

Por que razão estava naquele lugar, na rua, o jogo dianteiro de uma carroça? Em primeiro lugar, para servir de obstáculo; em segundo, para acabar de enferrujar. Há na velha ordem social uma multidão de instituições desse mesmo tipo, com as quais qualquer um pode topar de passagem, e que não têm outras razões de existir.

O centro da corrente pendia por baixo do eixo até quase tocar o chão; e sobre a curva que ela formava, como a corda de um balanço, naquela noite estavam sentadas, e singularmente entrelaçadas, duas menininhas, uma de dois anos e meio, mais ou menos, e outra de dezoito meses; a menor no colo da maior. Um lenço cuidadosamente amarrado as impedia de cair. Houve uma mãe que, vendo tão medonha corrente, disse:

— Aqui está um brinquedo para minhas filhas.

As duas crianças, contudo, graciosamente vestidas, e até mesmo com certo esmero, estavam radiantes; pareciam duas rosas caídas num monte de ferro velho; nos olhos tinham o triunfo, nas faces frescas e mimosas o riso; uma tinha cabelo castanho-claro e o da outra era mais escuro; seus rostos ingênuos eram a própria admiração e o encanto; um arbusto florido que havia ali perto exalava aos transeuntes perfumes que pareciam provir das meninas; a que tinha dezoito meses, com a casta indecência da infância, mostrava o ventre nu. Por cima e ao lado dessas duas delicadas cabeças modeladas pela felicidade e banhadas de luz, fechava-se como a entrada de uma caverna o imenso jogo dianteiro, coberto de ferrugem, quase terrível, formado de curvas e ângulos ameaçadores. À distância de alguns passos, acocorada à porta da estalagem, a mãe, mulher de aspecto pouco agradável, mas enternecedor naquele momento, balançava as duas crianças por meio de uma comprida cordinha, cobrindo-as com a vista pelo receio de algum acidente, com expressão animal e, ao mesmo tempo, celeste, própria da maternidade; a corrente soltava, em cada vaivém, um ruído estridente que se assemelhava a um grito de cólera; as criancinhas extasiavam-se; o sol, prestes a se pôr, tomava parte nessa alegria, e coisa alguma era mais encantadora do que o capricho do acaso que transformara uma corrente de titãs em balanço de querubins.

A mãe, enquanto balançava as duas pequeninas, cantava em falsete uma romança célebre naquela época:

Il le faut, disait un guerrier…[1]

Sua cantoria e o modo como contemplava as filhas impediam-na de ver o que ocorria na rua.

Entretanto, alguém havia se aproximado, quando começava a primeira estrofe da canção, porque ouviu de repente e muito próxima uma voz que lhe dizia:

— Que criancinhas lindas a senhora tem!

— *À la belle et tendre Imogine.*[2]

Respondeu a mãe, continuando a canção; mas depois voltou a cabeça.

A alguns passos de distância estava uma mulher que também levava uma criança nos braços.

Além da criança, trazia um saco que parecia muito pesado.

A criancinha que vinha ao colo era um dos mais divinos entes que seria possível ver. Era uma menina de dois a três anos, e que poderia disputar com as outras duas a graciosidade do vestuário: ela usava uma touca de linho fino e tinha a roupa enfeitada com fitas e rendas. A sainha, levantada de um lado, deixava ver as coxas brancas, muito gordinhas e roliças. Era corada e possuía o mais saudável aspecto; uma criancinha tão linda dava vontade de morder-lhe as bochechas. Dos olhos o que se podia dizer é que deviam ser grandes e que tinham cílios magníficos. Estava dormindo.

Dormia o sono da absoluta confiança, própria da sua idade. Os braços das mães são feitos de ternura; as crianças dormem neles profundamente.

Quanto à mãe, o seu aspecto era pobre e triste. Aparentava ser uma costureira que voltava a ser camponesa. Era jovem. Seria bela? Talvez; mas com o que estava vestindo não parecia. Os cabelos, dos quais se via uma madeixa loura, pareciam muito volumosos, mas ocultavam-se severamente sob uma touca muito simples, feia, pequena, acanhada e amarrada embaixo do queixo. Quando se tem bons dentes mostra-se o riso; ela, porém, não se ria. Os olhos não escondiam que chorava havia muito tempo. Estava pálida e com ar de fadiga, doença e tristeza; contemplava a filhinha adormecida em seus braços com aquele olhar típico de uma mãe que acabou de amamentar o bebê. Um grande lenço azul, como aqueles em que os doentes se assoam, dobrado em forma de triângulo, ocultava-lhe completamente os ombros e o seio. Tinha as mãos crestadas e salpicadas de sardas, o indidcador endurecido e picado pela agulha, uma manta parda de lã, um vestido de chita e uns sapatos muito grossos. Era Fantine.

Era Fantine, mas era difícil de reconhecê-la. Todavia, observando-a com atenção, descobria-se ainda sua beleza. Uma ruga triste, que mais parecia indicar um começo de ironia, sulcava-lhe a face direita. E quanto ao traje, aquele esvoaçante

traje de musselina e graciosas fitas, que se diria ser composto de alegria, de loucura e de música, perfumado de lilás, e que parecia cheio de cascavéis, desaparecera como as resplandecentes gotas de orvalho, que ao sol parecem diamantes, mas que se derretem e deixam o ramo enegrecido.

Tinham decorrido dez meses desde aquela "grande farsa" em que havia caído.

O que se tinha passado nesses dez meses? Não é difícil adivinhar.

Depois do abandono, a pobreza. Fantine, logo em seguida, tinha perdido de vista Favourite, Zéphine e Dahlia; o laço desatado com os homens desfez também o com as mulheres; grande seria a admiração que lhes causaria se, passados quinze dias, alguém lhes dissesse que tinham sido amigas: era uma coisa que já não tinha razão de ser. Fantine ficou só. O pai de sua filha sumiu — e os rompimentos dessa ordem são irrevogáveis —; ela achava-se absolutamente isolada, restando-se menos habituada ao trabalho e mais disposta ao prazer. Levada, por sua ligação com Tholomyès, a desprezar o trabalho que sabia fazer, não dera mais atenção a essa sua forma de sustento, achando-se depois, por isso, impossibilitada de o continuar. Estava sem qualquer recurso. Fantine sabia ler, mas não sabia escrever; tinham-lhe apenas ensinado, na infância, a assinar seu nome; mandara escrever, por intermédio de um escrivão público, uma carta a Tholomyès, depois uma segunda e ainda depois uma terceira. Tholomyès não respondeu a nenhuma delas. Certo dia, Fantine ouviu os vizinhos dizerem, olhando para sua filha:

— Quem é que leva a sério uma criança dessas? Todos encolhem os ombros quando se trata de filhos dessa natureza!

Lembrou-se então de que Tholomyès encolheria os ombros ouvindo falar de sua filha, e que não levaria a sério a existência daquela inocente: o coração tornou-se sombrio em relação àquele homem. Que resolução tomaria? Não sabia a quem se dirigir. Havia cometido uma falta; mas o íntimo de sua natureza, como todos se hão de lembrar, era feito de pudor e virtude. Sabia vagamente que estava prestes a cair nas maiores dificuldades e de resvalar no mais hediondo abismo. Necessitava de coragem; teve-a: encarou a desgraça. Ocorreu-lhe a ideia de voltar para sua terra natal, para Montreuil-sur-Mer. Lá, talvez, alguém a conhecesse e lhe desse trabalho; sim, mas teria de ocultar sua falta. E, pensando nisso, entrevia confusamente a possível necessidade de uma separação mais dolorosa ainda do que a primeira. Seu coração comprimiu-se, mas ela tomou uma resolução. Fantine, como veremos, vivia com bravura. Já havia renunciado valentemente aos adornos, então vestiu-se de chita, deixando toda a sua seda, suas fitas, seus enfeites e rendas para a filha, única vaidade que ainda lhe restava, santa vaidade. Vendeu tudo que tinha e apurou duzentos francos; depois de pagar as suas pequenas dívidas, restava-lhe apenas mais

ou menos oitenta francos. Com vinte e dois anos, numa bela manhã de primavera saiu de Paris, levando às costas a filha. Quem as visse passar, compadecer-se-ia infalivelmente de ambas. Aquela mulher não tinha no mundo senão a criança que levava consigo; e a criança só tinha no mundo a mulher que a conduzia. Fantine amamentara a filha, o que lhe produziu dor no peito e alguma tosse.

De Félix Tholomyès não teremos mais ocasião de falar. Resta-nos dizer que, vinte anos mais tarde, sob o reinado de Luís Filipe, tornou-se importante advogado de província, influente e rico, eleitor sábio e jurado extremamente severo; sem jamais deixar de se entregar aos prazeres.

Pelo meio-dia, depois de ter caminhado, sempre fazendo algumas pausas para não se cansar tanto, e pagando três ou quatro soldos por légua, nessas que então se chamavam carruagens dos arredores de Paris, achava-se Fantine em Montfermeil, no beco do Boulanger.

Passando pela estalagem dos Thénardier, a presença das duas criancinhas, encantadoras sobre aquele balanço imenso, causara-lhe uma espécie de deslumbramento que a fez parar em frente àquela alegre visão.

Os encantamentos existem: as duas criancinhas encantaram aquela pobre mãe.

Contemplou-as muito comovida. A presença dos anjos é um anúncio do paraíso. Julgou ver por sobre aquela estalagem o misterioso AQUI da Providência. As duas pequeninas eram evidentemente felizes. Observava-as de tal modo enternecida que no momento em que a mãe delas tomava a respiração entre dois versos da canção que estava cantando, não pôde deixar de lhe dizer as palavras que já ouvimos:

— Que criancinhas lindas a senhora tem!

As criaturas mais bravias sentem-se desarmadas quando lhes acariciam os filhos.

A mãe ergueu a cabeça, agradeceu o elogio e convidou Fantine a se sentar no banco que havia junto à porta; a mulher estava na soleira. Em seguida, as duas começaram a conversar:

— Eu me chamo sra. Thénardier — disse a mãe das duas pequenas. — Meu marido é o dono desta estalagem.

Depois, sem esquecer da romança, continuou-a por entre dentes.

Il le faut, je suis chevalier
Et je pars pour la Palestine.[3]

Essa sra. Thénardier era uma mulher ruiva, carnuda e angulosa: o tipo da mulher-de-soldado, em toda a sua desgraça. E, coisa extraordinária, era um pouco

curvada, por causa das leituras romanescas. Os seus gestos e trejeitos eram de uma verdadeira virago. Os velhos romances desfiados nas imaginações taberneiras causam esses efeitos. Era ainda jovem; tinha apenas trinta anos. Se essa mulher, que estava sentada, se levantasse, talvez a sua elevada estatura, e espáduas de colosso ambulante, próprias para mostrar-se nas feiras, tivesse desde o início assustado a caminhante, perturbado sua confiança e desvanecido o que vamos contar. Uma pessoa estar sentada ou de pé pode, às vezes, alterar um destino!

A caminhante contou-lhe sua história, com algumas modificações.

Disse-lhe que era costureira; que seu marido morrera; que lhe faltara trabalho em Paris e o ia procurar em outra parte, na sua terra; que, como levava consigo a filhinha, se sentia fatigada, e que, tendo encontrado a carruagem de Villemomble, tomara nela lugar; que de Villemomble viera até Montfermeil a pé; que a pequenina andava ainda pouco, porque tinha pouca idade, que fora indispensável tomá-la nos braços, até que a pequena adormeceu.

E, pronunciando essas últimas palavras, deu na filha um beijo tão apaixonado que a acordou. A criança abriu os olhos, grandes e azuis como os de sua mãe, olhou em torno… O quê? Nada e tudo, com o ar sério e, por vezes, severo das criancinhas, um mistério da sua luminosa inocência, diante dos nossos crepúsculos de virtude. Há quem diga que elas se sentem anjos e sabem que não passamos de homens. Em seguida, começou a rir, e ainda que a mãe a segurasse, escorregou para o chão, com a energia indomável de uma criança que quer correr. De repente, viu as duas crianças que estavam se balançando, parou e ficou de boca aberta, com a língua de fora, em sinal de admiração.

A sra. Thénardier foi desatar as duas pequeninas e as fez descer do balanço, dizendo-lhes:

— Vão brincar as três.

Nessa idade, a familiaridade é espontânea; passados alguns minutos, entretinham-se as pequenas Thénardier com a recém-chegada, fazendo buracos na terra com imenso prazer.

A recém-chegada era muito alegre; a bondade de uma mãe fica representada na alegria de um filho. Tinha pegado num pauzinho que lhe servia de pá e fazia energicamente um buraco, bom para colocar uma mosca. O trabalho de um coveiro torna-se um risonho exercício para uma criança.

As duas mulheres continuaram a conversar.

— Como se chama a sua pequenina?

— Cosette.

Cosette ou, na verdade, Eufrásia, que era o nome da menina. Mas de Eufrásia a mãe fez Cosette, pelo doce e gracioso instinto das mães e do povo que muda Josefa em Pepita e Françoise em Sillette. É uma espécie de derivado que contraria toda a ciência dos etimologistas. Conhecemos até mesmo uma avó que chegou a ponto de fazer de Théodore, Gnon.

— Que idade ela tem?

— Vai fazer três anos.

— É a idade da minha mais velha.

Entretanto, as três crianças estavam agrupadas em posição de profunda ansiedade e beatitude; até que aconteceu algo: surgiu na terra um grande verme que lhes meteu medo, mas também causou encanto.

Suas frontes radiantes tocavam-se; poderíamos dizer que eram três cabeças sob a mesma auréola.— Veja como são as crianças! — exclamou a sra. Thénardier. — Como se tornam logo íntimas! Já parecem três irmãs!

Essa frase era provavelmente a faísca esperada pela outra mãe, que pegou na mão da sra. Thénardier, encarou-a fixamente, e então lhe disse:

— A senhora quer cuidar da minha filha?

A sra. Thénardier fez um movimento de surpresa, dos que não denotam consentimento nem recusa.

A mãe de Cosette prosseguiu:

— A senhora pode ver que não posso levá-la para minha terra; o trabalho não o permite: ninguém quer dar ocupação a quem tem criança. É muito ridícula a gente da minha terra. Foi Deus que me fez passar pela sua casa. Quando vi as suas filhinhas, tão lindas, tão arrumadas e contentes, não sei o que senti, e disse comigo: ali está uma boa mãe. É o que a senhora disse: serão três irmãs. E, depois, não demorarei a voltar. Diga, quer cuidar dela?

— Temos que pensar… — disse a sra. Thénardier.

— Pagarei seis francos por mês.

Nesse momento, ouviu-se uma voz de homem gritar do fundo da taberna:

— Menos de sete francos não serve; e seis meses pagos adiantadamente.

— Seis vezes sete, quarenta e dois — disse a estalajadeira.

— Eu pago — respondeu a mãe de Cosette.

— E mais quinze francos para as primeiras despesas — acrescentou a voz de homem.

— Ao todo são cinquenta e sete francos — disse a sra. Thénardier. E mesmo entre seus cálculos ia cantarolando:

Il le faut, disait un guerrier.

— Pagarei também — disse Fantine —, tenho oitenta francos; ainda me ficará com que chegar ao meu destino, se eu for a pé. Chegando lá, ganharei minha vida e, assim que puder, virei logo buscá-la.

A voz de homem tornou a ouvir-se:

— A menina tem enxoval?

— Esse é meu marido — disse a estalajadeira.

— Sim, senhor, o meu querido anjinho tem enxoval. Logo me pareceu que era seu marido. Tem ainda muito bom enxoval, tudo às dúzias… e vestidos de seda, como uma senhora. Está tudo no meu saco.

— Então terá de deixá-lo — tornou o homem.

— Sem dúvida! — exclamou a mãe. — Seria até engraçado deixar minha filha sem roupa.

O dono da casa apareceu então.

— Está bem — concordou ele.

O ajuste concluiu-se. A mãe passou a noite na estalagem, deu o dinheiro que lhe tinham exigido, entregou a filha, tornou a atar o saco, já sem o peso do enxoval, e continuou seu caminho na manhã seguinte, contando voltar em breve. Determinam-se tranquilamente as separações dessa ordem; mas nem por isso deixam de causar extremo desespero.

Uma vizinha dos Thénardier encontrou a pobre mãe, quando de novo se pôs a caminho, e voltou dizendo:

— Encontrei há pouco uma mulher chorando tanto que fazia dó.

Depois da mãe de Cosette ter partido, disse o marido à mulher:

— Com isso paga-se a minha letra de cento e dez francos, que vence amanhã. Faltavam-me cinquenta francos. Você sabia que se não a pagasse haveria protesto e processo? Você armou uma boa ratoeira com as meninas!

— E olha que foi sem querer — respondeu a mulher.

II

Primeiro esboço de duas figuras terríveis

O rato que caía na ratoeira era bem insignificante; mas o rato nunca deixa de agradar ao gato por ser magro.

Quem eram os Thénardier?

Digamos desde já algumas palavras a seu respeito. Depois completaremos o desenho.

Essas criaturas pertenciam à classe bastarda composta de gente grosseira elevada e de inteligência decaída, que vive entre a outra classe denominada média e aquela à qual se chama baixa, e que combina alguns defeitos da segunda com quase todos os vícios da primeira, sem ter o generoso instinto do operário nem a ordem honesta do burguês.

Eram dessas naturezas minúsculas que, se algum fogo sombrio aquece por acaso, tornam-se facilmente monstruosas. Havia na mulher o fundo de uma pessoa grosseira e no homem o feitio de um tratante. Ambos eram, no mais alto grau, suscetíveis da espécie de hediondo progresso que se opera no caminho do mal. Há almas que, como crustáceos, recuam sempre em direção às trevas, retrocedendo na vida à medida que a escuridão nelas avança, empregando a experiência de aumentar a própria deformidade, piorando sempre e impregnando-se mais e mais de um crescente obscurantismo. Esse homem e essa mulher possuíam esse tipo de alma. O marido, principalmente, era assustador para um fisionomista. Há homens que basta encará-los para se desconfiar deles: percebem-se logo as trevas nas duas extremidades. Homens como esse deixam atrás de si um rastro de inquietação; e lançam à frente a ameaça. Há neles o mistério. Ninguém pode dizer o que têm feito nem o que farão. As sombras que se carregam no olhar denunciam-nos. Basta uma palavra, ou um gesto, deles para que logo se mostrem sombrios segredos no passado e sombrios mistérios no futuro.

Esse Thénardier, se acreditarmos no que ele dizia, havia sido soldado; sargento, afirmava ele; provavelmente fez a campanha de 1815, e até mesmo corajosamente, segundo parecia. Veremos mais adiante o que aconteceu. A tabuleta da sua taberna era uma alusão a um dos seus feitos de armas. Ele a pintara de próprio punho, porque sabia mexer em todas as coisas, mesmo que mal.

Era a época em que o antigo romance clássico, que, após ter sido *Clélia*, não era mais que *Lodoïska*, sempre nobre, mas cada vez mais vulgar, descendo de srta. De Scudéri a sra. Bournon-Malarme e de sra. De Lafayette a sra. Barthélémy-Hadot, incendiando a alma amorosa das parteiras de Paris e destruindo mesmo os arredores. A sra. Thénardier tinha justamente a inteligência necessária para ler tais livros. Nutria-se com a sua leitura. Afogava nela o pouco que tinha de miolo; e esse hábito

dera-lhe, enquanto jovem, e mesmo mais tarde, uma espécie de atitude pensadora junto ao marido, tratante dotado de certa profundidade, rufião quase entendido em gramática, grosseiro e fino ao mesmo tempo, mas, pelo que respeitava a sentimentalismo, lendo Pigault-Lebrun, e para *tudo no tocante ao sexo*, como ele dizia na sua linguagem habitual, estúpido, correto e sem mistura. Sua mulher tinha uns doze ou quinze anos menos do que ele. Mais tarde, quando os cabelos romanticamente soltos começaram a embranquecer, quando a Megera separou-se de Pamela, a sra. Thénardier já não era mais do que uma mulher corpulenta e má que saboreara estúpidos romances. Ora, ninguém lê imbecilidades impunemente. O resultado disso foi que sua filha mais velha ganhou, com muitos mimos, o nome de Éponine; enquanto a mais nova esteve a ponto de se chamar Gulnare; graças a não sei que feliz diversão causada por um romance de Ducray-Duminil ficou sendo apenas Azelma.

De resto, diga-se de passagem, nem tudo é ridículo e superficial nessa curiosa época a que agora fazemos alusão e que se poderia chamar de anarquia dos nomes de batismo. Ao lado do elemento romanesco que há pouco indicamos, há o sintoma social. Não é raro hoje em dia encontrar um jovem vaqueiro chamado Arthur, Alfred ou Alphonse e um visconde — se é que eles ainda existem — chamado Thomas, Pierre ou Jacques. Essa mudança, que põe um nome "elegante" no plebeu e um nome camponês no aristocrata, não é outra coisa senão um rebuliço na busca de igualdade. A irresistível penetração da nova mentalidade está presente nessa confusão, assim como em qualquer outra coisa. Sob essa discordância aparente, há algo de grande e profundo: a Revolução Francesa.

III

A cotovia

Não basta ser mau para prosperar. A taberna ia mal.

Graças aos cinquenta e sete francos da desconhecida, Thénardier pôde evitar o protesto de uma letra e honrar sua assinatura. No mês seguinte, tiveram nova

necessidade de dinheiro; a mulher foi a Paris e empenhou no montepio o enxoval de Cosette por sessenta francos. Bastou que esse dinheiro acabasse para que logo os Thénardier se acostumassem a ver a pobre pequenina unicamente como uma criança que tinham em casa por caridade, então passaram a tratá-la como se assim fosse. Como já não tinha enxoval, vestiram-na com as saias e as camisas velhas de suas filhas, isto é, com farrapos. Não lhe davam para comer senão os restos de todos: pouco melhor que ao cão, pouco pior que ao gato. Afinal, o cão e o gato eram seus comensais efetivos: Cosette comia em companhia deles debaixo da mesa numa escudela de pau, semelhante àquela em que os animais comiam.

A mãe, que estabelecera sua residência, como depois se verá, em Montreuil-sur-Mer, escrevia, ou, para melhor dizer, mandava escrever, todos os meses, a fim de ter notícias da filha. Os Thénardier respondiam-lhe sem variante: Cosette passa magnificamente bem.

Após os primeiros seis meses, Fantine enviou sete francos para o sétimo mês e continuou a mandar, com toda a exatidão, igual soma no fim de cada mês que decorria. O ano ainda não tinha terminado quando Thénardier disse:

— É grande coisa, não tem dúvida! O que quer que façamos com sete francos?

Escreveu então imediatamente à pobre mãe, exigindo-lhe doze francos. Fantine, persuadida de que sua filha estava feliz e "ia bem", submeteu-se à exigência e mandou os doze francos.

Certas naturezas não podem amar por um lado sem odiar pelo outro. A sra. Thénardier queria apaixonadamente às suas duas filhas, o que fazia com que detestasse a que lhe era estranha. É triste pensar que o amor de uma mãe pode ter aspectos tão maldosos. Por menor que fosse o lugar que Cosette lhe ocupava em casa, sempre lhe parecia que estava sendo roubado das filhas, e que a pobre pequenina lhes diminuía até o ar que respiravam. Essa mulher, como muitas da sua espécie, tinha para oferecer em cada dia uma soma de carícias, de pancadas e de injúrias. Se não tivesse Cosette à sua disposição, é certo que suas filhas, apesar de idolatradas, teriam recebido tudo; mas a estranha fazia-lhes o serviço de atrair para si as pancadas. Suas filhas só recebiam as carícias. Cosette não fazia um movimento que não desafiasse logo uma chuva de castigos violentos e imerecidos. Pobre e doce criaturinha, que não devia compreender coisa alguma deste mundo nem de Deus, a quem puniam sem cessar, a quem injuriavam, a quem tratavam com a maior rudeza, que era espancada a todos os instantes e que via a seu lado duas criaturinhas como ela que viviam num raio de aurora!

A sra. Thénardier, sendo má para Cosette, fez com que Éponine e Azelma o fossem também. As crianças, nessa idade, não são senão cópias de suas mães; a

diferença é apenas o tamanho.

Passou-se um ano, e depois mais outro.

Diziam, entretanto, na aldeia:

— Que boas pessoas são esses Thénardier. Apesar de não serem ricos, sustentam e educam uma pobre criança que foi abandonada na casa deles!

Todos julgavam Cosette deixada por sua mãe.

Contudo, como Thénardier soube, não sei por que vias obscuras, que a criança era provavelmente bastarda e que, por isso, a mãe não poderia apresentá-la francamente, exigiu-lhe quinze francos por mês, dizendo-lhe que a "criatura" crescia e "comia cada vez mais", ameaçando-a ao mesmo tempo de lhe devolver.

— Se quiser fazer de mim um tolo — ralhou ele —, devolvo-a, para acabar com seu segredo. Preciso de mais dinheiro.

A pobre mãe pagou os quinze francos.

De ano para ano, a criança crescia, assim como sua miséria.

Enquanto era bem pequena, Cosette foi sempre fiadora das faltas das suas companheiras; apenas começou a desenvolver-se, isto é, mesmo antes de ter cinco anos, tornou-se a criada da casa.

Com cinco anos, dirão, é inverossímil. Infelizmente é verdade. O sofrimento social começa em todas as idades. Não vimos, tão recentemente, o processo de um tal Dumolard, um órfão que se tornou bandido e que, desde a idade de cinco anos, dizem os documentos oficiais, achando-se só no mundo, "trabalhava para viver e roubava"?

Cosette era obrigada a levar recados, a varrer a casa, o pátio e a rua, a lavar a louça, e até a carregar alguns pesos. Os Thénardier julgavam-se muito mais autorizados a proceder desse modo porque a mãe, que continuava a estar em Montreuil-sur-Mer, começava a pagar mal. Alguns meses foram pagos com dificuldade.

Se a pobre mãe tivesse voltado a Montfermeil no fim desses três anos, com certeza não teria reconhecido sua filha. Cosette, tão linda e fresca quando entrara naquela casa, estava magra e descorada. O seu aspecto era sempre de inquietação.

A injustiça fizera-a nervosa, a miséria tornara-a feia. A única coisa que lhe restava eram os belos olhos, que causavam pena, porque, grandes como eram, pareciam conter ainda maior porção de tristeza.

Era uma coisa que afligia, ver no inverno a pobre criança, que não tinha ainda seis anos, tiritando de frio, envolta em farrapos, enquanto varria a rua; antes de amanhecer, com uma enorme vassoura nas mãozinhas arroxeadas e com lágrimas nos grandes olhos.

Ali pelas vizinhanças chamavam-na de Cotovia. O povo, propenso a esse tipo de imagem, comprazia-se em dar este nome àquele pequenino ser, que não tinha corpo maior do que um passarinho, trêmulo e assustado, o primeiro que acordava todas as manhãs, não só na casa em que estava, mas em toda a aldeia, sempre pela rua ou pelos campos antes da aurora.

O que a pobre cotovia não fazia mais era cantar.

Notas

1 É preciso, dizia um guerreiro... (N.T.)

2 Para a bela e terna Imogine. (N.T.)

3 É preciso, eu sou cavaleiro/ E vou partir para a Palestina. (N.T.)

LIVRO QUINTO

A DECADÊNCIA

I

História de uma melhoria na produção dos vidrilhos pretos

Entretanto, o que acontecia com a mãe que, no dizer dos habitantes de Montfermeil, teria abandonado a filha? Onde estava? O que fazia?

Depois de ter deixado sua Cosette com os Thénardier, seguiu seu caminho e chegou a Montreuil-sur-Mer.

Isso ocorreu, como todos se lembrarão, em 1818.

Fantine saíra de sua terra natal havia doze anos. Montreuil-sur-Mer tinha mudado de aspecto. Enquanto Fantine caía lentamente de miséria em miséria, sua terra natal prosperava.

Havia dois anos que se consumara ali uma evolução industrial das que constituem os grandes acontecimentos das pequenas cidades.

Esse detalhe é importante, e julgamos útil desenvolvê-lo; diremos, quase, sublinhá-lo.

Desde os tempos mais remotos que Montreuil-sur-Mer tinha por indústria especial a imitação dos azeviches ingleses e dos vidrilhos pretos da Alemanha. Essa indústria se deu sempre de modo precário, por conta da escassez de matéria-prima, que desandava a mão de obra. Na época em que Fantine voltou a Montreuil-sur-Mer, havia se operado uma transformação inaudita na produção dos "artigos pretos". Pelos fins de 1815, fora estabelecer-se na cidade um homem, completamente desconhecido, que tivera a ideia de substituir naquela produção a resina pela goma-laca e, para os braceletes em particular, as correntes apenas juntas, em vez de soldadas.

Essa simples alteração, com efeito, reduzira prodigiosamente o preço da matéria-prima, o que permitira, em primeiro lugar, elevar o preço da mão de obra, benefício para a localidade; em segundo lugar, melhorar a produção, vantagem para o consumidor; e, em terceiro lugar, vender mais barato, triplicando o lucro, benefício para o fabricante.

Assim, de uma ideia, três resultados.

Em menos de três anos, o autor desse método enriqueceu, o que por si só já foi bom; mas acontece que enriqueceu tudo em torno dele, o que foi muito melhor. O tal homem não era daquela região. Da sua origem ninguém sabia coisa alguma; e dos seus princípios sabia-se pouco.

Dizia-se que tinha ido para a cidade com muito pouco dinheiro; algumas centenas de francos, se muito.

Foi desse pequeno capital, a serviço de uma ideia engenhosa, fecundada pela boa ordem e pela inteligência, que ele fez surgir a sua fortuna e a de toda aquela região.

Quando chegou a Montreuil-sur-Mer não tinha mais do que a roupa que levava no corpo, além do aspecto e do linguajar de um operário.

Parece que no mesmo dia em que entrava despercebidamente na pequena cidade de Montreuil-sur-Mer, num fim de tarde de dezembro, com uma mochila às costas e um cajado na mão, ocorrera um grande incêndio no Conselho Municipal. Esse homem jogara-se em meio ao fogo, correndo risco de morte, e salvara duas crianças, filhas do capitão da polícia; por isso, ninguém pensara em lhe exigir o passaporte. Desde então todos souberam seu nome. Era *Madeleine*.

II

Madeleine

Era um homem de cinquenta anos, mais ou menos, bondoso, e que parecia sempre preocupado. E eis o que se podia dizer a seu respeito.

Graças aos rápidos processos da indústria que ele tão admiravelmente levantara do abatimento, Montreuil-sur-Mer tornara-se um centro muito considerável de comércio. A Espanha, que consome muita miçanga preta, fazia todos os anos grandes encomendas. Nesse comércio, Montreuil-sur-Mer concorria com Londres e Berlim. Os lucros de Madeleine eram tais que logo no segundo ano pudera construir uma grande fábrica, em que havia duas vastas oficinas, uma para homens, outra para mulheres. Quem tivesse fome podia apresentar-se ali com certeza de encontrar trabalho e pão. Madeleine exigia dos homens boa vontade, das mulheres pureza de

costumes e de todos probidade. Dividira as oficinas, a fim de separar os sexos, para que tanto as moças como as já mulheres pudessem ter a integridade conservada. Sobre esse ponto era inflexível: único aspecto em que se mostrava, de certo modo, intolerante. A sua severidade era tanto mais fundada a esse respeito porque, sendo Montreuil-sur-Mer uma cidade em que havia guarnição, abundavam nela as ocasiões de corrupção. Quanto ao mais, o seu aparecimento fora um benefício e a sua presença, uma providência. Antes da chegada de Madeleine, todos naquela região vegetavam; depois, todos passaram a viver a vida sadia do trabalho. Uma forte circulação de renda aquecia tudo e penetrava por toda parte. Tanto a falta de trabalho como a miséria eram ali desconhecidas. Não havia bolso, por mais mesquinho, em que não se encontrasse algum dinheiro nem casa tão pobre que não tivesse alguma alegria.

Madeleine empregava toda a gente; e só fazia uma exigência: "Seja homem honesto! Seja moça honesta!"

Como dissemos, no meio dessa atividade, de que ele era a causa e o eixo, Madeleine alcançava grande riqueza; mas, coisa bastante incomum para um homem de comércio, não mostrava ser esse o seu principal empenho. Parecia que cuidava muito mais dos outros do que de si. Em 1820, sabia-se que tinha a soma de seiscentos e trinta mil francos; mas, antes de reservar para si essa soma, gastara mais de um milhão com a cidade e os pobres.

O hospital era precário: foram dadas por ele dez camas. Montreuil-sur-Mer dividia-se em cidade alta e cidade baixa. A cidade baixa, onde ele morava, tinha apenas uma escola, humilde construção quase em ruínas: ele, então, construíra duas, uma para moças, outra para rapazes. Dava aos professores, do próprio bolso, o dobro do exíguo ordenado oficial. Um dia, inclusive, disse a alguém que se mostrava espantado:

— Os dois funcionários mais importantes do Estado são a ama de leite e o professor.

Criara, também do próprio bolso, um asilo, coisa então quase desconhecida na França, e uma caixa de socorro para os operários velhos e os enfermos. Como sua fábrica tornou-se um centro, surgiu rapidamente em torno dela um novo bairro, onde morava grande número de famílias indigentes, para as quais montou uma farmácia gratuita.

Nos primeiros tempos, quando o viram começar, até mesmo as boas almas julgaram que ele era um atrevido buscando enriquecer. Quando o viram enriquecer a cidade, antes de enriquecer a si próprio, as mesmas boas almas disseram o quanto ele era um ambicioso. Isso parecia mais provável pelo fato de ele ser religioso e

mesmo, de certo modo, cuidadoso com essa prática religiosa, coisa muito bem-vista naquela época. O deputado do círculo, que por toda parte farejava concorrências, não tardou a inquietar-se com essa religiosidade. Esse deputado, que fora membro do corpo legislativo do império, participava das ideias religiosas de um padre do Oratório, conhecido pelo nome de Fouché, duque de Otranto, de quem fora amigo íntimo. À porta fechada, ria-se de Deus, muito sultilmente. Mas quando viu o rico industrial Madeleine ir à missa das sete horas, entreviu logo um candidato possível, e resolveu ultrapassá-lo: tomou um confessor jesuíta e não faltou nunca à missa cantada nem às vésperas. A ambição, naquele tempo, na acepção direta da palavra, era uma corrida a toda a velocidade. Desse medo do deputado, tanto Deus como os pobres se aproveitaram, pois ele acrescentou também duas camas ao hospital; o que as elevou a doze.

Todavia, em 1819, numa manhã pela cidade, espalhou-se que, sob proposta do senhor prefeito e em consideração aos serviços prestados à localidade, Madeleine ia ser nomeado, pelo rei, *maire* de Montreuil-sur-Mer. Os que o tinham declarado "ambicioso" à sua chegada aproveitaram com entusiasmo essa oportunidade, que todos desejam, de exclamar: "Aí está! O que é que nós tínhamos dito?" Em Montreuil-sur-Mer não se falava em outra coisa, e o boato tinha fundamento. Passados alguns dias, apareceu no *Moniteur* a nomeação. Madeleine apresentou, no dia seguinte, a sua recusa.

Nesse mesmo ano de 1819 figuravam na exposição industrial os produtos do novo sistema inventado por Madeleine; em presença da opinião do júri, o inventor foi nomeado Cavaleiro da Legião de Honra. Nova falácia na pequena cidade:

— Era uma condecoração o que ele queria!

Madeleine recusou a condecoração.

Decididamente, aquele homem era um enigma; mas as boas almas, não o podendo decifrar, saíam do embaraço em que se viam dizendo:

— No fim de tudo, não passa de uma espécie de aventureiro.

Como já se viu, a cidade devia-lhe muito e os pobres deviam-lhe tudo. Madeleine era tão útil que fora indispensável que acabassem por lhe render o respeito que lhe era devido, e era tão bondoso que tinha sido impossível deixarem de estimá-lo; seus operários, em particular, adoravam-no, e essa adoração ele recebia com uma espécie de gravidade melancólica. Depois de se tornar incontestável sua riqueza, as "pessoas da sociedade" passaram a cumprimentá-lo, e já não lhe chamavam na cidade senão sr. Madeleine; contudo, seus operários e as crianças continuaram, com o mesmo tom amigável, a chamá-lo de Madeleine, e era isso o que mais lhe agradava. À medida que aumentava seu prestígio, choviam sobre ele os

convites: a "sociedade" reclamava-o. Os mesquinhos e pretensiosos salões de Montreuil-sur-Mer, os quais, bem entendido, nos primeiros tempos estavam fechados ao homem trabalhador, abriram suas portas de par em par para o milionário. Madeleine, porém, sempre se esquivou dos convites.

Ainda dessa vez as boas almas não puderam conter-se:

— É um homem ignorante e boçal. Ninguém sabe de onde veio; e nem saberia ter uma vida social. Inclusive, é provável que nem sequer saiba ler.

Quando o viram ganhar tanto dinheiro, disseram:

— É um comerciante.

Quando viram o modo como o semeava, disseram:

— É um ambicioso.

Quando viram que repelia as honras, exclamaram:

— É um aventureiro!

Quando o viram repelir a "sociedade", bradaram:

— É um homem grosseiro.

Em 1820, cinco anos depois de sua chegada a Montreuil-sur-Mer, os serviços que prestara à cidade em que se estabelecera já eram tão notáveis, e o voto de todo o distrito fora de tal modo unânime, que o rei nomeou-o novamente *maire*. Tornou a recusar, mas o prefeito resistiu à sua recusa, as pessoas influentes insitiram para que aceitasse, o povo pedia-lhe, até mesmo no meio da rua; numa palavra, viu-se por tal modo solicitado que afinal aceitou. Notou-se que o que pareceu, sobretudo, decidi-lo foi a apóstrofe quase irritada de uma velha mulher do povo, que lhe gritou com maus modos da soleira de sua porta:

— *Um bom* maire *é muito útil. Por que recuar diante do bem que pode fazer?*

Foi a terceira fase da sua ascensão. Madeleine tornara-se sr. Madeleine; e o sr. Madeleine tornara-se *senhor maire*.

III

Somas depositadas no banco Laffitte

Quanto ao mais, o senhor *maire* continuava a viver tão simplesmente como no primeiro dia em que chegou. Tinha o cabelo grisalho, o olhar sério, a cútis crestada como a de qualquer operário e o rosto pensativo de um filósofo. Usava ordinariamente um chapéu de abas largas e uma sobrecasaca de pano grosso bastante comprida, abotoada até o pescoço. Cumpria suas funções de *maire*, mas fora isso vivia isolado. Falava com poucas pessoas. Evitava a polidez, saudava de passagem, esquivava-se rapidamente, sorria para escapar de todos e dava o que fosse preciso para não ter de sorrir.

— Que urso! — exclamavam as mulheres.

Um dos seus maiores prazeres consistia em passear pelo campo.

Comia sempre só e com um livro aberto diante de si, ao qual ia lendo ao mesmo tempo que se alimentava. Era muito amigo de livros, e tinha uma estantezinha muito bem guarnecida: os livros são desapaixonados e fiéis. À medida que a fortuna lhe ia dando mais descanso, parecia que ele aproveitava para cultivar o espírito. Desde que estava em Montreuil-sur-Mer, notava-se que de ano para ano seu vocabulário se tornava mais polido, mais conciso e mais suave.

Quando ia passear, levava muitas vezes uma espingarda, de que raras vezes se servia; mas quando, por acaso, precisava utilizá-la, atirava com uma infalibilidade de assustar. Nunca matava um animal inofensivo; nunca atirava nos passarinhos.

Conquanto já não fosse jovem, dizia-se ser dotado de uma prodigiosa força. Dava sempre a ajuda braçal a quem precisava: levantava um cavalo, desatolava alguma carroça, segurava pelos chifres um touro fugido. Saía de casa com os bolsos cheios de dinheiro, mas recolhia-se sempre com eles vazios. Quando passava por alguma aldeia, meninos esfarrapados corriam alegremente atrás dele e o rodeavam como uma nuvem de mosquitos.

Julgava-se geralmente que ele havia vivido, noutros tempos, a vida dos campos, por isso conhecia toda espécie de segredos úteis para ensinar aos camponeses. Explicava-lhes o modo de destruir a traça que ataca o trigo, regando o celeiro e inundando as fendas do sobrado com uma solução de sal comum; e a expulsar os gorgulhos, pendurando por toda parte, nas paredes e nos tetos, nas pastagens e nas casas, ramos de salsa florida. Tinha "receitas" para extirpar as doenças dos bichos-da-seda, a ferrugem das searas, a ervilhaca e todas as plantas parasitas nocivas ao trigo; afastava de qualquer coelheira os ratos, só com o cheiro de um porquinho da Berberia que nela introduzia.

Um dia, contemplava uma porção de gente ocupada em arrancar urtigas de um campo; olhou para o monte de plantas, já arrancadas e secas, e disse:

— Estão mortas. Não obstante seriam aproveitáveis se soubessem servir-se delas. Quando a urtiga é nova, sua folha é um legume excelente; depois de velha, tem filamentos e fibras como o cânhamo e o linho. O tecido de urtiga vale tanto quanto o de linho. Picada, a urtiga é excelente para a criação de aves; moída, é boa para o gado vacum. A baga da urtiga, misturada com a forragem dos animais, torna lustroso seu pelo; a raiz, misturada com sal, produz excelente cor amarelada. No fim de tudo, é muito bom feno e pode ceifar-se duas vezes. E o que exige a urtiga? Pouca terra, nenhum cuidado e nenhuma cultura. Somente a baga é difícil de colher, por isso cai à medida que vai amadurecendo; isso é tudo. Com algum trabalho, a urtiga tornar-se-ia útil; desprezam-na, torna-se nociva, e então destroem-na. Quantos homens se assemelham à urtiga!

Depois de certo silêncio, acrescentou:

— Meus amigos, não se esqueçam, nunca, de que não há más plantas nem maus homens. O que há são maus cultivadores.

As crianças eram também amigas dele, porque sabia fazer-lhes objetos muito bonitos de palha e de casca de coco.

Quando via a porta de uma igreja coberta de preto, entrava: procurava um enterro como outros procuravam um batizado. A viuvez e a desgraça alheia atraíam-no, devido à grande doçura de seu caráter; envolvia-se com os convidados vestidos de preto, com as famílias cobertas de luto, com os sacerdotes que rezavam diante de um féretro. Parecia dar voluntariamente como texto a seus pensamentos aquelas salmodias fúnebres, cheias de visão de outro mundo. Olhos no céu, ele ouvia, com uma espécie de aspiração a todos os mistérios do infinito, as vozes tristes que cantam à beira do abismo obscuro da morte.

Praticava um sem-número de boas ações, ocultando-se como outros se ocultam para praticar as más. À noite penetrava às escondidas em uma ou outra casa, subindo furtivamente as escadas. Quando algum homem pobre retornava para sua humilde casa, percebia que a porta tinha sido aberta, e às vezes mesmo arrombada, durante sua ausência. O pobre homem exclamava: "Algum ladrão esteve aqui!" Entrava, e a primeira coisa que via era uma moeda de ouro sobre um móvel. O "ladrão" que abrira a porta fora Madeleine.

Era afável e triste. O povo dizia: "É um homem rico que não ostenta sua riqueza; é um homem feliz que não parece contente."

Alguns julgavam que era um personagem misterioso, e afirmavam que nunca ninguém entrou em seu quarto, uma verdadeira gruta de anacoreta, com mobília de ampulhetas aladas e ornada com caveiras e tíbias dispostas em cruz. Isso era dito

com tanta certeza que algumas jovens e elegantes senhoras de Montreuil-sur-Mer foram um dia à sua casa e lhe disseram:

— Mostre-nos seu quarto, senhor *maire*; todos dizem que é uma gruta.

O *maire* sorriu e as conduziu imediatamente à tal "gruta". A curiosidade das três senhoras foi bem castigada: era um quarto guarnecido simplesmente de móveis de acaju, feios como todos os móveis desse gênero, e com as paredes forradas de papel de doze soldos… O que elas viram de mais notável foram dois castiçais de feitio muito antigo, que estavam sobre a lareira e que pareciam ser de prata, "porque estavam marcados".

Mas nem por isso deixaram de continuar a dizer que ninguém penetrava no quarto do *maire*, que era uma caverna de eremita, uma toca, um túmulo.

Segredava-se, também, que tinha uma quantia "enorme" depositada no banco Laffitte, com a particularidade de que estavam sempre à sua disposição imediata; de tal modo, acrescentavam, que o sr. Madeleine podia chegar um dia à casa daquele banqueiro, assinar um recibo e, em três minutos, levar consigo dois ou três milhões. A verdade era que aqueles "dois ou três milhões", como já dissemos, se reduziam a seiscentos e trinta ou seiscentos e quarenta mil francos.

IV

O sr. Madeleine de luto

No começo de 1821, os jornais noticiaram a morte do sr. Myriel, bispo de Digne, conhecido como "dom Bienvenu", falecido aos oitenta e dois anos, com grande reputação de santidade.

O bispo de Digne, para acrescentar aqui um pormenor que os periódicos omitiram, morreu cego, tendo vivido muitos anos desse jeito, mas satisfeito com sua cegueira, por ter sua irmã junto de si.

Digamos de passagem que ser cego e ser amado é, com efeito, sobre esta terra, onde nada é completo, uma das formas mais estranhamente extraordinárias de felicidade. Ter continuamente ao nosso lado uma mulher, uma filha, uma irmã, uma pessoa encantadora, que está ali porque temos necessidade dela e porque ela

não nos pode abandonar; saber que somos indispensáveis a quem nos é necessário; poder incessantemente medir seu afeto através do tempo que ela dedica a estar presente em nossa vida e dizer: "Se ela me oferece todo o seu tempo, é porque tenho todo o seu coração"; reconhecer em seus olhos o que ela pensa; constatar a fidelidade de uma pessoa nesse eclipse do mundo; perceber o movimento de um vestido como um bater de asas; ouvir seu ir e vir, sair, voltar, falar, cantar e sonhar que somos o centro de seus passos, de suas palavras, de seu canto; manifestar a cada instante a própria atração; sentir tanto mais nossa força quanto mais sentimos nossa enfermidade; tornar-se, na escuridão e pela escuridão, o astro em torno do qual gravita esse anjo. Poucas felicidades se igualam a essa. A suprema felicidade da vida é a convicção de que se é amado; amado por si mesmo, ou melhor, amado apesar de si mesmo; a pessoa cega tem essa convicção. Nessa aflição, ser atendido é ser acariciado. Falta-lhe alguma coisa? Não. Perder a visão não é o mesmo que ter amor, e que amor! Um amor inteiramente feito de virtude! Não existe cegueira onde existe certeza. A alma, tateante, procura outra e a encontra. E essa alma, encontrada e provada, é uma mulher. A mão de alguém que nos sustenta: é a sua mão; uma boca roça de leve a nossa fronte: é a sua boca; ouvimos uma respiração bem perto de nós: é ela. Ter tudo através dela, de seu culto até sua piedade, jamais sermos abandonados, ter essa doce fragilidade que nos socorre, apoiarmo-nos sobre essa delicadeza inabalável, tocar com as mãos a Providência e poder tomá-la nos braços: Deus palpável, que êxtase! O coração, essa celeste flor obscura, entra em um arrebatamento misterioso. Ninguém trocaria essa sombra por toda a claridade. A alma angelical está lá, incessantemente lá; se ela se distancia, é para voltar; desaparece como o sonho e reaparece como a realidade. Quando se sente um calor aproximando-se, é ela. É um transbordamento de serenidade, de alegria e êxtase; somos um raio de luz na noite. E incontáveis pequenos cuidados. Nadas que se tornam enormes nesse vazio. Os mais inefáveis acentos da voz feminina usados para nos embalar, suprindo para nós um universo desaparecido. Sentimo-nos acariciados por uma alma. Não vemos nada, mas nos sentimos adorados. É um paraíso de trevas.

Foi desse paraíso que dom Bienvenu passou para o outro.

A notícia da sua morte foi reproduzida pelo jornal local de Montreuil-sur-Mer. No dia imediato, o sr. Madeleine apareceu vestido de luto e com um tecido preto no chapéu.

Notou-se na cidade esse luto, que deu muito que falar. Parecia ser um indício sobre a origem do sr. Madeleine; concluiu-se que ele talvez tivesse algum parentesco com o bispo. "Ficou de luto pelo bispo de Digne", dizia-se nos salões. Esse fato

exaltou ainda mais o sr. Madeleine, e deu-lhe, subitamente e de improviso, certa consideração entre a nobreza de Montreuil-sur-Mer. O microscópico bairro de Saint-Germain lembrou-se então de, no lugar, pôr fim à quarentena do sr. Madeleine, provável parente do bispo. O *maire* notou a consideração que obtivera pelos mais frequentes cumprimentos das senhoras e pelos mais pronunciados sorrisos das jovens. Numa tarde, uma decana daquela liliputiana *sociedade* escolhida, curiosa por direito de antiguidade, arriscou-se a perguntar-lhe:

— O senhor *maire* era, por acaso, primo do falecido bispo de Digne?

— Não, minha senhora — respondeu ele.

— Mas — tornou a decana — ficou de luto por ele.

— É porque na minha mocidade fui lacaio de sua família.

Havia ainda quem notasse mais uma coisa: todas as vezes que passava pela cidade algum rapazinho saboiano, oferecendo-se para limpar as chaminés, o senhor *maire* mandava-o chamar, perguntava-lhe o nome e dava-lhe dinheiro. Os saboianos que por ali passavam contavam isso aos outros, e resultava disso aparecerem muitos na cidade.

V

Vagos relâmpagos no horizonte

Pouco a pouco, com o passar do tempo, todas as oposições iam caindo. Em princípio, levantou-se contra o sr. Madeleine essa espécie de lei a que estão sujeitos todos os que conseguem prestígio: uma série de negruras e calúnias, que depois se transformaram em maldades, depois, ainda em simples malícia, e que em seguida se desvaneceram completamente; o respeito tornou-se completo, unânime e cordial, e chegou um momento, por volta de 1821, em que as palavras *senhor maire* se pronunciavam em Montreuil-sur-Mer quase no mesmo tom em que na cidade de Digne, em 1815, dizia-se *senhor bispo*. Vinham pessoas de dez léguas de distância consultar o sr. Madeleine, que sempre dava fim às disputas; impedia processos e reconciliava inimigos. Todos o tomavam como juiz de seu bom direito. Parecia que

tinha por alma o livro da lei natural. Foi uma espécie de contágio de veneração, que em seis ou sete anos atacou toda a gente daquela terra e de seus arredores.

Não só na cidade, mas em todo o distrito, só havia um homem que se esquivava absolutamente a esse contágio; e, por maiores que fossem as diligências do sr. Madeleine, conservou-se sempre rebelde, como se uma espécie de instinto incorruptível o trouxesse continuamente sobressaltado e inquieto. Parece, com efeito, que existe em certos homens um verdadeiro instinto bestial puro e íntegro como todos os instintos, que origina as antipatias e as simpatias, que separa fatalmente um indivíduo do outro, que não hesita, que não se turba, não se cala, não se desmente nunca, claro na sua obscuridade, infalível, imperioso, refratário a todos os conselhos da inteligência e a todos os dissolventes da razão, e que, de qualquer modo que os destinos sejam formados, adverte o homem-cão da presença do homem-gato e o homem-raposa da presença do homem-leão.

Muitas vezes, quando o sr. Madeleine passava por uma rua, pacífico, afetuoso, coberto pelas bênçãos de todos, sucedia que um homem de alta estatura, com um casaco pardo, com uma grossa bengala e um chapéu de abas largas, voltava-se repentinamente depois de ele passar e o seguia com a vista até vê-lo desaparecer, curvando os braços, meneando lentamente a cabeça, levantando os lábios até quase o nariz, espécie de careta significativa que poderia traduzir-se pelas seguintes palavras:

— Mas quem é esse homem? Tenho certeza de que já o vi em algum lugar.

Esse personagem grave, mas de uma gravidade quase ameaçadora, era um desses que, mesmo apenas entrevisto, preocupam o observador.

Chamava-se Javert e era agente de polícia.

Preenchia em Montreuil-sur-Mer as funções penosas, mas úteis, de inspetor. Não testemunhara como Madeleine começou a formar sua fortuna. Javert devia o posto que ocupava à proteção do sr. Chabouillet, secretário do ministro conde Anglès, então prefeito de polícia em Paris. Quando Javert chegou a Montreuil-sur-Mer já estava feita a fortuna do grande industrial, e Madeleine já havia se tornado o sr. Madeleine.

Certos agentes de polícia têm uma fisionomia particular, composta com certo ar de baixeza e autoridade. Javert tinha essa fisionomia, embora sem a baixeza.

Segundo nossa convicção, se as almas fossem visíveis, veríamos distintamente uma coisa extraordinária: cada um dos indivíduos da espécie humana corresponde a alguma das espécies da criação animal, e facilmente se reconheceria a verdade apenas entrevista pelo pensador, de que, desde a ostra até a águia, desde o porco até o tigre,

todos os animais estão no homem, e que cada homem representa um deles. Muitos, às vezes, simultaneamente.

Os animais não são outra coisa senão a figura de nossas virtudes e de nossos vícios, errando diante de nossos olhos, fantasmas visíveis de nossas almas. Deus mostra-nos os animais para fazer-nos refletir. A diferença é que, como eles são apenas sombras, Deus não os fez educáveis, no sentido completo da palavra. Por quê? Ao contrário, nossas almas sendo realidade e tendo um fim que lhes é próprio, Deus lhes deu a inteligência, isto é, a possibilidade de educação.

A educação social bem-feita pode sempre tirar de uma alma, seja ela qual for, a utilidade que ela contém.

Isso seja dito, bem entendido, do ponto de vista restrito da vida terrestre aparente e sem prejudicar a questão profunda da personalidade anterior ou ulterior dos seres que não são humanos. O "eu" visível não autoriza, de nenhuma maneira, o pensador a negar o "eu" latente. Feita essa ressalva, vamos adiante.

Agora, se admitirem conosco por um momento que em todo homem há uma das espécies animais da Criação, será fácil dizer-lhes o que era o oficial de justiça Javert.

Os camponeses asturianos têm a convicção de que em todas as ninhadas das lobas há um cão, que é morto pela mãe, porque, se assim não fosse, depois de crescido mataria os irmãos.

Deem uma face humana ao cão filho da loba, e terão Javert.

Javert nascera numa prisão, filho de uma cartomante cujo marido estava nas galés. Quando tornou-se adulto, determinou que estava fora da sociedade e perdeu para sempre a esperança de poder entrar nela. Reparou também que a sociedade mantinha irremissivelmente fora de si duas classes de homens: os que a atacam e os que a protegem; não podia escolher senão entre essas duas classes; ao mesmo tempo, sentia-se com uma espécie de fundo de rigidez, de regularidade e de probidade, de companhia com inexplicável ódio à raça de boêmios de que provinha. Entrou para a polícia e obteve os melhores resultados. Com quarenta anos era inspetor.

Na sua juventude, foi empregado nas galés do Midi.

Antes de nos adiantarmos mais, entendamo-nos sobre as palavras *face humana*, que há pouco aplicamos a Javert.

A face humana de Javert consistia em um nariz chato com duas profundas ventas, para as quais subiam, dos dois lados do rosto, enormes suíças. Quem via pela primeira vez essas duas florestas e essas duas cavernas, sentia-se incomodado. Quando Javert ria, o que era raro e terrível, os lábios finos separavam-se e deixavam ver não só os dentes, mas também as gengivas, produzindo em volta do nariz uma

ruga selvática como a que se nota no focinho de um animal feroz. Javert, quando estava sério, era um cão de guarda; quando ria, imitava um tigre. De resto, cabeça pequena e queixo grande; os cabelos ocultavam-lhe a fronte e caíam-lhe por cima das sobrancelhas; entre os olhos tinha um franzimento central permanente, como um indício de cólera, o olhar sombrio, a boca encrespada e temível, além do aspecto feroz de comando.

Esse homem compunha-se de dois sentimentos muito simples e relativamente bons, mas que ele tornava quase maus, de tanto que os exagerava: o respeito pela autoridade e o ódio à rebelião. A seus olhos, o roubo, o assassínio, todos os crimes, em suma, não eram senão outras tantas expressões da rebelião. Envolvia numa espécie de fé, cega e profunda, tudo o que exercia a menor função no Estado, desde o primeiro-ministro até os guardas das matas; cobria de desprezo, de aversão e de tédio tudo o que tinha, mesmo que fosse uma vez, ultrapassado o limiar da legalidade. Era absoluto e não admitia quaisquer exceções. Por um lado dizia: "o funcionário não pode enganar-se; o magistrado nunca erra"; por outro pensava: "esses outros estão irremediavelmente perdidos, não se pode conseguir deles coisa alguma boa". Partilhava plenamente da opinião desses espíritos extremistas que atribuem à lei humana não sei que poder de produzir ou, se quiserem, de constatar quem são os demônios, colocando um Estige embaixo da sociedade. Era estoico, sério, austero; um sonhador triste; humilde e altivo como os fanáticos. Seu olhar era uma verdadeira garra, fria e perfurante. Toda a sua vida se resumia em duas palavras: zelar e vigiar. Ele introduziu a retidão no que há de mais tortuoso no mundo; era consciente de sua utilidade e da religião de sua função: era espião como se é padre. Infeliz de quem caísse em suas mãos! Prenderia o próprio pai, se ele fugisse das galés, e denunciaria a própria mãe, se ela não cumprisse a lei. E o faria com essa espécie de satisfação interior que vem da virtude. Com isso, tinha uma vida de privações, de isolamento, de abnegação, de castidade, sem a mínima distração. Era o dever implacável, a polícia compreendida como os espartanos compreendiam Esparta; um guarda impiedoso, uma honestidade cruel, um espião de mármore: um Bruto encarnado em Vidocq.

Javert exprimia, em toda a sua inteireza, o homem que espia e se oculta. A escola mística de Joseph de Maistre, a qual, naquela época, temperava de alta cosmogonia os chamados jornais ultramontanos, não hesitaria em dizer que Javert era um símbolo. Não era possível ver sua fronte, escondida sob o chapéu; não se podia ver seus olhos, ocultos sob as sobrancelhas; não se podia ver seu queixo, mergulhado na gravata; não se podia ver suas mãos, enfiadas nas mangas; não se podia ver seu bastão, que carregava por baixo da sobrecasaca. Mas, chegada a ocasião, via-se de

repente sair de toda essa sombra, como de uma emboscada, uma fronte angulosa e estreita, um olhar funesto, um queixo ameaçador, mãos enormes e um bastão monstruoso.

Em seus momentos de descanso, que eram pouco frequentes, mesmo odiando os livros, lia: o que fazia com que não fosse completamente ignorante. Isso era possível de reconhecer através de certa ênfase nas palavras.

Como já dissemos, ele não tinha vício algum. Quando se sentia satisfeito com ele mesmo, concedia-se a distração de uma pitada de rapé. Era esse o ponto pelo qual se ligava à humanidade.

Facilmente se compreenderá que Javert era o terror de toda a classe que a estatística anual do Ministério da Justiça designa com a rubrica de *gente sem profissão*. Bastava pronunciar o nome de Javert para pô-la em debandada; o aparecimento de Javert petrificava-a.

Assim era esse homem temível.

Javert era uma espécie de olho sempre atento ao sr. Madeleine; olho cheio de suspeitas e conjecturas. O sr. Madeleine chegara, afinal a notar aquela obstinação em o observar, mas pareceu julgar isso insignificante e sem importância. Não fez a mínima pergunta a Javert; não o procurava nem lhe evitava a presença, e aguentava, sem parecer dar-lhe atenção, aquele olhar incomodativo e quase pesado. Tratava Javert como a toda a gente: com bondosa afabilidade.

Por algumas palavras soltas de Javert, percebia-se que tinha investigado secretamente, com a curiosidade que denuncia a raça e na qual entra tanto instinto como vontade, todos os vestígios que Madeleine teria podido deixar anteriormente em outro lugar. Parecia saber, e por vezes dizia de forma velada, que alguém obtivera várias informações em certos lugares acerca de uma família que desaparecera. Em certa ocasião, chegou a dizer, falando consigo:

— Acho que o apanhei!

Depois disso, ficou três dias pensativo sem pronunciar uma só palavra. Parecia que o fio que conseguira segurar havia se partido.

De resto, e este é o corretivo necessário ao sentido que certas palavras podem apresentar de mais absoluto, não pode haver nada de verdadeiramente infalível em uma criatura humana, e a característica intrínseca ao instinto é precisamente a possibilidade de ser perturbado, despistado, desnorteado. Sem isso, ele seria superior à inteligência, e no animal encontraríamos mais luz do que no ser humano.

Era evidente que Javert andava um tanto contrariado pelo aspecto natural e tranquilo do sr. Madeleine.

Houve, contudo, um dia em que suas estranhas maneiras impressionaram o fabricante Madeleine. Eis adiante em que ocasião.

VI

Fauchelevent

O sr. Madeleine passava numa manhã por uma rua de Montreuil-sur-Mer que ainda não havia sido pavimentada. Ele ouviu certo ruído e avistou um grupo a pouca distância, então dirigiu-se para ele. Um homem já idoso, a quem chamavam Fauchelevent, achava-se preso debaixo de sua carroça, cujo cavalo havia caído.

Esse Fauchelevent era um dos raros inimigos que o sr. Madeleine teria ainda nessa época. Quando Madeleine se estabelecera em Montreuil-sur-Mer, Fauchelevent, ex-tabelião e camponês, quase um homem de letras, começava a fracassar no comércio que exercia. Fauchelevent vira aquele simples operário enriquecer, enquanto ele, instruído, achava-se cada vez mais arruinado. Por conta disso, fora acometido de inveja e fizera sempre tudo o que podia para prejudicar Madeleine. Depois, veio a falência; e, já velho, possuindo apenas uma carroça e um cavalo, e não tendo, além disso, nem família nem filhos, fizera-se carroceiro para ganhar a vida.

O cavalo estava com as duas pernas quebradas e não conseguia levantar-se. O velho estava entalado entre as duas rodas. A queda fora de tal modo desastrosa que todo o peso da carroça, que estava sobrecarregada, recaía em seu peito. Fauchelevent soltava os mais dolorosos gemidos. Já haviam tentado tirá-lo dali, mas em vão. Qualquer esforço mal aplicado, qualquer ajuda pouco jeitosa, podia matá-lo. Era impossível tirá-lo de tão terrível posição sem erguer a carroça pela parte de baixo. Javert, que ali apareceu no momento do desastre, mandou buscar uma cábrea para levantar a carroça.

Foi nessa ocasião que chegou o sr. Madeleine. Todos se afastaram respeitosamente.

— Socorro! — gritava Fauchelevent. — Há algum jovem forte para salvar este pobre velho?

O sr. Madeleine voltou-se para os que assistiam à cena.

— Não há por aqui alguma coisa para levantar esse peso?

— Foram já em busca de uma cábrea — respondeu um homem do campo.

— Mas quanto tempo irá demorar?

— Pelo visto, foram a Flachot, o lugar que está mais perto, onde há um ferrador; mas, mesmo assim, não gastarão menos de um quarto de hora para chegar aqui.

— Um quarto de hora! — exclamou Madeleine.

Na véspera havia chovido, o terreno estava encharcado, por isso a carroça continuava afundando e comprimia, cada vez mais, o peito do idoso carroceiro. Era evidente que teria as costelas quebradas antes de passarem cinco minutos.

— Um quarto de hora é impossível esperar — disse Madeleine para os que o rodeavam.

— Mas não há outro remédio!

— Então já será tarde! Não veem como a carroça está atolando mais?

— É verdade.

— Ouçam — tornou Madeleine —; debaixo da carroça há ainda bastante espaço para que ali se meta um homem e a levante com os ombros. Bastará erguê-la por meio minuto, para que se possa tirar o pobre homem. Se houver aqui alguém que tenha força e bom coração, ganhará por isso cinco luíses de ouro!

Ninguém se moveu.

— Dez luíses! — tentou Madeleine.

Todos que se achavam presentes baixaram os olhos, e um deles murmurou:

— Seria preciso ser forte como o diabo… Além disso, ainda há o risco de também ficar esmagado.

— Vamos! — tornou Madeleine. — Vinte luíses!

— Não é boa vontade o que lhes falta — opinou uma voz.

O sr. Madeleine voltou-se e viu Javert, em quem não havia reparado quando ali chegara.

Javert continuou:

— O que lhes falta é força. Seria preciso ser um homem descomunal, para conseguir a proeza de levantar com os ombros uma carroça como essa.

Depois, encarando Madeleine, prosseguiu, acentuando muito as palavras:

— Sr. Madeleine, só conheci um homem capaz de fazer o que o senhor pede.

Madeleine estremeceu.

Javert acrescentou com ar de indiferença, mas sem afastar os olhos de Madeleine:

— Era um forçado.

— Ah! — disse Madeleine.

— Estava nas galés de Toulon.

Madeleine empalideceu.

Entretanto, a carroça continuava a enterrar-se lentamente. Fauchelevent gemia e gritava:

— Estou sem ar! Minhas costelas estão se quebrando! Uma cábrea, qualquer coisa! Socorro!

Madeleine olhou ao redor.

— Não há ninguém que queira ganhar vinte luíses e salvar a vida desse pobre velho?

Como da primeira vez, ninguém se mexeu. Javert repetiu:

— Só vi um homem capaz de o fazer: o tal forçado.

— Socorro! Isso está me esmagando! — esbravejava o velho.

Madeleine ergueu a cabeça, encontrou os olhos de Javert, verdadeiros olhos de falcão, sempre fixos nele, olhava para os que o cercavam, imóveis, e sorriu tristemente. Em seguida, sem pronunciar uma só palavra, ajoelhou-se e, antes mesmo que a multidão tivesse tempo de soltar um grito, meteu-se debaixo da carroça.

Seguiu-se um terrível momento de silenciosa expectativa.

Todos viram Madeleine quase de bruços, sob aquele enorme peso, tentar por duas vezes, sem sucesso, aproximar os joelhos dos cotovelos. Várias vozes exclamaram:

— Saia daí, sr. Madeleine!

O próprio Fauchelevent lhe dizia:

— Está se arriscando a ser esmagado como eu, sr. Madeleine… Saia! Não pode me salvar… já sei que vou morrer!…

Madeleine não lhe respondeu.

Os circunstantes estavam arquejantes de ansiedade. As rodas tinham continuado a enterrar-se, e era já quase impossível que Madeleine pudesse sair de sob a carroça.

De repente, todos viram mover-se a enorme massa: a carroça erguia-se lentamente, metade das rodas já apareciam desenterradas; ao mesmo tempo, ouviu-se uma voz abafada gritando:

— Ajudem, depressa, ajudem!

Era Madeleine, que tinha acabado de empregar o último esforço.

Todos correram para ajudá-lo. A dedicação de um só deu força e coragem a todos. A carroça foi erguida por vinte braços. O velho Fauchelevent estava a salvo.

Madeleine ergueu-se. Estava lívido, embora encharcado de suor. Sua roupa estava toda rasgada e coberta de lama. Todos choravam de emoção, e o pobre velho

abraçava-lhe os joelhos e o chamava de Deus. Madeleine, fitando Javert, que não o perdia de vista, estava com um olhar tranquilo e apresentava no rosto não sei que expressão de sofrimento feliz e celeste.

VII

Fauchelevent torna-se jardineiro em Paris

Fauchelevent deslocara um joelho ao cair. Madeleine conduziu-o a uma enfermaria que havia criado para seus operários, no próprio edifício da fábrica, a qual era servida por duas irmãs de caridade. No dia seguinte, o pobre velho encontrou, sobre a mesinha de cabeceira, uma nota de mil francos, e as seguintes palavras, escritas com a letra do sr. Madeleine:

Compro-lhe sua carroça e seu cavalo.

A carroça estava quebrada e o cavalo, morto. Fauchelevent restabeleceu-se, mas ficou aleijado do joelho. O sr. Madeleine, pelas recomendações das irmãs de caridade e do cura, acomodou o pobre homem, como jardineiro, num convento de freiras, no bairro de Saint-Antoine, em Paris.

Passado pouco tempo, o sr. Madeleine foi nomeado *maire*. A primeira vez que Javert viu Madeleine revestido com a faixa que lhe dava a máxima autoridade sobre a cidade sentiu o mesmo estremecimento que sentiria um cão de fila farejando um lobo escondido sob a roupa de seu dono. Desse momento em diante, evitou sua presença sempre que pôde. Quando as necessidades do serviço o exigiam absolutamente, e ele não podia deixar de se encontrar com o *maire*, falava-lhe sempre com profundo respeito.

Essa prosperidade que o sr. Madeleine havia atingido em Montreuil-sur-Mer tinha, além dos sinais evidentes que já indicamos, outro sintoma que, por não ser tão visível, não era menos significativo. Isso nunca tem erro. Quando a população sofre, quando falta trabalho, quando o comércio é nulo, o contribuinte resiste aos

impostos por penúria, perde os prazos, e o Estado gasta muito dinheiro com despesas de cobrança e arrecadação. Quando o trabalho é abundante, quando a cidade está feliz e rica, o imposto é pago com boa vontade e custa pouco ao Estado. Pode-se até dizer que a miséria e a riqueza pública têm um termômetro infalível: as taxas pagas pelo Estado na arrecadação dos impostos. Em três anos, essas despesas foram reduzidas em três quartos no distrito de Montreuil-sur-Mer, o que o fazia ser frequentemente citado entre os demais por Villèle, então ministro das Finanças.

Esse era o estado daquela região quando Fantine voltou. Ninguém mais se lembrava dela. Felizmente, a fábrica do sr. Madeleine era como um rosto amigo. Ela se apresentou e foi admitida na oficina das mulheres. Aquele gênero de trabalho era completamente novo para Fantine, não podia mostrar-se desenvolta, e pouco produzia a cada dia de fadiga; mas, enfim, era-lhe suficiente, e ela conseguira resolver o problema: ganhava a vida.

VIII

A sra. Victurnien gasta trinta e cinco francos em nome da moral

Quando Fantine viu que podia ir vivendo, teve um momento de alegria. Viver honestamente do trabalho, que dádiva celestial! O gosto pelo trabalho em breve lhe voltou. Comprou um espelho e regozijou-se contemplando nele a sua mocidade, os lindos cabelos e os belos dentes, esqueceu-se de muitas coisas, não pensou mais senão em Cosette e num futuro melhor, então sentiu-se quase feliz. Alugou um quartozinho e mobiliou-o a crédito sobre seu trabalho futuro: resquício de seus hábitos de desregramento.

Não podendo dizer que era casada, evitara sempre, como já deixamos implícito, falar de sua filha.

No começo, como vimos, pagava com toda a exatidão aos Thénardier; e como só sabia assinar seu nome, via-se obrigada a escrever-lhe por intermédio de um escrivão público.

Mas, como escrevia com frequência, isso logo foi notado. Começaram então a dizer em voz baixa, na oficina das mulheres, que Fantine "escrevia cartas" e "tinha coisas a esconder".

Não há nada como espionar as atitudes das pessoas com quem não se tem contato.

— Por que aquele senhor nunca vem senão à noitinha? Por que não pendura a chave no prego às sextas-feiras? Por que só anda pelas ruas mais estreitas? Por que aquela senhora desce sempre de sua carruagem antes de chegar em casa? Por que mandou comprar um bloco de papel de carta quando é "proprietária de uma papelaria"? Etc. etc.

Existem seres que, para decifrar esses enigmas, que no fim das contas lhes são completamente indiferentes, gastam mais dinheiro, desperdiçam mais tempo, dedicam-se dez vezes mais que o necessário para praticar dez boas ações; e isso gratuitamente, por prazer, sem ter como pagamento dessa curiosidade outra coisa senão a própria curiosidade. Seguirão este ou aquele por dias inteiros; farão sentinela durante horas em esquinas, em corredores; à noite, no frio e na chuva, corromperão mensageiros, subornarão cocheiros e lacaios; pagarão a uma camareira; adquirirão um porteiro. Por quê? Por nada. Pura obstinação de ver, de saber e de se intrometer; pura tentação de fofocar. E, com frequência, quando esses segredos são conhecidos, os mistérios vindo a público, os enigmas esclarecidos à luz do dia, desencadeiam-se catástrofes, duelos, falências, famílias arruinadas, existências destruídas, para grande alegria dos que "descobriram tudo", sem interesse e por puro instinto. Que coisa triste!

Algumas pessoas são más unicamente pela necessidade de fofocar. Sua conversação, mexericos de salão, tagarelice das salas de espera, é como essas lareiras que consomem num segundo toda a lenha; elas precisam de muito combustível; e o combustível é a vida alheia.

Começaram, então, a espreitar Fantine.

Além de tudo, havia mais de uma que lhe invejava os cabelos louros e os dentes brancos.

Repararam que na oficina ela se afastava muitas vezes do meio das outras para limpar as lágrimas. Eram os momentos em que pensava na filha e, talvez, também no homem que amara.

É um doloroso trabalho romper os laços que nos ligam ao passado.

Repararam que escrevia, pelo menos duas vezes no mês, sempre para o mesmo endereço, e que franqueava as cartas; chegaram, por fim, a saber que eram destinadas a um tal *Thénardier, estalajadeiro em Montfermeil*. Na taberna, puxaram

pela língua o escrivão, pobre homem já idoso, que não conseguia encher o estômago de vinho sem esvaziar a bolsa dos segredos. Numa palavra, souberam que Fantine tinha uma filha; devia ser, portanto, uma espécie de prostituta. Houve uma bisbilhoteira que se dispôs a ir até Montfermeil; ela falou com os Thénardier e, quando voltou, contou:

— É verdade que gastei trinta e cinco francos, mas sosseguei a consciência: vi a criança!

A fofoqueira que fez isso era uma gordona chamada Victurnien, guarda e porteira da virtude alheia. A sra. Victurnien tinha cinquenta e seis anos e revezava a máscara da feiura com a da velhice. Voz de cabra e espírito caprino. Essa mulher velha tinha sido jovem: coisa espantosa. Na sua juventude, em pleno 93, desposara um frade fugido do convento de gorro vermelho, e que passara dos bernardos para os jacobinos. Era seca, ríspida, beata, angulosa, espinhosa e quase venenosa; mas sem se esquecer nunca do frade de quem era viúva, e que a tinha domado e subjugado bastante. Era uma urtiga em que se percebia o amarrotado da batina. No tempo da Restauração fizera-se beata; e tão energicamente que os padres lhe tinham perdoado a história do frade. Possuía uma fortunazinha, que por toda parte apregoava legar a uma comunidade religiosa. No palácio do bispo de Arras era muito bem-vista. Essa sra. Victurnien, então, foi a Montfermeil e voltou de lá dizendo: vi a criança.

Tudo isso levou tempo. Havia um ano que Fantine estava na fábrica, quando, num dia de manhã, a gerente da oficina lhe mandou, da parte do senhor *maire*, cinquenta francos, participando-lhe ao mesmo tempo que já não fazia parte do pessoal da oficina e convidando-a, também da parte do senhor *maire*, a sair da cidade.

Foi precisamente nesse mês que os Thénardier, depois de terem já pedido doze francos em vez de seis, lhe exigiram quinze em vez de doze.

Fantine sentiu-se aterrada. Não podia sair da cidade; devia a renda da casa e o custo dos móveis, e com cinquenta francos não podia pagar essas dívidas. Balbuciou algumas palavras suplicantes, mas a gerente fez-lhe ver que devia sair imediatamente da oficina. Além disso, Fantine não passava de uma operária muito medíocre. Acabrunhada mais pela vergonha do que pelo desespero, saiu da oficina e trancou-se em seu quarto. Agora todos conheciam seu erro secreto!

Não se sentiu mais com força de dizer uma só palavra. Aconselharam-lhe que fosse falar com o senhor *maire*, mas ela não teve coragem. O *maire* dera-lhe cinquenta francos, porque era bom, e a expulsara porque era justo. Curvou-se, então, à sentença.

IX

O êxito da sra. Victurnien

A viúva do frade foi, então, boa para alguma coisa.

No fim das contas, o sr. Madeleine não tivera conhecimento de nada disso. Foi uma combinação de acontecimentos, desses que preenchem a vida. O sr. Madeleine tinha por costume não entrar quase nunca na oficina das mulheres. Colocara à frente dessa oficina uma mulher já idosa, que o pároco lhe recomendara, e em quem depositava inteira confiança, por ser uma mulher verdadeiramente respeitável, firme no cumprimento dos seus deveres, justa, íntegra, dotada da caridade que consiste em dar, mas não tendo no mesmo grau a caridade que consiste em compreender e perdoar. O sr. Madeleine deixava tudo a cargo dela. Os melhores homens são, com frequência, forçados a delegar sua autoridade. Foi no uso dos seus plenos poderes, e convicta de que agia bem, que a gerente instaurara o processo, julgara, condenara e expulsara Fantine.

Quanto aos cinquenta francos, dera-os de uma quantia que o sr. Madeleine lhe confiava para esmolas e socorros aos operários, da qual não tinha que dar contas.

Fantine percorreu diferentes casas dos arredores oferecendo-se como criada; mas ninguém a quis. Não tinha podido sair da cidade. O vendedor a quem devia pela compra dos móveis, e que móveis!, tinha lhe dito: "Se por acaso você se ausentar, faço com que a prendam como ladra." O senhorio, a quem devia o aluguel, disse-lhe: "Você é jovem e bonita, portanto tem como achar um meio de pagar." Em vista disso, dividiu os cinquenta francos entre o senhorio e o vendedor, entregou a este último três quartas partes da mobília, ficando apenas com o estritamente necessário, e achou-se afinal sem trabalho, sem profissão, não possuindo mais do que o pobre leito, e devendo ainda perto de cem francos.

Começou, então, a fazer camisas grosseiras para os soldados da guarnição, com o que conseguiu ganhar doze soldos por dia. Sua filha custava-lhe dez. Foi quando começou a atrasar o pagamento dos Thénardier.

Entretanto, uma velhinha que lhe acendia a vela quando ela voltava à noite para casa, ensinou-lhe a arte de viver na miséria. Pior que viver com pouco é viver com nada. São dois compartimentos: o primeiro é escuro; o segundo é uma completa penumbra.

Fantine aprendeu como se passa o inverno sem lume; como se renuncia à posse

de um passarinho que consome em alpiste a quarta parte de seu soldo a cada dois dias; como se transforma uma saia em cobertor e como se faz o contrário; como se poupa uma vela, ao fazer suas refeições aproveitando a luz que vem da janela vizinha. A maior parte das pessoas ignora o que outras, fragilizadas e envelhecidas pelas privações e pela honestidade, sabem tirar de um soldo. Isso acaba configurando um sublime talento. Fantine o adquiriu e, assim, recobrou um pouco de ânimo.

Nessa época, ela dizia à vizinha:

— Às vezes, digo a mim mesma: ora!, dormindo apenas cinco horas e trabalhando todo o resto do tempo nas minhas costuras, hei de chegar a ganhar o suficiente para o pão. E, além disso, quando se está triste, come-se menos. Com sofrimentos e inquietações, com um bocado de pão de um lado e de aflições do outro, a gente vai alimentando a vida.

Apesar dessa penúria, ter consigo a filha seria uma felicidade extraordinária; portanto, pensou em achar uma forma de buscá-la. Mas para quê?! Para fazê-la participar de sua miséria?! Além do mais, estava devendo aos Thénardier! Como conseguiria pagá-los? E a viagem? Como obteria dinheiro para realizá-la?

A velhinha que lhe dera o que podemos chamar de lições de indigência era uma santa mulher de nome Marguerite, dotada da mais alta devoção, pobre, caritativa para com os pobres, e mesmo para com os ricos, sabendo o necessário para poder assinar *Marguerite* e crendo em Deus, o que é a verdadeira ciência.

Há muitas virtudes nessa existência rebaixada a nada; um dia elas estarão no topo. A vida tem sempre um dia seguinte.

Nos primeiros tempos, Fantine sentia-se tão envergonhada que nem ousava sair de casa.

Quando ia pela rua, notava que todos se voltavam depois que ela passava e a apontavam com o dedo; toda a gente olhava para ela, mas ninguém a cumprimentava; o desprezo mordaz e insensível dos transeuntes penetrava-lhe a carne e a alma como um vento seco e frio.

Nas pequenas cidades, parece que uma infeliz está nua sob o sarcasmo e a curiosidade de todos. Em Paris, pelo menos, ninguém a conhecia, e essa obscuridade é uma boa capa social. Oh! Como desejou ir para Paris! Impossível.

Foi indispensável acostumar-se à indiferença, assim como havia se acostumado à indigência. Pouco a pouco, foi se tornando mais resoluta. Passados dois ou três meses, venceu a vergonha e começou a sair como se nada houvesse acontecido.

— Que me importa! — dizia ela.

Andava de um lado para outro, de cabeça erguida, com um sorriso amargo nos lábios e sentindo que se tornava uma descarada.

A sra. Victurnien vendo-a passar algumas vezes, de sua janela, notava a miséria "daquela criatura", graças a ela "colocada em seu lugar", e felicitava-se. Os maus têm satisfações bastante sórdidas.

O excesso de trabalho fatigava muito Fantine e aumentava-lhe a tosse que já tinha. Por vezes, ela dizia à sua vizinha Marguerite:

— Veja como minhas mãos estão quentes.

Todavia, quando pela manhã penteava, com um pente quebrado, os formosos cabelos, que ondulavam como seda aveludada, tinha um minuto de feliz vaidade.

X

Continuação do êxito

Fantine fora despedida da fábrica no fim do inverno; o verão passou, e o inverno tornou a voltar. No inverno não há calor, não há luz, não há sol; a noite parece tocar a manhã; nevoeiro, crepúsculo, as janelas ficam foscas e quase não se vê a claridade. O céu é uma fresta. O dia parece imerso num subterrâneo. O sol tem o ar de um miserável. Que estação medonha! O inverno transforma em pedra a água do céu e o coração do homem. Os credores não deixavam Fantine nem um instante.

O que ela ganhava era extremamente pouco, e as dívidas iam aumentando. Os Thénardier, mal pagos, escreviam-lhe sucessivas cartas, cujo conteúdo a enchia de aflição, e os gastos com o correio lhe aumentava a miséria. Um dia, numa dessas cartas, disseram-lhe que a sua Cosette estava sem agasalho, em uma época tão fria, que precisava de uma saia de lã e que, para isso, era necessário que lhes mandasse dez francos. Fantine recebeu a carta e passou todo o dia a amarrotá-la nas mãos. À noite, foi até um barbeiro que morava na esquina de sua rua e soltou os admiráveis cabelos louros, que chegavam até a cintura.

— Que lindos cabelos! — exclamou o barbeiro.

— Quanto me daria por eles?

— Dez francos.

— Então corte-os.

Comprou uma saia de malha e a mandou aos Thénardier.

Essa saia deixou os Thénardier furiosos. O que eles queriam era dinheiro. Deram, então, a saia a Éponine. A cotovia continuou a tremer de frio.

Fantine pensava: "Agora a minha querida filha já não sentirá frio. Vesti-a com meus cabelos."

Começou, então, a usar umas toucas redondas, que lhe ocultavam a falta de cabelo e com as quais ainda era bonita.

No coração de Fantine travara-se, entretanto, uma luta tenebrosa. Quando viu que já não podia pentear-se, começou a odiar tudo que a rodeava. Por muito tempo participara da veneração geral por Madeleine; porém, à força de repetir para si mesma que fora ele quem a expulsara e que era ele o causador de sua desgraça, passou a odiá-lo. Quando passava em frente à fábrica, nas horas em que os operários estavam à porta, fingia rir e cantarolar.

Uma operária, já velha, que um dia a viu rir e cantar desse jeito, exclamou, olhando para ela:

— Está aí uma jovem que vai acabar mal!

Fantine arrumou um amante, o primeiro que encontrou, um homem a quem não amava; mas aceitou-o por fanfarrice, com raiva no coração: era uma espécie de músico mendigo, um ocioso vagabundo, que lhe dava pancadas e a deixou como ela o aceitara, com indiferença.

Ela, porém, adorava a filha.

Quanto mais se arruinava, quanto mais sombrio se tornava tudo a seu redor, mais aquele anjo resplandecia no fundo de sua alma; ela dizia consigo: "Quando eu for rica, terei a minha Cosette sempre comigo."

Em seguida, começava a rir. A tosse não a abandonava e o suor corria-lhe pelas costas, quase continuamente.

Um dia recebeu uma carta dos Thénardier concebida nos seguintes termos:

> Cosette foi atacada por uma doença que anda por esta região e a que chamam de febre militar. Os remédios necessários são muito caros e não os podemos pagar, senão será nossa ruína. Se não nos mandar quarenta francos, dentro de oito dias, ela morrerá, com certeza.

Fantine soltou uma gargalhada e disse à sua vizinha idosa:

— Que engraçados eles são! Quarenta francos! Nem mais nem menos do que dois napoleões! Onde querem que eu os vá buscar? É bem estúpida essa gente do campo!

Entretanto, foi para a escada, para junto de uma fresta, e tornou a ler a carta.

Em seguida, desceu a escada e saiu correndo, saltando e rindo.

Uma pessoa que a conhecia, encontrando-a naquele desatino, perguntou-lhe:

— Por que é que vai tão alegre?

— Por causa de uma tolice que me escreveu uma gente do campo — respondeu. — Estão me pedindo quarenta francos. Que tontos!

Passando pela praça, viu muita gente rodeando uma carruagem esquisita, em cuja boleia, e de pé, falava em voz alta um homem todo vestido de vermelho. Era um dentista que oferecia ao público dentaduras completas, opiáceos, pozinhos e elixires.

Fantine misturou-se ao grupo e começou a rir, como todos os outros, daquele discurso, em que havia gírias para canalhas e jargões para pessoas que precisavam ser persuadidas. O dentista, vendo o sorriso da jovem tão bonita, exclamou de repente:

— Que bonitos dentes você tem! Se quer me vender as duas palhetas, dou-lhe um napoleão de ouro por cada uma.

— Mas o que é que são as palhetas? — perguntou Fantine.

— As palhetas — repetiu o professor dentista — são os dentes superiores da frente.

— Que horror! — exclamou Fantine.

— Dois napoleões! — resmungou uma velha desdentada que se achava ali perto. — Esta é que é feliz!

Fantine fugiu, tapando os ouvidos, para não ouvir a voz rouca do homem, que continuava a gritar-lhe:

— Pense bem, minha linda: olhe que dois napoleões podem servir para muita coisa. Se seu coração aceitar minha proposta, poderá me encontrar à noite na estalagem do Tillac d'Argent.

Fantine voltou para casa furiosa e contou o caso à sua vizinha, Marguerite.

— Já viu uma coisa assim?! Não é abominável o demônio do homem? Como permitem que gente como ele ande assim por aí! Arrancar-me os meus dois dentes da frente! Como eu ficaria? Os cabelos tornam a nascer, mas os dentes… que homem maldito! Preferiria jogar-me do quinto andar, de cabeça para baixo! E disse-me que estará à noite na estalagem do Tillac d'Argent.

— Quanto ele ofereceu? — perguntou Marguerite.

— Dois napoleões.

— São quarenta francos.

— É verdade — disse Fantine —, são quarenta francos!

Ela continuou a trabalhar, pensativa. Passado um quarto de hora, abandonou a costura e foi para a escada reler a carta dos Thénardier.

Tornando a entrar, disse a Marguerite, que estava trabalhando a seu lado:

— A senhora sabe o que é uma febre militar?

— Sei — respondeu a velha —; é uma doença.

— Ela requer muitos remédios?

— Demais! Remédios terríveis!

— E como é que se pega?

— É uma doença que ataca a gente, como se vê.

— Dá também em crianças?

— Principalmente nelas.

— E pode matá-las?

— Bastante.

Fantine saiu e foi mais uma vez à escada reler a carta.

Nessa mesma noite ela saiu, e várias pessoas a viram dirigir-se para o ponto de Paris onde estão situadas as estalagens.

No dia seguinte, como Marguerite costumava entrar no quarto de Fantine antes de amanhecer, porque trabalhavam sempre juntas, para que gastassem, desse modo, apenas uma vela, encontrou Fantine sentada na cama, pálida e gelada. Ela não tinha dormido. A touca caíra-lhe sobre os joelhos. A vela ardera toda a noite, e estava quase completamente consumida.

Marguerite parou à porta, petrificada diante de tão grande desordem, e exclamou:

— Valha-me Deus! A vela toda gasta! Aconteceu alguma coisa!

Depois olhou para Fantine, que tinha se voltado para ela, desprovida de seu formoso cabelo.

Fantine envelhecera dez anos desde a véspera.

— Jesus! — exclamou Marguerite. — O que você tem, Fantine?

— Não tenho nada — respondeu ela. — Estou muito satisfeita. Agora a minha filha já não morre por falta de remédios.

E dizendo essas palavras indicou à sua vizinha os dois napoleões que brilhavam em cima da mesa.

— Santo Deus! — disse Marguerite. — Está muito rica! Como foi que obteve esse ouro?

— Ora, ganhei-os! — respondeu Fantine.

Ao mesmo tempo, sorriu. A luz batia-lhe no rosto; seu sorriso estava ensanguentado: tinha nos cantos dos lábios uma saliva avermelhada e, na boca, um buraco escuro.

Os dois dentes tinham sido arrancados.

Os quarenta francos foram mandados para Montfermeil.

No fim de tudo, a exigência dos Thénardier não passara de uma astúcia para obter dinheiro. Cosette não estava doente.

Fantine atirou o espelho pela janela. Havia tempo que se mudara do quarto do segundo andar para um cubículo, que se fechava apenas com uma tranqueta; era um sótão, dos que têm o teto em ângulo agudo com o sobrado e onde quase não se pode ficar de pé. O pobre não pode chegar ao fundo de seu quarto, bem como ao fundo de seu destino, senão se curvando sempre mais! Fantine já não tinha leito, restava-lhe um farrapo a que chamava de cobertor, um colchão estendido no assoalho e uma cadeira sem palhinha. Uma pequena roseira que ela cultivava secara, esquecida em um canto. Em outro canto, estavam um pote de manteiga, que servia de moringa e gelava no inverno, deixando por muito tempo marcados seus diversos níveis de água nas paredes do pote, com círculos de gelo. Fantine perdera a vergonha; perdera também o gosto de se apresentar bem. Último sinal. Saía à rua com as toucas muito sujas; e, fosse por falta de tempo, fosse por indiferença, não remendava mais a roupa. À medida que os calcanhares das meias iam se rompendo, ela os puxava para debaixo dos pés: podia-se notar isso por conta das pregas perpendiculares que se formavam. Remendava o colete velho e usado com bocados de algodão cru, que tornavam a se rasgar ao menor movimento. As pessoas a quem devia não a deixavam um instante, descompunham-se frequentes vezes. Encontrava-as na rua e ia tornar a encontrá-las na escada de seu casebre. Passava noites inteiras a chorar; tinha os olhos muito brilhantes; sentia uma dor fixa no ombro, sobre a omoplata esquerda, e a tosse era cada vez pior. Odiava profundamente o sr. Madeleine, mas não fazia nunca uma reclamação. Costurava dezessete horas por dia; mas um empresário do trabalho das prisões, que fazia as presas trabalharem quase de graça, fez com que de repente abaixassem o valor da remuneração, o que reduziu a renda diária das costureiras livres a nove soldos. Dezessete horas de trabalho e nove soldos por dia! Os credores mostravam-se mais rígidos do que nunca. O vendedor que lhe tirara quase todos os móveis não cessava de lhe dizer:

— Quando vai me pagar, descarada?

O que queriam que ela fizesse, santo Deus?! A infeliz sentia-se coagida. Assim, em todo o seu interior se desenvolvia um quê de animal selvagem. Nesse mesmo tempo, recebeu uma carta dos Thénardier, na qual lhe diziam que tinham esperado

com enorme bondade e que necessitavam imediatamente de cem francos, caso contrário poriam Cosette na rua, assim mesmo convalescente de sua grande doença, sem se importar com o frio que ela suportaria; e que fosse procurar o que quisesse, ou que a deixasse morrer em um canto, se achasse isso melhor. "Cem francos!", pensou Fantine. Mas onde acharia uma ocupação que produzisse cem soldos por dia?

— Vamos! — disse ela. — Que o resto também seja vendido.

Assim a pobre moça tornou-se prostituta.

XI

Christus nos liberavit

O que vem a ser essa história de Fantine? É a sociedade comprando uma escrava.

Para quem? Para a miséria.

Para a fome, o frio, o isolamento, o desamparo e a nudez. Doloroso mercado. Uma alma por um bocado de pão. A miséria oferece, a sociedade aceita.

A santa lei de Jesus Cristo dirige a nossa civilização, mas ainda não a penetrou; dizem que a escravidão desapareceu da civilização europeia. É um erro! Existe como antes, mas não oprime senão a mulher, e chama-se prostituição.

A escravidão pesa sobre a mulher; pesa sobre suas graças, sobre sua fragilidade e beleza, sobre sua maternidade. Esse fato não é, com certeza, uma das menores vergonhas do ser humano.

No ponto a que chegamos deste drama doloroso, não resta a Fantine nada do que fora outrora. Tornou-se mármore ao se tornar lodo; quem a toca sente frio. Ela passa, submete-se a nós e nos ignora; é uma desonrada e severa. A vida e a ordem social disseram-lhe sua última palavra. Já lhe aconteceu tudo o que tinha de lhe acontecer. Tudo experimentou, tudo suportou, tudo sofreu, tudo perdeu, tudo chorou. Está resignada, com aquela resignação que se assemelha à indiferença, assim como a morte se assemelha ao sono. Não evita mais nada. Não crê em mais nada. Caiam sobre ela todas as nuvens e passe por cima dela todo o oceano! O que importa?! É uma esponja encharcada.

Ela acredita nisso, mas é um erro imaginar que o destino se esgota e que se pode tocar o fundo do que quer que seja.

O que são, afinal, todos esses destinos empurrados assim desordenadamente? Para onde vão? Por que são assim?

Aquele que o sabe pode enxergar em meio a toda essa sombra.

Ele é único. Chama-se Deus.

XII

A ociosidade do sr. Bamatabois

Há em todas as pequenas cidades, e havia particularmente em Montreuil-sur-Mer, uma classe de jovens que gastam de maneira descontrolada na província cento e cinquenta francos de rendimento anual do mesmo modo como seus confrades devoram em Paris duzentos mil. Eles pertencem à grande espécie neutra; parasitas, nulidades, que possuem uma porção de terra, alguma tolice e um pouco de espírito; que não passariam de rústicos nos salões, mas que se julgam fidalgos na taberna; que falam de suas terras, seus bois, seus servos; que no teatro pateiam as atrizes, para demonstrar o seu bom gosto; que altercam com os oficiais da guarnição para provar que são aguerridos; que caçam, fumam, bocejam, bebem, cheiram a tabaco, jogam bilhar, observam os viajantes que descem das diligências, passam a vida nos cafés e jantam na casa de pasto; que têm um cão que rói os ossos debaixo da mesa e uma amante que lhes coloca os pratos em cima; fazem questão de um soldo, exageram as modas, admiram a tragédia, desprezam as mulheres, usam botas velhas, copiam Londres através de Paris e Paris através da Pont-à-Mousson; envelhecem bestificados, não trabalham nunca, não ajudam ninguém, mas também não causam grandes danos.

O sr. Félix Tholomyès, se tivesse permanecido na província sem nunca ter ido a Paris, teria sido um desses homens.

Se eles fossem mais ricos, seriam considerados elegantes; se fossem mais pobres, seriam chamados de vagabundos. São, porém, simplesmente desocupados. Entre esses ociosos encontram-se enfadonhos, distraídos e alguns engraçados.

Naquela época, um elegante era composto de um grande colarinho, uma grande gravata, um relógio todo enfeitado, três coletes sobrepostos e de cores diferentes, com o azul e o vermelho por baixo; uma casaca verde-oliva, com caudas em V, uma fileira dupla de botões de prata, presos uns aos outros e subindo até as espáduas; uma calça de um verde-oliva mais claro, ornada nas duas costuras por um número indeterminado de pregas, mas sempre ímpares e variando de uma a onze, limite que nunca era ultrapassado. Juntem a isso uns sapatos abotinados com pequenos ferros nos saltos, um chapéu alto com abas estreitas, cabelos ondulados, uma bengala enorme e um jeito de falar incrementado com trocadilhos de Potier. Por cima de tudo isso, esporas e bigodes. Nessa época, bigodes queriam dizer burguês e esporas queriam dizer pedestre.

O elegante da província ostentava esporas maiores e bigodes mais ousados.

Era o tempo das lutas das repúblicas da América meridional contra o rei da Espanha, de Bolívar contra Murilo. Os chapéus de abas estreitas eram dos monarquistas, denominados *murilos*; os liberais usavam chapéus de abas largas e eram chamados *bolívares*.

Oito ou dez meses depois do que foi narrado nas páginas precedentes, ali pelos princípios de janeiro de 1823, em uma noite em que caíra neve, um desses elegantes ociosos, mas dos "bem-pensantes", porque usava cachecol, e mais ainda porque estava agasalhadamente embuçado num dos grandes casacos que, nos tempos frios, completavam o vestuário da moda, divertia-se em provocar e atormentar uma mulher que andava girando pela frente do café dos oficiais, com um vestido de baile bastante decotado. O elegante fumava, porque decididamente estava na moda.

Cada vez que a mulher passava em frente ao elegante, este lançava-lhe, juntamente com uma baforada de fumo, uma zombaria, que julgava espirituosa e engraçada: "Você é sempre tão feia?!", "Que tal se esconder?!", "Ainda por cima desdentada!" etc. etc. Esse senhor chamava-se Bamatabois. A mulher, de aspecto triste, que divagava de um lado para outro pisando a neve, não lhe respondia, nem mesmo olhava para ele, e não deixava de continuar, em silêncio e com sombria regularidade, seu passeio, que de cinco em cinco minutos a expunha ao sarcasmo, como um soldado condenado volta para receber varadas. O pouco ou nenhum efeito produzido pelas chacotas do ocioso sem dúvida o indispôs, então, aproveitando um momento em que ela se voltava, ele a seguiu na ponta dos pés e, contendo o riso, abaixou-se, pegou um punhado de neve da rua e lançou-lho de repente nas costas, entre as espáduas nuas. A infeliz soltou um rugido, voltou-se dando um salto de pantera, arremeteu contra o homem e cravou-lhe as unhas no rosto, com as mais medonhas palavras que poderiam cair em enxurrada de um corpo

de guarda. Essas injúrias, vomitadas por uma voz enrouquecida pela aguardente, saíam hediondas de uma boca em que faltavam, com efeito, os dois dentes da frente. Era Fantine.

Ao barulho que essa cena causou, saiu do café uma multidão de oficiais e os transeuntes agruparam-se também. Formou-se um grande círculo de pessoas rindo, zombando e aplaudindo, em torno daquele turbilhão formado por dois seres, em que custava a se reconhecerem um homem e uma mulher; o homem debatia-se, já sem chapéu; a mulher dava-lhe chutes e socos, uivando, desdentada e sem cabelos, lívida de cólera, horrível.

De repente, saiu da multidão um homem de elevada estatura e agarrou a mulher pela roupa toda suja de lama, dizendo-lhe:

— Acompanhe-me!

A mulher ergueu a vista, e a voz furiosa extinguiu-se de imediato. Os olhos ficaram vidrados; de lívida, tornou-se pálida, e tremia de medo. Ela havia reconhecido Javert.

O elegante aproveitou o incidente para escapar.

XIII

Solução de alguns problemas da polícia municipal

Javert afastou os espectadores, rompeu o círculo e dirigiu-se a passos largos para a delegacia, arrastando atrás de si a miserável, que se deixava conduzir maquinalmente. Nem ele nem ela pronunciaram uma só palavra. A multidão de espectadores, no paroxismo da alegria, seguia-os com zombarias: a suprema miséria como ocasião para obscenidades. Javert chegou à delegacia, que era uma sala baixa, aquecida por um fogão, com um guarda à porta, que, além de envidraçada, tinha ainda uma grade por cima dos vidros, pelo lado da rua. Javert abriu a porta, entrou com Fantine e tornou logo a fechá-la, contrariando muito os curiosos, que, erguendo-se nas pontas dos pés, estendiam o pescoço para os vidros embaçados,

tentando ver o que se passava lá dentro. A curiosidade é uma guloseima. Ver é se deliciar.

Fantine entrou e caiu em um canto, imóvel, muda e encolhida, como uma cadela amedrontada.

O sargento da guarda pegou uma vela acesa e colocou-a sobre uma mesa. Javert sentou-se, tirou do bolso uma folha de papel timbrado e começou a escrever.

Essa classe de mulheres está completamente submetida, pelas nossas leis, à discrição da polícia, que faz o que quer com elas, castiga-as como lhe apraz e confisca-lhes, a seu critério, essas duas tristes coisas que elas chamam de indústria e liberdade. Javert estava impassível; seu rosto sério não dava margem a uma mínima emoção. Contudo, mostrava-se grave e profundamente preocupado. Estava num dos momentos em que exercia, sem o menor controle, mas com todos os escrúpulos de uma consciência severa, seu terrível poder discricionário. Nesse instante, ele sentia, seu escabelo de agente de polícia era um tribunal. Ele dava a sentença. Julgava e condenava. Aplicava ao que estava fazendo quantas ideias tinha no espírito. Quanto mais examinava o caso daquela moça, mais indignado se sentia. Evidentemente ela cometera um grande crime. Vira no meio de uma rua a sociedade, representada por um proprietário eleitor, insultada e atacada por uma criatura desprezível. Um burguês insultado por uma prostituta. Ele, Javert, fora testemunha de tal atentado. Escrevia em silêncio.

Depois de concluir, assinou, dobrou o papel e disse ao sargento da guarda, entregando-lhe:

— Chame três homens e conduza esta moça para a cadeia. — Em seguida, voltando-se para Fantine, acrescentou: — Por seis meses você terá com que se entreter.

A infeliz estremeceu.

— Seis meses! Seis meses de prisão! — exclamou ela. — Seis meses ganhando sete soldos por dia! O que será de Cosette, minha filha?! Minha filha! Mas, senhor inspetor, o senhor sabe que eu ainda devo mais de cem francos aos Thénardier?!

E arrastou-se nos ladrilhos molhados pelas botas enlameadas de todos aqueles homens, sem se levantar, juntando as mãos e andando de joelhos.

— Perdoe-me, sr. Javert. Juro-lhe que não tive culpa. Se o senhor tivesse presenciado do início, teria visto! Juro-lhe por Deus que não fui a culpada. Aquele senhor, que eu não conheço, é que me atirou neve nas costas. Então os outros têm direito de nos fazerem semelhante coisa, quando nós passamos tão sossegadamente, sem fazermos mal a ninguém? A neve me incomodou muito. Estou um pouco doente, como o senhor pode ver; além do mais, já havia tempo que ele estava me

insultando. Bem sei que sou feia e que me faltam dentes: não é preciso que me digam. Mas ainda assim não fiz nada, e dizia para mim mesma: o que ele tem é vontade de se divertir. Portei-me bem com ele; não lhe tinha dito nem uma palavra. Foi então que me atirou a neve nas costas, sr. Javert, meu bom inspetor! Não havia ali ninguém que visse como tudo aconteceu e para lhe dizer que falo a verdade? Talvez tenha cometido um erro ao me zangar; mas o senhor bem sabe, na hora a gente não consegue se conter. Isso acontece com qualquer um. Sentir nas costas, quando não se espera, uma coisa tão fria! Bem sei que fiz mal em rasgar o chapéu daquele senhor. Mas por que ele foi embora? Eu ia pedir-lhe perdão. Desculpe-me, só dessa vez, sr. Javert. Olhe, o senhor não sabe: nas prisões só se ganha sete soldos, o governo não tem culpa, mas é o que se ganha, e eu tenho que pagar cem francos, ou então mandam minha filha embora, e eu não posso tê-la comigo. Ai, meu Deus! Minha pobre Cosette! O que será daquele anjinho?! Olhe, são uns estalajadeiros, os Thénardier; é gente do campo que não sabe pensar; o que eles querem é dinheiro. Não me mande para a prisão, sr. Javert. Tenha dó de uma criancinha a quem irão abandonar à própria sorte, pela estrada, agora em pleno inverno, e que não tem neste mundo senão a mim. Se já fosse crescida, poderia ganhar a vida; mas naquela idade é impossível. O meu coração não é mau, não acabei assim por covardia ou descuido; a miséria é que me tem feito beber aguardente: eu não gosto disso, mas faz com que a gente se esqueça da desgraça. Quando eu era mais feliz, facilmente se podia ver em meus armários e constatar que eu não era uma mulher qualquer, tão desorganizada. Eu tinha roupas de linho, muito linho. Tenha dó de mim, sr. Javert!

Fantine falava desse modo, curvada e sacudida pelos soluços, cega pelas lágrimas, com os ombros nus, torcendo as mãos, sem poder evitar a tosse seca que lhe embargava a palavra, balbuciando vagarosamente com a voz da agonia. A grande dor é um raio divino e terrível que transfigura os miseráveis. Nesse momento, Fantine voltou a ser bela. De vez em quando, beijava ternamente o casaco do inspetor. Teria enternecido um coração de granito; mas um coração de madeira não se enternece.

— Vamos! — disse Javert. — Já te ouvi! Agora que já disse tudo o que queria, segue para teu destino! Você tem seis meses a cumprir. Nem o Padre Eterno em pessoa poderia te livrar.

Ouvindo as solenes palavras "Nem o Padre Eterno em pessoa poderia te livrar", Fantine compreendeu que a sentença era irrevogável; e perdendo a esperança caiu em si, murmurando:

— Perdão…

Javert voltou-lhe as costas.

Os soldados seguraram-na pelo braço.

Poucos minutos antes entrara um homem sem que ninguém reparasse. Depois de entrar, ele fechara a porta, encostara-se a ela e escutara as súplicas desesperadas de Fantine.

No momento em que os soldados lançaram as mãos à infeliz que não queria levantar-se, ele deu um passo para a frente, saindo da sombra em que estava, e disse:

— Um momento, por favor!

Javert ergueu os olhos e reconheceu o sr. Madeleine. Tirou o chapéu e cumprimentou-o com uma espécie de cordialidade em que bem se percebia contrariedade.

— Queira desculpar, senhor *maire*…

As palavras "senhor *maire*" produziram em Fantine um estranho efeito. Pôs-se repentinamente de pé, como um espectro que havia acabado de sair da terra, repeliu os soldados com ambos os braços, foi direto ao sr. Madeleine, antes que tivessem tempo de segurá-la, encarou-o com rigidez e perguntou com ar exaltado:

— Então você que é o senhor *maire*?!

Depois, soltou uma gargalhada e cuspiu-lhe no rosto.

Madeleine limpou a face e disse:

— Inspetor Javert, solte essa mulher.

Javert sentiu que estava prestes a ficar louco. Experimentou, naquele instante, sem interrupção e quase misturadas, as mais violentas emoções que jamais tinha sentido em toda a sua vida. O fato de uma prostituta cuspir no rosto de um *maire* era uma coisa tão monstruosa que, nem nas suposições mais terríveis, ele teria suposto como um sacrilégio possível. Por outro lado, no âmago de seu pensamento, fazia confusamente uma assustadora aproximação entre o que era aquela mulher e o que poderia ser aquele *maire*, então entrevia, com horror, algo de muito simples em tão prodigioso atentado. Mas quando viu o *maire*, o magistrado, limpar tranquilamente a face e dizer "solte essa mulher", sentiu quase que um deslumbramento; o pensamento e a palavra faltaram-lhe igualmente. O máximo de espanto possível nele fora ultrapassado. Ficou mudo.

Essas palavras não tinham impressionado menos Fantine, que levantou o braço nu e se segurou à chave do fogão, como se sentisse faltar-lhe a força das pernas. Ao mesmo tempo, olhou em torno de si, falando em voz baixa, como se conversasse consigo mesma.

— Vão me soltar?! Vão me deixar ir embora?! Não vou ficar presa seis meses? Quem foi que disse isso? Não é possível; oh, não! Não pode ser esse monstruoso *maire*! Foi o sr. Javert quem ordenou que me soltassem? Vou lhe contar tudo, e o senhor me soltará. É esse maldito *maire*, esse monstro, o culpado de tudo. Esse

homem, sr. Javert, expulsou-me por causa de um bando de velhacas que na oficina não se ocupam senão das vidas alheias. Veja se isso não é horroroso! Despedir uma pobre moça que executa honestamente seu trabalho! Depois, não tive como ganhar a vida, e daí é que veio toda a minha desgraça. Olhe, sr. Javert, há uma melhoria que os senhores da polícia deviam fazer: é impedir que os chefes das prisões prejudiquem a gente pobre. Eu lhe explico como é, senhor inspetor. Ganha-se doze soldos para fazer camisas, mas de repente eles fazem-nas descer a nove; com tão pouco não se pode viver, e tem-se de lançar mão de tudo. Eu tinha a minha pequena Cosette para sustentar, por isso acabei me tornando essa mulher da vida. O senhor pode compreender agora que foi esse maldito *maire* quem me causou todo o mal. É verdade que pisei no chapéu daquele senhor em frente ao café dos oficiais; mas ele tinha me estragado o vestido com a neve, e nós só temos um vestido de seda para sair à noite. Nunca fiz o mal de propósito, sr. Javert, e por toda parte vejo mulheres piores do que eu, mas que são sempre felizes. Foi o senhor quem mandou que me soltassem, não é verdade? Tome as informações, fale com meu senhorio, a quem pago sempre minha dívida, ele confirmará que me comporto bem. Ai, meu Deus!, desculpe-me, sr. Javert; toquei, sem reparar, na chave do fogão e fiz com que soltasse toda essa fumaça.

O sr. Madeleine a escutava com profunda atenção. Enquanto ela falava, metera a mão no bolso do colete, tirara a carteira e a abrira, mas, achando-a vazia, tornara a guardá-la. Assim que Fantine se calou, disse-lhe ele:

— Quanto a senhora disse que ainda tem de dívida?

Fantine, que não tirava os olhos de Javert, voltou-se para o *maire*:

— Quem foi que falou contigo?

Depois, dirigindo-se aos soldados:

— Viram como eu cuspi na cara dele? Ah, seu maldito *maire*, veio aqui para me meter medo, mas eu é que não tenho medo de você. A quem eu temo é o sr. Javert. Só o meu bom senhor inspetor é que me mete medo!

E, em seguida, voltou-se para este último:

— Eu bem sei que o senhor inspetor tem de fazer justiça. Bem vejo que o sr. Javert é justo. Na verdade, é coisa simples entender que um homem se divirta a atirar neve nas costas de uma mulher; os oficiais riram muito… eles precisam se divertir com alguma coisa, e nós não servimos para mais nada. E depois, o senhor que é obrigado a conservar a ordem, prende a mulher que procedeu mal; mas, pensando melhor, como tem bom coração, mandou-me soltar, por causa da pequenina, porque se eu ficasse seis meses presa não a poderia sustentar. Apenas me diz: "Que isso não aconteça outra vez, descarada!" Não acontecerá, sr. Javert! Daqui

por diante farão de mim tudo que quiserem que não me queixarei. Hoje gritei, porque a neve me fez mal; não esperava que ele fosse jogá-la em mim; e, como já lhe disse, estou doente, tenho muita tosse, parece que sinto um fogo no estômago, e o médico disse-me que precisava tratar-me. Apalpe com sua mão, senhor, não tenha medo: é aqui.

Fantine já não chorava, a sua voz tornara-se acariciadora; e apoiando no pescoço alvo e delicado a grossa mão de Javert, olhava ao mesmo tempo para ele e sorria.

De repente, endireitou-se com vivacidade: desamarrotou o vestido, que quando ela se arrastara se lhe tinha erguido quase até o joelho, e encaminhou-se para a porta, dizendo a meia-voz aos soldados, e fazendo-lhes com a cabeça um sinal amigável:

— Vou-me embora, porque o senhor inspetor mandou que me soltassem.

Pôs a mão na maçaneta da porta. Dando mais um passo estaria na rua.

Até esse momento, Javert conservava-se de pé e imóvel, com os olhos fixos no chão e ocupando o centro dessa cena, como uma estátua tirada de seu lugar, esperando que a ponham em qualquer parte.

O barulho da maçaneta o despertou. Ergueu então a cabeça com expressão de suprema autoridade, expressão tão mais assustadora quanto mais de baixo vem o poder: feroz, no caso dos animais selvagens; atroz, no caso dos homens inúteis.

— Sargento! — gritou ele. — Não vê que essa mulher está saindo? Quem lhe disse que a soltasse?

— Fui eu — respondeu Madeleine.

Fantine, ouvindo a voz de Javert, estremeceu e largou a maçaneta, como um ladrão pego em flagrante larga o objeto roubado. Ao ouvir a voz de Madeleine, voltou-se, e desde esse momento, sem pronunciar uma só palavra, ou mesmo nem sequer respirar livremente, começou a seguir os olhares de Madeleine a Javert, e vice-versa, conforme era um ou outro quem falava.

Era evidente ter sido necessário que Javert houvesse, como se costuma dizer, "perdido as estribeiras", para que se atrevesse a interpelar o sargento, como o fizera, depois do pedido do *maire* para soltar Fantine. Teria ele chegado a esquecer-se da presença do *maire*? Teria concluído consigo mesmo ser impossível que uma "autoridade" desse semelhante ordem e que, com certeza, o senhor *maire* dissera, sem querer, uma coisa por outra?

Fosse como fosse, quando o sr. Madeleine pronunciou aquele "fui eu", que há pouco se ouviu, todos viram o inspetor de polícia voltar-se para o *maire*, pálido, frio, com os lábios azulados, o olhar desesperado, todo o corpo agitado por um tremor imperceptível, e, coisa inaudita, dizer-lhe com os olhos baixos, mas com a voz firme:

— Senhor *maire*, isso não está certo.

— Como assim? — retorquiu o sr. Madeleine.

— Essa infeliz insultou um burguês.

— Sr. Javert — tornou o sr. Madeleine, com voz conciliadora e sossegada —, ouça-me. O senhor é homem de bem, portanto não tenho a mínima dificuldade em lhe dar uma explicação. Eis a verdade: eu estava passando pela praça quando o senhor trazia essa mulher, e ali ainda havia muita gente; busquei informações do que havia acontecido e soube tudo. Foi o burguês quem procedeu mal; ele é quem deveria ter sido preso.

Javert explicou:

— Mas há pouco essa miserável insultou o senhor *maire*.

— Isso é comigo — continuou o sr. Madeleine. — A injúria que recebi só diz respeito a mim. Posso, portanto, proceder como bem entender.

— Peço perdão ao senhor *maire*, mas essa injúria ofendeu também a justiça.

— Sr. Javert — replicou o sr. Madeleine —, a primeira justiça é a consciência. Ouvi o que essa mulher disse: sei bem o que faço.

— E eu, senhor *maire*, não estou entendendo o que vejo!

— Se é assim, contente-se com obedecer.

— Obedeço ao meu dever. E ele me ordena que faça essa mulher cumprir seis meses de prisão.

O sr. Madeleine continuou respondendo com doçura:

— Ouça o que lhe digo: ela não passará sequer um dia.

Ao ouvir essas palavras decisivas, Javert ousou encarar o *maire*, dizendo-lhe, mas sempre em tom mais profundamente respeitoso:

— Sinto-me desesperado por ter de resistir ao senhor *maire*: é a primeira vez na minha vida que isso me acontece. Mas permita-me observar-lhe que me acho dentro dos limites das minhas atribuições. Insisto, já que o senhor *maire* assim o quer, no fato ocorrido com aquele burguês. Eu estava lá. Foi essa moça quem se lançou ao sr. Bamatabois, que é eleitor e dono do magnífico prédio de três andares, todo em pedra de cantaria, que faz esquina com a esplanada. Enfim, são coisas desse mundo! Fosse como fosse, senhor *maire*, isso pertence à polícia das ruas, que é da minha alçada, e por isso mantenho presa a mulher.

Então o sr. Madeleine cruzou os braços e disse com uma voz severa, jamais escutada por alguém na cidade.

— O fato a que o senhor se refere diz respeito à polícia municipal. Nos termos dos artigos 9º, 11º, 15º e 66º do Código Penal; sou eu o juiz dessas causas; portanto, ordeno que ela seja solta.

Javert quis empregar ainda o último esforço.

— Mas, senhor *maire*…

— E, ao senhor, recordo-lhe o artigo 81 da lei de 13 de dezembro de 1799, sobre a detenção arbitrária.

— Senhor *maire*, permita-me…

— Nem mais uma palavra.

— Ainda assim…

— Retire-se! — disse, por fim, o sr. Madeleine.

Javert recebeu o golpe de frente, firme e no meio do peito, como um soldado russo. Cumprimentou respeitosamente o *maire* e saiu.

Fantine afastou-se da porta e, no auge do espanto, viu-o passar à sua frente.

Entretanto, ela também estava passando por uma estranha agitação. Acabava de se ver, de certo modo, disputada por duas potências opostas; vira lutar, na sua presença, dois homens que então decidiam sua liberdade, sua vida, sua alma, sua filha. Um desses homens puxava-a para as trevas; o outro, para a luz. Nessa luta, através de um espanto progressivo, aqueles dois homens tinham lhe parecido dois gigantes: um falava como o seu demônio perseguidor; o outro, como o seu anjo da guarda. O anjo vencera o demônio; e o que lhe produzia estremecimento em todo o corpo era aquele libertador ser precisamente o homem a quem odiava, ser aquele *maire*, que por tanto tempo considerara o autor de todos os seus males; era Madeleine quem a salvava, no mesmo momento em que ela o insultara de um modo repugnante! Ela havia então se enganado? Devia, agora, transformar inteiramente a sua alma?… Tremia, não sabia o que pensar. Ouvia o que eles diziam espantada, olhava-os desorientada; e a cada palavra pronunciada pelo sr. Madeleine sentia dissiparem-se e desaparecerem do coração as medonhas trevas do ódio, sendo substituídas pelo que quer que fosse de acolhedor e inefável, que tinha em si a alegria, a confiança e o amor.

Depois de Javert sair, Madeleine voltou-se para ela e lhe disse, com voz pausada, embargada, como um homem sisudo quando quer evitar as lágrimas:

— Ouvi tudo o que a senhora disse; não sabia coisa alguma. Acredito, vejo que tudo é verdade. Ignorava até que a senhora já não trabalhava mais na minha fábrica. Por que não se dirigiu a mim? De qualquer modo, pagarei suas dívidas e mandarei buscar sua filha, ou, se desejar, irá ter com ela, depois viverá aqui, em Paris, ou onde quiser. Tanto a senhora como sua filha ficam aos meus cuidados. Se não quiser trabalhar mais, não trabalhará; dar-lhe-ei todo o dinheiro de que precisar. Sentindo-se feliz, voltará a ser honesta. E mesmo, ouça bem o que lhe digo e que desde já lhe declaro, se é verdade tudo o que disse, de que não duvido, certamente a senhora nunca deixou de ser virtuosa aos olhos de Deus. Pobre mulher!

Isso era mais do que a pobre Fantine podia suportar. Ter Cosette consigo, libertar-se daquela vida infame, viver livre, rica, feliz e honesta, acompanhada da filha! Ver de repente surgir do meio da extrema miséria todas as realidades do paraíso! Encarou o homem que lhe falava por tal modo e não pôde senão soltar dois ou três soluços. As pernas não puderam sustentá-la, ajoelhou-se aos pés do sr. Madeleine, que, antes de poder impedir, sentiu que ela pegava sua mão e encostava nela os lábios.

Em seguida, desmaiou.

LIVRO SEXTO

JAVERT

I

Princípio de repouso

O sr. Madeleine mandou transportarem Fantine para a enfermaria que estabelecera em sua própria casa e confiou-a aos cuidados das duas irmãs de caridade, que logo a deitaram na cama. Tinha-lhe sobrevindo uma febre fortíssima; passou toda a noite em delírio, falando sempre em voz alta. Por fim, adormecera.

Quando Fantine acordou, no dia seguinte, já era meio-dia; ouviu uma respiração muito próxima da cama, afastou a cortina e viu o sr. Madeleine, que em pé contemplava alguma coisa que estava sobre a cabeceira da cama. No seu olhar liam-se distintamente a piedade, a aflição e a súplica; Fantine seguiu-lhe a direção e viu que se dirigia para um crucifixo pendurado na parede.

O sr. Madeleine estava transfigurado aos olhos de Fantine. Parecia vê-lo rodeado de luz e absorto em uma oração. Contemplou-o por muito tempo sem o interromper, até que por fim disse-lhe timidamente:

— Que é que o senhor está fazendo?

O sr. Madeleine estava ali havia mais de uma hora. Esperava que Fantine acordasse. Pegou-lhe a mão, tomou-lhe o pulso e falou:

— Como passou?

— Muito bem; dormi bastante, creio que estou melhorando. Isso não há de ser nada.

Ele continuou, respondendo à pergunta que ela lhe fizera antes, como se ainda a ouvisse:

— Estava suplicando ao mártir que está no céu.

E acrescentou no pensamento: "Pela mártir que está na terra."

O sr. Madeleine passara a noite e a manhã buscando informações. Já sabia tudo. Estava a par de todos os pungentes detalhes da história de Fantine.

— Pobre mãe! — continuou ele. — Tem padecido bastante. Mas não se lastime, porque já tem o dote dos escolhidos. É assim que os homens fazem os anjos. A culpa

não é deles: não sabem como fazer de outro modo. Esse inferno de que saiu é a rimeira forma do céu. Era indispensável começar assim.

E suspirou profundamente. Fantine, no entanto, sorria-lhe com aquele sublime sorriso ao qual faltavam dois dentes.

Naquela mesma noite, Javert escreveu uma carta; no dia seguinte, logo pela manhã, levou-a, ele mesmo, ao correio de Montreuil-sur-Mer. Essa carta era para Paris e ia sobrescritada com o seguinte: *Ao sr. Chabouillet, secretário do senhor chefe de polícia*. Como o caso sucedido na repartição de polícia criara certo burburinho, tanto a diretoria do correio como outras pessoas que viram a carta antes de ser remetida reconheceram nela a letra de Javert e julgaram que era sua demissão o que ele enviava.

O sr. Madeleine apressou-se em escrever aos Thénardier. Fantine devia-lhes ainda cento e vinte francos; mandou-lhes trezentos, dizendo-lhes que levassem imediatamente a criança a Montreuil-sur-Mer, onde sua mãe, muito doente, desejava tê-la.

O sr. Thénardier ficou espantado.

— Diabo! — disse o estalajadeiro à sua mulher. — Não devemos entregar a menina; parece-me que a cotovia virou uma vaca leiteira. Eu já sei o que foi isso: algum figurão se apaixonou pela mãe.

Como resposta, mandou a Madeleine uma conta de quinhentos e tantos francos, muito bem-feita. Nessa conta figuravam, com mais de trezentos francos, duas verbas incontestáveis: uma de um médico, outra de um boticário, os quais tinham sido, um, assistente, e outro, fornecedor dos remédios em duas longas doenças de Azelma e Éponine. Cosette, já o dissemos, nunca estivera doente. Bastou uma substituição de nomes. No fim das contas, escreveu Thénardier: *Recebido por conta, trezentos francos.*

O sr. Madeleine mandou imediatamente os trezentos francos, recomendando que se apressassem a entregar Cosette.

— Cristo! — disse Thénardier. — Agora é que não a devemos largar.

Entretanto, Fantine não melhorava e continuava a permanecer na enfermaria.

As irmãs, de início, receberam e cuidaram "daquela moça" com repugnância. Quem já viu os baixos-relevos de Reims lembra-se da expressão de desdém das virgens sábias ao olhar para as virgens insensatas. Esse antigo desprezo das vestais com relação às hetairas é um dos mais profundos instintos da dignidade feminina; as irmãs o experimentaram com a dupla camada da religião. Mas, em poucos dias, Fantine conseguiu desarmá-las. Suas palavras eram sempre humildes e doces, além

de sua dedicação como mãe causar enternecimento. Um dia, as irmãs ouviram-na dizer enquanto delirava de febre:

— Fui uma pecadora, mas, quando tiver minha filha ao meu lado, será um sinal de que Deus me perdoou. Enquanto eu estava na perdição, não queria ter minha Cosette comigo, pois não poderia suportar ver seus olhos assustados e tristes. Foi por ela, no entanto, que me perdi, e é isso que fará com que Deus me perdoe. Sentirei a bênção do bom Deus quando Cosette estiver aqui. Eu a olharei, e tudo em mim ficará bem só de contemplar sua inocência. Ela não sabe nada do que aconteceu. É um anjo, como podem ver, minhas irmãs. Naquela idade as asas ainda não estão caídas.

O sr. Madeleine ia vê-la duas vezes por dia, e em ambas ela lhe perguntava:

— Verei em breve a minha Cosette?

— Amanhã, talvez — respondia ele —; ela deve chegar de uma hora para outra; assim o espero.

E o rosto pálido da mãe resplandecia.

— Que felicidade que eu vou ter! — dizia ela.

Dissemos, há pouco, que Fantine não se restabelecia. Pelo contrário, seu estado agravava-se de semana em semana. Aquele punhado de neve aplicado diretamente sobre a pele, entre as omoplatas, determinara súbita supressão da transpiração, que então fizera declarar-se violentamente a doença que havia muito tempo se achava, por assim dizer, abafada. Começava-se, então, a seguir como referência de estudo e tratamento das doenças do peito as boas indicações de Laënnec. O médico auscultou Fantine e abanou a cabeça.

— E então? — perguntou o sr. Madeleine ao médico.

— Ela não tem uma filha a quem deseja ver? — perguntou o médico.

— Tem.

— Nesse caso, apresse-se em mandar alguém buscá-la.

O sr. Madeleine estremeceu.

— O que lhe disse o médico? — perguntou Fantine.

O sr. Madeleine esforçou-se para sorrir.

— Disse que mandasse depressa alguém buscar sua filha; que bastaria isso para lhe dar saúde.

— E tem razão! — tornou ela. — Mas que motivo têm aqueles Thénardier para demorarem tanto em trazê-la? Não deve tardar. Vejo, enfim, a felicidade já perto de mim.

Entretanto, Thénardier "não largava a menina", dando para isso uma série de péssimas razões. Cosette estava um tanto adoentada para poder fazer a viagem em

pleno inverno. Depois, havia ainda por aqueles lados um resto de dívidas pequenas de que o estalajadeiro andava reunindo as contas etc. etc.

— Mandarei alguém buscar Cosette! — exclamou o sr. Madeleine. — Se for preciso, irei eu mesmo.

Sob o ditado de Fantine, ele escreveu a seguinte carta, que ela mesma assinou:

Sr. Thénardier,

Queira entregar Cosette ao portador. Será pago todo o resto das pequenas despesas.

Tenho a honra de saudá-lo com consideração.

Fantine

Entretanto, sobreveio um grave incidente. Por melhor que lavremos a pedra misteriosa de que é feita nossa vida, sempre reaparece nela o véu escuro do destino.

II

De como "Jean" pôde tornar-se "Champ"

Certa manhã, o sr. Madeleine estava em seu gabinete, pondo antecipadamente em ordem alguns negócios urgentes e pertencentes à administração municipal, caso tomasse a decisão de ir a Montfermeil, quando lhe foram dizer que o inspetor de polícia, Javert, lhe queria falar. Ao ouvir esse nome, o sr. Madeleine não pôde evitar uma impressão desagradável. Depois do caso da repartição de polícia, Javert tinha, mais que nunca, fugido de encontrar-se com ele; o sr. Madeleine não o tornara a ver.

— Mandem-no entrar — disse ele.

Javert entrou.

O sr. Madeleine continuou sentado junto à lareira, com uma pena na mão, olhando para um monte de papéis que estava folheando e anotando, os quais continham autos de várias contravenções da polícia na limpeza das ruas. Não se

incomodou com a presença de Javert: não podia deixar de se lembrar do caso da pobre Fantine, então convinha mostrar-se glacial.

Javert cumprimentou respeitosamente o senhor *maire*, que, estando de costas para ele, nem o encarou, e continuou a fazer suas anotações.

Javert deu dois ou três passos e parou, sem romper o silêncio. O fisionomista a quem fosse familiar a organização de Javert, que tivesse estudado por muito tempo aquele selvagem a serviço da civilização; aquele extraordinário composto de romano e espartano, de frade e cabo de esquadra; aquele espião incapaz de uma mentira; aquele esbirro virgem; o fisionomista que tivesse conhecimento de sua antiga e secreta aversão ao sr. Madeleine, do seu conflito com o *maire* devido ao caso de Fantine, que naquele momento o observasse, teria dito consigo: "O que terá acontecido?" Era evidente, para quem conhecesse aquela consciência reta, clara, sincera, proba, austera e feroz, que Javert conseguira resolver algum grave problema íntimo. Javert não tinha coisa alguma na alma que não lhe aparecesse também no rosto; e à semelhança de toda a gente de caráter violento, era sujeito a mudanças repentinas. Nunca a sua fisionomia apresentara aspecto mais estranho e inesperado. Quando entrou, inclinou-se diante do sr. Madeleine, com um olhar em que não havia rancor, nem cólera, nem desconfiança, parando a alguns passos de distância da cadeira do *maire*; depois, conservou-se onde estava, de pé, numa atitude quase disciplinar, com a rudez ingênua e fria do homem que nunca fora dócil, mas sempre paciente, esperava com verdadeira humildade e tranquila resignação que aprouvesse ao senhor *maire* voltar-se para ele; tudo isso sossegado, sério, de chapéu na mão, os olhos baixos, com uma expressão que marcava o meio-termo entre o soldado diante do superior e o réu na presença do juiz. Todos os sentimentos, assim como todas as recordações que se lhe poderiam ter suposto, haviam desaparecido. Naquele rosto, simples e impenetrável como o granito, não se via mais do que sombria tristeza. Todo o seu aspecto respirava sujeição, firmeza e uma espécie de corajoso esmorecimento.

Enfim, o *maire* largou a pena e voltou-se um pouco para Javert:

— Então? O que há de novo, Javert?

Javert continuou em silêncio por um instante, como se estivesse reunindo ideias, e disse depois de uma espécie de solenidade triste, que não excluía contudo a humildade:

— O que há, senhor *maire*, é que cometeram uma ação condenável.

— O que foi?

— Um agente inferior da autoridade faltou ao respeito a um magistrado do modo mais grave. Venho, como é meu dever, dar-lhe parte desse acontecimento.

— Quem é esse agente? — perguntou Madeleine.

— Sou eu — disse Javert.

— O senhor?

— Sim, eu.

— E qual é o magistrado que tem de se queixar do agente?

— O senhor *maire*.

O sr. Madeleine endireitou-se na cadeira. Javert prosseguiu, em tom sereno, ainda com os olhos baixos.

— Senhor *maire*, venho pedir-lhe que indique às autoridades a minha demissão.

Madeleine, estupefato, ia responder-lhe, mas Javert interrompeu-o:

— O senhor talvez dirá que eu mesmo posso pedir minha demissão; mas isso não basta. Pedir demissão é honroso. Eu, porém, cometi um erro, então devo ser punido. É necessário que eu seja expulso.

E, depois de uma pausa, acrescentou:

— Senhor *maire*, outro dia foi severo comigo injustamente; seja-o hoje com justiça.

— Mas por quê?! — Madeleine quis saber. — Que ladainha é essa? O que quer dizer? Qual foi a ação condenável que o senhor cometeu contra mim? O que foi que me fez? Em que me ofendeu? Acusa-se, quer ser substituído…

— Expulso — disse Javert.

— Ou expulso, como quiser; afianço-lhe que não percebo o motivo.

— Mas vai perceber, senhor *maire*.

Javert soltou um suspiro do fundo do peito e continuou, sempre fria e tristemente.

— Senhor *maire*, faz agora seis semanas que, ficando furioso depois do que aconteceu por causa daquela moça, o denunciei.

— Denunciou-me!

— À polícia de Paris.

O sr. Madeleine, que não costumava rir muito mais do que Javert, pôs-se a rir.

— Mas por ter, sendo *maire*, invadido as atribuições da polícia?

— Não! Denunciei-o por ter sido forçado das galés.

O *maire* ficou pálido.

Javert, que ainda não tinha erguido os olhos, continuou:

— Eu assim o acreditava. Havia já tempo que pensava nisso. Uma grande semelhança física, as informações que o senhor tinha mandado colher em Faverolles, sua força incomparável, o que aconteceu com o velho Fauchelevent, sua pontaria infalível, o modo por que arrasta um pouco uma das pernas, em suma, que sei eu?

Umas tolices! Mas, enfim, isso tudo fizera com que eu o tomasse por um tal Jean Valjean.

— Um tal… Qual foi o nome que disse?

— Jean Valjean. É um forçado que eu vi há vinte anos, quando era ajudante da Guarda de Toulon. Segundo consta, esse tal Jean Valjean, depois de sair das galés, roubara um bispo e fizera o mesmo na estrada a um rapazinho saboiano. Havia oito anos que se escondera, escapando, sem se saber como, a todas as diligências empregadas para encontrá-lo. A mim, tinha-me parecido… Enfim, fiz o que disse. A raiva fez com que me encorajasse, então denunciei-o à polícia de Paris.

O sr. Madeleine, que tinha retornado ao monte de processos havia alguns instantes, retorquiu em tom de perfeita indiferença:

— E que lhe responderam?

— Que eu tinha endoidecido.

— E então?

— Então que eles tinham razão.

— Ainda assim, é bom que o admita!

— Não podia deixar de admitir, porque foi encontrado o verdadeiro Jean Valjean.

A folha que Madeleine ia voltando a pegar escapou-lhe das mãos; levantou a cabeça, fitou os olhos em Javert e disse num tom inexplicável:

— Ah!

Javert prosseguiu:

— O que aconteceu foi o seguinte, senhor *maire*. Parece que havia para os lados de Ailly-le-Haut-Clocher um pobre homem a quem chamavam Champmathieu. Era um miserável de quem ninguém fazia caso. Ninguém sabe como essa gente sobrevive. Ultimamente, neste outono, Champmathieu foi preso por um roubo de cidras de um tal… pouco importa o nome! Houve roubo, muro escalado e ramos de árvores partidos. Champmathieu foi preso, tendo ainda na mão o que roubara, e trancafiado. Até aqui, isso não passava de um caso correcional. Mas o que é a Providência! Como a cadeia estava em mau estado, achou o senhor juiz que era prudente mandar transferir Champmathieu para Arras, onde fica a prisão departamental. Nessa prisão, há um ex-forçado, chamado Brevet, que ali se acha não sei por quê, mas a quem fizeram porteiro por se comportar bem. Senhor *maire*, Champmathieu nem bem tinha entrado, quando Brevet exclamou: "Eu conheço esse homem! É um *fagot*.[1] Olhe para mim: você é o Jean Valjean!" Champmathieu, mostrando-se muito surpreso, exclamou também: "Jean Valjean! Quem é Jean Valjean?" Brevet tornou a falar: "Não te faças de bobo, você é o Jean Valjean, esteve

nas galés de Toulon há uns vinte anos; estivemos juntos lá." Champmathieu negou. Depois disso, o senhor *maire* bem compreende, aprofundou-se o negócio, e aqui está o que se soube. Há coisa de vinte anos, era esse tal Champmathieu podador de árvores em diferentes lugares, mas principalmente em Faverolles. Foi onde o perderam de vista. Passado muito tempo, tornou a aparecer no Auvergne, e depois em Paris, onde diz ter sido carpinteiro de carros e ter estado com a filha, uma moça lavadeira; mas isso parece não estar bem provado. Ora, antes de ir para as galés como ladrão, o que era Jean Valjean? Podador. Onde? Em Faverolles. Ainda outra prova: o nome de batismo desse Valjean era Jean e o nome de família de sua mãe era Matheus. Não há nada mais natural do que imaginar que, ao sair da cadeia, ele tenha adotado o nome de sua mãe, para se ocultar, e passasse a chamar-se Jean Matheus. Mais tarde, ele foi para Auvergne, onde a pronúncia da província fez de *Jean*, *Chan*, denominando-o assim Chan Mathieu. O homem não se importou com essa mudança, e ei-lo transformado em Champmathieu. O senhor *maire* tem seguido o meu raciocínio, não é verdade? Bem. Buscaram informações em Faverolles. A família de Jean Valjean tinha desaparecido, sem que ninguém desse notícia dela. O senhor *maire* bem sabe que nessas classes são frequentes os desaparecimentos de uma família inteira. Procuraram-na, mas não a encontraram. Gente desse tipo, quando não é lama, é poeira. E depois, como o começo dessa história data de trinta anos, já não há ninguém em Faverolles que tenha conhecido Jean Valjean. Procuraram informações em Toulon. Além de Brevet, já não há ali senão dois forçados do tempo de Jean Valjean, condenados ambos à prisão perpétua, Cochepaille e Cheneldieu. Mandaram-nos buscar para os confrontar com o suposto Champmathieu. Para eles, como para Brevet, é Jean Valjean. A mesma idade, cinquenta e quatro anos, a mesma estatura, o mesmo modo de andar, o mesmo homem, enfim; era ele. Foi nessa ocasião que eu mandei a minha denúncia à polícia de Paris. Responderam-me que eu tinha perdido o juízo, e que Jean Valjean estava em Arras em poder da justiça. O senhor com certeza pode supor o espanto que isso me causou, quando julgava ter aqui o próprio Jean Valjean! Escrevi logo ao senhor juiz; mandaram-me ir a Arras, e apresentaram-me Champmathieu…

— E então? — interrompeu o sr. Madeleine.

Javert respondeu com o seu ar incorruptível e triste:

— Senhor *maire*, a verdade é a verdade. Fiquei mortificado. Reconheci-o também, de fato era Jean Valjean.

Madeleine retorquiu, em voz muito baixa:

— Estás bem certo de que não se enganou?

Javert respondeu com o riso doloroso que escapa a uma convicção profunda.

— Mais do que certo.

Ele demorou um tempo, pensativo, mexendo maquinalmente no pó de madeira que servia de mata-borrão, depois acrescentou:

— E agora que já vi o verdadeiro Jean Valjean, não consigo compreender como pude acreditar em outra coisa; peço-lhe, portanto, que me perdoe, senhor *maire*.

E dirigindo essas palavras suplicantes e graves àquele que, seis semanas antes, o tinha humilhado dentro da delegacia e lhe dissera "Retire-se!", o homem altivo apresentava, sem que o suspeitasse, o aspecto da mais simples dignidade. O sr. Madeleine não respondeu à sua súplica senão por essa inspirada pergunta:

— E o que disse esse homem?

— Ah, senhor *maire*, o caso é péssimo! Se é Jean Valjean, há reincidência. Escalar um muro, partir os ramos de uma árvore, furtar algumas cidras, para uma criança é uma diabrura, para um homem é um delito; para um forçado é um crime. Ora, no caso em questão, ele escalou e roubou. Já não pertence, portanto, à polícia correcional; pertence ao júri; não se trata já de alguns dias de prisão, mas de prisão perpétua nas galés. De mais a mais, há a história do rapazinho saboiano, que certamente não deixará de ser apresentada. Diabo! Qualquer outro que não fosse Jean Valjean teria muitos argumentos para se defender, certo? Mas Jean Valjean é um grande dissimulado. Até nisso o reconheci. Qualquer um se sentiria nervoso, lutaria, gritaria como a chaleira que chia no fogo, não quereria ser Jean Valjean etc. Mas ele, que não parece compreender a situação, diz: "Sou Champmathieu, e não saio daqui!" Mostra-se muito espantado e se finge de estúpido, porque lhe parece melhor assim. Esse sujeito é esperto; mas não lhe serve de nada a esperteza, porque há todas as provas. Sendo assim, como já foi reconhecido por quatro pessoas, será por força condenado. Vai responder ao tribunal de Arras, e eu estou citado para depor como testemunha.

O sr. Madeleine tinha retornado à mesa, lançara outra vez mão do maço de processos e folheava-os tranquilamente, lendo e escrevendo, mostrando-se ocupado com o que estava fazendo; de repente, voltou-se para Javert:

— Está bem, Javert. Esses detalhes não me interessam quase nada. Estamos perdendo tempo quando há muito o que fazer. Vá imediatamente à casa daquela pobre mulher chamada Buseaupied, que vende hortaliças na esquina da rua de Saint-Saulve, e diga-lhe que apresente a sua queixa contra o carroceiro Pedro Chesnelong. Esse homem é um bruto que quase esmagou a pobre mulher e seu filho. Deve ser punido. Em seguida, vá à casa do sr. Charcellav, na rua Montre-de-Champigny, que se queixou de que uma goteira da casa vizinha lhe despeja a água da chuva para a sua, deteriorando-lhe os alicerces. Depois, examinará se com efeito

se dão as contravenções de polícia de que me deram parte na rua Guibourg, na casa da viúva Dóris, e na rua do Garraud-Blanc, na da sra. Renée Le Bossé, e formulará o competente auto. Mas parece-me que lhe estou dando trabalho demais. Não tem que se ausentar? Não me disse que ia a Arras, daqui a oito ou dez dias, por causa do tal julgamento?

— É mais cedo do que isso, senhor *maire*.

— Em que dia, então?

— Eu acreditava que tinha dito ao senhor *maire* que a causa seria julgada amanhã, e que eu partiria esta noite na diligência.

O sr. Madeleine fez um movimento imperceptível.

— E quanto tempo durará o julgamento?

— Um dia, se muito. A sentença será pronunciada, o mais tardar, amanhã à noite. Mas eu não esperarei pela sentença, que é infalível; assim que acabar o meu depoimento, voltarei imediatamente.

— Bom — disse o sr. Madeleine.

E despediu Javert com um sinal de mão.

Javert não se moveu.

— Perdão, senhor *maire*… — falou ele.

— Quer mais alguma coisa? — perguntou o sr. Madeleine.

— Senhor *maire*, resta-me recordar-lhe…

— O quê?

— Que devo ser demitido.

Madeleine levantou-se.

— Javert, o senhor é um homem honrado, e por isso merece a minha estima. Está exagerando a sua falta; e, além do mais, é uma ofensa que só diz respeito a mim. O senhor é digno de subir, não de descer. Espero que continue no exercício de suas funções.

Javert fitou Madeleine com seu olhar cândido, no fundo do qual parecia ver-se a consciência pouco esclarecida, mas rígida e casta, e retorquiu com voz tranquila:

— Não posso concordar com isso, senhor *maire*.

— Repito que é uma coisa que só diz respeito a mim — replicou o sr. Madeleine.

Mas Javert, sem se afastar de seu pensamento, continuou:

— Quanto a exagerar o que fiz, não é bem assim. Eis aqui o meu raciocínio. Suspeitei do senhor injustamente. Mas isso ainda não importa. Temos todo o direito de suspeitar, conquanto seja perigoso suspeitar dos que nos são superiores. Mas, sem provas, num acesso de cólera, com o fim de me vingar, denunciei-o como

forçado; logo o senhor, um homem respeitável, um *maire*, um magistrado! Isso é grave, muito grave. Eu, agente da autoridade, ofendi-o na pessoa do senhor *maire*! Se um dos seus subordinados tivesse feito o que eu fiz, eu o declararia indigno do serviço e o expulsaria. Não concorda? Mais uma palavra, senhor *maire*. Tenho, na minha vida, sido muitas vezes severo com os outros; era justo que assim fizesse. Agora, se não fosse severo comigo mesmo, tudo o que tenho feito de justo seria, por fim, injusto. Acaso devo poupar-me mais que aos outros? Não! Se só servisse para castigar os outros e não a mim, seria um miserável, e teriam razão os que me chamam de velhaco e mau! Senhor *maire*, não desejo que o senhor me trate com bondade; sua bondade já me irrita e manifesta para os outros, portanto não a quero para mim. A bondade que consiste em dar razão à mulher pública contra o burguês, ao agente de polícia contra o *maire*, ao que está embaixo contra o que é superior, é aquela a que eu chamo de bondade equivocada. É com esse tipo de bondade que a sociedade se desorganiza. Meu Deus! Ser bom é fácil; o que é difícil é ser justo. Esteja certo de que se o senhor *maire* fosse o que eu julguei que era, não me acharia, com certeza, bondoso; veria! Senhor *maire*, devo me tratar como trataria a qualquer outro. Quando eu reprimia os malfeitores, quando procedia com rigor contra os malcomportados, dizia muitas vezes a mim mesmo: "Se te escorrega um pé, se te apanho em alguma falta, tem certeza de que não me escapas!" Escorregou-me o pé, cometi uma falta, tanto pior! Devo ser demitido, expulso, humilhado! É apenas o que deve ser. Tenho bons braços, irei cavar com uma enxada; para mim é a mesma coisa. Senhor *maire*, o bem do serviço exige um exemplo. Peço, simplesmente, a demissão do inspetor Javert.

Tudo isso fora pronunciado num tom humilde, desesperado e de convicção, que dava não sei que estranha grandeza àquela desusada expressão da honra de um homem.

— Veremos — disse o sr. Madeleine, estendendo-lhe a mão.

Javert recuou e disse em tom incisivo:

— Desculpe-me, senhor *maire*, isso não está certo. Um *maire* não aperta a mão de um subalterno delator. — E acrescentou entre dentes: — Sim, um delator; desde que fiz mau uso da polícia, não sou mais do que um delator!

Depois, fez um gesto de profunda cortesia e dirigiu-se para a porta.

Chegando nela, voltou-se e disse, sem erguer os olhos:

— Senhor *maire*, continuarei o serviço até que eu seja substituído.

E saiu. Madeleine ficou pensativo, escutando aqueles passos firmes e decididos que se afastavam pelo corredor.

Nota

1 *Fagot*, ex-forçado. (N.T.)

LIVRO SÉTIMO

PROCESSO DE CHAMPMATHIEU

I

A irmã Simplice

Nem todos os incidentes que a partir de agora serão lidos foram conhecidos em Montreuil-sur-Mer, mas o pouco que deles se soube deixou nessa cidade tão profunda lembrança que ficaria grande lacuna neste livro se não os contássemos minuciosamente.

Nesses pormenores, o leitor encontrará duas ou três circunstâncias inverossímeis, mas que nós não eliminamos em respeito à verdade.

Na tarde do dia seguinte àquele em que recebeu a visita de Javert, o sr. Madeleine foi, como de costume, visitar Fantine.

Antes de entrar no quarto, mandou chamar a irmã Simplice.

As duas religiosas que faziam o serviço da enfermaria, lazaristas como todas as irmãs de caridade, chamavam-se irmã Simplice e Perpétue.

A irmã Perpétue foi a primeira camponesa que se tornou, grosseiramente, irmã de caridade, e que entrara para o serviço de Deus como se entra em uma praça. Era religiosa, como teria sido cozinheira: tipo que não é raro. As ordens monásticas aceitam de boa vontade essa pesada louça dos campos, facilmente moldada em capuchinhos ou ursulinas. Empregava sua rusticidade nos trabalhos pesados da devoção. A transição de um boiadeiro em carmelita nada tem de escandaloso; passa-se de uma situação à outra sem grandes problemas; o fundo comum de ignorância das aldeias e dos claustros é uma ótima preparação e põe imediatamente o camponês em pé de igualdade com o monge. Uma ligeira ampliada no saiote e teremos a batina. A irmã Perpétue era uma típica religiosa de Marines, perto de Pontoise, salmodiando, resmungando, adoçando a tisana segundo o egoísmo ou a hipocrisia do acamado, sendo ríspida com os doentes, rabugenta com os moribundos, quase que lhes jogando Deus na cara, tratando os agonizantes com preces enfurecidas, insolente, honesta e de pele corada.

A irmã Simplice tinha a alvura de uma cera. Ao lado da irmã Perpétue era um círio ao pé de uma candeia. Vicente de Paulo fixou divinamente a figura da irmã de

caridade nessas admiráveis palavras, em que mistura equilibradamente liberdade e dedicação: “Elas não terão como mosteiro senão as casas dos doentes; como cela senão um quarto de aluguel; como capela senão a igreja de sua paróquia; como claustro senão as ruas das cidades ou as salas dos hospitais; como clausura senão a obediência; como grade senão a crença em Deus; e como véu senão a modéstia.” Esse ideal estava vivo na irmã Simplice. Ninguém poderia supor a idade da irmã Simplice; parecia que nunca havia sido jovem e que nunca iria ser velha. Era uma pessoa — não ousando dizer uma mulher — doce, austera, de boa companhia, fria, e que nunca havia mentido. Era tão grande a sua doçura que chegava a parecer fragilidade; todavia, era mais sólida do que o granito. Tocava nos desgraçados com dedos puros, finos e encantadores. Nas suas palavras havia, por assim dizer, silêncio; falava unicamente quando era necessário e possuía um tom de voz que conseguiria, ao mesmo tempo, converter um membro da Convenção e encantar um salão. Essa delicadeza acomodava-se com o hábito, encontrando em seu rude contato uma contínua recordação do chamado do céu e de Deus. Insistamos num detalhe: não ter nunca mentido, não ter nunca dito por um interesse qualquer, mesmo indiferentemente, uma coisa que não fosse verdade, a santa verdade, era a maior característica da irmã Simplice; era a base da sua virtude. Sua veracidade imperturbável tornara-a quase célebre na congregação. O padre Sicard fala da irmã Simplice numa carta endereçada ao surdo-mudo Massieu. Ainda que sejamos tão sinceros, tão leais e tão puros, todos nós temos, pelo menos no invólucro da nossa candura, a fratura da pequena mentira inocente. Mas ela, não. Afinal, pequenas mentiras ou mentiras inocentes existem de fato? De qualquer forma, mentir é um mal. Mentir pouco não é possível: aquele que mente, mente sempre por completo. A mentira é a própria face do demônio; Satã tem dois nomes: tanto é chamado de Satã quanto de Mentira. Era assim que ela pensava. E não só pensava, como também colocava em prática. Resultado: tinha aquela pureza de que já falamos; pureza que irradiava de seus lábios e olhos. Seu sorriso era branco; seu olhar era branco. Não havia sequer uma teia de aranha ou um grão de poeira na vidraça daquela consciência. Ao integrar a doutrina de são Vicente de Paulo, de escolha própria assumiu o nome de Simplice. Simplice da Sicília, como sabemos, é aquela santa que preferia que lhe arrancassem os dois seios a responder, tendo nascido em Siracusa, que havia nascido em Segesto, mentira que a salvara. Essa padroeira convinha à alma de Simplice. A irmã Simplice, ao entrar para a ordem, tinha dois defeitos de que pouco a pouco se foi corrigindo: era dada às gulodices e gostava de receber cartas. Passou a ler unicamente um livro de reza, de grandes caracteres, e em latim. Não sabia latim, mas compreendia o livro.

A piedosa donzela afeiçoara-se a Fantine; e sentindo-lhe decerto a virtude latente, dedicara-se a tratar dela quase exclusivamente.

O sr. Madeleine chamou a irmã Simplice em um canto e recomendou-lhe Fantine, com um tom de voz singular, do qual mais tarde ela se recordou.

Em seguida, aproximou-se de Fantine, que todos os dias esperava a visita do sr. Madeleine como quem espera um raio de sol e de alegria. Ela dizia às duas irmãs:

— Só me sinto viva quando vejo o senhor *maire*.

Naquele dia, ela tivera muita febre. Apenas viu o sr. Madeleine, perguntou-lhe:

— E Cosette?

O sr. Madeleine respondeu, sorrindo:

— Chegará em breve.

O sr. Madeleine mostrou-se para Fantine como costumava. A única diferença é que demorou uma hora, em lugar de meia, para grande contentamento da enferma. Insistiu muito com todos para que não falassem coisa alguma a Fantine. Houve um momento em que a fisionomia dele se tornou sombria, o que foi notado pelas pessoas presentes. Mas isso explicou-se quando souberam que o médico lhe dissera ao ouvido:

— Tem piorado muito.

Voltou em seguida para a administração e foi visto, por um ajudante, examinando com toda a atenção uma carta topográfica da França, que estava pendurada em seu gabinete, enquanto fazia alguns apontamentos a lápis num pedaço de papel.

II

Perspicácia de mestre Scaufflaire

O sr. Madeleine saiu logo em seguida da administração e dirigiu-se ao extremo da cidade, à casa de um flamengo chamado Scaufflaer, nome que depois de afrancesado ficou sendo Scaufflaire, que alugava cavalos e carruagens.

Para ir à casa desse tal Scaufflaire, o caminho mais curto era por uma rua pouco frequentada, onde ficava o presbitério da paróquia a que pertencia o sr. Madeleine.

O pároco, segundo diziam, era um homem digno, respeitável e de bom conselho. No momento em que o sr. Madeleine chegou junto do presbitério, passava pela rua uma única pessoa, que reparou no seguinte: o senhor *maire*, depois de ter passado da casa paroquial, parou, ficou imóvel, depois voltou ao presbitério e, levando a mão à argola de ferro que havia na porta, levantou-a; em seguida, suspendeu o movimento, permaneceu pensativo por um instante e, passados alguns segundos, em vez de deixar cair de repente a argola, baixou-a com todo o cuidado, para que não fizesse barulho, e continuou seu caminho com uma pressa que antes não parecia ter.

Madeleine encontrou mestre Scaufflaire em sua casa, entretido em consertar alguns arreios.

— Mestre Scaufflaire, tem um bom cavalo? — perguntou ele.

— Senhor *maire* — respondeu o flamengo —, todos os meus cavalos são bons. O que o senhor entende por um bom cavalo?

— Qualquer um que possa andar vinte léguas num dia.

— Diabo! Vinte léguas?!

— Sim.

— Atrelado a um cabriolé?

— Sim.

— E quanto tempo ele descansará depois?

— É preciso que possa tornar a partir no dia seguinte, se necessário.

— Para refazer o mesmo trajeto?

— Sim.

— Diabo! Diabo! E são vinte léguas?

Madeleine tirou do bolso o papel em que tomara os apontamentos e mostrou-o ao flamengo, que viu escritos a lápis os algarismos 5, 6, 8, ½.

— Viu só? — disse ele. — Total, dezenove e meia, que é o mesmo que dizer vinte léguas.

— Senhor *maire* — tornou o flamengo —, tenho com que o servir. Já deve ter visto meu cavalo branco passar algumas vezes; é um animal pequeno, do Baixo Boulonnais, mas muito fogoso. Quiseram em princípio aplicá-lo à cavalaria, mas ninguém foi capaz de montá-lo sem que fosse ao chão; julgaram-no indomável e não sabiam o que fazer com ele. Foi então que o comprei, e meti-o logo ao cabriolé. Era o que ele queria, pois tornou-se manso que nem um borrego e ligeiro como o vento. Não era preciso, por exemplo, montá-lo. Ele não queria ser cavalo de sela. Cada um tem sua ambição. Puxar está certo; carregar, não. É possível crer que ele tenha dito isso.

— E percorrerá o caminho que lhe disse?

— Andará as vinte léguas, sempre a trote largo, e em menos de oito horas. Mas vou dizer-lhe as condições.

— Então diga.

— Em primeiro lugar, dar-lhe-á uma hora de descanso no meio do caminho; na hora de comer, alguém precisa estar perto dele, para evitar que o moço da estalagem lhe roube a aveia, pois percebi que nos albergues a aveia é mais frequentemente consumida pelos trabalhadores dos estábulos que pelos cavalos.

— Ficarei atento a isso.

— Em segundo lugar… o cabriolé é para o senhor *maire*?

— É.

— O senhor *maire* sabe guiá-lo?

— Sei.

— Nesse caso, o senhor *maire* viajará só e sem bagagem, para não sobrecarregar o cavalo.

— Combinado.

— Mas caso o senhor *maire* não leve ninguém consigo, será obrigado a vigiar o senhor mesmo a aveia.

— Sem problema.

— Custará trinta francos por dia, incluindo o de descanso, além de o sustento do animal ficar por conta do senhor *maire*.

O sr. Madeleine tirou três napoleões da bolsa e os colocou na mesa.

— Aqui estão dois dias adiantados.

— Além do que já disse, um cabriolé seria muito pesado e cansaria o cavalo, levando em conta essa tão grande extensão. Seria preciso que o senhor *maire* aceitasse a fazer a viagem num pequeno tílburi que tenho aqui.

— Não vejo inconveniente nisso.

— É muito ligeiro, mas é descoberto.

— Isso para mim é indiferente.

— Mas o senhor *maire* já refletiu que estamos no inverno?

Madeleine não respondeu; o flamengo continuou:

— Que o frio é intenso?

Madeleine manteve-se em silêncio. Mestre Scaufflaire continuou:

— Que pode chover?

Madeleine ergueu a cabeça e disse:

— O tílburi e o cavalo deverão estar em minha porta às quatro e meia da manhã.

— Combinado, senhor *maire* — respondeu Scaufflaire. Depois, raspando com a unha do polegar uma mancha que havia na mesa, continuou, com o ar de indiferença que os flamengos sabem tão bem aliar à elegância de que são dotados: — Mas agora me lembro! O senhor *maire* não me disse qual é o seu destino. Aonde vai o senhor?

Mestre Scaufflaire não pensara noutra coisa desde o princípio do diálogo; mas não sabia por que ainda não ousara fazer essa pergunta.

— Seu cavalo tem as patas dianteiras bem fortes? — perguntou o sr. Madeleine.

— Sim, senhor *maire.* Mas é sempre bom segurar-lhe um pouco nas descidas. Há muitas descidas daqui até o lugar para onde vai?

— Não se esqueça de que deve estar à minha porta às quatro e meia, em ponto — respondeu o sr. Madeleine; e saiu.

O flamengo ficou com "cara de tacho", como algum tempo depois ele próprio disse.

O senhor *maire* tinha saído havia dois ou três minutos, quando a porta tornou a se abrir; era o sr. Madeleine novamente.

— Sr. Scaufflaire — disse ele —, em quanto avalia o cavalo e o tílburi que me aluga, um carregando o outro?

— Um arrastando o outro, senhor *maire* — disse o flamengo, com um sorriso largo.

— Que seja. Mas e então?

— O senhor *maire* quer comprá-los?

— Não, mas por prevenção quero garantir-lhos. Quando eu voltar, o senhor me restituirá a quantia. Vamos, em quanto avalia o tílburi e o cavalo?

— Em quinhentos francos, senhor *maire*.

— Aqui os têm.

O sr. Madeleine pôs sobre a mesa uma nota e saiu.

Mestre Scaufflaire lastimou profundamente não ter pedido mil francos. O cavalo e o tílburi valiam, ao todo, cem ecus.[1]

O flamengo chamou sua mulher e contou-lhe o fato.

— A que diabo de lugar irá o senhor *maire*?

— Vai a Paris — disse a mulher.

— Acho que não — respondeu o marido.

O sr. Madeleine havia esquecido sobre a lareira o papel em que fizera suas contas. O flamengo pegou o tal papel e se pôs a estudá-lo.

— Cinco, seis, oito e meio? Isso deve marcar as mudas do correio.

Em seguida, voltou-se para a mulher:

— Achei.

— O quê?

— Olha: daqui a Hesdin são cinco léguas; de Hesdin a Saint-Pol são seis e daí a Arras, oito e meia. Vai a Arras.

Entretanto, o sr. Madeleine tinha ido para casa. Ao voltar da casa de mestre Scaufflaire havia tomado o caminho mais comprido, como se a porta do presbitério tivesse sido para ele uma tentação, e que por isso quis evitar de passar por ela. Subiu para o quarto e fechou a porta, o que não tinha nada de extraordinário, porque gostava de se deitar cedo. Todavia, a porteira da fábrica, que era ao mesmo tempo a única criada do sr. Madeleine, observou que a luz do quarto do *maire* se apagou às oito horas e meia, então disse ao caixeiro que acabava de entrar:

— Será que o senhor *maire* está doente? Ele parecia tão esquisito!

O quarto do caixeiro era situado precisamente embaixo do quarto do sr. Madeleine. Não dando atenção ao que lhe dissera a porteira, deitou-se e adormeceu. Porém, por volta da meia-noite, acordou sobressaltado: achou que havia escutado, mesmo em meio à sonolência, certo ruído no andar de cima. Apurou o ouvido e percebeu passos de um lado para outro, como se alguém andasse no quarto de cima. Escutou mais atentamente e reconheceu os passos do sr. Madeleine. Esse fato pareceu-lhe estranho: não era costumeiro ouvir o mínimo ruído que fosse no quarto do sr. Madeleine antes da hora em que ele se levantava. Passado um momento, pareceu ao caixeiro ouvir algo semelhante ao abrir e fechar de um armário. Depois, ouviu um móvel ser arrastado; seguiu-se um breve silêncio, e logo os passos continuaram. O caixeiro sentou-se na cama, olhou para todos os lados e, através dos vidros da janela, viu na parede de frente o reflexo avermelhado de outra janela em que havia luz. Pela direção daquele reflexo, não podia provir senão da janela do quarto do sr. Madeleine. A luminosidade era trêmula, como se resultasse de uma fogueira e não de um candeeiro. A sombra dos caixilhos das vidraças não se projetava na parede, o que indicava que a janela estava aberta por dentro e por fora. Com o frio que fazia era surpreendente que aquela janela estivesse aberta. O caixeiro tornou a adormecer. Dali a uma ou duas horas acordou de novo e ouviu os mesmos passos vagarosos e regulares, caminhando de um lado para outro, acima de sua cabeça.

A luminosidade ainda incidia na parede, mas agora estava pálida e calma, como o reflexo de um candeeiro ou de uma vela. A janela permanecia aberta.

Eis o que ocorria no quarto do sr. Madeleine.

III

Tempestade em uma consciência

O leitor já adivinhou, sem dúvida, que o sr. Madeleine é o próprio Jean Valjean.

Já temos mergulhado o olhar nos recôncavos dessa consciência; mas chegou o momento de novamente a descortinarmos. Não o fazemos sem emoção nem sem estremecimento. Não existe nada mais aterrador do que esse gênero de contemplação. O olhar do espírito não pode encontrar onde quer que seja brilho mais cegante nem mais tenebroso que o do próprio ser humano; não pode fixar-se em nada mais temível, mais complicado, mais misterioso e mais infinito. Há um espetáculo maior que o mar: é o céu. Há um espetáculo maior que o céu: é o interior de uma alma.

Fazer o poema da consciência humana, mesmo que fosse a propósito de um só homem ou do mais miserável dos humanos, significaria fundir todas as epopeias em uma epopeia superior e definitiva. A consciência é o caos das quimeras, das ambições e das tentações; é a fornalha dos sonhos, o antro das ideias das quais nos envergonhamos; é o pandemônio dos sofismas; é o campo de batalha das paixões. Em certas horas, penetrem através da face lívida de um ser humano que reflete e observem o que está oculto, observem sua alma, observem sua escuridão. Há nessa alma, sob o silêncio aparente, combates de gigantes como em Homero, batalhas de dragões e hidras e nuvens de fantasmas como em Milton, espirais visionárias como em Dante. Que coisa sombria é esse infinito que todo ser humano traz em si e por meio do qual mede com desespero os desejos do seu cérebro e as ações da sua vida!

Uma vez, Alighieri encontrou uma porta sinistra diante da qual se viu hesitante. Aqui temos também à nossa frente uma porta diante da qual hesitamos. Seja como for, entremos. Pouco temos que acrescentar ao que o leitor já conhece do que aconteceu com Jean Valjean após seu encontro com o pequeno Gervais. A partir daquele momento, como já se viu, tornou-se outro homem. Ele cumpriu completamente os desejos do bispo. Foi mais do que uma transformação, foi uma transfiguração.

Conseguiu desaparecer, vendeu a prataria do bispo, conservando apenas os castiçais como recordação, correu de cidade em cidade, atravessou a França, chegou a Montreuil-sur-Mer, concebeu e efetuou a ideia que já conhecemos, chegou a tornar-se inacessível a qualquer perseguição e, depois de tudo isso, já estabelecido

em Montreuil-sur-Mer, feliz por sentir a consciência entristecida com a recordação do passado, e a primeira parte da sua vida desmentida pela segunda, passou a viver tranquilo, pacífico e cheio de esperança, dominado apenas por dois pensamentos: ocultar seu nome e santificar sua vida; escapar dos homens e restituir-se a Deus.

Esses dois pensamentos estavam tão estreitamente ligados em seu espírito que formavam uma coisa só; os dois eram igualmente absolutos e imperiosos, de modo que dominavam suas mínimas ações. De ordinário, eles estavam de acordo para regular a conduta de sua vida; eles o atraíam para a sombra; eles o tornavam bom e simples; eles lhe aconselhavam as mesmas coisas. Às vezes, no entanto, eram conflitantes. Em tais circunstâncias, todos se recordam, o homem a quem a cidade inteira de Montreuil-sur-Mer chamava Madeleine não hesitava nunca em sacrificar o primeiro ao segundo; a segurança à virtude. Por isso, a despeito de toda reserva e prudência, conservava os castiçais do bispo, cobria-se de luto pela sua morte, chamava e interrogava todos os rapazinhos saboianos que passavam pela cidade, buscara informações sobre as famílias de Faverolles e salvara a vida do velho Fauchelevent, apesar das inquietantes insinuações de Javert. Parecia julgar, como já notamos, a exemplo de todos os que têm sido sábios, santos e justos, que os seus primeiros cuidados não eram nunca em proveito próprio.

Contudo, é necessário dizê-lo, nunca se achara em conjuntura semelhante. Nunca as duas ideias que guiavam o homem infeliz, de que temos contado os sofrimentos e as angústias, haviam travado tão séria luta. Logo nas primeiras palavras de Javert, ao entrar em seu gabinete, ele o compreendeu confusa mas profundamente. No momento em que, de modo tão abrupto, ouviu ser pronunciado aquele nome, que havia enterrado tão profundamente, ele ficou em choque, embriagado pelo sinistro capricho de seu destino, invadido pelo estremecimento que precede os grandes abalos; curvou-se como o carvalho à aproximação da tormenta, ou como o soldado, quando chega o momento do ataque; sentiu descerem-lhe sobre a cabeça terríveis sombras, inúmeros raios e relâmpagos. Ao ouvir Javert, o primeiro pensamento que lhe veio foi correr para denunciar-se, livrar Champmathieu da prisão e colocar-se em seu lugar; essa ideia, porém, foi-lhe tão dolorosa e pungente como uma incisão na carne viva; a ideia passou, e ele disse consigo: "Veremos! Veremos!" Reprimiu o primeiro impulso generoso e recuou ante o heroísmo.

Sem dúvida, seria bonito que, após as santas palavras do bispo, após tantos anos de arrependimento e abnegação, em meio a uma penitência admiravelmente começada, esse homem, mesmo diante de tão terrível conjuntura, não tivesse tropeçado e tivesse continuado a caminhar do mesmo modo em direção a esse

precipício aberto, em cujo fundo estava o céu; seria bonito, mas não foi assim. É preciso que tomemos conhecimento das coisas que aconteciam dentro dessa alma, mas não podemos dizer senão o estado em que aparentemente estava. O que primeiro prevaleceu foi o instinto de conservação; de imediato, ele organizou as ideias, sufocou as emoções, considerou a presença de Javert, sempre um grande perigo, recompôs todas as resoluções com a firmeza de quem está aterrorizado, ficou atordoado com o que deveria fazer e retomou a calma, como um combatente recupera e empunha seu escudo.

Passou o resto do dia desse modo: interiormente um turbilhão, no exterior completa tranquilidade; tomou apenas o que se poderia chamar de "medidas conservadoras". Na mente, tudo se debatia de forma confusa; a perturbação era tal que não lhe deixava vislumbrar distintamente nenhuma ideia; ele próprio não poderia dizer de si mesmo senão que havia acabado de receber um grande golpe. Dirigiu-se, como de costume, para o leito de Fantine e prolongou a visita, por instinto de bondade, calculando que precisava proceder assim, e recomendá-la bem às irmãs, para o caso em que ele tivesse de ausentar-se. Sabia vagamente que talvez tivesse de ir a Arras e, sem que estivesse de modo algum decidido a fazer essa viagem, reconheceu que, livre de qualquer suspeita, como estava, não teria o menor inconveniente em ser testemunha do que ocorresse, por isso alugou o tílburi de Scaufflaire, a fim de estar preparado para o que pudesse acontecer.

Jantou com bastante apetite.

Depois, voltou para o seu quarto e se pôs a meditar.

Examinou a situação e achou-a inaudita; de tal modo inaudita que no meio de sua distração, e por não sei que impulso de ansiedade quase inexplicável, levantou-se da cadeira em que estava e foi trancar a porta. Receou que mais alguma coisa viesse a entrar. Fortificou-se contra essa possibilidade.

Passado um momento, apagou a vela. A luz incomodava-o.

Parecia-lhe que podiam vê-lo.

Mas quem? De onde?

Infelizmente, quem ele queria evitar que entrasse já havia entrado; quem ele queria cegar, fitava-o. Era a sua consciência.

Sua consciência, isto é, Deus.

Entretanto, no primeiro momento, conseguiu iludir-se; foi tomado por certo sentimento de segurança e solidão; ao correr os fechos da porta, acreditou-se impenetrável; ao apagar a luz, sentiu-se invisível. Entrou, então, na posse de si mesmo, encostou os cotovelos na mesa, apoiou a cabeça nas mãos e pôs-se a pensar no meio das trevas.

“Onde estou? Não será tudo isso um sonho? O que foi que me disseram? É realmente verdade que vi Javert, e que me falou desse modo? Quem pode ser o tal Champmathieu? Será possível que se pareça tanto comigo? Quando me lembro de que ainda ontem eu estava tão tranquilo e longe de suspeitar de nada disso! O que eu fazia ontem a esta hora? O que há, de fato, em todo este incidente? Qual será o desfecho? Que hei de fazer?”

Era nessa tormenta que ele estava. Seu cérebro já não tinha mais forças para reter as ideias, que passavam como ondas; para tentar pará-las, pressionava a fronte entre as mãos.

De todo esse tumulto que lhe alterava a vontade e a razão, e de que buscava tirar uma evidência ou uma resolução, não se destacava senão a agonia.

Sua cabeça estava queimando. Foi direto à janela e abriu-a por dentro e por fora: não havia uma só estrela no céu. Em seguida, foi de novo sentar-se à mesa.

A primeira hora decorreu assim.

Entretanto, pouco a pouco, começaram a se fixar, em meio à meditação, alguns pensamentos vagos, e pôde entrever, com a precisão da realidade, não o todo da situação, mas alguns detalhes.

Começou reconhecendo que por mais extraordinária e crítica que fosse sua situação, ainda era completamente senhor dela.

Seu espanto tornou-se ainda mais intenso.

Independentemente do objetivo severo e religioso a que se propunham suas ações, tudo o que ele havia feito até aquele dia não era outra coisa senão um buraco que tinha cavado para enterrar o próprio nome. O que sempre havia de mais terrível, em suas horas de autorreflexão, em suas noites de insônia, era nunca ouvir seu nome ser pronunciado; ele dizia a si mesmo que isso seria o fim de tudo, que no dia em que seu verdadeiro nome viesse à tona, faria desaparecer ao redor dele sua vida nova e, talvez, quem sabe, dentro dele desapareceria sua nova alma. Ele estremecia só de pensar que isso era possível. Certamente, se alguém lhe dissesse naqueles momentos que chegaria uma hora em que aquele nome ressoaria em seus ouvidos, em que aquelas palavras horríveis, Jean Valjean, de repente sairiam da noite e se levantariam em sua frente, em que a luz formidável feita para dissipar o mistério em que se envolvera resplandeceria subitamente sobre sua cabeça, e que esse nome não o ameaçaria, que essa luz não produziria senão uma escuridão mais espessa, que, uma vez rasgado, esse véu aumentaria o mistério; que esse tremor de terra consolidaria seu edifício, que esse prodigioso incidente não teria outro resultado, se lhe parecesse bom, senão tornar-lhe a existência de uma só vez mais clara e mais impenetrável, e que, de seu confronto com o fantasma Jean Valjean, o bom e digno

burguês, sr. Madeleine, sairia mais honrado, mais calmo e mais respeitado que nunca; se alguém lhe tivesse dito isso, teria sacudido a cabeça e teria tomado essas palavras como insensatas. Pois bem, tudo isso acabava precisamente de ocorrer, todo esse somatório de impossibilidades era um fato, e Deus havia permitido que essas coisas loucas se transformassem em coisas reais!

Sua meditação continuava a tornar-se mais clara. Cada vez mais, ia compreendendo sua posição.

Parecia-lhe que despertara de um sono estranho e que, no meio da noite, de pé, à beira de um abismo, do qual tentava em vão recuar, mas no qual escorregava. Na mais densa sombra, entrevia um desconhecido que o destino se comprazia em tornar seu substituto, e que em seu lugar impelia para o medonho abismo. Era indispensável, para que o precipício tornasse a se fechar, que um ou outro desaparecesse em suas profundezas.

Bastava-lhe deixar que as coisas acontecessem ao acaso.

A luz chegou à sua maior intensidade, e por isso teve de confessar a si mesmo que seu lugar nas galés estava vago; que, por mais que fizesse, ele sempre o esperava; que o roubo do pequeno Gervais o reconduziria para a prisão; que aquele lugar vazio o aguardaria e o atrairia até que ele estivesse ali; que esse destino era inevitável e fatal. Em seguida, percebeu que tinha um substituto, e que parecia ter caído essa má sorte a um tal Champmathieu; e que quanto a ele, presente nas galés, na pessoa do substituto, e na sociedade sob o nome de Madeleine, não tinha nada que recear, contanto que não impedisse que os homens selassem sobre a cabeça de Champmathieu a pedra da infâmia, que, como a do sepulcro, cai uma vez para nunca mais se levantar.

Tudo isso era tão violento e estranho que produziu nele, de repente, essa espécie de movimento indescritível que homem nenhum experimenta mais de duas ou três vezes na vida, uma espécie de convulsão da consciência que chacoalha tudo o que o coração tem de duvidoso, que se compõe de ironia, alegria e desespero, e que se poderia chamar de risada interior.

De repente, foi acender a vela.

"Mas, enfim", disse ele consigo, "o que devo temer? Para que hei de pensar nessas coisas? Estou salvo! Acabou-se tudo. Não havia senão uma porta entreaberta pela qual o passado poderia irromper na minha vida; a partir de agora essa porta estará para sempre fechada. Esse Javert, que há tempo me perturba, esse temível instinto que parecia ter me descoberto, que me descobriu de fato e que por toda parte me seguia; esse medonho cão de guarda que não me perdia de vista, ei-lo fora do rastro, com outras preocupações, absolutamente desnorteado! Agora está

satisfeito, achou o seu Jean Valjean; deixar-me-á, portanto, tranquilo! Quem sabe? Talvez até queira sair da cidade! Tudo isso aconteceu sem que eu precisasse fazer qualquer coisa! Não precisei sair do lugar! Mas o que pode haver de desgraça nesse fato? Quem me visse, palavra de honra!, julgaria que me aconteceu uma catástrofe; no fim de tudo, se há prejuízo para alguém, não é minha a culpa. E tudo devido à Providência, que aparentemente assim o quer! Tenho porventura direito de contrariar seus decretos? O que peço agora? Em que vou me envolver? Nada disso tem a ver comigo. Como posso não estar contente? O que me falta agora, então? O objetivo a que tenho aspirado durante tantos anos, o sonho de minhas noites, o objeto de minhas preces ao céu, a segurança, foi alcançado! É Deus quem quer assim. Não tenho nada a fazer contra a vontade de Deus. E por que Deus o quer? Para que eu continue o que comecei, para que eu faça o bem, para que, um dia, eu seja um grande e encorajador exemplo, para que seja dito que há, enfim, um pouco de felicidade ligada à penitência que sofri e à virtude que pude retomar! Na verdade, não compreendo por que tenho tanto medo de ir até aquele bom pároco contar-lhe tudo, como a um confessor, e lhe pedir um conselho; isso é evidentemente o que ele teria me dito. Está decidido, deixemos as coisas fluirem! Deixemos completar-se a obra de Deus!".

Assim raciocinava ele no mais íntimo de sua consciência, debruçado sobre o que poderia se chamar de seu próprio abismo. Levantou-se, enfim, da cadeira e se pôs a caminhar pelo quarto.

"Vamos", disse a si mesmo, "não pensemos mais nisso. Estou resolvido!".

Mas não sentia a mínima alegria. Pelo contrário.

Não se pode impedir o pensamento de martelar sempre na mesma ideia, assim como não se impede o mar de voltar sempre a uma praia. Para o marinheiro isso se chama maré; para o culpado, chama-se remorso. Deus subleva a alma do mesmo modo como agita o oceano.

Passados alguns instantes, e por mais que fizesse, continuou o sombrio diálogo, no qual era só ele quem falava e escutava, dizendo tudo o que desejava calar, ouvindo o que não queria ouvir, cedendo à potência misteriosa que lhe bradava: "Pensa!", como há dois mil anos bradava o outro condenado: "Caminha!"

Antes de irmos mais longe, e para sermos perfeitamente compreendidos, vamos insistir sobre uma observação necessária.

Não há dúvida de que só conseguimos falar para nós mesmos; não existe ser pensante que não tenha experimentado esse fato. Pode-se até mesmo dizer que o verbo nunca é um mistério mais magnífico que quando vai, no interior de um homem, do pensamento à consciência e retorna da consciência ao pensamento.

Apenas nesse sentido é que se devem ouvir as palavras frequentemente empregadas neste capítulo, *ele disse, ele exclamou*. É comum que se diga, fale e exclame para si mesmo, sem que o silêncio exterior seja rompido. Há um grande tumulto, um falatório dentro de nós, mas nossos lábios permanecem fechados. As realidades da alma, por não serem visíveis e palpáveis, não deixam de ser realidades.

Ele se perguntou, então, onde estava. Interrogou-se sobre essa "resolução tomada". E confessou a si mesmo que tudo o que acabava de decidir em seu espírito era monstruoso, que "deixar as coisas fluirem, deixar a vontade de Deus se cumprir", era simplesmente horrível. Deixar que se completasse aquele erro do destino e dos homens, sem impedi-lo, ajudá-lo com seu silêncio, não tomar uma atitude, enfim, era agir da pior forma! Seria o último degrau da indignidade hipócrita! Seria um crime baixo, covarde, traiçoeiro, abjeto, hediondo!

Pela primeira vez, ao cabo de oito anos, aquele pobre homem sentia o amargor de um mau pensamento e de uma ação má.

Cheio de desgosto, cuspiu longe esse amargor.

Continuou a interrogar-se. Perguntou a si mesmo severamente o que entendera por "Alcancei o meu objetivo!". Admitiu que sua vida tinha, com efeito, uma finalidade. Mas qual era? Ocultar o próprio nome? Iludir a polícia? Tinha sido por tão pouco tudo o que fizera até então? Por acaso não tinha outro objetivo, um que era, de fato, sua grande e verdadeira meta? Salvar não a sua pessoa, mas a própria alma. Tornar-se honesto e bom, ser um justo! Não era isso, sobretudo, a única coisa que sempre buscou, o que o bispo lhe ordenara? Não devia fechar a porta para o seu passado? Mas ele não a fechava, santo Deus! Ele a reabria, ao agir desse modo infame! Ele voltava a ser ladrão, o mais execrável dos ladrões! Ele roubava de outra pessoa sua existência, sua vida, sua paz, seu lugar ao sol! Ele se tornava um assassino! Matava, assassinava moralmente um homem miserável, infligindo-lhe essa horrenda morte em vida, essa morte a céu aberto que se chama galé! Pelo contrário, entregar-se, salvar esse homem ferido por tão lúgubre engano, assumir o próprio nome, tornar-se novamente, por dever, o forçado Jean Valjean, era completar verdadeiramente sua ressurreição e fechar para sempre o inferno de onde saíra! Tornar a cair nele aparentemente o libertava na realidade! Era necessário fazer isso! Se não o fizesse, nada do que havia feito até então teria sentido! Toda a sua vida teria sido inútil, toda a sua penitência se tornaria perdida. Não precisava que dissesse: para quê? Sentia que o bispo estava ali, que estava muito mais presente por já não existir, que não afastava dele os olhos, que dali em diante o *maire* Madeleine, mesmo com todas as suas virtudes, lhe parecia abominável e que acharia puro e admirável o forçado Jean Valjean; que os homens só lhe viam a máscara, mas o

bispo lhe via a face; os homens lhe viam a vida, mas o bispo enxergava sua consciência. Era indispensável, então, ir a Arras, libertar o suposto Jean Valjean e denunciar o verdadeiro! Ah! Esse era o maior dos sacrifícios, a mais pungente vitória, o último passo a dar; mas era necessário. Doloroso destino! Não seria justo aos olhos de Deus sem tornar a ser infame aos olhos dos homens!

— Bem — disse ele —, adotemos essa resolução; façamos o nosso dever; salvemos o homem!

Essas palavras, sem que o notasse, pronunciou-as em voz alta.

Pegou seus livros, examinou-os e colocou-os em ordem. Queimou depois um maço de obrigações de dívidas de vários negociantes em pequena escala, que lutavam com dificuldades. Escreveu e fechou uma carta em cujo envelope se poderia ler, se no quarto houvesse mais alguém: *Ao sr. Laffitte, banqueiro, rua d'Artois, Paris*.

Em seguida, tirou de um móvel uma carteira que continha algumas notas de banco e o passaporte de que se servira para ir às eleições.

Quem o tivesse visto procedendo àquelas diversas operações com tamanha seriedade e tão compenetrado nem mesmo suspeitaria o que lhe passava na alma. O que fazia às vezes era mover os lábios; noutros momentos, erguia a cabeça e fitava um ponto qualquer da parede, como se ali estivesse precisamente o que ele necessitava esclarecer ou interrogar.

Terminada a carta para Laffitte, meteu-a no bolso, assim como a carteira, e continuou a perambular.

A preocupação que o dominava não tivera o mínimo desvio. Continuava a distinguir claramente seu dever escrito em letras luminosas, que lhe flamejavam diante dos olhos e as quais via sempre para onde quer que olhasse: *Vá! Anuncie seu verdadeiro nome! Denuncie-se!*

Chegava a ver, como se fossem mudas, à sua frente, com formas sensíveis, as duas ideias que haviam sido até então a dupla regra de toda a sua vida: esconder seu nome e santificar sua alma. Pela primeira vez, elas lhe apareciam absolutamente distintas; então, enxergou a diferença que as separava. Reconhecia que uma dessas ideias era necessariamente boa, enquanto a outra poderia tornar-se má; que uma era o altruísmo e que a outra era a personalidade; que uma dizia "o próximo" enquanto a outra dizia "eu"; que uma vinha da luz e a outra vinha da escuridão.

Elas se combatiam, e ele testemunhava o combate. À medida que refletia, elas cresciam diante dos olhos do seu espírito; já tinha atingido naquele momento uma estatura colossal; parecia-lhe que via lutar dentro de si, nesse infinito de que falamos há pouco, em meio à escuridão e aos relâmpagos, uma deusa e um gigante.

Achava-se cheio de espanto, mas parecia-lhe que sentia vencer o pensamento bom.

Sabia que chegara a outro momento decisivo para a sua consciência e para o seu destino; que o bispo marcara a primeira fase da sua vida nova e que aquele Champmathieu lhe marcava a segunda. Após a grande crise, a grande provação.

Entretanto, a febre, por um momento acalmada, foi-lhe voltando pouco a pouco. Mil pensamentos lhe atravessavam o cérebro, mas todos continuavam a fortificar-lhe a resolução.

Por um momento, dissera para si mesmo que talvez estivesse levando o caso muito a sério, e que no fim de tudo o tal Champmathieu não era digno de interesse, porque em suma havia roubado.

Mas respondeu: "Se esse homem roubou, de fato, alguma fruta, sofrerá apenas um mês de prisão. Daqui às galés vai muita distância. E quem sabe se realmente roubou? Isso, por acaso, já está provado? O nome de Jean Valjean pesando sobre ele parece dispensar as provas. Não é desse modo que costumam proceder os procuradores do rei? Julgam-no ladrão porque o supõem forçado."

Em outro instante, surgiu-lhe a hipótese de que, assim que se denunciasse, talvez fosse levado em consideração o heroísmo de sua ação; assim, graças à vida honesta que levara nos últimos sete anos e tudo o que havia feito por aquela cidade, ele acabaria sendo perdoado.

Mas essa suposição logo se desvaneceu; ele sorriu amargamente, pensando que o roubo dos quarenta soldos do pequeno Gervais o tornavam um reincidente, que certamente esse caso reapareceria e, nos termos precisos da lei, o tornariam passível aos trabalhos forçados por toda a vida.

Acordou para a realidade; afastou-se cada vez mais da terra e, então, buscou consolação e força em outros lugares. Convenceu-se de que era necessário cumprir seu dever; que, inclusive, depois de cumprido, talvez nem fosse mais tão mais infeliz do que se o tivesse evitado; que se tivesse *deixado acontecer*, se tivesse ficado em Montreuil-sur-Mer, sua consideração, sua boa reputação, suas boas obras, a deferência, a veneração, sua caridade, sua riqueza, sua popularidade, sua virtude seriam temperadas por um crime; e que gosto teriam todas essas coisas santas ligadas a esse crime hediondo! Enquanto se consumasse seu sacrifício nas galés, no pelourinho, subjugado com grilhões, com o boné verde, trabalhando incansavelmente, humilhado de forma impiedosa, tudo isso englobaria uma ideia celestial!

Por fim, disse a si mesmo que não tinha outro jeito, que seu destino já havia sido definido; que ele não tinha o poder de alterar as decisões que lhe vinham do alto;

que, em todo caso, deveria escolher: ou a virtude exterior e a condenação interior ou a santidade interior e a infâmia exterior.

Ao revolver tantas ideias lúgubres, sua coragem não desfalecia, mas seu cérebro se cansava. Mesmo assim, ele começava a pensar em outras coisas, em coisas indiferentes.

Suas artérias latejavam violentamente em suas têmporas. Ele não parava de andar de um lado para outro. Deu meia-noite, primeiro na torre da paróquia, depois na prefeitura. Contou as doze badaladas dos dois relógios e comparou o som dos dois sinos. Nessa ocasião, lembrou-se de que alguns dias atrás tinha visto, em uma loja de ferragens, um velho sino à venda, sobre o qual estava escrito o seguinte nome: *Antoine Albin de Romainville*.Estava com frio. Acendeu a lareira, mas não pensou em fechar a janela.

Em seguida, tornou a cair em seu estupor. Foi-lhe necessário grande esforço para se recordar do que estava pensando antes de ouvir dar meia-noite. Enfim, conseguiu.

— Ah, sim! — disse ele. — Tinha resolvido denunciar-me.

De repente, lembrou-se de Fantine.

— Caramba! E essa pobre mulher?

Aqui, declarou-se nova crise.

Fantine, ao surgir inesperadamente no meio da sua meditação, causara nele o efeito de um inesperado raio de luz.

Pareceu-lhe que tudo em volta de si mudava de aspecto e exclamou:

— Agora isso! Nunca pensei senão em mim mesmo, nunca atendi senão ao que me convinha! Calar-me ou denunciar-me, ocultar minha pessoa ou salvar minha alma, ser um magistrado venerável e respeitado ou um forçado infame e desprezível são coisas que só a mim dizem respeito; é o eu, sempre o *eu*! Mas, meu Deus!, isso tudo é muito egoísmo! Ainda que sejam diferentes formas de egoísmo, não passam de egoísmo! E se eu pensasse um pouco mais nos outros? A primeira santidade consiste em pensar no próximo. Vejamos, examinemos. Desconsiderando-me, apagando-me, esquecendo-me, o que aconteceria a tudo isso? Se me denuncio, prendem-me, soltam Champmathieu e tornam a mandar-me para as galés; muito bem, e depois? O que se passará aqui? Aqui há um distrito inteiro, uma cidade cheia de fábricas, uma indústria, operários, homens, mulheres, velhos e crianças, uma multidão de gente pobre! Criei tudo isso, dei vida a tudo, em todas as chaminés que deitam fumo o lume foi aceso por mim, fui eu quem meteu na panela carne para o jantar da família; produzi o bem-estar, estabeleci a circulação e o crédito; antes de mim, não havia aqui nada disso; animei, vivifiquei, fecundei, estimulei e enriqueci

todo o lugarejo; separando-me dele, tiro-lhe a alma. Ausentando-me daqui, morre tudo. E essa mulher que tem padecido tanto, em cuja perdição há tantos motivos de estima, e a quem eu, involuntariamente, ocasionei a última desgraça! E a criança que eu queria buscar, que prometi à sua mãe! Porventura não devo alguma coisa a essa mulher, em compensação pelo mal que lhe fiz? Se eu desapareço, o que acontece? A mãe morre; a criança perde-se. Eis o que acontece se me denuncio. E se não o faço? Vejamos; se não me denuncio?

Depois de ter dirigido a si mesmo essa pergunta, parou; teve um momento de hesitação e de abalo, mas esse momento foi rápido; então, respondeu com calma:

— Pois bem, esse homem vai para as galés, é verdade; que diabo! Ele roubou! Por mais que repita a mim mesmo o contrário, é fato que roubou! Eu fico aqui, continuo como até agora. Em dez anos terei ganhado dez milhões, espalhado pela cidade, sem reservar nada para mim; mas que me importa? Não foi por mim que fiz tudo isso! A prosperidade geral vai crescendo, as indústrias nascem e estimulam-se mutuamente, a manufatura aumenta, as fábricas multiplicam-se, e as famílias, cem famílias, mil famílias!, vivem felizes; o território povoa-se; nascem aldeias onde não havia senão fazendas, e nascem fazendas onde não havia nada; a miséria desaparece, e com elas os maus costumes, a prostituição, o roubo, o assassínio, todos os vícios, todos os crimes! Essa pobre mãe educa sua filha, e, a par disso tudo, toda a cidade ficará rica e honesta! Eu estava louco! Que absurdo, pensar em me denunciar! É preciso estar verdadeiramente atento e não se precipitar. O quê? Eu só queria fazer-me grande e generoso; isso é um melodrama, além de tudo! E porque queria pensar em mim mesmo, somente em mim, para salvar de uma punição, talvez um pouco exagerada, mas, no fundo, justa, nem sei quem, um ladrão, um patife evidentemente, só por isso uma cidade inteira terá de perecer!, uma pobre mulher morrerá no hospital!, uma pobre criancinha crescerá na rua, como um cão! Isso é abominável! Assim, essa mãe não poderá rever a filha e essa criança quase não terá conhecido a própria mãe! E tudo isso por causa desse velhaco, ladrão de frutas, que sem dúvida deve merecer a condeção às galés por outros motivos, para além desse! Belos escrúpulos que salvam um culpado e sacrificam inocentes; que salvam um velho vagabundo que, afinal de contas, não tem muitos anos de vida pela frente, que não será mais desgraçado nas galés que na própria choupana, e sacrificam toda uma população, mães, mulheres, crianças. E a pobrezinha Cosette, que só tem a mim neste mundo, e que está a estas horas roxa de frio na pocilga dos tais Thénardier, que são ainda outros canalhas! Pois hei de faltar aos meus deveres para com toda essa pobre gente! Hei de me denunciar! Hei de cometer essa insensatez! Na pior das hipóteses, suponhamos que eu esteja agindo mal e que minha consciência me

reprove um dia; aceitar, pelo bem de outra pessoa, essas reprovações que só cabem a mim, essa má ação que só compromete minha alma, é aí que está a devoção, é aí que está a virtude.

Em seguida, levantou-se e continuou a caminhar. Dessa vez, pareceu-lhe que se sentia mais satisfeito.

Os diamantes só podem ser encontrados no fundo da terra; as verdades só podem ser encontradas nas profundezas da mente. Parecia-lhe que, após ter descido a esses espaços profundos, após ter por muito tempo tateado essas trevas mais escuras, conseguira, enfim, encontrar um desses diamantes, uma dessas verdades que, agora, tinha em suas mãos; por isso se deslumbrava ao observá-la.

"Sim", pensava ele, "é isso mesmo! Cheguei à verdade; e encontrei a solução. É necessário concluir alguma coisa. Minha resolução está tomada: deixemos caminhar as coisas! Não vacilemos, não recuemos. É importante para todos, não para mim apenas. Sou Madeleine e continuarei a ser Madeleine. Desgraçado daquele que é Jean Valjean! Não sou eu; não conheço esse homem, não sei de quem se trata; se sucede haver neste momento alguém que seja Jean Valjean, resolva-se como puder! Não tenho nada com isso. É um nome fatal que paira no meio das sombras; se pousou sobre alguma cabeça o mal, tanto pior para ela!".

E olhando para um espelho que estava sobre a lareira, acrescentou em voz alta:

— E então! Como alivia assentar numa decisão! Sinto-me outro.

Deu ainda alguns passos e parou de repente:

— Vamos! — disse ele. — É necessário não hesitar ante nenhuma das consequências do que resolvi. Há ainda alguns fios que me ligam a esse tal Jean Valjean! É necessário desatá-los. Neste quarto mesmo há objetos que me acusam, objetos mudos que serviriam de testemunhas; está decidido, é necessário que tudo isso desapareça.

Tirou a carteira do bolso, abriu-a e pegou uma chavezinha.

Em seguida, introduziu a chave em uma fechadura, cujo pequeno buraco mal se distinguia, perdido nas sombras mais carregadas da pintura do papel com que eram forradas as paredes, e abriu um esconderijo, uma espécie de armário camuflado entre o ângulo da parede e o pano da chaminé.

Não havia nesse esconderijo senão alguns farrapos: uma camisa de algodão azul, umas calças, uma mochila, tudo muito velho, e um cajado de espinheiro com duas extremidades metálicas. Os que tinham visto Jean Valjean na época em que atravessara Digne, em outubro de 1815, teriam facilmente reconhecido todas as peças daquele miserável vestuário.

Conservava-as como conservara os castiçais de prata, para se recordar sempre do seu ponto de partida. Só ocultava os andrajos que provinham das galés; os castiçais, que provinham do bispo, deixava-os à mostra.

Olhou depois furtivamente para a porta, como se receasse que ela se abrisse apesar do ferrolho que a fechava; em seguida, com um movimento rápido, inesperado, e em uma só braçada, sem mesmo olhar uma única vez para os objetos que tinha tão religiosa e perigosamente guardado durante tantos anos, pegou os farrapos, o cajado e a mochila e lançou tudo ao fogo.

Feito isso, tornou a fechar o esconderijo; e, redobrando as precauções, já inúteis, por já estar vazio, ocultou-lhe a porta colocando em frente um grande móvel.

Passados instantes, estavam o quarto e a parede fronteiriça iluminados com um clarão avermelhado e trêmulo. Tudo ardia; o cajado de espinheiro estalava e arrojava faíscas até o meio do quarto.

A mochila, consumindo-se com os hediondos farrapos que continha, deixara descoberto o que quer que brilhasse no meio da cinza. Quem se curvasse um pouco teria facilmente reconhecido uma moeda de prata. Eram, sem dúvida, os quarenta soldos roubados do pequeno saboiano.

Madeleine não olhava para o lume e continuava a passear de um lado para outro, sempre no mesmo passo.

De repente, fitaram-se os olhos nos dois castiçais de prata, que o reflexo da chama fazia reluzir vagamente sobre a lareira.

"E então!", pensou ele. "Ali está um Jean Valjean por inteiro. É necessário destruir aquilo."

Pegou os dois castiçais.

A lareira tinha bastante fogo para que pudessem ser rapidamente desfigurados e transformados numa espécie de barra impossível de ser reconhecida.

Curvou-se sobre o fogo e aqueceu-se por um instante, sentindo um verdadeiro bem-estar.

— Que calor agradável! — disse ele.

Com um dos castiçais remexeu o braseiro. Um minuto mais e estariam ambos no fogo.

Nesse momento, porém, pareceu-lhe ouvir uma voz que lhe gritava de dentro de si mesmo:

"Jean Valjean! Jean Valjean!"

Os cabelos se arrepiaram, e ele ganhou o aspecto de um homem que está ouvindo uma coisa horrível.

"Isso, acaba com tudo!", dizia a voz. "Complete o que está fazendo! Destrua esses castiçais! Apague essa recordação! Esqueça-se do bispo! Esqueça-se de tudo! Ponha a perder esse Champmathieu! Não hesite! Muito bem. Aplauda-se! Assim mesmo: está combinado, está dito e resolvido. Deixe que tudo se reduza à existência de um homem, um velho que não sabe o que lhe querem, que não fez talvez coisa alguma, um inocente, de quem o teu nome constitui toda a desgraça, sobre quem pesa com um crime, que vai ser julgado em teu lugar, que vai ser condenado e terminar os seus dias na abjeção e no horror. Muito bem! Seja um homem honesto! Continue sendo o senhor *maire*, honrado e respeitado, enriqueça a cidade, dê de comer aos indigentes, eduque os órfãos, viva feliz, virtuoso e admirado; e durante esse tempo, enquanto estiver aqui, rodeado de esplendor e alegria, haverá alguém que vestirá sua camisa vermelha, que ignorado usará seu nome e arrastará sua grilheta pelas galés! Sim, está tudo bem combinado! Ah, miserável!"

O suor corria-lhe pela fronte; e os olhos espantados não se afastavam dos castiçais. Entretanto, a voz em seu interior continuava:

"Jean Valjean. Ouvirá em torno de ti inúmeras vozes, que falarão muito alto, que farão grande ruído, que te abençoarão; mas haverá uma que ninguém mais ouvirá e que te amaldiçoará nas trevas. Pois bem! Escuta, infame! Todas essas bênçãos cairão antes de chegarem ao céu, e só a maldição subirá até Deus!"

Essa voz, a princípio fraca e que se elevava do mais obscuro de sua consciência, tornara-se gradualmente estrondosa e formidável, e ele agora a percebia em seu ouvido. Parecia-lhe que ela saía de dentro dele, mas naquele momento falava como alguém de fora. Ele acreditou ter ouvido tão distintamente as últimas palavras, que olhou por todo o quarto com uma espécie de terror.

"Há alguém aqui?", perguntou ele, em voz alta, como se estivesse desorientado. Depois acrescentou, soltando uma risada semelhante à de um idiota: "Que estúpido que eu sou! Não pode haver ninguém aqui."

Havia alguém, com efeito; mas alguém que os olhos humanos não podem ver.

Tornou a pôr os castiçais sobre a lareira.

Depois continuou seu passeio monótono e lúgubre, o qual perturbava os sonhos do homem que dormia no quarto de baixo e o despertava em sobressalto.

Essa caminhada o aliviava e o exaltava ao mesmo tempo. Parece que, às vezes, nas ocasiões supremas, nos movemos para pedir conselho a tudo o que se pode descobrir nesse deslocamento. Mas, depois de alguns instantes, ele não sabia mais onde estava.

Recuava agora, com o mesmo espanto, diante das duas resoluções que havia tomado, alternadamente. As duas ideias que o haviam aconselhado também lhe

pareciam funestas, tanto uma como a outra. Que fatalidade! Que reflexão esse Champmathieu havia proporcionado para ele! Ser precipitado justamente pelos meios que a Providência parecia, de início, ter usado para afirmá-lo!

Houve um momento em que considerou o futuro. Denunciar-se, grande Deus! Entregar-se! Considerou com imenso desespero tudo o que precisava abandonar, tudo o que precisava retomar. Era necessário, portanto, dizer adeus a uma existência tão boa, tão pura, tão radiante, ao respeito de todos, à honra, à liberdade! Não poderia mais passear pelos campos; não ouviria mais o canto dos pássaros no mês de maio; não poderia mais dar esmola às criancinhas; não sentiria mais a doçura de ser olhado com reconhecimento e amor! Deixaria aquela casa que ele mesmo havia construído, aquele pequeno quarto! Tudo lhe parecia tão encantador nesse momento. Não leria mais seus livros; não escreveria mais em sua pequena mesa branca de madeira! Sua velha porteira, a única empregada que tinha, não subiria mais ao seu quarto com o café da manhã! Meu Deus! Em vez disso, galerianos, grilhões, a camisa vermelha, as correntes nos pés, o cansaço, o cárcere, a cama dura, todos esses horrores que conhecia! Tudo isso agora, na sua idade, depois de ter chegado ao ponto em que estava! Se ao menos ainda fosse jovem! Mas, depois de velho, ser tratado como um qualquer pelo primeiro que o encontrasse, ser revistado pelos carcereiros, receber golpes de bastão dos oficiais da galé!, ter que calçar, com os pés nus, sapatos de ferro!, estender de manhã e de noite a perna ao martelo do vigia de ronda das manilhas!, suportar a curiosidade de estranhos aos quais dirão: "Aquele ali é o famoso Jean Valjean, que foi *maire* em Montreuil-sur-Mer!" À noite, molhado de suor, exausto de tanto trabalho, com o boné verde escondendo os olhos, tornar a subir, dois a dois, sob as chicotadas do sargento, a escada-escala da galé! Oh! Que miséria! O destino pode ser tão mau como um ser dotado de inteligência e se tornar tão monstruoso como o coração humano!

E, independentemente do que fizesse, caía sempre no mesmo dilema pungente que estava no fundo de sua consciência: "Continuar no paraíso transformando-se em demônio?! Ou voltar ao inferno e transformar-se em anjo?!"

O que havia de fazer, grande Deus?! O que havia de fazer?!

A tempestade de que se livrara com tanto trabalho desencadeava-se novamente em seu cérebro. As ideias voltavam a ficar confusas e apresentavam-se com a maquinal estupefação própria do desespero. O nome Romainville ocorria-lhe sem cessar ao espírito, com dois versos de uma cantiga que ouvira em outro tempo. Recordava-se de que Romainville era um bosquezinho perto de Paris, onde os jovens namorados iam colher lilases no mês de abril.

Vacilava tanto por dentro como por fora. Caminhava como uma criancinha a quem se larga a mão.

Em certos momentos, lutando contra o cansaço, fazia um grande esforço por recuperar sua inteligência. Empenhava-se, pela última vez e definitivamente, em levantar o problema sobre o qual, de algum modo, caíra exausto. Precisava mesmo se denunciar? Ou deveria permanecer em silêncio? Não conseguia ver nada com clareza. Os vagos aspectos de toda a meditação esboçada por sua imaginação tremiam e se dissipavam, um após outro, como fumaça. Só conseguia sentir que, independente de qualquer decisão que tomasse, necessária e inevitavelmente, alguma coisa teria de morrer dentro dele; entraria em um sepulcro, tanto à direita como à esquerda; experimentaria uma agonia: a agonia de sua felicidade ou a agonia de sua virtude.

Todas essas resoluções o tinham de novo assaltado. Não estava mais adiantado do que no princípio.

Assim, aquela pobre alma se debatia no meio da angústia. Mil e oitocentos anos antes desse homem desafortunado, o ser misterioso em que se resumem todas as santidades e todos os sofrimentos da humanidade tinha também, enquanto as oliveiras estremeciam com o vento feroz do infinito, afastado por muito tempo com a mão o medonho cálice que lhe parecia envolto em sombras e transbordando de trevas nas profundezas plenas de estrelas.

IV

Formas do sofrimento durante o sono

Quando soaram três horas da manhã, havia cinco horas que Madeleine caminhava de um lado para outro, quase sem interrupção. Foi então que se deixou cair sobre a cadeira.

Adormeceu e teve um sonho.

Esse sonho, como a maior parte dos sonhos, não se referia à situação senão pelo que havia de funesto e pungente, mas lhe produziu grande impressão. Esse pesadelo oprimiu-o de tal modo que mais tarde ele o relatou por escrito. É um dos papéis que

ele deixou escrito com a própria letra, e que nós julgamos importante transcrevê-lo aqui textualmente.

Qualquer que tenha sido esse sonho, ficará incompleta a história daquela noite se o omitirmos. É a sombria aventura de uma alma enferma.

Ei-lo, pois. No envelope lê-se esta linha: *O que sonhei naquela noite*.

Eu estava numa campina grande e triste onde não havia uma ervazinha sequer. Parecia-me que nem era dia nem noite.

Passeava com meu irmão, o irmão dos meus anos de infância, esse irmão no qual, devo dizer, que nunca penso e de quem quase não me lembrava mais.

Conversávamos, encontrávamos algumas pessoas que iam passando. Falávamos de uma vizinha que tínhamos tido em outro tempo, a qual, desde que morava na nossa rua, trabalhava com a janela sempre aberta. Enquanto con-versávamos, sentíamos frio por causa daquela janela aberta.

Na campina não havia árvores.

Vimos passar um homem junto de nós. Esse homem estava nu, tinha cor de cinza e montava um cavalo cor de terra. O homem não tinha cabelos; via-se-lhe o crânio e nele muitas veias. Tinha na mão uma varinha flexível com um sarmento de vinha e pesada como ferro. Esse cavaleiro passou e não disse coisa alguma.

Disse-me então meu irmão: "Vamos pegar o caminho por aquela vala."

Havia ali uma vala onde não se via nem o mais insignificante arbusto. Tudo era cor de terra; até o céu. Depois de ter dado alguns passos, não respondiam mais ao que eu falava. Reparei que meu irmão já não estava comigo.

Vi uma aldeia e entrei nela. Lembrei-me de que devia ser ali Romainville (por que havia de ser Romainville?).[2]

A primeira rua em que entrei estava deserta. Entrei em outra. Por detrás do ângulo formado pelas duas ruas estava um homem de pé, encostado à parede.

Perguntei ao homem: "Que terra é esta? Onde estou?" O homem não me respondeu. Vi a porta de uma casa aberta e entrei.

O primeiro quarto estava deserto; entrei no segundo. Por detrás da porta deste quarto estava outro homem em pé, encostado à parede.

Perguntei ao homem: “De quem é esta casa? Onde estou?” O homem não deu resposta.

A casa tinha um jardim. Passei para o jardim, que também estava deserto. Por detrás da primeira árvore encontrei ainda um homem em pé. Perguntei-lhe: “Que jardim é este? Onde estou?” O homem não respondeu.

Percorri a aldeia e percebi que se tratava de uma cidade. Todas as ruas estavam desertas e todas as portas, abertas. Não passava pelas ruas, não se encontrava nas casas, não passeava no jardim uma única alma viva; mas atrás de cada porta, e de cada árvore, estava um homem de pé, que não falava. Só se via um de cada vez; mas todos eles me viam passar.

Saí da cidade e comecei a percorrer os campos.

Passado algum tempo, voltei-me e vi atrás de mim uma grande multidão. Reconheci todos os homens que tinha visto na cidade. Tinham cabeças estranhas; pareciam não se apressar, e, contudo, andavam mais rápido do que eu. Seus passos não produziam o mínimo ruído. Num momento fui alcançado e rodeado por aquela multidão. O rosto dos homens que a compunham era cor de terra.

Então, o primeiro que eu vira quando entrei na cidade, e a quem fizera a primeira pergunta, dirigiu-me a palavra, dizendo-me: “Aonde vai? Por acaso não sabe que está morto há muito tempo?”

Abri a boca para responder e vi que não tinha ninguém ao meu redor.

Ele despertou. Estava gelado. Um vento frio como o da madrugada fazia girar nos lemes os caixilhos da janela, que ficara aberta. O fogo apagara-se e a vela estava quase no fim. Era ainda noite escura.

Levantou-se e foi direto à janela. Continuava a ausência de estrelas no céu.

De sua janela viam-se o pátio da casa e a rua. Um ruído intenso e áspero, que ressoou repentinamente no solo, fez com que abaixasse os olhos.

Viu debaixo de si duas estrelas vermelhas, cujos raios se alongavam e encurtavam de modo estranho no meio das sombras.

Como se ainda tivesse o pensamento meio submerso na neblina dos sonhos, disse consigo:

“No céu não há mais estrelas; estão agora na terra.”

Entretanto, dissipou-se essa perturbação e um segundo ruído, semelhante ao primeiro, acabou de o despertar; olhou e reconheceu que as duas estrelas eram as

lanternas de uma carruagem. Através da claridade que elas projetavam, ele pôde distinguir a forma da carruagem. Era um tílburi puxado por um pequeno cavalo branco. O ruído que ouvira era produzido pelas ferraduras do cavalo batendo na calçada. "Que tílburi é este? Quem será, tão cedo?", pensou ele.

Nesse momento, bateram-lhe brandamente à porta do quarto.

Madeleine estremeceu dos pés à cabeça e gritou com voz terrível:

— Quem está aí?

De fora, responderam:

— Sou eu, senhor *maire*.

Madeleine reconheceu a voz da velha porteira.

— Que quer? — tornou ele.

— Senhor *maire*, são quase cinco horas da manhã.

— Que tenho eu com isso?

— É que já está aí o cabriolé.

— Qual cabriolé?

— O tílburi.

— Qual tílburi?

— O senhor *maire* não mandou vir um tílburi?

— Não — disse ele.

— O cocheiro diz que veio procurar o senhor *maire*.

— Qual cocheiro?

— O do mestre Scaufflaire.

Esse nome produziu-lhe um estremecimento, como se um relâmpago caísse diante dele.

— Ah, sim! — tornou ele. — Scaufflaire!

Se a velhinha o visse naquele momento, ficaria espantada.

Seguiu-se um longo silêncio. Madeleine examinava com ar estúpido a chama da vela, tirando do pavio pedacinhos de cera derretida e rolando-os entre os dedos. A porteira continuava a esperar. Notando tudo tão silencioso, arriscou-se a erguer a voz:

— Senhor *maire*, o que digo ao cocheiro?

— Diga-lhe que já desço.

V

Defesa nas rodas

O serviço dos correios de Arras a Montreuil-sur-Mer fazia-se ainda nessa época por meio de pequenas malas-postas do tempo do império. Essas malas-postas eram uns cabriolés de duas rodas, forrados de couro branco e com apenas dois assentos em duas molas de bomba e não tendo senão dois lugares, um para o cocheiro e outro para o viajante. As rodas eram armadas de compridos cubos salientes, que obrigam outros veículos a passar a distância e que se veem ainda nas estradas da Alemanha. O cofre da correspondência, imensa caixa alongada, era colocado na parte posterior do cabriolé, formando um todo inteiriço. O cofre era pintado de preto e o cabriolé, de amarelo.

Esses veículos, aos quais não há hoje coisa alguma que se assemelhe, tinham um não sei quê de disforme e assimétrico; quando eram vistos passar de longe, correndo por alguma estrada no horizonte, assemelhavam-se a uns insetos que se chamam, segundo me parece, térmitas, os quais, tendo pequeníssima a parte dianteira do corpo, arrastam a custo uma parte traseira volumosa. Não obstante, aqueles carros eram ligeiríssimos. A mala que partia de Arras todas as noites à uma hora, depois de por ali ter passado o correio de Paris, chegava a Montreuil-sur-Mer ainda antes das cinco da manhã.

Naquela noite, a mala-posta que corria para Montreuil-sur-Mer pela estrada de Hesdin chocou-se, ao fazer a curva em uma esquina, no momento em que entrava na cidade, com um pequeno tílburi conduzido por um cavalo branco, que ia em sentido inverso e não levava senão uma pessoa: um homem encoberto em um casaco. A roda do tílburi recebeu um baque muito violento. O correio gritou àquele homem que parasse, mas ele não lhe deu ouvidos e continuou seu caminho no mesmo trote largo em que ia.

— Que pressa dos diabos ele tem! — disse o correio.

O homem que seguia assim apressado era o mesmo que há pouco vimos contorcendo-se de angústias, incontestavelmente dignas de compaixão.

Aonde ia ele? Não o poderia dizer. Por que estava com tanta pressa? Não o sabia. Caminhava ao acaso, pelo caminho que via diante de si. Mas para onde? Sem dúvida para Arras; mas é possível também que estivesse indo a outro lugar. Em certos momentos, sentia essa dúvida e estremecia. Penetrava naquela noite como num abismo. Havia qualquer coisa que o empurrava, que o atraía. Ninguém poderia

dizer o que se passava dentro dele, mas todos o compreenderão. Que homem não entrou, ao menos uma vez em toda a vida, na obscura caverna do desconhecido?

No fim de tudo, não tinha resolvido, decidido, definido, nem feito coisa alguma. Nenhum dos atos da sua consciência havia sido definitivo. Estava, mais do que nunca, como no primeiro momento.

Que motivo o levava a Arras?

Repetia o que já a si mesmo dissera, alugando o cabriolé de Scaufflaire: "Qualquer que fosse o resultado, não havia o mínimo inconveniente em ver com os próprios olhos, em julgar por si mesmo as coisas; isso era até prudente, porque precisava saber o que ocorria; jamais conseguiria decidir coisa alguma sem ter observado e escutado tudo; de longe os outeiros parecem montanhas; no fim das contas, assim que visse o tal Champmathieu, com certeza um miserável, sentiria provavelmente a consciência mais aliviada de o deixar ir para as galés em seu lugar; na verdade, ali encontraria os tais Javert, Brevet, Cheneldieu e Cochepaille, ex-forçados que o tinham conhecido, mas que, incontestavelmente, não o reconheceriam — ora, que ideia! Javert estava a cem léguas da verdade; todas as conjecturas e suposições convergiam para Champmathieu, e coisa nenhuma é tão irascivelmente teimosa como as conjecturas e as suposições; e, finalmente, não corria o menor perigo."

Sem dúvida, era um momento obscuro, mas sairia dele; além do mais, tinha seu destino, por mais infeliz que pudesse ser, em suas mãos; a escolha era sua. Agarrava-se a esse pensamento.

Mas, afinal, para dizermos tudo, preferia não ir a Arras.

Mesmo assim, estava indo.

Sem deixar de pensar, chicoteava o cavalo, que trotava de modo regular e seguro, vencendo duas léguas e meia por hora.

À medida que o cabriolé avançava, sentia alguma coisa em si que o fazia recuar.

Ao nascer do dia, já estava em uma campina; havia muito que a cidade de Montreuil-sur-Mer ficara para trás. Olhou para o horizonte que começava a alvorecer e encarou, sem as perceber, todas as feias figuras de uma aurora de inverno, que lhe passavam diante dos olhos. A manhã tem seus espectros como a noite. Não os via, mas, sem tomar conhecimento, e por uma espécie de penetração quase física, as negras silhuetas das árvores e das colinas juntavam ao estado violento de sua alma um não sei quê de morno e sinistro. Cada vez que passava por uma dessas casas que margeiam muitas vezes as estradas, dizia consigo: "Apesar de tudo, há gente ali que ainda está dormindo!"

O trotar do cavalo, o ranger dos arreios e o barulho das rodas no chão produziam um ruído suave e monótono. Essas coisas são todas encantadoras quando se está alegre; mas quando se está triste são lúgubres.

Já era dia claro quando chegou a Hesdin. Parou à porta de uma estalagem, para deixar o cavalo descansar e ser alimentado.

O cavalo, como dissera Scaufflaire, era de raça pequena do Boulonnais, de cabeça e ventre grandes, pescoço curto, mas de amplo peitoral, ancas largas, patas secas e finas, casco sólido; raça feia, mas robusta e sã. O excelente animal havia andado cinco léguas em duas horas e não tinha uma gota de suor na garupa.

Madeleine não se apeara. O moço da cavalariça que dava a aveia abaixou-se de repente e começou a examinar a roda esquerda.

— O senhor tem muito que andar? — perguntou ele.

Madeleine respondeu, quase maquinalmente, sem se desligar de sua preocupação:

— Por quê?

— Vem de muito longe?

— De cinco léguas daqui.

— Nossa!

— Por que se admira?

O moço curvou-se novamente, permaneceu por um momento silencioso com os olhos fixos na roda e depois endireitou-se, dizendo:

— É porque esta roda aqui, segundo o senhor diz, rodou cinco léguas, mas, com toda a certeza, não rodará nem mais um quarto.

Madeleine apeou-se.

— O que me diz?!

— Digo-lhe que é um milagre que o senhor tenha percorrido cinco léguas sem que caísse com seu cavalo dentro de algum barranco da estrada.

A roda estava, com efeito, muito deteriorada. O embate da mala-posta deslocara-lhe dois raios e fizera-lhe saltar fora a porca que, no cubo, segurava o eixo.

— Diga-me, meu amigo — perguntou ele ao rapaz —; há por aqui alguém que conserte rodas?

— Há, sim, senhor.

— Faça-me o favor de chamá-lo?

— Ele está logo ali. Olá, mestre Bourgaillard!

Mestre Bourgaillard, reparador de carroças, que estava no limiar de sua porta, foi logo examinar a roda e fez a careta de um cirurgião ao contemplar uma perna quebrada.

— Pode consertar essa roda imediatamente?

— Posso, sim, senhor.

— E quando poderei continuar minha viagem?

— Amanhã.

— Amanhã?!

— Isto leva um dia inteiro de trabalho. O senhor tem muita pressa?

— Muita! Não posso me demorar mais de uma hora.

— Impossível, senhor.

— Pagarei o que quiser.

— É impossível.

— E se me demorar duas horas?

— Hoje é impossível. É preciso fazer-lhe dois raios novos e o cubo. Antes de amanhã não poderá partir.

— Mas o negócio que me obriga a partir não pode esperar até amanhã. E se, em lugar de se consertar a roda, ela fosse substituída por outra?

— Substituída como?

— O senhor não trabalha com isso?

— Sim, senhor.

— Então, não tem uma roda que possa me vender? Assim, poderei continuar minha viagem imediatamente.

— Uma roda sobressalente?

— Sim.

— É que eu não tenho uma roda feita sob medida para o seu cabriolé. Duas rodas fazem um par: não se igualam assim tão facilmente.

— Nesse caso, venda-me um par de rodas.

— Mas, senhor, nem todas as rodas servem em todos os eixos.

— Experimente.

— É inútil, senhor. Não tenho para vender senão rodas para carroças. Estamos aqui numa terra muito pequena.

— Tem um cabriolé que queira me alugar?

O mestre carpinteiro logo à primeira vista percebera que o tílburi era alugado. Ao ouvir a pergunta, encolheu os ombros.

— O senhor cuida bem dos cabriolés que lhe alugam! Ainda que eu tivesse algum não o alugaria.

— Pois bem; e para me vender?

— Não tenho nenhum.

— O quê! Pois não há ao menos uma carroça qualquer? Bem vê que não sou difícil de contentar.

— Já lhe disse que isso aqui é uma terra muito pequena. Tenho aí guardada uma carruagem muito velha, de um burguês da cidade, que só se serve dela uma vez por mês. Eu a alugaria de boa vontade; que me importaria isso? Mas era preciso que o dono não o visse passar; e, além do mais, é uma caleche: precisa de dois cavalos.

— Alugarei cavalos do correio.

— Aonde é que o senhor vai?

— A Arras.

— Está mesmo resolvido a seguir?

— Com certeza.

— Com cavalos do correio?

— Por que não?

— O senhor não se importa de só chegar às quatro horas da madrugada?

— Claro que não.

— É que, veja bem, há uma coisa que devo dizer, alugando os cavalos do correio… O senhor tem passaporte?

— Tenho.

— É que alugando os cavalos do correio não chega a Arras senão amanhã. Isso aqui não é uma estrada real. As mudas são malservidas e os cavalos estão nas pastagens.

— Sendo assim, irei a cavalo. Hei de encontrar por aí alguém que me venda um selim?

— Sem dúvida. Mas esse cavalo aguenta o selim?

— É verdade, não me lembrava disso. Ele não é de sela.

— Então…

— Pois não haverá na aldeia quem me alugue um cavalo?

— Um cavalo para ir a Arras, de uma vez?

— Isso.

— Para isso seria preciso um cavalo como não há nenhum em todo este lugar. E, além do mais, como ninguém conhece o senhor, teria de o comprar. Mas o senhor não encontrará nada, nem para comprar, nem para alugar, nem por cinquenta francos, nem por mil!

— O que vou fazer então?

— O que lhe digo, como homem de bem, é que o melhor é que eu conserte a roda e o senhor continue sua viagem amanhã.

— Amanhã será tarde.

— Diabo!

— Não há uma mala-posta que vai para Arras? Quando ela passa aqui?

— Amanhã à noite. As duas malas-postas trabalham à noite, tanto a que sobe como a que desce.

— Caramba! É preciso mesmo um dia inteiro para consertar essa roda?

— Um dia inteiro, se tudo der certo!

— E colocando dois operários?

— Nem colocando dez!

— E se amarrasse os raios com cordas?

— Os raios, sim; mas o cubo, não. Além do mais, os aros também estão em péssimo estado.

— Não há quem alugue carruagens na cidade?

— Não.

— Nem há outro reparador de carruagens?

O rapaz da cavalariça e o reparador responderam ao mesmo tempo, balançando a cabeça:

— Não.

Madeleine sentiu uma alegria imensa.

Era evidente que a Providência se opunha à sua viagem. Fora ela quem lhe quebrara a roda do tílburi, obrigando-o a parar no meio do caminho. Ele não havia se rendido a essa espécie de primeira advertência; acabara de fazer todos os esforços possíveis para continuar sua viagem; esgotara, leal e cuidadosamente, todas as alternativas; não havia recuado nem diante do frio, nem diante do cansaço, nem diante das despesas; não tinha nada de que se arrepender. Se não ia mais longe, não era por falta de esforço! Já não era sua culpa; não era obra da sua consciência, mas, sim, da Providência.

Respirou, então. Respirou livremente e com toda a força dos pulmões, pela primeira vez depois da visita de Javert. Parecia-lhe que o pulso de ferro que lhe comprimia o coração havia vinte e quatro horas o largara enfim.

Parecia-lhe que Deus estava a favor dele e que acabava de lhe patentear.

Repetiu consigo que fizera tudo que estava ao seu alcance e que, então, só lhe restava voltar tranquilamente para casa.

Se o seu diálogo com o reparador de carruagem tivesse passado num quarto da estalagem, não teria tido testemunhas, ninguém teria ouvido, as coisas teriam ficado assim e é provável que não tivéssemos de contar nenhum dos acontecimentos que se seguiram; mas o diálogo passou-se na rua. Não há conversação na rua que não atraia um círculo de curiosos; há gente que não perde ocasião de saber o que não lhe diz

respeito. Enquanto Madeleine fazia perguntas ao reparador, tinham parado em volta deles algumas pessoas que iam passando. Um rapazinho em quem ninguém tinha reparado, depois de ter escutado por um instante, saiu do grupo e pôs-se a correr.

No momento em que o viajante, depois da libertação interior que registramos, tomara a decisão de desistir da viagem, tornou a aparecer o tal rapazinho, acompanhado de uma senhora que disse:

— É verdade o que o meu menino me disse? O senhor deseja alugar um cabriolé?

— É verdade, boa senhora. Estou à procura de um cabriolé para alugar — respondeu ele, apressando-se para acrescentar:

— Mas não há nessa cidade cabriolé algum.

— Há, sim, senhor — disse a velha.

— Onde? — perguntou o carpinteiro.

— Em minha casa — respondeu a velha.

Madeleine estremeceu. A mão fatal caía sobre ele outra vez.

A velha tinha, com efeito, debaixo de um alpendre, uma espécie de carro de mato. O reparador e o rapaz do albergue, desconsolados por verem o viajante escapar-lhes das mãos, intervieram.

— Isso é uma caranguejola que mete medo, além de ser montada em cima do eixo e já não ter mais mola nem mais nada; é verdade que os bancos de dentro são suspensos com correias, mas entra-lhe água quando chove e a roda está toda comida de ferrugem por causa da umidade. Não é capaz de aguentar mais do que o tílburi; uma velharia pesada e desconfortável. Esse senhor faz muito mal se acaso se meter nela. — Etc. etc.

Tudo isso era verdade, mas a caranguejola, essa velharia, esse troço, fosse como fosse, tinha duas rodas, e podia ir a Arras.

Madeleine pagou o que lhe pediram, deixou o tílburi entregue ao reparador para o consertar e encontrá-lo pronto quando voltasse, mandou meter à tal carroça o cavalo branco e continuou o caminho que seguia desde a madrugada.

No momento em que a carriola se pôs em movimento, ele confessou a si mesmo que, havia poucos instantes, sentira certa alegria ao pensar que não chegaria ao destino ao qual havia se proposto. Encarou essa alegria com uma espécie de raiva e a considerou absurda. Qual o motivo de se alegrar por ter que voltar atrás? Apesar de tudo, fazia aquela viagem livremente. Ninguém o havia forçado. E, com certeza, não aconteceria senão o que ele bem quisesse.

À saída de Hesdin, ouviu uma voz que lhe gritava:

— Pare! Pare!

Então, fez a carroça parar bruscamente, com um movimento meio febril e convulsivo, que se assemelhava à esperança.

Era o rapazinho que fora chamar a velha.

— Eu é que fui arranjar a carroça — disse ele.

— E então?

— E o senhor não me deu nada.

Ele, que dava dinheiro a todos tão facilmente, achou essa pretensão exorbitante e quase odiosa.

— Ah! É você, patife? — disse ele. — Pois não hás de ter nada!

E, fustigando o cavalo, tornou a partir a galope.

Perdera muito tempo em Hesdin, portanto queria recuperá-lo. O cavalo era vigoroso e puxava com força de dois; mas era fevereiro, tinha chovido e as estradas achavam-se em péssimo estado. E, depois, já não tinha mais o tílburi: a carroça era pesada e difícil de mover. Além de tudo, a maior parte do caminho era sempre uma subida.

Gastou perto de quatro horas para ir de Hesdin a Saint-Pol. Foram quatro horas para viajar cinco léguas.

Em Saint-Pol, parou no primeiro albergue que encontrou e mandou o cavalo para a estrebaria. Como tinha prometido a Scaufflaire, conservou-se ao pé da manjedoura enquanto o cavalo consumia a ração. Entretanto, ficou pensando em coisas tristes e confusas.

A mulher do estalajadeiro entrou na estrebaria.

— O senhor não quer almoçar? — perguntou ela.

— É verdade — disse ele —; sinto-me até com bom apetite.

Então, seguiu aquela mulher que tinha uma aparência saudável e alegre. Ela o conduziu a uma sala baixa em que havia mesas enceradas.

— Sirva-me depressa — ordenou ele —; preciso partir imediatamente. Não posso demorar-me.

Logo em seguida, apareceu uma robusta criada flamenga trazendo-lhe o talher. Madeleine contemplava a moça com certo sentimento de bem-estar.

"Era isso o que estava me fazendo mal. Não tinha ainda almoçado", pensou ele.

Serviram-lhe o almoço. Pegou o pão, deu uma dentada; depois, colocou-o vagarosamente na mesa e não tornou a tocá-lo.

Madeleine disse a um carroceiro que comia em outra mesa:

— Por que o pão deles tem esse gosto tão amargo?

O carroceiro era alemão, então não o entendeu.

Madeleine voltou para a estrebaria, para junto do cavalo.

Dali a uma hora tinha já saído de Saint-Pol em direção a Tinques, que fica a cinco léguas de Arras.

O que fez durante todo esse trajeto? Em que pensava? Como de manhã, olhava as árvores passarem, os tetos de colmo, os campos cultivados e as alterações da paisagem que se desloca a cada curva do caminho: contemplação que muitas vezes satisfaz a alma e que quase a dispensa de pensar. Ver milhares de objetos pela primeira e última vez: nada é mais profundo e melancólico! Viajar é o mesmo que nascer e morrer a cada instante. Talvez, nos recônditos de seu espírito, percebesse uma relação entre esses horizontes em contínua modificação e a existência humana. Todas as coisas da vida estão eternamente escapando do nosso olhar. A escuridão e a claridade se alternam: depois de um clarão, um eclipse; olha-se, apressa-se, estende-se a mão para agarrar o que passa; cada acontecimento é uma curva da estrada; e, de repente, chega-se à velhice. Num baque, tudo fica escuro, depara-se com uma porta obscura, o sombrio cavalo da vida que te arrastava para, então percebe-se alguém, velado e desconhecido, soltá-lo diante das trevas.

Era já a hora do crepúsculo quando algumas crianças que saíam da escola notaram aquele viajante que ia entrando em Tinques. É verdade que corria ainda a época do ano em que os dias escurecem mais cedo. O viajante não parou em Tinques. Quando ele saía da cidade, um cantoneiro que estava empedrando a estrada levantou a cabeça e disse:

— Isso, sim, é um cavalo cansado!

Com efeito, o pobre animal já não andava mais do que a passos lentos.

— O senhor vai a Arras? — perguntou o cantoneiro.

— Vou.

— Mas nesse passo não chega lá tão cedo.

O viajante fez parar o cavalo e perguntou ao cantoneiro:

— Quanto falta ainda daqui a Arras?

— Perto de sete léguas.

— Como assim? O mapa do correio marca apenas cinco léguas e um quarto.

— Ah! — disse o cantoneiro. — Então o senhor não sabe que a estrada está sendo consertada? Você a encontrará cortada a um quarto de hora daqui. Não se pode ultrapassá-la.

— Verdade?

— Mas pode tomar à esquerda, pelo caminho que vai a Carency, passar o rio e, quando estiver em Camblin, virar à direita e seguir pela estrada de Mont-Saint-Éloy, que vai a Arras.

— Mas já é quase noite, vou acabar me perdendo.

— O senhor não é daqui?

— Não.

— Então, assim, todo caminho é ruim. Olhe, meu senhor — continuou o cantoneiro —, quer que eu lhe dê um conselho? Seu cavalo está cansado; volte para Tinques. Há lá uma estalagem muito boa; descanse nela esta noite e siga amanhã para Arras.

— Preciso chegar lá esta noite.

— Isso, então, é outra coisa. Mas, de qualquer forma, vá à estalagem, alugue um cavalo de reforço. O rapaz do cavalo poderá guiá-lo pelo atalho.

O viajante adotou o conselho do cantoneiro, voltou e, dali a meia hora, tornou a passar pelo mesmo lugar, mas a trote largo, puxado então por seu cavalo e o de reforço. Sentado num dos varais da carroça ia o moço da estrebaria.

Contudo, Madeleine sentia fugir-lhe o tempo.

Já tinha anoitecido completamente quando entraram no atalho. O caminho tornou-se terrível. A carroça dava solavancos horríveis. Madeleine disse ao postilhão:

— Sempre a trote e terá gorjeta dobrada.

Com um dos solavancos partiu-se o pau da boleia.

— Senhor — disse o postilhão —, o pau da boleia se partiu. Agora não sei como hei de emparelhar os cavalos. Se o senhor quisesse voltar para Tinques ficava lá esta noite, e de manhã cedo podíamos estar em Arras.

— Não tem um pedaço de corda e uma navalha? — disse o viajante.

— Tenho, sim, senhor.

Apeou-se, cortou um ramo de árvore e substituiu o pau da boleia.

Perderam nisso mais vinte minutos, mas depois partiram a galope.

A planície estava tenebrosa. Nevoeiros muito baixos, espessos e negros como que trepavam pelas colinas, destacando-se delas como turbilhões de fumaça. Nas nuvens apareciam de vez em quando clarões esbranquiçados. Um vento forte, que vinha do mar, fazia em todos os cantos do horizonte um barulho, como se alguém estivesse arrastando móveis. Tudo o que vislumbrava tinha atitudes de terror. Quanta coisa se agita com os vastos sopros da noite! O frio o penetrava. Desde a véspera que não comia nada. Recordava-se vagamente de outra corrida noturna pelos campos, nas proximidades de Digne, havia oito anos, e parecia-lhe que fora na véspera.

De repente, ouvindo as horas num relógio longínquo, perguntou ao postilhão:

— Que horas são?

— Sete horas, meu senhor; às oito estaremos em Arras. Faltam apenas três léguas.

Nesse momento, Madeleine fez, pela primeira vez, esta reflexão, achando estranho que não lhe tivesse ainda ocorrido: refletiu que era talvez inútil todo aquele trabalho; que nem ao menos sabia a hora do julgamento; que devia ter obtido informações a tal respeito; e que era uma coisa extravagante caminhar daquele jeito, sem saber se valeria a pena tamanha fadiga. Depois calculou que ordinariamente as sessões de júri começavam às nove horas da manhã; que o processo de que se tratava não devia ser demorado; que o roubo da fruta era coisa insignificante; que não haveria em seguida senão uma questão de identidade, quatro ou cinco depoimentos e muito pouco que dizer pelos advogados; que, portanto, chegaria depois de tudo concluído.

O postilhão fustigava os cavalos. Já tinham transposto o rio e deixado atrás de si o Mont-Saint-Éloy.

A noite tornava-se cada vez mais escura.

VI

A irmã Simplice sujeita a provas

Entretanto, nessa mesma ocasião, Fantine sentia-se cheia de alegria.

Passara pessimamente a noite. Tossira muito, tivera picos de febre e sonhara muito. De manhã, quando chegara o médico, ela estava delirando. O doutor mostrara-se assustado e recomendara que o avisassem da chegada do sr. Madeleine.

Fantine conservou-se muito triste toda a manhã, falou pouco, entretendo-se ao fazer dobras nos lençóis e murmurando em voz baixa uma espécie de cálculos de distâncias. Os olhos estavam encovados e fixos, pareciam quase extintos, mas por momentos iluminavam-se e resplandeciam como estrelas. Parece que, à aproximação de uma certa hora sombria, a claridade do céu inunda os que vão ser abandonados pela claridade da terra.

Cada vez que a irmã Simplice lhe perguntava como se sentia, respondia invariavelmente:

— Estou bem. Só queria ver o sr. Madeleine.

Alguns meses antes, na época em que perdera os últimos restos de pudor, a derradeira porção de vergonha e de alegria, Fantine já não era mais do que a sombra de si mesma; agora era apenas o espectro. O mal físico completara a obra do mal moral. Aquela criatura de vinte e cinco anos tinha a fronte enrugada, as faces lívidas, as narinas contraídas, os dentes abalados, a cútis cor de chumbo, o pescoço emagrecido, as clavículas salientes, os membros mirrados, a pele terrosa, e muitos dos seus cabelos louros haviam embranquecido. Eis, infelizmente, como a doença improvisa a velhice!

Ao meio-dia o médico voltou, fez algumas prescrições, perguntou se o sr. Madeleine tinha aparecido e abanou a cabeça.

O sr. Madeleine costumava visitar Fantine pelas três horas. Como a pontualidade provinha da bondade, era pontual.

Pelas duas e meia, Fantine começou a agitar-se. No espaço de vinte minutos perguntou mais de dez vezes à religiosa:

— Que horas são, minha irmã?

Deram, afinal, três horas. Apenas soou a terceira badalada do relógio, Fantine, que mal podia se mover, sentou-se de repente na cama; juntou, com uma espécie de impulso convulsivo, as duas mãos emagrecidas e amareladas, e a religiosa ouviu sair-lhe do peito um suspiro profundo, dos que parecem aliviar de um grande peso. Fantine olhou em seguida para a porta.

Não entrou ninguém; a porta nem mesmo se abriu.

Por um quarto de hora conservou-se na mesma posição, com os olhos fixos na porta, imóvel, e como contendo a respiração. A irmã não ousava dizer-lhe coisa alguma. O relógio da igreja deu um quarto depois das três. Fantine deixou cair novamente a cabeça no travesseiro.

Não proferiu uma palavra sequer e recomeçou a fazer dobras no lençol.

Passou-se meia hora, uma hora, e não apareceu ninguém. A cada vez que ouvia o som do relógio, Fantine erguia-se um pouco, olhava para a porta e tornava logo a deixar-se cair.

Sem que ela pronunciasse nome algum, sem que se queixasse, sem que acusasse ninguém, via-se claramente o que ela pensava. A tosse é que ficava cada vez mais lúgubre. Parecia que baixara sobre ela algo obscuro. Estava lívida e com os lábios azulados. Em alguns momentos, sorria.

Soaram cinco horas; a irmã ouviu-a dizer suavemente em voz baixa:

— Mas, se eu me vou amanhã, ele faz mal em não vir me ver hoje!

A própria irmã se sentia surpreendida pela demora do sr. Madeleine.

Entretanto, Fantine olhava para o dossel do leito; parecia que tentava recordar-se de alguma coisa. De repente, pôs-se a cantar com uma voz fraquíssima. A religiosa prestou atenção. Eis o que Fantine cantava:

Eu hei de te comprar alfaias primorosas
Num passeio que der, se tu comigo fores.
Os loios são azuis, mas róseas são as rosas,
Os loios são azuis — e eu prezo os meus amores.

A Santa Virgem Maria
Veio sentar-se ao meu lado;
Trajava um manto bordado,
E disse em tom maternal:
"Pediste-me, e aqui te trago.
O que há de ser teu filhinho;
Corta-lhe fraldas de linho,
Compra algodão e um dedal."

Eu hei de te comprar alfaias primorosas
Num passeio que der, se tu comigo fores.

Boa Virgem, Santa Virgem,
Vede o seu berço de festa;
Mais ventura do que esta
Não a posso desejar.
"O que se faz deste pano
Que é tão alvo e tão bonito?…"
"Uma veste ao pequenino,
Que há de lindo lhe ficar."

Os loios são azuis, mas róseas são as rosas,
Os loios são azuis — e eu prezo os meus amores.

Lava-me a tela a preceito
No mais puro veio d'água;
Quero arranjar uma anágua
Com seu xairel de cetim.
"Meu Deus, o pobre do anjinho
Entre os vivos já não mora;
Do pano o que faço agora?…"
"A mortalha para mim."

Eu hei de te comprar alfaias primorosas
Num passeio que der, se tu comigo fores.
Os loios são azuis, mas róseas são as rosas,
Os loios são azuis — e eu prezo os meus amores.

Essa cantiga era uma velha canção de ninar, com a qual adormecia sua Cosette, e que não cantava desde que deixara de a ter consigo. Cantava-a, pois, com voz tão triste e numa toada tão suave, que fazia chorar até uma religiosa. A irmã de caridade, habituada às coisas austeras, sentiu lágrimas nos olhos.

O relógio deu seis horas. Fantine decerto não as ouviu. Parecia não dar atenção a coisa alguma que se passava ao seu redor.

A irmã Simplice mandou uma servente perguntar à porteira da fábrica se o senhor *maire* já tinha entrado e se iria sem demora à enfermaria. A servente voltou depois de poucos minutos. Fantine continuava imóvel e parecia pouco atenta às ideias que a dominavam.

A servente contou, em voz baixa, à irmã Simplice, que o senhor *maire* saíra antes das seis horas da manhã num pequeno tílburi, tirado por um cavalo, apesar do frio que fazia; que tinha ido só, sem ao menos levar um cocheiro; que não sabia o caminho que seguira; que algumas pessoas diziam tê-lo visto tomar a estrada de Arras e outras asseguravam tê-lo encontrado na estrada de Paris; que quando partira se mostrara bondoso, como de costume, e apenas dissera à porteira que não o esperasse naquela noite.

Enquanto as duas mulheres cochichavam, de costas para a cama de Fantine, a irmã fazendo perguntas e a servente fazendo conjecturas, Fantine, com a vivacidade febril própria de certas doenças orgânicas que mistura os movimentos livres da saúde à medonha magreza da morte, havia ficado de joelhos sobre a cama, apoiada no

travesseiro com os dois punhos cerrados, com a cabeça para fora das cortinas, e escutava tudo. De repente, exclamou:

— Estão falando do sr. Madeleine! Mas por que falam tão baixo? O que ele fez? Por que é que não vem?

Sua voz soou tão áspera e rouca que as duas mulheres julgaram ouvir uma voz de homem, então voltaram-se muito assustadas.

— Respondam! — gritou Fantine.

A servente balbuciou:

— A porteira me disse que o sr. Madeleine não poderá vir hoje.

— Deite-se, minha filha — disse-lhe a irmã —; fique tranquila.

Fantine, sem mudar de atitude, tornou em voz alta, e em tom ao mesmo tempo imperioso e comovente:

— Não poderá vir? Por quê? Sabem a razão, porque a diziam há pouco uma à outra. Também quero saber.

A servente disse apressadamente ao ouvido da religiosa:

— Diga-lhe que está ocupado no Conselho Municipal.

A irmã Simplice corou ligeiramente: era uma mentira o que a servente lhe aconselhara. Por outro lado, bem sabia que dizer a verdade à doente seria decerto descarregar sobre ela um golpe terrível, coisa extremamente grave no estado em que Fantine se achava. Esse rubor durou pouco. A irmã ergueu os olhos sossegados e tristes para Fantine e disse:

— O senhor *maire* ausentou-se da cidade.

Fantine endireitou-se e sentou-se sobre os calcanhares. Os olhos apresentaram, de repente, um brilho intenso; na dolorosa fisionomia resplandeceu-lhe a mais inesperada alegria.

— Partiu! — exclamou ela. — Foi buscar a minha Cosette!

Depois, ergueu ambas as mãos ao céu, patenteando em todas as feições a mais inefável expressão. Movia os lábios: rezava em voz baixa.

Quando terminou a oração, disse:

— Minha irmã, vou tornar a deitar-me; vou fazer tudo que mandarem; há pouco fui má; peço-lhe perdão por ter falado tão alto; me faz muito mal falar alto, sei bem, minha boa irmã; mas, como pode ver, estou muito contente. Deus é misericordioso, o sr. Madeleine é misericordioso. Imagine que foi a Montfermeil só para trazer a minha Cosette.

Tornou a deitar-se, ajudou a religiosa a acomodar o travesseiro e beijou uma cruzinha de prata que tinha ao pescoço e que lhe fora dada pela irmã Simplice.

— Trate de repousar agora, minha filha — disse a irmã —; não fale mais.

Fantine segurou a mão da irmã Simplice, que sofria extraordinariamente por sentir aquele suor frio da enferma, e prosseguiu:

— Foi esta manhã para Paris. Nem mesmo precisaria passar por lá. Vindo de lá, fica Montfermeil um pouco à esquerda. Lembra-se como ele me dizia "Não tarda, não tarda!", quando eu ontem lhe falava de Cosette? É uma surpresa que me quer fazer. Olhe, não sabe? Ontem fez-me assinar uma carta, dando ordem aos Thénardier para a entregarem. Eles não podem negá-la, terão de entregá-la, não é verdade? Não lhes devemos mais nada. As autoridades não consentirão que neguem uma criança, já que está tudo pago. Minha irmã, não me faça sinais para que eu pare de falar. Sinto-me muito satisfeita, estou muito melhor, até já estou boa, porque vou ver Cosette; até sinto vontade de comer. Há quase cinco anos que não a vejo. As religiosas como a minha irmã não imaginam o apego que se tem aos filhos! E, depois, como ela deve estar bonita, verá! Tem uns dedinhos tão rosados! Já deve estar com as mãos muito bonitas. Quando tinha um ano, as mãos eram ridículas. Assim! Ela já deve estar bem crescida agora. Está com sete anos. Já é uma mocinha. Eu a chamo Cosette, mas seu nome é Eufrásia. Olhe, esta manhã, eu estava olhando para a poeira que está sobre o fogão e, não sei por quê, me veio a ideia de que veria muito em breve a minha Cosette. Meu Deus! Que coisa ruim que é estar assim há anos sem ver os filhos! A gente devia se lembrar de que a vida não é eterna! Mas que bondade a do senhor *maire* em ter ido buscá-la! É verdade que faz muito frio, não é? Será que ele ao menos levou a sobrecasaca? Amanhã deve estar de volta, não é? Há de ser um dia de festa. Amanhã pela manhã, minha irmã, há de lembrar-me de pôr minha touca de renda. Montfermeil é uma região bem pequena. Noutro tempo andei aquele caminho a pé; para mim era muito longe, mas as diligências andam depressa! Amanhã estará aqui com a minha Cosette. Quantas léguas são daqui a Montfermeil?

A irmã de caridade, que não tinha a mínima ideia das distâncias, respondeu-lhe:

— Acho que poderá estar de volta amanhã.

— Amanhã! Amanhã! — exclamou Fantine. — Amanhã beijarei a minha Cosette! Veja, minha querida irmã, já melhorei da minha doença. Estou alucinada. Até dançaria, se quisessem.

Qualquer um que a tivesse visto um quarto de hora antes, não compreenderia nada. Ela agora estava corada, falava com uma voz viva e natural, figurava uma completa alegria. Em alguns momentos, ela ria, enquanto falava baixinho. Alegria de mãe é quase alegria de criança.

— Está bem — disse a religiosa —; agora que se sente feliz, é necessário que faça o que lhe digo: não fale mais.

Fantine deitou a cabeça no travesseiro e disse em voz baixa:

— Sim, deite-se, seja prudente, pois vai ter sua filha. A irmã Simplice tem razão; todos aqui têm razão.

A irmã correu as cortinas, esperando que Fantine adormecesse.

Entre as sete e as oito horas, o médico voltou. Não ouvindo o mínimo ruído, julgou que Fantine estivesse dormindo e entrou mansamente, aproximando-se do leito nas pontas dos pés. Entreabriu as cortinas e, à luz da lamparina, viu os grandes e sossegados olhos de Fantine que o fitavam.

— Não é verdade, doutor, que a poderei ter ao meu lado, numa cama pequenina?

O médico achou que ela estava delirando. Fantine acrescentou:

— Olhe, aqui tem exatamente um espaço para ela.

O médico chamou à parte a irmã Simplice, que lhe contou o que havia acontecido; contou-lhe que o sr. Madeleine se ausentara por um ou dois dias e que, na dúvida, tinham julgado útil não desenganar a doente, a qual acreditava que o senhor *maire* tinha partido para Montfermeil; que era, em suma, bem possível. O médico aprovou o que tinham feito.

Em seguida, tornou a aproximar-se da cama de Fantine, que continuou:

— É que de manhã, quando o pobre anjinho acordar, poderá logo me achar perto de si; e de noite, como eu não durmo, poderei vê-la dormir. Há de fazer-me bem a sua respiração tão suave, tão doce.

— Dê-me a sua mão — disse-lhe o médico.

Fantine estendeu-lhe o braço fora da roupa, exclamando e rindo ao mesmo tempo:

— Olhe, já não tenho nada; já estou boa! Cosette chega amanhã!

O médico ficou surpreendido. Estava, com efeito, melhor. A opressão estava menor. O pulso estava regular. Aquele pobre ser exausto fora reanimado por uma espécie de vida inesperada.

— Senhor doutor, a irmã não lhe disse que o senhor *maire* foi buscar minha joia?

O médico recomendou que fizesse silêncio e evitasse todas as emoções possíveis. Prescreveu que fizessem uma infusão de quinina pura e, caso a febre aumentasse durante a noite, dessem um calmante. À saída, disse à irmã de caridade:

— Ela está melhor. Se houvesse a felicidade de o senhor *maire* chegar amanhã com a criança, quem sabe? Há crises espantosas: têm-se visto grandes alegrias fazer parar de repente doenças muito graves; bem sei que esta é uma doença orgânica, já

muito avançada; mas todas essas coisas são de tal modo misteriosas! Se a pequenina chegasse, talvez conseguíssemos salvar Fantine.

VII

Depois de chegar ao seu destino, o viajante predispõe-se a retornar

Eram quase oito horas da noite quando a carroça que deixamos na estrada entrou no pátio do correio, em Arras. O homem a quem seguimos até este momento apeou-se, correspondeu distraidamente à solicitude dos criados da hospedaria, mandou ir embora o cavalo de reforço e conduziu pessoalmente o cavalo branco à estrebaria; depois empurrou a porta de uma sala de bilhar que havia no pavimento baixo, entrou, sentou-se e encostou-se a uma mesa. Gastara quatorze horas no trajeto que contara fazer em seis. Tinha a consciência de que a culpa não fora sua; mas, no íntimo, não se sentia desgostoso pela demora.

Pouco depois, apareceu a dona da hospedaria.

— O senhor vem pernoitar? Quer cear?

O viajante fez um sinal negativo com a cabeça.

— O moço da estrebaria disse-me que seu cavalo está muito cansado.

Nesse momento, ele rompeu o silêncio.

— Então não poderei tornar a partir amanhã de manhã?

— Ó senhor! O cavalo precisa, pelo menos, de dois dias de descanso.

Em seguida, perguntou:

— Não é aqui a agência do correio?

— É, sim, senhor.

A dona da hospedaria conduziu-o ao escritório, no qual, ao chegar, ele mostrou o passaporte e perguntou se teria como voltar naquela mesma noite para Montreuil-sur-Mer na mala-posta. Disseram-lhe que estava ainda vago o lugar ao lado do correio; reservou-o logo, já deixando pago.

— É necessário que o senhor esteja aqui à uma hora da madrugada em ponto para partir — disse-lhe o escriturário.

Feito isso, saiu da hospedaria e começou a caminhar pela cidade.

Não conhecia Arras; as ruas estavam escuras, e ele caminhava ao acaso. Contudo, parecia obstinado a não fazer qualquer pergunta. Atravessou a pequena ribeira Crinchon e achou-se num dédalo de becos e travessas, dos quais, perdido, não sabia como sair. Depois de ter hesitado por um instante, resolveu dirigir-se a um burguês, mas não sem ter olhado para todos os lados, como se receasse que alguém ouvisse a pergunta que ia fazer:

— Meu senhor — disse ele —, sabe me dizer onde fica o Palácio da Justiça, por favor?

— O senhor não é daqui? — perguntou o burguês, um homem já muito idoso. — Queira vir comigo; vou também para esses lados, isto é, para os lados da prefeitura. Como estão fazendo obras no Palácio da Justiça, os tribunais estão realizando provisoriamente as audiências na prefeitura.

— É lá também que estão fazendo os julgamentos?

— Sim, senhor. Onde hoje é a prefeitura era o palácio episcopal antes da revolução. O senhor de Conzié, que era bispo desta diocese em 1782, mandou fazer ali uma grande sala, que é a mesma em que se fazem as audiências.

Continuando a caminhar, disse o burguês:

— Se deseja assistir a algum julgamento, é tarde. As audiências terminam, ordinariamente, às seis horas.

Todavia, chegando à praça, o burguês indicou-lhe quatro grandes janelas, iluminadas, na fachada de um vasto e tenebroso edifício.

— O senhor está com sorte, parece-me que chegou a tempo. Está vendo aquelas quatro janelas? É a sala do júri; e se estão iluminadas é porque ainda não terminou a sessão. Naturalmente é alguma causa complicada e, por isso, a audiência entrou noite adentro. É algo sobre o qual o senhor se interessa? É algum processo criminal? O senhor é testemunha?

— Não venho para nada disso — respondeu ele —, preciso apenas falar com um advogado.

— Isso é diferente — tornou o burguês. — Ali onde está a sentinela é que é a porta; depois de entrar, basta subir a escada.

Ao cabo de alguns minutos, achava-se em uma sala onde havia muita gente e onde se viam, segredando nos diferentes grupos, vários advogados de toga.

É sempre uma coisa que aperta o coração ver esses agrupamentos de homens vestidos de preto, murmurando entre si junto às salas de audiência. É muito raro que a caridade e a comiseração sobressaiam nas suas palavras. A maior parte das vezes, o que sai delas são condenações resolvidas antecipadamente. Todos esses

grupos parecem, ao observador que passa e que sonha, umas tantas colmeias sombrias nas quais certos espíritos, zumbindo, constroem em comum toda sorte de edifícios tenebrosos. Aquela sala, espaçosa, iluminada com um só candeeiro, ex-sala episcopal que agora servia de sala dos passos perdidos e que era separada do tribunal por uma porta de dois batentes, estava fechada naquele momento.

A escuridão era tal que o sr. Madeleine não receou dirigir-se ao primeiro advogado que encontrou:

— Meu senhor — disse ele —, pode me dizer, por favor, em que ponto estão?

— Já acabaram — respondeu o advogado.

— Acabaram!

Essa palavra foi repetida com tamanha expressividade que o advogado voltou-se para quem a repetira.

— O senhor é, por acaso, parente do réu?

— Não, senhor. Não conheço ninguém aqui. Mas houve condenação?

— Sem dúvida. Não podia deixar de ser.

— A trabalhos forçados?

— Por toda a vida.

Madeleine continuou, com voz tão fraca que mal se ouvia.

— Foi provada a identidade?

— Que identidade? — perguntou o advogado. — Não havia identidade a provar. O caso era simples. A mulher tinha matado o próprio filho; provado o infanticídio e rejeitado o júri a premeditação, foi condenada por toda a vida.

— Então é uma mulher?

— Certamente, uma moça chamada Limosin. Mas de que falava o senhor?

— De nada; mas, se já terminou a audiência, por que é que a sala continua iluminada?

— Por causa do outro julgamento, que começou há duas horas.

— Que julgamento?

— É também um caso simples. Trata-se de uma espécie de vagabundo, um reincidente, um forçado que cometeu um roubo. Não sei o nome dele; mas tem verdadeiro aspecto de bandido. Por mim, bastava-me ver aquela cara para o mandar às galés.

— Não haverá meio de entrar na sala?

— Não acho que seja fácil, porque há muita gente lá. A audiência agora está interrompida, mas, como saíram algumas pessoas, pode ser que encontre lugar para quando continuar a sessão.

— Por onde se entra?

— Por aquela porta.

O advogado afastou-se. Em poucos instantes, Madeleine experimentara, quase ao mesmo tempo, e por assim dizer fundidas, todas as emoções possíveis. As palavras daquele indiferente tinham-lhe simultaneamente atravessado o coração como agulhas de gelo, ou lâminas candentes. Quando viu que o julgamento ainda não tinha terminado, respirou; mas não teria podido dizer se o que sentia era contentamento ou desgosto.

Aproximou-se de vários grupos e escutou o que diziam. Havia muitas causas a julgar naquele mesmo dia, dois processos simples e que deviam decidir-se com brevidade. Tinha começado pelo infanticídio e passado depois ao forçado, ao reincidente. O tal homem tinha roubado uma porção de frutas, mas isso não parecia bem provado; do que havia todas as provas era de ter estado nas galés de Toulon. Era isso o que lhe pesava mais. Já tinha terminado o interrogatório do réu e a inquirição das testemunhas; mas faltava ainda a defesa pelo advogado e o requisitório do Ministério Público; isso tudo não terminaria antes da meia-noite… O homem seria provavelmente condenado; o advogado do procurador régio era muito bom — *nunca lhe escaparam* os acusados —; era um moço de talento, que até fazia versos.

Junto da porta que comunicava com a sala da audiência estava um oficial de justiça, a quem o sr. Madeleine perguntou:

— Meu senhor, esta porta será aberta daqui a pouco?

— Não, senhor; ela não será mais aberta.

— Mas não voltarão a abri-la quando recomeçar a audiência? Não é verdade que a audiência foi interrompida?

— A audiência já recomeçou — respondeu o oficial de justiça —, mas a porta não será mais aberta.

— Por quê?

— Porque a sala está cheia.

— Mas não haverá um lugar?

— Nem um só. A porta está fechada, portanto não pode entrar mais ninguém. — Depois de um momento de silêncio, acrescentou: — Há ainda dois ou três lugares atrás do senhor juiz; mas ele só permite o acesso aos funcionários públicos.

O oficial de justiça disse essas palavras e voltou-lhe as costas.

O sr. Madeleine retirou-se cabisbaixo, atravessou a antessala e tornou a descer a escada vagarosamente, como se hesitasse a cada passo. É provável que ainda estivesse remoendo internamente alguma questão. O violento combate que nele se travara desde a véspera não terminara ainda; e a cada instante se via envolvido em um novo

entrave. Chegando ao patamar da escada, encostou-se ao corrimão e cruzou os braços. De repente, desabotoou a sobrecasaca, tirou do bolso uma caderneta, rasgou-lhe uma folha e escreveu nela rapidamente, a lápis, estas palavras: *Madeleine,* maire *de Montreuil-sur-Mer*. Depois, tornou a subir a escada com toda a pressa, atravessou por entre a multidão, foi direto ao oficial de justiça e entregou-lhe o papel, dizendo ao mesmo tempo com autoridade:

— Leve isto ao senhor juiz.

O oficial pegou o papel, lançou-lhe os olhos e obedeceu.

VIII

Entrada de favor

O *maire* de Montreuil-sur-Mer, sem que mesmo o suspeitasse, tinha uma certa celebridade. Havia sete anos que a sua reputação de virtudes percorria todo o Baixo Boulonnais, acabando por ultrapassar os limites de um pequeno território e espalhando-se pelas províncias vizinhas. Além do serviço que prestara à capital do distrito, restaurando ali a indústria dos vidrilhos pretos, não havia uma só das cento e quarenta comunas de Montreuil-sur-Mer que não lhe devesse algum benefício. Tinha até achado o modo de ajudar e fecundar as indústrias dos outros distritos. Foi assim que ele, numa ocasião crítica, sustentara com seu crédito e seus fundos a fábrica de tecidos de Boulogne, a fiação mecânica de linho de Frévent e a manufatura hidráulica de tecidos de Boubers-sur-Canche. Por toda parte se pronunciava com veneração o nome do sr. Madeleine. Arras e Douai invejavam o *maire* da pequena, mas feliz, Montreuil-sur-Mer.

O conselho do Supremo Tribunal de Douai, que presidia a audiência, conhecia, como toda a gente, aquele nome tão profundo e universalmente respeitado. Quando o oficial de justiça abriu discretamente a porta que comunicava a casa do conselho com a sala da audiência, dizendo por trás da cadeira do juiz "Este senhor deseja assistir à audiência", o presidente fez um gesto de deferência e solicitude, pegou uma pena, escreveu algumas palavras no mesmo papel e tornou a dá-lo ao oficial, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Mande entrar.

O pobre homem de quem contamos a história ficara junto da porta da sala, no mesmo lugar em que o oficial de justiça o deixara. Mesmo absorto em seus pensamentos ouviu que alguém lhe dizia:

— O senhor *maire* dá-me a honra de me seguir?

Era o mesmo oficial de justiça que pouco antes lhe voltara as costas, mas que agora o cumprimentava curvando-se até o chão. Ao mesmo tempo, entregou-lhe o papel. O sr. Madeleine desdobrou-o e, como se achava próximo do candeeiro, pôde ler:

"O presidente do tribunal apresenta os seus respeitos ao sr. Madeleine."

Amarrotou nas mãos o papel, como se as poucas palavras ali contidas tivessem sabor estranho e amargo.

Em seguida, acompanhou o oficial.

Dali a pouco, achava-se numa espécie de gabinete estucado, de aspecto austero e iluminado por duas velas, colocadas sobre uma mesa de pano verde. Tinha ainda no ouvido as palavras do oficial de justiça, que acabara de o deixar: "Aqui é a sala do conselho, basta levantar o fecho desta porta para entrar na sala da audiência, bem atrás da cadeira do senhor presidente." Em sua mente, essas palavras misturavam-se a uma ligeira lembrança dos corredores estreitos e das escadarias escuras que acabava de percorrer. O oficial deixara-o só. Chegara o momento supremo. Ele tentava se manter concentrado, mas não conseguia. É sobretudo nas horas em que seria mais necessário ligá-los às realidades pungentes da vida que todos os fios do pensamento se rompem no cérebro. Achava-se exatamente no local em que os juízes deliberam e condenam. Observava com estúpida tranquilidade aquela sala pacífica e temível, onde tinham sido destruídas tantas existências, onde seu nome ia em breve ressoar e que seu destino atravessava naquele momento. Olhava para as paredes e admirava-se de ser ele quem ali se achava.

Havia vinte e quatro horas que não ingeria alimento algum; tinha o corpo despedaçado pelos solavancos da carroça, mas parecia não sentir nada.

Ele se aproximou de um quadro de moldura preta que estava pendurado à parede e tinha, sob o vidro, uma velha carta autografada de Jean-Nicolas Pache, *maire* de Paris e ministro, datada, sem dúvida por engano, de 9 de junho do ano II, época em que Pache enviava à comuna a lista dos ministros e deputados detidos como prisioneiros em suas casas. Uma testemunha que o tivesse visto e observado naquele instante teria certamente imaginado que aquela carta lhe parecia bastante interessante, pois ele não tirou os olhos dela e a releu duas ou três vezes. Lia sem prestar atenção e sem tomar conhecimento. Pensava apenas em Fantine e Cosette.

Mesmo absorto ainda em seus pensamentos, voltou-se e viu a aldrava da porta que o separava da sala de audiência. Quase se esquecera daquela porta. Os olhos, em princípio sossegados, fixaram-se nela, presos àquela argola de cobre; depois foram tomados de sustos e pouco a pouco denotando o mais sombrio espanto. O suor, escorrendo entre os cabelos, corria-lhe pelas têmporas.

Em certo momento, com uma espécie de autoridade mesclada de rebelião, fez o gesto indescritível que quer dizer, e que diz tão bem: "Céus! Quem é que está me obrigando?" Depois, voltou-se de repente, viu diante de si a porta por onde tinha entrado, foi direto a ela, abriu-a e saiu. Não estava mais na sala do conselho, estava fora, em um corredor; um corredor longo, estreito, cheio de degraus e guichês, repleto de toda sorte de ângulos, iluminado aqui e ali por uma luz fosca, como as que à cabeceira dos doentes; o mesmo corredor pelo qual havia entrado. Respirou fundo e apurou o ouvido; não ouviu o menor ruído nem atrás de si nem à sua frente, mesmo assim fugiu como se o perseguissem.

Depois de ter dado diferentes voltas pelo corredor, apurou novamente o ouvido. Sempre o mesmo silêncio e as mesmas sombras em torno de si. Faltava-lhe o fôlego e tremiam-lhe as pernas; encostou-se à parede. A parede estava fria, o suor corria gelado em sua fronte; desencostou-se, trêmulo.

Então, sozinho, de pé, no meio daquela escuridão, tremendo de frio e de outra coisa talvez, pôs-se a pensar.

Pensara ao longo de toda a noite, pensara ao longo de todo o dia, e já não ouvia em seu íntimo senão uma voz que lhe bradava: "Ai de ti!"

Decorreu assim um quarto de hora. Afinal, curvou a cabeça, suspirou com sensação de sufocamento e retrocedeu, caminhando muito vagarosamente e extremamente abatido. Parecia que alguém o encontrara em fuga e o reconduzira de volta.

Tornou a entrar na sala do conselho. A primeira coisa que olhou foi para a aldrava da porta. Essa aldrava, de cobre polido, resplandecia a seus olhos como uma estrela sinistra. Encarou-a como um cordeiro poderia encarar o olhar de um tigre.

Não conseguia afastar os olhos dela.

De vez em quando, dava um passo e se aproximava da porta. Se prestasse atenção, ouviria o confuso murmúrio que vinha da sala vizinha; mas não escutava, não ouvia nada.

De repente, sem que soubesse como, achou-se em frente à porta, segurando convulsivamente a aldrava. A porta se abriu.

Estava na sala de audiência.

IX

Lugar em que as convicções estão prestes a se formar

O sr. Madeleine deu um passo, tornou a fechar maquinalmente a porta atrás de si e conservou-se de pé, contemplando o que acontecia.

Era um vasto recinto frouxamente iluminado, ora cheio de rumor, ora em completo silêncio, onde todo o aparato de um processo criminal se desenvolvia, com sua gravidade mesquinha e lúgubre, no meio da multidão.

Em um extremo da sala em que se achava, juízes com ar distraído, de togas muito usadas, roendo as unhas ou fechando os olhos com sono; no extremo oposto, uma multidão de esfarrapados; gente da justiça em toda espécie de atitude; soldados de fisionomias honestas e rudes; velhos madeiramentos manchados, teto sujo, mesas cobertas de sarja mais amarela que verde, portas encardidas pelas marcas de mão; pregadas ao forro, lamparinas de taberna faziam mais fumaça que iluminavam; em cima das mesas, velas acesas em castiçais de cobre; escuridão, sujeira, tristeza; e de tudo isso emanava uma impressão austera e augusta, porque nisso se podia sentir essa grande invenção humana que se chama lei e essa grande invenção divina que se chama justiça.

Ninguém de toda aquela multidão atentou à entrada dele. Todos os olhos convergiam para um único ponto, um banco de madeira, encostado à portinha que ficava à esquerda do presidente. Nesse banco, iluminado por muitas velas, estava sentado um homem entre dois gendarmes.

Esse homem era *o homem*.

O sr. Madeleine não precisou procurá-lo, viu-o logo. Os olhos foram em direção a ele, como se soubessem antecipadamente onde o haviam de encontrar.

Julgou ver a si mesmo, envelhecido, não completamente semelhante nas feições, mas, sim, na atitude e no aspecto, com os cabelos eriçados, com o olhar bravo e inquieto, com uma blusa igual à que ele usava no dia que entrara em Digne, cheio de ódio e ocultando na alma o pavoroso tesouro de pensamentos medonhos que acumulara em dezenove anos de galés.

Então, estremecendo, disse consigo: “Oh, meu Deus! Voltarei a ser assim?”

O acusado parecia ter, pelo menos, sessenta anos, e apresentava um aspecto rude, estúpido e assustado.

Ao ruído produzido pela porta, tinham se afastado os que se achavam próximos

para dar lugar ao recém-chegado; o presidente olhara para aquele lado e, compreendendo que o personagem que entrara era o *maire* de Montreuil-sur-Mer, cumprimentara-o. O advogado do procurador régio, que conhecera o sr. Madeleine em Montreuil-sur-Mer, aonde as funções de seu ministério o tinham chamado mais de uma vez, reconheceu-o e cumprimentou-o também. Ele apenas reparou nos cumprimentos; parecia alucinado; não fazia mais que olhar.

Juízes, um escrivão, gendarmes, uma multidão de cabeças cruelmente curiosas, era o que já tinha visto uma vez, em outro tempo, havia vinte e sete anos. Tornava a encontrar todas essas coisas funestas; estavam todas ali, moviam-se, existiam; não representavam um esforço de sua memória, ou miragem de seu pensamento; eram verdadeiros juízes e verdadeiros gendarmes, uma verdadeira multidão de verdadeiros homens, feitos de carne e osso. Era um fato; ele viu reaparecer e reviver ao seu redor, com tudo o que a realidade tem de espantoso, os aspectos monstruosos de seu passado.

Via tudo aquilo como se estivesse diante de um abismo.

Sentiu-se horrorizado, fechou os olhos e exclamou no mais profundo de sua alma: "Nunca!"

E por um trágico jogo do destino que fazia vacilarem todas as suas ideias, quase enlouquecendo, tinha na sua presença um homem que era a sua sombra, que era outro ele a quem iam julgar e a quem todos chamavam de Jean Valjean!

Não faltava nada; o mesmo aparato, a mesma hora da noite, quase os mesmos rostos de juízes, de soldados e de espectadores. A única diferença consistia em que por cima da cabeça do juiz havia um crucifixo, coisa que não se via nos tribunais do tempo em que fora condenado. Deus, quando o tinham julgado, estava ausente.

Atrás dele havia uma cadeira; sentou-se, apavorado pela ideia de que poderiam vê-lo. Quando já estava sentado, aproveitou-se de uma pilha de papéis que havia sobre a mesa dos juízes para esconder seu rosto de toda a sala. Assim podia ver sem ser visto. Recobrou completamente o senso de realidade; pouco a pouco foi retomando a presença de espírito. Chegou, por fim, à fase do sossego, em que é possível escutar.

O sr. Bamatabois era um dos jurados.

Procurou Javert, mas não o viu. O banco das testemunhas ficava oculto pela mesa do escrivão. Além disso, como já dissemos, a sala estava quase às escuras.

No momento em que ele entrou, o advogado do réu terminava seu discurso de defesa. A atenção geral chegara ao maior grau de excitação; a audiência já durava três horas. Havia três horas que aquela multidão estava vendo vergar, pouco a pouco, sob o peso de terrível verossimilhança, um homem, um desconhecido, uma espécie

de ser miserável, profundamente estúpido ou profundamente hábil. Esse homem, já sabemos, era um vagabundo que havia sido encontrado em um campo, levando consigo um ramo carregado de frutas maduras roubado de um terreno vizinho, o de Pierron. Quem era esse homem? Fizera-se a inquirição, tinham sido ouvidas as testemunhas, unânimes em seus depoimentos; esclarecimentos brotaram de todos os pontos da contestação. A acusação dizia:

— Temos diante de nós não somente um ladrão de frutas, um larápio; temos em nosso poder um bandido, um ex-forçado, um celerado dos mais perigosos, um malfeitor chamado Jean Valjean, a quem a justiça procura há muito tempo e que há oito anos, saindo das galés de Touslon, roubou na estrada, com mão armada, um rapaz saboiano chamado Gervais, crime previsto pelo art. 383 do Código Penal, pelo qual o processaremos depois, quando a identidade estiver judicialmente provada. Além disso, cometeu agora um novo roubo. É um caso de reincidência. Condenai-o pelo fato recente; mais tarde será julgado pelo fato remoto.

Diante dessa acusação, diante da unanimidade das testemunhas, o réu se mostrava, sobretudo, espantado. Ou fazia sinais e gestos negativos ou olhava para o teto. Falava com dificuldade, respondia com embaraço, mas, dos pés à cabeça, todo ele era uma negativa. Estava como um idiota na presença de todas aquelas inteligências dispostas em batalha em volta dele, e como um estranho no meio daquela sociedade que lhe botara a mão. Entretanto, o que estava em questão para ele era o futuro ameaçador, a verossimilhança aumentava a cada minuto, e toda aquela gente aguardava, com mais ansiedade que ele próprio, a sentença cheia de calamidades que se inclinavam mais e mais sobre ele. Uma eventualidade deixava até entrever, além das galés, a possível pena de morte, se a identidade fosse reconhecida e se o caso do pequeno Gervais mais tarde também terminasse em condenação. Que homem era aquele? De que natureza era a sua apatia? Seria imbecilidade ou astúcia? Compreendia tudo ou nada? Eram essas as perguntas que dividiam a multidão, e que pareciam dominar também o júri. Havia naquele processo o que assusta e o que confunde; o drama não só era sombrio, mas também obscuro.

O defensor do réu desempenhara admiravelmente a sua missão, com aquela linguagem de província que há muito tempo constitui a eloquência dos tribunais, muito empregada antigamente por todos os advogados, tanto em Paris quanto em Romorantin ou em Montbrison, e que hoje, tornando-se clássica, só é falada pelos oradores oficiais do tribunal, aos quais se adapta pela sonoridade grave e pelo ritmo majestoso; linguagem na qual o marido é chamado de *esposo*; a mulher é chamada de *esposa*; Paris, de *centro das artes e da civilização*; o rei, de *monarca*; o bispo, de *santo pontífice*; o advogado-geral, de *intérprete eloquente da vindita*; os discursos, de

palavras que acabamos de ouvir; o século de Luís XVI, de *grande século*; um teatro, de *templo de Melpomène*; a família reinante, de *augusto sangue de nossos reis*; um concerto, de *solenidade musical*; o sr. general-comandante do departamento, de *ilustre guerreiro que* etc.; os alunos do seminário, de *tenros levitas*; os erros imputados aos jornais, de *impostura que destila seu veneno na coluna desses órgãos* etc. etc. O advogado, então, começara por se explicar sobre o roubo das frutas, coisa desconfortável para um bom estilo de oratória; mas o próprio Bénigne Bossuet foi obrigado a aludir a uma galinha, em plena oração fúnebre, e soube sair desse grave embaraço pomposamente. O advogado estabelecera que não estava materialmente provado o roubo das frutas. Seu cliente, a quem ele, na qualidade de defensor, persistia em chamar Champmathieu, não fora visto por pessoa alguma escalando o muro, ou quebrando o tronco. Tinham-no prendido conduzindo aquele tronco (a que o advogado preferia chamar ramo), mas ele dizia tê-lo achado no chão. Onde estava a prova contrária? Não havia dúvida de que aquele tronco fora quebrado e subtraído depois da escalada, e em seguida abandonado pelo ladrão assustado; havia, sem dúvida, um ladrão; mas o que provava que fosse Champmathieu esse ladrão? Uma única circunstância. A sua qualidade de ex-forçado. O advogado não negava que essa qualidade parecesse, desgraçadamente, provada; o acusado residira em Faverolles, exercera ali a profissão de podador; o nome de Champmathieu bem podia ter tido por origem o de Jean Matheus; tudo isso era verdade; enfim, quatro testemunhas reconheciam sem hesitar e positivamente Champmathieu como sendo o forçado Jean Valjean; a essas indicações, a essas testemunhas, não podia o advogado opor senão as negativas do seu cliente, negativas interessadas e, portanto, suspeitas; mas mesmo supondo que fosse o forçado Jean Valjean, era isso prova de que tivesse roubado as frutas? Era, quando muito, uma suposição, não uma prova. O defensor, "em sua boa-fé", deveria reconhecer que o acusado, isso era verdade, havia adotado "um mau sistema de defesa"; obstinara-se em negar tudo: o roubo e sua qualidade de ex-forçado. Se tivesse admitido esse último ponto, teria sido muito melhor, com toda a certeza, e teria conciliado a indulgência dos juízes; o advogado já o havia aconselhado, mas o acusado negava obstinadamente, crendo, sem dúvida, salvar tudo não confessando nada. Era um erro; mas não precisamos considerar a insuficiência daquela inteligência. Aquele homem era visivelmente ignorante. Sua longa permanência nas galés tinha-o embrutecido, consequentemente, defendia-se mal. Mas isso seria uma razão para o condenarem? E quanto ao caso de Gervais, o advogado não tinha que o discutir, porque isso não fazia parte da acusação. O advogado concluíra suplicando ao júri, se achasse evidente a identidade de Jean Valjean, que lhe aplicasse as penas de polícia que puniam o condenado quando

mudava de residência sem licença, e não o espantoso castigo que as leis impunham ao forçado reincidente.

O advogado-geral replicou ao defensor do réu; foi veemente e cheio de floreios, como são ordinariamente os advogados-gerais.

Felicitou o advogado pela sua "lealdade", de que se aproveitou com extrema finura. Atacou o acusado com todas as concessões do defensor. O advogado parecia concordar que o acusado fosse Jean Valjean. Tomou nota. O homem era, sem dúvida, Jean Valjean. Isso já estava estabelecido pela acusação e não podia ser contestado. Nesse ponto, através de uma hábil antonomásia, remontando às fontes e às causas da criminalidade, o advogado-geral bradou contra a imoralidade da escola romântica, que surgia então sob o nome de *escola satânica*, sobre a qual soube por intermédio dos críticos dos jornais *La Quotidienne* e *L'Oriflamme*; ele atribuiu, não sem verossimilhança, à influência dessa literatura perversa o delito de Champmathieu, ou, melhor dizendo, de Jean Valjean. Depois dessas considerações, passou a tratar do próprio Jean Valjean. Quem era Jean Valjean? Descrição de Jean Valjean: um monstro vomitado etc. O modelo desse tipo de descrição está nas palavras de Teramenes, que não são úteis à tragédia,[3] mas que todos os dias prestam grandes serviços à eloquência judiciária. O auditório e os jurados "tremeram". Concluída a descrição, o advogado-geral continuou, com uma habilidade de oratória feita para excitar no mais alto grau, na manhã seguinte, o entusiasmo do *Jornal da Prefeitura*:

— E é um homem desse tipo etc. etc. etc., vagabundo, mendigo sem meios de subsistência etc. etc., habituado pela sua vida passada às ações culpáveis e pouco corrigido pela pena de galés, como o prova o crime cometido contra o pequeno Gervais. É semelhante homem que, encontrado numa estrada em flagrante delito de roubo, a poucos passos do muro que havia acabado de escalar tendo ainda nas mãos o objeto roubado, nega o flagrante delito, o roubo, a escalada, nega tudo, nega até o próprio nome, nega até a própria identidade! Além de cem outras provas sobre as quais não insistimos, quatro testemunhas o reconheceram: Javert, o íntegro chefe de polícia, e três dos seus antigos companheiros de ignomínia, os forçados Brevet, Chenildieu e Cochepaille. Que opõe a essa unanimidade relampejante? Nega tudo. Que endurecimento! Sei que farão justiça, senhores jurados etc. etc.

Enquanto o advogado-geral falava, o acusado escutava-o boquiaberto, com uma espécie de espanto que não era isento de admiração. Achava-se evidentemente surpreendido de que um homem pudesse falar daquele jeito. De tempos em tempos, nos momentos mais "enérgicos" do requisitório, nos instantes em que a eloquência, não podendo conter-se, transbordou num fluxo de epítetos infamantes, e envolveu o

acusado como uma tempestade, ele meneava lentamente a cabeça da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, espécie de protesto mudo e triste com que se contentara desde o começo do julgamento. Duas ou três vezes, os espectadores colocados mais perto dele ouviram-no dizer a meia-voz:

— Aqui está o que eu fiz em não pedir ao sr. Baloup!

O advogado-geral chamou a atenção do júri para aquela atitude estúpida, evidentemente calculada, e que denotava não imbecilidade, mas destreza, astúcia, hábito de iludir a justiça, e que expunha completamente a "profunda perversidade" daquele homem. Terminou, em seguida, mostrando-se reservado em relação ao caso do pequeno Gervais e reclamando severa punição.

Essa punição, como se deve lembrar, era o trabalho forçado por toda a vida.

O defensor levantou-se, começou cumprimentando o "senhor advogado-geral" por suas "admiráveis palavras" e, em seguida, replicou como pôde, mas com menos firmeza: era claro que o terreno lhe fugia debaixo dos pés.

X

O sistema de negativa

Chegara o momento de terminar o julgamento. O presidente mandou que o réu se levantasse e dirigiu-lhe a pergunta de praxe:

— Tem alguma coisa a acrescentar à sua defesa?

O réu, de pé, rolando nas mãos seu horrível boné, pareceu não ouvir.

O presidente repetiu a pergunta.

Dessa vez, o homem ouviu. Parecia ter compreendido. Fez um movimento como de quem desperta, olhou ao redor, encarou o público, os soldados, seu advogado, os jurados e o presidente, pousou o punho monstruoso sobre a grade de madeira que ficava diante de seu assento, tornou ainda a olhar para tudo e, de repente, encarando o advogado-geral, começou a falar. Foi como uma irrupção. Pelo modo como as palavras lhe saíam da boca, incoerentes, impetuosas, embatendo-se umas com as outras e em perfeita confusão, parecia que lhe acudiam todas de uma vez, para saírem ao mesmo tempo. Ele disse:

— O que eu tenho a dizer é que fui reparador de carruagens em Paris, mesmo enquanto estive na casa do sr. Baloup. É uma peste aquele trabalho das carruagens; trabalha-se sempre ao sol, nos pátios ou debaixo de telheiros, se o patrão é melhor, mas nunca em oficinas fechadas, porque é necessário que haja bastante espaço. No inverno, a gente sente tanto frio que é preciso bater os braços, mas os patrões não estão nem aí para isso: dizem que isso nos faz perder tempo. Lidar com ferro é uma coisa que custa muito quando o pavimento está coberto de neve. Isto dá cabo de um homem muito depressa. Envelhece-se em pouco tempo: quando um homem tem quarenta anos já está acabado. Eu tinha cinquenta e três e estava muito doente. Além do mais, os operários são tão maus! Quando um homem não é mais jovem, logo é chamado de velho tolo, de velho burro! Não ganhava mais que trinta soldos por dia; os mestres aproveitavam da minha idade e me pagavam o mais barato que podiam. Além do mais, tinha a minha filha, que era lavadeira e que ganhava também alguma coisa; para os dois até que bastava. A moça levava também muito má vida. Todo dia metida numa tina até quase a cintura, exposta à chuva, à neve e ao vento; ainda que caia neve é preciso lavar sem descanso: há gente que tem pouca roupa e que está sempre à espera da lavadeira; se não se lavar a qualquer tempo, perdem-se os fregueses. As tábuas são mal colocadas e a água cai por toda parte. Estava ali uma mulher com a saia toda molhada por dentro e por fora! Ela trabalhava também no lavadouro dos Enfants Rouges, onde a água sai por umas torneiras. Lá não existem as tinas. A lavadeira lava as roupas na torneira e enxágua do outro lado, no tanque. Como é casa fechada, sente-se menos frio no corpo; mas fazem lá uma barrela de água quente que dá cabo da vista. Minha filha vinha para casa às sete horas da noite, e sempre tão estafada que logo se deitava. O marido batia-lhe, e ela morreu. Nunca fomos felizes. Sempre foi uma moça tão sossegada que nunca saía para se divertir. Ainda me lembro de um dia de carnaval em que ela às oito horas já estava deitada. Isso que eu digo é verídico; não têm mais do que indagar. Mas é verdade! Que bruto que eu sou! Indagar o quê? Paris é muito grande: quem é que conhece ali o Champmathieu? Ainda assim, perguntem ao sr. Baloup. E quanto ao resto, nem eu sei o que me querem.

O homem calou-se e continuou de pé. Tinha dito tudo isso com uma voz alta, breve, rouca e áspera, e com uma espécie de ingenuidade irritada e selvagem. No meio do seu depoimento interrompera-se para cumprimentar alguém que estava na multidão. Aquelas afirmativas que ele parecia lançar ao acaso saíam-lhe como soluços, acompanhando cada uma delas com o gesto de um lenhador, quando descarrega o machado.

Quando terminou, todo o auditório começou a rir. Olhando então para o público e, vendo que todos riam, sem que compreendesse o motivo, riu também.

Foi uma coisa sinistra.

O presidente, homem reto e ao mesmo tempo benévolo, elevou a voz.

Recordou aos "senhores jurados" que "o sr. Baloup, antigo mestre reparador de carruagens, na casa de quem o acusado dizia ter trabalhado, fora inutilmente citado. Tinha falido, por isso não fora possível encontrá-lo". Depois, voltando-se para o acusado, convidou-o a escutar o que ia dizer-lhe e acrescentou:

— O acusado está numa situação em que precisa refletir. Pesam sobre a sua cabeça suspeitas muito graves e que lhe podem produzir consequências capitais. Acusado, em seu interesse, interpelo-o mais uma vez; explique-se claramente sobre estes dois fatos: em primeiro lugar, saltou ou não o muro do terreno de Pierron, partiu o tronco e roubou as cidras, isto é, cometeu o crime de roubo e invasão? Em segundo lugar, é ou não o forçado Jean Valjean?

O acusado meneou a cabeça com o ar de um homem que compreendeu muito bem e que sabe o que vai responder. Abriu a boca, voltou-se para o presidente e disse:

— Em primeiro lugar…

Em seguida, olhou para o boné, depois para o teto, e se calou.

— Acusado — tornou o advogado-geral com voz severa —, preste atenção ao que lhe dizem. Não está respondendo a coisa alguma das que lhe perguntam. Sua perturbação o condena. É evidente que não se chama Champmathieu, que é o forçado Jean Valjean, em princípio ocultado sob o nome de Jean Matheus, que era o nome de sua mãe; que esteve em Auvergne e que nasceu em Faverolles, onde exercia a profissão de podador de árvores. É evidente que roubou, pulando o muro de uma propriedade privada, algumas cidras maduras do terreno de Pierron. Tudo isso está devidamente apreciado pelos senhores jurados.

O acusado tinha se sentado; mas quando o advogado-geral acabou de falar, levantou-se arrebatadamente e exclamou:

— O senhor é que é um homem ruim! Aqui está o que eu queria dizer. Eu não soube como dizer antes. Eu não roubei nada; sou um homem que não come todos os dias. Eu vinha de Ailly e seguia meu caminho depois de uma pancada de água que tinha alagado tudo, ficou tudo um lamaçal e só sobrou umas pontinhas de ervas à beira da estrada; foi então que eu vi no chão um tronco quebrado e que tinha algumas cidras; apanhei-o, e nem sequer me lembrei de que podia me meter em confusão. Há três meses que estou preso e que me arrastam de um lado para outro. Depois disso, não sei o que hei de dizer; falam contra mim, pedem que eu responda!

O gendarme, que é bom rapaz, toca-me com o cotovelo e me pede também devagarinho que responda. Eu sou um pobre homem sem estudo: não sei me explicar. Aqui está o que é mau que não vejam. Não roubei, apanhei o que estava no chão. Estão aí falando em Jean Valjean e em Jean Matheus! Não conheço essa gente! São aldeões. Eu trabalhei na casa do sr. Baloup, no Boulevard de l'Hôpital, e me chamo Champmathieu. E, depois, divertem-se a dizer-me onde foi que nasci. Mas eu mesmo não o sei. Nem toda a gente têm casa para vir ao mundo. Seria muito cômodo. O que eu sei é que meu pai e minha mãe andavam sempre por essas estradas. Quando era pequeno chamavam-me rapaz e agora chamam-me velho. Esses é que são os meus nomes de batismo; tomem lá isso como quiserem. Estive em Auvergne e em Faverolles! E que tem lá isso? Então não pode um homem ter estado em Auvergne e em Faverolles sem ter estado também nas galés? O que eu posso dizer é que não roubei nada, que sou o Champmathieu e que estive na casa do sr. Baloup; que tive domicílio. As burrices de vocês é que já estão me aborrecendo. Por que é que andam assim encarniçados atrás de mim?

O advogado-geral continuou de pé; assim que o réu se calou, dirigiu-se ao presidente:

— Senhor presidente, em presença das negativas confusas, mas extremamente hábeis do acusado, que deseja passar por idiota, mas que, prevenimo-lo, não o conseguirá, requeremos ao senhor presidente e ao tribunal que se digne chamar novamente a este recinto os condenados Brevet, Cochepaille e Chenildieu e o inspetor de polícia Javert, para serem interpelados ainda uma vez sobre a identidade do acusado como o ex-forçado Jean Valjean.

— Devo observar ao senhor advogado-geral — disse o presidente — que o inspetor de polícia Javert, chamado, no exercício das suas funções, à sede do vizinho distrito, apenas fez o seu depoimento e saiu, não só da audiência, mas da cidade. Concedemos-lhe a autorização para se retirar, com assentimento do advogado-geral e do defensor do réu.

— É fato, senhor presidente — tornou o advogado-geral. — Mas, visto a ausência do sr. Javert, julgo dever recordar aos senhores jurados o que ele há poucas horas disse neste mesmo lugar. Javert é um homem geralmente estimado e que honra pela rigorosa e estrita probidade de suas funções subalternas, mas importantes. Eis o seu depoimento: "Não necessito de presunções morais e provas materiais que desmintam as negativas do acusado. Reconheço-o perfeitamente. Esse homem não se chama Champmathieu; é um ex-forçado de péssimas qualidades e muito temido chamado Jean Valjean. Houve até grande pena de o soltarem, apesar de haver concluído o tempo do castigo. Sofreu dezenove anos de trabalhos forçados

por um roubo qualificado. Tentou fugir umas cinco ou seis vezes. Além do roubo do pequeno Gervais e desse do terreno de Pierron, tenho ainda suspeitas de outro cometido na casa de Sua Alteza, o falecido bispo de Digne. Quando fui ajudante da guarda nas galés em Toulon, vi-o muitas vezes. Repito que o reconheço perfeitamente."

Essa declaração tão categórica pareceu produzir profunda impressão tanto no público como no júri. O advogado-geral terminou insistindo para que, na falta de Javert, fossem ouvidas de novo e interpeladas solenemente as três testemunhas Brevet, Chenildieu e Cochepaille.

O presidente deu uma ordem a um oficial de justiça e, um momento depois, abriu-se a porta da sala em que estavam as testemunhas. O oficial de justiça, acompanhado de um gendarme, pronto a prestar-lhe auxílio, introduziu na sala o condenado Brevet. O auditório estava em suspenso, todos os peitos palpitavam como se fossem animados por uma só alma.

O antigo forçado Brevet trazia o vestuário preto e pardo das prisões centrais. Brevet era um sujeito de uns sessenta anos, com uma aparência de homem de negócios e ar de velhaco. Encontram-se por vezes juntas essas qualidades. Na prisão, para onde novas proezas o tinham reconduzido, tornara-se porteiro. Era um homem de quem os chefes diziam: busca sempre tornar-se útil; e de quem os capelães testemunhavam os bons hábitos religiosos. É necessário não esquecer que tudo isso ocorria no tempo da Restauração.

— Brevet — disse o presidente — não pode prestar juramento porque sofreu uma sentença infamante.

Brevet baixou os olhos.

— Todavia — continuou o presidente —, mesmo no homem que a lei degradou, pode conservar-se, quando a piedade divina o permite, um sentimento de honra e equidade. É para esse sentimento que eu apelo neste momento decisivo. Se, como julgo, ele existe ainda no seu íntimo, reflita antes de me responder; considere de um lado esse homem, que uma só palavra pode perder, e, do outro, a justiça, a quem pode esclarecer. O momento é solene; se julga ter se enganado, é ainda tempo de se retratar. Acusado, levante-se. Brevet, observe-o bem, concentre as suas recordações e diga-nos, com a alma e a consciência, se persiste em reconhecer nesse homem Jean Valjean, outrora seu companheiro nas galés.

Brevet olhou para o acusado e voltou-se para a mesa:

— Sim, senhor presidente. Fui eu o primeiro que o reconheci e persisto em que é o mesmo. Esse homem é Jean Valjean, que foi para Toulon em 1796 e saiu de lá

em 1815. Eu saí um ano depois. Agora ele parece ter assim o ar de um bruto: talvez seja por conta da idade; nas galés ele era astuto. Reconheço-o positivamente.

— Sente-se — disse o presidente. — Acusado, mantenha-se de pé.

Trouxeram em seguida Chenildieu, condenado a trabalhos forçados por toda a vida, como o indicavam a roupa vermelha e o boné verde. Estava cumprindo a sentença em Toulon, de onde fora trazido a Arras para ser testemunha nesse processo. Era um homem baixo, com mais ou menos cinquenta anos, vivo, encarquilhado, raquítico, amarelo, descarado, febril, que apresentava em todo o seu físico extrema fraqueza e, no olhar, uma força imensa. Seus companheiros das galés tinham-no apelidado de "Eu nego a Deus".

O presidente dirigiu-lhe quase as mesmas perguntas que fizera a Brevet.

No momento em que o presidente lhe recordava que a sua infâmia lhe tirava o direito de prestar juramento, Chenildieu levantou a cabeça e encarou a multidão. O presidente convidou-o a recolher as recordações e perguntou-lhe, como a Brevet, se persistia em reconhecer o acusado.

Chenildieu soltou uma gargalhada.

— Ora essa! Se o conheço! Andamos cinco anos presos ao mesmo grilhão. Não fique mal-humorado, meu velho!

— Pode sentar-se — disse o presidente.

O oficial de justiça conduziu Cochepaille. Este outro, condenado por toda a vida, vindo de Toulon e vestido de vermelho como Chenildieu, era um camponês de Lourdes, um meio urso dos Pirineus. Guardava rebanhos na montanha e, de pastor, transformara-se em salteador. Cochepaille não era menos selvagem nem parecia menos estúpido do que o acusado. Era um desgraçado dos que a natureza esboça como animais e a sociedade transforma em forçados.

O presidente tentou comovê-lo com algumas palavras patéticas e graves, e perguntou-lhe, como aos outros, se persistia, sem hesitação ou dúvida, em reconhecer o homem que tinha diante de si.

— É Jean Valjean — disse Cochepaille —; é o mesmo a quem chamavam *Jean-le-Cric*, de tanta força que ele tinha!

Cada uma das afirmativas desses três homens, evidentemente sinceras e de boa-fé, levantou no auditório um murmúrio que crescia e se prolongava por muito tempo, cada vez que uma nova declaração se juntava à precedente. O acusado escutara-as, com a expressão de espanto que, segundo a acusação, era o seu principal meio de defesa. À primeira, os gendarmes que estavam do lado dele tinham-no ouvido dizer por entre os dentes: "Bem! O primeiro já foi!" Depois, à segunda,

dissera, um pouco mais alto, e com ar quase satisfeito: "Ótimo!" À terceira, exclamou: "Excepcional!"

O presidente interpelou-o.

— Acusado, ouviu o que foi dito? O que tem a responder?

Ele respondeu:

— Já disse… excepcional.

No mesmo momento, rompeu no auditório um rumor prolongado que quase chegou ao juiz. Era evidente que o homem estava perdido.

— Oficiais de justiça, façam restabelecer o silêncio. Encerrarei os debates.

Em seguida, houve certo movimento ao lado do presidente e ouviu-se uma voz dizendo:

— Brevet, Chenildieu, Cochepaille! Olhem para este lado!

Todos os que ouviram essa voz se sentiram gelados, de tão lastimosa e terrível que era. Todos os olhos se voltaram para o lado de onde ela partira. Um homem que se achava entre os espectadores privilegiados que tinham assento atrás da presidência levantara-se, empurrara a porta da grade que separava o tribunal do pretório e avançara para o meio da sala. O presidente, o advogado-geral, o sr. Bamatabois, vinte pessoas, em suma, o reconheceram imediatamente e exclamaram:

— Sr. Madeleine!

XI

Champmathieu cada vez mais admirado

Era, com efeito, Madeleine. A vela que estava sobre a mesa do escrivão iluminava-lhe o rosto. Tinha o chapéu na mão e a sobrecasaca cuidadosamente abotoada; não se podia notar o mínimo desalinho em seu vestuário. Estava muito pálido e tremia ligeiramente. Os cabelos, ainda grisalhos no momento em que chegara, haviam ficado completamente brancos. Clarearam em apenas uma hora.

Todas as cabeças se ergueram. A sensação foi indescritível. Houve no auditório um momento de hesitação. A voz que se ouvira fora tão pungente, o homem que se apresentara no meio da sala parecia tão tranquilo, que em princípio ninguém

compreendeu coisa alguma. Todos perguntavam quem tinha falado. Ninguém podia acreditar que fosse aquele homem de aspecto tão sossegado quem tivesse soltado o medonho grito.

Essa indecisão durou apenas alguns segundos. Antes mesmo que o presidente e o advogado-geral tivessem podido dizer uma palavra, o homem a quem todos ainda chamavam sr. Madeleine dirigiu-se para as testemunhas Cochepaille, Brevet e Chenildieu.

— Não me reconhecem? — perguntou-lhes.

Os três forçados ficaram estupefatos e fizeram um sinal negativo com a cabeça. Cochepaille, intimidado, fez-lhe uma continência militar.

O sr. Madeleine voltou-se para os jurados e a presidência, e disse com voz suave:

— Senhores jurados, mandem soltar o acusado. Senhor presidente, mande-me prender: o homem que procuram não é ele, sou eu. Sou Jean Valjean.

Parecia que ninguém respirava. À primeira comoção de espanto, sucedera um silêncio sepulcral. Sentia-se na sala esse terror religioso, que domina as multidões quando se dá algum grande acontecimento.

Entretanto, o rosto do presidente apresentava a expressão da simpatia e da tristeza. O presidente trocara rápido sinal com o advogado-geral e algumas palavras em voz baixa com os conselheiros assessores. Em seguida, dirigiu-se ao público e perguntou num tom que foi compreendido por todos.

— Há por aqui algum médico?

Em seguida, falou o advogado-geral:

— Senhores jurados, esse incidente tão extraordinário e inesperado não me inspira, como aos senhores, senão um sentimento que não necessitamos expressar. Todos conhecem, ao menos pela reputação, o honrado e respeitável sr. Madeleine, *maire* de Montreuil-sur-Mer. Se no auditório houver algum médico, juntamos o nosso pedido ao do senhor presidente para que se preste a assistir o sr. Madeleine, acompanhando-o à sua residência.

O sr. Madeleine não deixou o advogado-geral acabar de falar. Interrompeu-o num tom cheio de mansidão e ao mesmo tempo de autoridade. Eis as palavras que ele pronunciou; ei-las literalmente, tais quais desde logo foram registradas na audiência por uma das testemunhas dessa cena; tais quais ressoam ainda nos ouvidos que as ouviram há quase quarenta anos:

— Agradeço ao senhor advogado-geral os seus bons desejos, mas não estou louco, como vou provar. Os senhores iam cometer um grave erro; soltem esse homem; eu sou um infeliz condenado que venho cumprir um dever. Sou o único que digo a verdade, porque só eu vejo tudo isso com clareza. O que faço neste

momento é compreendido por Deus, que está me vendo, e é quanto me basta. Aqui estou, podem prender-me. Não obstante, fiz quanto pude. Ocultei-me sob outro nome; enriqueci, tornei-me *maire*: quis de novo ser contado entre as pessoas honestas. Agora, parece-me uma coisa impossível. Enfim, há muitas coisas que não posso dizer, nem eu venho contar-lhes a minha vida; um dia a conhecerão. É verdade que roubei o senhor bispo, é ainda verdade que roubei o pequeno Gervais. Tiveram razão para lhes dizerem que Jean Valjean era um desgraçado da pior espécie. A culpa, talvez, não seja dele. Escutem, senhores juízes: um homem tão rebaixado como eu não pode fazer a menor admoestação à Providência, nem dar conselho algum à sociedade; mas notem que a infâmia de que eu intentei sair é uma coisa nociva. As galés é que fazem o forçado. Registrem, se quiserem, essas palavras. Antes de ir para as galés, era eu um pobre camponês muito pouco inteligente, uma espécie de idiota: as galés transformaram-me. Era estúpido, tornei-me mau; era lenha, tornei-me tição. Mais tarde, a indulgência e a bondade salvaram-me, como a severidade me perdera. Mas desculpem-me: os senhores não podem compreender o que lhes estou dizendo. Encontrarão em minha casa, entre as cinzas do fogão, a moeda de quarenta francos que há sete anos roubei ao saboiano Gervais. Não tenho mais nada a acrescentar. Agora prendam-me. Mas, meu Deus!, o senhor advogado-geral não me acredita; meneia a cabeça e diz consigo: "Madeleine perdeu a razão." Não acreditam em mim?! Eis o que em extremo me aflige. Ao menos não condenem esse homem! O quê! Essas testemunhas não me reconhecem! Desejava que aqui estivesse Javert; esse, sim, certamente me reconheceria!

É impossível dar ideia da benévola melancolia e do tom sombrio em que foram ditas essas palavras.

Em seguida, voltou-se para os três forçados:

— Pois bem, eu os reconheço! Brevet! Não se lembra… — Interrompeu-se, hesitou um momento e continuou: — Não se lembra daqueles suspensórios bordados em xadrez que você tinha nas galés?

Brevet sentiu uma espécie de repelão de surpresa, e mirou-o de alto a baixo. Madeleine continuou:

— Você, Chenildieu, que apelidava a si mesmo de "Eu nego a Deus", tem o ombro direito todo queimado, porque se deitou um dia em cima de um braseiro para apagar as três letras T.F.P., que ainda depois continuaram visíveis. É verdade ou não é?

— É verdade — disse Chenildieu.

Depois, dirigiu-se a Cochepaille:

— Cochepaille, você tem junto do sangradouro do braço esquerdo uma data em letras azuis. É a data do desembarque do imperador em Cannes: "1º de março de 1815." Arregaçe a manga.

Cochepaille arregaçou a manga, e todos os olhos fitaram seu braço nu. Um gendarme aproximou uma vela: ali estava, com efeito, a data.

O infeliz voltou-se para o auditório e para os juízes com um sorriso, que ainda não se pôde apagar da memória dos que o viram, estes que se sentem ainda angustiados quando pensam nele. Era o sorriso do triunfo, mas era também o do desespero.

— Bem veem — disse ele — que sou, de fato, Jean Valjean.

Em todo o recinto já não havia juízes, nem acusadores, nem gendarmes; não havia senão olhos fixos e corações apertados. Ninguém se lembrou mais do papel que tinha de desempenhar: o advogado-geral esqueceu-se de que estava ali para acusar, o presidente para dirigir a audiência e o defensor para defender. Coisa extraordinária! Ninguém fez uma pergunta sequer, nenhuma autoridade interveio. A feição característica dos espetáculos sublimes consiste no modo por que se apoderam de todas as almas e transformam todas as testemunhas em espectadores; talvez ninguém tenha se dado conta do que estava presenciando; sem dúvida, ninguém pensou que estava vendo resplandecer uma grande luz; e todos interiormente se sentiam deslumbrados.

Não havia a menor dúvida de que quem se achava ali presente era Jean Valjean. Estava claríssimo. A aparição desse homem fora suficiente para inundar de luz toda aquela questão havia pouco tão obscura. Sem que fosse necessário ser dada qualquer explicação, toda aquela multidão, com uma espécie de revelação lampejante, compreendeu de repente, e num relance, a simples e magnífica história de um homem que se entregava para que outro homem não fosse condenado em seu lugar. Os pormenores, as hesitações, as fugitivas resistências possíveis, tudo se desfez naquele fato luminoso.

Essa impressão dissipou-se depressa, mas naquele momento foi irresistível.

— Não desejo interromper por mais tempo a audiência — disse Jean Valjean. — Retiro-me, visto que não me prendem; tenho muito que fazer. O senhor advogado-geral sabe quem eu sou e para onde vou: poderá me prender quando quiser.

E dirigiu-se para a porta. Nem uma voz se ouviu, nem um braço se levantou para lhe impedir a saída. Todos se afastaram. Naquele momento, ele tinha em si um não sei quê de divino que fez a multidão recuar. Atravessou, então, vagarosamente

por entre o auditório. Nunca ninguém soube quem abriu a porta, mas é certo que a achou aberta. Chegando ali, voltou-se para trás dizendo:

— Senhor advogado-geral, fico à sua disposição. — Depois, dirigindo-se ao auditório: — Todos me julgam digno de compaixão, não é verdade? Meu Deus! Quando penso no que estive a ponto de fazer, sinto-me digno de inveja. Todavia, estimaria mais que nada disso tivesse acontecido.

Saiu, e a porta fechou-se como se abrira; porque todos os que praticam certas ações soberanas têm sempre certeza de ser servidos por alguém que os admira.

Ainda não havia passado uma hora quando o veredito do júri aliviou Champmathieu de todas as acusações. Champmathieu, solto imediatamente, saiu estupefato, julgando toda aquela gente doida e sem compreender coisa alguma de tão extraordinária visão.

Notas

1 Ecu (do inglês *ECU*, *European Currency Unit*), antiga unidade monetária europeia que foi substituída pelo euro, em 1999. (N.T.)

2 Estes parênteses foram feitos do próprio punho por Jean Valjean. (N.A.)

3 Referência à tragédia *Fedra*, de Jean Racine, na qual um dos personagens é Teramenes, o preceptor de Hipólito. (N.T.)

LIVRO OITAVO

CONTRAGOLPE

I

Em que espelho o sr. Madeleine contempla seus cabelos

O dia começava a despontar. Fantine passara uma noite de febre e insônia, mas não obstante povoada de felizes imagens; de manhã, enfim adormecera.

A irmã Simplice, que velara toda a noite junto dela, aproveitou esse sono para preparar uma nova poção de quinina. A digna irmã de caridade estava, havia alguns instantes, no laboratório da enfermaria, curvada sobre as drogas e os diferentes vidros, observando-os muito de perto, por causa da espécie de nevoeiro que o crepúsculo lança sobre os objetos. De repente, voltou a cabeça e soltou um pequeno grito. Tinha diante de si o sr. Madeleine, que ali entrara silenciosamente.

— Ah! É o senhor *maire*! — exclamou.

O sr. Madeleine perguntou em voz baixa:

— Como está essa pobre mulher?

— Agora não está tão mal. Mas chegamos a ficar bem preocupadas.

Depois, contou-lhe o que havia acontecido: que Fantine estivera muito mal na véspera, mas que agora se achava melhor, porque acreditava que o senhor *maire* tinha ido a Montfermeil buscar-lhe a filha. A irmã não ousou interrogar o senhor *maire*, mas bem percebeu que não era de lá que ele vinha.

— Fizeram muito bem em não a desiludir.

— É verdade — tornou a irmã —; mas agora, senhor *maire*, que ela o verá sem que veja a filha, o que lhe havemos de dizer?

O sr. Madeleine ficou pensativo por um instante.

— Deus nos dará inspiração — respondeu.

— Seja como for, não se há de mentir — disse a irmã.

Entretanto, amanhecera. A claridade iluminava o rosto do sr. Madeleine.

A irmã Simplice ergueu por acaso os olhos.

— Meu Deus, senhor *maire*! — exclamou. — Que foi que lhe aconteceu? Seus cabelos estão todos brancos!

— Brancos? — disse ele.

A irmã Simplice não tinha espelho, mas abriu um estojo de cirurgia e tirou um espelhinho de que o médico da enfermaria se servia para se convencer de que um doente estava morto, vendo que já não respirava.

O sr. Madeleine pegou o espelho, viu nele os cabelos e falou:

— Verdade!

Ele pronunciou essa palavra com indiferença, como se estivesse pensando em outra coisa.

A irmã de caridade sentiu-se gelada pela aura de mistério que pressentia em tudo aquilo.

— Posso vê-la? — perguntou ele.

— Mas o senhor *maire* não vai mandar buscarem a filha? — A irmã quis saber, ousando apenas arriscar uma pergunta.

— Sem dúvida; mas para isso são necessários, ao menos, dois ou três dias.

— Então, se ela daqui até lá não vir o senhor *maire*, não saberá que o senhor já voltou; seria fácil fazê-la ter paciência; assim, quando a criança chegar, pensará naturalmente que o senhor *maire* foi quem a trouxe. Desse modo não haverá mentira.

O sr. Madeleine pareceu refletir um instante, e disse depois com sua gravidade calma:

— Não, minha irmã; preciso vê-la. Não poderei, talvez, demorar-me.

A religiosa pareceu não notar a palavra "talvez", que dava um sentido obscuro e singular às palavras do *maire*, e respondeu respeitosamente, enquanto baixava os olhos.

— Nesse caso, embora ela esteja descansando, o senhor *maire* pode entrar.

Ele fez algumas observações sobre uma porta que fazia barulho ao ser fechada, acreditando que esse ruído poderia acordar Fantine, então entrou no quarto, aproximou-se do leito e entreabriu as cortinas. Ela estava dormindo. A respiração saía-lhe do peito com o ruído trágico, próprio daquelas doenças, e que faz esmorecerem as pobres mães que velam à cabeceira de um filho adormecido, apesar de condenado. Mas aquela respiração custosa mal perturbava uma espécie de serenidade inefável, que se espalhava em todo o rosto e a transfigurava enquanto dormia. A palidez tornara-se alvura, e o rosto estava corado. As compridas pestanas louras, única beleza que lhe restava de sua virgindade e juventude, apesar de cerradas e baixas, palpitavam. Todo o seu corpo tremia por não sei que bater de asas, prestes a se entreabrir e transportá-la, cuja agitação se podia sentir, mas não se podia ver. Ao presenciá-la assim, jamais se poderia crer que estava ali uma doente já quase sem salvação. Ela parecia mais alguém que vai voar do que alguém que vai morrer.

O galho, quando se aproxima a mão de alguém para retirar-lhe a flor, estremece e, ao mesmo tempo, parece se afastar e se oferecer. O corpo humano tem um quê desse estremecimento quando chega o instante em que os dedos misteriosos da morte vêm colher a alma.

O sr. Madeleine permaneceu por algum tempo imóvel junto do leito, olhando alternadamente para a doente e para o crucifixo, como fizera dois meses antes, no dia em que fora pela primeira vez visitá-la naquele quarto. Estavam ainda ambos na mesma posição: ela dormindo e ele orando; a diferença era que agora, depois desses dois meses, ela tinha os cabelos grisalhos e ele tinha-os brancos.

A irmã não entrara com Madeleine. Ele estava junto do leito, de pé, e com um dedo sobre os lábios, como se quisesse pedir silêncio a alguém que estivesse no quarto.

Fantine abriu os olhos, viu-o e disse sossegadamente, sorrindo:

— E Cosette?

II

Fantine feliz

A doente não fez sequer um movimento de surpresa nem de alegria; ela era a própria alegria. A simples pergunta "E Cosette?" foi feita com uma fé tão profunda, com tanta certeza, com tão completa ausência de inquietação e de dúvida, que Madeleine não achou sequer uma palavra para lhe responder. Fantine continuou:

— Eu já sabia que o senhor já havia chegado; eu estava dormindo, mas podia vê-lo. Há muito tempo que o via; segui-o com os olhos toda a noite. O senhor estava no centro de uma auréola brilhante e tinha em torno de si toda sorte de figuras celestes.

O sr. Madeleine ergueu os olhos para o crucifixo.

— Mas — continuou ela — diga-me onde está Cosette? Por que não a pôs em minha cama, para que eu a visse assim que acordasse?

Ele respondeu alguma coisa da qual não pôde se lembrar mais tarde.

Felizmente chegou o médico que, já tendo sido prevenido, foi em auxílio do sr. Madeleine.

— Acalme-se, minha filha. A menina está ali.

Os olhos de Fantine iluminaram-se e inundaram de luz todo o seu rosto. Juntou ao mesmo tempo as mãos com uma expressão que continha tudo o que na súplica pode haver de mais violento e mais suave.

— Tragam-na para mim! — exclamou.

Comovente ilusão maternal! Cosette continuava a ser para ela uma criancinha de colo.

— Agora não, porque você ainda tem febre — tornou o médico. — A presença de sua filha a deixaria agitada e poderia fazer-lhe mal. É preciso, antes de tudo, restabelecer-se.

Fantine interrompeu-o impetuosamente:

— Mas eu já estou boa! Garanto que já não tenho mais nada! Esse médico é um tolo! Vamos! Quero ver minha filha!

— Viu só — disse o médico — como você fica inquieta. Enquanto estiver nesse estado hei de opor-me sempre a que lhe deixem ver a menina. Não basta vê-la, é preciso que viva para ela. Quando se mostrar mais razoável eu mesmo lhe trarei.

A pobre mãe curvou a cabeça.

— Perdoe-me, senhor doutor; peço-lhe que me perdoe. Em outra ocasião eu não teria falado como o fiz agora; mas tem me acontecido tantas desgraças que às vezes nem sei o que digo. Entendo muito bem; o senhor quer que eu evite fortes emoções; esperarei quanto quiser, mas juro que não me faria mal vê-la. Eu vejo-a; desde ontem à noite que não tiro os olhos dela. Não sabe? Se a trouxerem agora, hei de falar bem devagarinho. Aí está. Pois não é natural que eu deseje ver minha filha, a quem expressamente foram buscar em Montfermeil? Eu não estou zangada. Tenho certeza de que vou ser feliz. Toda a noite vi coisas brancas e pessoas que sorriam para mim. Quando o senhor doutor quiser, poderá trazer-me Cosette. Não tenho mais febre, pois já estou curada; sinto que não tenho mais absolutamente nada, mas vou me fingir de doente e ficar bem quieta, para não incomodar as senhoras que estão aqui. Quando virem que estou bem tranquila, hão de dizer: não há remédio senão dar-lhe sua filha.

O sr. Madeleine sentou-se numa cadeira que estava ao lado da cama. Fantine voltou-se para ele, fazendo visíveis esforços para parecer sossegada e "prudente", como dizia naquele enfraquecimento que a doença lhe causava e o qual se assemelhava à infância, a fim de que, vendo-a tão calma, não criassem dificuldade

para trazer-lhe Cosette. Entretanto, mesmo contendo-se, não podia abster-se de dirigir a Madeleine intermináveis perguntas.

— Fez boa viagem, senhor *maire*? Que bondade a sua em ir buscá-la! Diga-me só como ela está. Aguentou bem o caminho? Infelizmente, não vai me reconhecer! Faz tanto tempo, provavelmente esqueceu-se de mim, pobre anjinho! As crianças não têm boa memória, são como os passarinhos. Hoje veem uma coisa, amanhã outra e não pensam em nada. E ela ainda tem roupa branca? Os Thénardier mantinham-na arrumadinha? Alimentavam-na bem? Se soubesse como eu sofria fazendo a mim mesma todas essas perguntas em meio à minha miséria! Agora já não é assim! Estou muito alegre! Como eu desejo vê-la! Achou-a bonita, senhor *maire*? Não é bonita a minha filha? O senhor deve ter sentido bastante frio enquanto ia na diligência. Não podiam trazê-la aqui só um pouquinho? Poderiam levá-la embora logo outra vez! Diga, senhor *maire*! Se o senhor quisesse! O senhor é quem manda aqui!

O sr. Madeleine pegou-lhe na mão.

— Cosette é muito bonita — disse ele —, e passa bem. Há de vê-la em breve, mas por agora fique tranquila. Está falando muito e, além disso, descobre os braços, o que lhe faz aumentar a tosse.

Com efeito, a tosse a interrompia a todo momento.

Fantine não respondeu coisa alguma; receou ter comprometido, por algumas expressões muito apaixonadas, a confiança que desejava inspirar, e passou a dizer coisas indiferentes.

— Montfermeil é um lugar muito bonito, não é verdade? No verão muita gente vai lá passear. Os Thénardier estão fazendo bons negócios? Por ali há pouca freguesia; e, depois, a estalagem que eles têm é uma espécie de baiuca.

O sr. Madeleine segurava-lhe ainda a mão e a contemplava com angústia. Era evidente que fora até ali para lhe dizer coisas, perante as quais sentia o pensamento hesitar. O médico, tendo feito sua visita, retirara-se. Só ficara junto deles a irmã Simplice.

De repente, no meio do silêncio, Fantine exclamou:

— Ouço-a! Meu Deus, ouço-a!

Estendeu os braços para pedir que todos ficassem em silêncio, conteve a respiração e apurou o ouvido.

Era uma criança que brincava no pátio; talvez a filha de alguma funcionária. Eis aí um dos acasos com os quais topamos sempre e que parecem fazer parte da misteriosa encenação dos acontecimentos lúgubres. A criança, uma menininha, ia e

vinha, correndo de um lado para outro a fim de se aquecer, rindo e cantando em voz alta. Era essa pequenina que Fantine ouvia cantar.

— É minha Cosette! — tornou ela. — Reconheço sua voz!

A criança afastou-se do mesmo modo por que se aproximara, e a voz deixou de se ouvir. Fantine manteve-se à escuta ainda por algum tempo, depois seu rosto ficou sombrio, e o sr. Madeleine ouviu-a dizer em voz baixa:

— É muito mau esse médico em não me deixar ver minha filha! Esse homem tem mesmo um aspecto ruim.

Todavia, o fundo risonho das suas ideias reapareceu. Com a cabeça no travesseiro, continuou a falar com ela mesma:

— Como nós vamos ser felizes! Em primeiro lugar, havemos de ter um jardinzinho, o sr. Madeleine prometeu-me. A minha filha há de brincar no jardim. Ela já deve conhecer as letras, hei de fazê-la soletrar. Como hei de gostar de vê-la correr atrás das borboletas! E, depois, há de ir à sua primeira comunhão. É verdade! Quando ela irá à primeira comunhão?

Ela começou a contar nos dedos.

— Um… dois… três… quatro… tem sete anos. Daqui a cinco anos, há de levar um véu branco e meias de seda; há de parecer uma mocinha. Ó minha boa irmã, não vê como eu sou doida?! Já estou pensando na primeira comunhão da minha filha!

E, dizendo isso, começou a rir.

O sr. Madeleine largara a mão de Fantine. Escutava o que ela dizia como se escuta o sibilar do vento, com os olhos no chão e o espírito mergulhado em reflexões sem fundo. A pobre mãe calou-se de repente, o que o fez erguer maquinalmente a cabeça. Fantine tornara-se medonha.

Não só não falava, como parecia nem respirar, estava quase sentada na cama; o ombro emagrecido saía-lhe da camisa; o rosto, pouco antes radiante, estava lívido; e os olhos, parecendo ainda maiores por efeito do terror, fitavam a extremidade oposta do quarto, como se algum objeto estivesse tremendo ali.

— Meu Deus! — exclamou o sr. Madeleine. — O que você tem, Fantine?

A doente não lhe respondeu, nem tirou os olhos do que parecia ver; e, tocando-lhe no braço com uma das mãos, fez-lhe com a outra sinal para que olhasse para trás de si.

O sr. Madeleine voltou-se e viu Javert.

III

Javert satisfeito

Eis o que acontecera.

Dava meia-noite e meia quando o sr. Madeleine saiu da sala do júri em Arras. Tinha chegado à estalagem justamente a tempo de partir na mala-posta, na qual, como é sabido, tomara um lugar. Pouco antes das seis da manhã chegara a Montreuil-sur-Mer; seu primeiro cuidado fora pôr no correio uma carta para Laffitte e, em seguida, dirigir-se à enfermaria para ver Fantine.

Contudo, ele apenas saíra da sala da audiência, o advogado-geral, o primeiro que caíra em si de tão grande surpresa, tornara a falar para deplorar o acesso de loucura do honrado *maire* de Montreuil-sur-Mer; declarou que suas convicções não estavam em nada modificadas pelo extraordinário incidente, que mais tarde se esclareceria, mas requereu, entretanto, a condenação de Champmathieu, que era evidentemente o verdadeiro Jean Valjean. A persistência do advogado-geral estava em visível contradição com o sentimento de todos, do público, do juiz e dos jurados.

O advogado de defesa tivera muito pouco trabalho para refutar esse depoimento e estabelecer que, depois das revelações do sr. Madeleine, isto é, do verdadeiro Jean Valjean, aquele processo se achava completamente prejudicado, e que o júri já não tinha na sua presença senão um inocente. O advogado valeu-se de alguns epifonemas, infelizmente pouco originais, sobre erros judiciais etc. etc.; o presidente, em resumo, juntou-se então ao defensor, e o júri, em poucos minutos, deixou Champmathieu fora de causa.

Entretanto, o advogado-geral necessitava de um Jean Valjean: escapando-lhe Champmathieu, lançou mão de Madeleine.

Imediatamente, depois da soltura de Champmathieu, o advogado-geral, em conversa particular com o presidente, analisou a situação, então conferenciaram sobre "a necessidade de se apoderarem do senhor *maire* de Montreuil-sur-Mer". Essas palavras, abusando do emprego da letra "d", foram escritas pelo advogado-geral na minuta do relatório ao procurador-geral. Passada a primeira impressão, o presidente fez poucas objeções. Era preciso que a justiça seguisse seu curso. E depois, para dizer tudo, ainda que o presidente fosse um homem bom e de grande inteligência, era, ao mesmo tempo, bastante realista, beirando o fanatismo, e sentiu-

se chocado com o fato de que o *maire* de Montreuil-sur-Mer, ao falar do desembarque em Cannes, havia dito *imperador* e não *Buonaparte*.

A ordem de prisão foi logo expedida. O advogado-geral mandou-a imediatamente para Montreuil-sur-Mer por um mensageiro, encarregando ao inspetor de polícia Javert.

Como se sabe, Javert voltara para Montreuil-sur-Mer assim que terminara seu depoimento.

Javert levantara-se da cama havia pouco, quando o mensageiro lhe entregou o mandado de prisão.

O mensageiro era um agente de polícia bem instruído, tanto que, em duas palavras, inteirou Javert sobre o que havia acontecido em Arras. A ordem de prisão assinada pelo advogado-geral foi redigida nos seguintes termos: "O inspetor Javert prenderá o sr. Madeleine, *maire* de Montreuil-sur-Mer, que, na audiência de hoje, foi reconhecido como sendo o forçado liberto Jean Valjean."

Quem não conhecesse Javert e o tivesse visto no momento em que entrou na antecâmara da enfermaria, não poderia adivinhar coisa alguma do que se passava, pois o teria achado com o aspecto mais natural possível. Estava tranquilo, frio, grave, com os cabelos grisalhos perfeitamente penteados, e acabara de subir a escada vagarosamente, como era de costume. Mas quem o conhecesse bem, e o examinasse atentamente, teria estremecido. O prendedor de couro da sua gravata, em vez de estar na nuca, estava ao pé da orelha esquerda: um sinal incomum de agitação.

Javert era um caráter completo, e tampouco consentia uma ruga no seu dever, assim como no seu vestuário; metódico com os criminosos, rígido como os botões de seu casaco.

Para que tivesse colocado tão mal o prendedor da gravata, era indispensável que tivesse experimentado uma dessas emoções que se poderiam denominar terremotos interiores.

Apresentara-se com toda a simplicidade, requisitara um cabo e quatro soldados na guarda vizinha, deixara os soldados no pátio e soubera onde era o quarto de Fantine por intermédio da porteira, que não suspeitou de coisa alguma, acostumada como estava a ver gente armada procurar o senhor *maire*.

Javert, chegando ao quarto de Fantine, empurrou a porta com a brandura de uma enfermeira, ou de um espião, e entrou.

Na verdade, não chegou a entrar. Conservou-se de pé em meio à porta entreaberta, com o chapéu afundado na cabeça, até cobrir os olhos, e a mão esquerda dentro da sobrecasaca abotoada até o queixo. Nas pregas do cotovelo

direito distinguia-se o castão de chumbo da sua enorme bengala, que ele escondia atrás de si.

Permaneceu assim por volta de um minuto, sem que fosse notada a sua presença. De repente, Fantine ergueu os olhos, viu-o, e fez com que o sr. Madeleine se voltasse para ele.

No momento em que os olhos de Madeleine encontraram os de Javert, este, sem se mover, sem se aproximar, tornou-se espantoso. Nenhum sentimento humano consegue ser medonho como a alegria.

Era o rosto de um demônio que se apoderava da alma condenada que lhe pertencia.

A certeza de, enfim, ter Jean Valjean em seu poder fez-lhe aparecer na fisionomia tudo o que tinha na alma. O fundo revolvido subiu à superfície. A humilhação de lhe ter quase perdido a pista e de se ter iludido por alguns instantes com Champmathieu desaparecia sob o orgulho de ter adivinhado tão bem e de ter conservado um instinto tão infalível por tanto tempo. O contentamento de Javert patenteava-se na atitude soberana. A deformidade do triunfo floresceu naquela fronte estreita. Era toda a demonstração de horror que uma figura assim satisfeita pode dar.

Nesse momento, Javert estava no céu. Sem que pudesse se dar conta disso com clareza, ainda que com uma intuição confusa de sua necessidade e de seu sucesso, ele personificava, ele, Javert, a justiça, a luz e a verdade em sua função celeste de apagamento do mal. Tinha atrás de si e ao seu redor, a uma profundidade infinita, a autoridade, a razão, a coisa julgada, a consciência legal, a vindita pública, todas as estrelas; protegia a ordem, fazia sair da lei o relâmpago, vingava a sociedade, dava mão forte ao absoluto; erguia-se na glória; ainda tinha em sua vitória um pequeno percurso de desafio e de combate; de pé, altivo, reluzente, exibia em pleno azul a bestialidade sobre-humana de um arcanjo feroz; a sombra assustadora da ação que ele cumpria tornava visível, em seus punhos cerrados, o vago fulgor da espada social; feliz e indignado, tinha sob seu calcanhar o crime, o vício, a rebelião, a perdição, o inferno; ele brilhava, exterminava, sorria; e havia uma incontestável grandeza nesse são Miguel monstruoso. Javert, desse modo medonho, não tinha nada de ignóbil.

A probidade, a sinceridade, a candura, a convicção e a ideia do dever são coisas que, enganando-se, podem tornar-se hediondas, mas que mesmo nesse estado se conservam grandiosas; a majestade delas, própria da consciência humana, persiste mesmo no horror; essas virtudes têm um vício, o erro. A impiedosa alegria honesta de um fanático em plena atrocidade conserva não se sabe que brilho lugubremente venerável. Javert, sem que o suspeitasse, no meio de sua avantajada felicidade, era

digno de lástima, como todo ignorante que triunfa. Não podia haver coisa alguma tão pungente e terrível como aquela figura, em que se percebia o que poderia chamar-se maldade do bem.

IV

A autoridade readquire seus direitos

Fantine não tornara a ver Javert desde o dia em que o senhor *maire* a livrara dele. Seu cérebro enfermo não compreendeu coisa alguma; mas não restava dúvida de que ele tinha ido buscá-la. Não pôde suportar a horrorosa aparição, sentiu-se expirar, escondeu o rosto com ambas as mãos e gritou com a maior aflição:

— Salve-me, sr. Madeleine!

Jean Valjean — de agora em diante não o denominaremos de outro modo — levantara-se. Ouvindo a exclamação de Fantine, voltou-se para ela e disse-lhe com a maior doçura e tranquilidade:

— Não tenha medo. Não foi por sua causa que ele veio aqui.

Depois, dirigindo-se a Javert:

— Já sei o que quer comigo.

Javert retorquiu:

— Vamos, depressa!

Essas palavras foram acompanhadas por uma inflexão em que havia um não sei quê de selvagem e frenético. Javert não dissera "vamos, depressa!"; ele dissera "vamoressa!". Nenhuma ortografia poderia reproduzir o som com que isso foi pronunciado; não foram palavras humanas, foi um rugido.

Ele não agiu como de costume, não mencionou o que o levara até ali e não exibiu o mandado de prisão. Para ele, Jean Valjean era uma espécie de inimigo misterioso e insubjugável, um lutador tenebroso com quem ele batalhava havia cinco anos, sem que nunca tivesse podido derrubá-lo. Essa prisão não era um começo, mas um fim. Limitou-se, então, a repetir:

— Vamos, depressa!

Falando desse modo, não deu um passo; lançou a Jean Valjean um olhar que ele arremessava como um arpão, e com o qual costumava puxar para si os miseráveis.

Era o mesmo olhar que Fantine, dois meses antes, sentira penetrar-lhe até a medula.

Ao grito de Javert, Fantine abrira novamente os olhos. Mas o senhor *maire* estava ao pé dela; o que poderia temer?

Javert avançou até o meio do quarto e gritou:

— E então? Vamos logo?!

A infeliz olhou ao redor. Não havia ali mais ninguém além da religiosa e do senhor *maire*. A quem poderia ter se dirigido aquele tratamento tão desrespeitoso? Não podia ser senão a ela. A pobrezinha estremeceu.

Em seguida, viu uma coisa incomum, algo que nunca lhe aparecera nos mais sombrios delírios da febre.

Viu o inspetor Javert lançar a mão à gola da sobrecasaca do senhor *maire*, e este curvar a cabeça. Pareceu-lhe que o mundo estava acabando.

Javert, com efeito, segurou Jean Valjean pela gola da sobrecasaca.

— Senhor *maire*! — gritou Fantine.

Javert desatou a rir, mas com aquele riso que lhe deixava à mostra as gengivas.

— Não há mais aqui nenhum *maire*!

Jean Valjean não tentou livrar-se da mão que o segurava e disse:

— Javert…

Javert interrompeu-o:

— Chame-me de senhor inspetor!

— Meu senhor — continuou Jean Valjean —, gostaria de dizer-lhe uma palavra em particular.

— Fale alto, pode falar alto — respondeu Javert —; comigo não se fala em particular.

Jean Valjean continuou, abaixando a voz:

— É uma súplica que tenho a fazer-lhe…

— Já te disse para falar alto.

— Mas o que tenho a dizer-lhe só deve ser ouvido pelo senhor…

— Que me importa isso? Nada tenho que ouvir!

Jean Valjean voltou-se para ele e disse-lhe rapidamente em voz baixa:

— Conceda-me três dias! Três dias para ir buscar a filha dessa infeliz mulher.

— Você está brincando?! — exclamou Javert. — Eu não te julgava tão estúpido! Pede-me três dias para se safar! E ainda diz que é para buscar a filha dessa devassa! Ah! Essa é boa! Essa é boa!

Fantine estremeceu.

— Minha filha! — exclamou ela. — Ir buscar a minha filha! Então ela não está aqui! Diga, minha irmã, onde está Cosette? Sr. Madeleine, senhor *maire*, quero a minha filha!

Javert bateu com o pé no chão.

— Temos outra! Pode calar essa boca, sua meretriz! Que diabo de lugar é esse em que os forçados viram magistrados e as meretrizes são tratadas como fidalgas? Mas isso em breve vai acabar; já era tempo.

Em seguida, olhou fixamente para Fantine e acrescentou, segurando melhor Jean Valjean, agarrando-lhe dessa vez, além da gola, a gravata e a camisa.

— Já disse que não há aqui nenhum sr. Madeleine nem senhor *maire*. O que há aqui é um ladrão, um salteador, um grilheta chamado Jean Valjean e que não me escapa!

Fantine ergueu-se convulsivamente e, apoiando-se nos braços rígidos e nas duas mãos, olhou para Jean Valjean, para Javert, para a religiosa, abriu a boca como se fosse falar, mas saiu-lhe da garganta uma espécie de suspiro sufocado, os dentes bateram uns nos outros, ela estendeu os braços aflitivamente, abrindo de modo convulsivo as mãos e, procurando apoio em volta, como alguém prestes a se afogar, caiu inopinadamente sobre o travesseiro.

A cabeça bateu no encosto do leito e pendeu-lhe em seguida sobre o peito, com a boca aberta, os olhos igualmente abertos, mas extintos.

Estava morta.

Jean Valjean pegou a mão com que Javert o segurava, abriu-a como teria aberto a de uma criança e disse-lhe:

— O senhor matou essa mulher!

— Acabemos com isto! — exclamou Javert furioso. — Não estou aqui para ouvir explicações. Deixemo-nos de histórias; a escolta está lá embaixo: ou me segue ou mando amarrá-lo.

No canto do quarto havia um leito velho de ferro, em mau estado, e que servia para as irmãs se recostarem quando velavam junto das doentes. Jean Valjean dirigiu-se ao leito, deslocou-lhe, num piscar de olhos, a cabeceira já desconjuntada, coisa muito fácil para músculos como os seus, empunhou a barra mais grossa e encarou Javert. Este recuou até a porta.

Jean Valjean, com a barra de ferro na mão, dirigiu-se vagarosamente para a cama de Fantine. Quando ali chegou, voltou-se para Javert e disse-lhe com uma voz que mal se ouvia:

— Não o aconselho a que me inquiete nesse momento.

A verdade era que Javert tremia.

Teve a ideia de ir chamar a escolta, mas Jean Valjean podia aproveitar essa curta ausência para fugir. Então, continuou onde estava, pegou a bengala pela ponteira e encostou-se à ombreira da porta sem afastar os olhos de Jean Valjean.

Jean Valjean apoiou o cotovelo na maçaneta da cabeceira do leito, descansou a cabeça sobre a mão e pôs-se a contemplar Fantine, hirta e imóvel. Permaneceu assim, absorto, mudo, e não pensando mais evidentemente em coisa alguma desta vida.

Na sua fisionomia e na sua atitude não se distinguia mais do que uma extrema piedade. Depois de alguns instantes dessa reflexão, inclinou-se para Fantine e falou-lhe em voz baixa.

O que ele disse? O que poderia dizer aquele homem infame àquela mulher morta? Que palavras terá usado? Ninguém no mundo as ouviu. A defunta poderia ouvi-las? Há ilusões tocantes, que são, talvez, realidades sublimes. O que é fora de dúvida é que a irmã Simplice, única testemunha dessa cena, contou muitas vezes que vira distintamente, no momento em que Jean Valjean falara ao ouvido de Fantine, esboçar-se nos lívidos lábios da morta, e nas pupilas vagas e cheias de espanto sepulcral, o mais inefável sorriso.

Jean Valjean segurou entre as mãos a cabeça de Fantine e acomodou-a sobre o travesseiro como qualquer mãe faria a um filho; depois, atou-lhe o cordão da camisa e arrumou-lhe os cabelos para dentro da touca. Feito isso, fechou os olhos dela.

O rosto de Fantine pareceu, naquele momento, extremamente iluminado.

A morte é a entrada na luz suprema.

A mão de Fantine pendia para fora da cama. Jean Valjean ajoelhou-se diante daquela mão, levantou-a com calma e beijou-a.

Em seguida, ergueu-se e voltou-se para Javert, dizendo-lhe:

— Agora, estou às suas ordens.

V

Sepultura apropriada

Javert conduziu Jean Valjean à cadeia da cidade.

A prisão do sr. Madeleine produziu em Montreuil-sur-Mer uma sensação, ou, para melhor dizer, comoção extraordinária. Entristece-nos não podermos dissimular que, só por efeito das palavras "era um forçado", quase toda a gente o abandonou. Em menos de duas horas foi esquecido todo o bem que fizera, e não ficou sendo mais do que um "forçado". É justo dizer que não se conheciam ainda os detalhes do que havia acontecido em Arras. Durante todo o dia não se ouviram por toda a cidade senão comentários como estes:

"Não sabe? Era um forçado liberto!", "Quem?", "O *maire*", "Ora, Deus! O sr. Madeleine?", "Sim", "Verdade?", "Não se chamava Madeleine; tem um nome hediondo: Béjean, Bojean ou Boujean", "Parece incrível!", "Já está preso!", "Preso?", "Está na cadeia da cidade, à espera que o transfiram", "Que o transfiram? Para onde?", "Tem de ser julgado por um roubo na estrada, que cometeu em outra época", "Eu sempre desconfiei de alguma coisa. Era um homem bom demais, muito perfeito. Recusou a cruz da Legião de Honra e dava dinheiro a quantos rapazes vadios encontrava. Sempre me pareceu que havia por trás de tudo aquilo alguma história estranha".

Nos "salões", sobretudo, espalharam-se muitos diálogos desse gênero.

Foi assim que o fantasma que se chamava sr. Madeleine se dissipou em Montreuil-sur-Mer. Em toda a cidade, apenas três ou quatro pessoas se conservavam fiéis à sua memória. A velha porteira que o servia entrou nesse número.

Na noite daquele mesmo dia, a idosa e digna porteira estava sentada no seu quarto, muito assustada e refletindo tristemente. A fábrica estivera fechada o dia todo, os ferrolhos tinham corrido na porta principal, a rua estava deserta. Não havia na casa senão as duas religiosas, irmãs Perpétue e Simplice, que estavam velando o corpo de Fantine.

À hora em que o sr. Madeleine costumava recolher-se, a excelente porteira levantou-se maquinalmente, tirou de uma gaveta a chave do quarto do senhor *maire* e o castiçal de que ele se servia todas as noites para subir a escada; depois, pendurou a chave num prego onde ele costumava encontrá-la e pôs-lhe ao pé uma vela, como se o esperasse. Em seguida, tornou a sentar-se e continuou a meditar. A pobre velhinha fizera tudo isso sem ter consciência de coisa alguma.

Só depois de passadas mais de duas horas é que ela saiu de sua reflexão e exclamou:

— Valha-me Deus! Então não pus a chave no prego!

Nesse momento, abriu-se o postigo do térreo, um braço foi introduzido pela abertura, pegou a chave e a vela e a acendeu no castiçal que estava sobre a mesa.

A porteira levantou os olhos e ficou boquiaberta, contendo na garganta um grito prestes a escapar-lhe.

Ela reconhecia aquela mão, aquele braço e a manga que o cobria.

Era o sr. Madeleine.

Esteve alguns segundos sem poder falar, "petrificada", como ela mesma depois diria, contando o caso.

— Meu Deus, senhor *maire*! — exclamou ela, enfim. — Achava que o senhor estava…

E não terminou a frase, porque desfaria o respeito com que começara. Jean Valjean continuava a ser, para ela, o senhor *maire*.

Este último terminou a frase.

— Na cadeia — disse ele. — Eu estava, de fato; mas quebrei a grade; pulei de um telhado e eis-me aqui. Vou ao meu quarto; vá procurar a irmã Simplice, que com certeza deve estar ao pé da pobre mulher.

A velha obedeceu apressadamente.

Jean Valjean não lhe fez a menor recomendação: estava bem certo de que a velhinha o guardaria melhor do que ele próprio.

Nunca se soube como ele conseguira penetrar no pátio sem que fosse pela porta principal. Trazia sempre consigo uma chave com que abria uma porta lateral; mas como certamente havia sido revistado, deviam ter lhe tirado. Esse ponto nunca foi esclarecido.

Subiu, então, a escada que conduzia ao seu quarto. Chegando em cima, deixou a vela num dos degraus, abriu a porta sem fazer barulho e foi, com cautela, fechar a janela por dentro; depois, voltou a buscar a vela e entrou no quarto.

A precaução não era inútil; como se sabe, a janela dava para a rua.

Olhou em volta de si, para a mesa, para a cadeira e para a cama, que havia três dias continuava arrumada. Não se percebia ali o mínimo vestígio da inquietação da penúltima noite. A porteira arrumara tudo. A única coisa que ela fez de diferente foi tirar das cinzas e colocar sobre a mesa as ponteiras de ferro do cajado e a moeda de quarenta soldos enegrecida pelo fogo.

Jean Valjean pegou uma folha de papel e escreveu:

> Aqui estão as duas ponteiras do meu cajado e a moeda de quarenta soldos roubada ao pequeno Gervais, de que eu falei perante o júri.

Colocou, em seguida, sobre o papel as duas ponteiras de ferro e a moeda de prata, de modo que fosse a primeira coisa que vissem quando entrassem no quarto. Tirou de um armário uma camisa velha, rasgou-a e com os trapos embrulhou os dois castiçais de prata. E, no meio de tudo isso, não se mostrava apressado nem inquieto. Enquanto embrulhava os castiçais do bispo, foi comendo um pedaço de pão preto. É provável que fosse o pão da cadeia, que ele, ao fugir, levara consigo.

Isso foi comprovado pelas migalhas que foram encontradas no quarto do sobrado, quando a justiça fez ali uma busca.

Logo depois, deram duas pancadas na porta.

Era a irmã Simplice.

Estava pálida, com os olhos vermelhos, e a vela que levava na mão tremia. As violências do destino têm isso de particular: por mais perfeitos ou frios que nos tenhamos tornado, fazem a natureza humana sair do fundo das nossas entranhas, obrigando-a a mostrar-se. A religiosa, com as emoções daquele dia, tornara-se mulher. Chorava e tremia.

Jean Valjean acabava de escrever algumas linhas numa folha de papel, que apresentou à religiosa, dizendo-lhe:

— Minha irmã, há de entregar isto ao senhor pároco.

O papel estava dobrado. A irmã lançou-lhe os olhos.

— A senhora pode ler — disse ele.

A religiosa leu:

> Rogo ao senhor pároco que queira olhar por tudo que aqui deixo. Com o dinheiro pagará as despesas do meu processo e o enterro da mulher que aqui morreu hoje. O resto deverá distribuir aos pobres.

A irmã quis falar, mas só balbuciou alguns sons inarticulados. Contudo, conseguiu dizer:

— Então o senhor *maire* não deseja ainda ver, pela última vez, a pobre infeliz?

— Não — disse ele —, já estão atrás de mim; iriam prender-me no seu quarto, e isso poderia perturbá-la.

Assim que terminou de pronunciar essas palavras, ouviu um grande ruído na escada. Ouviram o barulho de muitos passos subindo e a voz da porteira, dizendo o mais alto que podia:

— Juro-lhes que não entrou ninguém aqui, nem durante o dia nem durante a noite; não deixei a porta nem um instante!

Uma voz de homem respondeu:

— No entanto, há luz nesse quarto.

Jean Valjean e a irmã Simplice reconheceram a voz de Javert.

A disposição do quarto era tal que, abrindo-se a porta, ocultava o ângulo da parede do lado direito. Jean Valjean apagou a vela e ocultou-se nesse ângulo.

A irmã Simplice caiu de joelhos ao pé da mesa.

A porta abriu-se.

Javert entrou.

Ouviu-se a conversa de muitos homens e os protestos da porteira no corredor.

A religiosa não erguia os olhos. Rezava. A vela estava sobre a lareira e dava muito pouca claridade.

Javert viu a irmã de caridade e parou estupefato.

Todos se lembrarão de que o âmago de Javert, o seu elemento, o seu meio respeitável, era a veneração por toda espécie de autoridade. Nesse sentido, era íntegro, não admitia objeções, nem a mais leve restrição. Para ele, é necessário que se entenda, a primeira de todas as autoridades era a religiosa, e sobre esse ponto, como sobre todos os outros, era superficial e correto. A seus olhos, um padre era um espírito infalível; uma religiosa, uma criatura incapaz de pecar. Eram almas muradas no meio do mundo, para onde não tinham senão uma porta, que só dava saída à verdade.

Vendo, então, a irmã de caridade, seu primeiro movimento foi o de se retirar.

Contudo, havia outro dever que o detinha e o impelia imperiosamente em sentido contrário. O seu segundo movimento foi de permanecer ali e de fazer, ao menos, uma pergunta.

A irmã de caridade que ali se achava era aquela irmã que nunca mentira em sua vida. Javert sabia-o e a venerava particularmente por essa causa.

— Minha irmã — disse ele —, está sozinha neste quarto?

Seguiu-se um momento terrível, no qual a porteira se sentiu prestes a desfalecer.

A irmã ergueu os olhos e respondeu:

— Estou.

— Sendo assim — tornou Javert —, desculpe-me a insistência: é o meu dever; não viu esta noite uma pessoa? Um homem que fugiu e a quem nós procuramos, o tal Jean Valjean; não o viu?

— Não — respondeu a irmã.

E mentiu. Mentiu duas vezes seguidas, sem hesitar, com a rapidez da dedicação.

— Queira desculpar-me — finalizou Javert, e saiu, fazendo profundo cumprimento.

Ó santa mulher! Há muito que não sois deste mundo; já muitos anos vos reunistes às virgens, vossas irmãs, e aos anjos, vossos irmãos; seja-vos essa mentira contada no paraíso.

A afirmativa da irmã de caridade foi para Javert uma coisa tão decisiva que nem reparou na vela que tinha acabado de se apagar e que ainda fumegava sobre a mesa.

Passada uma hora, um homem caminhava em meio ao arvoredo, envolvendo-se no nevoeiro e afastando-se rapidamente de Montreuil-sur-Mer na direção de Paris. Esse homem era Jean Valjean. Foi provado, pelo testemunho de dois ou três recoveiros que o tinham encontrado, que ia vestindo uma blusa e levava debaixo do braço um embrulho. Onde ele tinha obtido aquela blusa? Nunca se soube. Todavia, morrera poucos dias antes na enfermaria da fábrica um velho operário que não deixara senão a sua blusa. Era, talvez, a que ele levava.

Mais uma palavra sobre Fantine.

Todos nós temos uma mãe: a terra. Fantine foi devolvida a essa mãe.

O pároco julgou proceder bem e acabou, talvez como devia, reservando, da quantia que Jean Valjean deixara, a maior porção possível para os pobres. No fim de tudo, de quem se tratava? De um forçado e de uma meretriz. Foi essa a razão por que ele simplificou o enterro de Fantine, reduzindo-o ao mínimo necessário, a vala comum.

Fantine foi, então, enterrada na parte gratuita do cemitério, que não pertence a ninguém e pertence a todos, e onde se perdem os pobres. Felizmente, Deus sabe onde reencontrar cada alma. Deitaram Fantine, em meio à escuridão, entre uns ossos quaisquer; passou para a promiscuidade das cinzas. Foi lançada à vala. O túmulo assemelhou-se ao leito.

PARTE SEGUNDA

COSETTE

LIVRO PRIMEIRO

WATERLOO

I

O que se encontra vindo de Nivelles

Numa linda manhã de maio do ano passado (1861), um viajante, este que agora lhes narra esta história, vinha de Nivelles a pé e se dirigia a La Hulpe. Seguia, por entre dois cordões de árvores, por uma estrada larga, pavimentada, e que se prolongava em ondulações sobre as colinas, que vinham uma após outra, fazendo o caminho subir e depois baixar outra vez, como se fosse ondas enormes. O caminhante passara por Lillois e Bois-Seigneur-Isaac e descobria já, a oeste, o campanário de ardósia de Braine-l'Alleud, que tem a forma de uma taça invertida. Acabava de deixar para trás de si uma elevação coberta de arvoredo e, no ângulo de um atalho, ao lado de uma espécie de cavalete carunchoso com a inscrição ANTIGA BARREIRA Nº 4, uma taberna, sobre cuja porta se lia o seguinte: AOS QUATRO VENTOS. *ÉCHABEAU*, CAFÉ CASEIRO.

Meio quarto de légua adiante dessa taberna chegou ao fundo de um pequeno vale, onde corre alguma água, que passa sob um arco erguido no aterro da estrada. O arvoredo, pouco basto, mas muito verde, que preenche o vale de um dos lados da calçada, espalha-se pelos campos, dirigindo-se, como que em desordem, para Braine-l'Alleud.

Via-se ali, à direita e à beira da estrada, outra estalagem, uma carroça de quatro rodas diante da porta, um grande feixe de varas de lúpulo, uma charrua, um monte de galhos secos perto de uma sebe, uma porção de cal fervendo em uma cova quadrada e uma escada encostada a um velho telheiro com paredes divisórias de palha. Uma moça cultivava em uma parte do terreno em que balançava ao vento um grande cartaz, provavelmente de algum espetáculo de feira anual. Em um dos ângulos da estalagem, ao lado de um charco onde navegava uma esquadra de patos, havia um caminho mal pavimentado que entrava pelo terreno inculto. O viandante seguiu por ele.

Depois de ter andado uns cem passos, ao longo de um muro do século XV excedido em altura por um torreão agudo de tijolos contrapostos, achou-se na frente

de um portão, cujo cimo era em forma de arco, com cimalha retilínea, seguindo o estilo grave de Luís XIV, tendo dos lados dois medalhões lisos. Uma severa fachada dominava essa porta, em que um muro perpendicular à fachada quase tocava e a flanqueava com um imprevisível ângulo reto. No prado, em frente à porta, jaziam três grades de destorroar, por entre as quais brotavam todas as flores de maio. A porta estava fechada com dois batentes decrépitos, ornados com uma argola velha e enferrujada.

O sol estava encantador; os ramos tinham aquele doce frêmito de maio que mais parece vir dos ninhos que do vento. Um corajoso passarinho, provavelmente apaixonado, gorjeava loucamente em uma grande árvore.

O viandante curvou-se e examinou, sob o umbral direito da porta, uma ampla escavação circular, semelhante ao alvéolo de uma esfera. Nesse momento, abriram-se os batentes e saiu uma camponesa, que reparou no desconhecido e viu o que ele estava observando, então disse-lhe:

— Foi uma bala francesa que fez isso.

E acrescentou:

— O que o senhor vê ali, em cima da porta, próximo àquele prego, é o buraco de uma grande bala de mosquete que não chegou a atravessar a madeira.

— Como se chama este lugar? — perguntou o viandante.

— Chama-se Hougomont — respondeu a camponesa.

O viandante endireitou-se, deu alguns passos e pôs-se a olhar por cima das sebes. Olhando desse modo, descobriu no horizonte, através do arvoredo e sobre uma espécie de montículo, qualquer coisa que de longe se assemelhava a um leão.

Estava no campo de batalha de Waterloo.

II

Hougomont

Hougomont foi um lugar fúnebre; o começo do obstáculo, a primeira resistência que em Waterloo se opôs ao grande mateiro da Europa, que se chamava Napoleão; o primeiro nó que ele encontrou sob o golpe de seu machado.

Era um castelo; agora é apenas uma granja. Hougomont, para o antiquário, é *Hugomons*. Esse solar foi construído por Hugo, senhor de Somerel, o mesmo que dotou a sexta capelania da abadia de Villiers.

O viandante empurrou a porta, passou sob o pórtico ao lado de uma velha caleche e entrou no pátio.

A primeira coisa que lhe atraiu a atenção foi uma porta do século XVI, que ali simula uma arcada, pelo fato de haver desmoronado tudo em torno dela. O aspecto monumental nasce muitas vezes da ruína. Próximo a essa arcada, em uma parede, abria-se outra porta com ferrolhos do tempo de Henrique IV, através da qual se podiam ver as árvores de um pomar. Ao lado dessa porta, uma estrumeira, enxadas, pás, alguns carrinhos de mão, um velho poço com uma tampa e um torniquete de ferro, um potro saltitante, um peru inchado, uma capela sobrepujada por um pequeno campanário e uma pereira florida espalhada sobre as paredes da capela; esse era o terreno cuja conquista constituiu o sonho de Napoleão. Se tivesse conseguido apoderar-se desse pedacinho de terra, graças a ele, talvez, teria conquistado o mundo. Veem-se ali algumas galinhas espalhando a terra com o bico e ouve-se um ganido: é um cão grande que mostra os dentes, substituindo os ingleses.

Nesse lugar, eles foram admiráveis. As quatro companhias de guardas de Cooke resistiram ali, durante sete horas, ao encarniçamento de um exército.

Hougomont, visto no mapa, em plano geométrico, compreendendo os edifícios e muros, apresenta uma espécie de retângulo irregular, no qual fosse entalhado um dos ângulos. É nesse ângulo que fica a porta meridional, guardada pelo muro, que a fuzila à queima-roupa. Hougomont tem duas portas de entrada: a meridional, que é a do solar, e a setentrional, que é a da granja. Napoleão mandou contra Hougomont seu irmão Jerônimo; as divisões Guilleminot, Foy e Bachelu ali se encontraram; quase todo o corpo de Reille foi aniquilado ali; os esforços das balas de Kellermann foram inúteis contra o heroico muro. Não foi suficiente a brigada Bauduin para forçar Hougomont pelo norte; ao sul, a brigada Soye nada conseguiu.

As granjas margeiam a área ao sul. Um pedaço da porta norte, destruída pelos franceses, ainda se encontra pendurado junto ao muro. São quatro tábuas pregadas sobre duas travessas, nas quais se podem distinguir as marcas do ataque.

A porta setentrional, arrombada pelos franceses e na qual puseram um remendo para substituir a parte arrancada, entreabre-se num muro do fundo do pátio; ela possui uma forma quadrada, composta por uma base de pedra e a parte de cima de tijolos, de tal modo a fechar, assim, o lado norte do pátio. É uma simples porta para passagem de carroças, como costuma haver em todas as construções desse tipo, com dois largos batentes feitos de tábuas rústicas. A disputa dessa entrada foi furiosa. Por

muito tempo se viu, por cima da porta, todo tipo de vestígios de mãos ensanguentadas. Foi aí que morreu Bauduin.

Ainda é possível sentir nesse pátio a violência do combate; o horror nele ainda é visível; os destroços da batalha estão ali petrificados: sente-se a vida e a morte; parece que tudo aconteceu ontem. As paredes agonizam; as pedras caem; as brechas gritam; os buracos são feridas; as árvores, inclinadas e trêmulas, parecem fazer esforços para fugir.

O pátio, em 1815, tinha mais construções, que, antes de serem demolidas, formavam curvas, ângulos e cotovelos.

Os ingleses tinham se entrincheirado ali: os franceses chegaram a entrar, mas não conseguiram sustentar-se. Ao lado da capela, uma ala do castelo, único escombro do solar de Hougomont, ainda desmorona, é possível dizer, com as vísceras expostas. O castelo serviu como torre e a capela, como trincheira. Exterminaram-se ali os combatentes. Os franceses, fuzilados por todos os lados, por trás das muralhas, pelo alto dos celeiros, pelo fundo dos subterrâneos, por todas as encruzilhadas e todos os respiradouros, por todas as fendas das pedras, levaram fachos e atearam fogo às casas e aos homens; a metralha teve o incêndio como réplica.

É possível entrever nessa ala arruinada, através das janelas guarnecidas por grades de ferro, os quartos destruídos do edifício principal feito de tijolos; os guardas ingleses estavam emboscados naqueles cômodos; a escada em espiral, fendida do chão ao teto, parece o interior de uma concha quebrada. A escada é formada por dois lances; os ingleses, cercados e amontoados na parte superior, haviam eliminado os degraus inferiores. São amplas lajes de pedras azuis que formam um monte em meio às urtigas. Uma dezena de degraus ainda estava presa à parede; no primeiro, está entalhada a imagem de um tridente. Esses degraus, inacessíveis, permanecem sólidos em seus espaços. Todo o resto se assemelhava a uma mandíbula sem dentes. Duas velhas árvores estão ali: uma está morta; a outra, mesmo com a base prejudicada, reverdece em abril. Desde 1815 ela vem crescendo através da escada.

A carnificina foi horrível na capela. O interior dela, com o aspecto tranquilo que depois readquiriu, é estranho. Depois do massacre, nunca mais se disse missa ali; não obstante, ainda está de pé o altar de madeira tosca, encostado a um fundo de pedra bruta. Quatro paredes caiadas, uma porta em frente ao altar, duas pequenas janelas em forma de arco, um grande crucifixo de madeira sobre a porta, um respiradouro tapado com um feixe de feno acima do crucifixo e uma velha vidraça toda quebrada, em um canto do chão; esse é o estado da capela. Pregada, perto do altar, uma escultura de madeira de Sant'Ana, do século XV; a cabeça do Menino Jesus foi arrancada por um tiro. Os franceses, por um momento senhores da capela,

e desalojados depois, tinham-na incendiado. As chamas encheram aquele casebre, que se transformou em fornalha; a porta e o sobrado arderam; a imagem de Cristo não se queimou. O fogo roeu-lhe os pés, de que se não veem senão os tornozelos enegrecidos, e parou. "Milagre!", bradaram os habitantes da região; mas o Menino Jesus decapitado não foi tão feliz como o Cristo.

As paredes estão cobertas de inscrições. Próximo aos pés do Cristo de madeira, lê-se o seguinte nome: *Henquinez*. Depois estes outros: *Conde de Rio Maior. Marqués y Marquesa de Almagro* (*Habana*). Leem-se também nomes franceses com pontos de exclamação, sinais de cólera. Voltaram a pintar de cal as paredes, em 1849. Nelas, as nações se insultavam.

Foi na porta dessa capela que encontraram um cadáver com um machado na mão. Esse cadáver era o segundo-tenente Legros.

Ao sair da capela, encontra-se um poço à esquerda. Há dois deles em todo o pátio. Pergunta-se: por que não há aqui balde nem roldana? Por que é que não tiram mais água dele? Porque está cheio de esqueletos.

O último que tirou água desse poço chamava-se Guillaume van Kylsom. Era um camponês que morava em Hougomont, onde era jardineiro. Sua família, no dia 18 de junho de 1815, fugiu e foi esconder-se na mata.

A floresta que rodeia a abadia de Villiers abrigou, durante muitos dias e muitas noites, todas aquelas populações desgraçadas e dispersas.

Guillaume van Kylsom ficou em Hougomont "para guardar o castelo", e se escondeu em uma adega, onde foi descoberto pelos ingleses. Arrancaram-no do seu esconderijo e, à força de pancadas, obrigaram-no a servi-los. Tinham sede; foi Guillaume quem lhes deu de beber, e foi daquele poço que tirou a água. Muitos mataram com ela a sua última sede. O poço de onde beberam tantos mortos devia morrer também.

Depois da batalha, todos se viram apressados para enterrar os cadáveres. A morte tem uma maneira de atormentar a vitória, fazendo seguir a glória pela peste. O tifo é um apêndice do triunfo. Aquele poço era profundo, fizeram dele um túmulo em que lançaram trezentos mortos, talvez com pressa demais. Estariam todos mortos? A lenda diz que não. Parece que, na noite seguinte ao enterro, foram ouvidas sair do poço vozes enfraquecidas pedindo socorro.

Esse poço está isolado no meio do pátio. Três paredes feitas com uma parte de pedra e outra de tijolos, dobradas como as folhas de um biombo e simulando uma pequena torre quadrada, cercam o poço por três lados. O quarto lado está aberto. É por aí que se tirava a água. A parede de fundo tem uma espécie de abertura redonda bem disforme, talvez algum buraco feito por uma granada. Essa torre tinha um teto

do qual só restam as vigas. A estrutura de ferro que sustenta a parede da direita forma uma cruz. Quem se inclina para observá-la se depara com um profundo cilindro de tijolos completamente cheio de trevas. Tudo ao redor do poço, desde a base das paredes, desaparece entre as urtigas.

Esse poço não tem na frente a grande laje azul que serve de tampa para todos os poços da Bélgica. Nesse caso, a laje azul é substituída por uma prancha na qual se apoiam cinco ou seis pedaços de madeira, nodosos e recurvados, que parecem grandes ossadas. Não há mais nem balde, nem corrente, nem roldana, mas ainda existe ali uma tijela de pedra que serve de desaguadouro. A água das chuvas se acumula e, de tempos em tempos, um pássaro das florestas ali pousa, mata a sede e, depois, volta a voar.

Ainda há uma casa habitada no meio dessa ruína, a habitação do caseiro, cuja porta principal dá para o pátio. Nessa porta, ao lado de uma bonita chapa de fechadura gótica, há uma argola de ferro lavrado, colocada de viés. No momento em que o tenente hanoveriano Wilda fazia uso da argola para se refugiar na casa do rendeiro, teve a mão decepada pelo machado de um sapador francês.

A família que hoje habita essa casa teve por avô o antigo jardineiro Van Kylsom, falecido há muito tempo. Disse-nos uma mulher de cabelos grisalhos:

— Eu estava aqui e tinha três anos. Minha irmã mais velha tremia de medo e chorava. Fomos levadas para os bosques. Eu estava nos braços de minha mãe; todos punham os ouvidos no chão para ouvir melhor; e eu imitava a artilharia fazendo *bum! Bum!*

Uma porta, à esquerda do pátio, como já dissemos, dá para o pomar.

Esse pomar é horrível.

Ele é dividido em três partes, ou, também é possível que se diga, em três atos. A primeira parte é um jardim; a segunda, o pomar; a terceira, um bosque. Essas três partes têm uma cerca comum: do lado da entrada, as instalações do castelo e das granjas; à esquerda, uma sebe; à direita, uma parede; e, ao fundo, outra parede. A primeira é de tijolos e a do fundo, de pedra. Antes de tudo, entra-se pelo jardim, que é em declive, plantado de groselheiras, coberto por uma vegetação selvagem e fechado por um monumental terraço de pedra de cantaria, com balaústres bem reforçados. Era um jardim senhorial, feito nos moldes do primeiro estilo francês que precedeu Le Nôtre,[1] hoje nada mais que ruína e mato. O topo das pilastras são globos que parecem balas de pedra. Contam-se, ainda, quarenta e três balaústres em suas bases; os outros estão espalhados pelo gramado. Quase todos contém arranhaduras dos tiros de mosquete. Um dos balaústres, destruído, está apoiado sobre o parapeito, como se fosse uma perna quebrada.

Foi nesse jardim, mais baixo que o pomar, que entraram seis atiradores da 1ª Artilharia Ligeira, os quais, não podendo depois sair, e vendo-se cercados e apanhados como ursos em suas covas, aceitaram o combate com duas companhias hanoverianas, uma das quais estava armada de carabinas. Os hanoverianos estavam distribuídos ao longo dos balaústres e atiravam de cima. Os franceses, respondendo de baixo, seis contra duzentos, intrépidos, não tendo por abrigo senão as groselheiras, levaram um quarto de hora para morrer.

Subindo alguns degraus, passa-se do jardim para o pomar propriamente dito. Ali, em algumas toesas quadradas, caíram, em menos de uma hora, mil e quinhentos homens. O muro parece pronto para recomeçar o combate. As trinta e oito seteiras, abertas pelos ingleses em diferentes alturas, ainda existem hoje. Diante da décima sexta, repousam duas tumbas inglesas de granito. Só há seteiras no muro do sul; era dali que vinha o ataque principal. Esse muro fica oculto, pela parte de fora, por uma sebe viva; os franceses chegaram, e, julgando ter de ultrapassar unicamente a sebe, saltaram-na e encontraram o muro, obstáculo e emboscada; atrás, os soldados ingleses, as trinta e oito seteiras fazendo fogo ao mesmo tempo, uma tempestade de metralhas e de balas; foi quando desapareceu a brigada Soye. Foi assim que começou Waterloo.

O pomar, todavia, foi tomado. Os franceses, não tendo escadas, treparam com as unhas. Combatiam corpo a corpo sob as árvores. Todo aquele gramado ficou encharcado de sangue. Um batalhão de Nassau, de setecentos homens, foi fulminado ali. A parte exterior do muro, contra o qual foram assestadas duas baterias de Kellermann, está toda carcomida pelos tiros.

Esse pomar é sensível, como qualquer outro, ao mês de maio. Tem seus botões-de-ouro e suas boninas; a erva é alta, os cavalos das charruas pastam nela; as cordas de crina, como varais, atravessam os intervalos entre as árvores e fazem os passantes baixarem a cabeça; ao caminhar nesse terreno, o pé afunda em buracos de toupeira. No meio da erva, percebe-se um tronco caído, ainda com suas raízes e não de todo seco. O major Blackmann encostou-se nesse tronco antes de expirar. Sob uma grande árvore vizinha caiu o general alemão Duplat, de uma família francesa refugiada durante a revogação do edito de Nantes. Exatamente ao lado, inclina-se uma velha macieira doente, amarrada com uma bandagem feita de palha e argila. Quase todas as macieiras caem de velhice. Não há mais nenhuma que não tenha sua marca de mosquete. São abundantes os esqueletos de árvores mortas por todo o pomar. Os corvos voam pelos ramos; ao fundo, há um bosque repleto de violetas.

Bauduin morto, Foy ferido, o incêndio, a matança, a carnificina, um rio de sangue inglês, alemão e francês furiosamente misturados, um poço atulhado de

cadáveres, o regimento de Nassau e o de Brunswick destruídos, Duplat morto, Blackmann morto, os soldados ingleses mutilados, vinte batalhões franceses, dos quarenta homens da divisão de Reille, dizimados; três mil homens, só naquele casario de Hougomont, acutilados, despedaçados, degolados, fuzilados e queimados; e tudo isso para que uma camponesa diga hoje a um viajante: "Se o senhor quiser, é só me dar três francos que lhe explico como foi a coisa em Waterloo."

III

O 18 de junho de 1815

Usando um dos direitos do narrador, vamos voltar ao ano de 1815, um pouco antes da época em que começa a ação contada na primeira parte deste livro.

Se não tivesse chovido na noite de 17 para 18 de junho de 1815, o futuro da Europa teria sido diferente. Algumas gotas de água de mais ou de menos fizeram Napoleão tombar. Para que Waterloo fosse o fim de Austerlitz, a Providência não precisou de mais do que um pouco de chuva; uma nuvem atravessando o céu, em contradição com a estação, foi o suficiente para o desmoronamento de um mundo.

A batalha de Waterloo só pôde começar às onze e meia da manhã, o que deu a Blücher tempo para chegar. Por quê? Porque a terra estava encharcada. Foi necessário que o solo secasse um pouco para que a artilharia pudesse manobrar.

Napoleão era oficial de artilharia, o que facilmente se podia perceber. No fundo, esse prodigioso capitão era o homem que, em seu memorando ao Diretório sobre Abuquir, dizia: "Uma de nossas balas matou seis homens." Todos os seus planos de batalha são baseados no projétil. Convergir a artilharia para um determinado ponto era o segredo de sua vitória. Tratava a estratégia do general inimigo como uma cidadela, e a atacava até abrir uma brecha. Oprimia o ponto fraco com a metralha; atava e desatava as batalhas com o canhão. Em seu grande gênio havia algo próprio do tiro. Esmagar os batalhões, pulverizar os regimentos, romper as linhas, triturar e dispersar as massas era tudo para ele; bater, bater, bater sem cessar; missão de que encarregava a bala. Método temível que, junto ao gênio, tornou invencível durante quinze anos esse sombrio atleta do pugilato da guerra.

No dia 18 de junho de 1815, ele contava tanto mais com sua artilharia quanto maior ela fosse em comparação à do oponente. Wellington não tinha senão cento e cinquenta e nove bocas de fogo; Napoleão dispunha de duzentas e quarenta.

Supunha-se o terreno seco, permitindo que a artilharia rodasse, e a ação teria começado às seis horas da manhã. A batalha estaria ganha e terminaria às duas, três horas antes da peripécia prussiana.

Qual é o tamanho da culpa de Napoleão na perda dessa batalha? O naufrágio é, por acaso, imputável ao piloto?

O declínio físico evidente de Napoleão aumentava, nessa época, com uma decadência interior? Os vinte anos de guerra tinham gastado tanto a lâmina como a bainha, tanto a alma como o corpo? O veterano pesou sobre o capitão? Numa palavra: esse gênio, como muitos historiadores renomados o julgaram, eclipsava-se? Tornava-se nervoso para ocultar a si mesmo seu enfraquecimento? Começaria a oscilar sob a desorientação de um sopro de aventura? Tornara-se, coisa muito grave em um general, inconsciente do perigo? Nessa classe de grandes homens materiais, a quem podemos chamar de gigantes da ação, existe uma idade para iniciar a miopia do gênio? A velhice não opera sobre os gênios do ideal; para Dante e Michelangelo, envelhecer seria tornar-se maior, mas para Aníbal e Bonaparte seria diminuir-se? Napoleão teria perdido o senso da vitória? Teria chegado ao estado de não reconhecer o perigo, de não intuir a armadilha, de não perceber a beira escorregadia dos abismos? Faltava-lhe o faro das catástrofes? Ele, que até então sabia todos os caminhos do triunfo e que, do alto de seu carro lampejante, os apontava com seu dedo soberano, teria sentido agora o desnorteamento sinistro que o fez conduzir ao precipício seu tumultuoso corpo de legiões? Teria sido atacado, aos quarenta e seis anos, por uma loucura suprema? Aquele cocheiro titânico do destino já não seria mais do que um grande imprudente?

Não o julgamos dessa forma.

Seu plano de batalha, segundo todos admitem, era uma obra-prima. Ir direto ao centro da linha aliada, fazer uma abertura no inimigo, dividi-lo em dois, impelir a metade britânica para Hal e a prussiana para Tongres, transformar Wellington e Blücher em dois troços, tomar o Mont-Saint-Jean, apoderar-se de Bruxelas, lançar o alemão no Reno e o inglês no mar. Napoleão planejou tudo isso para essa batalha. Depois ver-se-ia.

Convém dizer que não pretendemos desenvolver aqui a história de Waterloo; uma das cenas principais do drama que contamos tem ligação com essa batalha; mas sua história não é o nosso assunto; além do mais, essa história já está contada, e contada magistralmente, tanto do ponto de vista de Napoleão quanto do ponto de

vista de toda uma plêiade de historiadores.[2] Quanto a nós, deixamos os historiadores à vontade; não somos mais que um espectador distante, um passante da planície, um pesquisador debruçado sobre essa terra sovada com carne humana, considerando talvez meras aparências como realidades; não temos o direito de fazer oposição, em nome da ciência, a um conjunto de fatos sobre os quais, sem dúvida, há uma nuvem de incertezas; não temos nem a prática militar nem a competência estratégica que autorizam um sistema; segundo a nossa opinião, os dois capitães foram dominados em Waterloo por um encadeamento de acasos; e quando se trata do destino, esse misterioso acusado, julgamos como o povo, esse juiz ingênuo.

IV

A

Os que quiserem imaginar claramente a batalha de Waterloo basta que, com o pensamento, rabisquem no solo um A maiúsculo. A perna esquerda do A é a estrada de Nivelles; a direita é a estrada de Genappe; a corda é a depressão de Ohain até Braine-l'Alleud. A ponta superior do A é o Mont-Saint-Jean: é onde está Wellington; a ponta inferior esquerda é Hougomont, onde está Reille, junto com Jerônimo Bonaparte; a direita é a Belle-Alliance: é onde se acha Napoleão. Pouco abaixo do ponto em que a corda do A encontra a interseção com a perna direita é Haie-Sainte. O centro da corda é o ponto preciso onde se decidiu a batalha. Foi ali que colocaram o leão, símbolo involuntário do supremo heroísmo da Guarda Imperial.

O triângulo compreendido na parte superior do A, entre as duas pernas e a corda, é o planalto do Mont-Saint-Jean. A batalha não foi mais que a disputa por esse planalto.

As alas dos dois exércitos se estendem à direita e à esquerda das duas estradas de Genappe e de Nivelles; d'Erlon em oposição a Picton e Reille em oposição a Hill.

Atrás da ponta superior do A, atrás do planalto do Mont-Saint-Jean, fica a floresta de Soignes.

Quanto ao planalto propriamente dito, configura-se um grande terreno ondulante; cada dobra domina a dobra seguinte, e todas as ondulações sobem em direção ao Mont-Saint-Jean, até chegarem à floresta.

Dois exércitos inimigos num campo de batalha são dois lutadores que se enfrentam corpo a corpo, um pretendendo derrubar o outro. Aproveitam-se de tudo: uma moita insignificante vira um apoio; um ângulo de muro, uma trincheira; um regimento cede o terreno por falta de uma casinha em que se encoste; uma depressão, uma irregularidade do solo, um caminho transversal que se encontra a tempo, um bosque ou um barranco podem impedir um exército de marchar. Quem sai do campo está vencido. Daí provém, para o chefe responsável, a necessidade de examinar o mínimo grupo de árvores e de perscrutar o mais insignificante relevo.

Os dois generais tinham estudado atentamente a planície do Mont-Saint-Jean, hoje chamada de Waterloo.

No ano precedente, Wellington já a tinha examinado com sagaz previdência, para o caso de uma grande batalha. Nesse terreno, no dia 18 de junho, Wellington estava na melhor posição e Napoleão, na pior. O exército inglês estava no ponto elevado; o francês estava na baixada.

Esboçar aqui o aspecto de Napoleão a cavalo, com sua luneta na mão, na altura de Rossomme, na madrugada de 18 de junho de 1815, seria quase um exagero. Antes que se possa mostrá-lo, todo mundo já o viu. O perfil calmo, sob o pequeno chapéu da escola de Brienne, o uniforme verde, a lapela branca cobrindo as medalhas de condecoração, o sobretudo cobrindo as dragonas, o ângulo do cordão vermelho sob o colete, o culote de couro, o cavalo branco com uma manta de veludo púrpura tendo, em cada canto, a letra N coroada e uma águia; botas de montar sobre meias de seda, esporas de prata, a espada de Marengo. Toda essa figura do último César ainda presente nos imaginários; aclamada por uns e severamente julgada por outros.

Durante muito tempo, essa figura emanou grande luminosidade, embora tivesse também certa obscuridade lendária que é típica da maior parte dos heróis e que sempre esconde, por mais ou menos tempo, a verdade; mas hoje a história e o presente se fundem.

Essa claridade, a história, é impiedosa; ela tem isso de estranho e de divino, que, sendo completa luminosidade, e justamente por ser pura luminosidade, ela muitas vezes ofusca os pontos em que antes raiava a luz; do mesmo homem ela faz dois fantasmas diferentes, de tal modo que um ataca o outro e faz justiça, então as trevas do déspota lutam com o brilhantismo do capitão. Assim surge uma noção mais verdadeira na apreciação definitiva dos povos. Babilônia violada diminui Alexandre;

Roma acorrentada diminui César; Jerusalém arruinada diminui Tito. A tirania persegue o tirano. É uma desgraça para um homem deixar atrás de si uma noite que tem sua forma.

V

O *quid obscurum* das batalhas

Todo mundo conhece a primeira fase dessa batalha; começo turvo, incerto, hesitante, ameaçador para os dois exércitos: mais para os ingleses do que para os franceses.

Havia chovido ao longo de toda a noite; a chuva copiosa havia sulcado profundamente a terra; aqui e ali, a água tinha se acumulado nos buracos da planície, como em outros tantos tanques; em alguns pontos, as carroças da guarnição afundavam até os eixos; as cilhas dos cavalos emparelhados pingavam lama líquida; se os trigos e centeios, aterrados por aquele comboio de carroças em fila, não tivessem enchido os buracos e preparado o terreno para as rodas, todo movimento, sobretudo nos vales da região de Papelotte, teria sido impossível. A ação começou tarde; Napoleão, como já explicamos, estava habituado a ter toda a artilharia à mão como uma pistola, assestando-a, ora para um, ora para outro ponto da batalha; e quisera esperar que as baterias aparelhadas pudessem rodar e galopar livremente; para isso era preciso que o sol aparecesse e que o terreno secasse. Mas o sol não apareceu. Não era mais o encontro de Austerlitz. Quando ecoou o primeiro tiro de artilharia, o general inglês Colville conferiu seu relógio e viu que eram onze horas e trinta e cinco minutos.

A ação foi iniciada com fúria, talvez até mais do que o imperador desejara, pela ala esquerda francesa sobre Hougomont. Ao mesmo tempo, Napoleão atacou o centro, jogando a brigada Quiot sobre Haie-Sainte, e Ney empurrou a ala direita francesa contra a ala esquerda inglesa, cuja base era em Papelotte. O ataque de Hougomont ocultava um segundo propósito: atrair Wellington para lá e fazê-lo pender para a esquerda, tal era o plano. Esse plano teria sido executado se as quatro companhias das guardas inglesas e os bravos belgas da divisão Perponcher não

tivessem tenazmente defendido a posição, e Wellington, em vez de ali se concentrar, tivesse se limitado a enviar um reforço de outras quatro companhias das guardas e um batalhão de Brunswick.

O ataque da ala direita francesa sobre Papelotte era decisivo: destruir a ala esquerda inglesa, cortar a estrada de Bruxelas, cortar a passagem por onde possivelmente viriam os prussianos, tomar o Mont-Saint-Jean, fazer Wellington recuar para Hougomont, depois para Braine-l'Alleud e, por fim, para Hal; não havia nada mais razoável. Exceto alguns incidentes, o ataque efetuou-se. Papelotte e Haie-Sainte foram tomadas.

Detalhe importante de ser notado: havia, na infantaria inglesa, sobretudo na brigada de Kempt, uma reforçada quantidade de recrutas. Esses jovens soldados, diante de nossa temível infantaria, foram valentes; sua inexperiência portou-se corajosamente nessa ocasião; eles fizeram, acima de tudo, um excelente trabalho de atiradores; o soldado atirador, em certa medida entregue a si mesmo, torna-se, por assim dizer, seu próprio general; esses recrutas demonstraram um quê da invenção e da fúria dos franceses. Essa infantaria noviça foi valente; e isso desagradou a Wellington.

Depois da tomada de Haie-Sainte, a batalha vacilou.

Há nessa jornada, do meio-dia às quatro horas da tarde, um intervalo obscuro; o meio dessa batalha é quase indistinto e participa da sombra da luta. Iniciou o crepúsculo. Distinguem-se vastas flutuações nesse nevoeiro, uma miragem vertiginosa. O equipamento de guerra daquela época, hoje quase desconhecido: chapéus em forma de cone cobertos com pele e pelo de urso, ornado com um penacho no topo; flutuantes bolsas de couro para o sabre; correames cruzados; balaios para as granadas; dólmãs de hussardos; botas vermelhas plissadas; pesados bonés cilíndricos com viseira e enfeites trançados. A infantaria quase negra de Brunswick, misturada à infantaria escarlate da Inglaterra; soldados ingleses com grossas rodelas brancas nas espáduas, como dragonas; a ligeira cavalaria de Hanôver utilizando seus capacetes de couro oblongos, com correias de cobre e cobertos por crinas vermelhas; os escoceses de joelhos expostos e saiotes com estampa xadrez; as grandes polainas brancas de nossos granadeiros. Quadros, não linhas superpostas, à maneira de Salvator Rosa, não de Gribeauval.[3]

Alguma tempestade sempre se mistura a uma batalha. *Quid obscurum, quid divinum*. Cada historiador traça as linhas que mais o agradam em toda aquela confusão. Seja qual for o planejamento dos generais, o choque das massas armadas inevitavelmente produz incalculáveis desordens; na ação, os dois planos dos dois chefes entram um no outro e se deformam mutuamente. Esse ponto do campo de

batalha consome mais combatentes que aquele outro, como os solos mais ou menos esponjosos absorvem com maior ou menor velocidade a água que cai sobre eles. É obrigatório que se utilizem nessas situações mais soldados do que se queria. As perdas são imprevisíveis. A linha de batalha flutua e serpenteia como um fio, os rastros de sangue escorrem com a maior falta de lógica, as vanguardas dos exércitos ondulam, os regimentos produzem saliências ou reentrâncias, formando cabos ou golfos; todos esses perigos se movem continuamente uns diante dos outros; ao lugar onde estava a artilharia chega a cavalaria; os batalhões são espirais de fumo. Havia alguma coisa ali, mas, ao procurá-la, já desapareceu; as clareiras se deslocam; as dobras sombrias avançam e recuam; uma espécie de vento sepulcral impulsiona, impede, infla e dispersa essas trágicas multidões. O que é um combate? Uma oscilação. A imobilidade de um plano matemático exprime um minuto e não um dia inteiro. Para pintar uma batalha são necessários pintores vigorosos que tenham o caos em seus pincéis. Rembrandt é melhor que Van der Meulen.[4] Van der Meulen, verdadeiro ao meio-dia, mente às três horas da tarde. A geometria ilude; somente o furacão é verdadeiro. É isso o que dá a Folard o direito de contradizer Políbio.[5] Acrescentemos também que há sempre um instante em que a batalha degenera em combate, particulariza-se, espalha-se em inumeráveis fatos e detalhes que, citando a expressão do próprio Napoleão, "pertencem mais à biografia dos regimentos que à história do exército". Nesse caso, o narrador tem evidentemente o direito de fazer um resumo. A única coisa que pode fazer é traçar os contornos principais da luta, assim como não é possível a qualquer narrador, por mais consciencioso que seja, fixar como verdade absoluta a forma dessa nuvem horrível que chamamos de batalha.

Isso, que é verdadeiro em todos os grandes embates armados, é particularmente aplicável a Waterloo.

Contudo, à tarde, em certo momento, a batalha mostrou-se claramente.

VI

Quatro horas da tarde

Pelas quatro horas da tarde, a situação do exército inglês era grave. O príncipe de Orange comandava o centro; Hill, a ala direita; Picton, a ala esquerda. O príncipe de Orange, desesperado e intrépido, gritava aos holando-belgas:

— Nassau! Brunswick! Sempre para a frente!

Hill, enfraquecido, vinha encostar-se em Wellington; Picton estava morto. No mesmo instante em que os ingleses tinham tomado aos franceses a bandeira do 105º Regimento de Linha, os franceses viram o general Picton ser morto pelos ingleses com uma bala que lhe atravessou o crânio. A batalha, para Wellington, tinha dois pontos de apoio, Hougomont e Haie-Sainte; o primeiro ainda resistia, mas ardia em chamas; o segundo já estava tomado. Do batalhão alemão que defendia Haie-Sainte, só existiam quarenta e dois homens; todos os oficiais, com exceção de cinco, estavam mortos ou aprisionados. Três mil combatentes tinham sido aniquilados nessa granja. Um sargento das guardas inglesas, o primeiro boxeador da Inglaterra, e que entre os camaradas gozava da reputação de invulnerável, foi morto ali por um pequeno tambor francês. Baring estava deslocado. Alten estava ferido. Muitas bandeiras tinham sido perdidas: uma delas era da divisão Alten e outra do batalhão de Luneburgo, conduzida por um príncipe da família de Deux-Ponts. Os escoceses acinzentados não existiam mais; os dragões robustos de Ponsonby estavam despedaçados. A valente cavalaria tinha se curvado aos lanceiros de Bro e aos couraceiros de Travers; de mil e duzentos cavalos, só restavam seiscentos; dos três tenentes-coronéis, dois haviam caído por terra; Hamilton estava ferido e Mater tinha sido morto. Ponsonby estava vencido, furado por sete golpes de lança. Gordon estava morto, Marsh estava morto. Duas divisões, a quinta e a sexta, estavam destruídas. Com Hougomont sob ameaça e Haie-Sainte já tomada, não restava senão um nó, o centro. Este ponto continuava resistindo. Wellington reforçou-o chamando Hill, que estava em Merbe-Braine, e Chassé, que estava em Braine-l'Alleud.

O centro do exército inglês, um tanto côncavo, bastante denso e compacto, achava-se fortemente situado. Ocupava a planície do Mont-Saint-Jean, tendo na retaguarda a aldeia e na frente o declive, muito intenso então. Encostara-se numa forte habitação de pedra que era, naquela época, uma propriedade de Nivelles e a qual marca a interseção das estradas, com muros do século XVI tão robustos que as balas ricocheteavam neles sem penetrá-los. Em volta da planície, os ingleses tinham aberto por um e outro lado as sebes, feito canhoneiras nos espinheiros e colocado bocas de canhão entre ramos de árvores, camufladas com mato. Sua artilharia estava emboscada atrás das moitas. Esse trabalho, incontestavelmente admitido pela guerra,

que consente a armadilha, fora tão bem executado que Haxo, enviado pelo imperador às nove horas da manhã para reconhecer as baterias inimigas, não vira coisa alguma e voltara dizendo a Napoleão que não havia obstáculo além de duas barricadas que cortavam as estradas de Nivelles e de Genappe. Era a época da maior altura das searas; na orla da planície, um batalhão de brigada de Kempt, o 95º armado de carabinas, estava deitado em meio ao trigo.

O centro do exército anglo-holandês, assim seguro e resguardado, estava em boa posição.

O perigo dessa posição era a floresta de Soignes, então contígua ao campo de batalha e cortada pelas lagoas de Groenendael e de Boitsfort. Um exército não podia recuar para ali sem se dispersar; os regimentos teriam rapidamente se destroçado e a artilharia atolaria nos charcos. A retirada por aquele lado, segundo a opinião de muitos especialistas, embora contestada por outros, é verdade, seria um "salve-se quem puder".

Wellington juntou a esse centro uma brigada de Chassé, tirada da ala direita, e outra brigada de Wincke, tirada da ala esquerda, mais a divisão Clinton. Aos seus ingleses, aos regimentos de Halkett, à brigada de Mitchell e aos guardas de Maitland, ele deu, como auxílio e contrafortes, a infantaria de Brunswick, o contingente de Nassau, os hanoverianos de Kielmansegge e os alemães de Ompteda. Isso permitiu que ele tivesse em suas mãos vinte e seis batalhões. A *ala direita*, como diz Charras, *foi deslocada para a retaguarda do centro*. Uma bateria enorme estava camuflada por sacos de terra, no lugar onde hoje está o que chamamos de "Museu de Waterloo". Wellington tinha também, numa dobra do terreno, os dragões da Guarda de Somerset, com mil e quatrocentos cavalos. Era a outra metade da cavalaria inglesa, tão justamente célebre. Uma vez que Ponsonby estava destruído, restava Somerset.

A bateria que, depois de concluída, seria um reduto estava disposta atrás de um muro de jardim muito baixo, revestida de sacos de terra e de um largo talude de terra. Essa obra não estava acabada; não houvera tempo para fazer as estacadas.

Wellington, inquieto mas impassível, estava a cavalo, e conservou-se todo o dia da mesma forma, um pouco depois do velho moinho do Mont-Saint-Jean, que ainda existe, sob um olmeiro que um inglês, tempos depois, vândalo entusiasta, comprou por duzentos francos, serrou e levou. Wellington mostrou-se friamente heroico. Choviam balas. O ajudante de campo, Gordon, acabava de tombar a seu lado. Lorde Hill, mostrando uma granada que rebentava, perguntou-lhe:

— Milorde, quais são as suas instruções e que ordens nos dá, se acaso for morto?

— Que façam como eu — respondeu Wellington. A Clinton, disse laconicamente: — Resistir até enquanto houver um único homem.

A empreitada ia visivelmente mal. Wellington gritava aos seus antigos companheiros de Talavera, de Vittoria e de Salamanca: "Rapazes, alguém aqui pensa em ceder? Lembrem-se da velha Inglaterra!"

Por volta das quatro horas da tarde, a linha inglesa recuou. De repente, não se viu no alto da planície senão a artilharia e os atiradores; o resto desaparecera, os regimentos, batidos pelas granadas e balas francesas, dobraram-se no ponto que corta ainda hoje o caminho de serviço da granja do Mont-Saint-Jean; operou-se um movimento retrógrado, a vanguarda de batalha inglesa ocultou-se, Wellington recuou. "Começo de retirada!", gritou Napoleão.

VII

Napoleão de bom humor

A cavalo, o imperador, apesar de doente e incomodado, em consequência de um sofrimento localizado, nunca se mostrara tão bem-humorado como naquele dia. Desde a manhã que sua impenetrabilidade sorria. Aquela alma profunda, com máscara de mármore, resplandecia cegamente no dia 18 de junho de 1815. O homem que fora sombrio em Austerlitz mostrava-se alegre em Waterloo. Os mais predestinados têm desses contrassensos. Nossas alegrias compõem-se de sombras. O supremo sorriso é de Deus.

— *Ridet Caesar, Pompeius flebit*[6] — diziam os legionários da legião Fulminatrix. Dessa vez, Pompeu não devia chorar, mas com certeza César sorria.

Desde a véspera, à noite, à uma hora da manhã, explorando a cavalo, sob uma chuva copiosa, acompanhado de Bertrand, as colinas próximas de Rossomme, satisfeito por ver a extensa linha dos fogos ingleses iluminando todo o horizonte, desde Frischemont até Braine-l'Alleud, parecera-lhe que o destino, designado para ele especificamente naquele dia no campo de Waterloo, era exato; ele parou seu cavalo e ficou durante algum tempo imóvel, encarando os relâmpagos e escutando

os trovões; e alguém ouviu aquele fatalista soltar na escuridão estas palavras misteriosas: “Estamos de acordo.” Napoleão enganava-se. Não estavam de acordo.

Não dormira um minuto; todos os instantes daquela noite tinham sido por ele marcados por uma expressão de alegria. Percorrera todos os postos avançados, parando em um lugar ou outro para conversar com as sentinelas. Às duas e meia da manhã, próximo ao bosque de Hougomont, pressentiu o ruído de uma coluna marchando; acreditou por um momento na retirada de Wellington e dissera a Bertrand:

— É a retaguarda inglesa que levanta acampamento. Aprisionarei os seis mil ingleses que acabam de chegar a Ostende.

Falava expansivamente; havia voltado a sentir o bom humor do desembarque de 1º de março, quando mostrou ao grande marechal o camponês entusiasta do golfo Juan, exclamando: “Bem, Bertrand, já temos reforço!” Na noite de 17 para 18 de junho, zombava de Wellington, dizendo:

— Esse inglesinho precisa de uma lição.

A chuva aumentava e os trovões ribombavam enquanto o imperador falava.

Às três e meia da manhã, havia perdido uma ilusão: os oficiais que tinham ido fazer o reconhecimento voltaram dizendo que o inimigo não tinha feito o menor movimento. Ninguém se mexia; não se apagara uma única fogueira do acampamento. O exército inglês dormia. O silêncio era profundo em toda a terra; só havia ruído no céu. Às quatro horas, um camponês capturado pelos batedores foi levado a ele; esse camponês havia servido de guia a uma brigada da cavalaria inglesa, provavelmente a brigada Vivian, que ia tomar posição na aldeia de Ohain, à extrema esquerda. Às cinco horas, dois desertores belgas informaram que haviam deixado seus regimentos e que o exército inglês esperava a batalha.

— Tanto melhor! — exclamara Napoleão. — Prefiro antes esmagá-los do que repeli-los.

Pela manhã, na encosta que forma o ângulo do caminho de Plancenoit, apeou-se no meio da lama, mandou que lhe fossem buscar na granja de Rossomme uma mesa de cozinha e uma cadeira de campo, sentou-se, tendo por tapete um punhado de feno, e desenrolou sobre a mesa o mapa do campo de batalha, dizendo a Soult: “Lindo tabuleiro de xadrez!”

Em consequência da forte chuva que caiu a noite inteira, os comboios de víveres, atolados em estradas intransitáveis, não tinham podido chegar pela manhã, o soldado não tinha dormido, estava encharcado e em jejum, o que não impediu Napoleão de dizer alegremente para Ney: “Temos noventa chances em cem.”

Às oito horas, tinham trazido ao imperador o almoço, para o qual ele havia convidado muitos generais. Durante o almoço, tinham contado que Wellington fora, na antevéspera, a um baile em Bruxelas, na casa da duquesa de Richmond; e Soult, rude homem de guerra com cara de arcebispo, disse: "Hoje é que é o baile." O imperador tinha brincado com Ney, que dizia: "Wellington não será tão simplório a ponto de esperar por Vossa Majestade." A propósito, ele era assim. "Ele se divertia com essas coisas", conta-nos Fleury de Chaboulon. "No fundo de seu caráter era bem-humorado", diz Gourgaud. "Ele se divertia com certas piadas, antes bizarras que espirituosas", diz Benjamin Constant. Vale a pena destacar um pouco mais essas gaiatices de gigante. Foi ele mesmo quem começou a chamar seus granadeiros de resmungões; beliscava-lhes a orelha e puxava-lhes o bigode. "O imperador vivia pregando peças", segundo a expressão de um deles. Durante o misterioso trajeto da ilha de Elba à França, no dia 27 de fevereiro, em pleno mar, quando o brigue de guerra francês *Zéphyr* encontrou o brigue *L'Inconstant*, no qual Napoleão estava escondido, e pediu ao *L'Inconstant* notícias sobre Napoleão, o imperador, que nesse momento ainda usava o chapéu com a insígnia branca e de amaranto semeado por abelhas, adotado por ele na ilha de Elba, sorrindo, ele mesmo pegou o megafone e respondeu: "O imperador está bem." Quem ri da sorte está familiarizado com os acontecimentos. Napoleão teve muitos acessos de riso durante o almoço de Waterloo. Depois do almoço, recolheu-se por um quarto de hora, em seguida dois generais se sentaram sobre o punhado de feno, de penas na mão, então o imperador ditou-lhes a ordem da batalha.

Às nove horas, na ocasião em que o exército francês escalonado e posto em movimento em cinco colunas tinha se desenvolvido, as divisões em duas linhas com a artilharia entre as brigadas, as músicas tocando na frente, os tambores rufando, as trombetas soando, poderoso, imenso, um alegre oceano de capacetes, um horizonte de sabres e baionetas, o imperador, entusiasmado, exclamou duas vezes: "É magnífico! É magnífico!"

Das nove horas às dez e meia, todo o Exército, o que parece incrível, havia estabelecido seu posicionamento e se dividido em seis linhas que desenhavam, para repetirmos a expressão do próprio imperador, "a figura de seis letras V". Poucos instantes depois da formação do front de batalha, em meio ao profundo silêncio que precede os combates, vendo desfilar as três baterias de doze, destacadas, por ordem sua, dos três corpos de Erlon, de Reille e de Lobau, e destinadas a começar a ação atacando Mont-Saint-Jean, onde fica a interseção das estradas de Nivelles e de Genappe, o imperador bateu nos ombros de Haxo dizendo-lhe: "Eis vinte e quatro belas moças, general."

Certo do êxito, quando lhe passou pela frente, animou com um sorriso a companhia de sapadores da primeira divisão, por ele designada para se entrincheirar no Mont-Saint-Jean assim que a aldeia fosse tomada. Toda essa serenidade só foi atravessada por uma palavra de altiva piedade; observando à sua esquerda, em um lugar onde hoje há uma grande tumba, aglomerarem-se, com seus soberbos cavalos, aqueles admiráveis escoceses acinzentados, disse ele: "Que pena!" Depois montou a cavalo, dirigiu-se para a frente de Rossomme e escolheu para observatório um pequeno monte coberto de relva, à direita da estrada de Genappe para Bruxelas, onde foi sua segunda parada durante a batalha. A terceira parada, às sete horas da tarde, entre a Belle-Alliance e a Haie-Sainte, é temível; é um outeiro bastante elevado, que existe até hoje, atrás do qual estava a guarda formada em uma depressão da planície. Em torno desse outeiro, as balas que batiam no pavimento iam ricocheteando até Napoleão. Como em Brienne, sentia sobre a cabeça o assobiar das balas dos biscainhos. Quase no lugar em que seu cavalo tinha as patas, acharam-se balas amassadas, velhas folhas de espadas e projéteis deformados, corroídos pela ferrugem. *Scabra rubigine.*[7] Há alguns anos, desenterrou-se dali uma granada de sessenta, ainda carregada, cuja espoleta tinha se quebrado rente à carga de arrebentamento. Foi nessa última parada que o imperador disse ao seu guia Lacoste, camponês, hostil, medroso, preso ao selim de um hussardo, que se assustava a cada nova descarga de metralha, tentando esconder-se atrás de Napoleão: "Imbecil! Você é vergonhoso. Está fazendo com que te matem pelas costas." Quem escreveu estas linhas também encontrou no terreno arenoso do declive desse outeiro, escondidos na areia, os restos de uma granada, carcomida pela ferrugem de quarenta e seis anos, além de velhos pedaços de ferro que se desfaziam como pedaços de sabugueiro entre seus dedos.

As ondulações do terreno, diversamente inclinadas, onde se encontraram Napoleão e Wellington, não são mais, ninguém há de negar, o que eram no dia 18 de junho de 1815. Ao aproveitar esse campo fúnebre para construir um monumento, modificaram-lhe o relevo original; por conta disso, a história, desconcertada, não se reconhece mais. Para glorificá-la, desfiguraram-na. Wellington, dois anos depois, revendo Waterloo, exclamou: "Como alteraram meu campo de batalha!" Lá, onde hoje encontramos a sólida pirâmide de terra com um leão em cima, havia uma crista que, em direção à estrada de Nivelles, se abaixava em uma rampa tranquila de passar, mas que, em direção à estrada de Genappe, era quase uma escarpa. A elevação dessa escarpa ainda pode ser medida hoje pela altura dos dois outeiros onde estão os dois grandes túmulos que margeiam a estrada que vai de Genappe a Bruxelas; do lado esquerdo fica o túmulo inglês; do direito, o

túmulo alemão. Não há nenhum túmulo francês. Para a França, toda aquela planície é um sepulcro. Graças aos milhares de carroças de terra empregadas naquele monte de cento e cinquenta pés de altura e de quase meia milha de circunferência, o planalto do Mont-Saint-Jean hoje é acessível por um suave declive. No dia da batalha, sobretudo para os lados de Haie-Sainte, o acesso era complicado e abrupto. A rampa era tão íngreme que os canhões ingleses não conseguiam ver a seus pés a granja situada ao fundo do vale, centro do combate. No dia 18 de junho de 1815, as chuvas, além de tudo, tinham enlameado aqueles barrancos; a lama complicava a subida, o que exigia uma escalada, além de fazer com que se atolasse. Ao longo do cimo da planície corria uma espécie de fosso impossível de adivinhar por um observador que estivesse a distância.

O que era aquele fosso? Expliquemos. Braine-l'Alleud é uma aldeia da Bélgica, Ohain é outra. Essas aldeias, escondidas pelas dobras do terreno, estão unidas por um caminho de uma légua e meia, mais ou menos, que atravessa uma planície ondulada e, com frequência, entra e se afunda nas colinas como um sulco, o que faz com que diversos pontos dessa estrada sejam barrancos. Em 1815, assim como ainda hoje, essa estrada cortava a crista do planalto do Mont-Saint-Jean, entre os dois caminhos de Genappe e de Nivelles; entretanto, hoje ela está no mesmo nível que a planície, mas antes era uma depressão. Tiraram-lhe os dois barrancos para construir o alto monumento. Esse caminho era, e ainda é, em grande parte do percurso, um fosso escavado às vezes com doze pés de profundidade e cujos taludes extremamente escarpados se desmoronavam em um e outro ponto, sobretudo no inverno, com o peso das águas. Aconteciam ali vários acidentes. O caminho era tão estreito à entrada de Braine-l'Alleud que um viandante tinha sido nele esmagado por uma carroça, como prova uma cruz de pedra colocada próximo ao cemitério, onde se vê o nome do morto, SR. BERNARD DEBRYE, COMERCIANTE EM BRUXELAS, e a época do acidente, FEVEREIRO DE 1637.[8] O caminho era tão profundo, visto do planalto do Mont-Saint-Jean, que um camponês, Mathieu Nicaise, ali tinha sido soterrado, em 1783, por um desabamento de terra, como o atesta outra cruz de pedra, cuja parte de cima desapareceu nas roteaduras, mas cujo pedestal, destruído, é ainda hoje visível entre a erva, na rampa que fica à esquerda da estrada, entre Haie-Sainte e a granja do Mont-Saint-Jean.

Num dia de batalha, esse barranco, que não era perceptível pelo mínimo indício, margeando o cume do Mont-Saint-Jean, fosso na crista da escarpa, buraco oculto no terreno, era invisível, isto é, terrível.

VIII

O imperador faz uma pergunta ao guia Lacoste

Portanto, na manhã, de Waterloo, Napoleão estava satisfeito.

E tinha razão: o plano de batalha concebido por ele, como já o dissemos, era de fato admirável.

Uma vez travada a batalha, suas peripécias bastante variadas, a resistência de Hougomont; a tenacidade da Haie-Sainte; a morte de Bauduin; Foy posto fora de combate; a inesperada muralha no ponto em que a brigada de Soye foi destruída; a fatal imprudência de Guilleminot, não tendo nem bombas nem sacos para pólvora; as baterias atoladas; os quinze canhões sem guarnição, inutilizados por Uxbridge em um barranco; o pouco efeito das bombas caindo nas linhas inglesas, enterrando-se no solo enlameado pela chuva, produzindo apenas vulcões de lama e transformando a metralha em chuveiros de lodo; a inutilidade da demonstração de Piré sobre Braine-l'Alleud; toda a cavalaria, quase quinze esquadrões, anulada; a ala direita inglesa sem inquietações, além de a ala esquerda praticamente não ter se mexido; o estranho equívoco de Ney, formando as tropas em coluna, em vez de escaloná-las; as quatro divisões do primeiro corpo, com vinte e sete fileiras de homens e uma frente de duzentos, expostos assim à metralha; o espantoso efeito das balas nessas multidões; as colunas de ataque desunidas; a bateria das trincheiras bruscamente desmascarada pelos flancos; Bourgeois, Donzelot e Durutte em perigo; Quiot repelido; o lugar-tenente Vieux, um Hércules saído da Escola Politécnica, ferido no momento em que tentava arrombar a machadadas a porta de Haie-Sainte, sob o fogo candente da barricada inglesa, interditando a curva da estrada de Genappe a Bruxelas; a divisão Marcognet, encurralada entre a cavalaria e a infantaria, fuzilada à queima-roupa em meio aos trigais por Best e Pack, golpeada por Ponsonby, e sua bateria de sete peças atolada; o príncipe de Saxe-Weimar sustentando e guardando, malgrado o conde de Erlon, Frischemont e Smohain; as bandeiras do 105º e do 45º tomadas; o hussardo negro, prussiano, preso pelos atiradores da coluna volante de trezentos caçadores, que batia a estrada entre Wavre e Plancenoit; as coisas assustadoras que esse prisioneiro tinha dito; a demora de Grouchy; os mil e quinhentos homens mortos, em menos de uma hora, no pomar de Hougomont; os mil e oitocentos lançados por terra, em menos tempo ainda, em torno da Haie-Sainte; todos esses incidentes tempestuosos, passando como nevoeiros da batalha

pela frente de Napoleão, tinham-lhe apenas afetado a vista, sem que assombreassem aquela face imperial cheia de convicções. Napoleão estava habituado a encarar a guerra fixamente; não somava nunca as parcelas pungentes dos seus detalhes; os algarismos importavam-lhe pouco, contanto que lhe dessem o total: vitória! Embora o começo se apresentasse mal, ele, que se julgava seguro do fim, não se inquietava; sabia esperar, supondo-se fora da questão, tratava o destino de igual para igual. Parecia dizer à sorte: "Não ousarás!"

Metade luz e metade sombra, Napoleão sentia-se protegido no bem e tolerado no mal. Tinha, ou julgava ter por si, uma conivência, ou poderíamos quase dizer, uma cumplicidade com os acontecimentos, equivalentes à antiga invulnerabilidade.

Contudo, tendo atrás de si Beresina, Leipzig e Fontainebleau, parece que poderia desconfiar de Waterloo. Um misterioso enrugar de sobrancelhas torna-se visível no fundo do céu.

No momento em que Wellington recuou, Napoleão estremeceu. Viu subitamente desguarnecido o planalto do Mont-Saint-Jean e desaparecer a vanguarda do exército inglês. Concentrava-se, mas escondia-se. O imperador ergueu-se sobre os estribos. O relâmpago da vitória passou-lhe pelos olhos.

Wellington, encurralado e destruído na floresta de Soignes, significava o aniquilamento definitivo da Inglaterra pela França; era a vingança de Crécy, Poitiers, Malplaquet e Ramillies. O homem de Marengo riscava Azincourt.

Então, o imperador, meditando na peripécia terrível, direcionou mais uma vez sua luneta para todos os pontos do campo de batalha. Sua guarda, atrás de si e com as armas aos pés, observava-o da parte de baixo, com uma espécie de fanatismo. Napoleão meditava; examinava as vertentes, notava os declives, escrutava o menor grupo de árvores. Olhava com alguma atenção para as barricadas inglesas, e que eram dois grandes montões de árvores derrubadas; a da estrada de Genappe, acima da Haie-Sainte, armada com dois canhões, os únicos, de toda a artilharia inglesa, que descobriam o fundo do campo de batalha; e a da estrada de Nivelles, onde brilhavam as baionetas holandesas da brigada Chassé. Reparando, próximo a essa barricada, na velha capela de São Nicolau, com as paredes caiadas, que fica no ângulo do caminho para Braine-l'Alleud, inclinou-se e falou a meia-voz com o guia Lacoste. O guia fez um sinal de cabeça negativo e provavelmente pérfido.

O imperador endireitou-se e se recolheu.

Wellington tinha recuado. Só restava acabar aquela retirada por uma carga.

Napoleão, voltando-se de repente, expediu um correio para Paris, com máxima urgência, para ali dar a notícia de que estava ganha a batalha.

Napoleão era um desses gênios de onde sai o trovão. Acabava de achar o raio de que precisava.

Ordenou aos couraceiros de Milhaud que tomassem o planalto do Mont-Saint-Jean.

IX

O imprevisto

Os couraceiros eram três mil e quinhentos, e apresentavam uma frente de um quarto de légua. Eram homens gigantes sobre cavalos colossais. Formavam vinte e seis esquadrões e tinham na retaguarda, para os apoiar, a divisão de Lefebvre-Desnouettes; os seiscentos gendarmes escolhidos; os caçadores da guarda; mil, cento e noventa e sete homens, e oitocentos e oitenta lanceiros, também da guarda. Tinham capacetes sem crina, couraças de ferro forjado, compridos sabres-espadas e pistolas nos coldres. De manhã, todo o exército os tinha admirado, quando às nove horas, soando os clarins, e todas as músicas tocando *Velemos pela salvação do império*, tinham ido, coluna espessa, com uma das suas baterias no flanco e a outra no centro, desdobrar-se em duas linhas e ocupar seu posto de batalha naquela poderosa segunda linha, tão inteligentemente composta por Napoleão, que tinha à extrema esquerda os couraceiros de Kellermann e à extrema direita os de Milhaud, motivo pelo qual se dizia possuir, assim, duas asas de ferro.

O ajudante de campo Bernard levou-lhes a ordem do imperador.

Ney desembainhou a espada e colocou-se à frente. Os enormes esquadrões moveram-se.

Viu-se, então, um espetáculo majestoso.

Toda essa cavalaria, de sabres em punho, estandartes soltos ao vento e clarins tocando, formada em colunas por divisões, desceu com um único movimento, como se fosse um só homem e com a precisão de um aríete de bronze abrindo uma brecha na colina da Belle-Alliance, entranhou-se no temível fundo onde tantos homens já tinham caído e desapareceu entre a fumaça; depois, saindo dessa sombra, reapareceu do outro lado do vale, sempre compacta e cerrada, subindo em grandes

trotes, em meio à nuvem de metralha que a atravessava, a assustadora rampa de lama do planalto do Mont-Saint-Jean. Subiam graves, ameaçadores, imperturbáveis; nos intervalos da fuzilaria e da artilharia, ouvia-se aquele tropear colossal. Sendo duas divisões, eram duas colunas: a divisão Wathier ia à direita e Delord, à esquerda. Parecia ver-se, de longe, alongarem-se para o cimo do planalto duas imensas serpentes de aço. Esse conjunto atravessava a batalha como um prodígio.

Desde a tomada do grande reduto de Moscou pela cavalaria pesada, não se tinha visto coisa semelhante; faltava Murat, mas Ney estava ali novamente. Parecia que aquele conjunto se transformara em monstro e tinha apenas uma alma. Cada um dos esquadrões ondulava e inchava, como se fosse um anel de pólipo. Distinguia-se, aqui e ali, por entre as nuvens de fumaça uma confusão de capacetes, de gritos, de sabres, um tempestuoso mover de garupas de cavalos em meio à artilharia e ao som dos clarins, tumulto disciplinado e terrível; e acima de tudo isso as couraças, brilhando como escamas de uma hidra.

Essas histórias parecem de outras épocas. Alguma coisa semelhante a essa visão aparecia, sem dúvida, nas velhas epopeias órficas, falando de homens-cavalos, os antigos centauros, titãs humanos da cintura para cima e equinos da cintura para baixo, cujo galope escalou o Olimpo, horríveis, invulneráveis, sublimes; deuses e animais.

Extravagante coincidência numérica: aqueles vinte e seis esquadrões iam ser recebidos por vinte e seis batalhões. Por trás da crista do planalto, à sombra da bateria camuflada, estava a infantaria inglesa, formada de treze esquadrões de dois batalhões, cada um, e em duas linhas, sete na primeira, seis na segunda, com as armas na mira, apontando para o que aparecesse, tranquila, muda, imóvel e esperando. Não via os couraceiros e não era vista por eles; mas sentia crescer aquele fluxo de homens, ouvia engrossar o ruído dos três mil cavalos, o bater alternado e simétrico dos cascos no trote largo, o roçar das couraças, o tinir dos sabres e uma espécie de grande sopro feroz. Houve um momento de temível silêncio; depois, de súbito, uma longa fila de braços erguidos brandindo sabres apareceu no topo do planalto, e os capacetes, os clarins, os estandartes e três mil bocas sob bigodes grisalhos gritaram: “Viva o imperador!” A cavalaria desembocou toda no planalto, parecendo o começo de um tremor de terra.

De repente, coisa trágica! À esquerda dos ingleses, isto é, à nossa direita, a testa da coluna dos couraceiros empinou-se soltando ao mesmo tempo horrendo clamor. Os couraceiros, chegando ao ponto culminante da elevação, desvairados e furiosos, todos entregues à sua carga de extermínio sobre os esquadrões e a artilharia,

acabavam de descobrir entre si e os ingleses um fosso, uma sepultura. Era o barranco de Ohain.

Esse momento foi espantoso. Estava ali o barranco, inesperado, escancarado, a pique, sob as patas dos cavalos, com duas toesas de profundidade entre o seu duplo declive; a segunda fileira empurrou para ele a primeira, e a terceira empurrou a segunda; os cavalos empinavam-se deitando-se para trás. Caíam sobre os quartos traseiros, escorregavam com as duas patas no ar, derrubando e pisoteando os cavaleiros; não havia o menor meio de retroceder, a coluna não era toda senão um projétil, a força adquirida para esmagar os ingleses esmagou os franceses, o inexorável barranco não podia render-se senão depois de entulhado; rolando para ele em confusão, cavalos e cavaleiros, triturando-se uns aos outros, formando uma só carne no fatal abismo; e, depois daquela sepultura estar cheia de homens vivos, o resto pôde passar-lhe por cima e seguir.

Foi aí que começou a derrota.

Uma tradição local, evidentemente exagerada, diz que ficaram sepultados no barranco de Ohain dois mil cavalos e mil e quinhentos homens. Esses algarismos compreendem, provavelmente, todos os outros cadáveres que ali foram lançados, no dia seguinte ao da batalha.

Notemos de passagem que essa brigada Dubois, sob provação tão funesta, uma hora antes, embora fosse um carregamento à parte, havia conquistado a bandeira do batalhão de Luneburgo.

Napoleão, antes de ordenar o ataque aos couraceiros de Milhaud, observara o terreno, mas não pôde vislumbrar o caminho enterrado, que não produzia a mínima ruga na superfície do planalto. Sentindo, contudo, vaga desconfiança, em presença da capela branca que lhe marca o ângulo com a estrada de Nivelles, tinha feito, provavelmente pela eventualidade possível de algum obstáculo, uma pergunta ao guia Lacoste. O guia respondera negativamente. Seria possível quase afirmar que a catástrofe de Napoleão teve início com a resposta de um camponês.

Outras fatalidades deviam ainda surgir.

Seria possível que Napoleão ganhasse essa batalha? Nós dizemos que não. Por quê? Por causa de Wellington? Por causa de Blücher? Não. Por causa de Deus.

Bonaparte vencer em Waterloo não era mais aceitável na lei do século XIX. Outra série de fatos se preparava, em que a figura de Napoleão já não tinha mais espaço. A má vontade dos acontecimentos já tinha sido anunciada havia muito.

Havia chegado o tempo de que tão grande homem caísse.

Sua excessiva gravidade no destino humano perturbava o equilíbrio. Esse indivíduo, por si só, pesava mais que a humanidade. Esse acúmulo de toda a

vitalidade humana concentrado numa só cabeça, o mundo subindo ao cérebro de um homem, seria a causa da morte da civilização, se fosse mais duradoura. Havia chegado o momento em que a incorruptível equidade suprema precisava intervir. Provavelmente, os princípios e os elementos de que dependem as gravitações regulares, tanto na ordem moral como na ordem material, começavam a reclamar. O sangue ainda quente, os cemitérios transbordando de cadáveres e as mães debulhadas em lágrimas são razões bem fundamentadas. Quando a terra sofre, sobrecarregada, saem das sombras misteriosos gemidos que são ouvidos no abismo.

Napoleão havia sido denunciado no infinito; sua queda estava decidida.

Napoleão incomodava Deus.

Waterloo, portanto, não é uma batalha; é a mudança da face do universo.

X

O planalto do Mont-Saint-Jean

O barranco desmascarava-se ao mesmo tempo que a bateria.

Os couraceiros foram fulminados à queima-roupa por treze esquadrões e sessenta canhões. O intrépido general Delord fez a saudação militar à bateria inglesa.

Toda a cavalaria inglesa integrou a galope os esquadrões. Os couraceiros não tiveram um segundo de espera. O desastre do barranco já os tinha dizimado, mas não os desanimado. Eram desses homens que, quanto mais diminui seu efetivo, mais sentem aumentar a coragem.

Somente a coluna Wathier foi vítima do desastre; a coluna Delord, que Ney tinha feito se deslocar à esquerda, como se pressentisse a cilada, havia chegado completa.

Os couraceiros precipitaram-se sobre os esquadrões ingleses.

Rédeas soltas, sabres nos dentes, pistolas em punho; assim foi o ataque.

Há momentos nas batalhas em que a alma endurece o homem, até transformar o soldado em estátua e transformar-lhe toda a carne em granito. Os batalhões ingleses, fortemente atacados, não se moveram. O que então se seguiu foi horrível.

Todas as faces dos esquadrões foram atacadas ao mesmo tempo e envolvidas por um frenético redemoinho; aquela fria infantaria conservou-se impassível. A primeira fileira, de joelho em terra, recebia os couraceiros nas pontas das baionetas, a segunda os fuzilava; na retaguarda da segunda fileira, os artilheiros carregavam as peças, a frente do esquadrão se abria, deixava passar uma irrupção de metralha e tornava a se fechar. Os couraceiros respondiam com terríveis ataques. Seus corpulentos cavalos empinavam-se, saltavam as fileiras, passando sobre as baionetas e caindo, gigantescos, entre as quatro muralhas vivas. As balas abriam buracos nos couraceiros, que abriam brechas nos esquadrões. Fileiras inteiras de homens desapareciam pisoteadas pelos cavalos; as baionetas embebiam-se nos ventres daqueles centauros. Daí a deformidade das feridas, talvez não possam mais ser vistas em outras circunstâncias. Os esquadrões, massacrados pela cavalaria alucinada, se juntavam mais, sem titubear. Uma inesgotável metralha explodia tudo em meio aos atacantes. O aspecto desse combate era monstruoso. Os esquadrões já não eram batalhões, eram crateras; os couraceiros não eram cavalaria, mas uma tempestade. Cada esquadrão era um vulcão atacado por uma nuvem; a lava lutava contra o relâmpago.

O último esquadrão da direita, entre todos o mais exposto, por estar descoberto, foi quase aniquilado logo aos primeiros embates. Esse esquadrão era formado pelo 75º Regimento de *Highlanders*. O tocador de gaita de foles, no centro, sentado sobre um tambor, com o *pibroch*[9] debaixo do braço, tocava a música da montanha e, profundamente distraído, durante o extermínio que acontecia a seu redor, baixava os olhos melancólicos e cheios de reflexo das florestas e dos lagos. Os escoceses morriam pensando no Ben Lothian, como os gregos recordando-se de Argos. O sabre de um couraceiro, decepando o *pibroch* e o braço que o segurava, fez cessar o canto, matando o cantor.

Os couraceiros, relativamente pouco numerosos, diminuídos pela catástrofe do barranco, tinham ali contra si quase todo o exército inglês, mas se multiplicavam; cada homem valia por dez. Entretanto, alguns batalhões hanoverianos enfraqueceram. Wellington, notando-o, pensou em suar sua cavalaria. Se Napoleão, no mesmo momento, se lembrasse de sua infantaria, teria ganhado a batalha. Esse esquecimento foi seu grande e fatal erro.

De repente, os couraceiros atacantes se sentiram atacados. Tinham atrás de si a cavalaria inglesa. Na frente, os esquadrões; atrás, Somerset, isto é, mil e quatrocentos dragões da guarda. Somerset tinha à sua direita Dornberg, com a cavalaria ligeira alemã, e à sua esquerda Trip, com os carabineiros belgas; os couraceiros, atacados pela frente, pelos flancos e pela retaguarda, pela infantaria e pela cavalaria, tiveram

de fazer face a todos os lados. Que lhes importava? Eram um turbilhão. Sua bravura tornou-se inexprimível.

Além disso, tinham ainda na retaguarda a bateria que não cessava de troar. Isso era necessário para que tais homens fossem feridos pelas costas. Uma de suas couraças, destruída na omoplata esquerda, pertence à coleção do Museu de Waterloo.

Contra aqueles franceses eram necessários apenas aqueles ingleses.

Não foi um confronto; foi uma sombra, uma fúria, um vertiginoso arrebatamento de almas e coragens, uma tempestade de espadas-raios. Em um instante, os mil e quatrocentos dragões da guarda ficaram reduzidos a oitocentos; Fuller, seu tenente-coronel, caiu morto. Ney acudiu com os lanceiros e os caçadores de Lefebvre-Desnouettes. O planalto do Mont-Saint-Jean foi tomado, retomado e tomado de novo. Os couraceiros deixavam a cavalaria para tornar à infantaria, ou, para melhor dizer, toda a espantosa multidão se agarrava mutuamente pelos pescoços, sem que uns largassem os outros. Os esquadrões continuavam resistindo. Sofreram doze assaltos. Ney teve quatro cavalos mortos debaixo de si. Metade dos couraceiros ficou morta no terreno. Esta luta durou duas horas.

O exército inglês sofreu um profundo abalo. Não resta a menor dúvida de que, se os couraceiros não ficassem enfraquecidos na primeira carga pelo desastre do barranco, teriam aniquilado o centro e conquistado a vitória. Clinton, que tinha testemunhado as batalhas de Talavera e Badajoz, sentiu-se petrificado em presença daquela cavalaria. Wellington, com três quartos de sua força subtraídos, admirava-a heroicamente e dizia a meia-voz: "É sublime!"[10]

Os couraceiros destruíram sete dos treze esquadrões, tomaram ou inutilizaram sessenta canhões e arrebataram aos regimentos ingleses seis bandeiras, que três couraceiros e três caçadores foram apresentar ao imperador, diante da granja de Belle-Alliance.

A situação de Wellington tinha piorado. A estranha batalha era como um duelo entre dois feridos encarniçados, os quais, cada um por sua parte, não deixando de combater e resistindo sempre, perdem até a última gota de sangue. Qual dos dois cairá primeiro?

A luta no planalto continuava.

Até onde chegaram os couraceiros? Ninguém saberá dizê-lo. O que é certo é que no dia seguinte ao da batalha um deles foi encontrado com seu cavalo, mortos, no madeiramento que marcava o peso dos veículos no Mont-Saint-Jean, no mesmo ponto em que se entrecortam e se encontram as quatro estradas de Nivelles, de Genappe, de La Hulpe e de Bruxelas. Esse cavaleiro tinha atravessado as linhas

inglesas. Um dos homens que encontraram o cadáver vive ainda no Mont-Saint-Jean e se chama Dehaze; tinha então dezoito anos.

Wellington sentiu-se curvar. A crise aproximava-se.

O êxito dos couraceiros não fora completo, visto que o centro não havia sido destruído. O planalto, pertencendo a todos, não pertencia a ninguém, mas, em suma, a maior parte estava em poder dos ingleses. Wellington tinha a aldeia e a parte mais elevada; Ney não tinha senão a crista da elevação e a rampa que para ali conduzia. Todos, de ambos os lados, pareciam enraizados naquele solo fúnebre.

Mas o enfraquecimento dos ingleses parecia irremediável. A hemorragia desse exército era horrível. Kempt, na ala esquerda, reclamava reforço. "Não há reforço", respondia Wellington, "deixe-se matar!". Quase no mesmo instante, singular aproximação que pinta a prostração dos dois exércitos, Ney solicitava a infantaria a Napoleão, e este exclamava: "Infantaria! Onde ele quer que eu vá buscar? Quer que eu a faça?"

Contudo, o exército inglês era o mais doente. Os ímpetos furiosos dos esquadrões couraçados de ferro e peitos de aço tinham esmagado a infantaria. Alguns homens em torno de uma bandeira marcavam o lugar de um regimento; tal batalhão já não era comandado senão por um capitão ou por um tenente; a divisão Alten, já tão maltratada em Haie-Sainte, estava quase destruída; os intrépidos belgas da brigada Van Kluze juncavam as plantações de centeio ao longo da estrada de Nivelles; não restava quase nada daqueles granadeiros holandeses que, em 1811, unidos na Espanha a nossas fileiras, combateram Wellington e que, em 1815, aliados aos ingleses, combateram Napoleão. A perda de oficiais era considerável. Lorde Uxbridge, que no dia seguinte mandou enterrar a perna amputada, tinha o joelho fraturado. Se, do lado dos franceses, nessa luta dos couraceiros, Delord, Lhéritier, Colbert, Dnop, Travers e Blancard estavam fora de combate, do lado dos ingleses, Alten e Barne estavam feridos, Delancey, Van Meeren e Ompteda estavam mortos, todo o Estado-Maior de Wellington havia sido dizimado, e a Inglaterra tinha a pior parte nesse sanguinolento equilíbrio. O 2º Regimento de Guardas a pé já havia perdido cinco tenentes-coronéis, quatro capitães e três insígnias; o primeiro batalhão do 30º de Infantaria havia perdido vinte e quatro oficiais e cento e doze soldados; o 79º Batalhão de Montanheses tinha vinte e quatro oficiais feridos, dezoito oficiais mortos e quatrocentos e cinquenta soldados também mortos. Os hussardos hanoverianos de Cumberland, um regimento completo, sob o comando do coronel Hacke, que deveria mais tarde ser julgado e exonerado, haviam fugido do combate e se refugiavam na floresta de Soignes, semeando a ruína até Bruxelas. As carretas, as prolongas, a bagagem, os carros cheios de feridos, vendo os franceses

ganharem terreno e se aproximarem da floresta, precipitavam-se; os holandeses, golpeados pela cavalaria francesa, gritavam dando o alarme. De Vert-Coucou até Groenendael, em uma extensão que tinha por volta de duas léguas, encontrava-se, segundo as testemunhas ainda vivas, uma incontável quantidade de fugitivos. O pânico foi tal que alcançou o príncipe de Condé em Malines e Luís XVIII em Gand. Com exceção da fraca reserva escalonada atrás do ambulatório construído na granja do Mont-Saint-Jean e das brigadas Vivian e Vandeleur que flanqueavam a ala esquerda, Wellington já não tinha cavalaria. Um número grande de baterias jazia desmontado. Esses fatos são atestados por Siborne; e Pringle, exagerando o desastre, chega até a dizer que o exército anglo-holandês estava reduzido a trinta e quatro mil homens. O duque de ferro continuava calmo, mas seus lábios estavam ficando pálidos. O comissário austríaco, Vincent, e o espanhol, Alava, que presenciavam a batalha no Estado-Maior inglês, julgavam o duque perdido. Às cinco horas, Wellington pegou o relógio e, por essa ocasião, ouviram-no murmurar estas sombrias palavras: "Ou Blücher ou a noite!"

Foi nesse momento que uma linha de baionetas reluziu, ao longe, nas elevações que ficavam para o lado de Frischemont.

É aqui a peripécia do drama gigante!

XI

Mau guia para Napoleão, bom guia para Bülow

Todos conhecem o pungente equívoco de Napoleão: esperar Grouchy e aparecer-lhe Blücher; a morte em vez da vida.

O destino tem dessas coisas; esperava o trono no mundo, mas avistava Santa Helena.

Se o pastorzinho que servia de guia a Bülow, tenente de Blücher, o tivesse aconselhado a sair da floresta acima de Frischemont em vez de abaixo de Plancenoit, a forma do século XIX teria sido, talvez, diferente. Napoleão teria ganhado a batalha de Waterloo. Por qualquer outro caminho que não fosse aquele abaixo de

Plancenoit o exército prussiano chegaria a um barranco de impossível passagem para a artilharia, e Bülow não teria conseguido chegar.

Demorando-se mais uma hora, é o general prussiano Muffling quem o declara, Blücher não teria encontrado Wellington de pé: "A batalha estaria perdida."

Era tempo, como se vê, de Bülow chegar. Tinha se demorado bastante. Ele tinha acampado em Dion-le-Mont e já havia partido desde a aurora. Mas os caminhos estavam impraticáveis, suas divisões atolaram; a lama chegava aos eixos das carretas. Além disso, necessitara passar o rio Dyle pela estreita ponte de Wavre; a rua que conduzia à ponte havia sido incendiada pelos franceses; o trem de artilharia e os caixões da pólvora não podiam passar por entre duas fileiras de casas incendiadas; então, foi necessário esperar que o fogo se extinguisse. Era meio-dia, e a vanguarda de Bülow ainda não havia conseguido chegar a Chapelle-Saint-Lambert.

A ação, começada duas horas antes, teria terminado às quatro, e Blücher teria caído na batalha ganha por Napoleão. Tais são os imensos acasos proporcionados a um infinito que não podemos abraçar.

Desde o meio-dia que o imperador, antes de todos, havia descoberto com sua luneta, no extremo do horizonte, qualquer coisa que lhe prendera a atenção, e disse: "Vejo ao longe uma espécie de nuvem, que me parece uma tropa." Depois, perguntou ao duque da Dalmácia: "Soult, o que você vê para o lado de Chapelle-Saint-Lambert?." O marechal observou com a luneta e respondeu: "Quatro ou cinco mil homens, *sire*. Evidentemente Grouchy." Todavia, o que quer que fosse aquilo conservava-se imóvel no meio do nevoeiro. Todas as lunetas do Estado-Maior estudaram a "nuvem" apontada pelo imperador. Alguns dos ajudantes tinham dito: "São apenas colunas bem altas." A maioria disse: "São apenas árvores." A verdade era que a nuvem não se movia. O imperador destacou a ligeira divisão de cavalaria de Domon para reconhecer aquele ponto obscuro.

Bülow, com efeito, não se moveu. Sua vanguarda estava muito fraca e não podia fazer coisa alguma. Devia esperar o grosso do corpo de exército e tinha ordens de manter suas forças concentradas antes de entrar em linha, mas às cinco horas, vendo o perigo de Wellington, Blücher ordenou a Bülow que atacasse, dizendo estas notáveis palavras: "É preciso dar algum ar ao exército inglês."

Pouco depois, as divisões Losthin, Hiller, Hacke e Ryssel desenvolviam-se diante do corpo de Lobau, a cavalaria do príncipe Guilherme da Prússia desembocava do bosque de Paris, Plancenoit ardia em chamas e as balas prussianas começavam a chover até as fileiras da guarda, que estava de reserva atrás de Napoleão.

XII

A guarda

O resto é sabido por todos: a irrupção de um terceiro exército, a batalha deslocada, oitenta e seis canhões troando repentinamente, Pirch chegando com Bülow, a cavalaria de Zieten conduzida pelo próprio Blücher, os franceses repelidos, Marcognet varrido da planície de Ohain, Durutte desalojado de Papelotte, Donzelot e Quiot recuando, Lobau agredido, uma nova batalha precipitando-se ao anoitecer sobre os nossos regimentos dizimados, toda a linha inglesa retomando a ofensiva e sendo impelida a avançar, o gigantesco buraco aberto no exército francês, as metralhas inglesa e prussiana ajudando-se mutuamente, o extermínio, o desastre pela frente e pelos flancos, a guarda entrando em linha no meio desse espantoso desmoronamento.

A guarda, reconhecendo que ia morrer, bradou: "Viva o imperador!". A história não apresentava fato algum comovente como essa agonia rompendo em exclamações.

O céu estivera coberto durante todo o dia. De repente, eram oito horas da noite, as nuvens no horizonte afastaram-se e deixaram passar, através dos olmos da estrada de Nivelles, a grande e sinistra vermelhidão do sol no ocaso. Em Austerlitz, viram-no nascer.

Para esse desfecho, cada batalhão da guarda era comandado por um general. Friant, Michel, Roguet, Harlet, Mallet e Poret de Morvan estavam lá. Quando apareceram os altos capacetes dos granadeiros da guarda, com seus estandartes com o símbolo da águia, simétricos, alinhados, tranquilos, soberbos, na bruma dessa batalha, o inimigo sentiu respeito pela França; acreditava-se ver vinte vitórias entrando pelo campo de batalha, de asas abertas, e os que estavam vencendo, supondo-se vencidos, recuaram, mas Wellington exclamou: "Guardas! De pé, e pontaria certeira!" O regimento vermelho da guarda inglesa, deitado atrás das sebes, ergueu-se; uma chuva de metralha crivou a bandeira tricolor, tremulando sobre as nossas águias, todos se precipitaram para a frente, e foi então que começou a maior carnificina. A Guarda Imperial sentiu na sombra o exército cedendo o terreno em torno dela, ouviu o "Salve-se quem puder!" que substituíra o "Viva o imperador!" e, mesmo com a fuga da retaguarda, continuou a avançar, cada vez mais fulminada, e morrendo em maior número a cada passo que dava. Não houve ali hesitantes nem

tímidos. O soldado, naquela tropa, era tão herói como o general. Nem um só homem se recusou ao suicídio.

Ney desorientado, com a grandeza de quem aceita a morte, oferecia-se a todos os grandes perigos do grande tumulto. Foi então que lhe mataram o quinto cavalo. Coberto de suor e brotando fogo pelos olhos, os lábios orlados de espuma, a farda desabotoada, uma das dragonas meio cortada pelo golpe de sabre de um guarda montado, o grande estandarte com o símbolo da águia amassado por uma bala, ensanguentado, enlameado, magnífico, tendo na mão uma espada quebrada, dizia: "Venham ver como morre um marechal da França no campo de batalha." Foram esforços inúteis; ele não morreu. Furioso e indignado, fez a Drouet d'Erlon a seguinte pergunta: "Por que não fazes com que te matem?" No meio de toda aquela artilharia esmagando um punhado de homens, esbravejava: "Não há nada aqui para mim? Queria que me entrasse no corpo todas essas balas inglesas!"

Desventurado! Estava reservado para as balas francesas!

XIII

A catástrofe

A derrota atrás da guarda foi lúgubre.

O exército recuou repentinamente em todos os pontos ao mesmo tempo, em Hougomont, Haie-Sainte, Papelotte e Plancenoit. O grito "traição" foi seguido do grito "Salve-se quem puder!". Um exército em debandada é um degelo. Tudo cede, tudo se fende e estala, tudo flutua, rola e cai, tudo se embate, precipitando-se loucamente. Desagregação inaudita. Ney lança mão de um cavalo, salta-lhe para cima e, sem gravata nem espada, pega a estrada de Bruxelas, fazendo parar, ao mesmo tempo, ingleses e franceses. Tenta conter o exército, ordena-lhe que se una, insulta-o, segura-se à derrota com todas as suas forças; está alucinado. Os soldados, fugindo-lhe, exclamavam: "Viva o marechal Ney!" Apavorados, dois regimentos de Durutte vão e vêm, atirando-se entre os sabres dos hussardos e a fuzilaria das brigadas de Kempt, Best, Pack e Rylandt; a pior de todas as batalhas é a derrota: os companheiros matam-se reciprocamente para fugir, os batalhões e os esquadrões

esmagam-se e dispersam-se uns contra os outros, enorme espuma da batalha. Lobau em uma extremidade e Reille na outra são jogados nesse movimento. Em vão, Napoleão levanta muralhas com o que resta da guarda; em vão, dispensa para um último esforço seus esquadrões de serviço. Quiot recua diante de Vivian, Kellermann diante de Vandeleur, Lobau diante de Bülow, Morand diante de Pirch, Domon e Subervic diante do príncipe Guilherme da Prússia. Guyot, que colocou em ação os esquadrões do imperador, tomba aos pés dos dragões ingleses. Napoleão corre a galope atrás dos fugitivos, fala-lhes, incentiva, ameaça e suplica. Todos os que, pela manhã, gritavam vivas ao imperador ficaram boquiabertos, mas mudos; mal o reconhecem. A cavalaria prussiana, recém-chegada e descansada, carrega, voa, decepa, corta, mata e extermina. O grupo de cavalos dava coices, salvando os canhões; os soldados soltam e montam os cavalos para escaparem; carroções, com as quatro rodas para o ar, obstruíam as estradas e ocasionavam massacres. Esmagam-se, trituram-se, caminhando sobre mortos e vivos. As forças estão perdidas. Uma multidão vertiginosa enche estradas, trilhas, pontes, planícies, colinas, vales, bosques, atulhados pela evasão de quarenta mil homens. Grito, desespero, mochilas e fuzis jogados pelo campo, passagens abertas a golpes de espada, nada de companheiros, nada de oficiais, nada de generais, um horror inexprimível. Zieten golpeando a França à vontade. Os leões transformados em cabritos. Assim foi essa fuga.

Em Genappe tentaram voltar atrás, fazer frente, unir-se. Lobau reuniu trezentos homens. Fizeram uma barricada à entrada da aldeia, mas à primeira descarga de metralha prussiana a fuga recomeçou, e Lobau foi aprisionado. Veem-se ainda hoje as marcas da metralha na velha parede de um casebre de tijolos à direita da estrada, poucos minutos antes da entrada de Genappe. Os prussianos se lançaram contra Genappe, furiosos, sem dúvida, por se saírem tão facilmente vencedores. A perseguição foi monstruosa. Blücher ordenou o extermínio. Roguet tinha dado esse lúgubre exemplo, ameaçando de morte todo granadeiro francês que lhe apresentasse um prisioneiro prussiano. Blücher excedeu a Roguet. O general da guarda, Duhesme, encurralado junto à porta de uma estalagem de Genappe, entregou a própria espada a um hussardo, que, recebendo-a, matou com ela o prisioneiro. A vitória terminou pelo assassinato dos vencidos. Vamos puni-lo, pois somos a história: o velho Blücher se desonrou. Essa ferocidade levou o combate ao desastre. A fuga desesperada atravessou Genappe, atravessou Quatre-Bras, atravessou Gosselies, atravessou Frasnes, atravessou Charleroi, atravessou Thuin e só parou na fronteira. Ora, quem fugia dessa maneira? O grande exército!

E foi sem motivo essa vertigem, esse terror, essa queda da mais alta bravura que jamais, de modo semelhante, surpreendeu a história? Não. Em Waterloo projeta-se a sombra de uma enorme mão. Era o dia do destino. Uma força maior que a do homem havia definido a sorte do dia. Daí o desdobramento assustador das decisões; daí o fato de tantas grandes almas entregarem suas espadas. Aqueles que haviam conquistado toda a Europa caíram por terra, sem ter mais nada a dizer ou a fazer, sentindo na sombra uma presença terrível. *Hoc erat in fatis.*[11] Naquele dia, transformou-se a perspectiva do gênero humano. Waterloo é o gonzo do século XIX. A desaparição do grande homem seria indispensável para o desenvolvimento do grande século. Alguém, a quem não se replica mais, se encarregou de tudo. O pânico dos heróis é compreensível. Na batalha de Waterloo há mais do que nuvens; há um meteoro. Foi Deus quem passou.

Ao anoitecer, num campo próximo de Genappe, Bernard e Bertrand seguraram por uma aba do sobretudo e fizeram parar um homem, pensativo, com ar espantado e sinistro, que, arrastado até ali pela corrente da derrota, acabara de se apear do cavalo, passara no braço a rédea e voltava os olhos desvairados para Waterloo. Era Napoleão, tentando ainda seguir em frente, gigante sonâmbulo daquele sonho desfeito.

XIV

O último esquadrão

Alguns esquadrões da guarda, imóveis em meio ao fluxo da derrota, como rochedos na água corrente, resistiram até a noite. Com a noite veio a morte, e eles esperaram essa dupla sombra e, inabaláveis, deixaram-se envolver. Cada regimento, isolado dos outros e não tendo laço algum que os ligasse ao exército batido por todos os lados, morria por sua conta. Posicionaram-se para fazer um último ataque, uns nas alturas de Rossomme, outros no planalto do Mont-Saint-Jean. Lá, abandonados, vencidos, terríveis, os esquadrões sombrios agonizavam extraordinariamente. Ulm, Wagram, Iéna e Friedland morreram entre eles.

Às nove horas da noite, em pleno crepúsculo, restava um esquadrão na base do planalto do Mont-Saint-Jean. Nesse vale funesto, aos pés da rampa onde os couraceiros tinham caído, inundada agora pelas massas inglesas, sob o fogo cruzado da vitoriosa artilharia inimiga e debaixo de medonha densidade de projéteis, aquele esquadrão ainda resistia, comandado por um oficial obscuro chamado Cambronne. O esquadrão diminuía a cada nova descarga que recebia, mas não deixava de replicar. Respondia à metralha com a fuzilaria, encolhendo sem cessar as quatro faces. De longe, os fugitivos, parando alguns momentos, esbaforidos, ouviam nas trevas aquele trovão decrescente.

Quando essa legião não era mais que um pequeno agrupamento, quando sua bandeira não era mais que um trapo, quando seus fuzis, sem munição, não eram mais que meros bastões, quando o monte de cadáveres ficou maior que o grupo de sobreviventes, ele passou entre os vencedores uma espécie de terror sagrado diante daqueles sublimes agonizantes, e a artilharia inglesa, tomando fôlego, fez um profundo silêncio. Era uma espécie de pausa. Os combatentes tinham em torno de si como que um formigamento de espectros, de silhuetas de homens a cavalo, o perfil escuro dos canhões, o céu branco visto através das rodas das carretas; a colossal cabeça da morte que os heróis entreveem sempre em meio à fumaça, ao fundo da batalha, avançava sobre eles e os encarava. Puderam ouvir, por entre as sombras crepusculares, que as peças estavam sendo carregadas; mechas iluminadas, como se fossem olhos de tigre brilhando na escuridão, descreveram um círculo acima de suas cabeças; todos os porta-morrões das baterias inglesas se aproximaram das peças, e então, comovido, contendo o instante supremo suspenso por cima daqueles homens, um general inglês, Colville, segundo uns, ou Maitland, segundo outros, gritou-lhes: “Valentes franceses, rendei-vos?” Cambronne respondeu: “Merda!”

XV

Cambronne

A mais bela palavra que um francês tenha, talvez, pronunciado não pode ser repetida a leitores franceses que desejem ser respeitados. Essa impossibilidade nos

priva de mostrar como a história é sublime.

Por nossa conta e risco, infringimos essa proibição.

Entre aqueles gigantes, no entanto, houve um titã: foi Cambronne.

O que pode haver de mais grandioso do que pronunciar essa palavra e, em seguida, morrer? Porque querer morrer é o mesmo que morrer; porque esse homem não é culpado de ter sobrevivido, a despeito da metralha.

O homem que ganhou a batalha de Waterloo não foi Napoleão derrotado; não foi Wellington, recuando às quatro horas, e sem esperanças às cinco; não foi Blücher, que não combateu: o homem que ganhou a batalha de Waterloo foi Cambronne.

Fulminar com tal palavra o trovão que nos aniquila é vencer.

Dar essa resposta à catástrofe; dizer isso ao destino; dar essa base ao leão futuro; jogar essa réplica à chuva da noite, ao muro tétrico de Hougomont, ao caminho de Ohain, ao atraso de Grouchy, à chegada de Blücher; ser irônico diante do sepulcro; garantir um jeito de continuar de pé depois de já ter caído; afogar em apenas duas sílabas a coligação europeia; oferecer aos reis essas latrinas já conhecidas pelos césares; fazer da última das palavras a primeira, misturando-a ao clarão da França; concluir insolentemente Waterloo por um carnaval; completar Leônidas por Rabelais; resumir essa vitória em uma palavra suprema, impossível de ser pronunciada; perder o terreno e guardar a história; após essa carnificina, não conter o riso é imenso.

É um insulto ao relâmpago. Isso possui uma grandeza esquiliana.

A palavra de Cambronne causa o efeito de uma fratura; a fratura de um peito pelo desdém; é o auge da agonia que produz uma explosão. Quem venceu? Foi Wellington? Não. Sem Blücher ele estaria perdido. Então, foi Blücher? Não. Se Wellington não tivesse começado, Blücher não teria conseguido terminar. Mas Cambronne, o homem da última hora, o soldado ignorado, o infinitamente pequeno da guerra, sente que há nisso tudo uma mentira; uma mentira em uma catástrofe, uma repetição pungente; e, no momento em que ele estoura de raiva, oferecem-lhe um escárnio: a vida! Como não saltar? Estão ali todos os reis da Europa, os generais felizes, os jupíteres tonantes e seus cem mil soldados vitoriosos, atrás dos quais há um milhão de seus canhões, com mechas iluminadas, largamente postados, com a Guarda Imperial e o grande exército sob suas rodas, tendo acabado de esmagar Napoleão, e o único que resta é Cambronne; não há mais ninguém para protestar além desse verme da terra. E ele protestará. Por isso, ele procurou uma palavra como se procura uma espada. Ele sente a boca espumar, e essa espuma é a palavra. Diante dessa vitória prodigiosa e medíocre, diante dessa vitória sem

vencedor, esse desesperado se recompõe; é tomado por sua grandeza, mas também constata sua pequenez, e cospe nela; e sob o peso do número, da força e da matéria, ele encontra em sua alma uma expressão: o excremento. Repetimos: dizer, reagir, encontrar essa palavra é ser o vencedor.

O espírito dos grandes dias penetrou nesse homem desconhecido em seu minuto fatal. Cambronne encontra a palavra para Waterloo como Rouget de Lisle encontrou "A Marselhesa", pela inspiração de um sopro supremo. Um eflúvio da tempestade divina se destaca e passa por entre esses homens, e eles estremecem; um entoa o canto de glória, o outro solta um grito terrível. Essa palavra de titânico desdém, Cambronne não a lança somente à Europa, em nome do império, porque isso seria pouco; ele a lança ao passado, em nome da revolução. Basta ouvi-la para que se reconheça em Cambronne a velha alma dos gigantes. Parece-nos que é Danton quem fala ou Kleber quem ruge.

À palavra de Cambronne, a voz inglesa respondeu: "Fogo!" As baterias flamejaram, a colina estremeceu, de todas aquelas bocas de bronze saiu um último e espantoso vômito de metralha; uma densa nuvem de fumaça, um pouco esbranquiçada pelos primeiros raios de luz da lua, cobriu o espaço, e quando se dissipou não havia mais nada. Os temíveis restos tinham sido aniquilados; a guarda estava morta. As quatro paredes daquela trincheira viva haviam caído por terra; apenas se distinguiam, em um ou outro ponto, algum estremecimento entre os cadáveres. Foi assim que as legiões francesas, mais grandiosas que as romanas, expiraram no Mont-Saint-Jean, no solo ensopado em água e sangue, em meio às sombrias searas de trigo, no lugar em que hoje passa, às quatro horas da manhã, assobiando e fustigando alegremente seu cavalo, Joseph, o homem que faz o serviço de mala-posta de Nivelles.

XVI

Quot libras in duce?

A batalha de Waterloo é um enigma. É tão obscura para os que a venceram, como para os que a perderam. Para Napoleão é um pânico;[12] Blücher não viu nela senão

fogo; Wellington não compreendeu nada. Vejam os boletins. Eles são confusos e os comentários, intrincados. Estes balbuciam, aqueles gaguejam. Jomini divide a batalha de Waterloo em quatro momentos; Muffling a separa em três peripécias; Charras, ainda que tenhamos outra leitura sobre alguns pontos, só conseguiu capturar com seu olhar atento as linhas características dessa catástrofe do gênio humano envolvido com o acaso divino. Todos os outros historiadores parecem vítimas de certo deslumbramento que os fez andar com cuidado. Jornada fulgurante, com efeito, desmoronamento da monarquia militar, que, para grande espanto dos reis, arrastou todos os reinos; queda da força, derrota da guerra.

Nesse acontecimento, impregnado de necessidade sobrenatural, é nula a parte tomada pelos homens.

Retirar Waterloo de Wellington e Blücher é subtrair alguma coisa da Inglaterra ou da Alemanha? Não. Nem essa ilustre Inglaterra nem essa augusta Alemanha estão em questão quando se trata do problema de Waterloo. Graças ao céu, os povos são grandes independentemente das lúgubres aventuras da espada. Nem a Alemanha, nem a Inglaterra, nem a França se bastam em uma bainha de espada. Nessa época, em que Waterloo é apenas um retinir de sabres, mais que Blücher a Alemanha tem Goethe e mais que Wellington a Inglaterra tem Byron; um vasto renascer de ideias é o que singulariza nosso século, e nessa aurora, a Inglaterra e a Alemanha têm seu brilho magnífico. Elas são majestosas porque são dotadas de pensamento. A elevação de nível que elas oferecem à civilização é-lhes intrínseca; vem delas mesmas, não de um acidente. O que elas desenvolvem no século XIX não tem Waterloo como fonte. Não há povos bárbaros que não sintam súbitas indigestões após uma vitória. É a vaidade passageira das torrentes infladas pelo aguaceiro. Os povos civilizados, sobretudo nos tempos em que estamos, não se levantam nem se abaixam pela boa ou má sorte de um capitão. Seu peso específico no gênero humano resulta de algo mais que um combate. Sua honra, graças a Deus, sua dignidade, sua luz, seu gênio não são números que os heróis e os conquistadores, esses jogadores, possam jogar na loteria das batalhas. Quase sempre uma batalha perdida significa um progresso conquistado. Menos glória e mais liberdade. O tambor silencia e a razão põe-se a falar. É um jogo de perde-ganha. Falemos, então, de Waterloo, friamente por ambos os lados. Demos ao acaso o que é do acaso e a Deus o que é de Deus. O que foi Waterloo? Uma vitória? Não. É uma partida de um jogo. Jogo ganho pela Europa e pago pela França.

Não valia muito a pena colocar ali um leão.

Afinal, Waterloo é o mais estranho encontro que se deu na história: Napoleão e Wellington. Não são inimigos; são polos contrários. Jamais Deus, que gosta das

antíteses, criou um contraste mais impressionante, um confronto mais extraordinário. De um lado, a precisão, a previsão, a geometria, a prudência, a retirada segura, as reservas economizadas, um sangue-frio obstinado, um método imperturbável, a estratégia que tira vantagem do terreno, a tática que equilibra os batalhões, a carnificina delineada minuciosamente, a guerra controlada com precisão cronométrica, nada deixado voluntariamente ao acaso, a velha coragem clássica, a correção absoluta; do outro lado, a intuição, a adivinhação, o desconhecimento militar, o instinto sobre-humano, o olhar extravagante, um não sei quê que enxerga como uma águia e ataca como um relâmpago, uma arte prodigiosa em uma impetuosidade desdenhosa, todos os mistérios de uma alma profunda, a associação com o destino; o rio, a planície, a floresta, a colina, somados e de algum modo forçados a obedecer; o déspota prosseguindo até tiranizar o campo de batalha, a fé na estrela misturada à ciência estratégica, engrandecendo-a, mas perturbando-a. Wellington era o Barême da guerra, Napoleão era o Michelangelo, mas, dessa vez, o gênio foi vencido pelo cálculo.

De ambos os lados, esperava-se por alguém. O bem-sucedido foi exatamente o calculista. Napoleão esperava por Grouchy, que não apareceu. Wellington esperava por Blücher, que não deixou de vir.

Wellington é a guerra clássica que faz a revanche. Bonaparte, em sua plena aurora, encontrara-o na Itália e o vencera com soberba. A velha coruja fugira diante do jovem abutre. A antiga tática havia sido não somente fulminada, mas escandalizada. Quem era aquele corso de vinte e seis anos? Que significava aquele esplêndido ignorante que, tendo tudo contra si, nada a seu favor, sem víveres, sem munição, sem canhões, sem sapatos, quase sem exército, com um punhado de homens contra uma multidão, se lançava sobre a Europa coligada e absurdamente conseguia vitórias impossíveis? De onde saíra esse fanático relampejante que, quase sem recuperar o fôlego, e com o mesmo jogo dos combatentes nas mãos, pulverizava, um após outro, os cinco exércitos do imperador da Alemanha, empurrando Beaulieu sobre Alvinzi, Wurmser sobre Beaulieu, Mélas sobre Wurmser, Mack sobre Mélas? Quem era esse recém-chegado da guerra, que tinha a petulância de um astro? A escola acadêmica militar o excomungava, enquanto se retirava. Daí o implacável rancor do velho cesarino contra o novo, do sabre discreto contra a espada exuberante, do tabuleiro de xadrez contra o gênio. No dia 18 de junho de 1815 esse rancor deu a última palavra e, abaixo de Lodi, Montebello, Montenotte, Mantoue, Marengo e Arcole, ele escreveu: *Waterloo. Triunfo dos medíocres, doce para as maiorias.* O destino consentiu essa ironia. Em seu declínio, Napoleão reencontrou diante de si Wurmser jovem.

Para ter Wurmser, com efeito, basta pintar de branco os cavalos de Wellington.

Waterloo é uma batalha de primeira ordem, ganha por um general de segunda.

O que é indispensável admirar na batalha de Waterloo é a Inglaterra; é a firmeza, a resolução e o sangue inglês; o que a Inglaterra ali tem de soberbo, não se desagradem com isso, é ela mesma. Não é seu capitão; é seu exército.

Wellington, estranhamente ingrato, declara numa carta a lorde Bathurst que seu exército, o exército que combateu no dia 18 de junho de 1815, era "detestável". O que pensará disso o sombrio aglomerado de ossadas no solo de Waterloo?

A Inglaterra foi muito modesta em relação a Wellington. Torná-lo tão grande é deixar a Inglaterra pequena. Wellington é um herói como qualquer outro. Os escoceses, a Guarda Montada, os regimentos de Maitland e de Mitchell, a infantaria de Pack e de Kempt, a cavalaria de Ponsonby e de Somerset, os *highlanders* tocando gaita de foles sob a metralha, os batalhões de Rylandt, os recrutas inexperientes que só sabiam manusear os mosquetes tendo à frente as velhas tropas de Essling e de Rivoli; tudo isso é que é grande. Wellington foi tenaz, esse foi seu único mérito, e nós não iremos negá-lo; mas o menor de seus infantes ou de seus cavaleiros foi também tão firme quanto ele. O soldado de ferro igualou-se ao duque de ferro. Quanto a nós, oferecemos toda a nossa glorificação ao soldado inglês. Se há um troféu, é à Inglaterra que ele deve ser dado. A coluna de Waterloo seria mais justa se, em lugar da figura de um homem, erguesse a estátua de um povo.

Mas a grande Inglaterra ficará irritada com o que dizemos aqui. Ela ainda tem, depois de seu 1688 e do nosso 1789, a ilusão feudal. Ela crê na hereditariedade e na hierarquia. Esse povo, que nenhum outro vence em poder e glória, estima-se como nação, não como povo. Tanto que, como povo, subordina-se voluntariamente e toma um lorde como um chefe. *Workman*, deixa-se menosprezar; soldado, deixa-se golpear. Todos se lembram de que na batalha de Inkermann, um sargento que, pelo que parece, havia salvado o exército, nem sequer pôde ser mencionado por lorde Raglan; a hierarquia militar inglesa não permite que seja citado em um boletim qualquer herói subalterno ao oficial.

O que admiramos, acima de tudo, em um conflito como o de Waterloo é a prodigiosa habilidade do acaso. Chuva noturna, muro de Hougomont, barranco de Ohain, Grouchy surdo à artilharia, Napoleão enganado pelo guia e Bülow esclarecido pelo seu; todo esse cataclismo é admiravelmente conduzido.

Em conclusão, deixemos claro: em Waterloo houve mais carnificina do que batalha.

Waterloo foi, de todas as batalhas campais, a que apresentou a frente mais limitada com tal número de combatentes. Napoleão, três quartos de légua;

Wellington, meia légua; de cada lado, setenta e dois mil combatentes; foi desse aglomerado que proveio a carnificina.

Ao ser feito um cálculo, estabeleceu-se a seguinte proporção sobre a perda de homens: em Austerlitz, franceses, 14%; russos, 30%; e austríacos, 44%. Em Wagram, franceses, 13%; austríacos, 14%. Em Moscou, franceses, 37%; russos, 44%. Em Bautzen, franceses, 13%; russos e prussianos, 14%. Em Waterloo, franceses, 56%; aliados, 31%. Total para Waterloo, 41%. Cento e quarenta e quatro mil combatentes; sessenta mil mortos.

O campo de Waterloo apresenta, hoje, um sossego intrínseco à terra, impassível sustentáculo do homem, e assemelha-se a todas as planícies.

Contudo, durante a noite, destaca-se dele uma espécie de nevoeiro fantástico; e se algum viajante que por ali passa olha, escuta e sonha como Virgílio nas funestas planícies de Filipos, é tomado pela alucinação da catástrofe. O medonho 18 de junho renasce; a falsa colina-monumento desaparece, aquele leão qualquer se dissipa, o campo de batalha retoma sua realidade; linhas de infantaria ondulam na planície, galopes furiosos atravessam o horizonte; o sonhador, assustado, vê o lampejo dos sabres, o brilho das baionetas, o flamejar das bombas, o diálogo monstruoso dos trovões; ele escuta, como um suspiro de moribundo no fundo de uma tumba, o vago clamor da batalha fantasma; aquelas sombras são os granadeiros; aqueles brilhos são os couraceiros; aquele esqueleto é Napoleão; o outro esqueleto é Wellington; tudo isso não existe mais, mesmo assim ainda se enfrenta e combate; os barrancos se cobrem de púrpura, as árvores estremecem, há fúria até nas nuvens, enquanto nas trevas todos esses montes ferozes, Mont-Saint-Jean, Hougomont, Frischemont, Papelotte, Plancenoit, aparecem confusamente coroados de turbilhões de espectros que se exterminam.

XVII

Deve-se achar bom Waterloo?

Existe uma escola liberal bastante respeitável que não odeia Waterloo. Não pertencemos a ela. Para nós, Waterloo não é mais que a data estupefata da liberdade.

Que uma tal águia saia de semelhante ovo é, sem a menor dúvida, uma coisa imprevista.

Waterloo, se nos colocarmos no ponto de vista culminante da questão, é intencionalmente uma vitória contrarrevolucionária. É a Europa contra a França, é Petersburgo, Berlim e Viena contra Paris, é o *statu quo* contra a iniciativa, é o 14 de julho de 1789 atacado por meio do 20 de março de 1815, é a contagem regressiva para o combate das monarquias contra o indomável motim francês. Extinguir, enfim, esse povo enorme, em erupção havia vinte e seis anos, esse era seu sonho. Solidariedade dos Brunswick, dos Nassau, dos Romanoff, dos Hohenzollern, dos Habsburgo com os Bourbon. Waterloo carrega em si o direito divino. É verdade que, o império tendo sido despótico, a realeza, pela reação natural das coisas, forçosamente devia ser liberal, e que uma ordem constitucional surge a contragosto de Waterloo, para grande pesar dos vencedores. É que a revolução não pode ser verdadeiramente vencida, e, sendo providencial e absolutamente inevitável, ela reaparece sempre, antes de Waterloo, com Bonaparte deitando por terra os antigos tronos, e, depois de Waterloo, com Luís XVIII outorgando e submetendo-se à Constituição. Bonaparte põe um postilhão no trono de Nápoles e um sargento no trono da Suécia, empregando a desigualdade para demonstrar a igualdade; Luís XVIII, em Saint-Ouen, assina a Declaração dos Direitos do Homem. Querem entender o que é a revolução? Chamem-na de Progresso. Querem entender o que é o progresso? Chamem-no de Amanhã. O amanhã irresistivelmente cria sua obra, e a começa hoje. Estranhamente, ele sempre cumpre seu objetivo. Usa Wellington para fazer de Foy, que não era mais que um mero soldado, um orador. Foy tomba em Hougomont e se ergue na tribuna. Assim procede o progresso. Não existem más ferramentas para esse operário. Ele ajusta à sua missão divina, sem se desconcertar, o homem que venceu os Alpes e o velho doente e vacilante dos Champs-Élysées. Ele se serve tanto da podagra[13] como do conquistador; do conquistador, por fora, e da podagra,por dentro. Waterloo, encurtando o processo de demolição dos tronos europeus pela espada, não teve outro efeito senão dar continuidade ao trabalho revolucionário pelo outro lado. É o fim dos guerreiros; é a vez dos pensadores. O século que Waterloo queria parar, passou-lhe por cima e continuou seu caminho. Essa vitória sinistra foi vencida pela liberdade.

Em suma, e incontestavelmente, o que triunfava em Waterloo, o que se sorria por trás de Wellington, o que lhe dava todos os bastões de marechal da Europa, compreendendo, segundo dizem, o de marechal da França, o que fazia rolar alegremente as carroças de terra cheias de ossadas para elevar o outeiro do leão, o que triunfantemente escrevia sobre o pedestal a data — 18 DE JUNHO DE 1815 — o

que animava Blücher a decepar a derrota, o que do alto do planalto do Mont-Saint-Jean se debruçava sobre a França como sobre uma presa, era a contrarrevolução. Era a contrarrevolução que murmurava a infame palavra: desmoronamento. Ao chegar a Paris, ela viu de perto a cratera, sentiu que aquelas cinzas lhe queimavam os pés, e mudou de ideia. Voltou, então, a gaguejar uma Constituição. Não vejamos em Waterloo senão o que ele foi. De liberdade intencional, nada. A contrarrevolução era involuntariamente liberal, do mesmo modo que, por um fenômeno correspondente, Napoleão era involuntariamente revolucionário. Robespierre foi derrubado de seu cavalo em 18 de junho de 1815.

XVIII

Recrudescência do direito divino

Ao fim da ditadura, desmoronou-se um sistema completo da Europa.

O império colapsou em uma sombra que se parece com a do mundo romano enquanto expirava. Reviveu-se o abismo como no tempo dos bárbaros. No caso da barbárie de 1815, que precisa ser nomeada com o eufemismo de contrarrevolução, ela não tinha muito fôlego, por isso logo se asfixiou e chegou ao fim. O império, confessemos, foi chorado, e chorado por olhos heroicos. Se a glória estava na espada transformada em cetro, o império foi a própria glória. Ele teria espalhado sobre a Terra toda a luz que a tirania pode dar: uma luz sombria. Digamos mais: uma luz obscura. Comparada ao verdadeiro dia, era a noite. Esse desaparecimento da noite produziu o efeito de um eclipse.

Luís XVIII voltou a Paris. As festas de 8 de julho apagaram os entusiasmos de 20 de março. O corso tornou-se a antítese do bearnês. Nas Tulherias balançou a bandeira branca. O exílio entronizou-se. A mesa de pinheiro de Hartwell foi posta diante da poltrona ornada de flores de lis de Luís XIV. Falou-se de Bouvines e de Fontenoy como se fosse ontem, já que Austerlitz tinha passado. O altar e o trono confraternizaram majestosamente. Uma das formas mais incontestadas da salvação da sociedade no século XIX se estabeleceu sobre a França e sobre o continente. A Europa assumiu o laço branco. Trestaillon ficou célebre. A divisa *non pluribus*

impar[14] reapareceu nos raios de pedra, representando um sol sobre a fachada da caserna do Quai d'Orsay. Onde houvesse uma Guarda Imperial, havia também uma guarita vermelha. O arco do *Carrousel*, sobrecarregado de vitórias malconduzidas, desorientado diante das novidades, um pouco envergonhado, talvez, de Marengo e de Arcole, definiu o caso da estátua do duque de Angoulême. O cemitério de Madeleine, temível fossa comum de 1793, foi coberto de mármores e de jaspe; os ossos de Luís XVI e de Maria Antonieta jaziam nessa poeira. No fosso de Vincennes, uma estaca sepulcral sai da terra, para garantir a lembrança de que o duque de Enghien morreu no mesmo mês em que Napoleão foi coroado. O papa Pio VII, que havia realizado essa sagração tão próxima daquela morte, abençoou tranquilamente a queda como abençoaria a elevação. Havia em Schoenbrunn uma pequena sombra de quatro anos de idade a qual se tornou sedicioso chamar de rei de Roma. E todas estas coisas se fizeram: os reis voltaram aos seus tronos, o senhor da Europa foi metido em uma gaiola, o antigo regime tornou-se novo, e toda a sombra e toda a luz da Terra mudaram de lugar, porque na tarde de um dia de verão houve um pastor que, em um bosque, disse a um prussiano: "Vá por aqui e não por ali!"

Esse 1815 foi uma espécie de abril lúgubre. As velhas realezas doentias e venenosas se cobriram de aparências novas. A mentira casou-se com 1789, o direito divino mascarou-se atrás de uma Constituição, as ficções foram feitas constitucionais, os preconceitos, as superstições e as segundas intenções, com o artigo 14º no coração, envernizaram-se de liberalismo. Serpentes trocando de pele.

O homem fora, ao mesmo tempo, engrandecido e rebaixado por Napoleão. O ideal, sob o reinado da matéria esplêndida, recebeu o nome estranho de ideologia. Grave imprudência de um grande homem, escarnecer do futuro. Todavia, os povos, esse alimento da artilharia tão apaixonado do artilheiro, procuravam-no com os olhos. Onde está ele? O que faz? Napoleão morreu, dizia um transeunte a um inválido de Marengo, em Waterloo. "Morto, ele?!", exclamou o soldado. "Conhecia-o bem!" A imaginação foi desafiadora para aquele homem devastado. O fundo da Europa, depois de Waterloo, foi tenebroso; sentiu-se nela, por muito tempo, um enorme vazio com o desaparecimento de Napoleão.

Os reis se puseram nesse vazio. A velha Europa aproveitou a oportunidade para se reformar. Houve até uma Santa Aliança. "Bela Aliança", teria dito com antecedência o campo fatal de Waterloo.

Na presença e em face dessa antiga Europa refeita, os contornos de uma nova França foram esboçados. O futuro, ridicularizado pelo imperador, deu início. Ela ostentava em sua fronte uma estrela: a Liberdade. Os olhos ardentes das jovens gerações voltaram-se para ele. Coisa singular, apaixonaram-se ao mesmo tempo:

desse futuro, a Liberdade; desse passado, Napoleão. O fracasso engrandeceu o vencido. Bonaparte, caído, parecia mais alto que Napoleão de pé. Aqueles que tinham triunfado sentiram medo. A Inglaterra colocou Hudson Lowe como carcereiro e a França adotou Montchenu como vigilante. Os braços cruzados transformaram-se na inquietação dos tronos. Alexandre chamava-o de minha insônia. Esse temor vinha da quantidade de revolução que ele tinha em si. É isso o que explica e releva o liberalismo bonapartista. Esse fantasma fazia tremer o velho mundo. Os reis não puderam reinar à vontade com o rochedo de Santa Helena no horizonte.

Enquanto Napoleão agonizava em Longwood, apodreceram tranquilamente os sessenta mil homens caídos no campo de Waterloo, e espalhou-se pelo mundo um quê da paz que eles gozavam. O Congresso de Viena assegurou os tratados dessa paz em 1815, e a Europa chamou a isso de Restauração.

Eis o que é Waterloo.

Mas que importa isso ao infinito? Toda essa tempestade, toda essa nuvem, essa guerra e, depois, essa paz? Toda essa sombra não perturbou, em momento algum, o brilho do olho imenso diante do qual um inseto, saltando de uma folha de grama a outra, é igual à águia voando de campanário em campanário nas torres de Notre-Dame.

XIX

O campo de batalha à noite

Voltemos, pois é uma necessidade deste livro, ao fatal campo de batalha.

Em 18 de junho de 1815 era lua cheia. A claridade favoreceu a perseguição feroz de Blücher, denunciou os rastros dos fugitivos, entregou aquela multidão catastrófica à cavalaria prussiana encarniçada e ajudou no massacre. Há, muitas vezes, nas catástrofes essas trágicas complacências da noite.

Depois de disparado o último tiro da artilharia, ficou deserta a planície do Mont-Saint-Jean.

Os ingleses ocuparam o acampamento dos franceses: dormir na cama do vencido é a prova real da vitória. Estabeleceram o acampamento além de Rossomme. Os prussianos, encarniçados na derrota, passaram ainda mais adiante. Wellington dirigiu-se à aldeia de Waterloo para redigir seu relatório a lorde Bathurst.

Se jamais o *sic vos non vobis*[15] foi aplicável, é óbvio que poderá sê-lo agora a essa aldeia de Waterloo. Waterloo nada fez; ficou a meia légua da ação. Mont-Saint-Jean foi destruído pelos canhões, Hougomont foi incendiado, Plancenoit foi incendiado, Haie-Sainte foi tomada de assalto, Belle-Alliance viu a deflagração de dois vencedores; e mal sabemos seus nomes; Waterloo, que nada fez pela batalha, ficou com todas as honras.

Não somos dos que lisonjeiam a guerra, dizemos nossas verdades sobre ela sempre que a ocasião se apresenta. A guerra tem monstruosas belezas, que não ocultamos, mas é necessário convir que também tem fealdades. Uma das mais surpreendentes é o despimento dos mortos depois da vitória. A aurora que se segue a uma batalha sempre ilumina cadáveres nus.

Quem é o autor disso? Quem lança tais nódoas no triunfo? Qual é a hedionda mão furtiva que assim se introduz no bolso da vitória? Quem são os larápios que vão exercer sua destreza por detrás dela? Alguns filósofos, entre eles Voltaire, afirmam que são precisamente aqueles que conquistaram a glória. São os mesmos, dizem eles; não há sobressalentes: os que estão de pé roubam os que estão por terra. O herói do dia é o vampiro da noite. No fim de tudo, sempre há um certo direito de despojar o cadáver de que se é autor. Quanto a nós, não acreditamos nisso. Colher louros e roubar as botas de um morto nos parecem duas coisas impossíveis para a mesma mão.

Certo é que, de modo geral, atrás dos vencedores vêm os ladrões. Mas ponhamos o soldado, e sobretudo o soldado contemporâneo, fora da hipótese.

Todo exército tem uma retaguarda, e é a ela que é preciso acusar. Seres-morcegos, metade bandidos, metade larápios, todas as espécies de animais noturnos engendrados por esse crepúsculo que se chama guerra, trajam as fardas, mas não participam do combate, falsos doentes, feridos temíveis, taberneiros contrabandistas trotando, algumas vezes com suas mulheres, sobre pequenas carroças e roubando aquilo que poderão revender, mendigos oferecendo-se como guias aos oficiais, grosseiros, trapaceiros; os exércitos em marcha outrora — não falamos do tempo presente —, arrastavam todos esses que, em um linguajar interno, eram chamados de "retardatários". Nenhum exército, assim como nenhuma nação, é responsável por esses seres; eles falavam italiano e seguiam os alemães; falavam francês e seguiam os ingleses. Foi por um desses miseráveis, um retardatário espanhol que falava francês,

que o marquês de Fervacques, enganado por seu sotaque picardo, tomando-o por um dos nossos, foi morto traiçoeiramente e roubado no próprio campo de batalha, na noite que se seguiu à vitória de Cerisoles. Da trapaça nascia o trapaceiro. A detestável máxima "Viver do inimigo" produzia essa lepra que somente uma dura disciplina conseguiria sarar. Há reputações que iludem; nem sempre se sabe por que certos generais, aliás respeitáveis, foram tão populares. Turenne era adorado pelos soldados porque tolerava a pilhagem; a maldade permitida faz parte da bondade; Turenne era tão bom que deixou o Palatinado incendiar e nadar em sangue. Viam-se atrás do exército mais ou menos larápios, segundo o chefe era mais ou menos severo. Hoche e Marceau não tinham esses retardatários; Wellington, façamos-lhe justiça, tinha poucos.

Entretanto, na noite de 18 para 19 de junho os mortos foram roubados. Wellington mostrou-se intransigente; deu ordem para que fosse eliminado quem quer que apanhassem em flagrante delito; mas a rapina é tenaz. Os larápios roubavam num ponto do campo de batalha, enquanto no ponto oposto outros eram fuzilados.

O luar era sinistro na planície de Waterloo.

Pela meia-noite, vagueava, ou antes, arrastava-se um homem pelos lados da estrada de Ohain. Era, segundo todas as aparências, um dos que acabamos de descrever, nem francês nem inglês, nem paisano nem soldado, menos homem que hiena, atraído pelo odor dos mortos, tendo por vitória o roubo e indo saquear Waterloo. Tinha vestido uma blusa que servia quase como um capote, mostrava-se inquieto e audaz, avançando mas olhando sempre para trás. Quem era esse homem? Provavelmente a noite sabia mais a seu respeito do que o dia. Não tinha mochila, mas, sim, grandes bolsos na blusa. De tempos em tempos parava, examinava o terreno em torno de si, como se quisesse conferir se alguém o seguia, curvava-se de repente sobre um objeto qualquer, silencioso e imóvel, endireitava-se em seguida e fugia. O seu modo de andar, as atitudes, os gestos rápidos e misteriosos faziam-no semelhante às larvas crepusculares que infestam as ruínas e ao que as velhas lendas normandas chamam de *Alleurs*.

À noite, certas aves pernaltas produzem silhuetas como essas nos pântanos.

Os olhos que tivessem sondado atentamente todo aquele nevoeiro avistariam, com certeza, a alguma distância, parado e como que escondido atrás do edifício situado na beira da estrada de Nivelles, no cruzamento da estrada do Mont-Saint-Jean a Braine-l'Alleud, uma espécie de carroça de vivandeiro, coberta de vime, na qual estava metido um sendeiro esfomeado, que roía as urtigas através do freio; dentro da carroça, uma espécie de mulher sentada sobre alguns pacotes e caixas.

Havia, talvez, um laço que ligava essa carroça ao larápio noturno que há pouco vimos.

A escuridão era serena; não havia uma só nuvem no céu. Que importa que a terra esteja tingida de vermelho? A lua continuava clara. São essas as indiferenças do céu. Pelo campo, os troncos das árvores, quebrados pela metralha, e presos ainda pela casca das árvores, balançavam-se vagarosamente com o vento da noite. O matagal parecia agitar-se com o sopro de uma fraca respiração. Notavam-se em toda aquela vegetação estremecimentos que pareciam denunciar a despedida de muitas almas.

Ao longe, ouviam-se vagamente os passos das patrulhas e das rodas superiores do acampamento inglês.

Hougomont e a Haie-Sainte continuavam a arder, produzindo, uma a oeste, outra a leste, duas grandes chamas, às quais se juntava, como um colar de rubis desamarrado, com duas pedras preciosas nas pontas, o cordão de fogos do acampamento inglês, disposto em um imenso semicírculo sobre as colinas que fechavam o horizonte.

Já falamos sobre a catástrofe do caminho de Ohain. O que foi a morte de tantos bravos, o coração se apavora só de imaginar.

Se alguma coisa é assustadora, se existe uma realidade que ultrapasse os sonhos, é esta: viver, ver o sol, estar em plena posse da força viril, ter saúde e alegria, rir corajosamente, correr em direção a uma glória que está bem diante de si mesmo, resplandecente, sentir no peito um pulmão que respira, um coração que bate, uma vontade que raciocina, falar, pensar, esperar, amar, ter mãe, ter mulher, ter filhos, ter luz e, de repente, antes de ter tempo de gritar, em menos de um minuto, despencar em um abismo, cair, rolar, esmagar, ser esmagado, ver espigas de trigo, flores, folhas, ramos, não poder agarrar-se a nada, perceber que seu sabre é inútil, sentir embaixo de si um monte de corpos e, em cima, de cavalos, debater-se em vão, com os ossos esmigalhados por um coice, em plena escuridão, sentir um sapato que faz saltar os olhos, morder com raiva as ferraduras dos cavalos, asfixiar-se, berrar, contorcer-se, estar lá embaixo e dizer: “Ainda há pouco eu estava vivendo!”

Lá, de onde vinham gritos desse lamentável desastre, tudo faz silêncio agora. A depressão do caminho estava cheia de cavalos e cavaleiros inextricavelmente amontoados. Aglomeração terrível. Não havia mais barranco; os cadáveres nivelavam a estrada com a planície e chegavam até a borda como um alqueire de cevada bem medido. Um amontoado de mortos na parte alta, um rio de sangue na parte baixa; assim estava aquela estrada na noite de 18 de junho de 1815. O sangue escorria até a estrada de Nivelles e transbordava em um grande charco diante dos

ramos de árvores que delimitavam com barricadas o caminho, em um lugar que ainda se pode mostrar. Foi, como podem se lembrar, no ponto oposto, em direção à estrada de Genappe, que aconteceu a queda dos couraceiros. O volume de cadáveres era proporcional à profundidade da depressão do caminho. Próximo ao meio, na região que se tornou plana, onde passou a divisão Delord, o número de mortos era menor.

O larápio noturno, que acabamos de mostrar ao leitor, dirigia-se por esses lados. Investigava, observava aquele imenso túmulo: passava não sabemos que hedionda revista aos mortos, caminhando com os pés mergulhados em sangue.

De repente, parou.

Alguns passos adiante, no meio do barranco, no ponto em que terminava a aglomeração de mortos, sob aquele amontoado de homens e cavalos, saía uma mão aberta iluminada pelo luar.

Essa mão tinha, em um dos dedos, um objeto brilhante, um anel de ouro.

O homem curvou-se, demorou-se assim um instante e, quando se endireitou, o anel já não estava na mão.

O homem não chegou precisamente a se levantar; ficou parado em uma atitude de espanto, voltando as costas para o monte de mortos, examinando o horizonte, de joelhos, com todo o peso do tronco descansado nos dois índices apoiados na terra, e os olhos espreitando por sobre a beira do caminho. As quatro patas do chacal servem bem para certas ações.

Depois, tomando uma decisão, ergueu-se.

Nesse momento, teve um sobressalto. Sentiu que o seguravam por trás.

Voltou-se; era a mão que pouco antes estava aberta e que agora se fechava, segurando-lhe a blusa. Qualquer homem honesto seria tomado pelo pavor. Mas este começou a rir.

— Ora! — disse ele. — É apenas o morto. Antes um defunto ressuscitado do que um gendarme.

Entretanto, a mão, sem força, largou-lhe a blusa. O esforço se esvai rapidamente em uma tumba.

— Ora essa! — disse o larápio. — Será que esse morto está vivo? Vamos ver.

Curvou-se novamente, apalpou os mortos, afastou os que o atrpalhavam, pegou na mão que o segurava, puxou-lhe o braço, desembaraçou-lhe a cabeça, depois todo o corpo e, passados alguns instantes, arrastava no sombrio barranco um homem inanimado, ou, pelo menos, desfalecido. Era um couraceiro, um oficial de alto posto; por baixo da couraça surgia uma grande dragona; não tinha o capacete. O rosto, sulcado por um grande corte, estava coberto de sangue.

De resto, parecia não ter membro algum fraturado; e por qualquer feliz acaso, se uma tal palavra cabe aqui, os mortos tinham formado sobre ele uma espécie de abóbada, que o livrara de ser esmagado. Tinha os olhos fechados.

Sobre a couraça, via-se a cruz de prata da Legião de Honra.

O larápio arrancou-lhe a cruz, que logo desapareceu em um dos bolsos da blusa.

Em seguida, apalpou os bolsos do oficial, achou um relógio e tirou-o. Depois, revistou o gibão, onde achou uma bolsa, que também roubou.

Quando ele estava nessa fase dos socorros prestados ao moribundo, o oficial abriu os olhos.

— Obrigado! — disse ele, com voz muito fraca.

A brutalidade dos movimentos do homem que lhe pegara e o ar fresco da noite, respirado livremente, tinham-lhe feito recuperar os sentidos.

O larápio não respondeu, apenas levantou a cabeça. Nesse momento, ouviu-se na planície o ruído de passos; provavelmente alguma patrulha que se aproximava.

O oficial, cuja voz parecia ainda agonizante, murmurou:

— Quem ganhou a batalha?

— Os ingleses — respondeu o larápio.

O oficial continuou:

— Procure no meu bolso. Vai encontrar um relógio e uma bolsa. Pode ficar para você.

Isso o larápio já tinha feito.

No entanto, fingiu que executava a ordem e disse:

— Não tem nada.

— Então, roubaram-me — concluiu o oficial. — Que pena, porque esses objetos eram para o senhor.

Os passos da patrulha tornavam-se cada vez mais distintos.

— Vem gente aí — disse o larápio, fazendo um movimento de quem quer fugir.

O oficial, erguendo custosamente o braço, deteve-o e disse:

— Salvou-me a vida; quem é o senhor?

O larápio respondeu em voz baixa e apressadamente:

— Eu servia, como o senhor, no exército francês; mas é necessário que o deixe: se me achassem aqui, fuzilavam-me. Salvei-lhe a vida; agora trate do resto como puder.

— Qual é seu posto?

— Sargento.

— E seu nome?

— Thénardier.

— Nunca me esquecerei dele — disse o oficial. — Não se esqueça também do meu. Chamo-me Pontmercy.

Notas

1 André Le Nôtre é considerado um dos maiores arquitetos paisagistas do mundo, famoso por ter projetado, entre outros, os jardins do palácio de Versalhes, sob o reinado de Luís XIV. (N.T.)

2 Walter Scott, Lamartine, Vaulabelle, Charras, Quinet, Thiers. (N.A.)

3 Salvator Rosa, pintor, poeta e músico do barroco italiano, reconhecido por suas pinturas sobre cenas de guerra; Jean-Baptiste Vaquette de Gribeauval, engenheiro e oficial de artilharia francês, criador de um sistema de produção de armamento por meio do qual a França, em seu tempo, passou a ter o maior poder bélico da Europa. (N.T.)

4 Rembrandt Harmenszoon van Rijn, pintor e gravador holandês, considerado um dos maiores nomes da história da arte, cuja obra é reconhecida pelo emprego do claro-escuro e um profundo realismo; Adam Frans van der Meulen, pintor do barroco flamengo, cuja característica principal é a representação das cenas de batalha, sobretudo aquelas sob o reinado de Luís XIV, para quem trabalhou. (N.T.)

5 Jean-Charles de Folard, soldado francês e autor de textos militares, dentre os quais vale destacar os comentários sobre Políbio; Políbio, geógrafo e historiador grego do período helenístico, tornou-se um nome influente para os estudos historiográficos e políticos. (N.T.)

6 César ri, Pompeu chora. (N.T.)

7 *Scabra rubigine* [corroídos pela ferrugem], Virgílio, *Geórgicas*, I. (N.T.)

8 Eis a inscrição:
AQUI FOI ESMAGADO
POR ACIDENTE
SOB UMA CARROÇA
O SR. BERNARD
DEBRYE, COMERCIANTE
EM BRUXELAS, NO DIA (ilegível)
FEVEREIRO 1637. (N.A.)

9 Gaita de foles escocesa. (N.T.)

10 *Splendid!*, palavra textual. (N.A.)

11 O destino já estava escrito. (N.T.)

12 "Uma batalha terminada, um dia quase no fim, falsas medidas reparadas, maiores sucessos assegurados para o dia seguinte, tudo foi perdido num terrível momento de pânico." (NAPOLEÃO, *Ditados de Santa Helena*). (N.A.)

13 Afecção, mais conhecida por gota, nos pés. (N.E.)

14 Divisa de Luís XIV: "Não inferior a muitos." (N.T.)

15 *Sic vos non vobis* [assim, vós, não para vós…], expressão latina empregada em um poema de Virgílio, que o escreveu com a intenção de ironizar o fato de que alguns de seus versos haviam sido apropriados por outro poeta medíocre e mal-intencionado, Batiles. Eis o poema de Virgílio: "*Sic vos non vobis nidificatis, aves;/ Sic vos non vobis vellera fertis, oves;/ Sic vos non vobis mellificatis, apes; Sic vos non vobis fertis aratra, boves."* ["Assim vós, ó

aves, fazeis ninhos, e não para vós;/ assim vós, ó ovelhas, trazeis a lã, e não para vós;/ assim vós, ó abelhas, fabricais o mel, e não para vós;/ assim vós, ó bois, arais a terra, e não para vós." — cf. Rezende, 1918 p. 455.)] (N.T.)

LIVRO SEGUNDO

A NAU ORION

I

O nº 24.601 se torna 9.430

Jean Valjean foi novamente preso.

Seremos gratos ao leitor, que nos permitirá passar rapidamente por alguns dolorosos detalhes. Limitamo-nos a transcrever duas notícias publicadas nos jornais da época, alguns meses depois dos surpreendentes acontecimentos de Montreuil-sur-Mer.

Esses artigos são um tanto sumários. Como se sabe, não existia ainda a *Gazette des Tribunaux*.

Extraímos o primeiro do *Drapeau blanc*, datado de 25 de julho de 1823:

> Um dos distritos do Pas-de-Calais foi agora teatro de um acontecimento pouco comum. Um homem desconhecido na província, chamado sr. Madeleine, tinha restabelecido, havia alguns anos, graças a novos inventos, uma antiga indústria local: a fabricação de miçangas ou vidrilhos pretos. Desse modo, obteve não apenas sua fortuna, devemos dizê-lo, mas a de todo o distrito. Como recompensa por seus serviços, foi nomeado *maire*. A polícia descobriu, por fim, que o tal sr. Madeleine era um ex-forçado chamado Jean Valjean, condenado por roubo em 1796. Jean Valjean foi de novo para as galés. Parece que, antes de ser preso, conseguiu levantar do banco do sr. Laffitte uma soma superior a meio milhão que ali tinha depositado, a qual havia, afinal, muito honestamente, segundo dizem, ganhado em seu comércio. Não foi possível saber onde Jean Valjean ocultou essa soma depois de ter voltado para as galés de Toulon.

O segundo artigo, pouco mais desenvolvido, foi extraído do *Journal de Paris*, da mesma data:

Compareceu perante o júri do Var um ex-forçado liberto, de nome Jean Valjean, em circunstâncias dignas de atrair a atenção. Esse celerado tinha conseguido enganar a vigilância da polícia; mudou de nome e chegou a obter a nomeação de *maire* de uma das nossas pequenas cidades do Norte. Nessa cidade estabeleceu um comércio muito considerável. Ultimamente, graças ao zelo infatigável do Ministério Público, foi desmascarado e preso. Vivia com uma moça de má vida, que morreu de susto na ocasião em que o prenderam. Esse miserável, que é dotado de força hercúlea, havia achado meio de se evadir; mas três ou quatro dias depois da evasão foi de novo alcançado pela polícia, em Paris mesmo, no momento em que subia para uma das pequenas carruagens que andam na carreira da capital para a aldeia de Montfermeil (Sainte-et-Oise). Diz-se que ele aproveitou o intervalo dos três ou quatro dias de liberdade para retirar uma soma considerável, que havia depositado em um dos nossos primeiros bancos. Estima-se essa soma em seis ou sete mil francos, que, a julgar pelo auto de acusação, foi guardada em lugar só por ele conhecido, por isso não pôde ser encontrada. Seja como for, o tal Jean Valjean foi julgado pelo júri na província do Var pelo crime de roubo cometido à mão armada, há uns oito anos, na pessoa de uma dessas boas crianças que, como disse o patriarca de Ferney em imortais versos:

… De Saboia vêm todos os anos.
E com as mãos ligeiramente limpam
As altas chaminés que a fuligem suja.

Esse salteador recusou defender-se. O hábil e eloquente órgão do Ministério Público provou que o roubo fora cometido com cumplicidade e que Jean Valjean fazia parte de uma quadrilha de ladrões que infesta o Sul. Por consequência, Jean Valjean, considerado culpado pelo crime, foi condenado à pena de morte. Esse grande criminoso recusou apelar da sentença. O rei, dominado por sua inesgotável clemência, dignou-se comutar a pena em trabalhos forçados por toda a vida. Jean Valjean foi imediatamente mandado para as galés de Toulon.

O leitor não se esqueceu, com certeza, de que Jean Valjean tinha em Montreuil-sur-Mer costumes religiosos. Alguns jornais, dentre os quais o *Constitutionnel*, apresentaram essa comutação como uma vitória do partido clerical.

Jean Valjean mudou de número nas galés. Passou a ser chamado de 9.430.

Além do mais, digamos uma vez por todas, com o sr. Madeleine desapareceu a prosperidade de Montreuil-sur-Mer: tudo o que ele tinha previsto em sua noite de febre e de hesitação se realizou. Sem ele, a cidade ficou, com efeito, *sem alma*. Depois da desgraça de que Madeleine foi vítima, operou-se em Montreuil-sur-Mer a egoísta partilha das grandes existências decaídas, o fatal desmembramento das coisas florescentes, que são executadas todos os dias obscuramente na comunidade humana e que a história só registrou uma vez, porque ocorreu depois da morte de Alexandre Magno. Os lugares-tenentes coroaram-se reis; os contramestres improvisaram-se fabricantes. As rivalidades invejosas surgiram. As vastas oficinas do sr. Madeleine fecharam-se; os edifícios arruinaram-se, os operários dispersaram-se. Uns saíram da cidade, outros abandonaram a profissão. Daí em diante, tudo se fez em pequena escala; tudo pelo lucro, nada pelo bem. A concorrência encarniçou-se por toda parte. O sr. Madeleine dominava e dirigia tudo. Sem ele, cada um puxou para seu lado; o espírito da luta sucedeu ao da organização, a aspereza à cordialidade, o ódio de um contra a benevolência do fundador por todos: os fios atados por Madeleine embaraçaram-se e partiram-se; foram falsificados os processos de fabricação e aviltados os produtos. Assim, morta a confiança, as encomendas diminuíram, os salários baixaram, as oficinas sentiram falta de trabalho, então veio a quebra. E, depois, mais nada para os pobres. Tudo se desvaneceu.

O próprio Estado sentiu que tinha esmagado alguém em algum lugar. Em menos de quatro anos, depois da decisão do júri, que dera por provada, em proveito das galés, a identidade do sr. Madeleine e Jean Valjean, duplicaram-se as despesas da arrecadação do imposto no distrito de Montreuil-sur-Mer, observação feita pelo sr. De Villèle, na tribuna, em fevereiro de 1827.

II

Onde se leem dois versos que talvez sejam do diabo

Antes de nos adiantarmos mais, não é fora de propósito contar minuciosamente um fato singular que pela mesma época ocorreu em Montfermeil, e que não deixa, talvez, de coincidir com essas conjecturas do Ministério Público.

Há em Montfermeil uma velha superstição, tanto mais curiosa e tanto mais preciosa quanto uma superstição popular nas vizinhanças de Paris é como um aloé na Sibéria. Nós somos dos que respeitam tudo que é como uma planta rara. Eis, então, a superstição de Montfermeil: crê-se ali que o diabo escolheu, desde tempos imemoriais, a floresta para ocultar seus tesouros. As mulheres bem-intencionadas afirmam que não é raro encontrar, no fim do dia, nos lugares mais recônditos do bosque, um homem negro, com a aparência de um carroceiro ou de um lenhador, calçando tamancos e vestindo calça e uma espécie de capote, facilmente percebido pelo fato de usar dois grandes chifres na cabeça, em vez de boné ou de chapéu. Por isso é logo reconhecido. Esse homem ocupa-se costumeiramente de fazer uma cova.

Há três modos de tirar proveito desse encontro. O primeiro é ir direto a ele e falar-lhe. Nesse caso, vê-se que o homem não é mais do que um camponês, que parece negro por ser a hora do crepúsculo, que não abre nenhuma cova, mas, sim, ceifa erva para suas vacas, e que o que se tinha julgado serem chifres não é senão um garfo para estrume que ele leva às costas, cujos dentes, graças à perspectiva do fim do dia, parecem sair-lhe da cabeça. Entra-se em sua casa, e morre-se nessa mesma semana. O segundo modo consiste em observá-lo, esperar que ele abra a cova, que a feche e que depois se afaste; em seguida, correr direto à cova, abri-la e tirar o "tesouro" que o homem negro ali depositou. Quem assim fizer morre nesse mesmo mês. O terceiro modo, enfim, consiste em não falar com o homem, não olhar para ele e fugir depressa. Quem assim fizer ainda vive até o fim do ano.

Como essas três maneiras têm todas seus inconvenientes, a segunda, que oferece pelo menos algumas vantagens, e entre elas a da posse do tesouro, ainda que não seja senão por um mês, é geralmente a mais adotada. Os atrevidos, que não resistem a qualquer gênero de tentação, têm, por muitas vezes, segundo se afirma, reaberto as covas feitas pelo homem negro tentando roubar o diabo. Parece que a operação é pouco convidativa. Pelo menos, dando-se crédito à tradição e, particularmente, a dois versos enigmáticos em latim bárbaro que foram, a este respeito, legados por um mau frade normando, um tanto feiticeiro, chamado Tryphon, que está sepultado na abadia de Saint-Georges de Bocherville, próximo de Rouen: sobre a sua sepultura nascem sapos.

Empregaram-se esforços extraordinários, porque essas covas, em geral, são muito fundas, sua-se, cava-se, trabalha-se toda noite, porque é de noite que a coisa

acontece, encharca-se a camisa, queima-se uma vela e, quando se chega ao fundo da cova, quando se põe a mão no "tesouro", o que se acha? De que consiste o tesouro do diabo? Um soldo ou, quando muito, um escudo, uma pedra, um esqueleto, um cadáver ensanguentado, muitas vezes um espectro dobrado em quatro, como uma folha de papel numa carteira; e mesmo não é raro nada encontrar. E isso é o que os versos de Tryphon parecem anunciar aos curiosos indiscretos.

Fodit, et in fossa thesauros condit opaca,
As, nummos, lapides, cadaver, simulacra, nihilque.[1]

Parece que no nosso tempo se encontra também ali ora um frasco com pólvora e balas, ora um velho baralho de cartas ensebadas, que serviu evidentemente aos diabos. Tryphon não registra esses dois últimos achados, uma vez que Tryphon viveu no século XII, e que não parece que o diabo tenha tido o espírito de inventar a pólvora antes de Roger Bacon nem as cartas antes de Carlos VI.

Por fim, basta que se jogue com essas cartas para ter certeza de que tudo será perdido; e, quanto à pólvora contida no frasco, tem a propriedade de fazer rebentar-lhe a espingarda no rosto.

Ora, pouco tempo depois da época em que o Ministério Público julgou que o forçado liberto Jean Valjean, durante sua evasão de alguns dias, girara em torno de Montfermeil, notou-se nessa mesma aldeia que um idoso cantoneiro chamado Boulatruelle "andava" muito pelo bosque. Dizia-se naqueles lugares que esse tal Boulatruelle também já havia estado nas galés; o caso é que vivia sujeito a certa vigilância da polícia; como em parte alguma conseguiu trabalho, a administração municipal tinha-o empregado como cantoneiro, por miserável salário, no atalho de Gagny para Lagny.

Boulatruelle era um homem para quem toda a gente do lugar olhava com maus olhos. Muito respeitoso e humilde, sempre pronto a tirar o boné a quem quer que fosse, tremendo e sorrindo na presença dos gendarmes, provavelmente membro de alguma quadrilha e, segundo diziam, suspeito de fazer emboscadas nas encruzilhadas ao cair da noite. A única coisa a que se prestava era para a bebida.

Eis o que se julgava ter se notado.

Havia certo tempo que Boulatruelle largava muito cedo o trabalho de empedramento e arranjo da estrada e ia para a mata levando uma enxada. Encontravam-no no fim da tarde nas clareiras mais desertas, ou nos lugares de mata mais fechada, com ar de quem andava procurando alguma coisa e muitas vezes

fazendo covas. As mulheres crendeiras que passavam tomavam-no inicialmente por Belzebu, mas depois viam que era Boulatruelle e nem por isso ficavam mais descansadas. Esses encontros pareciam contrariar bastante o cantoneiro. Era claro que tentava esconder-se, e que havia mistério no que fazia.

Diziam na aldeia: "Não há dúvida alguma de que lhe apareceu o diabo. Boulatruelle viu-o e anda à sua procura. Ele é, com efeito, incapaz de se apoderar do tesouro de Lúcifer." Os voltairianos acrescentavam: "Será que Boulatruelle enganará o diabo ou o diabo enganará Boulatruelle?"

As velhas limitam-se a fazer repetidas vezes o sinal da cruz.

Entretanto, cessaram as correrias de Boulatruelle pelo bosque, e ele continuou regularmente seu trabalho de cantoneiro. Passou-se a falar de outra coisa.

Algumas pessoas, contudo, ficaram curiosas, pensando que provavelmente havia em tudo aquilo não os fabulosos tesouros da lenda, mas algum ganho inesperado, mais palpável do que as notas do diabo, e que o cantoneiro descobrira, sem dúvida, metade do segredo. Os mais "intrigados" eram o professor de primeiras letras e o estalajadeiro Thénardier, o qual, sendo amigo de todos, não desdenhava a amizade de Boulatruelle. "Já esteve nas galés", dizia Thénardier; "e a gente não sabe para que está neste mundo nem seu destino".

Uma tarde o professor de primeiras letras afirmou que, se fosse em outro tempo, a justiça já teria indagado o que Boulatruelle ia fazer na mata, que o obrigaria a confessar tudo, aplicando-lhe, se fosse preciso, tortura, e que Boulatruelle não resistiria, por exemplo, à tortura da água. "Apliquemos-lhe a do vinho", disse Thénardier.

Meteram mãos à obra e convidaram o velho cantoneiro para beber vinho. Boulatruelle bebeu extraordinariamente e falou pouco. Combinou com admirável arte e em magistral proporção a sede de alguém perdido em um deserto com a discrição de um juiz. Entretanto, à força de repetidas insistências, aproximando e juntando algumas palavras obscuras que lhe escaparam, eis o que Thénardier e o professor julgaram compreender:

Boulatruelle, indo numa madrugada para seu trabalho, ficara surpreendido por ver, num canto do bosque, atrás de uma moita, uma pá e uma enxada, *como que escondidas*. Lembrou-se de que provavelmente seriam do velho Six-Fours, vendedor de água, e não pensou mais nisso. Mas, na noite do mesmo dia, tinha decerto visto, sem que o vissem, escondido atrás de uma grossa árvore, dirigir-se da estrada para o lugar mais espesso na mata "um sujeito que não era da aldeia, e que ele, Boulatruelle, conhecia muito bem". Tradução de Thénardier: *Um camarada das galés.* Boulatruelle recusara-se obstinadamente a dizer seu nome. Esse indivíduo

levava um pacote de formato meio quadrado, como uma caixa ou um cofre pequeno. Aqui a surpresa de Boulatruelle. Só depois de passados sete ou oito minutos é que teve a iniciativa de seguir o "tal sujeito". Mas já era tarde; o sujeito tinha adentrado a mata, anoitecera, e Boulatruelle não pudera alcançá-lo. Então, resolveu ficar à espreita na orla do bosque; tinha a seu favor o luar. Duas ou três horas depois, Boulatruelle vira o desconhecido sair do arvoredo, trazendo não o pacote, mas uma pá e uma enxada. Boulatruelle deixara-o passar e não tivera a iniciativa de se lhe dirigir, por ter calculado que o outro era três vezes mais forte que ele, estava armado com uma enxada e provavelmente lhe quebraria os ossos, reconhecendo-o e sendo reconhecido. Enternecedora comoção de dois velhos camaradas que se encontram. Mas a pá e a enxada tinham sido um raio de luz para o cantoneiro, que correra logo, à noite, para onde as tinha visto de manhã, não encontrando então nem pá nem enxada. Concluiu, assim, que o desconhecido ao entrar na mata ali fizera uma cova com a enxada, escondera nela o cofre e tapara-a com a pá. Ora, o cofre era muito pequeno para poder conter um cadáver; logo, continha dinheiro, e daqui provinham suas indagações. Boulatruelle tinha explorado, sondado e vasculhado toda a floresta, cavando a terra em toda parte em que lhe parecia mexida há pouco, mas tudo inutilmente.

Não achara "ninho" algum. Em Montfermeil ninguém pensou mais nesse caso. Somente algumas comadres continuaram dizendo: "Tenham certeza de que o cantoneiro de Gagny não faz tanto barulho para nada"; viu, com certeza, o diabo.

III

Era preciso que a corrente da manilha tivesse sido preparada para que uma martelada a quebrasse

Pelos fins de outubro de 1823, os habitantes de Toulon viram recolher-se no porto, em seguida a um grande temporal, e para reparar algumas avarias, a nau *Orion*, a qual depois foi utilizada em Brest como navio-escola, e que então fazia parte da esquadra do Mediterrâneo.

Esse navio, todo estropiado como vinha, por causa dos golpes que recebia do mar, produziu grande efeito ao entrar no porto. Trazia no tope não sei que bandeira, que mereceu uma salva regulamentar de onze tiros, a que ele correspondeu tiro por tiro. Total: vinte e dois. Calculou-se que em salvas, cordialidades reais e militares, trocas gentis de barulhos, sinais de etiqueta, formalidades de cais e cidadelas, nascer e pôr do sol saudados todos os dias por todas as fortalezas e por todos os navios de guerra, abertura e fechamento de portos etc. etc., o mundo civilizado espalha pólvora por toda a terra, a cada vinte e quatro horas, com cento e cinquenta mil tiros de canhão inúteis. A seis francos cada tiro, chega-se a novecentos mil francos por dia, trezentos milhões por ano, que se esvai em forma de fumaça. Apenas um ligeiro detalhe. Enquanto isso, os pobres morrem de fome.

O ano de 1823 foi aquele que a Restauração chamou "época da guerra de Espanha".

Essa guerra continha muitos acontecimentos em um só, além de consideráveis singularidades. Uma grande questão de família para a casa dos Bourbon; o galho da França socorrendo e protegendo o galho de Madri, isto é, agindo como um primogênito; retorno aparente às nossas complicadas tradições nacionais de servilismo e sujeição aos gabinetes do Norte; o senhor duque de Angoulême, conhecido nos boletins liberais como *o herói de Andujar*, combatendo, com uma atitude triunfal, um pouco contrariada por seu ar tranquilo, o velho terrorismo tão real do Santo Ofício às voltas com o terrorismo quimérico dos liberais; os *sans-culottes*[2] ressuscitados, para grande espanto das viúvas pensionistas, sob o nome de *descamisados*;[3] o monarquismo criando obstáculos ao progresso qualificado de anarquia; as teorias de 89 bruscamente interrompidas por esforços secretos; um grito europeu ordenado à ideia francesa rodando o mundo; ao lado do filho da França generalíssima, o príncipe de Carignan, depois Carlos Alberto, alistando-se a essa cruzada de reis contra povos, como voluntário, com dragonas de granadeiro de lã vermelha; os soldados do império retornando às campanhas, mas depois de oito anos de repouso, agora envelhecidos, tristes, com seus laços brancos; a bandeira tricolor agitada no estrangeiro por um heroico punhado de franceses, assim como a bandeira branca tinha sido levantada em Coblentz, trinta anos antes; os frades misturados às nossas tropas; o espírito de liberdade e de novidade trazido à tona pelas baionetas; os príncipes dominados a tiros de canhão; a França desfazendo com suas armas o que havia feito com seu espírito; além disso, os chefes inimigos vendidos, os soldados hesitantes, as cidades sitiadas por milhões; nenhum perigo militar e, portanto, nada de explosões possíveis, como em qualquer mina surpreendida ou invadida; pouco sangue derramado, pouca honra conquistada,

vergonha para alguns, glória para ninguém; assim foi essa guerra, feita por príncipes que descendiam de Luís XIV e conduzida por generais provenientes de Napoleão. Ela teve essa triste sorte de não recordar nem a grande guerra nem a grande polícia.

Alguns feitos bélicos foram sérios; a tomada do Trocadero, entre outros, foi uma bela ação militar; mas, no fim das contas, repetimos, as trombetas dessa guerra geram um som enganoso, o conjunto torna-se suspeito, e a história aprova a França com sua dificuldade de aceitar esse falso triunfo. Parecia evidente que certos oficiais espanhóis encarregados da resistência cediam com extrema facilidade; a ideia de corrupção emanou da vitória; parecia que haviam vencido antes os generais que as próprias batalhas, e o soldado vencedor retornou humilhado. Guerra desqualificante, com efeito, de tal modo que se podia ler *Banco da França* estampado nas dobras da bandeira.

Soldados da guerra de 1808, sobre os quais Saragoza formidavelmente caíra, franziam as sobrancelhas em 1823, diante da abertura fácil das cidadelas, e começavam a lamentar Palafox. É típico da França gostar mais de ter à sua frente Rostopchin do que Ballesteros.

De um ponto de vista mais grave ainda, e sobre o qual também convém insistir, essa guerra que prejudicava na França seu espírito militar indignava seu espírito democrático. Era um trabalho em prol do servilismo. Nessa campanha, o propósito do soldado francês, filho da democracia, era a conquista de um jugo para o inimigo. Contrassenso hediondo. A França foi feita para despertar a alma dos povos, não para sufocá-la. Desde 1792, todas as revoluções da Europa são a mesma Revolução Francesa; a luz da liberdade vem da França. É um fato solar. Cego quem não o enxerga! E foi Bonaparte quem o disse.

A guerra de 1823, um atentado contra a generosa nação espanhola, foi, portanto, em si mesma, um atentado contra a Revolução Francesa. Essa rota, de fato monstruosa, foi a própria França que escolheu, e à força; porque, com exceção das guerras libertadoras, tudo o que os exércitos fazem é à força. As palavras *obediência passiva* bem o indicam. Um exército é uma estranha obra-prima de combinação, cuja força resulta de um longo somatório de impotências. Assim se explica a guerra, feita pela humanidade, contra a humanidade, apesar da humanidade.

Quanto aos Bourbon, a guerra de 1823 foi-lhes fatal. Mas eles a tomaram como um sucesso. Não se deram conta do perigo que há em fazer morrer uma ideia através de uma instrução. Iludiram-se na sua ingenuidade, a ponto de introduzir em sua base, como elemento de força, a imensa fragilidade de um crime. O espírito de emboscada entrou em sua política; 1830 foi germinado em 1823. A campanha da Espanha tornou-se em suas reuniões um argumento para o abuso da força e para as

aventuras do direito divino. A França, tendo restabelecido *el rey neto* na Espanha, poderia muito bem restabelecer o próprio rei absoluto francês. Caíram nesse terrível equícovo de tomar a obediência do soldado pelo consentimento de nação. Essa confiança faz perder os tronos. Não se pode adormecer nem à sombra de uma mancenilheira nem à sombra de um exército.Voltemos ao navio *Orion*:

Durante as operações do exército comandado pelo príncipe generalíssimo, uma esquadra cruzava o Mediterrâneo. Já dissemos que o *Orion* pertencia a essa esquadra e fora levado, pelos contratempos do mar, ao porto de Toulon.

A presença de um navio de guerra num porto tem um não sei quê que atrai e entretém a multidão. Tudo porque um navio de guerra é uma coisa grandiosa, e a multidão gosta do que é grande.

Um navio de guerra é um dos mais magníficos encontros do gênio humano com o poder da natureza.

Um navio de guerra é composto tanto do que há de mais pesado quanto do que há de mais leve, porque deve trabalhar, ao mesmo tempo, com as três formas da substância, o sólido, o líquido e o fluido, e porque deve lutar contra todos três. Ele possui onze garras de ferro para agarrar o granito do fundo do mar, e mais asas e antenas que uma libélula para tocar o vento das nuvens. Seu hálito sai por cento e vinte canhões, como se fossem enormes clarões, e respondem orgulhosamente ao relâmpago. O oceano procura desorientá-lo na espantosa semelhança de suas ondas, mas o navio tem sua alma, sua bússola, que o aconselha e mostra sempre o norte. Nas noites escuras, seus faróis substituem as estrelas. Então, contra o vento, ele tem a corda e a vela; contra a água, ele tem a madeira; contra o rochedo, tem o ferro, o cobre e o chumbo; contra a sombra, tem a luz; contra a imensidão, tem uma agulha.

Se se quiser ter uma ideia de todas essas proporções gigantescas cujo conjunto constitui um navio de guerra, não é preciso mais que entrar em um dos estaleiros cobertos, de seis andares, nos portos de Brest ou de Toulon. Os navios em construção estão, por assim dizer, sob um campanário. A viga colossal é uma verga; a espessa coluna de madeira estendida pelo chão, a se perder de vista, é o grande mastro. Tomando-o de sua raiz, no porão, ao seu ponto mais alto, que se perde entre as nuvens, ele mede sessenta toesas de comprimento e possui três pés de diâmetro em sua base. O grande mastro inglês eleva-se a duzentos e dezessete pés acima do nível da água. A marinha de nossos pais se utilizava de cabos; a nossa utiliza correntes. O simples amontoado de correntes de um navio de cem canhões tem quatro pés de altura, vinte pés de largura e oito pés de profundidade. E, para construir esse navio, quanta madeira é necessária? Três mil metros cúbicos. É uma floresta que flutua.

Além disso, deve-se levar em conta que não se trata aqui de um navio militar de quarenta anos atrás, mero navio a vela; o vapor, então em sua infância, tem então conseguido novos milagres para esse prodígio que se chama navio de guerra. Até o presente momento, por exemplo, o navio de hélice mista é uma máquina surpreendente, puxada por um velame de três mil metros quadrados de superfície e por uma caldeira com a força de dois mil e quinhentos cavalos.

Sem falar dessas maravilhosas inovações, o antigo navio de Cristóvão Colombo e o de Ruyter eram dessas grandes obras-primas da humanidade. Ele possui uma força inesgotável, assim como o fôlego do infinito; ele armazena o vento em suas velas; é preciso na imensa difusão das ondas; flutua e reina.

Chega uma hora, no entanto, em que a rajada quebra como uma palha essa enorme verga de sessenta pés de comprimento, em que o vento dobra como um junco esse mastro de quatrocentos pés de altura, em que a âncora de dez toneladas se torce na garganta da onda como o anzol de um pescador nas guelras de um peixe bem forte, em que os canhões monstruosos emitem rugidos queixosos e inúteis que o furacão lança ao vazio da noite, em que todo esse poder e toda essa majestade se abismam em um poder e uma majestade superiores.

Todas as vezes que uma força imensa se desenvolve para obter êxito sobre uma imensa fraqueza, é motivo para o homem meditar. Daí os curiosos que se amontoam nos portos, sem que eles mesmos saibam por quê, em torno dessas maravilhosas máquinas de guerra e de navegação.

Todos os dias, portanto, desde a manhã até a noite, as pontas dos diques e molhes do porto de Toulon estavam cobertas de grande quantidade de ociosos e basbaques, como se diz em Paris, com a mera intenção de contemplar o *Orion*.

O *Orion* achava-se enfraquecido havia muito tempo. Em suas viagens anteriores, tinham-se-lhe acumulado na quilha densas camadas de conchas, a ponto de lhe diminuírem metade da velocidade; haviam-no posto em um lugar seco no ano precedente para lhe retirarem essas conchas e, em seguida, devolveram-no para o mar. Mas a raspadela das conchas alterara o cavilhame da quilha. Na altura das Baleares, o casco fatigara-se, abrira e, como o tal conserto não se efetuava na vela, o navio fizera água. Sobreviera-lhe um valente ataque de vento do equinócio, que lhe arrombara o breque, uma portinhola de bombordo, e causara grande prejuízo na gávea de proa. Foi como resultado dessas avarias que o *Orion* se recolheu no porto de Toulon.

A nau estava fundeada junto do Arsenal, armada e em conserto. O casco não sofrera a estibordo, mas em um e outro ponto, segundo o costume, havia algumas cintas despregadas, para deixar penetrar o ar no cavername.

Um dia, de manhã, a multidão que contemplava o navio foi testemunha de um acidente.

A equipagem da nau estava ocupada em envergar as velas. O marinheiro encarregado de prender a ponta da grande vela, do lado de estibordo, perdeu o equilíbrio. Todos o viram vacilar no estribo da verga, a multidão soltou um grito, o peso da cabeça arrastou o corpo, o homem voltou os pés por cima da verga, com as mãos estendidas para o abismo: na passagem agarrou-se ao estribo, primeiro com uma das mãos e em seguida com a outra, ficando assim suspenso. O mar estava abaixo dele numa profundidade vertiginosa. O impacto da queda imprimira violento movimento de balanço ao estribo; e o homem girava de um lado para outro, seguro à corda, como se fosse um pedra em uma catapulta.

Ir socorrê-lo era correr um risco imenso. Nenhum dos marinheiros, todos pescadores da costa, e recentemente recrutados para o serviço, ousou aventurar-se. Entretanto, o desgraçado marinheiro ia se cansando; não era possível ler em seu rosto a aflição, mas percebia-se em todos os membros o esgotamento das forças. Os braços torciam-se de modo horrível. Cada novo esforço que fazia para tornar a subir para a verga não servia senão para aumentar as oscilações do estribo. Não gritava com receio de perder de todo as forças. Não se esperava senão o momento em que ele largasse a corda; e, por instantes, todos voltavam o rosto, para não o verem cair. Há momentos em que um pedaço de corda, uma vara, um ramo de árvore significam a própria vida, e é uma coisa terrível ver um ser vivo soltar-se e cair como um fruto maduro. De repente, viu-se um homem trepando pelo cordame com a agilidade de um gato-bravo. Esse homem estava vestido de vermelho; era um forçado; usava um boné verde; era um forçado de condenação perpétua. Chegando à altura da gávea, seu boné foi jogado longe por uma rajada de vento, ficando assim descobertos os cabelos brancos; não era um rapaz.

Com efeito, um forçado das galés, que trabalhava a bordo, dirigira-se logo no primeiro momento ao oficial de quarto, e no meio da hesitação da equipagem, enquanto todos os marinheiros tremiam e recuavam, pedira ao oficial permissão de arriscar a vida para salvar o marinheiro. A um sinal afirmativo do oficial, partira, com uma única martelada, a corrente presa à manilha que tinha no pé. Pegara numa corda e correra para os ovéns. Naquele momento, ninguém notou a facilidade com que a corrente fora partida. Só mais tarde foi lembrada essa circunstância.

Num piscar de olhos o forçado apareceu sobre a verga, e parou por alguns segundos, parecendo medi-la com a vista. Esses segundos, durante os quais o vento ficou balançando o marinheiro na extremidade de um cabo, pareceram séculos aos que observavam. Enfim, o forçado olhou para o céu e deu um passo para a frente.

Os espectadores recobraram a respiração, vendo-o correr pela verga. Chegando à extremidade, prendeu nela a ponta da corda que levava consigo e deixou pender o resto; depois começou a descer por essa corda, causando uma aflição geral; agora, em lugar de um, havia dois homens suspensos sobre o abismo.

Parecia, alguns diriam, uma aranha correndo para agarrar uma mosca; a diferença é que, dessa vez, a aranha levava consigo a vida e não a morte. Dois mil olhos observavam fixamente a estranha dupla. Nem uma palavra, nem um estremecimento enrugava todas aquelas sobrancelhas, e todos continham a respiração, temendo acrescentar o menor sopro ao vento que sacudia os dois miseráveis.

Entretanto, o forçado conseguira descer até o marinheiro. Já era tempo; um minuto mais e o homem, exausto e desesperado, deixar-se-ia cair no abismo; o forçado tinha-o amarrado firmemente com a corda na qual se segurava com uma das mãos, enquanto trabalhava com a outra. Finalmente, viram-no subir de novo para a verga e içar o marinheiro para ela, sustentá-lo ali um instante para lhe deixar recobrar as forças, depois tomá-lo nos braços e levá-lo caminhando sobre a verga até o mastro, e dali ao cesto da gávea, onde o deixou entregue aos seus camaradas.

A multidão rompeu em aplausos; houve velhos guardas das galés que choraram; as mulheres, no cais, abraçavam-se e ouviam-se vozes a gritar, com uma espécie de furor enternecido: perdão para esse homem!

Entretanto, o forçado preparava-se para descer imediatamente e voltar à sua tarefa. Talvez para descer com mais rapidez, deixou-se escorregar pelo cordame e começou a correr sobre uma verga mais baixa, seguido por todos os olhos. Houve um momento em que o susto foi geral! Talvez porque ele se sentisse cansado, ou porque tivesse sentido alguma tontura, todos julgaram vê-lo hesitar e cambalear. De repente, a multidão soltou um grito: o forçado caíra ao mar.

A queda era perigosa. A fragata *Algésiras* estava fundeada junto do *Orion*, e o pobre preso caíra entre os dois navios. Era para recear que deslizasse para debaixo de um ou de outro. Saltaram imediatamente quatro homens para uma pequena embarcação. A multidão animava-os; a aflição invadira de novo todas as almas. O homem não viera à superfície. Desaparecera no mar, sem deixar nele um sinal, como se tivesse caído num tonel de azeite. Sondaram, mergulharam, mas tudo em vão. Procuraram até a noite, mas nem mesmo o cadáver conseguiram encontrar.

No dia seguinte, 17 de novembro de 1823, o jornal de Toulon publicava as seguintes linhas:

Ontem, um forçado dos que trabalhavam a bordo do *Orion*, depois de ter salvo um marinheiro de uma morte certa, caiu ao mar e afogou-se. Não foi possível encontrar o cadáver. Supõe-se que ficou preso entre as estacas da ponte do Arsenal. Esse homem tinha no registro da prisão o nº 9.430 e chamava-se Jean Valjean.

Notas

1 Cavou, e na vala tesouros, moedas, pedras funerárias, sombras semelhantes, e nada, pequeno valor, cadáver, se esconde. (N.E.)

2 Durante a Revolução Francesa, os pobres, trabalhadores urbanos, desempregados, pequenos comerciantes, assim como os políticos populares, eram chamados pejorativamente pelos ricos de *sans-culottes*, pelo fato de não poderem se vestir com os *culottes* (calções) que os ricos usavam. Os *sans-culottes* exerceram um importante papel político naquele momento. (N.T.)

3 Expressão também usada para se referir aos pobres e miseráveis, e que se tornou símbolo do governo peronista. (N.T.)

LIVRO TERCEIRO

CUMPRIMENTO DA PROMESSA FEITA À MORTA

I

A falta de água em Montfermeil

Montfermeil é situada entre Livry e Chelles, na orla meridional do elevado planalto que separa o Ourcq do Marne. Hoje é uma vasta povoação, ornada, todos os dias do ano, de brancas casas de campo, e aos domingos de burgueses alegres. Em 1823, não havia em Montfermeil tantas casas brancas nem tantos burgueses satisfeitos: não era mais do que uma aldeia no meio de bosques. Bem que se podia encontrar, aqui e ali, algumas casas no estilo do século anterior, reconhecíveis por seu ar grandioso, seus balcões de ferro retorcido e suas longas janelas cujos pequenos vidros lançavam sobre o branco dos postigos fechados toda sorte de tonalidades verdes. Mas Montfermeil não deixava de ser uma aldeia. Os negociantes retirados do comércio, e os que gostavam de viver no campo, não a tinham descoberto ainda. Era um lugar tranquilo, encantador, por onde não passava estrada alguma e onde se vivia economicamente a vida abundante e fácil do camponês. O único problema era que, pela grande elevação do terreno, havia falta de água.

Era necessário buscá-la muito longe. A parte extrema da aldeia, que fica para os lados de Gagny, abastecia-se de água nos magníficos lagos que se encontram no centro do bosque; o extremo oposto, onde é situada a igreja, para os lados de Chelles, não tinha água potável senão em uma fontezinha que ficava a meia encosta, perto da estrada de Chelles, a mais ou menos um quarto de hora de Montfermeil.

O fornecimento de água era, portanto, um trabalho muito pesado para todas as casas. As famílias abastadas, a aristocracia, incluindo a taberna de Thénardier, pagavam um tostão por balde a um pobre que a ia buscar, fazendo disto profissão, e que ganhava no fornecimento de água para Montfermeil aproximadamente oito soldos por dia, mas esse homem não trabalhava senão até as sete horas da noite, no verão, e até as cinco da tarde no inverno; de modo que depois de anoitecer, depois de fechadas as portas e as janelas, quem se achava sem água tinha de ir buscá-la, ou de passar sem ela.

Era essa a maior causa de terror para a pobre criancinha que o leitor, certamente, não esqueceu: a pequenina Cosette. Devem lembrar-se de que Cosette se tornara útil por duas maneiras aos Thénardier, que recebiam o dinheiro da mãe e aproveitavam o trabalho da filha. Assim, quando a mãe cessou completamente de lhes pagar, pelos motivos que se leram nos capítulos precedentes, nem por isso os Thénardier deixaram de continuar a ter consigo Cosette, que lhe substituía uma criada. Nessa qualidade, era ela quem ia buscar água todas as vezes que precisavam. A criança, assustada só com a ideia de ter de ir de noite à fonte, tinha o maior cuidado em que a água não faltasse nunca.

O Natal de 1823 foi particularmente brilhante em Montfermeil. O começo do inverno foi suave; não tinha caído neve. Os saltimbancos vindos de Paris tinham obtido do senhor *maire* licença para armar suas barracas na rua principal da aldeia, e um bando de comerciantes ambulantes, protegidos pela mesma tolerância, levantou as suas no largo da igreja e até o beco do Boulanger, onde se situava a taberna dos Thénardier. Essa festa enchia as estalagens e as tabernas, e dava à pequena e tranquila povoação um aspecto alegre e ruidoso. Devemos mesmo dizer, para sermos fiéis à história, que entre as curiosidades expostas no largo da igreja havia um local no qual detestáveis palhaços, vestidos de farrapos, e vindos não se sabia de onde, mostravam, em 1823, um corvo medonho do Brasil aos camponeses de Montfermeil, dos que o nosso Museu Real só conseguiu depois de 1845, que têm em cada olho uma espécie de laço tricolor. Os naturalistas chamam essa ave, creio, de *Caracara Polyborus*; o animal pertence à ordem dos apicídios e à família dos abutres. Alguns bons soldados veteranos de Bonaparte, retirados naquela aldeia, iam admirar esse bicho com devoção. Os saltimbancos apresentavam o laço tricolor como um fenômeno único, produzido expressamente por Deus para a sua coleção de animais.

Nessa noite de Natal, muitos homens, em geral carroceiros e comerciantes, estavam sentados à mesa, bebendo, em torno de quatro ou cinco candeeiros ao rés do chão da estalagem de Thénardier. Esse espaço assemelhava-se ao de todas as tabernas: mesas, garrafas, bebedores e fumantes; pouca luz e muito barulho. A data do ano de 1823 estava, contudo, indicada por dois objetos em moda na classe burguesa, e que se achavam sobre uma mesa: um caleidoscópio e um candeeiro de folha de flandres ondulada. A sra. Thénardier estava preparando o jantar, em um excelente fogo; entretanto, o marido bebia com os hóspedes, com os quais falava de política.

Além das conversações políticas, que tinham por assunto principal a guerra da Espanha e o senhor duque de Angoulême, ouvia-se no meio da confusão geral uma

série de parênteses todos locais, como estes:

— Para os lados de Nanterre e Suresnes houve muito vinho; onde se contava com dez pipas, deu doze. Rendeu muito no lagar.

— Mas a uva ainda não devia estar madura!

— Naqueles lugares não é necessário que se colham maduras; o vinho fica sempre bom já na primavera.

— Esses vinhos são fracos?

— Ainda mais que os daqui. É preciso fazer a colheita quando estão ainda verdes etc.

Ou então era um moleiro, exclamando:

— Por acaso somos responsáveis pelo que está nos sacos?! Achamos neles, misturados com o trigo, grande quantidade de grãos, que nós não podemos achar divertido, e separando-os não há remédio senão deixar passar pela mó dos moinhos; é joio, é nigela, ervilhaca, linhaça, rabos-de-raposa e outras pestes mais, sem falar nas pequenas pedras, que vêm sempre em certos trigos, principalmente nos bretões. Eu desejo tanto moer trigo bretão como os serradores serrar uma madeira em que haja pregos. Conseguem fazer ideia do mau resultado que tudo isso dá? Depois queixam-se da farinha, como se a culpa fosse nossa.

No vão entre uma janela e outra, um ceifeiro, conversando com um proprietário que dava o preço de um trabalho de pradaria a ser feito na primavera, dizia:

— Não há nada de mau que a erva esteja molhada. É até melhor para cortá-la. O orvalho ajuda, senhor. É a mesma coisa: aquela erva, a sua erva, está nova e bem difícil de cortar também. Aqui está bastante tenra; ali dobra-se toda diante da prancha de ferro! Etc.

Cosette ocupava seu lugar de costume, sentada na travessa da mesa da cozinha, colocada ao pé da lareira; estava coberta de farrapos, com os pés nus metidos em tamancos, e sob a claridade que vinha da chaminé tricotava meias de lã para uma das filhas de Thénardier. Embaixo das cadeiras um gato pequeno brincava. Ouviam-se rir e falar, em uma sala próxima, as vozes de duas crianças. Eram Éponine e Azelma.

Ao canto da chaminé, umas correias estavam penduradas em um prego.

De vez em quando, ouviam-se, acima de todo o barulho da taberna, os gritos de uma criancinha, que devia estar em qualquer canto da casa. Era um menininho que a sra. Thénardier dera à luz num dos invernos precedentes — "Sem saber por quê", dizia ela. "Efeito do frio" —, e que tinha pouco mais de três anos. A mãe tinha-o amamentado, mas não o amava. Quando os gritos do pequeno se tornavam muito importunos, dizia Thénardier: "O teu filho está gritando, vai ver o que ele quer."

“Ora!”, respondia a mãe, “esse menino me aborrece”. E o pobre abandonado continuava a chorar no meio das trevas.

II

Dois retratos completos

Neste livro, ainda se não viu dos Thénardier senão o perfil; chegou o momento de girarmos em torno desse casal, para que o vejamos por todos os lados.

Thénardier completara, havia pouco tempo, cinquenta anos; a sra. Thénardier rastejava pelos quarenta, que são os cinquenta da mulher, de modo que havia perfeito equilíbrio entre as idades de um e outro.

Os leitores conservam, talvez, desde a sua primeira aparição, algumas recordações dessa sra. Thénardier: alta, ruiva, vermelha, gorda, carnuda, quadrada, enorme e ágil. Essa mulher pertencia, como já dissemos, à raça das mulheres selvagens que, nas feiras, se retorcem com pesados pendentes nos cabelos. Em casa, era ela quem fazia tudo: as camas, a limpeza, a comida, na chuva ou com bom tempo, o diabo. A única criada que tinha era Cosette: um rato servindo a um elefante. Tudo tremia ao som de sua voz, vidros, móveis e gente. O rosto largo, cheio de sardas, apresentava o aspecto de uma escumadeira. Ela tinha barbas. Era o ideal de um carregador de mercado vestido de mulher. Praguejava aos montes e gabava-se de partir uma noz com um soco. Se não fossem os romances que tinha lido e que, por momentos, faziam estranhamente reaparecer a mulher presunçosa de sob o bicho-papão, nunca ninguém teria a ideia de dizer que era uma mulher. Essa Thénardier era como o produto do enxerto de uma donzela sobre uma peixeira. Ouvindo-a falar, diziam: “É um gendarme”; vendo-a beber: “É um carroceiro”; vendo-a maltratar Cosette, exclamavam: “É um carrasco!”. Quando estava à vontade, um dos dentes se projetava para fora da boca.

O marido era um homem baixo, magro, lívido, anguloso, ossudo, raquítico, com aparência doentia, mas que passava otimamente; era aí que começava sua esperteza. Sorria-se habitualmente por precaução e era mais ou menos gentil com

toda a gente, mesmo com o mendigo a quem recusava dar esmola. Tinha olhos de fuinha e fisionomia de letrado.

Assemelhava-se muito aos retratos do abade Jacques Delille. Sua faceirice consistia em beber com os almocreves. Ninguém pudera nunca embriagá-lo; fumava num grande cachimbo e vestia uma blusa por cima de um velho casaco preto. Tinha pretensões à literatura e ao materialismo. Havia nomes que ele pronunciava frequentemente para apoiar o que dizia, como Voltaire, Raynal, Parny e, coisa extraordinária, santo Agostinho. Afirmava ter "um sistema". Quanto ao resto, era um verdadeiro ladrão sagaz. Esse tipo de gente existe. Devem lembrar-se de que pretendia ter sido militar; contava com certo orgulho que em Waterloo, sendo sargento de um 6º ou 9º ligeiro qualquer, tinha, sozinho, contra um esquadrão inteiro de hussardos, coberto com o próprio corpo e salvo, em meio à metralha, "um general gravemente ferido". Era daí que lhe proviera a flamante tabuleta para a porta e, para sua estalagem, em todo aquele lugar, com o nome de "hospedaria do sargento de Waterloo". Era liberal, clássico e bonapartista. Subscrevera para o Champ d'Asile; e dizia-se na aldeia que ele havia estudado para ser padre.

Quanto a nós, julgamos que tinha simplesmente estudado na Holanda para ser estalajadeiro. Esse tratante era, segundo todas as probabilidades, um flamengo de Lille em Flandres, francês em Paris, belga em Bruxelas, comodamente montado a cavalo entre duas fronteiras. Sua proeza em Waterloo nós já conhecemos; como pudemos ver, ele a exagerava um tanto. O fluxo e refluxo, a aventura, o intrincado, eram os elementos da sua existência; uma consciência rasgada leva a uma vida descosturada; e, como era verossímil, na tempestuosa época de 18 de junho de 1815, Thénardier pertencia à variedade de taberneiros larápios de que falamos, os quais percorriam a estrada, vendendo a estes, roubando aqueles, e que rodavam com toda a família, mulher e crianças, em qualquer carroça desconjuntada, atrás das tropas em marcha, com o intuito de se aproximarem sempre do exército vitorioso. Terminada essa campanha, tendo, como ele dizia, "seus pertences", fora estabelecer-se em Montfermeil.

Esses pertences, compostos de bolsas e relógios, de anéis de ouro e cruzes de prata, colhidos no tempo da ceifa nos sulcos semeados de cadáveres, não chegava a grande coisa e não acompanhara até muito longe o vivandeiro transformado em estalajadeiro.

Thénardier tinha nos gestos um não sei quê de retilíneo, que com uma praga recordava uma caserna e com o sinal da cruz, um seminário. Falava bem e deixava-se passar por erudito. Mesmo assim, o professor de primeiras letras tinha-lhe notado alguns desvios de pronúncia na ligação das palavras. Escrevia as contas dos seus

hóspedes com certa superioridade, mas os olhos exercitados encontravam-lhe muitas vezes erros de ortografia. Thénardier era velhaco, guloso, preguiçoso, mas hábil. Não desprezava as criadas, o que fazia com que sua mulher não as quisesse. A gigante era ciumenta; parecia-lhe que aquele homenzinho magro e amarelo devia ser objeto de cobiça universal.

Thénardier, principalmente, homem de astúcia e equilíbrio, era um canalha do gênero temperado. Essa espécie é a pior de todas: baseia-se na hipocrisia.

Isso não quer dizer que Thénardier não fosse suscetível de se encolerizar, chegada a ocasião propícia, tanto como sua mulher; mas essas ocasiões eram muito raras, e, nesses momentos, como se aproveitava de todo o gênero humano, como tinha em seu íntimo uma profunda fornalha de ódio, como era desses que se vingam perpetuamente, que acusam tudo o que passa à sua frente de tudo o que pesa sobre si, e que estão sempre prestes a jogar sobre o primeiro que aparecer, como legítima desforra, o somatório de decepções, bancarrotas e calamidades de sua vida, como todo esse fermento crescia dentro de si e lhe borbulhava na boca e nos olhos, ele era assustador. Desgraçado daquele que então caía sob seu furor!

Além de todas essas qualidades, Thénardier era atento e penetrante, silencioso ou falador, segundo a ocasião, e sempre com alta inteligência. Tinha algo do olhar dos marítimos, habituados a aplicar os olhos aos óculos de alcance. Thénardier era um homem de Estado.

Todo recém-chegado que entrava na taberna dizia, vendo a sra. Thénardier: "Eis ali o dono da casa." Era um erro, nem mesmo a dona ela era. Dono e dona eram o marido: a mulher executava o que ele concebia. O marido dirigia tudo por uma espécie de ação magnética invisível e contínua. Bastava-lhe uma palavra, muitas vezes um gesto; a mastodonte obedecia. Thénardier era para sua mulher, sem que ela desse por isso, uma espécie de ente particular e soberano. A sra. Thénardier tinha as virtudes de seu modo de ser: nunca divergia, sobre qualquer pormenor, da opinião do "sr. Thénardier", hipótese completamente inadmissível; e nunca contradizia publicamente seu marido sobre o que quer que fosse. Jamais cometeria, "diante de estranhos", essa falta que é tão frequente entre as mulheres, e que se chama, na linguagem parlamentar, descobrir a coroa. Ainda que seu inalterável acordo não tivesse nunca como resultado senão o mal, havia contemplação na submissão da sra. Thénardier a seu marido. Aquela montanha de ruído e carne movia-se sob o pequeno dedo do frágil déspota. Era, vista por seu lado mesquinho e grotesco, essa grande coisa universal: a adoração da matéria pelo espírito; porque certas feiuras têm sua razão de ser nas profundezas da beleza eterna. Havia algo de misterioso em Thénardier; daí o império absoluto daquele homem sobre aquela

mulher. Em certos momentos, ela o via como uma vela acesa; em outros, ela o sentia como uma garra. Essa mulher era uma criatura formidável, que só amava seus filhos e só temia o marido. Era mãe por ser mamífera. Mas, ainda assim, sua maternidade concentrava-se nas filhas; e, como se verá, não se estendia até os rapazes. O marido, esse só pensava em enriquecer.

Contudo, não o conseguia. Faltava àquele grande talento um teatro condigno. Thénardier em Montfermeil perdia tudo, se é que a perda é possível ao zero; na Suíça ou nos Pirineus, tornar-se-ia milionário aquele pobretão. Mas o estalajadeiro tem, necessariamente, de pastar no lugar em que a sorte o prende.

É necessário entender-se que a palavra *estalajadeiro* é aqui empregada num sentido restrito, e que não se estende a uma classe inteira.

Nesse mesmo ano de 1823, Thénardier achava-se endividado em perto de mil e quinhentos francos, e com credores inexoráveis, o que lhe causava grande inquietação.

Qualquer que fosse a respeito dele a injustiça obstinada do destino, Thénardier era um desses homens que compreendiam, do modo mais profundo e da maneira mais moderna, uma coisa que é virtude entre os povos bárbaros e mercadoria entre os civilizados: a hospitalidade. De resto, era um admirável caçador furtivo, reconhecido pela precisão de seu tiro. Sorria de modo frio e tranquilo, o que era particularmente perigoso.

Suas teorias de estalajadeiro brotavam dele, por vezes, como relâmpagos. Lançava mão de aforismos profissionais que tentava repassar à mulher. "O primeiro dever do estalajadeiro", dizia ele um dia violentamente e em voz baixa, "é vender, ao primeiro que aparece, má comida, descanso, luz, fogo, lençóis sujos, pulgas e sorrisos; é parar os passantes, esvaziar as pequenas bolsas e aliviar honestamente as grandes; é abrigar respeitosamente as famílias que passam em viagem, esfolar o homem, depenar a mulher e limpar a criança; é meter na conta a janela aberta, a janela fechada, o calor do fogão, a poltrona, a cadeira, o banco, o colchão de penas, a enxerga e o feixe de palha; é conhecer quanto a sombra gasta o espelho e de avaliar esse gasto; e, com quinhentos mil diabos, obrigar o hóspede a pagar tudo, inclusive as moscas comidas por seu cão!".

Esse homem e essa mulher representavam a aliança da astúcia e da raiva, medonha e terrível parelha.

Enquanto Thénardier ruminava e tramava, a mulher não se lembrava dos credores ausentes, não pensava no dia presente nem no futuro, e vivia arrebatadamente dentro do minuto presente.

Tais eram esses dois seres. Entre eles estava Cosette, sofrendo-lhes a dupla pressão, como uma criatura que fosse ao mesmo tempo triturada por uma mó e despedaçada por uma tenaz. O homem e a mulher tinham um jeito diferente. Cosette tinha o corpo cheio de nódoas negras: isso provinha da mulher; e andava descalça: o que provinha do marido.

Cosette subia, descia, lavava, esfregava, varria, corria, ficava sobrecarregada, suava, carregava objetos pesados e, pequena como era, fazia toda espécie de trabalho grosseiro. Para ela não havia piedade; uma patroa feroz e um patrão malévolo. A taberna de Thénardier era uma espécie de teia em que Cosette estava presa e trêmula. Essa domesticidade sinistra realizava o ideal da opressão. Era uma espécie de mosca servindo a aranhas.

A pobre criança, sofrida, vivia calada.

O que é que se passa nessas almas que há pouco saíram do seio de Deus, quando se veem assim, desde a infância, entre os homens, tão pequenas e nuas?

III

Vinho para os homens e água para os cavalos

Tinham chegado à estalagem quatro novos hóspedes.

Cosette pensava tristemente; porque ainda que não tivesse mais de oito anos, já havia sofrido tanto que meditava com o ar lúgubre de uma velha. A pobre criança tinha um olho roxo, por causa de um soco que a sra. Thénardier lhe dera, o que fazia, de vez em quando, a senhora dizer à menina:

— É mesmo muito feia com essa mancha-roxa no olho.

Cosette pensava, então, que era noite e muito escuro, que era preciso encher de repente os potes, as garrafas dos quartos dos hóspedes que tinham acabado de chegar, e que por isso não havia mais água nas talhas.

O que a tranquilizava um pouco era que pouco se bebia água na estalagem de Thénardier. Não faltava ali gente que tivesse sede, mas era do tipo de sede que se dirige mais à pipa do que à bilha. Quem tivesse pedido um copo de água entre tantos copos de vinho teria parecido um selvagem a todos aqueles homens. Houve,

contudo, um momento em que a infeliz estremeceu; a sra. Thénardier levantou a tampa de uma caçarola que estava no fogo, depois pegou um copo, aproximou-se vivamente da talha e abriu a torneira; a criança levantara a cabeça e seguira-lhe todos os movimentos. Da torneira correu apenas um quase invisível fio de água, que só chegou a encher metade do copo.

— O que é isso? — disse ela. — Não há água?

Seguiu-se um momento de silêncio. Cosette nem respirava.

— Está bom — tornou a sra. Thénardier, olhando para o copo de água —; já tem o suficiente.

Cosette continuou com seu trabalho, mas durante mais de um quarto de hora sentiu o coração bater como se quisesse sair-lhe do peito.

Ela contava os minutos que se seguiam e bem queria que já estivesse na manhã seguinte.

De tempos em tempos, um dos fregueses olhava para a rua e exclamava:

"A noite está escura como o breu!"; ou: "É preciso ser gato para andar a essa hora na rua sem lanterna!". E Cosette estremecia.

De repente, um dos vendedores ambulantes hospedados na estalagem, entrou e disse com voz áspera:

— Não deram de beber ao meu cavalo.

— Sim, senhor, já demos água a ele — disse a sra. Thénardier.

— E eu digo-lhe que não — tornou o vendedor.

Cosette tinha saído de debaixo da mesa.

— O cavalo bebeu, sim, senhor, bebeu um balde cheio; fui eu mesma que lhe dei a água e que lhe falei para beber.

Não era verdade. Cosette mentia.

— Aqui está uma criança do tamanho de uma unha e que conta uma mentira do tamanho desta casa! — exclamou o homem. — Já te disse que o cavalo não bebeu, sua engraçadinha! Quando ele tem sede, respira de um jeito que eu conheço muito bem.

Cosette insistiu e acrescentou com voz enrouquecida pela aflição, que mal se ouvia:

— Bebeu até bastante!

— Vamos — tornou o mascate, já nervoso —; chega de história; deem de beber ao cavalo e acabemos com isso!

Cosette voltou para debaixo da mesa.

— Isso é realmente justo — disse a sra. Thénardier —; se o animal não bebeu, precisa beber. — Depois, olhando em torno de si: — Onde está a pequena?

Curvando-se descobriu Cosette acocorada no extremo oposto da mesa, quase debaixo dos pés dos fregueses.

— Você vem ou não? — gritou a sra. Thénardier.

Cosette saiu daquela espécie de toca onde se escondia. A sra. Thénardier continuou:

— Menina, *cão sem nome*, trate de dar água ao cavalo.

— Mas, senhora — disse Cosette com voz frouxa —, não há água.

A sra. Thénardier abriu a porta da rua e exclamou:

— Então vá buscá-la!

Cosette baixou a cabeça e foi buscar um balde vazio que estava no canto da lareira.

O balde era maior do que ela; a pobre criança quase que poderia sentar-se comodamente dentro dele.

A sra. Thénardier voltou para a lareira e provou com uma colher de pau o que estava na caçarola, murmurando ao mesmo tempo:

— Na fonte há muita água. É mais esperta que isso. É melhor eu voltar a tratar da minha comida.

Depois, meteu a mão em uma gaveta, onde havia algum dinheiro em cobre, além de pimenta e cebola:

— Toma aqui, sua sapinha — acrescentou ela. — Quando voltar, passa na padaria e traz um pão grande. Aqui tem quinze soldos.

Cosette tinha um bolsinho no avental, onde meteu o dinheiro sem pronunciar uma só palavra.

Em seguida, conservou-se imóvel, com o balde na mão, ao pé da porta escancarada. Parecia esperar que a ajudassem.

— Vamos, mexa-se! — gritou a sra. Thénardier.

Cosette saiu, e a porta fechou-se.

IV

Entra em cena uma boneca

A fileira de barracas que começava ao pé da igreja, como devem se lembrar, estendia-se até perto da estalagem dos Thénardier. Essas barracas, por causa da próxima passagem dos burgueses que iriam à missa do galo, estavam todas iluminadas com velas ardendo dentro de cilindros de papel, o que, como dizia o mestre-escola de Montfermeil, naquele momento sentado a uma das mesas de Thénardier, produzia "um efeito mágico". Em compensação, não se via uma só estrela no céu.

A última dessas barracas, estabelecida, pode-se dizer, na frente da porta dos Thénardier, era de quinquilharias, de objetos de vidrilhos e de folhas de flandres. Na frente de tudo o vendedor colocara, sobre um fundo de toalhas brancas, uma grande boneca, de quase dois pés de altura, com um vestido cor-de-rosa, espigas de ouro na cabeça, e que tinha verdadeiros cabelos louros e olhos esmaltados. Essa maravilha estivera todo o dia exposta à admiração dos passantes menores de dez anos, sem que tivesse havido uma só mãe bastante rica, ou bastante pródiga, para dá-la à sua filha. Éponine e Azelma tinham consumido horas inteiras a contemplá-la, e até a própria Cosette, é verdade que escondida de todos, ousara olhar para ela.

Na ocasião em que Cosette saiu com o balde na mão, apesar de muito triste e acabrunhada, não pôde abster-se de erguer os olhos para a prodigiosa boneca, para *a daminha*, como ela a chamava. A pobre criança parou petrificada; ainda não tinha visto de perto a boneca. A barraca parecia-lhe um palácio; a boneca não era boneca, era uma visão. Era a alegria, o esplendor, a riqueza e a felicidade, que se mostravam com uma espécie de brilhantismo quimérico àquele pobre ser, tão profundamente mergulhado na mais fria e lúgubre miséria. Cosette media, com a sagacidade ingênua e triste da infância, o abismo que a separava daquela boneca. Calculava que era preciso ser rainha, ou pelo menos princesa, para ter uma coisa como aquela. Achava lindo o vestido cor-de-rosa, os bonitos cabelos penteados, e dizia consigo: "Como deve ser feliz essa boneca!" Os olhos não conseguiam se afastar da fantástica barraca. Quanto mais olhava, mais deslumbrada se sentia; julgava estar vendo o paraíso. Havia também outras bonecas atrás dessa maior, e ela achava que todas eram fadas e gênios. O vendedor, andando de um lado para outro no fundo da barraca, parecia-lhe mais ou menos o Padre Eterno.

Absorta nessa adoração, esquecera-se de tudo, até mesmo da missão de que fora encarregada; de repente, foi chamada à realidade pela voz áspera da sra. Thénardier:

— Que é isso, sua imprestável?! Ainda não foi?! Espera que eu vou ver o que você está fazendo aí! Anda, sua monstrinha!

A sra. Thénardier tinha dado uma olhada para a rua e vira o êxtase de Cosette.

A criança, ouvindo-lhe a voz, começou a correr o mais depressa que podia.

V

A pequena solitária

Como a estalagem dos Thénardier era situada na parte da aldeia onde ficava a igreja, era na fonte do bosque, para os lados de Chelles, que Cosette devia ir buscar água.

A pobre criança não olhou para mais nenhuma barraca. Enquanto foi pelo beco do Boulanger e pelos arredores da igreja, ia bem, porque as luzes das barracas iluminavam todo o caminho; mas logo desapareceu a luz da última barraca. A pobrezinha achou-se no meio da escuridão e continuou seu caminho. Como, porém, estava começando a ser tomada de certo medo, agitava o máximo que podia a asa do balde; o barulho que ela produzia fazia-lhe companhia.

Quanto mais caminhava, mais densa se tornava a escuridão. Já não havia ninguém pela rua. Não obstante, encontrou uma mulher que, ao vê-la passar, voltou-se e ficou imóvel, resmungando entre dentes: "Aonde será que está indo essa criança? Será um pequeno lobisomem?" Depois, quando a mulher reconheceu Cosette, exclamou: "Olha! É a Cotovia!"

Cosette atravessou assim o labirinto de ruas tortuosas e desertas que delimitam, para os lados de Chelles, a aldeia de Montfermeil. Enquanto viu casas, ou mesmo muros que margeiam o caminho, avançou com coragem. De vez em quando, via um raio de luz de uma vela através da fenda de uma porta; era luz, sinal de vida, havia gente ali, e essa lembrança a sossegava. Porém, à medida que se adiantava, demorava mais o passo quase maquinalmente. Parou quando passou a esquina da última casa. Passar além da última loja tinha sido bastante difícil; agora, passar a última casa tornava-se quase impossível. Cosette pôs o balde no chão, meteu as mãos por entre os cabelos e começou a coçar vagarosamente a cabeça, gesto próprio das crianças amedrontadas e indecisas. Não era mais a aldeia, eram os campos. Diante dela estava o espaço escuro e deserto. Olhou com desespero para a escuridão, onde não existia vivalma, onde havia bichos e, talvez, almas do outro mundo. Olhou atentamente e

ouviu os bichos caminhando sobre a relva, e as almas do outro mundo volteando em torno das árvores. Então, o medo deu-lhe coragem: pegou o balde e disse consigo: "Ora! Vou dizer que não há mais água!" E entrou resolutamente em Montfermeil.

Mal tinha dado cem passos, parou novamente e recomeçou a coçar a cabeça. Agora era a sra. Thénardier quem lhe aparecia; a medonha sra. Thénardier, com sua boca de hiena e os olhos flamejantes de cólera. A criança olhou dolorosamente para a frente e para trás. Que faria? Para onde deveria ir? Que seria dela? Na sua frente, o espectro da sra. Thénardier; atrás, todos os fantasmas da noite e dos bosques. Mas foi diante da sra. Thénardier que recuou. Retomou o caminho da fonte e começou a correr. Saiu da aldeia e entrou no bosque correndo, não vendo nem escutando mais coisa alguma. Só deixou de correr quando lhe faltou a respiração; mas não deixou de caminhar. Caminhava como se fosse um autômato, sem pensar em nada.

Mesmo correndo sentia vontade de chorar.

O estremecimento noturno da floresta apoderara-se completamente dela. Ela não pensava em nada, não enxergava nada. A noite se agigantava diante desse pequeno ser. De um lado, a mais completa sombra; do outro, um átomo. A fonte ficava uns sete ou oito minutos distante da orla da floresta. Cosette conhecia bem o caminho, por havê-lo percorrido muitas vezes de dia. Coisa estranha, não se perdeu: havia um resto de instinto que a conduzia vagamente. Não olhava, porém, para nenhum dos lados, com receio de ver alguma coisa nas árvores ou nas moitas. Desse modo, chegou à fonte.

Essa fonte era uma espécie de tanque natural, cavado pela água num solo argiloso, com aproximadamente dois pés de profundidade, rodeado de ervas, dessas que em geral são chamadas de gargantilhas de Henrique IV. Além disso, era calçado com enormes pedras. Da fonte saía um riacho que produzia um leve murmúrio.

Cosette nem sequer parou para tomar fôlego. A noite era muito escura; ela, porém, estava acostumada a ir à fonte. Procurou com a mão esquerda no meio da escuridão um carvalho inclinado sobre a fonte, que lhe servia de ponto de apoio, achou um ramo, segurou-se a ele, curvou-se e mergulhou o balde na água. A pobre criança estava numa situação tão opressiva que suas forças haviam triplicado. Enquanto estava inclinada assim, não reparou que caía na fonte tudo o que levava no bolso do avental. A moeda de quinze soldos sumiu na água. Cosette não a viu nem a ouviu cair. Tirou o balde quase cheio e pousou-o sobre a relva.

Feito isso, sentiu que tinha esgotado suas forças. Quis pôr-se a caminho imediatamente, mas o esforço para encher o balde fora tal que não teve forças para dar um passo. Foi obrigada a sentar-se. Deixou-se cair sobre a relva, e ali ficou.

Fechou os olhos, depois tornou a abri-los, sem saber por quê, mas sem poder deixar de o fazer.

Ao lado dela, a água agitada do balde formava círculos que pareciam serpentes de fogo branco.

Acima de sua cabeça, o céu estava coberto de grandes nuvens negras semelhantes a panos de fumaça. A trágica máscara de sombra parecia inclinar-se vagamente sobre aquela criança.

Júpiter repousava nas profundezas do céu. A criança olhava com olhos espantados para essa grande estrela que não conhecia e que lhe causava medo. O planeta estava muito próximo do horizonte e atravessava uma densa camada de nevoeiro, o que lhe dava uma horrível vermelhidão. O nevoeiro, lugubremente avermelhado, aumentava as dimensões do astro. Parecia uma chaga luminosa.

Um vento frio soprava da planície. O bosque estava tenebroso, sem qualquer ruído de folhas, sem quaisquer desses vagos e frescos luares do verão. Grandes ramos se erguiam, assustadores. Arbustos frágeis e disformes assobiavam nas clareiras. As relvas maiores agitavam-se com a brisa, como se fossem enguias. Os espinheiros se torciam como longos braços armados de garras procurando uma presa. Alguma urzes secas, caçadas pelo vento, passavam rapidamente e tinham o ar de quem foge, com medo, diante de alguma coisa que se aproxima. De todos os lados havia amplitudes lúgubres.

A escuridão é vertiginosa. A claridade é necessária ao homem. Qualquer um que mergulhar no lado contrário do dia sentirá o coração apertar. Quando os olhos veem a escuridão, o espírito sucumbe à perturbação. No eclipse, na noite, na opacidade fuliginosa, há ansiedade, mesmo para os mais fortes. À noite, ninguém pode caminhar sozinho em uma floresta sem tremer de medo. Sombras e árvores, dois grandes assombros. Uma realidade quimérica surge na profundeza indistinta. O inconcebível se esboça a alguns passos de nós com nitidez espectral. É possível ver flutuar, no espaço ou em nosso cérebro, um não sei quê de vago e intangível, como sonhos de flores adormecidas. Há atitudes ameaçadoras no horizonte. Aspiram-se os eflúvios do grande vazio obscuro. Tem-se medo e necessidade de olhar para trás de si. As cavidades da noite, as coisas que se tornam horríveis, os perfis taciturnos que se dissipam quando se aproximam, cabeleiras sombrias, moitas irritadas, poças lívidas, o lúgubre refletido no fúnebre, a imensidão sepulcral do silêncio, possíveis seres desconhecidos, ramos misteriosamente inclinados, assustadores troncos de árvores, grandes punhados de ervas trêmulas. Não há como se proteger contra isso tudo. Não há coragem que não estremeça e que não sinta a vizinhança da angústia.

Sente-se qualquer coisa de hediondo, como se a alma se amalgamasse à sombra. Essa penetração das trevas é indizivelmente sinistra em uma criança.

As florestas são apocalipses; e o bater de asas de uma pequena alma emite um ruído de agonia sob seu arco monstruoso.

Sem perceber o que experimentava, Cosette sentia apoderar-se dela a obscura imensidão da natureza. Não era somente o terror o que a oprimia; era alguma coisa mais terrível ainda do que o terror. A pobrezinha tremia. Faltam palavras para expressar o que havia de estranho naquele tremor que a gelava até o fundo do coração. Seus olhos tornaram-se ferozes. Ela acreditava que talvez não pudesse evitar de voltar ali, àquela mesma hora, no dia seguinte.

Então, por uma espécie de instinto, para sair daquele estado singular que não compreendia, mas que a assustava, começou a contar, em voz alta, um, dois, três, quatro, até dez, e quando chegava a dez tornava a começar. Isso deu-lhe a verdadeira percepção das coisas que a rodeavam. Sentiu frio nas mãos, que molhara na ocasião de encher o balde. Levantou-se. Fora novamente acometida pelo medo, mas por um medo invencível. Seu único pensamento foi fugir; fugir com todas as suas forças, fugir pela mata, pelos campos, até as primeiras casas, até as primeiras janelas, até as primeiras luzes. De repente, olhou para o balde que tinha diante de si. Era tal o terror que a sra. Thénardier lhe inspirava que não ousou fugir sem levar o balde. Pegou-o com ambas as mãos, e só com muito custo pôde levantá-lo.

Deu assim uma dúzia de passos, mas o balde estava cheio, era muito pesado, portanto viu-se obrigada a descansá-lo no chão. Retomou o fôlego por um instante, logo depois pegou novamente o balde e continuou a caminhar, dessa vez até mais longe. Mas teve ainda de descansar novamente. Depois de alguns segundos de descanso, partiu de novo. Caminhava toda curvada e com a cabeça baixa como a de uma velha: o peso do balde distendia-lhe e torcia-lhe os braços tão fracos. A alça de ferro acabava de lhe entorpecer e gelar as mãozinhas inteiramente molhadas; de tempos em tempos, era obrigada a parar, e, cada vez que parava, caía-lhe pelas pernas nuas a água que transbordava do balde. Isso tudo se passava no meio de uma mata, à noite, no inverno, longe de todos os olhos humanos, com uma criança de oito anos; e ali só havia Deus para testemunhar essa cena tão triste.

Ah! E, sem dúvida, sua mãe! Porque há coisas que fazem os mortos abrirem os olhos dentro de seus túmulos.

Cosette respirava com uma espécie de doloroso estertor; os soluços sufocavam-na, mas ela não ousava chorar, de tanto que temia a sra. Thénardier, mesmo de longe. Estava habituada a pensar que a sra. Thénardier sempre estava por perto.

Contudo, não podia andar por muito tempo daquele jeito; caminhava vagarosamente. Embora tivesse diminuído o número das paradas e caminhasse entre uma e outra o maior espaço de tempo possível, sabia, extremamente aflita, que gastaria mais de uma hora para chegar a Montfermeil, e que essa grande demora faria com que a sra. Thénardier lhe batesse. Essa aflição aliava-se ao medo de se ver sozinha, de noite, no meio do bosque. Já estava exausta, morta de cansaço, e ainda não tinha saído da floresta. Chegando junto de um velho castanheiro, conhecido seu, fez uma parada mais demorada do que as precedentes, para descansar um pouco mais; depois, concentrou todas as forças, pegou o balde e continuou seu caminho corajosamente. No entanto, a pobrezinha, desesperada, não pôde evitar de exclamar:

— Ó meu Deus, meu Deus!

Nesse momento, ela sentiu, de repente, que o balde não pesava mais quase nada. O que pareceu a Cosette ser uma enorme mão acabava de pegá-lo pela alça e levantá-lo com vigor. Ela, então, ergueu a cabeça e viu um vulto negro, ereto, caminhando quase a seu lado na escuridão. Era um homem que se aproximara por trás, sem que ela o tivesse pressentido. Esse homem, sem proferir uma só palavra, segurou a alça do balde que ela levava.

Há evidentemente instintos para todos os encontros da vida. A criança não teve medo do homem.

VI

O que prova, talvez, a inteligência de Boulatruelle

Na tarde do mesmo dia de Natal de 1823, andou um homem passando por muito tempo no ponto mais deserto do Boulevard de l'Hôpital, em Paris. Esse homem tinha ar de quem procurava uma casa para se alojar, e parecia preferir as mais modestas daquela orla desmantelada do subúrbio de Saint-Marceau.

Mais adiante se verá que esse homem tinha, com efeito, alugado um quarto naquele bairro isolado.

O homem de quem se trata, tanto no vestuário como no resto, realizava o que poderia chamar-se mendigo de boa aparência; a extrema miséria combinada com o

extremo asseio. Essa é uma aliança extremamente rara, que inspira aos corações inteligentes o duplo respeito que se sente pelo que é demasiadamente pobre e digno. Tinha um chapéu redondo muito velho e muito escovado, uma sobrecasaca, já desfiando, de grosseiro pano amarelo-ocre, cor que naquela época não tinha nada de extravagante, um grande colete com bolsos de forma secular, calções pretos já desbotados nos joelhos, meias de lã preta e sapatos muito grossos com fivelas de cobre. Era possível que dissessem se tratar de um antigo preceptor de alguma casa nobre que retornava à terra natal. Pelos cabelos brancos e a lividez dos lábios, pelas feições, que respiravam abatimento e cansaço da vida, era possível supor que tinha muito mais de sessenta anos. Pelo passo firme, ainda que vagaroso, pelo singular vigor que se denunciava em todos os movimentos, dariam apenas cinquenta anos. As rugas que lhe sulcavam a fronte eram bem situadas, teriam prevenido em seu favor quem o observasse com atenção. Os lábios se contraíam em uma curva estranha, que lhe dava um ar severo, mas também humilde. Nos olhos, notava-se-lhe um não sei quê de lúgubre serenidade. Na mão esquerda, levava uma trouxinha em um lenço de assoar; com a direita apoiava-se a um bastão, que parecia ter sido cortado em alguma sebe. O pau, ainda que tosco, fora raspado com certo cuidado, de modo que não apresentava um aspecto muito ruim; tinham lhe cortado os nós e haviam lhe figurado um castão de coral com lacre vermelho: era um cajado, mas parecia uma bengala.

Pelo Boulevard de l'Hôpital passa pouca gente, principalmente no inverno. O homem da sobrecasaca amarela, sem que mostrasse afetação, parecia evitar o encontro dos raros passantes.

Naquela época, o rei Luís XVIII ia quase todos os dias a Choisy-le-Roy. Era um de seus passeios prediletos. Ali pelas duas horas da tarde, quase invariavelmente, viam-se o coche e a cavalgada real passarem a galope pelo Boulevard de l'Hôpital.

Esse passeio do rei servia de relógio aos pobres do lugar, que diziam: "São duas horas, ei-lo que volta para as Tulherias."

Uns corriam, outros afastavam-se; porque a passagem de um rei é sempre um tumulto. O fato é que a aparição e a desaparição do rei causava certo efeito nas ruas de Paris. Era uma coisa rápida, mas majestosa. Aquele rei impotente gostava de galopar; como não podia andar, queria correr; aquele aleijado das pernas desejaria ser conduzido com a velocidade de um raio. Passava, pacífico e severo, rodeado de sabres desembainhados. Sua berlinda maciça, toda dourada, com grandes flores de lis pintadas nas portinholas, rodava ruidosamente. Apenas havia tempo de lhe lançar os olhos, via-se no ângulo do fundo, à direita, sobre almofadas forradas de cetim branco, um rosto espaçoso e corado, uma fonte fresca e empoada, olhar altivo,

austero e firme, sorriso de letrado, duas grandes dragonas de cachos flutuantes sobre uma vestimenta burquesa, o Tosão de Ouro, a cruz de São Luís, a cruz da Legião de Honra, a insígnia de prata do Espírito Santo, uma grande barriga e um largo cordão azul; era o rei. Fora de Paris, levava o chapéu guarnecido de plumas brancas sobre os joelhos, empacotados em altas polainas inglesas; quando tornava a entrar na cidade punha-o na cabeça, fazia poucos cumprimentos e olhava friamente para o povo que se dirigia a ele. Quando apareceu pela primeira vez no bairro Saint-Marceau, todo o seu triunfo se reduziu a estas palavras de um habitante do subúrbio para um conhecido: "Esse gorducho é que é o governo."

A infalível passagem do rei, à mesma hora, era o acontecimento cotidiano do Boulevard de l'Hôpital.

O viajante da sobrecasaca amarela não era, com certeza, do bairro, e provavelmente nem de Paris, por isso ignorava esse pormenor. Quando, às duas horas, a carruagem real, rodeada por um esquadrão de guarda-costas, agaloados de prata, assomou no boulevard, depois de ter contornado a Salpêtrière, mostrou-se surpreendido e quase assustado. Além dele não havia mais ninguém naquele lugar; vendo avançar a cavalgada, chegou-se apressadamente para trás do ângulo do muro que fechava o boulevard, o que não evitou que o senhor duque de Havré o visse. O duque de Havré, como capitão dos guardas de serviço naquele dia, ia na carruagem do rei, sentado à sua frente. "Vejam que homem de mau aspecto", disse ele a Sua Majestade. Os funcionários da polícia que vigiavam a passagem do rei notaram-no também; um deles recebeu ordem para o seguir. Mas o homem embrenhou-se pelas estreitas e solitárias ruas do subúrbio; e, como o dia começava a declinar, o agente da polícia perdeu-lhe a pista, o que se pode constatar no relatório endereçado, na mesma noite, ao conde Anglès, ministro do Estado e chefe de Polícia.

Quando o homem da sobrecasaca amarela viu que tinha despistado o agente, apertou o passo, mas não deixou de se voltar repetidas vezes para trás, a fim de se certificar de que ninguém o seguia. Às quatro horas e um quarto, isto é, quase noite fechada, ele passava pela frente do Teatro da Porta Saint-Martin, onde se representava nessa noite *Os dois forçados*. O cartaz iluminado pelos candeeiros da porta do teatro atraiu-lhe a atenção, porque, apesar da pressa com que ia, parou para lê-lo. Um instante depois, chegou ao beco da Planchette, beco sem saída, e entrou no Plat d'Étain, onde ficava o escritório das diligências de Lagny. Essa diligência partia às quatro e meia. Já tinham metido as parelhas no trem; e os viajantes, chamados pelo condutor, subiram apressadamente a alta escada de ferro do pesado carro.

O homem perguntou:

— Há ainda algum lugar?

— Há um, ao meu lado, na boleia — disse o cocheiro.

— Posso ficar com ele.

— Suba.

Contudo, o cocheiro, antes de partir, lançou os olhos para o pobre vestuário do viajante, para a pequenez de sua trouxa e fez com que lhe pagasse logo.

— Vai até Lagny? — perguntou o cocheiro.

— Vou — disse o homem.

Em seguida, a diligência partiu; o cocheiro tentou estabelecer uma conversa, mas o viajante não respondia senão por monossílabos. O cocheiro, perdendo as esperanças de satisfazer a curiosidade, decidiu-se a assobiar e praguejar contra os cavalos.

Fazia frio. O cocheiro embrulhou-se em seu casaco; o homem da trouxinha parecia não pensar nisso. Desse modo atravessaram Gournay e Neuilly-sur-Marne.

Pelas seis horas da tarde estavam em Chelles. O cocheiro parou para deixar os cavalos descansarem, em frente da estalagem dos recoveiros, estabelecida no velho edifício da abadia real.

— Eu salto aqui — disse o homem.

E saltou pegando a trouxa e o cajado.

Um instante depois já tinha desaparecido, sem que houvesse entrado na estalagem.

Quando, passados alguns minutos, a carruagem continuou seu caminho para Lagny, não mais o encontrou.

O cocheiro voltou-se para os viajantes que iam dentro da carruagem.

— Esse homem não é daqui; não o conheço. Parece não ter um soldo, e ao mesmo tempo fez pouco caso do dinheiro: paga para Lagny e desce em Chelles. É noite, todas as casas estão fechadas, não entrou na estalagem; parece que sumiu chão abaixo.

O homem não tinha sumido chão abaixo, como dissera o cocheiro, mas tinha percorrido apressadamente, no meio da escuridão, a rua principal de Chelles; depois entrara à esquerda, antes de chegar à igreja, pelo caminho que conduz a Montfermeil, como uma pessoa que conhecia bem a localidade e que já tinha estado por ali.

Seguiu rapidamente por esse caminho. No ponto em que ele é cortado pela velha estrada, que vai de Gagny a Lagny, ouviu passos. Escondeu-se precipitadamente atrás de um valado e esperou as pessoas que passavam se afastarem. Essa precaução era quase supérflua, porque, como já havíamos dito, era

uma noite de dezembro extremamente escura. No céu viam-se apenas duas ou três estrelas.

É nesse ponto que começa a subida para a colina. O homem não seguiu pelo caminho de Montfermeil; dirigiu-se para a direita, através dos campos, e a passos largos para a floresta.

Quando ali chegou, diminuiu o passo e começou a observar cuidadosamente, como se procurasse alguma coisa e seguisse um caminho misterioso conhecido só por ele. Houve um momento em que pareceu perdido, parando indeciso. Enfim, com todo o cuidado, chegou a uma clareira onde havia um monte de grandes pedras esbranquiçadas. Dirigiu-se com vivacidade para as pedras e examinou-as atentamente através da neblina da noite, como se lhes passasse em revista. A alguns passos das pedras estava uma grande árvore, coberta de saliências, que são as verrugas da vegetação. Foi direto a ela e passou-lhe a mão pela cortiça do tronco, como se tentasse reconhecer e contar todas as verrugas.

Em frente à árvore, que era um freixo, havia um castanheiro quase morto, por causa de um corte que sofrera, e ao qual tinham posto uma espécie de ligadura de zinco. Ergueu-se na ponta dos pés e tocou no zinco.

Depois bateu com os pés por algum tempo no solo entre a árvore e as pedras, como se quisesse assegurar-se de que a terra não fora mexida recentemente.

Feito isso, orientou-se e continuou a caminhar através do arvoredo.

Esse era o homem que encontrou Cosette.

Caminhando pela mata na direção de Montfermeil, descobrira aquela pequena sombra que se movia gemendo, descansando no chão um peso qualquer, tornando depois a pegar-lhe, e continuando a caminhar. Aproximara-se e vira que era uma criancinha carregando um enorme balde de água. Dirigiu-se a ela e pegou silenciosamente o balde.

VII

Cosette no meio da escuridão ao lado de um desconhecido

Cosette, como já dissemos, não teve medo do homem desconhecido. Este dirigiu-lhe a palavra. Falava com uma voz grave e muito baixa.

— Isso é muito pesado para você, minha filha.

Cosette levantou a cabeça e respondeu:

— É, sim, senhor.

— Deixe comigo — tornou o homem —; eu levo para você.

Cosette largou o balde. O homem pôs-se a caminhar ao lado dela.

— É, de fato, muito pesado — disse ele entre dentes. Em seguida, acrescentou: — Que idade você tem, menina?

— Tenho oito anos, meu senhor.

— E vem de muito longe com o balde?

— Venho da fonte, que está lá no meio do bosque.

— E vais para muito longe?

— Vou para um quarto de hora daqui.

O homem ficou silencioso. Depois perguntou:

— Não tem mãe?

— Eu não sei — respondeu a criança.

Antes que o homem tivesse tido tempo de continuar, a menina acrescentou:

— As outras crianças têm mãe; eu é que não tenho. — E depois de um momento de silêncio, tornou ainda: — Acho que nunca tive mãe.

O homem parou, pôs o balde no chão e colocou as mãos nos ombros da criança, tentando ver-lhe o rosto, apesar da escuridão.

O rosto magro e raquítico de Cosette desenhava-se vagamente ao lívido clarão do céu.

— Como você se chama? — perguntou o homem.

— Cosette.

O homem sentiu uma espécie de choque elétrico. Tornou a encará-la, tirou-lhe as mãos de sobre os ombros, pegou o balde e continuou a caminhar.

Passado um instante, perguntou-lhe:

— Onde você mora?

— Em Montfermeil; sabe onde é?

— É para onde vamos?

— É, sim, senhor.

Ele fez mais uma pausa, depois continuou:

— Quem foi que te mandou buscar água a esta hora?

— Foi a sra. Thénardier.

O homem continuou num tom de voz que tentava se mostrar indiferente, mas no qual havia um tremor singular:

— Quem é essa sra. Thénardier?

— É a minha patroa; é dona de uma estalagem.

— Tem estalagem? Vou ficar lá esta noite. Mostre-me o caminho.

— Sim, senhor, é para lá que eu vou.

O homem andava muito depressa; Cosette custava a acompanhá-lo, mas já não se sentia cansada. De vez em quando, levantava os olhos para ele com uma espécie de tranquilidade e confiança inexplicáveis. Nunca lhe tinham ensinado a voltar-se para a Providência e a rezar. Mas agora sentia em si algo semelhante à esperança e à alegria, e que dirigia para o céu.

Passaram-se assim alguns minutos. O homem rompeu o silêncio.

— Na casa da sra. Thénardier não há criada?

— Não, senhor.

— Só você?

— Sim, senhor.

Seguiu-se outra interrupção. Cosette continuou:

— Mas lá há duas meninas.

— Quais meninas?

— Ponine e Zelma.

A criança simplificava desse modo os nomes românticos das filhas da sra. Thénardier.

— Quem são Ponine e Zelma?

— São as meninas da sra. Thénardier; são as filhas dela.

— E o que elas fazem?

— Ora! Brincam e se divertem: têm bonecas muito bonitas para brincar, coisas de ouro, muitos brinquedos.

— E brincam o dia todo?

— O dia todo.

— E você?

— Eu trabalho.

— O dia todo?

A criança levantou os olhos cheios de lágrimas, que mal se distinguiam por causa da escuridão, e respondeu suavemente:

— Sim, senhor. — E prosseguiu após um pequeno silêncio: — Às vezes, quando acabo o trabalho e me dão licença, também brinco.

— Com o quê?

— Ora! Com o que posso. Deixam-me brincar, mas não tenho muitos brinquedos. Ponine e Zelma não me deixam pegar as bonecas delas. Só tenho uma espadinha de chumbo, deste tamanho.

E, dizendo isso, mostrava o dedo mindinho.

— E corta?

— Corta, sim, senhor; corta a salada e as cabeças das moscas.

Chegaram afinal à aldeia, onde Cosette guiou o desconhecido pelas ruas. Passaram pela porta do padeiro, mas Cosette não se lembrou do pão que devia comprar. O homem parou de lhe fazer perguntas e conservava-se silencioso. Depois de passarem a igreja, vendo grande número de barracas, o homem perguntou a Cosette:

— Isso aqui é uma feira?

— Não, senhor, é a noite de Natal.

Quando estavam próximos da estalagem, Cosette tocou timidamente no braço do desconhecido.

— Meu senhor…

— Que é, minha filha?

— Estamos perto de casa.

— E então?

— Deixa-me levar o balde agora?

— Por quê?

— É que se a sra. Thénardier vir que não sou eu quem o leva, vai me dar pancadas.

O homem deu-lhe o balde. Um instante depois, estavam à porta da estalagem.

VIII

Desgosto de receber em casa um pobre que talvez seja rico

Cosette não pôde deixar de olhar a grande boneca, que continuava exposta na barraca do comerciante; em seguida, bateu à porta, que logo se abriu, aparecendo a

sra. Thénardier com uma candeia na mão.

— Ah! É você, minha sirigaita! Graças a Deus que voltou! A engraçadinha deve ter se divertido!

— Aqui está um senhor que quer se hospedar — disse Cosette toda trêmula.

A sra. Thénardier substituiu imediatamente a cara de má por sua careta amável, mutação própria dos estalajadeiros, e procurou avidamente com os olhos o recém-chegado.

— É o senhor? — perguntou ela.

— Sim, senhora — respondeu o desconhecido, levando a mão ao chapéu.

Os viajantes ricos não são tão gentis. Esse gesto e a inspeção do vestuário e da bagagem do desconhecido, a que a sra. Thénardier passou em rápida revista, fizeram-lhe desaparecer a careta amável e reaparecer a cara de má.

A sra. Thénardier acrescentou, então, com aspereza:

— Entre, bom senhor.

O "bom senhor" entrou. A sra. Thénardier lançou-lhe os olhos pela segunda vez e examinou-lhe particularmente a sobrecasaca, que estava desfiada, e o chapéu um tanto prejudicado; e, com um sinal de cabeça, dilatando as ventas e piscando um olho, consultou seu marido, que continuou bebendo com os carroceiros. O marido respondeu com uma imperceptível agitação do indicador, que apoiado com o estender dos lábios significa em tal conjuntura: penúria completa. A esse sinal a sra. Thénardier exclamou:

— Ah, meu bom senhor, agora que me lembrei! Sinto muito, mas já não tenho vaga.

— Eu me acomodo em qualquer parte. No sótão ou na cavalariça, pagarei como se tivesse um quarto.

— Quarenta soldos.

— Tudo bem. Quarenta soldos.

— Desse modo…

— Quarenta soldos! — disse um carroceiro em voz baixa à sra. Thénardier. — Mas só custa vinte.

— Para ele são quarenta — respondeu a sra. Thénardier no mesmo tom. — Não recebo pobres por menos.

— É verdade — respondeu o marido —; descredibiliza uma casa alojar gente assim.

Entretanto, o homem, depois de ter posto sobre um banco a trouxa e o bordão, sentara-se a uma mesa, para onde Cosette se apressara a levar uma garrafa de vinho e um copo. O freguês que exigira água para seu cavalo fora ele mesmo dá-la ao

animal. Cosette tornou a ocupar seu lugar debaixo da mesa da cozinha, fazendo seu tricô.

O novo hóspede, que apenas molhara os lábios no vinho que despejara no copo, observava a criança com extraordinária atenção.

Cosette era feia. Se fosse feliz, talvez viesse a ser bonita. Já esboçamos seu rostinho. Cosette era magra e pálida; tinha perto de oito anos, e todos lhes suporiam apenas seis. Os grandes olhos encovados e rodeados de uma espécie de sombra estavam quase extintos, de tanto chorar. Nos cantos da boca, era possível ver uma curva de aflição habitual que se observa nos condenados e nos doentes sem esperança. As mãos eram, como sua mãe dissera, "perdidas de frieiras". O clarão da chaminé, que naquele momento a iluminava, tornava-lhe salientes os ângulos dos ossos e denunciava-lhe a magreza horrivelmente visível. Como tremia constantemente de frio, habituara-se a estar sempre com os joelhos unidos; seu vestuário não era mais do que um farrapo, que provocava lástima no verão e horror no inverno. Só tinha em cima de si algodão esfarrapado; nem sequer um fio de lã. Via-se-lhe em diferentes pontos a pele e distinguiam-se-lhe nela as nódoas azuladas ou negras que indicavam os lugares em que a sra. Thénardier lhe batera. As pernas, nuas, eram roxas e frágeis. O côncavo das clavículas era de fazer chorar. Todo o aspecto da pobre criança, seu modo de andar, a atitude, o som da voz, o modo de olhar, o silêncio, mesmo os gestos, não respiravam, não traduziam senão uma ideia: medo.

O medo espalhava-se sobre ela por completo; parecia cobri-la. Tinha no fundo das pálpebras um canto em que residia o terror; o medo fazia com que ela levasse os cotovelos à cintura, fazia com que os pés ficassem escondidos embaixo do vestido, fazia com que ocupasse o mínimo espaço possível, não a deixava respirar mais do que o necessário e estava transformando o que se poderia chamar de sua atitude corporal, sem qualquer variação possível senão aumentar. Tinha no fundo das pálpebras um canto assustado onde ficava o terror.

Esse medo dominava a pobre criança de tal modo que, chegando em casa toda molhada, não ousara enxugar-se ao calor do fogo e fora continuar silenciosamente seu trabalho.

A expressão dos olhos dessa criança de oito anos era habitualmente tão triste, e por vezes tão trágica, que parecia, em certos momentos, estar próxima de tornar-se uma idiota ou um demônio.

Nunca soubera, já o dissemos, o que era rezar; nunca entrara numa igreja. "Por acaso tenho tempo para essas coisas?!", dizia a sra. Thénardier.

O homem da sobrecasaca amarela não tirava os olhos de Cosette.

De repente, a sra. Thénardier exclamou:

— É verdade! E o pão?

Cosette, segundo o costume todas as vezes que a sra. Thénardier elevava a voz, saía de debaixo da mesa.

A pobrezinha esquecera-se completamente do pão, por isso recorreu ao expediente das crianças habituadas a temer. Mentiu.

— A padaria já estava fechada.

— Era só bater à porta.

— Eu bati.

— E então?

— Ninguém abriu.

— Amanhã saberei se isso é verdade — disse a sra. Thénardier —; se for mentira, já sabe que vai dançar. Então, quero que me devolva os quinze soldos.

Cosette meteu a mão no bolso do avental e ficou pálida. Não achou a moeda de quinze soldos.

— Não ouviu o que te disse? — gritou a sra. Thénardier.

Cosette revirou o bolso, mas não achou coisa alguma. O que teria sido do dinheiro? A infeliz não achou uma palavra para responder. Estava petrificada.

— Perdeu os quinze soldos — bramiu a sra. Thénardier — ou está querendo me roubar?

Ao mesmo tempo, estendeu o braço para as correias penduradas no canto da lareira.

— Perdão, minha senhora… não faço mais isso.

A sra. Thénardier pegou as correias.

Entretanto, o homem da sobrecasaca amarela tinha metido os dedos no bolso do colete, sem que ninguém lhe notasse o movimento. Os outros hóspedes bebiam e jogavam, não prestando atenção a coisa alguma.

Cosette encolhia-se, cheia de aflição, em um ângulo da sala, tentando contrair os pobres membros nus. A sra. Thénardier levantou o braço.

— Desculpe, senhora — disse o desconhecido —, mas há pouco vi cair um objeto do bolso dessa menininha e rolar pelo chão! Talvez seja o que a senhora procura.

Em seguida, curvou-se e pareceu procurar no chão por um instante.

— Exatamente, aqui está — tornou ele, endireitando-se.

E deu à sra. Thénardier uma moeda de prata.

— É isso mesmo — disse ela.

Não era: era uma moeda de vinte soldos, mas a sra. Thénardier ganhava com o negócio! Meteu o dinheiro no bolso e limitou-se a lançar um olhar à menina, dizendo:

— Que isso nunca mais se repita!

Cosette voltou para o que a sra. Thénardier chamava de "seu ninho"; e os olhos dela fixos no hóspede desconhecido apresentavam uma expressão que nunca haviam tido. Não era mais que uma ingênua admiração, mas já envolta em uma certa confiança.

— O senhor quer jantar? — perguntou a sra. Thénardier ao hóspede.

Ele não respondeu: parecia meditar profundamente.

— Que diabo de homem é esse? — disse a sra. Thénardier entre dentes. — Será algum mendigo que não tem dinheiro nem para comer? Será que ele tem com que me pagar a cama? Ainda bem que, pelo menos, não teve a ideia de me roubar a moeda que viu cair ao chão.

Durante esse tempo, tinha se aberto uma porta e entrado Éponine e Azelma.

Eram realmente duas lindas crianças, mais burguesas do que camponesas, extremamente encantadoras, uma com as tranças castanhas muito lustrosas, outra com grandes cachos pretos caídos pelas costas; ambas tão alegres, asseadas, nutridas, frescas e saudáveis que era um gosto vê-las. Estavam agasalhadamente vestidas com uma tal arte maternal que a espessura da roupa não diminuía coisa alguma à elegância do feitio. Estavam preparadas para o inverno sem que perdessem o brilho da primavera. As duas meninas irradiavam luz. Ou melhor, elas estavam reinando. Em seu vestuário e em sua alegria, no barulho que faziam, havia soberania. Quando elas entraram, a sra. Thénardier disse-lhes num tom de repreensão, cheio de adoração:

— Aí estão vocês!

Depois, colocando-as sobre os joelhos, uma depois da outra, alisou-lhes os cabelos, atou-lhes melhor as fitas e colocou-as em seguida no chão, com o modo próprio das mães, exclamando:

— Estão com a roupa toda amarrotada!

As meninas foram sentar-se perto do fogo, brincando e rodando uma boneca, colocando-a sobre os joelhos, sem se calarem um minuto. Cosette levantava de vez em quando os olhos da meia que estava tricotando e voltava-os tristemente para elas.

Éponine e Azelma nem sequer olhavam para Cosette. Para elas era como se fosse um cão. Essas três crianças não tinham, juntas, vinte e quatro anos e já representavam toda a sociedade dos homens; de um lado a inveja, do outro o desprezo.

A boneca das irmãs Thénardier era muito velha, estava toda amarrotada e quebrada, mas nem por isso parecia menos admirável a Cosette, que nunca em sua vida tivera uma boneca, uma *boneca de verdade*, para nos servirmos de uma expressão que todas as crianças saberão compreender.

De repente, a sra. Thénardier, que continuava a andar de um lado para outro, reparou nas distrações de Cosette, que, em vez de trabalhar, olhava para as meninas que estavam brincando.

— Espera aí! É assim que você trabalha! Já vou te acordar com as correias.

O desconhecido, sem se levantar da cadeira, voltou-se para a sra. Thénardier.

— Deixe-a brincar! — disse ele sorrindo, e com um modo quase receoso.

Vindo de qualquer hóspede que tivesse comido convenientemente, que tivesse bebido duas garrafas de vinho e não tivesse, como ele, o aspecto de *um mendigo*, tal desejo seria uma ordem. Mas um homem que tinha um chapéu daqueles e uma sobrecasaca daquelas se dignar a exprimir uma vontade ou um desejo, era o que a sra. Thénardier não tolerava. Portanto, respondeu com insolência:

— Ela deve trabalhar, já que dou-lhe de comer. Não a sustento para não fazer nada.

— Em que ela está trabalhando? — continuou o desconhecido, com aquela voz suave que contrastava tão extraordinariamente com seu vestuário de mendigo e seus ombros de carregador.

A sra. Thénardier dignou-se a responder:

— Está fazendo meias, não vê? Meias para as minhas filhas, que as precisam muito, pois daqui a pouco terão de andar sem elas.

O desconhecido olhou para os pés vermelhos de Cosette e continuou:

— E quando ela vai acabar o par que está fazendo?

— Vai demorar ainda três ou quatro dias; é uma preguiçosa.

— Quanto poderá valer o par de meias depois de feito?

A sra. Thénardier lançou-lhe um olhar desprezível.

— Trinta soldos, pelo menos.

— E se eu lhe desse cinco francos? — tornou o desconhecido.

— Caramba! — exclamou com um riso grosseiro um dos carroceiros que tinha ouvido a conversa. — Cinco francos? Como se *atira*! Isto é que é música!

Thénardier achou que devia tomar a palavra.

— Sim, senhor, se o senhor tem essa vontade, posso vender o par de meias por cinco francos. Não sabemos recusar coisa alguma aos nossos fregueses.

— Mas é preciso pagar logo — disse a sra. Thénardier com seu modo rude e impositivo.

— Compro o par de meias — respondeu o desconhecido; e tirando do bolso uma moeda de cinco francos, que pôs sobre a mesa, acrescentou: — E já estou pagando. — Em seguida, voltou-se para Cosette. — Agora seu trabalho é para mim. Vai brincar, minha filha.

O carroceiro ficou tão estupefato vendo a moeda de cinco francos que deixou o copo sobre a mesa e aproximou-se.

— Então *é verdade*! — exclamou ele, examinando a moeda. — É uma verdadeira *roda traseira*, e verdadeira.

Thénardier chegou-se, pegou o dinheiro e meteu-o silenciosamente no bolso.

Sua mulher não tinha o que replicar. Mordeu os lábios e, no rosto, apareceu-lhe, espontânea, a expressão de raiva.

Entretanto, Cosette tremia. Enfim, arriscou-se a perguntar:

— Senhora, é verdade mesmo? Posso ir brincar?

— Brinca! — gritou a Thénardier com uma voz terrível.

— Muito obrigada, senhora — disse Cosette.

E enquanto com os lábios agradecia à sra. Thénardier, sua pequenina alma agradecia ao desconhecido.

Thénardier voltou a beber. Sua mulher disse-lhe ao ouvido:

— Quem diabo será esse homem de amarelo?

— Tenho visto milionários — respondeu soberanamente Thénardier — com sobrecasacas desse tipo.

Cosette pusera a meia de lado, mas não saíra de seu lugar; mostrava-se sempre o menos possível. O que fizera fora tirar de uma caixa, que tinha por detrás de si, alguns farrapos e a espadinha de chumbo.

Éponine e Azelma não davam a menor atenção ao que se passava. Acabavam de executar uma operação importantíssima: haviam se apoderado do gato. Tinham deixado a boneca de lado, e Éponine, que era a mais velha, *vestia* o gato, apesar da resistência dele, com uma série de trapos vermelhos e azuis. Ao mesmo tempo em que fazia esse importante e difícil trabalho, ela dizia à irmã com aquela doce e adorável linguagem típica das crianças, cuja graça, como o esplendor das asas das borboletas, se esvai quando a queremos fixar:

— Está vendo, irmãzinha, como esta boneca é bem mais bonita que a outra? Ela se mexe, grita e está quentinha. Vem, irmãzinha, brincar com ela também. Ela será minha filhinha. Eu serei uma senhora. Eu venho te ver, então você olha para ela. Pouco a pouco, você vê que ela tem bigodes e isso te deixa espantada; depois, você vai ver as orelhas e depois vai ver o rabo da boneca, então vai se espantar de novo e

vai dizer: “Ah, meu Deus!” E eu te direi: “Sim, senhora, minha filhinha é assim. As criancinhas são assim hoje em dia.”

Azelma ouvia Éponine com admiração.

Entretanto, os fregueses tinham começado a entoar uma cantiga obscena e soltavam estrondosas gargalhadas. Thénardier animava-os e os acompanhava.

Assim como os passarinhos fazem os ninhos com o que acham, as crianças improvisam uma boneca seja com qualquer coisa. Enquanto Éponine e Azelma vestiam o gato, Cosette, por sua vez, vestia com farrapos a espada de chumbo. Feito isso, deitou-a nos braços e começou a cantar suavemente para a embalar.

A boneca é uma das imperiosas necessidades e, ao mesmo tempo, um dos mais encantadores instintos da infância feminina. Vestir, enfeitar, tornar a despir, para voltar a vestir, ensinar, repreender, embalar, acalentar, fazer de qualquer objeto uma pessoa, resume todo o futuro de uma criança. Devaneando e tagarelando, fazendo enxovaizinhos, trouxinhas, vestidos, coletes, a criança torna-se jovem e jovem torna-se um adulto. O primeiro filho continua a última boneca.

Uma menina sem bonecas é uma coisa tão desgraçada e tão impossível de suportar como um adulto sem filhos.

Cosette tinha, portanto, feito da espada de chumbo uma boneca.

A sra. Thénardier aproximou-se do *homem de amarelo.* “Meu marido tem razão”, pensou ela, “pode até ser o sr. Laffitte. Há ricaços tão extravagantes!”.

Em seguida, encostou-se na mesa.

— Meu senhor… — disse ela.

Ao ouvir esse “meu senhor”, o desconhecido voltou-se. Até então, a sra. Thénardier só o chamara de “bom senhor”.

— O senhor bem conhece essas coisas — prosseguiu ela, assumindo seu ar adocicado, mais repugnante ainda do que o ar feroz que lhe era usual. — Eu desejo que a pequena brinque, não me oponho a isso, mas vai ser só dessa vez, porque o senhor é generoso. Ela não tem nada, então precisa trabalhar.

— A menina não é sua filha? — perguntou o homem.

— Valha-me Deus! Não, senhor! É uma pobrezinha que nós recolhemos por caridade. É meio abobalhada; deve ter água na cabeça. Ainda é meio cabeça dura, como o senhor já pôde perceber. Nós não somos ricos, e fazemos-lhe mais do que podemos. Temos escrito muitas cartas para a sua terra, mas há seis meses que não recebemos resposta. Parece que a mãe morreu.

— Ah! — disse o homem; e tornou a cair na sua meditação.

— Não devia ser boa mãe — acrescentou a sra. Thénardier. — Quem abandona assim os filhos…

Durante esse diálogo, Cosette, como se o instinto a tivesse advertido de que falavam a seu respeito, não afastara os olhos da sra. Thénardier, mas não percebera quase nada; apenas ouvira uma ou outra palavra.

Entretanto, os fregueses, todos embriagados, quase inteiramente, repetiam o imundo estribilho, cada vez mais alegres. Era uma brincadeira da alta classe, em que misturavam a Virgem ao Menino Jesus. A sra. Thénardier fora tomar parte na alegria geral. Cosette, debaixo da mesa, olhava para o fogo, que refletia em seus olhos fixos; e recomeçara a acalentar a espécie de trouxa esfarrapada que tinha feito, cantando em voz baixa: "Minha mãe morreu! Minha mãe morreu! Minha mãe morreu!"

O homem de amarelo, "o milionário", cedendo a novas instâncias da sra. Thénardier, decidiu jantar.

— O que o senhor deseja?

— Pão e queijo — respondeu ele.

"Decididamente", pensou a sra. Thénardier, "é um maltrapilho".

Os bêbados continuavam a cantar sua canção; e a criança, debaixo da mesa, cantava também a sua.

Cosette interrompeu-se de repente. Voltara-se para o lado e vira a boneca das irmãs Thénardier, que elas tinham trocado pelo gato e estava esquecida no chão, próximo à mesa da cozinha.

Deixou cair a espada de chumbo, que não a satisfazia completamente, e olhou para todos os lados da casa. A sra. Thénardier estava falando em voz baixa com seu marido e contando dinheiro. Éponine e Azelma brincavam com o gato, os hóspedes comiam, bebiam ou cantavam, ninguém atentava nela; não tinha, portanto, tempo a perder. Saiu de seu ninho, caminhando de joelhos e com as mãos apoiadas no chão, certificou-se mais uma vez de que não a espreitavam e, estendendo-se rapidamente até chegar à boneca, pegou-a. Um instante depois, estava novamente em seu lugar, sentada, imóvel, e de costas, o que era necessário para fazer sombra à boneca que tinha nos braços. Esse prazer de brincar com uma boneca era de tal modo raro para ela que tinha toda a violência de uma coisa prazerosa.

Ninguém a tinha visto, à exceção do hóspede que comia sua magra refeição.

Esse prazer durou perto de um quarto de hora.

Cosette, confiando nas precauções que tomara, não esperava que a boneca tivesse um pé fora da sombra, muito claramente iluminado pelo clarão da lareira. O pé rosado que saía assim da sombra atraiu subitamente o olhar de Azelma, que disse logo a Éponine:

— Olha, mana!

As duas meninas ficaram estupefatas. Cosette ousara pegar a boneca!

Éponine levantou-se e, sem deixar o gato, foi direto à sua mãe e começou a puxar-lhe pela roupa.

— Deixe-me! — disse a mãe. — Que é que você quer?

— Olhe só, mãe! — prosseguiu a menina.

E apontou Cosette com o dedo.

Esta, completamente entregue ao êxtase de ter uma boneca para brincar, não via nem ouvia coisa alguma.

O rosto da sra. Thénardier assumiu a expressão particular que fez dar o nome de megera a uma tal espécie de mulheres.

Dessa vez, o orgulho ferido exacerbava-lhe ainda a cólera. Cosette ultrapassara todos os limites; pegara a boneca de suas meninas. Uma czarina que surpreendesse um mujique com o cordão azul de seu filho imperial não apresentaria outra fisionomia.

Com uma voz enrouquecida pela indignação, gritou:

— Cosette!

A infeliz estremeceu, como se tivesse sentido a terra tremer debaixo de si, e voltou-se.

— Cosette! — repetiu a sra. Thénardier.

A pequena pegou a boneca e colocou-a brandamente no chão com uma espécie de respeito, a que se ligava o desespero. Então, sem afastar os olhos dela, juntou as mãos e, o que repugna dizer a respeito de uma criança de sua idade, torcia-as; depois, o que lhe não tinha podido arrancar nenhuma das emoções por que passara antes, nem a ida à floresta, nem o peso do balde, nem a perda do dinheiro, nem a presença das correias, nem mesmo as sombrias palavras que ouvira dizer à sra. Thénardier, chorou, rompendo em soluços.

Durante esse tempo, o hóspede levantara-se da cadeira e deixara a mesa.

— O que aconteceu? — perguntou ele à sra. Thénardier.

— Não vê? — disse a sra. Thénardier, indicando com o dedo o corpo de delito, que estava aos pés de Cosette.

— Mas o que foi? — tornou o homem.

— Foi essa esfarrapada — respondeu a sra. Thénardier —, que teve o atrevimento de pegar a boneca das meninas!

— E é por isso toda essa agitação?! Qual é o problema de ela brincar com a boneca?

— Pegou-lhe com as mãos sujas com que sempre anda; com aquelas mãos nojentas — prosseguiu a sra. Thénardier.

Cosette, ouvindo isso, aumentou os soluços.

O homem dirigiu-se para a porta, abriu-a e saiu.

Assim que ele saiu, a sra. Thénardier aproveitou-se da sua ausência, para, por debaixo da mesa, dar em Cosette um grande pontapé que lhe fez soltar altos gritos.

A porta tornou a abrir-se, era o homem que entrava de novo, trazendo nas duas mãos a boneca fabulosa de que já falamos, que todas as crianças da aldeia admiravam desde a manhã, e colocou-a em pé diante de Cosette, dizendo:

— Aqui; é para você.

É fácil crer que em mais de uma hora que decorrera depois que já estava ali, e mesmo entregue aos seus pensamentos, tivesse notado a barraca em que a boneca estava à venda, cuja esplêndida profusão de lampiões e de velas fazia com que se visse pela vidraça da taberna, como se fosse uma iluminação.

Cosette ergueu os olhos; tinha visto o homem aproximar-se dela com a boneca, como se fosse o sol, e ouvira estas palavras: "É para *você*." Olhou para ele, depois para a boneca, em seguida recuou vagarosamente e foi esconder-se debaixo da mesa, mas bem no fundo, encostada à parede.

Já não chorava nem gritava; parecia não se atrever a respirar.

A sra. Thénardier, Éponine e Azelma ficaram como estátuas. Os próprios beberrões estavam estupefatos. Houve um silêncio solene em toda a taberna.

A sra. Thénardier, petrificada e muda, recomeçou suas conjecturas: "Que diabo de velho é esse? Será um pobre ou um milionário? — Talvez ambas as coisas: um ladrão."

A fisionomia do estalajadeiro apresentou a expressiva ruga que acentua o rosto humano todas as vezes que o instinto dominante aparece nele com todo o seu bestial poder. Ele olhava alternadamente a boneca e o hóspede; parecia farejá-lo como teria farejado um saco de dinheiro. Esse movimento foi executado com a rapidez de um relâmpago. Em seguida, aproximou-se de sua mulher e disse-lhe em voz baixa:

— A boneca não custou menos de trinta francos, portanto nada de tolices; vamos nos comportar diante desse homem!

As naturezas grosseiras têm isso em comum com as naturezas ingênuas: elas não têm transições.

— Então, Cosette — disse a sra. Thénardier com uma voz que se esforçava por se mostrar suave, e que era toda composta do azedume próprio das mulheres ruins —, não vai pegar sua boneca?

Cosette arriscou-se a sair da toca.

— Cosettezinha — chamou Thénardier com ar carinhoso —, este senhor deu-lhe a boneca; pega, é sua.

Cosette olhava para a maravilhosa boneca com uma espécie de terror. Ainda tinha o rosto inundado de lágrimas, mas os olhos começavam a encher-se, como o céu ao nascer do sol, de estranhas iluminações de alegria. A sensação que ela experimentava naquele momento parecia um pouco com o que haveria de sentir se lhe dissessem de repente: "Menina, você é a rainha da França."

Parecia-lhe que, se tocasse na boneca, sairiam trovões dela, o que, até certo ponto, era verdadeiro, por isso esperava que a sra. Thénardier ralhasse e lhe batesse.

Entretanto, venceu-a a atração. Por fim, aproximou-se, e murmurou olhando timidamente para a sra. Thénardier:

— Posso mesmo pegar, senhora?

Não há expressão que possa representar o seu aspecto, ao mesmo tempo desesperado, cheio de espanto e arrebatamento.

— Já te disse que é sua! — exclamou a sra. Thénardier, uma vez que aquele senhor tinha dado a boneca à menina.

— É verdade, meu senhor? — tornou Cosette. — É verdade? Essa *dama* é para mim?

O desconhecido parecia ter os olhos embotados de lágrimas. Parecia ter chegado ao ponto de comoção em que não se fala para não chorar. Limitou-se a fazer com a cabeça um sinal afirmativo a Cosette, levando-lhe a mãozinha à mão da *dama*.

Cosette retirou vivamente a mão, como se a da *dama* a tivesse queimado, e pôs-se a olhar para o chão. Nessa ocasião, devemos confessar, ela colocava a língua para fora, sem jeito. De repente, voltou-se e pegou a boneca com arrebatamento.

— Vou chamá-la de Catherine — disse ela.

Foi um momento estranho aquele em que os farrapos de Cosette tocaram as fitas e os frescos adornos da boneca.

— Minha senhora, posso colocá-la sentada em uma cadeira?

— Pode, sim, minha filha — respondeu a sra. Thénardier.

Então eram Éponine e Azelma que olhavam para Cosette com expressão de inveja.

Cosette pôs Catherine sobre uma cadeira, sentou-se no chão diante dela e permaneceu imóvel, sem proferir uma só palavra, em atitude de contemplação.

— Pode brincar agora, Cosette — disse o desconhecido.

— Sim, senhor, estou brincando — respondeu a criança.

Aquele desconhecido, aquele estranho que tinha o ar de uma visita da Providência para Cosette, era naquele momento o que a sra. Thénardier mais odiava neste mundo. No entanto, ela precisava conter-se. Essas emoções estavam além do que ela poderia suportar, por mais habituada que fosse à dissimulação, para, como

costumava fazer, copiar todas as ações do marido. Apressou-se em mandar as filhas se deitarem e, em seguida, pediu "licença" ao homem de amarelo para dar a mesma ordem a Cosette, "que, por hoje, já devia estar muito cansada", como acrescentou em tom maternal. Cosette foi deitar-se levando Catherine nos braços.

A sra. Thénardier ia, de vez em quando, onde estava seu marido, "para desabafar", dizia ela, e trocava com ele algumas palavras tanto mais furiosas quanto mais baixo se via obrigada a dizê-las.

— Maldito animal! Quem ele pensa que é? Vir aqui dar-nos ordens! Agora querer ver a *monstrenga* brincar! Deu-lhe a boneca! Dar bonecas de quarenta francos a uma lesma que eu cederia por quarenta soldos! Se demorasse mais um pouco, ele iria chamá-la de Vossa Majestade, como à duquesa de Berry! Isso não tem pé nem cabeça! Está louco esse maldito velho misterioso!

— Por quê? É uma coisa simples — replicou Thénardier —; diverte-se com essas coisas. Você gosta que a moça trabalhe, ele gosta mais de vê-la brincar. Está no direito dele. Um hóspede pode fazer o que quiser, contanto que pague bem. Que importa a você que o velho seja um filantropo? Se fez isso por ser imbecil, deve importar menos ainda. Uma vez que ele tem dinheiro, que importa o resto?

Linguagem de mestre e raciocínio de estalajadeiro, que não admitiam, nem um nem outro, uma réplica.

O homem encostara-se novamente na mesa e continuava absorto em seus pensamentos. Todos os outros hóspedes já tinham mais ou menos se afastado, sem cantar, e contemplavam o desconhecido a distância com uma espécie de respeitoso temor. Aquele sujeito tão pobremente vestido, que tirava do bolso moedas graúdas com tanta facilidade e que dava bonecas gigantes a crianças esfarrapadas e de tamancos, era com certeza um homem poderoso e temível.

Passaram-se algumas horas. Já havia acabado a missa do galo, os sinos haviam batido, a taberna estava fechada, o fogo apagado, e o desconhecido continuava no mesmo lugar e na mesma posição. De vez em quando, mudava o cotovelo com que se apoiava na mesa. Era só isso o que fazia; e não pronunciara uma só palavra desde que Cosette tinha saído.

Só os Thénardier, por conveniência e por curiosidade, permaneciam na taberna.

— Querem ver que passa a noite aqui? — resmungava a sra. Thénardier.

Ouvindo soar duas horas da manhã, ela disse a seu marido:

— Vou me deitar. Pode fazer o que quiser.

O marido sentou-se a uma mesa que estava a um canto, acendeu uma vela e começou a ler o *Courrier Français*.

Passou-se assim uma boa hora. O digno estalajadeiro já tinha lido pelo menos três vezes o jornal, desde o título até a assinatura do editor. O hóspede não se movia.

Thénardier mexeu-se, tossiu, escarrou, assoou o nariz e arrastou a cadeira. O hóspede não mostrou ter notado coisa alguma. "Será que está dormindo?", pensou Thénardier. O homem não estava dormindo, mas nada poderia acordá-lo.

Enfim, Thénardier tirou o boné, aproximou-se vagarosamente do hóspede e aventurou-se a perguntar-lhe:

— O senhor não quer ir repousar?

"Não quer ir se deitar" pareceu-lhe excessivamente familiar. Repousar cheirava a luxo, e era mais respeitoso. Essas palavras têm a misteriosa capacidade de fazer aumentar no dia seguinte a soma das despesas. O quarto onde um hóspede se *deita* custa vinte soldos; uma alcova onde se *repousa* custa vinte francos.

— É verdade! — disse o desconhecido. — Tem razão. Onde é a cavalariça?

— Ora, senhor! — disse Thénardier sorrindo. — Eu vou conduzi-lo.

Pegou, em seguida, o castiçal, enquanto o hóspede pegava a bengala e a trouxa, e conduziu-o ao primeiro andar, que apresentava certo esplendor, todo mobiliado de acaju, com um leito em formato de barco e cortinado de chita encarnada.

— O que é isto? — perguntou o hóspede.

— É o nosso quarto de núpcias — respondeu o estalajadeiro; mas eu e minha mulher dormimos em outro. Não se entra aqui senão três ou quatro vezes no ano.

— Mas eu queria ir para a cavalariça — disse o homem com certo ar distraído.

Thénardier fingiu não ter ouvido a pouco obsequiosa reflexão.

Em seguida, acendeu duas velas de cera, que, ainda por acabar, estavam sobre a lareira, onde depois acendeu também um excelente fogo.

Sobre a lareira e debaixo de uma redoma estava uma grinalda de fios de prata e flores de laranjeira.

— E isso, o que é? — tornou o desconhecido.

— É a grinalda do noivado de minha mulher.

O hóspede lançou para a grinalda um olhar que parecia dizer: "Houve tempo em que aquele monstro foi virgem!"

Na verdade, Thénardier estava mentindo. Quando comprara aquela casa para estabelecer sua estalagem, achara aquele quarto desse jeito; comprara a mobília e a grinalda de flores de laranjeira, julgando que assim produziria em *sua esposa* certa sombra graciosa, dando à casa aquilo a que os ingleses chamam de respeitabilidade.

Quando o hóspede se voltou, o estalajadeiro tinha desaparecido. Thénardier eclipsara-se discretamente, sem ousar dar as boas-noites, não querendo tratar com

cordialidade pouco respeitosa um homem a quem tencionavam, no dia seguinte, esfolar soberanamente.

O estalajadeiro foi para o próprio quarto. Sua mulher estava deitada, mas não dormia. Quando ouviu os passos do marido, voltou-se e disse-lhe:

— Já sabes que amanhã vou colocar Cosette na rua.

Thénardier respondeu friamente:

— Como é apressada!

Trocaram ainda algumas outras palavras, e poucos instantes depois a vela estava apagada.

O hóspede, por sua vez, pusera a um canto o cajado e a trouxa. Depois de o estalajadeiro se retirar, sentou-se numa cadeira e conservou-se por algum tempo pensativo. Em seguida, descalçou os sapatos, pegou uma das velas, apagou a outra e abriu a porta do quarto, olhando em torno de si como quem procura alguma coisa. Atravessou um corredor e chegou à escada. Ali ouviu um ligeiro ruído que se assemelhava à respiração de uma criança. Deixou-se conduzir por esse ruído e chegou a uma espécie de concavidade triangular aberta sob a escada, ou, para melhor dizer, formada por ela. Esse espaço não era mais do que o vão da escada. Nesse lugar, entre toda espécie de cacos e cestos velhos, em meio ao lixo e a enormes teias de aranha, havia uma cama, se é que se pode chamar de cama a um colchão todo esburacado, deixando cair a palha por todos os rasgos, e uma manta por cujos buracos se via o colchão. Não tinha lençóis e estava estendida no chão. Nessa cama dormia Cosette.

O homem aproximou-se e contemplou-a.

Cosette dormia profundamente e estava toda vestida. No inverno não se despia para sentir menos frio.

Estava abraçada com a boneca, cujos olhos abertos brilhavam na escuridão. A pobre criança soltava de vez em quando um grande suspiro, como se estivesse para acordar, e apertava a boneca contra si, quase convulsivamente. Ao lado da cama só estava um dos seus tamancos.

Por detrás do cubículo de Cosette havia uma porta aberta, deixando ver um quarto bastante grande, mas sem luz. O hóspede entrou nele. Ao fundo, além de uma porta envidraçada, viam-se duas caminhas iguais, muito bem-arranjadas, e com roupa muito branca. Eram as de Éponine e Azelma. Atrás delas, mal se via um berço muito humilde, sem cortinas, onde dormia o pequenino que tanto chorara a noite toda.

O desconhecido conjecturou que aquele quarto devia comunicar-se com o dos Thénardier. Estava pronto para se retirar quando se deparou com a lareira; uma

dessas grandes lareiras de estalagem, em que sempre há tão pouco fogo, quando há algum fogo, e sempre tão fria à vista. Nessa não havia lume, nem mesmo cinza. O que atraiu a atenção do desconhecido foram dois sapatinhos de criança, de feitio elegante, e de tamanhos diferentes. O homem recordou-se do gracioso e imemorial costume das crianças de deixarem na lareira o calçado, na noite de Natal, para ali receber no escuro algum brilhante presente de uma boa fada. Éponine e Azelma não tinham faltado ao costume e tinham posto, cada uma, um sapato na chaminé.

O hóspede curvou-se sobre os sapatos.

A fada, isto é, a mãe, já tinha feito sua visita, de tal modo que se via luzir, em cada um dos sapatos, uma moeda completamente nova de dez soldos.

O homem endireitou-se e já ia retirar-se, quando descobriu ao fundo, e meio escondido, um outro objeto. Aproximou-se novamente e viu que era um tamanco grosseiro, muito velho, todo coberto de cinza e lama seca. Era o tamanco de Cosette. Esta, mesmo iludida, com a comovente esperança das crianças, sem nunca desanimar, pusera também na lareira o seu tamanco.

É uma coisa sublime e suave a esperança de uma criança que não conheceu nunca senão o desespero.

Dentro do tamanco não havia coisa alguma.

O desconhecido meteu os dedos no bolso do colete e, depois de os tirar, curvou-se e depositou no tamanco de Cosette um luís de ouro.

Em seguida, voltou para seu quarto na ponta dos pés.

IX

Thénardier em ação

De madrugada, duas horas antes de romper o dia, Thénardier estava sentado a uma das mesas da taberna, à luz de uma vela, de pena na mão, *compondo* a conta do hóspede de sobrecasaca amarela.

A mulher, de pé e meio curvada sobre ele, seguia com os olhos o que o marido escrevia. Não trocavam uma palavra. De um lado era a meditação profunda; do outro, a admiração religiosa com que se vê nascer e desabrochar uma maravilha

humana. No interior da casa, ouvia-se já certo ruído; era a Cotovia que já estava varrendo a escada.

Depois de um bom quarto de hora, e de algumas rasuras, Thénardier produziu esta obra-prima:

CONTA DO HÓSPEDE Nº 1

Janta	3 francos
Quarto	10 francos
Luz	5 francos
Fogo	4 francos
Serviço	1 franco
Total	23 francos

Serviço estava escrito "servisso".

— Vinte e três francos! — exclamou a mulher, com um entusiasmo em que havia certa hesitação.

Como todos os grandes artistas, Thénardier não estava satisfeito.

— Tsc! — fez ele.

— Sr. Thénardier, tem razão, deve ser assim — murmurou a mulher, lembrando-se da boneca dada a Cosette diante de suas filhas —; é justo, mas é demais. Ele não vai querer pagar.

Thénardier respondeu com um sorriso frio:

— Vai ter de pagar.

Esse sorriso era a significação suprema da certeza e da autoridade. Devia executar-se o que estava dito. A mulher não insistiu. Começou a arrumar as mesas, e o marido ficou passeando pela casa de um extremo a outro.

Um momento depois, acrescentou:

— Eu devo mil e quinhentos francos!

Depois, foi sentar-se em frente à lareira, com os pés sobre as cinzas ainda quentes:

— É verdade — disse a mulher —, já se esqueceu de que hoje vou pôr a Cosette na rua? Essa monstrenga! Ela me sufoca com aquela boneca. Eu preferia casar com Luís XVIII do que tê-la em casa mais um dia.

Thénardier acendeu o cachimbo e respondeu entre duas baforadas:

— Vá entregar a conta ao homem.

E, em seguida, saiu.

Assim que ele saiu, o hóspede apareceu.

Thénardier tornou logo a aparecer atrás dele, mas ficou imóvel diante da porta entreaberta, de modo que só podia ser visto por sua mulher.

O homem de sobrecasaca amarela trazia na mão o cajado e a trouxa.

— Tão cedo de pé! — disse a sra. Thénardier. — O senhor já vai nos deixar?

E, enquanto falava assim, apertava a conta entre as mãos e fazia-lhes dobras com as unhas. O rosto insensível apresentava uma expressão que não era habitual: a da timidez e do escrúpulo.

Apresentar aquela conta a um homem que parecia um mendigo parecia-lhe uma coisa muito arriscada.

O hóspede, parecendo preocupado e distraído, respondeu:

— Sim, senhora, já vou embora.

— O senhor não tinha algum negócio para tratar em Montfermeil?

— Nada; apenas passei por aqui. Diga-me, senhora, quanto devo?

A sra. Thénardier, sem lhe responder, apresentou-lhe o papel dobrado.

O homem desdobrou-o e o leu; mas sua atenção estava evidentemente em outra parte.

— Fazem um bom negócio aqui em Montfermeil? — tornou ele.

— Mais ou menos — respondeu a sra. Thénardier, estupefata, sem saber usar outra expressão.

Depois, prosseguiu num tom lamentoso:

— Bem, meu senhor, os tempos estão muito difíceis! E depois há tão poucos cidadãos por aqui! Só há gente pobre, como o senhor pode ver; se tivéssemos uma vez ou outra alguns hóspedes generosos e ricos como o senhor… Temos muitas despesas. Olhe, a menina mesmo custa-nos os olhos da cara.

— Qual menina?

— O senhor sabe, a Cosette; a Cotovia, como a chamam por aqui.

— Ah! — fez o homem.

A sra. Thénardier continuou:

— Essa gente do campo é estúpida com os apelidos! Ela parece mais um morcego do que uma cotovia. O senhor bem percebe: nós não pedimos esmola, mas

não podemos dá-las. Não ganhamos quase nada e temos muito que pagar. Licença, dízimos, impostos, portas e janelas, etc.! O senhor bem sabe que o governo esfola a gente. Além disso, tenho minhas filhas, não posso sustentar as filhas alheias.

O homem disse, então, com aquela voz a que tentava dar um tom indiferente, mas em que havia certo tremor.

— E se entregassem ela a alguém?

— Quem? Cosette?

O rosto vermelho e repugnante da estalajadeira iluminou-se de repente de um modo medonho.

— Bem, meu senhor! Fique com ela, guarde-a, leve-a, enfeite-a, beba-a e coma-a à vontade; e Deus o ajude com todos os santos do paraíso!

— Por mim está tudo certo.

— Sério?! Quer mesmo levá-la?

— Sim.

— Mas agora?

— Imediatamente. Pode chamá-la.

— Cosette! — gritou a sra. Thénardier.

— Enquanto espero — prosseguiu o homem —, vou pagar-lhe a conta. Quanto é?

E lançando ligeiramente os olhos para o papel, não pôde conter um gesto de surpresa.

— Vinte e três francos!

Olhou para a estalajadeira e repetiu:

— Vinte e três francos?!

Na pronúncia com que essas palavras foram repetidas havia a entonação que separava o ponto de exclamação do de interrogação.

A sra. Thénardier tivera tempo de se preparar para o embate, então respondeu com firmeza:

— Sim, senhor, são vinte e três francos.

O desconhecido pôs sobre a mesa cinco moedas de cinco francos, dizendo ao mesmo tempo:

— Vá buscar a menina.

Nesse momento, Thénardier surgiu, andou até o meio da casa e disse com delicadeza:

— O senhor deve mais vinte e seis soldos.

— Vinte e seis soldos? — gritou a mulher.

— Vinte soldos pelo quarto — tornou Thénardier com frieza — e seis pela janta. E quanto à menina, preciso conversar um pouco com este senhor. Deixe-nos a sós.

A Thénardier sentiu um desses deslumbramentos que são produzidos pelas imprevistas manifestações do talento. Percebeu que ia entrar em cena o grande ator e saiu sem dizer nada.

Assim que se acharam a sós, Thénardier ofereceu uma cadeira ao hóspede. Este sentou-se e o estalajadeiro continuou de pé, apresentando na fisionomia a mais singular expressão de bondade e simplicidade.

— Meu senhor, vou dizer-lhe uma coisa: sou doido por essa criança.

O desconhecido encarou-o fixamente:

— Qual criança?

Thénardier continuou:

— É uma tolice que a gente crie amizade pelas pessoas. Que me importa esse dinheiro? Pode guardar suas moedas de cem soldos. Ela é uma criança que eu adoro.

— Mas de quem fala? — perguntou o homem.

— Ora! Da nossa Cosette! Não é ela que o senhor quer levar? Pois digo-lhe com toda a franqueza de um homem honrado que não posso consentir isso. É uma criança que vai me fazer muita falta: cuido dela desde muito pequena. É verdade que nos custa caro e tem defeitos, e que não somos ricos, e que pagamos mais de quatrocentos francos em remédio, só com uma das doenças que ela teve! Mas a gente sempre há de fazer alguma coisa, pelo amor de Deus. É uma pobrezinha que não tem pai nem mãe; nós a criamos. Para ela sempre hei de ter pão; além disso, não posso separar-me da menina. O senhor bem percebe o que é a gente ter afeição a uma pessoa; e sou um pobre-diabo, não tenho raciocínio, mas sou amigo dessa criança; minha mulher tem mau gênio, mas também a adora. Bem vê, é como se fosse nossa filha. Gosto de ouvi-la falando pela casa.

O desconhecido continuou a olhar para o estalajadeiro, que continuou falando:

— O senhor vai ter de me desculpar, mas sabe bem que não se entrega assim uma criança a uma pessoa que não se conhece. Não é verdade que tenho razão? Ao mesmo tempo não digo que não; o senhor é rico, parece muito boa pessoa, e talvez seja para o bem dela; mas assim mesmo é preciso saber. Suponha que eu me sacrificasse e a deixasse ir, precisaria saber para onde iria levá-la e saber na casa de quem iria morar, para que eu pudesse ir vê-la de vez em quando e para que ela soubesse que o bom pai que a criou continua a se preocupar com ela. Enfim, há coisas que não são possíveis. Eu não sei nem como o senhor se chama. O senhor leva a menina de mim; e depois, onde está a Cotovia? Com quem foi ela? Seria

preciso, ao menos, que o senhor mostrasse um pedaço de papel qualquer, uma ponta de um passaporte, por exemplo…

O desconhecido, sem afastar do estalajadeiro o olhar que, por assim dizer, vai até o fundo da consciência, respondeu-lhe com voz grave e firme:

— Sr. Thénardier, não se tira passaporte para vir a cinco léguas de Paris. Se levar Cosette, eu a levarei, e nada mais. O senhor nem saberá meu nome, nem meu endereço, nem onde ela estará; a minha intenção é que ela não torne mais a vê-lo. Partindo-lhe o fio que a prende pelo pé, desaparecerá para sempre. Isso convém ao senhor? Sim ou não?

Assim como os demônios e os gênios reconheciam, por certos sinais, a presença de um deus superior, Thénardier reconheceu que tratava com alguém que era muito poderoso. Foi uma intuição; compreendeu-o com toda a nitidez e sagacidade de sua percepção. Na véspera, bebendo, fumando e cantando com os fregueses, passara a noite observando o desconhecido, espreitando-o como um gato e estudando-o como um matemático. Tinha-o espionado por conta própria, por prazer e instinto, e como se lhe tivessem pago para isso. Não escapara o menor movimento ou gesto do homem de sobrecasaca amarela. Antes mesmo que o desconhecido manifestasse seu interesse por Cosette, ele já o tinha adivinhado, surpreendendo o olhar profundo do velho, que sem cessar se voltava para a criança. Qual a causa desse interesse? Quem era aquele homem? Por que razão, com tanto dinheiro na bolsa, vestia-se de forma tão miserável? Perguntas que fazia a si mesmo, que não podia resolver e o irritavam. Pensara nisso toda a noite. Não podia ser o pai de Cosette. Seria seu avô? Sendo assim, por que não se manifestara logo? Quando se tem um direito, é preciso apresentá-lo. O homem evidentemente não tinha direito sobre Cosette. Mas então quem era? Thénardier perdeu-se em conjecturas. Percebia muita coisa, mas não podia afirmar nada com clareza. Fosse como fosse, entabulando a conversa com o desconhecido, certo de que havia um segredo em tudo aquilo e certo de que ele tinha interesse em se manter sob sigilo, sentiu-se forte; mas ouvindo a resposta firme e incisiva do desconhecido, vendo que aquele personagem era misterioso, sentiu-se fraco. Não esperava coisa semelhante. Foi a derrota das suas conjecturas. Reorganizou as ideias e ponderou-as em um segundo. Thénardier era desses homens que avaliam uma situação com um rápido olhar. Calculou que era o momento de caminhar firme e depressa. Fez como os grandes capitães no instante decisivo, que só eles sabem reconhecer: desmascarou-se de imediato.

— Senhor, preciso de mil e quinhentos francos — disse ele.

O desconhecido meteu a mão no bolso do lado, puxou uma carteira velha, abriu-a e tirou três notas de banco e as colocou sobre a mesa. Em seguida, apoiou o

amplo dedo polegar sobre as notas e disse ao estalajadeiro:

— Mande chamar Cosette.

Enquanto tudo isso acontecia, o que fazia Cosette?

A pobre criança mal acordara correra ao seu tamanco e encontrara nele a moeda de ouro. Não era um napoleão, era uma dessas moedas de vinte francos, muito novinhas, do tempo da Restauração, sobre cuja efígie o símbolo prussiano substituíra a coroa de louros. Cosette ficou deslumbrada. O destino começava a aluciná-la. Não sabia o que era uma moeda de ouro, pois nunca vira nenhuma: escondeu-a muito depressa no bolso como se a tivesse roubado. Sabia, contudo, que a moeda lhe pertencia, adivinhava de onde tinha vindo, mas experimentava uma espécie de alegria impregnada de medo. Estava contente e, sobretudo, estupefata. Não lhe pareciam reais, essas coisas tão lindas e magníficas. Tanto a boneca como a moeda de ouro causavam-lhe medo. Tremia vagamente na presença dessas magnificências. Só o desconhecido não lhe causava medo; pelo contrário, tranquilizava-a. Desde a véspera, em meio aos encantamentos, em meio ao sono, pensava, com a singela percepção de uma criança, naquele homem que tinha um aspecto velho, pobre e tão triste, mas que era tão rico e tão bom. Desde que tinha encontrado esse homem bom no bosque, tudo havia mudado para ela. Cosette, menos feliz que a menor andorinha do céu, jamais tinha vivenciado o que era refugiar-se à sombra de sua mãe, bem debaixo de suas asas. Havia cinco anos, isto é, até quanto suas recordações podiam alcançar, que a pobrezinha se arrepiava e tremia. Estivera sempre nua, sob o áspero sopro da desgraça, agora parecia-lhe que estava vestida. Antes tinha frio na alma, agora sentia-se quente. Não tinha tanto medo da sra. Thénardier, não estava só, havia alguém que velava por ela.

Sem demora, começara sua tarefa de todas as manhãs. Aquele luís de ouro que tinha consigo, no mesmo bolso de onde na véspera lhe caíra a moeda de prata, tornava-a distraída. Não ousava tocá-lo, mas levara cinco minutos a contemplá-lo. Mesmo varrendo a escada, parava e ficava imóvel, esquecendo-se não só da vassoura, mas de todo o universo, entretida em ver brilhar a estrela que tinha no fundo do bolso.

Num desses momentos de contemplação é que a sra. Thénardier foi falar com ela.

A estalajadeira tinha ido chamá-la por ordem de seu marido e, coisa inaudita, não lhe tocou com um dedo sequer, não lhe arremessou a mínima injúria.

— Venha cá depressa, Cosette — disse ela quase com doçura.

Um instante depois, Cosette entrava na sala.

O desconhecido pegou a trouxa que trouxera e desatou-a. Esse embrulho continha um vestido de lã, um avental, um roupão de fustão, um lenço para o pescoço, meias de lã e sapatos; um vestuário completo para uma criança de sete anos. Tudo isso na cor preta.

— Minha filha — disse o homem —, leve isto e vista-se depressa.

Já estava amanhecendo quando alguns dos habitantes de Montfermeil, que começavam a abrir suas portas, viram passar pela rua de Paris um homem pobremente vestido, dando a mão a uma menininha toda de luto e com uma vistosa e rosada boneca nos braços. Dirigiam-se ambos para os lados de Livry.

Era o nosso homem e Cosette.

Ninguém conhecia o homem; e como Cosette não ia coberta de farrapos, poucos a reconheceram.

Cosette ia-se, pois, embora. Com quem? Ignorava-o. Para onde? Não sabia. O que ela compreendia era que deixava para trás de si a baiuca de Thénardier. Ninguém pensara em lhe dizer adeus, nem ela em se despedir de ninguém.

Cosette partia. Com quem? Ela não sabia. Para onde? Ela não sabia. Tudo o que compreendia era que deixava para trás a taberna dos Thénardier. Ninguém tinha pensado em dizer-lhe adeus, nem ela em dizer adeus a ninguém. Saía daquela casa odiada e odiando.

Pobre e meiga criança, cujo coração até ali só tinha sido oprimido!

Cosette caminhava com ar sério, abrindo bem os olhos e contemplando o céu. No bolso de seu avental novo levava o luís de ouro. De vez em quando, lançava-lhe os olhos e voltava-os em seguida para seu protetor. Sentia como se estivesse ao lado de Deus.

X

Quem procura o melhor pode encontrar o pior

A sra. Thénardier, segundo o costume, deixara seu marido agir livremente; esperava grandes acontecimentos. Depois do homem e Cosette terem saído,

Thénardier deixou passar um quarto de hora e, chamando depois a mulher em um canto, mostrou-lhe os mil e quinhentos francos.

— Só isso?! — disse ela.

Era a primeira vez, desde que se casara, que ousava criticar um ato do marido.

O tiro foi no alvo.

— Você tem razão — disse ele —; sou um imbecil. Dê aqui meu chapéu.

Dobrou as três notas de banco, meteu-as no bolso e saiu apressadamente, mas enganou-se no caminho e dobrou primeiro à direita. Alguns vizinhos, aos quais pediu informações, informaram-lhe o caminho correto; a Cotovia e o homem tinham sido vistos na direção de Livry. Thénardier seguiu essa direção a passos largos e falando sozinho.

"Esse homem é evidentemente um milhão vestido de amarelo, e eu sou um animal. Deu primeiro vinte soldos, depois cinco francos, depois cinquenta, depois mil e quinhentos, e sempre com a mesma facilidade teria dado quinze mil francos. Mas vou encontrá-lo de novo.

"E, depois, aquela trouxa preparada antecipadamente para a pequena; tudo isso era muito suspeito: com certeza havia algum mistério em toda aquela história, não devemos deixar os mistérios escaparem quando os temos nas mãos. Os segredos dos ricos são esponjas encharcadas de ouro; é preciso saber espremê-las."

Todos esses pensamentos se agitavam no cérebro de Thénardier.

— Sou um animal! — dizia ele.

Ao sair de Montfermeil e chegar ao cotovelo formado pela estrada que vai para Livry, a vista pode estender-se até muito longe pela planície. Thénardier calculou que chegando ali conseguiria avistar o homem e a menina. Lançou os olhos o mais longe que podiam alcançar, mas não viu ninguém. Pediu novas informações. Entretanto, perdia tempo. Algumas pessoas que encontrou disseram-lhe que o homem e a criança tinham se encaminhado para a floresta pelos lados de Gagny. Thénardier correu nessa direção.

O desconhecido e a pequenina levavam-lhe muita vantagem, mas uma criança anda devagar e o estalajadeiro ia depressa. Além disso, conhecia muito bem o terreno.

De repente, parou e bateu na testa, como uma pessoa que se esqueceu de alguma coisa essencial e se dispõe a voltar.

— Devia ter trazido a espingarda! — disse ele.

Thénardier era uma dessas naturezas duplas que passam muitas vezes por nós sem que as pressintamos e desaparecem sem que percebamos. É sorte de muitos homens viverem assim meio submersos.

Thénardier, numa situação sossegada e obscura, tinha tudo o que é preciso para se mostrar — não dizemos para ser — o que convencionalmente se chama um honesto comerciante, um cidadão de bem. Ao mesmo tempo, dadas certas circunstâncias, certos tremores que fazem vir à tona sua natureza mais íntima, possuía todas as qualidades necessárias para um celerado. Era um estalajadeiro que continha em si um monstro. Satanás provavelmente devia, em certos momentos, agachar-se em algum canto do pardieiro onde vivia Thénardier, satisfeito por ter diante de si aquela obra-prima horrível.

Depois de alguns instantes de hesitação:

"Ora", pensou ele, "assim eles terão tempo de escapar!".

Então, continuou caminhando para a frente com maior rapidez, quase com ar de certeza, e com a sagacidade de uma raposa farejando um bando de perdizes.

Com efeito, depois de ter passado os pântanos e atravessado obliquamente a grande clareira que fica à direita da estrada de Bellevue, quando chegou à aleia de arbustos que rodeia quase toda a colina e cobre a curva do antigo canal de águas da abadia de Chelles, descobriu por cima de uma moita um chapéu, a respeito do qual já fizera bastantes conjecturas. Era o chapéu do desconhecido. A moita era baixa. Thénardier pôde ver que estavam sentados ali o homem e Cosette. Não se via a criança pelo fato de ela ser muito pequena, mas percebia-se a cabeça da boneca.

Thénardier não se enganava. O desconhecido havia sentado para deixar Cosette descansar. O estalajadeiro deu a volta na moita e apresentou-se repentinamente aos olhos daqueles que procurava.

— Queira desculpar, senhor — disse ele, arfando de cansaço —, mas aqui tem os seus mil e quinhentos francos.

E, falando assim, apresentou ao desconhecido as três notas de banco.

O homem olhou para ele.

— Que significa isso?

Thénardier respondeu respeitosamente:

— Isso, senhor, significa que fico com Cosette.

A menina estremeceu, chegando-se mais para perto de seu protetor.

Este olhou fixamente para Thénardier e respondeu, espaçando muito as sílabas:

— Quer ficar com Cosette?

— Sim, senhor; é o que venho dizer-lhe, porque pensei melhor. Falando a verdade, não tenho direito de dá-la ao senhor; como pode ver, eu sou um homem de bem. Essa criança pertence à mãe dela e não a mim. Só posso entregá-la à mãe, que foi quem confiou Cosette a mim. O senhor pode dizer que a mãe dela morreu. Muito bem; mas, nesse caso, não penso entregar a criança senão a uma pessoa que

me apresente uma autorização formal de sua mãe, declarando que devo entregá-la. Isso é claro.

O homem, sem responder, meteu a mão no bolso, e Thénardier viu de novo aparecer a carteira das notas.

O estalajadeiro sentiu um estremecimento de alegria."Bem", pensou ele, "sejamos firmes. Vai tentar corromper-me".

O desconhecido, antes de abrir a carteira, olhou ao redor. O lugar estava completamente deserto. Quer na mata, quer no vale não havia vivalma. O homem abriu a carteira e tirou dela não o punhado de notas que Thénardier esperava, mas simplesmente um papelzinho, que desdobrou e apresentou ao estalajadeiro, dizendo:

— Tem razão. Leia.

Thénardier pegou o papelzinho e leu:

Montreuil-sur-Mer, 25 de março de 1823.

Sr. Thénardier.

Queira entregar Cosette ao portador. Será pago todo o resto das pequenas despesas.

Tenho a honra de saudá-lo com consideração.

Fantine

— Conhece essa assinatura? — perguntou o homem.

Era, com efeito, a assinatura de Fantine. Thénardier reconheceu-a.

Não havia nada que replicar. O estalajadeiro sentiu dois violentos despeitos: o de renunciar à corrupção que esperava e o de ver-se derrotado.

O desconhecido acrescentou:

— Pode guardar esse papel para sua defesa.

Thénardier conteve-se em boa ordem.

— É bem imitada essa assinatura — murmurou ele entre dentes. — Enfim, seja!

Depois, tentou um último esforço desesperado.

— Está tudo bem, uma vez que o senhor é o portador; mas é preciso que pague "o resto da dívida". Não me devem pouco.

O homem pôs-se em pé e disse, limpando a poeira sobre as mangas esfarrapadas da sobrecasaca:

— Sr. Thénardier, a mãe desta menina julgava dever-lhe, em janeiro, cento e vinte francos; o senhor mandou-lhe, em fevereiro, uma conta de quinhentos; recebeu trezentos francos no fim de fevereiro e outros trezentos no início de março. Daí para cá, decorreram nove meses, que, segundo o preço convencionado de quinze francos cada mês, somam cento e trinta e cinco francos. O senhor tinha recebido cem francos a mais; faltava pagar-lhe mais trinta e cinco. Há pouco creio que lhe dei mil e quinhentos francos.

Thénardier experimentou o que o lobo experimenta no momento em que se sente mordido e preso pelos dentes de aço da armadilha. "Que diabo de homem é esse?", pensou ele.

Thénardier fez o que faz o lobo; deu uma sacudidela para livrar-se da armadilha. Uma vez a audácia já lhe produzira bom resultado. A audácia já o tinha favorecido uma vez.

— Senhor de quem não sei o nome — disse ele resolutamente, e pondo então de parte as maneiras respeitosas —, ou me dá mil ecus ou fico com a menina.

O desconhecido disse tranquilamente:

— Vamos, Cosette.

Em seguida, deu a mão esquerda à menina e, com a direita, levantou do chão o cajado.

Thénardier notou a grossura do pau do cajado e a solidão do lugar.

O homem entrou na mata, deixando o estalajadeiro imóvel e estupefato.

Enquanto ele se afastava, Thénardier medira-lhe os largos ombros, um tanto curvados, e a grossura dos pulsos.

Depois, olhando para si, reparara nos próprios braços frágeis e na magreza das mãos.

"É preciso ser muito animal mesmo", pensou ele, "para não trazer a espingarda, uma vez que vim para caçar!".

O estalajadeiro, contudo, não desistiu de seu objetivo.

— Quero saber para onde vai — disse ele.

Começou a segui-los a distância. Tinham-lhe ficado nas mãos duas coisas: o papel assinado por Fantine e os mil e quinhentos francos.

O homem conduziu Cosette na direção de Livry e de Bondy, caminhando vagarosamente, cabisbaixo e numa atitude de reflexão e tristeza. O inverno, despindo o arvoredo, fazia com que Thénardier não os perdesse de vista, mesmo conservando-se afastado. O homem voltava-se para trás de vez em quando para ver se o seguiam. De repente, percebeu Thénardier e entrou imediatamente em uma parte mais fechada da mata, onde os dois podiam desaparecer.

— Diabo! — disse Thénardier, e apressou o passo.

A espessura da mata obrigava-o a aproximar-se deles. Quando o desconhecido chegou ao ponto mais cerrado, olhou para trás. Por mais que Thénardier se escondesse por entre as moitas, não conseguiu que o homem deixasse de vê-lo. O homem mirou-o com olhos inquietos, abanou a cabeça e continuou a caminhar. O estalajadeiro não desistiu de os seguir. Andaram assim uns duzentos ou trezentos passos. O homem voltou-se de repente e viu o estalajadeiro; mas dessa vez lançou-lhe um olhar tão carregado que Thénardier achou "inútil" insistir e resolveu voltar.

XI

Reaparece o nº 9.430, e assim Cosette ganha na loteria

Jean Valjean não havia morrido.

Caindo ao mar, ou antes, atirando-se a ele, estava, como vimos, sem as correntes. Nadou entre duas águas até o costado de um navio que estava fundeado, ao qual se achava amarrado um escaler, em que achou um jeito de se esconder até a tarde. Ao anoitecer, lançou-se novamente a nado e dirigiu-se para a costa, que estava a pouca distância do cabo Brun. Ali, como não lhe faltava dinheiro, obteve facilmente roupas novas. Havia, nas proximidades de Balaguier, uma taberna que era uma espécie de guarda-roupa dos forçados, especialidade muito lucrativa. Em seguida, Jean Valjean, como todos os tristes fugitivos que tratam de não deixar rastro à vigilância da lei e da fatalidade social, seguiu um itinerário obscuro e tortuoso. Achou o primeiro asilo em Pradeaux, próximo de Beausset. Depois, dirigiu-se para o Grand-Villard, perto de Briançon, nos Altos Alpes. Fuga cuidadosa e cheia de inquietações, caminho de toupeira, cujas ramificações são desconhecidas. Mais tarde, acharam-se vestígios de sua passagem por Ain, no território de Civrieux, nos Pirineus, em Accons, em um lugar chamado Grange-de-Doumecq, próximo à aldeia de Chavailles e nas vizinhanças de Périgueux, em Brunies, cantão da Chapelle-Gonaguet. Finalmente chegou a Paris. Ultimamente o tínhamos visto em Montfermeil.

Seu primeiro cuidado, chegando a Paris, fora comprar um vestidinho de luto para uma menina de sete ou oito anos e, em seguida, procurar domicílio. Feito isso, dirigiu-se a Montfermeil.

Não podemos esquecer que, durante a fuga anterior, havia feito uma viagem misteriosa por ali, ou pelos arredores de Montfermeil, de acordo com alguns esclarecimentos da justiça.

Além do mais, julgavam-no morto, o que ajudava a aumentar extraordinariamente as sombras de mistério que o rodeavam. Em Paris, chegou-lhe às mãos um dos jornais que registravam o fato. Sentiu-se tranquilo e quase em tanta paz como se estivesse realmente morto.

No fim do mesmo dia em que Jean Valjean arrancara Cosette das garras de Thénardier, voltou para Paris, onde entrou ao anoitecer, pela barreira de Monceaux. A noite estava caindo quando ele chegou com a menina à barreira de Monceaux. Ali subiu para um cabriolé que o conduziu à esplanada do Observatório. Apeou-se, pagou ao cocheiro, tomou Cosette pela mão e, ambos, já em meio à noite escura e por ruas desertas das vizinhanças de Lourcine e Glacière, se dirigiram para o Boulevard de l'Hôpital.

O dia fora extraordinário e cheio de emoções para Cosette; tinham comido pão e queijo que compraram em tabernas isoladas, escondidos atrás das sebes; tinham por muitas vezes mudado de carruagem e percorrido parte do caminho a pé. Cosette não se queixava, mas estava cansada, o que Jean Valjean notava, sentindo que cada vez lhe puxava mais pela mão. Acabou pegando a menina no colo; Cosette, sem largar Catherine, descansou a cabeça no ombro de Jean Valjean e adormeceu.

LIVRO QUARTO

O CORTIÇO GORBEAU

I

Mestre Gorbeau

Há quarenta anos, o viajante solitário que se aventurasse nos lugares retirados da Salpêtrière, e que subisse pelo boulevard até a fronteira com a Itália, chegava a lugares nos quais se poderia dizer que Paris desaparecia. Não era uma solidão total, pois ainda havia gente passando; também não era um campo, pois ainda havia casas e ruas; não era uma cidade, pois as ruas tinham barrancos como se fossem estradas, onde crescia bastante relva; não era uma aldeia, pois as casas eram altas. O que era, então? Era um lugar habitado onde não havia ninguém; um lugar deserto onde havia gente; era uma alameda da grande cidade, uma rua de Paris, mais medonha à noite do que uma floresta, mais triste de dia do que um cemitério.

Era o velho bairro do Marché-aux-Chevaux.

Se o passante, indo além dos quatro muros velhos do Marché-aux-Chevaux, acaso se encorajasse a ultrapassar a rua Petit-Banquier, depois de ter deixado, à direita, um quintal fechado por altos muros, e depois um cerrado onde se erguiam montes de cascas de carvalho para curtume, que se assemelhavam a grutas de castores gigantes, em seguida outro cerrado atulhado de madeira de construção, com vários tocos, serragens e aparas sobre os quais ladrava um cão feroz; depois, ainda, um muro baixo todo destruído, com uma porta pequena e preta coberta de musgo que reverdecia na primavera; e além disso, no ponto mais deserto, um hediondo e decrépito casarão, na frente do qual se lia em grandes letras É PROIBIDO AFIXAR QUALQUER PAPEL, o viajante, então, chegava à esquina da rua Vignes-Saint-Marcel, lugar pouco conhecido. Ali, perto de uma ferraria e entre dois muros de quintais, via-se naquele tempo um cortiço, que à primeira vista parecia pequeno como uma cabana, mas na realidade era grande como uma catedral. Somente a parte lateral dava para a rua, e daí provinha sua exiguidade aparente. Quase toda a casa ficava escondida; só era possível ver uma porta e uma janela.

Esse cortiço não tinha mais do que um andar.

A porta não era mais do que a reunião de algumas tábuas carunchosas, ligadas por travessas semelhantes a achas, sem espécie alguma de esquadria; abria-se para uma escada íngreme, de degraus muito altos, cobertos de la-ma, de lixo e de terra, que da rua se via elevar como uma escada de mão e desaparecer na sombra entre duas paredes. O barrote tosco em que batia a porta era coberto com uma tábua de madeira muito fina, no centro da qual tinha aberta uma fresta triangular, ao mesmo tempo de trapeira e claraboia, quando a porta estava fechada. Em um dos umbrais da porta fora traçado com duas pinceladas o nº 52, e acima do postigo fizeram com o mesmo pincel o nº 50; de sorte que se hesitava. Onde se estava? A parte superior da porta dizia que no nº 50; o umbral replicava: não, no nº 52. No postigo triangular pendiam, como cortinas, não sei que farrapos cor de terra.

A janela era larga, suficientemente alta, guarnecida de caixilhos com grandes vidros e tabuinhas; os grandes vidros, porém, tinham várias partes quebradas, ao mesmo tempo disfarçados e denunciados por engenhosa aplicação de tiras de papel; e as venezianas, deslocadas e desconjuntadas, eram mais uma ameaça para quem passava do que um abrigo para os habitantes da casa. As tábuas que faltavam em um e outro ponto estavam toscamente substituídas por grossas ripas pregadas perpendicularmente, de modo que a proteção contra o sol começava por tabuinhas e acabava como uma abertura normal de janela.

Essa porta com aspecto tão imundo e essa janela quase funcional, embora aos pedaços, vistas assim na mesma casa, faziam o efeito de dois mendigos desemparelhados que caminhavam juntos, indo de um lado a outro, com duas fisionomias diferentes sob os mesmos trapos, um tendo sido sempre indigente, o outro tendo sido um cavalheiro.

A escada conduzia a uma parte do maior do edifício, que se assemelhava a um telheiro transformado em casa. Essa construção tinha como tubo intestinal um comprido corredor, para o qual se abria de ambos os lados qualquer coisa como cômodos de dimensões variadas, a rigor habitáveis, mas mais semelhantes a barracas do que celas. Esses quartos recebiam luz dos terrenos vizinhos. Tudo isso era escuro, triste, lívido, melancólico e sepulcral; atravessado, conforme as fendas se abriam, seja no teto ou na porta, por uma luz fria ou por um vento gelado. Uma particularidade interessante e pitoresca desse tipo de habitações é o tamanho enorme das aranhas.

À esquerda da porta de entrada, dando para o boulevard, à altura de um homem, havia uma pequena janela que tinha sido tapada, transformada em muro, como se fosse um nicho quadrado cheio de pedras jogadas pelas crianças que passavam.

Uma parte desse edifício foi recentemente demolida; mas pelo que hoje resta pode ainda julgar-se o que foi outrora. A construção, em seu conjunto, não tem mais de cem anos. Um século é a juventude de uma igreja e a velhice de uma casa. Parece que a casa do homem participa da brevidade de sua vida e a casa de Deus de sua eternidade.

Os carteiros denominavam a espelunca como nº 50-52, mas era conhecido no lugar pelo nome de cortiço Gorbeau.

Digamos de onde lhe vinha essa denominação.

Os colecionadores de pequenos fatos, que fazem verdadeiros herbários de anedotas e pregam com um alfinete em sua memória as datas fugazes, sabem que havia em Paris, por volta de 1770, dois procuradores do Châtelet, chamados Corbeau e Renard; dois nomes previstos por La Fontaine. A ocasião era tão propícia que era impossível não ser aproveitada pelas más línguas. A anedota espalhou-se imediatamente, em versos um tanto coxos, pelas galerias do Palácio:

Maître Corbeau, sur un dossier perché,
Tenait dans son bec une saisie exécutoire;
Maître Renard, par l'odeur alléché,
Lui fit à peu prés cette histoire:
Hé bonjour! Etc.[1]

Os dois honestos profissionais, perseguidos pelos apelidos e contrariados em seu ar garboso pelas gargalhadas que os acompanhavam, resolveram desembaraçar-se de seus nomes, e tomaram a resolução de se dirigir ao rei. O requerimento foi apresentado a Luís XV no mesmo dia em que o núncio do papa de um lado e o cardeal de Roche-Aymon do outro, ambos de joelhos, calçaram, na presença de Sua Majestade, cada um com uma chinelinha, os dois pés da sra. Du Barry, na ocasião em que se levantava da cama. O rei, que estava rindo, continuou a rir, passou alegremente dos dois prelados aos dois procuradores e concedeu-lhes seus nomes. Foi permitido pelo rei a mestre Corbeau juntar um pequeno traço à sua inicial e chamar-se Gorbeau; mestre Renard foi menos feliz; só pôde obter a permissão de pôr um P antes do R, podendo assim chamar-se Prenard, de modo que os segundos nomes ficaram tão comprometedores como os primeiros.

Ora, segundo a tradição local, mestre Gorbeau fora dono da casa nº 50-52 do Boulevard de l'Hôpital. Ele mesmo foi o criador daquela janela monumental.

Daí provinha à espelunca a denominação de cortiço Gorbeau.

Em frente ao nº 50-52 ergueu-se, entre as plantações do boulevard, um grande olmeiro quase todo seco; quase na frente é o início da rua da barreira dos Gobelins, rua então sem casas, descalçada, orlada de árvores maltratadas, verde ou lamacenta, conforme a estação, em ângulo reto ao muro que protege Paris. Um cheiro de rosáceas emana, aos poucos, do teto de uma fábrica vizinha.

A barreira estava bem perto. Em 1823 as muralhas de Paris ainda existiam.

Essa mesma barreira fazia nascer no espírito imagens funestas. Era o caminho do Bicêtre. Era por ali que, no tempo do império e da Restauração, entravam em Paris os condenados à morte nos dias de execução. Foi ali que em 1829 se cometeu o misterioso assassinato que ficou conhecido como "barreira de Fontainebleau", cujos autores a justiça ainda não conseguiu descobrir, problema que nunca teve solução, medonho enigma que nunca foi decifrado. Dando alguns passos, chegarão à fatal rua Croulebarbe, onde Ulbach apunhalou a pastora de cabras de Ivry, em meio ao estampido dos trovões, como num melodrama. Alguns passos ainda, e chegarão aos abomináveis olmeiros da barreira de Saint-Jacques, invenção dos filantropos para esconder o cadafalso, aquela mesquinha e vergonhosa praça da Grève, de uma sociedade de lojistas e burgueses, que recuou diante da pena de morte, não ousando aboli-la com grandeza nem sustentá-la com autoridade.

Há trinta e sete anos, pondo de parte essa praça Saint-Jacques, que parecia predestinada e foi sempre horrível, o ponto mais sombrio de todo o sombrio boulevard era o lugar, tão pouco atraente ainda hoje, onde se achava o cortiço 50-52.

As casas burguesas não começaram a ser construídas senão vinte e cinco anos mais tarde. O local era triste e melancólico. Pelas ideias fúnebres que nos tomavam, a sensação era de estar a Salpêtrière, cuja cúpula podia-se entrever, e Bicêtre, cuja barreira podia-se tocar, isto é, entre a loucura da mulher e a loucura do homem. No ponto mais distante que a vista conseguia chegar, a única coisa que se podia ver eram os matadouros, a muralha e algumas raras fachadas de fábricas, parecidas com as das casernas ou dos mosteiros; por toda parte, barracas e entulhos, velhos muros negros como mortalhas ou novos e brancos como sudários; por toda parte, fileiras de árvores paralelas, casas alinhadas, construções ordinárias, longas linhas frias e a tristeza lúgubre dos ângulos retos. Nenhum terreno acidentado, nenhum capricho arquitetônico, nenhuma dobra. O conjunto era glacial, regular, horrível. Nada aperta mais o coração do que a simetria. É que a simetria é o tédio e o tédio é a base do luto. O desespero boceja. É possível vislumbrar alguma coisa mais terrível que um inferno onde se sofre? Só um inferno onde o condenado se entedie. Se esse inferno existe, esse trecho do Boulevard de l'Hôpital poderia ser a grande avenida.

Além do mais, ao anoitecer, no momento em que desaparece a claridade, sobretudo no inverno, à hora em que a brisa crepuscular arranca aos olmeiros as suas últimas folhas avermelhadas, quando a lua e o vento fazem rasgões nas nuvens, o boulevard tornava-se medonho. As linhas negras penetravam e se perdiam nas trevas como fragmentos do infinito. O transeunte não podia subtrair-se aos pensamentos suscitados pelas inumeráveis tradições patibulares do lugar. Era horrível a solidão naquele lugar onde se tinham cometido tantos crimes. Pressentiam-se armadilhas em meio à escuridão, todas as formas confusas das sombras pareciam suspeitas; e os grandes vazios quadrados que se distinguiam entre as árvores pareciam sepulturas. Pela manhã era feio; à tarde, lúgubre; e à noite, sinistro.

No verão, ao crepúsculo, viam-se aqui e ali algumas senhoras idosas sentadas sob os olmeiros, em bancos molhados pelas chuvas. Essas boas senhoras mendigavam voluntariamente.

E quanto ao mais, esse bairro, que tinha um ar muito mais descuidado do que antigo, começava já a se transformar. Naquela época devia apressar-se quem quisesse vê-lo. A cada dia desaparecia algum pormenor. Hoje, depois de vinte anos, a estação da estrada de ferro de Orléans está localizada bem ao lado do velho bairro e o atrapalha. Em todo lugar onde se instale, nas vizinhanças de uma capital, uma estação de estrada de ferro é o fim de um bairro e o começo de uma cidade. Parece que, ao redor desses grandes centros movimentados e populosos, sob o giro das poderosas máquinas, sob o peso das rodas desses monstruosos cavalos da civilização, que se alimentam de carvão e vomitam fogo, a terra cheia de germes treme e se abre para engolir as velhas casas dos homens e possibilitar o surgimento de novas. Velhas casas afundam, casas novas são erguidas.

Desde que a estação da estrada de ferro de Orléans invadiu os terrenos da Salpêtrière, as antigas ruas estreitas que avizinham Saint-Victor e o Jardin des Plantes estremecem, violentamente atravessadas três ou quatro vezes por dia, por essas correntes de diligências, fiacres e ônibus que, em dados momentos, deslocam as casas para a direita ou para a esquerda; porque há coisas bizarras para anunciar que são rigorosamente exatas, e mesmo porque é verdade dizer que nas grandes cidades o sol faz a vegetação nascer e crescer nas fachadas das casas ao meio-dia, é verdade também porque a passagem constante de veículos alarga as ruas. Os sintomas de uma vida nova são evidentes. Nesse velho bairro provincial, nos recônditos mais selvagens, a pavimentação chega, as calçadas começam a ser feitas e estendidas, mesmo onde ainda não passa ninguém. Numa manhã memorável, em junho de 1845, viram-se ali grandes caldeiras de piche fervente; pode-se dizer que

foi o dia em que a civilização chegou à rua de l'Ourine e que Paris entrou no subúrbio Saint-Marceau.

II

Ninho para o Mocho e a Cotovia

Foi em frente ao cortiço Gorbeau que Jean Valjean parou. Como as aves silvestres, ele tinha escolhido esse lugar deserto para fazer seu ninho.

Meteu a mão no bolso do colete e tirou uma espécie de chave mestra, abriu a porta, entrou, tornou a fechá-la cuidadosamente e subiu a escada, levando sempre Cosette ao colo.

Chegando ao topo da escada, tirou do bolso uma segunda chave com a qual abriu outra porta. O quarto em que ele entrou, e cuja porta imediatamente fechou, era uma espécie de sótão bastante espaçoso, mobiliado com um colchão estendido, uma mesa e algumas cadeiras. Num canto havia uma lareira em que se via o fogo aceso. O lampião do boulevard iluminava vagamente o pobre interior da casa. Ao fundo havia um gabinete com uma cama, na qual Jean Valjean deitou a criança, sem que ela acordasse.

Em seguida, acendeu uma vela; tudo isso já tinha sido deixado sobre a mesa; e, como fizera na véspera, pôs-se a contemplar Cosette com olhar de êxtase, de modo que a expressão de bondade e ternura chegava até a comover. A menina, com a tranquila confiança que só pertence à extrema força e à extrema fraqueza, adormecera sem saber com quem estava, e continuava a dormir sem saber onde.

Jean Valjean curvou-se e beijou a mão da criança.

Nove meses antes beijava a mão de sua mãe, que também adormecera.

Naquele momento tinha o coração cheio do mesmo sentimento doloroso, religioso e pungente.

Ajoelhou-se junto da cama de Cosette.

O dia já estava claro e a criança ainda dormia. Um frouxo raio de sol de dezembro penetrava pela janela do casebre e projetava no teto uns extensos fios de

sombras e de luz. De repente, uma carroça pesadamente carregada, passando pela rua, fez estremecer o imóvel de alto a baixo, como se fosse um tremor de terra.

— Já vou, senhora, já vou! — gritou Cosette, acordando sobressaltada.

E saltou da cama, com os olhos ainda meio fechados pela força do sono, estendendo os braços para o ângulo da parede.

— Meu Deus! Onde está a vassoura?

Abriu então de todo os olhos e viu o rosto risonho de Jean Valjean.

— Ah! É verdade! — disse a criança. — Bom dia, senhor.

As crianças aceitam facilmente a familiaridade e a felicidade, já que são a própria felicidade e alegria.

Cosette viu Catherine ao pé da cama, agarrou-se a ela e, mesmo brincando, fazia a Jean Valjean uma série de perguntas. Perguntou-lhe onde estava; se Paris era muito grande; se a sra. Thénardier estava muito longe; se ela não voltaria etc. etc. De repente, exclamou: "Como é bonito aqui!"

Era uma pocilga horrível; mas a pobre criança sentia-se livre.

— É preciso que eu varra por aqui? — perguntou ela.

— Vai brincar — respondeu Jean Valjean.

Assim, passou-se o dia. Cosette, sem tentar compreender coisa alguma, sentia-se inexplicavelmente feliz, entre a boneca e aquele bom senhor.

III

A aliança de duas desgraças produz felicidade

No dia seguinte, quando amanheceu, Jean Valjean ainda estava junto da cama de Cosette, esperando imóvel que ela acordasse.

Penetrava-lhe na alma algo de novo.

Jean Valjean nunca tinha amado. Havia vinte e cinco anos que estava só no mundo. Nunca foi pai, amante, marido ou amigo. Nas galés era mau, sombrio, casto, ignorante e selvagem. O coração do velho forçado estava cheio de virgindades. Sua irmã e os sobrinhos não lhe tinham deixado senão uma recordação vaga e

longínqua, que acabara por se desfazer quase completamente. Empregara todos os esforços para os encontrar; não o tendo conseguido, esquecera-os.

Quando viu Cosette, quando se apoderou dela, quando a libertou e levou consigo, sentiu um grande abalo interior. Tudo o que nele havia de apaixonado e afetuoso se voltou para aquela criança. Aproximava-se da cama em que ela dormia e estremecia de alegria; experimentava emoções quase maternais. É uma coisa muito obscura e suave o grande movimento que se opera em um coração que começa a amar.

Pobre velho de coração tão novo!

Como, porém, ele estava com cinquenta e cinco anos, e Cosette não tinha mais de oito, todo o amor que poderia ter sentido em toda a sua vida se fundiu numa espécie de inefável clarão.

Era a segunda aparição de pureza que descobria. O bispo fizera despontar em seu horizonte a virtude; Cosette, a aurora do amor.

Os primeiros dias passaram-se nesse deslumbramento.

Cosette, por sua vez, sem que pudesse perceber, tornava-se outra, pobrezinha! Era tão pequenina quando sua mãe a deixou que não guardava dela a mínima recordação. Como todas as crianças, assim como os novos rebentos das vinhas que se prendem a tudo, ela havia tentado gostar de alguém. Mas não conseguiu. Todos a tinham repelido: os Thénardier, seus filhos, além das outras crianças. Tinha gostado de um cachorro, mas depois que ele morrera nenhuma coisa ou pessoa se ocupara mais dela. Coisa pesada de dizer, e que já mostramos, aos oito anos ela tinha um coração frio. Isso não era por causa dela, e também não quer dizer que lhe faltava a faculdade de gostar de alguém; infelizmente, era uma coisa impossível. Assim, desde o primeiro dia, tudo o que se passava em seu sentimento e pensamento a levava a gostar daquele bom senhor. Ela experimentou algo que jamais havia sentido, uma sensação de desabrochar.

O bom senhor não lhe parecia nem pobre nem velho. Achava Jean Valjean belo, do mesmo modo que achava bonita aquela pocilga.

Esses são os efeitos da aurora, da infância, da juventude, da alegria. A virgindade da terra e da vida são intrínsecas a tudo. Nada encanta mais que o reflexo colorido da felicidade em um celeiro. Todos nós temos em nosso passado um porão azul.

A natureza, com cinquenta anos de intervalo, tinha estabelecido uma profunda separação entre Jean Valjean e Cosette; essa separação foi preenchida pelo destino, que acabou por unir de repente, ligando com seu poder irresistível, aquelas duas existências perdidas, diferentes na idade, mas parecidas no luto. De fato, uma completava a outra. O instinto de Cosette procurava um pai como o de Jean

Valjean procurava um filho. Encontrarem-se foi o mesmo que se descobrirem. No momento misterioso em que suas mãos se tocaram, elas se amalgamaram. Quando as suas duas almas se avistaram, reconheceram-se como sendo a necessidade uma da outra e abraçaram-se estreitamente.

Tomando as palavras no sentido mais claro e absoluto, poder-se-ia dizer que, separados de tudo pelas paredes de um túmulo, Jean Valjean era viúvo, assim como Cosette era órfã. Essa situação fez com que Jean Valjean se tornasse, de um modo celeste, pai de Cosette.

E, na verdade, a impressão misteriosa produzida em Cosette, no bosque de Chelles, pela mão de Jean Valjean pegando a sua, no meio da escuridão, não era ilusão, mas realidade. A entrada desse homem no destino daquela criança fora como a chegada de Deus.

Além do mais, Jean Valjean escolhera otimamente seu esconderijo. Achava-se ali numa segurança que poderia quase ser completa.

O quarto que ele ocupava com Cosette tinha uma janela que dava para o boulevard. Nessa janela, como era a única do cortiço, não havia motivo para recear os olhos dos vizinhos, tanto pelo lado como pela frente.

O térreo do nº 50-52, uma espécie de alpendre degradado, servia de abrigo a alguns horticultores e não tinha a mínima comunicação com o andar de cima. Estava separada dele apenas pelo revestimento do pavimento, no qual não havia nem alçapão nem escada e era como um diafragma da casa. O primeiro andar, como dissemos, continha muitos quartos e alguns sótãos, dos quais só um era ocupado por uma velha que fazia a limpeza do quarto de Jean Valjean. O resto estava desabitado.

Fora essa senhora, conhecida como *principal inquilina*, e com efeito encarregada das funções de porteira, quem lhe alugara o quarto no dia de Natal. Jean Valjean apresentara-se como uma arruinada vítima das cartas de crédito espanholas, que ali ia morar com sua neta. Pagara seis meses adiantados e encarregara a velha de mobiliar o quarto e o gabinete, como já vimos. Fora ela quem acendera o fogo e preparara tudo na noite da sua chegada.

As semanas passaram. Os dois levavam naquele casebre miserável uma existência feliz.

Cosette ria, falava e cantava desde que amanhecia. As crianças, como as aves, têm seu canto matutino.

Acontecia, algumas vezes, que Jean Valjean lhe pegava a mão roxa e gretada pelo frio e a beijava. A pobre criança, acostumada a apanhar apenas, não sabia o que aquilo queria dizer, então se afastava muito envergonhada.

Em alguns momentos ficava séria contemplando seu vestidinho preto. Cosette deixara de estar coberta de farrapos para estar coberta de luto. Saía da miséria e entrava na vida.

Jean Valjean começava a ensiná-la a ler. Algumas vezes, ouvindo a criança soletrar, lembrava-se de que fora com a ideia de fazer mal que aprendera a ler nas galés. Essa ideia agora era usada para ensinar uma criança a ler. Então o velho forçado sorria com o sorriso pensativo dos anjos. Sentia nisso uma premeditação divina, a vontade de alguém que é mais que humano, e perdia-se nessas imaginações. Os bons pensamentos têm seus abismos, da mesma forma que os maus.

Ensinar Cosette a ler, e vê-la brincando, era no que se resumia, mais ou menos, a vida de Jean Valjean. E depois falava-lhe em sua mãe e a fazia rezar.

Ela o chamava de *pai*, e não lhe conhecia outro nome.

Ele passava horas inteiras vendo-a vestir e despir a boneca, e ouvindo-a tagarelar. A vida parecia-lhe então cheia de interesse, os homens pareciam-lhe bons e justos, não reprovava, em seus pensamentos, mais ninguém, não descobria a menor razão de não chegar à extrema velhice agora que era amado por aquela criança. Via diante de si um futuro todo iluminado para Cosette, como por uma luz encantadora. Os melhores também não estão isentos de um pensamento egoísta. Em alguns momentos, ele pensava, com um quê de alegria, que ela ficaria feia quando crescesse. Isso é só uma opinião pessoal, mas, para dizer completamente o que pensamos, no ponto em que se encontrava Jean Valjean quando começou a gostar de Cosette, nada nos prova que ele não precisasse de uma atitude como essa para perseverar no bem. Ele acabava de ver sob novos aspectos a maldade dos homens e a miséria da sociedade, aspectos incompletos e que fatalmente só mostravam um lado da verdade, o destino da mulher resumido em Fantine, a autoridade pública personificada em Javert; tinha retornado às galés, dessa vez, por ter feito a coisa certa; novos sofrimentos o atormentavam; o desgosto e o cansaço o dominaram; a própria lembrança do bispo parecia, às vezes, quase se eclipsar, para então reaparecer mais luminosa e triunfante; mas, por fim, essa lembrança sagrada se dissipava. Quem sabe se Jean Valjean não estava na véspera de se desanimar e de recair no mal? Amou e tornou-se forte. Ah! E não se achava menos fraco do que Cosette; mas protegia-a e animava-a. Graças a ele, a criança ganhou uma vida; graças a ela, Jean Valjean pôde continuar a ser virtuoso. Jean Valjean foi o sustentáculo da criança e esta foi seu ponto de apoio. Mistério insondável e divino dos equilíbrios do destino!

IV

No que repara a principal inquilina

Jean Valjean tinha a prudência de não sair nunca de dia. Todas as tardes, ao início do anoitecer, ia passear por uma ou duas horas, algumas vezes com Cosette, procurando os pontos mais solitários dos boulevards, e entrando nas igrejas depois de anoitecer. Preferia ir à de Saint-Médard, que era a igreja mais próxima. Quando não levava Cosette, a menina ficava com a porteira; mas para a criança era um prazer sair com ele. Preferia estar uma hora com Jean Valjean ao seu encantador e interminável entretenimento com Catherine. Jean Valjean caminhava dando-lhe a mão e dizendo-lhe continuamente coisas agradáveis.

Cosette era muito alegre.

A velha arrumava a casa, fazia o trabalho da cozinha e dava broncas.

Viviam sobriamente, tendo sempre um pouco do lume no fogão, mas como gente de poucos recursos. Jean Valjean não alterara coisa alguma na mobília do primeiro dia. Somente mandara substituir a porta envidraçada do quarto de Cosette por uma porta maciça.

Continuava a usar a sobrecasaca amarela, o calção preto e o chapéu velho. Acontecia, muitas vezes, de uma ou outra senhora voltar-se e lhe dar uma esmola. Jean Valjean recebia o trocado e fazia um respeitoso cumprimento. Acontecia também de ele encontrar algum desgraçado pedindo esmola; então olhava em torno de si para ver se era observado por alguém, aproximava-se furtivamente do infeliz, metia-lhe na mão algum dinheiro, muitas vezes uma moeda de prata, e afastava-se com a maior rapidez. Esse procedimento tinha seus inconvenientes. Começaram a denominá-lo no lugar de *mendigo que dava esmolas*.

A senhora porteira, *principal inquilina*, criatura rabugenta e saturada em relação ao próximo, da atenção própria dos invejosos, examinava muito Jean Valjean sem que ele desse por isso. Era meio surda, e por isso faladora. Restavam-lhe do passado apenas dois dentes, um em cima e outro embaixo, e que batiam continuamente um no outro. Tinha feito várias perguntas a Cosette, a qual, não sabendo coisa alguma, não podia dizer senão que viera de Montfermeil. Numa manhã essa vigia descobriu, de um dos quartos desabitados do cortiço, que Jean Valjean entrara em casa com um modo que lhe parecera muito estranho. Seguiu-o com o passo de uma gata velha e pôde espreitá-lo, sem ser vista, por uma fenda da porta, que estava toda empenada.

Jean Valjean, certamente por precaução, estava com as costas voltadas para a porta. A velha viu-o meter a mão no bolso e pegar uma espécie de estojo, do qual tirou agulha, tesoura e linha, e em seguida começar a descoser o forro de uma aba da sobrecasaca e tirar pela abertura um papel amarelado que desdobrou. A velha reconheceu com espanto que era uma nota de mil francos. Era a segunda ou a terceira que via em toda a vida. Ela fugiu, completamente assustada.

Um momento depois, Jean Valjean pediu-lhe que fosse trocar a nota de mil francos, acrescentando que era o semestre do seu rendimento que recebera na véspera. "Onde?", pensou a velha. "Ele só saiu às seis horas da tarde, e a essa hora não estava decerto aberto o Tesouro." A mulher foi trocar a nota, fazendo sempre várias conjecturas. Essa nota de mil francos, comentada e multiplicada, produziu uma série de conversações entre as comadres da rua da Vignes-de-Saint-Marcel.

Num dos dias seguintes, aconteceu que Jean Valjean estava no corredor, em mangas de camisa, serrando uma porção de lenha. A velha andara arrumando o quarto. Estava só; Cosette entretinha-se em admirar o modo como Jean Valjean serrava a lenha; a velha viu a sobrecasaca pendurada num prego na parede e começou a revistá-la. O forro tinha sido novamente costurado; apalpou-a atentamente e julgou sentir nas abas e nas costas certo volume de papéis. Eram, decerto, outras notas de mil francos!

Notou, além disso, que tinha nas algibeiras uma multidão de objetos. Ali estavam não só as agulhas, a tesoura e a linha que já tinha visto, mas também uma grande carteira, volumosa, uma grande navalha e, coisa suspeita, diferentes perucas de várias cores. Cada bolso da sobrecasaca parecia preparado para servir num acontecimento imprevisto.

Os habitantes do cortiço chegaram, desse modo, aos últimos dias do inverno.

V

Como uma moeda de cinco francos faz barulho quando cai no chão

Havia perto de Saint-Médard um mendigo que costumava sentar-se na beira de um poço público, que estava seco, e ao qual Jean Valjean dava muitas vezes esmolas. Não passava nunca junto dele sem que lhe desse algum trocado. Os que invejavam esse mendigo diziam que ele *era da polícia.* Era um velho bedel de setenta e cinco anos que rezava constantemente.

Numa noite em que Jean Valjean passou junto ao poço, sem Cosette, viu o mendigo em seu lugar de sempre, debaixo do lampião que tinham acabado de acender. O homem, segundo seu costume, parecia orar, e estava todo curvado. Jean Valjean foi direto a ele e meteu-lhe na mão a costumada esmola. O mendigo ergueu subitamente os olhos, fitou-os em Jean Valjean e baixou-os imediatamente. Esse movimento rápido como um relâmpago produziu um estremecimento em Jean Valjean. Pareceu-lhe que acabava de ver, à luz do lampião, não o rosto plácido e beato do velho bedel, mas uma fisionomia assustadora e conhecida. Teve a mesma impressão que teria caso desse de cara, à noite, com um tigre. Recuou cheio de terror e petrificado, não ousando respirar, nem falar, nem ficar, nem fugir, considerando o mendigo, o qual baixara a cabeça coberta com um farrapo e parecia não dar pela sua presença. Nesse momento estranho, um instante, talvez o instinto misterioso da conservação tenha feito com que Jean Valjean não pronunciasse uma só palavra. O mendigo tinha a mesma estatura, os mesmos andrajos, a mesma aparência que nos outros dias. "Ora", disse Jean Valjean, "estou doido ou estou sonhando! É impossível!". E voltou para casa profundamente perturbado.

Apenas ousava confessar a si mesmo que a fisionomia que pensava ter visto era a de Javert.

Durante a noite, refletindo, arrependeu-se de não ter feito alguma pergunta ao mendigo para obrigá-lo a levantar a cabeça uma segunda vez.

No dia seguinte, ao cair da tarde, voltou ao poço. O mendigo estava no seu lugar.

— Muito boa tarde — disse-lhe modestamente Jean Valjean, e deu-lhe a esmola.

O mendigo levantou a cabeça e respondeu com voz comovida:

— Obrigado, meu bom senhor.

Era o velho bedel.

Jean Valjean sentiu-se completamente tranquilo. "Onde demônio fui eu ver Javert?", perguntou ele a si mesmo. "Virei agora um visionário?" E não pensou mais em nada disso.

Alguns dias depois, seriam oito horas da noite, estava ele em seu quarto fazendo Cosette soletrar em voz alta, então ouviu abrir e tornar a fechar a porta do cortiço. Isso pareceu-lhe o indício de algo estranho. A velha, única pessoa que morava também na casa, deitava-se sempre ao anoitecer para não gastar vela. Jean Valjean fez sinal a Cosette para que se calasse. Em seguida, ouviu que alguém subia a escada. Podia até ser a velha que, sentindo-se doente, tivesse ido à farmácia. Jean Valjean apurou o ouvido. Os passos eram pesados e pareciam ser de homem; mas a velha usava sapatos grossos, e coisa alguma se assemelhava aos passos de um homem como os de uma velha. De qualquer forma, Jean Valjean apagou a vela.

Já tinha mandado Cosette se deitar, dizendo-lhe muito devagar:

— Deite-se sem fazer barulho.

E enquanto ele a beijava na fronte, os passos pararam. Jean Valjean permaneceu silencioso e imóvel, com as costas voltadas para a porta, sentado na cadeira, de que não se movera, e contendo a respiração no meio das trevas. Passado certo tempo, não ouvindo mais coisa alguma, voltou-se sem fazer barulho e olhou pelo buraco da fechadura. Essa luz produzia uma espécie de estrela sinistra na escuridão da porta e da parede. Era evidente que alguém estava ali escutando, com uma vela na mão.

Passados alguns instantes, a luz desapareceu, mas não se ouviu ruído algum, o que parecia indicar que a pessoa que estivera escutando descalçara os sapatos.

Jean Valjean deitou-se, vestido mesmo, na cama, mas não conseguiu fechar os olhos durante toda a noite.

Ao amanhecer, quando dormitava vencido pelo cansaço, foi acordado pelo ranger de uma porta que se abria em algum dos quartos do corredor; e em seguida ouviu os mesmos passos que na véspera tinham subido a escada. Os passos aproximaram-se. Jean Valjean saltou da cama e foi espreitar pelo buraco da fechadura, que era bastante grande, esperando ver passar a criatura qualquer que de noite se introduzira no cortiço e escutara à sua porta. Diante do quarto de Jean Valjean passou, com efeito, um homem, mas dessa vez sem parar. O corredor estava ainda muito escuro para que se lhe pudesse distinguir o rosto; mas quando o homem chegou à escada, um raio de luz exterior iluminou-o de repente, então Jean Valjean pôde vê-lo completamente pelas costas. Tinha elevada estatura, uma sobrecasaca muito comprida e um pedaço de madeira debaixo do braço. Era o temível Javert.

Jean Valjean poderia ter tentado vê-lo melhor pela janela que dava para a alameda, mas seria necessário abri-la; portanto, não ousou fazê-lo.

Era evidente que aquele homem tinha uma chave com que entrava ali como se fosse a casa dele. Quem lhe teria dado? O que significava tudo aquilo?

Às sete horas da manhã, quando a velha foi fazer o trabalho da casa, Jean Valjean lançou-lhe olhares penetrantes, mas não lhe fez qualquer pergunta; a mulher apresentou-se como de costume.

Enquanto varria, ela lhe disse:

— O senhor ouviu, essa noite, passos na escada.

Naquele tempo e naquele boulevard, às oito horas da noite era já alta noite.

— É verdade! — disse ele no tom mais natural possível. — Quem era?

— É um inquilino novo — respondeu a velha.

— Como se chama?

— Não sei muito bem. Chama-se… sr. Dumont ou sr. Daumont… um nome assim.

— E o que esse tal sr. Dumont faz?

A velha encarou-o com seus pequenos olhos de fuinha e respondeu:

— Tem também rendimento de cartas do governo, como o senhor.

A velha não dissera isso talvez com a mínima intenção; mas Jean Valjean julgou descobrir.

Depois de a velha sair, ele fez um rolo de uns cem francos que tinha num armário e meteu-o no bolso. Mas por mais precauções que tivesse, para que não o sentissem mexer em dinheiro, escapou-lhe das mãos uma moeda de cem soldos, que rolou pelo chão, fazendo barulho.

Depois de ter anoitecido inteiramente, desceu a escada e olhou com maior atenção para todos os pontos do boulevard. Não viu ninguém; o boulevard parecia deserto. É verdade que alguém podia estar escondido atrás das árvores.

Jean Valjean tornou a subir.

— Vamos — disse a Cosette.

Pegou-lhe na mão e saíram de casa.

Nota

1 Mestre Corbeau [corvo], sobre documentos empoleirado,/ Tinha em seu bico uma carta precatória;/ Mestre Renard [raposa], pelo cheiro convidado,/ Contou-lhe, mais ou menos, esta história:/ Hei, bom dia! Etc. (N.T.)

LIVRO QUINTO

PARA CAÇADA
TENEBROSA,
MATILHA SILENCIOSA

I

Zigue-zagues estratégicos

Torna-se necessária, neste ponto, uma explicação, não só para as páginas que se seguem, mas ainda para outras que mais adiante se encontrarão.

Há muitos anos que o autor deste livro, contra sua vontade obrigado a falar de si, está ausente de Paris. Depois que se ausentou, tem se transformado a antiga cidade, tem surgido uma cidade nova que até certo ponto lhe é desconhecida. A sua paixão por Paris não precisa ser comprovada; Paris é a cidade natal de seu espírito. Como resultado das demolições e reconstruções, a Paris de sua mocidade, a Paris que religiosamente conservou na memória, é hoje uma Paris de outro tempo. Permitam-lhe contudo falar dela como se ainda existisse. É possível que ao ponto a que o autor vai conduzir os leitores, dizendo-lhes "Na rua tal havia uma casa assim e assim", não haja hoje nem casa nem rua. Os leitores poderão conferir, se quiserem ter esse trabalho. Quanto ao autor, ele ignora a nova Paris e escreve com a Paris antiga diante dos olhos, em uma ilusão que lhe é muito preciosa. É para ele um consolo pensar que fica alguma coisa do que via quando estava em seu país, e que nem tudo se desvaneceu. Enquanto podemos ir e vir em nossa terra natal, parece-nos que suas ruas nos são indiferentes, que suas janelas, seus telhados e suas portas não têm qualquer importância, que suas paredes são estranhas, que suas árvores são as últimas a nascer, que suas casas, nas quais nunca entramos, são inúteis, que as ruas nas quais passamos são apenas pedras. Mais tarde, quando não estamos mais ali, percebemos então que aquelas ruas nos são caras, que aqueles telhados, janelas e portas nos fazem falta, que aquelas paredes nos são necessárias, que gostamos bastante daquelas árvores, que aquelas casas, onde nunca entramos, estavam todos os dias dentro de nós, e que deixamos entranhas, sangue e coração naquelas ruas. Todos esses lugares, que não vemos mais, que talvez nunca mais vejamos outra vez, e de que guardamos a imagem, ganham um encanto saudoso, retornam com a melancolia de uma aparição, fazem-nos enxergar a Terra Santa e são, por assim dizer, a própria imagem da França; gostamos desses lugares e os recordamos tais

como eram, de forma obstinada, sem querer mudar coisa alguma, porque passamos a considerar a imagem da pátria como um retrato de nossa mãe. Seja-nos, então, permitido falar no presente do passado. Dito isso, pedimos ao leitor que tome nota do que dissemos e continuamos.

Jean Valjean saíra imediatamente do boulevard e embrenhara-se por diferentes ruas, dando o maior número de voltas que podia e tornando muitas vezes ao mesmo lugar por onde já passara, para ter certeza de que não o seguiam.

Essa manobra é típica do cervo ao ser caçado. Nos terrenos onde as pegadas podem ficar marcadas, essa manobra tem, entre outras vantagens, a de enganar os caçadores e os cães por causa da confusão das pegadas. É o que em montaria é chamado de *falsa retirada*.

Isso se passava em uma noite de lua cheia. Jean Valjean não se sentiu muito contrariado por isso. A lua, muito perto ainda do horizonte, cortava as ruas em grandes panos de sombra e luz. Jean Valjean podia caminhar encostado às casas e aos muros, do lado da sombra, e observar o que se passava do lado iluminado, sem se dar conta talvez de que o lado da sombra lhe ia fugindo. Portanto, em todos os becos e travessas próximos da rua de Poliveau, julgou ter a certeza de que ninguém o seguia.

Cosette caminhava sem fazer perguntas. Os sofrimentos dos seis primeiros anos de sua vida tinham-lhe introduzido na organização certa passividade. Além disso, e esta é uma observação em que mais de uma vez teremos de insistir, estava habituada, sem mesmo que desse por isso, às singularidades de seu protetor e às extravagâncias de seu destino. Depois, estando com ele sentia-se segura.

Jean Valjean não sabia melhor do que Cosette aonde se dirigir; confiava em Deus como a criança confiava nele. Parecia-lhe também que ia pela mão de alguém superior a ele; julgava-se guiado por um ser invisível. Além do mais, não tinha nenhuma ideia exata, nenhum plano, nenhum projeto. Não tinha mesmo absoluta certeza de que tivesse visto Javert, nem que este, caso fosse ele mesmo, também o teria reconhecido. Não estava disfarçado? Não julgavam que estava morto? Entretanto, havia alguns dias em que tinham se passado coisas estranhas. Já era suficiente: resolvera não voltar ao cortiço Gorbeau.

Como um animal expulso do covil, procurava um buraco onde se esconder até encontrar outro em que se alojasse.

Jean Valjean desenhou vários labirintos no bairro Mouffetard, onde todos já dormiam, como se ainda valessem a regra da Idade Média e a lei do toque de recolher; ele combinou de diversos modos, em estratégias inteligentes, a rua Censier e a rua Copeau, a rua do Battoir-Saint-Victor e a rua Puits-l'Ermite. Havia por ali

pousadas, mas nem mesmo entrava nelas, porque não achava o que lhe convinha. Não duvidava de que se por acaso tinham procurado pistas dele, não a tivessem perdido.

Quando soavam as onze horas em Saint-Étienne-du-Mont, atravessara a rua Pontoise, em frente da delegacia de polícia, no nº 14. Alguns instantes depois, o instinto, de que há pouco falamos, fez com que olhasse para trás. Nesse momento, viu distintamente, graças ao lampião da delegacia que os atraiçoava, três homens que o seguiam muito de perto; passaram sucessivamente por baixo do lampião para o lado escuro da rua. Um deles entrou pela porta da delegacia. O que ia na frente pareceu-lhe decididamente suspeito.

— Anda depressa, filha — disse ele a Cosette.

E apressou-se em sair da rua Pontoise.

Fez um círculo, contornou a passagem dos Patriarcas, que estava fechada por causa da hora, atravessou as ruas Épée-de-Bois e Arbalète, então seguiu pela rua dos Postes.

Há ali uma encruzilhada onde é hoje o Colégio Rollin e onde vem desembocar a rua Neuve-Sainte-Geneviève.

(Não é necessário dizer que a rua Neuve-Sainte-Geneviève é uma rua antiga, e que pode demorar dez anos para que passe uma mala-posta na rua dos Postes. Essa rua dos Postes era, no século XIII, habitada por oleiros, e seu verdadeiro nome era rua dos Pots.)

A lua derramava uma claridade viva nessa encruzilhada. Jean Valjean emboscou-se no vão de uma porta, calculando que, se os tais homens o seguiam ainda, não poderia deixar de vê-los bem quando atravessassem aquela claridade.

Com efeito, não tinham passado nem três minutos quando os homens apareceram. Mas agora eram quatro, todos altos, de casacos compridos, chapéus redondos e grossas bengalas na mão. Não se tornavam menos inquietantes pela elevada estatura e pelos punhos fortes do que pelo modo misterioso com que caminhavam pelas sombras. Pareciam quatro espectros disfarçados de burgueses.

Chegando à encruzilhada, agruparam-se, como se estivessem consultando uns aos outros. Mostraram-se indecisos. O que parecia conduzi-los voltou-se e estendeu com vivacidade a mão direita para o lado para onde Jean Valjean se dirigira: outro pareceu indicar obstinadamente a direção contrária. No momento em que o primeiro se voltara, o luar iluminara-lhe em cheio o rosto. Jean Valjean reconheceu perfeitamente Javert.

II

Como é uma felicidade passarem veículos pela ponte de Austerlitz

A incerteza cessou para Jean Valjean; mas felizmente continuava ainda para os homens misteriosos. Jean Valjean aproveitou-se da hesitação deles; tempo perdido para uns e ganho pelo outro. Jean Valjean saiu da porta em que se escondia e meteu-se pela rua dos Postes, na direção do Jardin des Plantes. Cosette começava a sentir-se cansada; Jean Valjean pegou-a no colo e continuou a caminhar. Não encontrou ninguém, e os candeeiros, por haver luar, não tinham sido acendidos.

Jean Valjean aumentou o passo.

Em poucos minutos, chegou à olaria Goblet, em cuja fachada o luar tornava perfeitamente legível sua velha inscrição:

De Goblet fils c'est ici la fabrique;
Venez choisir des cruches et des brocs,
Des pots à fleurs, des tuyaux, de la brique,
À tout venant le Cœur vend des Carreaux.[1]

Deixou atrás de si a rua da Clef, depois a fonte de Saint-Victor, caminhou ao longo do Jardin des Plantes e chegou ao cais. Ali, olhou para trás. O cais e as ruas estavam desertos. Não vendo ninguém atrás de si, tomou fôlego.

Chegou, por fim, à ponte de Austerlitz.

Naquela época ainda existia ali o pagamento de pedágio, portanto entrou na sala do encarregado de o cobrar e deu um soldo.

— São dois soldos — disse o inválido da ponte. — Leva consigo uma criança que pode andar, portanto há de pagar por ela também.

Jean Valjean pagou, mas sentiu-se contrariado de que sua passagem pela ponte desse lugar a uma observação. Toda espécie de fuga deve chamar o mínimo de atenção.

Ao mesmo tempo que ele, uma grande carroça atravessava o Sena para a margem direita. Essa coincidência foi-lhe muito útil; pôde atravessar toda a ponte ocultado

pela sombra da carroça.

Na metade da ponte, Cosette, sentindo os pés dormentes, desejou andar. Jean Valjean colocou-a no chão e pegou-a pela na mão.

Passada a ponte, avistou em sua frente, à direita, uns estaleiros; foi naquela direção. Para ali chegar, tinha de atravessar um largo espaço descoberto e bastante iluminado; não hesitou. Os que o perseguiam estavam evidentemente desnorteados; portanto, julgou-se livre do perigo. Procurado, sim; seguido, não.

Uma ruazinha, a Chemin-Vert-Saint-Antoine, passava por entre dois estaleiros murados. Essa rua era estreita, escura e parecia ter sido feita exclusivamente para ele. Antes de enveredar por ela olhou para trás.

Do ponto em que estava, era possível ver, em toda a sua largura, a ponte de Austerlitz.

Quatro vultos acabavam de aparecer na ponte.

Esses quatro vultos voltaram as costas ao Jardin des Plantes e dirigiam-se para a margem direita.

Os quatro vultos eram os quatro homens.

Jean Valjean sentiu o estremecimento do animal que se vê diante do caçador.

Restava-lhe uma esperança: a de que os homens não tivessem ainda entrado na ponte e não o tivessem visto no momento em que atravessara, levando Cosette pela mão, o grande largo iluminado.

Nesse caso, embrenhando-se na ruazinha que tinha diante de si, conseguindo chegar aos estaleiros, aos pântanos, às hortas, aos terrenos em que não havia construções, poderia escapar.

Pareceu-lhe, então, que poderia confiar que ficaria seguro se fosse pela silenciosa ruazinha e seguiu por ela.

III

Veja-se a planta de Paris em 1727

Depois de ter andado uns trezentos passos, chegou a um ponto em que a rua se bifurcava, dividindo-se em duas, uma para a esquerda, outra para a direita,

apresentando-se a Jean Valjean como os braços de um Y. Qual delas preferiria?

Sem titubear, tomou a direita.

Por quê?

Porque o ramo esquerdo se dirigia para o subúrbio, isto é, para lugares habitados; o direito, para o campo, para lugares desertos.

Contudo, já não caminhava tão rapidamente. O andar de Cosette deixava a marcha de seu condutor mais lenta.

Tornou a pegá-la no colo. Cosette apoiava a cabeça no ombro dele e não proferia uma só palavra.

Jean Valjean olhava de vez em quando para trás e tinha sempre o cuidado de caminhar pelo lado escuro da rua, que era muito estreita; nas duas ou três primeiras vezes que olhou para trás não viu coisa alguma, o silêncio era profundo; por isso, continuou caminhando um pouco mais sossegado. De repente, num dos momentos em que se voltou, julgou ver na parte da rua por onde acabava de passar, ao longe e no meio da escuridão, algo se movendo.

Jean Valjean já não andava, corria, esperando encontrar algum beco transversal por onde pudesse escapar e que lhe permitisse confundir os perseguidores mais uma vez.

Foi dar ao pé de um muro.

Esse muro, contudo, não impedia que se passasse além: margeava um beco transversal, no qual terminava a rua tomada por Jean Valjean.

Aqui lhe foi necessária uma segunda decisão: ir pela esquerda ou pela direita.

Olhou para a direita. O beco prolongava-se tortuoso por entre casas, que eram cocheiras ou celeiros, mas não tinha saída. A parede que o fechava via-se distintamente caiada.

Olhou para a esquerda. Desse lado, o beco era aberto e, ao cabo de uns duzentos passos, desembocava em uma rua. Era desse lado que estava a salvação.

No momento em que Jean Valjean decidiu tomar a esquerda, a fim de alcançar a rua que entrevia no extremo do beco, avistou na esquina uma espécie de estátua negra que parecia esperar por alguém, imóvel.

Era uma pessoa; evidentemente, um homem que fora postado ali, para impedir-lhe a passagem.

Jean Valjean recuou.

O ponto de Paris em que Jean Valjean se achava, situado entre o subúrbio de Saint-Antoine e a Râpée, é um dos que têm sido completamente transformados pelos trabalhos recentes; desfigurado, para alguns, e transfigurado, para outros. A agricultura, os estaleiros e as velhas construções foram destruídos. Hoje existem ruas

amplas completamente novas, arenas, circos, hipódromos, estações de estrada de ferro e uma prisão, Mazas; coisas que o progresso altera, como se pode ver, com seu corretivo.

Há meio século, na língua usual da população, toda feita de tradições, que se obstina em chamar o Instituto de Quatre-Nations e a ópera-cômica de Feydeau, o lugar preciso onde estava Jean Valjean chamava-se Petit-Picpus. A porta Saint-Jacques, a porta Paris, a barreira dos Sargentos, Porcherons, Galiote, Célestins, Capucins, Mail, Bourbe, Arbre-de-Cracovie, Petite-Pologne, Petit-Picpus, todos esses são os nomes da antiga Paris submergindo no novo nome. A memória do povo flutua sobre esses naufrágios do passado.

O Petit-Picpus, que, além do mais, só chegou a existir sem jamais ter deixado de ser um esboço de bairro, tinha quase o aspecto monacal de uma cidade espanhola. Poucas ruas eram pavimentadas e poucas pessoas passavam por elas. Excetuando as duas ou três ruas de que acabamos de falar, não havia senão muros e solidão. Não havia uma loja, uma carruagem; somente, aqui e ali, uma vela iluminando janelas; todas as luzes se apagavam depois das dez horas da noite. Quintais, conventos, estaleiros e charcos, raríssimas casas baixas e muros da altura das casas.

Assim era esse bairro no último século. A revolução já o havia alterado bastante. A edilidade republicana tinha demolido, modificado, destruído. Depósitos de entulho eram o que o constituía agora. Havia trinta anos que o bairro tinha desaparecido sob a rudeza das novas construções. O Petit-Picpus, do qual nenhum mapa de hoje guarda qualquer traço, está muito bem indicado na planta de 1727, publicada em Paris, por Denis Thierry, rua Saint-Jacques, em frente à rua Plâtre, e em Lyon, por Jean Girin, rua Mercière, na Prudence. O Petit-Picpus tinha o que chamamos há pouco de um Y formado pela rua Chemin-Vert-Saint-Antoine, que se dividia em duas, com o nome, à esquerda, de viela Picpus e, à direita, de rua Polonceau. Porém, os dois braços do Y ligavam-se na parte de cima por uma espécie de barra. Essa barra chamava-se rua Droit-Mur. Aí terminava a rua Polonceau; a viela Picpus ia além e subia em direção ao mercado Lenoir. Quem vinha do Sena chegava à extremidade da rua Polonceau e tinha, à esquerda, a rua Droit-Mur voltando repentinamente em ângulo reto, na frente do muro dessa rua, e à direita um prolongamento dela, truncado, e sem saída, chamado beco Genrot.

Era aí que estava Jean Valjean.

Como dissemos há pouco, avistando, como que uma sentinela, uma sombra na esquina da rua Droit-Mur com a viela Picpus, Jean Valjean recuou. Não havia a menor dúvida; aquele fantasma espreitava-o.

Que deveria fazer?

Para retornar já era tarde. O que pouco antes vira mover-se na sombra, atrás de si, com certeza era Javert e sua gente. Javert provavelmente já chegara ao início da rua em cuja extremidade se achava Jean Valjean. Ao que tudo indicava, Javert conhecia aquele pequeno dédalo e tomara precauções, mandando um dos seus homens guardar-lhe a saída. Essas conjecturas, tão próximas das evidências, como um punhado de poeira que esvoaça com um vento sutil, rodopiaram de repente no cérebro enfraquecido de Jean Valjean. Examinou o beco Genrot: não tinha saída; examinou a viela Picpus: tinha no extremo uma sentinela, cujo vulto escuro via ganhar destaque na calçada branca, iluminada pelo luar. Avançando, ia ao encontro daquele homem; recuando, caía nas mãos de Javert. Jean Valjean sentiu-se como que apanhado por uma rede que lentamente se ia apertando e olhou para o céu com uma expressão de desespero.

IV

Fuga cautelosa

Para que o leitor compreenda o que se segue é necessário que imagine com exatidão o beco Droit-Mur, e particularmente o ângulo que ficava à esquerda de quem entrava nele, saindo da rua Polonceau. O beco Droit-Mur era mais ou menos cercado, do lado direito, até a viela Picpus, por casas de aparência humilde; do esquerdo, por uma única construção, de linhas severas, composta de vários prédios que iam, gradualmente, de um a dois andares, à medida que se aproximavam da viela Picpus, de modo que esse edifício, muito alto do lado da viela Picpus, era extremamente baixo do lado da rua Polonceau. Ali, na esquina de que falamos, era tão baixo que tinha apenas um muro. Esse muro não ia até o fim da rua; tinha uma reentrância que se ocultava em seus dois ângulos a dois observadores que se colocassem um na rua Polonceau, outro na Droit-Mur.

Partindo dos dois ângulos, o muro prolongava-se para a rua Polonceau até uma casa, que tinha o nº 49, e para a rua Droit-Mur, até o edifício sombrio de que falamos, em cujo flanco terminava, formando assim outro ângulo reentrante. Esse

flanco do edifício tinha um aspecto sombrio; não se via nele senão uma janela, ou, para melhor dizer, dois postigos revestidos de uma folha de zinco e sempre fechados.

O estado do local que descrevemos aqui é de uma rigorosa exatidão e despertará, certamente, uma lembrança bastante precisa no espírito dos antigos habitantes do bairro.

A parte reentrante do muro era inteiramente preenchida por uma coisa que se assemelhava a uma porta colossal, mas miserável. Era um grande e uniforme aglomerado de tábuas perpendiculares, mais largas em cima do que embaixo, e presas por compridas cintas de ferro transversais. Ao lado, havia uma porta de dimensões comuns e cuja aparência não remontava a menos de cinquenta anos.

No iminente perigo em que se achava Jean Valjean, aquele sombrio edifício inabitado e solitário o tentava. Percorreu-o rapidamente com a vista e pensou que se conseguisse entrar nele estaria salvo. Teve, então, uma ideia e uma esperança.

Na parte do meio da fachada do edifício, havia em todas as janelas dos diversos andares uma espécie de funil de chumbo. As ramificações das calhas que partiam de um ponto central para todos aqueles recipientes das janelas desenhavam na fachada uma espécie de árvore. Aquelas ramificações de tubos, com seus cem cotovelos, imitavam as velhas videiras despojadas de ramos que se retorcem nas frentes das velhas fazendas.

Aquela estranha latada, cujos ramos eram de ferro e de chumbo, foi a primeira coisa que atraiu a atenção de Jean Valjean. Deixou Cosette sentada em uma pedra, recomendando-lhe silêncio, e correu ao lugar em que o condutor da água tocava a calçada. Talvez houvesse algum jeito de subir por ele para entrar no prédio. Mas a calha estava rota e mal presa à parede. Depois, todas as janelas eram guarnecidas de grossos varões de ferro, incluindo as que desembocavam no telhado. Além disso, o luar batia em cheio em toda a frente do prédio, e o homem que estava de sentinela no fim da rua teria visto Jean Valjean executando a escalada. E Cosette, o que faria dela? Como poderia fazê-la subir em um prédio de três andares?

Renunciou à ideia de trepar pela calha e caminhou ao longo do muro para tornar a entrar na rua Polonceau.

Quando chegou à parte reentrante do muro, onde deixara Cosette, notou que ali ninguém o poderia ver. Ali, podia escapar a todos os olhares. Além disso, era o ponto em que havia sombra, e finalmente duas portas. Talvez pudessem ser arrombadas. O muro que estava coberto de hera dava evidentemente para um quintal, onde poderia ao menos esconder-se, embora as árvores não estivessem revestidas de folhagem, e passar nele o resto da noite.

Entretanto, o tempo corria. Era urgente encontrar uma solução qualquer.

Chegou-se à porta de dimensões comuns, apalpou-a e reconheceu que estava tão inutilizada por dentro como por fora.

Aproximou-se em seguida da porta colossal com mais esperança. Estava espantosamente decrépita. Tornava-se menos sólida justamente por ser muito grande; as tábuas estavam podres, e as únicas três cintas de ferro que lhe restavam estavam sendo devoradas pela ferrugem. Mas parecia que era possível abrir passagem através dessa barreira arruinada.

Examinando-a com atenção, viu que não era uma porta. Não tinha gonzos, nem fechaduras, nem fenda no centro. As cintas de ferro abraçavam-se de um lado a outro. Pelas numerosas fendas das tábuas entreviam-se grandes pedras grosseiramente amontoadas. Viu-se obrigado a convir consigo mesmo, com a maior consternação, que aquela aparência de porta era apenas o tapume de madeira de uma construção qualquer a que estava encostado. Era fácil arrancar uma tábua, mas por detrás dela achava-se um muro.

V

O que seria impossível com iluminação a gás

Naquele momento, começou a ouvir-se, pouco distante, um rumor surdo e cadente. Jean Valjean arriscou-se a olhar para fora do ângulo do muro. Eram sete ou oito soldados que desembocavam da rua Polonceau. Viu brilharem as baionetas. Caminhavam para ele.

Esses soldados, à frente dos quais se distinguia a elevada estatura de Javert, avançavam vagarosamente e com precaução, parando várias vezes. Exploravam todos os ângulos dos muros e todos os vãos das portas.

Era, sem dúvida, alguma patrulha que Javert encontrara e cujo auxílio solicitara.

Os dois ajudantes de Javert caminhavam junto com os soldados.

Do modo lento como caminhavam e com as repetidas paradas que faziam, era-lhes preciso, pelo menos, um quarto de hora para chegarem ao lugar em que se encontrava Jean Valjean. Foi um momento horrível. Apenas alguns minutos separavam Jean Valjean do espantoso precipício que pela terceira vez via aberto

embaixo de si. E então não eram só as galés, era a perda de Cosette para sempre, ou seja, uma vida que seria igual ao interior de um túmulo.

Só havia uma coisa a ser feita.

Jean Valjean, era possível que se dissesse, levava consigo dois sacos; em um guardava os pensamentos de um santo, no outro os terríveis talentos de um forçado. Servia-se de um ou de outro, segundo as circunstâncias.

Entre outros recursos, graças às suas numerosas fugas das galés de Toulon, chegara, como o leitor deve se lembrar, a ser mestre na incrível arte de subir sem escada, sem outro auxílio além da força muscular, ajudando-se com a nuca, com os ombros, com as nádegas, com os joelhos, tendo por pontos de apoio apenas raros relevos da pedra no ângulo reto de um muro. Se fosse necessário, subia assim até um sexto andar; arte que tornou tão temível e tão célebre o canto do pátio da delegacia de Paris, de onde escapou, há uns vinte anos, o condenado Battemolle. Jean Valjean mediu com os olhos o muro, acima do qual se viam os ramos da tília. Tinha, mais ou menos, dezoito pés de altura. O ângulo que fazia com a fachada do grande prédio tinha, na parte de baixo, uma protuberância maciça construída em forma de triângulo, provavelmente para impedir que os transeuntes deixassem seus excrementos nesses cantos tão cômodos. Essa proteção preventiva nos cantos das paredes é bastante utilizada em Paris. Essa protuberância triangular tinha aproximadamente cinco pés de altura. Da parte mais alta até o topo do muro era preciso subir quatorze pés.

O muro era sobrepujado por uma pedra chata e sem rebordo.

A dificuldade era Cosette, que não conseguiria escalar o muro. Abandoná-la? Isso nem passava pela cabeça de Jean Valjean. Levá-la nos braços era impossível. Todas as forças de homem são necessárias para levar a cabo ascensões tão estranhas; o peso faria com que ele perdesse o centro de gravidade e então caísse.

Seria necessária uma corda, e Jean Valjean não tinha onde achar uma corda, à meia-noite, na rua Polonceau. Inquestionavelmente, se naquele momento Jean Valjean possuísse um reino, tê-lo-ia trocado por uma corda.

Todas as situações extremas têm seus clarões, que ora nos cegam, ora nos iluminam.

O olhar desesperado de Jean Valjean notou de repente o lampião do beco sem saída.

Naquele tempo, não havia bicos de gás nas ruas de Paris. Ao anoitecer, acendiam-se os lampiões colocados de distância em distância, os quais subiam e desciam por meio de uma corda que se prolongava pela parede. A porção de corda que tinha de subir para o lampião descer estava fechada num armariozinho de ferro

pregado na parede por debaixo do candeeiro. A mesma porção de corda que subia pela parede era protegida por uma calha de metal.

Jean Valjean, com a energia de uma luta suprema, atravessou a rua com um salto, entrou no beco sem saída, abriu a portinha do armário com a ponta da navalha e, passado um momento, tinha voltado para junto de Cosette munido de uma corda. Vão rápido ao trabalho esses misteriosos descobridores de soluções quando obrigados pela fatalidade! Já dissemos que os candeeiros não tinham sido acesos naquela noite. O do beco Genrot achava-se, portanto, naturalmente apagado como todos os outros, de modo que se podia passar por ele sem que se notasse que não estava ali.

Entretanto, o lugar, a hora, a escuridão, a preocupação de Jean Valjean, seus gestos singulares, suas idas e vindas, tudo isso começava a inquietar Cosette. Qualquer outra criança teria há muito tempo soltado gritos; ela, porém, limitou-se a puxar Jean Valjean pela aba do casaco. Cada vez se ouviam mais distintamente os passos da patrulha aproximando-se.

— Pai — disse ela, bem baixinho —, estou com medo. O que é que vem ali?

— Fique em silêncio — respondeu o desgraçado. — É a sra. Thénardier.

Cosette estremeceu. Jean Valjean acrescentou:

— Não fale nada, nem grite, nem chore. Vou resolver isso; a sra. Thénardier está atrás de nós, quer levar-te com ela.

Em seguida, sem se precipitar, mas sem repetir movimento algum, com a mais decidida e firme precisão, tanto mais notável naquele momento, quando de um instante para outro podiam aparecer a patrulha e Javert, tirou a gravata, passou-a em torno do corpo de Cosette por debaixo dos braços, tendo todo o cuidado para não machucá-la, prendeu-a em um extremo da corda, por meio de um nó a que a gente do mar chama de nó de andorinha, pegou o outro extremo com os dentes, descalçou os sapatos e as meias, que foram atirados por cima do muro, subiu a protuberância triangular de que falamos e começou a subir pelo ângulo do muro e do flanco do prédio com tanta certeza e firmeza que parecia estar subindo uma escada. Não havia passado meio minuto e ele já estava de joelhos sobre o muro.

Cosette observava-o com expressão de espanto, mas sem proferir uma palavra. A recomendação de Jean Valjean e o nome da sra. Thénardier tinham-na gelado.

De repente, ouviu Jean Valjean dizer-lhe em voz baixa:

— Encoste-se ao muro.

A pobrezinha obedeceu.

— Não diga nada, e não precisa ter medo — completou Jean Valjean.

Ela sentiu que estava saindo do chão.

Antes que tivesse tempo de olhar para cima, ela já estava sobre o muro.

Jean Valjean colocou-a às costas, segurou com a mão esquerda nas suas mãozinhas, deitou-se de bruços e, desse modo, arrastou-se por sobre o muro até o ponto em que ele era reentrante. Como supusera, havia ali uma barraca de madeira cujo telhado descia até muito próximo do chão, num plano suavemente inclinado, perto da tília que se via da rua.

Essa circunstância era de grande felicidade, por isso que o muro era muito mais alto do lado de dentro do que de fora. Jean Valjean via o chão embaixo de si em grande profundidade.

Tinha chegado ao plano inclinado do telhado da barraca, e não tinha ainda saído do alto do muro, quando um violento vozerio anunciou a chegada da patrulha. Ao mesmo tempo, ouviu a voz estridente de Javert, gritando:

— Procurem no beco sem saída! As ruas Droit-Mur e Picpus estão guardadas. Sei que ele está no beco!

Os soldados precipitaram-se no beco Genrot.

Jean Valjean deixou-se escorregar pelo telhado da barraca, sempre segurando Cosette, e chegando à tília saltou para o chão. Fosse por terror, fosse por coragem, Cosette nem respirava, apesar de estar com as mãos um pouco machucadas.

VI

Começo de um enigma

Jean Valjean achou-se numa espécie de quintal bastante amplo e de aspecto singular; era um desses quintais tristes que parecem feitos para serem vistos durante o inverno, e à noite. O quintal era de forma alongada, com uma grande rua de álamos ao fundo; nos cantos, pequenas moitas, e no centro, um largo espaço sem sombra, onde se distinguia uma grande árvore isolada; depois, algumas árvores frutíferas retorcidas e pontiagudas como grandes espinheiros, canteiros de legumes, um meloal cujas redomas brilhavam ao luar e um velho tanque. Em um e outro lado, viam-se bancos de pedra enegrecidos pelo musgo que os cobria. As ruas eram orladas por pequenos arbustos sombrios e enfileirados.

Jean Valjean tinha ao lado de si uma barraca cujo teto lhe servira para descer, uma pilha de lenha e, atrás delas, encostada ao muro, uma estátua de pedra cujo rosto mutilado não era mais do que uma máscara disforme que vagamente se via no meio da escuridão.

A barraca era uma espécie de ruína em que se descobriam alguns compartimentos desmantelados, dos quais um, todo atravancado, parecia servir de depósito.

O grande prédio da rua Droit-Mur, que dava a volta para a rua Picpus, apresentava para o quintal duas fachadas em ângulo reto. Essas fachadas interiores eram ainda mais trágicas do que as exteriores. Todas as janelas tinham grades e não se percebia através delas vestígios de luz. Nas janelas dos andares superiores viam-se grades, como nas prisões. Uma das fachadas projetava sobre a outra sua sombra, que incidia no quintal como uma imensa cortina escura. Não se via outra casa, e o fundo do quintal perdia-se no meio da escuridão. No entanto, viam-se confusamente muros que se entrecortavam como se houvesse outras plantações além e os telhados baixos da rua Polonceau.Não era possível imaginar coisa alguma mais selvagem e solitária do que esse quintal. Não se via ninguém, o que era natural por causa da hora; mas não parecia que aquele local fosse próprio para que nele andasse alguém, mesmo de dia.

O primeiro cuidado de Jean Valjean foi procurar os sapatos, calçar-se e entrar no abrigo com Cosette. Aquele que foge não se julga nunca suficientemente escondido. A criança, sempre pensando na sra. Thénardier, seguia o instinto de Jean Valjean, escondendo-se o máximo que podia.Cosette, toda trêmula, agarrava-se a ele. Ouviam-se o ruído tumultuoso da patrulha no beco sem saída e, na rua, as pancadas das coronhas das armas sobre as pedras, a voz de Javert chamando os beleguins que colocara de sentinela e suas imprecações misturadas com palavras que não podiam ser compreendidas.

Passado um quarto de hora, parecia que começava a afastar-se aquele tempestuoso barulho. Jean Valjean nem respirava e pusera, com o máximo de leveza, a mão na boca de Cosette.

No fim de tudo, a solidão em que ele se encontrava era tão estranhamente sossegada que todo aquele motim, tão furioso e tão próximo, não chegava ali nem mesmo com a mais leve perturbação. Parecia que os muros eram construídos com as pedras surdas de que falam as Escrituras.

De repente, no meio de tão profundo sossego, ouviu-se um novo ruído; um ruído celeste, divino, inefável, e que tinha tanto de arrebatador quanto o outro de horrível. Era um hino que saía das trevas, um resplendor de orações e harmonia no

escuro e assustador silêncio da noite; vozes de mulheres, mas vozes compostas ao mesmo tempo do timbre puro das virgens e do timbre ingênuo das crianças. Esse cântico vinha do sombrio edifício que dominava o quintal. No momento em que o ruído dos demônios se afastava, parecia que se aproximava nas sombras um coro de anjos.

Cosette e Jean Valjean ajoelharam.

Não sabiam o que era aquilo nem onde estavam, mas ambos reconheceram, homem e criança, penitente e inocente, que deviam ajoelhar.

Estranhamente, as vozes não impediam que o lugar parecesse menos deserto. Era como um canto sobrenatural em uma moradia inabitada.

Enquanto as vozes cantavam, Jean Valjean não pensou mais em nada. Não via mais a noite; agora via um céu azul. Parecia sentir que se abriam as asas que todos temos dentro de nós.

O cântico extinguiu-se. Talvez tivesse durado muito tempo. Jean Valjean não o poderia dizer. As horas de êxtase não são mais que um minuto.Tudo ficara novamente silencioso. Não havia o mínimo ruído nem na rua nem no quintal. Tudo se desvanecera, tanto o que o ameaçava como o que o tranquilizava. Não se ouvia senão o vento agitando no alto do muro algumas ervas secas, que produziam um murmúrio doce e lúgubre.

VII

Continuação do enigma

A brisa da noite começava a refrescar, o que indicava ser uma ou duas horas da manhã. A pobre Cosette não dizia coisa alguma. Como tinha se sentado ao lado de Jean Valjean e lhe havia encostado a cabeça no ombro, ele achou que ela havia adormecido. Curvou-se e olhou-a. Cosette estava com os olhos muito abertos e um ar pensativo, que muito afligiu Jean Valjean.

A criança não cessara de tremer.

— Está com sono? — perguntou Jean Valjean.

— Sinto muito frio — respondeu ela.

Um momento depois acrescentou:

— Ela ainda está lá?

— Quem?

— A sra. Thénardier.

Jean Valjean esquecera-se já do artifício de que se servira para convencer Cosette a ficar em silêncio.

— Ah! Ela já foi. Não precisa ter medo.

A criança suspirou como se lhe tivessem tirado um grande peso do peito.

A terra estava úmida, a barraca que lhes servia de abrigo era aberta por todos os lados e a brisa esfriava cada vez mais. Jean Valjean tirou a sobrecasaca e cobriu Cosette com ela.

— Tem menos frio assim? — perguntou ele.

— Agora sim, pai!

— Então, fique aqui quietinha que eu já volto.

Em seguida, saiu das ruínas e começou a caminhar ao longo do edifício, encostado à parede, à procura de algum abrigo melhor. Encontrou diversas portas, mas todas fechadas; e as janelas ao rés do chão eram protegidas por grades.

Quando passou pelo ângulo interior do edifício, viu que se achava ao pé das janelas de grades e avistou alguma claridade. Pôs-se na ponta dos pés e espreitou por uma das janelas. Davam todas para uma sala bem ampla, ladrilhada, cheia de arcos e pilares, e onde se não distinguia senão uma ligeira claridade e muitas sombras. A claridade provinha de uma lamparina acesa em um canto. A sala estava deserta e não havia nela a menor coisa que se movesse. Contudo, forçando a visão, Jean Valjean pensou que via no chão, sobre a pedra, um objeto que parecia coberto com um lençol, e se assemelhava a um vulto humano estendido de bruços, com o rosto sobre a pedra, os braços cruzados e a imobilidade da morte. Ter-se-ia dito, ao ver uma espécie de serpente como aquela arrastando-se pelo pavimento, que a sinistra figura tinha uma corda no pescoço.

Toda a sala estava envolta na bruma típica dos lugares pouco iluminados que aumentam o terror.

Jean Valjean disse depois, muitas vezes, que embora muitos espetáculos fúnebres lhe tivessem atravessado a vida, nunca presenciara coisa alguma mais assustadora e terrível do que aquela figura enigmática, consumando não sabia que mistério, naquele lugar sombrio. Era medonho supor que aquela coisa talvez estivesse morta; porém, mais medonho ainda era pensar que estaria viva.

Jean Valjean teve a coragem de encostar o rosto à vidraça, para ver se aquela coisa estranha se movia. De repente, sentiu-se dominado por um inexplicável

espanto e fugiu, correndo para a barraca sem se atrever a olhar para trás. Parecia-lhe que se voltasse a cabeça veria a medonha figura correndo atrás dele e agitando os braços.

Chegou à barraca alucinado. Os joelhos dobravam-se e ele tinha o corpo coberto de suor.

Onde estava? Quem poderia ter imaginado coisa semelhante naquela espécie de sepulcro no centro de Paris? Que casa estranha era aquela? Edifício cheio de mistérios noturnos, chamando as almas na sombra com vozes de anjos, e, quando elas vêm, oferecem-lhe de repente essa visão assustadora, prometendo abrir a porta radiante do céu e abrindo a horrível porta do túmulo. Era, com efeito, um edifício, uma casa cuja porta tinha um número! Não era sonho! Jean Valjean sentiu a necessidade de tocar as pedras para crer na realidade de tudo aquilo.

O frio, a ansiedade, a inquietação, as emoções por que passara durante aquela noite tinham-lhe causado verdadeira febre; e todas essas ideias se debatiam no cérebro.

Aproximando-se de Cosette, viu que ela adormecera.

VIII

O enigma fica mais complicado

A criança, deitada no chão, adormecera com a cabeça sobre uma pedra.

Jean Valjean sentou-se ao lado dela e pôs-se a contemplá-la. Pouco a pouco, à medida que a observava, sentia-se mais tranquilo e readquiria a liberdade do espírito.

Notou, então, distintamente esta verdade: em sua vida, dali em diante, enquanto existisse aquela criança, enquanto a tivesse junto de si, não precisaria de mais nada e não temeria coisa alguma senão por sua causa. Tendo despido a sobrecasaca para cobri-la, nem mesmo sentia que estava gelado de frio.

Entretanto, durante a reflexão a que estava entregue, ouvia, desde algum tempo, um ruído singular. Era como o som de um guizo de cascavel; esse ruído vinha do

quintal, e, ainda que fraco, ouvia-se distintamente. Assemelhava-se ao tinir constante que, durante a noite, se ouve nas vizinhanças de um pasto.

O ruído chamou a atenção de Jean Valjean.

Ele voltou-se e viu que alguém andava no quintal.

Pelo centro do meloal caminhava alguém que parecia ser um homem, levantando-se, abaixando-se e parando, com movimentos regulares, como se estivesse estendendo ou arrastando alguma coisa pelo chão. Quem quer que fosse, parecia andar com dificuldade.

Jean Valjean sentiu-se agitado pelo estremecimento contínuo dos desgraçados, a quem tudo se torna suspeito. Desconfiam do dia, porque ajuda a torná-los visíveis, e da noite, porque contribui para que os surpreendam. Havia pouco tremia de medo com a ideia de que o quintal fosse deserto, depois estremecia por ver que havia alguém nele.

Dos terrores quiméricos caiu nos terrores reais. Pensou que Javert e os beleguins talvez não tivessem se retirado, que sem dúvida haviam deixado sentinelas na rua; que se aquele homem o descobrisse no quintal, julgá-lo-ia ladrão, pediria socorro e o entregaria. Em seguida, tomou cuidadosamente Cosette nos braços, mesmo adormecida, e levou-a para trás de um monte de móveis velhos e desmantelados que estava no canto mais afastado da barraca. Cosette não fez o menor movimento.

Dali, pôs-se a observar o aspecto da criatura que andava no meloal. O que parecia estranho era que o tinir do guizo acompanhava todos os movimentos do homem. Quando se aproximava, o som do guizo também se aproximava, e se ele se afastava, levava-o consigo; se fazia algum gesto mais precipitado, o guizo acompanhava-o com um som trêmulo, e quando parava, o ruído cessava. Parecia evidente que o guizo estava preso àquele homem: mas, sendo assim, o que aquilo podia significar? O que era aquele homem que trazia um guizo pendurado como se fosse um carneiro ou um boi?

Jean Valjean, mesmo fazendo essas reflexões, tocou as mãos de Cosette e sentiu-as geladas.

— Meu Deus! — disse ele. E chamou em voz baixa: — Cosette!

A criança não abriu os olhos.

Sacudiu-a energicamente.

A pobrezinha nem se moveu.

"Será que está morta?", pensou ele; e ergueu-se, tremendo como vara verde.

Então atravessaram-lhe o espírito, em medonho turbilhão, as ideias mais assustadoras. Há momentos em que as suposições mais horríveis nos atacam como uma turba de fúrias e forçam violentamente as portas do cérebro. Quando se trata

daqueles a quem amamos, nossa prudência inventa todas as loucuras. Jean Valjean lembrou-se de que o sono ao relento pode ser mortal numa noite fria.

Cosette, extremamente pálida, permaneceu no chão, depois de ele a ter sacudido, sem fazer o mínimo movimento.

Chegou-lhe o ouvido ao rosto, para ouvir sua respiração, mas estava tão fraca que parecia próxima a se extinguir.

Como a aqueceria? Como conseguiria acordá-la? Não havia outra coisa em seu pensamento; em seguida, precipitou-se, desorientado, para fora do cortiço.

Era absolutamente indispensável que antes de um quarto de hora Cosette estivesse em uma cama, e próxima de um bom fogo.

IX

O homem do guizo

Jean Valjean caminhou até o homem que andava no jardim, levando na mão o saco de moedas de prata que tinha no bolso do colete.

O homem tinha a cabeça baixa e não o viu aproximar-se. Em poucos passos, Jean Valjean chegou junto dele e disse em voz alta:

— Cem francos!

O homem quase deu um salto e ergueu a cabeça.

— Ganha cem francos — tornou Jean Valjean —, se me der asilo por esta noite!

O luar iluminava de frente o rosto espantado de Jean Valjean.

— Ora essa! — exclamou o homem. — É o sr. Madeleine!

Esse nome, assim pronunciado, naquela hora, em um lugar desconhecido, por um homem tão desconhecido como aquele, fez Jean Valjean recuar.

Esperava tudo, menos isso. Aquele que lhe pronunciara o nome era um velho todo curvado, manco, vestido mais ou menos como um homem do campo e com uma joelheira de couro no joelho esquerdo, de onde pendia um grande guizo. O rosto estava escondido na sombra.

Entretanto, tirara o boné e exclamava todo trêmulo:

— Meu Deus! Mas como o senhor chegou aqui, sr. Madeleine? Por onde entrou? Cristo Santo! Só se caiu do céu! Não é que isso me espante, porque, se o senhor alguma vez cair, não pode ser de outro lugar. Em que estado está! Sem gravata, sem chapéu nem casaco! Olhe que seria capaz de meter medo a quem não o conhecesse! Em mangas de camisa! Meu Deus! Será que os santos também perderam o juízo? Mas como foi que entrou aqui?

Uma palavra atropelava a outra. O velhinho falava com uma volubilidade camponesa, que não tinha nada de inquietante. Tudo isso era dito com a mais ingênua e estupefata bondade.

— Quem é o senhor? E que casa é esta? — perguntou Jean Valjean.

— Essa é a melhor! — exclamou o velho. — Eu sou aquele que o senhor colocou aqui, e esta é a casa em que o senhor me empregou para servir. Como assim?! Não está me reconhecendo?!

— Não — disse Jean Valjean. — Mas como é que o senhor me conhece?

— Porque o senhor me salvou a vida — disse o homem.

Dizendo isso, voltou-se um pouco, o luar desenhou-lhe o perfil e Jean Valjean reconheceu o velho Fauchelevent.

— Ah! — exclamou Jean Valjean. — É o senhor?! Agora, sim, o reconheço!

— Ainda bem! — disse o velho, quase com um tom de repreensão.

— Mas o que o senhor anda fazendo aqui? — continuou Jean Valjean.

— Estou cobrindo meus melões.

O velho Fauchelevent, no momento em que Jean Valjean se aproximou, tinha na mão, com efeito, um pedaço de esteira que estava estendendo sobre o meloal. Já estendera assim um certo número, desde que chegara ao quintal, havia uma hora. Era essa a operação que o obrigava aos movimentos estranhos, observados por Jean Valjean da barraca.

Fauchelevent continuou:

— Disse comigo: o luar está claro, com certeza vai gear; melhor cobrir meus melões com os seus capotes. — E, acrescentou, sorrindo e olhando para Jean Valjean: — O senhor é que precisava que lhe fizessem o mesmo. E como é que chegou aqui?

Jean Valjean, vendo-se conhecido por aquele homem, pelo menos sob o nome de Madeleine, não avançava senão com a maior precaução, multiplicando cada vez mais as perguntas. Coisa estranha! Os papéis pareciam invertidos. Era ele, o intruso, quem interrogava.

— Para que serve esse guizo que traz preso ao joelho?

— Isto? — retrucou Fauchelevent. — É para que fujam de mim.

— Para que fujam? Não entendi!

O velho Fauchelevent piscou um olho com uma expressão inexplicável.

— Ora! É que nessa casa não há senão mulheres e muitas meninas; pelo visto, é perigoso que me encontrem, por isso trago o guizo para as avisar. Quando eu chego, elas se vão.

— Mas que casa é esta?

— Ora essa! O senhor sabe muito bem.

— Não sei, não.

— Foi o senhor quem aqui me arranjou o trabalho de jardineiro!

— Responda-me como se eu não soubesse nada.

— Tudo bem! É o convento do Petit-Picpus.

Jean Valjean começava a se lembrar. O acaso, isto é, a Providência, lançava-o precisamente no convento do bairro de Saint-Antoine, onde o velho Fauchelevent, estropiado pela queda de sua carroça, fora admitido como jardineiro, por sua recomendação, havia dois anos. Lembrando-se de tudo isso, repetiu, como se falasse consigo mesmo:

— Convento de Petit-Picpus!

— Mas, diga-me — tornou Fauchelevant —, como diabo foi que entrou aqui, sr. Madeleine? O senhor deve ser um santo, porque, se fosse homem… Aqui não entram homens.

— Mas o senhor não mora aqui?

— Sou o único.

— Mas — tornou Jean Valjean — é preciso que eu fique aqui.

— Meu Deus! — exclamou Fauchelevent.

Jean Valjean aproximou-se do velho e disse-lhe em tom mais grave:

— Salvei-lhe a vida, sr. Fauchelevent.

— Fui eu mesmo quem se lembrou disso primeiro — respondeu ele.

— Pois bem, pode prestar-me o mesmo serviço que eu já lhe prestei.

Fauchelevent tomou em suas velhas mãos encarquilhadas e trêmulas as duas mãos robustas e vigorosas de Jean Valjean e ficou por alguns segundos como se não pudesse falar. Enfim, exclamou:

— Seria uma bênção de Deus, se eu pudesse pagar-lhe tal benefício, salvar-lhe a vida! Senhor *maire*, disponha à sua vontade deste pobre velho!

O pobre homem parecia transfigurado pela admirável alegria que se via no rosto.

— O que quer que eu faça? — continuou Fauchelevent.

— Depois lhe explicarei tudo. Diga-me: tem algum quarto?

— Tenho uma barraca isolada, ali por detrás das ruínas do convento, num canto que ninguém vê. Tem três cômodos.

A barraca estava, com efeito, tão bem escondida pelas ruínas, e tão bem disposta para que ninguém a visse, que Jean Valjean não a vira.

— Bem — disse Jean Valjean —, agora peço-lhe duas coisas.

— Quais são, senhor *maire*?

— Em primeiro lugar, não dizer a ninguém o que sabe a meu respeito; depois, não fazer o menor esforço para saber mais do que sabe.

— Pode estar certo de que farei o que deseja. Sei que o senhor não é capaz de fazer nada que não seja honesto, que tem sido sempre muito boa pessoa. Além disso, foi o senhor quem me acomodou aqui: pode dispor de mim.

— Então venha comigo. Vamos buscar a criança.

— Ah! — disse Fauchelevent. — Tem uma criança?

E, sem acrescentar nem mais uma palavra, seguiu Jean Valjean, como um cachorro seguindo o dono.

Não havia passado nem meia hora, e Cosette, já tendo readquirido sua cor rosada diante de um bom fogo, dormia na cama do velho jardineiro; Jean Valjean já tinha posto a gravata e vestido a sobrecasaca, enquanto Fauchelevent tirara a joelheira em que estava preso o guizo e pendurara-a num prego que havia na parede, servindo-lhe assim de ornamento. Os dois homens aqueciam-se sentados a uma mesa, sobre a qual Fauchelevent pusera um bocado de queijo, pão preto, uma garrafa de vinho e dois copos. O velho dizia a Jean Valjean, descansando-lhe a mão sobre o joelho:

— Ah! Sr. Madeleine, não me reconheceu logo! Salva-nos a vida e depois esquece-se da gente? Isso não é justo; o senhor é um ingrato! Eu nunca me esqueci do sr. Madeleine!

X

Onde se explica como Javert sentiu-se enganado

Os acontecimentos dos quais acabamos de ver, por assim dizer, o reverso tinham se realizado nas condições mais simples.

Quando Jean Valjean, na própria noite do dia em que Javert o prendeu junto do leito mortuário de Fantine, fugiu da cadeia municipal de Montreuil-sur-Mer, a polícia supôs que o forçado fugido deveria se dirigir para Paris. Paris é um báratro onde tudo se perde, onde tudo desaparece em meio a esse umbigo do mundo, como se caísse no umbigo do oceano. Floresta alguma esconde um homem como aquela multidão; e não há fugitivo de espécie nenhuma que não o saiba. Chegam a Paris como se sugados por um redemoinho; há redemoinhos que salvam. A polícia também o sabe, e é por isso que vai procurar em Paris o que perdeu em outro lugar. Assim, a polícia foi procurar em Paris o ex-*maire* de Montreuil-sur-Mer. Javert foi chamado para organizar a procura. E, de fato, contribuiu decisivamente para que Jean Valjean fosse encontrado; seu zelo e sua inteligência, nessa ocasião, foram notados pelo sr. Chabouillet, secretário do Departamento de Polícia, no tempo do conde de Anglès. O sr. Chabouillet, que já protegera Javert outras vezes, fez com que o inspetor de polícia de Montreuil-sur-Mer passasse a servir à polícia de Paris. Ali, Javert tornou-se, embora a expressão pareça imprópria para serviços como esse, honrosamente útil.

Não pensava mais em Jean Valjean — essa espécie de cães, sempre ativos, esquecem o lobo de ontem pelo de hoje — quando, em dezembro de 1823, leu um jornal, ele que nunca os lia; mas, como um bom monarquista, tinha o interesse de conhecer os detalhes da entrada triunfal do "príncipe generalíssimo" em Bayonne. Quando chegava ao fim do artigo, sua atenção foi atraída por um nome, estampado no pé da página: Jean Valjean. O jornal anunciava a morte do forçado Jean Valjean e publicava em termos tão precisos que não podiam deixar a Javert a mínima dúvida. Limitou-se a dizer: "Esse era digno!" E, pondo o jornal de lado, não pensou mais nisso.

Aconteceu que algum tempo depois a polícia de Seine-et-Oise enviou à de Paris um ofício sobre o rapto de uma criança, que fora efetuado, em circunstâncias particulares, na comuna de Montfermeil. Uma menininha de sete a oito anos, confiada por sua mãe a um estalajadeiro daquelas bandas, fora raptada por um desconhecido; essa menina tinha o nome de Cosette e era filha de uma meretriz chamada Fantine, falecida em um hospital não se sabia quando nem onde. Esse ofício foi visto por Javert e o deixou pensativo.

O nome de Fantine era-lhe muito conhecido. Recordara-se de que Jean Valjean lhe pedira uma espera de três dias para ir buscar a filha daquela mulher. Recordou-se

de que Jean Valjean fora preso em Paris no momento em que subia para a diligência de Montfermeil. Alguns indícios indicavam, naquela época, que era a segunda vez que ele subia naquela carruagem, e que já tinha, no dia anterior, feito uma primeira excursão pelos arredores daquele vilarejo, ainda que não tivesse sido visto de fato. O que ele ia fazer em Montfermeil? Ninguém o podia adivinhar. Javert, em presença do documento da polícia, compreendeu tudo. Era ali que estava a filha de Fantine. Jean Valjean tinha ido procurá-la. Ora, essa criança fora roubada por um desconhecido; quem poderia ser ele? Seria Jean Valjean? Mas Jean Valjean morrera. Sem dizer coisa alguma a ninguém, Javert pegou uma carruagem no Plat d'Étain, beco da Planchette, e se dirigiu a Montfermeil.

Esperava encontrar ali grandes esclarecimentos; mas só achou um grande mistério.

Durante os primeiros dias, os Thénardier, despeitados, contaram tudo. O desaparecimento da Cotovia causara um falatório na aldeia. Tinham se divulgado logo em seguida muitas versões da história, que acabava pelo rapto de uma criança. Fora de tudo isso que resultara a nota da polícia. Entretanto, passada a primeira impressão, Thénardier, com seu admirável instinto, compreendera rapidamente que não havia a mínima utilidade em incomodar o procurador do rei e que suas queixas acerca do rapto de Cosette teriam por primeiro resultado atraírem sobre ele, Thénardier, e sobre muitos de seus negócios intrincados, os penetrantes olhos da justiça. E depois, como se sairia ele da história dos mil e quinhentos francos que recebera? Recuou, pôs uma mordaça na boca de sua mulher e passou a mostrar-se muito admirado quando lhe falavam de *criança raptada*. Não entendia nada; sem dúvida, tinha se queixado no primeiro momento de que lhe *roubaram* tão cedo aquela querida criancinha; quisera, por ternura, tê-la ainda consigo dois ou três dias; mas fora "seu avô" quem muito naturalmente a levara. A isso tinha ele acrescentado que o avô fizera muito bem. Foi essa a história que Javert encontrou quando chegou a Montfermeil. Aquele avô fazia Jean Valjean desaparecer.

Javert, contudo, fez algumas perguntas, para sondar a história contada por Thénardier. "Quem era o tal avô? Como se chamava?" Thénardier respondeu com a maior simplicidade: "É um lavrador muito rico, eu vi o passaporte dele. Se não me engano, chama-se Guillaume Lambert."

Lambert era um nome de homem de bem e que não tinha nada de suspeito. Javert voltou para Paris.

"Sou um palhaço", disse ele consigo; "Jean Valjean realmente morreu."

E tornara a esquecer-se de toda aquela história, quando, em março de 1824, ouvira falar de um personagem extravagante que morava na freguesia de Saint-

Médard e a quem apelidaram de "mendigo que *dá* esmolas". Esse personagem, segundo diziam, era um possuidor de títulos públicos, de quem ninguém sabia ao certo o nome e que vivia em companhia de uma menininha de sete ou oito anos, da qual não se sabia nada, a não ser que viera de Montfermeil. Montfermeil! Esse nome, tornando assim a aparecer, chamou a atenção de Javert. Um velho mendigo espião, antigo bedel, a quem tal personagem costumava dar esmola, acrescentava alguns outros detalhes. O tal possuidor de títulos era quase intratável, nunca saía de casa senão à noite e, em geral, não falava com ninguém. Usava uma horrível sobrecasaca amarela que valia muitos milhões, por isso que era toda enchumaçada de notas de banco. Isso tudo excitou a curiosidade de Javert, que quis ver de perto a fantástica criatura sem que a assustasse. Para isso, pediu um dia ao velho que lhe emprestasse as roupas e o lugar em que todos os dias se sentava resmungando orações e espionando em meio à devoção.

O "indivíduo suspeito" dirigiu-se, então, a Javert, assim disfarçado, e deu-lhe a esmola: nesse momento, Javert levantou a cabeça, e o estremecimento que Jean Valjean sentiu julgando reconhecer Javert, sentiu-o este igualmente julgando reconhecer Jean Valjean.

Entretanto, a escuridão poderia tê-lo enganado; a morte de Jean Valjean era oficial; portanto, Javert tinha graves dúvidas; e em estado de hesitação, sendo, como era, escrupuloso, não prendia ninguém sem razão.

Seguiu o homem até o cortiço Gorbeau e fez a "velha" falar. Ela confirmou-lhe o caso da sobrecasaca forrada de milhões e contou-lhe o episódio da nota de mil francos. A boa senhora tinha visto o forro da sobrecasaca, tinha-o apalpado! Javert alugou um quarto e ficou nele nessa mesma noite. Foi escutar à porta do misterioso inquilino, esperando ouvir-lhe o som da voz, mas Jean Valjean percebeu a luz pelo buraco da fechadura e iludiu a esperança do espião, mantendo-se em profundo silêncio.

No dia seguinte, Jean Valjean deixou o quarto que habitava. Mas o ruído produzido pela moeda de cinco francos que lhe caiu no chão foi notado pela velha, que, ouvindo o barulho de dinheiro, suspeitou que ele iria sair e apressou-se em avisar Javert.

À noite, quando Jean Valjean saiu, Javert o esperava, com dois homens, escondido atrás das árvores do boulevard.

Javert pedira auxílio à polícia, mas não declarara o nome do indivíduo que queria prender. Era seu segredo, e o guardara por três razões: a primeira, porque a menor indiscrição poderia servir de aviso a Jean Valjean; segunda, porque capturar um forçado fugido e reputado como morto, um condenado a quem em outro

tempo a justiça classificara entre os *malfeitores da mais perigosa espécie*, era um magnífico feito, que os policiais mais antigos de Paris com certeza não deixariam nas mãos de um novato como Javert, e lhe tomariam o forçado; e, enfim, porque, sendo Javert um artista, tinha um pronunciado gosto por tudo que era imprevisto. Odiava os feitos anunciados que perdem o brilho ao serem comentados com muita antecipação. Ele prezava elaborar suas obras-primas na sombra e só depois revelá-las como uma grande surpresa.Javert seguira Jean Valjean de árvore em árvore, depois de esquina em esquina, e não o perdera de vista um só instante; e mesmo nos momentos em que Jean Valjean se julgara em maior segurança, os olhos de Javert não se tinham afastado dele.

Por que não prendeu logo Jean Valjean? Era porque ele ainda tinha dúvida.

Convém não esquecer que a polícia naquela época não tinha total liberdade de decisão, e a liberdade de imprensa a incomodava. Algumas prisões arbitrárias, denunciadas pelos jornais, tinham ecoado nas Câmaras, e haviam inibido a polícia. Atentar contra a liberdade individual era um caso grave. Os agentes da polícia temiam cometer um engano; todo chefe de polícia fiscalizava a ação dos agentes; um erro qualquer significava a destituição do cargo. Imagine-se, por exemplo, o efeito que este ato teria produzido em Paris, reproduzido por vinte jornais: "Ontem, um velho respeitável coberto de cabelos brancos, um honrado capitalista que andava passeando com sua neta de oito anos, foi preso e conduzido à delegacia como forçado fugido!"

Além disso, repetimos, Javert tinha seus escrúpulos; as recomendações da consciência juntavam-se às do chefe de polícia. Javert realmente duvidava.

Jean Valjean caminhava na escuridão com as costas voltadas para ele.

A tristeza, a inquietude, a ansiedade, o abatimento, essa nova desgraça de ser obrigado a fugir durante a noite e procurar aleatoriamente um abrigo para Cosette e para si, a necessidade de adaptar seus passos aos de uma criança, tudo isso, sem que ele notasse, havia mudado a postura de Jean Valjean e dado a seus gestos tanta senilidade que a própria polícia, encarnada em Javert, podia enganar-se, o que acabou acontecendo. A impossibilidade de chegar tão perto, suas roupas de velho preceptor emigrado, a declaração de Thénardier, que o designava como um avô e, por fim, a crença de que ele havia morrido nas galés, aumentava ainda mais as incertezas que cresciam no espírito de Javert.

Por um momento, teve a ideia de lhe pedir inopinadamente seus documentos. Mas se aquele homem não era Jean Valjean, se não era um honrado velho que vivia de suas rendas, era sem dúvida algum velhaco profunda e conscientemente envolvido na obscura trama dos delitos parisienses, algum chefe de uma perigosa

quadrilha que usava o velho truque de dar esmolas para ocultar seus outros talentos. Tinha cúmplices e esconderijos dispostos antecipadamente para as ocasiões de aperto, e nos quais ia, decerto, se refugiar. Todas aquelas voltas que dava nas ruas pareciam indicar que não se tratava de um simples homem de bem. Prendê-lo muito apressadamente era "matar a galinha dos ovos de ouro". Onde estava o inconveniente de esperar? Javert tinha toda a certeza de que não escaparia.

Caminhava, portanto, muito perplexo e fazendo todas essas conjecturas sobre o enigmático personagem.

Só muito tarde, na rua Pontoise, e graças à luz que saía de uma taberna, que ele decididamente reconhecera Jean Valjean.

Há nesse mundo dois seres que estremecem profundamente, e como nenhum outro: a mãe quando encontra o filho que perdeu e o tigre que acha novamente sua presa. Javert sentiu esse profundo estremecimento.

Desde o momento em que reconheceu positivamente o terrível forçado Jean Valjean, se deu conta de que estava apenas com mais dois homens e mandou pedir reforço ao comissário de polícia da rua Pontoise. Antes de empunhar um bastão cheio de espinhos é preciso vestir luvas.

Essa demora e a parada na encruzilhada Rollin para combinar com seus agentes iam-lhe fazendo perder a pista. Contudo, logo adivinhou que Jean Valjean quereria ter o rio entre si e seus perseguidores. Inclinou a cabeça e refletiu. Javert, com sua potente retidão de instinto, foi direto à ponte de Austerlitz. Para orientá-lo bastou uma palavra do cobrador do pedágio ali empregado. "Viu passar um homem com uma criança?"; "Fiz-lhe até pagar dois soldos", respondeu o homem, e Javert chegou à ponte ainda a tempo de ver do outro lado do rio Jean Valjean com Cosette pela mão, atravessando o largo iluminado pelo luar. Viu-o entrar na rua de Chemin-Vert-Saint-Antoine; lembrou-se do beco Genrot, beco sem saída, disposto ali como um alçapão, e na única comunicação da rua Droit-Mur com a Picpus. Tomou *todas as dianteiras*, como dizem os caçadores, e mandou apressadamente, por meio de um desvio, um de seus homens montar guarda nessa saída. Vendo passar uma patrulha, pediu-lhe auxílio, e exigiu que o acompanhasse. Os soldados são indispensáveis nessas expedições. Jean Valjean ficaria encurralado entre o beco Genrot à direita, seu agente à esquerda, e ele, Javert, na retaguarda. Combinadas essas disposições, acendeu um fumo.

Depois começou a divertir-se. Houve para ele um momento infernalmente arrebatador; deixou a presa ir na frente, com a certeza de que estava segura, mas desejando prorrogar o máximo possível o momento de a prender, satisfeito de a sentir agarrada e de a ver livre, cobrindo-a com o olhar, com a voluptuosidade da

aranha que deixa a mosca voar e do gato que deixa o rato correr. As unhas e as garras têm uma sensualidade monstruosa: é o movimento obscuro do animal preso em sua tenaz. Que delícia sufocar a presa!

Javert gozava. As malhas de sua rede estavam solidamente ligadas. Tinha certeza de que teria êxito: só lhe bastava fechar a mão.

Acompanhado como estava, a ideia de resistência era impossível, por mais enérgico, vigoroso e desesperado que fosse Jean Valjean.

Javert adiantou-se vagarosamente, sondando e revistando na passagem todos os ângulos da rua, como se faz nos bolsos de um ladrão.

Quando chegou ao centro da teia, não encontrou a mosca.

Imaginem seu desespero.

Interrogou a sentinela postada nas ruas Droit-Mur e Picpus, a qual, sempre em seu posto, não vira o homem passar.

Acontece, às vezes, que o cervo encurralado foge, ou seja, escapa, ainda que com a matilha às costas, e então os mais experientes caçadores ficam sem saber o que dizer. Duvivier, Ligniville e Desprez ficam estupefatos. Em um inconveniente desse tipo, Artonge exclamou: "Não é um cervo, é um bruxo!"

Javert teve vontade de dar o mesmo grito.

O desapontamento de Javert manifestou-se, naquele momento, com furor e desespero.

É verdade que Napoleão cometeu erros na guerra da Rússia, que Alexandre cometeu erros na guerra da Índia, que César cometeu erros na guerra da África, que Ciro cometeu erros na guerra da Cítia e que Javert cometeu erros nessa campanha contra Jean Valjean. Fez mal talvez ao hesitar em reconhecer o ex-forçado. O primeiro encontro já devia ter bastado. Fez mal em não o prender com a maior simplicidade no próprio casebre em que morava. Fez mal em não o prender quando o reconheceu na rua Pontoise; e fez muito mal em parar para consultar seus auxiliares ao luar, na encruzilhada Rollin. Certamente, as opiniões são úteis, e é bom conhecer e interrogar para descobrir os cães que merecem confiança. Mas o caçador nunca toma precauções suficientes quando caça animais inquietos, como o lobo e o forçado. Javert, preocupando-se demais em colocar os cães de caça na pista, alarmou a caça, deu-lhe liberdade para agir e a fez escapar. Agiu mal, sobretudo, ao conservar aquele homem seguro por um fio, desde que tornara a jogar o perigoso e pueril jogo de achar a pista na ponte de Austerlitz. Julgou-se mais forte do que era e acreditou que poderia brincar com o leão como se fosse um rato. Ao mesmo tempo, considerou-se muito fraco quando julgou que era necessário pedir reforços. Precaução fatal, desperdício de um tempo precioso! Javert cometeu todas as faltas, e

nem por isso deixava de ser um dos espiões mais inteligentes e rápidos que tinham existido. Ele era, com toda a força do termo, o que entre os caçadores é chamado de *um cão inteligente*. Mas quem é perfeito neste mundo?

Os grandes estrategistas têm seus dias de eclipse.

Os maiores absurdos são feitos frequentemente, como as cordas grossas, de uma multidão de fios. Observem a corda, fio a fio, observem separadamente todos os pequenos motivos determinantes, então rompendo-os um após outro, acabarão dizendo: "É só isso! Trancem e torçam todos os fios, é uma coisa espantosa: é Átila que hesita entre Marciano a oriente e Valentiniano a ocidente; é Aníbal que se demora em Cápua; é Danton que adormece em Arcis-sur-Aube.

Fosse como fosse, no momento em que Javert se convenceu de que Jean Valjean lhe escapara, não perdeu a cabeça. Certo de que o forçado evadido não poderia estar muito longe, postou sentinelas, organizou emboscadas, armou ratoeiras e fez uma varredura pelo bairro durante toda a noite. A primeira coisa que viu foi o estado do lampião, cuja corda fora arrancada; indício precioso, que não obstante o desorientou, por isso fez convergir todas as suas buscas para o beco Genrot. Há, nesse beco sem saída, muros muito baixos, que dão para quintais que encerram imensos terrenos baldios. Jean Valjean devia, evidentemente, ter fugido por ali. O fato é que se ele tivesse se adiantado para além do beco tê-lo-ia provavelmente feito, e estaria perdido. Javert explorou todos os quintais e terrenos baldios, como se procurasse uma agulha.

Ao amanhecer, deixou de sentinela dois homens inteligentes e voltou para a delegacia de polícia, envergonhado como um beleguim que fosse apanhado por um ladrão.

Nota

1 Aqui é a fábrica de Goblet filho;/ Vinde escolher jarros e brocas,/ Vasos de flores, tubos, tijolos./ A que vier o coração vende ladrilhos.
2 Há um jogo de palavras que gera uma ambiguidade com as palavras "*cœur*" [coração ou o naipe de copas do baralho] e "*carreaux*" [ladrilhos ou o naipe de ouros do baralho]. (N.T.)

LIVRO SEXTO

O PETIT-PICPUS

I

Viela Picpus, nº 62

Coisa alguma se assemelhava, há meio século, a qualquer portão como o da casa nº 62 da rua Picpus. Esse portão, em geral entreaberto do modo mais convidativo, deixava ver duas coisas que nada têm de fúnebre: um pátio rodeado de muros cobertos de videiras e o rosto de um porteiro que passeava para matar o tempo. Por cima do muro do fundo viam-se grandes árvores. Quando um raio de sol alegrava o pátio e um copo de vinho alegrava o porteiro, era difícil passar pelo nº 62 da rua Picpus sem levar dela uma ideia risonha. Contudo, era um lugar sombrio.

A porta sorria; a casa rezava e chorava.

Se conseguisse passar pelo porteiro, o que era quase impossível, porque havia ali um *Abre-te Sésamo!* que era necessário conhecer, se, tendo se passado pelo porteiro, se entrasse à direita, num vestibulozinho que dava para uma escada apertada entre duas paredes, e tão estreitas que não podia passar por ela mais de uma pessoa ao mesmo tempo; se, sem se assustar com as paredes amareladas e os rodapés cor de chocolate da escada, se aventurasse a subir, passava-se por um primeiro patamar, depois o segundo, e chegava-se ao primeiro andar, a um corredor onde a pintura amarelada e o rodapé amarronzado o acompanhavam com tranquila insistência. Tanto a escada como o corredor recebiam luz de duas janelas bastante bonitas. O corredor formava um cotovelo, e aí tornava-se escuro. Dobrado esse ângulo, chegava-se, em poucos passos, a uma porta que se tornava misteriosa justamente porque não estava fechada. Quem a empurrasse, achava-se numa casinha de mais ou menos seis pés quadrados, ladrilhada, lavada, asseada, fria e com as paredes forradas de papel sombrio com florezinhas verdes, custando quinze soldos a peça. De uma grande janela de pequenos vidros, que ficava à esquerda, ela recebia uma luz intensamente branca. Olhava-se, não se via ninguém; apurava-se o ouvido, mas não se ouvia um passo, nem o mínimo murmúrio humano. As paredes estavam nuas; a casa não tinha mobília; não havia ali nem uma cadeira.

Olhando com mais atenção, via-se, na parede que ficava em frente à porta, um buraco de aproximadamente um pé quadrado, guarnecido por uma grade de ferro cujas barras se cruzavam, escuras, nodosas, sólidas, formando quadrados de menos de uma polegada e meia de diagonal. As florezinhas verdes do papel chegavam com calma e ordem a essa grade, sem que esse contato fúnebre as assustasse ou as fizesse rodopiar. Supondo que alguém pudesse ser admiravelmente magro a ponto de querer entrar ou sair por aquele buraco quadrado, a grade o teria impedido. Não deixava passar o corpo, mas deixava passar o olhar, isto é, o espírito. Parecia que tinham pensado nisso porque o haviam forrado com uma lâmina de folha de flandres pregada na parede, um pouco atrás da grade, e crivada de mil orifícios mais microscópicos do que os de uma escumadeira. Por baixo desse ralo, havia uma abertura semelhante às das caixas de correio. À direita do buraco da grade pendia o cordão de uma campainha.

Puxando-se esse cordão, soava a campainha e ouvia-se muito perto uma voz que fazia qualquer um estremecer:

— Quem é? — perguntava a voz.

Era uma voz de mulher, tão suave que se tornava lúgubre.

Ainda aqui era preciso saber uma palavra mágica. Se não se sabia essa palavra, a voz calava-se e a parede tornava-se silenciosa, como se do outro lado estivesse a assustadora escuridão do sepulcro.

Sabendo-se a palavra de que falamos, respondia a voz:

— Entre, à direita.

Notava-se, então, daquele lado, em frente da janela, uma porta envidraçada com um postigo também envidraçado e tom cinzento. Levantava-se a tranqueta, entrava-se e experimentava-se absolutamente a mesma impressão de quando se entra em um camarote gradeado de teatro, antes que a grade baixasse e os lustres fossem acesos. Estava-se, com efeito, numa espécie de camarote, iluminado apenas pela luz baça que penetrava pela porta envidraçada, pequeno, mobiliado com duas cadeiras e um capacho muito velho, com um parapeito que sustentava uma estante de madeira escura. Esse camarote tinha na frente uma grade, não de madeira dourada como nas óperas, mas com uma monstruosa estrutura de barras de ferro horrivelmente encravadas e chumbadas na parede com grossas cavilhas, que se assemelhavam a punhos fechados.

Passados os primeiros instantes, quando os olhos começavam a acostumar-se àquela meia-luz, tentavam ultrapassar a grade, mas não conseguiam ver além da distância de seis polegadas. Ali encontravam uma barreira de postigos escuros, seguros e fortificados com travessas de madeiras pintadas de um amarelo cor de pão

de especiarias. Esses postigos eram cheios de divisões, ao longo de toda a grade, e estavam sempre fechados.

Passados alguns instantes, ouvia-se uma voz dizendo:

— Estou aqui. O que deseja?

Era uma voz agradável, muitas vezes uma voz adorável. Não se via ninguém; ouvia-se apenas o arfar de uma respiração. Parecia se tratar de uma evocação que nos falava através da lápide de uma sepultura. Estando-se em certas condições requeridas, mas muito raras, abria-se uma das divisões dos postigos e a evocação tornava-se uma aparição. Além da grade, por detrás do postigo, descobria-se, tanto quanto a grade o permitia, um rosto do qual se não via mais do que a boca e o queixo; o resto era coberto por um véu preto. Entrevia-se um escapulário e um vulto que mal se distinguia, coberto com um sudário negro. Aquele rosto falava, mas não vos via, e jamais sorria.

A claridade que vinha do lado de dentro era disposta de tal modo que só podíamos vê-la branca, e que ela nos via apenas como um contorno escuro. Aquela claridade era um símbolo.

Entretanto, os olhos mergulhavam avidamente naquela abertura feita em um lugar fechado a todos os olhares. Uma névoa envolvia aquela forma vestida de luto. Os olhos penetravam na névoa e tentavam identificar aquilo que estava em torno da aparição. Em pouco tempo, notava-se que não havia mais nada. O que se via era a noite, o vazio, a escuridão, uma bruma de inverno misturada a um vapor sepulcral, uma espécie de paz assustadora, um silêncio em que não se ouvia nada, nem mesmo um suspiro, uma sombra onde não se percebia nada, nem mesmo fantasmas.

O que se via era o interior de um claustro.

Era o interior daquela casa triste e severa que se chamava Convento das Bernardas da Adoração Perpétua. A espécie de camarote em que estávamos era o locutório. Aquela voz, a primeira que nos tinha falado, era a da rodeira, que estava sempre sentada, imóvel e silenciosa, do outro lado da parede, junto da abertura quadrada, protegida pela grade de ferro e pela placa de mil buracos como por uma dupla viseira.

A escuridão em que se mergulhava a parte protegida pelas grades era causada por haver uma única janela que se abre para o mundo e nenhuma aberta para o convento. Olhos profanos não deviam ver a mínima parte daquele lugar sagrado.

Entretanto, além dessa sombra havia uma luz; havia vida naquela morte. Embora esse convento fosse o mais murado de todos, vamos tentar entrar nele, levando conosco o leitor, e dizer sem inconveniência coisas que os narradores nunca viram e, por consequência, nunca contaram.

II

Congregação de Martin Verga

Esse convento, que em 1824 existia havia já muitos anos, na rua Picpus, era de uma comunidade de bernardas, regidas por Martin Verga.

Essas bernardas, por consequência, ligavam-se não a Bernardo de Claraval, como os bernardos, mas a Cister, como os beneditinos. Em outros termos, eram obedientes não a são Bernardo, mas a são Bento.

Qualquer um que tenha consultado um pouco os in-fólios sabe que Martin Verga fundou em 1425 uma congregação de bernardas-beneditinas, tendo Salamanca como sede da ordem e Alcalá como sucursal.

Essa congregação tinha espalhado seus ramos em todos os países católicos da Europa.

Esses transplantes de uma ordem para outra nada têm de inusitado na igreja latina. Para mencionar unicamente a ordem de São Bento, que aqui vem ao caso, a essa ordem se ligavam, sem contar a congregação de Martin Verga, quatro congregações. Duas na Itália: Monte Cassino e Santa Justina de Pádua; duas na França: Cluny e São Mauro. E nove ordens: Valombrosa, Grammont, os celestinos, os camaldulenses, os cartuxos, os humilhados, os olivatários, os silvestrinos e, por fim, os cistercienses, porque o próprio Cister, tronco de outras ordens, é apenas um ramo da ordem de São Bento. Cister data de são Roberto, abade de Molesme na diocese de Langres, em 1098. Mas foi em 529 que o diabo, retirando-se para o deserto de Subíaco (ele estava velho; teria virado um eremita?), foi expulso do antigo templo de Apolo, onde morava, pelo próprio são Bento, que tinha apenas dezessete anos.

Após a regra dos carmelitas, que seguem descalços, usam uma espécie de gola de vime ao pescoço e nunca se sentam, a regra mais rígida é a das bernardas-beneditinas de Martin Verga. Vestem-se de preto, com um véu que, segundo a prescrição expressa de são Bento, vai até o queixo. Um roupão de sarja de mangas largas, um grande véu de lã, a touca que vai até o peito, onde possui um corte horizontal, e o véu que lhes desce até os olhos; assim se vestem. Tudo é preto, com exceção da touca, que é branca. As noviças vestem-se do mesmo jeito, mas na cor branca. As professoras usam, além disso tudo, um rosário ao lado.

As bernardas-beneditinas de Martin Verga praticam a Adoração Perpétua, como

as beneditinas conhecidas como damas do Santíssimo Sacramento, as quais, no começo deste século, tinham em Paris duas casas: uma no Temple e outra na rua Neuve-Sainte-Geneviève. Além do mais, as bernardas-beneditinas do Petit-Picpus, de que falamos, seguiam uma ordem absolutamente distinta da das damas do Santíssimo Sacramento, enclausuradas na rua Neuve-Sainte-Geneviève e no Temple. Havia numerosas diferenças nas regras, assim como nas vestimentas. As bernardas-beneditinas do Petit-Picpus usavam um véu preto, enquanto o das beneditinas do Santíssimo Sacramento e da rua Neuve-Sainte-Geneviève era branco, além de ter sobre o peito um Santíssimo Sacramento de mais ou menos três polegadas, de prata ou cobre dourado. As religiosas do Petit-picpus não usavam esse Santíssimo Sacramento. A Adoração Perpétua, comum na casa do Petit-Picpus e na do Temple, fazia com que as duas ordens fossem perfeitamente distintas. A única semelhança era a prática entre as damas do Santíssimo Sacramento e as bernardas de Martin Verga, do mesmo modo como se assemelhavam, pelo estudo e pela glorificação de todos os mistérios relativos à infância, à vida e à morte de Jesus Cristo e da Virgem, entre duas ordens, no entanto, muito diferentes e naquela ocasião inimigas, o oratório da Itália, estabelecido em Florença, por Filipe de Neri, e o oratório da França, estabelecido em Paris por Pierre de Bérulle. O oratório de Paris pretendia ser superior, já que Filipe de Neri era apenas santo e Bérulle era cardeal.

Voltemos à dura regra espanhola de Martin Verga.

As bernardas-beneditinas dessa congregação não comem carne durante o ano inteiro, jejuam na Quaresma e, em muitos outros dias que lhes são especiais, levantam-se já no primeiro sono, da uma hora da manhã até as três, para ler o breviário e cantar matinas, dormem com lençóis de sarja em todas as estações, sempre sobre palha, e não tomam banho, nunca acendem o fogo, submetem-se à disciplina todas as sextas-feiras, observam a regra do silêncio, não falam senão nas horas de recreação, que são bastante curtas, e usam o burel durante seis meses, de 14 de setembro, dia de exaltação da Santa Cruz, até a Páscoa. Esses seis meses são, no fundo, uma moderação, pois a regra estabelece que seja o ano todo; mas esse burel, insuportável durante o calor do verão, causava febres e espasmos nervosos. Então, foi preciso restringir-lhe o uso. Mesmo com essa moderação, em 14 de setembro, quando as religiosas começam a usar o burel, elas têm três ou quatro dias de febre. Obediência, pobreza, castidade, clausura — esses são seus votos, bastante agravados pela regra.

A prioresa é eleita por três anos pelas madres, chamadas *madres vocais*, porque têm voz nos capítulos. Uma prioresa só pode ser reeleita duas vezes, o que fixa em

nove anos seu mais longo reinado possível.

As bernardas não veem nunca o sacerdote oficiante, que lhes é sempre escondido por uma cortina de sarja de nove pés de altura. Ao sermão, quando o pregador está na capela, elas cobrem o rosto com o véu. Elas sempre devem falar baixo, caminhar olhando para o chão e com a cabeça inclinada. Um único homem pode entrar no convento: o arcebispo diocesano.

Há ainda outro, que é o jardineiro; mas esse é sempre um velho, o qual, para que esteja sempre sozinho no jardim, e para que as religiosas, avistadas, lhe possam evitar a presença, traz continuamente um guizo pendurado ao joelho.

Elas estão sujeitas à prioresa por uma submissão absoluta e passiva. É a sujeição canônica em toda a sua abnegação. Como à voz de Cristo, *ut voci Christi*, a um gesto, ao primeiro sinal, *ad nutum*, *ad primum signum*, rapidamente, com felicidade, com perseverança, com certa obediência quase cega, *prompte*, *hilariter*, *perseveranter*, *et caeca quadam obedientia*, como a lima na mão do trabalhador, *quasi limam in manibus fabri*, não podendo ler nem escrever o que quer que seja sem permissão expressa, *legere vel scribere non addiscerit sine expressa superioris licentia*.

Essas religiosas fazem, cada uma quando lhes toca, o que elas chamam de *reparação*. A reparação é a oração por todos os pecados, por todas as desordens, por todas as violações, as iniquidades e os crimes que se cometem nesse mundo. Durante doze horas consecutivas, das quatro da tarde às quatro da manhã, a irmã que faz a *reparação* permanece de joelhos sobre a pedra em frente do Santíssimo Sacramento, de mãos unidas e uma corda no pescoço. Quando o cansaço se torna insuportável, prostra-se com o rosto contra a terra e os braços em cruz: esse é todo o alívio possível. Nessa atitude, reza por todos os culpados do universo. Isso é tão grande que toca o sublime.

Como esse ato se efetua diante de um poste sobre o qual arde um círio, diz-se, indistintamente, *fazer a reparação*, ou *estar no poste*. As religiosas preferem, por humildade, a última expressão, que contém uma ideia de suplício e sujeição.

Fazer a reparação é uma função que absorve toda a alma. A irmã que *está no poste* não voltaria a cabeça nem mesmo se atrás dela caísse um raio.

Além disso, há sempre uma religiosa de joelhos em frente ao Santíssimo Sacramento. Essa posição dura uma hora. Rendem-se como os soldados de sentinela. É a Adoração Perpétua.

As prioresas e as madres usam quase sempre nomes que dão a impressão de uma gravidade particular, lembrando não só santos e mártires, mas momentos da vida de Jesus Cristo, como a madre Natividade, a madre Conceição, a madre Apresentação, a madre Paixão. No entanto, os nomes de santos não são proibidos.

Quando as encontramos, é somente a boca o que conseguimos ver. Todas têm os dentes amarelados. Jamais entrou no convento uma escova de dentes. Limpar os dentes é estar no topo de uma escada, em cuja base se acha a perda da alma.

Não dizem de coisa alguma *meu* ou *minha*. Não lhes pertence nada e não devem afeiçoar-se a nada. A tudo chamam *nosso*; assim: o nosso véu e o nosso rosário; se falassem da própria vestimenta, diriam a *nossa vestimenta*. Algumas vezes se afeiçoam a algum pequeno objeto, um livro de orações, uma relíquia, uma medalha benta. Assim que elas começam a querer possuir esse objeto, devem dá-lo a alguém. Elas se lembram das palavras de santa Teresa a uma grande dama no momento de entrar em sua ordem: "Permita, madre, que eu mande buscar uma Bíblia à qual tenho muita estima? *Ah! A senhora tem estima por alguma coisa! Nesse caso, não entre para a nossa ordem.*"A proibição de terem *seu quarto* e de *fecharem-se* é expressa. Vivem em celas sempre abertas. Quando se encontram, uma diz: "Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar!" A outra responde: "Por todo o sempre." Quando uma bate à porta da outra, repete-se a mesma cerimônia. Apenas batem à porta e ouvem logo uma voz suave dizer precipitadamente: "Por todo o sempre!" Como todas as práticas, esta torna-se maquinal, pelo hábito, de modo que uma diz, algumas vezes "Por todo o sempre", antes que a outra tenha tido tempo de dizer, o que é bem extenso: "Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar!" Entre as visitandinas, aquela que entra diz: "*Ave* Maria", e aquela em cuja cela se entra diz: "*Gratia plena.*" É, de fato, um bom-dia "cheio de graça". A cada hora do dia soam no sino da igreja três badaladas suplementares. A esse sinal, prioresa, madres vocais, professas, conversas, noviças e postulantes interrompem o que estão dizendo, fazendo ou pensando e dizem todas ao mesmo tempo, se são cinco horas, por exemplo: "Às cinco horas, e em todas as horas, bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar!" Se são oito horas "Às oito horas e em todas as horas" etc., e assim por diante, segundo a hora que soa.

Esse costume, que tem por finalidade interromper o pensamento e fazê-lo voltar sempre a Deus, existe em muitas comunidades; apenas a fórmula é que varia. Assim, na congregação do Menino Jesus, diz-se: "Nesta hora e em todas as horas, que o amor de Jesus inflame meu coração!"

As bernardas-beneditinas de Martin Verga, enclausuradas há cinquenta anos no Petit-Picpus, cantam os ofícios em uma salmodia grave e a toda a voz durante o ofício. Em todos os pontos em que no missal há um asterisco, fazem uma pausa e dizem em voz baixa: "Jesus, Maria, José." Nos ofícios dos mortos, o tom é também tão baixo que só a muito custo vozes femininas podem descer até ele. Resulta disso um efeito surpreendentemente trágico.

As religiosas do Petit-Picpus tinham mandado construir uma cripta sob o altar-mor para sepultura da comunidade. O "governo", como elas diziam, não permitia que essa cripta recebesse os caixões. As religiosas saíam do convento apenas quando já estavam mortas, o que as afligia e consternava, como se tivessem cometido uma infração.

Tinham obtido a permissão, medíocre consolação, de serem enterradas em uma hora e um canto especial no cemitério Vaugirard, construído em uma terra que antes pertencera à comunidade.

Toda quinta-feira, as religiosas ouvem a missa solene, rezam as vésperas e todos os ofícios como aos domingos. E ainda observam escrupulosamente todas as pequenas festas, desconhecidas para as pessoas do mundo, de que a Igreja antigamente era pródiga na França e ainda é pródiga na Espanha e na Itália. Os momentos de adoração na capela são intermináveis. Quanto ao número e à duração de suas preces, não podemos dar uma ideia melhor senão citando as palavras ingênuas de uma delas: "As orações das postulantes são assustadoras, as orações das noviças são ainda piores, e as das professas são ainda mais."

Uma vez por semana, reúne-se o capítulo; a prioresa preside, as madres vocais assistem. Cada irmã vem, por sua vez, ajoelhar-se na pedra e confessar em voz alta, diante de todas, os erros e os pecados que ela cometeu na semana. As madres vocais se consultam após cada confissão e infligem, em voz alta, as penitências.

Além da confissão em voz alta, para a qual são reservados todos os erros menos graves, há para os pecados veniais o que elas chamam de *culpa*. Confessar a culpa é prostrar-se de bruços durante o ofício diante da prioresa, até que esta, sempre tratada por *nossa madre*, advirta a penitente, por um pequeno golpe dado em seu banco de madeira, de que pode levantar-se. Confessa-se a culpa por cada pequena coisa: um vidro quebrado, um véu rasgado, um atraso involuntário de alguns segundos para o ofício, uma nota desafinada na igreja etc., isso já é suficiente para que se confesse a culpa. E a culpa é totalmente espontânea; é a própria *culpada* (a palavra está aqui etimologicamente em seu lugar apropriado) quem se julga e se inflige a pena. Nos dias de festas e aos domingos, há quatro madres cantoras que salmodiam os ofícios diante de uma grande estante de quatro faces. Um dia uma madre entoou um salmo que começava por *Ecce* e, no lugar de *Ecce*, disse em voz alta as três notas: *dó*, *si*, *sol*; ela se submeteu, por essa distração, a uma culpa que perdurou todo o ofício. O que tornou o erro tão grande foi o fato de que todo o capítulo acabou rindo.

Quando uma religiosa é chamada ao locutório, ainda que seja pela prioresa, abaixa o véu de modo que, como devem lembrar, não deixe ver senão a boca.

Só a prioresa pode comunicar-se com estranhos. As outras não podem ver senão os parentes mais próximos, e mesmo assim raras vezes. Se, por acaso, se apresenta uma pessoa para visitar uma religiosa que conheceu ou amou no mundo, é necessária uma complicada negociação. Quando é uma mulher, a autorização pode ser algumas vezes concedida; a religiosa apresenta-se e a visita fala-lhe através dos postigos, os quais só se abrem para uma mãe ou uma irmã. É desnecessário dizer que aos homens é sempre recusada tal permissão.

Assim é a *Regra de São Bento*, agravada por Martin Verga.

Essas religiosas não são alegres, nem de fisionomias coradas e frescas, como o são muitas de outras ordens. São pálidas e graves. De 1825 a 1830 três enlouqueceram.

III

Severidades

São postulantes, pelo menos, por dois anos, muitas vezes quatro; noviças, outros quatro anos. É raro que os votos definitivos possam ser pronunciados antes dos vinte e três ou vinte e quatro anos. As bernardas-beneditinas não admitem viúvas em sua ordem.

Nas celas, entregam-se a muitas macerações ignoradas de que nunca devem falar.

No dia em que uma noviça professa, vestem-na com suas mais belas vestes, coroam-na de rosas brancas, penteiam-lhe, frisam-lhe os cabelos, ela em seguida prostra-se, cobrem-na com um grande véu preto e cantam o ofício dos mortos. As religiosas dividem-se, então, em duas fileiras; uma passa junto dela dizendo em tom lastimoso "Nossa irmã morreu"; a outra responde em voz alta e alegre: "Vive em Jesus Cristo!"

Na época em que se passa esta história, havia um colégio interno agregado ao convento. Esse colégio interno era de meninas nobres, e a maior parte ricas, entre as quais se contavam as de Saint-Aulaire e de Bélissen, e uma inglesa com o ilustre sobrenome católico de Talbot. Essas meninas, educadas pelas religiosas entre quatro paredes, cresciam horrorizadas com o mundo e o século. Uma delas dizia-nos um dia: "Ver as pedras da rua fazia-me estremecer da cabeça aos pés." Andavam vestidas

de azul com uma touquinha branca e um Espírito Santo de prata avermelhada, ou de cobre, sobre o peito. Em certos dias de grande festa, particularmente a de santa Marta, era-lhes permitido, como grande favor e felicidade suprema, vestirem-se como as religiosas e fazerem os ofícios e as práticas da *Regra de São Bento*, durante um dia inteiro. Nos primeiros tempos, as religiosas emprestavam-lhes suas vestimentas pretas. Isso pareceu algo profano, e a prioresa o proibiu. Esse empréstimo só podia ser feito pelas noviças. É evidente que essas representações, toleradas sem dúvida e encorajadas no convento por um secreto espírito de proselitismo, para dar àquelas meninas um gosto antecipado pelos hábitos religiosos, eram uma felicidade e diversão verdadeira para as internas. Elas simplesmente se divertiam. *Era novidade, ficavam tão diferentes!* Cândidas razões da infância que não conseguem fazer-nos compreender, a nós, mundanos, essa felicidade de ter nas mãos um hissope e ficar de pé durante horas, cantando diante de uma estante. As alunas, vizinhas das austeridades, conformavam-se com todas as práticas do convento. Houve uma que, depois de haver retornado ao mundo, e após muitos anos de casada, não conseguia desacostumar-se de dizer apressadamente, sempre que lhes batiam à porta: "Por todo o sempre!" Como as religiosas, as alunas não viam seus parentes senão no locutório; e nem suas mães podiam abraçá-las. Eis até onde chegava a austeridade. Um dia, uma aluna foi visitada por sua mãe, que era acompanhada por outra filhinha, de três anos. A aluna chorava, porque queria beijar sua irmãzinha. Impossível. Suplicou que ao menos permitissem que a criança passasse a mãozinha através das grades, para que a pudesse beijar. Isso foi recusado quase com escândalo.

IV

Alegrias

Essas meninas do internato não deixavam, apesar de tudo, de encher a casa austera de encantadoras recordações.

A certas horas, resplandecia no claustro o espírito da infância. Tocara a hora do recreio; abria-se uma porta e os passarinhos diziam: "Que bom, eis aí as crianças!" E

uma erupção de juventude inundava aquele quintal cortado por uma cruz, como uma mortalha. Rostos radiantes, alvas frontes, olhos ingênuos cheios de alegre luz e toda espécie de auroras se espalhava então por aquelas trevas. Depois dos salmos, dos sinos, dos repiques, dos dobres, dos ofícios, rebentava de repente o rumor das crianças, mais suave do que o das abelhas. Abriu-se a colmeia da alegria, e cada uma trazia seu mel. Brincavam, chamavam-se, agrupavam-se, corriam; lindos dentinhos brancos brilhavam por todos os cantos; os véus, de longe, vigiavam os risos, as sombras espionavam os raios de luz, mas que importa? Resplandecia-se e ria-se. Aquelas quatro paredes lúgubres tinham seus minutos de encanto. Assistiam, vagamente iluminadas pelo reflexo de tanta alegria, a esse doce turbilhão de enxames. Era como uma chuva de rosas caindo sobre o luto. As meninas divertiam-se sob os olhares das religiosas; o olhar da impecabilidade não constrange a inocência. Graças àquelas crianças, em meio a tantas horas de austeridade havia uma hora de leveza. As menores pulavam, as maiores dançavam. Naquele claustro, o brinquedo tinha um quê de céu. Nada podia ser tão encantador e augusto como todas aquelas almas recentemente desabrochadas. Homero teria ido ali para rir com Perrault. E ali havia, naquele quintal sombrio, juventude, saúde, barulho, gritos, deslumbramento, prazer, felicidade, tudo isso que é capaz de reanimar todos os antepassados, tanto os da epopeia como os dos contos, tanto os dos tronos como os das choupanas, desde Hécuba até Mère-Grand. Naquela casa, disseram-se, mais do que em qualquer outro lugar, esses *ditos de criança*, tão graciosos que fazem rir, mas com um riso cheio de imaginação. Foi entre aquelas quatro paredes fúnebres que uma criança exclamou um dia: "Madre! Uma menina grande me disse que só tenho de ficar aqui nove anos e dez meses. Que felicidade!"

Foi ainda aí que se deu este memorável diálogo:

UMA MADRE VOCAL: — Por que está chorando, minha filha?

A CRIANÇA (de seis anos, soluçando): — Falei a Alice que sabia minha lição de história da França; ela disse que eu não sei, mas eu sei, sim.

ALICE (a menina grande, de nove anos): — Não sabe, não sabe.

A MADRE: — Como assim, minha filha?

ALICE: — Ela me falou para abrir o livro ao acaso, que lhe fizesse uma pergunta, e ela responderia.

— E então?

— Ela não respondeu.

— O que foi que você perguntou?

— Eu abri o livro ao acaso, como ela disse, e fiz a primeira pergunta que encontrei.

— E que pergunta foi?

— Foi: o que aconteceu em seguida?

Foi ali é que se fez essa observação profunda sobre um periquito meio guloso que pertencia a uma senhora pensionista:

— É muito engraçado! Quando lhe dão pão com manteiga, come só a parte que tem a manteiga, como se fosse uma pessoa.

Sobre as lajes daquele claustro é que foi achada essa confissão, escrita antecipadamente, para não esquecer, por uma pecadora de sete anos:

> Senhor padre, acuso-me de ter sido avarenta.
> Senhor padre, acuso-me de ter sido adúltera.
> Senhor padre, acuso-me de ter levantado os olhos para os homens.

Foi sobre um dos bancos desse quintal que foi improvisada, por uma menina de boca rosada de seis anos, esta história, escutada por outra de olhos azuis de quatro ou cinco anos:

> Havia três galinhos que viviam em um país onde havia muitas flores. Colheram as flores e as colocaram nos bolsos. Depois disso, colheram as folhas e as colocaram em seus brinquedos. Havia um lobo e muitos bosques nesse país; o lobo estava no bosque; ele comeu os três galinhos.

E ainda este outro poema:

> Ouvi uma paulada.
> Foi Polichinelo que bateu no gato.
> Isso não lhe fez bem nem lhe fez mal.
> Então, uma senhora colocou Polichinelo na prisão.

Foi ali também que uma menina abandonada, que o convento educava por caridade, disse uma frase doce e pungente. Ouvindo as outras falarem de suas mães, murmurou no canto onde estava:

— *Minha mãe não estava presente quando eu nasci.*

Havia uma robusta rodeira, que sempre era vista correndo pelos corredores com seu molho de chaves e que era conhecida como irmã Ágata. As *meninas bem grandes*, que tinham mais de dez anos, chamavam-na de *Agatocles*.

O refeitório, grande sala alongada que não recebia luz senão de um claustro de arcadas ao rés do chão, era escuro e úmido, e, como diziam as crianças, cheio de bichos. Todos os lugares circunvizinhos forneciam para esse refeitório seu contingente de insetos. Cada um dos quatro cantos recebeu, na linguagem das meninas, um nome particular e expressivo. Havia o canto das Aranhas, o canto das Lagartas, o canto dos Bichos-de-conta e o canto dos Grilos. O canto dos Grilos era vizinho da cozinha e era bastante estimado; ali fazia menos frio que os outros cantos. Do refeitório, os nomes passaram ao colégio interno e serviam para distinguir, como no antigo colégio Mazarino, quatro nações. Toda aluna pertencia a uma das quatro nações, de acordo com o canto do refeitório onde se sentava na hora das refeições. Um dia, quando o arcebispo fazia sua visita pastoral, viu entrar na sala, uma linda menina, corada e com admiráveis cabelos louros. Ele perguntou a uma aluna, encantadora moreninha de faces muito saudáveis, que estava ao lado dele:

— Quem é aquela?

— É uma aranha, senhor.

— Ah! E aquela outra?

— É um grilo.

— E aquela?

— É uma lagarta.

— Sim?! E você, o que é?

— Eu sou bicho-de-conta, senhor.

Cada casa desse gênero tem suas particularidades. No princípio desse século, era Écouen um desses lugares graciosos e severos onde se desenvolvia, em meio a uma sombra quase augusta, a infância das meninas. Em Écouen, para tomar lugar na procissão do Santíssimo Sacramento, havia distinção entre as virgens e as floristas. Havia, também, "os pálios" e "os turíbulos". Umas levavam os cordões do pálio, as outras incensavam o Santíssimo Sacramento. As flores pertenciam, por direito, às floristas. Na frente, caminhavam quatro "virgens". Na manhã desse grande dia, não era raro ouvir perguntar no dormitório:

— Quem aqui é virgem?

A sra. Campan citava o seguinte dito de uma "pequena", de sete anos a uma "grande" de dezesseis, que tomara a frente da procissão, enquanto ela, a "pequena", tinha ficado atrás:

— Você é virgem, eu não sou.

V

Distrações

Por cima da porta do refeitório estava escrito, com grandes letras pretas, a oração a que chamavam *Padre-nosso branco* e que tinha a virtude de conduzir as almas direitas para o paraíso:

> Padrenossozinho branco, que Deus fez, que Deus disse, que Deus pôs no paraíso. À noite, ao deitar, encontrei três anjos na minha cama, um aos pés, dois à cabeceira, e Nossa Senhora no meio, dizendo-me que me deitasse e que nada receasse. Nosso Senhor é meu pai, Nossa Senhora é minha mãe, os três apóstolos são meus irmãos e as três virgens, minhas irmãs. O meu corpo está envolvido na roupa em que Deus nasceu; a cruz de santa Margarida está marcada no meu peito: a santa Virgem indo pelos campos, chorando, em busca de Deus e encontra são João; De onde vem, são João? Venho de *Ave Salus*. Não viu se Deus estava lá? Está na árvore da cruz, com os pés pendentes, as mãos pregadas, e um chapeuzinho de espinhos na cabeça. Quem o disser três vezes à noite e três vezes pela manhã, ganha o paraíso para sempre.

Em 1827, essa oração característica desapareceu da parede, sob uma tríplice pintura. Agora já vai desaparecendo da memória de algumas meninas de então, hoje senhoras de idade bastante avançada.

Um grande crucifixo na parede completava a decoração desse refeitório, cuja única porta, acreditamos já ter dito, dava para o quintal. Duas mesas, estreitas, tendo cada uma um banco com assento de madeira de cada lado, formavam duas linhas paralelas que iam de um a outro extremo do refeitório. As paredes eram caiadas e as mesas, pretas; essas duas cores do luto são a única variação dos conventos. As refeições eram excêntricas, e o próprio alimento das crianças, severo. Um só prato, carne e legumes misturados, ou peixe salgado; assim era todo o luxo. Essa comida era reservada exclusivamente para as alunas. As crianças comiam caladas, sob a vigilância da madre auxiliar da semana, que, de vez em quando, se

uma mosca se lembrava de voar ou zumbir de modo contrário à regra, abria e fechava ruidosamente um livro de madeira. Esse silêncio era distraído com a vida dos santos, lida em voz alta, num pulpitozinho com estante, situado ao pé do crucifixo. A leitora era uma das "meninas grandes", que mudava toda semana. Havia, de distância em distância, sobre a mesa descoberta, terrinas em que as próprias alunas lavavam o prato e os talheres; às vezes, jogavam aí alguma sobra de carne dura ou de peixe estragado; isso era proibido. Chamavam a essas terrinas de *rodas de água*. A criança que rompia o silêncio fazia uma "cruz com a língua". Onde? No chão. Lambia o pavimento. O pó, fim de todas as alegrias, era o encarregado de punir aquelas pétalas de rosa, culpadas de murmurar.

Havia no convento um livro de que nunca se fez impressão de *mais de um exemplar*, e que era proibido de ser lido. Era a *Regra de São Bento*. Arcano em que olho profano algum deve penetrar. *Nemo regulas, seu constitutiones nostras, externis communicabit.*

As meninas conseguiram, um dia, pegar esse livro e puseram-se a lê-lo com avidez, leitura muitas vezes interrompida pelo medo de serem surpreendidas e que lhes fazia fechar precipitadamente o livro. Por fim, foi insignificante o prazer que obtiveram do grande perigo a que se tinham exposto. O que encontraram de "mais interessante" foram algumas páginas ininteligíveis sobre os pecados dos rapazes.

Elas brincavam em uma aleia do quintal, orlada de algumas frágeis árvores frutíferas. Apesar da extrema vigilância e da severidade das punições, quando o vento agitava as árvores, elas conseguiam às vezes pegar furtivamente uma maçã verde, um damasco estragado ou uma pera bichada. Agora, deixo-lhes falar uma carta que tenho sob os olhos, escrita há vinte e cinco anos por uma menina, hoje duquesa de…, uma das mais elegantes mulheres de Paris. Cito textualmente:

> Escondemos a pera ou a maçã do jeito que for possível. Quando subimos para deixar o véu no dormitório e esperar o jantar, escondemo-las debaixo do travesseiro e, à noite, comemo-las na cama, e, quando não é possível, comemos as frutas no banheiro mesmo.

Isso era uma de suas alegrias mais intensas.

Uma vez, também na época de uma visita do arcebispo ao convento, uma das meninas, srta. Bouchard, parente dos Montmorency, apostou que lhe pediria um dia de férias, o que era impensável em uma comunidade tão austera. A aposta foi aceita, mas nenhuma das meninas que apostavam acreditava que aquilo era possível.

No momento certo, enquanto o arcebispo passava diante das meninas, a srta. Bouchard, para indescritível espanto das companheiras, saiu da fila e disse: "Excelência, um dia de férias." A srta. Bouchard era saudável e alta, com o rostinho mais rosado do mundo. O cardeal, conde de Quélen, sorriu e disse: "Como assim, minha querida, um dia de folga?! Dou até três dias, se quiser. Está combinado: três dias." A prioresa nada podia fazer; o arcebispo já havia falado. Escândalo para o convento, mas alegria para o colégio. Podem imaginar o efeito.

Esse carrancudo claustro não era, contudo, tão bem murado que a vida das paixões exteriores ali não penetrassem. Para o provar, limitar-nos-emos a registrar aqui e a indicar brevemente um fato real e incontestável que, aliás, não tem qualquer ligação nem se prende por nada à história que agora contamos. Mencionamos esse fato para completar no espírito do leitor a fisionomia do convento.

Por essa mesma época havia no convento uma pessoa misteriosa que não era religiosa, mas a quem tratavam com grande respeito e a quem chamavam de sra. Albertine. Nada se sabia a seu respeito, senão que era louca e que no mundo passava por morta. Havia no fundo dessa história, como se dizia, alguns acordos de fortunas indispensáveis a um grande casamento. Essa senhora tinha apenas trinta anos, era morena, bastante bonita e via vagamente as coisas com grandes olhos negros. Enxergava alguma coisa? Muitos duvidavam. Em vez de andar, podia-se dizer que deslizava; nunca falava, e não havia certeza de que respirasse. Tinha o nariz afilado e lívido, como depois do último suspiro. Tocar-lhe na mão era tocar numa porção de neve; tinha a estranha graça de um fantasma. Onde ela parava, o frio começava. Um dia, uma irmã, vendo-a passar, disse para outra: "Passa por morta." "Talvez o esteja", respondeu aquela.

Contavam inúmeras coisas sobre a sra. Albertine. Era a eterna curiosidade das alunas. Havia na capela uma tribuna a que chamavam de *olho de boi*. Era nessa tribuna, que não tinha senão uma abertura circular, que a sra. Albertine assistia aos ofícios. Ficava ali, geralmente só, porque da tribuna, colocada no primeiro andar, podia-se ver o pregador ou o celebrante, o que era proibido às religiosas. Um dia, o púlpito estava ocupado por um jovem sacerdote de alta hierarquia, o senhor duque de Rohan, da França, oficial dos mosqueteiros vermelhos em 1815, quando era príncipe de Léon, falecido depois de 1830, como cardeal e arcebispo de Besançon. Era a primeira vez que o duque de Rohan pregava no convento de Petit-Picpus. A sra. Albertine assistia ordinariamente aos ofícios e aos sermões, no maior sossego e na imobilidade mais completa.

Naquele dia, assim que viu o duque de Rohan, deu um pulo na sua cadeira e lançou em voz alta estas palavras no meio do silêncio da capela: "Olha! O Augusto!"

Toda a comunidade, estupefata, voltou a cabeça, o pregador levantou os olhos, mas a sra. Albertine tinha novamente voltado à sua imobilidade. Um sopro do mundo exterior, um clarão de vida havia pairado momentaneamente sobre aquela figura gélida, depois tudo se desvanecera e a louca tornara a ser cadáver.

Porém, aquelas palavras geraram comentários no convento. Quanta coisa naquele "Olha! O Augusto!". Quanta revelação! O duque de Rohan chamava-se, com efeito, Augusto. Era evidente que a sra. Albertine viera da mais alta sociedade, por isso conhecia o duque, pois ocupava posição elevada e tinha com ele relações de parentesco, com certeza, muito íntimas, porque o chamara pelo nome de batismo.

O duque de Rohan, sem que o soubéssemos, era o alvo da atenção das alunas. Naquela época, acabava de ser nomeado, enquanto esperava o episcopado, vigário-geral do arcebispo de Paris. Um de seus hábitos era cantar com frequência nos ofícios da capela das religiosas do Petit-Picpus. Nenhuma das jovens reclusas o podia avistar por causa da cortina de lã; porém, o vigário-geral tinha uma voz suave e um tanto fina, por isso elas haviam conseguido reconhecê-lo e distingui-lo. O duque havia sido mosqueteiro; além disso, diziam ser extremamente elegante, apresentar sempre muito bem penteados seus magníficos cabelos castanhos, usar, na cintura, uma faixa suntuosa e que a sua batina mostrava o talhe mais aprimorado que podia ver-se. O duque ocupava bastante aquelas cabecinhas de dezesseis anos.

No convento não penetrava o mínimo ruído exterior. Entretanto, houve um ano em que foi ouvido o som de uma flauta. Foi um acontecimento inesquecível entre as alunas.

Era uma flauta que alguém tocava nas vizinhanças. Essa flauta tocava sempre a mesma música, uma ária que hoje é quase esquecida: "Querida Zétulbé, vem reinar em minha alma", e que se ouvia duas ou três vezes durante o dia. As alunas passavam horas inteiras a escutá-la, as madres vocais andavam sem saber o que fazer, os cérebros trabalhavam e choviam os castigos. Isso durou muitos meses. As meninas estavam todas, umas mais, outras menos, apaixonadas pelo desconhecido tocador de flauta. Cada uma sonhava ser Zétulbé. O som da flauta vinha pelo lado da rua Droit-Mur; elas dariam tudo, comprometeriam tudo, tentariam tudo para ver, nem que fosse por um segundo, para entrever, para apenas avistar "o jovem" que tocava tão deliciosamente aquela flauta e que, sem suspeitar, tocava ao mesmo tempo em todas aquelas almas. Houve uma que conseguiu escapar por uma porta e subiu ao terceiro andar que dava para a rua Droit-Mur, a fim de tentar ver alguma coisa. Impossível. Uma chegou a passar o braço através da grade, elevando-o o máximo que pôde e agitando seu lenço branco. Outras duas foram ainda mais audazes. Descobriram um meio de subir até o telhado e, arriscando-se a caminhar sobre ele,

conseguiram ver o "jovem". Era um idoso fidalgo emigrado, cego e arruinado, que, vivendo numa trapeira, tocava flauta para se distrair.

VI

O pequeno convento

Havia no recinto do Petit-Picpus três construções perfeitamente diferentes: o convento em que habitavam as religiosas, o colégio em que estavam as alunas e, enfim, o que se denominava pequeno convento. Este era um prédio com quintal, onde se alojava toda espécie de velhas religiosas de diferentes ordens, restos dos claustros destruídos pela revolução; uma mistura de todos os hábitos, pretos, pardos e brancos; de todas as comunidades e de todas as variantes possíveis; o que poderia chamar-se, se uma tal reunião de palavras fosse permitida, uma espécie de convento-arlequim.

No tempo do império, fora permitido a todas aquelas pobres donzelas, dispersas e deslocadas, abrigarem-se ali sob as asas das bernardas-beneditinas. O governo dera-lhes uma pequena pensão, as senhoras do Petit-Picpus receberam-nas com solicitude. Era uma estranha miscelânea. Cada uma seguia sua regra. Era permitido, algumas vezes, às meninas, como grande forma de lazer, que fossem visitá-las, o que fez com que aquelas jovens memórias conservassem, entre outras, a recordação da madre Santa Basília e da madre Jacó.

Uma dessas refugiadas achava-se quase em sua casa: era uma religiosa de Santa Aura, a única de sua ordem que sobrevivera. A comunidade das senhoras de Santa Aura ocupara, desde o princípio do século XVIII, aquela mesma casa do Petit-Picpus, que mais tarde pertenceu às beneditinas de Martin Verga. Aquela santa donzela, demasiadamente pobre para usar o magnífico hábito de sua ordem, que era uma túnica branca com escapulário escarlate, revestira com ele um manequim que mostrava com toda a complacência, e que, por sua morte, legou à casa. Em 1824, não restava dessa ordem senão uma religiosa: hoje resta uma boneca.

Além dessas dignas madres, algumas senhoras idosas do mundo haviam obtido da prioresa, a exemplo da sra. Albertine, permissão para se retirar no pequeno

convento. Dentre elas, estavam a sra. Beaufort d'Hautpoul e a senhora duquesa Dufresne. Uma outra era conhecida no convento simplesmente pelo barulho extravagante que ela fazia ao assoar o nariz. As alunas chamavam-na de sra. Estardalhaço.

Ali por volta de 1820 ou 1821, a sra. De Genlis, que naquela época redigia um pequeno jornal intitulado *Intrépide*, pediu para se recolher a uma cela do convento do Petit-Picpus. Vinha sob recomendação do senhor duque de Orléans. Houve rumores na colmeia; as madres ficaram inquietas: a sra. De Genlis escrevera romances, mas declarou ser a primeira a detestá-los; e depois chegara a tornar-se ferozmente devota. Com a ajuda de Deus e do príncipe, acabou sendo atendida. Passados seis ou oito meses, ela saiu, dando como razão de sua saída a pouca sombra que havia no quintal. As religiosas ficaram encantadas. Apesar da idade bastante avançada, ela ainda tocava harpa muito bem.

Saindo do convento, deixou na cela o sinal de sua permanência. A sra. De Genlis era supersticiosa e latinista. Essas duas palavras dão um excelente esboço de quem ela era. Há poucos anos, ainda era possível ver colocados no interior de um armariozinho, onde ela guardava seu dinheiro e suas joias, os seguintes versos latinos, escritos de próprio punho, com tinta vermelha, em papel amarelo e que, na sua opinião, tinham a virtude de amedrontar os ladrões:

Imparibus meritis pendent tria corpora ramis:
Dismas e Gesmas, media est divina potestas:
Alta petit Dismas, infelix, infima, Gesmas,
Nos et res nostras conservet summa potestas,
Hos versus dicas, ne tu furto tua perdas.[1]

Esses versos, em latim do século VI, suscitam uma controvérsia sobre se os dois ladrões do calvário se chamavam, como comumente se crê, Dimas e Gestas, ou Dismas e Gesmas. Essa ortografia teria conseguido contrariar as pretensões que, no século passado, tinha o visconde de Gestas de ser descendente do mau ladrão. Além do mais, a virtude útil ligada a esses versos é artigo de fé na ordem das hospitaleiras.

A capela da casa, construída de modo a separar, como um verdadeiro fosso, o grande convento do colégio, era, bem entendido, comum ao colégio, ao grande convento e ao pequeno. Chegava-se a admitir ali o público, por uma entrada particular que dava para a rua. Mas tudo estava disposto de tal modo que nenhuma das religiosas enclausuradas pudesse ver alguém de fora. Suponham uma igreja cujo

coro fosse segurado por alguma mão gigantesca e dobrado de maneira a formar, não como em geral ocorre nas igrejas, um prolongamento do presbitério, mas uma espécie de sala ou caverna escura, à direita do oficiante; suponham essa sala fechada pela cortina de sete pés de altura de que já falamos; coloquem à sombra dessa cortina, sentadas em cadeiras de madeira, as irmãs do coro à esquerda, as meninas à direita, as conversas e as noviças ao fundo, então terão alguma ideia das religiosas do Petit-Picpus assistindo ao ofício divino. Essa caverna, que chamavam de coro, comunicava-se com o claustro por um corredor. A igreja era iluminada pelo quintal. Quando as religiosas assistiam a ofícios em que a regra lhes impunha silêncio, o público era advertido de sua presença pelo ruído das dobradiças dos assentos, levantando-se ou abaixando-se ruidosamente.

VII

Alguns contornos dessa sombra

No decurso dos seis anos que separam 1819 de 1825, era prioresa do Petit-Picpus, a srta. De Blemeur, que na ordem era chamada de madre Inocente. Pertencia à família de Marguerite de Blemeur, autora de *Vida dos santos da Ordem de São Bento*. Tinha sido reeleita. Contava uns sessenta anos, era baixa, gorda e cantava com voz de "taquara rachada", como diz a carta que já citamos; além disso, era excelente, a única que era contente em todo o convento, o que, por isso mesmo, fazia com que fosse adorada.

Madre Inocente tinha por ascendente Marguerite, dignitária da ordem. Era instruída, erudita, sábia, competente, curiosa estudiosa da História, repleta de latim, farta de grego, cheia de hebreu e mais beneditino do que beneditina.

A vice-prioresa era uma senhora religiosa bastante idosa, espanhola e quase cega: a madre Cineres.

As mais cotadas entre as *madres vocais* eram madre santa Honorina, tesoureira, madre santa Gertrudes, primeira mestra de noviças, madre santo Anjo, segunda mestra, madre Anunciação, sacristã, madre santo Agostinho, enfermeira, a única em todo o convento que era má; e também madre santa Matilde (srta. Gauvain), muito

jovem, dona de uma voz admirável; madre dos Anjos (srta. Drouet), que já havia estado no convento das Filhas de Deus e no convento de Trésor, entre Gisors e Magny; madre de São José (srta. De Cogolludo); madre santa Adelaide (srta. D'Auverney); madre Misericórdia (srta. De Cifuentes, que não pôde resistir às austeridades); madre Compaixão (srta. De la Miltière, recebida aos sessenta anos, apesar da regra, e bastante rica); madre Providência (srta. De Laudinière); madre Apresentação (srta. De Siguenza), que foi prioresa em 1847; por fim, madre santa Celina (irmã do escultor Ceracchi), que enlouqueceu, e madre santa Chantal (srta. De Suzon), que também enlouqueceu.

Havia ainda, entre as mais formosas, uma encantadora menina de vinte e três anos, que era da ilha de Bourbon e descendente do cavaleiro Roze, conhecida no mundo como srta. Roze e, no convento, como madre Assunção.

Madre santa Matilde, encarregada do canto e do coro, convidava para isso as meninas. Escolhia, dentre elas, uma escala completa, isto é, sete meninas, de dez a dezesseis anos, inclusive, de vozes e tamanhos diferentes, as quais fazia cantar de pé, alinhadas uma ao lado da outra, por idade e da menor para a maior. Isso oferecia aos olhares uma espécie de uma gaita campestre de meninas, uma espécie de flauta viva de Pã feita de anjos.

Entre as irmãs conversas, as de que as meninas mais gostavam eram a irmã Santa Eufrásia, a irmã Santa Margarida, a irmã Santa Marta, que era muito infantil, e a irmã São Miguel, cujo nariz grande as fazia rir.

Todas essas mulheres eram gentis com todas as crianças. As religiosas só eram severas com elas mesmas. O fogo da lareira só era aceso no colégio, e a comida, comparada à do convento, era ótima. Além disso, tinham um cuidado redobrado. Mesmo assim, quando uma criança passava perto de uma religiosa e lhe dirigia a palavra, a religiosa nunca respondia.

Essa regra do silêncio fez com que, em todo o convento, a fala não fosse mais permitida às criaturas humanas e que, então, ficasse a cargo dos objetos inanimados. Ora era o sino da igreja que falava, ora o guizo do jardineiro. Uma sineta muito sonora, colocada ao lado da roda e que era ouvida por toda a casa, indicava, através de seus vários sons, que eram uma espécie de telégrafo acústico, todas as necessidades práticas da vida material, chamando também ao locutório, se preciso fosse, uma determinada moradora do convento. Cada pessoa e cada coisa tinha seu toque. A prioresa era um e um; a vice-prioresa, um e dois. Seis e cinco anunciavam a hora da aula, de tal modo que as alunas jamais diziam ir à aula, mas, às seis e cinco. Quatro e quatro era o toque da sra. De Genlis, que era ouvido com frequência. "É o diabo a quatro", diziam aquelas que eram menos caridosas. Dezenove pancadas

anunciavam um grande acontecimento. Era a abertura da *porta da clausura*, horrível prancha de ferro, eriçada de ferrolhos, que só girava sobre os gonzos quando o arcebispo estava presente.

Como já dissemos, à exceção do arcebispo e do jardineiro, nenhum homem entrava no convento. As meninas viam mais dois: um era o capelão, o padre Banès, velho e feio, ao qual lhes era dado contemplar no coro através de uma grade; o outro, o professor de desenho, o sr. Ansiaux, que algumas linhas da carta lida há pouco chamava de *Anciot*, descrevia como *velho horrível* e *corcunda*.

Como se vê, os homens eram bem escolhidos.

Assim era, portanto, aquela curiosa casa.

VIII

Post corda lapides

Depois de termos esboçado a figura moral do convento de que tratamos, não é inútil dizer algumas palavras de sua configuração material de que o leitor já tem ideia.

O convento do Petit-Picpus-Saint-Antoine ocupava quase inteiramente o vasto trapézio resultante das interseções da rua Polonceau, da rua Droit-Mur, da viela Picpus e do beco sem saída, denominado rua Aumarais nas plantas antigas. Essas quatro ruas circundavam o trapézio como o faria um fosso. O convento compunha-se de vários edifícios e de um quintal. O edifício principal, tomado em seu todo, era uma mistura de variadas construções que, vistas do alto, desenhavam muito exatamente uma forca deitada no chão. O braço grande da forca ocupava toda a seção da rua Droit-Mur, compreendida entre a viela Picpus e a rua Polonceau; o braço pequeno era uma alta, pardacenta e severa fachada cheia de grades que dava para a viela Picpus; o portão nº 62 marcava a extremidade. No centro dessa fachada, uma velha porta baixa e cintada, embranquecida pela poeira e pela cinza, onde as aranhas faziam suas teias e que só se abria por uma hora ou duas, aos domingos e nas raras ocasiões em que o féretro de uma religiosa saía do convento. Era a entrada pública da igreja. O cotovelo da forca era uma sala quadrada que servia de depósito

e que as religiosas chamavam de *despensa*. No braço maior estavam as celas das madres, das irmãs e do noviciado. No menor, as cozinhas, o refeitório, o claustro e a igreja. Entre a porta nº 62 e a esquina do beco sem saída, rua Aumarais, era o colégio, que não se via da parte de fora. O resto do trapézio era formado pelo jardim, que era bem mais baixo que o nível da rua Polonceau, o que fazia com que os muros fossem muito mais altos na parte de dentro do que de fora. O quintal, ligeiramente convexo, tinha no centro, a parte mais alta, um belo pinheiro agudo e cônico do qual saíam, como do centro de um escudo, quatro grandes aleias e, dispostas duas a duas nos intervalos das grandes, outras oito, menores, de modo que, se o terreno fosse circular, o plano geométrico das aleias pareceria uma cruz colocada sobre uma roda. As ruas, terminando todas nos muros muito irregulares do quintal, eram desiguais em extensão. Elas eram margeadas por groselheiras. Ao fundo, um grande cordão de olmos partia das ruínas do velho convento, que ficava no ângulo da rua Droit-Mur e chegava ao pequeno convento, situado na esquina do beco Aumarais, onde havia o que chamavam de pequeno quintal. Junte-se a esse conjunto um pátio, toda a espécie de ângulos variados, formados pelas diferentes construções da parte de dentro, como muralhas de um presídio, por toda perspectiva e toda vizinhança a longa linha escura de telhados que margeavam o outro lado da rua Polonceau, e poder-se-á formar a ideia exata do que era, há quarenta e cinco anos, a casa das bernardas do Petit-Picpus. Essa santa morada fora construída precisamente no local de um jogo de pela, famoso no século XVI, denominado *jogo dos onze mil diabos*.

Todas essas ruas eram as mais antigas de Paris. Os nomes Droit-Mur e Aumarais são velhíssimos, e as ruas a que dão nome são ainda mais velhas. O beco Aumarais chamou-se beco Maugout e a rua Droit-Mur chamou-se rua Églantiers [roseiras selvagens], porque antes que os homens lavrassem as pedras, Deus desabrochava as flores.

IX

Um século sob um hábito

Uma vez que nos achamos no caminho dos pormenores sobre o que era outrora o convento do Petit-Picpus, e já que ousamos abrir uma janela para aquele discreto asilo, permita-nos o leitor que entremos numa digressãozinha alheia à essência deste livro, mas bastante característica e útil, porque faz compreender que até o próprio claustro tem suas figuras originais.

Havia no Petit-Picpus uma senhora centenária que viera da abadia de Fontevrault. Antes da revolução, pertencera, inclusive, à boa sociedade. Falava muito do sr. Miromesnil, chanceler no tempo de Luís XVI, e de um presidente, Duplat, com quem tivera estreitas relações. Seu prazer e sua vaidade consistiam em recordar a todo o momento aqueles dois nomes. Contava maravilhas da abadia de Fontevrault, que era como uma cidade e que havia ruas dentro do mosteiro.

Outras vezes, essa senhora centenária contava histórias. Dizia que *na sua mocidade as bernardas não cediam o passo aos mosqueteiros*. Era de um século que falava, mas era o século XVIII. Descrevia o costume champanhês e burguinhão dos quatro vinhos, antes da revolução. Quando um grande personagem, um marechal de França, um príncipe, um duque ou par atravessava uma cidade da Borgonha ou da Champagne, a Câmara Municipal ia falar-lhe e apresentava-lhe quatro taças de prata, com quatro vinhos diferentes. Na primeira, lia-se esta inscrição: *vinho de macaco*; na segunda: *vinho de leão*; na terceira: *vinho de carneiro*; na quarta: *vinho de porco*. Essas quatro legendas exprimiam os quatro degraus que o bêbado desce: primeira embriaguez, a que alegra; segunda, a que irrita; terceira, a que entontece; e quarta, finalmente, a que embrutece.

Num armário fechado a chave, ela guardava um objeto misterioso, a que muito queria. A regra de Fontevrault não proibia que ela o tivesse. Não mostrava a ninguém esse objeto. Quando queria contemplá-lo, fechava-se na cela, o que a regra também não lhe impedia. Se ouvia passos no corredor, tornava a fechar apressadamente o armário, com toda a precipitação que suas velhas mãos lhe permitiam. Sempre que alguém falava sobre isso, ela ficava em silêncio; logo ela, que falava tão voluntariamente. As mais curiosas fracassavam diante de seu silêncio e as mais tenazes diante de tanta obstinação. Isso era motivo de comentários para todas aquelas que estavam ociosas e entediadas no convento. O que poderia ser aquele objeto tão precioso e secreto, que constituía o tesouro da centenária? Seria algum livro santo? Algum rosário único? Alguma relíquia autêntica? Perdiam-se todas em conjecturas. Quando faleceu a pobre velha, correram ao armário, mais depressa talvez do que convinha, abriram-no e acharam o objeto embrulhado numa toalha como uma pátena. Era um prato de Faenza, cuja pintura representava amores

esvoaçando, perseguidos por praticantes de farmácia, armados de enormes seringas. A perseguição é repleta de gestos e posturas cômicas. Um dos amores já está todo estropiado. Debate-se e agita as pequeninas asas, tentando ainda voar, mas o perseguidor ri-se com um riso satânico. Moral da história: o amor vencido pela cólica. Esse prato, no fim de tudo muito curioso, e que teria tido a honra de inspirar uma ideia a Molière, existia ainda em setembro de 1845; estava à venda em uma loja de antiguidades no Boulevard Beaumarchais.

Essa boa senhora não queria receber visita nenhuma do exterior, "por ser muito triste o locutório", dizia ela.

X

Origem da adoração perpétua

Com efeito, o locutório quase sepulcral de que tentamos dar uma ideia é uma coisa inteiramente local, que se não reproduz com a mesma severidade em outros conventos. No convento da rua Temple, em particular, que, na verdade, era de outra ordem, as persianas pretas eram substituídas por cortinas marrons e o próprio locutório era uma sala de tábua corrida, cujas janelas tinham molduras de bambinelas de musselina branca e cujas paredes eram enfeitadas com toda sorte de quadros, um retrato de uma beneditina de rosto descoberto, pinturas de ramalhetes e até uma cabeça de turco.

É no quintal do convento da rua Temple que se encontrava o castanheiro-da-índia que era tido como o mais belo e o maior da França e que tinha, entre o bom povo do século XVIII, a fama de ser o *pai de todos os castanheiros do reino*. Já o dissemos, esse convento da rua Temple era ocupado por beneditinas da Adoração Perpétua, beneditinas muito diferentes das que provinham de Cister. Essa ordem da Adoração Perpétua não é muito antiga, remonta a não mais de duzentos anos. Em 1649, o Santíssimo Sacramento foi profanado duas vezes, com poucos dias de intervalo, em duas igrejas de Paris: em Saint-Sulpice e em Saint-Jean-Grève, sacrilégio espantoso e raro, que causou enorme comoção na cidade. O senhor prior vigário-geral de Saint-Germain-de-Prés ordenou uma procissão solene de toda a sua

colegiada, oficiando por essa ocasião o núncio do papa. Mas a expedição não pareceu suficiente a duas dignas senhoras: a sra. De Courtin, marquesa de Boucs, e a condessa de Châteauvieux. O ultraje cometido contra o "Santíssimo Sacramento do Altar", embora passageiro, ficou entranhado nessas duas santas almas e pareceu-lhes que só poderia ser reparado por meio de uma "Adoração Perpétua" em algum convento de freiras. Ambas, uma em 1652, a outra em 1653, fizeram doação de somas enormes a madre Catherine de Bar, chamada do Santíssimo Sacramento, religiosa beneditina, para fundar, com aquele piedoso fim, um mosteiro da ordem de São Bento. A primeira licença para essa fundação foi concedida a madre Catherine de Bar pelo sr. De Metz, abade de Saint-Germain, "com a condição de que nenhuma donzela poderá ser admitida sem que leve trezentas libras de pensão, que representam seis mil libras de capital". Depois do abade de Saint-Germain, o rei concedeu cartas patentes; então, a carta abacial e as cartas régias foram homologadas em 1654, no Tribunal de Contas e no Parlamento.

Essa é a origem e a consagração legal do estabelecimento das beneditinas da Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento em Paris. Seu primeiro convento foi "construído" na rua Cassete, com o dinheiro das sras. De Boucs e De Châteauvieux.

Essa ordem, como se vê, não se confundia de forma alguma com a das beneditinas de Cister. Dependia do abade de Saint-Germain-des-Prés, da mesma maneira que as senhoras do Sagrado Coração dependem do superior geral dos jesuítas e as irmãs de caridade, do superior geral dos lazaristas.

Era também completamente diferente das bernardas do Petit-Picpus, cuja vida claustral acabamos de mostrar. Em 1657, o papa Alexandre VII tinha autorizado, por um breve especial, as bernardas do Petit-Picpus a praticar a Adoração Perpétua, como as beneditinas do Santíssimo Sacramento. Mas nem por isso as duas ordens ficaram menos diferentes.

XI

O fim do Petit-Picpus

Desde o começo da Restauração o convento do Petit-Picpus definhava: o que faz parte da morte geral da ordem, a qual, depois do século XVIII, desaparece como todas as ordens religiosas. A contemplação, assim como a oração, é uma necessidade da humanidade; mas, como tudo em que a revolução tocou, de hostil ao progresso social, deverá tornar-se favorável.

A casa do Petit-Picpus foi se esvaziando rapidamente. Em 1840, tinham desaparecido o pequeno convento e o colégio. Já não havia ali nem as senhoras nem as crianças: aquelas tinham morrido, estas tinham se retirado. *Volaverunt.*

A regra da Adoração Perpétua é de uma rigidez que espanta; as vocações recuam e a ordem não recruta. Em 1845, conseguia-se ainda, em um ou outro ponto, algumas irmãs conversas; mas religiosas, nenhuma; há quarenta anos, as religiosas eram quase cem; há quinze anos, não havia mais do que vinte e oito. Quantas existem hoje? Em 1847, a prioresa era jovem, sinal da restrição na escolha. Não tinha ainda quarenta anos. À medida que o número diminuía, o cansaço aumentava, o trabalho de cada uma tornava-se mais penoso; via-se, desde então, aproximar-se o momento em que elas não seriam mais que uma dúzia de ombros doloridos e curvados para carregar a pesada *Regra de São Bento*. O fardo é implacável e pesa do mesmo jeito, tanto para poucas como para muitas. Pesa, esmaga. E assim elas morrem. No tempo em que o autor deste livro morava ainda em Paris, duas morreram: uma de vinte e cinco anos; outra, vinte e três. Esta última poderia dizer como Julia Alpinula: "*Hic jaceo; vixi annos viginti et tres.*" Foi por causa dessa decadência que o convento renunciou à educação de meninas.

Não podemos passar pela frente dessa casa extraordinária, desconhecida, obscura, sem nela entrarmos e sem fazermos entrar conosco os espíritos que nos ouvem contar, para utilidade de algum, talvez, a melancólica história de Jean Valjean. Penetramos nessa comunidade toda cheia das velhas práticas que hoje parecem tão novas. É o jardim fechado. *Hortus conclusus.* Nós falamos desse lugar singular com detalhes, mas com todo o respeito, tanto quanto respeito e detalhe possam ser conciliados. Não sabemos tudo, mas não insultamos nada. Colocamo-nos à mesma distância do hosana de Joseph de Maistre, que chega a consagrar o carrasco, e da gargalhada de Voltaire, que chega a zombar do crucifixo.

Ilogismo de Voltaire, diga-se de passagem, pois Voltaire teria defendido Jesus Cristo como defendeu Calas; e mesmo para aqueles que negam as encarnações sobre-humanas, o que representa o crucifixo? O sábio assassinado.

No século XIX, a ideia religiosa estava em crise. Certas coisas são esquecidas, o que tem um efeito positivo, desde que, esquecendo-se umas, outras coisas sejam

aprendidas. Nada de vazios no coração do homem. Algumas coisas são demolidas, também com efeito positivo, mas com a condição de que delas resultem novas reconstruções. Entretanto, enquanto esperamos, estudemos as coisas que já não existem. É necessário conhecê-las, ainda que não seja senão para evitá-las. As contrafações do passado assumem falsos nomes e voluntariamente denominam-se futuro. O fantasma que se chama passado é muito dado a falsificar seu passaporte. O passado tem um rosto, que é a superstição, e uma máscara, que é a hipocrisia. Denunciemos-lhe o rosto e arranquemos-lhe a máscara.

Quanto aos conventos, eles oferecem um problema complexo. Problema de civilização, que os condena; de liberdade, que os protege.

Nota

1 Com diferentes merecimentos, três corpos pendem dos galhos:/ Dismas e Gesmas, o alto poder divino está no meio:/ Dirija-se à parte alta Dismas, infeliz, e, à parte mais baixa, Gesmas,/ Que o sumo poder salve a nós e tudo nosso,/ Estes versos dirás, para que tu não percas tuas coisas com furto. (N.E.)

LIVRO SÉTIMO

PARÊNTESES

I

O convento como ideia abstrata

Este livro é um drama cujo primeiro personagem é o infinito.

O homem é o segundo.

Dito isso, como encontramos em nosso caminho um convento, tivemos de entrar nele. Por quê? Porque o convento, que é tão próprio do Oriente como do Ocidente, da Antiguidade como dos tempos modernos, do paganismo, do budismo, como do cristianismo, é um dos aparelhos ópticos aplicados pelo homem para vislumbrar o infinito.

Não é este o lugar de desenvolver por completo certas ideias; porém, mesmo mantendo todas as nossas reservas, as nossas restrições e mesmo indignações, devemos dizê-lo: todas as vezes que encontramos no homem o infinito, bem ou mal compreendido, sentimo-nos cheios de respeito. Há na sinagoga, na mesquita, no pagode e no *wigwan* um lado hediondo que detestamos e um lado sublime que adoramos. Que contemplação para o espírito e que sonho sem fim é o reflexo de Deus na parede humana!

II

O convento como fato histórico

À luz da história, da razão e da verdade, o monaquismo está condenado.

Os mosteiros, quando são muitos em um país, são obstáculos que impedem a circulação, estabelecimentos pejatórios, centros de preguiça onde se necessitam centros de trabalho. As comunidades monásticas estão para a grande comunidade

social como o parasita para a árvore, como a verruga para o corpo humano. Sua prosperidade e sua nutrição representam o empobrecimento do país. O regime monacal, bom no começo das civilizações, útil em produzir a redução da brutalidade pelo espírito, é ruim para a virilidade dos povos. Além disso, quando se desleixa e entra em seu período de desregramento, como continua a dar o exemplo, torna-se péssimo por todas as razões que o faziam salutar no seu período de pureza.

Os enclausuramentos tiveram seu tempo. Os claustros, úteis na primeira educação da civilização moderna, foram incômodos no seu crescimento e nocivos no seu desenvolvimento. Tanto como constituição quanto como modelo para a formação do homem, os mosteiros, bons no século II, questionáveis no XV, são detestáveis no XIX. A lepra monacal quase roeu até o esqueleto duas admiráveis nações, a Itália e a Espanha, uma a luz, a outra o esplendor da Europa durante séculos; e somente na época em que estamos é que esses dois povos ilustres começam a restabelecer-se, graças à sã e vigorosa higiene de 1789.

O convento, sobretudo o antigo convento de freiras, tal como aparece ainda no limiar deste século na Itália, na Áustria e na Espanha, é uma das mais sombrias incrustações da Idade Média. O claustro é o ponto de interseção dos terrores. O claustro católico propriamente dito é todo tomado pelo sombrio reflexo da morte.

O convento espanhol é, sobretudo, fúnebre. Ali elevam-se na escuridão, sob abóbadas cheias de névoas, maciços altares babélicos, altos como catedrais; ali pendem de correntes, no meio de trevas, imensos crucifixos brancos; ali veem-se expostos, nus, sobre cruzes de ébano, grandes Cristos de marfim, mais do que ensanguentados, escorrendo sangue, horríveis e magníficos, os cotovelos mostrando os ossos, os joelhos mostrando os tegumentos, as chagas em carne viva, coroados de espinhos de prata cravados com pregos de ouro, com gotas de sangue de rubis na fronte e lágrimas de diamantes nos olhos. Os diamantes e os rubis parecem molhados e fazem chorar na sombra, abaixo de si, criaturas veladas, com os rins macerados pelos cilícios e pelas correias com pontas de ferro, os seios esmagados pelas tranças de vime, os joelhos destroçados pela oração; mulheres que se julgam esposas, espectros que se creem serafins. Essas mulheres pensam? Não. Têm vontade própria? Não. Amam? Não. Vivem? Não. Os nervos tornam-se ossos e os ossos, pedras. Seu véu é tecido pela noite. A respiração que sai por baixo desse véu é não sei que trágico sopro da morte. A abadessa, uma larva, santifica-as e aterroriza-as. A imaculada está ali, feroz. Esses são os velhos mosteiros de Espanha. Guaridas de devoção, antros de virgens, lugares ferozes.

A Espanha católica era mais romana que a própria Roma. O convento espanhol era, por excelência, o convento católico. Sente-se aí o Oriente. O arcebispo, *kislar-*

aga do céu, castiga e espiona esse serralho de amas reservadas a Deus. A freira era a odalisca, o padre era o eunuco. As fervorosas eram escolhidas em sonho para possuírem Cristo. À noite, o belo jovem nu descia da cruz e deixava a cela em êxtase. Altas paredes resguardavam de toda experiência de distração a mística sultana que tinha o crucificado por sultão. Olhar para fora era considerado uma infidelidade. O *in pace* substituiu a bolsa de couro. O que era jogado ao mar no Oriente, era jogado à terra no Ocidente. Dos dois lados, as mulheres se contorciam; as ondas para umas, a cova para outras; aqui as afogadas, lá as enterradas. Paralelismo monstruoso.

Hoje, os defensores do passado, não podendo negar essas coisas, optaram por rir delas. Transformaram em moda essa maneira cômoda e estranha de suprimir as revelações da história, de invalidar dos comentários da filosofia, de eliminar todos os fatos embaraçosos e todas as questões obscuras. "Assunto para declamações", dizem os hábeis. "Declamações", repetem os ignorantes. Jean-Jacques, declamador; Diderot, declamador. Não sei quem descobriu ultimamente que Tácito também era um declamador, que Nero era uma vítima e que, decididamente, era preciso apiedar-se "desse pobre Holofernes".

Os fatos, porém, não são deturpados tão facilmente; eles resistem. O autor deste livro viu, a oito léguas de Bruxelas, resquícios da Idade Média que todos conhecem, na abadia de Villers, a abertura dos calabouços no meio do prado, onde foi o pátio do claustro, e, às margens do Dyle, quatro calabouços de pedra, metade debaixo de água e metade sob a terra. Eram os *in pace*. Cada um desses calabouços tem as ruínas de uma porta de ferro, uma privada e uma abertura com grades, que da parte de fora fica dois pés acima do rio e de dentro, seis acima do solo. Ao longo da parede, exteriormente, correm quatro pés de rio. O solo está sempre molhado. O habitante do *in pace* tinha por cama essa terra encharcada. Em um dos calabouços há ainda um pedaço de grilhão chumbado na parede; em outro, vê-se uma espécie de caixa quadrada feita de quatro lajes de granito, extremamente curta para que fosse possível a um homem deitar-se e muito baixa para que pudesse ficar de pé. Metiam ali uma criatura e cobriam-na com uma tampa de pedra. É isso; é possível ver, é possível tocar. Esse *in pace*, esses calabouços, seus gonzos de ferro, as correntes, a abertura, sob a qual correm as águas do rio, a caixa de pedra fechada com uma tampa de granito, como um túmulo, com a única diferença de que nesse caso o morto é um vivo, o solo de lama, o buraco das privadas, as goteiras das paredes. Que declamadores!

III

Sob que condição se pode respeitar o passado

O monaquismo, tal como existia na Espanha e como existe no Tibete, é uma espécie de tísica para a civilização. Põe repentinamente um fim à vida. Despovoa do modo mais simples. Enclausuramento, castração. O monaquismo tem sido o flagelo da Europa. Acrescente-se a isso a violência muitas vezes feita à consciência, as vocações forçadas, o feudalismo apoiando-se no claustro, o direito dos primogênitos lançando no monaquismo o excedente da família, as atrocidades de que há pouco falamos, os *in pace*, as bocas tapadas, os cérebros murados, tantas inteligências desventuradas encerradas no cárcere dos votos perpétuos, a tomada do hábito e o enterro das almas completamente vivas. Acrescentem-se os suplícios individuais às degradações nacionais e, quem quer que seja, sentirá estremecer diante da indumentária e do véu, diante desses dois sudários de invenção humana.

No entanto, em certos pontos e em certos lugares, a despeito da filosofia e a despeito do progresso, o espírito claustral persiste em pleno século XIX, e uma bizarra recrudescência do ascetismo espanta, neste momento, o mundo civilizado. A obstinação de instituições obsoletas em se perpetuarem parece a obstinação de um perfume fétido que deseja aromatizar nossos cabelos, ou a pretensão de um peixe putrefato que quer ser degustado, ou a teimosia de uma roupa infantil que insiste em vestir um adulto, ou então a ternura de um cadáver que voltasse para abraçar os vivos.

"Ingrato!", dizem as roupas. "Eu o protegi do mau tempo. Por que não me quer mais?"; "Eu venho do alto-mar", diz o peixe. "Eu já fui uma rosa", diz o perfume. "Eu o amei", diz o cadáver. "Eu vos civilizei", diz o convento.

Há uma única resposta para isso: passado.

Desejar a prolongação indefinida das coisas defuntas e o governo dos homens por embalsamento, restaurar os dogmas em péssimo estado, redourar as molduras, reconstruir os claustros, benzer de novo os relicários, reanimar as superstições, revitalizar os fanatismos, reajustar os hissopes e os sabres, reconstituir o monaquismo e o militarismo, crer na salvação da sociedade pela multiplicação dos parasitas, impor o passado ao presente, tudo isso parece estranho. Há, porém, teóricos para sustentar essas teses. Esses teóricos, gente de espírito elevado, realizam um procedimento bem simples: aplicam sobre o passado uma tinta que eles chamam

de ordem social, direito divino, moral, família, respeito aos mais velhos, autoridade antiga, tradição sagrada, legitimidade, religião; e assim vão gritando: "Vejam! Sejam assim, gente do bem!" Essa lógica era muito conhecida dos antigos. Os arúspices já a praticavam. Eles pintavam com giz um novilho preto e diziam: "Ele é branco." *Bos cretatus*.

Quanto a nós, respeitamos aqui e ali, e até poupamos, o passado, desde que ele consinta em aceitar sua morte. Se ele insistir em viver, nós o atacaremos e nos encarregaremos de tentar matá-lo.

Superstições, bigotismos, hipocrisias e preconceitos: todas essas larvas, nada mais que larvas, são intrínsecas à vida, têm dentes e unhas em sua proliferação, e é preciso encará-las, combatê-las, mas combatê-las sem trégua; porque é uma das fatalidades da humanidade ser condenada ao eterno combate de fantasmas. É difícil segurar a sombra pelo pescoço e derrubá-la.

Um convento na França, em pleno meio-dia do século XIX, é um grupo de corujas fazendo frente à luz do dia. Um claustro, em flagrante delito de ascetismo bem no meio da cidade de 89, de 1830 e de 1848, Roma expandindo-se em Paris, é um anacronismo. Em outras palavras, para desfazer um anacronismo e fazê-lo desaparecer bastaria fazê-lo soletrar seu ano de nascimento. Mas os tempos em que estamos não são ordinários.

Combatamos.

Combatamos, mas distingamos. É próprio da verdade nunca ser excessiva. Que necessidade tem ela de exagerar? Há o que é preciso destruir, há o que é preciso simplesmente esclarecer e observar. Um exame atento e sério: que força! Não é preciso pôr fogo quando só a luz já basta.

Assim, dado o século XIX, somos contrários, em tese geral, e entre todos os povos, tanto na Ásia como na Europa, tanto na Índia como na Turquia, aos enclausuramentos ascéticos. Quem diz convento, diz pântano. Sua putrefação é evidente, sua estagnação é doentia, sua fermentação enche os povos de febre e os amesquinha; sua multiplicação é uma praga do Egito. Não podemos pensar sem medo nesses países em que os faquires, os bonzos, os santarrões, os calógeros, os marabutos, os talapões e os dervixes pululam como vermes.

Dito isso, subsiste a questão religiosa. Essa questão tem perspectivas misteriosas, quase assustadoras; seja-nos permitido encará-las.

IV

O convento à luz dos princípios

Alguns homens reúnem-se para ter uma moradia em comum. Em virtude de que direito? Em virtude do direito de associação.

Fecham-se em casa. Com que direito? Com o direito que assiste a todo homem de abrir ou fechar sua porta.

Não saem nunca. Com que direito? Com o direito de ir e vir, que envolve o de ficar em casa.

O que fazem em casa?

Falam a meia-voz, andam com o olhar baixo e trabalham. Renunciam à vida em sociedade, às cidades, às sensualidades, aos prazeres, às vaidades, aos orgulhos e aos interesses. Vestem-se de lã ou de algodão muito grosseiro. Nem um só tem posse do que quer que seja. Quando entram ali, o que é rico torna-se pobre, o que possui dá tudo a todos os outros. O que era aquilo a que se chama nobre, gentil-homem e senhor é igual ao que era camponês. A cela é idêntica para todos. Todos sofrem a mesma tonsura, usam as mesmas sotainas, comem o mesmo pão preto, dormem na mesma palha e morrem sobre a mesma cinza. Às costas, o mesmo saco, a mesma corda cingindo os rins. Se a resolução adotada é de andar descalço, todos andam descalços. Mesmo que haja entre eles um príncipe, é uma sombra como todos os demais. Os títulos naquele grupo desaparecem. Os próprios nomes de família são abandonados: só usam os nomes de batismo. Todos se curvam sob a igualdade dos nomes de batismo. Dissolveram a família carnal e constituíram na comunidade a família espiritual. Todos os homens são parentes. Socorrem os pobres e tratam dos enfermos; elegem aquele a quem obedecem, chamam-se reciprocamente de meu irmão.

Depois disso, vocês me farão parar e exclamarão: "Mas isso é o convento ideal!"

Basta que seja um convento possível para que eu tome nota aqui.

Daqui provém que, no livro precedente, eu tenha falado de um convento em tom respeitoso. Afora a Idade Média e a Ásia, a questão histórica e política, do ponto de vista filosófico puro, fora das necessidades da política militante, com a condição de que a vida monasterial seja absolutamente voluntária e não encerre senão seus adeptos consentidos, considerarei sempre a comunidade claustral com certa gravidade atenta e, sob alguns aspectos, respeitável. Onde está a comunidade está a comuna: onde está a comuna, reside o direito. O mosteiro é o produto da

fórmula: Igualdade, Fraternidade. Quão grandiosa é a liberdade! Que esplêndida transfiguração! Basta a liberdade para transformar o mosteiro em uma república!

Continuemos.

Mas os homens ou mulheres que estão por detrás dessas quatro paredes vestem-se de burel, são iguais e chamam-se irmãos; muito bem, mas não fazem outra coisa?

Fazem.

O quê?

Fitam a sombra, ajoelham-se e juntam as mãos.

E o que isso significa?

V

A oração

Fazem oração.

A quem?

A Deus.

O que quer dizer oração a Deus?

Há, por acaso, um infinito fora de nós? Esse infinito é único, imanente e permanente; necessariamente substancial, por isso é infinito, e terminaria aí se lhe faltasse a matéria; necessariamente inteligente, por isso é infinito, e se lhe faltasse a inteligência, seria por ela encerrado? Esse mesmo infinito desperta em nós a ideia de essência, enquanto não podemos atribuir a nós mesmos senão a ideia de existência? Em outras palavras, ele não é absoluto, enquanto nós somos relativos?

Ao mesmo tempo que existe um infinito fora de nós, há algum infinito em nós? Esses dois infinitos (plural assustador!) não se sobrepõem um ao outro? O segundo infinito não está, por assim dizer, subjacente ao primeiro? Não é o espelho, o reflexo, o eco, o abismo concêntrico de outro abismo? Esse segundo infinito é inteligente também? Pensa? Ama? Quer? Se os dois infinitos são inteligentes, ambos têm um princípio volitivo, então existe um *eu* no infinito superior, assim como existe um *eu* no infinito inferior. O *eu* inferior é a alma; o *eu* superior é Deus.

Pôr, através do pensamento, o infinito inferior em contato com o infinito superior chama-se rezar.

Não devemos desmerecer o espírito humano; suprimir é péssimo. É preciso reformar e transformar. Certas faculdades do homem são dirigidas para o Desconhecido: o pensamento, o sonho, a oração. O Desconhecido é um oceano. O que é a consciência? É a bússola do Desconhecido. Pensamento, sonho e oração, esses são os esplendores misteriosos. Devemos respeitá-los. Para onde vão essas irradiações majestosas da alma? Para a sombra, isto é, para a luz.

A grandeza da democracia é não negar nada e não renegar a humanidade. Ligados aos direitos do Homem, ou pelo menos em paralelo, estão os direitos da Alma.Esmagar os fanatismos e venerar o infinito, essa é a lei. Não nos limitemos a nos prostrar diante da árvore da Criação e a contemplar-lhe a imensa ramagem cheia de astros. Temos um dever: trabalhar para a alma humana, defender o mistério contra o milagre, adorar o incompreensível e repelir o absurdo, não admitir como inexplicável senão o necessário, tornar sadia a crença, tirar de sobre a religião as superstições e eliminar as lagartas que cobrem Deus.

VI

Bondade absoluta da oração

Quanto aos modos de orar, todos são bons, desde que sejam sinceros. Virem o livro às avessas e estarão diante do infinito.

Há uma filosofia que nega o infinito, bem o sabemos. Há também uma filosofia, classificada patologicamente, que nega o sol; essa filosofia chama-se cegueira.

Erigir um sentido que nos falta em fonte de verdade é uma bela aventura de cegos.

Frente à filosofia que vê Deus, são curiosas essas posturas altivas, superiores e compassivas que assume a filosofia que só trabalha às apalpadelas. É como se ouvíssemos uma toupeira exclamar: “Compadeço-me deles com seu sol!”

Existem, nós sabemos, ilustres e poderosos ateus. Estes, no fundo, chamados à verdade por seu próprio poder, não estão bem certos de serem ateus, o que não é

mais que um empenho, para eles, de definição e, em todo caso, se não creem mesmo em Deus, sendo espíritos superiores, provam sua existência.

Saudamos neles os filósofos, ainda que qualificando inexoravelmente sua filosofia.

Continuemos.

Admirável também é a facilidade com que se limitam às palavras. Uma escola metafísica do Norte, um tanto impregnada pela névoa da ignorância, acreditou fazer uma revolução no intelecto humano ao substituir a palavra Força pela palavra Vontade.

Dizer "a planta quer" em vez de "a planta cresce" seria fecundo, com efeito, se acrescentássemos "o universo quer". Por quê? É que resultaria no seguinte: a planta quer, então ela tem um *eu*; o universo quer, então ele tem um Deus.

Porém, quanto a nós, que, ao contrário dessa escola, nada rejeitamos *a priori*, a vontade de uma planta, aceita por essa escola, parece-nos mais difícil de admitir do que a vontade do universo, negada por ela.

Negar a vontade do infinito, isto é, negar Deus, não pode ser feito senão negando o infinito. Já o demonstramos.

A negação do infinito leva diretamente ao niilismo. Tudo se transforma em "uma concepção do espírito".

Com o niilismo, nenhuma discussão é possível, porque o niilista lógico duvida que seu interlocutor exista e nem sequer tem certeza de que ele mesmo exista.

Segundo seu ponto de vista, é possível que ele próprio seja para si mesmo apenas uma "concepção de seu espírito".

A questão é que ele não consegue perceber que tudo o que negou, no final das contas ele mesmo admite quando simplesmente pronuncia esta palavra: espírito.

Em suma, nenhum caminho está aberto no pensamento para uma filosofia que faz tudo resultar no monossílabo Não.

Para o Não, há uma única resposta: Sim.

O niilismo não tem alcance.

Não existe o nada. O zero não existe. Tudo é alguma coisa. Nada é nada.

O homem vive mais de afirmações do que de pão.

Ver e mostrar, isso ainda não é suficiente. A filosofia deve ser uma energia; seu esforço e efeito deve ser melhorar o homem. Sócrates deve infiltrar-se em Adão e produzir Marco Aurélio; em outras palavras, fazer emergir do homem feliz o homem sábio. Transformar o Éden em liceu. A ciência deve ser um cordial. Ser feliz: que triste fim e que ambição mesquinha! O animal é feliz. Pensar, esse é o verdadeiro triunfo da alma. Estender o pensamento à sede dos homens, dar a todos

eles em elixir a ideia de Deus, harmonizar dentro deles a consciência e a ciência, torná-los justos por meio desse confronto misterioso, essa é a função da verdadeira filosofia. A moral é uma cintilação de verdades. Contemplar faz agir. O absoluto deve ser prático. É preciso que o ideal seja respirável, potável e comestível para o espírito humano. É o ideal que tem o direito de dizer: "Tomai, esta é minha carne, este é meu sangue." A sabedoria é uma comunhão sagrada. Somente nessa condição é que ela cessa de ser um amor estéril à ciência para se transformar na forma primeira e soberana da manifestação humana, sendo elevada da filosofia para a religião.

A filosofia não deve ser uma janela aberta para o mistério, para que se possa contemplá-lo à vontade, sem outro resultado senão acomodar-se à curiosidade.

Quanto a nós, adiando o desenvolvimento do que pensamos para outra ocasião, limitamo-nos a dizer que não compreendemos nem o homem como ponto de partida, nem o progresso como fim, sem a existência destas duas forças motrizes: crer e amar.

O progresso é o fim, o ideal é o tipo.

O que é o ideal? Deus.

Ideal, absoluto, perfeição e infinito: palavras idênticas.

VII

Precauções que devem adotar-se na censura

A história e a filosofia têm eternos deveres que são ao mesmo tempo deveres simplíssimos: combater o bispo Caifás, o juiz Dracon, o legislador Trimalcião, o imperador Tibério; isto é claro, direto e límpido, e não oferece a mínima dificuldade. Mas o direito de viver à parte, mesmo com seus inconvenientes e seus abusos, precisa ser poupado e julgado. O cenobitismo é um problema humano.

Quando se fala dos conventos, lugares de erro, mas de inocência; de desvios, mas de boa vontade; de ignorância, mas de dedicação; de suplício, mas de martírio, é quase sempre necessário dizer sim ou não.

Um convento é uma contradição: tem por fim a salvação; por meio, o sacrifício. O convento é o supremo egoísmo, tendo como resultado a suprema abnegação.

Abdicar para reinar parece ser a divisa do monaquismo.

No claustro, sofre-se para gozar; saca-se uma letra de câmbio sobre a morte; desconta-se em noite terrestre a luz celeste. No claustro, o inferno é aceito como herança antecipada do paraíso.

A tomada do hábito ou do véu é um suicídio pago com a eternidade.

Não nos parece que em semelhante assunto seja permitida a zombaria. Tudo nele é sério; tanto o bem como o mal.

O homem justo encrespa a sobrancelha, mas não sorri nunca com mau sorriso. Compreendemos a cólera, mas não a malignidade.

VIII

Fé e lei

Ainda algumas palavras.

Censuramos a Igreja quando saturada de intrigas; desprezamos o espiritual, inexorável para com o temporal; mas honramos o homem pensador em qualquer parte que esteja.

Saudamos quem se ajoelha.

Ter uma fé é para o homem a maior necessidade. Desgraçado do que não crê em coisa alguma.

Não se está desocupado por se estar absorto. Há o trabalho visível e o trabalho invisível.

Contemplar é laborar; pensar é agir.

Os braços cruzados trabalham, as mãos juntas não estão ociosas. Olhar para o céu é uma ação.

Tales ficou quatro anos imóvel. E fundou a filosofia.

Para nós, os cenobitas não são ociosos e os solitários não são preguiçosos.

Meditar na Sombra é uma coisa muito séria.

Sem desdizer nada do que acabamos de afirmar, cremos que uma lembrança constante do túmulo convém aos vivos. Sobre esse ponto, o padre e o filósofo estão de acordo. É preciso morrer. O abade da trapa replica a Horácio.

Misturar à vida certa presença do sepulcro é a lei do sábio, assim como é a lei do asceta. Quanto a essa relação, as ideias do asceta e do sábio também convergem.

O crescimento material existe, e o queremos. O crescimento moral também existe, e a ele também nos empenhamos.

Os espíritos irrefletidos e apressados dizem:

— Qual é a função dessas figuras imóveis ligadas ao mistério? De que servem elas? O que fazem elas?

Diante da obscuridade que nos cerca e nos espera, sem saber o que a dispersão imensa fará de nós, respondemos que talvez não haja obra mais sublime do que aquelas que essas almas fazem. E acrescentamos que talvez não haja trabalho mais útil.

É preciso que alguns rezem sempre para compensar os que nunca rezam.

Para nós, toda a questão está na quantidade de pensamento que se mistura à prece.

Leibniz rezando é uma coisa grandiosa! Voltaire adorando é uma coisa bela! *Deo erexit Voltaire*.

Nós somos pela religião contra as religiões.

Nós somos daqueles que creem na miséria das orações e na sublimidade da prece.

Além do mais, neste minuto que estamos atravessando, minuto que, felizmente, não deixará no século XIX sua imagem, nesta hora em que tantos homens têm a fronte abaixada e a alma pouco elevada, entre tantos indivíduos que têm como objetivo moral a satisfação, ocupados com coisas passageiras e disformes da matéria, qualquer um que se exila nos parece venerável. A vida monástica é uma renúncia. O sacrifício, mesmo feito de forma errada, ainda assim é um sacrifício. Tomar como dever um erro tão severo tem sua grandeza.

Fechado em si, e idealmente, para contornar a verdade até o esgotamento imparcial de todos os seus aspectos, o mosteiro e o convento de freiras principalmente, já que em nossa sociedade a mulher é quem sofre mais, o que indica que nesse exílio dos claustros há um protesto, o convento de freiras tem incontestavelmente certa majestade.

A existência claustral tão austera e triste, de que traçamos algumas linhas, não é a vida, porque não é a liberdade; não é o túmulo, porque não é plenitude; é o ponto estranho de onde se avista, como do topo de uma montanha, de um lado o abismo

onde estamos, do outro o abismo onde estaremos; é uma fronteira estreita e nebulosa que separa dois mundos, iluminada e obscurecida ao mesmo tempo por ambos, onde o enfraquecido raio de luz da vida se confunde com o vago raio de luz da morte; é a penumbra do túmulo.

Quanto a nós, que não cremos no que essas mulheres creem, mas que vivemos, como elas, pela fé, não podemos nunca considerar sem uma espécie de terror religioso e terno, sem tal ou qual piedade cheia de inveja, essas criaturas dedicadas, trêmulas e confiantes, essas almas humildes e augustas que ousam viver à beira do mistério, esperando, entre o mundo fechado e o céu ainda não aberto, voltadas para a claridade que não se pode distinguir, tendo somente a felicidade de pensar que sabem onde ela está, aspirando ao vago e desconhecido, com os olhos fixos na obscuridade imóvel, de joelhos, fora de si mesmas, estupefatas, convulsas e meio despertas a certas horas pelos sopros profundos da eternidade.

LIVRO OITAVO

OS CEMITÉRIOS ACEITAM O QUE LHES DÁO

I

O modo de entrar no convento

Foi, então, nessa casa que Jean Valjean, como dissera Fauchelevent, "caíra do céu".

Saltara pelo muro que formava o ângulo da rua Polonceau. O hino de anjos que ouvira no meio do silêncio da noite eram as religiosas entoando matinas; a sala que entrevira na escuridão era a capela; o fantasma que vira estendido no lajedo era a irmã "fazendo a reparação"; o tinir que tão estranhamente o surpreendera era o guizo do jardineiro, o guizo que Fauchelevent trazia preso ao joelho.

Depois de acomodar Cosette, Jean Valjean e Fauchelevent tinham, como se viu, ceado um copo de vinho e um bocado de queijo e pão preto, junto de um bom lume; em seguida, estando a única cama que havia na barraca ocupada por Cosette, tinha se deitado cada um num feixe de palha.

Jean Valjean dissera antes de adormecer: "Agora preciso ficar aqui." Essas palavras agitaram-se toda a noite no cérebro de Fauchelevent.

Para falar a verdade, nem um nem outro dormira.

Jean Valjean, sentindo-se descoberto, e com Javert em seu encalço, compreendeu logo que tanto ele como Cosette estavam perdidos se tornassem a entrar em Paris. Uma vez que nova rajada de vento, que soprava sobre ele, o fizera encalhar naquele claustro, já não tinha outro pensamento senão ficar ali. Ora, para um desgraçado na sua posição, aquele convento era, ao mesmo tempo, o lugar mais perigoso e o mais seguro: mais perigoso porque, não podendo entrar ali homem algum, se o descobrissem seria um flagrante delito, e Jean Valjean não dava mais do que um passo do convento para a cadeia; e mais seguro porque, conseguindo que o aceitassem e deixassem permanecer ali, quem o iria procurar? A salvação era esconder-se em um lugar em que fosse impossível estar.

Fauchelevent, por sua vez, queimava os miolos. Começou por declarar a si mesmo que não estava entendendo nada. Como o sr. Madeleine havia entrado ali , com aqueles muros? Muros de claustro não se saltam. Como havia entrado ali com uma criança? Não é possível escalar um muro com uma criança no colo. Quem era

aquela criança? De onde tinham vindo ambos? Desde que Fauchelevent entrara no convento, nunca mais ouvira falar em Montreuil-sur-Mer, portanto não tinha a mínima ideia do que ali se passara. O sr. Madeleine tinha um aspecto que não o encorajava a fazer perguntas; além disso, Fauchelevent dizia consigo: "A um santo não se pergunta nada." O sr. Madeleine conservara para ele todo o seu prestígio. Somente algumas palavras escapadas de Jean Valjean permitiram que o jardineiro pudesse supor que o sr. Madeleine provavelmente tinha falido, por conta da crise daqueles tempos, e que estava sendo perseguido por seus credores; ou, então, havia se comprometido em algum acordo político, por isso devia esconder-se, o que não desagradou muito a Fauchelevent, que, como muitos de nossos camponeses do Norte, no fundo, era um bonapartista. Madeleine, querendo esconder-se, tomara o convento como asilo; era, portanto, simples compreender que ali quisesse ficar. Mas o ponto inexplicável de que Fauchelevent não se esquecia, e com que quebrava a cabeça, era como o sr. Madeleine tinha entrado ali, ainda mais com aquela criança. Fauchelevent via-os, tocava-lhes, falava-lhes e não o podia crer. O incompreensível tinha acabado de entrar na choupana de Fauchelevent. Ele andava com cautela, mas não via senão isto: "O sr. Madeleine salvou-me a vida." Essa única certeza era-lhe o suficiente, e foi o que o ajudou a resolver-se. Disse consigo: "Agora é minha vez"; e acrescentou na consciência: "O sr. Madeleine não levou tanto tempo pensando, quando viu que era preciso meter-se debaixo da carroça para me salvar." Decidiu, portanto, que salvaria o sr. Madeleine.

Dirigiu, então, a si mesmo diversas perguntas, e deu diversas respostas: "Depois do que fez por mim, se fosse um ladrão, salvá-lo-ia? Do mesmo modo. Salvá-lo-ia se fosse um assassino? Do mesmo modo. Já que ele é um santo, salvá-lo-ei, custe o que custar."

Mas fazer com que ficasse no convento, que problema! Fauchelevent, na presença dessa tentativa quase quimérica, não recuou; aquele pobre camponês picardo, sem outra escada que sua dedicação, sua boa vontade e um pouco dessa velha cortesia camponesa, colocadas dessa vez a serviço de uma intenção generosa, decidiu escalar as impossibilidades do claustro e as rudes escarpas da *Regra de São Bento*. Fauchelevent era um velho que toda a vida fora um egoísta e que no fim da vida, manco, doente, não tendo no mundo o menor interesse, achou doçura em ser reconhecido e, testemunhando um gesto de bondade, lançou-se a ele, como um homem que, na hora da morte, encontrasse em sua mão um copo de vinho do qual nunca houvesse provado e o bebesse avidamente. Poderíamos acrescentar que o ar que respirava havia anos, naquele convento, lhe destruíra a personalidade, acabando por lhe tornar necessária a prática de uma boa ação qualquer.

Chegou, portanto, a uma decisão: dedicar-se ao sr. Madeleine.

Acabamos de qualificá-lo como *pobre camponês picardo*. A qualificação é justa, mas incompleta. Neste ponto da história em que nos encontramos, um pouco de fisiologia de Fauchelevent torna-se útil. Ele era camponês, mas fora tabelião, o que dava uma sutileza à sua cortesia e uma penetração à sua ingenuidade. Tendo, por causas diversas, fracassado em seus negócios, de tabelião acabou virando carroceiro e operário. Mas, a despeito das pragas e das chicotadas, ao que parece, necessárias ao cavalo, ainda guardava em si muito do tabelião. Tinha algum espírito natural; jamais dizia "nós tem" ou "nós é"; falava bem, coisa rara na vila; e os outros camponeses diziam sobre ele: "Ele fala como um senhor de chapéu." Fauchelevent, com efeito, pertencia a essa espécie de gente que o vocabulário impertinente e ligeiro do século anterior qualificava de *meio burguês*, *meio vilão*, e que as metáforas, caindo dos castelos sobre as choupanas, chamavam de *meio camponês*, *meio cidadão*; *pimenta e sal*. Fauchelevent, embora muito testado e usado pelo destino, uma espécie de velha alma com os fios à mostra, era, no entanto, homem de primeiras impressões e muito espontâneo, qualidade preciosa que o prevenia de agir com maldade. Seus defeitos e vícios, porque ele os tinha, não iam além da superfície; em suma, sua fisionomia era daquelas que de imediato causam boa impressão ao observador. Aquele velho rosto não tinha nenhuma dessas rugas vergonhosas na testa, sinais de maldade ou estupidez.

Ao raiar do dia, tendo pensando extraordinariamente, Fauchelevent abriu os olhos e viu o sr. Madeleine sentado no feixe de palha, contemplando Cosette adormecida. Fauchelevent sentou-se também e disse:

— Agora que está aqui, como foi que entrou?

Essas palavras resumiram o fato e despertaram Jean Valjean de suas reflexões.

Os dois pobres homens começaram a estabelecer acordos.

— Em primeiro lugar — disse Fauchelevent —, o senhor há de começar por não pôr o pé fora desta barraca, nem o senhor nem a menina. Um passo no quintal pode pôr tudo a perder.

— Está certo.

— Sr. Madeleine — tornou Fauchelevent —, o senhor chegou em muito boa hora: uma dessas senhoras está gravemente doente, o que fará com que olhem pouco para o nosso lado. Parece que não escapa, porque estão fazendo as preces das quarenta horas. Toda a comunidade está preocupada. Isso as ocupa. A irmã que está prestes a nos deixar é uma santa. Na verdade, nós aqui todos somos santos; a diferença entre mim e elas é que elas dizem "nossa cela" e eu digo "minha

choupana". Por hoje, estaremos tranquilos aqui; mas não respondo pelo dia de amanhã.

— Além disso — observou Jean Valjean —, esta barraca está escondida pelas ruínas e pelas árvores; não pode ser vista do convento.

— E eu acrescento que as religiosas nunca se aproximam daqui.

— E então? — disse Jean Valjean.

— Mas há as meninas.

— Quais meninas? — tornou Jean Valjean.

Quando Fauchelevent ia responder, para explicar o que dizia, ouviu-se o toque de um sino.

— Morreu a religiosa — disse ele. — Estão dobrando.

E fez um sinal para alertar a Jean Valjean que escutasse.

O sino deu uma segunda badalada.

— É o dobre, sr. Madeleine. O sino continuará por vinte e quatro horas dando aquelas badaladas, de minuto a minuto, até que o corpo saia da igreja. O senhor pode escutar, estão no recreio. Nos momentos do recreio, basta que uma bola suma, para que elas venham, apesar das proibições, procurá-la por todos os cantos. São mesmo uns demônios esses anjinhos.

— Quem? — quis saber Jean Valjean.

— As meninas. Vendo-o aqui, logo gritariam: "Olhem, um homem!" Mas hoje não há perigo. Não haverá brincadeira no recreio. O dia será destinado às orações. Escute o sino. Como eu ia dizendo, uma badalada por minuto. É o dobre.

— Sim, compreendo, sr. Fauchelevent. Há meninas estudando aqui.

E Jean Valjean pensou: "Seria ótimo para educar Cosette."

Fauchelevent exclamou:

— Um bando de crianças que fariam uma gritaria se vissem o senhor e, em seguida, fugiriam! Ser homem, neste lugar, é o mesmo que estar empestado. Bem vê que me atam um guizo a uma perna, como se eu fosse um animal selvagem.

Jean Valjean cada vez meditava mais profundamente.

— Esse convento seria nossa salvação — murmurou ele. Depois, levantando a voz: — A grande dificuldade é poder ficar.

— Nada — disse Fauchelevent. — A grande dificuldade é poder sair.

Jean Valjean sentiu o sangue agitar o coração:

— Sair?

— Sim, sr. Madeleine; para tornar a entrar é preciso antes ter saído.

E depois de esperar acabar o barulho e uma badalada do dobre, Fauchelevent prosseguiu:

— Não é possível que o encontrem aqui desse modo. De onde veio o senhor? Para mim, caiu do céu, porque o conheço; mas, para as religiosas, é preciso que entre pela porta.

De repente, ouviu-se o dobre com o som de outro sino ao mesmo tempo.

— Pronto! — disse Fauchelevent. — Estão chamando as madres vocais. Estão reunindo o capítulo. Sempre fazem isso quando alguém morre. Ela morreu de manhã bem cedo. É bem comum que se morra a essa hora. Mas o senhor não poderia sair por onde entrou? Ora, vejamos, isso não é curiosidade; por onde foi que entrou?

Jean Valjean empalideceu; só a ideia daquela terrível rua fazia-o estremecer. Saia de uma floresta cheia de tigres e, quando já fora, imagine o conselho de um amigo dizendo que volte a ela. Jean Valjean acreditava ainda que toda a polícia estava concentrada no bairro, parecia-lhe ver os agentes em observação, sentinelas por todos os cantos, pulsos assustadores pretendendo agarrá-lo pelo pescoço, e talvez Javert à esquina da rua.

— É impossível! — disse ele. — Fauchelevent, diga que caí do céu.

— Eu acredito — retorquiu Fauchelevent. — Não precisa dizer-me. Deus pegou-o talvez pela mão para vê-lo mais de perto e deixou-o cair em seguida. Mas enganou-se; o que ele queria, decerto, era deixá-lo cair num convento de homens. Ouça, outro toque diferente. Esse é para dizer ao porteiro que vá prevenir a municipalidade para que mande avisar o médico, para certificar que morreu aqui uma pessoa. Isso faz parte da cerimônia de um funeral. Essas excelentes senhoras gostam pouco desse tipo de visita. Um médico é um homem que não crê em nada. Levanta o véu, e não se limita, às vezes, só a isso. Mas com que pressa elas mandaram chamar o médico dessa vez! O que será que está acontecendo? A menina continua dormindo. Como se chama ela?

— Cosette.

— É sua filha? Quero dizer, o senhor talvez seja avô dela?

— Sou.

— Pois a saída dela daqui há de ser fácil. Eu tenho uma porta de serviço que dá para o pátio. Bato, e o porteiro abre; levo às costas meu cesto, a menina vai dentro dele, e eu saio. Fauchelevent saindo com o cesto é uma coisa simples. O senhor dirá à menina que não se mova. Ficará escondida sob alguns panos. Eu vou deixá-la, pelo tempo que for preciso, na casa de uma velhinha, uma boa pessoa, uma quitandeira surda da rua Chemin-Vert. Gritar-lhe-ei ao ouvido que é minha sobrinha e que me aguarde até o dia seguinte. Depois, a menina torna a entrar com o senhor; porque

hei de fazer com que o senhor entre. Há de entrar. Mas e o senhor, como fará para sair?

Jean Valjean abanou a cabeça.

— O difícil é sair sem que ninguém me veja, Fauchelevent. Veja se descobre um meio de me fazer sair, como Cosette, dentro de um cesto tapado.

Fauchelevent coçava atrás da orelha, com o dedo médio da mão esquerda, sinal do mais sério embaraço.

Nesse momento, ouviu-se um terceiro toque.

— É o médico que já se vai. Ele só olhou e disse: "Pois bem, ela está morta." Depois que o médico dá o visto no passaporte para o paraíso, o serviço funerário envia um caixão. Quando é uma madre, as outras madres a amortalham; quando é uma irmã, as irmãs é que amortalham. Depois, eu fecho o caixão. Faz parte da minha função de jardineiro. Um jardineiro tem um quê de coveiro. O féretro é colocado em uma sala da igreja aberta para a rua, mas nenhum homem pode entrar senão o médico. Não conto como homens os gatos-pingados, nem a mim. É nessa sala que eu fecho o caixão. Os gatos-pingados vêm buscá-lo, o cocheiro fustiga os cavalos; é assim que se vai ao céu. Trazem um caixão em que não há nada, depois o levam com alguma coisa dentro. É assim que funciona um enterro. *De profundis*.

Um raio de sol, horizontal, tocava nesse momento o rosto de Cosette adormecida, com a boca ligeiramente aberta, como se fosse um anjo bebendo luz. Jean Valjean voltara a contemplá-la e não dava atenção ao que Fauchelevent lhe dizia.

Não ser ouvido não é razão para se calar. O jardineiro continuava tranquilamente a contar sua história.

— A cova é feita no cemitério Vaugirard. Dizem que vai acabar esse cemitério. É um cemitério muito antigo, que está fora dos regulamentos, que não tem uniforme e que vai entrar em reforma. Uma pena, porque é muito cômodo. Tenho um amigo lá: Mestienne, o coveiro. As religiosas daqui têm como privilégio serem levadas, ao cair da noite, para um túmulo desse cemitério. Há um documento da prefeitura que atesta esse direito a elas. Mas quanta coisa vem acontecendo desde ontem! A madre Crucificação está morta; o sr. Madeleine…

— Já está enterrado — disse Jean Valjean, sorrindo tristemente.

Fauchelevent mudou o sentido dessas palavras.

— Realmente! Se vivesse mesmo aqui, poderia dizer que de fato está enterrado.

Então, soou o quarto toque. Fauchelevent tirou imediatamente a joelheira do prego em que estava pendurada e afivelou-a ao joelho.

— Dessa vez é comigo. A madre prioresa me chama. Bem, vou logo, que está me incomodando a ponta da fivela. Sr. Madeleine, não saia daqui enquanto eu não voltar. Parece-me que temos novidade. Se tiver vontade de comer, ali tem vinho, pão e queijo.

E saiu da barraca, dizendo: "Já vou! Já vou!"

Jean Valjean viu-o atravessar o quintal, tão depressa quanto lhe permitia sua perna manca, olhando de passagem para seus melões.

Não tinham passado ainda dez minutos e Fauchelevent, cujo guizo punha em debandada todas as religiosas, já batia brandamente à porta, de dentro da qual lhe respondia uma voz suave: "Por todo o sempre"; o que queria dizer: "Entre."

Essa porta era a do locutório reservado para o jardineiro, para os casos em que seu serviço fosse necessário.

O locutório ficava junto à sala do capítulo. A prioresa, sentada na única cadeira que havia ali, já esperava Fauchelevent.

II

Fauchelevent na presença da dificuldade

Mostrar agitação e gravidade é coisa particular a certos caracteres e certas profissões, principalmente aos padres e religiosos; isso nas ocasiões críticas. No momento em que Fauchelevent entrou, via-se essa dupla forma de preocupação no rosto da prioresa, que era a agradável e instruída srta. De Blemeur, madre Inocente, que normalmente estava alegre.

O jardineiro fez-lhe um cumprimento humilde e conservou-se no limiar da porta. A prioresa, que estava rezando seu rosário, ergueu os olhos e disse:

— Ah! É o sr. Fauvent?

No convento tinham adotado essa abreviatura para o nome do jardineiro.

Fauchelevent voltou a cumprimentá-la.

— Mandei chamá-lo, sr. Fauvent.

— Aqui estou, reverenda madre.

— Preciso falar-lhe.

— E eu, de minha parte — disse Fauchelevent, com um atrevimento de que, interiormente, teve medo —, também tenho uma coisa para dizer à reverenda madre.

A prioresa olhou para ele.

— Tem então alguma coisa a me comunicar?

— E uma súplica.

— Pois fale, pode falar.

O bom do Fauchelevent, ex-tabelião, pertencia à categoria dos camponeses dotados de certa audácia. Um quê de ignorância, quando hábil, é uma força; como se não desconfia dela, alcança sempre seu objetivo. Fauchelevent morava no convento havia pouco mais de dois anos, e obtivera as boas graças de toda a comunidade. Sempre solitário e entregue aos trabalhos de horticultura, não tinha outra coisa a fazer além de ser curioso. Como estava sempre à distância daquelas mulheres veladas, indo e vindo, ele não via mais que uma agitação de sombras diante de si. À força de atenção e penetração, conseguira cobrir de carne todos aqueles fantasmas, assim enxergava vida naquelas mortas. Era como um surdo que aguça mais a visão, ou como um cego que aprimora o ouvido. Aplicara-se a reconhecer o significado dos diversos toques e o conseguira de tal modo que o claustro misterioso e taciturno nada lhe escondia; a esfinge dizia-lhe ao ouvido todos os seus segredos. Fauchelevent, sabendo tudo, escondia tudo. Essa era sua arte. Todo o convento o julgava estúpido; grande mérito entre religiosos. As madres vocais apreciavam Fauchelevent. Era um curioso mudo, que inspirava confiança. Além disso, tinha hábitos regulares e só saía para cumprir sua função na horta ou no quintal. Essa discrição o favorecia. Mas nem por isso deixou de se informar com dois homens: no convento, o porteiro, que conhecia todas as particularidades do locutório; e, no cemitério, o coveiro, que conhecia as singularidades dos funerais; assim, ele tinha, a respeito daquelas religiosas, um dupla ideia: sobre sua vida e sua morte. Mas não abusava de nada. A congregação tinha por ele todo o interesse. Velho, manco, não vendo nunca coisa nenhuma, um tanto surdo; que excelentes qualidades! Dificilmente o substituiriam.

O bom do homem, com o desafogo de quem se sente apreciado, falou por muito tempo, com uma longa e prolixa arenga camponesa, de sua idade e de sua enfermidade, do peso dos anos, que já tinha de contar pelo dobro, das crescentes exigências do trabalho, da grandeza do quintal, das noites que tinha de passar ao relento, como aconteceu na última, em que fora preciso cobrir o meloal com esteiras, por causa da lua, até concluir dizendo que tinha um irmão (a prioresa fez um movimento) — um irmão, já nada moço — (segundo movimento da prioresa,

já demonstrando mais tranquilidade) —, que, se lhe dessem permissão, poderia vir morar com ele, podendo assim ajudá-lo, porque era excelente jardineiro, que a comunidade teria no irmão um excelente servo, talvez melhor do que ele; que, de outro modo, se lhe não admitissem seu irmão mais velho, como se sentia sem forças e insuficiente para o trabalho, ver-se-ia obrigado, ainda que com bastante pena, a retirar-se; e que seu irmão tinha uma netazinha que levaria consigo, que se educaria religiosamente em tão santa casa, e que talvez, quem poderia adivinhar?, viesse um dia a ser uma boa religiosa.

Quando o jardineiro acabou de falar, a prioresa interrompeu o escorregar das contas do rosário por entre os dedos e disse-lhe:

— Será que o senhor consegue, daqui até a noite, obter uma barra de ferro bem grossa?

— Para quê, reverenda madre?

— Para servir de alavanca.

— Sim, reverenda madre — respondeu Fauchelevent.

A prioresa não acrescentou nem mais uma palavra, levantou-se e entrou na sala ao lado, que era a do capítulo, onde provavelmente se achavam reunidas as madres vocais. Fauchelevent ficou só.

III

Madre Inocente

Depois de, mais ou menos, um quarto de hora, a prioresa voltou e sentou-se em sua cadeira.

Ambos os interlocutores pareciam preocupados. O diálogo, que estenografamos como nos foi possível, foi o seguinte:

— Sr. Fauvent?

— Reverenda madre?

— Conhece bem a capela?

— Tenho lá um cantinho para ouvir a missa e os ofícios.

— E já entrou no coro para algum trabalho?

— Duas ou três vezes.

— Trata-se de levantar uma pedra.

— Pesada?

— Uma laje do pavimento, ao lado do altar.

— A pedra que fecha a cripta?

— Sim.

— Aí está uma ocasião em que seria bom haver dois homens.

— A madre Ascensão, que é robusta como um homem, irá ajudá-lo.

— Uma mulher não é nunca um homem.

— Não temos senão uma mulher para ajudá-lo. Cada um faz o que pode. Porque dom Mabillon nos relata quatrocentas e dezessete epístolas de são Bernardo, enquanto Merlonus Horstius nos oferece senão trezentas e sessenta e sete, não tenho motivo para desprezar Merlonus Horstius.

— Eu também não.

— O mérito está em cada um trabalhar segundo as suas forças. Um claustro não é um estaleiro.

— E uma mulher não é um homem. Mas meu irmão é forte!

— O senhor usará uma alavanca.

— É a única chave que serve em portas como aquela.

— A pedra tem uma argola.

— Por onde passarei a alavanca.

— E é disposta de modo que possa girar sobre si mesma.

— Muito bem, reverenda madre; abrirei a cripta.

— E as quatro madres cantoras irão assisti-lo.

— E quando a cripta estiver aberta?

— Será necessário tornar a fechá-la.

— E é tudo que há a se fazer?

— Não.

— Queira dar-me as ordens, reverendíssima madre.

— Fauvent, nós temos confiança no senhor.

— Estou aqui para fazer o que me mandarem.

— E para não falar coisa alguma.

— Sim, reverenda madre.

— Quando a cripta estiver aberta…

— Tornarei a fechá-la.

— Mas antes disso…

— O quê, reverenda madre?

— Será necessário depositar nela alguma coisa.

Seguiu-se um momento de silêncio. A prioresa, depois de estender o lábio inferior, o que indicava hesitação, continuou:

— Fauvent?

— Reverenda madre?

— O senhor sabe que essa madrugada faleceu uma irmã?

— Não.

— Não ouviu o dobre?

— Lá no fim do quintal não se ouve nada.

— É verdade?

— Já me custa ouvir o toque com o qual me chamam.

— Pois a madre morreu ao amanhecer.

— Além do mais, essa manhã o vento não soprava para aqueles lados.

— Foi a madre Crucificação. Uma bem-aventurada.

A prioresa calou-se, moveu por um instante os lábios, como se fizesse uma oração na mente, e prosseguiu:

— Há três anos que a sra. De Béthume, uma jansenista, tornou-se ortodoxa, só por ver a madre Crucificação orar.

— É verdade, reverenda madre; agora ouço o dobre.

— As madres levaram-na para a sala mortuária que dá para a igreja.

— Sei onde é.

— Nenhum outro homem, além do senhor, pode ou deve entrar naquela sala. Ouça bem. Não é direito ver a entrada de um homem na sala das mortas!

— Assim mesmo!

— Hein?

— Assim mesmo!

— O que está dizendo?

— Estou dizendo assim mesmo.

— Assim mesmo o quê?

— Reverenda madre, não estou dizendo assim mesmo o quê, estou dizendo assim mesmo.

— Não estou entendendo nada. Por que está dizendo assim mesmo?

— Para falar como a senhora, reverenda madre.

— Mas eu não disse assim mesmo.

— A senhora não disse, mas eu disse para falar como a senhora.

Nesse momento, soaram as nove horas.

— Às nove horas da manhã e a todas as horas, bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar — disse a prioresa.

— Amém! — acrescentou Fauchelevent.

As horas soaram em momento oportuno e acabaram com aqueles infindáveis *assim mesmo*. É bem provável que, de outra maneira, a prioresa e Fauchelevent não desse fim àquela confusão.

Fauchelevent limpou o suor do rosto.

A prioresa tornou a emitir um murmuriozinho interior, provavelmente uma oração, e depois falou em voz alta:

— A madre Crucificação fez várias conversões ao longo da vida; depois de sua morte há de fazer milagres.

— Fará com certeza — respondeu Fauchelevent, concordando e esforçando-se para não se atrapalhar mais dali em diante.

— Sr. Fauvent, a comunidade foi abençoada pela madre Crucificação. Não há dúvida de que nem todo mundo morre como o cardeal Bérulle, rezando a santa missa e entregando a alma a Deus ao pronunciar estas palavras: *Hanc igitur oblationem*. Mas, sem esperar tanta felicidade, a madre Crucificação teve uma morte muito digna. Ela se manteve consciente até o último instante. Falava conosco e depois falava com os anjos, dando-nos parte de seus últimos ensinamentos. Se o senhor tivesse mais fé e pudesse ter estado em sua cela, ela lhe teria curado a perna, apenas tocando-a. Conservou-se sempre risonha. Percebia-se que ressuscitava em Deus. Foi uma morte em que reluziu o paraíso.

Fauchelevent, julgando que era o fim de uma oração, disse com a maior seriedade:

— Amém!

— Sr. Fauvent, é preciso cumprir as vontades dos mortos.

A prioresa passou entre os dedos algumas contas do rosário. Fauchelevent continuava calado. A prioresa prosseguiu:

— Consultei sobre esse ponto muitos eclesiásticos que trabalham para a glória de Nosso Senhor, que se ocupam no exercício da vida clerical e que produzem admiráveis frutos.

— Reverenda madre, ouve-se aqui o dobre muito melhor do que lá no quintal.

— E depois, é mais do que uma morta, é uma santa.

— Como a senhora, reverenda madre.

— Havia vinte anos que ela dormia em seu caixão, com permissão expressa do nosso santo padre Pio VII.

— Aquele que coroou o imperad… Bonaparte.

Para um homem hábil como Fauchelevent, a recordação era despropositada. Felizmente, a prioresa, de todo entregue a seus pensamentos, não o ouviu e continuou:

— Sr. Fauvent?

— Reverenda Madre?

— São Diodoro, arcebispo da Capadócia, quis que escrevessem sobre a sua sepultura apenas a palavra *Acarus*, que significa verme da terra; assim foi feito. Certo?

— Sim, reverenda madre.

— O bem-aventurado Mezzocane, abade de Áquila, quis ser enterrado debaixo da forca; assim foi feito.

— É verdade.

— São Terêncio, bispo do Porto na embocadura do Tibre no mar, pediu que fosse gravado em sua lápide o símbolo que era colocado na sepultura dos parricidas, na esperança de que os transeuntes cuspissem em sua tumba. Assim foi feito. É preciso obedecer à vontade dos mortos.

— Assim seja.

— O corpo de Bernardo Guidonis, nascido na França, perto de Roche-Abeille, foi, como ele havia ordenado, apesar da vontade do rei de Castela, transportado para a igreja dos dominicanos de Limoges, embora Bernardo Guidonis fosse bispo de Tuy, na Espanha. Quem poderia contrariar?

— Ninguém, reverenda madre.

— O fato é atestado por Plantavit de la Fosse.

Algumas contas do rosário tornaram a escorregar silenciosamente. A prioresa continuou.

— Sr. Fauvent, a madre Crucificação será sepultada no caixão em que dormiu durante vinte anos.

— É justo.

— É a continuação de seu sono.

— Terei, então, de fechá-la nesse caixão?

— Isso.

— E ignoraremos o caixão do serviço funerário?

— Exatamente.

— Estou às ordens da veneranda comunidade.

— As quatro madres cantoras o assistirão.

— A fechar o caixão? Não precisarei de ajuda.

— Não; para fazê-lo descer.

— Para onde?

— Para a cripta.

— Qual cripta?

— A que está debaixo do altar.

Fauchelevent quase deu um pulo.

— A que está debaixo do altar?!

— Isso.

— Mas…

— O senhor usará uma alavanca de ferro.

— Mas…

— Com a barra de ferro levantará a laje, por meio da argola.

— Sim, mas…

— É preciso obedecer à vontade dos mortos. Ser sepultada na cripta que está debaixo do altar da capela, não ser lançada em solo profano, ficar morta onde orou viva; esse foi o voto supremo da madre Crucificação. Foi isso o que ela nos pediu, ou, antes, nos ordenou.

— Mas é proibido.

— Proibido pelos homens, ordenado por Deus.

— E se vierem a saber?

— Nós confiamos no senhor.

— Quanto a isso, sou como qualquer pedra das paredes do convento.

— Reuniu-se o capítulo. As madres vocais, que acabei de consultar e as quais ainda estão deliberando, decidiram que a madre Crucificação seria sepultada, segundo o desejo que expressou, em seu caixão, sob o nosso altar. Pode esperar, sr. Fauvent, que veremos milagres aqui! Que glória para Deus nessa comunidade! Os milagres saem dos túmulos.

— Mas, reverenda madre, se o agente de saúde…

— São Bento II, em matéria de sepultura, resistiu a Constantino Pogonato.

— Mas o comissário de polícia…

— Chonodemaire, um dos sete reis alemães que invadiram as Gálias sob o império de Constâncio, reconheceu expressamente o direito das religiosas de serem enterradas em religião, isto é, debaixo do altar.

— Mas o inspetor da prefeitura…

— O mundo não é nada em presença da cruz. Martinho, décimo primeiro geral dos cartuxos, deu à sua ordem essa divisa: *Stat crux dum volvitur orbis*.

— Amém! — disse Fauchelevent, imperturbável nesse modo de sair de embaraços todas as vezes que ouvia alguma coisa em latim.

Qualquer audiência é suficiente para aqueles que estão calados há muito tempo. No dia em que o retórico Gimnástoras saiu da prisão, cheio de silogismos e dilemas, parou na frente da primeira árvore que encontrou, fez-lhe um discurso e esforçou-se o máximo que pôde para convencê-la. A prioresa, habitualmente sujeita à contenção do silêncio e transbordando, levantou-se e exclamou com a loquacidade de uma barreira rompida:

— Tenho à minha direita Bento e à minha esquerda Bernardo! Quem é Bernardo? É o primeiro abade de Claraval. Fontaines, na Borgonha, é um lugar bendito por tê-lo visto nascer. Seu pai chamava-se Técelin e sua mãe, Alèthe. Começou em Cister, para terminar em Claraval; foi sagrado abade pelo bispo de Chalon-sur-Saône, Guilherme de Champeaux; teve setecentos noviços e fundou cento e sessenta mosteiros; derrotou Abelardo no concílio de Sens, em 1140, e Pedro de Bruys e Henrique, seu discípulo, e uma outra espécie de desviados que eram chamados de Apostólicos; confundiu Arnaldo de Brescia, fulminou o monge Raul, o assassino de judeus, dominou em 1148 o concílio de Reims, fez condenar a Gilberto de la Porée, bispo de Poitiers, e a Éon de l'Étoile, conciliou as divergências dos príncipes, esclareceu o rei Luís, o Jovem, aconselhou o papa Eugênio III, estabeleceu regras ao Templo, pregou a Cruzada, fez duzentos e cinquenta milagres ao longo da vida, chegando até a trinta e nove em um dia. Quem é Bento? É o patriarca de Monte Cassino, o segundo fundador da santidade claustral, o basílio do Ocidente. Sua ordem produziu quarenta papas, duzentos cardeais, cinquenta patriarcas, seiscentos arcebispos, quatro mil e seiscentos bispos, quatro imperadores, doze imperatrizes, quarenta e seis reis, quarenta e uma rainhas, três mil e seiscentos santos canonizados, e subsiste depois de quatorze séculos. De um lado está são Bernardo; do outro, o agente de saúde! De um lado está são Bento; do outro, o inspetor municipal! O Estado, o município, as agências funerárias, os regulamentos, a administração, o que sabemos disso? Qualquer um que passasse agora ficaria indignado pelo modo como nos tratam. Nem mesmo temos direito de dar as nossas cinzas a Jesus Cristo! A vossa salubridade é uma invenção revolucionária. Deus subordinado ao comissário de polícia; assim é o século. Silêncio, Fauvent!

Fauchelevent, submetido a esse transbordamento, não se sentia à vontade. A prioresa continuou:

— O direito que o mosteiro tem à sepultura não é dúvida para ninguém. Só o negam os fanáticos e os que vivem no erro. Vivemos em tempo de terrível confusão. Ignora-se o que se deve saber e sabe-se o que se deveria ignorar. São crassamente ímpios. Há nesta época pessoas que não distinguem o grandíssimo são Bernardo do outro Bernardo, bom clérigo que viveu no século XIII. Outros chegam a cometer a

blasfêmia de comparar o cadafalso de Luís XVI com a cruz de Jesus Cristo. Luís XVI não era mais que um rei. Tomemos, então, cuidado com Deus! Não existem mais nem justos nem injustos. Conhecem o nome de Voltaire e desconhecem o nome de César de Bus. No entanto, César de Bus é um bem-aventurado e Voltaire é um desgraçado. O último arcebispo, o cardeal de Périgord, não sabia que Carlos de Condren sucedeu a Bérulle, que François Bourgoing sucedeu a Condren, que João Francisco Senault sucedeu a Bourgoing e que o padre de Sainte-Marthe sucedeu a João Francisco Senault. Conhece-se o nome do padre Coton, não porque ele foi um dos três que impulsionaram a fundação do oratório, mas por ter sido alvo de injúrias por causa do rei huguenote Henrique IV. O que fazia com que são Francisco de Sales fosse benquisto pela gente do mundo era sua habilidade em trapacear no jogo. E depois, atacam a religião. Por quê? Porque teve maus sacerdotes, porque Sagitário, bispo de Gap, era irmão de Salone, bispo de Embrun, e porque todos dois eram seguidores de Mommol. O que isso significa? Isso impede Martinho de Tours de ser um santo e dar metade de seu manto a um pobre? Perseguem-se os santos. Fecham-se os olhos à verdade. As trevas viraram hábito. Os animais mais ferozes são os animais cegos. Ninguém mais pensa no inferno, definitivamente! Povo ruim! Estar ao lado do rei, hoje em dia, significa estar ao lado da revolução. Não se reconhece mais os deveres nem para com os vivos nem para com os mortos. É proibido morrer santamente. O sepulcro é uma preocupação civil. Que horror! São Leão II escreveu duas cartas expressamente, uma a Pedro Notário, outra ao rei dos visigodos, para combater e rejeitar, até no que diz respeito aos mortos, a autoridade do exarca e a supremacia do imperador. Gauthier, bispo de Châlons, ocupou-se dessa questão com Otão, duque de Borgonha. A antiga magistratura entrou em concordância quanto a isso. Outrora, tínhamos voz ativa nas coisas referentes ao século. O abade de Cister, geral da ordem, era conselheiro nato do parlamento de Borgonha. Fazíamos de nossos mortos o que bem entendêssemos. O próprio corpo de são Bento não está na França, na abadia de Fleury, chamada de são Bento sobre o Loire, embora ele tenha falecido na Itália, no monte Cassino, em um sábado, 21 de março de 543? Tudo isso é incontestável. Tenho horror aos escolásticos, detesto os priores, execro os hereges, mas detestaria mais ainda qualquer um que defendesse o contrário. Basta ler Arnoul Wion, Gabriel Bucelin, Trithème, Maurolicus e dom Lucas de Achery.

A prioresa retomou o fôlego e voltou-se, em seguida, para Fauchelevent:

— Sr. Fauvent, está combinado?

— Sim, reverenda madre.

— Posso contar com o senhor?

— Obedecerei.

— Muito bem.

— Sou completamente devoto ao convento.

— Está combinado. O senhor fechará o caixão, que será levado para a capela pelas irmãs. Rezar-se-á o ofício de mortos. Entre as onze horas e a meia-noite virá com sua alavanca de ferro e tudo se fará com o maior segredo. Não estarão na capela senão as quatro madres cantoras, a madre Ascensão e o senhor.

— E a irmã que estará na coluna?

— Essa não se voltará para trás.

— Mas ouvirá.

— Não escutará. Além do mais, o que é sabido pelo claustro é ignorado pelo mundo.

Houve ainda outra pausa. A prioresa prosseguiu:

— O senhor há de tirar seu guizo; não é preciso que a irmã que estará na coluna dê pela sua presença.

— Reverenda madre?

— O que é, sr. Fauvent?

— O médico dos mortos já fez a visita?

— Irá efetuá-la hoje, às quatro horas. Já se fez o toque para ser avisado. Não ouviu mesmo toque nenhum?

— Não dou atenção senão ao meu.

— Faz muito bem, sr. Fauvent.

— Reverenda madre, será preciso uma alavanca que tenha pelo menos seis pés.

— Onde poderá obtê-la?

— Onde não faltam grades, não faltam barras de ferro. Tenho em um canto do quintal um monte de ferros velhos.

— Não se esqueça; três quartos de hora, mais ou menos, antes da meia-noite.

— Reverenda madre?

— O que é?

— Se houver outros trabalhos como esse, meu irmão é um turco muito forte.

— O senhor terá que fazer tudo o mais depressa possível.

— Não tenho como fazer tudo assim tão depressa. Sou doente, e é por isso que preciso de ajuda. Sou manco.

— Coxear não é um defeito; talvez seja uma bênção. O imperador Henrique II, que combateu o antipapa Gregório e restabeleceu a soberania de Bento VIII, tem dois apelidos: o santo e o manco.

— Mas sempre é melhor dois do que um — murmurou Fauchelevent, que tinha, de fato, a audição um tanto ruim.

— Sr. Fauvent, pensei bem, pode ser que demore uma hora inteira. Não é tanto assim. Esteja ao pé do altar-mor, com sua alavanca de ferro, às onze horas. O ofício começa à meia-noite. É necessário que um bom quarto de hora antes esteja tudo concluído.

— Farei todas as diligências para provar meu zelo pela comunidade. O que tenho a fazer é: pregar o caixão e às onze horas em ponto estar na capela. As madres cantoras estarão lá também, assim como a madre Ascensão. Ter dois homens seria muito melhor. Enfim, não importa! Terei comigo a alavanca. Abrirei a cripta, depois colocaremos o caixão e tornaremos a fechá-la. Depois disso, não ficará rastro de coisa alguma. O governo não suspeitará de nada. Reverenda madre, está tudo combinado?

— Não.

— O que falta ainda?

— Falta o caixão vazio.

Houve um tempo de silêncio. Tanto Fauchelevent como a prioresa pensavam.

— Sr. Fauvent, o que faremos com o caixão?

— Enterrá-lo.

— Vazio?

Outro momento de silêncio. Fauchelevent fez com a mão esquerda o gesto típico de que afasta alguma questão inquietante.

— Reverenda madre, eu é que hei de pregar o caixão na casa baixa da igreja; e como mais ninguém poderá entrar ali, cobrirei o caixão com o pano mortuário.

— Sim, mas os homens que o levarem hão de senti-lo vazio assim que o pegarem.

— Oh! Di…! — exclamou Fauchelevent.

A prioresa fez o sinal da cruz e encarou o jardineiro; o fim da palavra, *abo*, ficou na garganta.

Fauchelevent apressou-se em improvisar um expediente, para fazer esquecer a desastrada interjeição.

— Reverenda madre, colocarei terra no caixão. Parecerá que tem alguém dentro.

— Tem razão. A terra é a mesma coisa que o homem. Então, estará encarregado também do caixão vazio?

— Pode deixar comigo.

O rosto da prioresa, até então perturbado e inquieto, apresentou-se mais sereno. Em seguida, fez-lhe o sinal típico do superior que despede o subordinado.

Fauchelevent dirigiu-se para a porta. Quando ia sair, a prioresa levantou docemente a voz:

— Sr. Fauvent, estou muito satisfeita com o senhor; amanhã, depois do enterro, apresente-me seu irmão e diga-lhe que traga a netinha.

IV

Onde Jean Valjean faz acreditar que leu Austin Castillejo

Os passos de um manco são como a vista de um estrábico: não chegam com prontidão ao ponto a que se dirigem. Além disso, Fauchelevent achava-se perplexo. Gastou perto de um quarto de hora para chegar à barraca do quintal. Cosette estava acordada; Jean Valjean colocara a menina ao pé do lume. No momento em que Fauchelevent entrou, Jean Valjean mostrava-lhe o cesto do jardineiro pendurado na parede e dizia-lhe:

— Preste bem a atenção, minha Cosette. Precisaremos sair desta casa, mas iremos voltar, então ficaremos muito bem aqui. O excelente homem que aqui mora vai levar você às costas, mas você precisa ir ali dentro. Depois, vai esperar por mim na casa de uma senhora. Lá é que eu encontrarei com você. Mas cuidado; se não quiser que a Thénardier te pegue de novo, terá que obedecer e não falar nada!

Cosette fez com a cabeça um sinal, demonstrando seriedade.

Ao barulho produzido por Fauchelevent abrindo a porta, Jean Valjean voltou a cabeça.

— E então?

— Está e não está tudo arranjado — disse Fauchelevent. — Tenho permissão para recebê-lo; mas, antes disso, é preciso que o senhor consiga sair. Aí é que entra o problema. Com relação à menina, a coisa é fácil.

— Então vai levá-la mesmo?

— Será que ela ficará em silêncio?

— Eu cuido disso.

— Mas e o senhor…?

E, depois de um momento de silêncio aflito, exclamou:

— Mas saia por onde entrou!

Jean Valjean limitou-se, como da primeira vez, a dizer:

— É impossível.

Fauchelevent, falando mais consigo do que com Jean Valjean, murmurou:

— Ainda há outra coisa que me preocupa mais: é ter dito que colocaria terra dentro. A terra não se parece com um corpo, irá rolar de um lado para o outro, e os homens acabarão descobrindo tudo. Compreende, sr. Madeleine, o governo pode descobrir.

Jean Valjean encarou-o, achando que Fauchelevent delirava.

Fauchelevent prosseguiu:

— Como, dia… cho, o senhor conseguirá sair? É necessário que tudo seja feito amanhã! Amanhã é que hei de apresentá-lo; amanhã é que a prioresa o espera.

Em seguida, explicou a Jean Valjean que era a recompensa de um serviço que ele, Fauchelevent, prestaria à comunidade. Que fazia parte de suas atribuições cuidar dos enterros, que era ele quem pregava os caixões e, no cemitério, ajudava o coveiro. Que a religiosa que morrera pela manhã pedira para ser colocada no caixão que lhe servia de cama e sepultada na cripta situada embaixo do altar da capela. Que isso era proibido pelos regulamentos da polícia, mas que a defunta era daquelas a quem não se nega coisa alguma. Que a prioresa e as madres vocais esperavam executar a última vontade da finada, e que quem ficava mal era o governo. Que ele, Fauchelevent, pregaria o caixão na cela, levantaria a pedra na capela e desceria o caixão na cripta. Que a prioresa, para lhe agradecer esse serviço, admitiria no convento o irmão como jardineiro e a sobrinha como aluna. Que seu irmão era o sr. Madeleine e sua sobrinha, Cosette. Que a prioresa dissera que lhe apresentasse seu irmão no dia seguinte, depois do enterro fingido no cemitério; mas que não poderia trazer de fora o sr. Madeleine, se o sr. Madeleine ali não estivesse; essa era a primeira dificuldade; depois dessa, ainda havia outra: o caixão vazio.

— Mas que caixão vazio é esse? — perguntou Jean Valjean.

— O caixão da agência funerária — respondeu Fauchelevent.

— Qual caixão? Qual agência funerária?

— Quando morre uma religiosa, o médico dos mortos vem comprovar o fato. O governo manda um caixão e, no dia seguinte, um coche e uns indivíduos acompanham o coche ao cemitério. Pois quando vierem os tais indivíduos, levantarão o caixão e perceberão que não tem nada dentro.

— Mas basta encher com alguma coisa.

— Um morto? Não tenho.

— Não?

— Então o quê?

— Uma pessoa viva.

— Mas qual pessoa?

— Eu — disse Jean Valjean.

Fauchelevent, que se sentara, ergueu-se, como se aos pés lhe houvesse rebentado uma bomba.

— O senhor?!

— Por que não?

Jean Valjean mostrou um daqueles sorrisos que lhe apareciam no rosto, como um clarão em um céu de inverno.

— Bem sabe, sr. Fauchelevent, que quando disse "a madre Crucificação está morta", eu acrescentei: "e o sr. Madeleine, enterrado". Aí está a solução.

— Ah! O senhor está rindo; não está falando sério.

— Muito seriamente. Não preciso sair daqui?

— Sem dúvida.

— Não lhe perguntei se acharia para mim também um cesto com tampa?

— E então?

— O cesto será de pinho e a tampa um pano preto.

— Não pode ser preto; tem de ser branco. As religiosas são enterradas de branco.

— Pois que seja branco.

— O senhor não é um homem como os outros, sr. Madeleine.

Ter ideias como essa, que não representam senão as selvagens e temerárias invenções das galés, sair das coisas tranquilas que o rodeavam e envolver-se no que ele chamava de "mexericos do convento", era para Fauchelevent um motivo de espanto, igual ao que experimentaria um passante que visse alguém pescando no córrego da rua Saint-Denis.

Jean Valjean prosseguiu:

— Trata-se de sair daqui sem ver visto. Aí está um meio. Mas preciso de informações. Como é que acontecem essas cerimônias? Onde está o caixão?

— O vazio?

— Sim.

— Está lá embaixo, no que chamam de câmara dos mortos. Está sobre dois cavaletes e coberto com um pano mortuário.

— Que comprimento tem o caixão?

— Seis pés.

— Mas o que é câmara dos mortos?

— É uma sala ao rés do chão, com uma janela de grades para o quintal, que se fecha pela parte de fora e tem um postigo e duas portas; uma para o interior do convento, outra para a capela.

— Qual capela?

— A capela que dá para a rua; a capela de toda a gente.

— E tem a chave dessas duas portas?

— Não. Tenho a chave da porta que comunica com o convento; a da outra, a que dá para a capela, tem-na o porteiro.

— Quando o porteiro abre essa porta?

— Só quando tem de deixar que entrem os indivíduos que vêm buscar o caixão. Assim que o caixão sai, a porta é fechada.

— Quem é que prega o caixão?

— Sou eu.

— Quem é que cobre com o pano?

— Sou eu.

— Faz tudo isso sozinho, então?

— Além de mim e do médico de polícia, nenhum outro homem pode entrar na sala dos mortos. Isso está escrito lá na parede.

— Não poderá, esta noite, quando todos já estiverem dormindo no convento, esconder-me nessa sala?

— Não. Mas posso escondê-lo num cubículo que dá para ela, onde guardo meus utensílios para os enterros e cuja chave está em meu poder.

— A que horas o coche virá buscar o caixão amanhã?

— Por volta das três da tarde. O enterro é no cemitério Vaugirard, pouco antes da noite. Ainda não está perto da hora.

— Então, ficarei escondido no tal cubículo a noite toda e a manhã toda. E como farei com a comida? Ficarei com fome.

— Eu cuido disso.

— Às duas horas pode ir fechar-me no caixão.

Fauchelevent recusou espantado, fazendo estalar os ossos dos dedos.

— É impossível.

— O quê! Pegar um martelo e pregar uma tábua?

O que parecia inaudito a Fauchelevent, repetimo-lo, era da maior simplicidade para Jean Valjean, que já havia passado por situações piores. Quem quer que tenha estado preso sabe a arte de se encolher segundo o diâmetro das evasões. Fugir é uma cura. O que é que o doente não aceita para se restabelecer? Fazer com que o pregassem e conduzissem num caixão, como qualquer mercadoria, ter ar onde não o

há, economizar a respiração durante horas inteiras, saber prender a respiração sem morrer eram alguns dos sombrios talentos de Jean Valjean.

Além disso, um caixão no qual há um ser vivo, expediente de forçados, é também expediente de reis. Se acreditarmos no monge Austin Castillejo, esse foi o meio que Carlos V, querendo, após sua abdicação, rever pela última vez a Plombes, utilizou para fazê-la entrar no mosteiro de São Justo, bem como para fazê-la sair.

Fauchelevent, passado o primeiro momento de espanto, perguntou:

— Mas como é que fará para respirar?

— Não se preocupe.

— Sinto-me sufocado só de pensar nisso!

— O senhor deve ter uma verruma; faça com ela alguns furos e depois pregará a tábua sem apertar tanto.

— E se tiver vontade de tossir ou de bocejar?

— Quem foge nunca tosse nem boceja. Sr. Fauchelevent, é preciso que se tome uma decisão; ou hei de ser apanhado aqui ou hei de sair no caixão.

Todo mundo já percebeu o prazer que os gatos têm de parar entre os batentes de uma porta semiaberta. Quem nunca disse a um gato: "Entre logo!" Há homens que, diante de incidentes, têm também certa tendência para ficar indecisos entre duas resoluções, sob o risco de permitir que o destino encerre bruscamente a aventura. Quem exagera na prudência, como os gatos, precisamente porque são gatos, correm às vezes mais perigo que os audaciosos. Fauchelevent era uma dessas naturezas hesitantes. Contudo, o sangue-frio de Jean Valjean obrigou Fauchelevent a murmurar:

— Com efeito, não há outro meio.

— A única coisa que me preocupa é o que acontecerá no cemitério.

— Isso é o que não me dá trabalho! — exclamou Fauchelevent. — Se tem certeza de que consegue sair do caixão, eu o tiro da cova sem dificuldade. O coveiro é meu amigo e gosta muito de vinho. É o Mestienne, um velho de outro tempo. O coveiro mete os mortos na cova e eu meto o coveiro no bolso. Vou explicar-lhe como a coisa acontece: chegaremos pouco antes do pôr do sol, uns três quartos de hora antes de fecharem o portão do cemitério. O coche irá até a cova, e eu irei atrás; é minha função. Levarei no bolso um martelo, uma tesoura e uma torquês. O coche para, os indivíduos amarram uma corda ao redor do caixão e o descem na sepultura. O padre faz as orações, depois faz o sinal da cruz, joga água benta e vai-se embora. Eu fico só com o coveiro. Mestienne, como já lhe disse, é meu amigo. Das duas, uma: ou ele já está bêbado ou não. Se ainda não estiver, chamo-o para beber um pouco, enquanto a taberna Bom Marmelo está aberta. Levo-o comigo e o

embebedo. Mestienne custa pouco a ficar bêbado, está sempre próximo disso. Deito-o debaixo da mesa, tiro-lhe o documento, para poder entrar no cemitério, e volto sozinho. Depois, o senhor só tem que se haver comigo. Se ele já estiver bêbado, digo-lhe para ir embora, que faço tudo no lugar dele. Ele vai, e eu o tiro da cova.

Jean Valjean estendeu-lhe a mão, que Fauchelevent apertou com enternecedor e camponês entusiasmo.

— Está combinado, sr. Fauchelevent. Vai dar tudo certo.

— Contanto que a coisa não saia do roteiro. Se sair, será terrível.

V

Não basta ser bêbado para ser imortal

No dia seguinte, quando o sol já declinava, os raros passantes do Boulevard do Maine descobriam-se à passagem de um antigo coche, ornado de caveiras, de tíbias e de lágrimas. Nesse carro ia um caixão coberto com um pano branco, sobre o qual sobressaía uma grande cruz preta, semelhante a um enorme cadáver com os braços pendurados. Atrás do coche ia uma pequena carruagem, levando um padre e um coroinha de batina vermelha. Em cada um dos lados do coche marchava um indivíduo de uniforme pardo com guarnições pretas. Atrás, caminhava um velho que mancava. O cortejo dirigia-se para o cemitério Vaugirard.

Era possível ver sair do bolso desse homem o cabo de um martelo, a lâmina de um formão e o duplo cabo de uma torquês.

O cemitério Vaugirard era uma exceção entre os cemitérios de Paris. Tinha costumes particulares, assim como tinha um portão próprio de carruagem e o portão comum, que, na vizinhança, as pessoas mais velhas, tenazes em suas velhas palavras, chamavam de portão dos cavalos e portão dos pedestres. As bernardas-beneditinas do Petit-Picpus tinham conseguido, como já dissemos, o privilégio de serem sepultadas em um lugar separado e à noite, devido ao fato de aquele terreno tinha pertencido à sua ordem. Os coveiros do cemitério, como tinham de trabalhar à tarde durante o verão e à noite durante o inverno, eram submetidos a uma disciplina

particular. As portas dos cemitérios de Paris fechavam-se, nessa época, ao pôr do sol, e, como se tratava de uma medida de ordem municipal, o cemitério Vaugirard estava submetido a ela como os outros. O portão das carruagens e o portão menor tinham duas grades contíguas, coladas a uma pequena casa construída pelo arquiteto Perronet, onde morava o porteiro do cemitério. As grades, portanto, fechavam-se inexoravelmente no instante em que o sol desaparecia atrás da cúpula dos Invalides. Se algum coveiro, naquele momento, se demorasse no interior do cemitério, só tinha um recurso para sair: o documento profissional emitido pela administração de serviços funerários. Uma espécie de guichê funcionava na janela da portaria. O coveiro jogava seu documento no guichê, o porteiro via, puxava o cordão e o portão comum se abria. Se o coveiro não tinha consigo o documento, dizia o próprio nome; o porteiro, às vezes já deitado, levantava-se, ia reconhecer o coveiro e abria o portão com a chave; o coveiro saía, mas pagava quinze francos de multa.

Esse cemitério, com suas originalidades incomuns, incomodava a simetria administrativa. Em 1830, ele foi suprimido. O cemitério Montparnasse, conhecido como cemitério de Este, foi o que lhe sucedeu, tendo a herança da famosa taberna que ficava bem ao lado do cemitério Vaugirard, a qual mostrava por cima da porta um marmelo pintado numa tábua e fazia esquina, de um lado, com a calçada, onde ficavam as mesas dos bebedores, e, do outro, com o terreno, onde ficavam os túmulos, com este dístico: O BOM MARMELO.

O cemitério Vaugirard era o que se poderia chamar de cemitério murcho. Caíra em desuso. O mato o invadia, as flores o deixavam. Os burgueses não gostavam de ser enterrados no Vaugirard; isso significava pobreza. Já no Père-Lachaise, isso era bom! Ser enterrado no Père-Lachaise era como ter móveis de acaju. Era sinal de elegância. O cemitério Vaugirard era um recinto venerável, aos moldes dos antigos jardins franceses. Caminhos retos, buxos, azevinhos, ciprestes, velhas tumbas sob velhos teixos, mato bastante alto. Ali a noite era trágica. Ali havia uma atmosfera lúgubre.

O sol não tinha ainda de todo desaparecido quando o coche entrou na avenida do cemitério Vaugirard. O homem que o acompanhava mancando era Fauchelevent.

O enterro de madre Crucificação sob o altar, a saída de Cosette e a introdução de Jean Valjean na sala dos mortos, tudo fora executado sem complicações.

Digamos de passagem que o enterro de madre Crucificação sob o altar-mor da capela do convento é, para nós, uma coisa perfeitamente venial. É um desses erros que parecem um dever. As religiosas cumpriram-no, não somente sem se perturbarem, mas com o aplauso da própria consciência. No claustro, o que se

chama de “governo” não passa de uma intromissão na sua autoridade; uma intromissão sempre discutível. Antes a regra; quanto ao código, depois se verá. Homens, façam quantas leis quiserem, mas guardem-nas para vocês. O que se deve a César nada mais é do que o resto do que se deve a Deus. Um príncipe não é nada ao lado de um princípio.

Fauchelevent mancava contentíssimo atrás do coche. Suas duas conspirações gêmeas, uma com as religiosas e outra com Madeleine, uma a favor do convento, outra contra ele, tinham obtido ótimo resultado. A impassibilidade de Jean Valjean era dessas tranquilidades poderosas com que uma pessoa facilmente se identifica. Fauchelevent já não duvidava do completo êxito. O que faltava fazer era quase nada. Em dois anos, havia embebedado dez vezes o coveiro, o bravo Mestienne, um bom homem rechonchudo. Divertia-se com Mestienne. Fazia com ele o que queria. Penteava-o ao seu gosto e fantasia. A cabeça de Mestienne se ajustava ao chapéu de Fauchelevent. A segurança de Fauchelevent era completa.

Na ocasião em que o cortejo entrou na avenida do cemitério, Fauchelevent ia tão satisfeito que olhou para o coche e esfregou as grossas mãos, dizendo:

— Nada mau essa farsa.

De repente, o coche parou: chegara à porta. Era necessário exibir a permissão para o enterro. O empregado do serviço funerário dirigiu-se ao porteiro. Durante o colóquio dos dois, que sempre ocasionou demora de um quarto de hora, apareceu um homem desconhecido que se colocou atrás do coche, ao lado de Fauchelevent. Era uma espécie de trabalhador, com uma enxada na mão.

Fauchelevent encarou o desconhecido.

— Quem é o senhor? — perguntou.

O homem respondeu:

— Sou o coveiro.

Se alguém sobrevivesse a um tiro de canhão recebido em pleno peito, teria a mesma expressão que fez Fauchelevent.

— O coveiro!

— Sim, senhor!

— O senhor?

— Eu mesmo.

— O coveiro é o Mestienne.

— Era.

— Como assim, era?

— Ele morreu.

Fauchelevent esperava qualquer coisa, menos que um coveiro pudesse morrer. Todavia, é uma verdade: até os coveiros morrem. A força de fazerem covas para os outros, abrem-nas para si mesmos.

Fauchelevent ficou boquiaberto, e teve forças apenas para murmurar:

— Não pode ser!

— Mas é isso mesmo.

— Mas — tornou ele, com voz fraca — o coveiro é o Mestienne.

— Depois de Napoleão vem Luís XVIII; depois de Mestienne, vem Gribier. Eu me chamo Gribier, meu caro camponês.

Fauchelevent, completamente pálido, observou o tal Gribier.

Era um homem alto, magro, lívido, perfeitamente fúnebre, esse Gribier. Tinha o aspecto de alguém que virara coveiro porque não pôde ser médico.

Fauchelevent soltou uma gargalhada.

— Ora, sempre acontecem coisas engraçadas. Mestienne morreu; mas Lenoir está vivo! Sabe quem é Lenoir? É o canjirão do vinho tinto de seis soldos. É o canjirão do mais fino Suresnes! Legítimo Suresnes de Paris! Uma pena que o velho Mestienne tenha morrido; era um bom amigo! O senhor com certeza não lhe fica atrás; não é verdade, camarada? O amigo me acompanha para tomar uma golada?

O homem respondeu:

— Eu estudei e cheguei ao quarto ano: não bebo.

O coche continuara seu caminho, rodando pela rua principal do cemitério.

Fauchelevent demorara o passo. Coxeava mais por causa da aflição que experimentava do que por causa do joelho.

O coveiro ia à frente dele.

Fauchelevent observou Gribier mais uma vez.

Era um homem dos que, sendo jovens, parecem velhos e que, embora extremamente magros, são dotados de incrível força.

— Camarada! — exclamou Fauchelevent.

O homem voltou-se.

— Eu sou coveiro do convento.

— Logo, é um colega — disse o homem.

Fauchelevent, pouco instruído, mas muito esperto, compreendeu que tinha de tratar com um espírito temível, um bom conversador.

Em seguida, murmurou:

— Como assim, Mestienne está morto?

— Completamente — respondeu o homem. — Deus consultou seu caderno de prazos e viu que terminara o de Mestienne.

Fauchelevent repetiu maquinalmente:

— Deus…

— Deus — disse o homem com autoridade. — Para os filósofos, o Padre Eterno; para os jacobinos, o Ser Supremo.

— Então, não vamos conhecer melhor um ao outro? — balbuciou Fauchelevent.

— Já nos conhecemos. Você é um camponês e eu sou parisiense.

— A gente não se conhece enquanto não bebe alguns tragos juntos. Quem esvazia o copo abre o coração. Não é coisa que se recuse.

— Primeiro a obrigação.

Fauchelevent pensou: "Estou perdido!"

O carro já não distava senão alguns passos da ruazinha que conduzia ao terreno pertencente às religiosas.

O coveiro continuou:

— Tenho sete meninos para sustentar; para eles comerem é preciso que eu não beba.

E acrescentou, com a satisfação de um homem sério que conseguiu compor uma frase:

— A fome deles é inimiga da minha sede.

O carro contornou um grupo de ciprestes, saiu da rua principal, pegou outra mais estreita, entrou no terreno e internou-se pelo bosque, que ali era mais denso. Isso indicava a proximidade imediata da sepultura. Fauchelevent demorava o passo, mas não podia fazer demorar o carro. Felizmente, a terra fofa e molhada pelas chuvas do inverno travava as rodas e atrasava muito a chegada.

Fauchelevent aproximou-se do coveiro.

— Lá tem um vinhozinho de Argenteuil famoso — murmurou ele.

— Aldeão — tornou o homem —, eu não nasci para coveiro. Meu pai era porteiro no Prytanée e destinava-me à literatura; mas teve contratempos, teve perdas na Bolsa, por isso fui obrigado a renunciar à profissão de escritor; no entanto, sou ainda escrivão público.

— Mas então o senhor não é coveiro? — tornou Fauchelevent, agarrando-se a esse frágil ramo.

— Uma coisa não anula outra. Eu acumulo.

Fauchelevent não entendeu a última palavra.

— Então, vamos molhar o bico!

Aqui é necessária uma observação. Fauchelevent, dominado por sua grande aflição, oferecia de beber, mas não se explicava sobre um ponto: quem pagaria?

Normalmente, Fauchelevent oferecia e Mestienne pagava. O convite para beber resultava evidentemente da nova situação criada pelo novo coveiro, e esse convite precisava ser feito, mas o velho jardineiro, não sem intenção, deixava o proverbial quarto de hora, como dizia Rabelais, na sombra. Quanto a Fauchelevent, apesar de extraordinariamente aflito, não tinha a mínima intenção de pagar.

O coveiro prosseguiu, com um sorriso de superioridade:

— É preciso comer, por isso aceitei a sobrevivência do sr. Mestienne. Quando se chega a quase completar os estudos, fica-se um tanto filósofo. Ao trabalho da mão adicionei o trabalho do braço; tenho o meu *lugar* de escrivão no mercado da rua de Sèvres. Sabe onde é? O mercado dos guarda-chuvas. Todas as cozinheiras da Cruz Vermelha são minhas freguesas: sou eu quem lhes faz as declarações aos namorados. De manhã, escrevo cartinhas amorosas, de tarde abro covas. E assim vai a vida, colega camponês.

O coche continuava a avançar. Fauchelevent, no cúmulo da inquietação, olhava para todos os lados, enquanto da testa caíam-lhe grandes gotas de suor.

— Entretanto — continuou —, ao coveiro não é permitido servir a duas senhoras. Tenho de optar pela pena ou pela enxada; mas esta é que me trata pior as mãos.

O coche parou.

O coroinha apeou-se da pequena carruagem, e logo atrás dele o padre.

Uma das rodas dianteiras do coche ficou sobre um amontoado de terra, para além do qual se via aberta uma cova.

— Que farsa! — repetiu Fauchelevent profundamente consternado.

VI

Entre quatro tábuas

Quem ia no caixão? Como se sabe, era Jean Valjean.

Jean Valjean acomodara-se para ali poder viver, mal conseguindo respirar.

É estranho o modo por que a paz da consciência produz a segurança de todo o resto. Toda a combinação premeditada por Jean Valjean caminhava otimamente

desde a véspera. Como Fauchelevent contava com Mestienne e não tinha a mínima dúvida sobre o bom resultado de tudo, nunca houve situação mais crítica e sossego mais completo.

Do fundo daquele caixão seguira todas as fases do terrível drama que representava com a morte.

Pouco depois de Fauchelevent acabar de pregar a tampa do caixão, Jean Valjean notou que o levantavam do chão e que, em seguida, rodava em cima de um coche. Pela diminuição dos solavancos, pôde perceber que passara do pavimento para o chão de terra batida, isto é, saíam das ruas e entravam nos boulevards. A um barulho surdo, notou que atravessava a ponte de Austerlitz. À primeira parada, compreendeu que entrara no cemitério; à segunda parada, pensou: "Chegamos à cova." De repente, sentiu pegarem no caixão e, depois, um roçar áspero sobre ele; desde então percebeu que era uma corda que passavam em volta do caixão, a fim de o fazerem descer à cova.

Em seguida, sentiu uma espécie de atordoamento.

Provavelmente, o coveiro tinha perdido o equilíbrio do caixão, deixando-o descer de cabeça para baixo. Voltou ao normal, ao se sentir na horizontal e imóvel. Chegara ao fundo.

Sentiu então certo frio.

Acima dele, elevou-se uma voz glacial e solene. Ouviu as palavras latinas, que não compreendia:

— *Qui dormiunt in terrae pulvere, evigilabunt; alii in vitam aeternam, et alii in opprobrium, ut videant semper.*

Uma voz infantil respondeu:

— *De profundis.*

A voz grave continuou:

— *Requiem aeternam dona ei, Domine.*

A voz da criança respondeu:

— *Et lux perpetua luceat ei.*

Depois, ouviu sobre a tampa do caixão algo como o brando bater de algumas gotas de chuva. Era provavelmente a água benta.

Jean Valjean pensou: "Está quase concluída a cerimônia; mais um pouco de paciência. O padre retira-se; Fauchelevent fará Mestienne se afastar. Depois Fauchelevent voltará sozinho, e sairei daqui. Terei de esperar ainda uma hora, mais ou menos."

A voz grave repetiu:

— *Requiescat in pace.*

A criança respondeu:

— *Amen.*

Com o ouvido atento, Jean Valjean percebeu uns passos que se afastavam. "Vão-se", pensou ele. "Agora estou só."

De repente, ouviu sobre a cabeça um ruído que lhe parecia um trovão.

Era uma pá de terra que caíra em cima do caixão.

Logo depois, uma segunda pá de terra.

Um dos orifícios por onde respirava ficara tapado.

Uma terceira pá de terra caiu sobre o caixão.

Depois, uma quarta.

Há coisas mais poderosas do que o homem mais forte. Jean Valjean perdeu os sentidos.

VII

Onde se encontra a origem da frase "Não perder o documento"

Eis o que se passava acima do caixão em que estava Jean Valjean.

Depois de o coche ter partido, Fauchelevent, que não afastava os olhos do coveiro, viu-o curvar-se e pegar na pá que estava cravada no amontoado de terra.

Então, Fauchelevent tomou uma resolução imediata.

Colocou-se entre a cova e o coveiro e cruzou os braços, dizendo:

— Eu pago!

O coveiro olhou para ele espantado e retorquiu:

— O quê, homem?

Fauchelevent repetiu:

— Sou eu que pago!

— O quê?

— O vinho.

— Qual vinho?

— O de Argenteuil.

— De Argenteuil, onde?

— No Bom Marmelo.

— Vá para o diabo! — tornou o coveiro.

E lançou uma pá de terra sobre o caixão, do qual saiu um som cavo. Fauchelevent sentiu faltarem-lhe as pernas e esteve a ponto de cair na cova. Então, gritou com uma voz em que parecia haver um estertor:

— Camarada, antes que se feche o Bom Marmelo!

O coveiro tornou a meter a pá na terra. Fauchelevent continuou:

— Já disse que eu pago.

E pegou no braço do coveiro.

— Escute, camarada. Eu sou o coveiro do convento e venho para ajudar. É um trabalho que pode ser feito à noite. Comecemos por ir molhar o bico.

Enquanto falava, agarrando-se a essa insistência desesperada, Fauchelevent fazia esta lúgubre reflexão: "E se ele beber, ficará bêbado?"

— Provinciano — disse o coveiro —, uma vez que teima, iremos beber, mas depois da obrigação; antes, de modo nenhum.

E tornou a enfiar a pá na terra; Fauchelevent o deteve.

— Olhe que é um Argenteuil de seis soldos!

— Que diabo! — disse o coveiro. — Você parece um relógio de repetição! Dim dom, dim dom. Não sabe dizer outra coisa. Vá dar uma volta!

E lançou para a cova a segunda pá de terra.

Fauchelevent chegara ao ponto em que já não se sabe o que dizer.

— Mas venha! Quem paga sou eu!

— Assim que a criança dormir.

E lançou a terceira pá.

Em seguida, meteu a pá na terra e acrescentou:

— Bem vê que há de fazer frio e que a morte gritaria atrás de nós se a deixássemos aqui descoberta.

Nesse momento, enchendo a pá, o coveiro curvou-se e o bolso da blusa abriu-se.

Os olhos espantados de Fauchelevent dirigiram-se maquinalmente para o bolso.

O sol não tinha ainda desaparecido no horizonte; era ainda bastante dia para que se pudesse distinguir algo branco no fundo do bolso.

Todo o relampejar que os olhos de um camponês picardo podem produzir atravessou as pálpebras de Fauchelevent. Acabava de ter uma ideia. Sem que o coveiro, que só atentava para a pá, desse por isso, meteu-lhe a mão no bolso, pela parte de trás, e tirou-lhe o objeto branco que ali havia.

O coveiro atirou para a cova a quarta pá de terra.

No movimento em que ele voltava para continuar, Fauchelevent fitou-o com o maior sossego, dizendo-lhe:

— É verdade, camarada, trouxe o documento?

O coveiro interrompeu-se.

— Qual documento?

— É que o sol está quase se pondo.

— Que tenho eu com isso?

— O cemitério vai ser fechado em breve.

— Sim, e daí?

— Tem com o senhor o documento?

— Ah! O documento profissional! — disse o coveiro.

E procurou em todos os bolsos, voltando sempre a procurar naquele em que não achara coisa alguma.

— Não estou encontrando. Será que esqueci?

— São quinze francos de multa — disse Fauchelevent.

O coveiro ficou verde. O verde é a palidez das pessoas lívidas.

— Ai, meu Deus do céu! — exclamou. — Quinze francos de multa!

— Três moedas de cem soldos — disse Fauchelevent.

O coveiro deixou a pá cair no chão.

Tinha chegado a vez de Fauchelevent.

— Ora, meu caro! — disse o jardineiro. — Não precisa se desesperar. Não é agora coisa para que se mate e aproveite a cova aberta. Quinze francos são quinze francos; e depois, pode até ser que não precise pagá-los. Olhe que eu sou mais velho, tenho visto mais, portanto vou dar-lhe um conselho de amigo. O que é claro é que o sol já está se pondo por detrás da cobertura dos Invalides e que o cemitério fechará dentro de cinco minutos.

— É verdade — disse o coveiro.

— Em cinco minutos você não conseguirá encher a cova, que é funda como o diabo, e chegar depois a tempo de sair antes de terem fechado a porta.

— Realmente.

— Nesse caso, são certos os quinze francos de multa.

— Quinze francos!

— Mas você ainda tem tempo… Onde mora?

— A dois passos da barreira, a um quarto de hora daqui, na rua Vaugirard, nº 87.

— Então ainda tem tempo de sair.

— É mesmo.

— Depois de sair, corra até em casa, pegue o documento e volte, então o porteiro do cemitério lhe abrirá a porta. Se estiver com o documento, não precisará pagar nada. Depois o senhor poderá enterrar o defunto. Entretanto, eu fico aqui para que ele não fuja.

— Devo-lhe a vida, colega!

— Corra, não demore — disse Fauchelevent.

O coveiro, desorientado e agradecido, apertou-lhe a mão e saiu correndo.

Assim que Fauchelevent perdeu de vista o coveiro e deixou de ouvir o barulho dos passos, inclinou-se para a cova e disse a meia-voz:

— Sr. Madeleine!

Não teve resposta.

Fauchelevent estremeceu. Saltou precipitadamente para a cova e lançou-se sobre o caixão, do lado da cabeça, falando um pouco mais alto:

— Sr. Madeleine!

Fauchelevent, quase sem respirar de tanto tremer, pegou o martelo, fez saltar a tampa do caixão e logo apareceu, no meio do crepúsculo, o rosto de Jean Valjean, pálido e com os olhos fechados.

Os cabelos de Fauchelevent eriçaram-se; endireitou-se, depois, encostou-se à parede da cova, para não cair sobre o caixão, e contemplou Jean Valjean.

Jean Valjean jazia imóvel.

Fauchelevent murmurou com uma voz tão baixa que parecia um suspiro:

— Está morto!

E, endireitando-se novamente, cruzou os braços com tanta violência que bateu com os dois punhos fechados nos ombros, e exclamou:

— Aqui está como eu o salvei!

Então o pobre homem começou a soluçar, monologando, porque é um erro acreditar que o monólogo não faz parte da natureza. As emoções fortes frequentemente falam em voz alta:

— A culpa é de Mestienne. Por que diabo havia de morrer aquele bruto, justamente quando menos se esperava?! A morte do sr. Madeleine foi causada por ele. Pobre sr. Madeleine, já está no caixão e na cova. Não há mais nada a fazer.

"Como pode a gente acomodar-se com uma coisa assim? Está morto, santo Deus! E a menina, o que eu hei de fazer dela? Quando lembro que se meteu debaixo da minha carroça! Sr. Madeleine! Sr. Madeleine! Bem dizia eu que lhe faltaria o ar; mas não quis acreditar em mim. Aqui está o resultado! Está morto esse excelente homem, o melhor que eu conheci entre os filhos de Deus! Eu é que não saio daqui. Fazer uma coisa dessas! Mas como diabo ele fez para entrar no convento? Esse foi o

começo de tudo. Coisas assim não devem ser feitas. Sr. Madeleine! Sr. Madeleine, sr. Madeleine! Senhor *maire*! Não me ouve? Saia daí imediatamente."

Falando desse modo arrancava os cabelos com o maior desespero.

De repente, ouviu-se ao longe uma espécie de guincho agudo. Era o portão do cemitério que se fechava.

Fauchelevent inclinou-se para Jean Valjean e deu no mesmo instante um salto, recuando. Jean Valjean tinha os olhos abertos e olhava para ele.

Assistir a uma morte é terrível, ver uma ressurreição não o deve ser menos. Fauchelevent ficou petrificado, pálido, desnorteado, transtornado pelo excesso de emoções, não sabendo se estava diante de um morto ou de um vivo; e fitava Jean Valjean, que o encarava.

— Estava dormindo — disse Jean Valjean.

E sentou-se no caixão.

Fauchelevent ajoelhou.

— Valha-me, Nossa Senhora! Que medo que me deu!

E, em seguida, exclamou:

— Obrigado, sr. Madeleine!

Jean Valjean estava apenas desfalecido. O ar livre reanimara-o.

A alegria é o reflexo do terror. Fauchelevent custara, quase tanto quanto Jean Valjean, a voltar a si.

— Então, não está morto! Isso, sim, é ter fôlego! Tanto o chamei que me ouviu. Quando lhe vi os olhos fechados, pensei que lhe tinha faltado o ar. Eu endoidecia, com certeza; um verdadeiro louco dentro de uma camisa de força. Iriam me mandar para Bicêtre. O que queria que eu fizesse se o senhor realmente tivesse morrido? E a criança? Que história, santos do paraíso, que história! Ah! O senhor está vivo. Deu tudo certo!

— Estou com frio — disse Jean Valjean.

Essas palavras chamaram Fauchelevent completamente à realidade, que era urgente. Aqueles dois homens, mesmo voltando a si, tinham, sem que percebessem, a alma perturbada e sentiam alguma coisa estranha provocada pelo lugar sinistro em que estavam.

— Saiamos depressa daqui — disse Fauchelevent.

Em seguida, meteu a mão no bolso e tirou uma pequena garrafa com que se prevenira.

— Mas, primeiro, beba um gole — pediu ele.

A bebida terminou o que o ar livre tinha começado. Jean Valjean bebeu um gole de aguardente e entrou em inteira posse de si mesmo.

Saiu do caixão e ajudou Fauchelevent a pregar-lhe novamente a tampa.

Passados três minutos, estavam fora da cova.

Além do mais, Fauchelevent sentia-se tranquilo; não precisava apressar-se. O cemitério estava fechado, e não havia que recear a volta do coveiro Gribier. O "novato" certamente estava em casa, ocupado em procurar seu documento, o qual jamais encontraria, porque estava no bolso de Fauchelevent. Sem o documento não podia tornar a entrar no cemitério!

Fauchelevent pegou a pá e Jean Valjean a enxada, então concluíram o enterro do caixão vazio.

Depois de a cova estar cheia, disse Fauchelevent a Jean Valjean:

— Vamo-nos. Traga a enxada que eu levo a pá.

Entretanto, ia anoitecendo.

Jean Valjean teve um pouco de dificuldade para se mover e andar. Inteiriçara-se dentro do caixão; tornara-se um tanto cadáver. A anquilose da morte o dominara entre aquelas quatro tábuas. Era preciso, de certo modo, que se livrasse do gelo do sepulcro.

— O senhor está mancando — disse Fauchelevent. — Pena que eu seja manco também, nós partiríamos imediatamente.

— Bastam quatro passos para que as pernas se lembrem de como é andar — disse Jean Valjean

Sem mais demora, seguiram pelas ruas por onde o carro tinha ido.

Chegando ao portão fechado e à casa do porteiro, Fauchelevent, que levava na mão o documento do coveiro, colocou-o no guichê, puxou a corda, então a porta se abriu e eles saíram.

— Como tudo deu certo! — disse Fauchelevent. — Que boa ideia teve o sr. Madeleine!

Eles cruzaram a barreira Vaugirard do modo mais simples do mundo. Nos arredores de um cemitério, uma pá e uma enxada servem de passaporte.

A rua Vaugirard estava deserta.

— Sr. Madeleine — disse Fauchelevent sem parar, levantando os olhos para as casas. — O senhor tem uma visão melhor do que a minha; veja se enxerga o nº 87.

— Ele está aqui — disse Jean Valjean.

— Não vejo ninguém — tornou Fauchelevent. — Dê-me a enxada e espere dois minutos.

Fauchelevent entrou na porta de nº 87, subiu toda a escada, guiado pelo instinto que conduz sempre o pobre ao sótão, bateu, às escuras, à porta de uma água-furtada, e logo lhe respondeu de dentro uma voz:

— Pode entrar.

Era a voz de Gribier.

Fauchelevent empurrou a porta. A casa do coveiro, como todas as tristes casas de sua espécie, era um sótão sem mobília, e ao mesmo tempo atravancada. Um caixote, que servira talvez de esquife, desempenhava ali o papel de cômoda, um boião de manteiga servia de pote, a cama era um colchão de palha e o chão azulejado servia como mesa e cadeira. A um canto, sobre um farrapo, resto de um tapete, formavam uma espécie de grupo: uma mulher magra e muitas crianças. A pobre casa dava indícios de ter sido revolvida. Parecia que houvera um tremor de terra. As tampas dos caixotes achavam-se todas espalhadas, o pote improvisado estava partido, a mãe tinha chorado, as crianças provavelmente tinham levado pancadas; viam-se, em suma, todos os indícios da mais colérica e minuciosa busca. Era evidente que o coveiro procurara loucamente seu documento e responsabilizara pela perda todos que estavam em casa, desde a bilha até a mulher. Seu aspecto era o de desespero.

Mas Fauchelevent encaminhava-se com extrema pressa ao desfecho da aventura para que notasse o lado triste de seu bom êxito. Entrou e disse:

— Venho trazer-lhe sua pá e sua enxada.

Gribier olhou para ele estupefato.

— Ah! É você?

— Amanhã achará seu documento com o porteiro.

E pôs em um canto a enxada e a pá.

— O que quer dizer? — perguntou Gribier.

— Quer dizer que a deixou cair do bolso e que eu a achei no chão, depois de o senhor ter saído; que acabei seu trabalho, que o porteiro lhe entregará o documento e que não pagará quinze francos. Entendeu?

— Obrigado, aldeão! — exclamou Gribier. — Da próxima vez, quem paga o vinho sou eu.

VIII

Interrogatório bem-sucedido

Ao fim de uma hora, no meio da escuridão da noite, apresentavam-se à porta nº 62 da rua Petit-Picpus dois homens e uma criança. O homem mais velho levantou a aldrava e bateu.

Eram Fauchelevent, Jean Valjean e Cosette.

Os dois tinham ido buscar Cosette na casa da quitandeira de fruta, na rua Chemin-Vert, onde Fauchelevent a deixara na véspera. Cosette passara aquelas vinte e quatro horas sem perceber coisa alguma e tremendo em silêncio. Sentia tanto medo que nem tinha chorado, nem comido, nem dormido. A digna quitandeira fizera-lhe cem perguntas, sem que pudesse obter mais do que um olhar triste. Cosette não dissera absolutamente nada de quanto vira e ouvira havia dois dias. Adivinhava que estavam atravessando uma crise; sentia profundamente que era preciso "ser esperta". Quem há que não tenha experimentado o soberano poder das três palavras "Não diga nada!", pronunciadas em certo tom, ao ouvido de uma criança assustada? O medo é mudo. E, depois, ninguém guarda um segredo como uma criança.

Só ao fim daquelas lúgubres vinte e quatro horas, quando tornara a ver Jean Valjean, soltara um grito que qualquer pessoa que o tivesse ouvido imaginaria que ela saía de um abismo.

Fauchelevent conhecia a senha que dava entrada para o convento. Todas as portas se abriram.

E assim se resolveu o duplo e terrível problema: sair e entrar.

O porteiro, que tinha suas instruções, abriu a portinha particular que comunicava o pátio com o quintal e que há vinte anos podia ser vista da rua, na parede do fundo do pátio, bem em frente ao portão central. O porteiro fez com que entrassem por aquela porta, e dali encaminharam-se para o locutório interior reservado, onde Fauchelevent recebera as ordens da prioresa.

A prioresa esperava-os rezando seu rosário. Junto dela e de pé estava uma madre vocal. Uma fraca luz de vela iluminava, ou poderíamos mesmo dizer, parecia iluminar, o locutório.

A prioresa mirou Jean Valjean de alto a baixo.

Depois, perguntou-lhe:

— O senhor é o irmão do sr. Fauchelevent?

— Sim, reverenda madre — respondeu Fauchelevent.

— Como se chama?

Fauchelevent respondeu:

— Ultime Fauchelevent.

Ele tivera, com efeito, um irmão, já falecido, chamado Ultime.

— De que lugar o senhor é?

Fauchelevent respondeu:

— De Picquigny, próximo de Amiens.

— Que idade tem?

— Cinquenta anos — respondeu Fauchelevent.

— Qual é sua profissão?

Fauchelevent respondeu:

— Jardineiro.

— É bom cristão?

Fauchelevent respondeu:

— Todos na família são.

— Essa menina é sua?

Fauchelevent respondeu:

— Sim, reverenda madre.

— O senhor é pai da menina?

— Sou o avô — respondeu Fauchelevent.

A madre vocal disse a meia-voz para a prioresa:

— Ele responde bem!

Jean Valjean não pronunciara uma só palavra.

A prioresa observou Cosette com atenção e disse a meia-voz à madre vocal:

— Vai ser feia!

As duas madres conversaram por alguns minutos em segredo, depois a prioresa voltou-se e disse:

— Sr. Fauvent, o senhor precisará de outra joelheira com guizo. Agora são necessárias duas.

Com efeito, no dia seguinte ouviram-se no jardim dois guizos, e as religiosas não puderam resistir ao desejo de levantar um cantinho do véu. Ao fundo, sob o arvoredo, viam-se dois homens ao lado um do outro, cavando; Fauvent e outro. Espantoso acontecimento. O silêncio foi interrompido a ponto de se dizer: "E um ajudante de jardineiro."

As madres vocais acrescentavam: "E é irmão do sr. Fauvent."

Jean Valjean estava, com efeito, legalmente admitido; tinha sua joelheira com guizo; portanto, sua presença era oficial. Chamava-se Ultime Fauchelevent.

A mais forte causa determinante para a admissão fora a observação da prioresa acerca de Cosette: "Vai ser feia."

A prioresa, pronunciando esse prognóstico, simpatizou imediatamente com Cosette e deu-lhe lugar no convento como aluna por caridade.

Isso tudo era extremamente lógico. Embora não houvesse espelhos no convento, as mulheres tinham uma noção de sua imagem; ora, as moças que se sentem bonitas dificilmente se farão religiosas; a vocação é mais voluntária na proporção inversa da beleza, espera-se mais das feias que das bonitas. Daí essa preferência pelas feiosas. Essa aventura engrandeceu o bondoso velho Fauchelevent; obtivera tríplice bom êxito: com Jean Valjean, a quem salvou e abrigou; com o coveiro Gribier, que dizia que, graças a ele, não precisara pagar a multa; e com o convento, que, graças ao seu auxílio, conservava os restos mortais de madre Crucificação sob o altar da capela. Havia um caixão com cadáver no Petit-Picpus e outro sem cadáver no cemitério Vaugirard; a ordem pública tinha sido, sem dúvida, profundamente abalada, mas nada foi percebido. O reconhecimento do convento para com Fauchelevent foi extraordinário. Fauchelevent tornou-se o melhor dos servos e o mais precioso dos jardineiros. Já na primeira visita do arcebispo, a prioresa contou o caso a Sua Excelência, tanto para se confessar como também para contar vantagem. O arcebispo, ao sair do convento, contou entusiasticamente e em voz baixa ao padre De Latil, seu confessor, mais tarde arcebispo de Reims e cardeal. A admiração por Fauchelevent trilhou um longo caminho; chegou até Roma. Tivemos sob nossos olhos um bilhete escrito pelo papa então reinante, Leão XII, a um de seus parentes, monsenhor na nunciatura de Paris, conhecido, como ele mesmo, como Della Genga; leem-se estas linhas:

> Ouvi dizer que em um dos conventos de Paris há um excelente jardineiro, que é um homem santo e se chama Fauvent.

Nada desse triunfo chegou aos ouvidos de Fauchelevent em sua barraca; ele continuou a cuidar da terra, a lavrar, a cobrir os melões, sem suspeitar da própria excelência e santidade. Não duvidava mais de sua glória, assim como também não duvidava um boi de Durham ou de Surrey cujo retrato tivesse sido publicado no *Illustrated London News*, com a inscrição: "O boi que conquistou o prêmio no concurso de animais que têm chifre."

IX

Clausura

No convento, Cosette continuou a conservar-se calada.

A pobre criança julgava-se, muito naturalmente, filha de Jean Valjean. Quanto ao mais, não sabendo coisa alguma, nada podia contar; e mesmo quaisquer que fossem as circunstâncias, não diria uma palavra. Como acabamos de perceber, nada obriga mais as crianças ao silêncio do que a infelicidade. Cosette sofrera tanto que tinha medo de tudo, tinha medo de falar e de respirar. Uma só palavra fizera tantas vezes cair sobre ela uma trovoada de maus-tratos. Só tinha começado a ficar mais tranquila desde que estava com Jean Valjean. Depressa se habituou ao convento. Mas tinha saudade de sua Catherine, mesmo assim não ousava confessar. Contudo, uma vez disse a Jean Valjean: "Olhe, pai, se eu adivinhasse, tinha trazido Catherine comigo."

Ao se tornar aluna do convento, Cosette teve de usar um hábito como o de todas as outras meninas. Jean Valjean conseguiu que lhe dessem a roupa que ela despira. Era o mesmo vestido de luto que ele a fizera vestir quando saíram da estalagem dos Thénardier e que ainda estava em bom estado. Jean Valjean guardou tudo, inclusive as meias de lã e os sapatos, com muita cânfora e todos os aromas que existem nos conventos, numa caixinha que arranjou. Depois pôs essa caixa em cima de uma cadeira, ao pé da cama, e tinha sempre consigo a chave. Um dia Cosette perguntou:

— Meu pai, o que é que há nessa caixa que cheira tão bem?

Fauchelevent, além da glória de que falamos, foi recompensado por sua boa ação; em primeiro lugar, sentiu-se satisfeito, e depois passou a ter muito menos trabalho, porque agora era ajudado por Jean Valjean.

Enfim, como gostava muito de tabaco, tinha a vantagem, com a presença do sr. Madeleine, de aproveitar três vezes mais do que antes e de um modo mais voluptuoso, já que era pago pelo sr. Madeleine.

As religiosas não adotaram o nome de Ultime; chamavam-no *o outro Fauvent*.

Se aquelas santas donzelas tivessem alguma coisa da perspicácia de Javert, teriam em breve notado que sempre que era preciso sair, por alguma necessidade, do quintal, era sempre Fauchelevent, o velho, o doente, o manco, quem saía, e nunca o outro; mas, seja porque os olhos sempre fixos em Deus não sabem espionar, seja

porque estivessem de preferência ocupados a espreitar entre si, não deram atenção ao fato.

O fato é que foi prudentíssimo o comportamento adotado por Jean Valjean de se conservar mudo e comedido. Javert espionou todo aquele lugar durante mais de um mês.

O convento era para Jean Valjean uma espécie de ilha rodeada de abismos. Aquelas quatro paredes agora resumiam o mundo para ele. Via ali bastante céu para estar tranquilo e Cosette, o necessário para ser feliz.

Recomeçou, então, para ele, uma vida bem tranquila.

Morava com o velho Fauchelevent na barraca do fundo do quintal. Aquela casinha, que existia ainda em 1845, compunha-se, como bem sabemos, de três compartimentos, que estavam completamente vazios e não tinham mais do que as paredes. O quarto maior fora cedido quase à força pelo sr. Fauchelevent ao sr. Madeleine. Uma das paredes desse quarto, além dos dois pregos de pendurar as joelheiras e os cestos, tinha por ornato um papel-moeda realista, de 1793, colado por cima da lareira, do qual aqui damos o exato fac-símile:



Esse *assignat* vendeano fora pregado à parede pelo jardineiro precedente, que morrera no convento e ao qual Fauchelevent fora substituir.

Jean Valjean trabalhava todos os dias no quintal e tornava-se ali muito útil. Havia sido, em outro tempo, podador; portanto, desempenhava a função de jardineiro sem constrangimento. Como é sabido, conhecia toda espécie de receitas e de segredos da agricultura; e tirou grande proveito desses conhecimentos. Quase

todas as árvores do pomar eram novas; ele fez com que crescessem e dessem frutos excelentes.

Cosette tinha licença de ir todos os dias passar uma hora em sua companhia. Como as irmãs eram tristes e ele bondoso, a criança fazia a comparação e adorava-o. À hora determinada, ela corria para a barraca, que se transformava em um verdadeiro paraíso. Jean Valjean julgava-se feliz, e sentia aumentar a felicidade que dava a Cosette. A alegria que emanamos é algo de encantador, pois longe de se enfraquecer como qualquer reflexo, volta para nós brilhando ainda mais. À hora do recreio, Jean Valjean via-a, de longe, brincar e a correr e distinguia-lhe o riso do de suas companheiras.

Agora Cosette sorria.

A fisionomia de Cosette estava, de certo modo, transformada. As sombras tinham desaparecido. O riso é como o sol, expulsa o inverno do rosto humano. Finda a hora do recreio, Cosette tornava a entrar para o convento. Jean Valjean olhava para as janelas de sua sala de aula e de noite levantava-se para ir olhar para as de seu dormitório.

Além do mais, Deus tem seus caminhos; o convento contribuiu, assim como Cosette, para que Jean Valjean pudesse manter e completar a obra do bispo. Não há dúvida de que um dos lados da virtude conduz ao orgulho. Há aí uma ponte construída pelo diabo. Jean Valjean estava, talvez sem que o soubesse, prestes a atravessar essa ponte quando a Providência o jogou no convento do Petit-Picpus; enquanto se comparava com o bispo, julgou-se indigno e mantinha a humildade; mas, depois de algum tempo, começando a comparar-se com os homens, o orgulho despontou. Quem sabe? Talvez acabasse sutilmente retornando ao ódio.

O convento impediu que ele cruzasse a ponte.

O convento era o segundo cativeiro que conhecia. Em sua juventude, no que tinha sido para ele o começo da vida, e mais tarde, mais recente ainda, tinha visto outro lugar, um lugar terrível, cujas severidades sempre lhe pareceram ser a iniquidade da justiça, crimes da lei. Hoje, depois das galés, via o claustro; e pensando que já havia feito parte das galés e se achava agora, por assim dizer, espectador do claustro, confrontava-os aflitivamente no pensamento.

Às vezes, encostava-se à enxada e descia lentamente às espirais sem fim do sonho.

Recordava-se de seus companheiros de prisão e como eles eram miseráveis; levantavam-se de madrugada e trabalhavam até a noite; a única permissão que tinham era para dormir; dormiam em cima de tarimbas onde só eram tolerados colchões de menos de duas polegadas de espessura, em salas que não eram aquecidas senão nos meses mais frios do ano; vestiam-se com horríveis macacões vermelhos;

permitiam-lhes, como favor, usar calças de pano fino, bem vagabundo, no calor mais intenso, bem como mantas de lã sobre as costas no alto inverno; não bebiam vinho nem comiam carne senão quando iam "à labuta". Viviam, como não eram tratados pelo nome, designados apenas por números e, de certa forma, transformados em cifras, baixando os olhos, abaixando a voz, com a cabeça raspada, submetidos a pancadas, humilhados. Em seguida, seu espírito voltava-se para as criaturas que tinha diante dos olhos.

As outras criaturas também viviam de cabelos cortados, olhos baixos, quase sem voz, não humilhadas, mas alvo da zombaria do mundo, não sujeitas a pancadas, mas com os ombros castigados pela disciplina. Seus nomes também tinham sido apagados da memória das pessoas; só existiam sob a alcunha de apelidos austeros. Nunca comiam carne e nunca bebiam vinho; com frequência, ficam até a noite sem se alimentar; vestiam-se não com roupas vermelhas, mas com sudários pretos, de lã, pesados no verão, leves no inverno, sem poder tirá-los ou colocar qualquer coisa por cima; sem mesmo ter, segundo a estação, o recurso de roupas mais leves ou, sobretudo, com mais lã. Por seis longos meses, usavam roupas de sarja que lhes causavam febre. Não viviam em salas aquecidas nos dias de frio rigoroso, mas em celas onde o lume nunca era aceso; deitavam-se, não em colchões de duas polegadas de espessura, mas sobre feixes de palha. Enfim, não tinham direito sequer a um sono de qualidade; todas as noites, depois de um dia exaustivo, tinham de se levantar, interromper o primeiro sono, que mal havia começado, e ir rezar em uma capela fria e escura, ajoelhadas na pedra.

Em determinados dias, era preciso que algumas dessas criaturas ficassem doze horas seguidas ajoelhadas no chão, ou prostradas com o rosto na terra e os braços em cruz.

Os primeiros eram homens; estas eram mulheres.

Que haviam feito aqueles homens? Eles tinham roubado, violado, pilhado, matado, assassinado. Eram bandidos, falsários, envenenadores, incendiários, assassinos, parricidas. Que haviam feito aquelas mulheres? Elas não tinham feito nada.

De um lado, o banditismo, a fraude, o roubo, a violência, a lubricidade, o homicídio, toda sorte de sacrilégios, todas as variedades de atentados; do outro lado, uma única coisa, a inocência.

A inocência perfeita, quase arrebatada em misteriosa assunção, ainda presa à terra pela virtude e já elevadas ao céu pela santidade.

De um lado, crimes confessados senão em voz baixa; de outro, a confissão de pequenos pecados em voz alta. E que crimes! E que pecados!

De um lado, os miasmas; do outro, um inefável perfume. De um lado, a peste moral observada com rigor, cercada por canhões, devorando lentamente os empestados; do outro, o casto abrasamento de todas as almas no mesmo fogo. Lá as trevas; aqui a sombra, mas uma sombra repleta de luz, uma luz resplandecente.

Dois lugares de escravidão; mas, no primeiro, a libertação possível, um limite legal sempre vislumbrado, e depois a fuga. No segundo, a perpetuidade; a extremidade longínqua do futuro, o brilho da liberdade que os homens chamam de morte.

O primeiro, atado por correntes; o segundo, atado pela fé.

Em que resulta o primeiro? Em uma imensa maldição, o ranger de dentes, o ódio, a maldade desesperada, um grito de raiva contra a sociedade humana, um sarcasmo contra o céu.

Em que resulta o segundo? Em bênção e amor.

E nesses dois lugares, tão semelhantes e diversos, há duas espécies de seres extremamente diferentes executando a mesma obra: a expiação.

Jean Valjean compreendia bem a expiação dos primeiros; a expiação pessoal, a expiação por si mesmos. Mas não compreendia a dos outros, a daquelas criaturas sem mácula, e perguntava a si mesmo, tremendo: "Expiação de quê? Qual expiação?"

E a voz da consciência respondia-lhe: "A mais divina das generosidades humanas: a expiação pelos outros."

Aqui fica reservada qualquer teoria pessoal; somos apenas narradores, falamos segundo o ponto de vista de Jean Valjean; traduzimos suas impressões.

Ele tinha no olhar o ápice da abnegação, o ponto mais alto de toda virtude possível; a inocência que perdoa as falhas humanas e que as expiava em seu lugar; a servidão passiva, a tortura aceita, o suplício reclamado por almas que não pecaram para poupar as almas que se desviaram; o amor à humanidade abismando-se no amor divino, mas se mantendo distinto e suplicante; doces seres frágeis que encerram a miséria daqueles que foram condenados e o sorriso daqueles que foram recompensados.

E, então, lembrava-se de que havia ousado lamentar-se!

Com frequência, no meio da noite, ele se levantava para ouvir o canto reconhecido daquelas criaturas inocentes e oprimidas pela severidade, e sentia frio nas veias, pensando que aqueles que foram castigados com razão só elevavam a voz ao céu para blasfemar, e que ele, miserável, tinha apertado os punhos contra Deus.

Coisa impressionante e que o fazia pensar profundamente como em uma advertência silenciosa da própria Providência: a escalada, a clausura violada, a

aventura aceita até a morte, a ascese difícil e dura, todos os esforços que havia feito para sair de outro lugar de expiação haviam feito com que entrasse naquele convento. Isso seria um símbolo de seu destino?

Aquela casa também era uma prisão, lugubremente parecida com a outra de onde havia fugido. No entanto, jamais poderia supor algo semelhante.

Mais uma vez, via grades, ferrolhos, barras de ferro, para guardar o quê? Anjos.

Aqueles muros altos que vira cercando tigres agora rodeavam cordeiros.

Era um lugar de expiação, não de castigo; no entanto, era mais austero ainda, mais torturante e mais impiedoso que o outro. Aquelas virgens eram mais duramente castigadas que os forçados. Um vento gelado e rude, aquele mesmo que, antes, o transformara em um homem frio, atravessava a cova gradeada e acorrentada dos abutres; uma brisa mais áspera e mais dolorosa ainda soprava na gaiola das pombas. Por quê?

Quando pensava nessas coisas, tudo o que julgava saber sobre si mesmo se abismava diante daquele mistério de sublimidade.

Nessas meditações, dissipou-se completamente seu orgulho. Fez todo tipo de considerações sobre si mesmo, sentiu-se mesquinho e chorou muitas vezes. Tudo o que lhe tinha acontecido, nos últimos seis meses, o reconduzia às injunções do bispo. Cosette, pelo amor; o convento, pela humildade.

Algumas vezes, à tarde, à hora do crepúsculo, hora em que o quintal estava deserto, viam-no de joelhos no meio da rua que ficava ao lado da capela, diante da janela por onde espreitara na noite de sua chegada, voltado para o lugar onde sabia que estava prostrada a irmã que fazia a reparação. Então, assim ajoelhado diante dessa irmã, também rezava.

Sentia que não ousava ajoelhar-se diretamente diante de Deus.

Tudo que o rodeava, o quintal tranquilo, as flores embalsamadas, as meninas brincando alegremente, aquelas mulheres graves e simples, o claustro silencioso, penetrava-o lentamente e, pouco a pouco, sua alma ia compondo-se do silêncio do claustro, da simplicidade como a daquelas mulheres, da alegria daquelas crianças. E depois lembrava-se de que eram duas casas de Deus as que o tinham sucessivamente recolhido nos momentos críticos de sua vida; a primeira, quando todas as portas se fechavam para ele e a sociedade humana o repelia; a segunda, no momento em que essa mesma sociedade continuava a persegui-lo para que as galés tornassem a se abrir para ele; sem a primeira, teria recaído no crime; sem a segunda, no suplício.

Todo o seu coração fundia-se em reconhecimento e cada vez amava mais.

Muitos anos se passaram assim. Cosette crescia.

OS MISERÁVEIS

VICTOR HUGO

VOLUME 2

3ª edição

Tradução de Casimiro L.M. Fernandes
Tradução revista por Jorge Bastos Cruz

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

PARTE TERCEIRA

MARIUS (1862)

LIVRO PRIMEIRO

Paris estudada em seu átomo

I

Párvulos

Paris tem um filho, como a mata tem um pássaro; o pássaro é o pardal e o filho de Paris é o moleque de rua.

Juntem essas duas ideias, que contêm uma o ardor da fornalha e a outra a aurora; façam encontrar essas duas faíscas, Paris e infância, e sairá delas um pequeno ser. *Homuncio*, como dizia Plauto.

Esse pequeno ser é alegre. Pode não comer todo dia, mas, se assim quiser, vai ao teatro todas as noites. Não tem camisa, nem sapatos, nem teto que o abrigue; é como as moscas, que de nada disso precisam. Sua idade vai de sete a treze anos, anda em bandos, perambula pelas ruas, vive ao ar livre, veste umas calças velhas que lhe passam dos calcanhares e eram de seu pai, traz na cabeça um chapéu velho de algum outro pai, afundado até as orelhas, e um suspensório de uma só correia amarela prende as calças. Ele corre, espiona, procura, deixa passar o tempo, fuma, xinga todo mundo, entra nos botequins, conhece os ladrões, trata com familiaridade as putas, fala gíria, canta trovinhas imorais, sem, no entanto, maldade alguma no coração. É que ele tem na alma uma pérola — a inocência; e as pérolas não se desmancham na lama. Enquanto o homem é criança, Deus o quer inocente.

Se perguntássemos à enorme cidade:

— Mas o que é isso?

Ela responderia:

— É meu filho.

II

Alguns dos seus sinais particulares

O moleque de Paris é o anão da giganta.

Mas não vamos exagerar; esse querubim da enxurrada pode até ter uma camisa, mas apenas uma; também sapatos, mas sem solas; tem eventualmente onde morar, contente por nela encontrar a mãe, mas prefere a rua, por nela encontrar a liberdade. Tem suas brincadeiras e malícias que lhe são próprias, mas cujo fundo é a aversão aos burgueses. Também suas metáforas são peculiares: estar morto se diz *comer capim pela raiz*, como certas ocupações são privativas: ir buscar fiacres, abaixar os estribos das carruagens, estabelecer portagens de um lado para outro da rua, por ocasião de chuvas fortes, ao que ele chama *fazer pontes das artes,* pregoar os discursos das autoridades em favor do povo francês e esgaravatar entre as pedras das calçadas. Tem igualmente a sua moeda particular, que se compõe de todos os bocadinhos de metal que acha na rua. Essa curiosa moeda, que recebe o nome de *chabicas,* tem cotação estável e muito bem regulada nessa pequena boemia infantil.

Mas há ainda uma fauna particular, que ele observa, compenetrado, em todos os cantos: aranhas, lagartas, besouros e o "diabo", inseto preto que ameaça com a cauda, guarnecida de dois ferrões. Como também um monstro fabuloso que tem escamas no ventre, mas não é um lagarto, e pústulas no lombo, mas não é um sapo. Esse assombro habita em fornos de cal abandonados e em poços secos. Ele é negro, felpudo, viscoso, arrasta-se ora devagar, ora rapidamente, não emite sons, apenas olha, e é tão assustador que nunca ninguém o viu. Esse monstro é chamado "surdo". Procurar surdos entre as pedras é um prazer do gênero arriscado. Outro prazer ainda: levantar de repente uma pedra e descobrir lacrainhas. Cada área de Paris é conhecida pelas descobertas interessantes que pode gerar. Encontram-se tesourinhas nos canteiros de Urselines, centopeias no Panthéon, girinos nos fossos do Champ de Mars.

No referente às frases, as desse menino são tão suas quanto as de Talleyrand. E são igualmente cínicas, só que mais honestas. Não se sabe de onde vem tanta jovialidade, o moleque de rua enlouquece os donos de loja com suas gargalhadas. A diversidade desse riso vai sem maiores problemas da alta comédia à farsa.

Um enterro passa. Entre os que acompanham o defunto vai um médico:

— Vejam só! — grita o moleque. — Desde quando os médicos acompanham a sua obra?

Outro moleque, numa multidão, e de repente um homem sério, de óculos e muitos berloques, se vira para ele indignado:

— Patife! Acaba de "tirar casquinha" da minha mulher!

— De jeito nenhum, doutor! Pode me revistar, não vai encontrar nada!

III

Um bom menino

À noite, graças a um dinheirinho conseguido, nosso *homuncio* vai ao teatro. Atravessando o mágico portal, ele se transfigura, se torna outra coisa. Os teatros são navios invertidos, com o porão no alto. E é lá que o moleque se aboleta. Esse novo personagem está para ele como a borboleta para a larva: é o mesmo ser, mas que voa e flutua. Basta estar ali, com o seu resplendor de felicidade, seu poder de entusiasmo e de alegria, batendo palmas como se batesse asas, para que aquele porão pequeno, fétido, obscuro, sórdido, doentio, hediondo, abominável, passe a se chamar paraíso.

Dê a uma criatura o inútil, tire dela o necessário e o resultado é o nosso moleque.

Ele não deixa de ter algumas intuições literárias. Sua tendência, devemos salientar com o devido pesar, não está no gosto clássico. Por sua própria natureza, ele é pouco acadêmico. Assim, por exemplo, a popularidade da atriz *mademoiselle* Mars, nesse pequeno público de crianças incontroláveis, se condimenta com uma pitada de ironia e para o moleque ela se chama fulaninha Muche.

Esse mesmo menino berra, vaia, debocha, tumultua. Usa seus trapos como se fosse uma criança de berço ou um filósofo, pesca no esgoto, caça na cloaca, extrai alegria da imundície, revira com sua verve as encruzilhadas, morde e sopra, assobia e canta, aclama e escarnece, tempera o *Aleluia* com um pandeiro, salmodia todos os ritmos, desde o *De profundis* à mais completa algazarra, encontra sem procurar, sabe o que não sabe, é espartano até na trapaça, louco na sapiência, lírico no lixo, capaz de se acocorar no Olimpo, de mergulhar no chiqueiro e ressurgir coberto de estrelas. O moleque de Paris é um Rabelais criança.

Nunca está satisfeito com calças que não têm bolsinho para o relógio.

Admira-se pouco, assusta-se ainda menos, reduz a toadas as superstições, deprecia os exageros, explica os mistérios, mostra a língua às almas do outro mundo, despoetiza as arrogâncias e caricatura os engrandecimentos épicos. Não que ele seja prosaico, de forma alguma, mas substitui a visão solene pela fantasmagoria irreverente.

Se o gigante Adamastor lhe aparecesse, o moleque gritaria:

— Vejam só, quem diria, o bicho-papão!

IV

Que pode ser útil

Paris começa no pedestre que perambula à toa e acaba no moleque de rua — dois espécimes que nenhuma outra cidade tem. Representam a aceitação passiva que se satisfaz olhando e a iniciativa inesgotável; são Prudhomme e Fouillou. Só Paris conta com isso na sua história natural. A monarquia está no pedestre desocupado; a anarquia, no moleque.

Esse pálido filho das periferias de Paris vive e cresce, se ata e se desata no sofrimento, frente às realidades sociais e às coisas humanas, testemunha pensante. Ele se imagina despreocupado, mas não é. Olha disposto a rir, mas disposto a outra coisa também. O que quer que se chame Preconceito, Abuso, Ignomínia, Opressão, Iniquidade, Despotismo, Injustiça, Fanatismo, Tirania, que tome cuidado com o moleque de rua.

E ele vai crescer.

De que argila é feito? De um lodo qualquer. Um punhado de barro, um sopro e temos Adão. Basta que um deus esteja passando por perto. E um deus sempre está por perto do moleque. A fortuna trabalha para essa criaturinha. Por "fortuna" entendemos mais ou menos o acaso. Esse pigmeu moldado no grosseiro barro comum, ignorante, iletrado, estonteado, vulgar, popularesco, de que parte da Grécia Antiga ele vem? Espere um pouco, *currit rota*; o espírito de Paris, esse demônio que engendra os filhos do acaso e os homens do destino, ao contrário do oleiro latino, faz do cântaro uma ânfora.

V

Suas fronteiras

O moleque gosta da cidade, mas também da solidão, com a dose de sapiência que ele tem! *Urbis amator* como Fuscus, *ruris amator* como Flaccus.

Vagar pensativo, ou seja, flanar, é boa ocupação para o filósofo, sobretudo nessa espécie de campo extravagante, nada bonito, estranho e composto de diferentes naturezas, em volta de certas cidades grandes, especialmente Paris. Observar o subúrbio é observar o anfíbio. Desaparecem as árvores, começam os telhados, desaparece a mata, começa a pavimentação, desaparecem os sulcos arados, começam as lojas, desaparecem os caminhos traçados, começam as paixões, desaparece o murmúrio divino, começa o rumor humano. Daí o seu interesse extraordinário.

Daí também os passeios aparentemente sem rumo dos contemplativos por esses locais pouco atraentes e para sempre marcados pelos que por lá passam com o epíteto "triste".

Este que escreve estas linhas muito perambulou pelas zonas limítrofes de Paris, que são para ele fonte de profundas recordações. O mato rasteiro, as trilhas pedregosas, o terreno gredoso, as margas gipsíferas, as rudes monotonias de áreas baldias ou em alqueive, hortaliças fora de estação que de repente surgem no fundo, essa mistura do agreste e do urbano, com vastos trechos desertos onde a banda do regimento se exercita e cria uma espécie de treino para a batalha, ermos durante o dia, perigosos à noite, o moinho caindo aos pedaços que ainda gira ao vento, as rodas de extração de jazidas, as biroscas beirando os cemitérios, o misterioso charme dos compridos muros cortando terrenos vagos inundados de sol e repletos de borboletas — era o que o atraía.

Quase ninguém neste mundo conhece esses lugares estranhos: Glacière, Cunette, o hediondo muro de Grenelle, crivado de balas, Mont-parnasse, Fosse-aux-Loupus, Aubiers, na ribanceira do Marne, Montsouris, Tombe Issoire e Pierre-Plate de Châtillon, onde há uma antiga pedreira abandonada, produzindo apenas cogumelos, fechada rente ao chão por um alçapão de madeira já podre. O campo de Roma é uma ideia, a periferia de Paris é outra. Ver, naquilo que um horizonte nos oferece, apenas campos, casas ou árvores é se manter no superficial, pois todos os aspectos das coisas são pensamentos de Deus. O lugar em que uma planície faz sua ligação com a cidade parece sempre impregnado de não sei qual penetrante melancolia. A natureza e a humanidade se exprimem ali, ao mesmo tempo. As originalidades locais se revelam.

Qualquer um que tenha, como nós, perambulado pelas solidões contíguas da cidade, que podemos considerar os limbos de Paris, inevitavelmente viu, num ou noutro ponto, em lugares mais abandonados, em horas inesperadas, por trás de uma

sebe rala ou da quina de um lúgubre muro, crianças tumultuosamente agrupadas, fétidas, enlameadas, cobertas de terra, vestidas de andrajos, tensas num jogo qualquer, com coroas de flores. Uma criançada que escapou de suas famílias pobres. A via externa da cidade é o seu espaço respirável, o subúrbio lhe pertence. É uma escola natural funcionando em tempo integral, onde abertamente se canta um repertório de canções obscenas. Essas crianças ficam por ali ou, melhor dizendo, existem por ali, longe de qualquer vigilância, na doce claridade do mês de maio ou de junho, ajoelhadas ao redor de um buraco no chão, jogando bolinhas de gude, brigando por tostões, irresponsáveis, aéreas, largadas, felizes, e assim que notam um adulto se lembram de que têm uma função e precisam ganhar a vida. Tentam então vender uma meia velha de lã cheia de besouros ou um punhado de lilases. Esse encontro com tais estranhas crianças é um dos encantos particulares e comoventes dos arredores de Paris.

Algumas vezes, nesses bandos de meninos, veem-se meninas — suas irmãs? — quase mocinhas, magras, febris, crestadas pelo sol, com os rostos sardentos, espigas de centeio e florezinhas vermelhas nos cabelos, alegres, ariscas e descalças. Algumas comem cerejas nos campos de trigo. No fim da tarde as ouvimos rir. Esses grupos, intensamente iluminados pela luz do meio-dia ou mal percebidos no crepúsculo, prendem a atenção do passante e essas visões se misturam a seu devaneio.

Paris, centro, arredores, circunferência; eis, para tais crianças, a Terra inteira. Jamais vão além. Não podem deixar a atmosfera parisiense como os peixes não podem escapulir da água. Para elas, além de duas léguas daquele limite, não existe mais nada: Ivry, Gentilly, Arcueil, Belleville, Aubervilliers, Ménilmontant, Choisy-le-Roi, Billancourt, Meudon, Issy, Vanvre, Puteaux, Neuilly, Gennevilliers, Colombes, Romainville, Chaton, Asnières, Bougival, Nanterre, Enghien, Noisy-le-Sec, Nogent, Gournay, Drancy e Gonesse é tudo que compõe o universo.

VI

Um pouco de História

Na época, aliás quase contemporânea, em que decorre a ação deste livro não havia, como hoje, um policial a cada esquina de rua (vantagem que não cabe aqui discutir), e por isso se viam em Paris tantas crianças à toa. As estatísticas indicam um número de cerca de duzentas e sessenta crianças sem domicílio fixo, recolhidas anualmente por rondas da polícia nos terrenos vagos, em casas em construção e sob as pontes. Um desses ninhos, que se tornou famoso, produziu "as andorinhas da ponte d'Arcole". E este é, no fim de tudo, o mais desastroso dos sintomas sociais. Todos os crimes do homem começam no desleixo com a criança.

No entanto, façamos de Paris uma exceção. Ela é justa, apesar da recordação que acabamos de citar. Enquanto em qualquer outra cidade grande uma criança abandonada é um homem perdido, enquanto quase em todo lugar a criança deixada à própria sorte é, de certa maneira, entregue a uma espécie de fatal imersão nos vícios públicos que consomem a honestidade e a consciência, o moleque de Paris, insistimos, por mais abatido e estragado por fora, está internamente quase intacto. É algo magnífico de se constatar e isso salta aos olhos na formidável probidade das nossas revoltas populares. Certa incorruptibilidade se cria na ideia que paira no ar de Paris como o sal que se encontra na água do oceano. Respirar Paris conserva a alma.

O que estamos dizendo em nada diminui a dor que sentimos no coração toda vez que vemos uma dessas crianças, em volta das quais parecem ser visíveis os fiapos soltos da família dilacerada. Na civilização atual, ainda tão incompleta, não são incomuns essas rupturas familiares que se fazem à sombra, em que se perde o paradeiro dos seus filhos, largado na rua o produto das suas entranhas. Resultam daí destinos obscuros. É o que se chama, pois essa triste realidade se tornou proverbial, "ser jogado nas ruas de Paris".

Diga-se de passagem que o abandono dos filhos não era desestimulado pela monarquia anterior. Um pouco do Egito e da Boêmia, nas camadas baixas, servia às altas esferas e era bom negócio para os poderosos. A recusa de ensino para as crianças pobres era um dogma. Para que um "ensino pela metade"? Era essa a orientação. E a criança solta é o corolário da criança ignorante.

A monarquia, aliás, precisava às vezes de crianças, e então passava o pente-fino nas ruas.

Sob Luís XIV, para não ir mais distante, o rei queria, com toda a razão, criar uma frota. A ideia era boa, mas vejamos por qual meio. Não há frota se não houver — com o navio a velas a depender dos ventos como força de propulsão — navio que vai onde bem entende, graças ao remo ou ao vapor. As galeras eram para a Marinha o que hoje são os navios a vapor. Galeras eram então necessárias, mas se moviam à

força dos remos: e haja remos! Colbert criava, pelos procuradores do interior e pelos parlamentares, o maior número possível de condenados a trabalhos forçados. A magistratura ajudou muito. Alguém deixava de tirar o chapéu ao passar uma procissão: comportamento huguenote! Era enviado ao trabalho forçado. Uma criança encontrada na rua: se tivesse quinze anos e sem ter onde dormir, tinha o mesmo destino. Grande reinado, grande século.

No reinado de Luís xv desapareciam crianças em Paris; a polícia as recolhia, não se sabe para quê. Com espanto, circulavam monstruosas conjecturas acerca dos banhos de sangue do rei. Barbier fala ingenuamente disso. Mas podia acontecer que os encarregados de caçar crianças recolhessem algumas que tinham pais. Estes, desesperados, iam contra os encarregados. Em tais casos o Parlamento intervinha e mandava prender… Prender quem? Os encarregados? Não, os pais das crianças.

VII

Nosso moleque poderia ter o seu lugar nas classificações sociais da Índia

Os moleques de Paris são quase uma casta. Pode-se dizer: não basta apenas querer ser um.

Esta palavra *moleque* foi impressa pela primeira vez, e passou da língua popular à literatura, em 1834. Foi num livro intitulado *Claude Guex*. O escândalo foi extraordinário. A palavra ficou.

O moleque tem elementos constitutivos que variam muito. Conhecemos e destacamos um deles, muito respeitado e admirado por ter visto um homem cair do alto das torres da catedral de Notre-Dame. Outro por ter conseguido penetrar no pátio em que tinham sido provisoriamente deixadas as estátuas da cúpula do monumento dos Inválidos e por ter roubado uns pedaços de chumbo. Um terceiro por ter visto capotar uma diligência e outro, ainda, por "conhecer" um soldado que quase havia furado o olho de um burguês.

É o que explica essa exclamação de um moleque parisiense, epifonema profundo do qual o vulgo ri sem entender: "Santo Deus! Infeliz que sou, que nunca vi alguém

cair nem de um quinto andar!"

É claro, há boas anedotas sobre camponeses, como por exemplo: "'Fulano, sua mulher morreu da doença de que sofria, por que não mandou chamar um médico?' 'Ora, excelência, nós pobres morremos por conta própria.'" A passividade irônica do homem do campo pode estar inteira nessa tirada, mas esta outra resume toda a anarquia livre-pensadora do pirralho citadino: um condenado à morte, já na charrete que o levava, ouve o padre confessor que o acompanha e o menino de Paris grita: "Ele está falando com o padreco, covardão!"

Alguma ousadia em matéria de religião valoriza o moleque. Ser um espírito forte tem seu valor.

Assistir às execuções constitui um dever. Eles mostram com o dedo a guilhotina e riem. O terrível instrumento tem todo tipo de apelido: Fim da sopa, Rosnador, Mãe do azul (do céu), Última dentada etc. Para não perder coisa alguma do ato, o moleque escala muros, dependura-se nas varandas, trepa em árvores, agarra-se a grades ou a chaminés. O moleque de rua nasce sabendo andar nos telhados, como outros nascem marinheiro. A cumeeira não o assusta mais do que um mastro. Nada melhor que assistir às execuções na praça da Grève. O carrasco Samson e o padre Montès são as personalidades mais populares. Vaia-se a vítima como incentivo. Eventualmente pode-se admirá-la. O moleque Lacenaire, vendo o terrível Dautun morrer com bravura, disse essa frase carregada de presciência: "Fiquei com inveja." Os moleques podem não conhecer Voltaire, mas todos conhecem o criminoso Papavoine. No mesmo saco são colocados "os políticos" e os assassinos. Todos, tradicionalmente, se lembram do último traje dos condenados. Sabe-se que Tolleron tinha um boné de ferreiro, Avril, um gorro de lontra, Louvel, um chapéu-coco, o velho Delaporte morreu com a careca descoberta, Castaig era bem rosado e muito bonito, Bories ostentava uma barbicha romântica, Jean Martin manteve até o fim os suspensórios, Lecouffé e a mãe bateram boca: "Não reclama do que pariu", gritou para ela um moleque. Outro, querendo ver Debacker passar, mas impedido pela multidão, viu o poste de luz da beira do rio e subiu nele. Um policial ali perto olhou feio. "Pode deixar, seu guarda, não vou cair", tentou ele tranquilizar a autoridade, que deu de ombros: "Pouco me importa que caia ou não."

Entre a molecada, um acidente memorável é tido em alta conta. A glória chega ao máximo se o corte for profundo, "até o osso".

Ser bom de briga também inspira muito respeito. Uma das coisas que o moleque diz com orgulho é: "Sou forte a valer!" Ser canhoto torna qualquer um invejável; ser vesgo é um predicado de grande prestígio.

VIII

Uma encantadora frase do último rei

No verão, o moleque se metamorfoseia em rã e, ao cair da tarde, nas pontes de Austerlitz e de Iéna, do alto dos vagões de carvão e dos tanques das lavadeiras, ele se precipita sem medo no Sena, infringindo de todos os modos possíveis as leis do pudor e da polícia. Esta última, no entanto, está de olho, e daí resulta uma situação altamente dramática que gerou, certa vez, um grito fraternal e memorável de aviso, célebre por volta de 1830 e estrategicamente passado de moleque a moleque. Deve ser recitado como um verso de Homero, com uma notação quase tão inexprimível quanto a melopeia eleusina das panateneias: *Eh! Titi, eh! Gripe no ar, pancada à vista, pega teus trapos e cai fora, passa pelo cano!…*

Algumas vezes esse mosquito — como ele próprio se chama — é capaz de ler; outras, de escrever; ou de fazer garatujas, isso sempre. Não se sabe por qual misterioso entendimento, ele domina todos os talentos úteis à causa pública: de 1812 a 1830 sabia imitar o grito do peru; de 1830 a 1848 desenhava peras nas paredes, caricaturando o rei Luís Filipe. Numa tarde de verão, Sua Majestade seguia a pé pela rua e viu um moleque bem pequeno, na ponta dos pés e tentando com toda a dificuldade traçar com carvão uma pera gigante num dos pilares da grade de Neuilly. Com a bonomia que herdara de Henrique IV, o rei ajudou o moleque a terminar a pera, deu um luís a ele e disse: "A pera também serve para isso."

O moleque gosta do motim, se sente feliz no ambiente em que paira certa violência. Detesta os "padres". Um dia, na rua de l'Université, um engraçadinho fazia careta diante do nº 69 e alguém que passava perguntou por quê. O menino respondeu: "Tem um padre lá dentro." De fato, era a casa do núncio apostólico. Apesar disso, por maior que seja o voltairianismo do moleque, se o chamarem para ser coroinha ele provavelmente aceitará e vai ajudar a celebração da missa com toda a civilidade.

Há duas coisas de que ele é o Tântalo e sempre almeja, sem jamais conseguir: derrubar o governo e mandar consertar as calças.

O moleque de rua em seu perfeito estado conhece todos os policiais de Paris e sempre sabe que nome dar a cada um. Enumera-os na ponta do dedo, estuda seus hábitos e tem notas especiais para cada um. Lê na alma deles como num livro aberto e pode dizer com toda a naturalidade, sem pestanejar: "Fulano é *traidor,* fulano é

muito mau, fulano é *enorme,* fulano é *ridículo*" (todas essas palavras — traidor, mau, enorme e ridículo — ganham na sua boca uma acepção particular). "Esse aí acha que é o dono da ponte Neuf e não deixa o *pessoal* andar pela cornija, fora dos parapeitos; aquele lá tem a mania de puxar a orelha das *pessoas* etc. etc."

IX

A velha alma gaulesa

Houve um pouco desse menino em Poquelin, criado no Halles, o mercado de Paris; do mesmo modo em Beaumarchais. A *molequice* é uma nuance do espírito gaulês. Aliada ao bom senso, ela muitas vezes acrescenta alguma força, como o álcool ao vinho. Há casos em que se torna imperfeição. Homero se repete e Voltaire comete molecagens, pode-se dizer. Camille Desmoulins foi criado nessas zonas suburbanas. Championnet, que não respeitava milagres, vinha das ruas de Paris e, quando menino, era uma praga à porta das igrejas de Saint-Jean de Beauvais e de Saint-Étienne du Mont. Tinha tal familiaridade com santa Genoveva que fazia pouco do sangue de são Januário.

O moleque de Paris é respeitoso, irônico e insolente. Seus dentes são péssimos, por causa da má alimentação que também lhe deteriora o estômago, mas os olhos, reflexo do espírito, são bonitos. Mesmo diante de Jeová, ele saltitaria com uma perna só nos degraus do paraíso. É bom em dar chutes. De um jeito ou de outro, ele haverá de crescer. Brinca na enxurrada e está firme na rebelião; sua desfaçatez se mantém sob a metralha: era um brincalhão, torna-se um herói. Assim como o menino tebano, ele sacudiria a pele de um leão. O menino republicano Bara era um moleque de Paris e morreu gritando "Avante!" como o cavalo da Sagrada Escritura que relinchou "Vai!". De um minuto para outro ele passa de pirralho a gigante.

Esse filho do lameiro é também filho do ideal. Meçam a amplitude que vai de Molière a Bara.

Finalmente, e para resumir tudo em poucas palavras, o moleque de rua é alguém que se diverte porque é infeliz.

X

Ecce Paris, *Ecce homo*

Resumamos ainda: o moleque de Paris, hoje como outrora o *graeculus* para os romanos, é o povo criança que tem na testa a ruga do mundo antigo.

O moleque é uma dádiva para a nação e, ao mesmo tempo, uma doença; doença que se deve curar. Como? Pela luz do ensino.

Uma luz que dá saúde.

Uma luz que ilumina.

Todas as profusas irradiações sociais vêm da ciência, das letras, das artes e do ensino. Fazei homens, fazei homens! Esclarecei-os para que eles vos aqueçam. Mais tarde ou mais cedo, estabelecer-se-á com a irresistível autoridade da verdade absoluta a esplêndida questão da instrução universal, e aqueles que governam sob a tutela da ideia francesa terão que escolher: os filhos da França ou os moleques de Paris, chamas na luz ou fogos-fátuos nas trevas.

O moleque é a expressão de Paris e Paris é a expressão do mundo.

Pois Paris é uma totalidade. Paris é o teto do gênero humano. Essa prodigiosa cidade representa um condensado dos costumes mortos e dos costumes vivos. Quem vê Paris acha que vê o subsolo da história inteira, com céu e constelações nos intervalos. Paris tem um Capitólio no Hôtel de Ville, um Partenon em Notre-Dame, um monte Aventino no bairro de Saint-Antoine, um Asinarium na Sorbonne, um panteão no Panthéon, uma Via Sacra no Boulevard des Italiens, uma Torre dos Ventos na opinião pública, substituindo as gemônias pelo ridículo. Seu *majo* é o nosso fanfarrão, seu *trasteverino,* o nosso morador da periferia, seu *hammal,* o nosso carregador do Halles, seu *lazzarone,* o nosso patife e o seu *cockney,* o nosso janota. Tudo que está fora está em Paris. A vendedora de peixes de Dumarsai pode conversar com a vendedora de ervas de Eurípides, o discóbolo Vejanus está em nosso equilibrista Forioso, Therapontigonus Miles andaria de braço dado com o nosso soldado Vadeboncoeur, o vendedor de objetos de segunda mão Damasippe se sentiria à vontade com nossas quinquilharias, a prisão de Vincennes enjaularia Sócrates como a ágora faria o mesmo com Diderot, Grimod de la Reynière descobriu o rosbife de sebo como Curtillus inventou o ouriço assado, vemos ressurgir na curva interna do arco de l'Étoile o trapézio de Plauto, o engolidor de espada de Poecile, encontrado por Apuleio, é o mesmo que se vê na ponte Neuf, o

sobrinho de Rameau e o parasita Curculion formam dupla, Ergasile pediria para se apresentar na casa de Cambacérès por d'Aigrefeuille. Os quatro dândis de Roma, Alcesimarco, Fédromo, Diábolo e Argirippe descem do cabaré La Courtille no carro de Labatut; Aulu-Gelle não perdia tempo com Congrio, como Charles Nodier com Polichinelo; Marton não é uma tigresa, mas Pardalisca também não era um dragão; o bobo Pantolabus zomba no Café Anglais de Nomentanus o boa-vida. Hermógenes é cantor na Champs-Élysées e, junto dele, o maltrapilho Thrasius, vestido como Bobèche, passa o chapéu. O infeliz que o importuna nas Tulherias puxando o botão do seu traje o faz repetir, dois mil anos depois, o protesto de Thesprion: *quis properantem me prehendit pallio*? O vinho de Suresnes parodia o vinho de Alba, a taça transbordante de Desaugiers se equilibra com a de Balatron; o cemitério Père-Lachaise exala sob a chuva noturna os mesmos brilhos que Esquilias e a cova do pobre, comprada por cinco anos, vale o caixão alugado do escravo.

Procure algo que Paris não tem. A bacia de Trofônio nada contém que não caiba na tina de Mesmer; Ergaphilos ressuscita em Cagliostro; o brâmane Vâsaphantâ encarna no conde de Saint-Germain; o cemitério de Saint-Médard produz milagres tão bons quanto os da Mesquita dos Omíadas de Damasco.

Paris tem um Esopo, que é Mayeux, e uma Canídia, que é a srta. Lenormand. Agita-se como Delfos com as realidades fulgurantes da visão. Faz girar mesas como Dodona girava tripés. Leva ao trono a costureirinha como Roma levava a cortesã e, afinal, se Luís XV foi pior que Cláudio, a sra. Du Barry era melhor que Messalina. Paris combina num tipo incrível, que existiu e esteve perto de nós, a nudez grega, a úlcera hebraica e a zombaria gascã. Mistura Diógenes, Jó e Paillasse, veste um espectro com exemplares velhos do *Constitutionnel* e cria Chodruc Duclos.

Mesmo que Plutarco tenha dito que o tirano não envelhece, sob Sila e sob Domiciano Roma se resignava e facilmente abrandava as coisas. O Tibre era um Lete, se considerarmos o que disse, um tanto doutrinariamente, Varus Vibiscus: *Contra Gracchos Tiberim habemus. Bibere Tiberim, id est seditionem oblivisci*. Paris bebe um milhão de litros d'água por dia, mas isso não a impede, eventualmente, de bater os dentes e fazer soar o alarme.

Afora isso, Paris é bem-comportada. Aceita de tudo, com orgulho. Não banca a difícil no que se refere a Vênus; sua calipígia é hotentote e para tudo que motive risada há anistia. A feiura alegra, a deformidade desopila, o vício distrai. Seja engraçado e vai poder ser alguém engraçado. Nem a hipocrisia, esse supremo cinismo, revolta Paris. É tão literária que não tapa o nariz diante de Basílio e não se escandaliza com a reza de Tartufo, como Horácio não levava a mal o "soluço" de Priapo. Traço nenhum da face universal falta no perfil de Paris. O baile popular do

Mabile não é a dança poliniana do Janículo, mas é onde a vendedora de trajes femininos de segunda mão olha mocinhas trabalhadoras exatamente como a alcoviteira Estáfila olhava a virgem Planésio. As arenas de brigas junto às portas da cidade não chegam a ser um Coliseu, mas ali a ferocidade reina como se César estivesse presente. A anfitriã síria tem mais graça que a velha Saguet, mas do mesmo jeito que Virgílio se encontrava no ambiente do cabaré romano, David d'Angers, Balzac e Charlet tiveram mesa na birosca parisiense. Paris reina. Os gênios nela florescem, os truões prosperam. Adonai passa em seu carro com doze rodas de trovões e relâmpagos, Cilene se apresenta no seu burrico. Onde digo Cilene, leiam Ramponneau.

Paris é sinônimo de Cosmos. Paris é Atenas, Roma, Síbaris, Jerusalém, Plantin. Todas as civilizações nela se encontram em extrato e, pelo mesmo modo, todas as barbáries. Paris se sentiria bem infeliz sem uma guilhotina.

Sempre é bom assistir a uma execução na praça da Grève. O que seria daquela eterna festa sem esse tempero? As nossas leis pensaram nesse sentido e, graças a elas, o cutelo corre naquele permanente carnaval.

XI

Zombar, reinar

Paris não tem limite. Nenhuma outra cidade exerce tal domínio, que por vezes achincalha a quem ela subjuga. "Agradar-vos, ó atenienses!", exclamava Alexandre. Paris faz mais do que dar a lei, dá a moda. E dá mais que a moda, dá a rotina. Paris pode ser tola, se assim quiser: permite-se às vezes esse luxo; e então o universo inteiro se faz de tolo também. Depois Paris desperta, esfrega os olhos e diz: que idiota! E desata a rir na cara do gênero humano. Que maravilha uma cidade assim! Estranho que a grandiosidade e o burlesco coabitem tão bem, que tanta majestade não se atrapalhe com tanta paródia e que a mesma boca possa hoje soprar o clarim do julgamento final e amanhã a flautinha infantil! Paris tem soberana jovialidade. Sua alegria é um raio e sua farsa porta o cetro. Sua tempestade é às vezes causada por uma simples grimaça. Suas explosões, seus dias, suas obras-primas, seus prodígios,

suas epopeias percorrem o universo, mas também os seus disparates. Seu riso é uma goela de vulcão que inunda toda a Terra. Suas falseadas são pequenas chamas. Pode impor aos povos suas caricaturas, assim como o seu ideal. Os mais altos monumentos da civilização humana aceitam suas ironias e emprestam eternidade a suas tolices. É magnífica, tem um prodigioso 14 de julho que empolga o globo, faz todas as nações aceitarem o juramento do Jeu de Paume, sua noite do 4 de agosto desmancha em três horas mil anos de feudalismo, faz da lógica o motor da vontade unânime, multiplica-se sob todas as formas do sublime, empresta sua luz a Washington, a Kosciusko, a Bolívar, a Botzaris, a Riego, a Bem, a Manin, a Lopez, a John Brown, a Garibaldi, está em todo lugar onde o futuro se incendeia, na Boston de 1779, na ilha de León de 1820, na Pest de 1848, na Palermo de 1860. Paris cochicha a poderosa palavra *Liberdade* no ouvido dos abolicionistas americanos reunidos no Harper's Ferry, no ouvido dos patriotas de Ancona em assembleia à sombra dos Archi, diante do albergue Gozzi, à beira-mar. Paris criou Canaris, criou Quiroga, criou Pisacane. Transmite grandeza à Terra. Foi seguindo o seu sopro que Byron morreu em Missolonghi e Mazet em Barcelona. Paris é tribuna para os pés de Mirabeau e cratera para os de Robespierre. Os seus livros, seu teatro, sua arte, sua ciência, sua literatura e sua filosofia são manuais para o gênero humano. Paris pode contar com Pascal, com Régnier, com Corneille, com Descartes, com Jean-Jacques, com Voltaire para cada minuto e com Molière para todos os séculos. Faz a boca universal falar a sua língua e essa língua se torna verbo. Constrói em todos os espíritos a ideia de progresso; os dogmas libertadores forjados por Paris são, para as gerações, espadas de cabeceira, e foi com a alma dos seus pensadores e dos seus poetas que se criaram, desde 1789, todos os heróis, de todos os povos. Mas isso não a impede de molecar, e esse gênio enorme que se chama Paris, enquanto transfigura o mundo com a sua luz, grafita o nariz de Bouginier na parede do templo de Teseu e escreve *Crédeville ladrão* nas pirâmides.

Paris está sempre mostrando os dentes: quando não ralha, ri.

Assim é Paris. A fumaça que sai dos seus telhados são as ideias do universo. Monte de lama e de pedras, se assim quiserem, mas, acima de tudo, ser moral. É maior que tudo, é imensa. E por quê? Por ousar.

Ousar. O progresso se faz a esse preço.

Todas as conquistas sublimes são maiores ou menores prêmios pela ousadia. Para que a revolução se faça. Não basta que Montesquieu a pressinta, que Diderot a pregue, que Beaumarchais a anuncie, que Condorcet a calcule, que Arouet a prepare e que Rousseau a premedite; é necessário que Danton ouse.

O grito *Audácia!* é um *fiat lux*. É preciso, para a marcha adiante do gênero humano, que haja nos cumes, permanentemente, altivas lições de coragem. As ousadias brilham na História e são um dos grandes fulgores do homem. A aurora ousa ao nascer. Tentar, arriscar, persistir, perseverar, ser fiel a si mesmo, entrar em corpo a corpo com o destino, surpreender a catástrofe por não se assustar com ela, ora enfrentar o poder injusto, ora insultar a vitória bêbada, aguentar, sustentar — são os exemplos de que os povos precisam, são a energia que os eletriza. O mesmo relâmpago formidável vai do facho de Prometeu ao chamusco de Cambronne.

XII

O futuro latente no povo

Quanto ao povo parisiense, mesmo depois de homem-feito ele se conserva moleque; descrever a criança é descrever a cidade; e por isso estudamos a águia no pardal livre.

É sobretudo nas periferias da cidade, insistamos ainda, que a raça parisiense aparece: é onde ela é pura, onde está sua verdadeira fisionomia. Ali trabalha e sofre esse povo; e o sofrimento, junto com o trabalho, são as duas faces do homem. Há nisso quantidades profundas de seres desconhecidos em que pululam os tipos mais estranhos, desde o estivador do cais de La Râpée até o coveiro de Montfaucon. *Fex urbis*! exclama Cícero. *Mob*, acrescenta Burke, indignado. Turba, multidão, populacho. Palavras ditas levianamente. Mas que importa? Qual o problema serem pessoas descalças? Não sabem ler; não faz mal. Vão abandoná-las por isso? Tornar o infortúnio uma maldição? A luz não penetra nessas massas? Repitamos o grito: Luz! Mas repitamos de forma obstinada! Luz! Luz! Quem sabe essas opacidades não se tornam transparentes? Não são as revoluções transfigurações? Então, filósofos, ensinem, esclareçam, acendam, pensem alto, falem alto, corram alegres para o sol, confraternizem com a praça pública, anunciem as boas-novas, espalhem os alfabetos, proclamem os direitos, cantem as Marselhesas, semeiem entusiasmos, arranquem ramos verdes do carvalho. Façam da ideia um turbilhão. Essa multidão pode ser sublimada. Saibamos nos servir desse vasto abrasamento dos princípios e das virtudes que faísca, estoura e treme de vez em quando. Esses pés descalços, esses

braços nus, esses farrapos, essas ignorâncias, essas abjeções e essas trevas podem ser empregadas para a conquista do ideal. Olhem através do povo e perceberão a verdade. Lancem na fornalha essa vil areia em que pisam, deixem que ferva até a fundição e ela se tornará cristal esplêndido. É graças a ela que Galileu e Newton descobriram os astros.

XIII

Gavroche

Oito ou nove anos após os acontecimentos narrados na primeira parte desta história, frequentemente se via, no Boulevard do Temple e na área de Château-d'Eau, um menino de onze ou doze anos que perfeitamente se encaixa no modelo do moleque que esboçamos, não tivesse ele o coração absolutamente sombrio e solitário, mesmo que o riso próprio dessa idade estivesse sempre nos seus lábios. Andava bem *amarrado* numas calças de homem, mas que não eram do seu pai, e numa blusa de mulher, que também não tinham sido de sua mãe. Pessoas quaisquer o haviam vestido assim, por caridade.

Ele, no entanto, tinha pai e mãe. Mas um não se interessava muito pelo filho e a outra não lhe dava afeto. Era uma dessas crianças que mais dão pena, pois têm pai e mãe e são órfãs.

Onde ele mais se sentia bem era na rua. As pedras da calçada pareciam menos duras que o coração materno.

Com um pontapé os pais o haviam jogado na vida.

E ele então seguiu seu caminho.

Era ruidoso, meio descorado e de aspecto doentio, mas esperto, safo, folgado e vivaz. Perambulava sem rumo, cantarolava, brincava, fazia pequenos furtos, mas como os gatos e os pássaros: com alegria. Ria quando o chamavam de pivete e se zangava se o chamassem de delinquente. Não tinha casa nem pão nem fogão para se aquecer nem carinho, a alegria vinha de ser livre.

Quando esses pequenos seres se tornam homens-feitos, quase sempre a máquina da ordem social os encontra e esmaga, mas enquanto são crianças ainda escapam

pelo tamanho: o menor buraco os salva.

No entanto, por mais abandonado que vivesse esse menino, ele de dois em dois, ou de três em três meses, dizia: Ah! Vou visitar minha mãe! Deixava então o boulevard, o circo, a Porta Saint-Martin, descia até as margens do Sena, passava as pontes, tomava a direção do subúrbio até o hospital da Salpêtrière. E chegava aonde? Precisamente àquele duplo nº 50-52 que o leitor já conhece: o cortiço Gorbeau.

Esse 50-52 estava quase sempre deserto, com sua eterna tabuleta "Quartos para alugar", mas nessa época precisamente, coisa rara, contava com muitos hóspedes. Como é sempre o caso em Paris, eles não mantinham o menor laço ou relação entre si. Todos pertenciam a essa classe indigente que tem início depois do último pequeno-burguês empobrecido e, de miséria em miséria, prossegue pela ralé da sociedade até esses dois seres nas mãos dos quais todas as coisas materiais acabam: o catador que chafurda na lama e o trapeiro que recolhe os restos de panos.

A "principal inquilina" do tempo de Jean Valjean morrera e fora substituída por outra, igualzinha. Não sei qual foi o filósofo que disse: "Nunca faltam velhas."

Esta mais recente velha chamava-se Burgon e nada tinha de notável na vida além de uma dinastia de três papagaios, que haviam sucessivamente reinado em sua alma.

Os mais miseráveis a morar no cortiço eram de uma família de quatro pessoas — pai, mãe e duas filhas já grandes — que viviam todas num mesmo quarto do sótão, do qual já falamos.

Essa família à primeira vista não oferecia coisa alguma de particular, além da extrema penúria. Ao alugar o quarto o pai dissera se chamar Jondrette. Algum tempo depois da mudança, que se assemelhara muito, segundo a expressão memorável da principal inquilina, à *chegada de um nada*, o tal Jondrette havia dito a ela que, mais antiga no cortiço, era também, ao mesmo tempo, porteira e faxineira:

— Dona Fulana, se por acaso vier alguém procurar um polaco, um italiano ou eventualmente um espanhol, sou eu.

Essa era a família do nosso alegre pobre coitado. Chegando, tudo que o filho encontrava ali era a penúria, a desesperança e, o que é mais triste ainda, sorriso nenhum. Frio na casa e frio nos corações. Ao entrar, perguntavam a ele:

— De onde está vindo?

— Da rua.

Ao ir embora, perguntavam:

— Para onde está indo?

— Para a rua — respondia.

A mãe então arrematava:

— E o que veio fazer?

O menino vivia na falta de afeto como as ervas sem cor que brotam nos subsolos. Não sofria por isso e não queria mal a ninguém. Não sabia o que, exatamente, deviam ser um pai e uma mãe.

Mas a mãe gostava das filhas.

Esquecemos de dizer que no Boulevard do Temple esse meninote era conhecido como Gavroche. Por quê? Provavelmente por seu pai se chamar Jondrette.

Cortar o fio parece ser o instinto de certas famílias miseráveis.

O quarto em que os Jondrette moravam no cortiço Gorbeau era o último do corredor. O cubículo ao lado era ocupado por um jovem bem pobre, conhecido como sr. Marius.

Vamos dizer quem era esse sr. Marius.

LIVRO SEGUNDO

O GRANDE BURGUÊS

I

Noventa anos e trinta e dois dentes

Nas ruas Boucherat, Normandie e Saintonge algumas pessoas ainda se lembram de um personagem chamado Gillenormand e falam dele com simpatia. Já era velho, enquanto elas eram jovens. Sua imagem, para os que melancolicamente rememoram essa vaga confusão de sombras chamada passado, não desapareceu ainda por completo no labirinto das ruas em volta do Boulevard do Temple, ruas que, no tempo de Luís XIV, ganharam nomes de províncias da França, exatamente como em nossos dias as ruas do novo bairro Tivoli ganharam os nomes de capitais da Europa, detalhe em que é visível o progresso, diga-se de passagem.

O sr. Gillenormand, ainda muito ativo em 1831, era uma dessas pessoas que se tornam dignas de serem vistas, já pelo fato de terem vivido muito tempo e causam estranhamento porque, em outra época, pareciam qualquer um de nós e agora não se parecem mais com ninguém. Era um velho bem peculiar e, realmente, um homem de outro tempo, um verdadeiro burguês do século XVIII, completo e um tanto orgulhoso, ostentando sua boa e velha burguesia como os marqueses ostentavam o seu marquesado. Tinha mais de noventa anos, andava ereto, falava alto, enxergava bem, bebia firme, comia, dormia e roncava. Tinha todos os trinta e dois dentes e não punha óculos senão para ler. Apreciava as mulheres, mas dizia ter há décadas desistido completamente delas. Dizia não ter mais como agradar, mas não "por estar muito velho" e sim "por estar muito pobre". E acrescentava ainda: "Se não tivesse perdido tudo… humm, seria outra coisa!" De fato, restavam a ele apenas umas quinze mil libras de renda. Seu sonho era receber uma herança, contar com uns cem mil francos anuais e, aí sim, ter amantes. De forma alguma, como se vê, ele se encaixava nesse tipo doentio de velhos que, como Voltaire, passaram a vida se dizendo à beira da morte. Não era dessas longevidades de moringa rachada; aquele velho alegre sempre mostrava estar bem. Não procurava profundidades, era rápido, facilmente irritável. Desencadeava tempestades por nada e em geral estando sem razão. Se o contradissessem, erguia a bengala; agredia as pessoas como no século

passado. Tinha uma filha de mais de cinquenta anos, solteira, e com frequência aplicava-lhe surras, podendo muito tranquilamente recorrer ao chicote. Para o velho, era como se ela não tivesse mais do que oito anos. Esbofeteava os criados a troco de nada, gritando se tratar de uma "corja de velhacos"! Um dos seus xingamentos favoritos era *Sacripanta dos sacripantas*. Por outro lado, tinha hábitos estranhamente tranquilos: diariamente era barbeado por um sujeito que já estivera internado como doido e, além de tudo, o detestava, por ter ciúmes da sua bonita e insinuante mulher. O sr. Gillenormand se gabava do próprio discernimento com relação a todo tipo de coisa e se dizia muito perspicaz. Um exemplo: "Tenho, a bem dizer, certa aptidão, sou capaz de dizer, quando uma pulga me pica, de que mulher ela veio." As expressões a que ele mais frequentemente se referia eram "o homem sensível" e "a natureza". Mas não dava a esta última o grande significado que a nossa época lhe emprestou, fazendo-a apenas entrar, à sua maneira, em pequenas conversas despretensiosas:

— A natureza, para que a civilização tenha um pouco de tudo, fornece inclusive espécimes divertidas de barbárie. A Europa tem coisas da Ásia e da África, em formato menor. O gato é um tigre de salão, o lagarto, um crocodilo de bolso. As moças que dançam na ópera são selvagens de pele rosada; não comem os homens, devoram-nos a dentadas. Ou são feiticeiras: transformam-nos em ostras e nos engolem. Os caraíbas deixam apenas os ossos e elas, só a casca. São esses os nossos costumes. Não devoramos, roemos; não exterminamos, arranhamos.

II

A casa é o retrato do seu dono

O sr. Gillenormand morava no Marais, na rua Filles-du-Calvaire, nº 6, em casa própria. O imóvel foi demolido e outro construído no local, sendo agora a sua identificação provavelmente outra, dada a revolução que se fez na numeração das vias de Paris. Ele próprio ocupava um velho e amplo cômodo no primeiro andar, entre a rua e o jardim dos fundos, coberto até o teto por grandes tapeçarias de Gobelins e de Beauvais representando cenas pastoris. O mesmo tema se repetia, em

menor escala, nas poltronas. A cama era protegida por um amplo biombo de nove folhas, em laca de Coromandel. Compridas cortinas cobriam a parede das janelas, compondo magníficas dobras. Ao jardim, logo abaixo das janelas, tinha-se acesso pela última delas, de quina e se abrindo desde o chão, dando para uma escada de doze ou quinze degraus, que Gillenormand subia e descia com agilidade. Além de uma biblioteca contígua ao quarto, havia um *boudoir* que ele insistia em manter, ambiente galante coberto por belíssima tapeçaria de palha formando flores de lis, fabricada por forçados da época de Luís XIV, por encomenda do sr. De Vivonne, para a sua amante. O atual proprietário a havia herdado de uma intratável tia-avó materna que morrera centenária. Gillenormand fora casado duas vezes. Suas maneiras estavam entre as do homem da corte, que ele nunca foi, e as do homem de toga, que ele poderia ter sido. Era alegre e afável quando queria. Na mocidade fora desses homens que são sempre enganados pela esposa e nunca pela amante, pelo fato de serem, ao mesmo tempo, os maridos mais tediosos e os amantes mais atenciosos. Era versado em pintura. Tinha no quarto um maravilhoso retrato, não se sabe de quem, pintado por Jordaens e executado ao pincel grosso, com milhões de detalhes parecendo amontoados ao acaso. O traje do sr. Gillenormand não era um Luís XV e nem mesmo um Luís XVI; era o dos *incríveis* do Diretório. Ele se considerava moço até essa época, seguindo as modas. A casaca era de pano muito leve, com espaçosos rebuços, compridas abas de tesoura e grandes botões de aço. A isso juntavam-se calças de montaria e sapatos de fivela. Tinha sempre as mãos nos bolsos e dizia com autoridade: "A Revolução Francesa foi um amontoado de malandros."

III

Luc-Esprit

Aos dezesseis anos, certa noite na ópera, o sr. Gillenormand teve a honra de ter simultaneamente despertado o interesse de duas beldades, então já maduras e célebres, elogiadas por Voltaire: Camargo e Sallé. Apanhado nesse fogo cruzado, ele preferiu uma retirada heroica na direção de uma jovem bailarina chamada Nahenry,

também de dezesseis anos, obscura como um gato, por quem estava apaixonado. Suas recordações eram muitas; ele exclamava:

— Como estava bonita a Guimard-Guimardini-Guimardinette, a última vez que a vi em Longchamps, dona dos seus firmes sentimentos, com chamativos enfeites turquesa, um vestido dessa cor de que gostam as emergentes e agitando as mãos bem protegidas por peles!

Na adolescência ele usava uma casaca de Nain-Londrain a que muitas vezes se referia com saudade:

— Eu parecia um turco do Levante — dizia ele.

A sra. De Bouflers, tendo-o visto, por acaso, quando ele tinha vinte anos, o descrevera como um *louco com charme.*

Ele se escandalizava com os nomes que despontavam na política e no poder, achando-os grosseiros e burgueses. Lia jornais, as *folhas noticiosas*, as gazetas, como ele chamava, em meio a risadas. E acrescentava:

— Diabos! Que gente é essa? Corbière, Humann, Casimir-Perier, isso lá é ministro? Posso imaginar num jornal: "Sr. Gillenormand, ministro", uma piada! Pois todos são tão idiotas que acreditariam!

Chamava todas as coisas por seu próprio nome, mesmo na presença de senhoras. Dizia grosserias, obscenidades e porcarias com um não sei quê de tranquilo e à vontade que acabava parecendo elegante. Era a maneira sem-cerimônia do seu século. Note-se que a época das paráfrases em verso era a mesma das incivilidades em prosa. Seu padrinho havia previsto que ele seria um homem de gênio e o batizara com os dois nomes significativos: Luc-Esprit.

IV

Aspirante a centenário

Na infância o sr. Gillenormand se distinguiu no colégio de Moulins, cidade em que nasceu, e foi laureado pelo duque de Nivernais, a quem ele chamava duque de Nevers. Nem a Convenção, nem a morte de Luís XVI, nem Napoleão, nem a volta dos Bourbon o fez esquecer aquele prêmio. O *duque de Nevers* era para ele a maior

figura do século. “Que encantador grande senhor, tinha aparência tão distinta com sua condecoração na fita azul”, dizia ele. A seu ver, Catarina II havia reparado o seu crime por dividir a Polônia comprando de Bestuchef por três mil rublos o segredo do elixir de ouro. Falando disso, ele se animava: “O elixir de ouro, a tintura amarela de Bestuchef, as gotas do general Lamotte, eram, no século XVIII, por um luís o vidrinho de meia onça, o grande remédio para as catástrofes do amor, a panaceia contra Vênus. Luís XV enviou duzentos desses vidrinhos ao papa.” Ele teria ficado extremamente irritado e perderia todo o controle se lhe tivessem dito que o elixir de ouro não passava de perclorato de ferro. Adorava os Bourbon e tinha horror a 1789: contava sem parar como tinha se salvado na época do Terror e como precisou de muito ímpeto e inteligência para não ter a cabeça cortada. Se algum jovem elogiasse a República na sua presença, ele ficava azul de raiva a ponto de quase perder os sentidos. Às vezes, pensando nos seus próprios noventa anos, ele dizia: *Espero não voltar a ver 93!* Outras vezes, porém, confidenciava acreditar que viveria cem anos.

V

Basco e Nicolette

O sr. Gillenormand tinha teorias próprias. Uma delas: “Quando um homem gosta apaixonadamente das mulheres e tem uma com quem se casou e pouco o interessa, é feia, resmungona, cheia de direitos, agarrada ao Código e ainda por cima ciumenta, o único jeito de escapar e ter alguma paz é deixando com ela o controle da bolsa. Essa abdicação dá liberdade. A mulher passa a se ocupar, se entusiasma com as finanças, se anima com a papelada, adestra os colonos, mantém na linha o capataz, convoca advogados, reclama com tabeliões, consulta magistrados, segue processos, redige contratos, se sente soberana, vende, compra, paga, manda, promete e compromete, ata e desata, cede, concede e volta atrás, arruma, desarruma, poupa, prodigaliza. Faz besteira, e isso é uma felicidade magistral e pessoal que a consola. O marido a ignora, ela tem a satisfação de arruiná-lo.” Era a teoria que Gillenormand aplicara a si mesmo e se tornara a sua história.

Sua segunda mulher havia administrado de tal modo os seus bens que, quando um dia enviuvou, conseguiu apenas o necessário para viver hipotecando tudo e conseguindo então uma renda de uns quinze mil francos até a sua morte, perdendo três quartos do que tinha. Não hesitou um instante, pouco se preocupando em deixar alguma herança. Além disso, tinha visto patrimônios se perderem e, por exemplo, se tornarem *bens nacionais*: assistira às convulsões do terço consolidado e por isso acreditava pouco no crédito público. A casa da rua Filles-du-Calvaire, como já dissemos, era sua. Tinha dois criados, "um macho e uma fêmea". Quando um criado entrava para o serviço, o sr. Gillenormand logo o rebatizava. Aos homens dava o nome dos originários da província de onde vinham: Nimes, Franco-Condado, Poitevin, Picardia. O último criado a lhe servir era um homem muito corpulento, asmático, de cinquenta e cinco anos, incapaz de correr vinte passos, e por ter nascido em Bayonne o dono da casa o chamava Basco. Já as criadas, todas passavam a se chamar Nicolette (inclusive Magnon, de quem mais adiante se falará). Um dia apresentou-se uma ótima cozinheira, vinda de uma respeitável estirpe de porteiros.

— Quanto quer ganhar por mês? — perguntou o patrão.

— Trinta francos.

— E como se chama?

— Olympie.

— Pago cinquenta francos e vai se chamar Nicolette.

VI

Onde se vê Magnon e seus dois recém-nascidos

Para o sr. Gillenormand a dor se manifestava por acessos de raiva. Ele se enfurecia e se desesperava. Tinha toda espécie de preconceitos e permitia-se todo tipo de licenças. Uma das coisas que compunha o seu orgulho externo e satisfação íntima era, como acabamos de indicar, ter se conservado galanteador e passar energicamente por tal. Chamava isso ter uma "fama real". Essa fama real gerava, às vezes, inesperadas vantagens. Um dia levaram a sua casa num cesto longo, desses

que servem para peixes e ostras, um robusto recém-nascido, gritando como um desesperado e devidamente embrulhado nos cueiros e que uma criada despedida seis meses antes atribuía ao patrão. O sr. Gillenormand tinha então os seus oitenta anos feitos. Houve indignação e clamores entre os que o rodeavam. Quem a descarada esperava que acreditasse em semelhante coisa? Que audácia! Que abominável calúnia!

O sr. Gillenormand, porém, não demonstrou o menor constrangimento. Olhou o meninote com amável sorriso, lisonjeado com a calúnia, e disse aos que gritavam:

— Mas o que está havendo? O que veem de tão extraordinário? Mostram um espanto típico de gente ignorante. O senhor duque de Angoulême, bastardo de Sua Majestade Carlos IX, se casou aos oitenta e cinco anos com uma bobinha de quinze anos; o sr. Virginal, marquês de Alluye, irmão do cardeal de Sourdis, arcebispo de Bordeaux, teve aos oitenta e três anos, com uma camareira da senhora presidenta Jacquin, um filho, filho de verdadeiro amor, que foi cavaleiro de Malta e conselheiro de Estado pela nobreza de espada. Uma das grandes personalidades deste século, o padre Tabaraud, é filho de um homem de oitenta e sete anos. Coisas assim são perfeitamente comuns. E a Bíblia!? Mas, dito isso, declaro que esse cavalheirozinho não é meu. Anotem isso. Não é culpa dele.

Sua atitude era das mais indulgentes.

A tal criatura, que se chamava Magnon, mandou no ano seguinte idêntico presente. Outro menino. Dessa vez o sr. Gillenormand capitulou. Enviou à mãe as duas crianças, prometendo pagar para a criação oitenta francos por mês, com a condição de que a dita mãe não continuasse com aquilo. E acrescentou:

— Espero que a mãe os trate bem. Irei vê-los de vez em quando.

E não deixou de cumprir a promessa.

O sr. Gillenormand teve um irmão padre, que fora por trinta e três anos reitor da academia de Poitiers e morreu aos setenta e nove anos. *Perdi-o muito moço*, dizia Gillenormand. Esse irmão, de quem se guardou pouca memória, era um tranquilo avarento que, por ser padre, se julgava obrigado a dar esmola aos pobres que encontrava, mas não lhes dava nunca senão dinheiro em cobre que nada valia, encontrando com isso maneira de ir para o inferno pelo caminho do paraíso. Já o irmão mais velho não regateava nunca a esmola, dada espontânea e nobremente. Era cuidadoso, brusco, caritativo e, se fosse rico, as suas tendências seriam sempre para a magnificência. Tudo que tivesse a ver com ele devia ser grande, mesmo as canalhices. Um dia, numa disputa de herança, tendo sido tapeado por um homem de negócios de maneira grosseira e visível, ele soltou essa solene exclamação:

— Caramba! Que coisa feia! Realmente me envergonha esse tipo de coisa. Tudo degenerou nessa nossa época, inclusive os canalhas. Santo Deus! Não é assim que se rouba gente como eu. Estou sendo assaltado como numa floresta, mas de maneira feia. *Sylvæ sint consule dignæ!*

Ele se casou, como dissemos, duas vezes; do primeiro teve uma filha que se manteve solteira; e do segundo uma outra, morta aos trinta anos e que se casara, por amor ou por acaso, com um mercenário, que havia servido nos exércitos da República e do Império, tinha a Cruz d'Austerlitz e foi promovido a coronel em Waterloo. É a *vergonha da família*, dizia o velho burguês. Ele cheirava muito rapé e tinha um jeito particular de amassar as rendas da camisa com as costas da mão. Sua fé em Deus era bem pouca.

VII

Regra: não receber ninguém senão à noite

Assim era o sr. Luc-Esprit Gillenormand, que não havia perdido os cabelos, mais grisalhos do que brancos, caindo nas laterais como as orelhas de um cão. Em suma, e mesmo com tudo isso, venerável.

Era como o século XVII: frívolo e grandioso.

Em 1814 e nos primeiros anos da Restauração, ainda moço — tinha apenas setenta e quatro anos —, Gillenormand morava na rua Servandoni, próxima de Saint-Sulpice, no bairro de Saint-Germain. Só se retirou no Marais quando deixou de frequentar a sociedade, muito depois dos oitenta anos.

Nessa oportunidade, entrincheirou-se nos seus hábitos. O principal, em que era inflexível, consistia em manter a porta absolutamente fechada durante o dia, sem receber quem quer que fosse, por qualquer finalidade que fosse, aceitando visitantes apenas à noite. Jantava às cinco horas e depois estava aberta a porta. Era uma moda do seu século que ele não queria abandonar.

— O dia é desprezível, só merece mesmo a porta fechada. Gente de qualidade acende o espírito quando o zênite acende suas estrelas — dizia ele.

E levantou barricadas contra todos, até contra o rei, se Sua Majestade porventura o procurasse. Era a velha elegância do seu tempo.

VIII

Duas não fazem um par

Já falamos das duas filhas do sr. Gillenormand. Tinham nascido com dez anos de diferença de uma para a outra. Na mocidade, haviam se assemelhado muito pouco; e tanto pelo caráter como pelo rosto tinham sido o menos irmãs que se possa imaginar. A mais nova era dotada de uma alma encantadora, voltada a todo tipo de luz, admirando as flores, os versos e a música, flutuando por espaços gloriosos, empolgada, etérea, e vislumbrando para si desde a infância, no ideal, a vaga figura heroica de um noivo. A mais velha tinha também sua fantasia; via sempre, no azul-celeste, um negociante, algum comissário bem rico, um marido esplendidamente estúpido, um milhão feito homem, ou então um prefeito: as recepções na prefeitura, o oficial de antecâmara com sua pompa de autoridade a anunciar os convidados, os bailes oficiais, as discussões políticas, ser tratada de "senhora prefeita" eram coisas que se agitavam em sua cabeça. As duas irmãs perdiam-se desse modo, cada uma em seu sonho, na época em que eram meninas. Ambas tinham asas, uma asas de anjo, outra asas de ganso.

Pelo menos neste nosso mundo ambição nenhuma se realiza plenamente. Na época em que estamos, paraíso nenhum se torna terrestre. A mais nova se casou com o homem dos seus sonhos, mas morreu. A mais velha ficou solteirona.

No momento em que ela entra na história que contamos, era uma velha cheia de virtude, uma pudica incombustível, um dos narizes mais bicudos e um dos espíritos mais obtusos que fossem vistos por aí. Esse pormenor é característico: fora da família íntima, ninguém jamais soube o seu nome. Era chamada srta. Gillenormand mais velha.

Em matéria de recato, essa srta. Gillenormand mais velha ganhava de qualquer *miss.* Era o pudor levado à ferocidade. Tinha na sua vida uma recordação pavorosa: um dia um homem havia visto uma liga da sua meia.

A idade aumentara ainda mais esse pudor extremo. O lenço que cobria o pescoço nunca era suficientemente espesso e nunca escondia o bastante. Multiplicavam-se alfinetes e colchetes, mesmo onde ninguém pensaria espiar. O característico desse tipo de pudor é que quanto menos ameaçada é a fortaleza, mais se colocam sentinelas.

No entanto, explique quem puder esses velhos mistérios da inocência: ela aceitava com prazer que um sobrinho, oficial dos lanceiros, a beijasse. Ele se chamava Théodule.

Apesar desse tal lanceiro que citamos, o rótulo de pudicícia sob o qual a classificamos é perfeitamente exato. A srta. Gillenormand era uma espécie de alma crepuscular. O pudor exagerado é, meio a meio, virtude e perversão.

Ela enriquecia a pudicícia com a carolice, que vai de par. Pertencia à confraria da Virgem, usava um véu branco em certas festividades, murmurava rezas especiais, reverenciava "o sangue sagrado", venerava "o sagrado coração", quedava-se em contemplação por horas diante de um altar rococó jesuíta numa capela proibida ao comum dos fiéis, deixando que ali sua alma se alçasse entre nuvenzinhas de mármore e poderosos raios de madeira dourada.

Tinha uma colega de capela, também virgem e velha, chamada srta. Vaubois, totalmente parva e, perto dela, a srta. Gillenormand parecia uma águia. Além dos *Agnus dei* e das ave-marias, a srta. Vaubois só demonstrava algum conhecimento no referente às diferentes formas de se fazerem geleias. Perfeita em seu gênero, a srta. Vaubois era um roedorzinho de pelagem branca, sem uma nódoa de inteligência.

Digamos que, com a idade, a srta. Gillenormand mais ganhou do que perdeu. É o que acontece com os temperamentos passivos. Nunca tinha sido má, o que já representa certa bondade, além disso, o passar dos anos arredonda as arestas e esse suavizar da dureza acabou vindo. Era triste, de uma tristeza obscura, da qual ela não detinha pessoalmente o segredo. Havia, em sua pessoa, a surpresa de uma vida que se termina sem ter começado.

Era ela quem cuidava da casa paterna. O sr. Gillenormand tinha a filha, como se viu que monsenhor Bienvenu tinha a irmã. Essas duplas, um velho e uma solteirona, não são raras e demonstram sempre esse comovente quadro de duas fraquezas que reciprocamente se apoiam.

Além da solteirona e do velho, havia na casa uma criança, um menino sempre calado e acanhado diante do sr. Gillenormand, que não se dirigia a ele a não ser com voz forte e, algumas vezes, de bengala em riste: "Venha cá, sr. Brejeiro; velhaco, aproxime-se!" , "Responde, tratante!", "Não quero mais vê-lo, vadio!"

Na verdade, o idolatrava.

Era o seu neto. Voltaremos a vê-lo.

LIVRO TERCEIRO

O AVÔ E O NETO

I

Um salão antigo

Na época em que morava na Rua Servandoni, o sr. Gillenormand frequentava muitos salões, dos mais distintos e nobres. Apesar de *burguês*, era recebido. Sendo duas vezes inteligente e espirituoso — primeiro por de fato ser, depois por já previamente o imaginarem como tal —, era sempre convidado e festejado. Não ia a lugar nenhum onde não pudesse dominar. Há pessoas que querem a qualquer preço ter influência e ser o centro de atração; onde não podem ser o oráculo, procuram ser o bobo, mas não era esse o estilo do sr. Gillenormand. Sua participação nos salões monarquistas que frequentava nada custava ao seu amor-próprio. Mantinha-se sempre oráculo. Eventualmente teve de fazer frente ao sr. De Bonald e até mesmo ao sr. Bengy-Puy-Vallée.

Por volta de 1817, ele invariavelmente passava duas tardes por semana numa casa perto da sua, na rua Férou, onde morava a senhora baronesa de T..., digna e respeitável dama, cujo marido tinha sido, sob Luís XVI, Embaixador da França em Berlim. O barão de T..., enquanto vivo, se dedicou apaixonadamente aos êxtases e às visões magnéticas; morreu pobre quando foi obrigado a emigrar, deixando por única fortuna, em dez volumes manuscritos, encadernados em marroquim vermelho e com o miolo dourado, curiosas memórias sobre Mesmer e a sua tina. Por orgulho, a sra. De T... não publicou as tais memórias e se sustentava com uma pequena renda, que havia escapado da ruína não se sabe como. Vivia afastada da corte — *ambiente muito misturado*, segundo dizia —, num isolamento nobre, soberbo e pobre. Alguns amigos se reuniam duas vezes por semana em torno da sua lareira de viúva, que representava um puro salão monarquista. Tomava-se chá e emitiam-se, dependendo do vento que soprava tender mais para a elegia ou o ditirambo, gemidos ou gritos de horror contra a época, a Carta Constitucional, os bonapartistas, a venda de condecorações a burgueses, o jacobinismo de Luís XVIII, e comentavam-se as esperanças que se abriam, desde Carlos X, com o irmão mais velho do rei.

Ouviam-se com alegre entusiasmo canções chulas em que Napoleão era chamado *Nicolas*. Duquesas, as mais delicadas e encantadoras mulheres do mundo se extasiavam com versinhos como estes, endereçados "aos federados":

Reforcem nas calças
O pedaço de coisa que têm pendurado.
Que não se diga que os patriotas
Ergueram a bandeira branca!

Faziam-se trocadilhos que todos achavam formidáveis, jogos de palavras inocentes que eram vistos como terríveis, compunham-se quadras e até mesmo dísticos. Por exemplo, sobre o ministério Dessoles, representação moderada da qual faziam parte os srs. Decazes e Deserre:

Para firmar o trono abalado na base,
Mudem-se o piso, a estufa e a choça.

Ou então fazia-se a lista da Câmara dos Pares, "Câmara abominavelmente jacobina", e combinavam-se na lista alianças de nomes, de maneira a compor, por exemplo, arranjos como: *Damas*, *Sabran*, *Gouvion Saint-Cyr*. Tudo na maior alegria.

Naquele ambiente, parodiava-se a Revolução. Havia a pretensão de estarem ali afiando as mesmas raivas, em sentido contrário. Cantava-se um *Ça ira* próprio:

Ah! *Ça ira! Ça ira! Ça ira!*
Os bonapartistas no poste!

As canções são como a guilhotina; cortam qualquer um, pouco importa quem. Hoje essa cabeça, amanhã aquela. É apenas uma variante.

No caso Fualdès, que é dessa época, 1816, tomava-se partido por Bastide e Jausion, porque Fualdès era "bonapartista". Os liberais eram chamados *irmãos e amigos*, era injúria ao último grau.

Como certos campanários de igreja, o salão da senhora baronesa de T... tinha dois galos. Um era o sr. Gillenormand, outro era o conde Lamothe-Valois, sobre

quem se cochichava, com uma espécie de consideração: "Sabe? É o Lamothe do caso do colar." Os partidários têm suas anistias próprias.

Acrescentemos isto: na burguesia, as situações mais honrosas perdem força se tiverem relações consideradas fáceis, deve se prestar atenção em quem se admite no seu círculo. Assim como há perda calórica quando nos aproximamos de alguém com frio, a proximidade de pessoas desprezadas implica uma diminuição de consideração. A antiga sociedade do alto se mantinha acima dessa lei, como de todas as outras. Marigny, irmão da Pompadour, pode ser recebido pelo príncipe de Soubise. Apesar de? Não, por isso mesmo. Du Barry, padrinho da Vaubernier, é perfeitamente aceito pelo senhor marechal de Richelieu. Esse mundo é o Olimpo. Nele, Mercúrio e o príncipe de Guéménée se sentem em casa. Um ladrão é bem recebido, contanto que seja um deus.

O conde Lamothe, que em 1815 era um velho de setenta e cinco anos, tinha de considerável apenas a atitude silenciosa e sentenciosa, um perfil anguloso e frio, modos perfeitamente corteses, veste abotoada até a gravata e compridas pernas sempre cruzadas, dentro de calças largas e longas, cor de terra de siena. O rosto era da cor das calças.

Esse sr. De Lamothe "fazia parte" do salão dada a sua "celebridade" e, coisa estranha de se dizer, por causa do sobrenome Valois.

Já o sr. Gillenormand, a consideração de que gozava era absolutamente bem sedimentada. Ele se impunha. Por mais superficial que fosse e sem que isso nada tirasse da sua jovialidade, ele tinha uma maneira imponente, digna, honesta e burguesamente altiva de ser.

Era capaz, além disso, de tiradas que são como a faísca que se extrai da pedra. Por exemplo, quando o rei da Prússia, depois de restaurar Luís XVIII, veio visitá-lo sob o falso nome de conde de Ruppin, foi recebido pelo descendente de Luís XIV mais ou menos como marquês de Brandebourg e com a mais delicada impertinência. O sr. Gillenormand aprovou:

— Reis que não são o rei da França são reis menores.

Perguntaram, um dia, a ele:

— A que foi condenado o redator do *Courrier Français*?

— À suspensão. Mas o *sus* é indevido[1] — completou ele.

Tiradas desse tipo estabelecem uma situação.

Num te-déum, comemorando o aniversário do regresso dos Bourbon ao trono, disse ele, vendo passar o sr. De Talleyrand:

— Aí vai Sua Excelência o Mal.

O sr. Gillenormand ia ordinariamente acompanhado de sua filha, a esguia donzela que tinha então quarenta anos e parecia ter cinquenta, e de um bonito menino de sete anos, muito claro, cheio de frescor e corado, mostrando nos olhos confiança e felicidade, sempre despertando no salão comentários:

— Que lindo! Que pena! Pobre criança!

Esse menino era aquele de quem já falamos ainda há pouco. O "pobre criança" se devia ao fato de ter como pai o *bandido do Loire.*

Esse bandido do rio Loire era o genro do sr. Gillenormand, que já mencionamos e era considerado a *vergonha da família*.

II

Um dos espectros vermelhos daquele tempo

Quem passasse, naquela época, pelo vilarejo de Vernon e desse o seu passeio pela bela ponte monumental, à qual, como esperamos, sucederá dentro em pouco alguma horrível ponte de ferro, teria podido notar, olhando de cima do parapeito, um homem de uns cinquenta anos com um gorro de couro, calças e jaquetão de grosseiro pano pardo, ao qual estava cosida uma coisa qualquer amarela que já tinha sido uma fita vermelha, tamancos nos pés, crestado pelo sol, com o rosto quase negro e os cabelos quase brancos, uma grande cicatriz na testa que se prolongava até a bochecha, alquebrado, curvado, precocemente envelhecido, andando quase todos os dias e tendo na mão uma enxada e um podão, num desses quintais murados próximos da ponte, formando uma cadeia de terraços à margem esquerda do Sena, encantadores terrenos cheios de flores, a que chamaríamos jardins se fossem maiores e buquês se fossem menores. Todos esses terrenos, de um lado terminam no rio, e, de outro, numa casa. O homem de jaquetão e tamancos de que falamos, em 1817 morava na mais humilde dessas casas, com o menor daqueles quintais. Vivia solitária, silenciosa e pobremente na companhia de uma mulher que o servia: nem velha nem moça, nem bonita nem feia, nem camponesa nem burguesa. O palmo de terra que chamava seu jardim era célebre na cidade pela beleza das flores que cultivava. As flores eram a ocupação daquele homem.

Graças ao trabalho, à perseverança, ao cuidado e aos baldes d'água, ele tinha conseguido criar depois do Criador e inventara tulipas e dálias que pareciam ter sido esquecidas pela natureza. Era engenhoso, precedera Soulange Bodin na formação de pequenos maciços com húmus de urze para o plantio de raros e preciosos arbustos da América e da China. Desde o amanhecer, no verão, ele se punha nas suas fileiras plantadas enxertando, talhando, capinando, aguando, caminhando entre as suas flores, com expressão de bondade, tristeza e meiguice, às vezes pensativo e imóvel por horas, ouvindo o canto de um pássaro numa árvore, a brincadeira de uma criança numa casa, quando não estava com os olhos pregados numa ponta de relva, vendo uma gota de orvalho que o sol transformava em rubi. Sua mesa era magra e ele bebia mais leite do que vinho. A criada ralhava com ele; qualquer criança o fazia ceder. Era tímido a ponto de parecer arredio, raramente saía e via apenas os pobres que batiam à sua porta e o cura local, o padre Mabeuf, um excelente velho. No entanto, se algum morador da cidade, ou mesmo alguém de fora — quem quer que fossem, em suma —, tivesse a curiosidade de ver suas tulipas e suas rosas, logo ele lhes abria a porta, com um sorriso. Era o bandido do Loire.

Quem tivesse lido, naquele tempo, memórias militares, biografias, o *Moniteur* e os boletins do exército imperial, notaria um nome que aparecia muitas vezes, o de Georges Pontmercy. Muito moço, ele se alistara como soldado no regimento de Saintonge. Rebentou a Revolução. O regimento de Saintonge fez parte do exército do Reno. Pois os antigos regimentos da monarquia guardaram o nome das suas províncias mesmo depois da queda do rei e só se juntaram em brigadas em 1794. Pontmercy lutou em Spire, em Worms, em Neustadt, em Turkheim, em Alzey, em Mayence, onde foi um dos duzentos que formavam a retaguarda de Houchard. Fez frente à corporação do príncipe de Hesse, atrás da velha muralha de Andernach, e só se juntou ao grosso do exército quando o canhão inimigo abriu uma brecha que ia do alto do parapeito à base da ribanceira. Esteve sob o comando de Kléber em Marchiennes e no combate de Mont-Palissel, quando teve um braço quebrado por um tiro de mosquetão. Depois atravessou a fronteira da Itália e foi um dos trinta granadeiros a defender a garganta de Tende com Joubert, que foi nomeado adjunto-geral e Pontmercy subtenente. Estava ao lado de Berthier na metralha daquele dia em Lodi, quando Bonaparte disse: Berthier foi canhoneiro, cavaleiro e granadeiro. Viu seu antigo comandante, o general Joubert, cair em Novi, no momento em que, de sabre em riste, gritava: "Em frente!" Cumprindo as necessidades da campanha, ele fora embarcado com a sua companhia numa chata que ia de Gênova a não sei mais qual pequeno porto da costa e caiu num vespeiro de sete ou oito veleiros ingleses. O capitão genovês quis lançar ao mar os canhões, esconder os soldados no

porão e passar despercebido como embarcação mercante. Pontmercy levantou as cores na adriça do mastro da bandeira e orgulhosamente passou pelos canhões das fragatas britânicas. A vinte léguas de lá, sua audácia cresceu ainda mais e, com a chata, atacou e capturou um pesado cargueiro inglês que transportava tropas para a Sicília, carregado de homens e cavalos. Em 1805, fez parte da divisão Mahler, que arrancou Günzbourg das mãos do arquiduque Ferdinando. Em Weltingen, ele recebeu nos braços, sob uma saraivada de balas, o coronel Maupetit, mortalmente ferido à frente do 9º Regimento de Dragões. Distinguiu-se em Austerlitz naquela admirável marcha em escalas, sob o fogo inimigo. Quando a cavalaria da Guarda Imperial russa esmagou um regimento do 4º de linha, Pontmercy esteve entre aqueles que lhe vingaram a derrota. O imperador o condecorou com a cruz. Pontmercy sucessivamente assistiu à prisão de Wurmser em Mântua, de Mélas em Alexandria e de Mack em Ulm. Fez parte do 8º Corpo do Grande Exército, comandado por Mortier e que tomou Hamburgo. Depois passou para o 55º de Linha, que era o antigo regimento de Flandres. Em Eylau, esteve no cemitério em que o heroico capitão Luís Hugo, tio do autor deste livro, sustentou sozinho, com sua companhia de 83 homens, por duas horas, todo o ataque do exército inimigo. Pontmercy foi um dos três que saíram vivos desse cemitério. Esteve em Friedland. Depois viu Moscou, Beresina, Lützen, Bautzen, Dresden, Wachau, Leipzig e os desfiladeiros de Gelenhausen. Depois Montmirail, Château-Thierry, Craon, as margens do Marne, as do Aisne e a temível posição de Laon. Em Arnay-le-Duc, já como capitão, ele passou ao fio da espada dez cossacos e salvou não o seu general, mas um cabo. Foi triturado nessa ocasião e só do seu braço esquerdo foram retiradas 27 esquírolas. Oito dias antes da capitulação de Paris, ele acabava de fazer uma permuta com um colega e passara para a cavalaria.

Ele tinha o que, no Antigo Regime, se chamava *mão dupla*, isto é, igual aptidão para manejar, como soldado, o sabre ou a espingarda, e, como oficial, comandar um esquadrão ou um batalhão. Foi dessa aptidão, aperfeiçoada pela educação militar, que nasceram certas armas especiais: os dragões, por exemplo, que são ao mesmo tempo cavaleiros e infantes. Ele acompanhou Napoleão à ilha de Elba. Em Waterloo, era chefe de esquadrão de couraceiros na brigada Dublois. Foi quem tomou a bandeira do batalhão de Lunebourg e, em seguida, coberto de sangue, foi deixá-la aos pés do imperador. Pois tinha recebido, no momento em que se apoderava do estandarte, uma cutilada no rosto. O imperador, satisfeito, gritou para ele: "És coronel e barão, além de oficial da Legião de Honra!" Pontmercy respondeu: "Sire, agradeço por minha viúva." Uma hora depois, caiu numa

ribanceira em Ohain. Agora, quem era Georges Pontmercy? Aquele mesmo bandido do Loire.

Já vimos então um pouco da sua história. Depois de Waterloo, Pontmercy, recolhido, como devem se lembrar, em Ohain, conseguiu se juntar ao exército e, de ambulância em ambulância, foi levado até aos acantonamentos do Loire.

A Restauração reduziu-o a meio-soldo e ele depois foi deixado em disponibilidade em Vernon, isto é, sob vigilância. O rei Luís XVIII, não confirmando o que se fez durante os Cem Dias, não reconheceu sua qualidade de oficial da Legião de Honra, nem o posto de coronel, nem o título de barão. Ele, por sua vez, não perdia uma ocasião de assinar: *Coronel Barão Pontmercy*. Tinha apenas uma velha casaca azul e não saía sem prender na botoeira a roseta de oficial da Legião de Honra. O procurador régio advertiu-o de que o Ministério Público o perseguiria por "uso indevido" da condecoração. Quando recebeu o comunicado, Pontmercy respondeu com um sorriso amargo:

— Não sei se não entendo mais o francês ou se o senhor é que já não o fala; fato é que não compreendo o que diz.

Ele em seguida saiu por oito dias com a roseta e ninguém mais se atreveu a incomodá-lo. Duas ou três vezes o ministro da Guerra e o general da província lhe escreveram: *Ao Senhor Comandante Pontmercy*. Ele devolveu as cartas sem abri-las. Nesta mesma época, em Santa Helena, Napoleão fazia o mesmo com a correspondência que recebia de *sir* Hudson Lowe, dirigidas ao *general Bonaparte*. Pontmercy acabou tendo na boca, desculpem-nos a frase, a mesma saliva que o seu imperador.

Do mesmo modo, houve em Roma soldados cartagineses presos que se recusavam a saudar Flamínio, pois tinham um pouco da alma de Aníbal.

Certa manhã, Pontmercy encontrou, numa rua de Vernon, o procurador régio e foi direto a ele, perguntando:

— Senhor procurador régio, tenho permissão para ostentar minha cicatriz?

Não restava a ele mais do que o exíguo meio-soldo de chefe de esquadrão. Alugou em Vernon a menor casa que pôde encontrar e nela vivia só, como há pouco se viu. No tempo do Império, entre duas guerras, teve tempo de se casar com a mais jovem Gillenormand. O velho burguês, indignado em seu íntimo, deu consentimento com um suspiro: "Até as mais nobres famílias se veem obrigadas a isto." Em 1815, a sra. Pontmercy, realmente admirável, espírito elevado e raro, digna de seu marido, morreu, deixando um filho. O menino teria sido a alegria do coronel na sua solidão, mas o avô reclamou imperiosamente o neto, declarando que,

caso contrário, o deserdaria. No interesse do filho o pai cedeu e passou a se dedicar às flores.

E quanto ao mais, renunciou a tudo: não conspirava nem se movia por coisa alguma. Dividia o pensamento entre as coisas inocentes que fazia e as grandes coisas que tinha feito. Passava o tempo a assistir ao desabrochar de um cravo ou a recordar Austerlitz.

Gillenormand não mantinha a menor relação com o genro. Para ele o coronel era um "bandido", e o burguês, para o coronel, "um idiota". O velho nunca fazia alusão ao coronel, salvo para ironizar o seu "baronato". Estava expressamente combinado que Pontmercy nunca tentaria ver o filho nem falar com ele, sob pena de expulsar e deserdar o menino. Para os Gillenormand, Pontmercy era um "infectado". Pretendiam educar a criança a seu modo. Talvez o coronel tenha agido mal, ao aceitar aquelas condições, mas fez isso julgando fazer o bem.

A herança do velho Gillenormand era de pouca monta, mas a da filha, considerável. Permanecendo solteira, era muito rica pelo lado materno e o filho de sua irmã seria seu herdeiro natural. O menino, que se chamava Marius, sabia que tinha pai, mas só isso. Ninguém acrescentava coisa alguma. Entretanto, nos lugares a que era levado pelo avô, os segredinhos, as meias palavras, os sinais de entendimento com o passar do tempo tinham penetrado no espírito do garoto, que acabou percebendo alguma coisa. Como as ideias e as opiniões que constituíam, por assim dizer, o seu meio respirável, eram absorvidas por uma espécie de infiltração ou lenta penetração, ele pouco a pouco passou a pensar no pai somente com vergonha e dor no coração.

Enquanto ele assim crescia, de dois em dois ou de três em três meses, o coronel discretamente ia a Paris, como um foragido da polícia, e se postava em Saint-Sulpice na hora em que a tia levava Marius à missa. Ali, tremendo com receio de ser visto, oculto atrás de um pilar, sem se mexer e com medo até de respirar, ficava espiando o filho. O homem da cicatriz tinha medo da solteirona.

Foi como nasceu a sua ligação com o padre Mabeuf, pároco de Vernon.

O digno sacerdote era irmão de um sacristão de Saint-Sulpice, que muitas vezes já havia notado aquele homem com cicatriz no rosto olhando para o menino com lágrimas nos olhos. O homem parecia ser de fato um, mas chorava como mulher e por isso chamara a atenção do sacristão. Essa imagem se gravou na sua lembrança e um dia, visitando o irmão em Vernon, viu na ponte o coronel Pontmercy e reconheceu o misterioso personagem de Saint-Sulpice. Comentou o assunto com o padre e os dois foram, sob um pretexto qualquer, visitar o coronel. Dessa visita resultaram outras. O coronel, de início muito fechado, acabou por se abrir. Os dois

irmãos souberam então de toda a história e do quanto Pontmercy sacrificava a sua felicidade pelo futuro do filho. Isso fez com que o padre, com todo o carinho, admirasse o coronel que, por sua vez, se afeiçoou ao religioso. No fim de tudo, quando são ambos sinceros e bons, nada se completa e amalgama mais facilmente do que um padre idoso e um velho soldado. São, no fundo, o mesmo homem. Um sacrificou-se pela pátria secular, o outro pela pátria celeste; não há outra diferença.

Duas vezes por ano, no dia de ano-bom e no dia de são Jorge, Marius por dever escrevia ao pai duas cartas, ditadas pela tia e que pareciam copiadas de algum formulário. Era só o que Gillenormand permitia, e o pai respondia com cartas muito ternas, que o avô metia na algibeira sem ter lido.

III

Requiescant

O salão da sra. De T... era tudo que Marius Pontmercy sabia do mundo. A única fresta pela qual podia espreitar a vida. Uma fresta sombria, pela qual entrava mais frio do que calor, mais trevas do que claridade. Aquele menino, todo alegria e luz, no convívio de tão estranha sociedade pouco a pouco se tornou triste e, o que é ainda mais contrário à sua idade, sério. Cercado de pessoas tão imponentes e singulares, ele tudo observava à sua volta com circunspecto espanto. Tudo contribuía para aumentar nele essa sensação. Viam-se no salão da sra. De T... velhas, nobres e veneráveis damas, que se chamavam Nathan, Nóe, Lévis — que se pronunciava Leví – e Cambis — que se pronunciava Cambyse.

Essas antiquadas imagens e esses nomes bíblicos se misturavam no entendimento do menino ao Antigo Testamento, que ele sabia de cor. E quando estavam todos ali, sentados ao redor do débil fogo da lareira, escassamente iluminados por um lampião protegido por um véu esverdeado, as expressões severas, os cabelos grisalhos ou brancos, os compridos vestidos de uma outra época e nos quais só se distinguiam cores lúgubres, deixando cair a intervalos regulares palavras ao mesmo tempo majestosas e ferozes, o pequeno Marius os considerava com olhos assustados,

acreditando ver não mulheres, mas patriarcas e magos, não seres reais, mas fantasmas.

A esses fantasmas se acrescentavam vários clérigos, frequentadores assíduos do antigo salão, e alguns fidalgos, o marquês de Sassenaye, secretário da sra. De Berry, o visconde de Valory, que publicava sob o pseudônimo de Charles-Antoine odes em monorrimo, o príncipe de Beauffremont que, apesar de moço, tinha os cabelos grisalhos e uma bonita e espirituosa mulher, cujos trajes em veludo escarlate com franjas douradas, bem decotados, chamavam atenção naquelas trevas, o marquês de Coriolis d'Espinouse, o homem que, na França inteira, melhor conhecia a "polidez proporcional", o conde d'Amendre, de aparência amena e amistosa, e o cavaleiro de Port-de-Guy, baluarte da biblioteca do Louvre, chamada gabinete do rei. O sr. Port-de-Guy, careca e precocemente envelhecido, mais do que propriamente velho, contava que em 1793, com dezesseis anos, fora mandado aos trabalhos forçados como *refratário* por não jurar a Constituição, ficando acorrentado a um octogenário, o bispo de Mirepoix, também refratário, um como militar e o outro como padre. Isso se passava em Toulon. A função dos dois era a de ir à noite recolher no patíbulo as cabeças e os corpos dos guilhotinados do dia. Carregavam nas costas os troncos gotejantes e as capas vermelhas dos prisioneiros, que usavam, eram cobertas por uma crosta de sangue, seca pela manhã, úmida à noite. Histórias trágicas desse tipo abundavam no salão da sra. De T..., e de tanto amaldiçoarem Marat, acabavam aplaudindo Trestaillon. Alguns deputados daqueles que nunca se encontram na Câmara jogavam cartas: os srs. Thibord du Chaland, Lemarchand de Gomicourt e Cornet-Dincourt, a célebre língua ferina da direita. O bailio de Ferrette, com seus calções que deixavam à mostra suas pernas magras, às vezes passava no salão, indo à casa do sr. De Talleyrand. Tinha sido companheiro de farras do conde de Artois e, ao contrário de Aristóteles, que carregou nas costas a cortesã Campaspe montada, ele tinha feito a cortesã Guimard andar de gatinhas, mostrando assim aos séculos um filósofo vingado por um bailio.

Entre os clérigos, contavam-se o padre Halma, aquele a quem o sr. Larose, seu colaborador no *La Foudre*, perguntou um dia:

— E quem não tem cinquenta anos?

— Alguns ingênuos nunca têm — respondeu ele.

Também o padre Letourneur, que fazia prédicas ao rei; o padre Frayssinous, que não era ainda conde, nem bispo, nem ministro, nem par e usava uma batina velha, a que faltavam botões; o padre Keravenant, de Saint-Germain-des-Prés; o núncio apostólico, na época monsenhor Macchi, arcebispo de Nisibi e mais tarde cardeal, notável pelo comprido nariz pensativo; um outro monsenhor, assim chamado

abbate Palmieri, prelado doméstico, um dos sete protonotários da Santa Sé, cônego da insigne basílica Liberiana, advogado dos santos, *postulatore di santi*, trabalhando nos casos de canonização, o que faz dele mais ou menos um promotor de petições na seção do paraíso. Havia ainda, para terminar, dois cardeais, o sr. De la Luzerne e o sr. De Clermont-Tonnerre. O cardeal de la Luzerne era escritor e teria, alguns anos depois, a honra de assinar, no *Conservateur*, artigos lado a lado com Chateaubriand. O sr. De Clermont-Tonnerre era arcebispo de Toulouse e frequentemente vinha de férias a Paris, ficando na casa do sobrinho, marquês de Tonnerre, que foi ministro da Marinha e da Guerra. O cardeal era um velhinho alegre e deixava que se vissem as suas meias vermelhas quando levantava a batina. Tinha como especialidade odiar a *Enciclopédia* e ser louco pelo jogo de bilhar. Quem passasse, nas noites de verão, pela rua Madame, onde ele se hospedava, parava para ouvir o choque das bolas e a voz aguda do cardeal, gritando a seu conclavista, monsenhor Cottret, bispo *in partibus* de Carsyste:

— Pode marcar, padre, vou fazer um estrago.

Ele tinha sido levado à casa da sra. De T... por seu mais próximo amigo, o sr. De Roquelaure, ex-bispo de Senlis e um dos *quarenta*. O sr. De Roquelaure era considerável pela alta estatura e pela assiduidade na Academia. Pela porta de vidro da sala ao lado da biblioteca, onde a Academia Francesa nessa época se reunia, os curiosos podiam, às quintas-feiras, ver o ex-bispo de Senlis, geralmente de pé, bem empoado, de meias roxas e de costas para a porta, aparentemente para que melhor admirassem a sua golinha de religioso. Todos esse clérigos, mesmo que a maioria fossem homens de corte tanto quanto de Igreja, acrescentavam gravidade ao salão de T..., do qual cinco pares de França, o marquês de Vibraye, o marquês de Talaru, o marquês de Herbouville, o visconde Dambray e o duque de Valentinois acentuavam o aspecto senhorial. Esse duque de Valentinois, mesmo que príncipe de Mônaco, ou seja, um príncipe soberano estrangeiro, tinha a França e os seus pares em tão alta conta que tudo enxergava através disso. Ele é quem dizia: "Os cardeais são os pares de França de Roma", "Os lordes são os pares de França da Inglaterra". Afora isso, pois é preciso que nesse século a Revolução esteja em tudo, aquele salão feudal era, como dissemos, dominado por um burguês. O sr. Gillenormand reinava.

Ali estava a essência e a quintessência da sociedade parisiense fiel aos Bourbon. Ficavam em quarentena as famas, mesmo que monarquistas. Há sempre alguma anarquia nas famas. Chateaubriand, caso entrasse ali, causaria o rebuliço que o jornal *Père Duchêne* causava. Alguns recém-convertidos, no entanto, por tolerância eram aceitos naquele mundo ortodoxo. O conde Beugnot era aceito para que se corrigisse.

Os salões "nobres" de hoje nada se parecem com aquele. O bairro de Saint-Germain atual tem ares de fogo de palha. Os monarquistas contemporâneos são demagogos, digamos isso como elogio.

Sendo uma sociedade superior essa que frequentava a casa da sra. De T..., o gosto era refinado e altivo, sob uma grande pátina de polidez. Os comportamentos apresentavam toda espécie de requintes involuntários, próprios do Antigo Regime, enterrado, mas vivo. Alguns desses comportamentos, sobretudo aplicados à linguagem, pareciam extravagantes. Observadores superficiais teriam tomado por provincialismo o que não era senão vetustez. A uma esposa de general, por exemplo, chamavam *senhora generala*. *Senhora coronela* não seria tão inusitado. A encantadora sra. De Léon, lembrando-se provavelmente das duquesas de Longueville e de Chevreuse, preferia ser assim chamada, no lugar do seu título de princesa. A marquesa de Créquy igualmente queria que a chamassem *senhora coronela*.

Foi esse pequeno e elevado ambiente que inventou, nas Tulherias, o requinte de sempre dizer, referindo-se ao rei na intimidade, *o rei*, na terceira pessoa, e nunca Vossa Majestade, tratamento que foi "manchado pelo usurpador".

Julgavam-se ali os acontecimentos e os homens. Zombava-se do século, o que servia para não compreendê-lo. Entreajudavam-se no espanto. Comunicava-se quanto de clareza se possuía. Matusalém informava Epimênides. O surdo punha o cego ao corrente das coisas. Declarava-se não acontecido o tempo que passara, desde Coblentz. Assim como Luís XVIII estava, pela graça de Deus, no vigésimo quinto ano do seu reinado, os emigrados da França estavam, por direito, no vigésimo quinto ano da adolescência.

Tudo era harmonioso; nada vivia demasiadamente; a palavra era apenas um suspiro; o jornal, segundo o salão, parecia um papiro. Havia jovens, mas eram meio como mortos. Nas antecâmaras, as librés eram velhuscas. Esses personagens, completamente ultrapassados, eram servidos por criadagem igual. Tudo parecia ter vivido há muito tempo, obstinando-se contra o sepulcro. Conservar, Conservação, Conservador, era mais ou menos a que se resumia o dicionário. *Estar com o bom cheiro* era o que importava. Havia, de fato, aromas nas opiniões daqueles veneráveis grupos e as ideias cheiravam a citronela. Era um mundo múmia. Os senhores embalsamados, os empregados empalhados.

Uma digna e velha marquesa emigrada da França e arruinada, tendo uma só empregada, continuava a dizer: *minha criadagem*.

O que se fazia no salão da sra. De T...? Demarcava-se o *ser ultra*.

Ser *ultra*; essa significação, mesmo sem ter desaparecido completamente, não faz mais sentido hoje em dia. Expliquemos.

Ser ultra é ir além. É atacar o cetro em nome do trono e a mitra em nome do altar. É sacudir a coisa que se carrega; maltratar os arreios; questionar a fogueira sobre o grau de cozimento dos heréticos; criticar no ídolo sua falta de idolatria; insultar por excesso de respeito; ver no papa falta de papismo; no rei, falta de realeza; na noite, excesso de luz. É mostrar descontentamento com o alabastro, com a neve, com o cisne e com o lis em nome da brancura; é ser partidário a ponto de se tornar seu inimigo; é ser tão exageradamente a favor que se acaba sendo contra.

O espírito ultra caracteriza sobretudo a primeira fase da Restauração.

Nada na História se assemelha a esse pouco que começou em 1814 e terminou por volta de 1820, com a entrada do sr. De Villèle, o homem prático da direita. Esses seis anos foram um momento extraordinário, ao mesmo tempo brilhante e triste, risonho e sombrio, iluminado como pela irradiação da aurora e também coberto pelas trevas das grandes catástrofes que ainda se acumulavam no horizonte e lentamente mergulhavam no passado. Estabeleceu-se nesse momento, nessa luz e nessa sombra, todo um mundinho novo e velho, bufo e triste, jovem e senil, esfregando os olhos. Nada se parece mais com o despertar quanto o retorno, grupo que olhava a França com incômodo e que a França olhava com ironia. Velhos marqueses caquéticos pelas ruas, emigrados e fantasmas que voltavam, estupefatos com tudo, bons e nobres fidalgos sorrindo por estarem na França e chorando também, encantados por rever a pátria, desesperados por não reencontrar a mesma monarquia. A nobreza das Cruzadas olhando com desprezo a nobreza do Império, quer dizer, a nobreza de espada; as raças históricas que perderam o senso da História; os filhos dos companheiros de Carlos Magno menosprezando os companheiros de Napoleão. As espadas, como dissemos, trocavam insultos; a espada de Fontenoy era ridícula e parecia enferrujada; a de Marengo era detestável e não passava de sabre. O Outrora não reconhecia o Ontem. Não se tinha mais o sentimento da grandeza nem do ridículo. Houve quem comparasse Bonaparte a Scapin. Esse mundo não existe mais. Nada disso, repetimos, existe mais. Quando realçamos por acaso alguma imagem e tentamos recriá-la por pensamento, ela nos parece estranha como um mundo antediluviano. Porque, de fato, foi tragado por um dilúvio. Desapareceu debaixo de duas revoluções. Quanta água, quantas ideias! Como rapidamente cobrem tudo que têm como missão destruir e enterrar, como prontamente criam assustadoras profundidades!

Era essa a fisionomia dos salões daqueles tempos distantes e cândidos em que o sr. Martainville era mais espirituoso do que Voltaire.

Esses salões tinham uma literatura e uma política próprias. Neles acreditava-se em Fiévée. Agier era autoridade. Citava-se Colnet, o livreiro propagandista do cais

Malaquais. Napoleão era totalmente o Ogro da Córsega. Mais tarde, introduzir na História o marquês de Buonaparte, tenente-geral das Forças Armadas do rei, foi uma concessão ao humor do século.

Tais salões não permaneceram puros por muito tempo. A partir de 1818 alguns doutrinários começaram a aparecer, nuança preocupante. Sua maneira própria era se dizerem monarquistas, mas se desculpando. Ali onde os ultras eram orgulhosos, os doutrinários se sentiam um pouco envergonhados. Tinham espírito, se mantinham em silêncio. Seu dogma político era adequadamente contrabalançado pela arrogância; fariam sucesso. Aderiram, aliás utilmente, a exageros de gravatas brancas e vestes abotoadas. O erro, ou a miséria, do partido doutrinário foi criar uma juventude velha, com poses de entendidos em tudo. Sonhavam enxertar no princípio absoluto e excessivo um poder temperado. Opunham, às vezes com muita inteligência, ao liberalismo demolidor um liberalismo conservador. Podiam ser ouvidos dizer: "Boa vontade com o monarquismo! Ele prestou serviços. Trouxe a tradição, o culto, a religião, o respeito. É fiel, bravo, cavalheiresco, afetivo, dedicado. Mistura, mesmo a contragosto, nas grandes novidades da nação, as grandezas seculares da monarquia. Erra ao não compreender a Revolução, o Império, a glória, a liberdade, as ideias jovens, as jovens gerações, o século. Mas esse erro com relação a nós, também não cometemos às vezes com relação a ele? A Revolução, da qual somos herdeiros, deve tudo compreender. Atacar o monarquismo é contrário ao liberalismo. Que erro! Que cegueira! A França revolucionária desrespeita a França histórica, isto é, sua mãe, isto é, ela própria. A partir do 5 de Setembro, trata-se a nobreza da monarquia como, a partir do 8 de Julho, tratava-se a nobreza do Império. Eles foram injustos com a águia, somos injustos com a flor de lis. Queremos sempre alguma coisa a proscrever! Desdourar a coroa de Luís XIV, riscar o brasão de Henrique IV serve para quê? Zombamos do sr. De Vaublanc, que mandou apagar os N da ponte de Iéna! O que ele fez é o mesmo que fazemos. Bouvines nos pertence como Marengo. As flores de lis são nossas como os N. São o nosso patrimônio. Para que diminuí-lo? Não se deve renegar o passado da pátria nem o presente. Por que não aceitar a História inteira? Por que não amar a França inteira?"

Era como os doutrinários criticavam e protegiam o monarquismo, não gostando de serem criticados e furiosos de serem protegidos.

Os ultras marcaram a primeira época do monarquismo, a congregação caracterizou a segunda. Ao ímpeto sucedeu a habilidade. Limitemos aqui esse esboço.

Ao longo desta narrativa, o autor deste livro encontrou no seu caminho esse momento curioso da história contemporânea e precisou dar uma olhada de

passagem e retraçar algumas linhas daquela sociedade hoje desconhecida. Fez isso rapidamente e sem qualquer sentimento amargo ou de desprezo. Lembranças carinhosas e respeitosas, pois remetem à sua mãe, o ligam a esse passado. Aliás, devemos reconhecer, a esse mesmo mundinho não faltava grandeza. Pode-se sorrir, mas não desprezar ou odiar. Era a França de antigamente.

Como todas as crianças, Marius Pontmercy teve algum estudo. Quando saiu das mãos da tia Gillenormand, seu avô o confiou a um digno professor da mais pura candidez clássica. Aquela jovem alma que apenas desabrochava, passou de uma beata a um pedante. Marius terminou os seus anos secundários e entrou depois para a Escola de Direito. Era monarquista, fanático e austero. Tinha pouca afeição pelo avô, cuja jovialidade e cujo cinismo o constrangiam e se fechava com relação a seu pai.

No fim de tudo era um rapaz ardente e frio, nobre, generoso, altivo, religioso, exaltado; digno até a dureza, puro até a selvageria.

IV

O fim do bandido

O término dos estudos clássicos de Marius coincidiu com a retirada do sr. Gillenormand do convívio mundano. O velho disse adeus ao bairro de Saint-Germain e ao salão da sra. De T…, mudando-se para a rua Filles-du-Calvaire, no bairro do Marais. Tinha como empregados, além do porteiro, a arrumadeira Nicolette, que sucedera Magnon, e o arfante e asmático Basco, de que já falamos.

Em 1827, Marius acabava de fazer dezessete anos. Voltando uma tarde para casa, encontrou o avô, que lhe disse, com uma carta na mão:

— Marius, você amanhã terá que ir a Vernon.

— Por quê? — perguntou o rapaz.

— Para ver o seu pai.

Marius estremeceu. Tinha pensado em tudo, menos nisso; nunca havia imaginado que um dia teria que ir visitar o pai. Nada podia ser mais inesperado,

mais surpreendente e, diga-se, mais desagradável. Era o afastamento obrigado à aproximação. Não chegava a causar tristeza, era apenas pelo incômodo.

Além dos motivos de antipatia política, Marius estava convencido de que o pai, o homem do sabre, como o chamava o sr. Gillenormand nos seus dias mais delicados, não gostava dele. Era evidente, já que o havia abandonado e entregado a outros. Não se sentindo amado, também não o amava. Nada mais simples, ele dizia para si mesmo.

Tão surpreso ficou que nada perguntou ao sr. Gillenormand.

— Parece que está doente e quer vê-lo — continuou o avô.

E após um momento de silêncio, acrescentou:

— Vá amanhã de manhã. Acho que às seis horas sai do pátio de Fontaines uma diligência, que chega por lá no fim da tarde. Não deixe de ir, parece ser urgente.

Depois amassou a carta e meteu-a no bolso.

Marius poderia ter partido na mesma noite, para estar na manhã seguinte com o pai. Naquela época havia uma diligência que saía da rua Bouloi, indo para Rouen, e passava por Vernon. Nem Gillenormand nem Marius pensaram em se informar.

No dia seguinte, ao cair da tarde, Marius chegou a Vernon. Começavam a acender as luzes. Perguntou à primeira pessoa que encontrou *pela casa do sr. Pontmercy*, pois, pelo pensamento da Restauração, seu pai não era barão nem coronel.

Indicaram a casa. Ele foi até lá, bateu e veio abrir a porta uma mulher, com um candeeiro na mão.

— O sr. Pontmercy? — perguntou Marius.

A mulher ficou imóvel.

— É aqui? — tornou Marius.

A mulher fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Posso falar com ele?

A mulher fez um sinal negativo.

— Mas sou o filho dele! — insistiu ele. — E sei que me espera.

— Já não o espera — respondeu a velha.

Só então reparou Marius nas suas lágrimas.

Ela apontou para a porta de uma sala baixa e ele entrou.

Na sala, iluminada por uma vela de sebo em cima do fogão, estavam três homens, um de pé, outro de joelhos e o terceiro deitado no chão, em mangas de camisa. Este último era o coronel.

Os outros eram um médico e um padre, que rezava.

Há três dias o coronel tivera uma fortíssima febre. Imediatamente, com um mau pressentimento, ele escreveu a Gillenormand dizendo precisar ver o filho. A doença se agravou. Na mesma tarde em que Marius chegou a Vernon o coronel entrou em delírio, levantou-se da cama e, apesar dos esforços da criada para contê-lo, gritava:

— Meu filho não chega! Vou procurá-lo!

Depois saiu do quarto e caiu no chão. Acabava de morrer.

O médico e o padre foram chamados. O médico chegou tarde demais, o padre chegou tarde demais. O filho também chegou tarde demais.

À claridade crepuscular da vela distinguiam-se nas faces do coronel, imóveis e sem brilho, lágrimas que haviam corrido de seus olhos mortos. Os olhos estavam extintos, mas as lágrimas não estavam secas. Aquelas lágrimas eram pela demora do filho.

Marius contemplou aquele a quem ele via pela primeira e última vez, um rosto venerável e viril, olhos abertos que nada viam, cabelos brancos, membros fortes, nos quais se distinguiam algumas linhas amarronzadas, que eram dos golpes de sabre, e marcas parecendo estrelas avermelhadas, que eram dos buracos de balas. Observou a gigantesca cicatriz que o heroísmo imprimira naquele rosto em que Deus imprimira a bondade. Aquele homem era o seu pai e ele estava morto. Manteve-se frio.

A tristeza que sentia era a mesma que teria diante de qualquer outro homem morto.

O luto, o luto pungente, enchia a casa. A criada gemia num canto, o padre rezava e ao mesmo tempo chorava. O médico enxugava os olhos. O próprio cadáver derramava lágrimas.

Médico, padre e criada através da aflição olhavam para Marius, sem pronunciar uma só palavra; era ele a pessoa estranha. Pouco comovido, ele se sentiu envergonhado e sem graça por sua atitude; tinha o chapéu na mão e deixou que caísse, para que pensassem que a dor lhe tirava as forças.

Ao mesmo tempo sentiu uma espécie de remorso e desprezo por si mesmo por proceder assim. Mas seria culpa sua? Ora, não tinha a menor relação com o pai!

O coronel não deixava coisa alguma. A venda da mobília mal chegou para a despesa do enterro. A criada achou um papel e o entregou a Marius. Nele constava o seguinte, escrito pelo coronel:

Para meu filho.

> O imperador me tornou barão no campo de batalha de Waterloo. Visto que a Restauração me contesta esse título, que paguei com meu sangue, meu filho o herdará e poderá usá-lo. Escuso dizer que será digno dele.

No verso, acrescentara o coronel:

> Nessa mesma batalha de Waterloo, um sargento me salvou a vida. Seu nome é Thénardier. Nos últimos tempos creio que tinha uma pequena estalagem numa aldeia dos arredores de Paris, Chelles ou Montfermeil. Se meu filho o encontrar, que faça por ele tudo que puder.

Não por seu pai, mas pelo vago respeito com relação à morte, sempre tão imperioso no coração humano, Marius pegou o papel e guardou.

Nada restou do coronel. Gillenormand mandou vender a espada e o uniforme. Os vizinhos assaltaram o jardim e roubaram as flores raras. As outras plantas se tornaram mato e morreram.

Marius ficou apenas quarenta e oito horas em Vernon. Depois do enterro voltou para Paris e continuou os estudos de Direito, sem pensar mais no pai, como se ele nunca tivesse existido. Em dois dias o coronel foi enterrado e em três esquecido.

Marius trazia uma fita preta no chapéu; só isso.

V

A utilidade de se ir à missa para se tornar um revolucionário

Marius conservara os hábitos religiosos da infância. Num domingo em que foi à missa em Saint-Sulpice, naquela mesma capela da Virgem a que a tia o levava quando era criança, estando mais distraído e pensativo do que de ordinário, ajoelhou-se sem reparar atrás de uma coluna, numa cadeira de veludo d'Utrecht, em

cujas costas estava escrito o nome *Sr. Mabeuf, sacristão.* A missa tinha apenas começado, quando um velho se aproximou e disse:

— Queira desculpar, mas é o meu lugar.

Marius se levantou rápido e o velho assumiu sua cadeira.

Terminada a missa, Marius estava ainda a alguns passos de distância, pensativo. O mesmo velho se aproximou:

— Peço que me desculpe por tê-lo incomodado no começo da missa e de agora voltar ainda a incomodar. O senhor deve ter me achado importuno, gostaria de me explicar.

— Oh, senhor, não é preciso.

— Faço questão — insistiu o velho. — Não quero que faça má ideia de mim. Tenho muita predileção por este lugar. Parece-me que a missa aqui é melhor. Sabe por quê? Vou dizer. Foi deste lugar que vi, por dez anos, de dois em dois ou de três em três meses, muito regularmente, um pobre e digno pai, que não tinha outra ocasião nem maneira de ver o filho, por complicações de família. Aparecia sempre à hora em que sabia trazerem o menino à missa. A criança não imaginava que o pai aqui estivesse e sequer sabia ter pai, o pobre inocente. O pai, por sua vez, mantinha-se atrás do pilar para que não o vissem. Contemplava o filho e chorava; o pobre homem adorava o menino. Vi-o muitas vezes. Este lugar ficou como sagrado, para mim. Acostumei-me então a sempre assistir daqui à missa. Prefiro-o à bancada em que poderia estar, como sacristão. Cheguei até a conhecer o infortunado pai. Tinha um sogro, uma tia rica, e não sei mais que parentes que ameaçavam deserdar a criança, se ele procurasse entrar em contato. Sacrificava-se para que o filho pudesse um dia ser rico e feliz. Separaram-no dele por causa de opiniões políticas. Concordo que se tenham opiniões políticas; mas há gente que não sabe pôr um limite a isso. Valha-me Deus! Um homem não é um monstro só por ter estado em Waterloo; não se separa um pai de seu filho por semelhante coisa. Era um coronel de Bonaparte e provavelmente já morreu. Morava em Vernon, onde tenho um irmão que é padre. Chamava-se… Tinha um nome como Pontmarie ou Montpercy… E também uma cicatriz no rosto.

— Pontmercy — disse Marius, empalidecendo.

— É isso mesmo! Pontmercy. Conheceu-o?

— Era meu pai.

O velho sacristão juntou as mãos e exclamou:

— Então o senhor é o menino de então! É isso, claro; seria já um homem, hoje em dia. Pobre criança! Pode dizer que teve um pai que o adorava!

Marius ofereceu o braço ao velho e o acompanhou até a sua casa. No dia seguinte disse ao sr. Gillenormand:

— Fui convidado por uns amigos para uma caçada. Posso me ausentar por três dias?

— Por quatro! — respondeu o avô. — Divirta-se.

Piscando o olho, disse ele em voz baixa à filha:

— Algum namorico!

VI

Em que dá ter encontrado um sacristão

Aonde Marius foi, mais adiante se verá.

Marius ficou três dias fora e voltou a Paris. Foi direto à biblioteca da Escola de Direito e pediu a coleção de números antigos do *Moniteur.*

Leu o *Moniteur*, leu todas as histórias da República e do Império, o *Memorial de Santa Helena*, todos os periódicos, boletins e proclamações, devorou tudo. Quando pela primeira vez se deparou com o nome do seu pai nos boletins do Grande Exército, teve febre por uma semana. Foi procurar os generais sob cujas ordens Georges Pontmercy servira, entre os quais o conde H. O sacristão Mabeuf, que ele voltou a procurar, contou como seu pai vivia em Vernon, falou do seu isolamento, das suas flores. Marius acabou conhecendo bem o personagem raro, sublime e meigo, a espécie de leão-cordeiro que seu pai havia sido.

Entretanto, ocupado com essa pesquisa, que absorvia seu tempo e seu pensamento, quase não via mais os Gillenormand. Aparecia às horas de refeição e depois, se o procurassem, já não o achavam. A tia resmungava, o avô sorria:

— Ora! É o tempo das moças!

Algumas vezes acrescentava:

— Diabo, achei ser alguma brincadeira e parece que é uma paixão!

Tratava-se, com efeito, de uma paixão. Marius estava em adoração ao pai.

Ao mesmo tempo, uma mudança extraordinária se operava em suas ideias. As fases de tal mudança foram numerosas e sucessivas. Como muitas inteligências do

nosso tempo passaram pela mesma trajetória, julgamos útil seguir suas fases passo a passo, indicando-as todas.

A história que acabava de descobrir o assustava.

O primeiro efeito foi o deslumbramento.

Até então, a República e o Império tinham sido para ele apenas palavras monstruosas. A primeira era uma guilhotina num crepúsculo; o segundo, um sabre no meio da noite. Mas olhara de perto e ali onde esperava encontrar um caos de trevas, com uma espécie de surpresa extrema, medo e alegria, viu brilharem astros como Mirabeau, Vergniaud, Saint-Just, Robespierre, Camille Desmoulins, Danton, e despontar um sol, Napoleão. Não sabia mais se situar. Recuava, ofuscado por tanta luz. Pouco a pouco, passado o espanto, acostumou a vista, considerou as ações sem vertigem, examinou os personagens sem terror. A Revolução e o Império se puseram luminosamente em perspectiva diante das suas pupilas visionárias, ele viu cada um desses dois grupos de acontecimentos e de homens se resumir em dois enormes acontecimentos: a República na soberania do direito civil devolvido às massas, o Império na soberania da ideia francesa imposta à Europa. Ele viu sair da Revolução a grande imagem do povo e do Império a grande imagem da França. Em sua própria consciência, ele admitiu que tudo aquilo tinha sido bom.

O que o seu deslumbramento não percebia, nessa primeira e demasiadamente sintética apreciação, não achamos necessário indicar aqui. É o estado de uma inteligência em marcha que constatamos. Os progressos não se fazem todos numa só etapa. Dito isso, de uma vez por todas, tanto para o que precedeu quanto para o que virá, continuamos.

Marius, em todo caso, percebeu que até então não havia entendido o seu país, como não havia entendido seu pai. Não conhecera nem um nem outro, tendo preferido uma obscuridade diante dos olhos. Mas agora enxergava, e de um lado admirava e de outro adorava.

Lamentava e tinha remorsos, pensando com desespero que só a um túmulo podia dizer o que sentia na alma. Oh, se seu pai ainda existisse, se ainda o tivesse, se Deus, em sua compaixão e bondade permitisse que o pai ainda vivesse, como teria corrido, como se precipitaria para dizer: "Aqui estou, pai! Meu coração é igual ao seu, sou seu filho!"

Como beijaria aquela cabeça encanecida, inundaria os cabelos de lágrimas, contemplaria a cicatriz; como lhe teria apertado as mãos, realmente adorado e beijado os pés! Porque tinha o pai morrido tão cedo, antes da idade, antes da justiça, antes da afeição de seu filho! Marius tinha um contínuo soluço no coração, repetindo o tempo todo: que pena! Ao mesmo tempo, ele realmente se tornava mais

sério, mais grave, mais seguro com relação ao seu pensamento e à sua fé. A toda hora deslumbres da verdade vinham completar sua razão. De certa forma, ele se sentia interiormente evoluir. Um crescimento natural graças a essas duas novidades: o pai e a pátria.

Quando se tem a chave, tudo se abre, e ele conseguiu explicação para tudo que detestou, compreendeu tudo que havia odiado. Claramente começou a enxergar o sentido providencial, divino e humano, das grandes obras que aprendera a rejeitar e dos grandes homens que lhe tinham ensinado a amaldiçoar. Quando pensava em suas opiniões anteriores, que no entanto eram de ontem e pareciam já tão antigas, ele se indignava e sorria.

Da reabilitação do pai ele passou naturalmente à reabilitação de Napoleão.

Esta última, no entanto, não se fez tão facilmente.

Desde a infância fora imbuído das opiniões do partido de 1814 sobre Bonaparte. E todos os preconceitos da Restauração, todos os seus interesses, os seus instintos, tendiam a desfigurar o imperador. Ela o execrava ainda mais que a Robespierre. Havia, com muita habilidade, explorado o cansaço da nação e o rancor das mães. Bonaparte tinha se tornado uma espécie de monstro quase fabuloso e, para descrevê-lo à imaginação do povo que, como indicamos ainda há pouco, é como a imaginação infantil, o partido de 1814 sucessivamente trazia à luz todas as máscaras assustadoras, desde o que é terrível, apesar de grandioso, até o que é terrível, apesar de grotesco: desde Tibério até o bicho-papão. Assim, quando se falava de Bonaparte, podia-se livremente chorar ou estourar de rir, contanto que fosse de ódio. Marius nunca havia disposto sobre "aquele homem", como era chamado, outras ideias em seu entendimento. Elas se haviam naturalmente organizado com a tenacidade da sua natureza. Havia nele um homenzinho teimoso que odiava Napoleão.

Lendo a história, sobretudo a partir dos documentos e dos materiais, o véu que cobria Napoleão pouco a pouco se desfez. Percebeu algo imenso e desconfiou de ter até então se enganado sobre Bonaparte, como sobre tudo o mais. A cada dia as coisas se esclareciam e ele começou a lentamente escalar — passo a passo, de início quase contrariado e depois com embriaguez, como se um fascínio irresistível o conduzisse — primeiro os degraus sombrios, depois os degraus vagamente iluminados e, enfim, os degraus luminosos e esplêndidos do entusiasmo.

Certa noite, ele se encontrava em seu quartinho situado sob a mansarda. Uma vela estava acesa e ele lia, os cotovelos apoiados na mesa, ao lado da janela aberta. Todo tipo de devaneio vinha de fora e invadia o seu pensamento. Que espetáculo é a noite! Ouvem-se barulhos abafados sem que se saiba de onde vêm, vê-se Júpiter

lampejar, que é mil e duzentas vezes maior que a Terra. O azul do céu fica negro, as estrelas brilham, é formidável.

Estava lendo os boletins do Grande Exército, estrofes heroicas escritas no campo de batalha. Vez ou outra via o nome de seu pai, o tempo todo o nome do imperador; o Grande Império inteiro se revelava. Sentia como uma maré crescente, inchando cada vez mais; às vezes tinha a impressão de que o pai estava ali, como um sopro, e falava a seu ouvido. Algo ligeiramente estranho começou a se agitar nele, o rufar de tambores, o trovoar do canhão, os clarins, o passo cadenciado dos batalhões, o galopar surdo e longínquo das cavalarias. De vez em quando seus olhos se erguiam para o céu, viam luzir nas profundezas sem fundo as constelações colossais e voltavam para o livro, vendo outras coisas colossais confusamente se moverem. Sentia o coração tolhido, o espírito enlevado, estava trêmulo, sem ar e, de repente, sem saber exatamente o que acontecia e a que força obedecia, ele se pôs de pé, estendeu os braços para fora da janela, olhou fixamente a sombra, o silêncio, o infinito tenebroso, a imensidão eterna e gritou: "Viva o imperador!"

A partir desse momento, tudo estava dito. O Ogro da Córsega, o usurpador, o tirano, o monstro que era amante das próprias irmãs, o histrião que seguia as lições de Talma, o envenenador de Jaffa, o tigre, *Buonaparté*, tudo isso desapareceu, abrindo lugar em sua mente para uma vaga e deslumbrante irradiação em que resplendia, a uma altura inacessível, o alvo e marmóreo fantasma de César. Para o soldado Pontmercy, o imperador tinha sido apenas o bem-amado e admirado capitão a quem ele se dedicou, mas para Marius foi algo mais. Foi o construtor predestinado do agrupamento francês sucessor do agrupamento romano no domínio do universo. Foi o prodigioso arquiteto de um desmoronamento, o continuador de Carlos Magno, de Luís XI, de Henrique IV, de Richelieu, de Luís XIV e do Comitê da Salvação Pública, tendo sem dúvida suas manchas, seus erros e até mesmo seu crime. Ou seja, era humano. Mas augusto em seus erros, brilhante em suas manchas, poderoso em seu crime. Foi o homem predestinado que obrigou todas as nações a dizerem: a grande nação. Fez ainda mais, foi a própria encarnação da França, conquistando a Europa pela espada que empunhava e o mundo pela luz que propagava. Marius viu em Bonaparte o espectro fulgurante que sempre se erguerá na fronteira e velará sobre o futuro. Déspota, mas ditador, déspota resultado de uma república e resumindo uma revolução, Napoleão se tornou, para ele, o homem-povo, como Jesus é o homem-Deus.

Vê-se que, à maneira dos neófitos numa religião, sua conversão o embriagava, ele se precipitava na adesão e ia longe demais. Era da sua natureza: uma vez na ladeira, era quase impossível parar. O fanatismo pela espada o invadia e complicava, em sua

mente, o entusiasmo pela ideia. Não percebia que, misturada ao gênio, ele admirava a força, ou seja, estabelecia, nos dois compartimentos da sua idolatria, de um lado o que é divino e de outro o que é brutal. Sob vários aspectos, enganava-se ainda, só que de outra forma. Admitia tudo. Há maneiras de se chegar ao erro, indo na direção da verdade. Marius tinha uma forma de boa-fé violenta e fazia de tudo um bloco só. Na nova trilha que tomava, tanto ao julgar os erros do Antigo Regime quanto na avaliação da glória de Napoleão, ele ignorava circunstâncias atenuantes.

Fosse como fosse, dera um passo prodigioso. Onde noutro tempo vira a queda da monarquia, via agora a elevação da França. A sua orientação estava mudada. O que antes era o poente se tornou o levante. Ele mudara de posição.

Todas essas revoluções no modo de pensar de Marius se operavam sem que a família suspeitasse.

Depois de perder completamente, nesse misterioso trabalho, a sua antiga pele de bourbonense e de ultra, depois de despir o invólucro aristocrático, jacobita e monarquista, acreditando-se plenamente revolucionário, profundamente democrata e quase republicano, ele foi a uma impressora no *quai des* Orfèvres e encomendou cem cartões de visita com este nome: *Barão Marius Pontmercy*.

Era a consequência bastante lógica da mudança que nele se operara; mudança em que tudo passava a gravitar em torno do seu pai.

Mas como não conhecia ninguém nem podia distribuir os cartões, meteu-os no bolso.

Outra consequência natural: à medida que se aproximava do pai, da sua memória e das coisas pelas quais o coronel por vinte e cinco anos havia combatido, ele se afastava do avô. Como foi dito, as maneiras do sr. Gillenormand nunca lhe agradaram. Já de início havia entre os dois todas as dissonâncias que podem haver entre um jovem circunspecto e um velho frívolo. A alegria de Geronte choca e irrita a melancolia de Werther. Enquanto as opiniões políticas e as ideias coincidiam, Marius nelas se encontrava com o avô como numa ponte. Quando essa ponte caiu, escancarou-se o abismo. Mas, acima de tudo, o jovem tinha acessos inexprimíveis de revolta ao lembrar que por motivos estúpidos fora impiedosamente afastado do coronel, privando com isso o pai do seu filho e o filho do seu pai.

À força de veneração pelo pai, Marius passou a quase ter aversão pelo avô.

Nada disso, repetimos, se traía de forma visível. Ele apenas se tornava cada vez mais frio, lacônico à mesa e menos presente em casa. Quando a tia ralhava com ele por esses motivos, mostrava-se dócil e dizia ser por causa dos estudos, das aulas, dos exames, das conferências etc. O avô mantinha seu infalível diagnóstico:

— Está apaixonado! Conheço isso.

Marius, de vez em quando, se ausentava.

— Mas aonde vai ele? — perguntava a tia.

Numa dessas viagens, sempre muito curtas, ele foi a Montfermeil, seguindo a indicação que seu pai deixara, procurando o sargento de Waterloo, o estalajadeiro Thénardier. Thénardier havia falido, a casa estava fechada e não sabiam que fim tinha levado. Nessas indagações, Marius esteve quatro dias fora de casa.

— Realmente — disse o avô —, está muito envolvido nisso.

Tinham também notado que aparentemente Marius carregava no peito, por baixo da camisa, alguma coisa numa fita preta, presa ao pescoço.

VII

História de saias

Já falamos de um lanceiro.

Era um sobrinho em segundo grau que o sr. Gillenormand tinha por lado de pai e que vivia fora da família e de qualquer lar doméstico, levando a vida de quartel. O tenente Théodule Gillenormand preenchia todas as condições requeridas para ser o que se chama um bonito oficial. Tinha "uma cintura de menina", um jeito vitorioso de arrastar o sabre e usava o bigode retorcido. Vinha raramente a Paris, tão raramente que Marius nunca o tinha visto. Os dois primos só se conheciam de nome. Théodule, provavelmente já dissemos, era o favorito de tia Gillenormand, que gostava dele por nunca vê-lo. Não ver as pessoas possibilita supor nelas todas as perfeições.

Certa manhã, a srta. Gillenormand foi para o seu quarto tão agitada quanto a sua placidez permitia. Marius acabava de mais uma vez pedir licença ao avô para uma pequena viagem, dizendo que pensava partir naquela mesma tarde.

— Pode ir! — respondeu o avô, acrescentando, à parte e erguendo as sobrancelhas: — Anda dormindo fora cada vez mais.

A srta. Gillenormand foi então para o seu quarto intrigada e, ainda na escada, não conteve uma exclamação: "É demais!" Logo em seguida uma interrogação: "Mas aonde será que ele vai?"

Imaginava alguma aventura sentimental mais ou menos ilícita, uma mulher à sombra, um encontro, um mistério; que ela bem gostaria de poder desvendar. A degustação de um mistério é como a novidade de um escândalo, são coisas que as santas almas apreciam bastante. Constata-se, nos compartimentos secretos da carolice, certa curiosidade pelos fatos chocantes.

Ela estava, pois, enredada no vago apetite de descobrir uma história.

Para se distrair dessa curiosidade, que a agitava bem além do que era habitual, refugiou-se nas suas prendas e começou um daqueles bordados do Império e da Restauração, em que abundam rodas de cabriolé. Estava há horas sentada numa cadeira, quando de repente a porta foi aberta. A srta. Gillenormand levantou o nariz e diante dela estava o tenente Théodule, fazendo uma continência militar. Ela deu um grito de felicidade. Apesar de velha, beata, arisca e tia, é sempre agradável ver entrar no seu quarto um lanceiro.

— Que surpresa, Théodule! — exclamou ela.

— Estou só de passagem, minha tia.

— Então me dê um abraço.

— Agora mesmo! — disse Théodule.

O rapaz a abraçou e beijou. A tia Gillenormand foi direto à secretária e abriu-a.

— Fica pelo menos uma semana?

— Vou-me esta noite mesmo, tia.

— Não é possível.

— É forçoso.

— Fique um pouco, meu Théodule, quero muito.

— O coração diz sim, mas as ordens dizem não. A coisa é simples: mudam-nos de guarnição; estávamos em Melun, mandam-nos para Gaillon. O deslocamento da antiga para a nova praça passa por Paris; por isso disse a mim mesmo: vou visitar minha tia.

— Fique com isso pelo incômodo — disse a tia.

E meteu-lhe na mão dez luíses.

— Pelo prazer, querida tia.

Théodule abraçou outra vez a tia, que adorou sentir o pescoço arranhado pelos bordados da farda.

— Faz o percurso a cavalo com o regimento? — perguntou ela.

— Não, minha tia. Como queria vê-la, pedi uma licença especial. Um camarada leva o meu cavalo e vou de diligência. Aliás, queria perguntar uma coisa.

— O quê?

— O primo Marius Pontmercy também vai viajar?

— Como sabe disso? — perguntou a tia, subitamente animada pela curiosidade.

— Assim que cheguei, fui reservar um lugar na diligência…

— E então?

— Outro passageiro já comprara o lugar que eu queria, na imperial, e vi o seu nome na folha: Marius Pontmercy.

— Que sonso! — exclamou a tia. — Ah, seu primo não é bem-comportado como você! E pensar que vai passar a noite numa diligência!

— Eu também.

— Mas você é por dever. Ele é por farra.

— Caramba! — disse Théodule.

Aconteceu então algo à srta. Gillenormand: ela teve uma ideia. Se fosse homem teria batido na testa.

— Sabe que seu primo não o conhece? — observou ela.

— Não me conhece. Já o vi uma vez, mas ele nem se dignou a olhar para mim.

— Vão na mesma diligência?

— Ele na imperial e eu no *coupé*.

— Para onde vai a diligência?

— Para Andelys.

— E Marius?

— Pode ser que, como eu, ele desça no caminho. Faço baldeação em Vernon, para Gaillon. Nada sei do itinerário de Marius.

— Marius! Que nome feio! Que ideia esta de dar um nome assim! Você, pelo menos, se chama Théodule!

— Preferiria me chamar Alfred... — disse o oficial.

— Ouça, Théodule.

— Estou ouvindo, minha tia.

— Preste atenção.

— Estou prestando.

— É importante.

— Entendo.

— Marius se ausenta repetidas vezes.

— Hum!

— Viaja.

— Ah!

— Dorme fora de casa.

— Epa!

— Gostaríamos de saber o que significa tudo isso.

Théodule respondeu com o sossego de um homem experiente:

— Alguma história de saias.

E com o sorriso dúbio de quem descobriu alguma coisa, acrescentou:

— Uma mocinha qualquer.

— É evidente! — exclamou a tia, tendo a impressão de ouvir o sr. Gillenormand e se convencendo por causa da palavra "mocinha", pronunciada quase com o mesmo tom pelo tio-avô e o sobrinho. Ela continuou:

— Você pode me fazer um favor. Siga um pouco atrás de Marius; isso para você é fácil, por ele não conhecê-lo. Uma vez que se trata de uma moça, tente vê-la. Escreva-nos contando a história, que há de divertir muito o avô.

Théodule não gostava muito desse tipo de coisa; mas estava bem impressionado com os dez luíses, imaginando que outros viriam. Aceitou, portanto, e disse:

— Farei o que pede, minha tia. — E acrescentando para si mesmo: "Era só o que faltava, tomar conta de namoros."

A srta. Gillenormand abraçou-o.

— Você é que não faria besteiras desse tipo, Théodule. Obedece à disciplina, é escravo das ordens que recebe, é homem de escrúpulos e de dever; não deixaria a família para estar com uma "criatura".

O lanceiro fez a careta satisfeita do assaltante que é louvado pela probidade.

Marius, naquela mesma tarde, tomou a diligência, sem nem de longe suspeitar que estava sendo espionado. Já o seu vigia, a primeira coisa que fez foi dormir. Um sono completo e consciencioso. Argos roncou a noite inteira!

Ao amanhecer, o condutor da diligência gritou:

— Vernon! Passageiros para Vernon!

E o tenente Théodule acordou.

— Bem — resmungou ele, ainda meio adormecido —, é aqui que eu desço.

Depois, recobrando pouco a pouco a memória, lembrou-se da tia, dos dez luíses e de Marius. Deu uma risada e pensou, abotoando o paletó do uniforme: "Talvez nem esteja mais na carruagem. Pode ter descido em Triel, se não tiver ficado em Meulan. Ou em Mantes, a não ser que tenha preferido Rolleboise, para de lá ir a Pacy, podendo pegar o caminho da esquerda, para Évreux, ou da direita, para Laroche-Guyon. Vire-se com isso, titia. Que diabo vou poder escrever à pobre velha?

Nesse momento, viu pela janela de vidro uma calça preta que descia da imperial.

— Será o Marius? — disse consigo o tenente.

Era Marius.

Junto da carruagem, entre os cavalos e os cocheiros, uma camponesa vendia flores aos passageiros:

— Alegrem as suas senhoras — gritava ela.

Marius se aproximou dela e comprou as mais belas flores do cesto.

— Agora também eu tenho vontade de saber. A quem diabo ele vai levar essas flores? Precisa ser bem bonita para merecer um buquê desses. Quero vê-la.

E já não mais para satisfazer a incumbência da tia, mas por curiosidade, começou a seguir Marius.

O rapaz não se preocupava minimamente com Théodule. Da carruagem desceram algumas mulheres elegantes, mas ele nem as via. Parecia não reparar em coisa alguma.

"Está apaixonado!", pensou Théodule.

Marius tomou a direção da igreja.

"Maravilha! Na igreja, é isso! Encontros amorosos temperados com pitada de missa são os melhores. Nada melhor do que olhadelas que passam por cima de Deus."

Marius, porém, chegando à igreja não entrou. Contornou-a e desapareceu pela parte de trás.

"O encontro então é fora da igreja", continuou Théodule. "Vejamos a tal moça."

E avançou pé ante pé, até a quina atrás da qual Marius tinha sumido.

Chegando, parou estupefato.

Marius, com o rosto entre as mãos, estava ajoelhado na grama, junto a uma cova. Depois espalhou as flores que havia trazido. Na extremidade da sepultura, numa elevação que determinava o lugar de cabeça havia uma cruz de madeira preta, com este nome em letras brancas: *Coronel Barão Pontmercy*. Marius soluçava.

A sua amante era uma sepultura.

VIII

Mármore contra granito

Era onde Marius havia estado na sua primeira ausência de Paris. Era aonde sempre voltava, todas as vezes que o sr. Gillenormand dizia: ele está dormindo com alguém.

O tenente Théodule ficou absolutamente confuso com a aparição inesperada do sepulcro. Sentiu algo desagradável e singular, que era incapaz de analisar, onde se misturavam o respeito pelos túmulos e o respeito pelos coronéis. Virou-se, deixando Marius sozinho no cemitério, mas foi uma retirada dentro das regras da disciplina. A morte se apresentava com dragonas superiores e ele quase lhe fez o cumprimento militar. Não sabendo o que escreveria à tia, resolveu simplesmente não escrever. O mais provável é que a descoberta feita por Théodule sobre os amores de Marius em nada resultassem, se por uma das misteriosas combinações do acaso a cena de Vernon não tivesse quase imediatamente em Paris uma espécie de repercussão.

Marius voltou de Vernon no terceiro dia, foi para a casa do avô e, cansado das duas noites passadas na diligência e sentindo a necessidade de remediar a falta de sono com uma hora de aula de natação, subiu rapidamente para o seu quarto. Foi só o tempo de despir o casaco de viagem e o cordão negro que tinha preso no pescoço e saiu.

O sr. Gillenormand, acordado desde cedo como todos os velhos que gozam de boa saúde, o ouviu entrar e, o mais rápido que pôde com suas velhas pernas, tomou a escada para o sótão, onde ficava o quarto de Marius. A pretexto de abraçar o neto, queria fazer algumas perguntas para ver se mais ou menos descobria por onde havia estado.

Mas o adolescente gastara menos tempo para descer do que o octogenário para subir, e, quando o sr. Gillenormand entrou na mansarda, já não o encontrou.

A cama estava feita e em cima, deixados despreocupadamente, estavam o casaco e o cordão preto.

— Melhor ainda — disse o sr. Gillenormand.

Pouco depois já entrava na sala, onde estava sentada a filha, bordando.

Chegou triunfante.

Tinha numa das mãos o casaco, na outra a fita de amarrar no pescoço e gritou:

— Vitória! Vamos descobrir o mistério! Vamos saber de tudo até o fim; tomar conhecimento das libertinagens do nosso sonso. Saber do romance de cabo a rabo. Tenho o retrato!

Com efeito, no cordão estava presa uma espécie de caixinha de couro escuro, parecendo um medalhão.

O velho pegou e observou por algum tempo o objeto, antes de abri-lo, com ares de volúpia e encanto, como um pobre esfomeado olharia passar diante do seu nariz

uma ótima refeição que não é sua.

— É, evidentemente, um retrato. Disto entendo eu. São coisas que se trazem no coração. Estúpidos! É alguma abominável labrega, de dar medo! Os rapazes de hoje têm muito mau gosto!

— Vamos ver, meu pai — disse a solteirona.

A bolsa se abria por pressão. Havia lá dentro apenas um papelzinho cuidadosamente dobrado.

— *Da mesma ao mesmo* — disse o sr. Gillenormand, rindo. — Já sei o que é isso. Uma cartinha apaixonada.

— Vamos ler — disse a tia.

Ela pôs os óculos, o papel foi desdobrado e eles leram:

Para meu filho.

O imperador me tornou barão no campo de batalha de Waterloo. Visto que a Restauração me contesta esse título, que paguei com o meu sangue, meu filho o herdará e poderá usá-lo. Escuso dizer que será digno dele.

É impossível descrever a reação do pai e da filha. Sentiram-se gelados como pelo sopro da morte. Não trocaram uma só palavra. O sr. Gillenormand disse em voz baixa e como falando consigo:

— É a letra do homem do sabre.

A tia examinou o papel, voltou-o em todos os sentidos e tornou a metê-lo na caixinha.

Ao mesmo tempo caiu do bolso do casaco um pacotezinho quadrilongo, embrulhado em papel azul. A srta. Gillenormand levantou-o do chão e o desembrulhou. Era a centena de cartões de visita de Marius. Ela mostrou um ao pai, que pôde ler: *Barão Marius Pontmercy.*

O velho tocou a campainha. Nicolette apareceu, ele pegou o cordão, a caixinha, o casaco, jogou tudo no chão da sala e ordenou:

— Leve embora essa tralha.

Seguiu-se mais de uma hora de profundo silêncio. O velho e a solteirona haviam se sentado de costas um para o outro e cada um de seu lado pensava provavelmente as mesmas coisas. No fim, disse a tia Gillenormand:

— Bonito!

Alguns instantes depois, apareceu Marius, que voltava. Antes mesmo de entrar na sala, viu na mão do avô um dos seus cartões de visita. Vendo-o entrar, o velho exclamou com ar de superioridade burguesa e irônica, de forma zombeteira:

— Ora, ora, ora! Então você agora é barão? Meus parabéns. O que isto quer dizer?

Marius corou ligeiramente e respondeu:

— Quer dizer que sou filho de meu pai.

O sr. Gillenormand parou de rir e disse com dureza:

— Seu pai sou eu.

— Meu pai — tornou Marius com os olhos baixos e o ar sereno — era um homem humilde e heroico, que gloriosamente serviu à República e à França. Ele foi grande na mais grandiosa história que os homens jamais escreveram, viveu por vinte e cinco anos em acampamentos militares, de dia sob a metralha e as balas, de noite na neve, na lama, debaixo de chuva. Alguém que tomou duas bandeiras, recebeu vinte ferimentos, morreu no esquecimento e no abandono. Seu único erro na vida foi o de amar dois ingratos, a sua pátria e a mim!

Era mais do que o sr. Gillenormand podia aceitar. Ao ouvir a palavra *república* deu um pulo como se tivesse levado um choque. Cada uma daquelas palavras produzia no rosto do velho monarquista o efeito dos sopros de um fole de ferreiro sobre um tição ardente. De sombrio ficou avermelhado, de avermelhado ficou escarlate e de escarlate soltou faíscas.

— Marius! — exclamou ele. — Abominável rapaz! Não sei o que era o seu pai nem quero saber! Nada sei, mas sei só ter havido miseráveis naquela gente! E que era uma súcia de vagabundos, de assassinos, de gorros vermelhos, de ladrões! Todos, não faço exceções! Todos! Ouviu, Marius? Olha, você é tão barão quanto os meus chinelos! Eram todos bandidos que serviram Robespierre, salteadores que serviram Bonaparte! Traidores que traíram, traíram e tornaram a trair o seu rei legítimo! Uns covardes que fugiram diante dos prussianos e dos ingleses em Waterloo! É o que eu sei. Se o senhor seu pai era desses, não sei, mas tenho pena!

Agora, passou a ser Marius a brasa e o sr. Gillenormand o fole. O rapaz tremia como varas verdes, não sabia onde estava, a cabeça ardia. Sentia-se como o padre que vê jogarem para o alto todas as suas hóstias, como o faquir que vê alguém cuspir no seu ídolo. Era impossível que semelhantes palavras fossem ditas impunemente. Mas o que fazer? Seu pai acabava de ser golpeado na sua presença. E por quem? Por seu avô. Como vingaria um sem ultrajar o outro? Era impossível insultar o avô, mas igualmente impossível deixar de vingar o pai. De um lado o túmulo sagrado, de outro os cabelos brancos. Esteve por alguns instantes como embriagado e

cambaleante com todo esse turbilhão na cabeça; depois ergueu os olhos, olhou fixamente para o avô e exclamou em voz forte:

— Abaixo os Bourbon! Abaixo esse porco, Luís XVIII!

Luís XVIII tinha morrido havia quatro anos, mas pouco importava.

O velho, de vermelho que estava ficou mais branco do que os seus cabelos. Virou-se para um busto do duque de Berry, que estava na lareira, e profundamente o saudou, de forma estranhamente majestosa. Em seguida foi por duas vezes, lenta e silenciosamente, da lareira à janela e da janela à lareira, atravessando toda a sala e fazendo estalar o soalho como se fosse uma figura de pedra que andasse. Depois se inclinou na direção da filha, que assistia ao embate, assombrada como uma ovelha velha, e disse, com um sorriso quase tranquilo:

— Um barão como este cavalheiro e um burguês como eu não podem estar sob o mesmo teto.

Voltando a se endireitar, pálido, trêmulo, terrível, com a fronte dilatada pelo medonho relampejar da cólera, ele bruscamente estendeu o braço para Marius e gritou:

— Vá embora!

Marius deixou a casa.

No dia seguinte, o sr. Gillenormand disse à filha:

— De seis em seis meses mande um dinheiro a esse bebedor de sangue e não me fale mais dele.

Tendo ainda muita raiva a liberar e sem saber como, por três meses tratou a filha com cerimônia e distanciamento.

Marius, por sua vez, saiu indignado. Uma circunstância que deve ser contada havia agravado a sua irritação. Pequenas fatalidades frequentemente complicam os dramas domésticos. Aumentam o desentendimento, mesmo que nada tenha se acrescentado. Levando atabalhoadamente, por ordem do avô, "as tralhas" de Marius para o seu quarto, Nicolette sem reparar deixou cair, provavelmente no último lance de escada, que era escura, a caixinha com o papel escrito pelo coronel. Nenhuma das duas coisa pôde ser encontrada. Marius se convenceu de que o "sr. Gillenormand" — como ele nunca mais deixou de chamá-lo — havia atirado ao fogo o "testamento do seu pai". Ele sabia de cor as poucas linhas escritas pelo coronel e, por conseguinte, nada se perdera. Mas o papel, as palavras escritas, aquela relíquia sagrada representavam tudo. O que tinham feito?

Marius se foi, sem saber para onde ia e sem nada dizer, levando com ele trinta francos, seu relógio e algumas roupas num saco de viagem. Tomou um cabriolé de praça, alugado por algumas horas, e se dirigiu ao acaso para o Quartier Latin.

O que seria de Marius?

Nota

1 Em francês, *suspendu*. Excluindo-se o *sus*, resta *pendu*, que significa “enforcado”. (N.T.)

LIVRO QUARTO

OS AMIGOS DO ABC

I

Um grupo que esteve a ponto de tornar-se histórico

Naquela época, aparentemente indiferente, sentia-se um vago *frisson* revolucionário. Pairavam no ar sopros que vinham das profundidades de 1789 e de 1792. A juventude, desculpem-nos a expressão, estava em tempo de muda. Todos se transformavam, mesmo sem notar, pelo próprio movimento do tempo. Os ponteiros que avançam no relógio avançam também nas almas. Cada uma dava adiante o passo que devia dar. Os monarquistas tornavam-se liberais e os liberais, democratas.

Era como uma enchente de maré, em que havia mil refluxos. O próprio dos refluxos é fazer misturas, daí combinações de ideias bem singulares. Por exemplo, ao mesmo tempo adorava-se Napoleão e a liberdade. Estamos apenas reconstituindo a História. Eram as miragens daquele tempo. As opiniões atravessam fases. O monarquismo voltairiano, variedade estranha, teve uma contrapartida não menos estranha, o liberalismo bonapartista.

Outros grupos intelectuais eram mais sérios. Sondavam o princípio, mantinham-se ligados ao Direito. Apaixonavam-se pelo absoluto, entreviam-se realizações infinitas. O absoluto, até por sua própria rigidez, leva o espírito ao azul do céu e os faz flutuar no ilimitado. Nada como o dogma para engendrar o sonho. E nada como o sonho para conceber o futuro. Hoje utopia, carne e osso amanhã.

As opiniões avançadas tinham sentidos ocultos. Um início de mistério, suspeito e dissimulado, ameaçava a "ordem social". Sinal revolucionário no mais alto grau. O pensamento oculto do poder encontrava subterraneamente o pensamento oculto do povo. A incubação das insurreições dá réplica à premeditação dos golpes de Estado.

Não havia ainda na França vastas organizações como o *tugendbund* alemão ou o carbonarismo italiano, mas num ponto ou noutro iniciativas obscuras se ramificavam. A Cougourde esboçava-se em Aix; em Paris, entre outras filiações desse gênero, havia a sociedade dos Amigos do ABC.

O que eram os Amigos do ABC? Uma sociedade que tinha por fim aparente educar crianças e, na realidade, se dirigia a homens.

Declaravam-se Amigos do ABC. O "rebaixado"[1] era o povo. Queriam levantá-lo. Não se deve rir do trocadilho; em política, eles às vezes são graves. Prova disso, o *Castratus ad castra* que tornou Narsès general do exército. Outra prova, *Fueros y Fuegos*. Ou ainda: *Tu es Petrus et super hanc petram* etc. etc.

Os Amigos do ABC eram poucos em número. Tratava-se de uma sociedade secreta em estado embrionário; diríamos antes uma *coterie*, se as *coteries* produzissem heróis. Reuniam-se em Paris em dois pontos, um próximo do Halles, numa taberna denominada Corinto, de que mais para diante se tratará, e outro próximo do Panthéon, num pequeno café da praça Saint-Michel chamado Musain, hoje demolido. O primeiro desses lugares de reunião era frequentado por operários, o segundo por estudantes.

Os conciliábulos habituais dos Amigos do ABC aconteciam numa sala recuada do Musain. Essa sala, bastante afastada do café, com o qual se comunicava por um grande corredor, tinha duas janelas e uma saída por uma escada oculta, que dava para a ruela de Grés. Ali fumava-se, bebia-se, jogava-se e ria-se. Falava-se muito alto de tudo e em voz baixa de outra coisa. Na parede estava pregado — suficiente indício para despertar o faro de um agente de polícia — um velho mapa da França na época da República.

Em sua maior parte, os Amigos do ABC eram estudantes que mantinham cordiais relações com alguns operários. Eis os nomes dos principais, nomes que pertencem, de certo modo, à história: Enjolras, Combeferre, Jean Prouvaire, Feuilly, Courfeyrac, Bahorel, Lesgle ou Laigle, Joly e Grantaire.

Formavam uma espécie de família, de tão amigos que eram. Todos, à exceção de Laigle, eram do Sul.

Esse grupo era notável. Desapareceu nas profundidades invisíveis que ficaram para trás.

No ponto a que chegamos deste drama, talvez seja melhor lançar um raio de luz sobre esses jovens, antes que o leitor os veja mergulhar na sombra de uma aventura trágica.

Enjolras, que citamos primeiro, por motivos que mais tarde se conhecerão, era filho único e rico. Era um rapaz encantador, capaz de ser terrível. Angelicalmente belo, era um Antínoo feroz. Quem visse a reverberação pensativa do seu olhar o imaginaria já tendo, em alguma existência anterior, atravessado o apocalipse revolucionário. Tinha a tradição como testemunha. Dominava os mais insignificantes pormenores da *grande causa.* Natureza pontifical e guerreira, estranha

num adolescente. Era líder e militante. Do ponto de vista imediato, era soldado da democracia, para lá do movimento contemporâneo, sacerdote do ideal. Tinha o olhar profundo, a pálpebra avermelhada, o lábio inferior grosso e frequentemente irônico, a testa larga. Muita expressão num rosto é como muito céu num horizonte. Assim como alguns jovens do início deste século e do fim do século anterior, que cedo se tornaram ilustres, Enjolras tinha uma juventude excessiva, com um frescor comum nas moças, apesar de alguns momentos pálidos. Sendo já homem, parecia ainda criança. Os seus vinte e dois anos passavam bem por dezessete. Era sério e parecia ignorar que houvesse na Terra um ente chamado mulher. Sua única paixão era o Direito, o seu único pensamento a derrubada do obstáculo. No monte Aventino, ele teria sido Graco; na Convenção, teria sido Saint-Just. Mal enxergava as flores, ignorava a primavera, não ouvia cantarem os passarinhos. O busto nu de Evadne não o agitaria mais do que Aristógito. Para ele, como para Harmódio, as flores só serviam para esconder a espada. Era severo nas alegrias. Diante de tudo que não fosse a República, ele castamente baixava os olhos. Era o marmóreo apaixonado da Liberdade. Suas palavras eram duramente inspiradas e tinham uma vibração de hino. Ele inesperadamente abria asas. Pobre da mocinha que se arriscasse a chegar perto! Se alguma mais afoita, da praça Cambrai ou da rua Saint-Jean-de-Beauvais, vendo essa figura de aluno que escapou do colégio, de pajem com longos cílios alourados, olhos azuis, cabeleira solta ao vento, faces rosadas, lábios de menino, dentes bonitos, ficasse tentada a testar seus encantos sobre Enjolras, um olhar surpreendente e intimidante bruscamente lhe mostraria o abismo e ensinaria a não mais confundir com o querubim galante de Beaumarchais o formidável querubim de Ezequiel.

Ao lado de Enjolras, que representava a lógica da revolução, Combeferre representava a filosofia. Em termos de revolução, entre a lógica e a filosofia há essa diferença de que a lógica pode decidir a guerra, enquanto a filosofia só pode mesmo chegar à paz. Combeferre completava e retificava Enjolras. Era menos alto, mas mais largo. Queria que se infiltrassem nos espíritos os princípios amplos das ideias generosas e dizia: revolução, mas civilização; e em torno da montanha a prumo abria o vasto horizonte azul. Daí, em todas as visões de Combeferre, sempre algo acessível e praticável. Com ele a revolução se tornava mais respirável do que com Enjolras. Este exprimia o direito divino, aquele o direito natural. Um se remetia a Robespierre, o outro a Condorcet. Combeferre vivia mais do que Enjolras a vida comum. Se acontecesse de esses dois rapazes chegarem à História, um seria o justo, o outro o sábio. Enjolras era mais viril, Combeferre mais humano. *Homo* e *Vir* era de fato a diferença entre os dois. Combeferre era flexível, como Enjolras era severo

por natureza. Gostava da palavra "cidadão", mas preferia "homem". Diria *hombre*, como os espanhóis. Lia tudo, ia aos teatros, frequentava os lugares públicos, aprendia com Arago a polarização da luz, se entusiasmava com uma aula de Geoffroy Saint-Hilaire explicando a dupla função da artéria carótida externa e da artéria carótida interna, uma se ocupando do rosto, a outra do cérebro. Era informado, seguia passo a passo a ciência, punha frente a frente Saint-Simon e Fourier, decifrava os hieróglifos, quebrava as pedras que encontrava e raciocinava como geólogo. Podia desenhar de cabeça uma borboleta bômbix, apontava erros de francês no Dicionário da Academia, estudava Puységur e Deleuze, nada afirmava, nem mesmo os milagres, nada negava, nem mesmo as almas penadas, folheava os números do *Moniteur*, matutava. Declarava que o futuro está na mão do professor primário e se preocupava com questões de educação. Queria que a sociedade trabalhasse sem descanso na elevação do nível intelectual e moral, na devida remuneração para a ciência, na circulação das ideias, na ampliação intelectual dos jovens e temia que a atual pobreza dos métodos, a miséria do ponto de vista literário, limitado a dois ou três séculos clássicos, o dogmatismo tirânico dos pedantes oficiais, os preconceitos escolásticos e as rotinas acabassem tornando os nossos colégios uns tanques de criação artificial de ostras. Era ilustrado, purista, preciso, politécnico, pesquisador e, junto com isso, pensador "até as raias da quimera", diziam seus amigos. Acreditava em todos os sonhos: as estradas de ferro, a supressão do sofrimento nas operações cirúrgicas, a fixação da imagem da câmara escura, o telégrafo elétrico, a dirigibilidade dos balões. Além disso, pouco assustado com as cidadelas construídas por todo lugar contra o gênero humano pelas superstições, os despotismos e os preconceitos. Era desses que acreditam que a ciência acabará virando o jogo. Enjolras era um chefe, Combeferre um guia. O ideal seria combater com um e seguir o outro. Não que Combeferre fosse incapaz de combater; jamais se negava a enfrentar o obstáculo e atacá-lo de maneira forte e explosiva, mas colocar pouco a pouco, pelo ensino dos axiomas e a promulgação das leis positivas, o gênero humano em acordo com o seu destino lhe agradava mais. Entre as duas clareiras, sua inclinação o dirigia mais para a luz do que para o abrasamento. Um incêndio pode evidentemente produzir uma aurora, mas por que não aguardar o amanhecer? Um vulcão ilumina, mas a alvorada faz isso melhor ainda. Combeferre talvez preferisse a brancura do belo em vez do fausto do sublime. Uma claridade sombreada pela fumaça, um progresso comprado a preço da violência satisfazia apenas pela metade essa terna e circunspecta personalidade. A precipitação abrupta do povo rumo a verdade, repetir 1793, era uma possibilidade que o assustava. Mas a estagnação o incomodava ainda mais, exalando para ele o

cheiro da putrefação e da morte. Na verdade, ele preferia a espuma no lugar do miasma, a torrente em vez da cloaca e as quedas do Niágara e não o lago de Montfaucon, onde os condenados eram enforcados. Resumindo, não queria trégua nem pressa. Enquanto seus tumultuosos amigos, cavalheirescamente voltados para o absoluto, adoravam e esperavam as esplêndidas aventuras revolucionárias, Combeferre tendia a deixar que agisse o progresso, o progresso bom, talvez um tanto frio, mas puro; metódico, mas irrepreensível; fleumático, mas imperturbável. Combeferre poderia se ajoelhar e juntar as palmas das mãos para que o futuro chegasse com toda a sua candura e para que nada perturbasse a imensa evolução virtuosa dos povos. "É preciso que o Bem permaneça inocente", repetia ele sempre. Se a grandeza da revolução está, de fato, em olhar fixamente o esplendoroso ideal e nele voar através dos raios, com sangue e fogo logo atrás, a beleza do progresso está em não ter manchas. Há entre Washington, que representa um, e Danton, que encarna o outro, a mesma diferença que separa o anjo com asas de cisne do anjo com asas de águia.

Jean Prouvaire era de uma nuance ainda mais suave que Combeferre. Chamava-se Jehan, pela momentânea fantasia que se misturava ao forte e profundo movimento do qual saiu o estudo tão necessário da Idade Média. Era amoroso, cultivava um vaso de flores, tocava flauta, fazia versos, amava o povo, lastimava a mulher, chorava pelas crianças, confundia na mesma confiança o futuro e Deus, além de criticar a Revolução por ter cortado a cabeça de um verdadeiro rei, André Chénier. A sua voz era delicada, mas de repente tornava-se viril. Era instruído até a erudição, quase um orientalista. Acima de tudo, era bom e, coisa bem simples para quem sabe quanto a bondade tem a ver com a grandeza, em termos de poesia ele preferia a imensidão. Sabia italiano, latim, grego e hebraico, e isso servia-lhe para não ler senão quatro poetas: Dante, Juvenal, Ésquilo e Isaías. Em francês, colocava Corneille acima de Racine e Agrippa d'Aubigné acima de Corneille. Gostava de passear pelos campos de aveia-estéril e de escovinha, preocupando-se com as nuvens tanto quanto com os acontecimentos. Seu espírito assumia duas atitudes, uma voltada para o homem, outra voltada para Deus; ele, quando não estudava, contemplava. O dia inteiro ele aprofundava as questões sociais: o salário, o capital, o crédito, o casamento, a religião, a liberdade de pensar, a liberdade de amar, a educação, a pena capital, a miséria, a associação, a propriedade, a produção e a repartição, o enigma rasteiro que cobre de sombra o formigueiro humano. À noite ele observava esses seres enormes que são os astros. Como Enjolras, era rico e filho único. Falava com suavidade, curvava a cabeça, baixava os olhos, sorria com certo

embaraço, vestia-se mal, tinha aspecto acanhado, corava por qualquer coisa, era demasiadamente tímido. E, afinal, era intrépido.

Feuilly era operário numa fábrica de leques, órfão de pai e mãe, ganhava com dificuldade três francos por dia e tinha um só pensamento, o de libertar o mundo. Mas havia ainda outra preocupação: instruir-se; ao que ele também chamava libertar-se. Aprendera sozinho a ler e a escrever; tudo o que sabia aprendera por conta própria. Feuilly tinha coração generoso, que abarcava tudo. Era órfão e adotou os povos. Como lhe faltara a mãe, sua meditação privilegiava a pátria. Não queria que houvesse na Terra um só homem sem pátria. Feuilly abrigava em si, com a divinação profunda do homem do povo, o que hoje chamamos *ideia das nacionalidades*. Havia aprendido História para se indignar com conhecimento de causa. Naquele jovem cenáculo de utopistas, preocupados sobretudo com a França, ele representava o estrangeiro. Tinha como especialidade a Grécia, a Polônia, a Hungria, a Romênia, a Itália. Repetia incessantemente esses nomes, a propósito ou não, com a tenacidade do direito. A Turquia sobre a Grécia e a Tessália, a Rússia sobre Varsóvia, a Áustria sobre Veneza eram violações que o deixavam fora de si. De todas, a grande violência de 1772 o abalava. A verdade na indignação, não há mais soberana eloquência e era esta a eloquência de que ele dispunha. Não parava de repetir essa data, 1772, contra aquele nobre e valoroso povo suprimido pela traição, um crime a três, uma armadilha monstruosa, protótipo e modelo de todas essas apavorantes supressões de Estados que, depois disso, afetaram diversas nobres nações e, por assim dizer, rasgaram suas certidões de nascimento. Todos os atentados sociais contemporâneos vinham da partilha da Polônia. A divisão da Polônia é o teorema do qual todos os delitos políticos atuais são corolários. Não há déspota ou traidor que há quase um século não tenha dado aval, homologado, coassinado e rubricado, *ne varietur*, a partilha da Polônia. Quando se levanta o dossiê das traições modernas, é a que em primeiro lugar aparece. O Congresso de Viena consultou esse crime antes de consumar o seu. 1772 dá o grito dos caçadores que avistam a presa, 1815 distribui a carniça. Era esse o discurso habitual de Feuilly. O operário pobre se tornara tutor da Justiça e ela o recompensava tornando-o grande. Porque, com efeito, há eternidade no Direito. Varsóvia não pode ser tártara como Veneza não pode ser germânica. Os reis desperdiçam nisso o seu trabalho e também a honradez. Cedo ou tarde a pátria sufocada volta à tona e reaparece. A Grécia volta a ser Grécia, a Itália volta a ser Itália. O protesto do direito contra o fato persiste sempre. O crime contra um povo não prescreve. Essas altas barganhas não têm futuro. Não se divide uma nação como se fosse um lenço.

Courfeyrac tinha um pai a quem chamavam sr. De Courfeyrac. Um dos enganos da burguesia sob a Restauração, no referente à aristocracia e à nobreza, foi o de acreditar no "De" nobiliárquico. Como se sabe, ele não tem o menor significado. Mas os burgueses do tempo de *La Minerve* tinham em tão alta conta esse pobre "De" que se achavam obrigados a se livrar dele. O sr. De Chauvelin queria ser chamado sr. Chauvelin; o sr. De Caumartin, sr. Caumartin; o sr. De Constant de Rebecque, Benjamin Constant; o sr. De Lafayette, sr. Lafayette. Courfeyrac não quis fazer por menos e se chamava apenas Courfeyrac.

No que diz respeito a Courfeyrac quase poderíamos ficar por aqui, limitando-nos a dizer: para Courfeyrac, ver Tholomyés.

Courfeyrac era, com efeito, dotado dessa loquacidade da juventude a que se poderia chamar "o diabo de beleza da inteligência". Isso mais tarde desaparece como a graça do gatinho e toda essa graça vai dar no burguês, se o animal for de duas patas, e no gordo bichano, se for de quatro.

Esse tipo de percepção, mais ou menos sempre a mesma, se transmite de mão em mão, *quasi cursores*, pelas gerações que se sucedem na escola, pelas consecutivas juventudes. De forma que alguém ouvindo Courfeyrac em 1828 acharia ouvir Tholomyés em 1817. A diferença estava em ser Courfeyrac excelente rapaz. Sob as aparentes semelhanças externas, havia grande diferença entre os dois. O homem latente que existia neles era totalmente diverso. Havia em Tholomyés um procurador e em Courfeyrac um paladino.

Enjolras era o chefe, Combeferre o guia e Courfeyrac o centro. Os outros davam mais luz, ele dava mais calor; o fato é que ele tinha todas as qualidades de um centro, a redondeza e a irradiação.

Bahorel figurara no sanguinolento tumulto de junho de 1822, por ocasião do enterro do jovem Lellemand.

Bahorel era alguém de bom humor e de má companhia, intrépido, esbanjador, pródigo a partir da generosidade, tagarela a partir da eloquência, atrevido a partir da petulância; era um diabo da melhor espécie. Usava coletes ousados e ostentava opiniões vermelhas. Criava tumulto em grande estilo, ou seja, gostava de uma briga, mais ainda de uma revolta e ainda mais de uma revolução, sempre disposto a quebrar um vidro, a descalçar uma rua, a demolir um governo, para ver no que dava; estudante profissional. Farejava o direito, mas não o seguia. A sua divisa era: *advogado nunca*; e o seu brasão uma mesa de cabeceira, na qual se via um gorro de dormir. Todas as vezes que passava diante da Escola de Direito, o que raras vezes lhe sucedia, abotoava a sobrecasaca (o paletó não fora ainda inventado) e tomava precauções higiênicas. Dizia do portão da Escola: "Que venerando ancião!" E do

reitor, o sr. Delvincourt: "Que monumento!" Via nas aulas apenas temas para canções e nos professores modelos para caricaturas. Sem fazer coisa alguma consumia avultada pensão, não inferior a três mil francos. Aos pais, que eram camponeses, soubera ele inculcar o respeito por seu filho.

Dizia deles: são camponeses e não burgueses, por isso têm inteligência.

Bahorel, dado a caprichos, frequentava diversos cafés. Os amigos eram mais presos aos hábitos, mas ele não. Flanava. Errar é humano, flanar é parisiense. No fundo, mais do que parecia, tinha espírito penetrante e pensativo.

Ele servia de laço entre os Amigos do ABC e outros grupos, ainda informes, mas que deviam se definir mais tarde.

Havia, naquele conclave de jovens cabeças, uma cabeça calva.

O marquês d'Avary, que Luís XVIII tornou duque por tê-lo ajudado a tomar um cabriolé de praça, no dia em que emigrou, contava que, em 1814, quando voltou à França e o rei desembarcava em Calais, um homem apresentou a ele um pedido por escrito.

— E o que quer? — perguntou o rei.

— Senhor, peço uma administração de correio.

— Como se chama?

— L'Aigle.[2]

O rei achou estranho, olhou a assinatura do requerimento e viu o nome escrito assim: *Lesgle.* A ortografia, pouco bonapartista, agradou ao rei, que sorriu.

— Senhor — tornou o homem do requerimento —, tenho por antepassado um encarregado dos cães de caça, apelidado Lesguelles. O apelido deu origem ao meu nome. Chamo-me Lesguelles, por contração Lesgle e por corruptela L'Aigle.

Isso fez com que o rei completasse o sorriso. Mais tarde, de propósito ou por engano, deu ao homem a administração do correio de Meaux.

O membro calvo do grupo era o filho desse Lesgle, ou Laigle (de Meaux). Os seus camaradas, por abreviatura, chamavam-no Bossuet.

Bossuet era um rapaz alegre, mas infeliz. A sua especialidade era não se sair bem em coisa alguma. Por contraposição ria-se de tudo. Aos vinte e cinco anos estava calvo. O pai acabara por ter uma casa e umas terras; mas ele, o filho, cuidou de perder tudo isso, numa especulação errada. Não lhe restava mais nada. Tinha ciência e espírito, mas nada conseguia.

Tudo dava errado, tudo o enganava. Se montasse alguma coisa, desabava em cima dele; se rachasse lenha, cortava um dedo; se conseguisse amante, logo descobria que tinha também um "sócio". A cada momento sobrevinha nova miséria; donde a sua jovialidade. *Do meu telhado caem constantemente as telhas,* dizia ele. Nada

surpreso, pois previa sempre um acidente, aceitava serenamente o azar e sorria das travessuras do destino como alguém que entende a piada. Era pobre, mas o seu estoque de bom humor era inesgotável. Rapidamente chegava ao seu último tostão, mas nunca à última risada. Quando a adversidade entrava na sua casa, ele cordialmente saudava essa velha conhecida. Dobrava-se de rir com as catástrofes; tinha intimidade com a Fatalidade a ponto de chamá-la por apelido próprio: "Bom dia, Guignon."

Tantas perseguições da sorte haviam-no feito inventivo. Era cheio de recursos. Não tinha dinheiro, mas era sempre capaz de "despesas formidáveis". Numa noite chegou a devorar "cem francos" num jantar com uma jovenzinha, o que lhe inspirou, no meio da orgia, esta frase memorável: "Moça de cinco luíses, tira-me as botas."

Bossuet dirigia-se vagarosamente à profissão de advogado. Cursava Direito à maneira de Bahorel. Morava precariamente e muitas vezes não tinha qualquer domicílio. Ficava ora em casa de um, ora em casa de outro; no mais das vezes na casa de Joly. Joly estudava Medicina e tinha dois anos menos que Bossuet.

Joly era um doente imaginário, só que jovem. O que ganhou com a Medicina foi se tornar mais doente do que médico. Aos vinte e três anos julgava-se enfermiço e passava a vida a olhar a língua no espelho. Afirmava que o homem se magnetiza como uma agulha e, no quarto, ele colocava o leito com a cabeceira para o Sul e os pés para o Norte, a fim de que, durante a noite, a circulação do sangue não fosse contrária à grande corrente magnética do globo. Quando havia tempestade, logo consultava o pulso. Afora isso, era o mais alegre de todos. Todas essas incoerências: jovem, cheio de manias, doentio, alegre conviviam bem e o resultado era alguém excêntrico e agradável que os camaradas, que adoravam as consoantes que voam, chamavam Jolllly e Jean Prouvaire dizia a ele: "Em cima de quatro L você pode até voar."

Joly tinha a mania de tocar no nariz com o extremo da bengala, o que é indício de espírito sagaz.

Todos esses rapazes, tão diversos, e dos quais, em suma, não se deve falar senão seriamente, tinham a mesma religião, a religião do progresso.

Eram todos filhos da Revolução Francesa. Mesmo os mais levianos ficavam solenes pronunciando a data 1789. Os seus pais, dependendo do gosto, eram ou tinham sido moderados, monarquistas, doutrinários, isso não importa. Essa miscelânea anterior, para eles que eram jovens, pouco importava. O sangue puro dos princípios corria nas suas veias. Vinculavam-se sem nuances intermediárias ao direito incorruptível e ao dever absoluto.

Filiados e iniciados, eles abordavam subterraneamente o ideal.

Entre aqueles corações apaixonados e espíritos persuadidos, havia um cético. Como se achava ele ali? Por justaposição. Esse cético chamava-se Grantaire e assinava seu nome com um rébus: R.[3]

Grantaire era alguém que evitava acreditar no que quer que fosse. Era, aliás, um dos estudantes que melhor tinham feito seu aprendizado em Paris: sabia que o melhor café era o do Lemblin, o melhor bilhar o do Café Voltaire, que se achavam boas panquecas e boas moças no Ermitage, no Boulevard do Maine. Frango grelhado só na pensão da mãe Saguet, encontravam-se excelentes iscas de peixe na barreira la Cunette e certo vinhozinho branco na barreira do Combat. Sabia para tudo os melhores lugares. Além de lutar savate, dominava também algumas danças e era exímio lutador com bastão. Mas acima de tudo grande bebedor. Era desmedidamente feio. A mais bonita parasita de botinas daquele tempo, Irma Boissy, revoltada com a sua feiura, havia declarado peremptoriamente: *Com Grantaire, não dá*. Mas a fatuidade de Grantaire não se perturbava. Continuava a olhar com carinho todas as mulheres, como quem diz de todas elas: se eu quisesse... E procurando fazer os amigos acreditarem que, em geral, era bem aceito.

As palavras direitos do povo, direitos do homem, contrato social, revolução francesa, república, democracia, humanidade, civilização, religião, progresso, estavam todas para Grantaire muito próximas de nada significarem. Ele sorria. O ceticismo, essa doença da inteligência, não havia deixado uma só ideia incólume na sua mente. Vivia na ironia. O seu axioma era este: só uma coisa é certa: o meu copo cheio. Zombava de toda dedicação, para o partido que fosse, podia ser irmão ou pai, tanto Robespierre jovem quanto Loizerolles. "Foi bom para eles terem morrido", dizia ele. E sobre o crucifixo: "Exemplo de um suplício que deu certo". Mulherengo, jogador, libertino, quase sempre bêbado, irritava aqueles moços pensadores, cantarolando sem parar "Gostamos das mulheres e gostamos do bom vinho", e isso na música "Viva Henrique IV".

No fim de tudo, esse cético tinha um fanatismo. Esse fanatismo não era uma ideia, nem um dogma, nem uma arte, nem uma ciência; era um homem: Enjolras. Grantaire admirava, amava e venerava Enjolras. A quem se remetia o questionador anarquista, naquela falange de espíritos absolutos? Ao mais absoluto. De que maneira Enjolras o impressionava? Pelas ideias? Não. Pelo caráter. É um fenômeno que frequentemente se observa. Um cético que adere a alguém que crê, é simples como a regra das cores complementares. O que nos falta nos atrai. Ninguém ama tanto a claridade quanto um cego. A anã se sente fascinada pelo principal tambor da banda militar. O sapo está sempre com os olhos pregados no céu; por quê? Para ver

voarem os pássaros. Grantaire, em quem a dúvida rastejava, gostava de ver em Enjolras a fé sobrevoar. Precisava de Enjolras. Sem que se desse conta claramente e sem tentar explicar a si mesmo, aquele caráter casto, saudável, firme, reto, duro e cândido o encantava. Ele admirava, por instinto, o seu contrário. Suas ideias frouxas, dobráveis, deslocadas, doentias e disformes remetiam a Enjolras como a uma espinha dorsal. Sua dispersão moral procurava aquela consistência. Perto de Enjolras, Grantaire voltava a se tornar alguém. Aliás, dois elementos aparentemente incompatíveis o compunham: a ironia e a cordialidade. Sua indiferença amava. Seu espírito não precisava de crenças, mas seu coração não podia passar da amizade. Contradição profunda, pois a afeição é uma forma de convicção. Era essa a sua natureza. Há homens que parecem ter nascido para ser o verso, a face posterior, o reverso. Por exemplo Pólux, Pátroclo, Niso, Eudâmidas, Heféstion, Pechméja. Só conseguem viver apoiados num outro; têm um nome que continua um outro e só se escreve precedido pela conjunção *e*. Sua existência não é própria, é o outro lado de um destino que não é o seu. Grantaire era uma dessas pessoas. Era a outra face de Enjolras.

Poderíamos quase dizer que as afinidades começam nas letras do alfabeto. Na série, O e P são inseparáveis. Pode-se, à vontade, pronunciar O e P, ou Orestes e Pílades.

Grantaire, verdadeiro satélite de Enjolras, habitava aquele círculo de rapazes; não se achava bem senão ali; seguia-os por toda parte. Sua alegria consistia em ver aquelas sombras irem e virem por entre os vapores de vinho. Era aceito pelo bom humor.

Homem de convicções, Enjolras desprezava o cético e, temperante, desprezava o bêbado. Tolerava-o por misericórdia altiva. Grantaire era um Pílades mal aceito. O tempo todo asperamente censurado por Enjolras, apesar de rejeitado ele voltava e dizia:

— Que belo mármore!

II

Oração fúnebre de Blondeau, por Bossuet

Certa tarde — que, como se verá, coincide com os acontecimentos anteriormente narrados —, estava Laigle de Meaux relaxadamente encostado no umbral da porta do Café Musain. Mais parecia uma cariátide de férias, sem nada carregar em seu devaneio. Olhava para a praça Saint-Michel. Estar encostado é um modo de estar deitado de pé, o que não desagrada aos sonhadores. Laigle de Meaux pensava, sem melancolia, numa pequena desventura que lhe sucedera na antevéspera, na Escola de Direito, e que modificava muito os seus planos pessoais de futuro, planos, aliás, bastante imprecisos.

O devaneio não impede que passe um cabriolé e que o devaneador o perceba. Laigle de Meaux, cujos olhos permaneciam numa espécie de sonho difuso, em seu sonambulismo notou o veículo de duas rodas que percorria a praça, a passo e como que indeciso. A quem procurava o cabriolé? Por que avançava assim a passo? Laigle fixou a vista. Ao lado do cocheiro ia um rapaz e na sua frente um grande saco de viagem. O saco mostrava aos transeuntes, escrito em grandes letras pretas num cartão cosido num dos lados, o nome: MARIUS PONTMERCY.

O nome fez Laigle mudar de atitude. Endireitou-se e lançou esta apóstrofe ao rapaz no cabriolé:

— Sr. Marius Pontmercy!

O cabriolé parou.

O rapaz que ia nele, e parecia também perdido em pensamentos, ergueu os olhos.

— Hein? — perguntou ele.

— Não é o sr. Marius Pontmercy?

— Sem dúvida.

— Andava à sua procura — tornou Laigle de Meaux.

— Como assim? — perguntou Marius, e era ele, com efeito, tendo acabado de sair da casa do avô e se deparando com alguém que via pela primeira vez. — Não o conheço.

— Também não o conheço — respondeu Laigle.

Marius farejou algum tipo de brincadeira, alguma farsa em plena rua. E não estava nada disposto a isso, naquele momento. Portanto fechou a cara. Laigle de Meaux prosseguiu imperturbável:

— Não esteve anteontem na Escola?

— É possível.

— Tenho certeza.

— É estudante? — perguntou Marius.

— Sou, sim, como o senhor. Anteontem por acaso fui à Escola. Bem sabe, às vezes nos vêm ideias assim. O professor preparava-se para fazer a chamada. Não ignora, os professores estão sendo ridículos neste momento. Basta não estar presente a três chamadas sucessivas e sua inscrição é riscada. Sessenta francos perdidos.

Marius começava a prestar atenção. Laigle continuou:

— Era Blondeau quem fazia a chamada. E sabe como ele é; tem um nariz comprido, é cheio de truques. Fareja de longe os ausentes. Tinha maldosamente começado pela letra P. Como não é a minha letra, não prestei atenção. A chamada não estava indo mal. Não havia a mínima falta: todo mundo presente. Blondeau estava triste e eu dizia comigo: "Blondeau, meu querido, não executarás ninguém hoje." De repente ele chamou: *Marius Pontmercy*. Sem resposta. Cheio de esperança, ele repetiu mais alto *Marius Pontmercy* e pegou a pena. Ora, eu, que não sou insensível, disse comigo: "Aí vai ser riscado talvez um excelente rapaz. Atenção. Não é com certeza estudante esforçado nem bom aluno. Não é um crânio de ferro, que realmente estuda, bom em ciência, em letras, em teologia e sapiência, um desses espíritos aparvalhados e emperiquitados. Deve ser um digno preguiçoso que passeia, dá suas voltinhas, corre atrás de um rabo de saia, corteja as belas e que neste momento talvez esteja na casa da amante. Salvemo-lo. Morra Blondeau!" Naquele momento Blondeau meteu no tinteiro a negra pena com que lavrava as sentenças, relanceou a pupila feroz pelo auditório e repetiu pela terceira vez: *Marius Pontmercy!* Então eu respondi: *Presente!* E com isso o senhor não foi riscado.

— Mas… — disse Marius.

— E eu fui — acrescentou Laigle de Meaux.

— Não estou entendendo — disse Marius.

Laigle prosseguiu:

— Nada mais simples. Eu estava perto da cadeira do professor para responder e perto da porta para me safar. Ele me olhou com certa fixidez. De repente, Blondeau, que deve ter o nariz atilado de que fala Boileau, saltou para a letra L, que é a minha letra. Sou de Meaux e me chamo Lesgle.

— L'Aigle! — interrompeu Marius. — Que belo nome!

— Pois é, e Blondeau chegou a esse belo nome e gritou: *Laigle!* Respondi: *Presente!* Então ele me olhou com a doçura do tigre e disse: "Se o senhor é Pontmercy, não é Laigle." A frase pode parecer pouco agradável para o senhor, mas para mim soou lúgubre. Dito isso, riscou-me.

Marius exclamou:

— Realmente, sinto muito...

— Primeiro que tudo — interrompeu Laigle —, peço para embalsamar Blondeau com algumas frases de sentido elogio. Suponho-o morto. Não há muito que mudar na sua magreza, na sua palidez, na sua frieza, na sua rigidez e no seu cheiro. E digo: *Erudimini que judicatis terram.* Aqui jaz Blondeau, Blondeau Nariz, Blondeau Nasica, o boi da disciplina, *bos disciplinæ,* o molosso de guarda, o anjo do chamamento, que foi reto, quadrado, exato, rígido, honesto e hediondo. Deus o risque como ele me riscou!

Marius repetiu:

— Sinto muito…

— Rapaz — disse Laigle de Meaux —, sirva-lhe isto de lição. Para o futuro seja mais pontual.

— Peço sinceramente que me desculpe.

— Não se exponha outra vez a fazer riscar o próximo.

— Sinto-me realmente desolado.

Laigle soltou uma gargalhada.

— E eu encantado. Estava a ponto de ser advogado. Esse caso salva-me. Desisto da glória do tribunal. Já não defenderei a viúva nem atacarei o órfão. Nada de toga nem de tirocínio forense. Consegui ser riscado e é ao senhor que devo isso, sr. Pontmercy. Espero fazer-lhe formalmente uma visita de agradecimento. Onde mora?

— Neste cabriolé — disse Marius.

— Sinal de opulência — disse Laigle com a maior tranquilidade. — Felicito-o; tem uma habitação de nove mil francos por ano.

Nesse momento, Courfeyrac saiu do café.

Marius sorriu tristemente.

— Há duas horas é onde moro, mas preciso sair daqui. Só que não sei para onde ir.

— Venha comigo — ofereceu Courfeyrac.

— A prioridade seria minha — observou Laigle —, mas não tenho casa.

— Cale-se, Bossuet — disse Courfeyrac.

— Bossuet? Mas não disse se chamar Laigle? — estranhou Marius.

— De Meaux — respondeu Laigle —, por metáfora, Bossuet.

Courfeyrac subiu no cabriolé.

— Cocheiro, hospedaria da Porta Saint-Jacques — disse ele.

Na mesma noite, Marius já estava alojado num quarto da hospedaria da Porta Saint-Jacques, vizinho de Courfeyrac.

III

Surpresas de Marius

Em poucos dias Marius já era amigo de Courfeyrac. A mocidade é a estação das prontas ligações e das cicatrizações rápidas. Marius, junto de Courfeyrac, respirava livremente, coisa bem nova para ele. Courfeyrac não fazia perguntas; isso nem lhe passava pela cabeça. Nessa idade os rostos dizem tudo; a palavra é desnecessária. Pode-se dizer que a fisionomia dá toda a ficha: as pessoas se veem e se conhecem.

Uma manhã, contudo, Courfeyrac perguntou bruscamente:

— É verdade: tem alguma opinião política?

— Ora essa! — reagiu Marius, ofendido com a pergunta.

— Como se posiciona?

— Democrata-bonapartista.

— Nuance parda de rato sossegado — disse Courfeyrac.

No dia seguinte Courfeyrac levou Marius ao Café Musain. Depois murmurou-lhe ao ouvido, sorrindo:

— É preciso que ingresse na revolução — disse ele, conduzindo-o à sala dos Amigos do ABC e apresentou-os aos colegas com essas simples palavras, que Marius não compreendeu: — Um aluno.

Marius tinha caído num vespeiro de inteligências. Aliás, apesar de silencioso e grave, ele não era menos atilado nem desarmado.

Até ali solitário e inclinado ao monólogo e ao aparte, por hábito e por gosto, ele se espantou um pouco com aquele bando de rapazes. Todas aquelas diversas iniciativas o solicitavam ao mesmo tempo e o sacudiam. O vaivém tumultuoso de tantos espíritos livres e ativos fazia sua cabeça dar voltas. Às vezes, na confusão, ela parecia ir tão longe que Marius tinha dificuldade de trazê-la de volta. Ouvia falar de filosofia, de literatura, de arte, de história e de religião de forma inesperada. Entrevia aspectos estranhos e, sem conseguir colocá-los em perspectiva, perguntava-se não estar vendo o caos. Ao trocar as opiniões do avô pelas do pai, ele acreditou ter se fixado, mas começava a achar, preocupado e sem ousar confessar a si mesmo, que não. O ângulo pelo qual via agora todas as coisas, de novo pareceu se deslocar. Uma oscilação que afetava todos os balizamentos do seu cérebro. Estranha agitação interior. Causava quase um sofrimento.

Para aquele grupo, parecia não haver "coisas sérias". Marius ouvia, sobre

qualquer assunto, opiniões singulares, incômodas para o seu espírito ainda tímido.

Aparecia um cartaz de teatro, com um título de tragédia do velho repertório chamado clássico.

— Abaixo a tragédia querida dos burgueses! — gritava Bahorel.

E Marius ouvia Combeferre replicar:

— Pensas mal, Bahorel. A burguesia gosta da tragédia, é preciso deixá-la tranquila nesse ponto. A tragédia com peruca tem sua razão de ser e não sou eu que contestarei o seu direito de existir. Há esboços na natureza e, na Criação, temos paródias completas: um bico que não é um bico, asas que não são asas, nadadeiras que não são nadadeiras, patas que não são patas. Escute esse grito doloroso que dá vontade de rir e é um pato. Já que uma ave assim pode existir ao lado do pássaro, não vejo por que a tragédia clássica não coexistiria com a tragédia antiga.

Ou então fazia o acaso com que Marius passasse pela rua Jean-Jacques Rousseau entre Enjolras e Courfeyrac.

Este último tomava-lhe o braço.

— Repare nisto. Aqui é a rua Platrière, denominada hoje rua Jean-Jacques Rousseau, por causa de um casal esquisito que morou nela há bons sessenta anos. Eram Jean-Jacques e Thérèse. De vez em quando nasciam umas criancinhas. Thérèse as paria e Jean-Jacques as passava adiante.

Enjolras repreendeu Courfeyrac.

— Silêncio em presença de Jean-Jacques! É um homem que admiro. É verdade que enjeitou os filhos; mas adotou o povo.

Nenhum daqueles jovens dizia esta palavra: imperador. Só Jean Prouvaire falava algumas vezes em Napoleão; todos os outros diziam Bonaparte. Enjolras pronunciava *Buonaparte*.

Marius sentia um vago espanto. *Initium sapientiæ*.

IV

A sala interna do Café Musain

Uma das conversas daqueles rapazes, às quais Marius assistia e em que por vezes tomava parte, causou verdadeiro abalo no seu espírito.

Foi na sala interna do Café Musain. Naquela noite achavam-se reunidos quase todos os Amigos do ABC. O candeeiro estava solenemente aceso. Falavam de coisas diversas, sem paixão, mas ruidosamente. À exceção de Enjolras e de Marius, que se mantinham calados, todos faziam discursos mais ou menos ao acaso.

Naquela parte do café não era admitida mulher alguma, com exceção de Louison, que lavava a louça e de vez em quando atravessava a sala, pelas necessidades do trabalho.

Grantaire, bastante bêbado, ensurdecia o canto de mesa em que estava e, falando sem parar, gritava:

— Tenho sede. Mortais, tive um sonho! Que o tonel de Heidelberg tenha um ataque de apoplexia e quero fazer parte da dúzia de sanguessugas que lhe será aplicada. Quero beber. Esquecer a vida. A vida é uma invenção hedionda de não sei quem. Não dura nada e não vale coisa alguma. Dá muito trabalho viver. A vida é um cenário e temos poucos praticáveis à disposição. A felicidade é um caixilho velho e pintado de um só lado. O Eclesiastes diz: tudo é vaidade e acho o mesmo que quem escreveu isso e que talvez nunca tenha existido. Zero, não querendo ir completamente nu, se vestiu de vaidade. Ah, vaidade! Veste tudo com grandes palavras! Uma cozinha é um laboratório, um bailarino é um professor, um saltimbanco é um ginasta, um boxeador é um pugilista, um boticário é um químico, um cabeleireiro é um artista, um estraga-tudo é um arquiteto, um jóquei é um *sportsman*, uma lacraia é um artrópode. A vaidade tem um verso e um reverso. O reverso é idiota, é o selvagem com suas contas de vidro; o verso é tolo, é o filósofo com os seus trapos. Choro por um e zombo do outro. O que chamam honrarias ou dignidades, e mesmo a honraria e a dignidade, é geralmente de latão. Os reis brincam com o orgulho humano. Calígula nomeou cônsul seu cavalo. Carlos II tornou cavaleiro um lombo de boi. Vistam-se agora entre o cônsul Incitatus e o baronete Roastbeef. Já o valor intrínseco das pessoas não é mais respeitável. Ouçam o panegírico que o vizinho faz do vizinho. Branco no branco é feroz; se o lírio falasse, a pomba estava perdida! Uma carola que fala mal de uma devota é mais venenosa que a víbora ou a krait azul. Pena que eu seja um ignorante, pois poderia citar um monte de coisas; mas nada sei. No entanto, sempre fui esperto. Quando era aluno, em vez de ficar sujando o quadro-negro, passava meu tempo roubando maçãs; *rapin* é o masculino de *rapine*.[4] Isso, no que me concerne, mas vocês não valem mais. Estou pouco ligando para as suas perfeições, excelências e qualidades.

Toda qualidade desagua num defeito; o econômico tem a ver com o avaro, o generoso com o pródigo, o bravo com o garganta; quem diz muito religioso diz meio beato. Há tantos vícios na virtude quanto buracos no casaco de Diógenes. A quem admiram, o morto ou o matador, César ou Brutus? Viva Brutus, ele matou! É isso a virtude. Virtude, pode ser, mas também loucura. Há manchas estranhas nesses grandes homens. O mesmo Brutus que matou César estava apaixonado por uma estátua de menino. Essa estátua era do escultor grego Estrongilião, que também esculpiu uma amazona conhecida como *Belas Pernas*, *Eucnemos*, que Nero carregava com ele quando viajava. Estrongilião só nos deixou essas duas estátuas que puseram de acordo Brutus e Nero. Brutus era apaixonado por uma, Nero por outra. A História inteira não passa de uma longa repetição. Um século plagia outro. A batalha de Marengo copia a batalha de Pydna; o Tolbiac de Clóvis e a Austerlitz de Napoleão se parecem como duas gotas de sangue. Faço pouco caso da vitória. Nada mais estúpido do que vencer; a verdadeira glória está em convencer. Mas tente provar alguma coisa! Nós nos contentamos com o sucesso, quanta mediocridade! E conquistar, que miséria! Infelizmente, vaidade e covardia estão por todo lugar. Tudo segue o sucesso, até mesmo a gramática. "*Si volet usus*", disse Horácio. Assim sendo, menosprezo o gênero humano. Querem descer do todo aos componentes? Querem que eu comece a admirar os povos? Qual povo, por favor? A Grécia? Os atenienses, esses parisienses de antigamente, mataram Fócion, como se disséssemos Coligny, e bajulavam os tiranos, a ponto de Anacéforo dizer de Pisístrato: sua urina atrai as abelhas. O sujeito mais considerável da Grécia, por cinquenta anos foi o gramático Filetas, que era tão pequeno e miúdo que era obrigado a colocar peso nos sapatos para não ser levado pelo vento. Na maior praça de Corinto havia uma estátua esculpida por Silanião e catalogada por Plínio, estátua que representava Epistato. O que fez Epistato? Inventou a rasteira. Isso resume a Grécia e a glória. Vamos adiante. Posso admirar a Inglaterra? Admirar a França? A França, por quê? Por causa de Paris? Acabo de dar minha opinião sobre Atenas. A Inglaterra? Por quê? Por causa de Londres? Odeio Cartago. Além disso, Londres, metrópole do luxo, é a capital da miséria. Só na paróquia de Charing Cross cem pessoas morrem de fome por ano. Esta é Albion. Acrescento, para completar, que vi uma inglesa dançar com uma coroa de rosas e óculos azuis. Então, aqui para a Inglaterra! Não admiro John Bull e admiraria o irmão Jônatas? Não engulo esse irmão escravagista. Tire o *time is money* e sobra o que da Inglaterra? Tire o *cotton is king* e sobra o que da América? a Alemanha é a linfa, a Itália é a bílis. Vamos nos extasiar com a Rússia? Voltaire a admirava. Admirava também a China. Concordo que a Rússia tem suas belezas, entre as quais um forte despotismo, mas lamento os déspotas. Têm saúde delicada.

Alexandre decapitado, Pedro apunhalado, Paulo estrangulado, outro Paulo amassado ao tacão de botas, vários Ivans degolados, vários Nicolaus e Basílios envenenados. Tudo isso indica que o palácio dos imperadores da Rússia sofre de flagrante insalubridade. Todos os povos civilizados oferecem à admiração de quem pensa este detalhe: a guerra. Ora, a guerra, a guerra civilizada, esgota e totaliza todas as formas de banditismo, desde os assaltos dos trabuqueiros nos desfiladeiros do monte Jaxa até os pequenos furtos dos índios comanches na Passagem Incerta. Exagero meu, vocês podem achar: a Europa não vale mais que a Ásia? Concordo que a Ásia é farsa, mas não creio que os povos do Ocidente possam rir do grande lama, já que misturaram em sua moda e elegância todas as porcarias complicadas da realeza, desde a camisola suja da rainha Isabel até a poltrona furada do delfim. Senhores humanos, não se tem ideia! É em Bruxelas que se consome mais cerveja, em Estocolmo mais aguardente, em Madri mais chocolate, em Amsterdam mais gim, em Londres mais vinho, em Constantinopla mais café, em Paris mais absinto; são essas as noções mais úteis. Paris, no final, sai ganhando. Em Paris, até os trapeiros são sibaritas; Diógenes teria gostado de ser trapeiro na praça Maubert tanto quanto filósofo no Pireu. Saibam também isso: os cabarés dos trapeiros se chamam bibina; os mais célebres são o Casserole e o Abattoir.

"Assim, pois, ó! Tascas, chanças, baiucas, bodegas, bailes idem, bibinas dos trapeiros, caravançarás dos califas, concordo que sou voluptuoso: almoço no Richard, onde se come a quarenta pratas por cabeça, preciso de tapetes persas capazes de enrolar neles Cleópatra nua! Onde está Cleópatra! Ah! És tu, Louison? Como vai isso?"

Assim se desfazia em palavras, no seu canto da sala interna do Café Musain, Grantaire, mais do que bêbado e agarrando a criada, quando lhe passava próxima.

Bossuet estendeu a mão para ele tentando pedir silêncio, e isso só incentivou Grantaire.

— Águia de Meaux, baixa o facho. Não me impressiona nada esse seu gesto de Hipócrates rejeitando a traquinagem de Artaxerxes. Não tente me acalmar. Aliás, estou triste. O que vai querer que eu diga? O homem é mau, o homem é disforme. A borboleta deu certo, o homem não. Deus falhou nesse animal. Uma multidão é uma coleção de feiuras. Pegue qualquer um: é um miserável. Mulher, em francês, rima com infâmia. É verdade, sofro de *spleen*, agravado pela melancolia, pela nostalgia e mais a hipocondria. Resmungo e tenho acessos de raiva, bocejo e me entedio, encho o saco de todos e o meu também! Que Deus vá para o inferno!

— Silêncio, R maiúsculo! — gritou Bossuet, que estava discutindo um ponto de Direito com alguém ao lado e se aplicava inteiro numa frase do jargão judiciário que

terminava assim:

— ... E no que me concerne, apesar de mal ser jurista ou no máximo um procurador amador, sustento o seguinte: nos termos dos costumes da Normandia, no dia de são Miguel, todo ano, um Equivalente devia ser pago favorecendo o senhor, salvo direito contrário, por todos sem exceção, tanto proprietários quanto beneficiários de herança, e isso incluindo toda enfiteuse, todo aforamento, todo contrato senhorial e de assenhoreamento, hipotecário ou hipotecável...

— Ecos, ninfas queixosas! — cantarolou Grantaire.

Muito perto de Grantaire e sobre uma mesa estavam uma folha de papel, um tinteiro e uma pena entre dois copinhos, anunciando o esboço de um vaudeville. Esta importante obra era tratada em voz baixa, tocando-se quase as cabeças dos dois que trabalhavam nela.

— Comecemos por achar os nomes. Quando se têm os nomes encontra-se o assunto.

— É justo. Dita; eu escrevo.

— Dorimon.

— Rendeiro?

— Já se vê.

— Sua filha, Célestine.

— … tine. E depois?

— O coronel Sainval.

— Sainval é nome já muito batido. Antes Valsin.

Ao lado dos aspirantes vaudevillistas, um outro grupo, que também se aproveitava da confusão geral para falar baixo, discutia um duelo. Um senhor de trinta anos aconselhava um moço de dezoito e descrevia o adversário com quem tinha de bater-se.

— Diabo! É preciso cuidado. É um espadachim. O seu jogo é franco. Ataca bem, não perde tempo em dissimulações, tem pulso, é veloz como um relâmpago, guarda-se com grande justeza e as respostas são matemáticas. Além disso, o maldito é canhoto.

No canto oposto a Grantaire estavam Joly e Bahorel, jogando dominó e falando de amores.

— Você é que é feliz — dizia Joly. — Tem amante que está sempre alegre e ri.

— Pois é um grande erro que comete — respondeu Bahorel. — Amantes não devem ser assim, isso nos anima a enganá-la. Vê-la alegre tira o remorso. A sua tristeza, pelo contrário, abalaria a consciência.

— Ingrato! É uma coisa excelente uma mulher risonha! E vocês nunca brigam!

— Isso é o nosso trato. Quando formamos aliança assinamos cada um as nossas fronteiras, que jamais ultrapassamos. O que vem do lado da brisa é de um, o que vem do lado do vento é de outro. É como se consegue a paz.

— A paz é a felicidade digestiva.

— E você, Joly, em que alturas está com aquela moça?… Bem sabe de quem falo.

— Evita-me com cruel paciência.

— No entanto, seu abatimento impressionaria qualquer uma.

— Infelizmente.

— Eu, no seu lugar, mandava-a às favas.

— Isso é fácil dizer.

— E fazer. Não é Musicheta, que ela se chama?

— É. Ah, meu pobre Bahorel, ela é perfeita. Conhece literatura, tem pés pequenos, é redondinha, com olhos de cartomante. Sou doido por ela.

— Então, meu amigo, é necessário agradar, ser elegante e fazer salamaleques. Compre no Staub uma calça de boa lã. É um investimento.

— Quanto rende? — gritou Grantaire.

No terceiro canto a discussão era poética. A mitologia pagã maltratava a mitologia cristã. Falava-se do Olimpo, do qual Jean Prouvaire, por romantismo, tomava o partido. Ele só era tímido em repouso. Uma vez excitado, tornava-se brilhante, o seu entusiasmo acentuava-se com uma espécie de alegria; e ao mesmo tempo era risonho e lírico.

— Não insultemos os deuses — dizia ele. — Talvez não tenham ido embora. Júpiter não me parece tão morto assim. Os deuses são fantasias, foi o que você sugeriu. Pois veja, mesmo na natureza, tal como a vemos hoje, desde que se foram essas fantasias, restaram todos os velhos e grandes mitos pagãos. Uma montanha com vocação para cidadela, como Vignemale, por exemplo, tem ainda, para mim, o capacete de Cibele. Nada impede que Pã venha à noite soprar no tronco oco dos salgueiros, tapando, um de cada vez, os buracos com os dedos. Sempre achei que Io tem algo a ver com a cascata de Pissevache.

No último canto falava-se de política. Maltratava-se a Carta Constitucional outorgada. Combeferre fazia sua defesa sem muita convicção, Courfeyrac energicamente acabava com ela. Em cima da mesa havia um infeliz exemplar da famosa Carta Touquet, que ele passou a sacudir, aliando a seus argumentos os tremores da folha de papel.

— Em primeiro lugar, não quero reis: ainda que não fosse senão pelo lado econômico, não os quereria; um rei é um parasita. Não se têm reis grátis. Ouça isto:

os reis são sempre caros. Quando Francisco I morreu, a dívida pública da França era de trinta mil libras; quando Luís XIV morreu, era de dois bilhões e seiscentos milhões, a vinte e oito libras o marco. E isso equivale, em 1760, segundo Desmarets, a quatro bilhões e meio, equivalendo hoje a doze bilhões. Em segundo lugar, mesmo contrariando Combeferre, numa civilização uma Carta outorgada é um expediente errado. Salvar a transição, suavizar a passagem, diluir o abalo, fazer passar de forma indolor a nação da monarquia à democracia pela prática de ficções constitucionais, tudo isso são motivos detestáveis! Não, não e não! Não se deve iluminar o povo com falsa claridade. Os princípios se enfraquecem e se descoram nesse seu porão constitucional. Nada de abastardamentos. Nada de compromissos. Nada de outorga do rei ao povo. Em todo ato desse tipo há um artigo 14. Ao lado da mão que dá, há a garra que toma. Rejeito completamente essa sua Carta. Uma Carta é uma máscara, a mentira está por baixo. Um povo que aceita uma Carta abdica. O direito só é direito quando inteiro. Não, nada de Carta!

Reinava o inverno; na lareira ardiam duas achas. Era uma coisa tentadora e Courfeyrac não resistiu. Amarrotou a CartaTouquet e lançou-a no fogo. Combeferre viu filosoficamente arder a obra-prima de Luís XVIII e contentou-se em dizer:

— Eis a Carta metamorfoseada em chama.

E os sarcasmos, os ditérios, os motejos, essa coisa francesa que se chama vivacidade, essa coisa inglesa que se chama humor, o bom e o mau gosto, as boas e as más razões, todo o fogo de artifício do diálogo, elevando-se ao mesmo tempo e cruzando-se em todos os pontos da sala, produziram por sobre as cabeças uma espécie de alegre bombardeamento.

V

Dilatação do horizonte

O embate dos espíritos na mocidade tem de admirável não se poder nunca prever a centelha nem adivinhar o relâmpago. O que vai sair dele? Ignora-se. A gargalhada parte do enternecimento. No momento mais cômico, dá entrada a seriedade. As

motivações podem depender de uma palavra qualquer que se tenha dito. A verve de cada um se lança às soltas. Uma bobagem qualquer basta para abrir terreno ao inesperado. São conversas com reviradas bruscas, que mudam completamente a perspectiva. O acaso é o que dirige esse tipo de discussão.

De repente, um pensamento mais grave, estranhamente saído de uma troca mais espalhafatosa de frases, atravessou a confusão de palavras em que estavam envolvidos Grantaire, Bahorel, Prouvaire, Bossuet, Combeferre e Courfeyrac.

Como uma frase acontece no diálogo? O que faz com que, por si só, ela chame a atenção de quem ouve? Acabamos de dizer: ninguém sabe. No meio da confusão, terminou Bossuet uma apóstrofe qualquer dirigida a Combeferre, com esta data:

— 18 de junho de 1815: Waterloo.

Marius, a uma mesa com um copo de água, ouvindo falar em Waterloo, tirou a mão do queixo e olhou fixamente os companheiros.

— *Parbleu!* — exclamou Courfeyrac. (*Parbleu* já estava saindo de moda nessa época.) — Esse número 18 é extraordinário e causa efeito. É o número fatal de Bonaparte. Ponha Luís à frente e Brumário atrás, e temos todo o destino do homem, com o expressivo detalhe de que o início é perseguido pelo fim.

Enjolras, até ali mudo, rompeu o silêncio, dirigindo a Courfeyrac estas palavras:

— Está querendo dizer o crime pela expiação.

A palavra *crime* excedia a medida do que podia ser aceito por Marius, já em extremo impressionado pela inopinada evocação de Waterloo.

Levantou-se, dirigiu-se vagarosamente para o mapa da França pendurado na parede, no qual se via uma ilha num compartimento separado, e disse, pondo o dedo nesse compartimento:

— A Córsega. Uma ilha pequena que tornou a França bem grande.

Foi um sopro de ar gelado. Todos se interromperam. Sentia-se que alguma coisa ia começar.

Bahorel, replicando Bossuet, preparava-se para assumir uma atitude que lhe era habitual; mas desistiu para escutar.

Enjolras, cujos olhos azuis estavam fitos em ninguém e pareciam contemplar o vácuo, respondeu sem olhar para Marius:

— A França não necessita de Córsega alguma para ser grande. A França é grande porque é a França. *Quia nominor leo.*

Marius não sentiu a mínima veleidade de recuar; voltou-se para Enjolras e a sua voz retiniu com uma vibração que provinha do estremecimento das entranhas:

— Deus me defenda de diminuir a grandeza da França; mas não é diminuí-la amalgamar-lhe Napoleão. Falemos disso. Conheço há pouco tempo os senhores,

mas confesso que me causam espanto. Onde estamos? Quem somos? Quem são? Quem sou? Expliquemo-nos sobre o imperador. Ouço-os dizer Buonaparte, acentuando o *u*, como pronunciam os monarquistas. Meu avô ainda faz mais: diz Buonaparté. Achei que eram jovens. Onde está o entusiasmo? O que fazem dele? O que admiram se não admiram o imperador? O que querem mais? Se não se extasiam diante de tão grande homem, quais grandes homens lhes causam pasmo? Napoleão possuía tudo; era completo. Tinha um cérebro ao cubo. Fazia código como Justiniano e ditava como César. Sua fala tinha o fulgor de Pascal e o impacto de Tácito; ele construía a história e a escrevia. Seus boletins são ilíadas, ele combinava a matemática de Newton e a metáfora de Maomé. Deixou no seu rastro, no Oriente, palavras que são como as pirâmides. Em Tilsit, ensinou majestade aos imperadores, na Academia de Ciências discutiria com Laplace, no Conselho de Estado fazia frente a Merlim. Emprestou alma à geometria de uns e à trapaça de outros. Era jurista com procuradores e sideral com astrônomos. Como Cromwell apagando uma das duas velas que tinha, ele foi ao Templo negociar um puxador de cortina. Via tudo, sabia de tudo, e isso não o impedia de ingenuamente rir junto ao berço do seu filho. E de repente a Europa espantada escutava, marchavam os exércitos, rodavam os parques de artilharia, as pontes de barcas alongavam-se sobre os rios, nuvens de cavalaria galopavam no meio da tempestade; gritos, sons de trombetas, o estremecer de tronos por toda a parte, as fronteiras dos reinos oscilavam e todos o viam, de pé no horizonte, abrindo em meio ao trovão as suas duas asas, o Grande Exército e a velha guarda; era o arcanjo da guerra!

Todos se calaram e Enjolras curvava a cabeça. O silêncio produz sempre um efeito de aquiescência ou uma espécie de encurralamento.

Marius, quase sem fôlego, continuou com mais entusiasmo ainda:

— Sejamos justos, meus amigos! Que esplêndido destino não é o de um povo, quando esse povo é a França, e que junta o seu gênio ao gênio de tal homem! Ser o império de tal imperador! Aparecer e reinar, marchar e triunfar, ter como etapas todas as capitais, fazer dos seus granadeiros reis, decretar a queda das dinastias, transfigurar a Europa a passo de carga, fazer com que sinta, quem ameaça, estar colocando a mão na empunhadura da espada de Deus. Seguir, seguindo um único homem, Aníbal, César e Carlos Magno, ser o povo de um imperador que acrescenta, a todo amanhecer, o anúncio brilhante de uma batalha ganha, ter como despertador o canhão dos Invalides, jogar no abismo a luz de palavras prodigiosas que para sempre fulguram, Marengo, Arcole, Austerlitz, Iéna, Wagram! Fazer, a cada instante, eclodir ao zênite dos séculos constelações de vitórias, colocar o Império Francês como contraponto do Império Romano, ser a grande nação e gerar

o Grande Exército, espalhar por toda a Terra suas legiões como uma montanha espalha para todos os lados suas águias, vencer, dominar, fulminar, ser na Europa uma espécie de povo dourado por tanta glória, fazer soar por toda a História uma fanfarra de titãs, conquistar o mundo duas vezes, pela conquista e pelo deslumbre; isso é sublime. O que há neste mundo que seja mais grandioso?

— Ser livre — disse Combeferre.

Tocou então a Marius curvar a cabeça; essa palavra simples e fria atravessou como uma lâmina de aço o entusiasmo épico, que se desvaneceu à sua frente. Quando ergueu os olhos já não viu Combeferre. Satisfeito provavelmente com a sua réplica à apoteose, saíra; e todos, à exceção de Enjolras, o tinham seguido e a sala se esvaziara. Enjolras, a sós com Marius, observava-o com toda a seriedade. Entretanto Marius, juntando um pouco as suas ideias, não se deu por vencido; sentia ainda um resto de alento que provavelmente se externaria por silogismos contra Enjolras quando, de repente, ouviu passos de alguém que saía cantando pela escada. Era Combeferre; eis o que ele ia cantando:

Se César me tivesse dado
A glória e a guerra,
E que eu precisasse deixar
O amor de minha mãe,
Eu diria ao grande César:
Pega de volta teu cetro e teu carro,
Prefiro minha mãe, eh!
Prefiro minha mãe.

O tom carinhoso e ao mesmo tempo feroz com que Combeferre entoava esta copla dava-lhe certa grandeza extraordinária. Marius, pensativo e olhando para o teto, repetiu maquinalmente: minha mãe?…

Ao mesmo tempo, sentiu no ombro a mão de Enjolras.

— Cidadão — disse-lhe este último —, minha mãe é a República.

VI

Res augusta

Aquela noite deixou em Marius profundo abalo e uma triste obscuridade na alma. Experimentou o que experimenta talvez a terra no momento em que a abrem com o ferro, para nela deporem o grão de trigo; a terra nessa ocasião só sente a ferida; o estremecimento do gérmen e a alegria do fruto só mais tarde é que chegam.

Marius estava sombrio. Acabando apenas de se formar numa fé, já teria de rejeitá-la? Afirmava a si mesmo que não: não queria admitir a dúvida, mas a seu pesar começava a duvidar. Estar entre duas religiões, uma da qual ainda não saímos e outra na qual ainda não entramos, é insuportável. São crepúsculos que só agradam às almas de morcegos. Marius tinha o olhar franco e precisava da verdadeira luz. As penumbras da dúvida lhe faziam mal. Por maior que fosse o desejo de permanecer onde estava e ficar por ali, sentia-se inapelavelmente obrigado a continuar, a avançar, a examinar, a pensar, a seguir adiante. Aonde isso o levaria? Temia, depois de dar tantos passos que o tinham aproximado do pai, dar agora passos que de novo o afastavam. O mal-estar crescia com tantas reflexões que o invadiam. Um escarpamento se organizava abrupto ao seu redor. Não estava de acordo com o avô nem com os amigos. Temerário demais para um e ultrapassado demais para os outros, reconheceu-se duplamente isolado, pelo lado da velhice e pelo lado da juventude. Deixou de ir ao Café Musain.

Nesse estado de perturbação em que tinha a consciência, não se lembrava de pensar em certos pontos sérios da existência. As realidades da vida não consentem que as esqueçam, e bruscamente o sacudiram.

Certa manhã, o dono da hospedaria entrou no seu quarto e disse:

— O sr. Courfeyrac o trouxe sob o seu aval.

— Eu sei.

— Mas preciso de dinheiro.

— Pergunte se o sr. Courfeyrac pode vir falar comigo.

Chegando Courfeyrac, saiu o dono da casa. Marius contou então o que ainda se não lembrara de lhe dizer; que estava como que só no mundo, porque não tinha parentes.

— O que vai ser de você? — disse Courfeyrac.

— Não sei — respondeu Marius.

— Que tenciona fazer?

— Não sei.

— Não tem dinheiro?
— Quinze francos.
— Quer que lhe empreste algum?
— Isso nunca.
— Tem roupas?
— Estas.
— E objetos de valor?
— Um relógio.
— É de prata?
— De ouro; é este.
— Conheço alguém que lhe comprará o sobretudo e um par de calças.
— Bom.
— Ficará apenas com um par de calças, um colete, um chapéu e uma casaca.
— E as minhas botas.
— O quê?! Não quer andar descalço?! Que opulência!
— Será o bastante.
— Conheço também um relojoeiro que lhe comprará o relógio.
— Bom.
— O que pretende depois?
— Tudo o que for preciso, sendo honesto.
— Sabe inglês?
— Não.
— Alemão?
— Também não.
— É pena.
— Por quê?
— Porque um amigo meu publica uma espécie de enciclopédia e poderia lhe passar uns artigos ingleses ou alemães para traduzir. É mal pago, mas, em suma, vive-se.
— Aprenderei inglês e alemão.
— E até lá?
— Até lá comerei as roupas e o relógio.

O vendedor de roupas deu vinte francos pelo que levou; em seguida foram à casa do relojoeiro, que deu pelo relógio quarenta e cinco francos.

— Não foi mau — disse Marius a Courfeyrac voltando para casa —, com os quinze francos que ainda tenho, fazem oitenta.
— E a conta da hospedaria?

— É verdade! Não me lembrava — disse Marius.

O dono da casa apresentou a conta, que foi necessário pagar imediatamente e a qual montava a setenta francos.

— Ficaram-me dez francos — disse ele.

— Diabo! — tornou Courfeyrac; comerá cinco enquanto aprende inglês e outros cinco enquanto aprende alemão. Será engolir uma língua muito depressa, ou esse dinheiro muito devagar.

Nesse meio-tempo a tia Gillenormand, que era boa pessoa nas ocasiões tristes, acabou descobrindo o retiro de Marius.

Um dia, quando Marius voltava da Escola, achou no seu quarto uma carta da tia e sessenta pistolas, isto é, seiscentos francos em ouro, numa caixinha lacrada.

Marius reenviou à tia os trinta luíses, acompanhados de uma carta respeitosa, na qual declarava ter meios de subsistência suficientes para todas as necessidades. Quando isso sucedeu, já não tinha senão três francos.

A tia não informou o sr. Gillenormand da recusa do neto em aceitar o dinheiro, temendo acabar de o exasperar. E depois, não tinha ele dito "não me falem mais desse bebedor de sangue"?

Marius, não querendo endividar-se, saiu da hospedaria da Porta Saint-Jacques.

Notas

1 Em francês, *abaissé*, em homofonia com ABC. (N.T.)

2 Em francês, águia. (N.T.)

3 "Grantaire" e o R maiúsculo são homônimos em francês. (N.T.)

4 Literalmente, "aprendiz" e "rapina". (N.T.)

LIVRO QUINTO

EXCELÊNCIA DO INFORTÚNIO

I

Marius indigente

A vida tornou-se severa para Marius. Comer a roupa e o relógio não era nada. O que ele comia era a coisa terrível denominada *pão que o diabo amassou*. Coisa horrível, que contém os dias de fome, as noites sem sono e sem luz, o lar sem fogo, as semanas sem trabalho, o futuro sem esperança, a veste furada nos cotovelos, o chapéu que provoca o riso das moças, a porta que à noite se acha fechada, por se não ter pago o aluguel do quarto, a insolência do porteiro e do dono do restaurante vagabundo, as zombarias dos vizinhos, as humilhações, a dignidade ofendida, a necessidade de aceitar os trabalhos mais baixos, os desgostos, a amargura, o esmorecimento. Marius aprendeu como se devoram todos esses infortúnios e como são, muitas vezes, as únicas coisas que há para devorar. Naquele momento da existência em que o homem precisa de autoestima, porque precisa de amor, ele se viu menosprezado por se vestir mal e ridicularizado por ser pobre. Na idade em que a juventude nos infla o coração com imperial orgulho, ele mais de uma vez baixou os olhos até as suas botas furadas e passou pelas vergonhas injustas e os rubores terríveis da miséria. Admirável e tremenda provação da qual os fracos saem infames e os fortes saem sublimes. Caldeirão em que o destino lança o homem toda vez que pretende conseguir um cretino ou um semideus.

Pois muitas grandes ações se fazem nas pequenas lutas. Há bravuras teimosas e ignoradas que se defendem palmo a palmo na sombra contra a fatal invasão das necessidades e das torpezas. Nobres e misteriosos triunfos que ninguém vê, que não alimenta nenhuma reputação, que nenhuma fanfarra homenageia. A vida, a infelicidade, o isolamento, o abandono, a pobreza são campos de batalha que têm seus heróis, heróis obscuros, às vezes maiores que os heróis ilustres.

Firmes e raras naturezas se criaram dessa forma. A miséria, quase sempre madrasta, pode eventualmente ser mãe e a carência pode dar origem a uma força da alma e do espírito. O infortúnio é um leite bom para os magnânimos.

Houve um momento na vida de Marius em que ele varria o corredor de onde morava, comprava farelo de queijo de Brie no mercado, esperava a tarde cair para ir até o padeiro e comprar um pão, que levava às escondidas ao buraco em que morava como se o tivesse roubado. Às vezes entrava no açougue da esquina, entre as cozinheiras rabugentas que acotovelavam aquele rapaz de ar acanhado e com livros debaixo do braço, de aspecto ao mesmo tempo tímido e arisco, que à entrada tirava o chapéu da cabeça, de onde corria o suor, fazia profundo cumprimento à espantada dona do açougue e ao servente, pedia uma costeleta de carneiro, dava por ela seis ou sete soldos, embrulhava-a num papel, metia-a debaixo do braço, entre os livros, e saía. Era Marius. Com aquela costeleta que ele mesmo cozinhava, vivia três dias.

No primeiro ele comia a carne, no segundo a gordura e no terceiro roía o osso. A tia Gillenormand fez repetidas tentativas reconciliadoras, enviando-lhe as sessenta pistolas. Marius as mandava de volta, dizendo não necessitar de coisa alguma.

Marius andava ainda de luto por seu pai quando ocorreu nele a revolução de que demos conta. Desde então nunca mais deixara a roupa preta. Chegou porém um dia em que a casaca teve de ser abandonada. As calças ainda se aguentavam. O que fazer? Courfeyrac, ao qual ele pela sua parte tinha prestado alguns serviços, deu-lhe uma casaca usada. Por trinta soldos ele a mandou virar do avesso e ficou assim com uma casaca nova. Mas ela era verde. Marius então passou a sair apenas ao anoitecer; assim tornava-se a casaca preta. Querendo sempre andar de luto, vestia-se com a noite.

No meio de tudo isso, formou-se advogado. Dava por morada o quarto de Courfeyrac, que era decente e onde certo número de alfarrábios de Direito, completados por alguns romances desaparelhados, improvisavam a biblioteca requerida pelos regulamentos. A sua correspondência era toda dirigida ao endereço de Courfeyrac.

Assim que se tornou advogado, Marius informou logo o avô, numa carta fria, mas submissa e respeitosa. O sr. Gillenormand pegou a carta estremecendo, leu e jogou-a no lixo depois de rasgada em quatro. Dois ou três dias depois, a srta. Gillenormand ouviu o pai falando alto, apesar de estar só no quarto. Sucedia-lhe isso sempre que estava agitado. Apurou o ouvido e ouviu-o dizer:

— Se não fosses um imbecil, saberias que não se pode ser ao mesmo tempo barão e advogado!

II

Marius pobre

Sucede com a miséria o que sucede com tudo. Ela chega a tornar-se possível. Acaba por assumir uma forma e por organizar-se.

O indivíduo, chegado a esse ponto, vegeta, isto é, desenvolve-se de certo modo mesquinho, mas suficiente à vida. Eis de que modo a existência de Marius se tinha arranjado.

Saíra do ponto mais estreito; o desfiladeiro se alargava um pouco à sua frente. À força de fadiga, de perseverança e de ânimo, chegara a obter pelo seu trabalho uns setecentos francos por ano. Aprendera alemão e inglês, e, graças a Courfeyrac, que o pusera em relações com o seu amigo editor, preenchia Marius na literatura livreira o modesto papel de *utilidade*. Fazia prospectos, traduzia periódicos, anotava edições, compilava biografias etc. Tudo isso rendia, em média, setecentos francos por ano, com os quais vivia. Como? Vamos dizê-lo.

Marius ocupava no cortiço Gorbeau, mediante o preço anual de trinta francos, um cubículo sem lareira, qualificado de gabinete e onde não havia, pelo que respeita a móveis, senão o indispensável. Os móveis eram seus. Dava três francos por mês à velha, principal inquilina, para que lhe varresse o quarto e lhe levasse todas as manhãs um pouco de água quente, um ovo fresco e um pão de um soldo. Com esse pão e o ovo almoçava. Esse almoço variava entre dois e quatro soldos, segundo a maior ou menor carestia dos ovos. Às seis horas da tarde ia à rua Saint-Jacques jantar na pensão de Rousseau, diante do Basset, a loja de estampas na esquina da rua de Mathurins. Não tomava sopa. Pedia um prato de carne de seis soldos, meio prato de legumes por três soldos e uma sobremesa de igual preço. Por três soldos a mais, pão à vontade. Quanto ao vinho, substituía-o por água. Indo pagar ao balcão, onde presidia majestosamente a sra. Rousseau, nessa época sempre nutrida e ainda fresca, dava um soldo ao servente e recebia um sorriso da sra. Rousseau. Depois disso saía. Por dezesseis soldos tinha um sorriso e um jantar.

Essa pensão, onde se despejava maior número de garrafas de água do que de vinho, era mais calmante do que restaurante. Já não existe. O dono tinha um belo apelido: chamavam-lhe Rousseau, o Aquático.

Assim, pois, saindo o almoço quatro soldos e o jantar dezesseis, a alimentação lhe custava vinte soldos por dia, o que fazia trezentos e sessenta e cinco francos por ano; a isso juntem-se os trinta francos de aluguel do quarto, os trinta e seis para a velha e mais algumas despesas miúdas: por quatrocentos e cinquenta francos tinha

Marius casa, comida e quem o servisse. O vestuário levava-lhe cem francos, roupa branca, cinquenta, a sua lavagem, outros cinquenta; não passava tudo de seiscentos e cinquenta francos. Sobravam-lhe cinquenta francos; portanto, era rico. Chegada a ocasião tinha sempre dez francos para emprestar a um amigo. A Courfeyrac emprestara de uma vez sessenta francos. Quanto ao aquecimento, como não tinha lareira, foi despesa que "simplificou".

Marius tinha sempre dois trajes completos: um mais velho, "para o dia a dia", e outro bem novo, para as ocasiões especiais. Ambos negros. E contava apenas com três camisas, uma no corpo, outra na cômoda e a terceira na lavanderia. Eram substituídas na medida em que ficavam velhas. Como frequentemente estavam rasgadas, ele abotoava a casaca até o pescoço.

Para que Marius chegasse a essa florescente situação, tinham sido necessários anos; bem rudes e difíceis anos; fora-lhe necessário atravessar uns e arrastar-se por outros. Marius não se deixara abalar um só dia. Tinha passado por tudo, em termos de miséria; feito de tudo, exceto dívidas. Rendia a si próprio esse tributo de nunca ter devido um tostão a ninguém. Uma dívida, para ele, era o início da escravidão. Achava inclusive que ter um credor é pior do que ter um amo, pois o amo possui apenas a sua pessoa, enquanto o credor possui a sua dignidade e pode pisoteá-la. Fosse preciso pedir emprestado, ficaria sem comer. E ele passara muitos dias em jejum. Sentindo que os extremos se tocam e que, se não tomarmos cuidado, a queda da fortuna pode levar à baixeza da alma, ele se preocupava muito em manter a dignidade. Determinada maneira ou determinada ação que em outra situação teria parecido deferência, tornava-se pouco elevada e ele se endireitava. Não deixava nada ao acaso, para não ter que recuar. Tinha nas faces uma espécie de rubor severo. Era tímido às raias da rispidez.

Em todas as suas provações sentia-se sempre animado por uma espécie de força secreta interior. A alma ajuda o corpo e por vezes ergue-o. É a única ave que sustém a gaiola.

No coração de Marius, além do nome de seu pai, existia gravado um outro: o de Thénardier. Com sua organização entusiástica e séria, ele rodeava de uma espécie de auréola o homem ao qual julgava dever a vida de seu pai: o intrépido sargento que salvara o coronel no meio das balas em Waterloo. Não separava nunca da recordação de seu pai a daquele homem; associava-as na sua veneração. Era uma espécie de culto em dois níveis, o altar mais alto para o coronel e o mais baixo para Thénardier. O que ainda lhe redobrava o reconhecimento era a ideia do infortúnio que perseguia o homem. Marius tinha sabido, em Montfermeil, da ruína e falência do pobre estalajadeiro. Esforçou-se enormemente para descobrir seu paradeiro e

alcançá-lo no tenebroso abismo da miséria em que Thénardier havia desaparecido. Percorreu toda a região, foi a Chelles, a Bondy, a Gournay, a Nogent, a Lagny. Por três anos se dedicou a isso, gastando nessa exploração o pouco dinheiro que conseguia economizar. Ninguém pudera dar notícia do desaparecido, diziam que talvez tivesse ido para o exterior. Seus credores também o procuravam, de forma menos amigável mas com igual empenho, e também nada haviam conseguido.

Marius quase se acusava de não ter conseguido obter resultado nas suas pesquisas. Era a única dívida que o coronel lhe deixara e que era de sua honra pagar.

Ele pensava: "Como? Meu pai jazia quase morto no campo de batalha e Thénardier soube encontrá-lo na fumaça e sob a metralha, carregando-o nos ombros. No entanto, nada devia a ele. E eu, que tanto devo a Thénardier, não consigo descobri-lo nessa sombra em que ele agoniza para, por minha vez, trazê-lo da morte à vida! Ah, mas hei de encontrá-lo!"

Para o conseguir teria Marius, com efeito, dado um dos braços e, para tirá-lo da miséria, todo o seu sangue. Ver Thénardier, prestar-lhe um serviço qualquer, dizer-lhe "Não me conhece, mas eu o conheço! Aqui estou; disponha de mim!" era o mais belo e magnífico sonho de Marius.

III

Marius engrandecido

Nessa época tinha Marius vinte anos. Havia três que deixara o avô. De uma e outra parte conservara-se tudo no mesmo estado sem que tivesse havido a mínima tentativa de reconciliação, sem que ao menos procurassem se ver. No fim de tudo, para quê? Para haver novo conflito? Quem no final ganharia? Marius era um vaso de bronze, mas o velho Gillenormand era um pote de ferro.

Marius, digamo-lo, iludira-se sobre o coração do avô. Imaginava que aquele velho seco e áspero, que praguejava, gritava, ralhava e por qualquer coisa erguia a bengala, tivesse por ele apenas um afeto ligeiro e severo. Enganava-se. Há pais que não amam os filhos, mas avôs que não adorem os netos não existe um só. Como já dissemos, o sr. Gillenormand no fundo do coração idolatrava Marius; mas

idolatrava-o a seu modo, com reclamações e até safanões: contudo, vendo-o desaparecer, sentiu um grande vazio no coração. Exigia que não lhe falassem mais do neto, lamentando, porém, ser tão fielmente obedecido. Nos primeiros tempos, esperou que aquele bonapartista, jacobino, terrorista e setembrista voltasse. Mas semanas se passaram, meses se passaram, anos se passaram. Para desespero do sr. Gillenormand, o bebedor de sangue não apareceu. "Não pude fazer outra coisa senão expulsá-lo", dizia para si mesmo o avô, e se perguntava: "Se fosse o caso, será que faria isso de novo?" O orgulho na hora dizia que sim, mas a idosa cabeça, balançada em silêncio, tristemente respondia que não. Passava por horas de grande abatimento. Sentia falta de Marius. Velhos precisam de afeto tanto quanto de sol. Precisam de calor. Com toda sua forte natureza, a ausência de Marius havia mudado alguma coisa nele. Por nada no mundo gostaria de dar um passo na direção daquele "pilantra", mas sofria. Jamais pedia informações, mas pensava o tempo todo nele. Vivia cada vez mais retirado, no Marais. Continuava, como antes, alegre e violento, mas sua alegria tinha uma dureza convulsiva, como se estivesse plena de dor e de raiva, e suas violências terminavam sempre por uma forma de cansaço calmo e sombrio. Às vezes ele dizia:

— Ah, se o pilantra voltar, que bom tabefe vou dar nele!

Quanto à tia, pensava demasiadamente pouco, para que pudesse amar muito; Marius já não era mais do que o gato ou o papagaio, que ela provavelmente tinha.

O que aumentava ainda o sofrimento secreto do sr. Gillenormand era o modo por que o ocultava, não o deixando de modo algum se adivinhar. Sucedia às vezes alguns desastrados falarem de Marius e perguntarem:

— O que é feito de seu neto?

O velho burguês respondia suspirando:

— O senhor barão de Pontmercy advoga por aí, num lugar qualquer!

Enquanto o velho lamentava, aplaudia-se Marius pelo seu procedimento. Como sucede a todos os corações bem formados, a desgraça destruíra-lhe o ressentimento. Não pensava no sr. Gillenormand senão com doçura, mas resolvera não receber mais coisa alguma do homem *que tão mau fora para com seu pai*. Isso agora era a tradução disfarçada das suas primeiras indignações. Além disso, sentia-se feliz por ter sofrido e por ainda sofrer. Era por seu pai. A dureza da vida o satisfazia e agradava. Com certa alegria, ele dizia para si mesmo: "era o mínimo que podia fazer", era uma expiação e, sem isso, ele seria punido de outra forma, mais tarde, por sua ímpia indiferença pelo pai — e por que pai! Não teria sido justo o pai sofrer tanto e ele não. E o que podiam representar a sua labuta e sua miséria, se comparadas à vida heroica do coronel? A única forma, para ele, de se aproximar do pai e se parecer com

ele era sendo corajoso contra a indigência como ele fora bravo contra o inimigo. Provavelmente foi o que o coronel quis dizer ao escrever: será digno dele. Eram palavras que Marius continuava a carregar, não mais penduradas no peito, já que o bilhete havia desaparecido, mas no coração.

E depois, quando o avô o expulsara, era ele apenas uma criança e agora era já um homem. Insistimos, ele sentia que a miséria tinha sido boa. Na juventude, a pobreza, quando dá certo, tem esse lado formidável de dirigir toda a vontade ao esforço e toda a alma à aspiração. A pobreza mostra repentinamente a vida material no seu perfeito estado de nudez e torna-a medonha; daqui os inexplicáveis voos para a vida ideal. O jovem rico tem mil distrações brilhantes e grosseiras, as corridas de cavalos, a caça, os cães, o tabaco, o jogo, as boas refeições e tudo o mais; são ocupações dos lados baixos da alma, com prejuízo para as partes altas e delicadas. O jovem pobre tem trabalho para conseguir seu pão; ele come e, depois de comer, resta-lhe apenas o devaneio. Vai aos espetáculos gratuitos que Deus proporciona: olha o céu, o espaço, os astros, as flores, as crianças, a humanidade na qual ele sofre, a Criação na qual ele brilha. Tanto olha a humanidade que vê a alma, tanto olha a Criação que vê Deus. Ele sonha e se sente grande; sonha mais e se sente terno. Do egoísmo de quem sofre, ele passa à compaixão de quem medita. Um admirável sentimento brota em seu interior, o esquecimento de si mesmo e a solidariedade por todos. Pensando nos inúmeros prazeres que a natureza oferece, dá e prodigaliza às almas abertas, negando-os às almas fechadas, ele acaba tendo pena, ele milionário da inteligência, dos milionários do dinheiro. Todo ódio parte do seu coração na medida em que toda clareza entra em seu espírito. Aliás, ele chega a ser infeliz? Não. A miséria de um jovem nunca é miserável. Qualquer jovem que apareça, por mais pobre que seja, com sua saúde, força, passos rápidos, olhos que brilham, sangue que circula efervescente, cabelos escuros, faces frescas, lábios rosados, dentes brancos, respiração livre deixará com inveja um imperador velho. A cada manhã ele vai atrás do seu pão e, enquanto suas mãos se esforçam pelo pão, sua espinha dorsal ganha altivez, seu cérebro ganha ideias. Terminado o trabalho, ele volta aos êxtases inefáveis, às contemplações, às alegrias. Ele vive com os pés na aflição, nos obstáculos, na rua, no mato, às vezes na lama, mas a cabeça na luz. Ele é firme, sereno, meigo, pacífico, atento, sério, contente com pouco, tem boa vontade; agradece a Deus que deu a ele duas riquezas que faltam a muitos ricos: o trabalho que o torna livre e o pensamento que o torna digno.

Fora isso o que se passara em Marius, que inclusive, na verdade, havia um pouco exagerado no lado contemplativo. No dia em que passou a ganhar a vida mais ou menos com segurança, não foi além, achando que era bom ser pobre e tirando do

trabalho para dar ao pensamento. Isso quer dizer que passara algumas vezes dias inteiros a meditar, mergulhando, como um visionário, em mudas voluptuosidades de êxtases e brilho interior. O problema da sua vida estabelecera-o assim: trabalhar o mínimo possível em trabalho material para trabalhar o máximo que pudesse em trabalho intelectual. Em outras palavras, ceder algumas horas para a vida real e dedicar o restante ao infinito. Não percebia, achando de nada carecer, que a contemplação assim compreendida acaba se tornando uma forma de preguiça. Ele se contentava em domar as necessidades primárias da vida e repousava cedo demais.

Era evidente que, para aquela natureza enérgica e generosa, isso seria apenas um estado transitório e, ao primeiro choque com as inevitáveis complicações da vida, ele despertaria.

Enquanto isso, apesar de ser advogado e apesar do que pensava o avô Gillenormand, não ia ao tribunal nem se esforçava. O devaneio o afastava disso. Conviver com procuradores, ter de ir ao tribunal, buscar causas, que enfado! E para quê! Não via razão alguma para trocar de ganha-pão. A obscura editora acabara por lhe dar trabalho certo, de pouca fadiga e que, como acabamos de ver, era suficiente.

Um dos editores para quem trabalhava, Marginel, segundo me parece, tinha oferecido alojá-lo em sua casa, dar-lhe trabalho regular e mil e quinhentos francos por ano. Ter boa casa, além de mil e quinhentos francos! Era decerto excelente. Mas a perda da liberdade! Ser assalariado! Ser uma espécie de literato de aluguel! No pensar de Marius, aceitando essa vantajosa proposta, melhorava e piorava ao mesmo tempo a sua posição; ganhava comodidades e perdia dignidade; era a troca de uma infelicidade completa e bela por uma prisão feia e ridícula; uma coisa como um cego que ficasse vesgo. Rejeitou, portanto, a proposta.

Marius vivia só. Pelo gosto que tinha de se manter fora de tudo e também por ter sido sacudido um tanto brutalmente, acabara não entrando para o grupo presidido por Enjolras. Permaneceram bons colegas, dispostos a mutuamente prestar ajuda de toda forma possível, mas só isso. Marius tinha dois amigos, um jovem, Courfeyrac, e um velho, o sr. Mabeuf. Inclinava-se mais para o velho. Primeiro por dever a ele a revolução ocorrida em seu interior, devia a ele ter conhecido e admirado o pai. “Ele me operou a catarata”, dizia o rapaz.

É verdade, o sacristão tinha sido decisivo.

Mas o sr. Mabeuf, naquela ocasião, foi apenas o agente sereno e impassível da Providência. Tinha por acaso, e sem se dar conta, esclarecido o jovem como um candeeiro que alguém traz: foi o candeeiro que iluminou, e não esse alguém.

O sr. Mabeuf era completamente incapaz de compreender, de promover e de dirigir a revolução política interior de Marius.

Como mais para diante teremos de encontrar o sr. Mabeuf, não serão inúteis algumas palavras a seu respeito.

IV

O sr. Mabeuf

No dia em que o sr. Mabeuf dizia a Marius "Concordo que se tenham opiniões políticas", exprimia o verdadeiro estado do seu espírito. As opiniões políticas lhe eram indiferentes e ele aprovava todas sem distinção, para que o deixassem tranquilo, pelo mesmo modo que os gregos chamavam as Fúrias "belas, bondosas e encantadoras", Eumênides. Mabeuf tinha por opinião política a apaixonada afeição às plantas e sobretudo aos livros. Possuía como toda a gente a sua terminação em *ista*, sem a qual ninguém teria podido viver naquele tempo; mas não era monarquista, nem bonapartista, nem carlista, nem orleanista, nem anarquista; era alfarrabista.

Não compreendia que os homens perdessem tempo se odiando por causa de ninharias como a Carta, a democracia, a legitimidade, a monarquia, a república etc., quando há no mundo tantas espécies de musgos, ervas e arbustos que se podem contemplar e montões de "in-fólios" ou mesmo de "in-32" que se podem folhear. O sr. Mabeuf tinha o maior cuidado em não ser inútil, ter livros não o impedia de ler; ser botânico não o privava de ser jardineiro. Quando conheceu Pontmercy, o que determinou a simpatia entre eles foi que o coronel fazia pelas flores o que ele fazia pelos frutos. De fato, ele tinha conseguido produzir peras cultivadas tão saborosas quanto peras Saint-Germain. Foi de uma das suas combinações que nasceu, ao que parece, a ameixinha-amarela de outubro, hoje em dia célebre e não menos perfumada que as do verão. Ia à missa mais pela serenidade que por devoção, como também por gostar de ver as pessoas, mas não do barulho que elas fazem – e só encontrava isso na igreja: gente em grupo e em silêncio. Sentindo que precisava ocupar uma posição ali, escolhera ser sacristão. Além disso, nunca tinha conseguido gostar de uma mulher como gostava de um bulbo de tulipa, ou de um homem

como de um livro elzevir. Tinha já passado havia muito tempo os seus sessenta anos quando um dia lhe perguntaram:

— Nunca se casou?

— Não me lembro — respondeu ele.

Se por acaso pensasse, como acontece a todos nós: "Ah, se eu fosse rico!", não era olhando para alguma moça bonita, como o velho Gillenormand, mas admirando um livro. Vivia só com uma velha governanta. Sofria de gota e, quando dormia, os seus velhos dedos, pela força do reumatismo, curvavam-se todos nas dobras dos lençóis. Havia organizado e publicado por conta própria um *Flora das redondezas de Cauteretz* com gravuras coloridas, das quais mantinha as placas de cobre, obra muito apreciada e que ele vendia pessoalmente. Diariamente batiam duas ou três vezes na sua porta, na rua Mezières, para isso, o que lhe rendia seus dois mil francos por ano: era a que se resumia toda a sua fortuna. Ainda que pobre, tivera o talento de juntar, à força de paciência, de privações e de tempo, uma coleção preciosa de exemplares raros em todos os gêneros. Nunca saía de casa sem levar um livro debaixo do braço, mas voltava sempre trazendo dois. A única decoração dos quatro cômodos no andar térreo que compunham o seu apartamento, além de um pequeno jardim, eram herbários emoldurados e gravuras de antigos mestres. Só de ver um sabre ou uma espingarda ficava gelado. Nunca na vida se aproximara de um canhão, nem mesmo nos Invalides. Tinha um estômago razoável, um irmão padre, cabelos brancos, dentes nenhum na boca nem no espírito, um tremor que afetava o corpo inteiro, sotaque picardo, riso infantil e aparência de um carneiro velho. Junto a isso, amizade nenhuma ou qualquer outro hábito entre os seres vivos, além de um velho livreiro da Porta Saint-Jacques chamado Royol. Ele tinha o sonho de naturalizar o anil na França.

A governanta era também uma das variedades da inocência. A pobre e excelente velha era virgem. Sultão, seu gato, que poderia miar todo o *Miserere* de Allegri na Capela Sistina, preenchia seu coração e bastava para a quantidade de paixão de que ela dispunha. Nenhum dos seus sonhos jamais se dirigiu a um homem, ela jamais foi além do carinho que dedicava ao gato e, aliás, tinha bigodes como o dele. As toucas, sempre muito brancas, constituíam toda a sua glória. Passava os domingos, depois da missa, a contar a roupa que possuía numa arca e a estender sobre a cama diferentes cortes de vestido, que comprava e nunca fazia. Sabia ler. O sr. Mabeuf pusera-lhe o apelido de *tia Plutarco.*

O sr. Mabeuf simpatizava com Marius porque, sendo moço e de índole meiga, aquecia sua velhice sem lhe assustar a timidez. A mocidade com doçura produz nos velhos o efeito do sol sem vento. Quando Marius se saturava de glória militar, de

pólvora, de marchas, de contramarchas e de todas as prodigiosas batalhas em que seu pai dera e recebera tão grandes golpes de sabre, ia visitar o sr. Mabeuf, que falava do mesmo herói, mas pelo ponto de vista das flores.

Por volta de 1830, morreu seu irmão padre e, logo em seguida, como quando anoitece, todo o horizonte se escureceu para o sr. Mabeuf. Uma falência — de notário — o fez perder uns dez mil francos, que era quanto possuía, seu e de seu irmão. A Revolução de Julho produziu uma crise no comércio dos livros. Em tempos ruins, a primeira coisa que para de se vender é um *Flora,* e *Flora das redondezas de Cauteretz* pagou o preço. Semanas e semanas passavam sem que aparecesse um comprador. Algumas vezes o sr. Mabeuf estremecia ao ouvir tocar a campainha.

— É o carregador que traz a água — dizia-lhe tristemente tia Plutarco.

Em poucas palavras, um dia o sr. Mabeuf deixou a rua Mezières, largou suas funções de sacristão, abandonou Saint-Sulpice, vendeu uma parte não dos seus livros, mas das suas gravuras — que era ao que tinha menor afeição —, e foi morar numa casinha do Boulevard Montparnasse, onde, no fim das contas, ficou apenas um trimestre, por duas razões: a primeira, porque a casa e o jardim custavam trezentos francos e ele não queria gastar mais de duzentos no aluguel; segunda, porque ficando próximo da escola de tiro Fatou, ouvia constantes detonações de pistola, coisa que lhe era insuportável.

Pegou seu *Flora,* suas placas de cobre, os herbários, pastas e livros e foi morar próximo da Salpêtrière, numa espécie de choupana da vila Austerlitz, onde por cinquenta escudos anuais dispunha de três quartos e um quintal com um poço. Aproveitou a mudança para vender quase todos os móveis que tinha. No dia em que assumiu a nova moradia, estava muito bem-humorado e pregou, ele próprio, gravuras e herbários. Roçou o quintal o resto do dia e à noite, vendo tia Plutarco abatida e pensativa, bateu-lhe no ombro e disse, com um sorriso:

— Está vendo? Temos o anil.

Só duas visitas, o livreiro da Porta Saint-Jacques e Marius, eram aceitas na casinhola de Austerlitz, nome que, na verdade, era desagradável ao dono da casa.

No mais, como mais ou menos indicamos, cérebros absorvidos na sabedoria ou numa loucura qualquer (ou ainda, o que com frequência acontece nas duas coisas ao mesmo tempo) só muito lentamente deixam livre acesso às coisas da vida. O próprio destino lhes parece longínquo. Desse tipo de concentração resulta uma passividade que, se for razoável, pode parecer filosófica. Essas pessoas descem ladeira abaixo, deixam-se levar e até afundam sem se dar conta. É verdade, acabam sempre por despertar, mas tardiamente. Enquanto isso, acham que permanecem neutras no jogo

que se dá entre a felicidade e a infelicidade. O que está em jogo são elas próprias, que assistem à disputa com indiferença.

Assim, através de toda aquela obscuridade que se constituía a seu redor, com todas as suas esperanças sucessivamente desaparecendo, o sr. Mabeuf se mantinha sereno, de forma um tanto pueril, mas profunda. Seus hábitos, do ponto de vista do espírito, tinham o vaivém de um pêndulo. Uma vez empolgado por uma ilusão, ele continuava por bastante tempo, mesmo depois do desaparecimento da ilusão. Um relógio não para de imediato no momento exato em que perdemos a chave de dar corda.

Mabeuf tinha prazeres inocentes. Prazeres nada caros e inesperados, que o menor acaso proporcionava. Um dia tia Plutarco lia um romance num canto do quarto; lia em voz alta, achando assim compreender melhor. Ler em voz alta é afirmar para si mesmo a leitura que se faz. Há pessoas que leem realmente alto e parecem com isso garantir aquilo que leem.

Era com essa energia que tia Plutarco lia o romance que tinha nas mãos. Mabeuf ouvia sem prestar atenção.

Lendo, a empregada chegou a esta frase, em que se tratava de um oficial dos dragões e uma bela:

"... A bela fez que não e o dragão..."

Nisso ela parou para limpar os óculos.

— Buda[1] e o dragão — comentou a meia-voz Mabeuf. — É verdade, havia um dragão que, do fundo de uma caverna, lançava chamas pela boca e ameaçava o céu. Vária estrelas já tinham se queimado e o monstro, além de tudo, tinha garras de tigre. Buda foi ao antro do dragão e conseguiu convertê-lo. Muito bom livro esse que está lendo, tia Plutarco. É uma belíssima história.

Em seguida, o sr. Mabeuf voltou a seu satisfeito devaneio.

V

Boa vizinhança da pobreza com a miséria

Marius gostava daquele velho cândido que se surpreendia com a indigência em que pouco a pouco caía, sem contudo se entristecer ainda. Ele encontrava Courfeyrac e procurava o sr. Mabeuf. Mas raramente, no máximo uma ou duas vezes por mês.

O prazer de Marius consistia em dar passeios solitários nas alamedas externas, no Champ de Mars ou nas aleias menos frequentadas do jardim de Luxembourg. Passava às vezes metade do dia a olhar uma horta, as fileiras de alface, as galinhas num terreiro ou um cavalo girando a roda de uma nora. Os passantes olhavam para ele com surpresa e alguns até o achavam suspeito, com fisionomia sinistra. Mas era apenas um rapaz pobre, pensando em coisa alguma.

Foi num desses seus passeios que descobriu o cortiço Gorbeau e, tentado pelo isolamento e pelo baixo custo, foi morar lá, onde passou a ser conhecido apenas como sr. Marius.

Alguns dos velhos generais ou antigos camaradas de seu pai o haviam convidado, quando o conheceram, para que os visitasse. Marius aceitou. Eram ocasiões para falar de seu pai. Ia então de tempos a tempos à casa do conde Pajol, do general Bellavesne e do general Fririon, nos Invalides. Eram casas em que havia música e danças. Nessas noites Marius vestia sua casaca nova; mas só frequentava tais saraus ou bailes nas noites de frio excessivo, pois não podia pagar um carro e queria se apresentar com as botas ainda brilhando.

Ele às vezes dizia, mas sem mágoa: "As pessoas são estranhas e, num salão, você pode estar enlameado por todo lugar, menos nos sapatos. É só o que exigem para recebê-lo bem. A única coisa que se deve ter impecável de forma alguma é a consciência e sim as botas."

Todas as paixões, exceto as do coração, se diluem em devaneios. As febres políticas de Marius tinham assim se dissipado. A Revolução de 1830, dando certa satisfação e acalmando, o ajudou nisso. Ele se mantinha o mesmo, mas sem revoltas. Continuava com as mesmas opiniões, só que suavizadas. A bem da verdade, o que ele tinha não eram mais opiniões, eram simpatias. Qual o seu partido? O partido da humanidade. Na humanidade, ele escolhia a França; na nação ele escolhia o povo; no povo ele escolhia a mulher. Era para onde se encaminhava a sua devoção. Preferia uma ideia a um fato, um poeta a um herói, e admirava mais um livro, como o de Jó, que um acontecimento, como Marengo. Além disso, quando voltava à noite pelos boulevards, após uma tarde de meditação e que através dos galhos das árvores percebia o espaço sem fim, os brilhos sem nome, o abismo, a sombra, o mistério, tudo que não é humano lhe parecia bem pequeno.

Ele acreditava ter chegado, e talvez de fato o tivesse, à verdade da vida e da filosofia humana, e terminou por olhar apenas para o céu, única coisa que a verdade pode ver do fundo do seu poço.

Nada disso o impedia de multiplicar planos, combinações, construções e projetos de futuro. Nesses estados de devaneio, um olho que pudesse ver o interior de Marius se deslumbraria com a pureza daquela alma. De fato, se fosse possível a nossos olhos humanos enxergar na consciência do outro, com muito mais exatidão poderíamos julgar um homem a partir daquilo que ele sonha do que daquilo que ele pensa. O sonho, totalmente espontâneo, assimila e mantém, inclusive no gigantesco e no ideal, a imagem do nosso espírito. Nada sai mais direta e sinceramente do fundo da nossa alma que nossas aspirações irrefletidas e desmedidas na direção dos esplendores do destino. Nessas aspirações, bem mais do que nas ideias compostas, raciocinadas e coordenadas, pode se encontrar o verdadeiro caráter de cada homem. Nossas quimeras são o que mais se parece conosco. Todos sonhamos o desconhecido e o impossível, segundo nossas naturezas.

Lá pela metade do ano 1831, Marius soube pela velha que o servia que iam mandar despejar seus vizinhos, a miserável família Jondrette. Marius, que passava quase sempre os dias fora de casa, mal sabia que tinha vizinhos.

— Por que serão despejados? — perguntou ele.

— Porque não têm pagado o aluguel; devem já dois meses.

— A quanto monta essa dívida?

— A vinte francos — disse a velha.

Marius tinha trinta francos de reserva numa gaveta.

— Aqui tem vinte e cinco francos — disse à velha. — Pague a dívida dessa pobre gente, entregue-lhe os cinco francos que restam, mas não diga que o dinheiro veio de mim.

VI

O substituto

Quis o acaso que o regimento em que o tenente Théodule servia fosse se aquartelar em Paris. Isso deu à tia Gillenormand uma nova ideia. Com a primeira imaginara espiar Marius através de Théodule; com esta começou a conspirar para que Théodule sucedesse a Marius.

Fosse como fosse, e para o caso em que o avô sentisse o vago desejo de ver em casa um rosto moço, raios de aurora muitas vezes agradáveis às ruínas, era da maior conveniência achar outro Marius. "Que assim seja!", pensou a tia Gillenormand; é uma simples errata, como tenho visto nos livros: onde se lê Marius, leia-se Théodule .

Um sobrinho é quase um neto, na falta de um advogado aceita-se um lanceiro.

Certa manhã em que o sr. Gillenormand se dispunha a ler qualquer coisa como o *Quotidienne,* a filha se aproximou e disse com a voz bem suave, pois era do seu predileto que se tratava:

— Meu pai, Théodule veio esta manhã apresentar-lhe os seus respeitos.

— Quem é Théodule?

— É o seu sobrinho.

— Ah, é verdade — disse o velho.

Em seguida voltou a ler, não pensou mais no sobrinho, que não passava de um Théodule como outro qualquer, e não tardou a achar-se de mau humor, como lhe sucedia sempre quando lia. A "folha" nas suas mãos, monarquista, como devia ser, anunciava para o dia seguinte, sem a mínima amenidade, um dos acontecimentos da Paris daquele tempo: os estudantes das escolas de Direito e de Medicina se reuniriam na praça do Panthéon ao meio-dia, para deliberar. Tratava-se de um assunto importante: a artilharia da Guarda Nacional e um conflito entre o ministro da Guerra e a "milícia cidadã", pelos canhões mantidos no pátio do Louvre. Era sobre isso que os estudantes "deliberariam". Não era preciso mais para exaltar o sr. Gillenormand.

Pensou em Marius, que era estudante e iria, como os outros, "deliberar, ao meio-dia, na praça do Panthéon".

Estava no meio desse pensamento quando o tenente Théodule entrou, vestido à paisana. O lanceiro fizera este raciocínio: "O velho druida não pode ter comprometido tudo que tem; ora, isso vale bem que a gente se *mascare* de tempos em tempos."

A srta. Gillenormand disse em voz alta ao pai:

— Aqui está o seu sobrinho Théodule.

E acrescentou em voz baixa, dirigindo-se ao tenente:

— Concorde com tudo.

E retirou-se.

O tenente, pouco habituado a encontros tão veneráveis, balbuciou com alguma timidez:

— Como tem passado, meu tio? — E fez um cumprimento que era uma mistura maquinal da saudação militar e do cumprimento burguês.

— Ah, é o senhor! Queira sentar-se — disse o tio.

Depois esqueceu-se completamente do lanceiro.

Théodule sentou-se e o sr. Gillenormand levantou-se.

O velho começou a andar de um lado para outro, com as mãos nas algibeiras, falando em voz alta e atormentando com os dedos os dois relógios que tinha nos bolsos.

— Bando de pirralhos! Convocaram-se para a praça do Panthéon! Aonde vamos parar? Uma súcia de pirralhos que ainda fedem a cueiros! Se lhes apertassem os narizes deitariam leite! E querem discutir amanhã, ao meio-dia! Aonde vamos parar? É claro que corremos para um abismo. É ao que nos levaram os descamisados! Artilharia cidadã! Discutir a artilharia cidadã! Aposto o que quiserem, um milhão contra coisa nenhuma, em como não se verá senão gente que está sob a vigilância da polícia e forçados libertos. Os republicanos e os forçados não têm todos mais do que um nariz e um lenço de assoar. "Aonde queres tu que eu vá, traidor?", dizia Barnot. "Vai aonde quiseres, imbecil!", respondia Fouché. Ora, isso é o que são os republicanos.

— É isso mesmo, é — disse Théodule.

O sr. Gillenormand voltou um quase nada a cabeça, viu Théodule e continuou:

— Quando penso em que aquele velhaco teve a malvadez de se tornar carbonário! Para que saíste da minha casa? Para ser republicano. Puh! Em primeiro lugar o povo não quer nada da tua república, tem o bom senso de não querer; sabe muito bem que sempre teve reis e que eternamente os terá. O povo, no fim de tudo, sabe muito bem que é apenas povo e mofa da tua república, cretino! Há nada mais horrível do que um tal capricho? Encantar-se com o *Père Duchêne*, flertar com a guilhotina, cantar canções e fazer serenatas na varanda de 1793. Dá vontade de cuspir nesses jovens todos, de tanto que são idiotas! Estão todos nisso, nenhum escapa. Basta respirar o ar das ruas que essa loucura pega. O século XIX é veneno. Primeiro o fedelho deixa crescer uma barbicha de bode, se acha já alguma coisa e abandona os velhos parentes. É republicano, é romântico. Que diabos é isso, ser romântico? Faça-me a gentileza de dizer. São todas as loucuras juntas. Há um ano, estavam indo ver *Hernani*. Vai saber o que é! Antíteses! Horrores que nem mesmo

são escritos em francês! E depois, artilharia no pátio do Louvre! São essas as proezas deste tempo!

— Tem razão, meu tio — disse Théodule.

— Peças de artilharia no pátio do Museu! O que querem? Metralhar o *Apolo do Belvedere*? Para que cartuchos contra a *Vênus de Médici*? Esses rapazes de hoje são todos libertinos. Que grande coisa o tal Benjamin Constant deles! E os que não são bandidos são uns bobões! Fazem o que podem para se enfear, malvestidos, têm medo das mulheres, parecem mendigar quando chegam perto de qualquer rabo de saia, o que as faz morrer de rir. Juro, parecem se envergonhar do amor. São disformes e se completam com a estupidez; repetem trocadilhos de Tiercelin e de Potier, usam vestes-sacos, coletes de cavalariço, camisas de lona, calças de pano grosseiro, botas pesadas, e o falatório deles parece uma plumagem de pássaro. Poderiam consertar os sapatos com isso. E esse bando de ineptos tem opiniões políticas. Deveria ser terminantemente proibido ter opiniões políticas. Fabricam sistemas, reestruturam a sociedade, demolem a monarquia, derrubam no chão todas as leis, colocam o sótão no lugar do porão e o porteiro no lugar do rei; sacodem a Europa de cabo a rabo, refazem o mundo e consideram grande fortuna espiar sorrateiramente as pernas das lavadeiras, quando sobem nas carroças! Ah, Marius! Grande tratante! Ir vociferar na praça pública! Discutir, debater, tomar providências! E chamam a isso providências! Santo Deus! A desordem apequena e faz deles uns sonsos. Já assisti ao caos e agora assisto ao desperdício. Estudantes a discutir a Guarda Nacional! Selvagens que andam nus, com os cabelos atados no alto da cabeça à maneira de penacho, e uma maça sempre na mão, são menos brutos do que esses tais bacharéis! Bonifrates de quatro soldos, que querem ditar, deliberar e raciocinar! É o fim do mundo. É, evidentemente, o fim deste miserável globo terrestre. Era preciso um soluço final e a França o prepara. Deliberem, miseráveis! Coisas assim vão acontecer enquanto os deixarem ler jornais sob os arcos do Odéon. Custa apenas um tostão e também o bom senso, a inteligência, o coração, a alma, o espírito. Saem daí e abandonam a família. Os periódicos são a peste, sem mesmo excetuar o *Drapeau blanc*! Ah, justo céu! E hás de gabar-te de teres desesperado teu avô, velhaco!

— É evidente — disse Théodule.

E aproveitando o momento em que o sr. Gillenormand tomava fôlego, acrescentou magistralmente:

— Não devia ser consentido outro periódico além do *Moniteur,* nem outro livro que não seja o Anuário Militar.

O sr. Gillenormand prosseguiu:

— É como o seu Sieyés! Um regicida terminando senador! É sempre assim que eles terminam. Agatanham-se com o *tu* cidadão, para chegarem ao tempo em que lhes chamam senhor conde. Condes grosseiros como os braços dos calceteiros. O filósofo Sieyés! Fico contente por nunca ter dado ouvidos às filosofias desse tipo de filósofo. Vi um dia os senadores passando pelo *quai* Malaquais, de capas de veludo roxo semeadas de abelhinhas e chapéus à Henrique IV. Hediondos. Pareciam macacos na corte do tigre. Cidadãos, declaro que o progresso dos senhores não passa de loucura, a humanidade dos senhores é um delírio, a revolução dos senhores é um crime, a república dos senhores é um monstro, a jovem França virgem dos senhores sai de um lupanar e afirmo a todos, sejam os senhores jornalistas, sejam economistas, sejam legistas, mais conhecedores de liberdade, igualdade e fraternidade do que o cutelo da guilhotina! É o que afirmo, minhas boas almas!

— Formidável! — exclamou o tenente. — Acho isso admirável.

O sr. Gillenormand interrompeu um gesto que tinha começado, voltou-se, fitou de frente o lanceiro e disse:

— O senhor é um imbecil!

Nota

1 *Bouda*, que logo acima foi traduzido como “fez que não”, é homônimo de “buda”. No romance, “dragão” era, evidentemente, um soldado da cavalaria. (N.T.)

LIVRO SEXTO

CONJUNÇÃO DE DUAS ESTRELAS

I

A alcunha: modo de formar nomes de família

Marius era nessa época um interessante rapaz de mediana estatura, com bastos cabelos pretos, fronte elevada e inteligente, narinas abertas e palpitantes, ar sincero e sereno, tendo em toda a fisionomia um não sei quê de altivo, melancólico e inocente. O perfil, no qual todas as linhas eram arredondadas, sem deixar de serem firmes, tinha aquela doçura germânica que se incluiu na fisionomia francesa pela Alsácia e pela Lorraine, com a completa falta de ângulos que tornava os sicambros tão facilmente reconhecíveis entre os romanos e distingue a raça leonina da raça aquilina. Ele estava nesse período da vida em que se compõe o espírito dos homens que pensam, em proporções quase iguais de profundidade e de ingenuidade. Uma situação grave que se apresentasse e ele tinha todo o necessário para fazer alguma estupidez, mas por pouca coisa mais poderia ser sublime. As suas maneiras eram reservadas, frias, polidas, pouco abertas. Com boca encantadora, os lábios mais vermelhos e os dentes mais alvos do mundo, o sorriso corrigia o que a fisionomia tinha de severa. Em certos momentos, a expressão casta e o sorriso voluptuoso criavam um contraste singular. O olho propriamente era pequeno, o olhar grande.

Mesmo no tempo da sua maior miséria, notava que as moças o seguiam com os olhos quando o viam passar; ele então quase fugia ou se ocultava. Julgava que olhavam por causa das suas pobres roupas, que as faziam rir; mas a verdade é que o admiravam porque o achavam belo e porque o desejavam.

Esse mudo equívoco entre ele e as bonitas passantes o tornou arisco. Nunca escolheu nenhuma, pela excelente razão de que sempre fugiu de todas. Viveu assim indefinidamente — estupidamente, corrigia Courfeyrac.

E o amigo dizia ainda:

— Meu caro, vou lhe dar um conselho. Não queira ser tão venerável. Não se entregue tanto aos livros, olhe também as moças. Elas têm coisas boas! De tanto fugir e corar a cada oportunidade, vai acabar se embrutecendo.

Outras vezes, quando se encontravam, Courfeyrac o cumprimentava:

— Olá, padre.

Quando Courfeyrac dizia coisas desse tipo, Marius passava oito dias a evitar, mais do que nunca, as mulheres, fossem jovens ou velhas. E, mais ainda, evitava Courfeyrac.

Havia, contudo, em toda a imensa Criação, duas mulheres das quais Marius não fugia nem tinha medo. Na verdade até ficaria surpreso se lhe dissessem que eram mulheres. Uma era a velha barbuda que lhe varria o quarto e fazia Courfeyrac dizer:

— Vendo que a criada tem barba, Marius não usa a sua.

A outra era uma menina que ele via muitas vezes, sem nunca prestar atenção.

Havia mais de um ano que Marius notava um homem e uma menina, quase sentados ao lado um do outro no mesmo banco, no extremo mais solitário da aleia, do lado da rua de l'Ouest. Cada vez que o acaso, que se envolve sempre nos passeios dos indivíduos cuja vista se aplica toda para o interior, levava Marius àquela aleia, o que acontecia quase todos os dias, achava ali sempre o mesmo par. O homem poderia ter uns sessenta anos; parecia triste e sério; seu físico apresentava o aspecto robusto e fatigado da gente de guerra retirada do serviço. Se tivesse uma condecoração qualquer, Marius logo diria: é um oficial reformado. Parecia afável, mas nada acessível: não demorava nunca a vista em ninguém. Usava calças e sobrecasaca azuis, chapéu de abas largas, parecendo tudo sempre novo, gravata preta e camisa de resplandecente alvura. Um dia uma costureirinha que passou perto dele disse: "Isto é que é um viúvo asseado!" Seus cabelos já estavam totalmente brancos.

A primeira vez que a menina que o acompanhava estava com ele no banco que pareciam ter adotado, podiam-se dar a ela uns treze ou quatorze anos; era magra a ponto de ser quase feia, acanhada, de aspecto insignificante e prometendo talvez ter lindíssimos olhos, mas sempre erguidos com algum desagradável excesso de segurança. Seu traje tinha esse aspecto ao mesmo tempo velhusco e infantil das pensionistas de convento: um vestido de talhe feio e de merinó preto grosso. Pareciam ser pai e filha.

Marius examinou por dois ou três dias aquele homem de cabelos brancos, que não era ainda um velho, e aquela menina que não era ainda uma jovem, depois não pensou mais neles, que, por sua vez, pareciam nem mesmo vê-lo. Conversavam entre si de forma calma e indiferente. A menina tagarelava sem cessar e alegremente. O velho falava pouco e, por instantes, fitava nela uns olhos repletos da mais inefável paternidade.

Marius adquirira o hábito maquinal de passear por aquela aleia e invariavelmente os encontrava.

As coisas se passaram da seguinte maneira:

O mais frequentemente Marius chegava pelo lado oposto ao banco deles. Caminhava ao longo da aleia, passava à frente do banco e depois voltava até a extremidade de onde tinha vindo, recomeçando tudo em seguida. Fazia esse vai e vem cinco ou seis vezes durante o passeio e esse passeio cinco ou seis vezes por semana, sem que chegassem, ele e os dois desconhecidos, a se cumprimentarem. Aquele personagem e a menina, ainda que parecessem, e talvez por parecerem evitar os olhares, tinham naturalmente despertado pouco a pouco a atenção de cinco ou seis estudantes, que de tempos em tempos passeavam ao longo do canteiro de sementes, uns ao saírem das aulas, outros ao saírem do bilhar. Courfeyrac, que era desses últimos, observara-os por algum tempo, mas achando a menina feia afastara-se rápido, desinteressado. Impressionado apenas pelo vestido preto da menina e pelos cabelos brancos do velho, chamou à primeira *menina Lanoire* e ao pai *sr. Leblanc*. Como ninguém os conhecia, a alcunha se firmou. Os estudantes diziam:

— Ah, o sr. Leblanc está no seu banco!

E Marius, como os outros, achou cômodo chamar ao desconhecido sr. Leblanc.

Faremos o mesmo e diremos também sr. Leblanc, para facilidade da narração.

Marius viu-os assim, quase todos os dias à mesma hora, durante um ano. O homem agradava-lhe, mas achava a menina sem graça.

II

Lux facta est

No segundo ano, precisamente no ponto desta história a que o leitor chegou, sucedeu que Marius, sem que soubesse por quê, interrompeu o hábito de ir ao Luxembourg, ficando perto de seis meses sem pôr os pés na sua aleia favorita. Um dia, enfim, voltou: era uma serena manhã de verão e ele se sentia alegre, como sucede quando o tempo está agradável. Sua impressão era de ter no coração o canto de todas as aves que ouvia e todas as porções de céu que via através da folhagem.

Foi direto à "sua aleia" e, quando chegou ao fim, viu, ainda no mesmo banco, o par já conhecido. Quando se aproximou notou que o homem era o mesmo, mas a menina não. A jovem que ali estava era uma alta e bela criatura, tendo todas as

formas mais encantadoras da mulher no momento preciso em que elas se combinam ainda com as mais ingênuas graças da criança; momento fugidio e puro, que só se pode traduzir por essas duas palavras: quinze anos. Tinha admiráveis cabelos castanho-escuros com certos cambiantes dourados, uma fronte que parecia de mármore, faces que se diriam compostas de folhas de rosas, mas um tanto pálidas, de alvura transparente, uma boca primorosa, da qual o sorriso saía como uma claridade e a palavra como suave música. Uma cabeça que Rafael daria à Virgem, num pescoço que Jean Goujon emprestaria a Vênus. Para que nada faltasse à encantadora imagem, o nariz não era belo, era bonito: nem reto nem curvo, nem italiano nem grego, era o nariz parisiense; isto é, com algo espiritual, fino, irregular e puro, que desespera os pintores e encanta os poetas.

Quando Marius passou à sua frente não pôde ver os olhos, que a jovem conservava constantemente baixos. Apenas notou as compridas pestanas castanhas, carregadas de sombra e de pudor.

Isso não impedia que a linda criança sorrisse ouvindo o que o homem de cabelos brancos dizia; e não havia nada tão arrebatador como aquele fresco sorriso com os olhos baixos.

No primeiro momento Marius julgou ser outra filha do mesmo homem, uma irmã, sem dúvida, da primeira. Mas quando o invariável itinerário do passeio o fez passar outra vez junto do banco, examinando-a com mais atenção, viu ser a mesma. Em seis meses a menina se tornara uma jovem; eis toda a diferença. Não há fenômeno mais frequente. Há um momento em que as meninas desabrocham num abrir e fechar de olhos e de repente se tornam rosas. Ontem eram crianças, hoje são inquietadoras. A moça em questão não havia somente crescido, ela se idealizara. Como três dias, no mês de abril, bastam a certas árvores para se cobrirem de flores, seis meses tinham bastado para que ela se vestisse de beleza. O seu mês de abril havia acontecido.

Vemos às vezes pessoas que, pobres e precárias, parecem despertar, passam subitamente da indigência ao fausto, fazem despesas de todo tipo e de repente se tornam brilhantes, pródigas e magníficas. E isso por alguma herança recebida no dia anterior. Aquela jovem recebera o resultado de um semestre acumulado.

Além disso, já não era a pensionista com o chapéu de pelúcia, o vestido de merinó, os sapatos de escola e as mãos avermelhadas; o bom gosto viera-lhe com a beleza; apresentava-se bem-vestida, com uma espécie de elegância simples, rica, mas sem afetação. Trajava um vestido adamascado escuro, pelerine no mesmo tecido e um chapéu de crepe branca. Luvas também brancas deixavam que se visse a finura da mão, que brincava com o cabo em marfim da China de uma sombrinha. As

botinas de seda protegiam a miudeza dos pés. Quem passasse a seu lado sentiria o perfume jovem e penetrante de todo aquele aparato.

O homem era o mesmo.

A segunda vez que Marius passou em frente a ela, a jovem ergueu os olhos, que eram de um profundo azul-celeste, e neles não havia senão a expressão da criança. Olhou para Marius com indiferença, como teria olhado para o vaso de mármore que fazia sombra ao banco, e Marius, de sua parte, continuou o passeio, pensando noutra coisa.

Passou ainda quatro ou cinco vezes perto da jovem, mas sem mesmo olhar para ela.

Nos dias seguintes voltou como de ordinário ao Luxembourg e, como de costume, lá encontrou "pai e filha", sem lhes prestar muita atenção. Não pensou mais na jovem, agora que era bela, do que quando era feia. Passava perto do banco porque era esse o seu costume.

III

Efeito da primavera

Um dia, estava o ar tépido, o Luxembourg inundado de sombra e de sol, o céu puro como se os anjos houvessem lavado o dia, os passarinhos gorjeavam na profundeza dos castanheiros. Marius tinha a alma inteiramente aberta para a natureza e não pensava em coisa alguma: vivia e respirava. Passou perto do célebre banco, os olhos da jovem se ergueram na sua direção e encontraram os dele.

O que houve daquela vez no olhar da jovem? Marius não saberia dizer: um nada e um tudo. Algo como um estranho relâmpago. Ela baixou os olhos, ele continuou seu caminho.

O que Marius acabara de ver não tinham sido os olhos ingênuos de uma criança, mas um abismo misterioso que se abrira e tornara a repentinamente se fechar.

Há um dia em que todas as jovens olham assim, e pobre de quem estiver à sua frente.

Esse primeiro olhar de uma alma que ainda não se conhece é como a aurora no céu. É o despertar de algo resplandecente e desconhecido. Nada pode descrever o perigoso encanto desse clarão inesperado e repentino, que vagamente ilumina adoráveis trevas e se compõe de toda a inocência do presente e toda a paixão do futuro. É uma espécie de ternura indecisa que se revela ao acaso e espera. Uma armadilha que a inocência, sem se dar conta, dispõe e captura corações, sem querer nem perceber. É uma virgem que olha como mulher.

A partir desse olhar, é raro que uma profunda impressão não nasça em quem o recebeu. Todas as purezas e todas as canduras se encontram nesse raio celeste e fatal. Os olhares mais aperfeiçoados das mulheres sedutoras não podem reproduzi-lo, com seu poder mágico de subitamente fazer brotar, no fundo de uma alma, essa flor ambígua, cheia de perfumes e de venenos, que se chama amor.

Voltando Marius à noite ao seu cubículo, reparou nas próprias roupas e, pela primeira vez, notou seu pouco asseio e a inconveniência, senão a inaudita estupidez, de ir ao Luxembourg com o traje do dia a dia, isto é, um chapéu amolgado, botas grossas, calças já esbranquiçadas nos joelhos e uma casaca surrada nos cotovelos.

IV

O início de uma grande doença

No dia seguinte, à hora de costume, Marius tirou do armário a casaca, as calças, o chapéu e as botas novas. Vestiu tudo isso, calçou luvas, o que era um luxo incomum, e foi para o Luxembourg.

No caminho encontrou Courfeyrac, a quem fingiu não ver. Courfeyrac comentou em seguida com os amigos:

— Acabo de ver o chapéu e a casaca novos de Marius, com ele dentro. Ia sem dúvida para algum exame. Todo prosa.

Chegando ao Luxembourg Marius deu a volta no lago, olhou os cisnes e ficou um bom tempo diante de uma estátua, que tinha a cabeça toda enegrecida de mofo e à qual faltava um lado do quadril. Perto do lago, um burguês quadragenário e barrigudo, segurando pela mão um menino de cinco anos, dizia para ele:

— Evite sempre os excessos, filho, mantenha-se a distância igual do despotismo e da anarquia.

Marius ouviu o burguês. Depois deu mais uma volta em torno do lago e afinal dirigiu-se à "sua aleia", devagar e quase contra a vontade. Como se ao mesmo tempo se sentisse obrigado e impedido de ir.

Desembocando na alameda viu, no extremo oposto e "no seu banco", o sr. Leblanc e a jovem. Abotoou a casaca até o alto de modo a que não fizesse rugas, examinou com certa complacência os reflexos lustrosos das calças e marchou para o banco. Havia nessa marcha um sentido de ataque e uma veleidade de conquista. Então, digo marchou para o banco como diria Aníbal marchou contra Roma.

Acrescente-se, nada havia de maquinal nos seus movimentos e ele, de forma alguma, interrompera as preocupações habituais do espírito e do trabalho. Pensava, naquele momento, quanto o Manuel du Baccalauréat, para as provas de entrada no ensino superior, era um livro idiota, que devia ter sido escrito por completos imbecis, para analisar como obras-primas do espírito humano três tragédias de Racine e somente uma comédia de Molière. Ouvia um zumbido agudo no ouvido. Aproximando-se do banco, endireitou as dobras da veste e seus olhos se fixaram na jovem. Teve a impressão de que ela preenchia todo aquele trecho da aleia com uma vaga névoa azulada.

À medida que se aproximava, demorava cada vez mais o passo. Chegando a certa distância do banco, muito antes do fim, ele parou e, sem saber por que, voltou atrás. Sequer havia pensado em não ir até o fim. A jovem dificilmente teria apreciado, daquela distância, a sua bela aparência nas roupas novas. Mesmo assim manteve-se bem reto, caso alguém atrás dele o notasse.

Chegou ao extremo oposto e voltou. Dessa vez foi até um pouco mais perto do banco. Chegou mesmo a uma distância de três intervalos de árvores; mas ali sentiu não sei que impossibilidade de continuar e hesitou. Achou ter visto o rosto da jovem voltar-se para ele. Todavia, fez um esforço viril e violento para suplantar a hesitação e continuou a avançar. Ao cabo de poucos segundos passava diante do banco, direito e firme, vermelho até as orelhas, sem olhar para a direita nem para a esquerda, com a mão metida na casaca como um estadista. No momento em que passava, sentiu o coração palpitar tremendamente. Ela usava o mesmo vestido adamascado da véspera e o chapéu de crepe branca. Marius ouviu uma voz inefável que devia ser a "sua voz". Conversava tranquilamente. Era muito bonita. Podia-se ver, mesmo sem olhar para ela.

"Ela não poderá deixar de ter alguma estima e consideração por mim se souber que sou o verdadeiro autor da dissertação sobre Marcos Obregón de la Ronda, que o

senhor François de Neufchâteau colocou, como sendo sua, na edição que lançou de *Gil Blas*!", pensou ele.

Passou pelo banco, foi até o fim da aleia, que era bem perto, e voltou de novo, para passar ainda pela frente da jovem. Dessa vez estava extremamente pálido. Na verdade, a sensação que acompanhava tudo aquilo era bem desagradável. Afastou-se do banco e da jovem. Mesmo de costas, imaginava que ela o observava e isso o fez tropeçar.

Não tentou mais se aproximar do banco; parou no meio da aleia e ali, coisa que nunca fizera, sentou-se olhando de revés e pensando, nas profundezas do seu espírito, que no fim de tudo era difícil que alguém de quem ele admirava o chapéu de crepe branca e o vestido adamascado ficasse absolutamente insensível às suas calças lustrosas e à sua casaca nova.

Passado um quarto de hora, levantou-se como se fosse recomeçar o passeio para os lados daquele banco cercado de auréola azulada. Contudo, ficou de pé e imóvel. Pela primeira vez, em quinze meses, imaginou que o sujeito que ali ia sentar-se todos os dias com a jovem tinha já, decerto, reparado nele e provavelmente achado estranha a sua assiduidade.

Pela primeira vez também achou que era de pouca reverência designar o desconhecido, mesmo no segredo do seu pensamento, pela alcunha de sr. Leblanc.

Conservou-se assim por alguns instantes cabisbaixo, fazendo desenhos na areia com uma vareta que tinha na mão.

Depois se virou de repente para o lado oposto ao banco e foi para casa.

Naquele dia esqueceu-se de jantar. Só às oito horas da noite se deu conta disso e como era tarde demais para ir à rua Saint-Jacques, pensou: "Ora!" E comeu um pedaço de pão.

Não se deitou sem ter escovado e dobrado a casaca com todo o cuidado.

V

Várias trovoadas sobre *mame* Bougon

No dia seguinte, *mame* Bougon — era como Courfeyrac denominava a velha porteira, principal locatária e servente do cortiço Gorbeau; o normal seria chamá-la *madame* Bougon, mas o desalmado Courfeyrac não respeitava coisa nenhuma — *mame* Bougon, pois, notou, estupefata, que o sr. Marius mais uma vez saía de traje novo.

Ele voltou ao Luxembourg, mas não passou da metade da aleia. Sentou-se no banco, como na véspera, e ficou olhando de longe, vendo distintamente o chapéu de crepe branca, o vestido adamascado e, principalmente, a claridade azul. Não fez o mínimo movimento e só voltou para casa quando fecharam as portas do Luxembourg. Não viu irem embora o sr. Leblanc e a filha, concluindo que tinham saído pela porta da rua de l'Ouest. Mais tarde, passadas algumas semanas, pensando nisso, não pôde lembrar-se de onde tinha jantado naquela noite.

No dia seguinte, que era o terceiro, sentiu-se *mame* Bougon mais uma vez fulminada, ao ver Marius sair de novo com a roupa nova.

— Três dias seguidos! — exclamou ela.

Tentou segui-lo, mas Marius caminhava depressa e a passos largos. *Mame* Bougon era um hipopótamo que perseguia um cabrito. Passados dois minutos perdeu-o de vista e resolveu voltar, afogueada, furiosa e quase sufocada pela asma.

— Nunca se viu uma falta de juízo assim! Vestir todos os dias o traje novo e obrigar a gente a correr dessa maneira!

Marius tinha ido ao Luxembourg. A jovem e o sr. Leblanc lá estavam. Ele se aproximou quanto pôde, fingindo ler um livro, mas ficou ainda muito longe e foi depois sentar-se num banco, onde permaneceu quatro horas, a ver saltar de um para outro lado os pardais, que pareciam zombar dele.

Quinze dias se passaram. Marius ia ao Luxembourg, não mais para passear, mas para sentar-se no mesmo lugar, sem saber por quê. Lá chegando, não se mexia. Toda manhã vestia a roupa nova para nada e tudo recomeçava no dia seguinte.

Ela, decididamente, era dotada de maravilhosa beleza. A única observação que se podia fazer, beirando uma crítica, era a contradição entre o olhar, que era triste, e o sorriso, que era alegre, o que dava à expressão um certo desencontro, fazendo com que um rosto tão meigo ficasse estranho, sem deixar de ser encantador.

VI

Marius prisioneiro

Num dos últimos dias da segunda semana estava Marius, como de costume, sentado no seu banco, com um livro aberto na mão, do qual havia duas horas não virava uma única folha. De repente estremeceu. Algo acontecia no final da aleia. O sr. Leblanc e a filha acabavam de se levantar, a jovem dera o braço ao pai e dirigiam-se ambos para o meio da aleia, onde estava Marius. Ele fechou o livro, voltou a abri-lo e tentou ler. Tremia. A auréola tomava a sua direção. "Meu Deus!", pensava ele, "nem terei tempo de tomar uma atitude". Entretanto, o homem de cabelos brancos e a jovem continuavam a avançar. O que não passou de um segundo pareceu durar um século. "O que vêm fazer deste lado?", pensou Marius. "O quê! Seus pés vão pisar nessa areia, nessa aleia, a dois passos de mim?" Estava transtornado, queria parecer bonito, ter no peito uma condecoração. Ouvia aproximar-se o ruído suave e cadente de seus passos e imaginava que o sr. Leblanc o olhava de forma irritada. "Será que vem falar comigo?", pensou e baixou a cabeça. Ao erguê-la, viu que estavam quase junto dele. A jovem passou e o olhou fixamente, com doçura, fazendo-o estremecer dos pés à cabeça. Pareceu-lhe que o repreendia por ter estado tanto tempo sem se aproximar, dizendo: "Sou eu que me aproximo." Marius sentiu-se deslumbrado diante daquelas pupilas cheias de raios e de abismos.

Sentia um braseiro no cérebro. Ela se aproximara, que felicidade! E depois, de que modo o olhara! Pareceu mais bonita do que nunca. Uma beleza ao mesmo tempo feminina e angelical, uma beleza completa, que teria feito Petrarca cantar e Dante ajoelhar-se. Achou flutuar em pleno céu azul. Ao mesmo tempo, sentia-se horrivelmente contrariado, por ter as botas cobertas de poeira.

Ela com certeza havia olhado também para as botas.

Marius seguiu-a com a vista enquanto pôde. Depois caminhou pelo Luxembourg como um louco. É provável que tenha rido sozinho e falado em voz alta. Estava tão alucinado que, passando por umas babás que cuidavam de crianças, cada uma achou ser por ela toda aquela paixão.

Só deixou o jardim pela esperança de vê-la ainda na rua.

Encontrou Courfeyrac nas arcadas do Odéon e chamou:

— Venha jantar comigo.

Foram dali ao Rousseau e gastaram dez francos. Marius comeu como um ogro e deu seis soldos ao garçom. À sobremesa, disse ao amigo:

— Leu o jornal? Que belo discurso fez Audry de Puyraveau!

Estava cegamente apaixonado.

Depois de jantar, disse a Courfeyrac:

— Vamos ao teatro, eu pago. E foram à Porta Saint-Martin, ver Frédérick em *Auberge des Adrets.* Marius divertiu-se extraordinariamente.

Ao mesmo tempo teve um acesso de selvageria. Ao sair do teatro, negou-se a olhar a liga de uma costureira que ergueu o vestido para passar por uma poça e, tendo Courfeyrac dito: "Juntava de boa vontade aquela mulher à minha coleção", sentiu-se quase horrorizado.

Courfeyrac convidara-o para almoçar no dia seguinte no Café Voltaire; Marius foi e comeu ainda mais do que na véspera. Estava ao mesmo tempo alegre e pensativo. Parecia querer aproveitar qualquer oportunidade para soltar gargalhadas. Abraçou efusivamente um rapaz do interior que lhe apresentaram. Em torno da mesa juntara-se uma roda de estudantes e falavam das tolices lançadas a partir de uma cátedra na Sorbonne e pagas pelo Estado. Depois a conversa apontou os erros e as lacunas dos dicionários. Marius interrompeu o falatório para exclamar:

— Todavia é muito agradável ser condecorado!

— Isso é estranho! — disse Courfeyrac em voz baixa a Jean Prouvaire.

— Não é estranho — o outro respondeu —, parece que está falando sério.

Era, com efeito, sério. Marius achava-se nessa hora violenta e encantadora em que começam as grandes paixões.

Fora tudo isso obra de um olhar.

Quando a mina está saturada, o incêndio pronto, nada mais simples. Um olhar é uma faísca.

Estava tudo dito. Marius amava. O seu destino entrava no desconhecido.

O olhar das mulheres assemelha-se a certas engrenagens que parecem tranquilas e são contudo formidáveis. O incauto passa todos os dias ao lado, pacífica e impunemente, sem suspeitar de coisa alguma. Chega um momento em que até se esquece da presença dessa coisa. Ele vai, volta, sonha, fala e ri. De repente sente-se preso! Acabou-se tudo. A engrenagem o engole, o olhar prende. Prende-o, pouco importa por onde ou como: por uma parte qualquer do seu pensamento que estava à solta, por uma distração cometida. Ele está perdido. Não tem como escapar. Um encadeamento de forças misteriosas toma conta dele, que se debate em vão. Não haverá socorro humano possível. Ele cairá de engrenagem em engrenagem, de aflição em aflição, de tortura em tortura: ele, o seu espírito, a sua fortuna, o seu futuro, a sua alma. De acordo com a criatura, má ou de nobre coração, nas mãos da qual ele caiu, a medonha máquina irá desfigurá-lo pela vergonha ou transfigurá-lo pela paixão.

VII

Aventuras da letra “U” entregue a conjecturas

O isolamento, o desapego de tudo, a altivez, a independência, a predileção pela natureza, a ausência de atividade cotidiana e material, a vida interior, as lutas secretas da castidade, o êxtase benévolo em presença da Criação tinham preparado Marius para essa possessão que se chama paixão. O culto pelo pai havia pouco a pouco se tornado uma religião e, como todas as religiões, se retirara no fundo da sua alma. Precisava de alguma coisa para o primeiro plano. Surgiu o amor.

Decorreu um mês, durante o qual Marius ia todos os dias ao Luxembourg. Chegada a hora, não havia o que o pudesse impedir.

— Ele está de serviço – dizia Courfeyrac.

Marius vivia nos deslumbres. A moça com certeza o olhava.

Ele acabou tomando alguma coragem e se aproximando do banco. No entanto, não passava mais pela frente, obedecia à timidez instintiva e, simultaneamente, à também instintiva prudência dos enamorados. Achava necessário não atrair a “atenção do pai”. Programava paradas atrás das árvores e dos pedestais das estátuas com todo o maquiavelismo, de maneira a ser visto ao máximo pela jovem e ao mínimo pelo velho senhor. Algumas vezes permanecia horas inteiras à sombra de um Leônidas ou de um Espártaco qualquer, com um livro na mão, por cima do qual os olhos, erguidos com doçura, procuravam a jovem que, por sua vez, voltava para ele o perfil com um sorriso encantador. Conversando o mais natural e tranquilamente possível com o homem de cabelos brancos, apoiava em Marius todos os sonhos que uns olhos virginais e apaixonados podem expressar. Antiga e imemorial prática que Eva dominou desde o primeiro dia do mundo e que toda mulher conhece desde o seu primeiro dia de vida! Os lábios respondiam a um e os olhos a outro.

Deve-se contudo julgar que o sr. Leblanc acabou desconfiando de alguma coisa, porque muitas vezes, quando Marius chegava, levantava-se e caminhava. Deixara o seu lugar ordinário e adotara na extremidade oposta da aleia o banco vizinho do gladiador, como para ver se Marius os seguiria. Ele não compreendeu e cometeu esse erro. “O pai” começou a tornar-se inexato, não levando “a filha” a passear todos os dias. Às vezes aparecia só, Marius então retirava-se. Outro erro.

Ele não reparava nesses sintomas. Da fase da timidez passara, progresso natural e

fatal, à fase da cegueira. Seu amor crescia cada vez mais. Era o assunto dos seus sonhos de todas as noites. E depois tivera uma felicidade inesperada. Uma tarde, quase ao anoitecer, ele achou, no banco do qual o "sr. Leblanc e a filha" haviam se levantado pouco antes, um lenço, um lenço sem bordados, mas branco, fino e que lhe pareceu exalar inefáveis aromas. Apoderou-se dele com entusiasmo. O lenço tinha marcadas as letras U.F. Marius nada sabia acerca da linda criatura, sua família, seu nome nem endereço; aquelas duas letras eram o primeiro indício que obtinha, adoráveis iniciais em cuja presença começou logo a construir castelos no ar. U significava, evidentemente, Ursule! Que bonito nome, pensava ele! Beijou o lenço, cheirou, levou-o ao peito, junto do coração durante o dia, sobre os lábios, à noite, para dormir.

— Sinto nele toda a sua alma! — dizia ele.

O lenço pertencia ao "pai", que o deixara cair do bolso.

Nos dias que se seguiam, não voltou ao Luxembourg senão beijando o lenço e apertando-o contra o peito, contra o coração. A bela menina nada compreendia e demonstrava isso fazendo sinais imperceptíveis.

— Quanto pudor! — dizia Marius.

VIII

Até os inválidos podem ser felizes

Uma vez que pronunciamos a palavra pudor, e como não ocultamos nada, diremos que, apesar de tudo, houve uma ocasião, no meio dos seus êxtases, em que a "sua Ursule" causou sério motivo de queixa. Foi num dos dias em que ela convencera o sr. Leblanc a deixar o banco e a passear na aleia. A brisa soprava fresca, agitando os cimos dos plátanos. O pai e a filha, de braço dado, acabavam de passar diante do banco de Marius, que então se levantou e os seguiu com a vista, como toda alma desvairada faz em situações assim.

De repente uma rajada de vento mais forte, e provavelmente encarregada de produzir os efeitos da primavera, precipitou-se do canteiro de sementes para a aleia, envolveu a jovem num arrebatador estremecimento, digno das ninfas de Virgílio e

dos faunos de Teócrito, e levantou-lhe o vestido, aquele indumento mais sagrado que o de Ísis, até a altura da liga, deixando ver uma perna de forma irrepreensível.

Marius viu-a. Ficou exasperado e furioso.

A jovem rapidamente abaixara o vestido com um gesto assustado, mas nem por isso Marius ficou menos indignado. É verdade que estava só na aleia, mas poderia haver mais alguém. E se fosse esse o caso? Pode-se compreender semelhante coisa? Fora horrível o seu procedimento! A pobre criança não fizera coisa alguma, não havia senão um culpado: o vento. Mas Marius, que confusamente assumia o Don Bartolo que habita Cherubino nas *Bodas de Fígaro*, dispunha-se à indignação e tinha ciúmes da própria sombra. É assim que desperta no coração humano o amargo e extravagante ciúme físico. Afora isso, para lá do ciúme, não fora agradável a vista daquela encantadora perna; a meia branca da primeira mulher que aparecesse teria causado maior prazer.

Quando a "sua Ursule", depois de ter chegado à extremidade da aleia voltou com o sr. Leblanc e novamente passou diante do banco em que Marius tornara a sentar-se, recebeu um olhar ferozmente zangado. A jovem fez um movimentozinho, acompanhado de ligeiro erguer de pálpebras que significa: "Ora esta! O que tem ele?"

Foi esse o "primeiro arrufo".

Mal acabara Marius de fazer essa recriminação com os olhos, quando ouviu que alguém atravessava a aleia. Era um inválido, todo curvado, enrugado e pálido, com o uniforme do tempo de Luís XV, a plaquinha oval de pano vermelho ornado com as duas espadas cruzadas, a cruz de Saint-Louis dos soldados, e também, além disso, a manga da veste sem um braço dentro, um queixo de prata e uma perna de pau. Marius chegou a reparar que o pobre homem parecia extremamente satisfeito. Pareceu-lhe que o velho cínico, ao passar manquejando junto dele, piscara um olho de modo muito fraternal e alegre, como se um acaso qualquer houvesse criado uma conivência entre os dois, que teriam em comum gozado de alguma sorte inesperada. Por que estaria tão contente aquela vítima do deus Marte? O que se tinha passado entre aquela perna de pau e a outra? Marius chegou ao paroxismo do ciúme. Estava, decerto, ali, dizia ele; viu com certeza! E teve ganas de exterminar o inválido.

Com a ajuda do tempo, toda ponta afiada se embota. A revolta de Marius contra "Ursule", por mais justa e legítima que fosse, dissipou-se. Ele acabou por perdoar; mas foi um grande esforço; mostrou-se amuado três dias.

Entretanto, através de tudo isso, e mesmo por causa de tudo isso, a paixão aumentou e tornou-se loucura.

IX

Eclipse

Já se viu como Marius descobriu, ou julgou descobrir, que *ela* se chamava Ursule.

O amor só aumenta o apetite. Saber que se chamava Ursule era já muito; mas tornou-se pouco. Marius em três ou quatro dias devorou essa felicidade. Quis mais: saber onde morava.

Já havia cometido um primeiro erro: cair na armadilha do banco do gladiador. Cometera o segundo: não ficar no jardim quando o sr. Leblanc vinha desacompanhado. Finalmente o terceiro, imenso: seguiu "Ursule".

Morava na rua de l'Ouest, no ponto menos frequentado, um prédio novo de três andares e modesta aparência.

A partir desse momento, juntou Marius à felicidade de vê-la no Luxembourg a de segui-la até sua casa.

Seu apetite aumentava. Sabia como se chamava — o primeiro nome, pelo menos, um nome encantador, verdadeiro nome de mulher —; sabia onde morava: quis saber quem era.

Uma tarde, depois de segui-los até a casa e vê-los entrar, resolutamente foi em frente e perguntou ao porteiro:

— Esse senhor que acabou de entar, mora no primeiro andar?

— Não, mora no terceiro — respondeu o porteiro.

Foi um grande passo. O sucesso tornou Marius mais atrevido:

— Do lado da rua?

— Ora! — exclamou o porteiro. — O prédio inteiro dá para a rua.

— E que emprego tem ele, sabe?

— Não tem emprego, vive de rendas. É muito boa pessoa; ajuda os necessitados, apesar de não ser rico.

— Como ele se chama? — continuou Marius.

O porteiro levantou a cabeça:

— O senhor é algum tipo de polícia?

Marius retirou-se chateado, mas ao mesmo tempo encantado. Estava avançando:

— Bom, já sei que se chama Ursule, que o pai vive de rendas e que mora no terceiro andar, na rua de l'Ouest.

No dia seguinte o sr. Leblanc e a filha ficaram pouco tempo no Luxembourg e

retiraram-se ainda no meio da tarde. Marius seguiu-os, como costumava, até a rua em que moravam. Chegando ao portão, o sr. Leblanc deixou entrar primeiro a filha e depois, em vez de segui-la, parou, voltou atrás e fixou os olhos em Marius.

No dia imediato não apareceram no Luxembourg. Marius esperou em vão até o fim da tarde.

Ao anoitecer foi até a rua de l'Ouest e viu claridade nas janelas do terceiro andar. Andou pela frente da casa até as luzes se apagarem.

No dia seguinte, ninguém no Luxembourg. Marius esperou até a noite e em seguida foi fazer a sua sentinela na rua de l'Ouest. Isso tudo ocupou-o até as dez horas. Seu jantar se tornava o que fosse possível a essa hora. A febre alimenta o doente e o amor o enamorado.

Passaram desse modo oito dias. O sr. Leblanc e a filha já não apareciam no Luxembourg. Marius fazia tristes conjecturas e durante o dia não ousava espreitar o prédio: contentava-se em ir à noite contemplar a claridade avermelhada dos vidros. De vez em quando via passar neles sombras e sentia bater acelerado o coração.

No oitavo dia, quando chegou à rua de l'Ouest, não viu luz nas janelas. "Ora essa", pensou ele, "ainda não acenderam o candeeiro. Não obstante é já noite fechada. Terão saído?". Esperou até as dez horas. Até a meia-noite. Até a uma hora da manhã. Nas janelas do terceiro andar não apareceu a mínima luz e pelo portão não entrou ninguém. Retirou-se, por fim, extremamente sombrio.

No dia seguinte — porque para ele não havia, por assim dizer, hoje —, no dia seguinte não achou ninguém no Luxembourg; já o esperava; e ao anoitecer foi à rua de l'Ouest. Nada de luz nas janelas, fechadas por dentro e por fora; o terceiro andar estava às escuras.

Marius bateu no portão, entrou e perguntou ao porteiro:

— O senhor que mora no terceiro andar?

— Mudou-se — respondeu o porteiro.

Marius estremeceu e insistiu, quase imperceptivelmente:

— Quando se mudou?

— Ontem.

— Para onde?

— Não sei dizer.

— Não disse o endereço novo?

— Não, senhor.

E o porteiro, reconhecendo Marius, acrescentou:

— Ah, é o senhor! Então com certeza é da polícia!

LIVRO SÉTIMO

PATRON-MINETTE

I

As minas e os mineiros

Há, em todas as sociedades humanas, o que nos teatros denominam *terceiro piso abaixo do palco*. O solo social é por toda parte minado, ora pelo bem, ora pelo mal, formando pisos ou minas que se superpõem. Há minas superiores e minas inferiores. Há partes altas e partes baixas nesse obscuro subsolo que às vezes desaba sob o peso da civilização e que nossa indiferença e nosso pouco caso pisoteia. A Enciclopédia, no século passado, era uma mina quase a céu aberto. As trevas, essas sombrias geradoras do cristianismo primitivo, só aguardavam uma oportunidade para explodirem sob os césares e inundar o gênero humano de luz. Pois nas trevas sagradas há uma luz em potencial. Os vulcões estão cheios de uma sombra capaz de produzir labaredas. Toda lava começa pela escuridão. As catacumbas, onde foi celebrada a primeira missa, não eram somente subsolos em Roma, eram também o subterrâneo do mundo.

Há, sob a construção social, essa maravilha em que, para complicar, se acrescentam pardieiros, escavações de toda espécie. Temos a mina religiosa, a mina filosófica, a mina política, a mina econômica e a mina revolucionária. Uma escava com a ideia, outra, com algarismos, outra, com a revolta. Há chamados e respostas, de uma catacumba a outra. As utopias abrem caminhos por baixo da terra por encanamentos. Ramificam-se em todas as direções. Eventualmente se encontram e confraternizam. Jean-Jacques empresta sua pá a Diógenes, que lhe passa sua lanterna. Algumas vezes elas se combatem. Calvino puxa Socin pelos cabelos. Mas nada para nem interrompe a tensão de todas essas energias rumo à meta; e a vasta atividade, que avança e recua, sobe, desce e volta a subir nessas obscuridades, lentamente transforma o solo pelo subsolo e o externo pelo interno, imenso formigueiro desconhecido. A sociedade mal desconfia desse escavar que não lhe altera a superfície, mas modifica as entranhas. Tantos são os andares subterrâneos quantos os trabalhos diferentes e as escavações diversas. E o que sai de todas essas profundas explorações? O futuro.

Quanto mais se aprofunda, mais misteriosos são os trabalhadores. Até um ponto, que o filósofo social sabe reconhecer, o trabalho é bom. A partir desse ponto, se torna incerto e misto. Mais abaixo, torna-se terrível. Ultrapassada certa profundidade, as escavações não são mais compreensíveis para o espírito da civilização, o limite respirável do homem foi também ultrapassado e é possível que ocorram monstros.

A escala que desce é estranha e cada uma dessas etapas corresponde a um piso em que a filosofia pode se assentar e no qual se encontra algum dos seus operários, às vezes divinos, outras vezes disformes. Abaixo de Jean Huss temos Lutero; abaixo de Lutero, Descartes; abaixo de Descartes, Voltaire; abaixo de Voltaire, Condorcet; abaixo de Condorcet, Robespierre; abaixo de Robespierre, Marat; abaixo de Marat, Babeuf. E as coisas seguem assim. Mais abaixo, confusamente, no limite que separa o indistinto do invisível, percebem-se outros vultos escuros que talvez nem existam ainda. Os de ontem são espectros, os de amanhã são larvas. O olho do espírito só obscuramente os distingue. O trabalho embrionário do futuro é uma das visões do filósofo.

Um mundo nos limbos, em estado de feto, que imagem incrível!

Saint-Simon, Owen e Fourier também estão ali, em escavações laterais.

É claro, apesar de uma divina cadeia invisível ligar entre si, involuntariamente, todos esses pioneiros subterrâneos que, quase sempre, se imaginam isolados — e não estão —, seus trabalhos são diversos e a luz de uns contrasta com o brilho de outros. Uns são paradisíacos, outros são trágicos. No entanto, por maior que seja o contraste, todos esses trabalhadores, desde o mais elevado até o mais noturno, desde o mais ajuizado ao mais louco, têm uma semelhança, que é a seguinte: o desinteresse. Marat esquece de si tanto quanto Jesus. Deixam-se de lado, não aparecem, não pensam em si. Olham para outra coisa, além deles próprios. Têm um olhar e esse olhar busca o absoluto. Um tem o céu inteiro nos olhos e o outro, por mais enigmático que seja, tem ainda debaixo da sobrancelha a pálida claridade do infinito. Venerem, faça ele o que for, qualquer um que apresente esse sinal, a pupila-estrela.

A pupila-sombra é outro sinal.

Nela começa o mal. Diante de quem não tem olhar, pensem e tremam. A ordem social tem seus mineiros negros.

Há um ponto em que a escavação é sepultura e onde a luz se extingue.

Abaixo de todas essas minas que acabamos de indicar, abaixo de todas essas galerias, abaixo de todo esse imenso sistema venoso, subterrâneo do progresso e da utopia, muito adiante no interior da terra, abaixo de Marat, abaixo de Babeuf,

abaixo, muito mais abaixo e sem qualquer relação com os andares superiores, há a última mina. É o lugar formidável a que chamamos *terceiro piso abaixo*. É a vala das trevas. É o subsolo dos cegos. *Inferi*.

Comunica-se com os abismos.

II

O fundo

Ali o desinteresse desaparece. O demônio esboça-se vagamente; é cada um por si. O eu sem olhos uiva, procura, apalpa e rói. O Ugolino social se encontra nesse abismo.

Os vultos bravios que se agitam nessa cova, quase irracionais, quase fantasmas, não se ocupam do progresso universal, ignoram a ideia e a palavra, não tratam senão da satisfação individual. São quase inconscientes e no seu interior há uma espécie de desaparecimento medonho. Têm duas mães, ambas madrastas, a ignorância e a miséria. Têm um guia, a necessidade e, para todas as formas da satisfação, o apetite. São brutalmente vorazes, quer dizer, ferozes; não ao modo do tirano, mas ao modo do tigre. Do sofrimento, essas larvas passam ao crime; filiação fatal, engendramento vertiginoso, lógica da sombra. O que se arrasta nesse terceiro piso social não é reclamação sufocada do absoluto, é o protesto da matéria. O homem ali torna-se dragão. Ter fome, ter sede, é o ponto de partida; ser Satanás é o ponto de chegada. Desse piso sai Lacenaire.

Vimos ainda há pouco, no Livro Quarto, um dos compartimentos da mina superior, da grande escavação política, revolucionária e filosófica. Ali, acabamos de dizer, tudo é nobre, puro, digno, honesto. Podem-se enganar ali, é claro, e enganam-se, mas são erros veneráveis, de tanto heroísmo que se implicou. O conjunto do trabalho que ali se executa tem um nome: progresso.

Chegou, porém, o momento de entrevermos outras profundidades, as profundidades hediondas.

Existe sob a sociedade — insistamos nesse ponto — e existirá até o dia em que for dissipada a ignorância, a grande caverna do mal.

Essa cavidade abaixo de todas, e de todas inimiga, é a raiva sem exceção. Nessa cavidade não há filósofos. Sua faca nunca serviu para apontar a pena. Sua negrura nada tem a ver com a negrura sublime do tinteiro. Jamais os dedos da noite, que se crispam nesse piso asfixiante, folhearam um livro ou abriram um jornal. Babeuf é um explorador para Cartouche; Marat é um aristocrata para Schinderhannes. Esse subsolo tem como finalidade o desabamento de tudo.

De tudo. Inclusive dos subsolos superiores, execrados. No seu roer infame, ela não mina apenas a ordem social atual, mina a filosofia, mina a ciência, mina o direito, mina o pensamento humano, mina a civilização, mina a revolução, mina o progresso. Chama-se, muito simplesmente, roubo, prostituição, crime e assassinato. É composta de trevas e quer o caos. A sua abóbada é a ignorância.

Os pisos que lhe estão acima têm todos um fim: suprimi-la. É para o que tendem, por todos os órgãos ao mesmo tempo, tanto pela melhoria do real quanto pela contemplação do absoluto, da filosofia e do progresso. Destruam a cavidade Ignorância e destruirão a toupeira Crime.

Condensemos em poucas palavras uma parte do que acabamos de escrever. O único perigo social é a Sombra.

Humanidade é identidade. Todos os homens são feitos do mesmo barro.

Não há diferenças, pelo menos neste mundo, na predestinação. A mesma sombra antes, a mesma carne durante, a mesma cinza depois. Mas a ignorância misturada à massa humana enegrece-a. Essa incurável negrura apodera-se do íntimo do homem e transforma-se ali em Maldade.

III

Babet, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse

Na Paris de 1830 a 1835, o terceiro piso abaixo era governado por um quarteto de bandidos — Claquesous, Gueulemer, Babet e Montparnasse.

Gueulemer era um Hércules desclassificado. O seu antro eram os esgotos de Arche-Marion. Tinha seis pés de altura, peitorais de mármore, músculos de bronze, respiração cavernosa, costas de colosso e crânio de pássaro. Era um Hércules

Farnésio de calças de algodão e japona de belbutina. Com essa construção escultural, Gueulemer poderia domar monstros, mas achou mais simples ser um deles. Testa estreita, fontes largas, menos de quarenta anos, cabelos curtos e ásperos, faces de escova e queixo de javali; pode-se imaginar o personagem. Os seus músculos pediam trabalho, a sua estupidez não o queria. Era uma grande força preguiçosa. Assassino por indolência. Diziam-no das Antilhas. Provavelmente esteve envolvido no linchamento do marechal Brune, em 1815, tendo sido estivador em Avignon. Depois desse tirocínio, passou a ser bandido.

A transparência de Babet contrastava com a corpulência de Gueulemer. Babet era magro e instruído. Era diáfano, mas impenetrável. Podia-se ver através dos seus ossos, mas nada através da pupila. Dizia-se químico. Fora apresentador de circo no Bobèche e palhaço no Bobino. No Saint-Mihiel se apresentou em vaudevilles. Sabia o que queria, bem-falante, com sorrisos marcados e sabia pôr aspas nos seus gestos. Sua ocupação consistia em vender pelas ruas bustos de gesso e retratos do "chefe de Estado". Além disso, extraía dentes. Tinha exibido fenômenos nas feiras e era dono de uma barraca, com trombeta e este cartaz: "Babet, professor-dentista, membro das academias, faz experiências físicas com metais e metaloides, extirpa os dentes e arranca as raízes abandonadas pelos colegas de profissão. Preços: um dente, um franco e meio; dois dentes, dois francos; três dentes, dois francos e meio. Aproveitem a ocasião." (O "aproveitem a ocasião" significava: tirem o maior número de dentes possível.) Casou-se e teve filhos; mas não sabia o que era feito da mulher nem dos filhos. Perdera-os como se perde um lenço. Rara exceção no mundo obscuro onde vivia: Babet lia periódicos. Um dia, no tempo em que tinha consigo a família na sua barraca sobre rodas, leu no *Messager* a notícia de que uma mulher acabava de dar à luz uma criança normal, mas com focinho de bezerro, e exclamou: "Isto é que é sorte! Não seria minha mulher que teria inteligência para me dar um filho assim!"

Depois, deixou tudo para "ganhar Paris", segundo sua expressão.

O que era Claquesous? Era a noite. Para se mostrar esperava sempre que o céu se forrasse de preto. À noite saía de uma toca, para onde se recolhia antes de amanhecer. Onde era essa toca? Ninguém sabia. Na mais completa escuridão, só falava com os cúmplices virado de costas. Chamava-se Claquesous? Não. Chamo-me Coisa Nenhuma, dizia ele. Se aparecia luz, punha uma máscara. Era ventríloquo, o que fazia Babet dizer: "Claquesous é um noturno com duas vozes." Era vago, errante, terrível. Não se sabia ao certo se tinha um nome; Claquesous era uma alcunha; não se sabia ao certo se tinha voz, visto que falava mais com o ventre do que com a boca; não se sabia ao certo se tinha rosto, porque ninguém nunca o via

senão com máscara. Desaparecia de modo incrível; nas suas aparições parecia sair da terra.

Montparnasse era um ser lúgubre. Uma criança: menos de vinte anos, bonitos lábios que pareciam cerejas, encantadores cabelos pretos e a claridade da primavera nos olhos. Tinha todos os vícios e aspirava a todos os crimes. A digestão do que era mau abria-lhe o apetite do que era péssimo. Era o moleque tornado bandido e o bandido tornado assassino. Era airoso, efeminado, gracioso, robusto, indolente e feroz. Usava a aba do chapéu levantada do lado esquerdo, para dar lugar a um tufo de cabelos, no estilo de 1829. Vivia de roubar com violência. Sua sobrecasaca era do melhor corte, mas já no fio. Montparnasse era uma gravura da moda, rodeada de miséria e cometendo homicídios. A causa de todos os atentados desse adolescente era o desejo de andar bem-vestido. A primeira costureirinha que lhe disse "Você é bonito", lançou no seu coração a nódoa de trevas e fez de um Abel um Caim. Achando-se bonito, quis ser elegante. Ora, a primeira de todas as elegâncias é a ociosidade; e a ociosidade de um pobre é o crime. Poucos vagabundos eram tão temidos como Montparnasse. Aos dezoito anos já tinha muitos cadáveres às costas. Mais de um incauto jazia na sombra daquele miserável, com os braços estendidos e a face num lago de sangue. Frisado, almiscarado, apertado na cintura, com quadris de mulher, um busto de oficial prussiano, rodeado de murmúrios de admiração das moças do boulevard, a gravata elegantemente posta, um cassetete na algibeira, uma flor no peito; era o janota do sepulcro.

IV

Composição da quadrilha

Esses quatro bandidos formavam uma espécie de Proteu, que serpenteava através da polícia, esforçando-se por escapar da indiscrição de Vidocq "sob forma diversa, árvore, chama, fonte", trocando uns com os outros seus nomes, seus truques, ocultando-se na própria sombra, em cofre de segredo, garantindo refúgios recíprocos, desmontando suas personalidades como quem tira um nariz falso de baile de máscara, simplificando-se algumas vezes a ponto de não serem mais do que

um só ou multiplicando-se outras vezes, a ponto de o próprio Coco-Lacour ter achado que eram uma multidão.

Esses quatro homens não eram quatro homens, eram uma espécie de misterioso ladrão de quatro cabeças, trabalhando em grande escala em Paris; eram o pólipo monstruoso do mal, habitando a cripta da sociedade.

Babet, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse, graças às suas ramificações e à rede subjacente de suas relações, tinham a exclusividade em todo tipo de armação no distrito do Sena. Eles que se encarregavam de aplicar o *golpe final*. Quem quer que tivesse ideias desse gênero, homens de imaginação noturna, dirigia-se a eles para a execução. Forneciam aos quatro malfeitores o projeto e eles se encarregavam da realização. Trabalhavam o roteiro. Tinham sempre como oferecer a mão de obra proporcional e adequada a todos os atentados lucrativos que necessitassem de braços. Tinham uma companhia de atores das trevas à disposição de todas as tragédias de caverna.

Reuniam-se ordinariamente ao anoitecer, hora do seu despertar, nas áreas próximas da Salpêtrière. Ali conferenciavam. Tinham à disposição doze horas negras: determinavam como empregá-las.

Patron-Minette era o nome que na circulação subterrânea davam à associação desses quatro homens. Na velha e fantasiosa língua popular, que cada dia vai desaparecendo, *Patron-Minette* significa madrugada, do mesmo modo que lusco-fusco significa crepúsculo. A denominação vinha provavelmente da hora em que o trabalho terminava: por ser a aurora o momento da desaparição dos fantasmas e da separação dos bandidos. Aqueles quatro homens eram conhecidos sob esta rubrica. Quando o presidente do júri visitou Lacenaire na prisão, interrogou-o sobre um crime e recebeu uma resposta enigmática para o magistrado, mas clara para a polícia:

— Foi talvez *Patron-Minette*.

Pelo mesmo modo como às vezes criamos expectativas sobre uma peça pelo enunciado dos personagens, quase podemos avaliar uma quadrilha pela lista dos bandidos. Eis aqui os nomes por que eram conhecidos os principais filiados de *Patron-Minette*, nomes que persistem em certas memórias.

Panchaud, conhecido por *Printanier* e por *Bigrenaille. Brujon*. (Havia uma dinastia dos Brujon; devemos dizer algumas palavras a esse respeito.) *Boulatruelle,* o cantoneiro pelo qual já passamos. *Laveuve. Finistère. Homero-Hogou, faz-tudo. Mardisoir. Dépêche. Fautleroy,* conhecido como *Bouquetière*. *Glorieux,* forçado liberto. *Barrecarrose*, conhecido como *monsieur Dupont*. *Lesplanade-du-Sud*. *Poussagrive*. *Carmagnolet. Kruideniers,* conhecido como Bizarro. *Mangedentelle*. *Les-pieds-en-l'air*: *Demi-liards,* conhecido como *Deux-milliards*. Etc. etc.

Deixamos de enumerar alguns e não dos piores. Esses nomes formam imagens. Não exprimem apenas indivíduos, mas espécies. Cada um desses nomes corresponde a uma variedade dos disformes cogumelos que crescem nos pontos inferiores da civilização.

Esses indivíduos, pouco pródigos de suas fisionomias, não eram dos que se encontram pelas ruas. Durante o dia, fatigados pelas noites bravias, dormiam em terrenos abandonados de Montmartre ou de Montrouge, muitas vezes nos esgotos. Entocavam-se.

O que foi feito desses homens? Continuam existindo; sempre existiram. Fala deles Horácio: *Ambubaiarum collegia, pharmacopole, mendici, mimæ*; e enquanto a sociedade for o que é, serão eles o que são. No obscuro arcabouço dos seus subsolos, eles nascem da ressumação social. Retornam, espectrais, sempre idênticos. Só não carregam os mesmos nomes e não estão mais nos mesmos corpos.

Extirpados os indivíduos, subsiste a tribo.

Têm sempre as mesmas faculdades. Do bandido ao vagabundo a raça mantém-se pura. Adivinham as bolsas e os relógios nas algibeiras. O ouro e a prata têm para eles um cheiro particular. Há burgueses ingênuos dos quais se poderia dizer que têm aparência roubável. Aquele tipo de homem segue com toda a paciência esse tipo de burguês. Quando por eles passa um estrangeiro ou um provinciano, sentem estremecimentos de aranha.

Esses homens, quando nos deparamos com eles à meia-noite, num boulevard deserto, são medonhos. Não parecem homens, mas vultos feitos de nevoeiro vivo; pode-se dizer que habitualmente se amalgamam com as trevas, não se distinguem delas, não têm outra alma além da sombra e só momentaneamente se desagregam da escuridão.

O que é necessário para extinguir essas larvas? Luz. Ondas de luz. Não há um só morcego que resista à aurora. Iluminem a sociedade pela parte de baixo.

LIVRO OITAVO

O MAU POBRE

I

Procurando uma moça de chapéu Marius encontra um homem de boné

Passou o verão, depois o outono e chegou o inverno. Nem o sr. Leblanc nem a filha tinham tornado a pôr os pés no Luxembourg. Marius não tinha senão um único pensamento — tornar a ver aquele rosto adorável e encantador. Procurava-a sempre por toda parte; não achava nada. Já não era Marius o sonhador, o entusiasta, o homem resoluto, ardente e firme, o atrevido provocador do destino, o cérebro que construía futuro sobre futuro, o jovem cheio de planos, de projetos, de brios, de ideias e de vontades; era um cão perdido. Caíra em negra tristeza. Tudo estava acabado. O trabalho o aborrecia, o passeio o cansava, a solidão o entediava. A imensa natureza, tão plena até então de formas, de claridades, de vozes, de conselhos, de perspectivas, de horizontes, de ensinamentos, parecia agora vazia à sua frente. Tudo havia desaparecido.

Continuava a pensar, por não poder fazer de outra forma, mas já não se contentava com isso. A tudo que os pensamentos, o tempo todo, propunham baixinho, ele respondia à sombra: para quê?

Dirigia a si mesmo mil repreensões.

Para que a segui? Já era tão feliz só em vê-la! Ela olhava para mim; não era isso imenso? Mostrava amar-me. Não seria tudo? O que quis eu? Depois disso não há nada. Cometi um absurdo. A culpa é minha etc. etc.

Courfeyrac, a quem ele não confiara coisa alguma, o que lhe era natural, mas que adivinhava quase tudo; o que para ele era igualmente natural, começara felicitando-o por estar apaixonado, mostrando-se ao mesmo tempo muito admirado. Depois, vendo Marius mergulhado em tal melancolia, acabou por lhe dizer:

— O que vejo é que foste simplesmente um estúpido. Olha, vamos a Chaumière.

Uma vez, confiando num belo sol de setembro, deixou-se Marius levar ao baile de Sceaux por Courfeyrac, Bossuet e Grantaire, com a esperança, que sonho!, de

talvez encontrá-la. É claro que não viu quem procurava.

— Todavia, é aqui que se acham todas as mulheres perdidas — resmungou Grantaire, à parte.

Marius deixou os amigos no baile e retirou-se a pé, sozinho, cansado, febril, com os olhos turvos e tristes como a noite, incomodado pelo barulho e pela poeira dos veículos públicos — cheios de pessoas alegres que voltavam da festa e passavam ao lado —, desanimado e tentando aspirar o acre perfume das nogueiras bordeando a estrada.

Voltou a viver cada vez mais só, afastado, acabrunhado, todo entregue à aflição, girando de um lado para outro na sua dor, como o lobo na armadilha, buscando por toda parte a ausente, embrutecido de amor.

Noutra ocasião, um encontro lhe causou singular efeito. Passando pelas travessas próximas do Boulevard dos Invalides, cruzou um homem com traje de operário e que levava na cabeça um boné de grande pala, para fora do qual saíam cachos de cabelos muito brancos. A beleza daqueles cabelos brancos atraíram a atenção de Marius e ele firmou mais a vista no homem, que andava lentamente, parecendo absorto em dolorosa meditação. Pareceu-lhe reconhecer o sr. Leblanc. Eram os mesmos cabelos, o mesmo perfil, o mesmo aspecto, com a única diferença de ser mais triste. Mas por que razão andaria naqueles trajes? Que queria aquilo dizer? Que significava tal disfarce? Marius ficou atônito. Quando caiu em si, seu primeiro pensamento foi o de seguir o homem; não poderia, talvez, ter achado o rastro que procurava? De qualquer modo, porém, era preciso tornar a ver o homem de perto e esclarecer o enigma. Mas tomou esta resolução muito tarde; o homem já havia desaparecido. Entrara, decerto, em alguma travessa. Marius não pôde achá-lo. O encontro preocupou-o por alguns dias, depois foi esquecido. No fim de tudo, ele dizia para si mesmo, não passava provavelmente de uma semelhança.

II

Achado

Marius continuava morando no cortiço Gorbeau; mas não conhecia nenhum morador.

Em verdade, naquela época, não havia já na espelunca outros habitantes além dele e daqueles Jondrette, de quem uma vez pagara o aluguel, sem que nunca tivesse falado com ele, nem com a mulher, nem com as filhas. Os outros inquilinos haviam se mudado, já não existiam, ou tinham sido expulsos por falta de pagamento.

Um dia daquele inverno, o sol mostrara-se um pouco tarde, mas era 2 de fevereiro, o antigo dia de festa das Candeias, cujo sol traiçoeiro, precursor de um frio de seis semanas, inspirou a Mathieu Laensberg estes dois versos que se tornaram justamente clássicos:

Qu'il luise ou qu'il luiserne,
L'ours rentre en sa caverne.[1]

Marius acabava de sair da sua; era quase noite. Hora de jantar; porque, enfim, tivera de se acostumar novamente a jantar, infelizmente, ó doença das paixões ideais!

Acabava de passar pelo batente da porta, que *mame* Bougon varria naquele exato momento, pronunciando este memorável monólogo:

— O que é barato hoje em dia? Tudo está pela hora da morte. Baratos só estão os trabalhos deste mundo! São até de graça!

Marius seguia a passos lentos pelo boulevard na direção da saída da cidade, em direção à rua Saint-Jacques. Caminhava pensativo e cabisbaixo.

De repente sentiu-se empurrado; voltou-se e viu duas moças esfarrapadas, uma alta e delgada, a outra menor, que passavam correndo, esbaforidas, assustadas e parecendo fugir. Vinham da direção oposta e, sem vê-lo, haviam esbarrado nele. Marius pôde ainda distinguir no crepúsculo os rostos lívidos, as cabeças descobertas, os cabelos desgrenhados, as saias maltratadas e os pés descalços. Mesmo correndo, falavam uma com a outra. A mais alta dizia em voz baixa:

— Vieram os canas e quase me pegaram.

A outra respondeu:

— Eu vi, por isso saí no pinote!

Marius compreendeu, através da gíria sinistra, que as duas crianças tinham estado a ponto de ser presas por policiais e tinham conseguido escapar.

Meteram-se depois por entre as árvores do boulevard que ficavam atrás dele, e por alguns minutos se tornaram na escuridão uma mancha esbranquiçada, que

pouco a pouco se desvaneceu.

Marius parou por um momento.

Ia continuar a caminhada, quando viu um embrulho no chão. Abaixou-se e apanhou. Eram papéis.

— Provavelmente aquelas coitadas o deixaram cair.

Voltou atrás, chamou, mas já não as achou. Já deviam estar longe. Meteu o embrulho na algibeira e foi jantar.

No caminho viu num passeio da rua Mouffetard um caixãozinho de criança sobre três cadeiras, coberto com um pano preto e alumiado com uma vela. Vendo isso lembrou-se das duas moças do crepúsculo.

— Pobres mães! Há ainda uma coisa mais triste do que ver morrer os filhos: é vê-los com má vida — pensou ele.

Depois, aquelas sombras que lhe serviam de variantes à sua tristeza saíram do pensamento e deixaram-no de novo imerso nas preocupações habituais.

— Como a vida se tornou sombria! — dizia ele consigo. — Continuam a aparecer moças; a diferença é que antes eram anjos; agora são vampiros.

III

Quadrifrons

Depois de voltar para casa, quando se despia para deitar-se, Marius achou na algibeira o embrulho que apanhara do chão no boulevard. Tinha esquecido dele. Lembrou-se de que seria útil abri-lo, porque talvez achasse nele a morada das moças, se realmente era delas; e de qualquer modo as indicações necessárias para poder restituí-lo à pessoa que o tivesse perdido.

Desfez o embrulho e achou nele quatro cartas abertas, mas todas com destinatário e exalando forte cheiro de tabaco.

A primeira era dirigida: *À senhora marquesa de Grucheray, praça da Câmara dos Deputados, nº*…

Marius pensou que encontaria na carta as indicações que procurava e achou poder ler sem inconveniente, já que estava aberta.

A carta dizia o seguinte:

Sra. marquesa.

A virtude da clemência e da compaixão é o que une mais estreitamente a sociedade. Peço que dirija seus sentimentos cristãos para este desventurado espanhol, vítima da lealdade e afeto à causa sagrada da legitimidade, que pagou com o seu sangue, perdendo toda a sua fortuna para defender esta causa e hoje se acha na maior miséria. Este infeliz não duvida que a respeitável pessoa de V. Exa. lhe conceda um socorro para conservar uma existência extremamente penosa para um militar de educação e de honra, coberto de ferimentos e que conta por antecipação com a humanidade que anima V.Exa. e com o interesse que lhe inspira uma nação tão desventurada. A sua súplica não será em vão e o seu reconhecimento conservará a eterna recordação de V. Exa.

Digne-se receber, sra. marquesa, os sentimentos de respeito com que tenho a honra de me assinar.

Don ALVAREZ, capitão espanhol de cavalaria, monarquista emigrado na França, em viagem de volta à sua Pátria, na falta de recursos para continuar a sua viagem.

Junto da assinatura não havia a mínima indicação de endereço. Marius esperou encontrá-la na segunda carta sobrescrita para a sra. condessa de Montvernet, na rua Cossette, nº 9. Eis o que ela dizia:

Sra. condessa.

Sou uma desgraçada mãe de família com seis filhos, tendo o último só oito meses. Fiquei doente desde o último parto e há cinco meses fui abandonada por meu marido. Não tendo neste mundo nenhum recurso, acho-me na mais medonha indigência.

Com a esperança de que V. Exa., sra. condessa, me acuda, tenho a honra de assinar, com o mais profundo respeito.

Sua humilde serva.

Balizard

Marius passou à terceira carta que continha, como as precedentes, uma súplica, e leu:

Ao sr. Pabourgeot, eleitor, negociante em atacado de acessórios para vestuários, na rua Saint-Denis, esquina da rua aux Fers.

Tomo a liberdade de pedir que conceda o favor precioso da sua simpatia e do seu interesse para um homem que acaba de enviar um drama ao Teatro Francês. O assunto é histórico e a ação passa-se no Auvergne, no tempo do Império. O estilo, segundo creio, é natural, lacônico e pode ter algum mérito. Há nele coplas a serem cantadas em quatro trechos. O cômico, a seriedade e o imprevisto aliam-se à variedade dos caracteres e a certo tom de romanticismo espalhado ligeiramente em toda a intriga, que caminha misteriosamente e vai, em peripécias frisantes, desenvolver-se em meio a muitas cenas de efeito.

O meu fim principal é satisfazer ao desejo que anima progressivamente o homem no nosso século, isto é, a moda, o caprichoso e extravagante moinho que se volta com todos os ventos.

Apesar dessas qualidades, tenho motivos para recear que a inveja e o egoísmo dos privilegiados obtenham a minha exclusão do teatro, pois não ignoro os dissabores a que estão sujeitos os que de novo se apresentam.

Sr. Pabourgeot, a sua justa reputação de protetor esclarecido dos homens de letras anima-me a enviar-lhe minha filha, que exporá a nossa situação indigente, faltando-nos o pão e o lume no meio do rigoroso inverno.

Pedir-lhe que aceite a dedicatória que desejo fazer-lhe do meu drama, e de todos os que mais escrever, é provar-lhe quanto ambiciono a honra de me abrigar sob a sua égide e ornar os meus escritos com o seu nome. Se porventura se dignar honrar-me com a mais modesta oferta, me ocuparei, desde já, de uma peça de poesia para lhe pagar o meu tributo de reconhecimento. Essa peça que eu diligenciarei tornar a mais perfeita possível ser-lhe-á enviada antes de inserida no começo do drama e recitada em cena.

Peço-lhe que recebam, sr. Pabourgeot e a senhora sua esposa os meus respeitosos cumprimentos.

GENFLOT, *escritor*

P.S.: Ainda que não sejam senão quarenta soldos.

Peço-lhe que me desculpe por mandar minha filha e não ir eu mesmo: mas ai de mim! O triste estado de minha roupa impede-me de sair de casa…

Marius abriu, enfim, a última carta. O sobrescrito dizia: *Ao benfeitor da igreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas.* Dentro lia-se o seguinte:

Homem generoso!

Se acaso se dignar acompanhar minha filha, presenciará uma calamidade miserável e mostrar-lhe-ei os meus certificados.

Em presença desses documentos sentir-se-á a sua alma generosa comovida por um sentimento de sensível benevolência, porque todos os verdadeiros filósofos experimentam sempre vivas comoções.

Deve convir, homem compassivo, ser necessário experimentar bem cruel necessidade, sendo bem doloroso, para obter algum alívio, atestá-la de tal

modo, como se não houvesse a liberdade de sofrer e de morrer de inanição, à espera de que nos diminuam a miséria. O destino é muito triste para uns e demasiadamente pródigo para outros.

Espero a sua presença ou a sua oferta. Caso se digne a isso, peço que acredite no sentimento de respeito com que tenho a honra de assinar, homem verdadeiramente magnânimo,

Seu humilde e muito obediente servo.

P. FANBATOU, artista dramático

Marius, depois de ler essas quatro cartas, não se achou mais bem informado que antes.

Em primeiro lugar, nenhuma das assinaturas estava acompanhada de endereço; depois, pareciam vir de quatro indivíduos diferentes: don Alvarez, uma mulher chamada Balizard, o poeta Genflot e o artista dramático Fabantou; mas o seu lado extraordinário era serem todas escritas com a mesma letra.

O que havia de concluir senão que provinham da mesma pessoa?

Além de tudo (o que tornava a conjectura ainda mais verossímil), o papel grosso e amarelado era igual nas quatro cartas, todas cheiravam a tabaco e, conquanto tivessem evidentemente se esforçado para variar o estilo, produziam-se em todas os mesmos erros de ortografia com a mais profunda tranquilidade, tanto a do homem de letras Genflot quanto a do capitão espanhol.

Esforçar-se em adivinhar esse misteriozinho era trabalho inútil. Se não tivesse sido um achado, pareceria um logro. Ele estava triste demais para ver com bons olhos até mesmo uma brincadeira do acaso e participar de uma charada com que a rua parecia querer se divertir. Teve a impressão de estar como cabra-cega entre as quatro cartas que zombavam dele.

No fim de tudo, coisa nenhuma indicava que as cartas pertencessem às moças que Marius encontrara no boulevard. Evidentemente, era uma papelada sem o menor valor. Tornou, portanto, a guardar tudo aquilo, atirou o embrulho para um canto e deitou-se.

Às sete horas da manhã tinha se levantado e comido, dispondo-se a começar a trabalhar, quando ouviu baterem de mansinho à porta.

Como não possuía coisa alguma, não tirava a chave da porta, senão às vezes, e essas muito raras, quando estava fazendo algum trabalho com muita pressa. Fora essas ocasiões, deixava sempre a chave na fechadura.

— Algum dia roubam-no — dizia *mame* Bougon.

— Vão roubar o quê? — respondia Marius.

O fato é que um dia roubaram um par de botas velhas; o que foi grande triunfo para *mame* Bougon.

Bateram uma segunda pancada bem leve, como a primeira.

— Entre — disse Marius.

A porta se abriu.

— O que é, *mame* Bougon? — perguntou Marius, sem afastar os olhos dos livros e manuscritos que tinha em cima da mesa.

A isto respondeu-lhe uma voz, que não era a de *mame* Bougon:

— Queira desculpar…

Era uma voz surda, falhada, rouca! Voz de um velho saturado de aguardente.

Marius voltou-se de repente e viu uma jovem.

IV

Uma rosa na miséria

No limiar da porta, meio aberta, estava de pé uma moça muito nova. A lucarna que dava luz ao quarto ficava de frente para a porta, de sorte que iluminava aquela figura com lívida claridade. Era uma criatura macilenta, doentia e magra; nada mais que uma camisa e uma saia escondia sua nudez, trêmula de frio. Segurando a saia na cintura, um cordel e outro atando os cabelos, ombros pontudos saindo da camisa, uma palidez linfática, clavículas terrosas, mãos arroxeadas, boca entreaberta e aviltada, alguns dentes faltando, olhos baços, atrevidos e rasteiros, formas de uma jovem abortada e olhar de uma velha corrompida; uma dessas figuras ao mesmo tempo frágeis e horríveis, que fazem estremecer aqueles em quem não provocam lágrimas.

Marius ergueu-se e contemplou com certo pasmo a criatura, quase semelhante a uma sombra das que atravessam os sonhos.

O mais pungente, sobretudo, era que aquela moça não viera ao mundo para ser feia. Na sua infância devia inclusive ter sido bonita. As graças da idade lutavam ainda contra a hedionda velhice antecipada pela libertinagem e pela pobreza. Naquele rosto de dezesseis anos fenecia um resto de beleza, como o pálido sol que se apaga sob as espessas nuvens numa manhã de inverno.

O rosto não era de todo desconhecido de Marius, que tinha a impressão de já tê-lo já visto em algum lugar.

— O que deseja, senhorita? – perguntou ele.

A moça respondeu com a sua voz de forçado bêbado:

— Trago uma carta para o sr. Marius.

Tratava-o pelo nome; era mesmo a ele que a moça procurava; mas por quê? E como sabia o seu nome?

A visitante, sem mais esperar, entrou; e entrou resolutamente, olhando para todos os cantos e para a cama ainda por fazer, com certa afoiteza que apertava o coração. Estava descalça. Pelos grandes buracos que tinha na saia, viam-se as compridas e magras pernas. Ela tremia de frio.

Tinha, com efeito, uma carta na mão.

Marius, abrindo-a, reparou que a massa que a selava, muito grande, estava ainda molhada. A missiva não podia vir de muito longe. Eis o que leu:

Meu estimável vizinho!

Tive conhecimento da sua extrema bondade para comigo; soube que pagou, há seis meses, meu aluguel. Deus lhe pague, rapaz. Minha filha mais velha lhe dirá que estamos sem um pedaço de pão há dois dias, quatro pessoas e minha esposa doente. Se o meu pensamento não me ilude, julgo dever esperar que o seu coração generoso se humanizará com a exposição deste triste estado e suscitará o desejo de me auxiliar, prodigalizando-me um pequeno benefício.

Com toda a consideração que se deve aos benfeitores da humanidade, tenho a honra de assinar

Jondi

P. S.: Minha filha espera suas ordens, meu caro sr. Marius.

Esta carta, no meio da aventura que desde a noite antecedente preocupava Marius, foi uma luz num subterrâneo. Tudo se tornou de repente claro.

Era uma carta que saíra de onde tinham saído as outras quatro. Era a mesma letra, o mesmo estilo, a mesma ortografia, o mesmo papel, o mesmo cheiro de tabaco.

Havia ali cinco missivas, cinco histórias, cinco nomes, cinco assinaturas e um só signatário. O capitão espanhol Don Alvarez, a infeliz Balizard, o poeta dramático Genflot, o velho ator Fabantou chamavam-se todos quatro Jondrette, se com efeito o próprio Jondrette se chamava assim.

Havia já muito tempo que Marius morava ali e, como dissemos, só em raras ocasiões tinha podido ver, ou mesmo entrever, a sua pequena vizinhança. Tinha o espírito noutra parte; e onde está o espírito está a vista. Devia ter, mais de uma vez, encontrado os Jondrette no corredor ou na escada; mas para ele eram apenas sombras; havia reparado tão pouco, que na véspera à noite levara no boulevard um encontrão das filhas de Jondrette – porque haviam sido evidentemente elas – e só com muito custo esta que acabava de entrar no seu quarto lhe despertara a vaga impressão de já tê-la encontrado em algum lugar, apesar da consternação e da pena que tal aparição lhe inspirava.

Agora via tudo claramente. Compreendeu que o vizinho Jondrette tinha como ocupação, na sua miséria, explorar a caridade de pessoas inocentes. Conseguia endereços e escrevia com nomes fictícios a pessoas que julgava ricas e caridosas, cartas que a filha levava por sua conta e risco. Pois aquele pai chegara a esse ponto de arriscar as filhas, lançando-as numa partida jogada com o destino. Marius compreendeu que, provavelmente, a julgar pela fuga da véspera, pelo terror e pelo aspecto espavorido daquelas desventuradas, assim como pela gíria de que se serviam, elas se empregavam ainda em outros misteres sombrios e que de tudo isso resultava a existência de duas miseráveis criaturas, que não eram crianças, nem moças, nem mulheres; uma espécie de monstro impuro e inocente produzido pela miséria.

Tristes criaturas sem nome, sem idade, sem sexo, às quais já não é possível o bem nem o mal e que, ao saírem da infância, já não têm nada neste mundo, nem liberdade, nem virtude, nem responsabilidade. Almas desabrochadas ontem, murchadas hoje, semelhantes às flores caídas na rua, respingadas por toda sorte de lama; enquanto uma roda não as esmaga.

Enquanto Marius a olhava de forma admirada e dolorosa, a moça girava pelo quarto com uma audácia de espectro, meneando-se sem se preocupar com a nudez em que estava. De vez em quando a camisa, descosida e rota, caía-lhe quase até a cintura. Desarrumava as cadeiras; pegava em todos os objetos de toucador que estavam na cômoda, apalpava a roupa de Marius e esquadrinhava o que havia em todos os cantos.

— Olha! — disse ela. — O senhor tem um espelho!

E cantarolava, como se estivesse sozinha, coplas de algum vaudeville, que a sua voz gutural e rouca tornava lúgubres. Sob esse atrevimento, transparecia um quê de constrangido, de inquieto e de humilhado. O descaramento é uma vergonha.

Não havia nada mais triste do que vê-la ali à toa e, por assim dizer, a esvoaçar pelo quarto com os movimentos de um pássaro ao qual a luz do dia assusta, ou que tem uma asa quebrada. Sentia-se que, sob outras condições de educação e de sorte, as maneiras joviais e livres daquela moça poderiam parecer suaves e encantadoras.

Marius pensava e deixava-a à vontade.

A moça aproximou-se da mesa.

— Ai, livros!

Uma luz atravessou o seu olhar vidrado. Ela continuou e seu tom exprimia a felicidade de se gabar de algo a que criatura humana nenhuma deixa de ser sensível:

— Eu sei ler.

E, pegando no livro que estava aberto sobre a mesa, leu muito correntemente:

"… O general Bauduin recebeu ordem de tomar, com os cinco batalhões da sua brigada, o castelo de Hougomont, situado no meio da planície de Waterloo…"

Ela parou:

— Waterloo! Bem sei o que é. Foi uma batalha que houve há muito tempo. Meu pai esteve lá. Meu pai serviu no exército. Olhe que em nossa casa somos todos bonapartistas. Foi contra os ingleses, Waterloo.

Depois disto largou o livro, pegou numa pena e exclamou:

— Também sei escrever!

Molhou a pena no tinteiro e voltou-se para Marius.

— Quer ver? Vou escrever duas palavras para provar.

E antes que ele tivesse podido responder, ela escreveu numa folha de papel em branco, que estava na mesa: *Chegaram os canas.*

Feito isso pôs a pena de lado.

— Pode ver; olhe que não tem erros de ortografia. Eu e minha irmã tivemos educação. Nem sempre fomos como somos. Não nascemos para…

Calou-se, fitou o olhar extinto em Marius e soltou em seguida uma gargalhada, dizendo com uma entonação que continha todas as angústias sufocadas por todos os cinismos:

— Ora esta!

E passou a cantarolar estas palavras, numa música alegre:

J'ai faim, mon père.
Pas de fricot.
J'ai froid, ma mère.
Pas de tricot.
Grélote,
Lolotte!
Sanglote,
Jacquot![2]

Apenas terminou essa copla, perguntou:

— Vai algumas vezes ao teatro, sr. Marius? Eu vou. Tenho um irmão pequeno que é amigo dos artistas e às vezes me dá ingressos. Dos bancos das galerias é que eu não gosto. É desconfortável, não se vê bem. Muitas vezes está tudo cheio de gente e gente que cheira mal.

Depois olhou para Marius, assumiu um ar estranho e disse:

— É muito bonito, sr. Marius!

E ocorrendo a ambos o mesmo pensamento, ela riu e ele corou.

A moça aproximou-se e pousou uma das mãos no seu ombro.

— Nunca repara em mim, mas eu conheço-o muito bem, sr. Marius. Vejo-o na escada e às vezes ir à casa de um velho chamado Mabeuf, que mora do lado d'Austerlitz. Cai-lhe muito bem o cabelo assim despenteado.

A sua voz tentava tornar-se suave e só conseguia sair muito baixa. Uma parte das palavras perdia-se no trajeto da laringe aos lábios, como num teclado em que faltam notas.

Marius recuara lentamente e afinal disse, com a sua fria gravidade:

— Menina, tenho ali um embrulho que julgo pertencer-lhe.

E apresentou o pacote que continha as quatro cartas.

A moça bateu palmas e exclamou:

— Procuramos por toda parte!

Depois pegou avidamente o embrulho e abriu-o, dizendo:

— Santo Deus! Como procuramos, minha irmã e eu! E foi o senhor que as achou! No boulevard, não foi? Com certeza, no boulevard. Caiu quando disparamos a correr. Foi minha irmã quem fez a asneira. Quando chegamos em casa é que demos pela falta. Como não queríamos levar uma surra, até porque não ia servir para nada, nada, nada, dissemos que tínhamos entregado as cartas e que nos tinham respondido: *Nicles!* E no fim, estão aqui as pobres cartas. Mas como soube que eram minhas? Ah, sim, por causa da letra! Então foi no senhor que esbarramos ontem à noite. Não se via mesmo nada. Eu disse à minha irmã: era um senhor, não era? E a minha irmã respondeu: parece-me que sim, que era um senhor!

E falando ela desdobrou o pedido dirigido "ao benfeitor da igreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas".

— Olha, esta é para o velho que vai à missa. E é a esta hora. Vou levá-la. Talvez nos dê com que almoçar.

Em seguida acrescentou, rindo:

— Sabe o que sucederia se almoçássemos hoje? Sucederia que comeríamos o nosso almoço e jantar de anteontem e o almoço e jantar de ontem, tudo de uma vez. E se não estão contentes, morram, cães.

Isso fez lembrar a Marius o que a infeliz viera pedir.

Ele meteu os dedos no bolso do colete e não achou nada.

A moça continuava a falar, parecendo não ter consciência da presença do rapaz.

— Às vezes saio à noite, outras nem volto para casa. Antes de estarmos aqui, no inverno passado, morávamos debaixo dos arcos das pontes. Ficávamos grudados uns nos outros para não congelar. Minha irmã menor chorava. É uma coisa muito triste a água! Quando pensava em me afogar, dizia sempre: "Não, é muito frio." Ando sempre só, quando quero, às vezes durmo nos fossos. Sabe, à noite, quando ando pelo boulevard, vejo as árvores como forcados, vejo as casas escuras grandes como se fossem as torres de Notre-Dame, acho que as paredes brancas são o rio e digo: "Veja só, tem água ali! As estrelas são como lampiões de iluminação, parecem fazer fumaça e o vento as apaga." Fico tonta como se cavalos soprassem no meu ouvido. Mesmo estando de noite, ouço realejos e máquinas de tecelagem, vai entender! Acho que estão jogando pedras em mim e fujo correndo; tudo rodopia, rodopia. Quando a gente não come, é bem engraçado.

E fitou Marius com ar espantado.

Marius, à força de vasculhar em todas as algibeiras, acabou por juntar cinco francos e dezesseis soldos. Naquela ocasião era quanto possuía neste mundo.

— Sempre chega para jantar hoje — pensou ele —, amanhã veremos. — Guardou os dezesseis soldos e deu os cinco francos para a moça.

— Bom! — disse ela, pegando o dinheiro. — Já faz sol.

E como se o sol tivesse a propriedade de provocar no seu cérebro avalanches de gíria, ela continuou:

— *Cinque francs! Du luisant! Un monarque! Dans cette piolle! C'est chenâtre! Vous êtes un bon mion. Je vous fonce mon palpitant. Bravo les fanandels! Deux jours de pivois! Et de la viande muche! Et du fricotmar! On pitancera chenument! Et de la bonne mouise!*[β]

Puxando a camisa para os ombros, fez profundo cumprimento a Marius e dirigiu-se para a porta, dizendo:

— Tenha um bom dia, sr. Marius. Tudo de bom, vou lá falar com o velho.

E, descobrindo sobre a cômoda uma côdea de pão duro e coberta de pó, lançou-se a ela e cravou-lhe os dentes, resmungando:

— Como está duro! Gosto disso, é capaz de me quebrar os dentes!

E saiu.

V

A fresta da Providência

Há cinco anos Marius vivia na pobreza, rodeado de privações e mesmo de penúria, mas só então percebeu que nunca conhecera a verdadeira miséria. Acabava de descobri-la. Era essa larva que tinha, agora mesmo, passado à sua frente. É que, com efeito, quem nunca viu senão a miséria do homem não viu nada, precisa ver a miséria da mulher.

Quando o homem chega às últimas extremidades, chega ao mesmo tempo aos últimos recursos. Pobres dos indefesos que o cercam! O trabalho, o salário, o pão, o lume, o ânimo, a boa vontade, tudo falta ao mesmo tempo. A luz do dia parece extinguir-se, a luz moral se apaga no interior e, no meio dessas sombras encontra o homem a fraqueza da mulher e a da criança, mergulhando-as brutalmente na ignomínia.

Então todos os horrores se tornam possíveis. O desespero é rodeado por frágeis tabiques, que dão todos para o vício ou para o crime.

A saúde, a mocidade, a honradez, as santas e insistentes delicadezas da carne ainda jovem, o sentimento, a virgindade, o pudor, que é uma epiderme da alma, são sinistramente manipulados pela busca às cegas de recursos, que encontra o opróbrio e nele se acomoda. Pais, mães, filhos, irmãos, irmãs, homens, mulheres, jovens aderem e se agregam, quase como uma formação mineral nessa brumosa promiscuidade de sexos, de parentescos, de idades, de infâmias, de inocências. Juntam-se, encostados uns nos outros, numa precariedade, vista como uma espécie de destino. Veem-se lamentosamente. Ah, infortunados! Como são descorados! Como têm frio! Parecem viver num planeta bem mais distante do sol.

Aquela moça pareceu a Marius uma enviada das trevas.

Revelou-lhe todo um lado hediondo da noite.

Ele quase se repreendeu pelas preocupações de sonho e de paixão que o tinham impedido até aquele dia de lançar os olhos para os seus vizinhos. Ter-lhes pago o aluguel da casa fora uma coisa maquinal, que qualquer pessoa poderia fazer; mas ele, Marius, devia ter feito mais! Como? Apenas uma parede o separava daqueles seres abandonados que viviam tateando na noite, excluídos do mundo vivo. Conviviam e ele, de certa maneira, era o último elo do gênero humano com que tinham contato. Ele os ouvia viver — ou melhor, arfar — a seu lado e nada fazia! Diariamente, a cada instante, do outro lado da parede ele os ouvia andar, ir e vir, falar; sem prestar atenção! Entre aquelas palavras havia gemidos e ele permanecia surdo! Seu pensamento estava alhures, em fantasias, em esplendores impossíveis, em amores inconsistentes, em loucuras. No entanto, criaturas humanas, seus irmãos em Jesus Cristo, seus irmãos no povo agonizavam a seu lado! Agonizavam inutilmente! Ele inclusive fazia parte daquela infelicidade e a agravava. Pois se tivessem outro vizinho, um vizinho menos quimérico e mais atento, um sujeito normal e solidário, é claro que tanta indigência teria sido notada, os sinais da desgraça teriam sido vistos e eles, talvez há muito tempo, já estariam salvos! Pareciam, é verdade, bem depravados, corrompidos, aviltados, até odiosos, mas raros são os que caem sem se degradarem. Aliás, há um ponto em que os infortunados e os infames se misturam, se confundem numa só palavra, palavra fatal, os miseráveis. De quem é a culpa? E não seria quando mais profunda é a queda que a caridade deve ser maior?

Enquanto Marius moralizava por esse modo — porque havia ocasiões em que, como todos os corações verdadeiramente honestos, ele se tornava pedagogo de si mesmo e se criticava mais do que merecia —, olhou para a parede que o separava dos Jondrette, como se pudesse atravessá-la com o seu olhar fraternal para reanimar aqueles infelizes. A parede era um simples tabique delgadíssimo, que deixava perfeitamente distinguir o ruído dos passos e as vozes. Somente alguém sempre

perdido em devaneios não o teria ainda notado. A parede não era forrada com o mais insignificante papel, nem do lado dos Jondrette nem do de Marius, deixando descoberta a rudeza da construção. Sem quase ter consciência do que fazia, ele examinou o tabique. Às vezes a divagação examina, observa e esmiúça como faria o pensamento. De repente levantou-se: acabava de descobrir no alto da parede, junto do teto, um buraco triangular formado por três ripas, que deixavam entre si um buraco. O remendo que devia tapar aquele vazio não estava ali. Subindo na cômoda, poderia ver por aquela abertura o antro dos Jondrette. A compaixão tem e deve ter curiosidade. Aquele buraco era uma espécie de fresta. É permitido observar ocultamente o infortúnio para socorrê-lo.

"Vejamos um pouco que gente é esta e a que ponto chegou", pensou Marius.

Em seguida subiu na cômoda e aplicou um olho ao buraco.

VI

A fera no covil

As cidades, do mesmo modo que as florestas, têm os seus antros, nos quais se oculta tudo que há de pior e de mais temível. A diferença é que, nas cidades, o que assim se esconde é feroz, imundo e pequeno; nas florestas, o que se oculta é feroz, selvagem e grande, quer dizer, belo. Covil por covil, o dos animais são preferíveis ao dos homens. As cavernas têm muito mais valor do que as pocilgas.

O que Marius via era uma pocilga.

Marius era pobre e o seu quarto indigente; mas, pelo mesmo modo que a sua pobreza era nobre, o seu cubículo era asseado. A esterqueira em que naquele momento mergulhava a vista era abjeta, porca, fétida, infecta, tenebrosa, sórdida. Por únicos móveis uma cadeira de palhinha, uma mesa desconjuntada, alguns cacos e dois leitos indescritíveis. Claridade só havia a que entrava por uma lucarna de quatro vidros, cheia de teias de aranha. Por essa abertura vinha apenas a luz necessária para fazer o rosto de um homem parecer o de um fantasma. As paredes tinham aspecto leproso e estavam cobertas de remendos e cicatrizes, como um rosto

desfigurado por alguma horrível doença, ressumando umidade. Distinguiam-se nelas alguns desenhos obscenos, feitos grosseiramente com carvão.

O quarto que Marius ocupava tinha o pavimento de ladrilho, em muito mau estado; aquele nem sequer era ladrilhado ou soalhado; andava-se diretamente sobre o antigo cimento da construção, empretecido sob os pés. Nesse piso desigual, em que a única virgindade preservada era a da vassoura, a poeira se incrustara e nela caprichosamente se agrupavam constelações de louça quebrada, de chinelos e de farrapos. Mas o quarto tinha lareira, sendo por isso alugado a quarenta francos por ano. Havia de tudo na tal lareira: um fogareiro, uma panela, trapos pendurados em pregos, uma gaiola de pássaro, cinza e até algum lume. Dois tições lançavam uma triste fumaça.

Uma coisa que aumentava ainda o horror da pocilga era a sua grande dimensão. Tinha saliências, ângulos, buracos escuros, baías e promontórios. Resultava de tudo isso a existência de cantos insondáveis, onde parecia que deviam abrigar-se aranhas do tamanho de um punho, lacraias do tamanho de um pé e, quem sabe, alguns seres humanos monstruosos.

Uma das camas estava perto da porta, a outra perto da janela. As duas encostavam por uma extremidade na lareira, de frente para Marius.

Num ângulo próximo à abertura por onde Marius espiava, via-se pendurada na parede, numa moldura negra, uma gravura colorida, por baixo da qual se lia em letras graúdas O SONHO. Nela estavam representadas uma mulher e uma criança adormecidas, uma águia no meio de uma nuvem, com uma coroa embaixo e a mulher, mesmo dormindo, afastava a coroa da cabeça da criança; ao fundo via-se Napoleão, encostado a uma coluna azul com capitel amarelo, ornada com esta inscrição:

"Marengo"

Acima dessa moldura, encontrava-se uma espécie de painel de madeira, maior de comprimento do que de largura, apoiado no chão e em plano inclinado contra a parede. Parecia ser um quadro de costas, uma estrutura com o outro lado provavelmente ornado com alguma coisa, um pedaço de mural arrancado e esquecido ali até voltar a ser pendurado.

Junto de uma mesa, sobre a qual havia uma pena, um tinteiro e papel, estava sentado um homem com cerca de sessenta anos, de pequena estatura, magro, lívido, carrancudo, de aparência esperta, cruel e inquieto; um aterrorizante maltrapilho.

Lavater, se visse aquele rosto, veria nele um abutre misturado a um procurador. A ave de rapina e o trapaceiro mutuamente se enfeavam e se completavam, o trapaceiro como ave de rapina infame, a ave de rapina como trapaceiro medonho.

Esse homem usava compridas barbas grisalhas. Tinha vestida uma camisa de mulher, que lhe deixava a descoberto o peito e os braços cabeludos. Abaixo da camisa viam-se umas calças enlameadas e nos pés umas botas que deixavam os dedos de fora.

Fumava um cachimbo. Não havia pão naquele antro, mas não faltava tabaco.

Ele escrevia, provavelmente alguma carta como as que Marius lera.

Numa beirada da mesa via-se um velho volume avermelhado e avulso. O formato, que era um antigo in-12 dos gabinetes de leitura, mostrava se tratar de um romance. Na capa via-se impresso em letras maiúsculas: *DEUS, O REI, A HONRA E AS DAMAS, POR DUCRAY-DUMINIL*, 1814.

O homem, mesmo escrevendo, falava em voz alta; Marius pôde ouvi-lo:

— Não há igualdade nem mesmo depois de morto! É só ver o Père-Lachaise! Os grandes, os ricos, estão no alto, na aleia das acácias, que é calçada. Podem ir até lá de carro. Os pequenos, a gente pobre, os desgraçados, esses são deixados cá embaixo, em buracos, na umidade. Ficam ali para apodrecer mais rapidamente. Não se pode nem ir vê-los sem se enfiar na lama.

Dito isso, calou-se, deu um murro na mesa e acrescentou, rangendo os dentes:

— Ah, eu poderia devorar o mundo!

Junto da lareira, acocorada nos calcanhares, estava uma mulher, que poderia ter quarenta ou cem anos.

Vestia também somente uma camisa e uma saia de malha, remendada com bocados de pano velho. Um avental muito grosseiro tapava metade da saia. Apesar de estar encolhida naquela posição, via-se que era bem alta. Uma espécie de gigante, perto do marido. Tinha cabelos ruivos repugnantes, já grisalhos e que ela de vez em quando afastava da cara, com suas enormes mãos de unhas chatas.

A seu lado estava, no chão e aberto, um volume do mesmo formato do outro e provavelmente do mesmo romance.

Numa das camas entrevia Marius uma lívida e comprida menina quase nua, com os pés pendentes, parecendo não ouvir, nem ver, nem viver.

Era certamente a irmã mais nova da que estivera com ele.

Parecia ter onze ou doze anos. Examinando-se, porém, com atenção, devia ter pelo menos quatorze. Era a mesma que na véspera, à noite, dissera no boulevard: "Eu vi, por isso saí no pinote!"

Pertencia a essa doentia espécie que permanece muito tempo com certo atraso e depois se desenvolve de repente. A indigência produz essas tristes plantas humanas. São criaturas sem infância nem adolescência. Aos quinze anos parecem ter doze, aos

dezesseis parecem ter vinte. Hoje menina, amanhã mulher. Dão passos largos na vida, para chegar mais depressa ao fim.

Naquele momento, era ainda uma criança.

Não se percebia, naquilo tudo, a menor presença de qualquer trabalho; nem sombra de costura, nem a mais insignificante ferramenta. A um canto viam-se alguns ferros-velhos de aspecto duvidoso. Era a triste preguiça que segue o desespero e precede a agonia.

Marius contemplou por algum tempo aquele ambiente fúnebre, pior que um túmulo, por ainda mover-se ali a alma humana e palpitar a vida.

A pocilga, o subsolo, a fossa em que alguns indigentes se arrastam no nível mais baixo do edifício social não é o sepulcro, é a antecâmara. Assim como os ricos que ostentam suas maiores magnificências à entrada dos seus palacetes, parece que a morte, que está logo ao lado, expõe suas maiores misérias nesse vestíbulo.

O homem tinha se calado, a mulher não falava, a menina parecia nem respirar. Só se sentia ranger a pena no papel.

O homem resmungou, sem deixar de escrever:

— Canalha! Canalha! Tudo canalha!

Essa variante do epifonema de Salomão arrancou um suspiro da mulher:

— Acalme-se, querido. Vai acabar passando mal. Faz muito bem em escrever para toda essa gente, amor!

Na miséria, os corpos se juntam uns aos outros como no frio, mas os corações se afastam. Aquela mulher, tudo indicava, devia ter amado aquele homem com toda a quantidade de amor de que era capaz, mas, provavelmente, nas rusgas cotidianas e recíprocas da terrível adversidade que pesava sobre todo o grupo, esse sentimento se extinguira. Pelo marido, restara nela apenas a cinza do afeto. No entanto, o tratamento por nomes carinhosos persistia, como frequentemente acontece. Dizia *querido*, *meu amor* etc. ao marido, mas só da boca para fora, o coração calava-se.

O homem voltou a escrever.

VII

Estratégia e tática

Marius, com o coração opresso, dispunha-se já a descer do seu observatório improvisado, quando um ruído chamou sua atenção e o manteve no lugar.

A porta acabava de ser aberta de repente e a filha mais velha apareceu. Trazia nos pés uns sapatões de homem, cheios de lama, que havia chegado até a altura dos tornozelos avermelhados, e tinha nos ombros uma manta toda esburacada, que não usava antes, quando fora ao quarto de Marius, tendo provavelmente ficado do lado de fora, a fim de inspirar mais dó, e pegara de volta ao sair. Ela entrou, fechou a porta, parou para tomar fôlego, pois vinha esbaforida, e exclamou com expressão de triunfo e alegria:

— Ele está vindo!

O pai voltou os olhos, a mulher voltou a cabeça e a filha menor não se moveu.

— Quem? — perguntou o pai.

— Aquele senhor.

— O filantropo?

— Ele mesmo.

— Da igreja Saint-Jacques?

— Isso.

— O velho?

— É.

— Vai vir?

— Não tarda.

— Tem certeza?

— Plena.

— Vem mesmo?

— De fiacre.

— De fiacre! É Rothschild!

O pai levantou-se.

— Como assim? Se ele vem de fiacre, como chegou primeiro? Deu o endereço, ao menos? Explicou ser a última porta do corredor, à direita? Esperemos que não se engane! Encontrou-o na igreja? Leu a minha carta? O que ele disse?

— Devagar, devagar — disse a moça —, está indo a galope! Conto tudo: assim que entrei na igreja, logo o vi no seu lugar de costume, cumprimentei-o, entreguei a carta, ele leu e perguntou: "Onde mora, minha filha?" Eu então respondi: "Posso levá-lo." "Não, dê-me o endereço. Minha filha tem ainda de fazer algumas compras. Vou pegar um carro e provavelmente chegaremos ao mesmo tempo." Quando disse

onde era a casa, ele pareceu admirado, pensou um pouco e depois disse: "Entendi. Irei logo."

— Quando acabou a missa vi-o sair da igreja com a filha e pouco depois subirem num fiacre. Insisti para que não se enganasse de porta, que era a última do corredor, à direita.

— E por que tem certeza de que vêm?

— Vi agora o fiacre entrando na rua Petit-Banquier. Por isso corri.

— E como sabe que é o mesmo fiacre?

— Porque tinha reparado no número.

— Que número é?

— 440.

— Ótimo, é bem esperta.

A moça olhou atrevidamente para o pai e mostrou os sapatos que tinha nos pés.

— Esperta pode ser, mas não calço mais estes sapatos, primeiro porque machucam e depois porque são uma porcaria. Não há nada mais irritante do que sapatos que se enchem d'água e fazem *choc*, *choc*, *choc* pela rua inteira! Prefiro andar descalça.

— Tem razão — respondeu o pai num tom meigo que contrastava com o mau modo da filha —, mas não poderia entrar nas igrejas, portanto, os pobres precisam ter sapatos. Não se entra descalço na casa de Deus — acrescentou ele amargamente.

Depois, voltando ao assunto que o preocupava:

— Tem mesmo certeza de que ele vem?

— Estava logo atrás de mim…

O homem endireitou-se, tinha no rosto uma espécie de iluminação.

— Ouves, mulher? — gritou ele. — O filantropo! Apaga o lume.

A mulher, surpresa, não se moveu.

Com a agilidade de um saltimbanco, o marido pegou uma bilha sem gargalo que estava junto à lareira e jogou um pouco de água nos tições.

Depois, dirigindo-se à filha mais velha, ordenou:

— Tira a palha dessa cadeira.

Ela não entendeu.

O homem pegou a cadeira e com um chute arrancou o assento. Sua perna passou através.

Enquanto tirava a perna, perguntou à filha:

— Faz frio?

— Muito, está até nevando.

O pai voltou-se então para a mais nova, que estava deitada, e gritou:

— Depressa... Salta daí, mandriona! Nunca hás de fazer coisa nenhuma! Mexe-te, vai quebrar um vidro!

A garota saltou para o chão tremendo.

— Quebra um vidro! — repetiu ele.

Ela continuou imóvel.

— Não ouves? Já te disse para quebrar um vidro.

A pequena, com a obediência do terror, pôs-se na ponta dos pés e deu um murro num vidro, que se partiu fazendo barulho.

— Bom! — disse o pai.

E mostrava-se grave e carrancudo, percorrendo com a vista tudo em volta.

Parecia um general fazendo os últimos preparativos antes de começar a batalha.

A mãe, que não tinha dito uma só palavra, levantou-se e perguntou com voz cavernosa e surda, com palavras que pareciam petrificadas no ar:

— O que está querendo fazer, querido?

— Deite-se na cama — respondeu ele.

A entonação não admitia hesitações. A mulher obedeceu, atirando-se numa das camas.

Entretanto, ouvia-se um choro num dos cantos.

— Que é isso? — perguntou o pai.

A filha mais nova, sem sair do canto sombrio em que se agachara, mostrou um pulso ensanguentado. Partindo o vidro ferira-se. Em seguida levantou-se e foi para junto da mãe chorando baixinho.

Foi a vez de a mãe se pôr de pé e gritar:

— Veja no que dão essas suas tolices! Fez com que se cortasse com o vidro!

— Ótimo — disse o homem. — Contava com isso.

— O quê! Ótimo?! — tornou a mulher.

— Bico calado! — replicou o outro. — Está suspensa a liberdade de imprensa!

Depois, rasgando a camisa de mulher que usava, rasgou uma tira e enrolou-a rapidamente no pulso ensanguentado da filha.

Feito isso, olhou com satisfação para a camisa despedaçada.

— E a camisa também está perfeita. Tudo às maravilhas.

O vento gelado atravessava a vidraça quebrada e penetrava no quarto. O nevoeiro lá de fora penetrava também, espalhando-se como finíssimos fios de algodão, vagamente desfiados por dedos invisíveis. Pelo vidro quebrado via-se cair a neve. O frio prometido na véspera pelo sol da festa das Candeias de fato viera.

O homem deu uma última olhada em volta, querendo se assegurar de não ter esquecido de coisa nenhuma. Pegou depois numa velha pá e espalhou uma porção

de cinza sobre os tições molhados, para escondê-los bem.

Em seguida endireitou-se e encostou-se na lareira e declarou:

— Agora podemos receber a visita do filantropo.

VIII

O raio de luz na pocilga

A filha mais velha aproximou-se do pai e tocou a sua mão:

— Sinta como estou com frio.

— Ora! — respondeu ele. — Mais tenho eu.

A mãe gritou irritada:

— Está sempre querendo ser mais que os outros; mesmo nas coisas ruins.

— Agradecido! — disse o marido.

E pelo olhar que recebeu, ela preferiu se calar.

Houve no quarto um momento de silêncio. A mais velha desfiava com ar distraído a ponta da manta, a mais nova continuava a soluçar. A mãe tomara-lhe a cabeça entre as mãos e cobria-a de beijos, dizendo-lhe em voz baixa:

— Não chore, meu tesouro, não é nada; vai acabar irritando seu pai.

— Pelo contrário! — gritou o pai. — Chore, chore! Isso é que convém.

Depois, voltando-se para a mais velha:

— Mas que diabo é isso? O homem não chega? Se não vier, apaguei o fogo, rasguei minha camisa, quebrei a cadeira e o vidro, tudo para nada!

— E feriu a pequena! — murmurou a mãe.

O pai continuou:

— E faz um frio de rachar neste diabo de toca! Se o homem não vem... Ah, entendi! Quer que o esperemos! Está dizendo consigo: "Vão esperar por mim, não estão lá para outra coisa!" Como odeio esses ricos! Com que prazer, entusiasmo e satisfação esganaria todos os ricos! Todos eles! Esses pretensos homens caridosos que vão à missa: beatos fingidos que se julgam acima de nós e vêm nos humilhar, trazer com que nos vestirmos, como eles dizem, uns trapos que não valem quatro soldos e um bocado de pão! Não é isso que eu quero, bando de canalhas! O que eu preciso é

de dinheiro. Ora, dinheiro! Isto nunca! Porque, segundo eles dizem, iríamos bebê-lo, pois somos uns bêbados, uns vadios! E eles, o que são? O que têm sido a vida toda? Uma súcia de ladrões! Se não fossem não teriam enriquecido! Ah, a gente devia pegar a sociedade pelos quatro cantos da toalha e jogar tudo para o alto! Ia quebrar tudo, mas pelo menos ninguém ficaria com coisa alguma, já seria uma vantagem! Mas o que é feito dele, do focinho do sr. Beneficente? Vai dar as caras ou não? O animal deve ter esquecido o endereço. Aposto que o idiota…

Nesse momento bateram de leve à porta. Jondrette precipitou-se para abrir, exclamando em meio a reverências e sorrisos de adoração:

— Queira entrar, cavalheiro! Tenha a bondade de entrar, meu respeitável benfeitor e a sua linda menina…

Surgiram no limiar da porta um homem de idade já avançada e uma jovem.

Marius não tinha saído do lugar. O que ele experimentou naquele momento não pode ser expresso pela língua humana.

Era *Ela*.

Quem quer que tenha amado conhece todos os sentidos esplendorosos das três letras desta palavra: Ela.

E era mesmo ela. Marius mal a distinguia através do vapor luminoso que subitamente se espalhou em seus olhos. Era aquele doce ser ausente, o astro cujo brilho o iluminara por seis meses, eram os mesmos olhos, a mesma fronte, os mesmos lábios, o belo rosto que, desaparecendo, deixara a sua alma em trevas. A visão se eclipsara e agora reaparecia!

E reaparecia naquela escuridão, naquele pardieiro, naquela pocilga disforme, naquele horror!

Marius tremia, fora de si. Pois era ela! As palpitações do coração turvavam os olhos. Ele estava prestes a se desfazer em lágrimas. Como?! Revê-la desse modo depois de tê-la procurado tanto! Teve a impressão de recuperar a alma que havia perdido.

Era ainda a mesma, apenas um pouco pálida; o rosto delicado se emoldurava num chapéu de veludo violeta, a cintura se ocultava sob uma peliça de cetim preto. Sob a roda do vestido entrevia-se o pequenino pé, elegantemente comprimido num sapatinho de seda.

E, como sempre, acompanhada do sr. Leblanc.

Ela deu alguns passos pelo quarto e deixou em cima da mesa um volumoso embrulho.

A Jondrette mais velha retirara-se para trás da porta, observando com olhar sombrio aquele chapéu de veludo, aquele xale de seda e o rosto encantador e feliz.

IX

Jondrette quase chorou

A pocilga era de tal modo escura que as pessoas que chegavam julgavam entrar num subterrâneo. Os dois recém-chegados avançaram hesitantes, distinguindo apenas vultos vagos, ao passo que estavam sendo perfeitamente vistos e examinados pelos habitantes do quarto, já habituados àquele crepúsculo.

O sr. Leblanc aproximou-se de Jondrette com o seu olhar bondoso e triste, dizendo:

— Aqui nesta trouxa encontrará alguma roupa nova e cobertores de lã.

— O nosso benfeitor confunde-nos com a sua bondade — respondeu Jondrette, inclinando-se quase até o chão. Depois se debruçou ao ouvido da filha mais velha e disse rápido, em voz baixa, enquanto as duas visitas examinavam o lamentável ambiente: — Que dizia eu? Farrapos? Dinheiro, nada! São todos iguais! É verdade, como estava assinada a carta para esse fulano?

— Fabantou — respondeu a filha.

— Artista dramático; bom!

Bem fizera Jondrette em perguntar à filha como naquela conjuntura se chamava, pois no mesmo momento o sr. Leblanc voltou-se para ele dizendo, com o ar de quem tenta recordar o nome da pessoa a quem se dirigia:

— Vejo que é realmente digno de lástima, senhor…

— Fabantou — acudiu logo Jondrette.

— Sr. Fabantou… Sim, é isso mesmo, agora me lembro.

— Artista dramático, meu senhor, e que já obteve alguns triunfos no palco.

Aqui Jondrette julgou ter chegado o momento de conquistar o "filantropo", por isso exclamou com voz de charlatão de feira e entonação humilde de mendigo de estrada:

— Discípulo de Talma, meus senhores! Discípulo de Talma! Noutro tempo sorriu-me a fortuna. Ah! Mas agora chegou a vez da desgraça. Veja, meu benfeitor: nem pão, nem lume. Minhas pobres filhas não podem aquecer-se! Uma cadeira sem assento! E, com esse tempo, um vidro quebrado! Minha mulher doente de cama!

— Pobre mulher! — disse o sr. Leblanc.

— Minha filha também doente! — acrescentou Jondrette.

A criança, distraída com a presença dos recém-chegados, passara a contemplar a

“senhorita” e deixara de chorar.

— Chora, anda! Grita! — ordenou Jondrette em voz baixa.

E ao mesmo tempo beliscou a mão ferida; tudo isso com uma rapidez de prestidigitador.

A pequena soltou altos gritos.

A encantadora jovem, a quem Marius denominava no fundo do coração “sua Ursule”, aproximou-se com toda a solicitude:

— Pobre criança!

— Veja, bela senhorita — prosseguiu Jondrette —, veja como tem o pulso ensanguentado! Foi um acidente ocorrido quando trabalhava numa máquina, para ganhar seis soldos por dia. Talvez seja preciso cortar fora o braço!

— É mesmo? — alarmou-se o sr. Leblanc.

A menina, levando a sério o que ouvia, redobrou o choro e os soluços.

— É uma triste verdade, meu benfeitor! — respondeu o pai.

Já há alguns instantes Jondrette examinava o “filantropo” de modo estranho. Mesmo falando, parecia observá-lo com atenção, como se tentasse reunir lembranças. De repente, aproveitando um momento em que os recém-chegados faziam perguntas à filha menor sobre o ferimento na mão, ele passou por perto da mulher e disse rápido, em voz baixa:

— Olha bem este homem!

Depois, voltando-se para o sr. Leblanc e continuando sua encenação:

— Veja, meu senhor! Mesmo no rigor do inverno só tenho para vestir uma camisa de mulher, toda rasgada! Não posso sair de casa por não ter o que vestir. Não fosse o caso, procuraria a srta. Mars, que me conhece e gosta muito de mim. Será que ainda mora na rua Tour-des-Dames? Sabe me dizer? Representamos juntos pelo interior da França. Participei dos seus sucessos. Célimène me ajudaria, tenho certeza. Elmire apoiaria Bélisaire! No entanto, nada! Nem um tostão na casa. A mulher doente e nem um tostão. Minha filha perigosamente ferida e nem um tostão! A mulher tem faltas de ar. É da idade, mas o sistema nervoso ficou abalado. Precisa de tratamento, assim como minha filha. Mas como pagar ao médico, e os remédios, sem dinheiro nenhum? Eu me ajoelharia por qualquer centavo, cavalheiro! É ao que se reduziu a minha arte! E imaginem, encantadora senhorita, e o senhor, meu protetor, imaginem, já que respiram a virtude e a bondade, perfumando essa igreja em que minha pobre filha, indo fazer suas orações, os vê diariamente... Pois educo minhas filhas na religião, cavalheiro. Não quis que fossem para o teatro. Ah, minhas gracinhas! Elas não reclamam! Não faço por menos, encho-lhes os ouvidos com discursos sobre a honradez, a moral, a virtude! Pode

perguntar a elas. Têm que andar direitas. Têm um pai. Não são como essas infelizes que começam sem ter família e acabam adotando o público. Quem começa como srta. Ninguém acaba se tornando sra. Todo-mundo. Diacho! Nada disso na família Fabantou! Quero educá-las na virtude, na honestidade, na gentileza, com crença em Deus! Diacho! Pois bem, cavalheiro, meu bom senhor, sabe que dia é amanhã? Amanhã é 4 de fevereiro, é o dia fatal, o último prazo que o senhorio me concedeu. Se esta noite eu não pagar, amanhã minha filha mais velha, eu, minha mulher a arder de febre e minha filha menor com a mão nesse estado, seremos todos expulsos daqui e jogados na rua, no boulevard, sem abrigo, debaixo da chuva e da neve que caem sem cessar! Aqui tem o meu benfeitor a desgraça que me espera! Devo quatro trimestres, um ano! São sessenta francos!

Jondrette mentia. Quatro trimestres somavam quarenta francos; e não podia dever quatro, pois há menos de seis meses Marius havia pagado dois. O sr. Leblanc tirou cinco francos da algibeira e colocou-os na mesa.

Jondrette resmungou ao ouvido da filha mais velha:

— Pão-duro! O que quer que eu faça com cinco francos! Fico no prejuízo! Isso não paga nem a cadeira nem o vidro!

O sr. Leblanc despiu um amplo sobretudo pardo que tinha por cima da sobrecasaca azul e deixou-o nas costas da cadeira.

— Sr. Fabantou — disse ele em seguida —, não tenho comigo mais do que isso, mas vou levar minha filha em casa e à noite voltarei… Não é à noite que tem de fazer o pagamento?

A fisionomia de Jondrette iluminou-se com extraordinária expressão e ele respondeu com vivacidade:

— Exatamente, meu respeitável benfeitor. Às oito horas devo ir à casa do senhorio.

— Pois às seis voltarei com os sessenta francos de que precisa.

— Meu benfeitor! — exclamou Jondrette confuso.

E acrescentou em voz baixa para a mulher:

— Repare bem nele!

O sr. Leblanc ofereceu o braço à filha e se encaminhou para a porta:

— Até a noite, meus amigos! — disse ele.

— Às seis horas? — disse Jondrette.

— Às seis horas em ponto.

Nesse momento a Jondrette mais velha viu o sobretudo que ficara nas costas da cadeira e avisou:

— Senhor, está esquecendo o casaco.

Jondrette dirigiu à filha um olhar fulminante, acompanhado de um medonho gesto de ameaça.

O sr. Leblanc voltou-se e respondeu com um sorriso:

— Não foi esquecimento, deixo-o ficar.

— Ó meu protetor — disse Jondrette —, meu augusto benfeitor, as lágrimas do reconhecimento sufocam-me! Permita-me que o acompanhe até o fiacre.

— Se for fazer isso — disse o sr. Leblanc —, vista o sobretudo, porque está realmente muito frio.

Jondrette não esperou que insistisse; vestiu imediatamente o casaco pardo.

E saíram os três, Jondrette à frente.

X

Tarifa dos carros públicos: dois francos por hora

Marius não perdera detalhe nenhum da cena, mas na realidade nada havia visto. Seus olhos em momento algum tinham se afastado da jovem; seu coração a havia, por assim dizer, excluído de toda aquela cena no pardieiro. Durante todo o tempo da sua presença ali, ele vivera nessa dimensão do êxtase que suspende as percepções materiais e concentra a alma num ponto só. Ele contemplava, não a jovem propriamente, mas uma luz que usava um xale de cetim e um chapéu de veludo. Se naquele quarto tivesse entrado a estrela Sirius, ela não teria causado maior deslumbramento.

Enquanto a jovem abria o embrulho que trouxera, desdobrava as roupas e os cobertores, fazendo com todo o carinho perguntas à mãe doente e à menina ferida, Marius seguia-lhe os movimentos e procurava ouvir o que dizia. Plenamente conhecia seus olhos, seu rosto, sua beleza, sua silhueta e sua maneira de andar, mas não conhecia ainda sua voz. Achava ter captado algumas palavras, uma vez, no Luxembourg, mas não tinha tanta certeza. Daria dez anos de vida para ouvi-la e poder carregar na alma um pouco daquela música. Mas tudo se perdia entre as lamentáveis explanações de Jondrette e seu trombetear. Isso fazia com que muita raiva se misturasse no encantamento de Marius. Ele não se cansava de olhá-la. Era

inimaginável aquela criatura divina no meio daquelas pessoas imundas, naquela pocilga monstruosa. Era um colibri entre os sapos.

Quando a viu sair, teve um só pensamento: segui-la e não lhe perder o rastro enquanto não soubesse onde morava; não tornar a perdê-la depois de tão milagrosamente encontrá-la!

Saltou da cômoda e pegou o chapéu. Já com a mão na maçaneta da porta, prestes a sair, um pensamento o fez parar. O corredor era comprido, a escada, íngreme, Jondrette, falastrão, o sr. Leblanc provavelmente não tinha ainda tomado o fiacre; por conseguinte, se olhasse para trás no corredor, na escada, ou mesmo ao sair para a rua, o veria, a ele Marius, naquela casa. É claro que se assustaria, achando meio de escapar de novo, e tudo, mais uma vez, estaria acabado. O que fazer? Esperar um pouco? Mas durante essa espera o fiacre podia partir. Marius estava perplexo, mas afinal assumiu o risco e saiu do quarto.

Já não havia ninguém no corredor. Correu para a escada, onde também não viu pessoa alguma. Desceu às pressas e chegou ao boulevard ainda a tempo de ver um fiacre dobrar a esquina da rua Petit-Banquier, indo para o centro de Paris.

Marius se precipitou na mesma direção. Chegando ao ângulo do boulevard, voltou a ver o fiacre que descia rapidamente a rua Mouffetard. Já ia muito longe, não havia como alcançá-lo. Correr atrás era impossível. Além disso, do carro notariam a perseguição desembestada e ele seria reconhecido pelo sr. Leblanc. Nesse momento, por incrível e maravilhoso acaso, ele viu um cabriolé público que seguia pelo boulevard, sem levar ninguém. Só havia uma solução: meter-se naquele cabriolé e seguir o fiacre. Era uma alternativa segura, eficaz e sem perigo.

Marius fez sinal ao cocheiro e gritou:

— Por hora!

Ele estava sem gravata, com sua veste batida de trabalho, na qual faltavam botões, e a camisa rasgada numa das pregas do peitilho.

O cocheiro parou, piscou um olho e estendeu a mão esquerda, esfregando lentamente o dedo indicador no polegar.

— O quê? — perguntou Marius.

— Pague adiantado — respondeu o cocheiro.

Foi quando ele se lembrou de que só tinha dezesseis soldos.

— Quanto? — perguntou ele.

— Quarenta soldos.

— Pago na volta.

A única resposta do cocheiro foi fustigar o cavalo e seguir seu caminho.

Marius viu afastar-se o cabriolé com ar espantado. Por vinte e quatro soldos que lhe faltavam perdia a sua alegria, a sua felicidade, o seu amor! Caía de novo nas trevas! Tinha enxergado e voltava à cegueira! Pensou amargamente e, é forçoso dizê-lo, com profundo arrependimento, nos cinco francos que naquela mesma manhã dera à miserável vizinha. Se tivesse ainda aqueles cinco francos estaria salvo, renasceria, sairia das trevas, do isolamento. Havia reatado o negro fio condutor do seu destino ao belo fio dourado que passara à sua frente, e ele voltara a se romper. O retorno ao cortiço se deu no auge do desespero.

Poderia ter se lembrado de que o sr. Leblanc havia prometido voltar à noite e se preparar para agir de forma mais eficiente dessa vez; mas, absorto pela contemplação, ele mal o ouvira.

No momento em que já ia subir a escada, viu Jondrette do outro lado do boulevard, encostado no muro da deserta rua Barrière des Gobelins, embrulhado no sobretudo do "filantropo", conversando com um dos homens de aspecto pouco tranquilizador, a que se convencionou chamar *gente das barreiras*: gente de aparência dúbia, monólogos suspeitos, parecendo sempre ter más intenções e que dorme habitualmente durante o dia, o que faz supor que só trabalha de noite.

Os dois homens conversando ali, debaixo da neve que caía, era algo que qualquer policial teria certamente notado, mas que Marius mal reparou.

Apesar de toda a sua grande e dolorosa preocupação, ele não pôde deixar de pensar que o vagabundo com quem Jondrette conversava parecia muito um certo Panchaud, conhecido como Printanier e como Bigrenaille, que Courfeyrac uma vez lhe mostrara, e que passava, naquela área, por ser um trabalhador noturno bastante perigoso. Já se viu no livro precedente o nome desse homem. O tal Panchaud, conhecido como Printanier e como Bigrenaille, figurou mais tarde em diversos processos criminais e tornou-se célebre. Mas na época era apenas um iniciante. Hoje em dia é citado pela tradição dos bandidos e demais indivíduos de procedimento escabroso. Fez escola em fins do reinado passado e no fim do dia, ao cair da noite, na hora em que os grupos se formam e trocam informações baixinho, falava-se muito dele na prisão da Force e nos terrenos da *fosse-aux-lions*. Podia-se inclusive ler o seu nome, PANCHAUD, audaciosamente gravado por ele, numa das suas tentativas de evasão, no muro do caminho da ronda, sob o qual passava o canal das latrinas que serviu, em 1843, para a incrível fuga, à luz do dia, de trinta presos. Em 1832 a polícia já o vigiava, mas ele estava ainda em início de carreira.

XI

A miséria oferece seus serviços à dor

Marius subiu a escada vagarosamente e, no momento em que ia entrar no seu quarto, notou atrás dele, no corredor, a Jondrette mais velha, que o seguia. Para ele, a moça tinha se tornado odiosa. Ela que havia ficado com os cinco francos, mas já era tarde para pedi-los de volta, o cabriolé não estava mais lá e o fiacre já se encontrava longe. E ela, aliás, não os devolveria. E quanto a perguntar sobre o endereço das pessoas que pouco antes tinham estado ali seria inútil; era evidente que não sabia, já que a carta assinada com o nome de Fabantou se dirigia ao *benfeitor da igreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas*.

Marius entrou no quarto e empurrou a porta, que não bateu. Voltou-se e viu a mão de alguém que a mantinha entreaberta.

— Quem é? — perguntou ele. — Quem está aí?

Era a filha de Jondrette.

— Ah, você! — tornou Marius quase com dureza. — Outra vez! E o que quer?

Ela parecia pensar e não o olhava. Não tinha mais o desembaraço daquela manhã. Não entrou e conservava-se na sombra do corredor, onde Marius a via apenas pela greta da porta.

— Então não responde? — insistiu ele. — O que quer?

A moça dirigiu-lhe um olhar triste, onde parecia mostrar-se um vago brilho, e disse:

— Está triste, sr. Marius. O que tem?

— Eu?

— Sim, o senhor.

— Não tenho nada.

— Tem, sim.

— Já disse que não.

— E digo que sim.

— Deixe-me em paz!

Marius empurrou novamente a porta e a moça continuou a impedir que se fechasse.

— Olhe, não está certo. O senhor não é rico e foi bom comigo hoje cedo. Continue assim, agora para si mesmo. De manhã deu-me com que matar a fome;

diga-me agora o que tem. Algo o chateia, isso se vê. Não quero que fique assim. O que se pode fazer? Se eu tiver como servir, disponha de mim. Não peço que me conte seus segredos, mas se eu puder fazer alguma coisa... Posso ajudar, já que ajudo meu pai. Se for preciso levar cartas, ir a algum lugar, perguntar por alguém de porta em porta, descobrir um endereço, seguir uma pessoa, faço isso bem, posso ser útil. Diga o que tem e falarei com quem for. Às vezes basta que alguém fale para que as coisas se saibam e tudo se arranje. Disponha de mim.

Marius teve uma ideia. Como desprezar um galho qualquer, quando estamos caindo da árvore?

Aproximou-se da Jondrette:

— Escuta...

A moça interrompeu-o com a expressão da alegria nos olhos.

— Ótimo, continue...

— É o seguinte. Foi você quem trouxe aquele velho senhor com a filha?

— Fui.

— Sabe onde moram?

— Não.

— Tente descobrir.

Os olhos da Jondrette de tristes ficaram alegres, de alegres ficaram sombrios.

— É isso que quer? — perguntou.

— É.

— O senhor os conhece?

— Não.

— Já sei — animou-se ela —, não a conhece, mas quer conhecê-la.

Esta mudança de *os* em *a* tinha não sei quê de significativo e amargo.

— Mas, enfim, pode saber onde moram?

— Logo, logo terá o endereço daquela linda menina, deixe estar…

As palavras "linda menina" foram também ditas de modo que novamente incomodou Marius, que acrescentou:

— O endereço do pai ou da filha, pouco importa...

Ela o olhou fixamente:

— E o que me dará?

— O que quiser.

— Tudo que eu quiser?

— Sim.

— Pois então vai saber onde moram.

Ela baixou a cabeça e depois, com um movimento brusco, puxou a porta, que só então se fechou.

Marius voltou a estar sozinho.

Deixou-se cair numa cadeira, com a cabeça e ambos os cotovelos encostados na cama, abismado em pensamentos que não podia fixar e preso numa espécie de vertigem. Tudo o que ocorrera desde a manhã, a aparição do anjo, o seu desaparecimento, o que a vizinha acabava de dizer, um vislumbre de esperança num imenso desespero, era o que confusamente preenchia o seu cérebro.

De repente sentiu-se violentamente arrancado dessa meditação.

Ouvira a voz alta e áspera de Jondrette pronunciar as seguintes palavras, que tinham para ele um estranho interesse:

— Tenho plena certeza de que o reconheci!

De quem Jondrette falava? Quem ele tinha reconhecido? O sr. Leblanc? O pai da "sua Ursule"? Como? Será que Jondrette o conhecia? Iria por acaso e de modo tão abrupto e inesperado obter todas as informações sem as quais a sua própria vida lhe parecia obscura? Iria, enfim, saber a quem amava, quem era aquela jovem, quem era seu pai? Estaria a ponto de se dissipar a sombra espessa que os envolvia? Acaso se rasgaria o véu? Oh, Deus!

Não subiu, pulou para cima da cômoda, foi novamente olhar pelo buraco do tabique e tornou a ver o interior do antro dos Jondrette.

XII

Em que foi empregada a moeda de cinco francos do sr. Leblanc

Nada havia mudado no aspecto da família, salvo terem a mãe e as filhas vestido e calçado camisolas e meias de lã que acharam no pacote. Em cada uma das camas via-se um cobertor novo.

Jondrette, era evidente, acabara de chegar; estava ainda esbaforido. As meninas estavam sentadas no chão junto da lareira, a mais velha fazendo um curativo na mão da mais nova. A mulher achava-se como que prostrada na cama ao lado, parecendo

surpresa. Jondrette andava de um lado para outro a passos largos, com uma expressão fora do comum nos olhos.

A mulher, que parecia tímida e sempre assustada na presença do marido, arriscou-se a perguntar:

— Acha mesmo? Está realmente certo disso?

— Certíssimo! Lá se vão oito anos, mas reconheci-o logo! Não me engano, não! Reconheci-o assim que entrou! Isso não te saltou aos olhos?

— A mim, não.

— Eu bem te disse: repara nele! É a mesma figura, a mesma cara, a mesma voz; só um pouco mais velho. Não sei o que certa gente faz para não envelhecer. A maior diferença é andar mais bem-vestido. Apanhei-te, misterioso velho do diabo!

Então parou e disse às filhas:

— Vão-se daqui, vocês. É estranho que não tenha te saltado aos olhos!

As moças se levantaram para obedecer.

A mãe balbuciou:

— Com a mão assim ferida?

— O ar lhe fará bem — disse Jondrette. — Saiam daqui!

Visivelmente era alguém de quem não se discutiam as ordens. As duas meninas se foram.

No momento em que saíam, o pai deteve a mais velha pelo braço e disse, num tom particular:

— Estejam aqui às cinco horas em ponto, ambas. Vou precisar de vocês.

A atenção de Marius redobrou.

Ficando só com sua mulher, recomeçou Jondrette o seu passeio pelo quarto e deu duas ou três voltas em silêncio. Depois passou alguns minutos enfiando pelo cós da calça a fralda da camisa de mulher que ele ainda vestia.

De repente voltou-se para a esposa, cruzou os braços e exclamou:

— E queres que te diga uma coisa?! Aquela senhorita…

— O quê? O que tem a senhorita?

Marius não teve dúvida; era *dela* que falavam. Escutava, portanto, com ardente ansiedade. Sua vida inteira dependia disso.

Mas Jondrette inclinara-se e falou em voz baixa à mulher. Depois se endireitou e terminou no seu tom normal:

— É ela!

— Aquela?! — disse a mulher.

— Aquela mesma!

Não há expressão que possa traduzir a pergunta da Jondrette: *Aquela?* Exprimia surpresa, raiva, ódio e cólera, misturados e combinados numa entonação monstruosa. Bastaram as poucas palavras cochichadas, um nome, provavelmente, para que a volumosa e apática mulher despertasse e de repulsiva se tornasse apavorante.

— Não pode ser! — exclamou ela. — Quando penso que minhas filhas andam descalças e quase nuas! Como! Uma capa de cetim, chapéu de veludo, sapatos de seda e tudo o mais! Tinha mais de duzentos francos ali! Parecia grande dama! Não, está enganado. Além do mais, a outra era medonha e esta não é de todo má; é até bonita! Não pode ser ela!

— Já te disse que é… Logo verás.

Ouvindo a Jondrette tão absoluta afirmativa, ergueu o amplo e vermelho rosto, a ruiva cabeça, e olhou para o teto com uma expressão disforme. Nesse momento ela pareceu a Marius mais temível ainda que o marido. Uma porca com olhar de pantera.

— O quê! Pois a horrível moça bonita, que olhava para minhas filhas com ar de compaixão, será aquela velhaca! — exclamou ela. — A minha vontade é de arrebentá-la a pontapés!

Saltou em seguida da cama e permaneceu por um momento de pé, desgrenhada, com as ventas dilatadas, a boca entreaberta, os punhos fechados e ameaçadores. Depois voltou a se deitar. O marido ia e vinha sem lhe prestar atenção.

Passados alguns instantes de silêncio, ele se aproximou e parou à sua frente de braços cruzados, como fizera pouco antes:

— E quer que eu diga mais uma coisa?

— O quê? — perguntou ela.

O marido respondeu com voz breve e baixa:

— Minha fortuna está feita.

A mulher olhou para ele como quem diz: "Terá endoidecido?"

Jondrette continuou:

— Com mil diabos! Já estou há muito tempo nessa paróquia dos morra-de-fome-se-tiver-com-que-se-aquecer-e-morra-de-frio-se-tiver-o-que-comer! Estou farto da miséria! De carregar a mim e aos outros! Não brinco mais, acabou a graça, chega de piada, Deus do céu! Chega disso, meu pai eterno! Quero matar a fome e a sede! Quero encher a barriga, dormir, não fazer nada! Que chegue a minha vez, diabo! E antes de morrer! Quero por um tempinho ser milionário!

Deu ainda mais voltas pelo quarto e acrescentou:

— Como os outros.

— O que está querendo dizer? — perguntou a mulher.

Ele abanou a cabeça, piscou um olho e levantou a voz como um charlatão de encruzilhada que vai dar uma demonstração:

— O que quero dizer? Escuta!

— Psiu! — fez a Jondrette. — Fala baixo, se for coisa que não se deve ouvir!

— Ora! Quem é que pode ouvir? O vizinho? Vi-o sair ainda agora. Como se aquele idiota ouvisse alguma coisa! Além disso, já disse que o vi sair.

Entretanto, por uma espécie de instinto, ele baixou a voz, mas não tanto que não pudesse ser ouvido por Marius. Uma circunstância favorável, e que permitia que ele não perdesse uma sílaba daquela conversa, é que a neve que estava caindo atenuava o barulho das carruagens que passavam pelo boulevard.

Eis o que Marius ouviu:

— Escuta bem. Está no papo, o ricaço! Praticamente. Tenho tudo arranjado; já falei com alguém. Às seis horas o canalha virá, trazendo os seus sessenta francos! Viu como inventei tudo aquilo? Os sessenta francos, o senhorio, o 4 de fevereiro? Virá às seis horas; é a hora que o vizinho vai jantar. A tia Bougon vai a uma casa, longe daqui, lavar louça. Ninguém mais na casa. O vizinho nunca volta antes das onze horas. As meninas ficarão de vigia. Você vai ajudar e ele será obrigado a colaborar.

— E se não colaborar? — perguntou a mulher.

— Ele vai colaborar!

E soltou uma gargalhada.

Era a primeira vez que Marius o via rir; um riso frio e calmo; fazia estremecer.

Jondrette abriu um armário junto da lareira e tirou um boné velho, que pôs na cabeça depois de escová-lo com a manga do casaco.

— Preciso ir. Tenho ainda de falar com mais alguém. Vai ver como a coisa caminha. Demoro o menos possível. Vai ser muito bom. Cuide da casa.

Com ambas as mãos nos bolsos das calças, permaneceu por um momento pensativo e depois exclamou:

— Foi sorte dele não me reconhecer também! Se tivesse me reconhecido, não voltaria. Foi a barba quem me salvou! Minha barbicha romântica! Minha boa barbicha romântica!

E desatou a rir.

Em seguida foi à janela. A neve continuava a cair.

— Que tempo de cão! — resmungou.

Depois cruzou o sobretudo.

— Está meio grande. Não faz mal; o caso é que o tratante do velho fez bem em deixá-lo! Não fosse isso eu nem poderia sair e tudo estava perdido! Do que

dependem às vezes as coisas!

E, puxando o boné para os olhos, saiu.

Não teria podido dar meia dúzia de passos no corredor, mas a porta se abriu e de novo apareceu o seu perfil inteligente e desgrenhado.

— Esqueci de dizer… Prepare o fogareiro a carvão.

E atirou no avental da mulher a moeda de cinco francos que o "filantropo" lhe dera.

— O fogareiro a carvão? — perguntou a mulher.

— Isso.

— Com quantas medidas?

— Duas com folga.

— São trinta soldos. Com o resto comprarei alguma coisa para jantar.

— Ó diabo! Isso não!

— Por quê?

— Não gaste o dinheiro todo.

— Por quê?

— Porque também vou precisar comprar alguma coisa.

— O quê?

— Alguma coisa.

— De quanto vai precisar?

— Onde há por aqui uma loja de ferragens?

— Na rua Mouffetard.

— É verdade, na esquina… Sei onde é.

— Mas de quanto precisa para o que tem de comprar?

— Cinquenta soldos, três francos.

— Não sobra grande coisa para o jantar!

— Hoje não se trata de comer. Há mais em que pensar.

— Entendo, minha joia.

Depois dessas palavras, Jondrette voltou a fechar a porta e dessa vez Marius o ouviu se afastar pelo corredor do cortiço, descendo rapidamente a escada.

Na igreja de Saint-Médard soava a uma hora.

XIII

Solus cum solo, in loco remoto non cogitabuntur orare Pater Noster

Apesar de melancólico e distraído, Marius, como já foi dito, tinha uma natureza firme e enérgica. O hábito do recolhimento solitário, desenvolvendo nele a simpatia e a compaixão, talvez houvesse diminuído a faculdade de se irritar, mas deixara intacta a de se indignar. Era tolerante como um brâmane, mas severo como um juiz. Morria de pena de um sapo, mas esmagava uma víbora. E era num covil de víboras que a sua vista acabava de penetrar; um ninho de monstros diante dos seus olhos.

— É preciso esmagar com o pé esses miseráveis! — disse ele a si mesmo.

Nenhum dos enigmas que esperava esclarecer se aclarara — pelo contrário, haviam se tornado ainda mais intrincados. Nada mais ficara sabendo acerca da bonita jovem do Luxembourg nem sobre o homem que ele chamava sr. Leblanc, senão que Jondrette os conhecia. Através das tenebrosas palavras que ouvira, só percebera claramente uma coisa: que uma cilada se preparava; uma cilada obscura mas terrível, e que ambos corriam grandíssimo perigo. Era preciso salvá-los, indispensável desmontar as combinações hediondas de Jondrette e romper a teia daquelas aranhas.

Por um momento mais ele observou a esposa Jondrette, que fora a um canto buscar um fogareiro velho de ferro e que procurava ainda alguma coisa nas suas tralhas.

Marius desceu da cômoda com todo o cuidado, para não fazer barulho.

Em meio ao susto e ao horror pelo que se preparava, sentia uma espécie de alegria, percebendo que talvez pudesse prestar ajuda àquela que amava.

Mas o que fazer? Avisar as pessoas ameaçadas? Onde as acharia se não sabia onde moravam? Elas haviam ressurgido por um momento e depois novamente mergulhado nas imensas profundezas de Paris. Esperar o sr. Leblanc na rua, às seis horas, e preveni-lo da armadilha? Mas Jondrette e a sua gente o veriam, o lugar era deserto, teriam mais força e como impedi-lo ou afastá-lo e aquele a quem Marius queria salvar estaria perdido. Acabava de soar a uma hora. A cilada se preparava para as seis. Marius dispunha de cinco horas.

Em tal conjuntura só havia uma coisa a fazer.

Vestiu a sua melhor casaca, pôs um lenço no pescoço, pegou o chapéu e saiu sem fazer barulho.

A mulher de Jondrette, de qualquer forma, continuava a remexer nas tralhas.

Assim que chegou do lado de fora, ele tomou a rua Petit-Banquier.

Ia já pela metade dessa rua, junto de um muro baixo, fácil de saltar em alguns pontos e que dava para um terreno baldio. Andava lentamente, preocupado, como era natural, e a neve que cobria a calçada abafava o ruído dos seus passos. De repente ouviu vozes que falavam bem perto. Voltou a cabeça, a rua estava deserta, não via ninguém; era dia claro e contudo ouvia falar distintamente as vozes.

Ocorreu-lhe olhar por cima do muro.

Dois homens, sentados na neve, encostados na parede, conversavam em voz baixa.

Marius nunca tinha visto nenhum dos dois. Um tinha barba e vestia uma roupa de trabalho, o outro era cabeludo e esfarrapado. O primeiro usava um gorro grego, o outro estava de cabeça descoberta e os cabelos cobertos de neve.

Debruçando-se acima deles, era possível ouvir o que diziam.

O cabeludo acotovelava o outro e dizia:

— Com *Patron-Minette*, não pode falhar.

— Acha mesmo? — perguntou o barbudo.

O outro prosseguiu:

— Cada um deve ficar com quinhentos francos e o pior que pode custar são uns cinco, seis ou dez anos no máximo!

O primeiro respondeu com alguma hesitação e tremendo de frio debaixo do gorro grego:

— Parece que vale; não se pode ir contra coisas assim.

— Garanto que não pode falhar — insistiu o outro. — A carroça do tio Coisa vai estar atrelada.

Depois passaram a falar de um melodrama a que tinham assistido na véspera no *Gaîté*.

Marius continuou seu caminho.

Pareceu-lhe que as palavras obscuras daqueles homens, tão estranhamente escondidos atrás daquele muro e acocorados sobre a neve, não deixavam de ter relação com os abomináveis projetos de Jondrette. Os dois tratavam, com certeza, do tal *negócio*.

Tomou a direção do bairro de Saint-Marceau e na primeira loja que encontrou perguntou onde havia por ali um comissariado de polícia.

Indicaram a rua de Pontoise, nº 14.

Marius tomou essa direção.

Passando por um padeiro, comprou um pãozinho e comeu-o, prevendo que não jantaria.

Durante o caminho agradeceu à Providência. Pensou que se não tivesse dado de manhã os cinco francos à filha de Jondrette, seguiria o fiacre do sr. Leblanc e, por consequência, não teria conhecimento de coisa alguma e nada impediria a cilada dos Jondrette; o sr. Leblanc estaria perdido e com ele, provavelmente, também a filha.

XIV

Um agente de polícia entrega duas pistolas a um advogado

Chegando ao nº 14 da rua de Pontoise, Marius subiu ao primeiro andar e perguntou pelo comissário de polícia.

— O senhor comissário de polícia não está — disse um escrevente —, mas está um inspetor no seu lugar, se for urgente. Quer falar com ele?

— Imediatamente — respondeu Marius.

O escrevente levou-o ao gabinete do comissário. Um homem bem alto estava de pé atrás de uma grade, encostado num fogão e levantando com ambas as mãos as abas de um amplo sobretudo de três golas. Era um rosto quadrado, uma boca pequena e firme, espessas suíças grisalhas e desgrenhadas, um olhar capaz de virar qualquer um pelo avesso. Era um olhar não só penetrante, mas que já revistava as pessoas.

Seu aspecto não era menos feroz nem menos terrível do que o de Jondrette; muitas vezes um cão de fila é tão assustador quanto um lobo.

— O que quer? — perguntou ele sem maiores rodeios.

— O senhor comissário de polícia.

— Está ausente, mas sou seu substituto.

— Trata-se de assunto muito sigiloso.

— Pode falar.

— E da maior urgência.

— Então diga depressa.

Aquele homem sereno e brusco era, ao mesmo tempo, intimidante e tranquilizador. Inspirava receio e confiança. Marius contou-lhe o caso: um sujeito,

que ele só conhecia de vista, seria naquela mesma noite vítima de uma cilada; que morando ele, Marius Pontmercy, advogado, num quarto vizinho do covil, ouvira toda a trama por um tabique. O celerado que preparava a cilada se chamava Jondrette, o qual parecia ter cúmplices, provavelmente larápios das barreiras; entre eles um certo Panchaud, conhecido como Printanier e como Bigrenaille. As filhas de Jondrette estariam de sentinela, não tinha meio algum de prevenir o indivíduo ameaçado, pois nem mesmo sabia como se chamava. Tudo isso, concluindo, se daria às seis horas da tarde, no ponto mais deserto do boulevard de l'Hôpital, na casa nº 50-52.

O inspetor, ouvindo o número, ergueu a cabeça e disse friamente:

— Então é no quarto do fim do corredor?

— Precisamente — disse Marius. E acrescentou: — Conhece a casa?

O inspetor conservou-se por um momento silencioso e respondeu, aquecendo o calcanhar da bota na boca do fogão:

— Parece que sim.

E continuou por entre os dentes, falando menos a Marius do que à própria gravata:

— Deve ter a ver com *Patron-Minette*!

Essas palavras impressionaram Marius.

— *Patron-Minette* — repetiu ele. — Ouvi falarem esse nome.

E contou ao inspetor o diálogo entre o cabeludo e o barbudo na neve, atrás do muro da rua Petit-Banquier.

O inspetor resmungou:

— O cabeludo deve ser Brujon e o barbudo Demi-Liard, conhecido como Deux-Milliards.

Depois baixou novamente os olhos e pôs-se a pensar.

— Quanto ao tio Coisa, acho que sei quem é. Droga, queimei o casaco! Nº 50-52, antigo cortiço Gorbeau.

Em seguida olhou para Marius.

— Viu somente os tais barbudo e cabeludo?

— E Panchaud.

— Não viu por lá uma espécie de janota do diabo?

— Não vi.

— Nem um grandalhão maciço, parecendo o elefante do Jardim Zoológico?

— Não.

— Nem um espertalhão assim com ares de pinto-calçudo?

— Também não.

— Quanto ao quarto, esse ninguém vê, nem mesmo os asseclas, ajudantes e empregados. Não é de estranhar que não o tenha visto.

— E não vi. Mas — perguntou Marius — que espécie de gente é essa?

O inspetor respondeu:

— Além disso não é ainda o horário deles.

Voltou a cair em silêncio e continuou:

— Nº 50-52; conheço o buraco. É impossível nos escondermos lá sem que os artistas deem por isso. E daí transferem o espetáculo de lugar. São muito modestos: não gostam de público. Nenhum! Quero ouvi-los cantar para fazê-los dançar.

Terminando o monólogo voltou-se para Marius e perguntou olhando-o bem:

— Não vai ter medo?

— De quê? — perguntou Marius.

— Dos tais homens.

— Tanto quanto o senhor! — devolveu asperamente Marius, que começava a se irritar com a falta de consideração do sujeito.

O inspetor olhou-o mais fixamente ainda e disse, com uma certa solenidade sentenciosa:

— Fala como homem corajoso e honesto. A bravura não receia o crime e a honra não teme a autoridade.

Marius interrompeu-o:

— Ótimo, mas o que pretende fazer?

O inspetor limitou-se a responder:

— Os inquilinos dessa casa têm chaves para entrar à noite. Tem uma?

— Tenho.

— Está com ela?

— Estou.

— Deixe-a comigo.

Marius tirou da algibeira a chave, entregou-a ao inspetor, acrescentando:

— Se quer minha opinião, é melhor que leve reforço.

O inspetor olhou para ele como Voltaire olharia para um acadêmico provinciano que lhe propusesse uma rima. Em seguida, meteu ambas as mãos, que eram enormes, nos bolsos do sobretudo e tirou deles duas pequenas pistolas de aço, dessas chamadas "cospe-fogo", estendeu-as a Marius e disse, de forma rápida e conclusiva:

— Pegue isto. Volte para casa e tranque-se no seu quarto, de modo que o julguem ausente. Olhe que estão carregadas, cada uma com duas balas. Segundo me disse, há um buraco na parede; espreite e deixe entrar os pilantras. Quando julgar a coisa *no ponto* e que deve ser parada, dê um tiro. Não cedo demais. O resto é

comigo. Um tiro para o alto, para o teto, seja lá para onde for. Só não pode ser cedo demais. Espere o início da ação. Como é advogado, deve saber como é.

Marius pegou as pistolas e meteu-as no bolso de trás da casaca.

— Aí produz volume demais, vê-se muito — disse o inspetor. — Meta-as em outro bolso.

Marius aceitou o conselho.

— Agora — continuou o inspetor — não temos um minuto a perder. Que horas são? Duas e meia. É para as sete, não?

— Para as seis — disse Marius.

— Tenho tempo — prosseguiu o policial —; mas só isso. Não se esqueça do que recomendei. Pimba, um tiro de pistola!

— Fique descansado.

E quando Marius já punha a mão no fecho da porta para sair, o inspetor lhe gritou:

— É verdade: se precisar de mim até lá, venha ou mande procurar o inspetor Javert.

XV

Jondrette faz uma compra

Poucos minutos depois, por volta das três horas, Courfeyrac passava por acaso, na companhia de Bossuet, pela rua Mouffetard. A neve caía cada vez mais e ocupava todo o espaço. Bossuet dizia a Courfeyrac:

— Esses flocos de neve que caem dão a impressão de uma praga de borboletas brancas no céu.

Mas de repente viu Marius, que seguia pela mesma rua em direção à barreira, com ares estranhos.

— Olha! — disse ele. — O Marius!

— Já vi — disse Courfeyrac. — Deixa-o ir.

— Por quê?

— Está ocupado.

— Em quê?

— Não vê a cara que faz?

— De quê?

— De quem está seguindo alguém.

— É verdade — concordou Bossuet.

— Note só os olhos.

— Mas quem diabo ele está seguindo?

— Alguma belezoca: anda apaixonado.

— Mas não vejo mulher nenhuma na rua — observou Bossuet.

Courfeyrac olhou e concluiu:

— Está seguindo um homem!

Com efeito, vinte passos adiante de Marius caminhava um sujeito de boné, do qual se distinguia a barba grisalha, mesmo de costas.

O homem vestia um sobretudo quase novo, grande demais para ele, e umas calças esfarrapadas e enlameadas.

Bossuet soltou uma gargalhada.

— Que diabo de assombração é aquela?

— Eu sei lá! — disse Courfeyrac. — Talvez algum poeta. Só os poetas se sentem à vontade com calças de trapeiro e casaco de ministro.

— Vamos seguir Marius — disse Bossuet — e ver para onde vão os dois?

— Bossuet! — exclamou Courfeyrac. — Águia de Meaux! És um prodigioso animal! Seguir um homem que segue outro homem!

E tomaram outro caminho.

Marius havia percebido Jondrette na rua Mouffetard e não o perdia de vista.

Jondrette seguia apressado, sem minimamente imaginar que estava sendo observado.

Ele deixou a rua Mouffetard e entrou numa das piores espeluncas da rua Gracieuse, ficando um quarto de hora lá dentro. Depois parou numa loja de ferragens que havia naquela época na esquina da rua Pierre-Lombard e, minutos depois, Marius o viu sair, tendo na mão um grande formão com cabo branco, que ele escondeu debaixo do sobretudo. Na altura da rua Petit-Gentilly, Jondrette dobrou à esquerda e rapidamente chegou à rua Petit-Banquier. A tarde caía e a neve, que cessara por um momento, recomeçava com força. Marius escondeu-se na esquina da rua Petit-Banquier, deserta como sempre, e parou de seguir Jondrette. E fez muito bem, porque o outro, chegando ao local em que Marius havia ouvido o cabeludo e o barbudo conversando, olhou para trás e certificou-se de não estar sendo visto nem seguido por ninguém e, ato contínuo, saltou o muro e desapareceu.

Esse terreno abandonado ia dar nos fundos de uma antiga cocheira de carros de aluguel, onde restavam ainda alguns, muito velhos, sob os telheiros.

Marius tinha achado mais prudente aproveitar-se da ausência de Jondrette e voltar para casa. As horas, aliás, passavam. No fim da tarde *mame* Burgon, quando saía para ir lavar louça fora, tinha o hábito de trancar a porta de entrada da casa, que ficava a partir de então fechada. Como Marius tinha deixado a sua chave com o inspetor de polícia, precisava se apressar.

Já estava escuro, quase noite. Nada se via no horizonte e na imensidão, além de um ponto iluminado pelo sol e que era a lua, que se erguia vermelha por trás da cúpula do hospital da Salpêtrière.

Marius encaminhou-se a passos largos para o nº 50-52 e achou ainda a porta aberta. Subiu a escada na ponta dos pés e atravessou sem fazer barulho o corredor, até o seu quarto. Esse corredor, como já foi dito, tinha de ambos os lados diversos quartinhos para alugar, mas sem moradores. *Mame* Bourgon os deixava com as portas abertas. Diante de uma delas, Marius julgou perceber, no cubículo desabitado, quatro cabeças de homens, denunciadas por um resto de claridade que penetrava pela lucarna.

Marius não procurou ver melhor, não querendo também ser visto, e conseguiu chegar a seu quarto sem fazer o menor barulho e sem que ninguém o percebesse. Bem a tempo, pouco depois ele ouviu os passos de *mame* Bourgon que saía e trancava a porta.

XVI

Volta-se a ouvir a canção com música inglesa que estava na moda em 1832

Marius sentou-se na cama. Seriam já umas cinco e meia da tarde. Só meia hora o separava do que teria de suceder. Ele ouvia o sangue pulsar em suas artérias como se ouve um relógio bater no escuro. Pensava na dupla atividade que naquele momento se efetuava nas sombras: o crime de um lado e a justiça de outro. Não tinha medo, mas não podia pensar sem certa apreensão nas coisas prestes a acontecer. Como

sucede com todos que se envolvem numa aventura inesperada, tudo que acontecera naquele dia parecia um sonho e, para não se julgar vítima de um pesadelo, ele apalpava nos bolsos os canos das duas pistolas de aço.

Já não caía neve. A lua destacava-se cada vez mais clara na bruma e o seu clarão, aliado ao reflexo esbranquiçado da neve que havia caído, dava ao quarto um aspecto crepuscular.

No antro dos Jondrette havia luz. Marius via brilhar o buraco do tabique com uma claridade que parecia ensanguentada.

Era óbvio que tal iluminação não podia vir de uma vela. Quanto ao mais, não ouvia a menor movimentação dos vizinhos; ninguém se mexia nem falava; o silêncio era glacial e profundo. Sem aquela luz, pareceria um sepulcro.

Marius descalçou muito mansamente as botas e meteu-as debaixo da cama.

Deixou que passassem ainda alguns minutos. A porta da rua girou nas dobradiças, uns passos pesados e rápidos subiram a escada, percorreram o corredor e, logo depois, o fecho da porta ao lado foi levantado. Ouviram-se logo diferentes vozes. Toda a família estava ali reunida, calada durante a ausência do chefe, uma ninhada de lobos à espera do pai.

— Sou eu — disse ele.

— Boa noite, paizinho! — ganiram as filhas.

— E então? — quis saber a mãe.

— Está tudo pronto — respondeu Jondrette. — Mas um frio de cão nos pés. Bom! Ótimo, já se vestiu. Precisa inspirar confiança.

— Pronta para sair.

— Não vai esquecer nada do que recomendei? Fará tudo bem-feito?

— Pode estar descansado.

— É que… — disse Jondrette, e não acabou a frase.

Marius ouviu-o deixar na mesa um objeto pesado; provavelmente o formão que comprara.

— É verdade — tornou Jondrette. — Comeram?

— Arranjei três batatas grandes e sal; e aproveitei o lume para cozê-las.

— Bom — prosseguiu Jondrette —, amanhã levo-as para jantar. Terão pato e acompanhamento. Vão comer como o rei. Tudo está muito bem.

Depois acrescentou, baixando a voz:

— A ratoeira está armada; os gatos já estão no quintal.

Depois baixou ainda mais a voz:

— Meta isso no fogo.

Marius ouviu mexerem no carvão com uma tenaz ou qualquer outro objeto de ferro. Jondrette continuou.

— Engraxou as dobradiças da porta para que não ranjam?

— Engraxei — respondeu a mulher.

— Que horas são?

— Quase seis. Deu meia hora há algum tempo em Saint-Médard.

— Diabo! — disse Jondrette. — As meninas têm que ficar de vigia. Venham cá, ouçam…

Jondrette falou baixinho com as filhas e depois voltou a erguer a voz:

— A Bourgon saiu?

— Saiu — respondeu a mulher.

— Ninguém no quarto do vizinho? Tem certeza?

— Não voltou para casa e está na hora de ele jantar.

— Está bem certa?

— Certíssima.

— Bom, mas não faz mal nenhum confirmar — replicou Jondrette que, voltando-se para a filha mais velha, acrescentou: — Pega a vela e vai ver.

Marius ficou de quatro e se arrastou em silêncio para debaixo da cama.

Logo em seguida, viu brilhar uma luz através das fendas da porta.

— Pai! — gritou uma voz. — Ele não está.

Marius reconheceu a voz da filha mais velha.

— Entraste? — perguntou o pai.

— Não, mas saiu, já que a chave está na porta.

— Mesmo assim entra — voltou a gritar o pai.

A porta foi aberta e Marius viu a moça entrar com a vela na mão. Estava como pela manhã, só que mais assustadora à luz da vela.

Assim que entrou foi até a cama. O rapaz passou por um terrível momento de aflição; mas junto do leito, pendurado na parede, havia um espelho, e foi para onde a moça se dirigiu. Pôs-se na ponta dos pés para se olhar. Ouvia-se barulho de ferros sendo remexidos no quarto ao lado.

A filha Jondrette alisou os cabelos com a palma da mão, ensaiou uns sorrisos no espelho e cantarolou com sua voz roufenha e sepulcral:

— “Nossos amores duraram uma semana/ Ah, são fugidios os momentos de ventura!/ Paixão por só oito dias é duro!/ O tempo dos amores deveria durar para sempre! Deveria durar para sempre! Deveria durar para sempre!”

Marius tremia. Era impossível que ela não ouvisse sua respiração.

A moça foi até a janela e olhou para fora, dizendo em voz alta e com o tom meio tresloucado que era o seu:

— Como é feia Paris, quando veste uma camisola branca!

Voltou ao espelho e fez novas caretas, admirando-se de frente e de viés.

— Então! — gritou o pai. — O que está fazendo?

— Estou vendo debaixo da cama e dos móveis — respondeu ela continuando a alisar os cabelos. — Não tem ninguém aqui.

— Imbecil! — uivou o pai. — Já para cá! Sem perder tempo.

— Estou indo, estou indo!

E cantarolou:

— "Deixas-me para correr à glória. O meu triste coração por toda parte te seguirá."

Depois se olhou mais uma vez no espelho e saiu, fechando de novo a porta.

Passado um momento Marius ouviu os pés descalços das duas moças pelo corredor e a voz do pai, que gritava para elas:

— Olhem bem! Uma do lado da barreira, a outra na esquina da rua Petit-Banquier. Não percam um instante de vista a porta da casa e à menor coisa que virem corram aqui para avisar! Têm a chave para poder entrar.

A filha mais velha resmungou:

— Ficar de sentinela com os pés descalços na neve!

— Deixa estar que amanhã terás botinas de seda cor de escaravelho! — disse o pai.

As moças desceram a escada e ao cabo de alguns segundos estavam na rua.

No cortiço só estavam Marius e o casal Jondrette, além, provavelmente, das figuras misteriosas que o rapaz havia percebido no crepúsculo, atrás da porta do cubículo desabitado.

XVII

Emprego da moeda de cinco francos de Marius

Marius julgou ter chegado o momento de voltar a seu observatório. Num abrir e fechar de olhos, e com a ligeireza própria de sua idade, já podia ver pelo buraco do tabique.

O interior da habitação dos Jondrettes tinha um aspecto diferente e Marius logo encontrou explicação para a estranha claridade que havia notado. Uma vela ardia num castiçal, mas não era o que realmente iluminava o cômodo, mas, sim, a reverberação de um grande fogareiro de ferro colocado dentro da lareira, com um vivíssimo lume de carvão. Era o fogareiro que a Jondrette havia preparado pela manhã. O carvão ardia e o fogareiro estava quase rubro, destacando-se dele uma chama azulada e vacilante, que ajudava a distinguir o formão comprado por Jondrette na rua Pierre-Lombard, cujo ferro estava todo enfiado nas brasas. Num canto, junto da porta e parecendo ali para um determinado fim, dois amontoados, um de ferros e o outro de cordas. Tudo isso, para alguém que não soubesse o que ali se preparava, criaria dúvida entre uma possibilidade bem sinistra ou outra bem simples. O local, assim iluminado, mais parecia uma forja do que uma boca do inferno, mas Jondrette, sob aquela claridade, estava mais para demônio do que para ferreiro.

O calor do braseiro era tanto que a vela em cima da mesa derretia do lado mais próximo do fogareiro. Uma lanterna de cobre para uso ao ar livre, digna de um Diógenes transformado em Cartouche, descansava em cima da lareira.

A fumaça do fogareiro, colocado dentro da fornalha, saía pela chaminé e não espalhava no ambiente o mais leve cheiro.

O luar, entrando pelas quatro aberturas da janela, projetava sua claridade esbranquiçada no quarto avermelhado e flamejante. Para a poética sensibilidade de Marius, sonhador mesmo no momento da ação, era como um pensamento do céu que se misturasse aos sonhos disformes da terra.

O ar que penetrava pelo vidro quebrado contribuía para dissipar o cheiro do carvão e para dissimular a presença do fogareiro.

O covil de Jondrette, não devemos esquecer o que dissemos do cortiço Gorbeau, era admiravelmente privilegiado para servir de teatro a algo violento e tortuoso, palco para um crime. Era o cômodo mais retirado, da casa mais isolada, do boulevard mais deserto de Paris. Se aquela cilada não existisse, precisaria ser inventada.

Jondrette acendera o cachimbo e sentara-se, fumando, na cadeira sem assento. Sua mulher dizia-lhe o que quer que fosse em voz baixa.

A dimensão inteira de uma casa e uma quantidade de quartos desocupados separavam do boulevard aquele antro e a única janela dava para terrenos baldios cercados por muros e cercas.

Jondrette acendera o cachimbo, sentara-se na cadeira furada e fumava. A mulher falava baixinho com ele.

Se Marius fosse Courfeyrac, ou seja, dessas pessoas que riem em qualquer situação da vida, teria dado uma gargalhada ao observar melhor a esposa Jondrette. Usava um chapéu preto, com plumas, bastante parecido com o dos arautos armados da sagração de Carlos X; além dele, um imenso xale em tecido escocês por cima de uma saia de malha e os sapatos masculinos que a filha dispensara de manhã. Essa indumentária é que havia arrancado do marido a exclamação: "Ótimo, já se vestiu! Precisa inspirar confiança!"

O marido, por sua vez, continuava com o sobretudo novo e grande demais para ele que o sr. Leblanc lhe dera, e isso, junto com as calças, continuava oferecendo o contraste que constituía, ao ver de Courfeyrac, o ideal do poeta.

De repente Jondrette ergueu a voz:

— É claro, só agora pensei nisso. Com esse tempo ele virá de fiacre. Acenda a lanterna e desça com ela lá para baixo. Fique atrás da porta da rua. Quando ouvir parar o carro, abra, ajude-o a subir iluminando a escada e o corredor. Depois que ele entrar aqui, volte a descer depressa, pague ao cocheiro e dispense o fiacre.

— E dinheiro? — perguntou a mulher.

Jondrette meteu a mão no bolso e deu-lhe cinco francos.

— Mas o que é isto? — estranhou ela.

Jondrette respondeu com dignidade:

— É o *monarca* que o vizinho deu esta manhã.

E acrescentou:

— Sabe? Precisamos de duas cadeiras aqui.

— Para quê?

— Para ter onde sentar.

Marius sentiu um frio na espinha ouvindo a mulher dizer tranquilamente:

— Simples... Vou buscar as do vizinho.

E com um movimento rápido ela abriu a porta do quarto e saiu para o corredor.

Marius não tinha materialmente tempo de descer da cômoda e correr para debaixo da cama.

— Leva a luz — gritou Jondrette.

— Não — disse ela —, é muita coisa junta, tenho de trazer as duas cadeiras. E o luar ilumina.

Marius ouviu a pesada mão da mulher procurando às apalpadelas a chave da sua porta em meio à escuridão. A porta foi aberta. Ele se manteve pregado no lugar em que estava.

Ela entrou.

A lucarna deixava passar o luar entre duas extensões grandes de sombra. Uma delas cobria inteiramente a parede em que Marius estava, mantendo-o no escuro.

A Jondrette olhou em frente, não viu Marius, pegou as duas únicas cadeiras do quarto e saiu fechando ruidosamente a porta.

Em seguida voltou ao covil.

— Aqui estão as duas cadeiras.

— Pegue a lanterna — disse o marido. — Desça depressa.

A mulher obedeceu e Jondrette ficou só.

No mesmo instante colocou as cadeiras em volta da mesa, mexeu no formão dentro do braseiro, pôs na frente da lareira um anteparo velho para disfarçar o fogareiro e foi até o canto onde estavam as cordas, abaixando-se para examinar alguma coisa. Marius descobriu então que o aparente molho de cordas era uma escada muito bem-feita, com degraus de madeira e dois grandes ganchos numa das extremidades, para pendurá-la.

A escada e algumas pesadas ferramentas, como verdadeiras maças, amontoadas junto da porta não estavam ali pela manhã; era evidente que tinham sido deixadas à tarde, durante a sua ausência.

— Devem ser ferramentas de ferreiro — pensou ele.

Se fosse um pouco entendido nessa matéria, teria reconhecido, naquilo que tomou por ferramentas de ferreiro, certos instrumentos próprios para forçar uma fechadura ou uma porta e outros para cortar ou talhar; são duas famílias de ferramentas sinistras que os ladrões chamam *operário e foice*.

A lareira e a mesa com as duas cadeiras ficavam exatamente à frente de Marius. Oculto como estava o fogareiro, apenas a vela iluminava o cômodo. Qualquer caco de louça em cima da mesa ou da lareira provocava uma grande sombra. Um pote de água sem boca tapava metade de uma parede. Sentia-se naquele recinto uma espécie de sossego medonho e ameaçador. A expectativa era que alguma coisa apavorante acontecesse.

Jondrette deixara apagar o cachimbo, grave sinal de preocupação, e sentara-se. A claridade baça da vela realçava os ângulos ferozes e acentuados do seu rosto. De vez em quando enrugava as sobrancelhas e estendia a mão direita, como se respondesse aos últimos argumentos de um sombrio monólogo interior. Numa dessas obscuras respostas que dava a si mesmo, puxou bruscamente a gaveta da mesa, tirou dela uma

faca comprida de cozinha e testou o corte numa unha. Feito isso, tornou a guardar a faca e fechou novamente a gaveta.

Marius, por sua vez, levou a mão à pistola que tinha no bolso direito, pegou-a e deixou-a armada.

O engatilhar da pistola produziu um estalo seco e claro.

Jondrette estremeceu e quase se levantou de todo da cadeira.

— Quem está aí? — gritou ele.

Marius suspendeu a respiração. Jondrette, de orelha em pé por um instante, riu:

— Que estúpido! Foi algum estalo do tabique.

Marius conservou a pistola na mão.

XVIII

As duas cadeiras de Marius de frente uma para a outra

De repente a vibração longínqua e melancólica de um sino abalou os vidros. Davam as seis horas em Saint-Médard.

Jondrette marcou cada badalada com um movimento de cabeça. Na sexta, apagou a vela com os dedos.

Depois pôs-se a andar pelo quarto, escutou o corredor, continuou o passeio e voltou a escutar:

— Contanto que venha! — resmungou ele e sentou-se novamente.

Tinha apenas tornado a sentar, quando a porta se abriu.

A esposa se mantinha no corredor, fazendo uma horrível careta que tentava ser amável e que as frestas da lanterna de exterior iluminavam de baixo para cima.

— Queira entrar, cavalheiro — disse ela.

— Entre, meu benfeitor — repetiu Jondrette, levantando-se precipitadamente.

O sr. Leblanc apareceu.

A serenidade dava a ele um ar bastante venerável.

Apenas entrou, colocou sobre a mesa quatro luíses.

— Sr. Fabantou, aqui tem para o aluguel e para as suas primeiras necessidades; depois veremos.

— Deus lhe pague, meu benfeitor! — disse Jondrette, que, aproximando-se rapidamente da esposa, cochichou: — Mande embora o fiacre.

A mulher saiu, enquanto o marido se desmanchava em cumprimentos e oferecia uma cadeira ao sr. Leblanc. Pouco depois a mulher voltou e disse ao ouvido do marido:

— Pronto!

A neve, que caíra tão abundantemente desde cedo, formara na rua uma camada tão espessa que não se ouviu o carro ir embora, assim como não fora ouvido chegar.

Nesse meio-tempo o sr. Leblanc havia se sentado.

Jondrette ocupava a outra cadeira, em frente à dele.

Agora, para se ter ideia da cena que se desenvolverá, o leitor deve ter em mente a noite gelada, as solidões da Salpêtrière cobertas de neve e brancas ao luar como imensas mortalhas, a luz mortiça dos lampiões, avermelhando num e noutro ponto os trágicos boulevards e as longas filas de olmos negros, sem talvez transeunte algum nas redondezas por um quarto de légua, o cortiço Gorbeau em seu silêncio máximo, trazendo horror e escuridão ao local. No meio de tudo isso, o vasto covil dos Jondrette iluminado por uma vela e, nesse quadro, dois homens sentados diante de uma mesa, o sr. Leblanc tranquilo, Jondrette medonhamente sorridente, a mulher, uma loba, num canto e, atrás do tabique, Marius invisível, de pé, sem perder uma só palavra ou gesto, de olho atento e pistola em punho.

Na verdade, a única sensação de Marius era de horror, mas não de medo. Apertava a coronha da pistola e sentia-se tranquilo. “Prendo esse miserável quando quiser”, pensava ele.

Sentia a polícia emboscada em algum lugar por perto, só esperando o sinal combinado e pronta para agir.

Ele esperava, além disso, que do violento encontro de Jondrette com o sr. Leblanc surgisse alguma luz que esclarecesse o que o interessava.

XIX

Preocupações com fundos duvidosos

O sr. Leblanc apenas se sentou, olhou para as duas camas vazias e perguntou:

— Como está a pobre criança ferida?

— Mal — respondeu Jondrette com um sorriso desconsolado e agradecido —, muito mal, meu digno protetor. Foi com a irmã mais velha ao hospital da rua Bourbe. Mas não devem demorar.

— A sra. Fabantou parece-me já estar melhor! — voltou o sr. Leblanc, olhando na direção da Jondrette com seu extravagante vestuário, de pé entre ele e a porta, como se já lhe impedisse a saída, numa postura de ameaça e quase de combate.

— Está morrendo — disse o marido. — Mas fazer o quê, senhor? Tem um ânimo como nunca vi! Não é mulher, é um boi.

Surpresa com o cumprimento, ela retribuiu com gestos de monstro lisonjeado:

— É sempre generoso comigo, Jondrette!

— Jondrette? — estranhou o sr. Leblanc. — Não se chama Fabantou?

— Fabantou, conhecido por Jondrette! — disse prestamente o marido. — Nome de artista.

E lançando à mulher um olhar furibundo que o sr. Leblanc não viu, prosseguiu com uma inflexão de voz enfática e insinuante:

— É que sempre convivemos muito bem, essa pobre infeliz e eu! Não fosse isso, o que nos restaria? Somos tão miseráveis, meu respeitável senhor! Temos braços, mas não temos trabalho! Temos vontade, mas não onde empregá-la! Não sei o que faz o governo, mas, palavra de honra, não sou jacobino, nem mesmo republicano, não sou do contra, mas se fosse ministro, juro, as coisas funcionariam de outro jeito. Por exemplo, quis que minhas filhas aprendessem cartonagem. Podem estranhar: Como? Uma profissão? Exatamente, uma profissão! Uma simples profissão! Um ganha-pão! Que baque, meu benfeitor! Quanta degradação, depois de chegarmos aonde chegamos! É pena! Nada restou da nossa época próspera! A única coisa foi um quadro, ao qual sou apegado, mas do qual, no entanto, me desfarei, pois é preciso viver! É preciso viver!

Enquanto Jondrette falava, numa aparente desordem que nada tirava da sua expressão sensata e sagaz, Marius ergueu os olhos e percebeu, no fundo do quarto, alguém que ainda não tinha visto. Um homem acabara de entrar, tão sorrateiramente que nem se ouvira abrir a porta. Vestia um colete velho de tricô roxo, surrado, manchado, desfeito e com aberturas em todas as dobras, calças bem grandes de veludo, somente as meias sem cano dos tamancos nos pés, camisa nenhuma, nada no pescoço, braços nus e cobertos de tatuagens, rosto escurecido

com fuligem. Sentara-se em silêncio e de braços cruzados na cama mais próxima da porta e, como estava por trás da Jondrette, mal se podia percebê-lo.

Uma espécie de instinto magnético fez com que o sr. Leblanc voltasse a cabeça quase ao mesmo tempo que Marius, não podendo evitar um movimento de surpresa, que Jondrette não deixou de perceber:

— Já vejo o que está olhando! — exclamou ele, abotoando-se com ar de complacência. — Está vendo o sobretudo! Caiu-me muito bem; parece que foi feito para mim!

— Quem é aquele homem? — perguntou o sr. Leblanc.

— Ah, é um vizinho! Não faça caso.

O tal vizinho tinha um aspecto singular. Mas ali pelo bairro de Saint-Marceau há muitas fábricas de produtos químicos e os operários podem ficar com o rosto enegrecido. Então o sr. Leblanc, mantendo seu ar de intrépida e cândida confiança, continuou:

— Perdão, o que estava dizendo, sr. Fabantou?

— Dizia, meu caro protetor — prosseguiu Jondrette, apoiando os cotovelos na mesa e fixando um olhar sedutor no sr. Leblanc, muito semelhante ao da jiboia —, dizia que tenho um quadro para vender.

Nisso sentiu-se um ligeiro ruído na porta. Acabava de entrar outro homem, que se sentou na cama, atrás da esposa Jondrette. Como o primeiro, tinha os braços nus e no rosto uma máscara de tinta ou fuligem de chaminé.

Mesmo que o indivíduo tivesse entrado de forma, por assim dizer, escorregadia, era impossível que o sr. Leblanc não o tivesse notado.

— Não faça caso — repetiu Jondrette. — São moradores da casa… Como eu dizia, então, tenho ainda um quadro precioso… Veja o senhor mesmo…

Levantando-se, ele foi direto à parede junto à qual estava encostada a espécie de painel de que já falamos e virou-o, deixando-o ainda apoiado na parede. Era, com efeito, algo que se assemelhava a um quadro e que a vela mais ou menos iluminava. Marius não podia ver bem, pois Jondrette estava colocado entre ele e o quadro; apenas entrevia umas borradelas grosseiras, com um personagem principal traçado com a crueza espalhafatosa das telas de feira e das pinturas de biombos.

— O que é isso? — perguntou o sr. Leblanc.

Jondrette exclamou:

— Uma pintura de mestre, meu benfeitor; um quadro de grande valor! Quero-lhe tanto quanto às minhas filhas, pois me traz recordações! Mas já disse e não me desdigo: estou em tão má situação que não terei remédio senão me desfazer dele.

Por acaso, ou por algum começo de inquietação, os olhos do sr. Leblanc, mesmo examinando o quadro, se estenderam ao fundo do cômodo. Havia agora quatro homens, três sentados na cama e um de pé, encostado no umbral da porta, todos de braços nus, imóveis e com o rosto escurecido. Um dos que estavam na cama tinha a cabeça encostada na parede e os olhos fechados, como se dormisse. Era velho e seus cabelos brancos em contraste com o rosto negro causavam um efeito horrível. Os outros dois pareciam moços; um barbudo, o outro cabeludo. Nenhum deles estava de sapatos; os que não usavam meias sem cano estavam descalços.

Jondrette notou que o sr. Leblanc não perdia mais os homens de vista.

— São todos vizinhos e amigos — explicou ele. — Estão assim pintados porque trabalham com carvão. São foguistas. Não se incomode com eles, meu benfeitor; mas compre o meu quadro. Tenha pena da minha miséria. Não venderei caro. Em quanto o avalia?

— Isso — disse o sr. Leblanc, olhando para Jondrette de frente e como quem se põe em guarda — é uma tabuleta de taberna, que vale bem três francos.

Jondrette respondeu com suavidade:

— Está com sua carteira? Ficarei satisfeito com mil escudos.

O sr. Leblanc levantou-se, encostou-se na parede e rapidamente examinou todo o recinto. Tinha o anfitrião à esquerda, do lado da janela, e a mulher e os quatro homens à direita, do lado da porta. Os quatro homens não se moviam e pareciam nem mesmo vê-lo. Jondrette voltara a falar num tom tão queixoso, com olhar tão vago e entonação tão lamentosa que o sr. Leblanc poderia achar ter simplesmente diante de si um homem que endoidecera à força da miséria.

— Se não comprar o meu quadro, meu benfeitor, fico sem o mínimo recurso e só me resta lançar-me ao rio. Quando penso que já quis mandar minhas filhas aprenderem cartonagem fina, para caixas de presente. E, bom, precisa para isso de uma mesa com tampo no fundo, para que os vidros não caiam no chão, precisa de um forno especial, um pote com três compartimentos, para os diferentes graus de força que a cola deve ter, de acordo com a sua utilização, para a madeira, para o papel ou para os tecidos, uma lâmina para cortar o papelão, um molde para ajustá-lo, um martelo para pregar as placas, pincéis, enfim, o diabo! E tudo isso para ganhar quatro soldos por dia! E trabalhando quatorze horas! E cada caixa volta treze vezes para as mãos da operária! E molhar o papel! E não sujá-lo! E manter a cola quente! O diabo! Estou dizendo! Por quatro soldos diários! Como vai querer que a gente viva?

Enquanto falava, Jondrette não olhava para o sr. Leblanc, que o observava. Os olhos de um estavam no outro e os olhos do outro na porta. A atenção de Marius se

dividia entre os dois. O sr. Leblanc parecia perguntar a si mesmo: "Será um idiota?" Jondrette repetiu duas ou três vezes, com inflexões que variavam do arrastado ao suplicante:

— Só resta lançar-me ao rio! Já um desses dias desci três degraus para isso, lá para o lado da ponte de Austerlitz!

De repente as suas pupilas baças iluminaram-se com hediondo relampaguear, o homenzinho se empertigou de forma assustadora, deu um passo na direção do sr. Leblanc e gritou com voz estrondosa:

— Mas não é de nada disso que se trata! Não me reconhece?

XX

A cilada

A porta do imundo quarto acabava de ser violentamente aberta e entraram três homens com roupas de brim azul e rostos ocultos por máscaras de papel preto. O primeiro era magro e tinha na mão um bastão com ponta de ferro; o segundo, uma espécie de colosso, segurava pelo meio do cabo uma grande choupa de abater bois. O terceiro, de ombros largos, menos magro que o primeiro e menos maciço que o segundo, empunhava uma enorme chave roubada de alguma porta de cadeia.

Aparentemente era a chegada desses homens que Jondrette aguardava. De imediato travou-se entre ele e o magro do bastão um rápido diálogo:

— Está tudo pronto? — perguntou Jondrette.

— Tudo.

— Onde está Montparnasse?

— O galã ficou de conversa com a tua filha.

— Qual delas?

— A mais velha.

— Tem um fiacre lá embaixo?

— Tem, sim.

— O outro carro está atrelado?

— Atrelado.

— Com dois bons cavalos?

— Excelentes.

— Está onde eu disse que esperasse?

— Está.

— Perfeito — tranquilizou-se Jondrette.

O sr. Leblanc estava muito pálido. Olhava para todo o covil em volta, como quem sabe onde se meteu. Sua cabeça, sucessivamente voltada para as demais cabeças que o cercavam, movia-se no pescoço lentamente, de forma atenta e admirada, mas sem demonstrar medo. Transformara a mesa em trincheira improvisada e, ele que um momento antes parecia apenas um afável e idoso cavalheiro, subitamente se tornara uma espécie de atleta, com a robusta mão apoiada nas costas da cadeira, num gesto surpreendente de ameaça.

Aquele velho, tão firme e com tanta bravura diante de tão grande perigo, parecia ser dessas pessoas que se revelam corajosas da mesma forma natural e simples com que podem ser bondosas. O pai da mulher que amamos nunca é um completo estranho para nós, e Marius se sentiu orgulhoso dele.

Três dos homens que Jondrette dissera serem foguistas tinham tirado do monte de ferros uma grande tesoura de cortar metal, outro, uma tenaz, o terceiro, um martelo, e postaram-se junto da porta, sem uma só palavra. O mais velho continuou na cama e o máximo que fez foi abrir os olhos. A mulher Jondrette sentara-se a seu lado.

Marius achou que dentro de alguns segundos seria o momento de intervir e ergueu a mão direita, na direção do corredor, pronto para fazer o disparo.

Jondrette, terminado o colóquio com o homem do bastão, voltou-se novamente para o sr. Leblanc e repetiu a pergunta, com o seu riso baixo, contido e terrível:

— Então não me reconhece?

O sr. Leblanc respondeu, encarando-o:

— Não.

Ele foi até a mesa. Curvou-se por cima da vela, cruzou os braços, aproximou o queixo anguloso e feroz do rosto sereno do prisioneiro, avançando o máximo que podia, sem que nem por isso este último recuasse, e, nessa posição de animal selvagem que vai morder, gritou:

— Não me chamo Fabantou nem Jondrette; o meu nome é Thénardier. Sou o estalajadeiro de Montfermeil! Ouviu bem? Thénardier! Agora me reconhece?

Imperceptível rubor passou pela fronte do sr. Leblanc, que respondeu, sem que a voz tremesse e com sua costumeira placidez:

— Menos ainda.

Marius não ouviu essa resposta. Quem pudesse vê-lo naquele momento e naquela escuridão, o veria desorientado, estúpido e fulminado. Quando Jondrette disse: "O meu nome é Thénardier", uma violenta emoção o atropelou. O braço direito, prestes a disparar a pistola para dar o sinal, vagarosamente abaixou e, no momento em que Jondrette repetiu: "Ouviu bem? Thénardier!", os dedos de Marius, sem que ele se desse conta, relaxaram na coronha da arma. Ao declarar quem era, Jondrette não abalou o prisioneiro, mas deixou Marius atordoado. O nome Thénardier, que o sr. Leblanc parecia não conhecer, lhe era muito familiar. Lembremos tudo que representava! Era o nome que ele levara no coração, escrito no testamento de seu pai! Estava no fundo do seu pensamento, no fundo da sua memória, numa recomendação sagrada: "Foi um tal Thénardier quem me salvou a vida. Se meu filho o encontrar, que faça por ele o que puder"… Esse nome, lembremos, era uma das promessas da sua alma e misturava-se ao do seu pai, num culto particular. O quê!? Pois ali estava o tal Thénardier, o tal estalajadeiro de Montfermeil que ele por tanto tempo e tão inutilmente procurou! Achava-o, enfim; mas como! O salvador do seu pai era um bandido, aquele a quem Marius ardentemente desejava ajudar era um monstro! O libertador do coronel Pontmercy preparava-se para cometer um crime, do qual Marius não via ainda distintamente a forma, mas que se assemelhava a um assassinato! E contra quem, grande Deus? Que fatalidade! Que amargo sarcasmo da sorte! Seu pai, do fundo da sepultura, ordenava que fizesse todo bem possível a Thénardier. Há quatro anos sua principal vontade era a de pagar essa dívida paterna e, no momento em que podia entregar à justiça um patife em pleno crime, o destino gritava: "É Thénardier!" A vida do seu pai, salva sob uma saraivada de balas no campo heroico de Waterloo, poderia enfim estar quite com a sorte, mas como? Enviando o seu salvador ao cadafalso! A si mesmo ele prometera que, no dia em que encontrasse Thénardier, se jogaria a seus pés, e de fato o encontrou, mas para entregá-lo ao carrasco! O pai lhe dissera: "Socorra Thénardier"; e ele respondia àquela voz adorada e santa esmagando Thénardier! Dar como espetáculo a seu pai, no túmulo, o homem que o havia salvado da morte ao risco da própria vida, executado na praça Saint-Jacques por obra do seu filho, o mesmo Marius a quem ele havia confiado aquele homem! Que derrisão, ter por tanto tempo carregado no peito os últimos pedidos do pai, escritos por seu próprio punho, e fazer exatamente o contrário! Por outro lado, porém, assistir àquela cilada sem impedi-la... Como? Condenar a vítima e poupar o assassino? Seria possível manter qualquer consideração por semelhante miserável? Todas as ideias de Marius nos últimos quatro anos pareciam transpassadas de ponta a ponta por aquele golpe inesperado. Ele tremia. Dele tudo dependia. Se disparasse a pistola estava o sr.

Leblanc salvo e Thénardier perdido; se não atirasse seria o sr. Leblanc sacrificado, provavelmente, mas Thénardier escaparia! Precipitar um ou fazer tombar o outro: remorsos de ambos os lados! O que fazer? Qual dos lados escolher? Falhar com relação às mais imperiosas lembranças, a tantos engajamentos profundos assumidos consigo mesmo, ao dever mais sagrado, ao texto mais venerado? Falhar com relação às prescrições testamentárias de seu pai ou deixar se consumar um crime! Teve a impressão de ouvir "sua Ursule" suplicar pelo pai e, por outro lado, o coronel pedir que ajudasse Thénardier. Sentia-se enlouquecer. Os joelhos tremiam e ele não tinha tempo para pensar muito, pois a cena sob os seus olhos se precipitava furiosamente. Era um turbilhão, que ele achou poder controlar, mas que o arrastava. Esteve a ponto de perder os sentidos.

Entretanto, Thénardier, como daqui em diante o chamaremos, girava de um lado para outro à frente da mesa, numa espécie de desvairamento, freneticamente triunfante.

Ele pegou brutalmente o castiçal e colocou-o sobre a lareira com tal força que a vela quase se apagou, salpicando sebo derretido na parede.

Depois olhou de novo para o sr. Leblanc, terrível, e berrou:

— Queimado! Defumado! Tostado! Grelhado!

E voltou a andar de um lado para outro, parecendo que ia explodir:

— Até que enfim o encontrei, senhor filantropo! Senhor milionário esfarrapado! Que distribui bonecas de presente! Velho bufão! Ah, não me reconhece! Não, não esteve em Montfermeil, na minha estalagem, há oito anos, na noite de Natal de 1823! Não foi o senhor que levou da minha casa a filha da Fantine, a Cotovia! Não tinha um abrigo de viagem amarelo? Não! E um embrulho cheio de roupas, como o de hoje de manhã, aqui mesmo! Não foi assim, mulher? Parece que tem mania de levar aos lugares trouxas de meias de lã, o velho caridoso! Por acaso tem loja disso, senhor milionário? Dá aos pobres os restos que não vende, santo homem? Palhaço! Quer dizer então que não me conhece? Pois eu o conheço muito bem! Reconheci-o logo que meteu o focinho aqui. E agora vai descobrir que nem tudo são rosas! É tão fácil entrar na casa das pessoas a pretexto de serem estalagens, com roupa de dar pena, parecendo mendigo a quem se dá esmola, enganar as pessoas, se fazer de generoso, tirar-lhes o ganha-pão, fazer ameaças por aí e querer estar quite só por trazer depois, quando a gente está na penúria, um casacão grande demais e dois reles cobertores de hospital! Velho tratante! Ladrão de crianças!

De repente ele se interrompeu, parecendo por um momento falar consigo mesmo. Todo aquele furor desapareceu, como um rio caudaloso que sumisse em

algum buraco. Depois, como se terminasse em voz alta o que acabara de dizer só para si, deu um murro na mesa e exclamou:

— Sempre com esse mesmo ar bonachão!

E continuou, voltando-se de novo para o sr. Leblanc:

— Na verdade, riu à minha custa! O senhor é a causa de todas as minhas desgraças! Por mil e quinhentos francos ficou com uma criança que era minha, que certamente vinha de gente rica, que já me rendera um bom dinheiro e haveria de continuar rendendo com que viver a vida toda! Uma criança que me indenizaria de tudo que perdi naquela abominável baiuca, onde desperdicei como um imbecil tudo que tinha! Minha vontade era que todo o vinho que se bebeu na minha estalagem se transformasse em veneno para aqueles que o beberam! Mas isso, agora, pouco importa! Veja só, deve ter me achado um idiota, quando se foi, levando a Cotovia! Tinha o seu arsenal na floresta, era o mais forte. Agora é minha desforra. Tenho eu os trunfos! Desta vez, perdeu! Quem ri sou eu e vou rir muito! Caiu feito um patinho! Eu disse que era ator, me chamava Fabantou e atuei em comédias com a sta. Mars, a fulaninha Muche, e que o senhorio esperava o dinheiro amanhã, 4 de fevereiro. A data é 8 de janeiro e não 4 de fevereiro! Cretino absurdo! E ainda traz esses quatro *filipes*! Canalha! Nem sequer teve a decência de chegar aos cem francos! E como engoliu as besteiras que eu despejei! Foi divertido. Eu pensava comigo mesmo: Bobalhão, te peguei! Lambi-te as patas de manhã, vou roer-te o coração à noite!

Thénardier calou-se. Precisava respirar. Seu acanhado peito roncava como um fole de ferreiro. Nos olhos lia-se o ignóbil prazer da criatura fraca, cruel e covarde que consegue, enfim, aniquilar quem a intimida e insultar a quem lisonjeou; a alegria de um anão calcando a cabeça de Golias, a alegria do chacal começando a dilacerar um touro doente, suficientemente mal para não se defender, suficientemente bem para ainda sofrer.

O sr. Leblanc não o interrompeu e apenas disse, quando ele se calou:

— Não sei do que está falando. O senhor se engana. Não sou milionário, sou pobre e não conheço o senhor. Com certeza me toma por outro.

— Ah, que bela saída! Insiste nessa brincadeira! Perde tempo, meu velho! Então não se lembra, não vê quem eu sou!

— Perdão — respondeu o sr. Leblanc, com um tom de civilidade que naquele momento tinha algo de estranho e poderoso —, o que vejo é que tenho pela frente um bandido!

Pode-se não ter notado, mas os seres odiosos se melindram; os monstros são suscetíveis. Ao ouvir a acusação, a esposa Thénardier pulou da cama e o marido

apertou a cadeira como se a quisesse esmigalhar nas mãos.

— Fique onde está! — gritou ele para a mulher e, em seguida, voltou-se para o sr. Leblanc: — Bandido! É como vocês, ricos, nos chamam, sei disso! Veja só! Perdi tudo, vivo na clandestinidade, não tenho pão nem dinheiro, sou um bandido! Há três dias não como e sou um bandido! Os senhores têm os pés aquecidos, têm sapatos Sakoski, casacos impermeáveis, andam como arcebispos, moram nos primeiros andares de prédios com porteiros, comem trufas, aspargos a quarenta francos o molho no mês de janeiro e *petit-pois*; enchem a barriga disso. Quando querem saber se faz frio, veem no periódico até onde desceu o termômetro do engenheiro Chevallier. Para nós, o termômetro somos nós mesmos! Não precisamos ir à beira do Sena para ver, na esquina da Torre do Relógio, a quantos graus desceu o frio, sentimos o sangue parar nas veias, o gelo chegar ao coração e dizemos então que Deus não existe! E os senhores vêm às nossas cavernas, isso mesmo, nossas cavernas, para nos chamar de bandidos. Mas nós vamos comê-los, devorá-los, seus infelizes! Repare no que vou dizer, senhor milionário: já fui um homem estabelecido, tive carta-patente, fui eleitor: sou um burguês, sem dúvida. Já o senhor, não sei!

Thénardier deu um passo na direção dos homens perto da porta e acrescentou, com emoção:

— E pensar que ele se atreve a vir falar comigo como se eu fosse um sapateiro!

Depois voltou ao sr. Leblanc, com recrudescência de frenesi:

— E saiba ainda mais, senhor filantropo! Olhe que não sou nenhum esquisitão! Não sou homem de quem não se sabe o nome e que ande roubando crianças em casas alheias! Sou um ex-soldado francês, que deveria ter sido condecorado! Estive em Waterloo, salvei na batalha um general chamado conde não sei o quê! Ele até me disse o nome, mas o diabo da sua voz estava já tão fraca que não ouvi. Só ouvi ele dizer "Obrigado". O nome teria sido melhor que o agradecimento, me ajudaria a procurá-lo. Sabe o que representa esse quadro que está vendo, e que foi pintado por David, em Bruqueselles? Representa este que aqui está. Foi um feito de armas que David quis imortalizar. Estou com o tal general nas costas, carregando-o debaixo de balas. Aqui tem a história! E olhe que esse general nunca fez coisa alguma por mim; valia tanto quanto os outros, mas nem por isso deixei de lhe salvar a vida arriscando a minha, e disso tenho uma gaveta cheia de atestados! Sou um soldado de Waterloo, com trezentos milhões de diabos! E agora que tive a bondade de contar tudo isso, vamos terminar: preciso de dinheiro, muito dinheiro, uma quantidade enorme de dinheiro ou eu o extermino, com trezentos mil raios!

Marius tinha dominado um pouco a agitação e escutava. A última possibilidade de dúvida acabava de se desvanecer. Era com efeito aquele Thénardier de que falava o testamento! Ele estremeceu ouvindo acusarem o seu pai de ingratidão, ingratidão esta que ele estava a ponto de tão fatalmente justificar. Sua perplexidade cresceu. Havia, em todo aquele palavrório de Thénardier, no seu tom, nos seus gestos, no olhar que chamejava a cada palavra, naquela explosão da natureza nociva que mostra tudo, naquela mistura de fanfarronice e abjeção, de orgulho e mesquinharia, de raiva e estupidez, naquele caos de rancores verdadeiros e sentimentos falsos, no impudor de um homem ruim saboreando a volúpia da violência, nessa nudez agressiva de uma alma feia, dessa conflagração de todos os sofrimentos combinados com todos os ódios, havia algo medonho como o mal e comovente como a verdade.

O quadro de mestre, a pintura de David, cuja compra ele propusera ao sr. Leblanc, não era, como o leitor logo adivinhou, senão a tabuleta da estalagem, pintada, como se deve lembrar, pelo próprio Thénardier, único fragmento que ainda conservava do naufrágio de Montfermeil.

Tendo ficado livre o raio visual de Marius, ele pôde, só então, considerar aquela coisa e, no meio daquela obra de borra-tintas, ele reconheceu de fato uma batalha, um fundo de fumaça e um homem que carregava outro. Eram Thénardier e Pontmercy, o sargento salvador e o coronel salvo. Marius se sentiu como embriagado, o quadro, de certa maneira, devolvia o seu pai vivo, não era mais a placa da espelunca de Montfermeil, era uma ressurreição, uma tumba que se entreabria, um fantasma saindo dela. O coração parecia bater nas suas têmporas, os canhões de Waterloo soavam nos seus ouvidos. O pai ensanguentado, vagamente pintado naquele painel sinistro, o fascinava e ele tinha a impressão de que a silhueta disforme o olhava fixamente.

Depois de tomar fôlego, Thénardier pregou no sr. Leblanc os olhos sanguinários e disse, em voz baixa e breve:

— O que tem a dizer, antes que a gente o vire pelo avesso?

O sr. Leblanc não respondeu. No meio desse silêncio ouviu-se uma voz roufenha lançar, do corredor, um lúgubre sarcasmo:

— Se for preciso rachar lenha, cá estou presente!

Era o homem da choupa se divertindo.

Ao mesmo tempo ele mostrou um enorme rosto eriçado e terroso, dando um riso medonho, permitindo que se vissem não dentes, mas presas.

Era o rosto do homem da choupa.

— Por que diabo tirou a máscara? — gritou Thénardier enfurecido.

— Para rir — respondeu o outro.

Nos últimos instantes o sr. Leblanc parecia acompanhar todos os movimentos de Thénardier, que, cego e deslumbrado pela sua própria raiva, girava no covil de um lado para outro, tranquilo por ter a porta bem guardada e um homem desarmado nas mãos, estando ele armado e serem nove contra um — isso se contasse a esposa como um só homem! No momento em que discutia com o sujeito da choupa, ele ficou de costas para o sr. Leblanc.

Aproveitando a ocasião, o prisioneiro empurrou com o pé a cadeira, com a mão a mesa e, num salto de prodigiosa agilidade, antes que Thénardier tivesse tempo de se voltar, chegou à janela. Abri-la e passar uma perna para fora do parapeito foi obra de um segundo. Já estava quase todo fora, quando foi agarrado por seis pulsos robustos que o puxaram energicamente para dentro. Eram os três "foguistas" que o haviam alcançado, enquanto a velha Thénardier o agarrava pelos cabelos.

Com o barulho disso tudo, acudiram os malfeitores que se achavam no corredor. Também o velho que estava na cama e parecia embriagado se aproximou, cambaleando, com um martelo em punho.

Um dos "foguistas", do qual a vela iluminava o rosto enegrecido de carvão — que Marius, apesar disso, reconheceu como sendo Panchaud, conhecido como Printanier e como Bigrenaille —, mantinha erguida sobre a cabeça do sr. Leblanc uma espécie de porrete, na verdade uma barra de ferro com duas bolas de chumbo na ponta.

Marius não pôde mais resistir:

"Perdoe-me, pai!", pensou ele, procurando firmar o dedo no gatilho da pistola. Já ia fazer o disparo, quando Thénardier gritou:

— Não lhe façam mal!

Aquela tentativa desesperada da vítima, longe de exasperar Thénardier, o havia tranquilizado. Dois homens distintos o habitavam: um feroz, outro sagaz. Até aquele momento, no arrebatamento do triunfo, na presença da presa abatida e imóvel, dominara o homem feroz, mas quando a vítima se debateu e deu mostras de querer lutar, ressurgiu e predominou o homem sagaz.

— Não lhe façam mal! — repetiu ele.

Sem maiores dúvidas quanto ao sucesso, Marius travou a arma que estava prestes a disparar e paralisou, sentindo se abrandar a urgência, achando que, diante daquela nova fase, não haveria inconveniente em esperar um pouco mais. Quem sabe algo aconteceria, que o livrasse da horrível escolha entre deixar que morresse o pai de Ursule e levar à perdição o salvador do coronel?

Travara-se uma luta hercúlea. Com um murro no peito, o sr. Leblanc tinha feito o velho rolar no chão; depois, com as costas das mãos, derrubara dois dos outros

assaltantes e os mantinha dominados, um sob cada joelho. Os miseráveis sufocavam como se uma pedra de moinho os esmagasse. Os quatro restantes, porém, haviam segurado o terrível sr. Leblanc pelos dois braços e pela nuca, mantendo-o acocorado sobre os dois "foguistas" prostrados. Dominando uns e dominado pelos outros, esmagando os que tinha sob os joelhos e quase esmagado pelos que o seguravam, tentando inutilmente se livrar dos esforços que o oprimiam, mal se podia ver o sr. Leblanc sob o grupo horrível dos bandidos, como um javali sob a uivante matilha de cães de fila e sabujos.

Mas conseguiram, por fim, deitá-lo na cama mais próxima da janela e o mantiveram sob jugo. A mulher Thénardier não largava dos seus cabelos.

— Você — chamou-a o marido — não se meta. Vai acabar rasgando o xale.

A mulher obedeceu, como a loba obedece ao lobo: rosnando.

— E vocês, revistem-no — continuou Thénardier.

O sr. Leblanc parecia ter desistido da resistência. Reviraram-lhe os bolsos. Não acharam senão uma bolsinha de couro que continha seis francos e o lenço de assoar.

Thénardier meteu o lenço no próprio bolso.

— Quê! Não tem carteira? — perguntou ele.

— Nem relógio — respondeu um dos "foguistas".

— Dá no mesmo — murmurou com voz de ventríloquo o homem mascarado que tinha na mão a enorme chave —, é um velho duro.

Thénardier foi ao canto da porta e pegou umas cordas, que lhe atirou:

— Amarre-o no pé da cama.

Depois, vendo o velho que continuava estendido e sem se mover no meio do quarto, devido ao soco que o sr. Leblanc lhe dera, perguntou:

— Boulatrouelle está morto?

— Não — respondeu Bigrenaille —, só bêbado.

— Varram-no daí para um canto — disse Thénardier.

Dois dos "foguistas" empurraram o bêbado com os pés para junto do monte de ferros.

— Para que trouxe tanta gente, Babet? — perguntou Thénardier em voz baixa ao homem do cacete. — Não precisava.

— Fazer o quê? — replicou Babet. — Quiseram vir. Os negócios andam fracos.

A cama sobre a qual tinham estendido o sr. Leblanc era uma espécie de leito de hospital, em cima de quatro bases de madeira tosca. O sr. Leblanc deixou que o amarrassem e foi fortemente preso, de pé e no chão, na estrutura da cama mais distante da janela e mais próxima da lareira.

Depois de apertado o último nó, Thénardier pegou uma cadeira e foi sentar-se quase em frente do prisioneiro. Parecia outro homem; em poucos instantes sua fisionomia passara da expressão de desenfreada violência à de tranquila e astuciosa doçura. Só a custo Marius pôde reconhecer, naquele sorriso descorado de burocrata, a boca quase bestial que momentos antes escumava. Contemplava, surpreso, a fantástica e inquietadora metamorfose, passando aquilo por que passaria o homem que visse um tigre transformar-se em advogado.

— Meu senhor… — começou Thénardier.

E, afastando com um gesto os malfeitores que tinham ainda as mãos no sr. Leblanc:

— Abram algum espaço e deixem-me conversar com o cavalheiro.

Todos se retiraram para junto da porta. Thénardier prosseguiu:

— Foi um erro querer pular pela janela: podia quebrar uma perna. Agora, se assim permitir, conversemos tranquilamente. Preciso, em primeiro lugar, lhe comunicar algo que notei: o senhor não deu ainda o menor grito.

Thénardier tinha razão, o detalhe era verdadeiro, apesar de não ter chamado a atenção de Marius, em sua perturbação. O sr. Leblanc pronunciara poucas palavras e sem levantar a voz. Mesmo na luta junto da janela com os seis bandidos, guardara o mais profundo e singular silêncio. Thénardier prosseguiu:

— Valha-me Deus! Poderia ter pedido socorro e seria normal. Podia gritar *Assassinos!*, como se faz nessas ocasiões. Eu não me sentiria ofendido. É natural que um homem faça algum barulho, quando se vê entre pessoas que não inspiram confiança. Podia ter feito isso e ninguém estranharia. Nem o amordaçariam e lhe digo por quê. É que esta casa é completamente surda. É sua única boa qualidade, mas, em suma, é uma qualidade boa. Um verdadeiro subterrâneo. Uma bomba que explodisse aqui causaria, para a polícia mais próxima, o efeito de um ronco de bêbado. Uma peça de artilharia não faria mais do que *bum!* E uma trovoada apenas *puf*. É uma moradia muito cômoda. Mas, enfim, o senhor não gritou e foi melhor assim. Felicito-o por isso e vou dizer qual foi a minha conclusão: meu caro senhor, quando se grita o que acontece? Vem a polícia. E depois da polícia? A justiça. Ora, muito bem! O senhor não gritou, e por quê? Por não querer, tanto quanto nós, proximidade com a polícia e a justiça. E isso porque — há muito tempo tenho essa desconfiança — o senhor tem um interesse qualquer em ocultar alguma coisa. E da nossa parte há o mesmo interesse. Posto isto, podemos nos entender.

Thénardier, falando desse modo e com o olho pregado no sr. Leblanc, parecia querer enfiar, na consciência do prisioneiro, as pontas agudas que dardejavam de todo o seu rosto. Além disso, a sua fala, carregada de uma espécie de insolência

contida e dissimulada, era pausada, como se ele escolhesse as palavras, deixando transparecer, no miserável que ainda há pouco se mostrava apenas um bandido, "o jovem que estudou para ser padre".

O silêncio mantido pelo prisioneiro, a precaução que chegava às raias do descuido com a própria vida, seu autocontrole com relação à primeira reação natural, que é gritar, tudo isso, deve-se dizer, desde a ressalva feita, causava espanto e incomodava Marius.

A observação tão pertinente de Thénardier obscurecia ainda mais as espessuras misteriosas sob as quais se ocultava a figura séria e grave a que Courfeyrac dera o nome de sr. Leblanc. O homem, porém, quem quer que fosse, bem amarrado, rodeado de algozes, mergulhado numa cova que a cada instante se aprofundava, permanecia impassível, tanto diante do furor quanto da candura de Thénardier. Marius não podia deixar de admirar expressão tão soberanamente melancólica.

Era, evidentemente, alguém inacessível ao pavor, alguém que desconhece o desespero. Alguém que se mantém frio em situações sem saída. Por mais extrema que fosse a crise, por mais inevitável a catástrofe, nada, ali se via da agonia de quem se afoga, arregalando os olhos apavorados debaixo da água.

Thénardier levantou-se sem afetação, foi à lareira, afastou o anteparo, que foi encostado na cama mais próxima, e deixou à mostra o fogareiro incandescente, em que o prisioneiro podia perfeitamente ver o formão vermelho de calor, com estrelinhas escarlates.

Depois voltou para junto do sr. Leblanc.

— Como disse, podemos nos entender. Fazer um acordo amigável. Foi um erro meu, me deixar levar ainda agora; não sei onde tinha a cabeça. Fui longe demais, disse absurdos. Por exemplo, disse que exigia dinheiro, muito dinheiro, só porque o senhor é milionário. Não é correto. Deus do céu, o senhor é rico, mas tem seus encargos; quem não tem? Não quero arruiná-lo; não sou nenhum ganancioso. Não sou desses que, tendo as vantagens da situação, se aproveitam e acabam sendo ridículos. Mostro boa vontade e faço um sacrifício. Preciso só de duzentos mil francos.

O sr. Leblanc não pronunciou uma só palavra. Thénardier prosseguiu:

— Bem vê que não deito água demais no meu vinho. Não sei qual é o estado da sua fortuna, mas sei que não se preocupa com dinheiro e, caridoso como é, pode muito bem dar duzentos mil francos a um infeliz chefe de família. O senhor é também razoável; não imaginou, com certeza, que me daria a todo esse trabalho, organizando tudo isso que, segundo os senhores aqui presentes, foi muito bem organizado, só para pedir com que beber um vinho tinto e comer uma carne na

tasca do Desnoyers. Isso tudo vale bem duzentos mil francos. Uma vez saída essa bagatela da sua algibeira, asseguro-lhe que está tudo acabado e não terá mais nada a recear. Provavelmente dirá: "Não tenho duzentos mil francos comigo." Não sou doido, não exigiria isso. O que peço já vou lhe dizer, tenha a bondade de escrever o que eu vou ditar.

Nesse ponto Thénardier interrompeu-se e depois acrescentou, acentuando bem as palavras e dando um sorriso na direção do fogareiro:

— Não vou admitir que não saiba escrever.

Qualquer inquisidor-mor teria inveja daquele sorriso.

Thénardier chegou a mesa até o sr. Leblanc, tirou o tinteiro, uma pena e uma folha de papel da gaveta, que deixou entreaberta e na qual luzia a comprida lâmina da faca.

Pôs a folha diante do sr. Leblanc e disse:

— Queira escrever.

O prisioneiro falou enfim:

— Como quer que eu escreva, se estou preso?

— É verdade, queira desculpar! Tem toda a razão.

E, voltando-se para Bigrenaille, pediu:

— Solte o braço direito do cavalheiro.

Panchaud, chamado Printanier, chamado Bigrenaille, executou a ordem e Thénardier, uma vez livre a mão direita do prisioneiro, molhou a pena, ofereceu-a e acrescentou:

— Deve se lembrar de que está em nossas mãos e à nossa mercê. Nenhum poder humano pode tirá-lo daqui e lamentaremos muito sermos obrigados a recorrer a extremos desagradáveis. Ignoro como se chama e onde mora, mas aviso que permanecerá amarrado até que a pessoa encarregada de levar a sua carta volte. Agora queira escrever.

— O quê? — perguntou o prisioneiro.

— Eu dito.

O sr. Leblanc pegou a pena.

Thénardier começou a ditar:

— "Minha filha…"

O prisioneiro estremeceu e ergueu os olhos.

— Ponha lá "Minha querida filha" — disse Thénardier.

O sr. Leblanc obedeceu. O outro continuou:

— "Venha imediatamente…"

Interrompeu-se.

— O senhor trata-a assim, coloquialmente, não é?

— A quem? — perguntou o sr. Leblanc.

— À mocinha — disse Thénardier.

O sr. Leblanc respondeu sem a menor emoção aparente:

— Não sei o que quer dizer.

— Vamos lá, prossiga — disse Thénardier; e continuou a ditar: "Venha imediatamente; preciso muito da sua presença. A pessoa que entregar este bilhete deve trazê-la aonde estou. Estou à espera. Pode vir sem qualquer desconfiança."

O sr. Leblanc já tinha acabado de escrever, quando Thénardier disse:

— Pensando melhor, risque esse "pode vir sem qualquer desconfiança". Ela vai achar que a coisa não é tão simples e, justamente, desconfiar.

O sr. Leblanc riscou aquelas palavras.

— Agora assine — prosseguiu Thénardier. — Como se chama?

O prisioneiro encostou a pena e perguntou:

— Para quem é a carta?

— Sabe muito bem para quem é — respondeu Thénardier —, para a mocinha. Há pouco já disse.

Era evidente que evitava pronunciar o nome da jovem em questão. Dizia "Cotovia", "mocinha", mas nunca o nome. Precaução de homem hábil, guardando segredo na presença dos cúmplices. Dizer o nome da jovem seria entregar todo "o negócio" e contar mais do que precisavam saber.

— Assine — insistiu ele. — Como se chama?

— Urbain Fabre — disse o prisioneiro.

Thénardier, com um movimento de gato, meteu a mão no bolso e tirou o lenço do sr. Leblanc.

— U. F. Está certo. Urbain Fabre. Bem, assine U.F.

O prisioneiro assinou.

— Como são necessárias as duas mãos para fechar a carta, deixe que eu mesmo fecho.

Feito isso, continuou:

— Ponha o endereço e, antes, *srta Fabre*. Sei que não moram muito longe, nos arredores de Saint-Jacques-du-Haut-Pas, já que vai todos os dias à missa, mas não sei em qual rua. Vejo que compreende a situação. Não mentiu com o nome, não mentirá com a morada. Escreva o senhor mesmo.

O prisioneiro conservou-se por um momento pensativo, depois pegou a pena e escreveu: *Srta. Fabre, c/o sr. Urbain Fabre, rua de Saint-Dominique-d'Enfer, nº 17.*

Thénardier pegou a carta numa espécie de convulsão febril.

— Ó mulher! — gritou ele.

A Thénardier logo acudiu.

— Aqui está a carta. Já sabe o que tem a fazer. Lá embaixo está um fiacre. Vá depressa e volte logo.

Depois, dirigindo-se ao homem da choupa:

— Tu, já que tiraste o teu cachenê, acompanha a patroa. Irás na traseira do fiacre. Sabe onde ficou o outro carro?

— Sei – disse o homem e, deixando seu porrete no chão, seguiu atrás da mulher.

Depois que saíram, Thénardier ainda passou a cabeça pela porta entreaberta e gritou no corredor:

— Cuidado, não perca a carta! Isso representa duzentos mil francos.

Ouviu-se a voz rouca da mulher:

— Sossega, meti-a no estômago.

Não se tinha passado ainda um minuto quando se ouviu o estalar de um chicote, com o fiacre se afastando, até deixar de ser ouvido.

— Bem! — resmungou Thénardier. — Estão indo bem. Nesse ritmo, a patroa vai estar de volta em três quartos de hora.

Levou uma cadeira até a lareira, sentou-se e, cruzando os braços, aproximou as botas cheias de lama do fogareiro.

— Que frio nos pés — disse.

Só continuavam no covil, com Thénardier e o prisioneiro, cinco bandidos. Através das máscaras ou da fuligem que lhes cobria o rosto eles pareciam, segundo o nosso medo, carvoeiros, selvagens africanos ou demônios. Tinham ares enfastiados e tristes de quem executa um crime como tarefa do dia a dia, tranquilamente, sem raiva e sem pena, com uma espécie de tédio. Estavam todos amontoados num canto como animais, sem uma palavra. Thénardier aquecia os pés. O prisioneiro voltara à sua taciturnidade. Ao feroz tumulto que agitara o cortiço momentos antes, sucedeu o mais sombrio sossego.

A vela, em que o pavio se afogava na cera, mal iluminava o ambiente; o braseiro estava menos forte e todas aquelas cabeças monstruosas produziam sombras disformes nas paredes e no teto.

Não se ouvia outro ruído além da respiração do velho que dormia, vencido pela embriaguez.

Marius esperava, numa ansiedade que só aumentava. O enigma parecia mais impenetrável que nunca. Quem seria a “mocinha” que Thénardier também denominava Cotovia? A sua “Ursule”? O prisioneiro não parecera se agitar ouvindo dizer Cotovia e respondera da maneira mais natural do mundo não saber a quem se

referia. Por outro lado, as duas letras U.F. se explicavam, era Urbain Fabre. Com isso, Ursule deixava de se chamar Ursule. Era o que Marius melhor percebia. Uma forma de horrível fascínio o mantinha preso ao ponto de onde observava e dominava toda a cena. Continuava ali, quase incapacitado de pensar e de se mover, como aniquilado pelas tão abomináveis coisas que vira de perto. Aguardava, esperava um incidente qualquer, qualquer um, sem conseguir organizar as próprias ideias nem se decidir.

"Em todo caso", pensava ele, "se Cotovia for ela, logo vou saber, pois a Thénardier vai trazê-la aqui. Tudo então se resolverá, darei minha vida e meu sangue, se necessário, mas a salvarei! Nada vai me impedir.

Passou-se assim perto de meia hora. Thénardier parecia absorto em tenebrosa meditação e o prisioneiro não se movia. Mesmo assim, Marius julgava ouvir, de vez em quando, um pequeníssimo ruído surdo do lado do homem amarrado.

De repente dirigiu-se Thénardier a ele:

— Sr. Fabre, é melhor que lhe diga logo.

Essas poucas palavras pareciam ser o começo de um esclarecimento: Marius aplicou o ouvido. Thénardier continuou:

— Não se impaciente; minha esposa não tarda. Acredito que a Cotovia seja mesmo filha sua e por isso acho normal que o senhor a queira consigo. Mas veja, com a sua carta, minha mulher foi buscá-la. Mandei que ela se vestisse, como viu, de modo a que a senhorita a acompanhasse sem dificuldade. Subirão ambas no fiacre, com o meu camarada atrás. Em algum lugar, do outro lado da barreira, um carro atrelado a dois ótimos cavalos os espera e sua filha será transferida, com meu parceiro, para esse outro carro e minha mulher voltará aqui para dizer que está tudo pronto. À sua menina ninguém fará mal, o carro vai levá-la a um lugar seguro e assim que o senhor me der essa ninharia de duzentos mil francos ela lhe será entregue. Se o senhor agir de maneira a que eu seja preso, meu companheiro vai matar Cotovia. Só isso.

O prisioneiro não fez nenhum comentário. Thénardier, após uma pausa, prosseguiu:

— Como vê, é coisa simples. Não sucederá mal nenhum se o senhor assim quiser. Conto a coisa, para que saiba.

O prisioneiro se manteve em silêncio e Thénardier continuou:

— Apenas minha esposa volte e diga: "A Cotovia está a caminho", nós o soltaremos e o senhor poderá ir dormir em casa. Bem vê que não temos más intenções.

Pelo pensamento de Marius passaram imagens pavorosas. Como? Então não trariam a jovem? Seria levada por um daqueles monstros... Para onde? E se fosse ela? Não havia dúvida que era! Marius sentiu o coração parar. O que fazer? Dar o tiro? Entregar nas mãos da justiça todos aqueles miseráveis? Mas nem por isso o medonho homem da choupa deixaria de estar com a jovem fora de alcance. E Marius pensava nas palavras de Thénardier, cuja significação sanguinária antevia: *Se agir de maneira a que eu seja preso, meu companheiro vai matar a Cotovia.*

Agora não era mais somente o testamento do coronel, era também o seu amor, pelo perigo em que colocaria a amada, que o impedia.

Essa terrível situação, que já durava mais de uma hora, mudava de aspecto a cada instante. Marius teve a força de passar sucessivamente em revista todas as pungentes conjecturas, em busca de uma esperança que não achava. O tumulto dos seus pensamentos contrastava com o silêncio fúnebre do covil.

Em meio ao silêncio, ouviu-se o barulho da porta da rua se abrindo e depois se fechando.

O prisioneiro fez um movimento, mesmo amarrado.

— É a patroa — disse Thénardier.

Mal pronunciara essas palavras e, com efeito, a mulher entrou, vermelha e esbaforida, sem poder respirar, com os olhos lançando chamas, e gritou, batendo com as mãos grosseiras ao mesmo tempo nas coxas:

— Endereço errado!

O bandido que a tinha acompanhado apareceu logo atrás e foi direto à choupa.

— Endereço errado? — repetiu Thénardier.

— Não achei ninguém! — tornou a mulher. — Na rua de Saint-Dominique-d'Enfer, nº 17, não há nenhum sr. Urbain Fabre! Ninguém o conhece!

Calou-se, sufocada, e continuou logo depois:

— Sr. Thénardier! Esse velho o embromou! É no que dá essa sua bondade! Pessoalmente, já lhe teria cortado o gogó! E se bancasse o valente, o cozinhava vivo! Queria ver se dizia ou não onde está a moça e o dinheiro. É por onde eu teria começado! Está certo quem diz que os homens são mais burros que as mulheres! Nº 17! Um portão onde não há ninguém. Nada de sr. Fabre na rua Saint-Dominique-d'Enfer! Salamaleques e gorjeta para o cocheiro, e nada! Falei com o casal da portaria, uma mulher forte e bonita, disseram não conhecê-lo!

Marius respirou. Ela, Ursule ou Cotovia, aquela a quem não sabia mais como chamar, estava salva.

Thénardier, enquanto a mulher vociferava, exasperada, sentara-se na mesa. Ficou por alguns instantes sem dizer nada, balançando a perna direita e contemplando o

fogareiro com um ar de violenta meditação.

Enfim disse ao prisioneiro, com uma inflexão lenta e singularmente feroz:

— Endereço errado? O que está querendo?

— Ganhar tempo! — respondeu ele com um grito.

Ao mesmo tempo livrou-se das cordas que já tinham sido cortadas! Achava-se preso à cama unicamente por uma perna.

Antes que os sete homens tivessem tempo de voltar a si da surpresa e se precipitarem sobre o prisioneiro, ele se debruçou na direção da lareira, estendeu a mão para o fogareiro e voltou a se endireitar. Thénardier, a mulher e os bandidos, empurrados pelo susto para o fundo do quarto, o olhavam pasmados, quase completamente solto e numa atitude formidável, erguendo acima da cabeça o formão candente, que produzia um clarão sinistro.

A investigação judicial levada a cabo após a cilada no cortiço Gorbeau descobriu no local uma moeda de cobre preparada de modo particular. Trata-se de uma das maravilhas que a paciência dos forçados produz nas trevas e para as trevas; maravilhas sempre voltadas à evasão. Esses produtos infames e delicados, de prodigiosa arte, são na joalheria o que as metáforas da gíria são na poesia. Há verdadeiros Benvenuto Cellini nas galés, assim com há, na língua, alguns Villon. O infeliz que sonha com a liberdade descobre meios, às vezes sem ferramenta alguma, com uma lâmina qualquer, de serrar em duas metades muito finas uma moeda de cobre, escavar essas duas metades sem chegar aos cunhos e praticar em volta uma rosca na orla da moeda, de modo a fazer aderir novamente as duas metades. Elas atarraxam-se e desatarraxam-se à vontade; é uma caixa. Nesta, esconde-se uma mola de relógio que, bem manejada, corta manilhas enormes e barras de ferro. Acha-se que o infeliz forçado não possui mais do que uma mesquinha moeda de cobre; mas não, possui a liberdade. Foi uma moeda de cobre desse tipo que, nas posteriores investigações da polícia, foi achada aberta e em dois pedaços, debaixo da cama perto da janela. Achou-se igualmente uma pequenina serra de aço azulada, que podia ocultar-se dentro da moeda de cobre. É de presumir-se que na ocasião em que os ladrões revistaram o prisioneiro, tivesse ele consigo aquela moeda de cobre, que naturalmente conseguiria ocultar fechada na mão e que depois, tendo solto o punho direito, pôde abri-la e se servir da serra para cortar as cordas que o amarravam, o que explica o ligeiro ruído e os movimentos imperceptíveis notados por Marius.

Não tendo podido abaixar-se para não se trair, ele não cortara a corda que prendia sua perna esquerda.

Os malfeitores tinham já voltado a si do seu primeiro momento de surpresa.

— Fique tranquilo — disse Bigrenaille a Thénardier. — Ele ainda está preso por uma perna. E essa fui eu que amarrei, não tem perigo de que se solte.

Nisso o prisioneiro elevou a voz:

— Vocês são uns infelizes, mas defender minha vida não vale tanto trabalho. Mas terem imaginado que me obrigariam a falar, me fariam escrever o que não quero escrever, dizer o que eu não quero dizer…

Arregaçando a manga do braço esquerdo, ele acrescentou:

— Olhem.

Ao mesmo tempo, estendeu o braço e pousou na carne nua o formão candente que ele segurava pelo cabo com a mão direita.

Ouviu-se o chiado da carne queimada e pelo antro espalhou-se o cheiro das câmaras de tortura. Marius cambaleou aterrado, os próprios malfeitores estremeceram, o rosto do estranho velho mal se contraiu. Enquanto o ferro candente aprofundava a fumegante chaga, impassível e quase augusto, ele pregou em Thénardier o seu olhar limpo, sem ódio, em que o sofrimento se transformara em serena majestade.

Nas grandes e elevadas naturezas, as revoltas da carne e dos sentidos, presas da dor física, fazem com que a alma saia e se mostre na fronte, assim como os motins da soldadesca obrigam o capitão a mostrar-se.

— Miseráveis! — disse ele. — Não tenham mais medo de mim do que eu tenho de vocês!

E, retirando o formão da ferida, lançou-o pela janela que ficara aberta. O horrível instrumento em brasa desapareceu rodopiando na escuridão até cair longe e ser resfriado pela neve.

— Façam de mim o que quiserem — tornou o prisioneiro.

Estava desarmado.

— Segurem-no! — disse Thénardier.

Dois dos ladrões o pegaram pelos ombros e o homem da máscara com voz de ventríloquo colocou-se na frente, pronto a abrir-lhe a cabeça com a chave, ao menor movimento.

Ao mesmo tempo, Marius ouviu logo abaixo dele, junto do tabique, essas palavras trocadas em voz baixa:

— Só resta uma coisa a fazer.

— Rasgá-lo de alto a baixo.

— Isso mesmo.

Eram o marido e a mulher em conselho.

Thénardier encaminhou-se lentamente até a mesa, abriu a gaveta e tirou a faca.

Marius apertava cada vez mais a coronha da pistola.

Inaudita perplexidade! Há uma hora duas vozes se debatiam em sua consciência, uma dizendo que respeitasse o testamento paterno, outra gritando que ajudasse o prisioneiro. As duas vozes continuavam sem trégua o combate que o deixava em agonia. Ele vagamente havia esperado, até aquele momento, conciliar esses dois deveres, mas nada se apresentara. Entretanto o perigo crescia, estava já passado o último limite da expectativa; a alguns passos do prisioneiro Thénardier se preparava, de faca em punho.

Perdido, Marius olhou em volta, último recurso maquinal do desespero.

De repente estremeceu.

A seus pés, na mesa, viu uma folha de papel em que batia um raio de luz, parecendo mostrar o caminho. Na folha de papel leu essa linha escrita em letras grandes, naquela manhã, pela filha mais velha dos Thénardier:

Chegaram os canas.

Uma ideia, um clarão, passou pela cabeça de Marius. Era o meio que buscava, a solução para o medonho problema que o atormentava: poupar o assassino e salvar a vítima. Ajoelhou-se na cômoda, estendeu o braço, pegou a folha de papel, arrancou muito devagarinho do tabique um bocado de caliça, embrulhou-o no papel e atirou-o pelo buraco, dentro do covil.

Bem a tempo. Thénardier, tendo vencido os últimos receios, ou os últimos escrúpulos, dirigia-se para o prisioneiro.

— Caiu alguma coisa aqui! — gritou a mulher.

— O quê? — disse o marido.

Ela se precipitou sobre o embrulho, pegou-o e o entregou ao marido.

— De onde diabo veio isto? — perguntou ele.

— Ora essa! — disse a mulher. — De onde poderia vir? Da janela.

Thénardier desembrulhou o papel e aproximou-o da vela.

— É a letra da Éponine. Diabos!

Fez depois sinal para a mulher, que se aproximou rapidamente, e mostrou-lhe as palavras escritas no papel, acrescentando em seguida com voz surda:

— Depressa, a escada! Deixemos a isca na ratoeira e vamos fugir!

— Sem nem cortar a língua do homem?— sugeriu a mulher.

— Não temos tempo.

— Por onde? — perguntou Bigrenaille.

— Pela janela — respondeu Thénardier. — Já que Éponine atirou a pedra pela janela, a casa não está cercada por esse lado.

O homem da máscara com voz de ventríloquo pousou no chão a sua enorme chave, levantou os dois braços e, três vezes, abriu e fechou rapidamente as mãos. Os bandidos que seguravam o prisioneiro o soltaram. Num abrir e fechar de olhos a escada de corda foi lançada para fora da janela e bem presa no parapeito pelos dois ganchos de ferro.

O prisioneiro não dava atenção ao que se passava em torno. Parecia estar sonhando ou rezando.

Assim que a escada ficou pronta, Thénardier gritou para a mulher:

— Vem logo!

E correu para a janela.

Mas, quando já ia passar a perna por cima do parapeito, Bigrenaille segurou-o com força pela gola do casaco.

— Isso é que não, meu velho! Depois de nós.

— Depois de nós! — uivaram os outros bandidos.

— Estão parecendo crianças! — disse Thénardier. — Estamos perdendo tempo. Os canas estão chegando.

— Vamos tirar na sorte para ver quem desce primeiro — propôs alguém.

— Vocês estão doidos ou bêbados! Que bando de parvos. Querem mesmo perder tempo. Tirar à sorte, é isso? Escrever nomes, colocá-los num boné!…

— Querem o meu chapéu? — ouviu-se uma voz, que vinha da porta.

Todos se voltaram. Era Javert.

Tinha o chapéu na mão e o oferecia, sorrindo.

XXI

Deveriam começar sempre por prender as vítimas

Ao anoitecer, Javert havia posicionado a sua gente e se colocou, ele próprio, atrás das árvores da rua Barrière des Gobelins, à frente do cortiço Gorbeau, do outro lado do boulevard. Antes de mais nada, quis logo prender as duas meninas encarregadas

de vigiar os arredores, mas só conseguiu "embarcar" Azelma. Éponine já não se encontrava no seu posto, havia desaparecido e não foi possível encontrá-la. A partir disso Javert se manteve atento e aguardando o sinal combinado.

As idas e vindas do fiacre o deixaram indócil. Enfim, já impaciente, e *certo de haver ali um ninho*, certo de que *a sorte lhe sorria*, tendo reconhecido a maior parte dos bandidos que haviam entrado, acabou resolvendo agir sem esperar o tiro de pistola.

Como se sabe, tinha a chave de Marius para abrir a porta.

E chegou em boa hora.

Os bandidos se lançaram às pressas atrás das armas que, para fugir, tinham abandonado por todos os cantos. Em menos de um segundo, aqueles sete homens de horrível aspecto se agruparam em posição de defesa, um com a choupa, outro com a chave, outro com a maça, os restantes com tenazes e martelos. Thénardier de faca em punho. A mulher armou-se com uma enorme pedra que estava no canto da janela e servia de banquinho para as filhas.

Javert pôs o chapéu de volta na cabeça e deu dois passos para dentro do quarto, de braços cruzados, a bengala sob um deles e a espada na bainha.

— Calma, pessoal! — disse ele. — Pela janela, não; saiam pela porta. É menos perigoso. Vocês são sete e somos quinze. Não vamos brigar à toa, pensem nisso.

Bigrenaille pegou uma pistola que tinha escondida por baixo da blusa e passou-a a Thénardier, dizendo baixinho:

— É Javert. Eu é que não atiro nele. Quer fazer isso?

— Por que não? — respondeu Thénardier.

— Então, atire.

Thénardier pegou a pistola e apontou-a para Javert.

O inspetor, que estava distante apenas três passos, fitou nele os olhos e apenas disse:

— Não tente! A arma vai falhar.

Thénardier puxou o gatilho: o tiro não saiu.

— Eu bem que disse! — tornou Javert.

Bigrenaille lançou o cassetete aos pés do policial:

— É o imperador dos diabos! Eu me rendo!

— E vocês? — perguntou Javert aos outros bandidos.

— Nós também — responderam todos.

Javert continuou com calma:

— Estão agindo certo, eu bem disse que podemos fazer as coisas direito.

— Só faço um pedido — concordou Bigrenaille —, é que me não recusem tabaco enquanto estiver preso.

— Concedido — disse Javert.

E voltando-se disse, na direção do corredor:

— Podem entrar!

Ao comando de Javert, uma esquadra de policiais de espada em punho e outros armados de cassetetes e bastões invadiu o quarto. Rapidamente os bandidos foram amarrados.

Toda essa multidão de homens, iluminada apenas por uma vela, enchia de sombra todo o covil.

— Algemem todos! — ordenou Javert.

— Aproximem-se para ver! — gritou uma voz que não era de homem, mas que ninguém diria ser voz de mulher.

A Thénardier tinha se entrincheirado num dos cantos da janela e fora quem acabara de soltar o rugido.

Os policiais recuaram.

Ela havia deixado cair dos ombros o xale e conservava o chapéu na cabeça; o marido, acocorado atrás dela, estava quase todo oculto pelo xale que lhe caíra em cima. Com o próprio corpo ela o encobria e elevava a pedra acima da cabeça, balançando como uma gigante prestes a arremessar um rochedo.

— Tomem cuidado! — gritou ela.

Todos recuaram para o corredor, ficando um grande espaço no centro do quarto.

A mulher olhou para os bandidos que se tinham deixado algemar e murmurou com voz gutural e rouca:

— Covardes!

Javert sorriu e avançou para o espaço vazio que a Thénardier vigiava atenta.

— Não chega perto que te esmago!

— Que coragem! — disse Javert. — Veja só, velha! Pode ter barba de homem, mas tenho garras de mulher.

E continuou a avançar.

A Thénardier, desgrenhada e terrível, firmou-se nas pernas, curvou-se para trás e lançou com força a pedra na cabeça de Javert. Ele se esquivou e a pedra passou por cima, indo bater na parede do fundo, de onde fez cair um grande pedaço de caliça e continuou a ricochetear pelo covil, felizmente já quase vazio, até parar aos pés de Javert.

Ele se aproximou então do casal, deixando cair uma das avantajadas mãos sobre o ombro da mulher e a outra sobre a cabeça do marido.

— Tragam as algemas! — gritou ele.

A Thénardier, arrasada, olhou para as próprias mãos e para as do marido, muito bem presas, e caiu no chão, chorando e exclamando:

— Minhas filhas!

— Descansa, que estão em segurança — consolou-a Javert.

Enquanto isso os policiais tinham achado o bêbado adormecido atrás da porta e o sacudiram. Ele acordou, balbuciando:

— Já acabou, Jondrette?

— Acabou — respondeu Javert.

Os seis bandidos amarrados estavam de pé e tinham ainda as fisionomias de espectros, três com o rosto enegrecido e três mascarados.

— Não tirem as máscaras — disse Javert.

E, passando-os em revista com olhos de Frederico II na parada de Potsdam, disse aos três "foguistas":

— Boa noite, Bigrenaille. Boa noite, Brujon. Boa noite, Deux-Milliards.

Depois, voltando-se para os três mascarados, disse ao homem da choupa.

— Boa noite, Gueulemer.

E ao do cacete:

— Olá, Babet!

E ao ventríloquo:

— Salve, Claquesous!

Neste momento, reparou no prisioneiro que, desde a chegada da polícia, não pronunciara uma só palavra e se mantinha de cabeça baixa.

— Desamarrem este senhor! — disse Javert. — E que ninguém saia.

Dito isso, sentou-se soberanamente à mesa, onde tinham ficado a vela e o tinteiro, tirou da algibeira uma folha de papel selado e começou a redigir o boletim de ocorrência.

Depois de ter escrito as primeiras linhas, que não passam de fórmulas de praxe, ergueu os olhos:

— Aproximem o cavalheiro que estes senhores amarraram.

Os policiais olharam em volta.

— Então? — disse Javert. — Cadê ele?

O prisioneiro dos bandidos, o sr. Leblanc, o sr. Urbain Fabre, o pai de Ursule ou Cotovia, desaparecera.

A porta estava guardada, mas a janela não. Apenas se viu desamarrado, e enquanto Javert escrevia, aproveitando a confusão, o tumulto, a quantidade de gente que enchia o quarto, a escuridão e um momento de desatenção, ele havia saltado pela janela.

Um dos policiais se debruçou no parapeito, mas não viu ninguém.

A escada ainda balançava.

— Diabo! — lamentou-se Javert por entre os dentes. — Devia ser o peixe mais graúdo!

XXII

O menino que, na Parte Segunda, chorava

No dia seguinte àquele dos acontecimentos narrados, um menino, parecendo vir das bandas da ponte de Austerlitz, subia no sentido contrário ao da aleia direita do Boulevard de l'Hôpital, na direção da barreira de Fontainebleau. Era noite e o menino pálido, magro, coberto de farrapos em pleno mês de fevereiro, cantava aos berros.

Na esquina da rua Petit-Banquier, uma velha toda encurvada remexia uma lata de lixo, à luz do lampião. O menino esbarrou nela e deu um pulo, exclamando:

— Puxa! Achei que era um cachorro enorme, muito enorme!

Pronunciou a palavra "enorme" pela segunda vez com um deboche na voz, que as maiúsculas exprimiriam bem: enorme, muito ENORME!

A velha endireitou-se furiosa.

— Pivete do diabo! — resmungou ela. — Se não estivesse curvada, bem sabia onde te havia de assentar um pé!

O garoto estava já fora de alcance.

— Tsi, tsi! — fez ele. — Vendo isso, começo a achar que não me enganei.

A velha, espumando de raiva, endireitou-se de todo e o reflexo da sua lanterna iluminou bem as faces lívidas e angulosas, sulcadas de rugas, com pés de galinha nos cantos da boca. O corpo ficava à sombra e só se via o rosto. Era a máscara da

Decrepitude, recortada por uma claridade no escuro. O menino olhou bem para ela e disse.

— A senhora não tem o gênero de beleza que me apraz.

E prosseguindo seu caminho, continuou a cantar:

Le roi Coupdesabot
S'en allait à la chasse,
À la chasse aux corbeaux…[4]

No fim desses três versos ele parou. Tinha chegado ao nº 50-52 e, vendo a porta trancada, começou a dar-lhe pontapés estrondosos e heroicos, que mais denunciavam os sapatos de homem que ele calçava do que os pés de criança que ele tinha.

A mesma velha que ele havia encontrado na esquina da rua Petit-Banquier, no entanto, vinha na sua direção, esbravejando, num exagero de gestos incríveis.

— Mas o que é isso… o que é isso? Valha-me Deus! Arrombam a porta… deitam a casa abaixo!

Os pontapés continuavam.

A velha punha os bofes para afora.

— É como se tratam os prédios agora!

De repente parou. Reconhecera o garoto.

— Ai, é aquele diabo!

— Ih, é a velha! — disse o menino. — Boa noite, tia Burgon-mouche. Vim visitar meus *antepassados*.

A velha respondeu com uma careta, admirável improviso do ódio, tirando partido da velhice e da feiura, mas que infelizmente se perdeu na escuridão:

— Não tem ninguém, seu pivete!

— Como assim? — tornou o rapaz. — E o meu pai?

— Na prisão da Force.

— Puxa! E a minha mãe?

— Na de Saint-Lazare.

— Caramba! E as minhas irmãs?

— No abrigo das Madelonnetes.

O garoto coçou atrás da orelha, olhou para a sra. Burgon e disse:

— Ah!

Depois deu uma pirueta e, passado um momento, a velha que ficara junto à porta ouviu-o cantando com a sua voz clara e jovial, caminhando sob os negros olmeiros que estremeciam com o vento do inverno:

Le roi Coupdesabot
S'en allait à la chasse,
À la chasse aux corbeaux.
Monté sur des échasses,
Quand on passait dessous,
On lui payait deux sous.[5]

Notas

1 Literalmente: Que a luz brilhe ou seja refletida / O urso entra em sua caverna. (N.T.)

2 Literalmente: Tenho fome, meu pai,/ Nenhum rango./ Tenho frio, minha mãe./ Nenhum tricô./ Treme,/ Lolotte!/ Choraminga,/ Jacquot! (N.T.)

3 Aproximadamente: Cinco francos! Tinindo! Um monarca! Neste quartinho! Que legal! Você é um bom cara. Tem meu coração. Legal, companheiros! Dois dias de cachaça! E carne da boa! E bem cozida! Vamos comer bem! E da boa miséria! (N.T.)

4 Literalmente: O rei Chutedetamanco/ Foi à caça,/ Caçar corvos... (N.T.)

5 Literalmente: O rei Chutedetamanco/ Foi à caça,/ Caçar corvos/ Com pernas de pau./ Quem passasse por baixo dele,/ Pagava dois soldos. (N.T.)

PARTE QUARTA

IDÍLIO NA RUA PLUMET E EPOPEIA NA RUA SAINT-DENIS (1862)

LIVRO PRIMEIRO

ALGUMAS PÁGINAS DE HISTÓRIA

I

Bem cortado

Os dois anos que se ligam imediatamente à Revolução de Julho, 1831 e 1832, representam um dos momentos mais particulares e surpreendentes da História. Esses dois anos, no meio dos precedentes e dos subsequentes, são como duas montanhas. Têm a grandeza revolucionária. Distinguem-se neles precipícios. As massas sociais, o próprio tribunal da civilização, o grupo sólido dos interesses sobrepostos e aderentes, os perfis seculares da antiga formação francesa neles aparecem e desaparecem a cada instante, através das tempestuosas nuvens dos sistemas, das paixões e das teorias. Esses aparecimentos e desaparecimentos foram chamados resistência e movimento. Intermitentemente se vê luzir neles a verdade, esse sol da alma humana.

Essa notável época é circunscrita e começa a afastar-se muito de nós, sendo preciso então realçar suas linhas principais.

Vamos tentar fazer isso.

A Restauração foi uma fase intermediária difícil de se definir, dessas em que se encontram saturação, boatos, murmúrios, sono, tumulto, coisas que marcam a chegada de uma grande nação a uma etapa da sua história. Essas épocas são singulares e enganam os políticos que procuram explorá-las. De início, a nação quer apenas descansar, sua única sede é de paz, sua única ambição é ser pequena. É a tradução do "estar tranquilo". Grandes acontecimentos, grandes acasos, grandes aventuras, grandes homens, não, obrigado, já se teve demais disso, não se aguenta mais. Troca-se César por Prúsias e Napoleão pelo rei de Yvetot. "Isso sim, era um bom reizinho!" Andou-se desde o amanhecer e chegou-se ao fim de tarde de um longo e difícil dia; o primeiro descanso foi com Mirabeau, o segundo com Robespierre, o terceiro com Bonaparte, chega-se à exaustão. Tudo que se quer é uma cama.

As dedicações cansadas, os heroísmos envelhecidos, as ambições satisfeitas, as fortunas feitas buscam, pedem, imploram e solicitam; o quê? Um abrigo. E têm um.

Tomam posse da paz, da tranquilidade, da diversão — estão contentes. Ao mesmo tempo, porém, surgem certos fatos, apresentam-se e também batem à porta. São fatos que saíram das revoluções e das guerras — eles existem, vivem, têm direito de se estabelecerem na sociedade e se estabelecem. Na maior parte do tempo são como os encarregados da intendência e do acantonamento da tropa, mas que preparam a pousada dos princípios.

Eis então o que aparece aos olhos dos filósofos políticos:

Ao mesmo tempo que os homens fatigados pedem descanso, os fatos consumados exigem garantias. As garantias, para os fatos, são a mesma coisa que o descanso para os homens.

Era o que a Inglaterra pedia aos Stuart, depois do Lorde Protetor; era o que a França pedia aos Bourbon, depois do Império.

Essas garantias são uma necessidade do tempo. Devem ser concedidas. Os príncipes as "outorgam", mas na verdade é a força das coisas que as confirmam. Trata-se de uma verdade profunda, e útil de se saber, que os Stuart não perceberam em 1660 e que os Bourbon não viram, nem mesmo em 1814.

A família predestinada que voltou à França quando Napoleão desabou teve a fatal simplicidade de acreditar ser ela que concedia — e podia então retirar o que havia concedido. Ou seja, a casa de Bourbon tinha direito divino e a França não; o direito político conferido pela Carta de Luís XVIII era uma concessão desse direito divino, que a casa de Bourbon graciosamente emprestava ao povo, até o dia em que aprouvesse ao rei pegá-lo de volta. A casa de Bourbon, pelo desagrado que semelhante concessão lhe causava, devia ter percebido que isso não partira dela.

E a linhagem real foi raivosa no século XIX. Fez cara feia a cada manifestação da nação. Para utilizar uma expressão trivial, isto é, popular, ela engolia sapo e o povo percebeu.

Acreditou ser forte, já que o Império tinha sido afastado da sua frente como um móvel de cena num teatro. Não se deu conta de que, da mesma forma, fora trazida à cena. Não percebeu estar à mercê da mesma mão que havia afastado o imperador.

Acreditou ter raízes, por representar o passado. Enganou-se; fazia parte do passado, mas o passado inteiro era a França. As raízes da sociedade francesa não estavam nos Bourbon e sim na nação. Tais obscuras e vivazes raízes de forma alguma constituem o direito de uma família, são a história de um povo. Encontram-se em todo lugar, exceto sob o trono.

A casa de Bourbon era, para a França, o nó ilustre e sangrento da sua história, mas já não era o elemento principal do seu destino e a base necessária para a sua política. Era possível viver sem os Bourbon; vinte e dois anos se passaram sem eles.

E como eles teriam visto isso, já que imaginavam Luís XVII reinando no 9 Termidor e Luís XVIII no dia de Marengo? Nunca, desde a origem da História, os príncipes foram tão cegos diante dos fatos e da porção de autoridade divina que os fatos contêm e promulgam. Nunca essa pretensão de baixo, chamada direito dos reis, negara a tal ponto o direito de cima.

Erro capital, que levou essa família a questionar as garantias outorgadas em 1814 e a considerá-las "concessões", como ela as qualificava. Que tristeza! O que ela considerava concessões eram as nossas conquistas; o que ela denominava nossas usurpações eram os nossos direitos.

Quando o momento lhe pareceu propício, com a Restauração, imaginando-se vitoriosa sobre Bonaparte e enraizada no país, ou seja, imaginando-se forte e profunda, ela bruscamente tomou partido e arriscou o golpe. Certa manhã, ela se ergueu diante da França e, aumentando o tom de voz, contestou o título coletivo e o título individual: à nação a sua soberania, ao cidadão a sua liberdade. Em outras palavras, negou à nação o que faz dela uma nação e negou ao cidadão o que faz dele um cidadão.

É este o fundo daqueles atos famosos, conhecidos como Ordenanças de Julho.

A Restauração caiu.

E foi justa a queda. No entanto, reconheçamos, ela não foi contra todas as formas de progresso. Grandes coisas se fizeram, com ela ali ao lado.

Sob a Restauração a nação se habituou a discutir na calma — o que faltou sob a República — e se habituou à grandeza na paz — o que faltou ao Império. A França livre e forte foi um espetáculo animador para os outros povos da Europa. A Revolução teve a palavra com Robespierre, o canhão teve a palavra com Bonaparte, e foi com Luís XVIII e Carlos X que veio a vez de a inteligência ter a palavra. O vento parou, a chama voltou a se acender. Viu-se cintilar no alto dos cimos serenos a pura luz do espírito. Espetáculo magnífico, útil e encantador. Por quinze anos, esses grandes princípios trabalharam, em plena paz e em plena praça pública, princípios tão antigos para o pensador, tão novos para o homem de Estado: a igualdade diante da lei, a liberdade da consciência, a liberdade da palavra, a liberdade da imprensa, o acesso de todas as aptidões a todas as funções. Isso durou até 1830. Os Bourbon foram um instrumento de civilização que se partiu nas mãos da Providência.

A queda dos Bourbon foi cheia de grandeza, não por parte deles, mas por parte da nação. Deixaram o trono com gravidade, mas sem autoridade; a descida para o escuro não foi dessas desaparições solenes, que deixam na história sombria comoção; não houve a calma espectral de Carlos I nem o grito de águia de Napoleão. Eles se foram, e nada mais. Deixaram a coroa, sem guardar a auréola. Foram dignos, mas

não augustos. De certa maneira, falharam com relação à majestade da própria desgraça. Carlos X, em sua viagem a Cherbourg, ao mandar cortar uma mesa redonda como mesa quadrada, parecia mais preocupado com a etiqueta em perigo do que com a monarquia que desabava. Esse enfraquecimento entristeceu os seguidores leais, que amavam a sua pessoa, e aqueles, fiéis, que respeitavam a sua linhagem. O povo, por sua parte, foi admirável. A nação, atacada à mão armada, numa manhã, por uma espécie de insurreição real, se sentiu tão forte que não teve raiva. Defendeu-se, controlou-se, repôs as coisas em seu lugar, o governo na lei, os Bourbon no exílio e, infelizmente, parou. Colocou o velho rei Carlos X sob a mesma redoma que já havia abrigado Luís XIV e desceu-o suavemente à terra. Só com tristeza e cuidado tocou em personagens reais. Não foi um homem, não foram alguns homens, foi a França, a França inteira, a França vitoriosa e embriagada com a vitória que parece ter se lembrado e praticado, aos olhos do mundo inteiro, essas graves palavras de Guillaume du Vair, depois do dia das barricadas: "É fácil para os que se acostumaram a aceitar os favores dos poderosos e a saltar como um pássaro de galho em galho, indo de uma fortuna aflita a uma florescente, de se mostrarem atrevidos contra o príncipe na sua adversidade, mas, para mim, a fortuna dos meus reis será sempre venerável, sobretudo a daqueles que se encontram em dificuldade."

Os Bourbon levaram com eles o respeito, mas não a saudade. Como acabamos de dizer, a sua desgraça foi maior do que eles próprios. Eles desapareceram no horizonte.

A Revolução de Julho imediatamente teve amigos e inimigos em todo o mundo. Uns acorreram com entusiasmo e alegria, outros, segundo a sua natureza, se afastaram. Os príncipes da Europa, num primeiro momento, corujas dessa aurora, fecharam os olhos, feridos e surpresos, só abrindo-os para ameaçar. Pavor que se compreende, raiva que se desculpa. Aquela estranha revolução mal chegou a chocar; nem sequer deu, à realeza vencida, a honra de tratá-la como inimiga e derramar o seu sangue. Aos olhos dos governos despóticos, sempre interessados em que a liberdade calunie a si mesma, a Revolução de Julho cometeu o erro de ser formidável e permanecer suave. Nada, aliás, se tentou ou se organizou contra ela. Mesmo os mais descontentes, mais irritados, mais impetuosos a saudaram. Quaisquer que sejam os nossos egoísmos e rancores, um misterioso respeito brota dos acontecimentos nos quais se sente a colaboração de quem trabalha mais acima do homem.

A Revolução de Julho é o triunfo do direito, derrubando o fato. Algo cheio de esplendor.

O direito derrubando o fato. Daí o brilho da Revolução de 1830, daí também a sua mansidão. O direito que triunfa não tem a menor necessidade de ser violento.

O direito é o justo e o verdadeiro.

É próprio do direito permanecer eternamente belo e puro. O fato, mesmo aquele aparentemente mais necessário, mesmo quando bem aceito por seus contemporâneos, se só existir como fato, com muito pouco ou nenhum direito, inevitavelmente está destinado a se tornar, com o tempo, disforme, imundo, talvez inclusive monstruoso. Se quisermos, de uma vez por todas, constatar a que grau de feiura o fato pode chegar, visto à distância dos séculos, basta nos lembrarmos de Maquiavel. Maquiavel de forma alguma é um gênio ruim, um demônio ou um escritor frouxo e miserável; ele é apenas o fato. E não só o fato italiano, é o fato europeu, o fato do século XVI. Ele parece horrível — e é — diante da ideia moral do século XIX.

Essa luta entre o direito e o fato existe desde a origem das sociedades. Terminar o duelo, amalgamar a ideia pura com a realidade humana, fazer penetrar pacificamente o direito no fato e o fato no direito, este é o trabalho dos sábios.

II

Malcosido

Um é o trabalho dos sábios, outro é o trabalho dos habilidosos.

A Revolução de 1830 parou depressa demais.

Assim que uma revolução declina, os "habilidosos" carneiam os seus restos.

No nosso século, esses habilidosos se autodenominaram homens de Estado: tanto que a expressão homens de Estado acabou mais ou menos se tornando uma expressão da gíria. De fato, não se deve esquecer, onde há somente habilidade há necessariamente pequenez. Dizer "os habilidosos" corresponde a dizer "os medíocres".

Assim como dizer "homens de Estado" equivale, às vezes, a dizer "traidores".

Se dermos ouvidos aos habilidosos, revoluções como a Revolução de Julho são artérias seccionadas; exigem imediata ligadura. O direito, proclamado alto demais,

sacode. Uma vez firmado o direito, é preciso reconsolidar o Estado. Garantida a liberdade, deve se pensar no poder.

Nesse ponto, os sábios ainda não se separam dos habilidosos, mas começam a se esquivar. O poder, que seja, mas, em primeiro lugar, o que é o poder? Em segundo lugar, de onde ele vem?

Os habilidosos parecem não ouvir a objeção sussurrada e continuam suas manobras.

Segundo esses políticos, competentes em colocar em ficções proveitosas uma máscara de imperativos, a primeira necessidade de um povo, após uma revolução, quando esse povo faz parte de um continente monárquico, é conseguir uma dinastia. Dessa maneira, eles dizem, pode haver paz depois da revolução, isto é, tempo para curar as feridas e consertar a casa. A dinastia esconde a armação da obra e também o ambulatório.

Mas nem sempre é fácil encontrar uma dinastia.

No fundo, o primeiro que aparecer com algum gênio, ou mesmo mais sortudo, já serve para ser rei. Temos no primeiro caso Bonaparte e no segundo Iturbide.

Mas a primeira família a aparecer não basta para criar uma dinastia. É imprescindível certa antiguidade da estirpe e as rugas dos séculos não se improvisam.

Se nos colocarmos no ponto de vista dos "homens de Estado", sob toda reserva, é claro, depois de uma revolução, quais devem ser as qualidades do novo rei? Ele pode ser — é o ideal — revolucionário, quer dizer, que tenha participado fisicamente dessa revolução, tenha posto a mão na massa, tenha aparecido e se ilustrado, tenha empunhado o machado ou a espada.

Quais as qualidades de uma dinastia? Ela deve ser nacional, ou seja, revolucionária a distância, não por atos cometidos, mas pelas ideias aceitas. Deve ter se composto no passado e ser histórica, se compor de futuro e ser simpática.

Tudo isso explica por que as primeiras revoluções se contentam em encontrar um homem, Cromwell ou Napoleão, e por que as seguintes querem absolutamente encontrar uma família, a casa de Brunswick ou a casa de Orléans.

As casas reais parecem essas figueiras-da-índia, em que cada galho que se curve até o chão cria raiz e se torna uma nova figueira. Cada galho pode se tornar uma dinastia. À condição de se curvar até o povo.

Essa é a teoria dos habilidosos.

Temos então a grande arte: mais ou menos dar a um acontecimento o som de uma catástrofe, para que os que disso se aproveitam tremam também; temperar com o medo um passo que já foi dado; aumentar a curva da transição até diminuir a marcha do progresso; tirar o brilho daquela aurora; denunciar e cortar os rancores

do entusiasmo; cortar as quinas e as unhas; abafar o triunfo e o direito; envolver em flanela o gigante que é o povo e deitá-lo cedo na cama; impor a dieta a esse excesso de saúde; colocar Hércules em tratamento de convalescença; diluir o acontecimento no expediente; oferecer aos espíritos sedentos de ideal essa tisana morna; tomar precauções contra o sucesso exagerado; colocar um quebra-luz na revolução.

1839 praticou essa teoria, já aplicada à Inglaterra em 1688.

1830 foi uma revolução parada no meio da subida. Progresso pela metade, quase direito. Ora, a lógica ignora o mais ou menos, absolutamente como o sol ignora a candeia.

Quem paralisa as revoluções no meio da subida? A burguesia.

Por quê?

Porque a burguesia é o interesse satisfeito. Ontem era apetite, hoje é plenitude, amanhã será saciedade.

O fenômeno de 1814, depois de Napoleão, reproduziu-se em 1830, depois de Carlos X.

Quis-se, erradamente, fazer da burguesia uma classe. A burguesia é simplesmente a porção contente do povo. O burguês é um homem que já tem tempo para se sentar. Uma cadeira não é uma casta.

Por querer se sentar cedo demais, pode se parar o progresso do gênero humano. Foi essa, frequentemente, a culpa da burguesia.

Uma classe não se cria só por uma culpa. O egoísmo não é uma das divisões da ordem social.

Aliás, devemos ser justos até mesmo com relação ao egoísmo, estado a que aspirava, depois da agitação de 1830, essa parte da nação que se chama burguesia. Não era inércia, complicada pela indiferença, pela preguiça e um pouco de vergonha, não era o sono, que pressupõe um esquecimento momentâneo acessível ao sonho; era um *Alto!*, no sentido militar.

Esse *Alto!* tem um duplo sentido singular e quase contraditório: é a tropa em marcha, ou seja, movimento; e é parada, ou seja, repouso.

Alto! é restabelecimento das forças, é repouso armado e desperto, é o fato consumado que estabelece sentinelas e se mantém em guarda. *Alto!* pressupõe o combate de ontem e o combate de amanhã.

É o meio do caminho entre 1830 e 1848.

O que denominamos combate pode também se chamar progresso.

Era necessário à burguesia, como aos homens de Estado, alguém que representasse esse *Alto!*; uma individualidade composta, significando revolução e

também estabilidade; noutros termos, consolidando o presente pela compatibilidade evidente do passado com o futuro.

Este homem estava bem à mão. Chamava-se Luís Filipe de Orléans.

Duzentos e vinte e um deputados tornaram Luís Filipe rei. Lafayette encarregou-se da sagração. Denominou-a a *melhor das repúblicas*. O palácio da prefeitura de Paris substituiu a catedral de Reims.

Essa substituição de um trono completo por um meio trono foi "obra de 1830".

Quando os habilidosos terminaram, o defeito imenso da solução apareceu. Tudo isso se fizera distante do direito absoluto. O direito absoluto gritou: "Protesto!" E depois, coisa assustadora, voltou para a sombra.

III

Luís Filipe

As revoluções têm o braço terrível e a mão certeira; ferem com firmeza e escolhem bem. Mesmo incompletas, mesmo adulteradas e reduzidas ao estado de revolução mais nova, como a de 1830, resta-lhes sempre suficiente lucidez providencial para não cair errado. O seu eclipse nunca é uma abdicação.

Contudo, não nos vangloriemos demais; as revoluções também se iludem, têm-se visto graves enganos.

Voltemos a 1830, que foi feliz na sua anormalidade. No estabelecimento do que se chamou ordem, depois da revolução interrompida, o rei valia mais do que a realeza. Luís Filipe era um homem raro.

Filho de um pai para o qual a História certamente encontrará circunstâncias atenuantes, mas tão digno de estima quanto esse pai fora merecedor de censura; tendo todas as virtudes particulares e muitas virtudes públicas; cuidando da sua saúde, da sua fortuna, da sua pessoa e dos seus negócios; conhecendo o preço de um minuto e nem sempre o de um ano; sóbrio, sereno, pacífico, paciente; bom homem e bom príncipe; dormindo com sua mulher e tendo no palácio criadagem encarregada de mostrar aos burgueses o leito conjugal, ostentação regular de alcova que tinha sua utilidade, desde as exposições ilegítimas da estirpe anterior; sabendo

todas as línguas da Europa e, o que é mais raro, falando a linguagem de todos os interesses; admirável representante da "classe média", mas indo além e, de toda maneira, mostrando-se maior que ela; valorizando o espírito, mas apreciando a linhagem de onde vinha, contando sobretudo com o seu valor intrínseco e, no tocante a isso, se mantendo bem particular, declarando-se Orléans e não Bourbon. Altíssimo príncipe de sangue enquanto Alteza Sereníssima, mas franco-burguês a partir do dia em que se tornou Majestade; comunicativo em público, sucinto na intimidade; sovina assinalado, mas não comprovado; no fundo um desses econômicos facilmente pródigos por capricho ou por dever; letrado e pouco sensível às letras; fidalgo, mas não cavaleiro; simples, calmo, forte; adorado por sua família e por sua corte; sedutor com as palavras, homem de Estado desabusado, interiormente frio, dominado pelo interesse imediato, governando sempre na proximidade, incapaz de rancores e de agradecimentos, usando sem pena as superioridades sobre as mediocridades, habilidoso em apontar erros, pelas maiorias parlamentares, dessas misteriosas unanimidades que surdamente se agitam sob os tronos; expansivo, às vezes imprudente nessa expansão, mas maravilhosamente talentoso nessa imprudência; fértil em expedientes, em expressões, em máscaras; usando a Europa para assustar a França e a França para assustar a Europa; amando incontestavelmente o seu país, mas preferindo a sua família; gostando mais de ter domínio do que autoridade e autoridade mais do que dignidade — disposição que tem esse lado funesto de, buscando sempre o sucesso, admitir a esperteza e não rejeitar por completo a baixeza, mas também esse lado vantajoso de preservar a política dos choques violentos, o Estado das fraturas e a sociedade das catástrofes —; minucioso, correto, vigilante, atento, sagaz, incansável, se contradizendo às vezes e se desmentindo; corajoso contra a Áustria em Ancona, teimoso contra a Inglaterra na Espanha, bombardeando Antuérpia e pagando a Pritchard; cantando com convicção "A Marselhesa"; inacessível ao abatimento, ao desânimo, à contemplação do Belo e do Ideal, às generosidades temerárias, à utopia, à quimera, à raiva, à vaidade, ao medo; dono de todas as formas de intrepidez pessoal; general em Valmy, soldado em Jemmapes; alvo de oito tentativas de regicídio e sempre se saindo com um sorriso; corajoso como um granadeiro, bravo como um pensador; preocupado apenas diante da possibilidade de um abalo europeu e impróprio para grandes aventuras políticas; dispondo-se sempre a arriscar a vida, mas não a sua obra; disfarçando sua vontade como influência, para ser obedecido mais como inteligência do que como rei; dotado de observação e não de adivinhação; pouco interessado no espírito, mas conhecedor dos homens, precisando ver para julgar; bom senso rápido e penetrante, sabedoria prática, discurso fácil, memória prodigiosa, tendo nisso sua

única semelhança com César, Alexandre e Napoleão; sabendo os fatos, os detalhes, as datas, os nomes próprios, ignorando as tendências, as paixões, os gênios diversos da multidão, as aspirações interiores, as revoltas ocultas e obscuras das almas, ou seja, resumindo, tudo que se poderia dizer corrente invisível das consciências; aceito pela superfície, mas pouco concordando com a França de baixo, mas se safando pela fineza; governando muito e reinando pouco; primeiro-ministro de si mesmo; primando em fazer da pequenez das realidades um obstáculo para a imensidão das ideias; aliando a uma verdadeira faculdade criadora de civilização, de ordem e de organização, certo espírito de burocracia e de dificuldade; fundador e procurador de uma dinastia; tendo algo de Carlos Magno e um pouco de advogado. Em suma, vulto elevado e original, príncipe que soube exercer o poder apesar da inquietação da França, e a força apesar da inveja da Europa, Luís Filipe seria colocado entre os homens eminentes do seu século e entre os governantes mais ilustres da História por pouco que prezasse a glória e tivesse o sentimento do que é grande no mesmo grau em que tinha sentimento do que é útil.

Luís Filipe foi belo e, envelhecendo, conservou-se elegante. Nem sempre aceito pela nação, sempre foi pela gente do povo; ele agradava. Tinha o dom do encanto. Nada majestoso, é verdade; não usava a coroa, ainda que rei, nem tinha os cabelos brancos, ainda que velho. As suas maneiras eram do Antigo Regime e os seus hábitos da atualidade: mistura do nobre e do burguês, que convinha a 1830. Luís Filipe era o retrato da transição reinante. Conservara a pronúncia e a ortografia antigas, que ele punha a serviço das opiniões modernas. Amava a Polônia e a Hungria, mas escrevia *les polonois* e pronunciava *les hongrais*. Usava o uniforme da Guarda Nacional, como Carlos X, e o cordão da Legião de Honra, como Napoleão.

Ia pouco à capela, menos ainda à caça e à ópera, nunca. Era inacessível aos sacristães, aos encarregados das matilhas e às dançarinas; isso contava para a sua popularidade burguesa. Não tinha corte. Saía com seu guarda-chuva debaixo do braço, e esse guarda-chuva fez por muito tempo parte da sua auréola. Era um pedreiro amador, assim como jardineiro e médico: podia prestar os primeiros socorros a um postilhão que caísse do cavalo; Luís Filipe não andava sem a sua lanceta, como Henrique III não andava sem o seu punhal. Os monarquistas zombavam desse rei ridículo, o primeiro que derramou sangue para curar.

Nas acusações da História contra Luís Filipe, há um desconto a ser feito. Há quem acuse a realeza, o reinado e o rei, são três somatórios com resultados diferentes. O direito democrático confiscado, o progresso como segundo maior interesse, os protestos de rua violentamente reprimidos, a execução militar das insurreições, o motim passado ao fio das armas, o massacre da rua Transnonain, os

conselhos de guerra, a absorção do país real pelo país legal, o governo associado meio a meio com trezentos mil privilegiados contabilizam-se como fatos da realeza. A Coroa belga recusada, a Argélia conquistada duramente demais e, a exemplo da Índia pelos ingleses, com maior barbarismo do que civilização, a falta de crença em Abd-el-Kader, Blaye, Deutz comprado, Pritchard pago, contabilizam-se como fatos do reinado. A política mais familiar do que nacional é um fato do rei.

Como se vê, feito o desconto, diminui a carga contra o rei.

O seu grande erro foi ser modesto em nome da França.

De onde vem esse erro?

Vamos dizer.

Luís Filipe foi demasiadamente pai; essa incubação de uma família que se quer transformar em dinastia tem medo de tudo e não quer ser incomodada; daí a sua timidez excessiva, incômoda para um povo que tem o 14 de Julho na sua tradição civil e Austerlitz na sua tradição militar.

Senão, se fizermos abstração dos deveres públicos, que exigem satisfação prioritária, essa profunda ternura de Luís Filipe por sua família não era indevida. Tratava-se de um grupo doméstico admirável. Os talentos iam de par com as virtudes. Uma das filhas do rei, Marie d'Orléans, colocou seu nome entre os artistas como Charles d'Orléans havia incluído o seu entre os poetas. Ela fez da sua alma um mármore a que chamou Joana d'Arc. Dois filhos de Luís Filipe arrancaram de Metternich este elogio demagógico: "São rapazes como se veem poucos e príncipes como não se veem."

Sem nada procurar esconder, mas também sem agravar, essa é a verdade sobre Luís Filipe.

Ser o príncipe Igualdade, carregar em si as contradições da Restauração e da Revolução, ter esse lado inquietante do revolucionário que se torna apaziguador no governo foi a fortuna de Luís Filipe em 1830. Jamais houve adaptação tão completa de um homem a um acontecimento. Um penetrou no outro e a encarnação se fez. Luís Filipe é 1830 em forma de homem. Além disso, ele tinha a seu favor essa grande designação do trono, o exílio. Havia sido proscrito, errante, pobre. Viveu do seu trabalho. Na Suíça, esse herdeiro das mais ricas propriedades principescas da França vendeu um cavalo que tinha para comer. Em Reichenau, deu aulas de matemática, enquanto sua irmã Adélaïde fazia bordados e costurava. Tais lembranças, em se tratando de um rei, entusiasmavam a burguesia. Ele demoliu com as próprias mãos a última jaula de ferro do monte Saint-Michel, construída por Luís XI e utilizada por Luís XV. Foi companheiro de Dumouriez e amigo de Lafayette. Pertenceu ao clube dos jacobinos e recebia de Mirabeau tapinhas no ombro.

Danton o chamara "meu jovem". Aos 24 anos, em 1793, como sr. De Chartres, no fundo de uma câmara obscura da Convenção, ele assistiu ao processo de Luís XVI, tão corretamente denominado *esse pobre tirano*. A cega clarividência da revolução, quebrando a realeza no rei e o rei na realeza, sem quase notar o homem no feroz esmagamento da ideia, a vasta tempestade da Assembleia, com a cólera pública interrogando, Capeto sem saber o que responder, a assustadora vacilação surpresa dessa cabeça real sob o sombrio sopro, a inocência relativa de todos nessa catástrofe, tanto daqueles que condenavam quanto de quem era condenado, Luís Filipe viu todas essas coisas, contemplou essas vertigens. Viu os séculos comparecerem ao tribunal da Convenção; viu, atrás de Luís XVI, esse infortunado passante responsável, se erguer nas trevas a formidável acusada, a monarquia. Disso ficou na sua alma o horror respeitoso por essas imensas justiças do povo, quase tão impessoais quanto a justiça de Deus.

Era prodigiosa a marca que a revolução deixou em Luís Filipe. Sua lembrança era como um registro vivo daqueles grandes anos, minuto a minuto. Um dia, diante de uma testemunha da qual é impossível duvidar, ele recitou de memória toda a letra A da lista alfabética da Assembleia Constituinte.

Luís Filipe era um rei do dia claro. Com ele no trono, a imprensa foi livre, a tribuna foi livre, a consciência e a palavra foram livres. As leis de setembro se fizeram sob a claridade. Mesmo conhecendo o poder corrosivo da luz sobre os privilégios, ele deixou seu trono exposto a ela. A História levará em conta essa lealdade.

Luís Filipe, como todos os homens históricos já fora de cena, agora é julgado pela consciência humana. Seu processo se encontra ainda apenas em primeira instância.

A hora em que a História fala com seu tom venerável e livre ainda não soou para ele, não é chegado ainda o momento de pronunciar, sobre esse rei, o julgamento definitivo. O austero e ilustre historiador Louis Blanc inclusive suavizou, recentemente, seu primeiro veredito. Luís Filipe foi eleito por duas incompletudes que se chamam os 221 da Assembleia e 1830, ou seja, um Parlamento incompleto e uma revolução incompleta. Nos dois casos, do ponto de vista superior em que se deve colocar a filosofia, só podemos julgá-lo aqui, como se pôde perceber mais acima, com certas reservas, em nome do princípio democrático absoluto. Aos olhos do absoluto, externamente a esses dois direitos, o direito do homem, em primeiro lugar, o direito do povo, em segundo, tudo é usurpação. Mas o que podemos dizer, desde já, feitas essas reservas, é que, afinal e de qualquer maneira que se considere, Luís Filipe, tomado por si mesmo e considerando a bondade humana, permanecerá,

para nos servirmos da velha linguagem da história antiga, um dos melhores príncipes a ter passado por um trono.

O que pesa contra ele? O trono. Tire de Luís Filipe o rei, resta o homem. E esse homem é bom. Às vezes a ponto de ser admirável. Frequentemente, em meio às mais graves preocupações, depois de um dia de luta contra toda a diplomacia do continente, ele voltava à noite aos seus aposentos e lá, exausto de cansaço, atormentado pelo sono, o que ele fazia? Pegava um dossiê e passava a noite a revisar um processo criminal, achando ser importante enfrentar a Europa, mas mais importante ainda tirar um homem das mãos do carrasco. Ele teimava contra o seu próprio ministro da Justiça, disputava palmo a palmo o terreno da guilhotina com os procuradores-gerais, *esses tagarelas da lei*, como ele os chamava. Às vezes os dossiês empilhados tomavam toda a sua mesa, ele os examinava, era uma aflição pessoal abandonar aquelas miseráveis cabeças condenadas. Um dia, ele comentou com a mesma testemunha que citamos mais acima: *Essa noite, ganhei sete*. Nos primeiros anos do seu reinado, a pena de morte foi quase abolida e o cadafalso se tornou uma violência contra o rei. Tendo desaparecido a praça de execuções da Grève, com a linhagem mais velha, uma praça da Grève burguesa foi instituída, com o nome de barreira Saint-Jacques. Os "homens práticos" sentiram a necessidade de uma guilhotina quase legítima, e foi essa uma das vitórias de Casimir Perier, que representava o lado estreito da burguesia, sobre Luís Filipe, que representava a sua vertente liberal. Luís Filipe tinha anotações pessoais no seu exemplar do manual de Beccaria. Após o atentado da *máquina Fieschi*, ele exclamou: "Pena que não fui ferido, poderia tê-lo agraciado!" Em outra ocasião, fazendo alusão à resistência de seus ministros, ele escreveu, se referindo a um condenado político que é uma das mais generosas figuras do nosso tempo: *Sua graça já concedi, só me falta obtê-la*. Luís Filipe era meigo como Luís IX e bom como Henrique IV.

Para nós, na história em que a bondade é pérola rara, quem foi bom passa quase que à frente de quem foi grande.

Luís Filipe foi severamente apreciado por uns e talvez duramente por outros. É simples então que um homem, também fantasma hoje, mas que o conheceu, venha depor a seu favor diante da História. Trata-se de um depoimento antes de tudo desinteressado. Um epitáfio escrito por um morto é sincero, uma sombra pode consolar outra sombra. Compartilhar as mesmas trevas dá direito ao elogio e há pouco risco de que se diga de dois túmulos no desterro: este adulou aquele.

IV

Fendas nos alicerces

No momento em que o drama que narramos vai entrar no miolo de uma das nuvens trágicas que cobrem o início do reinado de Luís Filipe, para que não houvesse equívoco foram necessárias maiores explicações sobre aquele rei.

Luís Filipe tinha assumido a autoridade real sem violência, sem ação direta da sua parte, por efeito de uma reviravolta revolucionária, evidentemente muito diferente do fim real da Revolução, mas no qual ele, duque de Orléans, não teve a menor participação. Nascera príncipe e julgou-se eleito rei. Não havia procurado esse mandato e não o tomara. Ofereceram-no e ele aceitou, convencido, erradamente, mas convencido de que tal oferta se fazia dentro do direito e que era seu dever aceitá-la. Agiu de boa-fé. Podemos então dizer, em sã consciência: estando Luís Filipe de boa-fé em aceitar, e estando a democracia de boa-fé no seu ataque, o horror produzido pelas lutas sociais não foi por conta do rei nem da democracia. Um choque de princípios se assemelha a um choque dos elementos. O oceano defende a água, o furacão defende o ar; o rei defende a realeza, a democracia defende o povo. O relativo, que é a monarquia, resiste ao absoluto, que é a república, e a sociedade sofre sob o conflito, mas o que hoje se mostra como sofrimento amanhã será a sua salvação. Em todo caso, não há como criticar os que lutam, um dos dois partidos evidentemente se engana. O direito não pode estar, como o Colosso de Rodes, nas duas margens ao mesmo tempo, com um pé na república e outro na realeza. É indivisível e inteiro de um só lado, mas os que se enganam, se enganam com sinceridade: um cego não é culpado, assim como um revoltoso vendeano não é um bandido. Culpemos apenas a fatalidade das coisas por essas colisões tremendas. Mas quaisquer que sejam essas tempestades, nelas a irresponsabilidade humana tem a sua parte.

Terminemos essa exposição.

O governo de 1830 teve, já de início, vida difícil. Nascido ontem, teve de combater hoje. Apenas estabelecido, sentiu vagos movimentos pesarem contra o aparelho de Julho, ainda tão recentemente assentado e tão pouco sólido.

A resistência nasceu no dia seguinte; talvez inclusive tivesse nascido na véspera.

De mês em mês cresceu a hostilidade e, de surda, ela se tornou patente.

A Revolução de Julho, mal aceita fora da França pelos reis, como dissemos, foi

diversamente interpretada na França.

Deus transmite aos homens suas vontades, visíveis nos acontecimentos, texto obscuro, escrito numa língua misteriosa. Os homens fazem imediatamente suas traduções; traduções apressadas, incorretas, cheias de erros, de lacunas e de contrassensos. Poucos espíritos compreendem a linguagem divina. Os mais sagazes, mais calmos, mais profundos, decifram lentamente e, quando apresentam seu texto, as coisas já se fizeram há tempos. Vinte traduções já circulam na praça. De cada tradução nasce um partido, de cada contrassenso uma facção; e cada partido acredita ter o único verdadeiro texto, como cada facção acredita possuir a luz.

Muitas vezes o próprio poder é uma facção.

Há nas revoluções os que nadam contra a corrente: são os velhos partidos.

Para os velhos partidos, que se apegam à hereditariedade por graça de Deus, já que as revoluções saem do direito de revolta, temos direito de revolta contra elas. É um erro. Pois nas revoluções o revoltado não é o povo, é o rei. Revolução é, precisamente, o contrário da revolta. Toda revolução, sendo uma conclusão normal, contém em si sua legitimidade, que falsos revolucionários às vezes desabonam, mas que persiste, mesmo manchada, e sobrevive, mesmo ensanguentada. As revoluções vêm, não de um acidente, mas da necessidade. Uma revolução é uma volta do factício ao real. Ela existe porque precisa existir.

Os velhos partidos legitimistas não deixaram de atacar a Revolução de 1830 com todas as violências que brotam do falso raciocínio. Erros são excelentes projéteis. Acertaram-na com precisão em seus pontos vulneráveis, nas falhas da couraça, na sua falta de lógica. Atacaram essa revolução na sua realeza, perguntando: "Revolução, por que esse rei?" As facções são cegos com boa pontaria.

Essa pergunta os republicanos também faziam. Mas no caso deles o grito tinha lógica. O que era cegueira entre os legitimistas, era clarividência entre os democratas. 1830 foi a bancarrota do povo. Indignada, a democracia criticava por isso a revolução.

Entre o ataque do passado e o ataque do futuro, a consolidação de Julho se debatia. Representava o minuto, em luta, de um lado, contra os séculos monarquistas, e, de outro, contra o direito eterno.

Além disso, externamente, não sendo mais a revolução e se tornando monarquia, 1830 foi obrigado a caminhar com a Europa. Manter a paz sem maiores complicações. A harmonia buscada em contrassenso sai às vezes mais cara do que uma guerra. Desse surdo conflito, sempre amordaçado, mas vivo, nasceu a paz armada, esse ruinoso expediente da civilização, no qual ela mesma não confia. A realeza de Julho dava saltos indóceis, mesmo sem querer, na atrelagem dos gabinetes

diplomáticos europeus. Metternich bem que quis colocá-la no cabresto. Empurrada na França pelo progresso, ela empurrava na Europa as monarquias retardatárias. A reboque, ela rebocava.

Internamente, no entanto, pauperismo, proletariado, salário, educação, penalidade, prostituição, estatuto da mulher, riqueza, miséria, produção, consumo, repartição, comércio, moeda, crédito, direito do capital, direito do trabalho, todas essas questões se multiplicavam acima da sociedade, com terrível peso.

Fora dos partidos políticos propriamente ditos, outro movimento se manifestava. À fermentação democrática respondia a fermentação filosófica. A elite se sentia tão perturbada quanto a multidão. De outra forma, mas igualmente perturbada.

Pensadores meditavam, enquanto no chão, quer dizer, no povo, atravessado pelas correntes revolucionárias, transmitiam-se desconhecidos e vagos tremores epiléticos. Esses idealizadores, uns isolados, outros reunidos em famílias e quase em comunhões, reviravam as questões sociais pacificamente, mas de forma profunda; mineiros impassíveis que tranquilamente avançavam suas galerias nas profundezas de um vulcão, pouco se impressionando com as palpitações surdas e as fornalhas de longe percebidas.

Essa tranquilidade foi um dos belos espetáculos daquela época agitada.

Esses pensadores deixavam aos partidos a questão dos direitos e se preocupavam com a questão da felicidade.

O bem-estar do homem é o que se queria extrair da sociedade.

Levavam as questões materiais, as questões da agricultura, da indústria e do comércio quase ao patamar de uma religião. Numa civilização como esta, criada um pouco por Deus e muito pelo homem, os interesses se combinam, se agregam e se amalgamam de maneira a formar uma verdadeira rocha dura, segundo uma lei dinâmica pacientemente estudada pelos economistas, esses geólogos da política.

Esses homens se agrupavam sob diferentes denominações, mas que se podem designar, mais amplamente, pelo título genérico de socialistas. Eles tratavam de quebrar a rocha dura e de fazer dela brotarem as águas puras da felicidade humana.

Os seus trabalhos abraçavam tudo, desde a questão do cadafalso até a questão da guerra. Ao direito do homem, proclamado pela Revolução Francesa, eles acrescentavam o direito da mulher e da criança.

Não podemos nos surpreender se, por razões diversas, não forem aqui tratadas mais profundamente, do ponto de vista teórico, as questões levantadas pelo socialismo. Vamos nos limitar a simplesmente indicá-las.

Todos os problemas apontados pelos socialistas — uma vez afastadas as visões cosmogônicas, as fantasias e o misticismo — podem ser reduzidos a dois problemas principais.

Primeiro problema:

Produzir riqueza.

Segundo problema:

Reparti-la.

O primeiro problema contém a questão do trabalho.

O segundo, a do salário.

No primeiro problema trata-se do emprego das forças.

No segundo, da distribuição dos prazeres.

Do bom emprego das forças resulta o poder público.

Da boa distribuição dos prazeres resulta a felicidade individual.

Por boa distribuição deve-se entender não a distribuição igual, mas a distribuição equitativa. A primeira igualdade é a equidade.

Das duas coisas — poder público no exterior e felicidade individual no interior — resulta a prosperidade social.

Prosperidade social significa o homem feliz, o cidadão livre, a nação grande.

A Inglaterra resolveu o primeiro desses problemas e criou admiravelmente a riqueza, mas com má repartição. Essa solução, que só é completa por um lado, leva-a fatalmente a esses dois extremos: opulência monstruosa, miséria monstruosa. Todos os prazeres para alguns, todas as privações para outro, isto é, o povo. O privilégio, a exceção, o monopólio, o feudalismo nascem do próprio trabalho. Situação falsa e perigosa, baseada na força pública sobre a miséria privada, enraizando a grandeza do Estado nos sofrimentos do indivíduo. Grandeza mal composta, em que se combinam todos os elementos materiais sem que entre nenhum elemento moral.

O comunismo e a lei agrária julgam resolver o segundo problema. Enganam-se. A repartição que propõem mata a produção. A partilha igual abole a emulação e, por consequência, o trabalho. É uma repartição feita pelo açougueiro, que mata o que divide. É impossível atender a essas pretensas soluções. Matar a riqueza não é dividi-la.

Os dois problemas precisam ser resolvidos em conjunto para serem bem resolvidos. As duas soluções devem ser combinadas, sem se reduzirem a uma só.

Resolver apenas o primeiro problema foi o que fez Veneza e o que faz a Inglaterra. Consegue-se, como Veneza, um poder artificial ou, como a Inglaterra, um poder material; uma má riqueza. O fim virá pela via de fato, como foi o caso de

Veneza, ou pela bancarrota, como será o da Inglaterra. E o mundo deixa que morram e caiam, porque o mundo deixa morrer e cair tudo que é só egoísmo, tudo que não representa, para o gênero humano, uma virtude ou uma ideia.

Deve entender-se aqui por Veneza e Inglaterra a designação não de povos, mas de construções sociais; oligarquias sobrepostas às nações e não as nações em si mesmas. As nações têm sempre o nosso respeito e nossa simpatia. Veneza, povo, renascerá; a Inglaterra, enquanto aristocracia, cairá; mas a Inglaterra, nação, é imortal. Dito isso, prossigamos.

Resolvam-se esses dois problemas, convencendo o rico e protegendo o pobre, suprimindo a miséria, acabando com a exploração injusta do mais fraco pelo mais forte, refreando a inveja iníqua de quem emerge por quem já chegou, ajustando matemática e fraternalmente salário e trabalho, acrescentando ao desenvolvimento da criança o ensino gratuito e obrigatório, tornando a ciência a base da virilidade, desenvolvendo as inteligências e dando ocupação aos braços, e teremos, ao mesmo tempo, um povo forte e uma família de homens felizes. Democratize-se a propriedade, não abolindo-a, mas universalizando-a de maneira a que todo cidadão, sem exceção, seja proprietário — coisa mais simples do que parece — e, concluindo, que se produza riqueza, mas com melhor distribuição, e teremos, juntas, a grandeza material e a grandeza moral. Seremos dignos, nesse momento, de nos chamarmos França.

É como, fora e acima das seitas que se perdiam, pensava o socialismo; é o que ele buscava nos fatos, é o que ele esboçava nos espíritos.

Esforços admiráveis! Tentativas sagradas!

Essas doutrinas, essas teorias, essas resistências, a necessidade inesperada, para o homem de Estado, de contar com filósofos, as confusas evidências percebidas, uma política nova a ser criada, de acordo com o velho mundo e sem desacordo demasiado com o ideal revolucionário, uma situação em que era preciso apelar para Lafayette tentando defender Polignac, a intuição do progresso transparente sob o levante, o equilíbrio das competições, as câmaras e a rua, a crença na revolução — talvez uma eventual resignação, originada na vaga aceitação de um direito definitivo superior —, a vontade de conservação da sua linhagem, seu espírito de família, seu sincero respeito pelo povo, a própria honestidade... tudo isso quase dolorosamente preocupava Luís Filipe e, por instantes, por mais forte e corajoso que ele fosse, o esmagava sob a dificuldade de ser rei.

Ele sentia a seus pés uma desagregação terrível que, no entanto, não era um esfacelamento, com a França sendo mais França do que nunca.

Tremendos agrupamentos de nuvens se formavam no horizonte. Uma estranha sombra pouco a pouco ganhava terreno e encobria os homens, as coisas, as ideias; sombra que vinha dos ódios e dos sistemas. Tudo que havia sido abafado às pressas se movia e fermentava. Às vezes a consciência do fidalgo retomava respiração, de tanto que ele se sentia pouco à vontade naquela atmosfera em que os sofismas se misturavam às verdades. Os espíritos tremiam, na ansiedade social, como as folhas, quando se aproxima a tempestade. A tensão elétrica era tamanha que em certos momentos o primeiro que aparecesse, um desconhecido, iluminava. Depois voltava a cair a obscuridade crepuscular. Intermitentemente, profundos e surdos rumores deixavam que se calculasse a quantidade de raios a fermentar no interior daquelas nuvens.

Mal se passaram vinte meses após a Revolução de Julho e o ano de 1832 teve início, com aspecto de iminente ameaça. A penúria do povo, os trabalhadores sem pão, o último príncipe de Condé desaparecido nas trevas, Bruxelas expulsando os Nassau como a França fez com os Bourbon, a Bélgica oferecendo-se a um príncipe francês e dada a um príncipe inglês, a irritação russa de Nicolau I; do nosso outro lado, duas preocupações na península Ibérica: Fernando na Espanha e Miguel em Portugal, a terra tremendo na Itália, Metternich se apoderando de Bolonha, a França contrariando a Áustria em Ancona, mais ao norte, sinistras marteladas tornando a fechar a Polônia em seu caixão. Na Europa inteira, olhares irritados acompanhavam a França e sua nada confiável aliada Inglaterra — pronta a empurrar quem tropeçar e se lançar sobre quem cai —, com os dois países se abrigando atrás de Beccaria para recusar à lei quatro cabeças. Junto a isso, as flores de lis raspadas da carruagem do rei, a cruz arrancada da catedral de Notre-Dame, Lafayette perdendo força, Laffitte arruinado, Benjamin Constant morto na indigência, Casimir Périer morto no desalento do poder. A doença política e a doença social se declarando simultaneamente nas duas capitais do reino, na cidade do pensamento e na cidade do trabalho: em Paris a guerra civil, em Lyon a guerra servil — nas duas cidades o mesmo clarão de fornalha. Uma agitação de cratera no seio do povo; o sul da França fanatizado, o oeste perturbado, a duquesa de Berry na Vendeia, os complôs, as conspirações, os levantamentos, a cólera, tudo isso se juntando ao sombrio rumor das ideias, o sombrio tumulto dos acontecimentos.

V

Fatos dos quais sai a História e que a História ignora

Pelos fins de abril tudo se agravou. A fermentação se tornava ebulição. Depois de 1830, houve, num ou noutro ponto, tumultos parciais, rapidamente reprimidos, mas que renasciam, sinal de vasta conflagração subjacente. Algo terrível se preparava. Entreviam-se as linhas ainda pouco distintas e mal iluminadas de uma possível revolução. A França observava Paris e Paris observava o bairro de Saint-Antoine. A área do bairro de Saint-Antoine, quando aquecida, logo fervia.

As tabernas da rua de Charonne mostravam-se, ainda que pareça singular a junção desses dois adjetivos, tratando-se de tabernas, solenes e tempestuosas.

O governo era ali pura e simplesmente questionado. Publicamente se discutia *o momento para o levante ou para se manter a calma*. Havia, naquele bairro, fundos de biroscas em que os operários que as frequentavam tinham que jurar ir à rua assim que chamados e "lutar, pouco importando o número dos inimigos". Uma vez prestado o juramento, qualquer um sentado num canto da taberna podia dizer: *Você sabe, você jurou!* Algumas vezes se podia ir a um cômodo isolado, no primeiro andar, onde se passavam cenas quase maçônicas. O neófito fazia o juramento, *para que lhe prestassem ajuda, assim como aos pais de família*. Era a fórmula.

Em salas obscuras liam-se brochuras "subversivas". *Desancava-se o governo,* diz um relatório secreto daquele tempo.

Ouviam-se ali palavras como: "Não sei o nome dos chefes. Só duas horas antes saberemos ser o dia." Um operário observava: "Somos trezentos; dando cada um dez soldos, teremos cento e cinquenta francos para pólvora e balas." Outro dizia: "Não peço seis meses, nem mesmo dois. Antes de quinze dias estaremos em paralelo com o governo. Com vinte e cinco mil homens, podemos nos colocar frente a frente." Dizia ainda outro: "Não durmo, pois passo a noite a fazer cartuchos." De vez em quando apareciam homens vestidos "como burgueses e com roupas caras", "causando tumulto" e parecendo "mandar"; apertavam as mãos dos *mais importantes* e se iam. Nunca ficavam mais de dez minutos. Trocavam-se em voz baixa frases significativas: "A coisa está madura; a medida está cheia." "O zumbido se espalhava por todos que estivessem lá", para usar a expressão de um dos presentes. A exaltação era tal que um dia, numa taberna, um operário reclamou: "Não temos armas!" Um dos seus camaradas respondeu: "Os soldados têm!", parodiando assim, sem saber, a proclamação de Bonaparte ao Exército da Itália. *Quando tinham algo mais sigiloso a*

dizer, não o comunicavam ali, acrescentava um relatório. Não se compreende muito bem o que podiam ainda esconder, depois de dizer o que diziam.

As reuniões eram às vezes periódicas. Em algumas delas nunca compareciam mais de oito ou dez, e sempre os mesmos. Noutras entrava quem quisesse, enchendo-se a casa de tal modo que todos tinham de ficar em pé. Uns achavam-se ali por entusiasmo e paixão, outros *porque ficava a caminho do trabalho.* Como no tempo da Revolução, havia naquelas tabernas mulheres patriotas que beijavam os recém-chegados.

Apareciam também outros fatos expressivos.

Entrava um homem numa taberna, bebia e saía, dizendo: "O que eu devo, a revolução pagará."

Numa taberna da rua de Charonne nomeavam-se agentes revolucionários. A votação se fazia com papeizinhos dentro de bonés.

Alguns operários se reuniam no estabelecimento de um mestre de esgrima na rua de Cotte. Havia ali um troféu com espadas de pau, bengalas, cajados e floretes. Um dia em que os floretes foram desembainhados, um dos operários disse: "Somos vinte e cinco, mas não contam comigo, pois me veem como máquina." Essa máquina foi mais tarde Quénisset.

As coisas ali premeditadas pouco a pouco ganhavam estranha notoriedade. Uma mulher varrendo o degrau da sua porta dizia para outra: "Há muito tempo que trabalham firme fazendo cartuchos." Liam-se em plena rua proclamações dirigidas às guardas nacionais de outras cidades. Uma dessas proclamações era assinada: *Burtot, taberneiro.*

Um dia, à porta de um vendedor de bebidas destiladas do mercado Lenoir, um homem de barba aparada e sotaque italiano subiu numa pedra de marcação e leu em voz alta um escrito diferente, que parecia emanar de um poder oculto. Grupos se formaram em volta dele e aplaudiram. Os trechos que mais empolgavam as pessoas foram assinalados: "(...) Nossas doutrinas esbarram em obstáculos, nossas proclamações são rasgadas, nossos coladores de cartazes são vigiados e presos (...) A queda que houve no algodão converteu várias das nossas 'celebridades de centro' (...) O futuro dos povos se constrói em nossas fileiras obscuras (...) Estes são os nossos termos: ação ou reação, revolução ou contrarrevolução. Pois, na nossa época, não se acredita mais em inércia ou imobilidade. Pelo povo ou contra o povo, essa é a questão. Não há outra (...) No dia em que não lhes servirmos mais, quebrem-nos, mas até lá, ajudem-nos a avançar." Tudo isso em plena luz do dia.

De outros fatos, mais audaciosos ainda, o povo desconfiava, até pela sua própria audácia. Em 4 de abril de 1832, um sujeito subiu na pedra de marcação da esquina

da rua Sainte-Marguerite e gritou: "Sou babouvista!" Mas por baixo de Babeuf o povo sentia o cheiro de Gisquet.

Entre outras coisas, aquele mesmo sujeito disse: "Abaixo a propriedade! A oposição de esquerda é covarde e traidora. Quando quer ter razão, prega a revolução. É democrata para não ser derrotada e monarquista para não combater. Os republicanos só sabem escrever. Desconfiem dos republicanos, cidadãos trabalhadores."

— Cale a boca, cidadão vendido! — gritou um operário.

Isso acabou com o discurso.

Ocorriam, ao mesmo tempo, incidentes misteriosos.

Ao anoitecer, um operário encontrou, próximo do canal, um "sujeito bem-vestido", que lhe perguntou:

— Aonde está indo, cidadão?

— Não tenho a honra de conhecê-lo — respondeu o operário.

— Pois eu o conheço muito bem. — E acrescentou: — Não tenha medo. Sou agente do comitê. Há suspeitas quanto à sua lealdade. Bem sabe que não o perdem de vista, não revele coisa alguma.

Depois apertou a mão do operário e se afastou, dizendo:

— Em breve voltaremos a nos ver.

Atenta, a polícia surpreendia, não só nas tabernas, mas também nas ruas, os mais singulares diálogos:

— Faça com que o recebam o mais depressa possível — dizia um tecelão a um marceneiro.

— Por quê?

— Será preciso dar alguns tiros.

E dois esfarrapados travaram este diálogo, que parecia tirado de uma das muitas *jacqueries*:

— Quem nos governa?

— É o sr. Filipe.

— Que nada, é a burguesia.

Engana-se quem achar que tratamos com menosprezo os sem-terras medievais que foram chamados *jacques*; eles passaram a representar todos os pobres.

Noutra ocasião, passavam dois homens e um comentou com o outro:

— Temos um bom plano de ataque.

De uma conversa particular entre quatro sujeitos acocorados num fosso da barreira do Trône, só se ouviu o seguinte:

— Faremos o possível para que ele não ande mais por Paris.

Quem era esse *ele*? Dúvida ameaçadora.

Os "principais chefes", como se dizia no bairro, se mantinham afastados. Supunha-se que se reuniam, para as suas combinações, numa taberna próxima da ponta Saint-Eustache. Dizia-se que um tal Aug…, chefe da sociedade beneficente dos alfaiates, da rua Mondétour, servia como intermediário central entre os chefes e o bairro de Saint-Antoine. Mesmo assim, nunca se soube bem quem eram esses chefes e nada mais concreto pôs em dúvida a singular altivez dessa resposta, dada mais tarde, por um acusado, na Câmara dos Pares:

— Quem era o seu chefe?

— Não sei se havia, não o conhecia.

Eram apenas palavras, transparentes, mas vagas. Algumas vezes frases no ar, boatos, coisas que se ouviam dizer. Outros indícios se acumulavam.

Um carpinteiro, pregando as tábuas de um tapume em volta de um terreno em que se estava construindo uma casa, na rua Rueilly, achou ali um pedaço de papel, resto de uma carta em que ainda se podiam ler as seguintes linhas:

> (...) É necessário que o comitê tome providências para impedir o recrutamento nas seções, pelas diferentes sociedades (…)
> E em *post-scriptum*:
>
> Soubemos haver cinco ou seis mil espingardas na rua do *Faubourg*-Poissonnière, nº 5, no pátio de um armeiro. A seção não tem armas.

O que chamou a atenção do carpinteiro e o fez mostrar o papel a colegas, foi que um pouco mais adiante achou-se outro papel, também rasgado e mais significativo ainda. Vamos reproduzir esse documento, dado o seu extraordinário interesse histórico:

Q C D E

Decore esta lista. Depois rasgue-a. Os indivíduos admitidos farão o mesmo, assim que lhes transmitir ordens.
Saúde e fraternidade.
L.

u og a[1] fc

As pessoas que tiveram conhecimento desse achado só mais tarde descobriram o sentido misterioso das quatro maiúsculas: *quinturiões, centuriões, decuriões, batedores* e o sentido das letras *u og a[1] fc*, que era uma data, *15 de abril de 1832*. Por baixo de cada maiúscula estavam inscritos nomes seguidos de indicações bem características. Assim: Q. *Banneret.* 8 espingardas, 83 cartuchos. Homem confiável. — C. *Boubière*, 1 pistola, 40 cartuchos. — D. *Rollet*. 1 florete, 1 pistola, 1 libra de pólvora. — E. *Teissier.* 1 sabre, 1 patrona. Exato. — *Terror*. 8 espingardas. Bravo etc.

O mesmo carpinteiro achou ainda, no mesmo terreno, um terceiro papel, no qual estava escrita a lápis, mas muito legível, esta espécie de lista enigmática:

Unidade. Blanchard; árvore-seca. 6.
Barra. Soize. Salle-au-Comte.
Kosciusko. Aubry açougueiro?
J.J.R.
Caius Gracchus.
Direito de revisão. Dufond. Forno.
Queda dos Girondinos. Derbac. Maubuée.
Washington, Pinson. 1 pist., 86 cart.
Marselhesa.
Sober. Do povo. Michel. Quincampoix. Sabre.
Hoche.
Marceau. Platão. Árvore-seca.
Varsóvia. Tilly, vendedor do jornal *Popular*.

O honesto burguês, em cujas mãos foi parar essa lista, acabou sabendo sua significação. Era a nomenclatura completa das seções da quarta divisão da sociedade dos Direitos Humanos, com os nomes e endereços dos chefes. Agora que todos esses fatos deixaram de ter importância e pertencem apenas à História, podem ser publicados. É necessário, porém, acrescentar que a fundação da Sociedade dos Direitos Humanos parece ser posterior à data em que foi achado o papel, que talvez fosse apenas o seu esboço.

No entanto, após conversas, dizeres e indícios escritos, fartos materiais começaram a surgir.

Na rua Popincourt, num bazar, apreenderam, na gaveta de uma cômoda, sete folhas de papel pardo, todas dobradas do mesmo modo. Essas folhas cobriam vinte e seis quadrados do mesmo papel pardo, dobrados em forma de cartucho, e num cartão lia-se o seguinte:

Salitre	12 onças
Enxofre	2 onças
Carvão	2,5 onças
Água	2 onças

O auto da apreensão acrescentava que a gaveta exalava fortíssimo cheiro de pólvora.

Um pedreiro que voltava para casa, no fim do dia de trabalho, esqueceu um pequeno embrulho num banco das proximidades da ponte de Austerlitz. O embrulho foi levado para o corpo da guarda. Dentro, foram encontrados dois diálogos impressos com a assinatura Lahautière, uma cantiga intitulada "Operários, associem-se" e uma caixa de metal, cheia de cartuchos.

Um operário, bebendo com um colega, dizia para ele tocar na sua veste, a fim de sentir como estava molhada de suor, e o outro pôde comprovar a presença de uma pistola.

Num fosso do boulevard, entre o cemitério Père-Lachaise e a barreira do Trône, no ponto mais deserto, crianças que brincavam descobriram, debaixo de um monte de lascas e cascas de legumes, um saco com uma forma para balas, um mandril de madeira para fazer cartuchos, uma gamela com grãos de pólvora de caça e uma panelinha em ferro fundido com evidentes traços de chumbo no interior.

A polícia invadiu sem aviso, às cinco horas da manhã, a casa de um tal Pardon, mais tarde ligado à seção Barricada-Merry e morto na insurreição de abril de 1834. Ele estava de pé, junto da cama, tendo ainda nas mãos os cartuchos que fabricava.

Num horário em que os trabalhadores já deviam estar descansando, dois homens se encontraram entre as barreiras Picpus e Charenton, num estreito caminho de ronda apertado entre dois muros, perto de uma taberna que tem um jogo de xadrez tailandês logo na entrada. Um deles tirou de debaixo da roupa e passou para o outro uma pistola. No momento em que fazia isso, notou que o suor do peito havia

umedecido a pólvora, engatilhou a arma e acrescentou mais pólvora. Em seguida os dois se separaram.

Alguém conhecido como Gallais, que mais tarde morreu na rua Beaubourg nos eventos de abril, se gabava de ter em casa setecentos cartuchos e 24 pederneiras.

O governo, certo dia, foi informado de uma distribuição de armas e de duzentos mil cartuchos nos subúrbios. Na semana seguinte, mais trinta mil cartuchos foram distribuídos. Estranhamente, a polícia não conseguiu confiscar nenhum. Uma carta interceptada dizia: "Não está longe o dia em que, em quatro horas marcadas por relógio, oitenta mil patriotas estarão de armas em punho."

Toda essa atividade era pública e quase tranquila, por assim dizer. A insurreição iminente preparava na calma a sua tempestade, debaixo do nariz do governo. Singularidade nenhuma faltava àquela crise, ainda subterrânea, mas já perceptível. Os burgueses calmamente conversavam com os operários sobre o que se preparava. Perguntavam: "Como vai o motim?" como se perguntassem: "Como vai a mulher?"

Um comerciante de móveis da rua Moreau perguntou:

— E então, quando vão atacar?

Outro lojista dizia:

— Vão agir em breve, tenho certeza. Há um mês, vocês eram quinze mil, agora são vinte e cinco mil.

E ofereceu a espingarda que tinha. Um vizinho propôs, na mesma ocasião, vender sua pistola por sete francos.

A febre revolucionária crescia. Não havia ponto nenhum de Paris ou da França que escapasse dela. Tudo, por toda parte, pulsava. Da Associação dos Amigos do Povo, pública e secreta ao mesmo tempo, nasceu a Sociedade dos Direitos Humanos, que datou assim um dos seus boletins: *Pluvioso, ano 40 da era republicana*, e sobreviveria, apesar de sentenças do tribunal impondo a sua dissolução. Suas seções tinham nomes significativos como:

Piques.
Rebate.
Peça de alarme.
Barrete frígio.
21 de janeiro.
Mendigos.
Vadios.
Para a frente.

Robespierre.
Nível.
Ça ira.

A Sociedade dos Direitos Humanos deu origem à Sociedade da Ação, com os mais impacientes que se desligavam da primeira, querendo correr mais depressa. Outras associações procuravam recrutar nas sociedades originais, cujos participantes se queixavam do assédio. Exemplo disso foi a Sociedade Gaulesa e o Comitê Organizador das Municipalidades. E outras mais, pela *liberdade de imprensa*, pela *liberdade individual*, pela *educação do povo*, *contra os impostos indiretos*. Como também a Sociedade dos Operários Igualitários, que se dividia em três ramos: os igualitários, os comunistas e os reformistas. Em seguida o Exército das Bastilhas, uma espécie de coorte militarmente organizada, com quatro homens comandados por um cabo, dez por um sargento, vinte por um subtenente, quarenta por um tenente; nunca mais do que cinco homens se conheciam. Era uma criação em que a precaução se combinava com a audácia e parecia sob a influência do espírito de Veneza. O comitê central, que era a cabeça, tinha dois braços, a Sociedade da Ação e o Exército das Bastilhas. Uma associação legitimista, os Cavaleiros da Fidelidade, se agitava entre essas tendências republicanas. Era discriminada e repudiada pelas demais.

As sociedades parisienses se ramificavam nas principais cidades. Lyon, Nantes, Lille e Marselha tinham suas Sociedades dos Direitos Humanos, a Carbonária, a Homens Livres. Aix tinha uma sociedade revolucionária chamada Cougourde, da qual já falamos.

Em Paris, o bairro de Saint-Marceau era tão efervescente quanto o bairro de Saint-Antoine, e as escolas igualmente se agitavam. Um café da rua Saint-Hyacinthe e a taberna Sept-Billards, na rua Mathurins-Saint-Jacques, eram lugares de reunião dos estudantes. A sociedade dos Amigos do ABC, filiada aos mutualistas de Angers e à Cougourde de Aix, reunia-se, como já se viu, no Café Musain. Esses mesmos rapazes frequentavam também, como dissemos, um restaurante e cabaré perto da rua Mondétour, chamado Corinto. As reuniões eram secretas. Outras, porém, tão públicas quanto possível. Pode-se fazer ideia dessas ousadias por fragmentos de interrogatório, num dos processos posteriores:

— Onde se dava a reunião?

— Na rua da Paix.

— Na casa de quem?

— Na rua.

— Que seções estavam lá?

— Uma só.

— Qual?

— A seção Manuel.

— Quem era o chefe?

— Eu.

— O senhor é muito moço para ter essa responsabilidade de atacar o governo. De onde recebia instruções?

— Do comitê central.

O Exército estava contaminado, do mesmo modo que a população, como depois os movimentos de Bélfort, de Lunéville e de Épinal provaram. Podia-se contar com os regimentos 52º, 5º, 8º e 37º de infantaria, e com o 20º de caçadores. Na Borgonha e nas cidades do Sul plantava-se a *Árvore da liberdade*, isto é, um mastro com um barrete vermelho no topo.

Era essa a situação.

No bairro de Saint-Antoine, mais que em qualquer outro lugar, como dissemos no início, essa situação parecia se acentuar. Era um ponto sensível.

Aquele velho subúrbio, populoso como um formigueiro, laborioso, corajoso e nervoso como uma colmeia, se mantinha em permanente expectativa e no anseio de uma revolta. Tudo ali se agitava sem que o trabalho nem por isso se interrompesse. Nada pode descrever esse seu aspecto vivo e carregado. Há, nesse bairro, pungentes sofrimentos sob os telhados das mansardas, como também inteligências ardentes e raras. E essas características, sofrimento e inteligências, se tornam perigosas quando os seus extremos se encontram.

O bairro de Saint-Antoine tinha ainda outras causas de preocupação, pois sofria os efeitos das crises comerciais, das quebras, do aumento de impostos e do desemprego, inerentes a todos os grandes abalos políticos. Em tempos de revolução, a miséria é, ao mesmo tempo, causa e efeito. Sua ação a afeta. Aquela população, cheia de orgulhosa virtude, capaz de levar a seu ponto máximo o calor latente, sempre disposta a recorrer às armas, rápida a explodir, irritadiça, profunda, minada, parecia só esperar uma faísca. Sempre que certas fagulhas esvoaçam no horizonte, levadas pelo vento dos acontecimentos, inevitavelmente pensamos no bairro de Saint-Antoine e no temível acaso que colocou nas portas de Paris esse barril de pólvora, saturado de sofrimento e ideias.

As tabernas do bairro de Saint-Antoine, que mais de uma vez apareceram neste esboço que acabam de ler, gozam de notoriedade histórica. Em tempos de

perturbações há nelas maior embriaguez de palavras do que de vinho. Uma espécie de espírito profético e um eflúvio de futuro por ali circula, dilatando os corações e engrandecendo as almas. As tabernas do bairro de Saint-Antoine se parecem com aquelas do monte Aventino, erguidas sobre o antro da Sibila e ligadas a profundos sopros sagrados; tabernas cujas mesas eram quase tripés antigos em que se bebia o que Ênio dizia ser *o vinho sibilino*.

O bairro de Saint-Antoine é um reservatório de povo. O abalo revolucionário produz ali fendas por onde corre a soberania popular. Essa soberania pode exagerar, pode se enganar como qualquer outra, mas, mesmo nesse caso, permanece grande. Pode-se dizer dela como do ciclope cego, Ingens.

Em 1793, de acordo com a ideia que pairava no ar, caso fosse ela boa ou má, ou se calhasse ser dia de fanatismo ou de entusiasmo, partiam do bairro de Saint-Antoine legiões selvagens ou bandos heroicos.

Selvagens. Expliquemo-nos sobre o termo. Aqueles homens ásperos que, nos dias genesíacos do caos revolucionário, esfarrapados, rugindo, ferozes, porretes em punho, lanças em riste, partiam contra o centro de Paris, transtornado, o que queriam? Queriam o fim das opressões, o fim das tiranias, o fim da brutalidade, o trabalho para o homem, a educação para a criança, a simplicidade social para a mulher, a liberdade, a igualdade, a fraternidade, o pão para todos, a ideia para todos, o Éden para todos, progresso. E essa coisa santa, boa e suave, o progresso, eles exigiam impacientes, fora de si, terríveis, seminus, com armas nas mãos e rugidos nas bocas. Eram selvagens, sim; mas selvagens da civilização.

Proclamavam com fúria o direito; queriam, nem que fosse pelo terremoto e pelo horror, levar o gênero humano ao paraíso. Pareciam bárbaros, mas eram salvadores. Reclamavam luz, sob a máscara da noite.

Em comparação com aqueles homens — ferozes é verdade, e assustadores, mas ferozes e assustadores para o bem —, outros homens, sorridentes, com roupas bordadas, douradas, enfeitadas, brilhosas, meias de seda, penachos brancos, luvas amarelas, sapatos envernizados, apoiados numa mesa coberta de veludo, diante de uma lareira de mármore, simplesmente insistem na manutenção e na conservação do passado, da Idade Média, do direito divino, do fanatismo, da ignorância, da escravidão, da pena de morte, da guerra, glorificando a meia-voz e polidamente o sabre, a fogueira e o cadafalso. Caso fôssemos forçados a optar entre os bárbaros da civilização e os civilizados da barbárie, escolheríamos os bárbaros.

Mas, felizmente, há outra escolha possível. Nenhuma queda a prumo é necessária, nem para a frente nem para trás. Nem despotismo nem terrorismo. Queremos o progresso por subida suave.

Deus provê a isto. Suavizar as subidas, é a que se reduz toda a política de Deus.

VI

Enjolras e os seus subordinados

Enjolras, mais ou menos por essa época e na expectativa daquilo que estava prestes a possivelmente acontecer, fez uma espécie de pesquisa misteriosa.

Estavam todos em reunião no Café Musain.

Misturando em suas palavras algumas metáforas enigmáticas, mas significativas, disse Enjolras:

— Convém saber a quantas estamos e com quem podemos contar. Se forem necessários combatentes, é preciso criá-los. Ter com que ferir. Mal não pode fazer. Quantos somos? Nada de deixar isso para amanhã. Os revolucionários devem sempre ser apressados: o progresso não tem tempo a perder. Não se deve confiar no inesperado. Não podemos ser pegos de surpresa. Isso deve ser decidido hoje. Courfeyrac, averigue os politécnicos, que hoje, quarta-feira, é o dia de saída deles. Feully vai falar com os estudantes da Glacière. Combeferre prometeu que iria a Picpus. Tem por lá uma completa e excelente efervescência. Bahorel visitará Estrapade. Prouvaire, os maçons estão menos empolgados: traga notícias da loja da rua de Grenelle-Saint-Honoré. Joly irá à clínica de Dupuytren para ver como estão as coisas na Escola de Medicina. Bossuet dará um pulo até o Palácio da Justiça para consultar os estagiários. Encarrego-me eu da Cougourde.

— Está tudo certo, pelo visto — disse Courfeyrac.

— Ainda não.

— O que falta?

— Algo importantíssimo.

— O quê? — perguntou Combeferre.

— A barreira do Maine — respondeu Enjolras, que ficou por um tempo absorto em reflexões e depois continuou: — Na barreira do Maine há o pessoal que trabalha o mármore e pintores nas oficinas de artistas. É uma gente entusiasmada, mas sujeita a desânimos. Não sei o que vem acontecendo nos últimos tempos. Pensam em outra

coisa, esmorecem. Passam o dia jogando dominó. É na Richefeu que se reúnem. Estão sempre por lá entre o meio-dia e a uma hora. Será preciso soprar aquelas cinzas. Contava com aquele distraído Marius para isso, ele é boa pessoa, mas já não aparece. Preciso de alguém que vá à barreira do Maine; mas não tenho ninguém.

— Aqui estou — ofereceu-se Grantaire.

— Você?

— Eu mesmo!

— Para doutrinar republicanos! Aquecer corações frios em nome dos princípios?

— Por que não?

— Acha que pode servir para alguma coisa?

— Tenho essa vaga ambição — respondeu Grantaire.

— Mas não crê em nada.

— Creio em você.

— Quer mesmo ser útil, Grantaire?

— Como puder. Engraxo suas botas.

— Basta não se meter em nossos negócios. Continue a curtir esse seu absinto.

— Está sendo ingrato, Enjolras.

— Acha que seria capaz de ir à barreira do Maine? Que poderia fazer isso?

— Posso perfeitamente descer a rua de Grés, atravessar a praça Saint-Michel, dobrar na rua Monsieur-le-Prince, tomar a rua Vaugirard, passar diante do convento dos carmelitas, quebrar pela rua de Assas, chegar à rua do Cherche-Midi, deixar para trás o prédio do Conselho de Guerra, galgar a rua Vieilles-Tuilleries, percorrer o boulevard, seguir pela calçada do Maine, ultrapassar a barreira e entrar na Richefeu. Posso muito bem fazer isso. Meus sapatos são perfeitamente capazes.

— Conhece algum daqueles companheiros?

— Pouco, mas nos cumprimentamos cordialmente.

— E o que dirá a eles?

— Ora essa! Falarei de Robespierre, de Danton. Falarei dos princípios.

— Você?!

— E quem mais? Não são justos comigo. Quando entro nas coisas, sou terrível. Já li Prud'homme, conheço o *Contrato social*, sei de cor a Constituição do ano II. "A liberdade do cidadão termina onde a liberdade do outro cidadão começa." Acha que sou algum estúpido? Os direitos do homem, a soberania do povo, caramba, com mil demônios! Acho até que sou meio hebertista. Posso despejar, por seis marcadas num relógio, coisas formidáveis.

— Fala sério — pediu Enjolras.

— Sou feroz — respondeu Grantaire.

Enjolras pensou um pouco e fez o gesto de alguém que acaba de se decidir.

— Grantaire — disse ele gravemente —, concordo com a experiência. Vá à barreira do Maine.

Grantaire morava numa hospedaria próxima do Café Musain. Saiu e voltou cinco minutos depois: tinha ido vestir um colete *à la* Robespierre.

— Vermelho — disse ele entrando e, em seguida, olhando fixamente Enjolras, cochichou: — Fique descansado.

Pôs resolutamente o chapéu na cabeça e saiu.

Quinze minutos depois, a sala interna do Café Musain estava deserta. Todos os Amigos do ABC tinham saído, indo cada um cumprir a sua missão. Enjolras, que reservara para si a Cougourde, foi o último a sair.

O pessoal da Cougourde de Aix, na capital, se reunia, naquele tempo, na planície de Issy, numa das pedreiras abandonadas, tão numerosas naquela área de Paris.

Enquanto caminhava para o ponto de encontro, Enjolras passava a limpo a situação. Era visível a gravidade dos acontecimentos. Quando os fatos, sintomáticos de uma espécie de doença social latente, se movem pesadamente, qualquer complicação os entrava e confunde. É o fenômeno do qual saem desmoronamentos e renascimentos. Enjolras entrevia um levante luminoso sob as abas tenebrosas do futuro. Quem sabe? Talvez fosse o momento. O povo retomando o poder, que belo espetáculo! A revolução voltando a majestosamente retomar a França, dizendo ao mundo: "Amanhã tem mais!" Estava contente. O caldeirão aquecia e ele podia contar, naquele exato momento, com um rastilho de amigos atravessando Paris. Por pensamento, Enjolras compunha uma espécie de cintilação elétrica, produzindo fogo, ao mesmo tempo, por toda parte, com a eloquência filosófica e penetrante de Combeferre, o entusiasmo de Feully, a loquacidade de Courfeyrac, o riso de Bahorel, a melancolia de Jean Prouvaire, a ciência de Joly e os sarcasmos de Bossuet. Todos à obra. Sem a mínima dúvida, o resultado corresponderia ao esforço. Tudo ia bem. Isto o fez pensar em Grantaire e ele disse a si mesmo: "É verdade, a barreira do Maine não me desvia tanto do caminho. E se eu desse um pulo na Richefeu? Vejamos como Grantaire se sai e em que altura está."

Dava uma hora no relógio de Vaugirard quando Enjolras chegou à tabacaria Richefeu. Empurrou a porta, entrou, cruzou os braços, deixando que a porta lhe batesse nas costas, e percorreu com a vista a sala, cheia de mesas, de homens e de fumaça.

No meio de todo aquele nevoeiro ressoava uma voz vivamente cortada por outra. Era Grantaire dialogando com um adversário.

Grantaire estava sentado de frente para o outro, a uma mesa de mármore cinza coberta de grãos de cereal para as apostas e peças de dominó. Dava socos na mesa e eis o que Enjolras ouviu:

— Seis duplo.

— Quatro.

— Seis.

— Ás.

— Agora jogo eu.

— Agora tu.

— Cometi um grande erro.

— Vais bem.

— Quinze.

— Duques.

— Ás.

— Ah! Tens ainda sorte! Dois.

— Ás.

— Nem cinco, nem ás.

— Dominó.

— Com mil demônios.

LIVRO SEGUNDO

ÉPONINE

I

O Campo da Cotovia

Marius assistira ao inesperado desfecho da cilada, em cuja pista ele havia colocado Javert; mas assim que a polícia deixou o cortiço, conduzindo os presos em três fiacres, também ele saiu da casa.

Não eram nem nove horas da noite e foi procurar Courfeyrac, que já não era um fiel morador do Quartier Latin, vivendo agora, "por motivos políticos", na rua Verrerie, numa daquelas áreas em que a insurreição podia facilmente ser deflagrada. Ele disse ao amigo:

— Preciso dormir aqui, esta noite.

Courfeyrac tinha dois colchões na sua cama, tirou um deles, estendeu-o no chão e disse:

— Esteja à vontade.

No outro dia, logo às sete horas da manhã, Marius voltou ao cortiço, pagou o aluguel do quarto e o que mais devia a *mame* Bougon, mandou carregar numa carroça de mão os livros, a cama, a mesa, a cômoda, as duas cadeiras e foi-se, sem dizer para onde, de sorte que quando Javert voltou nessa mesma manhã, para interrogá-lo sobre os acontecimentos da véspera, encontrou apenas *mame* Bougon, que lhe respondeu:

— Mudou-se.

A principal inquilina se convenceu de que Marius tinha alguma cumplicidade com os bandidos presos na noite anterior.

— Quem diria? — ela se espantava, conversando com zeladoras de outros imóveis do lugar. — Um rapaz como aquele, com ares de moça!

Marius havia resolvido sua rápida mudança por duas razões. A primeira era o horror que a casa passou a lhe inspirar, depois de ver, de tão perto e em todo o seu mais repugnante e feroz desenvolvimento, uma feiura social talvez ainda mais chocante que a do mau rico: a do mau pobre. A segunda foi por não querer figurar

no processo que provavelmente se abriria, sendo obrigado a depor contra Thénardier.

Javert considerou que o rapaz, de quem nem mesmo sabia o nome, tivera medo e fugira, ou talvez não estivesse em casa no momento da cilada. Fez ainda alguns esforços para encontrá-lo, mas nada conseguiu.

Passou-se um mês e ainda outro. Marius continuava morando com Courfeyrac. Soube por um advogado estagiário, frequentador dos tribunais, que Thénardier estava incomunicável. Todas as segundas-feiras, então, ele enviava à secretaria da prisão cinco francos para Thénardier.

Já sem dinheiro, Marius pedia os cinco francos emprestados a Courfeyrac. Era a primeira dívida que contraía. Aqueles cinco francos periódicos constituíam um duplo enigma: para Courfeyrac, que os dava, e para Thénardier, que os recebia.

"Para quem está indo isto?", pensava Courfeyrac.

"De onde pode estar vindo esse dinheiro?", perguntava-se Thénardier.

E Marius se sentia, após tantas expectativas, frustrado. Tudo havia de novo caído num buraco. Nada à sua frente; a vida parecia outra vez mergulhada num mistério em que ele caminhava às cegas. Por um momento havia visto muito de perto, naquela obscuridade, a jovem que amava e o velho que parecia ser seu pai; desconhecidos que resumiam tudo aquilo que o interessava no mundo, a sua única esperança. E quando achou tê-los encontrado, eram sombras que um simples sopro do destino levou embora. Centelha nenhuma de certeza e de verdade brotou daquele choque tremendo. Nenhuma conjectura possível. Nem sabia mais o nome que até então achava saber. Com certeza não era mais Ursule. E Cotovia era um apelido. Além disso, o que pensar do velho? Escondia-se da polícia? O operário de cabelos brancos que Marius havia visto perto dos Invalides voltou a ser lembrado. Era possível então que aquele homem e o sr. Leblanc fossem a mesma pessoa. Ele se disfarçava? Parecia ter lados heroicos e lados suspeitos. Por que não pedira socorro? Por que havia fugido? Afinal, era ou não pai da jovem? Seria de fato o indivíduo que Thénardier achou reconhecer? Ou mais um engano? Eram perguntas sem respostas. Nada disso, é verdade, diminuía no que quer que fosse o encanto da moça do jardim de Luxembourg. Ansiedade terrível. Marius tinha uma paixão no peito e a escuridão nos olhos. Era empurrado, puxado e não podia se mover. Tudo desaparecera, exceto o amor. Mas do próprio amor ele perdera os instintos e as súbitas iluminações. Normalmente, essa chama que nos queima também ilumina um pouco e nos traz alguma clareza útil. Marius nem sequer ouvia mais aqueles surdos conselhos da paixão. Nunca pensava: "E se eu fosse lá?", "Se tentasse isso?" Aquela a quem ele não podia mais chamar Ursule tinha, evidentemente, que estar

em algum lugar, mas nada indicava a Marius onde procurar. Sua vida inteira agora se resumia em poucas palavras: uma incerteza absoluta, numa bruma impenetrável. Revê-la, ele tinha ainda essa aspiração, mas não mais a esperança.

Para cúmulo de infelicidade, via-se outra vez próximo da miséria. Sentia já muito perto, logo atrás, o seu bafo gelado. Em meio a tantos tormentos e fazia algum tempo já, ele havia parado o trabalho — e nada é mais perigoso que a descontinuidade no trabalho, a perda de um hábito. É fácil perdê-lo, difícil retomá-lo.

Algum devaneio é bom, como um narcótico em pequena dose. Acalma os estados febris, às vezes duros, da inteligência aplicada e faz surgir no espírito um vapor fluido e fresco que corrige os contornos ásperos demais do pensamento puro, preenche lacunas e intervalos num ou noutro ponto, liga os conjuntos e arredonda o ângulo das ideias. Mas devaneio demais submerge e afoga. Infeliz do trabalhador intelectual que se deixa levar por completo pelo devaneio! Acha que facilmente voltará à tona, dizendo-se que as duas coisas, afinal, são a mesma... É um erro!

O pensamento é o trabalho da inteligência, o devaneio é a sua volúpia. Substituir o pensamento pelo devaneio é confundir um veneno com um alimento.

Lembremos, era como Marius havia começado. A paixão veio se acrescentar e ajudou a precipitá-lo nas quimeras sem objeto e sem fundo. Começara a só sair de casa pelo devaneio. Gestação preguiçosa. Abismo tumultuoso e estagnante. E à medida que o trabalho diminuía, as necessidades cresciam. É uma lei. O indivíduo, em estado sonhador, é naturalmente pródigo e frouxo; o espírito relaxado não consegue manter a vida em sua justeza. Há, nessa maneira de viver, boas coisas misturadas às más, pois a frouxidão é funesta, mas a generosidade é saudável e boa. O pobre generoso e nobre que não trabalha está perdido. As fontes secam, as necessidades surgem.

Declive fatal em que os mais honestos e mais firmes são arrastados, tanto como os mais fracos e depravados, terminando num desses dois buracos: o suicídio ou o crime.

À força de sair de casa apenas para o devaneio, chega um dia em que o indivíduo sai para se jogar no rio.

Foi esse excesso de devaneio que criou os Escousse e os Lebras.

Marius descia o declive lentamente, com os olhos pregados naquela que ele não via. O que acabamos de escrever pode parecer estranho, mas é verdadeiro. A lembrança de uma ausência se acende nas trevas do coração e, quanto mais distante, mais resplandecente. A alma desesperada e obscura vê essa luz ao longe, estrela da noite interior. *Ela* era o único pensamento de Marius. Não pensava em mais nada.

Confusamente percebia que suas vestes do dia a dia se tornavam algo impossível de se usar e que as novas se tornavam velhas. As camisas estavam gastas, o chapéu estava gasto, as botas estavam gastas, ou seja, sua vida se desgastava. E ele apenas dizia: se eu pudesse ao menos revê-la antes de morrer!

Só lhe restava a doce ideia de ter sido amado. O olhar *dela* o havia confirmado. Ela não sabia o seu nome, mas conhecia a sua alma, e talvez, lá onde estivesse, qualquer que fosse esse lugar misterioso, ainda o amasse. Quem sabe se não pensava nele como ele pensava nela?

Às vezes, em horas inexplicáveis, como para todo coração que ama, tendo apenas razões para a dor e descortinando, no entanto, uma obscura ponta de alegria, ele pensava: "São os pensamentos dela que vêm até mim!" Em seguida acrescentava: "Meus pensamentos devem também chegar a ela."

Essa ilusão, da qual ele duvidava no momento seguinte, conseguia, porém, trazer à sua alma raios que eventualmente pareciam ser de esperança. De vez em quando, sobretudo naqueles momentos da tarde que mais entristece os sonhadores, ele transferia para um caderno de papel, exclusivo para isso, o mais puro, mais impessoal, mais ideal dos devaneios com que o amor enchia o seu cérebro. Ele dizia estar "escrevendo para ela".

Não pensem que o seu raciocínio caísse em desordem. Pelo contrário. Ele havia perdido a capacidade para trabalhar e se mover com firmeza até um ponto determinado, mas tinha clarividência e retidão como nunca. Marius enxergava de maneira clara e real, mesmo que singular, o que se passava à sua frente, inclusive os fatos e as pessoas mais indiferentes. Para o que quer que fosse ele tinha a expressão certa, com uma espécie de prostração honesta e cândido desinteresse. Seu juízo, quase independente da esperança, se mantinha alto e sereno.

Nessa situação do espírito, nada lhe escapava, nada o enganava e ele, a cada instante, descobria o fundo da vida, da humanidade e do destino. Feliz, mesmo na aflição, aquele a quem Deus armou com uma alma digna do amor e da desgraça! Quem não viu as coisas deste mundo e do coração dos homens sob essa dupla luz, nada viu de verdadeiro e nada sabe.

A alma que ama e sofre está em estado sublime.

Independentemente disso, os dias se sucediam e nenhuma novidade se apresentava. Ele apenas tinha a impressão de que o espaço sombrio a percorrer se estreitava a cada instante. Acreditava já perceber distintamente a beirada do abismo sem fundo.

— Como?! — repetia ele sem cessar. — Não voltarei a vê-la antes?

Depois de ter subido a rua Saint-Jacques, deixado de lado a barreira e seguido algum tempo, pela esquerda, o antigo boulevard interior, chega-se à rua Santé, depois à Glacière e, um pouco antes do riachinho de Gobelins, encontra-se uma espécie de campo que, na longa e monótona cintura dos boulevards de Paris, é o único lugar em que o pintor Ruisdael ficaria tentado a se sentar.

Essa coisa indefinível que constitui a graça ali se encontra: um campo verde, atravessado por varais esticados em que farrapos secam ao vento, hortaliças e uma chácara antiga, do tempo de Luís XIII, com seu extenso telhado em que se abrem estranhas águas-furtadas, cercas semidestruídas, alguma água entre os salgueiros, mulheres, risos e vozes. No horizonte vê-se o Panthéon, as árvores do Sourds-Muets, o Val-de-Grâce escuro, pesadão, extravagante, engraçado, magnífico e, mais no fundo, o severo cume quadrado das torres de Notre-Dame.

Como esse lugar vale a pena de se ver, lá não vai ninguém. Apenas uma carroça ou outra passa, de quinze em quinze minutos.

Os passeios solitários de Marius acabaram, um dia, levando-o até aquela área, perto daquela água. Nesse dia, por coincidência, surgiu no boulevard uma raridade, um transeunte. Vagamente impressionado com o encanto quase silvestre do lugar, Marius perguntou a esse transeunte:

— Como se chama este lugar?

— É o Campo da Cotovia — disse ele e em seguida acrescentou: — Foi aqui que Urback matou a pastora d'Ivry.

Mas depois de ouvir "cotovia", ele não ouviu mais nada. Há súbitas paralisias no estado sonhador que uma simples palavra pode provocar. O pensamento inteiro bruscamente se condensa em torno de uma ideia e fica incapacitado para qualquer outra percepção. Cotovia era o nome que substituíra Ursule nas profundezas da melancolia de Marius, e ele disse, na espécie de aparvalhamento próprio desses deslumbres misteriosos:

— Então é o campo dela. Saberei, afinal, onde ela mora.

Era absurdo, mas irresistível.

E ele diariamente voltou ao Campo da Cotovia.

II

Formação embrionária dos crimes na incubação das prisões

O triunfo obtido por Javert no cortiço Gorbeau parecia completo, mas não foi.

Em primeiro lugar, e principal preocupação de Javert, o prisioneiro não fora preso. Quem é salvo de ser assassinado e foge se torna mais suspeito que o assassino. Era provável que o personagem, tão preciosa captura para os bandidos, fosse igualmente boa presa para a autoridade.

Além disso, Montparnasse tinha escapado. Seria preciso esperar outra ocasião para pôr as mãos no "janota do diabo". Montparnasse, com efeito, tendo encontrado Éponine de vigia sob as árvores do boulevard, foi embora com ela, preferindo ser o Némorin do vaudeville com a filha do que o bandido Schinderhannes com o pai. Sorte sua. Estava livre. Já Éponine, Javert tinha conseguido "fisgar", o que não chegava a ser um grande consolo. Éponine foi se juntar a Azelma no abrigo das Madelonnettes.

Para terminar, no trajeto do cortiço Gorbeau para a prisão da Force, um dos principais presos, Claquesous, tinha se extraviado. Ninguém sabia como semelhante coisa pôde acontecer; os policiais "não compreendiam", o preso se evaporou, escapou das algemas, esgueirou-se pelas fendas do veículo, que estava rachado, e fugiu. Não se sabia o que dizer, chegando, mas nem sombra de Claquesous. Era coisa de bruxaria — ou obra da polícia. Claquesous tinha se desfeito no escuro como um floco de neve na água! Teria havido conivência dos guardas? Seria um duplo enigma, envolvendo a desordem e a ordem? Concêntrico à infração e à repressão? Uma esfinge com as patas dianteiras no crime e as traseiras na autoridade? Javert não aceitava coisas desse tipo e teria reagido firmemente, mas não era o único inspetor na chefatura, havendo outros, mesmo que eventualmente subordinados a ele, talvez mais iniciados nos segredos da prefeitura, e Claquesous era um bandido de tal espécie que podia ser ótimo agente. Há personagens assim, que atuam dos dois lados. Fosse como fosse, não se encontrou mais Claquesous. Javert ficou mais irritado do que surpreso.

O tal "advogado amalucado que provavelmente teve medo" e de quem Javert esquecera o nome, pouco o interessava. Advogados, aliás, encontram-se por todo lugar. Mas seria apenas um advogado?

A investigação teve início.

A promotoria achou que seria útil não deixar incomunicável um dos integrantes da quadrilha *Patron-Minette*, esperando alguma fanfarronada. O escolhido foi Brujon, o cabeludo da rua Petit-Banquier, encaminhado para o pátio Carlos Magno, sob os olhos dos espias.

Esse nome, Brujon, era uma das recordações da Force. No horrível pátio conhecido como do Prédio Novo, mas que a administração chama-va pátio Saint-Bernard e os ladrões denominavam Cova dos Leões, numa muralha maltratada e corroída que ia até a altura dos telhados, perto de uma velha porta enferrujada que levava à antiga capela do palácio ducal da Force, transformada em dormitório para os presos, doze anos atrás ainda se via uma espécie de bastilha grosseiramente gravada a ponta de prego e abaixo esta assinatura:

Brujon, 1811

O Brujon de 1811 era o pai do Brujon de 1832.

Este último, que mal pudemos acompanhar na cilada no cortiço Gorbeau, era um jovem esperto e destro, parecendo sempre surpreso e chorão. Foi por isso que o procurador achou mais interessante mandá-lo para o pátio Carlos Magno e não para uma cela isolada.

Os ladrões não param de trabalhar só por estarem nas mãos da justiça. Não se paralisam por tão pouco. Estar preso por um crime não impede que se comece outro.

Brujon parecia surpreso com a prisão. Ficava às vezes horas inteiras de pé no pátio Carlos Magno, perto da janela da cantina, contemplando como idiota a sórdida tabela de preços, que começava por *Alho, 62 cêntimos*, e terminava por *Charuto, cinco cêntimos*. Ou então passava o tempo a tremer e a bater os dentes, dizendo estar com febre e perguntando se não teria vaga numa das vinte e oito camas da enfermaria.

De repente, na segunda quinzena de fevereiro de 1832, soube-se que Brujon, que parecia sempre meio adormecido, mandara transmitir por serventes da casa, não em seu nome, mas no de companheiros, três recados diferentes, com um custo, ao todo, de cinquenta soldos, despesa exorbitante que atraiu a atenção das autoridades prisionais.

Investigou-se e, consultada a tarifa dos recados afixada no locutório dos presos, descobriu-se que os cinquenta soldos se decompunham assim: três recados: um ao Panthéon, dez soldos; outro ao Val-de-Grâce, quinze soldos; e outro à barreira de

Grenelle, vinte e cinco soldos. Este era o mais caro da tabela. Ora, o Panthéon, o Val-de-Grâce e a barreira de Grenelle eram precisamente onde viviam três vigaristas muito temidos: Kruideniers, conhecido por Bizarro; Glorioso, forçado liberto; e Barre-Carrosse, sobre os quais, por causa dos recados, se dirigiu o interesse da polícia. Eram prováveis filiados do *Patron-Minette*, do qual dois chefes, Babet e Gueulemer, estavam presos. Imaginou-se que nos recados de Brujon, enviados não a endereços domiciliares, mas a gente que esperava na rua, devia haver combinação de algum golpe tramado. Surgiram outros indícios, os três vigaristas foram pegos e julgou-se estar na trilha da maquinação, qualquer que fosse, de Brujon.

Mais ou menos uma semana depois de tomadas essas providências, certa noite um dos vigias de ronda, que inspecionava o dormitório inferior do Prédio Novo, no momento de deixar a sua castanha na caixa das castanhas — era o meio empregado para garantir que os vigias cumprissem o seu serviço: de hora em hora devia cair uma castanha em todas as caixas pregadas às portas dos dormitórios — esse vigia viu, pela janelinha de vigilância do dormitório, Brujon sentado na cama, escrevendo alguma coisa, quase às escuras. O guarda entrou; Brujon foi metido por um mês em solitária, mas não puderam apanhar o que ele havia escrito. Nada mais se descobriu.

O que é certo é que, no dia seguinte, foi lançado "um correio" do pátio Carlos Magno para a Cova dos Leões, por cima do edifício de cinco andares que separava os dois pátios.

Os presos chamavam "correio" uma bolinha de pão artisticamente amassada e que é mandada à Irlanda, isto é, por cima dos telhados, de um pátio a outro da prisão. Etimologia: por cima da Inglaterra, de uma terra a outra, *na Irlanda*. A bolinha cai no pátio. Quem a apanha abre e encontra um bilhetinho dirigido a algum dos presos desse pátio. Se um preso faz o achado, leva o bilhete ao destinatário; se for um guarda ou um dos presos secretamente vendidos, que nas prisões são chamados carneiros e nas galés raposas, o bilhete é levado à secretaria e entregue à polícia.

Daquela vez o correio chegou ao destino, só que o destinatário estava, naquele momento, em isolamento. Era ninguém menos que Babet, uma das quatro cabeças do *Patron-Minette*.

O correio continha um papel enrolado, no qual não havia mais do que as seguintes palavras:

Babet. Há um negócio a ser feito na rua Plumet. Um jardim com grade.

Era o que Brujon tinha escrito naquela noite.

Apesar das revistas, Babet achou meio de fazer passar o bilhete da Force para a Salpêtrière, até as mãos de uma "amiga" sua, que se achava presa ali. Ela, por sua vez, transmitiu o bilhete a outra conhecida, uma tal Magnon, muito vigiada pela polícia, mas em liberdade. Essa Magnon tinha, com os Thénardier, relações que serão explicadas mais adiante e podia, quando fosse visitar Éponine, servir de ponte entre a Salpêtrière e as Madelonnettes.

Aconteceu que nessa ocasião, justamente, por falta de provas no processo Thénardier que as inculpassem, Éponine e Azelma foram soltas.

Assim que a mais velha saiu, Magnon, que a esperava à porta do abrigo, entregou-lhe o bilhete de Brujon a Babet, encarregando-a de *esclarecer* o negócio.

Éponine foi à rua Plumet, reconheceu a grade e o jardim, observou a casa, espreitou o jardim e, dias depois, levou a Magnon, que morava na rua Clocheperce, um biscoito, que Magnon transmitiu à amante de Babet, na Salpêtrière. Um biscoito, no tenebroso simbolismo das prisões, significa nada a fazer.

De modo que, poucos dias depois, encontrando-se Babet com Brujon no caminho de ronda da Force, um indo prestar depoimento e o outro voltando, perguntou Brujon:

— Então, rua P?

— Biscoito — respondeu Babet.

Assim abortou esse feto de crime, concebido por Brujon, na Force.

Esse aborto, no entanto, teve continuidade, perfeitamente estranha ao plano de Brujon. Logo a acompanharemos.

Muitas vezes, achando amarrar um fio, a gente prende outro.

III

Aparição ao velho Mabeuf

Marius já não ia a casa de pessoa alguma, mas às vezes encontrava por acaso o velho Mabeuf.

Ele descia vagarosamente esses degraus lúgubres que poderiam denominar-se escada dos subterrâneos e que levam a lugares sem luz, dos quais se ouvem, lá em cima, caminharem os felizes, e descia também, pelo seu lado, o sr. Mabeuf.

Flora de Cauteretz deixara de se vender. As experiências com o anil não tinham dado resultado no quintalzinho de Austerlitz, que tinha má exposição ao sol. O sr. Mabeuf só podia ter ali algumas plantas raras, que exigem umidade e sombra. Mas não desanimava. Tinha obtido um cantinho de terra no Jardin des Plantes, bem ensolarado, para ali fazer, *à sua custa*, experiências com o anil. Precisou, para isso, penhorar as lâminas de sua *Flora*. Reduzira seu almoço a dois ovos e ainda deixava um deles para a criada, a quem não pagava salário havia quinze meses. E muitas vezes o almoço era a sua única refeição. Já não tinha mais o antigo riso infantil; tornara-se melancólico e não recebia visitas. Marius fazia bem em não ir mais vê-lo. Às vezes, à hora em que o sr. Mabeuf ia ao Jardin des Plantes, eles se encontravam no Boulevard de l'Hôpital. Não se falavam, apenas se cumprimentavam com um triste aceno. Coisa terrível haver momentos em que a miséria desfaz as ligações. Eram dois amigos e agora apenas dois passantes que se cruzam.

O livreiro Royal morrera. Mabeuf só conhecia os seus livros, o seu quintal e o seu anil; eram as três formas que tinham tomado para ele a felicidade, o prazer e as esperanças. E isso lhe bastava para viver. Ele dizia a si mesmo: "Quando eu conseguir minhas bolotas azuis, vou ficar rico, pegar de volta minhas placas no penhor e porei minha *Flora* em voga com charlatanismo, propaganda e anúncios nos jornais. Vou comprar, sei bem onde, um exemplar do *L'art de naviguer*, de Pierre de Médine, edição de 1559. Enquanto isso não acontecia, ele trabalhava diariamente no seu canteiro de anil e à tarde voltava para casa a fim de regar o quintal e ler os seus livros. O sr. Mabeuf, naquela época, estava muito próximo dos oitenta anos.

Uma tarde teve ele uma singular aparição.

Tinha voltado para casa ainda dia claro. Tia Plutarco, cuja saúde começava a se debilitar, estava doente e deitada. Mabeuf jantara um resto de carne, que achara ainda num osso, um pedaço de pão que estava sobre a mesa da cozinha, e sentara-se depois numa pedra que no quintal lhe servia de banco.

Junto desse banco erguia-se, como nos antigos pomares, uma espécie de grande armário feito com traves e tábuas muito desmanteladas e que era uma coelheira na parte de baixo e uma fruteira na de cima. Não havia coelhos, mas havia ainda algumas maçãs, resto da provisão de inverno.

O sr. Mabeuf folheava e lia, com o auxílio dos óculos, dois livros que o apaixonavam e inclusive, coisa mais grave na sua idade, o preocupavam. A sua

timidez natural tornava-o vulnerável às superstições. O primeiro desses livros era o famoso tratado do presidente de tribunal Delancre, *De l'inconstance des démons*, o outro era o in-quarto de Mutor de la Rubaudière, *Sur les diables de Vauvert et les gobelins de la Bièvre*. Este último livro o interessava ainda mais por seu quintal ser um terreno antigamente mal-assombrado. O crepúsculo começava a branquear o que está no alto e a escurecer o que está embaixo. Enquanto lia, e por cima do livro que estava em suas mãos, o velho Mabeuf considerava as suas plantas e, entre elas, um rododendro magnífico que era um dos seus consolos. Quatro dias de calor, vento e sol, sem uma gota de chuva, acabavam de passar; as hastes se curvavam, os botões se dependuravam, as folhas caíam, era preciso regar tudo isso. O rododendro, mais que todas, estava triste. Mabeuf era desses para os quais as plantas têm alma. O velho tinha trabalhado o dia inteiro no seu terreno de anil, estava morto de cansaço e, mesmo assim, deixou os livros no banco e caminhou, trôpego, até o poço, mas quando agarrou a corrente, não teve força nem para destravá-la. Virou-se e ergueu os olhos aflitos para o céu, que se enchia de estrelas.

O fim de tarde tinha essa serenidade que pesa sobre as dores do homem com não sei qual lúgubre e eterna alegria. A noite prometia ser tão árida quanto fora o dia.

— Estrelas por toda parte! — disse o velho. — Nem a menor nuvem, nem um pingo d'água!

E a cabeça, que ele erguera um momento, caiu sobre o peito. Ele voltou a erguê-la, olhou de novo o céu e murmurou:

— Uma lágrima de orvalho! Um pouco de caridade!

E tentou novamente puxar a corrente do poço, sem conseguir.

Neste momento ouviu uma voz que disse:

— Ó tio Mabeuf, quer que lhe regue o quintal?

Ao mesmo tempo, o ruído de um animal selvagem passou pelo mato e ele viu sair da sebe uma moça muito alta e magra, que se ergueu diante dele, olhando-o sem timidez. Não parecia um ser humano, mas uma forma que acabasse de surgir do crepúsculo.

Antes que Mabeuf, facilmente impressionável e assustadiço, como já dissemos, pudesse dizer qualquer coisa, aquele ser, que no escuro tinha um tipo de estranha brusquidão, soltou a corrente, mergulhou o balde, puxou-o de volta e encheu o regador. O velho admirava aquela aparição, que tinha os pés descalços e a saia em farrapos, percorrer as fileiras plantadas, distribuindo vida a seu redor. O ruído da água caindo encantava a alma do velho. Ele teve a impressão de que agora o rododendro estava feliz.

Despejado o primeiro balde, a moça puxou outro e mais outros. Regou todo o quintal.

Caminhando assim pelas aleias, onde o seu vulto era escuro, agitando com os movimentos dos compridos braços um agasalho todo roto, ela mais parecia um morcego.

Quando terminou, Mabeuf se aproximou dela com lágrimas nos olhos.

— Que Deus a abençoe — disse ele. — Você é um anjo, pois teve pena das flores.

— Que nada, sou o diabo, mas para mim é a mesma coisa — respondeu ela.

Sem esperar e sem nem mesmo ouvir essa resposta, o velho exclamou:

— Que pena eu ser tão desgraçado e tão pobre, nada podendo fazer por você!

— Pode sim, se quiser — disse ela.

— O que é?

— Dizer onde mora o sr. Marius.

O velho não entendeu:

— Qual sr. Marius?

E, erguendo os olhos embaciados, pareceu procurar na memória uma recordação fugitiva.

— Um rapaz que vinha aqui.

O sr. Mabeuf vasculhava a memória.

— Ah, sim!… — exclamou ele. — Já sei de quem fala. Ora, espere! Sr. Marius… o barão Marius Pontmercy! Mora… mas já não mora… Olhe, não sei…

Enquanto dizia isso, ele se curvou para ajeitar uma haste do rododendro e depois continuou:

— Agora me lembro. Ele passa muitas vezes pelo boulevard, indo para o lado da Glacière, rua Croulebarbe. O Campo da Cotovia. Por ali talvez não seja difícil encontrá-lo.

Quando o velho se endireitou, já não tinha ninguém ao lado; a moça desaparecera.

Mabeuf teve medo.

— Realmente — pensou ele —, se o quintal não estivesse bem regado, acharia ter visto um espírito!

Uma hora mais tarde, já deitado, lembrou-se do caso e, adormecendo, disse confusamente:

— Com efeito, isso parece, e muito, com o que la Rubaudière conta dos fantasmas. Terá sido mesmo um fantasma?

IV

Aparição a Marius

Alguns dias após a visita do "espírito" ao velho Mabeuf, certa manhã tinha Marius metido o dinheiro para Thénardier na algibeira e, antes de levá-lo à secretaria da prisão, foi "passear um pouco", esperando que na volta o passeio o fizesse trabalhar. Era, aliás, o que sempre acontecia. Mal acordava, sentava-se diante de um livro e uma folha de papel para alguma tradução. Estava então ocupado em verter para o francês uma célebre disputa entre alemães, a controvérsia entre Gans e Savigny. Ele pegava Gans, pegava Savigny, lia quatro linhas, tentava traduzir uma, não conseguia, via uma estrela entre o papel e ele, se levantava da cadeira e pensava: "Vou dar uma volta, isso vai me animar."

E ia sempre até o Campo da Cotovia.

Lá, o que mais do que nunca aparecia era a estrela e menos do que nunca Savigny e Gans.

Quando voltava, retomava o trabalho, sem também nada conseguir. Impossível reatar qualquer das conexões partidas no seu cérebro. Ele então pensava: "Não vou sair amanhã, isso está me impedindo de trabalhar." Mas continuava a sair diariamente.

Morava mais no Campo da Cotovia do que no alojamento de Courfeyrac. O seu verdadeiro domicílio era o Boulevard de Santé, sétima árvore depois da rua Croulebarbe.

Naquela manhã, ele havia deixado a sétima árvore e fora sentar-se no parapeito do riacho de Gobelins. Um sol alegre atravessava as folhas recém-brotadas e luminosas.

Sonhava com *Ela* e o sonho tornava-se repreensão contra si mesmo. Dolorosamente pensava na preguiça e na paralisia da alma que o dominavam, criando uma noite que se fechava cada vez mais à sua frente, a ponto de não deixá-lo nem mais ver o sol.

Dentro desse difícil fluir de ideias indistintas que sequer formavam um monólogo, de tanto que a ação era pouca à sua frente, sem que ele tivesse força nem mesmo para se lamentar, dentro dessa absorção melancólica, sensações externas ainda chegavam até ele. Podia ouvir mais atrás e abaixo, nas duas beiradas do riacho, as lavadeiras batendo a roupa, e, acima da sua cabeça, passarinhos piando e

cantando nos olmos. De um lado, os ruídos da liberdade, da despreocupação feliz, da brincadeira com asas; do outro, o som do trabalho. Isso o fazia sonhar profundamente e quase refletir, eram dois barulhos felizes.

De repente, no meio desse acabrunhado êxtase, ele ouviu uma voz conhecida dizer:

— Olha! Cá está ele!

Erguendo os olhos, Marius reconheceu a desventurada menina que estivera uma manhã no seu quarto, a filha mais velha dos Thénardier, Éponine — lembrou-se inclusive do nome. Coisa incrível: ela estava mais pobre e mais bonita, dois passos que parecia impossível que pudesse dar. Tinha consumado esse duplo progresso, para a luz e para a penúria. Estava descalça e esfarrapada como no dia em que havia entrado, de maneira tão decidida, no seu quarto, só que os trapos que vestia tinham agora dois meses a mais: os buracos eram maiores, os molambos mais sórdidos.

A mesma voz rouca, a mesma pele crestada, o mesmo olhar livre, desvairado e vacilante. Tinha mais do que antes na expressão um não sei quê de assustado e de lamentável que a prisão sempre acrescenta à miséria.

Viam-se palha e feno nos seus cabelos, mas não como nos de Ofélia, enlouquecida pelo contágio da loucura de Hamlet, e sim por ter dormido em algum palheiro de estábulo.

E com isso tudo era bela. Que astro poderoso, a juventude!

Estava parada diante de Marius com alguma alegria no rosto lívido e algo semelhante a um sorriso.

Ficou por uns segundos como se não conseguisse falar.

— Até que o encontrei! — disse ela. — O velho Mabeuf tinha razão: era aqui neste boulevard! Como tenho procurado! Se soubesse! Olhe, sabe, estive presa quinze dias. Depois me soltaram, porque não acharam nada e por ser ainda menor. Mas como o procurei nessas seis semanas! Já não mora mais lá?

— Não — respondeu Marius.

— Entendo. Por causa da coisa. É chato mesmo. Daí se mudou. Por que está com esse chapéu tão velho? Um rapaz como o senhor deve ter boa roupa. Sabe de uma coisa, sr. Marius? Mabeuf chamou-o barão Marius não sei de quê. Mas o senhor não é barão, não é verdade? Os barões são sempre velhos; vão ao jardim de Luxembourg e ficam na frente do palácio, que é onde bate mais sol. Leem o jornal *Quotidienne*, que custa um soldo. Fui uma vez levar uma carta para um barão que era assim. Tinha mais de cem anos. Mas, diga, onde está morando agora?

Marius não respondeu.

— Que buraco esse na sua camisa! Preciso costurar isso.

Ela continuou, com expressão cada vez mais triste:

— Não ficou contente de me ver?

Marius continuava calado; ela própria também manteve silêncio por um instante e depois exclamou:

— Se eu quiser, bem sei como deixá-lo contente!

— O que é preciso? — perguntou Marius. — O que quer dizer?

— Irra! O senhor antes era mais amigo!

— Vou tentar; o que quer dizer?

A moça mordeu um lábio, parecia hesitar, como que presa a uma espécie de combate interior. Enfim decidiu-se.

— Ora! Que importa! O senhor está triste e quero que esteja alegre. Prometa só que vai rir. Quero vê-lo rir. Pobre sr. Marius! Deve se lembrar que prometeu me dar tudo que eu quisesse…

— Sim, mas fala!

A moça:

— Sei o endereço!

Marius empalideceu. O sangue do corpo inteiro se concentrou no coração.

— Que endereço?

— O que o senhor me pediu!

E acrescentou, como se fizesse um esforço.

— O endereço… o senhor sabe…

— Sei… — balbuciou Marius.

— Da mocinha…

Pronunciando essas palavras, Éponine suspirou profundamente.

Marius saltou do parapeito onde estava sentado e pegou-lhe a mão, desorientado.

— Então diga! Vamos lá! Peça tudo que quiser! Onde ela mora?

— Venha comigo — respondeu a moça. — Não sei bem a rua nem o número; é longe daqui; mas conheço bem a casa, vou levá-lo.

Ela retirou a mão e disse, num tom que teria entristecido um observador, mas que nem mesmo foi notado por Marius.

— Como ficou alegre!

De repente passou uma nuvem pelo rosto de Marius, que segurou a moça pelo braço.

— Jure uma coisa!

— Jurar? — zombou ela. — O que isso quer dizer? Então quer que eu jure?

E riu.

— O seu pai... Prometa, Éponine, jure não contar ao seu pai sobre esse endereço!

A moça voltou-se para ele com um ar estupefato.

— Éponine! Como sabe que me chamo Éponine?

— Prometa o que pedi!

Ela, porém, pareceu não ouvir.

— Que bonito, o senhor dizer Éponine!

Marius pegou os dois braços da moça.

— Responda, preste atenção no que digo; jura não dar o endereço a seu pai?

— Meu pai? — estranhou ela.— Ah! Sim, meu pai! Fique descansado. Está preso. Além disso, pouco me importa meu pai!

— Mas não prometeu! — exclamou Marius.

— Pare de apertar meu braço! — disse ela, soltando uma gargalhada. — Sim, sim, prometo! Juro! O que me custa? Não direi o endereço a meu pai. Satisfeito?

— Nem a pessoa alguma? — insistiu Marius.

— A ninguém!

— Agora — tornou Marius — mostre-me onde é.

— Já?

— Imediatamente.

— Vamos. Como está contente!

Depois de dar alguns passos, ela parou.

— Está muito perto de mim. Deixe-me ir na frente e siga-me como quem não quer nada. Alguém como o senhor não deve caminhar com uma mulher como eu.

Não há língua que possa exprimir quanto havia nesta palavra, mulher, pronunciada daquela maneira por uma criança!

Deu mais uns dez passos e voltou a parar; Marius se aproximou. Éponine falou com ele de lado e sem olhá-lo:

— Aliás, o senhor se lembra de que me prometeu alguma coisa?

Marius meteu a mão no bolso. Tudo que ele possuía neste mundo eram os cinco francos destinados a Thénardier. Pegou-os e meteu-os na mão de Éponine.

Ela abriu os dedos, deixou cair o dinheiro no chão e disse, encarando-o com ar sombrio:

— Não quero o seu dinheiro!

LIVRO TERCEIRO

A CASA DA RUA PLUMET

I

A casa com segredo

Por volta da metade do século passado, um presidente do Parlamento de Paris, que tinha uma amante e a ocultava, porque naquela época os burgueses ocultavam as suas amantes tanto quanto os grandes senhores as mostravam, mandou construir uma "casinha" no bairro de Saint-Germain, na deserta rua de Blomet, hoje chamada rua Plumet, perto do local então denominado Combate dos Animais.

Tratava-se de um pavilhão de um só andar: duas salas à beira da rua, dois quartos no pavimento superior, embaixo uma cozinha, um sótão e tudo precedido de um jardim, fechado por uma grade de ferro dando para a rua. Era quanto quem passasse podia ver, mas atrás do pavilhão havia um pátio e, no fundo dele, um alojamento baixo, de dois cômodos, sobre o porão, podendo, em caso de necessidade, ocultar uma ama e uma criança. Esse alojamento comunicava, ao fundo e por uma porta disfarçada que se abria por um mecanismo secreto, com um comprido corredor pavimentado, estreito, sinuoso, descoberto, fechado por dois altos muros. Esse corredor, oculto com prodigiosa arte e como perdido entre as cercaduras dos jardins e de plantações das quais ele acompanhava todos os ângulos e desvios, ia terminar noutra porta igualmente protegida por segredo, que se abria a um quarto de légua dali, na extremidade sempre deserta da rua de Babylone.

Era por onde o presidente entrava. Se porventura o espionassem, observando que ele todo dia ia misteriosamente a algum lugar, não veriam que ir à rua de Babylone era ir à rua Blomet. Graças a hábeis compras de terrenos, o engenhoso magistrado pôde executar aquele trabalho de viação secreta em sua casa, em terreno que lhe pertencia e sem maiores controles. Mais tarde ele vendeu, em pequenos lotes, para quintais e hortas, os terrenos que ficavam dos dois lados do corredor; e os proprietários desses terrenos julgavam ter diante deles um muro divisório, sem suspeitar da existência da comprida fita de calçada que serpenteava entre os dois muros por meio das suas latadas e de seus pomares. Só os pássaros viam aquela

curiosidade. É provável que as toutinegras e os melharucos do século passado comentassem muito todo aquele procedimento do senhor presidente.

O pavilhão, construído em pedra no gosto Mansard, com lambris e móveis no gosto Watteau, estilo rocalha no interior, estilo antiquado no exterior, murado de tríplice sebe de flores, parecia ao mesmo tempo discreto, garrido e solene, como cabe a um capricho do amor e da magistratura.

Essa casa e esse corredor, que hoje não existem, existiam ainda há uns quinze anos. Em 1793, um caldeireiro havia comprado a casa para demolir, mas, não tendo podido pagá-la, foi declarado pela nação em estado de falência. Foi então a casa quem demoliu o caldeireiro. Depois ficou desabitada e foi se arruinando aos poucos, como toda habitação a que a presença do homem não comunica vida. Continuava com seus antigos móveis e as dez ou doze pessoas que passam por ano pela rua Plumet eram avisadas, por um cartaz amarelado e ilegível, pendurado na porta do jardim desde 1810, que estava à venda ou podia ser alugada.

Pelo fim da Restauração, aquelas mesmas pessoas que por ali passavam puderam notar que desaparecera o cartaz e que as janelas do primeiro andar se achavam abertas. A casa estava ocupada e as janelas tinham cortininhas, sinal de alguma presença feminina.

No mês de outubro de 1829, um homem de certa idade alugara a casa tal como estava, compreendendo, é claro, o alojamento dos fundos e o corredor que terminava na rua de Babylone. Mandou reparar os mecanismos de segredo das duas portas. A casa, como acabamos de dizer, estava ainda quase completamente mobiliada como o presidente a deixara. O novo inquilino colocou num e noutro ponto coisas que faltavam, mandou consertar a calçada do pátio, mandou pôr tijolos que faltavam, degraus nas escadas, tábuas nos soalhos, vidros nas janelas e, enfim, foi ali residir com uma menina e uma criada velha, sem fazer barulho, mais como alguém que se esconde do que como quem entra na própria casa. Os vizinhos nada comentaram, pela simples razão de não haver vizinhos.

O inquilino de pouca bagagem era Jean Valjean e a menina era Cosette. A criada se chamava Toussaint, que Jean Valjean salvara do hospital e da miséria. Era velha, provinciana e gaga, três qualidades que tinham determinado Jean Valjean a tomá-la a seu serviço. Havia alugado a casa com o nome de Fauchelevent, declarando viver de rendas. Por tudo que foi dito, o leitor provavelmente levou menos tempo que Thénardier para reconhecer Jean Valjean.

Por que teria ele deixado o convento do Petit-Picpus? O que se tinha passado?

Nada.

Como devem lembrar, Jean Valjean vivia satisfeito no convento, tão satisfeito que acabou se preocupando. Via Cosette diariamente, sentia nascer e se desenvolver a paternidade, cada vez mais forte. Comovia-se admirando a alma daquela criança, que era sua e coisa alguma poderia tirar dele. E isso assim seria para sempre, ela decerto se tornaria freira e, com isso, o convento se tornava, tanto para ele como para ela, o universo: ele ali envelheceria, ela cresceria e depois também envelheceria e ele morreria. Enfim, maravilhosa esperança, nada mais poderia separá-los! Pensando nisso, vieram algumas dúvidas. Ele se perguntava se toda aquela felicidade era sua, se não era a felicidade do outro, se não estava confiscando a felicidade daquela criança, apoderando-se disso ele, um velho. Não seria isso um roubo?

Dizia consigo que aquela criança tinha direito de conhecer a vida antes de renunciar a ela; tirar-lhe antecipadamente, e de certo modo sem consultá-la, todas as alegrias, aproveitar sua ignorância e seu isolamento, fazendo germinar uma vocação artificial, era desnaturar uma criatura humana e mentir a Deus. E quem sabe se Cosette não o odiaria um dia, descobrindo isto tudo e vendo-se religiosa contra a vontade? Era um último detalhe, quase egoísta, mas insuportável. Foi como ele resolveu deixar o convento.

Resolveu isso desolado, mas reconheceu ser preciso. Quanto às objeções, não as havia. Cinco anos anônimo entre aqueles quatro muros tinham necessariamente destruído todos os elementos de receio. Podia voltar ao meio dos homens tranquilamente. Tinha envelhecido e tudo havia mudado. Quem ainda o reconheceria? E depois, a julgar pelo pior, não havia perigo senão para ele e não tinha o direito de condenar Cosette ao claustro, só por ter sido condenado às galés. Além disso, o que é o perigo diante do dever? Nada, afinal, o impedia de ser prudente e precavido.

Quanto à educação de Cosette, estava quase terminada e completa.

Uma vez firme na sua resolução esperou a ocasião, que não tardou a apresentar-se. O velho Fauchelevent morreu.

Jean Valjean pediu audiência à madre prioresa e, alegando uma pequena herança recebida pela morte de um irmão, tinha como acabar a vida sem precisar trabalhar e deixava o serviço do convento. Levava com ele a filha, mas não achava justo que Cosette houvesse sido educada gratuitamente, já que não faria seus votos solenes e humildemente pediu consentimento para oferecer à comunidade, como indenização dos cinco anos que Cosette ali passara, uma soma de cinco mil francos.

Foi assim que Jean Valjean deixou o Convento da Adoração Perpétua.

Indo embora, carregou ele mesmo, debaixo do braço, a maleta da qual tinha sempre a chave. Essa maleta intrigava Cosette, por causa do cheiro balsâmico que

dela saía.

Digamos desde já se tratar de um objeto que ele nunca largou. Tinha-o sempre no quarto. Era a primeira e algumas vezes a única coisa que levava consigo, quando mudava de residência. Cosette ria e a apelidara a *inseparável*, dizendo ter até ciúmes.

Foi, aliás, com grande ansiedade que Jean Valjean voltou ao ar livre.

Descobriu a casa da rua Plumet e meteu-se nela. Apropriara-se também do nome Ultime Fauchelevent.

Ao mesmo tempo alugou dois apartamentos em Paris, a fim de atrair menos a atenção do que se permanecesse sempre no mesmo lugar, podendo se ausentar, se necessário, à menor preocupação e, enfim, para não estar desprevenido, como na noite em que tão milagrosamente escapou de Javert. Os dois apartamentos eram muito simples e de pobre aparência, em dois bairros afastados um do outro, um na rua de l'Ouest e outro na rua do Homme-Armé.

De tempos em tempos ia com Cosette passar um mês ou seis semanas, ora na rua de l'Ouest, ora na rua do Homme-Armé, mas sem levar Toussaint. Naquelas casas era servido pelos porteiros e apresentava-se como alguém que vivia de rendas e vinha passar algum tempo na cidade. O bom homem tinha três domicílios em Paris para poder escapar da polícia.

II

Jean Valjean, Guarda Nacional

No final das contas, Jean Valjean vivia sobretudo na rua Plumet, onde tinha organizado a existência do seguinte modo:

Cosette, com a criada, ocupava o pavilhão. Ficava com o grande quarto de dormir, que tinha o vão entre as janelas pintado, o budoar com ornamentos dourados, a sala de estar do presidente, suas tapeçarias e amplas poltronas, e o jardim. Jean Valjean mandara pôr no quarto de Cosette um leito de dossel em antigo damasco de três cores, um bonito tapete persa comprado na rua Figuier-Saint-Paul, na casa Gaucher e, para amenizar a sisudez dessas magníficas velharias, ele acrescentou a toda essa miscelânea pequenos móveis femininos, alegres e

graciosos: uma estante, prateleiras com livros dourados, escrivaninha, mata-borrão, mesa de costura incrustada com madrepérola, *nécessaire* de cobre e toalete em porcelana do Japão. Compridas cortinas também em damasco com fundo vermelho e três cores, como a cama, cobriam as janelas do primeiro andar. No térreo, cortinas grossas de tapeçaria. No inverno, todo o pavilhão de Cosette era aquecido de alto a baixo. Jean Valjean ocupava um quarto que havia no pátio dos fundos, com um colchão sobre um estrado, uma mesa de pinho, duas cadeiras de palhinha, uma bilha de barro, alguns livros numa prateleira e, num canto, a tal inseparável maleta. Nunca se acendia fogo. Jantava com Cosette, mas na mesa havia sempre um pão preto para ele. Assim que Toussaint começou a trabalhar na casa, ele explicou:

— A senhorita é quem dá as ordens.

— E o senhor?

— Sou mais do que isso, sou o pai.

Cosette, que no convento fora iniciada na supervisão de uma casa, administrava as despesas, que eram bem modestas. Jean Valjean diariamente dava o braço à filha e saíam para passear. Iam ao Luxembourg, àquela mesma aleia menos frequentada, e todos os domingos à missa, ainda em Saint-Jacques-du-Haut-Pas, porque bem distante. Como era um bairro muito pobre, ele distribuía esmolas. Na igreja, estava sempre rodeado de infelizes, o que lhe valera o epíteto dos Thénardier: o senhor generoso da igreja Saint-Jacques-du-Haut-Pas.

Muitas vezes levava Cosette para visitar os pobres enfermos. Na casa da rua Plumet não entrava um só estranho. Toussaint ia fazer as compras e a água era o próprio Jean Valjean quem ia buscar numa fonte próxima, no boulevard. O vinho e a lenha eram guardados numa concavidade meio subterrânea aberta na rocha, perto da rua de Babylone, e que noutra época servira de gruta ao senhor presidente, pois no tempo das festas das *Folies* e das *Petites-Maisons*, não havia amor sem gruta.

Na porta que dava para a rua de Babylone havia uma caixa dessas destinadas à recepção de cartas e jornais; mas os três habitantes do pavilhão da rua Plumet não recebiam nem cartas nem jornais e toda a utilidade da caixa, noutro tempo intermediária dos amores e confidências de um parlamentar togado e namorador, limitava-se a receber os avisos do coletor de impostos e os bilhetes da Guarda. Pois o sr. Fauchelevent, que vivia de rendimentos, era da Guarda Nacional: não pudera escapar das estreitas malhas do recenseamento de 1831. As informações municipais daquela época tinham chegado até o convento do Petit-Picpus, de onde Jean Valjean saíra venerável aos olhos da administração do bairro, e por conseguinte digno de fazer parte da Guarda.

Três ou quatro vezes ao ano Jean Valjean vestia o fardamento e cumpria o seu turno; coisa, no fim de tudo, que fazia de boa vontade: era para ele um disfarce correto, que o misturava com toda a gente, preservando sua solidão. Ele acabava de completar sessenta anos, idade de isenção legal, mas não parecia ter mais de cinquenta. Além disso, não tinha a menor vontade de escapar do seu primeiro-sargento nem de questionar o conde de Lobau. Não tinha estado civil, usava nome falso, identificação falsa, idade falsa, ocultava tudo e, como dissemos, era um guarda nacional de boa vontade. Confundir-se com qualquer contribuinte que paga seus impostos era a que se reduzia toda a sua ambição. Aquele homem tinha como ideal por dentro o anjo, por fora o burguês.

Notemos um pormenor: quando Jean Valjean saía com Cosette, vestia-se, como se viu, com a aparência de um oficial reformado. Quando saía só, ordinariamente à noite, usava sempre uma veste e uma calça de operário, tendo na cabeça um boné que lhe ocultava o rosto. Seria precaução ou humildade? Eram ambas as coisas. Cosette estava habituada ao lado enigmático do seu destino e mal reparava nas singularidades do pai. Quanto a Toussaint, ela venerava Jean Valjean e achava bom tudo que ele fazia. Um dia, o açougueiro aonde ia comprar a carne e o tinha visto, disse a ela:

— É um sujeito estranho.

E ela respondeu:

— É um santo.

Nem Jean Valjean nem Cosette nem Toussaint entravam ou saíam sem ser pela porta da rua de Babylone. Quem não os percebesse pela grade do jardim não adivinharia que moravam na rua Plumet. A grade estava sempre fechada e Jean Valjean mantinha o jardim inculto, para não chamar atenção.

Nisto enganava-se, talvez.

III

Foliis ac frondibus

O jardim, deixado ao abandono há mais de meio século, tornara-se extraordinário e encantador. As pessoas que por ali há quarenta anos passavam, paravam para admirá-lo, sem suspeitar dos segredos que se escondiam por trás da espessa folhagem fresca e viçosa. Mais de um sonhador daquela época deixou algumas vezes os olhos e o pensamento indiscretamente atravessarem as barras da antiga grade fechada a cadeado, torta, mambembe, fixada em dois pilares esverdeados e mofados, estranhamente encimados por um frontão com arabescos indecifráveis.

Havia num canto um banco de pedra, uma ou duas estátuas cobertas de musgo, alguns pedaços de cerca soltos pelo tempo, apodrecendo no muro, e traço nenhum de caminho ou de gramado. Mato por toda parte. A jardinagem fora-se e voltara a natureza. Abundavam ervas daninhas, o que é uma aventura admirável para tal pedacinho de terra. Os goiveiros faziam esplêndida festa. Nada naquele jardim contrariava o esforço sagrado das coisas em direção à vida; o venerável crescimento ali se sentia em casa. As árvores se abaixaram até o capim, o capim se alçara até as árvores, a planta trepou, o galho cedeu, o que se arrasta no chão encontrou o que se solta no ar, o que flutua ao vento se inclinou até o que vegeta; troncos, ramagens, folhas, fibras, moitas, gavinhas, sarmentos, espinhos se misturaram, atravessados, acasalados, confundidos. A vegetação, num abraço estreito e profundo, celebrou e cumpriu ali, sob o olhar satisfeito do Criador, naquele terreno de pouco mais de cento e cinquenta metros quadrados, o santo mistério da sua fraternidade, símbolo da fraternidade humana. Aquele jardim já não era jardim, era uma moita colossal; isto é, algo impenetrável como uma floresta, povoado como uma cidade, trepidante como um ninho, sombrio como uma catedral, cheiroso como um ramalhete, solitário como um túmulo, intenso como uma multidão.

Na primavera, aquela enorme moita, livre por trás da grade e de quatro muros, entrava em cio, no surdo trabalho da germinação universal, estremecendo ao sol levante quase como um animal que recebe as emanações do amor cósmico e sente a seiva de abril subir e ferver nas suas veias. Sacudindo ao vento sua prodigiosa cabeleira verde, semeando na terra úmida, nas estátuas corroídas, na entrada pendente do pavilhão e até na pavimentação da rua deserta, flores consteladas, orvalho perolado, fecundidade, beleza, vida, alegria, perfumes. Ao meio-dia, mil borboletas brancas ali se refugiavam; era um espetáculo divino ver voltear em flocos, na sombra, aquela neve florescente do verão. Ali, naquelas alegres trevas de verdura, uma multidão de vozes inocentes suavemente falava à alma, e aquilo que os passarinhos tinham se esquecido de dizer, os insetos completavam. No fim do dia, um vapor de sonho se desprendia do jardim e o envolvia; uma mortalha de bruma,

uma tristeza celeste e calma o cobriam. O perfume embriagador das madressilvas e das campainhas se espalhava por todo canto como um veneno requintado e sutil. Ouviam-se os últimos pios de alguns passarinhos retardatários a se aninharem na ramagem, deixando-nos sentir essa intimidade entre o pássaro e a árvore: à luz do dia as asas alegram as folhas, à noite as folhas protegem as asas.

No inverno a moita era negra, encrespada, tremia de frio e deixava que se visse um pouco a casa. Percebiam-se, em vez de flores nos ramos e orvalho nas flores, as compridas fitas de prata das lagartas, no frio e espesso tapete das folhas amareladas. De um jeito ou de outro, porém, sob todo aspecto, em qualquer estação do ano, primavera, inverno, verão, outono, aquela pequena área transpirava melancolia, contemplação, liberdade, solidão, ausência do homem, presença de Deus. A vetusta grade enferrujada parecia dizer: este jardim é meu.

A pavimentação de Paris podia perfeitamente estar ali em volta, as esplêndidas e clássicas residências da rua de Varennes a dois passos, a cúpula dos Invalides bem próxima, a Câmara dos Deputados não distante. Os carros luxuosos da rua de Bourgogne e da rua Saint-Dominique podiam perfeitamente percorrer no seu fausto a vizinhança, os ônibus amarelos, marrons, brancos e vermelhos podiam perfeitamente atravessar o cruzamento perto dali, mantinha-se o deserto da rua Plumet. A morte dos antigos moradores, uma revolução, a ruína de antigas fortunas, a ausência, o esquecimento, quarenta anos de abandono e de viuvez bastaram para trazer de volta àquele lugar privilegiado fetos, pteridófitas, cicutas, milefólios, ervas altas, plantas grandes e estampadas com amplas folhas verde-claras, lagartos, escaravelhos, insetos inquietos e rápidos para extrair das profundezas da terra e ressurgir entre aqueles quatro muros não sei qual grandeza selvagem e persistente. E isso para que a natureza, que sacode os arranjos mesquinhos do homem e sempre se espalha inteira por onde pode se espalhar, tanto na formiga quanto na águia, desabrochasse exuberante num infeliz jardinzinho parisiense com tanta rudeza e esplendor quanto uma floresta virgem do Novo Mundo.

De fato, nada é pequeno e sabe disso quem quer que se sujeite às penetrações profundas da natureza. Apesar de não ser dada satisfação nenhuma à filosofia, circunscrevendo a causa ou limitando o efeito, o observador contemplativo cai em êxtases infindáveis, levado por todas essas decomposições de forças chegando à unidade. Tudo trabalha em tudo.

A álgebra se aplica às nuvens, a irradiação do sol é proveitosa à rosa, pensador nenhum se atreveria a dizer que o perfume do espinheiro seja inútil às constelações. Quem pode calcular a trajetória de uma molécula? Como saber se a criação de mundos não é determinada pela queda de grãos de areia? Quem conhece os fluxos e

refluxos recíprocos do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, a repercussão das causas nos abismos do ser e as avalanches da criação? Um ácaro tem importância; o pequeno é grande, o grande é pequeno; tudo está em equilíbrio na necessidade. É uma assustadora visão para o espírito. Entre os seres e as coisas há relações de prodígio. Nesse inesgotável conjunto, do sol ao pulgão, nada se pode desprezar, temos todos necessidade uns dos outros. A luz não carrega para o céu os perfumes terrestres sem saber o que fazer com eles; a noite faz distribuições de essência estelar às flores adormecidas. Todos os pássaros que voam têm na pata o fio do infinito. A germinação se complica com a eclosão de um meteoro e com a bicada da andorinha partindo o ovo, atuando no nascimento de uma minhoca e no advento de Sócrates. Onde acaba o telescópio, o microscópio começa. Qual dos dois tem visão mais extensa? Escolham. Um musgo é uma plêiade de flores, uma nebulosa é um formigueiro de estrelas. Mesma promiscuidade, e mais incrível ainda, entre as coisas da inteligência e os fatos da substância. Os elementos e os princípios se misturam, se combinam, se acasalam, se multiplicam uns pelos outros, a ponto de fazer chegarem, o mundo material e o mundo moral, à mesma claridade. O fenômeno está em perpétuo dobrar sobre si mesmo. Nos vastos intercâmbios cósmicos, a vida universal vai e vem em quantidades desconhecidas, tudo carregando no invisível mistério das emanações, tudo empregando, sem perder um sonho, um sono, semeando um animálculo aqui, esfarelando um astro ali, oscilando e serpenteando, fazendo da luz uma força e do pensamento um elemento, disseminado e indivisível, dissolvendo tudo, exceto esse ponto geométrico, o eu. Levando tudo à alma-átomo, fazendo tudo resplender em Deus. Incrustando, desde a mais alta à mais baixa, todas as atividades na obscuridade de um mecanismo vertiginoso, ligando o voo de um inseto ao movimento da Terra, subordinando — quem sabe?, talvez apenas pela identidade da lei — a evolução do cometa no firmamento ao turbilhão do protozoário na gota d'água. Máquina tornada espírito. Engrenagem enorme da qual o primeiro motor é o mosquito e a última roda é o zodíaco.

IV

Mudança de grade

Parecia que aquele jardim, criado noutro tempo para esconder mistérios libertinos, se transformara, tornando-se propício para abrigar mistérios inocentes. Já não tinha caramanchões nem gramados, grutas e latadas; tornara-se uma magnífica escuridão desgrenhada, caindo como um véu de todos os lados. Pafos se transformou em Éden. Não se sabe o que tornou mais sadio aquele retiro. O jardim da concupiscência oferecia agora suas flores à alma. O rebuscado paisagismo, antes totalmente comprometido, voltara à virgindade e ao pudor. Um presidente assistido por um jardineiro, um se imaginando na continuidade de Lamoignon e outro na continuidade de Le Nôtre, o haviam cercado, aparado, enfeitado, moldado para a galanteria; a natureza o reconquistara, encheu-o de sombra e o adequou para o amor.

Havia também naquela solidão um coração disponível ao amor, que precisava apenas se mostrar. Ali estava um templo feito de verdor, de relva, de maciez, com suspiros de passarinhos, suaves trevas, ramagens a balançar e uma alma feita de candor, de fé, de esperança, de aspiração e de ilusão.

Cosette havia deixado o convento quase criança, tinha pouco mais de quatorze anos, estava na "idade ingrata". Já o dissemos, não fossem os olhos, ela parecia mais feia que bonita. Não tinha, porém, traço nenhum desagradável, mas era acanhada, magra, tímida e desembaraçada ao mesmo tempo, enfim, uma criança grande.

Sua educação estava terminada; isto é, tinham lhe ensinado religião — sobretudo, na verdade, devoção —, "história", quer dizer, aquilo que no convento denominam assim, geografia, gramática, os particípios, os reis da França, um pouco de música e de desenho etc., mas de tudo o mais estava na completa ignorância, o que é encanto e também perigo. A alma de uma jovem deve ser aclarada, pois mais tarde nela se criam miragens bruscas e fortes demais, como numa câmara escura. Precisa ser suave e discretamente iluminada, mais pelo reflexo da realidade do que por uma luz direta e dura. Meia-luz útil e graciosamente austera que dissipa os receios pueris e impede as quedas. Apenas o instinto maternal, admirável intuição em que entram as lembranças da virgem e a experiência da mulher, é capaz de criar essa meia-luz. Nada substitui esse instinto. Para formar a alma de uma jovem nem todas as religiões deste mundo valem uma mãe.

Cosette não tivera mãe. Tivera muitas mães, no plural.

Quanto a Jean Valjean, tinha todas as ternuras e todas as solicitudes, mas não passava de um velho, que nada sabia dessas coisas e, nessa obra da educação, nessa grave tarefa que é a preparação de uma mulher para a vida, quanta ciência é necessária para lutar contra essa grande ignorância chamada inocência!

Nada predispõe melhor uma menina para as paixões quanto o convento. O convento empurra o pensamento para o lado do desconhecido. O coração, voltado apenas para si mesmo, não pode desabrochar. Vêm daí visões, suposições, conjecturas, romances iniciados, aventuras desejadas, construções fantásticas, edifícios inteiros construídos na obscuridade interior do espírito, sombrias e discretas moradas em que as paixões imediatamente encontram onde se instalar, assim que a grade atravessada permite entrar. O convento é uma compressão que, para triunfar sobre o coração humano, deve durar a vida inteira.

Ao sair do convento, Cosette nada podia achar de mais suave e perigoso que a casa da rua Plumet. Era a continuidade da solidão com o começo da liberdade; um jardim fechado, mas uma natureza dura, rica, voluptuosa e com cheiros fortes. Eram os mesmos devaneios do convento, mas vendo de longe algum rapaz; uma grade, mas dando para a rua.

Entretanto, repetimos, quando para ali foi, era apenas uma criança e Jean Valjean entregou a ela aquele jardim inculto.

— Faça nele o que quiser — disse-lhe ele, e isso a divertiu. Ela remexia as moitas, procurava "bichinhos", brincava ali, antes de passar a ali sonhar. Amava o jardim pelos insetos que encontrava no chão, na relva, antes de amá-lo pelas estrelas que perceberia entre os galhos, acima de sua cabeça.

Além disso, amava o pai, isto é, Jean Valjean, do fundo da alma, com uma ingênua paixão filial, que fazia dele um companheiro querido e encantador. Como devem lembrar, o sr. Madeleine lia muito e Jean Valjean continuou esse seu hábito. Chegou a falar bem; tinha a riqueza secreta e a eloquência da alma humilde e verdadeira que espontaneamente se cultiva. Restou-lhe apenas a necessária aspereza que temperava a bondade; era um espírito rude e um coração meigo. Em suas conversas no jardim de Luxembourg, ele dava longas explicações sobre todo tipo de coisa, buscando em tudo que leu, mas também em tudo que sofreu. Enquanto ouvia, os olhos de Cosette se distraíam em volta.

Aquele homem simples bastava ao seu pensamento, como aquele jardim selvagem. Ela perseguia borboletas, depois se aproximava do pai esbaforida e dizia: "Puxa! Como corri!". Ele a beijava na testa.

Cosette o adorava. Estava sempre a seu redor. Onde estivesse Jean Valjean estava o seu conforto. E como ele pouco ficasse no pavilhão ou no jardim, ela preferia estar no pátio pavimentado e não na florida parte da frente, e no pequeno alojamento com cadeiras de palhinha e não na sala de estar com tapeçarias e poltronas acolchoadas.

Jean Valjean dizia algumas vezes, sorrindo da felicidade de ser importunado:

— Anda, vai para o teu quarto! Deixa-me um pouco sozinho!

Ela carinhosamente reclamava, com essa graça que podem ter as queixas da filha contra o pai:

— Como faz frio aqui! Por que não manda pôr um tapete e um fogão de aquecimento?

— Querida, há tanta gente que vale mais do que eu e nem tem um teto para se abrigar.

— Mas então por que tenho lenha queimando e tudo quanto é preciso lá no pavilhão?

— Por ser mulher e criança.

— Ora! Mas então os homens devem passar frio e estar mal?

— Certos homens, sim.

— Pois virei aqui tantas vezes que será obrigado a acender um fogo.

E também perguntava:

— Pai, por que come esse pão ruim?

— É preciso, filha.

— Se for assim, vou passar também a comê-lo.

E só para que Cosette não comesse pão preto, Jean Valjean comia pão branco.

Apenas muito confusamente Cosette se recordava da infância. Rezava todos os dias, de manhã e de noite, por sua mãe, que não conhecera. Os Thénardier tinham ficado na sua memória como personagens medonhos. Lembrava-se de ter ido "uma noite" buscar água num bosque. Julgava ser bem longe de Paris. Tinha a impressão de ter vivido num abismo e que Jean Valjean a salvara. A infância lhe parecia então um período em que tinha à sua volta apenas lacraias, aranhas e cobras. Quando pensava à noite, antes de dormir, e sem ter ideia muito clara de ser filha de Jean Valjean e ele seu pai, imaginava que a alma de sua mãe passara para aquele velho, só para ficar a seu lado.

Quando ele estava sentado, ela apoiava o rosto nos seus cabelos brancos e deixava correr uma lágrima silenciosa, dizendo para si mesma: "Talvez seja minha mãe, esse homem!"

Cosette, por mais estranho que isso pareça, em sua profunda ignorância de menina crescida num convento, e sendo a maternidade absolutamente ininteligível à virgindade, tinha acabado imaginando não ter praticamente tido mãe. Desta mãe, aliás, ela sequer sabia o nome. Sempre que o perguntou a Jean Valjean, ficou sem resposta. Se repetisse a pergunta, recebia de volta um sorriso. Uma vez insistiu e o sorriso se transformou em lágrima.

Esse silêncio de Jean Valjean cobria Fantine com espesso véu.

Seria por prudência? Por respeito? Medo de revelar esse nome a outra memória?

Enquanto Cosette era pequena, Jean Valjean sem dificuldade falava da sua mãe, mas depois isso foi ficando impossível. Ele não se atrevia mais. Por causa de Cosette? Por causa de Fantine? Ele sentia uma espécie de terror religioso em deixar aquela sombra entrar no pensamento da menina, em colocar aquela morte no destino dos dois. Quanto mais sagrada para ele era aquela sombra, mais temível lhe parecia. Quando pensava em Fantine, sentia-se esmagado pelo silêncio. Vagamente percebia, nas trevas, algo como um dedo cruzado à frente de uma boca. Todo aquele pudor que Fantine, durante a vida, tão violentamente defendeu, teria voltado para defendê-la depois da morte e, indignado, velar pela sua paz e insistentemente guardá-la em sua tumba? Jean Valjean, sem se dar conta, sofria essa influência? Nós que acreditamos na morte, não descartamos essa explicação misteriosa. Daí a impossibilidade, para ele, de pronunciar esse nome, mesmo para Cosette: Fantine.

Um dia Cosette disse:

— Pai, esta noite vi minha mãe em sonho. Tinha duas grandes asas. Durante a vida ela deve ter sido quase uma santa.

— Pelo martírio — respondeu Jean Valjean.

Mas em geral Jean Valjean se sentia feliz.

Quando Cosette saía com ele, apoiava-se em seu braço com orgulho, feliz, na plenitude do coração. Com todas essas provas de uma ternura tão exclusiva e satisfeita, Jean Valjean sentia o pensamento se desfazer em delícias. O pobre homem tremia, inundado de angelical alegria; entusiasmado, afirmava para si mesmo que aquilo duraria a vida toda, achando não ter realmente sofrido tanto assim para merecer tão radiante felicidade, e dava graças a Deus, do íntimo da alma, por ter permitido que fosse assim amado.

V

De como a rosa descobre ser uma máquina de guerra

Cosette olhou-se um dia, por acaso, no espelho do quarto e disse para si mesma: "Veja só!" Teve quase a impressão de ser bonita. A descoberta causou certa

perturbação. Até aquele momento, ela nunca pensava na aparência que tinha. Via-se ao espelho, mas não prestava atenção. Além disso, sempre lhe tinham dito que era feia; só Jean Valjean dizia mansamente: "Não, não é!" Fosse como fosse, Cosette sempre se achara feia, tendo crescido com esta ideia, dentro da fácil resignação da infância. Mas eis que de repente o espelho concordava com Jean Valjean: "Não, não é!" Naquela noite ela não dormiu e pensou: "E se eu for bonita? Vai ser engraçado se eu for bonita!" Lembrou-se das colegas cuja beleza no convento era comentada e pensou: "Vou ser como a fulana!"

No dia seguinte tornou a se olhar e não mais por acaso, enchendo-se de dúvida. "Onde estava com a cabeça? Sou feia", teve certeza. Ela apenas tinha dormido mal, estava pálida e com olheiras. Não se alegrara tanto, na véspera, achando-se bonita, mas ficou triste por não ser verdade. Não voltou mais a se olhar no espelho e, por mais de quinze dias, penteou-se de costas.

À noitinha, depois de jantar, fazia habitualmente na sala algum bordado e Jean Valjean lia a seu lado. Uma vez levantou os olhos do que estava fazendo e se surpreendeu com o pai, pela maneira inquieta que a olhava.

Em outra ocasião, achou ouvir na rua de alguém que não via dizer, atrás dela: "É bonitinha, mas como se veste mal!" E pensou: "Não é comigo. Estou bem-vestida e sou feia." Era na época ainda do tal chapéu de pelúcia e o vestido de merinó.

Um dia, enfim, estava no jardim e ouviu a velha Toussaint dizer:

— O senhor não repara como a menina está ficando bonita?

Cosette não ouviu o que seu pai respondeu, mas as palavras de Toussaint produziram nela um alvoroço. Deixou o jardim, foi para o quarto, correu ao espelho há três meses abandonado e deu um grito. Estava deslumbrada consigo mesma.

Era bela e bonita; não podia deixar de concordar com Toussaint e o espelho. As formas tinham se desenvolvido, a pele estava mais alva, os cabelos adquiriram brilho e nas pupilas azuis acendera-se uma espécie de esplendor desconhecido. Num minuto, como a escuridão de repente inundada de luz, ficou perfeitamente convencida da própria beleza: os outros notavam, Toussaint dizia e era evidentemente dela que o desconhecido falava na rua; não podia mais duvidar. Desceu de novo para o jardim julgando-se rainha, ouvindo cantar os passarinhos, vendo o céu dourado, o sol no arvoredo, as moitas floridas, louca e num estado de inexplicável entusiasmo.

Jean Valjean, enquanto isso, sentia indefinível aperto no coração. De fato, ele, havia algum tempo, admirava com terror aquela beleza que a cada dia se mostrava mais resplandecente no meigo rosto de Cosette. Aurora risonha para todos, lúgubre para ele.

Cosette já era bonita bem antes de perceber. Naquele primeiro dia, porém, o fulgor inesperado que lentamente se erguia e pouco a pouco envolvia toda a sua pessoa feriu o olhar assustado de Jean Valjean. Ele sentiu ser uma mudança numa vida feliz, tão feliz que qualquer agitação devia ser evitada, por poder alterar alguma coisa. Aquele homem que havia passado por todos os dissabores, que ainda sangrava dos ferimentos causados pelo destino, que tinha sido quase mau e se tornara quase santo, que depois de ter arrastado a corrente dos trabalhos forçados arrastava agora a corrente invisível, mas tão pesada quanto, da infâmia indefinida, aquele homem a quem a lei havia perseguido e podia, a cada momento, aprisionar e tirá-lo da obscuridade da virtude para expô-lo à luz do opróbrio público, aquele homem aceitava tudo, desculpava tudo, perdoava tudo, abençoava tudo, queria o bem de tudo e pedia apenas à Providência, aos homens, às leis, à sociedade, à natureza, ao mundo, uma só coisa, que Cosette o amasse!

Que Cosette continuasse a amá-lo! Que Deus não impedisse o coração daquela criança de estar com ele e assim se manter! Pelo amor de Cosette ele se sentia restabelecido, descansado, acalmado, recompensado, coroado. Com o amor de Cosette ele estaria sempre bem! Não pedia mais. Se lhe dissessem: "Quer estar melhor?", ele responderia: "Não." Deus poderia perguntar: "Quer o céu?" E ele responderia: "Perderia na troca."

Tudo que pudesse abalar aquela situação, mesmo superficialmente, o fazia tremer como se outra coisa estivesse prestes a começar. Ele jamais tinha sabido muito bem o que é a beleza de uma mulher, mas instintivamente compreendia ser algo terrível.

Essa beleza que se completava cada vez mais triunfante e soberba a seu lado, sob as suas vistas, no rosto ingênuo e temível da criança, era por ele encarada com espanto do fundo da sua feiura, da sua velhice, da sua miséria, da sua reprovação, e ele, assustado, a via crescer.

Ele pensava: "Como é bonita! O que será de mim?"

É onde se diferenciava a sua ternura e a ternura de uma mãe. O que ele via com aflição, a mãe teria visto com alegria.

Os primeiros sintomas não tardaram a se manifestar.

Já no dia seguinte àquele em que Cosette disse a si mesma: "Não há dúvida, sou bonita!", ela começou a se preocupar com as roupas. A frase ouvida na rua, "é bonita, mas como se veste mal", foi o sopro de oráculo que passou por ela e se desvaneceu, mas deixando em seu coração um dos dois germens que, mais tarde, preenchem a vida da mulher: um é o coquetismo; o outro é o amor.

Acreditando em sua beleza, toda a alma feminina se desenvolve. Cosette tomou horror ao merinó e se envergonhou da pelúcia. O pai jamais lhe recusara coisa alguma. Ela imediatamente adquiriu toda a ciência do chapéu, do vestido, do xale, das botinhas, das luvas, dos tecidos que combinam, da cor que fica melhor, essa ciência que faz da mulher parisiense o que ela tem de encantador, de profundo e de perigoso. A expressão *femme capiteuse* foi inventada para a parisiense.

Em menos de um mês a pequena Cosette se tornou, naquele deserto da rua Babylone, uma das mulheres não apenas mais bonitas, o que já é alguma coisa, mas das "mais bem-vestidas" de Paris, o que é muito mais. Ela daria tudo para encontrar de novo o desconhecido que a achara malvestida, "para que ele visse uma coisa!". Fato é que estava deslumbrante em tudo, sabendo perfeitamente distinguir um chapéu de Gérard de um chapéu de Herbaut.

Jean Valjean observava essas revoluções cheio de ansiedade. Ele, que sentia poder apenas se arrastar, no máximo caminhar, via Cosette ganhar asas.

Aliás, à mais simples inspeção, qualquer mulher imediatamente veria que Cosette não tinha mãe. Certos pequenos decoros, certas convenções especiais, não eram observados por Cosette. Por exemplo, a mãe não teria permitido que, naquela idade, a filha se vestisse com tecido adamascado.

No primeiro dia que Cosette saiu com um vestido e capa pretos, nesse tecido, e o chapéu de crepe branco, tomou o braço de Jean Valjean, alegre, radiante, rosada, altiva, brilhante e perguntou:

— Como me acha assim, meu pai?

Jean Valjean respondeu com uma voz que parecia a voz amarga de um invejoso:

— Encantadora! — E continuou o passeio como de ordinário.

Já de volta, ele perguntou:

— Então não vai mais usar o vestido e o chapéu antigos?

Estavam no quarto de Cosette. Ela olhou para o armário aberto, onde estava pendurado o seu espólio de pensionista.

— Esse disfarce!? — disse ela. — O que fazer com isso, meu pai? É certo que não usarei mais semelhantes horrores. Com esse negócio na cabeça pareço mais uma doida.

Jean Valjean deu um profundo suspiro.

A partir desse momento, ele notou que Cosette, que antes preferia estar em casa, dizendo: "Divirto-me mais aqui com você, pai", passou a sempre chamá-lo para sair. É verdade, de que serve ter um lindo rosto, um traje perfeito, se não mostrar isso a mais alguém?

Notou também que Cosette já não preferia o pátio interno da casa. Passou a gostar mais de estar no jardim, contente de passear diante da grade. Jean Valjean, teimoso, nunca punha os pés ali. Permanecia no pátio, como o cão.

Sabendo-se bonita, Cosette perdeu o encanto da singeleza. É um encanto formidável, pois a beleza à que se acrescenta a desafetação é formidável e nada é tão adorável quanto a deslumbrante inocência que avança tendo na mão, sem saber, a chave de um paraíso. Mas o que ela perdeu em graça, ganhou em charme pensativo e sério. Todo o seu ser, repleto das alegrias da juventude, da inocência e da beleza, transmitia uma esplêndida melancolia.

Foi por essa época que Marius, depois de terem passado seis meses, voltou a vê-la no Luxembourg.

VI

Começa a batalha

Cosette vivia numa expectativa sombria, toda voltada ao abrasamento, assim como Marius. O destino, com a sua misteriosa e fatal paciência, aproximava aqueles dois seres perfeitamente carregados das tempestuosas eletricidades da paixão. Aquelas duas almas tinham em si o amor como as nuvens têm em si o raio, precisando se encontrar e se misturar num olhar, como as nuvens num relâmpago.

Tanto se abusou do olhar nos romances de amor que ele acabou caindo em desconsideração. Ninguém se atreveria hoje a dizer que duas pessoas se amaram a partir de um olhar. No entanto, é como se ama, e unicamente assim. O resto é apenas o resto e vem depois. Nada é mais real que esses grandes abalos afetando duas almas, na troca dessa centelha.

Naquele momento em que Cosette, sem saber, olhou de uma maneira que perturbou Marius, ele não imaginou que também o seu olhar perturbou Cosette, causando o mesmo mal e o mesmo bem.

Há muito tempo ela o via e examinava, como as jovens examinam e veem, olhando para outro ponto. Marius ainda achava Cosette feia e ela já o achava

bonito. Mas como o rapaz não parecia se interessar, deixava também de ser interessante.

Mas era impossível não notar que Marius tinha belos cabelos e olhos, bonitos dentes, uma voz agradável conversando com os colegas. Talvez caminhasse com má postura, mas com certa graça particular. Não parecia tolo, e tudo isso formava um conjunto nobre, suave, simples e altivo. Parecia ser pobre, mas ter bom coração.

No dia em que os olhos se cruzaram e enfim comunicaram as primeiras coisas obscuras e inefáveis que o olhar pode comunicar, Cosette não compreendeu de imediato. Voltou pensativa para o apartamento da rua de l'Ouest, onde Jean Valjean, segundo o seu costume, passava seis semanas. No dia seguinte, acordando, pensou no rapaz desconhecido, por tanto tempo indiferente e frio, que demonstrava agora notá-la, mas de forma alguma isso lhe pareceu agradável. Sentia antes certa raiva contra aquele belo, mas por tanto tempo desdenhoso rapaz. Um fundo de guerra se preparou nela. Tinha a impressão, e vinha disso uma alegria ainda bem infantil, de que finalmente se vingaria.

Sabendo-se bonita, ela percebia, mas de maneira ainda indistinta, ter uma arma. As mulheres brincam com a própria beleza como as crianças com uma faca. Podem se ferir.

Devemos nos lembrar das hesitações de Marius, suas palpitações, seus medos. Permanecia no seu banco, sem se aproximar, o que irritava Cosette. Um dia ela propôs a Jean Valjean:

— Pai, vamos passear um pouco para aquele lado.

Toda mulher age como Maomé e, vendo que Marius não vinha até ela, ela tomou a iniciativa. Além disso, é algo estranho, no rapaz o primeiro sintoma do amor verdadeiro é a timidez; numa jovem é a ousadia. É surpreendente e, no entanto, nada é mais simples. São os dois sexos que tendem a se aproximar e tomam as respectivas qualidades, um do outro.

Naquele dia, o olhar de Cosette enlouqueceu Marius, o olhar de Marius abalou Cosette. Marius se foi confiante, Cosette inquieta. A partir desse dia se adoraram.

A primeira coisa que Cosette sentiu foi uma tristeza confusa e triste. Parecia que, de um dia para outro, sua alma ficara negra. Ela não se reconhecia mais. Nas jovens, a brancura da alma, que se compõe de frieza e alegria, é como a neve: funde sob o amor, que é o seu sol.

Cosette não sabia o que é o amor. Jamais ouvira essa palavra ser pronunciada em seu sentido terrestre. Nos livros de música profana que entravam no convento, *amor* era substituído por *tambor* ou *pendor*. Isso criava enigmas que mexiam com a imaginação das *grandes* como *Ah, como é bom o tambor!* ou *A piedade não é um*

pendor!. Mas Cosette se fora do convento menina demais para ter se preocupado com o "tambor". Não soube então que nome dar ao que sentia naquele momento. Não se deixa de estar doente só por desconhecer o nome da doença.

Seu amor era ainda mais apaixonado, por amar com desconhecimento de causa. Não sabia se aquilo era bom ou ruim, útil ou perigoso, necessário ou mortal, eterno ou passageiro, permitido ou proibido; ela amava. Ficaria muito espantada se lhe dissessem: "Não dorme?" Isso é proibido! "Não come?" Isso é péssimo! "Sente uma pressão no peito e batimentos acelerados do coração?" Não é boa coisa! "Enrubesce e empalidece quando certa pessoa vestida de preto aparece no extremo de certa aleia verde?" Que coisa abominável! Ela não teria compreendido e poderia dizer: "Como posso estar errada numa coisa que não depende de mim e da qual nada sei?"

Ocorreu que o amor a se apresentar foi o que melhor convinha a seu estado d'alma. Era uma espécie de adoração a distância, uma contemplação muda, a deificação de um desconhecido. Era a aparição da adolescência à adolescência, o sonho das noites se tornando romance e se mantendo sonho, o fantasma desejado, enfim realizado e tornado carne, mas sem ter ainda nome, defeitos, manchas, exigências, erros; resumindo, o amante distante e mantido no ideal, uma quimera com forma. Qualquer encontro mais palpável e próximo teria, nessa primeira época, assustado Cosette, ainda semimergulhada na bruma do claustro, que tudo majora. Tinha todos os medos das crianças, misturados a todos os medos das freiras. O espírito do convento, que nela havia penetrado por cinco anos, se evaporava ainda lentamente e fazia tudo estremecer a seu redor. Nessa situação, não era de um amante que ela precisava, era de uma visão. Pôs-se a adorar Marius como algo mágico, luminoso, impossível.

Como a extrema ingenuidade toca no extremo coquetismo, ela sorria para o rapaz, com toda a naturalidade.

Esperava com impaciência, diariamente, a hora do passeio. Via Marius, sentia-se incrivelmente feliz e achava sinceramente exprimir tudo que sentia, dizendo a Jean Valjean:

— Que agradável jardim, o de Luxembourg!

Marius e Cosette estavam no escuro, um para o outro. Não se falavam, não se cumprimentavam, não se conheciam; viam-se. Como os astros no céu, que milhões de léguas separam, viviam apenas de se olhar.

Era assim que Cosette se tornava pouco a pouco mulher e se desenvolvia, formosa e apaixonada, tendo consciência da sua beleza e ignorando o amor. Soberanamente coquete, por inocência.

VII

Para tristeza, tristeza e meia

Todas as situações têm os seus instintos. A velha e eterna mãe natureza advertia surdamente Jean Valjean contra a presença de Marius. Ele estremecia nas profundezas do seu pensamento. Nada via, de nada sabia e, mesmo assim, considerava com teimosa atenção as trevas em que se encontrava, como se sentisse construir-se alguma coisa de um lado e, de outro, outra coisa desmoronar. Igualmente alertado por essa mesma profunda lei de Deus e pela mesma mãe natureza, Marius fazia o possível para escapar do "pai". Todavia, sucedia algumas vezes que Jean Valjean o percebesse. As maneiras de Marius já não eram naturais. Tinha prudências suspeitas e cometia temeridades inábeis. Não passava mais tão perto como anteriormente, sentava-se longe e parecia em êxtase. Tinha um livro e fingia ler, por que fingia? Antes vestia sua casaca velha, depois passou a usar todos os dias a nova; talvez até cacheasse os cabelos, tinha um olhar sonso e usava luvas; numa palavra, Jean Valjean educadamente odiava aquele rapaz.

Cosette nada deixava transparecer. Sem saber exatamente o que acontecia consigo mesma, tinha a sensação de ser algo importante, que era preciso esconder.

Havia entre o gosto de se vestir bem, que se patenteava em Cosette, e o hábito do traje novo, que aparecera no desconhecido, um paralelismo desagradável a Jean Valjean. Talvez fosse só coincidência, sem dúvida, com certeza, mas uma coincidência ameaçadora.

Nunca disse a Cosette a mais insignificante palavra sobre o desconhecido. Contudo, um dia não pôde conter-se e, com o vago desespero que lança inopinadamente uma sonda na infelicidade, comentou:

— Parece bem pedante, esse rapaz!

Um ano antes, menina indiferente, ela teria respondido:

— Pelo contrário, não acho.

Dez anos mais tarde, tendo já o amor de Marius, poderia responder:

— Tem razão! Não só pedante, mas insuportável!

No momento, limitou-se a dizer, com suprema tranquilidade:

— Ah! Aquele rapaz!

Como se o visse pela primeira vez.

"Que estúpido sou!", pensou Jean Valjean. "Ainda não tinha reparado nele. Eu

que chamei a atenção!"

Ah, a simplicidade dos velhos e a profundidade das crianças!

Trata-se de mais uma lei desses verdes anos de sofrimento e de inquietude, com essas fortes lutas do primeiro amor contra os primeiros obstáculos, a jovem não cai em armadilha nenhuma, o jovem cai em todas. Jean Valjean começara contra Marius uma guerra surda, que o rapaz, com a estupidez sublime da paixão e da idade, não percebeu. O velho preparou uma série de ardis; trocou as horas, mudou de banco, fingiu esquecer um lenço e foi sozinho ao Luxembourg. Marius caiu, cego, em todas as armadilhas e a todas essas interrogações plantadas no seu caminho ele ingenuamente respondia sim.

Cosette, entretanto, se mantinha na sua aparente indiferença e imperturbável tranquilidade, de tal modo que Jean Valjean concluiu: "Esse bobalhão está loucamente apaixonado por Cosette, que nem ao menos sabe da sua existência."

Mas nem por isso deixava de sentir, no coração, doloroso estremecimento. O minuto em que Cosette amaria podia soar de um instante para outro. Não começa tudo pela indiferença?

Uma única vez Cosette cometeu um deslize que o assustou. Ele se levantou do banco, onde estavam sentados havia três horas, e ela disse:

— Já?

Jean Valjean não interrompeu os passeios ao Luxembourg, não querendo fazer coisa alguma de singular e, sobretudo, receando despertar a atenção de Cosette; mas durante aquelas horas tão doces para os dois enamorados, enquanto ela sorria para o rapaz inebriado, que não reparava em coisa alguma mais, vendo do mundo apenas um radiante e adorado rosto, Jean Valjean fixava nele olhos flamejantes e terríveis. O antigo forçado, que achava ter se livrado de todo sentimento mau, passou a ter momentos em que, com a presença de Marius, voltava a se sentir selvagem e feroz, deixando que se reabrissem e se agitassem aquelas velhas profundezas da sua alma, onde noutro tempo houvera tanta raiva. Tinha a impressão de voltarem a se formar nele desconhecidas crateras.

Como? Aquele indivíduo estava ali! O que vinha fazer? Andava em volta, farejava, examinava, tentava! Dizia: "Ora, por que não?" Rondava ao redor da sua felicidade para tomá-la e levá-la embora! E acrescentava ainda:

"Sim, é isso mesmo! O que está procurando? Uma aventura. O que quer? Um namorico! E eu? Como assim? Fui o mais miserável e depois o mais desgraçado dos homens, passei sessenta anos da vida me arrastando, sofri quanto é possível sofrer, envelheci sem ter sido jovem, vivi sem família, sem parentes, sem amigos, sem mulher, sem filhos, deixei meu sangue em tantas pedras, tantos espinhos, tantas

esquinas, tantos muros, fui afável apesar de serem duros comigo, bom apesar de serem cruéis, voltei a ser pessoa honesta passando por cima de tudo isso, arrependi-me do mal que causei, perdoei o que me causaram e, no momento em que sou recompensado, quando está tudo terminado e chego ao final, quando tenho o que quero, tudo muito bom, muito bem, paguei, ganhei e tudo vai embora? Tudo se desfaz e perco Cosette, perco minha vida, minha alegria, minha alma, só porque um perfeito bobalhão resolveu vir passear no Luxembourg?"

Seus olhos então se enchiam de um brilho lúgubre e extraordinário. Não era mais um homem olhando para outro; não era um inimigo que mede o inimigo, era um cão de fila encarando um ladrão.

O resto já sabemos. Marius insistiu na insensatez. Um dia seguiu Cosette até a rua de l'Ouest. No dia seguinte fez perguntas ao porteiro que, por sua vez, perguntou a Jean Valjean:

— Um rapaz esteve fazendo perguntas a respeito do senhor, sabe quem é?

No dia seguinte Jean Valjean olhou para Marius daquele jeito que não pôde deixar de ser notado. Passados oito dias, ele se mudou, dizendo a si mesmo que não voltaria a pôr os pés no Luxembourg nem na rua de l'Ouest. Voltou para a rua Plumet.

Cosette não se queixou, não disse coisa alguma, não fez perguntas, não procurou saber por quê. Estava num período em que temia se trair. Jean Valjean não tinha a mínima experiência com esse tipo de coisa, tão encantadora e que ele não conhecia. O que notou foi unicamente que a filha parecia triste e por isso ele próprio ficou mais sombrio. Eram, de ambos os lados, inexperiências que se chocavam.

Um dia ele perguntou a Cosette:

— Quer ir ao Luxembourg?

O rosto pálido da jovem se iluminou com um raio de alegria.

— Quero, sim — respondeu ela.

Tinham se passado três meses. Marius já não ia mais ao jardim. Não estava lá.

No dia seguinte Jean Valjean voltou a perguntar à jovem:

— Quer ir ao Luxembourg?

Ela respondeu, suave e tristemente:

— Não.

Aquela tristeza o magoou e a suavidade o angustiou.

O que se passava naquele espírito tão jovem e já tão impenetrável? O que estava acontecendo? O que se passava na alma de Cosette? Às vezes, em vez de se deitar, Jean Valjean ficava sentado ao lado do seu colchão, com a cabeça entre as mãos, e

passava noites inteiras a se perguntar: “Em que pensa Cosette?”, tentando imaginar o que poderia ser.

Nesses momentos, quão dolorosamente se lembrava do claustro, aquela culminância de castidade, lugar de anjos, inacessível geleira da virtude! Como admirava, com desesperado deslumbre, aquele jardim do convento, cheio de flores ignoradas e virgens enclausuradas, onde todos os perfumes subiam diretamente ao céu! Como adorava aquele éden para sempre fechado e que ele tinha, por vontade própria, abandonado, cometendo a loucura de descer cá para a terra! Como lamentava sua abnegação e demência, por ter trazido Cosette para o mundo, pobre herói do sacrifício, capturado e aniquilado pela própria dedicação! Como repetia: “O que fui fazer?”

Mas nada disso chegava até Cosette, nem irritação nem qualquer rudeza. Sempre a mesma aparência serena e boa. Ele, mais do que nunca, se mostrava carinhoso e paternal. Se alguma coisa permitia ainda que se percebesse menos alegria, era a sua maior mansuetude.

Cosette, por sua vez, estava cada vez mais triste. Sofria com a ausência de Marius na mesma medida em que tivera prazer com a sua presença, sem saber bem como nem por quê. Quando Jean Valjean parou de levá-la aos passeios habituais no Luxembourg, certo instinto feminino confusamente murmurou, no fundo do seu coração, que ela não devia demonstrar que se importava e o pai logo voltaria a levá-la. Mas dias se passaram, semanas e meses. Jean Valjean aceitara tacitamente o tácito sentimento de Cosette. Ela lamentou ter esperado tanto. Já era tarde. No dia em que voltou ao Luxembourg já não viu Marius. Desaparecido; estava tudo acabado. O que fazer? Ainda o encontraria de novo? Ela sentia um aperto no coração, que coisa alguma descomprimia e aumentava a cada dia. Não sabia mais se era inverno ou verão, se fazia sol ou chovia, se os passarinhos cantavam, se era tempo das dálias ou das boninas-do-campo, se o jardim de Luxembourg era mais interessante que o das Tulherias, se a roupa que a lavadeira trazia estava ou não bem lavada, se Toussaint fazia direito as compras. Permanecia triste, absorta, com um só pensamento, o olhar vago e fixo, como quem olha, na escuridão, o lugar negro e profundo onde uma aparição se desfez.

Também se esforçava para que Jean Valjean nada percebesse, apenas a palidez era indisfarçável. Mantinha, olhando para ele, a mesma expressão suave.

Mas aquela palidez já bastava para preocupar seu velho protetor, que algumas vezes perguntou:

— O que você tem?

E ela respondia:

— Nada, não tenho nada.

E depois de um curto silêncio, percebendo que também ele estava triste:

— E o que tem o meu pai?

— Eu? Nada! — repetia ele a resposta.

Aqueles dois seres que tão exclusivamente se amavam, e de forma tão tocante, que por tanto tempo viveram em recíproca dedicação, sofriam agora, cada um pelo outro, sem que nenhum deles dissesse, sem se quererem mal e sempre sorrindo.

VIII

A cadeia

O mais infeliz dos dois era Jean Valjean. A juventude, mesmo em seus desgostos, tem sempre um brilho que lhe é próprio.

Em certos momentos Jean Valjean sofria tanto, que se sentia pueril. Vai de par com a dor o ressurgimento do lado infantil do homem. Ele percebia que Cosette inapelavelmente lhe escapava. Quis lutar, retê-la, entusiasmá-la com algo externo e formidável. Essas ideias pueris, que acabamos de assinalar, e ao mesmo tempo senis, acabaram dando a ele uma noção bastante pessoal da influência dos galões militares na imaginação das jovens. Ele viu uma vez na rua, por essa época, passar a cavalo um general, em uniforme de gala, o conde Coutard, comandante de Paris. Teve inveja daquele homem dourado, imaginou a felicidade que seria poder vestir um traje como aquele, incontestável. Se o visse assim, Cosette ficaria impressionada. Quando lhe desse o braço e passassem diante da grade das Tulherias, lhe apresentariam armas e isso bastaria, ela deixaria de olhar para rapazes.

A esses pensamentos tristes aliou-se um acontecimento inesperado.

Na vida isolada que levavam, e desde que tinham voltado para a rua Plumet, os dois haviam contraído um hábito. Davam algumas vezes passeios matinais, para ver nascer o sol, gênero de suave alegria que convém tanto aos que entram na vida como aos que dela se retiram.

Passear bem cedo, para quem ama a solidão, equivale a passear à noite, com o ganho da alegria da própria natureza, ainda por cima. As ruas estão desertas e os

passarinhos cantam. Cosette, também passarinho, se levantava àquela hora sem sacrifício. As excursões matinais eram preparadas de véspera. Ele propunha, ela aceitava. Isso se organizava como um complô, com saída antes do amanhecer, e constituíam pequenas alegrias para ela. Essas excentricidades inocentes agradam à mocidade.

A inclinação de Jean Valjean, como se sabe, era a de buscar lugares pouco frequentados, recantos solitários, locais de esquecimento. Havia naquela época, nos arredores das barreiras de Paris, alguns campos pobres, quase misturados à cidade, onde brotava no verão um trigo miúdo. No outono, feita a colheita, aqueles campos não pareciam ter sido ceifados, mas pelados. Jean Valjean gostava muito de andar por ali e Cosette não se entediava. Era a solidão para um, a liberdade para outra. Ela voltava à infância, podia correr e quase brincar, tirava o chapéu e o deixava com Jean Valjean para colher flores silvestres. Olhava as borboletas sem caçá-las: a doçura e a ternura nascem com o amor e a jovem, que tem em si um ideal vulnerável e frágil, tem pena da asa da borboleta. Cosette armava guirlandas de papoulas e punha na cabeça; as florezinhas, atravessadas e penetradas pelo sol, rubras a ponto de brilhar, formavam, no fresco e rosado rosto, uma coroa de brasas.

Mesmo à época em que a vida estava mais triste, eles conservaram o hábito dos passeios matinais.

Assim então, certa manhã de outubro, tentados pela perfeita serenidade do outono de 1831, eles saíram e, ao despontar do dia, já se encontravam junto à barreira do Maine. Não amanhecera ainda, mas quase; momento magnífico e severo. Algumas constelações ainda brilhavam num ponto ou noutro do firmamento profundo, que começava a clarear. A terra escura, o céu branqueando, arrepios no relvado, por tudo em volta a misteriosa impressão do alvorecer. Uma cotovia, que parecia se confundir com as estrelas, cantava incrivelmente alto e era como se esse hino da pequenez ao infinito acalmasse a imensidão. A leste, o Val-de-Grâce esboçava a sua massa obscura no horizonte, que tinha uma clareza de aço. Vênus, deslumbrante, se erguia por trás da cúpula, parecendo uma alma que escapulisse do edifício tenebroso.

Tudo era paz e silêncio. Na rua, ninguém. Distantes, alguns raros operários, que mal se distinguiam, dirigiam-se ao trabalho.

Jean Valjean tinha se sentado numa alameda lateral, em cima de vigas empilhadas diante de um canteiro de obras. Estava voltado para a estrada, de costas para o levante, esquecido do sol que nascia. Caíra num desses alheamentos profundos em que o espírito inteiro se concentra, aprisionando inclusive o olhar e que equivalem às quatro paredes de uma cela. Há meditações que podem ser ditas

verticais e, do fundo delas, é preciso algum tempo para voltar à terra. Jean Valjean tinha se abismado num desses devaneios. Pensava em Cosette, na felicidade possível se nada se intrometesse entre os dois e na luz com que ela preenchia sua vida, luz que representava a respiração da sua alma. Sentia-se quase feliz nesse abstraimento. De pé a seu lado, Cosette se distraía vendo as nuvens ficarem rosadas.

De repente ela exclamou:

— Alguma coisa parece vir em nossa direção!

Jean Valjean ergueu os olhos.

Cosette tinha razão.

O caminho que conduz à antiga barreira do Maine prolonga, como se sabe, a rua de Sèvres e é cortado em ângulo reto pelo boulevard interior. Partindo desse cruzamento em que as duas vias se entroncam, vinha um tumulto difícil de se explicar naquele horário, uma confusa agitação. Algo informe, vindo do boulevard, se aproximava pelo caminho.

O que quer que fosse, ia se tornando mais distinto e parecia mover-se de forma ordenada, mas era uma coisa encrespada e oscilante; parecia um veículo, mas não se podia distinguir que espécie de carga conduzia. Tinha cavalos, rodas; ouviam-se gritos e o estalar de chicotes. Gradualmente os contornos foram se fixando, ainda quase mergulhados nas trevas. Era com efeito um veículo que acabava de sair do boulevard para a estrada e se dirigia à barreira, junto da qual estavam Jean Valjean e Cosette. Outro veículo de mesmo aspecto o seguia, depois um terceiro, um quarto... Sete carros desembocaram sucessivamente, e os cavalos quase que tocavam com suas cabeças a parte traseira do veículo à frente. Nos carros agitavam-se alguns vultos, via-se cintilar alguma coisa como sabres nus no crepúsculo e ouvia-se um barulho como que de correntes sacudidas. Tudo isso vinha na direção deles e as vozes tornavam-se mais distintas; uma coisa formidável como as que saem da caverna dos sonhos.

Aproximando-se, tudo tomou forma e se delineou melhor por trás das árvores, com o tom descorado das aparições. O dia, que pouco a pouco se firmava, palidamente iluminava aquele formigar ao mesmo tempo sepulcral e vivo, com as cabeças daquelas sombras tornando-se faces cadavéricas. E eis o que era:

Caminhavam pela estrada sete carroças, atrás umas das outras. As seis primeiras tinham uma estrutura particular. Assemelhavam-se às carroças dos tanoeiros, uma comprida armação parecendo uma espécie de escada e fixada em duas rodas, formando um varal na ponta traseira. Cada uma dessas carroças, ou, melhor dizendo, cada uma dessas escadas estava atrelada a quatro cavalos. Nelas eram arrastados estranhos cachos de homens que a pouca claridade reinante não permitia

ainda perfeitamente discernir e os seus vultos eram sobretudo intuídos. Vinte e quatro em cada carroça, doze de cada lado, costas com costas, virados para quem passava, com as pernas penduradas no vazio; é como iam aqueles homens. Por trás deles algo tinia, uma corrente, e no pescoço algo luzia, uma gargalheira. Cada um tinha sua coleira própria, mas a corrente era coletiva e aqueles vinte e quatro homens, caso descessem da carroça, eram forçados a andar numa espécie de unidade inexorável, obrigados a serpentear no chão tendo a corrente como vértebra, mais ou menos como as centopeias. Nas partes dianteira e traseira de cada carroça iam dois homens de pé, armados de espingardas, tendo cada um deles, sob os pés, uma das extremidades da corrente. As gargalheiras eram quadradas. O sétimo veículo, vasto carroção, mas sem cobertura, tinha quatro rodas, era puxado por seis cavalos e carregava um sonoro amontoado de caldeiras e panelas de ferro, fogareiros e correntes, onde se misturavam alguns homens algemados e deitados ao comprido, parecendo doentes. Esse carroção, inteiramente aberto, era guarnecido de taipais desmantelados, que pareciam ter servido a antigos suplícios.

Os veículos seguiam pelo meio do caminho calçado. Dos seus dois lados marchavam em fileira dupla guardas de aspecto infame, com chapéus de três bicos chatos, como os dos soldados do Diretório, mas sujos, rotos, sórdidos, vestindo uniformes de inválidos e calças cinza e azul de coveiros, quase em farrapos, com dragonas vermelhas, correias amarelas, podões, espingardas e porretes, meio soldados e meio vagabundos. Eram esbirros que pareciam juntar a abjeção do mendigo e a autoridade do carrasco. O que tinha ares de ser o chefe levava na mão um chicote de cocheiro. Todos esses pormenores, esfumados pelo crepúsculo, tornavam-se cada vez mais distintos à claridade do dia, sempre crescente. Adiante e atrás do comboio iam gendarmes a cavalo, graves, de sabre em punho.

O cortejo era tão extenso que enquanto a primeira carroça chegava à barreira, ainda a última vinha desembocando do boulevard.

Nos dois lados do caminho juntara-se uma multidão de curiosos, saída não se sabe de onde e formada num abrir e fechar de olhos, como é frequente em Paris. Ouviam-se, nas ruelas vizinhas, gritos de pessoas que chamavam e tamancos de camponeses da região que corriam para ver.

Os sujeitos amontoados nas carroças nelas balançavam em silêncio. O frio da madrugada os havia deixado lívidos. Estavam todos com calças de brim e os pés nus dentro de tamancos. O resto do vestuário seguia a fantasia da miséria. Eram peças extravagantemente disparatadas. Chapéus sem copa, barretes alcatroados, gorros de lã e, por cima do avental de operário, veste preta, rota nos cotovelos. Muitos usavam chapéus de mulher, outros, um simples cesto na cabeça. Viam-se peitos cabeludos e,

pelos buracos da roupa, tatuagens de templos do amor, corações inflamados, cupidos etc. Distinguiam-se também ziquiziras e vermelhidões mórbidas. Dois ou três tinham posto uma corda de esparto presa fora do carro, que lhes servia de estribo para os pés. Um deles levava à boca algo que parecia uma pedra negra: era um pão que ele ia comendo. Todos tinham olhos secos e apagados, quando não com lampejos maus. A escolta praguejava, os acorrentados mal respiravam. De vez em quando ouvia-se o som de uma paulada numa omoplata ou numa cabeça. Alguns presos bocejavam, os andrajos eram terríveis, os pés pendiam, os ombros oscilavam, as cabeças batiam umas nas outras, os ferros tiniam, os olhos flamejavam ferocidade, os punhos se fechavam ou abriam-se inertes como mãos de defuntos. Atrás do comboio ria às gargalhadas um bando de crianças.

Essa fila de carros, fosse o que fosse, era lúgubre. Com toda a evidência, se amanhã ou dentro de uma hora caísse um temporal, e mais outro e outros, os farrapos ficariam encharcados e aqueles homens, uma vez molhados, não se enxugariam, uma vez gelados, não se aqueceriam, as calças de brim, com a chuva, se colariam na pele, a água encheria os tamancos, as chicotadas não poderiam impedir que batessem os dentes, a corrente continuaria a prendê-los pelo pescoço, os pés continuariam pendentes. É impossível não se abalar vendo criaturas humanas assim presas e passivas sob os frios nevoeiros do outono, expostas à chuva, ao vento, a todas as intempéries, como as árvores e as pedras.

As pancadas não poupavam nem mesmo os doentes, que jaziam amarrados no sétimo veículo e pareciam sacos de miséria ali descarregados.

De repente surgiu o sol; brotou o imenso raio do oriente, incendiando todas aquelas caras ferozes. As línguas se soltaram: uma avalanche de deboches, xingamentos e cantorias. A larga faixa de luz horizontal cortou em duas partes toda a fileira, iluminando as cabeças e as costas, deixando na sombra os pés e as rodas. Os pensamentos manifestaram-se nos rostos, foi um momento pavoroso; demônios reais já sem máscaras, almas ferozes desnudas. Iluminada, aquela turba permanecia tenebrosa. Alguns, mais alegres, tinham na boca canudos dos quais cuspiam porcarias nos que olhavam de fora, dando preferência às mulheres. A aurora acentuava, pelo escuro das sombras, essas imagens lamentáveis. Nenhum daqueles homens deixava de ser disforme, dada a miséria. Era tão monstruoso que a claridade do sol parecia apenas um bruxuleio de relâmpago. O veículo que abria o cortejo entoava e salmodiava aos berros, com agressiva jovialidade, um *pot-pourri* de Désaugiers, muito conhecido naquela época, "La Vestale". As árvores tremiam lúgubres, nas alamedas laterais, burgueses ouviam com uma beatitude idiota aquele achincalhe cantado por espectros.

No cortejo se viam, como num caos, todas as aflições, o ângulo facial de todos os animais, velhos, adolescentes, calvos, barbas grisalhas, monstruosidades cínicas, resignações impacientes, caretas selváticas, atitudes insensatas, focinhos de porco com bonés, rostos efeminados com pega-rapaz na testa, expressões infantis e por isso mesmo ainda mais horríveis; faces descarnadas de esqueletos às quais faltava apenas a morte. Via-se no primeiro veículo um negro, que talvez tivesse sido escravo, podendo então comparar os respectivos grilhões. O terrificante nível de baixo, a vergonha, se tinha impresso em todos aqueles rostos. Nesse grau de rebaixamento, as últimas transformações haviam ocorrido a todos, em suas últimas profundidades. A ignorância que passa à idiotia é como a inteligência que passa ao desespero. Não há escolha possível para homens que aparecem ao público como a elite da lama. Ficava claro que o eventual organizador daquela procissão imunda não os havia classificado. Os indivíduos estavam amarrados aleatoriamente, na desordem alfabética, é possível, e colocados ao acaso nos veículos. Mas horrores agrupados acabam sempre mostrando uma resultante, pois toda adição de infelizes chega a um total. Cada cadeia tinha uma alma própria, cada veículo tinha sua fisionomia. Atrás de uma que cantava, outra urrava, outra mendigava. Via-se uma que rangia os dentes, outra que ameaçava as pessoas da rua, outra que blasfemava Deus e uma última calada como um túmulo. Dante reconheceria ali os sete círculos do inferno, movediços.

Movimento das danações para o suplício, feito de forma sinistra, não no formidável e fulgurante carro do Apocalipse e sim na carroça, ainda mais sombria, das gemônias.

Um dos guardas, que tinha um gancho na ponta de um pau, de vez em quando sacudia aquele montão de imundícies humanas. Uma velha, entre os curiosos, os apontava a um meninote de cinco anos, dizendo: “Patife, vê se assim aprende!”

Como a cantoria e as blasfêmias iam aumentando, aquele que parecia ser o comandante da escolta fez estalar o chicote e, a este sinal, caiu sobre as sete carroças, com o barulho do granizo, medonha chuva de bastonadas surda e cega. Muitos rugiram e escumaram, o que dobrou a alegria das crianças em volta, nuvem de moscas em feridas.

Os olhos de Jean Valjean estavam assustadores. Não eram mais pupilas; eram o vidro profundo que substitui o olhar de certos desventurados, que parecem inconscientes da realidade, no qual flameja a reverberação dos horrores e das catástrofes. Não assistia a um espetáculo; impunham-lhe uma visão. Quis sair dali, fugir, desaparecer; não conseguiu arredar pé. Algumas vezes a pessoa sente-se presa e paralisada por coisas que vê. Ele ficou ali pregado, petrificado, estúpido,

perguntando a si mesmo, numa confusa e inexprimível aflição, o que significava aquela procissão sepulcral e de onde saía aquele pandemônio que o perseguia. Levou a mão à testa, gesto de alguém em quem a memória subitamente desperta: recordou-se de ser, com efeito, aquele o itinerário, o desvio utilizado para evitar o caminho da realeza, que era a estrada de Fontainebleau. Trinta e cinco anos antes, ele próprio havia passado por ali.

De maneira diferente, Cosette estava igualmente assustada. Nada compreendia de tudo aquilo, sentiu falta de ar; parecia impossível o que via. Afinal exclamou:

— Pai! O que essas carroças carregam?

Jean Valjean respondeu:

— Forçados.

— Mas para onde estão indo?

— Para as galés.

No mesmo momento a bastonada, aplicada por cem mãos zelosas, se multiplicou. Pancadas com a lateral dos sabres se acrescentaram, numa fúria de chicotes e porretes. Os presos se curvaram, uma hedionda obediência imperava no suplício e todos se calaram com o olhar de lobos acorrentados. Cosette tremia como varas verdes e perguntou.

— São ainda homens, meu pai?

— Algumas vezes — respondeu o infeliz.

Era, com efeito, a cadeia. Saindo antes do amanhecer de Bicêtre, seguia pela estrada de Mans para não passar por Fontainebleau, onde estava o rei. O desvio fazia a terrível viagem durar dois ou três dias mais. Poupava-se, entretanto, à pessoa real semelhante espetáculo e isso valia o esforço.

Jean Valjean voltou para casa arrasado. Semelhantes encontros são abalos e a recordação que deixam é como um terremoto.

Voltando com Cosette para a rua de Babylone, ele não ouviu mais perguntas sobre o que acabavam de ver; ia provavelmente preocupado demais consigo mesmo para prestar atenção em qualquer outra coisa. Somente à noite, quando ela se despediu para ir se deitar, é que a ouviu dizer a meia-voz, como se falasse para si mesma:

— Se encontrasse no caminho um daqueles homens… Jesus! Acho que corria, só de imaginá-lo perto de mim!

Felizmente, quis o acaso que no dia seguinte houvesse, a propósito de não sei qual evento oficial, diferentes festas em Paris: desfile militar no Champ de Mars, disputas esportivas no Sena, peças de teatro na Champs-Élysées, fogos de artifício na Étoile, iluminações por toda parte. Jean Valjean, contrariando seus hábitos e

tentando distrair Cosette da impressão da véspera, procurou apagar, no risonho tumulto da cidade, o espetáculo abominável que tinham visto. A parada militar, uma das atrações, tornava natural a circulação de uniformes, e ele vestiu sua farda de Guarda Nacional, com o vago sentimento de quem se refugia. No fim de tudo, a finalidade do passeio pareceu ter sido alcançada. Cosette, para quem era lei agradar ao pai e para quem, além disso, todo o espetáculo era novidade, aceitou a distração à maneira fácil e ligeira da adolescência e não viu de forma desdenhosa demais essa miscelânea de alegrias, chamada festa popular. Aparentemente, nada restara da hedionda visão do dia anterior.

Dias depois, numa manhã em que o sol brilhava magnífico, estavam os dois à entrada do pavilhão, no jardim — outra infração às regras que Jean Valjean parecia ter imposto a si mesmo e também à jovem que, triste, se habituara a ficar mais no seu quarto. Cosette estava ainda de penhoar, no desalinho das primeiras horas, adoravelmente gracioso nas jovens, como a nuvem diante do sol. Tinha a cabeça na claridade, com a cor rosada de quem dormiu bem, ternamente observada, e despetalava um malmequer, sem conhecer a linda alegoria do *ele me ama*, não me ama etc. — quem lhe teria ensinado? Brincava com a flor instintiva e inocentemente, sem saber que despetalar uma margarida é desvendar um coração. Caso existisse uma quarta Graça chamada Melancolia e fosse sorridente, Cosette se pareceria com essa Graça. Jean Valjean estava sob o fascínio daqueles dedinhos na flor, esquecido de tudo na doçura que aquela criança lhe proporcionava. Um pintarroxo brincava num matinho ao lado. Nuvens claras atravessavam o céu de forma tão alegre que era como se tivessem acabado de ser postas em liberdade. Cosette continuava a desfolhar atentamente a flor. Parecia estar pensando em alguma coisa e, de repente, inclinou a cabeça no ombro com a delicada indolência do cisne e perguntou:

— Pai, mas o que são as galés?

LIVRO QUARTO

O SOCORRO NA TERRA PODE VIR DO CÉU

I

Ferida externa, cura interna

A vida, então, se entristecia gradualmente.

Restava apenas uma distração, que fora noutro tempo uma felicidade, a de levar pão a quem tinha fome e roupa a quem tinha frio. Nessas visitas aos pobres, nas quais Cosette muitas vezes acompanhava Jean Valjean, os dois recuperavam um pouco da antiga satisfação. Às vezes, tendo o dia sido proveitoso, com muitas desgraças socorridas, crianças reanimadas e aquecidas, Cosette, à noite, sentia-se feliz. Foi nessa época que eles foram ao covil dos Jondrette.

No dia seguinte à visita, calmo como sempre, Jean Valjean apareceu pela manhã no pavilhão com uma grande ferida no braço esquerdo, bastante inflamada, feia, parecendo uma queimadura, que ele explicou de forma vaga. O ferimento o deixou mais de um mês com febre, sem sair de casa. Não quis que se chamasse um médico. Quando Cosette insistia, ele dizia que então chamasse um veterinário.

Pela manhã ela trocava os curativos e nos fins de tarde parecia tão divina, com tão angélica felicidade por ajudá-lo, que Jean Valjean sentiu voltar a antiga alegria, dissiparem-se os receios e angústias, contemplando Cosette e dizendo:

— Santa ferida, que contratempo mais bem-vindo!

Com o pai doente, Cosette quase não ficava mais no pavilhão. Passava os dias com ele, lendo em voz alta os livros que pedisse. Eram, em geral, livros de viagens. Jean Valjean renascia; a felicidade voltava com inefável brilho: o Luxembourg, o intruso desconhecido, todas aquelas nuvens que ameaçavam a sua alma se dissipavam e ele acabava pensando: "Imaginei tudo aquilo, sou só um velho maluco."

A felicidade era tamanha que o horror de voltar tão inesperadamente a ver os Thénardier no cortiço, como Jondrette, de certa forma foi esquecido. Conseguira escapar sem deixar pista, que importância podia ter tudo o mais? Pensava nisso apenas para lamentar os infelizes. Estavam presos e sem poder mais prejudicá-lo, ele se tranquilizava, mas que lamentável e miserável família!

E da horrível visão da barreira do Maine, Cosette não falara mais.

No convento, irmã Sainte-Mechtilde tinha ensinado música a Cosette, que tinha uma voz de toutinegra com alma e às vezes, à noite, no pobre alojamento do doente, ela cantava canções tristes que encantavam Jean Valjean.

Chegou a primavera; o jardim era tão admirável nessa estação do ano que ele insistiu:

— Nunca mais ficou no jardim. Vá se distrair um pouco.

— Como queira, pai — respondeu ela.

E, só para obedecer, ela voltou a ficar diante do pavilhão, quase sempre só porque, como dissemos, Jean Valjean pouco ia lá, evitando ser visto por quem passasse do outro lado da grade.

Cuidar do pai a havia distraído.

Quando Cosette viu que ele já sofria menos e se restabelecia, parecendo inclusive satisfeito, sentiu-se aliviada e contente, sem nem mesmo notar, de tal forma isso ocorreu aos poucos e naturalmente. Além disso, estavam no mês de março; os dias ficavam mais longos e o inverno, indo embora, sempre leva com ele um pouco das nossas tristezas. Depois vem abril, esse ensaio do verão, arejado como são as madrugadas, alegre como a infância e um pouco chorão, como qualquer recém-nascido.

Nesse mês, a natureza tem clarões encantadores que passam do céu, das nuvens, das árvores, dos campos e das flores para o coração do homem.

Cosette era nova o bastante e essa alegria de abril não poderia deixar de invadi-la. Sem que se desse conta ou mesmo suspeitasse, o negrume se foi do seu espírito. A primavera ilumina as almas tristes como o meio-dia clareia os subsolos. Ela já nem estava mais tão triste. É o que acontecia, mas sem que ela percebesse. De manhã, por volta das dez horas, depois de almoçarem, quando conseguia levar por quinze minutos o pai até o jardim e o fazia tomar sol à frente da porta de casa, apoiando-o no braço machucado, ela nem percebia que ria a cada instante e estava feliz.

Jean Valjean, embriagado de felicidade, via o quanto a sua menina voltava outra vez a estar rosada e fresca.

— Santa ferida! — repetia ele em voz baixa.

E sentia-se grato aos Thénardier.

Curado o ferimento, ele retomou os passeios solitários e crepusculares.

Seria um erro achar que é possível passear assim, sozinho, por áreas desabitadas de Paris, sem que alguma coisa aconteça.

II

A velha Plutarco não tem dificuldade em explicar um fenômeno

Era fim do dia e o pequeno Gavroche nada havia comido. Lembrou-se de que também na véspera não jantara: isso estava se tornando cansativo. Resolveu buscar solução para o problema. Foi tentar a chance para lá da Salpêtrière, em locais desertos. É onde se pode ter sorte: sem ninguém em volta, acha-se sempre alguma coisa. Chegou assim a um aglomerado que lhe pareceu ser a vila de Austerlitz.

Numa das suas últimas perambulações, havia notado ali um quintal antigo, em que zanzava um velho e uma velha, e esse quintal tinha um sofrível pomar. Ao lado do pomar havia uma fruteira mal fechada, onde se poderia talvez conquistar uma maçã.

Uma maçã é uma ceia, uma maçã é vida. O que perdeu Adão podia salvar Gavroche. O jardim dava para uma ruela isolada, não calçada e cercada de certo matagal beirando as casas; apenas uma sebe o separava.

Ele tomou então o rumo do quintal. Encontrou a ruela, reconheceu o pomar, certificou-se da fruteira e examinou a sebe; ora, uma sebe é um salto. A tarde caía, não se via na travessa vivalma; a hora era excelente. Gavroche começou a escalada, mas de repente parou. Conversavam no quintal e ele olhou por uma abertura da sebe.

A dois passos dele, mas do outro lado, precisamente por onde ele esperava entrar, havia uma pedra tombada, formando uma espécie de banco, e nesse banco estava o velho do quintal, tendo à frente dele, de pé, a velha, que resmungava. Pouco discreto, Gavroche ouviu:

— Sr. Mabeuf! — dizia a velha.

"Mabeuf! Que nome esquisito!", pensou o menino.

O velho não se moveu e a velha repetiu:

— Sr. Mabeuf!

Sem tirar os olhos do chão, o velho respondeu:

— O que é, tia Plutarco?

"Tia Plutarco! Outro nome de comédia!", animou-se Gavroche.

A velha Plutarco continuou e o velho viu-se forçado a aceitar a conversa:

— O senhorio está descontente.

— Por quê?

— Porque não é pago há três trimestres.

— Daqui a três meses serão quatro.

— Mas ele diz que o porá na rua.

— Irei para a rua.

— A mulher do armazém também quer ser paga. Não me entrega mais lenha. Com que vai se aquecer no inverno?

— Temos o sol.

— O açougueiro já não quer fiar mais carne.

— Isso é o de menos. Estou digerindo mal a carne. É uma comida pesada.

— Mas então o que se há de jantar?

— Pão.

— O padeiro também quer receber alguma coisa, diz que sem dinheiro, nada de pão.

— Entendo.

— E o que vai comer?

— As maçãs da macieira.

— Mesmo assim, não se pode viver sem dinheiro.

— Pois eu não tenho.

A velha afastou-se e Mabeuf ficou só, perdido em pensamentos. Gavroche também. Era quase noite.

O primeiro resultado disso foi que, em vez de escalar a sebe, o menino se acocorou na base. A ramagem, pela parte de baixo, formava uma espécie de concavidade.

"Olha só!", exclamou para si mesmo Gavroche. "Uma alcova!" E aboletou-se nela. Estava quase encostado no banco do velho Mabeuf. Ouvia a respiração do octogenário.

Então, em vez de jantar, tratou de dormir.

Um sono de gato, com um olho só. Mesmo adormecendo, se mantinha atento.

A claridade do céu crepuscular iluminava ainda um pouco a terra e a ruela traçava uma linha esbranquiçada entre as duas fileiras de moitas escuras.

De repente, naquela faixa mais clara, apareceram duas sombras, uma atrás da outra, a alguma distância.

— Duas pessoas — murmurou Gavroche.

O primeiro vulto parecia ser um burguês velho, curvado e pensativo, vestido bem simplesmente e caminhando devagar, por causa da idade. Simplesmente

passeava à luz das estrelas.

O segundo andava firme, ereto, esguio. Visivelmente media os passos pelos do primeiro, mas naquele vagar voluntário pressentia-se flexibilidade e agilidade. Algo nele passava uma inquietante impressão de violência, apesar de, pela postura geral, se tratar de um "elegante", como se dizia então: o chapéu apresentava boa forma, a sobrecasaca era escura, de bom corte e provavelmente de bom tecido, bem cinturada. A cabeça tinha uma espécie de graça robusta e, sob o chapéu, esboçava-se no alvorecer um pálido perfil de adolescente. E esse perfil tinha uma rosa na boca. Gavroche conhecia bem esse segundo vulto, era Montparnasse.

Do outro não tinha o que dizer, a não ser que se tratava de um homem velho.

O menino passou imediatamente à observação. Um dos dois tinha evidentes projetos com relação ao outro. Gavroche estava bem situado para apreciar tudo. A alcova se tornara bom esconderijo.

Montparnasse à caça, naquele lugar, àquela hora, boa coisa não seria. Gavroche sentiu seu estômago de moleque se contrair, com pena do velho.

Mas o que fazer? Meter-se no meio? Uma fraqueza socorrendo outra! Seria coisa que faria Montparnasse rir. Ele sabia que, para o assustador bandido de dezoito anos, ele e o velho seriam duas nulidades.

Enquanto Gavroche media os prós e os contras, aconteceu o ataque, rápido e terrível. Ataque do tigre à gazela, da aranha à mosca. Montparnasse cuspiu a rosa, saltou sobre o velho, agarrou-o pelo pescoço para jogá-lo no chão. Gavroche só com muito custo pôde conter um grito. Passado um momento, estava um daqueles homens debaixo do outro, esmagado, agonizante, debatendo-se contra um joelho de mármore que pesava sobre o seu peito. Mas não era o que Gavroche havia imaginado. Quem estava por baixo era Montparnasse e quem estava em cima dele era o velho. Tudo isso se passava a alguns passos.

O velho recebera o ataque e revidou, mas de forma tão violenta que num abrir e fechar de olhos se tinham invertido os papéis entre assaltante e assaltado.

"Esse inválido não é de brincadeira!", pensou Gavroche.

E não pôde deixar de bater palmas. Mas foram palmas perdidas. Não chegaram aos ouvidos dos dois combatentes, absorvidos e ensurdecidos um pelo outro, confundidas as respirações na luta.

Veio enfim o silêncio. Montparnasse parou de se mexer. Gavroche pensou: "Será que está morto?" O velho não deixara escapar nenhuma exclamação, nenhum grito. De repente endireitou-se e disse:

— Levante-se.

Montparnasse obedeceu, mas sem que o velho o largasse. Parecia humilhado e furioso como um lobo subjugado por um cordeiro.

Gavroche olhava e escutava. Estava se divertindo muito.

Foi recompensado em sua conscienciosa ansiedade de espectador. Pôde ouvir esse diálogo que ganhava, na obscuridade crepuscular, um acento trágico. O velho interrogava, Montparnasse respondia:

— Que idade tem?

— Dezenove anos.

— É forte e saudável. Por que não trabalha?

— Não gosto.

— Como vive?

— Vadiagem.

— Responda sério. Posso fazer alguma coisa por você? O que quer ser?

— Ladrão.

Houve um momento de silêncio. O velho parecia profundamente pensar. Mantinha-se imóvel, mas não largava Montparnasse.

De vez em quando, o jovem bandido, vigoroso e rápido, ensaiava reações como as dos animais presos em armadilha. Tinha ímpetos bruscos, arriscava um chute, contorcia os membros, tentando escapar. O velho parecia nem sequer notar, segurava ambos os braços do rapaz com apenas uma das mãos, na soberana indiferença da força absoluta.

Sua abstração durou algum tempo e depois, encarando fixamente o delinquente, ele ergueu com suavidade a voz e, no lusco-fusco em que se achavam, fez uma espécie de discurso solene, do qual Gavroche não perdeu uma palavra:

— Meu filho, por preguiça você entra na mais trabalhosa das existências. E diz ser vadio! Prepare-se para trabalhar. Já viu de perto uma máquina muito perigosa que se chama laminador? Tome cuidado, é uma coisa ardilosa e feroz. Quando agarra uma ponta da sua roupa, o engole inteiro. Igual a essa máquina é o ócio... Pare enquanto é tempo e mude de ideia! Se não fizer isso, está acabado, em pouco tempo será pego pela engrenagem. E uma vez pego, não espere mais nada. Trabalhe, preguiçoso! Não descanse. Ganhar a vida, ter uma tarefa, cumprir um dever, nada disso você quer! Não quer ser como os outros, acha enfadonho! Mas será como todos, de outra forma.

"O trabalho é a lei; quem o rejeita como tédio, o terá como suplício. Não quer ser operário, será escravo. O trabalho só nos larga de um lado para nos agarrar por outro; não quer ser seu amigo, será seu lacaio. Não quer o cansaço honesto dos homens, terá o suor dos condenados. Onde outros cantam, você estará gemendo.

Verá de longe, de baixo, os outros trabalharem e terá a impressão de que descansam. O lavrador, o ceifeiro, o marinheiro, o ferreiro vão parecer bem-aventurados num paraíso. Quanto esplendor numa bigorna! Empurrar a charrua, amarrar a palha são alegrias. A barcaça livre ao vento, que festa! Você, preguiçoso, escavaque, arraste, empurre, ande! Carregue o seu jugo, pois se tornou gado na atrelagem do inferno! Não vai ser de outro modo, foi o que você procurou.

"Nem uma semana, nem um dia, nem uma hora será sem fadiga. Tudo que conseguir será na aflição. Os minutos que passam vão estar arrebentando os seus músculos. O que parece leve aos outros será para você um rochedo. As coisas mais simples se complicarão. A vida vai se tornar um monstro ao seu redor. Ir, vir, respirar se tornarão trabalhos terríveis. O seu pulmão vai parecer pesar cinquenta quilos. Andar por aqui e não por ali se tornará um problema a se resolver. Para qualquer pessoa que queira sair, basta empurrar a porta; você terá de furar paredes. Para ir à rua, o que faz todo mundo? Desce a escada. Você terá que rasgar os lençóis da cama, amarrar os pedaços para ter uma corda, saltar pela janela, pendurar-se no vazio, e tudo isso será de noite, em plena tempestade, sob chuva e vendaval: se a corda for curta, a única solução será se jogar. Jogar-se ao acaso, no abismo, de uma altura qualquer, e sobre o quê? Sobre o que estiver embaixo, o desconhecido. Ou se agarrará num tubo de chaminé, com o risco de se queimar, se arrastará por um cano de esgoto, com o risco de se afogar. Sem falar dos buracos abertos que é preciso esconder, das pedras que é preciso tirar e recolocar vinte vezes por dia, da caliça que é preciso esconder dentro da enxerga. Uma fechadura que se deva abrir, o burguês tem no bolso sua chave, fabricada pelo chaveiro. Já você estará condenado a uma obra-prima assustadora, para chegar ao mesmo resultado. Terá que pegar uma moeda grande e cortá-la em duas lâminas. Com que ferramentas? Será preciso inventar. Problema seu. Depois terá que escavar o interior dessas duas lâminas, conservando com todo o cuidado a parte externa, e precisará esculpir em todo o redor uma rosca, de maneira a que as duas metades perfeitamente se agarrem uma na outra, como um vaso e sua tampa. As duas partes assim juntadas não levantarão suspeitas. Para os guardas, pois você está sendo vigiado, será apenas uma moeda grande, para você, é uma caixa. E o que vai colocar nela? Um pedacinho de aço. Uma mola de relógio que você tornou dentada e que servirá de serra. Com ela, comprida como um alfinete e escondida dentro de uma moeda de um soldo, você terá que serrar o trinco da fechadura, o pino da aldrava, a curva do cadeado, a barra da janela, a bola que prende a sua perna.

"Terminada essa obra-prima, consumado esse prodígio, operados esses milagres de arte, destreza, habilidade e paciência, se vierem a descobrir quem foi o autor, qual

será a sua recompensa? A solitária. Este é o seu futuro. A preguiça e o prazer, que precipícios! O ócio é uma escolha funesta, não vê? Viver à sombra da substância social... ser inútil significa ser nocivo! Conduz diretamente ao fundo da miséria. Pobre de quem quer ser parasita, pois será verme! Não gosta de trabalhar! Não pensa senão em comer, beber e dormir bem. Beberá água, comerá pão preto, dormirá numa tábua e preso a uma grilheta, que gelará o seu corpo à noite. Conseguirá mesmo assim escapar. Muito bem. Vai se arrastar no mato e comer raízes como os brutos que vivem na floresta. E será pego. Então passará anos numa masmorra, acorrentado a uma muralha, beberá às cegas numa bilha, molhando um pão horrível e escuro que nem os cachorros quereriam, comendo favas que os vermes já terão roído antes. Será uma lesma num buraco úmido. Ah, tenha pena de si mesmo, miserável criança que há vinte anos ainda mamava e que sem dúvida ainda tem mãe! Por favor, me ouça! Quer se vestir com pano fino, calçar sapatos envernizados, cachear os cabelos e penteá-los com óleos perfumados, agradar, ser bonito! Terá a cabeça raspada, um avental vermelho e tamancos. Quer um anel no dedo, terá uma gargalheira no pescoço. Se olhar para uma mulher, uma paulada. Entrará com vinte anos e sairá com cinquenta! Entrará moço, corado, jovial, cabeleira de adolescente, olhos brilhantes e dentes brancos, para sair despedaçado, curvado, encarquilhado, desdentado, horrível e de cabelos brancos! Ah! Pobre rapaz, está indo por caminho errado; a preguiça dá maus conselhos; o mais rude dos trabalhos é o roubo! Acredite: não assuma a terrível tarefa de ser preguiçoso. Tornar-se um vagabundo não é fácil. É menos custoso ser homem de bem. Agora vá e pense no que eu disse. Mas é verdade: o que queria comigo? A minha bolsa? Fique com ela."

E o velho, soltando Montparnasse, pôs na sua mão a bolsa, cujo peso o rapaz calculou por um instante e depois, com a mesma cautela maquinal com que a guardaria se a tivesse roubado, enfiou-a lentamente na algibeira.

Dito e feito tudo isso, o velho continuou tranquilamente seu passeio.

— Que idiota! — murmurou Montparnasse.

Quem era aquele homem? O leitor sem dúvida já adivinhou.

Montparnasse, sem nada entender, viu-o desaparecer no crepúsculo. Essa distração, porém, foi-lhe fatal.

Enquanto o velho se afastava, Gavroche aproximava-se.

O moleque, com uma olhadela de viés, primeiro assegurou-se de que Mabeuf, talvez adormecido, permanecia ainda no banco. Saiu da moita e se arrastou na sombra por trás de Montparnasse, que continuava parado e imóvel. Chegou sem ser visto nem pressentido, meteu-lhe sorrateiro a mão no bolso traseiro da sobrecasaca de fino pano preto, pegou a bolsa, retirou a mão e, continuando a arrastar-se,

executou a evasão da cobra nas trevas. Montparnasse não tinha por que estar atento e, pela primeira vez na vida, pensava; de modo que nada percebeu. Gavroche, assim que chegou ao lugar em que Mabeuf estava, atirou a bolsa por cima da sebe, para dentro do quintal, e fugiu.

A bolsa caiu num pé do velho, que cochilava, e a pancada o acordou. Sem saber o que significava aquela bolsa, abriu-a. Havia nela dois compartimentos: num estava alguma prata; no outro, seis napoleões.

Atônito, o sr. Mabeuf levou aquilo à governanta.

— Isto caiu do céu! — declarou a velha Plutarco.

LIVRO QUINTO

O FIM NÃO SE ASSEMELHA AO PRINCÍPIO

I

A solidão e o quartel combinados

A dor de Cosette, tão forte e tão viva quatro ou cinco meses antes, entrara em convalescença, sem que ela se desse conta. A natureza, a primavera, a mocidade, a dedicação ao pai, a alegria dos passarinhos e das flores pouco a pouco, dia após dia, gota a gota destilavam, naquela alma tão virgem e tão jovem, algo que se assemelhava quase ao esquecimento. O fogo se apagava por completo? Ou seriam apenas camadas de cinza que se sobrepunham? O fato é que ela quase já não sentia ponto algum dolorido.

Um dia lembrou-se inopinadamente de Marius:

— Veja só! Já não penso mais nele — disse ela.

Naquela mesma semana, reparou, diante da grade do jardim, num belo oficial de lanceiros, cintura fina, uniforme sedutor, faces de menina, sabre sob o braço, bigodes encerados, quepe envernizado. Afora isso, cabelos louros, olhos azuis saltados, rosto redondo, fisionomia vã, insolente e bonita; em tudo o contrário de Marius. Na boca um charuto. Cosette imaginou que o oficial provavelmente pertenceria ao regimento aquartelado na rua de Babylone.

No dia seguinte tornou a vê-lo passar. Marcou a hora.

A partir deste momento — seria um acaso? —, todos os dias o via passar.

Os companheiros do oficial haviam descoberto que naquele jardim "maltratado", por trás da enferrujada grade rococó, havia uma linda criatura, que sempre se encontrava ali quando passava o bonito alferes, conhecido do leitor e que se chamava Théodule Gillenormand.

— Preste atenção — disseram eles —, tem ali uma mocinha que olha para você!

— Como se eu tivesse como dar atenção a todas as mocinhas que olham para mim!

Isso foi no exato instante em que Marius caía na angústia e dizia:

— Se eu pudesse tornar a vê-la antes de morrer!

Se o seu desejo se realizasse e ele, naquele momento, tivesse visto Cosette olhando para um lanceiro, não poderia dizer uma palavra, a dor o teria matado.

E quem seria culpado? Ninguém.

Marius tinha um desses temperamentos que mergulham na amargura e nela permanecem; já Cosette era dos que também mergulham, mas saem logo.

A jovem, além disso, atravessava a perigosa época, a fase fatal do devaneio feminino deixado a si mesmo, em que o coração da jovem isolada se assemelha às gavinhas das videiras que grudam, segundo o acaso, no capitel de uma coluna de mármore ou no barrote de uma taberna. Momento rápido e decisivo, crítico para toda órfã, seja ela pobre, seja ela rica, pois a fortuna não a protege das más escolhas, a má aliança pode se dar para o alto. A verdadeira má aliança é a das almas, e assim como um rapaz desconhecido, sem nome de família, sem berço, sem patrimônio pode ser uma coluna de mármore sustentando um templo de grandes sentimentos e de grandes ideias, um outro da alta sociedade, satisfeito e opulento, de botas engraxadas e palavras envernizadas, se o olharmos, não por fora, mas por dentro, ou seja, como somente as mulheres podem fazer, às vezes não passa de um sarrafo idiota, obscuramente habitado por paixões violentas, imundas e aviltadas: um barrote de taberna.

O que havia na alma de Cosette? Paixão acalmada ou adormecida; amor em estado flutuante; algo límpido, brilhante, turvo a certa profundidade, escuro mais abaixo. A imagem do belo oficial refletia-se na superfície. Haveria uma recordação no fundo, bem no fundo? Pode ser. Cosette não sabia.

Nisso sobreveio um incidente singular.

II

Medos de Cosette

Na primeira quinzena de abril, Jean Valjean fez uma viagem. Isso, como se sabe, acontecia de tempos em tempos e muito espaçadamente. Nunca se ausentava por mais do que um ou dois dias. Aonde ia? Ninguém sabia, nem mesmo Cosette. Somente uma vez, numa daquelas partidas, ela o acompanhou num fiacre até a

entrada de um pequeno beco sem saída, em cuja esquina se lia IMPASSE DA PLANCHETE. Ali ele desceu e o fiacre levou Cosette de volta à rua de Babylone. Era em geral quando o dinheiro começava a faltar na casa que Jean Valjean dava essas saídas.

Ele então estava fora e havia dito:

— Volto em três dias.

À noite, sozinha na sala, Cosette para se entreter abriu o piano e começou a cantar, acompanhando-se, o coro de *Euryanthe*, "Caçadores perdidos no bosque!", que talvez seja o trecho mais belo de toda essa ópera. Quando acabou, ficou pensativa.

De repente, achou ouvir passos no jardim.

Não podia ser o pai, que estava ausente, não podia ser Toussaint, que já se deitara. Eram dez horas da noite.

Aproximou-se da janela da sala, que estava fechada, e colou o ouvido, prestando atenção.

Pareceu-lhe ouvir passos de homem, mas que andava com muita precaução.

Subiu ao primeiro andar, foi ao seu quarto, abriu o postigo que havia na janela e olhou para o jardim. Era lua cheia; enxergava-se como se fosse dia.

Não se via ninguém.

Abriu a janela. O jardim estava absolutamente tranquilo e a rua, pelo menos o que dela se podia ver, deserta como sempre.

Provavelmente se enganara. Tinha impressão de ter ouvido aquilo. Devia ser uma alucinação produzida pelo sombrio e prodigioso coro de Weber, que abre profundezas inquietas, fazendo o espírito tremer como numa floresta vertiginosa e ouvir estalarem gravetos sob os passos apreensivos dos caçadores percebidos no crepúsculo.

Não pensou mais nisso.

Aliás, Cosette não era particularmente medrosa. Tinha nas veias sangue de cigana e de aventureira que anda descalça. Ela, devemos lembrar, se identificava mais com a cotovia do que com a pomba. Tinha um fundo selvagem e destemido.

No dia seguinte, menos tarde, ao anoitecer, ela passeava sozinha no jardim. No meio de pensamentos indefinidos, achou ouvir de vez em quando um ruído semelhante ao da véspera, como o de alguém que andasse, no escuro, entre as árvores ali perto, mas se lembrou que nada se assemelha tanto ao som de passos na relva quanto o roçar de dois ramos sob a brisa, e não se preocupou mais. Além disso, não via coisa alguma.

Saiu do "mato"; faltava atravessar um pequeno gramado para chegar à entrada do pavilhão. A lua acabava de surgir atrás dela e projetou sua sombra à frente, no gramado.

Cosette parou aterrada.

Ao lado da sua sombra, a lua distintamente marcava outra, assustadora e terrível; uma sombra que tinha um chapéu redondo.

Era a sombra de um homem que devia estar em pé, na orla do arvoredo, alguns passos mais atrás.

Ela permaneceu por um minuto sem poder falar, nem gritar, nem chamar, nem mover-se, nem olhar para trás.

Enfim, concentrou suas forças e voltou-se resolutamente.

Não havia ninguém.

Olhou para o chão. A sombra desaparecera.

Entrou no matagal, procurou por todos os cantos, foi até a grade e não achou coisa alguma.

Sentiu-se realmente gelada. Seria outra alucinação? Como? Dois dias seguidos? Uma alucinação passa; mas duas alucinações? O preocupante é que a tal sombra não era um fantasma. Fantasmas não usam chapéu redondo.

No dia seguinte Jean Valjean voltou. Cosette contou o que achava ter visto e ouvido. Esperava que o pai a sossegasse e dissesse, dando de ombros: "Maluquices de criança!"

Ele pareceu se preocupar, mas disse:

— Talvez não seja nada.

Alegou um motivo qualquer e foi ao jardim. Cosette viu que examinava a grade com muita atenção.

Durante a noite ela acordou. Dessa vez tinha certeza, ouvia distintamente passos muito perto da entrada do pavilhão, bem abaixo da sua janela. Correu ao postigo e o abriu. Havia de fato um homem no jardim, com um grosso pedaço de pau na mão. No momento em que ia gritar, a lua iluminou em cheio o rosto daquele homem. Era o seu pai.

Voltou a se deitar dizendo:

— Ele então ficou preocupado!

Jean Valjean passou aquela noite e as duas seguintes no jardim. Cosette viu-o pelo postigo.

Na terceira noite, a lua minguante começava a erguer-se mais tarde; seria já uma hora da manhã quando ouviu uma grande risada e a voz de seu pai chamando-a.

Saltou da cama, vestiu um roupão e abriu a janela.

Ele estava lá embaixo, no pequeno gramado.

— Quis apenas sossegá-la — disse ele. — Veja a sombra do chapéu redondo.

E indicou na grama uma sombra projetada pelo luar e que, efetivamente, parecia muito com a de um homem que tivesse na cabeça um chapéu redondo. O que a produzia era a chaminé de um fogão ou lareira, com capitel, que se elevava acima de um telhado próximo.

Cosette também riu; todas as conjecturas lúgubres se desfizeram e, no dia seguinte, almoçando com o pai, os dois fizeram piadas sobre o sinistro jardim frequentado por sombras de chaminés.

Jean Valjean voltou a ficar tranquilo. Cosette, por sua vez, nem mesmo reparou se a chaminé ficava mesmo na direção da sombra que havia visto e se a lua se achava no mesmo ponto do céu. Não se interrogou muito sobre a particularidade de uma chaminé com capitel que, para não ser pega em flagrante delito, desaparece quando lhe veem a sombra, pois aquela sombra havia desaparecido quando ela se virou e isso, no dia, lhe parecera indiscutível. Mas Cosette também se tranquilizou, a demonstração pareceu perfeitamente satisfatória e o fato de um intruso andar pelo jardim, no final do dia ou à noite, lhe saiu do pensamento.

Poucos dias depois, no entanto, novo incidente ocorreu.

III

Comentários enriquecidos de Toussaint

No jardim, junto da grade que dava para a rua, havia um banco de pedra, que uma sebe protegia da visão dos curiosos, mas ao qual não obstante podia chegar o braço de alguém que, da rua, o passasse pela grade e pela sebe.

Certa tarde daquele mesmo mês de abril, Jean Valjean tinha saído e Cosette, depois do sol posto, se sentou naquele banco. Um brisa fresca atravessava as árvores, ela pensava em mil coisas, pouco a pouco invadida por essa tristeza indefinida que nos invade no final do dia, vinda, quem sabe?, do mistério da tumba que se entreabre a essa hora.

Fantine talvez estivesse naquela sombra.

Cosette se levantou, deu um lento passeio pela relva inundada de orvalho, pensando, na espécie de sonambulismo melancólico em que estava mergulhada: "A esta hora eu deveria realmente usar uns tamancos para andar no jardim. Posso até pegar um resfriado."

E voltou ao banco.

No momento em que ia se sentar, reparou que no lugar que pouco antes deixara havia uma pedra bastante grande, que evidentemente não estava ali momentos antes.

Olhou muito atenta para a pedra, perguntando a si mesma o que poderia ser aquilo. De repente lembrou-se de que a pedra não poderia ter aparecido no banco sem que alguém a tivesse posto e que um braço passara através da grade. A ideia a assustou. Um medo dos mais justificados: a pedra estava ali. Não havia dúvida possível. Ela nem chegou perto, fugiu sem olhar para trás, escondeu-se em casa, fechou e trancou a janela por dentro. Chamou Toussaint:

— Meu pai já voltou?

— Ainda não.

(Não vamos insistir na gagueira de Toussaint. Permitam-nos não assinalá-la por escrito. Não queremos dar uma notação musical a uma enfermidade.)

Jean Valjean, homem pensativo e caminhador noturno, muitas vezes só voltava para casa tarde da noite.

— Toussaint — tornou Cosette —, tem trancado bem as janelas que dão para o jardim e prendido as trancas com as chavetas?

— Pode estar descansada, menina.

Toussaint nunca deixava de fazer isso; Cosette sabia-o muito bem, mas não pôde deixar de acrescentar:

— É que este lugar é tão deserto!

— Isso é verdade — disse Toussaint. — Podemos ser assassinadas, antes de ter tempo para dizer: "Ai, Jesus!" De mais a mais, não ficando o patrão em casa. Mas não tenha medo que eu fecho todas as noites as janelas como se fossem as de uma bastilha. Duas mulheres aqui sozinhas! É de dar medo! Imagine homens entrando de noite no quarto e dizendo: "Não faça barulho!" E depois nos cortam o pescoço! Morrer é o de menos, de um jeito ou de outro a gente vai morrer. O pior é pensar que homens possam tocar na gente. Além disso, as facas nem devem cortar direito! Credo!

— Pare com isso — disse Cosette. — Feche bem tudo.

Assustada com o melodrama improvisado de Toussaint, e talvez também pelas aparições da semana anterior, Cosette nem ousou pedir que ela fosse ver a pedra que

puseram no banco, com medo de abrir a porta do jardim e que "os homens" entrassem. Mandou fechar cuidadosamente todas as portas e janelas, fez Toussaint revistar a casa inteira, de cima a baixo, fechou-se no quarto, correu todos os ferrolhos, olhou debaixo da cama, deitou-se e dormiu mal. A noite inteira viu a pedra, do tamanho de uma montanha e cheia de cavernas.

Ao nascer do sol — é uma característica do nascer do sol nos fazer rir de todos os nossos terrores noturnos; um riso proporcional ao medo que se sentiu —, Cosette acordando encarou seu medo como um pesadelo e disse consigo:

— Em que estive pensando? É como os passos que achei ouvir no jardim na semana passada! É como a sombra da chaminé! Estou ficando medrosa?

O sol, que brilhava pelas fendas da aba das janelas, tingindo de vermelho o adamascado das cortinas, tranquilizou-a de tal modo que tudo aquilo desapareceu do pensamento, até mesmo a lembrança da pedra.

— Tinha uma pedra em cima do banco tanto quanto um homem de chapéu redondo no jardim. Sonhei com a pedra — disse ela.

Vestiu-se, desceu ao jardim, correu ao banco e sentiu correr um suor frio. A pedra estava lá.

Mas passou rápido. O que é medo à noite se torna curiosidade de dia.

— Bom! — disse ela. — Vejamos o que é.

E levantou a pedra. Havia debaixo algo como uma carta.

Era um envelope em papel branco, que ela olhou com cuidado. Não havia endereço de um lado nem selo do outro. Não estava lacrado, mas também não estava vazio. Dentro, alguns papéis.

Revirou tudo, e o que sentia não era medo nem curiosidade; era um começo de aflição.

Tirou o que tinha dentro: um caderninho e cada página era numerada, com algumas linhas escritas. "Uma caligrafia bem bonita e fina", pensou Cosette.

Procurou um nome, não tinha e nem assinatura. A quem era aquilo endereçado? Provavelmente a ela, já que fora deixado sobre o banco. De quem poderia vir? Sentia-se quase hipnotizada, tentou desviar os olhos das folhas de papel que tremiam nas suas mãos, olhou para o céu, para a rua, para as acácias, todas inundadas de luz, para os pombos que esvoaçavam num telhado, e afinal baixou a vista para o manuscrito, dizendo a si mesma ser preciso saber o que era aquilo.

Eis o que leu:

IV

Um coração sob uma pedra

A redução do universo a um único ser, a dilatação de um único ser até Deus, isto é o amor.

O amor é a saudação dos anjos aos astros.

Como é triste a alma quando a sua tristeza provém do amor!

Que vazio este da ausência do ser que, por si só, preenche o mundo! Oh, é verdade, o ser amado se torna Deus! Compreender-se-ia que Deus se ultrajasse, se o Pai de todas as coisas não tivesse evidentemente feito a criação para a alma e a alma para o amor.

Basta um sorriso entrevisto ao longe, um chapéu de crepe branco com aba lilás, para que a alma entre no palácio dos sonhos.

Deus está por trás de tudo, mas tudo oculta Deus. As coisas são escuras, as criaturas são opacas. Amar alguém é torná-lo transparente.

Certos pensamentos são orações. Há momentos em que a alma, qualquer que seja a postura do corpo, está de joelhos.

Os amantes separados iludem a ausência por mil coisas quiméricas, que têm contudo sua realidade. Impedem que se vejam, eles não podem se escrever, mas encontram uma quantidade de meios de correspondência. Enviam-se o canto dos pássaros, o perfume das flores, o riso das crianças, a luz do sol, os suspiros do vento, os brilhos das estrelas, toda a Criação. E por que não? Todas as obras de Deus foram feitas para servir o amor. O amor é poderoso o bastante para mudar o estilo das suas mensagens.

Ó primavera! És uma carta que eu escrevo!

O futuro pertence ainda mais aos corações do que aos espíritos. Amar é a única coisa que pode ocupar e preencher a eternidade. Ao infinito é necessário o inesgotável.

O amor participa da própria alma. Tem a mesma natureza. Como ela, é centelha divina, é incorruptível, indivisível, imorredouro. É um ponto de fogo que existe em nós, é imortal e infinito, que nada pode limitar e coisa alguma pode apagar. Sentimo-lo queimar até a medula dos ossos e vemo-lo brilhar até o fundo do céu.

Ó amor, adorações, volúpia de dois espíritos que se compreendem, de dois corações que se tocam, de duas vistas que se penetram! Virão a mim, não é mesmo, felicidades? Passeios a dois nas solidões, dias abençoados e resplandecentes! Tenho às vezes sonhado que de tempos em tempos se destacam algumas horas da vida dos anjos e vêm a este mundo atravessar o destino dos homens.

Deus nada pode acrescentar à felicidade dos que se amam, senão dando-lhe duração eterna. Depois de uma vida de amor, uma eternidade de amor é, com efeito, um acréscimo; mas aumentar em sua intensidade a felicidade inefável que o amor dá à alma, neste mundo, é impossível,

mesmo para Deus. Deus é a plenitude do céu; o amor é a plenitude do homem.

Olha-se uma estrela por dois motivos: por ser luminosa e por ser impenetrável. Mas temos perto de nós mais suave brilho e maior mistério: a mulher.

Todos, quem quer que sejamos, temos os nossos seres respiráveis. Se eles nos faltam, falta-nos ar e sufocamos. Vem a morte. Morrer por falta de amor é horrível. É a asfixia da alma!

Quando o amor funde e alia dois seres numa unidade angélica e sagrada, esses dois seres encontraram o segredo da vida; não são mais do que dois termos de um mesmo destino; duas asas de um mesmo espírito. Amem, flutuem!

No dia em que uma mulher que passa desprende à sua frente uma luz, você está perdido, você ama. E só lhe resta então uma coisa a fazer: pensar nela tão fixamente que a obrigue a pensar em você.

Aquilo que o amor começa só pode ser acabado por Deus.

O verdadeiro amor aflige-se ou encanta-se por causa de uma luva perdida ou de um lenço achado, e necessita da eternidade para a sua dedicação e esperanças. Compõe-se, ao mesmo tempo, do infinitamente grande e do infinitamente pequeno.

Se você for pedra, seja ímã; se for planta, seja sensitiva; se for homem, seja amor.

Nada basta ao amor. Tem-se a felicidade, busca-se o paraíso; tem-se o paraíso, busca-se o céu.

Ó vocês que se amam, tudo isso está no amor. Saibam encontrá-lo. O amor tem tanto quanto o céu a contemplação, e mais que o céu a volúpia.

Ela ainda vem ao Luxembourg? — Não, senhor. — É nesta igreja que ela vem à missa, não é verdade? — Não mais. — Ainda mora nesta casa? — Mudou-se. — Para onde? — Não disse.

Que sombria coisa não sabermos onde mora a nossa alma!

O amor tem criancices, as outras paixões têm pequenices. Vergonha às paixões que tornam o homem pequeno! Viva aquela que o torna criança.

Não sabe? É uma coisa estranha. Vivo na escuridão. Alguém, ausentando-se, levou consigo o céu.

Oh, estarmos deitados ao lado um do outro no mesmo túmulo, de mãos dadas e, de tempos em tempos, no meio das trevas, acariciarmo-nos docemente um dedo seria o bastante para a minha eternidade!

Você que sofre porque ama, ame mais ainda. Morrer de amor é viver dele.

Ame. A este suplício alia-se uma sombria e estrelada transfiguração. Há êxtase na agonia.

Oh, ventura dos passarinhos! Têm o canto porque têm o ninho.

O amor é uma aspiração celeste do ar do paraíso.

Corações profundos, espíritos prudentes, aceitem a vida como Deus determinou; é uma longa provação, uma preparação ininteligível para o destino desconhecido. Esse destino, o verdadeiro, começa para o homem no primeiro degrau interno do túmulo. Alguma coisa então aparece e ele começa a distinguir o definitivo. O definitivo, pensem nessa palavra. Os vivos veem o infinito, ao definitivo apenas os mortos podem ver. Enquanto isso, amem e sofram, esperem e contemplem. Ah, pobre de quem não houver amado senão o corpo, as formas, as aparências! Perderá tudo com a morte. Tratem de amar as almas, pois voltarão a encontrá-las.

Vi na rua um rapaz paupérrimo, que amava. O chapéu era velho, a casaca muito usada, com os cotovelos rotos. A água passava através dos sapatos, os astros através da alma.

Que grande coisa ser amado! Que coisa maior ainda é amar! O coração torna-se heroico pela paixão. Compõe-se apenas daquilo que é puro; apoia-se apenas no que é elevado e grande. Nele um pensamento indigno não pode germinar, como a urtiga não germina no gelo. A alma alta e serena, inacessível às paixões e às emoções vulgares, dominando as nuvens e as sombras deste mundo, as loucuras, as mentiras, os ódios, as vaidades e as misérias, habita o azul do céu e sente apenas os profundos abalos

subterrâneos do destino, como o alto das montanhas sente as convulsões da terra.

Se não houvesse quem ama apagar-se-ia o sol.

V

Cosette depois da carta

Cosette, durante a leitura, foi caindo pouco a pouco num estado de devaneio. No momento em que ergueu os olhos da última linha do caderno, passava triunfalmente o bonito oficial (era a sua hora). Ela achou-o horrível.

Em seguida continuou a contemplar o caderno. Era escrito com uma letra linda, pensou ela; pelo mesmo punho, mas com tintas diversas, ora muito preta, ora esbranquiçada, como quando se coloca tinta no tinteiro e, por conseguinte, em dias diferentes. Percebia-se então ser um pensamento que ali se abrira, suspiro a suspiro, irregularmente, sem ordem, sem escolha, sem fim determinado, ao acaso. Nunca havia lido coisa semelhante. Aquele manuscrito, onde aparecia mais claridade do que escuridão, produzia nela o efeito de um santuário entreaberto. Cada uma daquelas linhas misteriosas resplendia diante dos seus olhos e inundava seu coração com uma estranha luz. A educação que recebera sempre falara de alma e nunca de amor, mais ou menos como quem falasse do tição sem falar da chama. Aquele manuscrito de quinze páginas revelava, de maneira brusca e suave, todo o amor, a dor, o destino, a vida, a eternidade, o começo, o fim. Era como se a mão de alguém tivesse se aberto, jogando nela um punhado de raios. Sentia-se, naquelas poucas linhas, um temperamento apaixonado, ardente, generoso, honesto; uma vontade sagrada, uma imensa dor e imensa esperança. Um coração oprimido, um êxtase que se distribui.

O que era aquilo? Uma carta. Carta sem endereço, sem nome, sem assinatura, de urgência e desinteressada, enigma composto de verdades, mensagem de amor a uma virgem, transmitida por um anjo, encontro combinado fora deste mundo, bilhete de

um fantasma a uma sombra. Era um ausente tranquilo e aflito, parecendo prestes a se refugiar na morte e que enviava à ausente o segredo do destino, a chave da vida, o amor. Aquilo havia sido escrito com o pé no túmulo e o dedo no céu. Aquelas linhas, caídas uma a uma no papel, eram o que se poderiam chamar gotas de alma.

Páginas assim, de quem poderiam vir? Quem poderia tê-las escrito?

Cosette não hesitou um minuto. Um só homem.

Ele.

Fez-se luz no seu espírito. Tudo se esclareceu. Foi assaltada por uma alegria inaudita e uma profunda aflição. Era ele, ele que lhe escrevia, ele que estivera ali e passara o braço por entre a grade! Ela o esquecia e ele a encontrara! Mas tinha-o mesmo esquecido? Não! Nunca! Foi loucura ter acreditado nisso por um momento. Sempre o amou, sempre o adorou. O fogo abafado se tinha assim mantido por algum tempo, mas, estava claro, apenas se aprofundara e agora explodia de novo, acendendo-a inteira.

Aquele caderno era a fagulha saída de outra alma para a sua. Sentia recomeçar o incêndio. Assumia cada palavra do manuscrito:

— Não tenho dúvida! — dizia ela. — Eu o reconheço nisso tudo! É o que já podia ver nos seus olhos!

Enquanto acabava de ler o caderninho pela terceira vez, o tenente Théodule tornava a passar diante da grade, fazendo tinir as esporas na calçada. Cosette não pôde deixar de erguer os olhos. Achou-o sem graça, néscio, tolo, inútil, fátuo, desagradável, impertinente e muito feio. O oficial acreditou ser preciso um sorriso. Cosette afastou-se envergonhada e cheia de indignação. Poderia perfeitamente lhe atirar alguma coisa na cabeça.

Correu, entrou em casa para se fechar no quarto e reler ainda o manuscrito, para decorá-lo e sonhar. Depois de ler inúmeras vezes, beijou o papel e guardou-o no seio.

Não houve jeito, ela novamente caía no profundo amor seráfico. O abismo do Éden voltava a se abrir.

O dia inteiro, Cosette esteve numa espécie de parvoíce. Mal raciocinava, suas ideias estavam como um novelo de lã na cabeça, nada conseguia articular, esperava em trêmula expectativa. E esperava o quê? Coisas vagas. Nada queria prometer a si mesma, nada queria recusar. O rosto às vezes empalidecia, o corpo tinha arrepios. Outras vezes vinha a impressão de entrar num estado quimérico e ela se perguntava: "Isto é real?" Apalpava então por cima do vestido o papel querido, apertava-o contra o coração, sentia-o na pele; e se Jean Valjean a visse naquele momento teria

estremecido diante da alegria luminosa e desconhecida que transbordava dos seus olhos. Sim, sim, pensava Cosette, foi realmente ele. É dele para mim!

E dizia que uma intervenção dos anjos, um acaso celeste, o havia trazido de volta.

Ó transfigurações do amor! Ó sonhos! O tal acaso celeste, a tal intervenção dos anjos, viera daquela bolinha de pão lançada de um ladrão a outro, do pátio Carlos Magno à Fossa dos Leões, por cima dos telhados da prisão da Force.

VI

Os velhos saem na hora certa

Chegada a noite, Jean Valjean saiu e Cosette se vestiu. Penteou-se da melhor maneira, escolheu um vestido que havia recebido no alto uma tesourada a mais e deixava bem à mostra o colo, num decote "um tanto indecente", como dizem as jovens. Nada tinha de indecente, mas era mesmo mais bonito assim. Cosette fez todos esses preparativos sem saber bem por quê.

Pretendia sair? Não.

Esperava alguma visita? Não.

Ao anoitecer, foi para o jardim. A velha Toussaint lidava na cozinha, que ficava nos fundos.

Meteu-se pelo arvoredo, afastando os ramos com a mão, pois alguns eram bem baixos.

Chegou ao banco.

A pedra ainda estava lá.

Sentou-se e descansou a alva mão na pedra, como se lhe fizesse um carinho e agradecesse.

De repente teve a indefinível impressão de haver alguém às suas costas, mesmo sem ver.

Voltou o rosto e ergueu-se.

Era ele.

Tinha a cabeça descoberta. Parecia muito pálido e magro. Apenas se distinguia o traje escuro. O crepúsculo tornava lívido o belo rosto e cobria de trevas os seus olhos. Sob um véu de incomparável doçura, havia nele algo da morte e da noite. A claridade do dia que se extinguia e o pensamento de uma alma que se vai ainda o iluminavam.

Parecia não ser ainda um fantasma, mas também já não era um homem.

O chapéu estava a alguns passos, jogado no chão.

Cosette, prestes a desfalecer, não soltou um só grito. Recuou lentamente, por se sentir atraída. Ele mesmo não se movia. Por alguma sensação inefável e triste que o envolvia, ela sentia seu olhar, oculto na sombra. Recuando, chegou a uma árvore e encostou-se. Não fosse isso, teria caído.

Então ouviu a sua voz, a voz que ela na verdade nunca antes ouvira, e essa voz murmurou:

— Perdoe-me estar aqui. Tenho o coração dilacerado, não podia continuar a viver como vivia e por isso vim. Leu o que deixei neste banco? Não sou um completo desconhecido, não é? Não tenha medo. Lembra-se do dia em que olhou para mim, já faz tanto tempo? Foi no Luxembourg, junto da estátua do gladiador. E do dia em que passou em frente a mim? Foi em 16 de junho e em 2 de julho, há quase um ano. Depois por muito tempo não a vi mais. Perguntei à funcionária que aluga cadeiras se a tinha visto, disse-me que não. Sei que morava na rua de l'Ouest, num apartamento de frente, no terceiro andar de um prédio novo: segui-a muitas vezes. O que mais podia fazer? Depois desapareceu. Um dia, estava lendo os jornais sob as arcadas do Odéon e achei reconhecê-la. Corri atrás, mas não era você. Era apenas alguém com um chapéu parecido. À noite, venho aqui. Não tenha medo, ninguém me vê. Venho apenas olhar de perto as suas janelas e ando bem devagar para que não me ouça, não querendo assustá-la. Uma dessas noites estive bem atrás de você, mas fugi quando se virou. Numa outra vez a ouvi cantar. Fiquei feliz. Causo algum mal ouvindo-a cantar por trás da janela? Isso não pode incomodá-la, não é verdade? Como vê, considero-a meu anjo; consinta que eu venha; creio que vou morrer! Se soubesse! Adoro-a! Perdoe-me por estar falando assim, não sei o que digo; estou importunando-a, provavelmente. É o que acha?

— Ó minha mãe! — disse ela, sentindo-se desfalecer.

Estava prestes a cair, ele tomou-a nos braços, abraçou-a forte, sem ter consciência do que fazia. Susteve-a cambaleando. Sentia-se como se tivesse a cabeça plena de fumaça; relâmpagos se acendiam entre os seus cílios, seu raciocínio se desfazia; achava estar cumprindo um ato religioso e cometia uma profanação. Nem

sequer sentia desejo por aquela mulher sublime, cujo corpo ele estreitava contra o peito. Estava perdido de amor.

Cosette pegou uma das suas mãos e pousou-a sobre o coração. Ele sentiu então o caderninho que ali se achava e balbuciou:

— Então me ama?

Cosette respondeu com uma voz tão baixinha, apenas um sopro, que mal se ouvia:

— Cale-se! Sabe que sim!

E ocultou o rosto cheio de rubor no peito do rapaz, orgulhoso e embriagado.

Ele sentou-se no banco, com ela ao lado. Já não tinham palavras. As estrelas começavam a cintilar. Como foi que os seus lábios se encontraram? Como o passarinho canta, a neve funde, a rosa se abre, o mês de maio resplende e a aurora se ilumina por trás das árvores negras no trêmulo cume das colinas?

Um beijo, nada mais.

Ambos estremeceram fitando-se no meio das sombras, com os olhos fulgurantes.

Não sentiam o frescor da noite, nem o frio da pedra, nem a umidade da terra, nem a relva molhada; olhavam-se e tinham o coração cheio de pensamentos. Sem saberem como, estavam de mãos dadas.

Ela não perguntou, sequer se interessou em saber por onde e como ele havia penetrado no jardim. Parecia tão simples que estivesse ali.

Às vezes o joelho de Marius encostava no de Cosette e os dois estremeciam.

Ou então ela ensaiava alguma palavra, que mal se esboçava. Sua alma vacilava nos lábios como uma gota de orvalho numa flor.

Mas pouco a pouco foram falando. A efusão veio depois do silêncio, que é a plenitude. A noite acima das duas cabeças era serena e esplêndida. Os dois seres, puros como espíritos, tudo se disseram, seus sonhos, embriaguez, êxtases, quimeras, fraquezas e como tinham se adorado de longe, como se esperaram e o duplo desespero ao pararem de se ver. Trocaram confidências, numa intimidade ideal que não poderia ser maior, sobre o que tinham de mais oculto e misterioso. Confessaram, com cândida fé nas próprias ilusões, tudo que o amor, a mocidade e aquele restante de infância que ainda tinham lhes punham na cabeça. Os dois corações se transvasaram um no outro de forma que, uma hora depois, o rapaz tinha a alma da jovem e esta a dele. Eles mutuamente se impregnaram, se encantaram, se fascinaram.

Depois de terem acabado, quando já tinham dito tudo, ela encostou a cabeça no ombro dele e perguntou:

— Como se chama?

— Marius — disse ele. — E você?
— Cosette.

LIVRO SEXTO

O PEQUENO GAVROCHE

I

Travessura do vento

Depois de 1823, enquanto a baiuca de Montfermeil soçobrava e desaparecia, não no abismo de uma bancarrota, mas na cloaca das miúdas dívidas, o casal Thénardier teve outros dois filhos, ambos do sexo masculino. A prole então passou a somar duas moças e três rapazes. Era muito.

A mãe se livrou dos dois últimos muito cedo, com singular facilidade.

Livrar-se é bem o termo certo. Naquela mulher havia apenas uma parte da natureza feminina. Como a marechala de Lamoth-Houdancourt, ela só era mãe para as filhas. Ali terminava a sua maternidade. Seu ódio pelo gênero humano começava nos filhos. No que se refere aos meninos, sua maldade ia a fundo e o coração apresentava, nesse ponto, um lúgubre escarpamento. Como se viu, ela detestava o mais velho, mas também execrava os outros dois. Por quê? Não tinha por quê. Era o mais terrível dos motivos e a mais indiscutível resposta: não tem por quê.

— Não preciso de uma cambada de filhos — dizia simplesmente a mãe.

Expliquemos como os Thénardier se desfizeram dos dois últimos filhos e até tiraram proveito deles.

Aquela moça Magnon, de quem se falou páginas atrás, era a mesma que conseguira fazer o sr. Gillenormand dar uma mesada às duas crianças que pariu. Ela morava no cais de Célestins, na esquina da antiga rua do Petit-Muse, que fez o que pôde para mudar a sua má reputação. Todos se lembram da grande epidemia de crupe que desolou, há trinta e cinco anos, os bairros ribeirinhos do Sena, em Paris, para benefício da ciência, que experimentou em larga escala a eficácia das insuflações de sulfato, tão proveitosamente substituídas hoje pela tintura externa de iodo. Nessa epidemia, Magnon perdeu, no mesmo dia, um de manhã e outro de tarde, seus dois filhos, ainda pequenos. Isso foi um cataclismo. As crianças eram preciosas para a mãe: representavam oitenta francos ao mês. Esses oitenta francos eram muito exatamente pagos, em nome do sr. Gillenormand, por seu procurador, o sr. Barge, meirinho aposentado, na rua Roi-de-Sicile. Mortas as crianças, estava enterrada a

mesada. Magnon se salvou por um expediente. Naquela tenebrosa maçonaria do mal, da qual ela fazia parte, de tudo se sabe, guarda-se segredo e há sempre ajuda recíproca. Eram necessários dois filhos a Magnon; os Thénardier os tinham, do mesmo sexo e da mesma idade. Um excelente arranjo para todos. Os meninos Thénardier se tornaram meninos Magnon. Magnon deixou o cais de Célestins e foi morar na rua Clocheperce. Em Paris, a identidade que liga um indivíduo a si mesmo se rompe de uma rua para outra.

Como a autoridade civil de nada fora avisada, não reclamou e a substituição operou-se com a maior simplicidade. Thénardier exigiu, pelo empréstimo dos filhos, dez francos por mês, que Magnon prometeu e até mesmo pagou. Desnecessário dizer que o sr. Gillenormand continuou a cumprir o que havia prometido e, de seis em seis meses, ia invariavelmente ver os meninos. Nunca percebeu a troca.

— Como eles se parecem com o senhor! — dizia Magnon.

Thénardier, a quem as transformações eram fáceis, aproveitou a ocasião para se tornar Jondrette. As duas filhas e Gavroche mal tiveram tempo de perceber que tinham dois irmãos pequenos. A partir de certo grau de miséria, uma espécie de indiferença espectral ganha as pessoas, que passam a ver as outras como larvas. Os entes mais próximos frequentemente se tornam vagas formas da sombra, pouco distintas do fundo nebuloso da vida e facilmente deixadas no invisível.

No entardecer do dia em que a mãe Thénardier fez a entrega das duas crianças a Magnon, com a vontade bem expressa de deixá-las para sempre, teve, ou fingiu ter, um escrúpulo e disse ao marido:

— Mas isso é abandonar os filhos!

Thénardier, magistral e fleumático, cauterizou a ferida com essas palavras:

— Jean-Jacques Rousseau fez pior!

A mãe passou do escrúpulo à apreensão:

— Mas e a polícia? Diga-me, marido; o que fizemos é permitido?

Ele respondeu:

— Tudo é permitido. Ninguém verá nisso mal algum. Além do mais, quando se trata de crianças pobres, ninguém quer olhar muito de perto.

Magnon era uma elegante do crime. Esforçava-se no vestir. Dividia o alojamento, mobiliado de maneira pretensiosa e miserável, com uma sábia ladra inglesa afrancesada. Essa inglesa naturalizada parisiense, recomendável por ricas relações, intimamente ligada a medalhões da Biblioteca e aos diamantes da srta. Mars, foi mais tarde célebre nos arquivos judiciais. Era chamada *mademoiselle Miss*.

Os dois pequenotes que couberam a Magnon não tiveram motivo de queixa. Recomendados pelos oitenta francos, eram poupados, como tudo que é explorado.

Nada malvestidos, convenientemente alimentados e tratados quase como "uns fidalguinhos". Estavam muito melhor com a mãe de empréstimo do que com a verdadeira. Magnon bancava a madame e não falava gíria na frente deles.

Assim se passaram alguns anos. A Thénardier se mantinha vigilante. Um dia disse a Magnon, enquanto recebia os seus dez francos mensais:

— É preciso que o "pai" os mande educar.

De repente as duas pobres crianças, até ali protegidas, inclusive pela má sorte, foram inopinadamente lançadas na vida e forçadas a começá-la.

Uma prisão em massa de malfeitores, como a que se fez no covil Jondrette, sempre complicada por investigações e encarceramentos posteriores, é um verdadeiro desastre para a hedionda contrassociedade oculta que vive sob a sociedade pública! Uma aventura desse tipo acarreta uma série de desmoronamentos nesse mundo sombrio. A catástrofe dos Thénardier provocou a de Magnon.

Um dia, pouco tempo depois de Magnon entregar a Éponine o bilhete relativo à rua Plumet, houve na rua Clocheperce uma batida da polícia. Magnon foi presa, assim como *mademoiselle Miss*, e a casa inteira, que era suspeita, passou por uma malha fina. Os dois meninos estavam naquela ocasião brincando num pátio que havia atrás da casa e nada viram. Quando voltaram encontraram a porta fechada e a casa vazia. Um sapateiro que ocupava um buraco em frente os chamou e entregou um papel que "a mãe" lhes deixara. No papel tinha um endereço: *Sr. Barge, procurador, rua do Roi-de-Sicile, nº 8*. O sapateiro explicou:

— Vocês já não moram aqui. Vão ao endereço indicado no papel, que fica bem perto; é na primeira rua à esquerda. Com este papel vão perguntando o caminho.

Os meninos partiram, o mais velho conduzindo o mais novo e levando na mão o papel que devia guiá-los. O pobrezinho sentia muito frio e os seus dedinhos quase gelados seguraram mal o papel. Na esquina da rua Clocheperce uma rajada de vento o arrancou da sua mão e, já sendo quase noite, o menino não pôde encontrá-lo.

As duas crianças então ficaram a vagar pelas ruas.

II

O pequeno Gavroche tira proveito de Napoleão, o Grande

A primavera em Paris é muitas vezes atravessada por um vento seco e duro que, mais que esfriar, nos congela. São ventos do nordeste e entristecem os mais bonitos dias, com o exato efeito das correntes de ar frio que entram pelas fendas de uma janela ou por uma porta mal fechada num ambiente aquecido. A impressão que se tem é que a negra porta do inverno ficou entreaberta, deixando escapar esse vento. Na primavera de 1832, quando estourou a primeira grande epidemia do século na Europa, esses ventos foram penetrantes e consistentes como nunca. Entreabriu-se uma porta ainda mais glacial que a do inverno. Era a porta do sepulcro. Sentia-se naquele vento o sopro da cólera.

Do ponto de vista meteorológico, aqueles ventos frios tinham a particularidade de não excluírem uma forte tensão elétrica. Frequentes tempestades, acompanhadas de relâmpagos e trovões, explodiram naquela época.

Uma tarde em que o nordeste soprava com insuportável aspereza, a ponto de parecer que se estava em janeiro e fazer os burgueses voltarem a sair de sobretudo, estava o pequeno Gavroche, sempre tiritante, mas alegre em seus farrapos, de pé e parecendo em êxtase diante de uma barbearia dos arredores de l'Orme-Saint-Gervais. Estava embrulhado num xale de mulher, de boa lã, apanhado não se sabe onde e que ele transformara em cachenê. Gavroche parecia admirar profundamente uma bonequinha de cera — uma noiva com vestido decotado e um penteado ornado de flores de laranjeira —, que girava atrás da vidraça e mostrava, entre dois candeeiros, seu sorriso aos passantes. Na realidade, estava de olho na loja para ver se poderia "gatunar" da vitrine um sabão, que ele em seguida venderia por um soldo a um barbeiro do subúrbio. Muitas vezes era esse o seu almoço. Chamava esse tipo de trabalho, para o qual tinha talento, "fazer a barba dos barbeiros".

Enquanto contemplava a boneca e namorava o sabão, ele dizia por entre os dentes:

— Terça-feira. Não foi terça-feira. Era terça-feira? Talvez tenha sido terça-feira. Sim, foi terça-feira.

Nunca se soube a que se referia aquele monólogo.

Se fosse ao último jantar feito, isso havia ocorrido há três dias, porque era sexta-feira.

O barbeiro, na sua loja bem aquecida por um bom fogão, falava com um cliente e, de vez em quando, olhava de viés para o inimigo, aquele moleque enregelado e descarado que tinha as duas mãos nos bolsos, mas as ideias com toda a certeza mais soltas.

Enquanto Gavroche examinava a boneca, a vidraça e os Windsor soap, apareceram dois rapazinhos desiguais em altura, muito asseadamente vestidos e ainda menores do que ele, parecendo um ter sete anos e outro cinco. Os dois levantaram timidamente o fecho da porta, pedindo o que quer que fosse, talvez uma esmola, num tom queixoso que parecia mais um gemido do que um pedido de ajuda. Falavam ambos ao mesmo tempo e o que diziam era ininteligível, pois os soluços cortavam a voz do mais moço e o frio fazia tiritar o mais velho. O barbeiro olhou-os furioso e, sem largar a navalha, empurrou o maior com a mão esquerda e o outro com o joelho até a rua, voltando a fechar a porta.

— Veja só! Virem esfriar a gente por nada! — disse ele ao cliente.

Os dois garotos continuaram seu caminho, chorando. Nisso o céu se fechou ainda mais e começou a chover.

Gavroche correu atrás deles e perguntou:

— Que diabo têm vocês, pirralhos?

— Não sabemos onde dormir — respondeu o mais velho.

— Só isso? — estranhou o moleque. — Grande coisa! Quem chora por tão pouco? Que lesos!

E com um tom fanfarrão de paternal superioridade e doce proteção, comandou:

— Pirralhada, venha comigo.

— Sim, senhor — agradeceu o mais velho.

E as duas crianças o acompanharam, como teriam acompanhado o arcebispo. Em todo caso, haviam parado de chorar.

Gavroche tomou a rua Saint-Antoine, na direção da Bastilha.

Caminhando, lançou ainda um olhar indignado e retrospectivo à loja do barbeiro.

— Um desalmado, esse "pescadinha"– resmungou ele na sua gíria própria. — Na certa um *ingliche*.

Uma jovem, vendo-os andar assim, um atrás do outro, com Gavroche à frente, deu uma estrondosa gargalhada. Um riso que era uma falta de respeito ao grupo.

— Ria-se, srta. "Ônibus"! — devolveu na mesma hora Gavroche, ainda no seu jargão das ruas.

Passado um instante, lembrou-se do barbeiro e emendou:

— Enganei-me de animal: não é uma pescadinha, é uma serpente… Deixa estar, seu cabeleireiro, vou falar com um serralheiro para te pôr uma campainha no rabo.

O barbeiro o deixara agressivo. Ele zombou, saltando uma canaleta da rua, de uma porteira de edifício barbuda e de vassoura na mão, digna de encontrar Fausto no Brocken:

— A senhora vai então sair com o seu cavalo?

Mas no salto ele respingou lama nas botas bem engraxadas de um passante.

— Engraçadinho! — gritou o homem, furioso.

Gavroche tirou o nariz do seu xale e perguntou:

— Alguma queixa?

— De você!

— O guichê já fechou — disse o moleque. — Não estou mais recebendo queixas.

Entretanto, ainda subindo a rua, ele viu, gelada de frio no vão de uma porta, uma mendiga de treze ou quatorze anos, com uma saia tão curta que tinha os joelhos de fora. Ela já começava a ficar grande demais para andar daquele modo. O crescimento prega dessas peças: a saia fica curta no momento em que a nudez fica indecente.

— Pobre moça! — disse Gavroche. — Nem ao menos tem calças. Olha, fica com isto.

E desenrolando aquela boa lã que levava em torno do pescoço jogou-a nos ombros magros e já roxos da mendiga, onde o cachenê voltou a ser xale.

A menina olhou para ele espantada e aceitou o xale em silêncio. Num certo grau da necessidade, o pobre, na sua surpresa, deixa de gemer do mal e de agradecer o bem.

— *Brrr!* — bateu queixo Gavroche, tremendo mais do que são Martinho, que pelo menos tinha a metade do seu casaco.

Com esse *brrr!*, a tempestade dobrou de violência. Céus desse tipo parecem sempre punir as boas ações!

— Que diabo é isto?! — exclamou Gavroche. — Senhor Deus, se continuar assim, vou deixá-lo de lado!

E continuou o seu caminho.

— Bom — observou ele, olhando para a mendiga que tratava de se embrulhar o melhor que podia no xale —, aquela pelo menos já tem uma boa cobertura!

Em seguida, analisando o céu, ele reconheceu:

— Fui pego!

Os meninos vinham logo atrás dele.

Passavam os três diante de uma daquelas grades que indicavam uma padaria — pois o pão, como o ouro, é protegido por grades — e Gavroche perguntou:

— Aliás, vocês jantaram?

— Não, senhor — respondeu o mais velho —, não comemos desde esta manhã.

— Não têm pai nem mãe? — tornou Gavroche majestosamente.

— Temos papai e mamãe, só não sabemos onde estão.

— Às vezes é melhor assim — observou Gavroche, que era um pensador.

— Há duas horas que andamos — explicou o mais velho —, viemos ver se achávamos alguma coisa pela rua, mas não achamos nada.

— Bem sei — disse Gavroche —, são os cães que comem tudo.

Depois de um momento de silêncio continuou:

— Com que então perderam os seus autores. Não sabem o que fizeram deles? Assim não pode, garotada. Não se deve perder desse jeito gente de certa idade! Ah, mas é preciso, no entanto, remediar!

E não fez mais perguntas. O que podia ser mais normal do que não ter domicílio?

O mais velho dos dois, tendo quase totalmente recuperado a despreocupação da infância, se lembrou:

— É estranho, pois mamãe havia dito que iríamos procurar palmas para o domingo de ramos.

— Ergh! — fez Gavroche.

— Mamãe é uma senhora que mora com *mademoiselle Miss*. — continuou o mesmo menino.

— Que seja! — Gavroche encurtou a explicação.

Nesse meio-tempo ele havia parado e há alguns minutos procurava e vasculhava todas as dobras dos farrapos que o cobriam.

Enfim ergueu a cabeça com um ar que se pretendia de satisfação, mas era de verdadeiro triunfo.

— Alegre-se, petizada! Temos ceia para três.

E tirou de um dos bolsos um soldo.

Sem dar aos dois pequenos tempo para se admirarem, empurrou-os para a padaria e pôs o soldo em cima do balcão gritando:

— Cinco cêntimos de pão!

O padeiro, que era o próprio dono, pegou um pão e uma faca.

— Em três pedaços! — completou o moleque, acrescentando com dignidade: — Somos três.

E vendo que o padeiro, depois de ter examinado os clientes, pegara um pão preto, Gavroche mergulhou profundamente o dedo no nariz, numa imperiosa aspiração como se sorvesse a pitada de tabaco do grande Frederico da Prússia e perguntou indignado:

— Quequeisso?

Alguns leitores poderão até imaginar nessa pergunta de Gavroche alguma palavra estrangeira ou algum daqueles gritos que os *yoways* e os botocudos lançam de uma margem a outra de um rio, naquelas solidões, mas saibam ser algo que eles próprios (nossos leitores) diariamente dizem e seria mais compreensível se escrevêssemos: "O que é isto?" O padeiro, em todo caso, compreendeu perfeitamente e respondeu:

— É pão! Muito bom, de segunda qualidade.

— O senhor quer dizer um massaroco bruto — disse Gavroche, calma e friamente desdenhoso. — Pão branco, seu moço, é o que eu quero. Hoje tenho visitas.

O padeiro não pôde deixar de sorrir e enquanto cortava o pão olhava para os três, com um ar que ofendeu Gavroche.

— Ei, seu padeiro! — disse ele. — Que diabo tem de nos medir desse jeito?

Um em cima do outro, os três não mediriam dois metros.

Cortado o pão, o padeiro guardou o soldo e Gavroche disse aos meninos:

— Empapucem-se.

Os dois olharam para ele espantados.

Gavroche riu.

— É verdade, são muito pequenos, não sabem grandes coisas!

E acrescentou:

— Comam.

E estendeu dois pedaços de pão.

Achando, porém, que o mais velho estava mais à altura da sua conversa e merecia algum incentivo que o livrasse de qualquer hesitação quanto a satisfazer o apetite, ele acrescentou, acenando para ele com o pedaço maior:

— Cola isso na mochila.

Um dos pedaços, o menor, ele guardou para si.

Os pobres meninos, incluindo Gavroche, estavam famintos. Devoravam o pão e continuavam na loja do padeiro, que, já tendo sido pago, os olhava de cara feia.

— Vamos para a rua — propôs Gavroche.

E retomaram a direção da Bastilha.

De tempos em tempos, quando passavam pelos mostradores iluminados das lojas, o menor parava para ver as horas num relógio de chumbo que levava pendurado num cordel ao pescoço.

— Esse realmente é tonto — dizia Gavroche e, pensativo, resmungava entre dentes: — Se eu tivesse filhos, com certeza cuidaria deles melhor que isso.

Enquanto comiam o último naco de pão e chegavam à esquina da triste rua dos Ballets, no fundo da qual já se via o postigo baixo e hostil da Force, disse alguém:

— É você, Gavroche?

— Olha! Montparnasse? — respondeu ele.

Um homem acabava de se aproximar e era de fato Montparnasse, disfarçado com uns óculos azuis, mas que o moleque reconheceu.

— Puxa! — prosseguiu Gavroche. — Está coberto com uma pele cor de cataplasma de linhaça e uns óculos azuis que nem um médico! Que estilo, meu velho!

— Fala baixo — pediu Montparnasse, afastando rápido o menino para fora da iluminação das lojas.

Os dois outros os seguiram maquinalmente, de mãos dadas para não se perderem.

Quando se viram sob o arco escuro de um portão, ao abrigo das vistas indiscretas e da chuva, Montparnasse perguntou:

— Sabe aonde vou?

— Para o cadafalso de Mont-à-Regret — disse Gavroche.

— Fala sério! — disse Montparnasse, que prosseguiu: — Vou falar com Babet.

— Ah — disse Gavroche —, ela se chama Babet?

Montparnasse baixou a voz:

— Não é ela, é ele.

— Ah, Babet!

— Isso, Babet.

— Achei que estava preso.

— Estava, mas safou-se — respondeu Montparnasse.

E rapidamente contou como, na manhã daquele mesmo dia, tendo sido Babet transferido para a Conciergerie, havia fugido, indo para a esquerda em vez de ir para a direita no "corredor dos depoimentos".

Gavroche admirou a habilidade:

— Que "dentista"!

Montparnasse acrescentou alguns pormenores da fuga e terminou dizendo:

— Mas ainda não é tudo.

Gavroche, enquanto escutava, brincava com a bengala que Mont-parnasse tinha na mão e sem querer puxou a parte superior, deixando à mostra a lâmina de um punhal.

— Caramba! — surpreendeu-se ele, escondendo às pressas a arma. — Está esperando os canas?

Montparnasse piscou um olho.

— Nunca se sabe, é sempre bom ter um espeto à mão.

Gavroche insistiu:

— O que vai fazer à noite?

Montparnasse retomou o tom sério e disse, mastigando as sílabas:

— Algumas coisas.

E mudando logo de assunto:

— Aliás...

— O quê?

— Uma história de um dia desses. Imagine só. Encontrei um burguês que me deu de presente um sermão e a bolsa. Meti tudo na algibeira e daí a pouco não achei nada.

— Ficou só o sermão — disse Gavroche.

— Mas e você? Aonde está indo agora? — prosseguiu Montparnasse.

Gavroche mostrou os seus dois protegidos e disse:

— Vou deitar as crianças.

— Deitá-las onde?

— Em minha casa.

— Onde fica sua casa?

— Na minha casa.

— E mora em algum lugar?

— Moro, sim.

— E onde mora?

— No elefante — disse Gavroche.

Montparnasse, mesmo sendo de natureza a pouco se admirar, não pôde conter uma exclamação:

— No elefante!

— Isso mesmo, no elefante! — tornou Gavroche.

— Quequeéisso?

É mais uma palavra da língua que ninguém escreve e todo mundo diz.

A observação profunda do moleque trouxe de volta a calma e o bom senso de Montparnasse, que teve mais boa vontade com a moradia de Gavroche:

— Sim, é verdade, o elefante. É bom lá?

— É ótimo — respondeu Gavroche. — Não tem erro; e nem vento encanado, como debaixo das pontes.

— E como você entra?

— Entrando.

— Então tem algum buraco? — perguntou Montparnasse.

— Diabo! Mas não pode dizer. É entre as pernas da frente. Os canas ainda não se tocaram.

— E você sobe ali? Entendo.

— É só pegar o jeito, cric, crac; e não se vê mais ninguém.

Depois de um momento de silêncio prosseguiu Gavroche:

— Para os meninos vou precisar de uma escada.

Montparnasse começou a rir.

— Onde diabo arranjou essa ninhada?

— É presente de um barbeiro — respondeu Gavroche com a maior simplicidade.

Mas Montparnasse ficou pensativo.

— Reconheceu-me muito fácil — disse ele.

Tirou do bolso dois pequenos objetos, que não passavam de dois canudos de pena, enrolados em algodão, e introduziu um em cada narina. O nariz ganhou outra aparência.

— Isso muda tudo — disse o menino. — Fica menos feio: devia andar sempre assim.

Montparnasse era bonito, mas nada escapava da zombaria de Gavroche.

— Agora sério — perguntou Montparnasse —, o que acha?

Mudara completamente a voz. Num abrir e fechar de olhos era outra pessoa.

— Um verdadeiro Polichinelo!

As duas crianças, que até então não prestavam atenção na conversa, ocupadas em enfiar o dedo nos respectivos narizes, se aproximaram ao ouvir o nome e olharam para o vigarista com um início de alegria e admiração.

Infelizmente Montparnasse estava preocupado.

Colocou a mão no ombro de Gavroche e disse, procurando ser bem claro:

— Ouça o que digo, garoto, estivesse eu no seu lugar, com meu dogue, minha adaga e meu dique, e se me soltassem dez moedonas de um soldo, eu até que pegava no batente, mas não estamos na terça-feira de carnaval.

A estranha frase produziu no moleque um efeito particular. Ele se voltou de imediato, lançou com profunda atenção os olhinhos brilhantes em volta e descobriu a alguns passos de distância um policial de costas viradas para eles. Gavroche deixou escapar um "Ah, sei!", que logo reprimiu, apertando a mão de Montparnasse e dizendo:

— Então boa noite, vou para o meu elefante com a criançada. Se alguma noite precisar de mim, já sabe onde me achar. Moro na sobreloja. Não tem porteiro. Pergunte pelo sr. Gavroche.

— Combinado! — disse Montparnasse.

E separaram-se: Montparnasse dirigiu-se para a praça da Grève e Gavroche para a Bastilha. O menino de cinco anos, rebocado pelo irmão, rebocado por Gavroche, várias vezes olhou para trás, para ver uma vez mais Polichinelo.

A frase anfigúrica com que Montparnasse avisou Gavroche da presença do policial tinha como chave apenas a assonância *dig/diq* repetida cinco ou seis vezes de forma variada. Essa sílaba, não pronunciada isoladamente, mas artisticamente misturada às palavras de uma frase, significava "cuidado, não podemos falar livremente". Havia, além disso, na frase de Montparnasse, uma beleza literária não apreendida por Gavroche, pois *meu dogue, minha adaga e meu dique* é uma locução do dialeto usado na área do Temple e querem dizer *meu cachorro, minha faca e minha mulher*, muito usadas entre malandros e vigaristas do grande século em que Molière escrevia e Callot desenhava.

Há vinte anos, via-se ainda no ângulo sudeste da praça da Bastilha, junto da estação do canal aberta no antigo fosso da prisão-fortaleza, um extravagante monumento que desapareceu da memória parisiense, mas que merecia ter deixado algum traço, pois se tratava de uma ideia do "membro do Instituto e general comandante das forças francesas no Egito".

Dizemos monumento, embora não passasse de uma maquete. Essa maquete, porém, prodigioso esboço, cadáver grandioso de uma ideia de Napoleão que duas ou três ventanias sucessivas carregaram e jogaram cada vez mais distante de nós, tornou-se histórica e ganhou um não sei quê de definitivo, contrastando com seu aspecto provisório. Era um elefante de quarenta pés de altura, construído em madeira e alvenaria, que sustentava sobre o dorso a sua torre, que se assemelhava a um prédio, antigamente pintado de verde por um borratintas qualquer e agora pintado de preto pelo céu, pela chuva e pelo tempo. Naquela ponta deserta e descoberta da praça, a ampla fronte do colosso, a tromba, as defesas, a torre, a enorme garupa, as quatro patas semelhantes a colunas, projetavam de noite, no céu estrelado, uma sombra surpreendente e terrível. Não se sabia o que aquilo queria dizer; era uma espécie de símbolo da força popular. Parecia sombrio, enigmático e imenso. Era não sei que poderoso fantasma visível e de pé, ao lado do espectro invisível da Bastilha.

Poucos estrangeiros visitavam aquele edifício e nem um só passante olhava para ele. Caía em ruína e, a cada estação, pedaços de reboco que se despregavam dos flancos se tornavam horríveis ferimentos. Os "éditos", como se diz na fala elegante, o haviam esquecido desde 1814. Ficava ali no seu canto, triste, doente, prestes a desabar, rodeado de um tapume apodrecido, manchado regularmente por cocheiros

embriagados; tinha o ventre riscado por fendas; do rabo escapava uma ripa, mato crescia-lhe em torno das pernas; e como o nível da praça há trinta anos se elevava em volta, por esse movimento lento e contínuo que insensivelmente ergue o chão das cidades grandes, ele ficara numa concavidade, dando a impressão de que a terra cedia debaixo dele. Estava imundo, desprezado, repulsivo e soberbo, feio para o burguês, melancólico para o pensador. Tinha algo de um lixo que será varrido e algo de uma majestade que se vai decapitar.

Como dissemos, a noite mudava o seu aspecto. A noite é o verdadeiro meio ambiente de tudo que é sombra. Assim que anoitecia, o velho elefante se transfigurava; assumia uma personalidade tranquila e temível, na formidável serenidade das trevas. Sendo do passado, pertencia à noite; e essa obscuridade se acrescentava à sua grandeza.

Esse monumento rude, compacto, pesado, duro, austero, quase disforme, mas com certeza majestoso e prenhe de uma espécie de magnífica e selvagem gravidade, desapareceu para deixar que reine em paz isso que se assemelha a um gigantesco fogão a lenha com sua chaminé e que substituiu a sombria fortaleza das nove torres, mais ou menos como a burguesia substituiu o feudalismo. É bem normal que um fogão seja símbolo de uma época em que um caldeirão contém o poder. Essa época passará, já está passando, e começa-se a compreender que, mesmo que haja força numa caldeira, só pode haver poder num cérebro. Dito em outras palavras, o que carrega e empurra adiante o mundo não são as locomotivas e sim as ideias. Atrelem as locomotivas às ideias, ótimo, mas não confundam o cavalo com o cavaleiro.

Seja como for, e para voltarmos à praça da Bastilha, o arquiteto do elefante conseguiu, com pedra e cal, algo grande; o arquiteto da chaminé de fogão conseguiu, com bronze, algo pequeno.

Esse tubo de fogão, batizado com o sonoro nome de Coluna de Julho, monumento falho de uma revolução abortada, estava ainda envolvido, em 1832, por uma imensa capa de madeira que, por nossa parte, lamentamos, e de um vasto cercado de tábuas, que mais ainda isolava o elefante.

Foi para esse canto da praça, mal iluminado pelo reflexo de um lampião distante, que Gavroche conduziu os dois "pirralhos".

Seja-nos aqui permitida uma interrupção, para recordarmos que estamos na mais simples realidade, e que há vinte anos os tribunais correcionais tiveram que julgar, por vadiagem e deterioração de um monumento público, um menino que foi preso dormindo no interior do elefante da Bastilha. Registrado este fato, continuemos.

Chegando Gavroche ao colosso, ele entendeu o efeito que o infinitamente grande pode produzir no infinitamente pequeno e disse:

— Garotada, nada de medo.

Dito isso, entrou por uma abertura do tapume no recinto do elefante e ajudou os meninos a atravessar a brecha. As duas crianças, um tanto assustadas, seguiam Gavroche sem dizer palavra, confiando naquela Providência esfarrapada que lhes dera pão e prometia um abrigo.

Havia ali, ao longo do tapume, uma escada de mão, que servia durante o dia aos operários de uma obra próxima. Gavroche ergueu-a com surpreendente vigor e encostou-a numa das pernas dianteiras do paquiderme. Na altura de onde a escada terminava havia uma espécie de buraco negro no ventre do colosso.

Gavroche mostrou a escada e aquele buraco aos hóspedes e convidou:

— Subam e entrem.

Os dois se entreolharam, aterrados.

— Estão com medo! — exclamou Gavroche.

E acrescentou:

— Vejam!

Num abrir e fechar de olhos, abraçando a perna rugosa do elefante e sem se dignar servir-se da escada, ele chegou ao buraco. Meteu-se por ele como uma cobra, desapareceu e, passado um momento, os dois meninos viram vagamente ressurgir, como forma esbranquiçada e lívida, o rosto pálido de Gavroche à beira do buraco escuro.

— Então — gritou ele —, subam! Verão como se está bem aqui! Anda, você! — disse ao mais velho. — Segura-te a minha mão.

Os pequenos empurraram-se um ao outro com o ombro, o moleque os assustava e tranquilizava ao mesmo tempo. Além disso, a chuva caía a cântaros. O mais velho arriscou-se. O menor, vendo subir o irmão e ficando sozinho entre as quatro patas daquele enorme bicho, queria muito chorar, mas não se atrevia.

O mais velho bem ou mal ia subindo os degraus da escada. Gavroche ao mesmo tempo animava-o com exclamações de um mestre de armas a seus discípulos ou de um arrieiro às suas mulas:

— Não tenha medo! Assim! Continue! Põe o pé no degrau! Me dê a mão! Isso!

Assim que pôde alcançá-lo, segurou-o pelo braço e puxou-o para dentro.

— Pronto! — tranquilizou-o.

O garoto tinha entrado.

— Agora espere aqui. Aceite uma poltrona — zombou Gavroche.

E saindo do buraco como havia entrado, desceu com a agilidade de um sagui pela perna do elefante, caiu de pé no chão, pegou o menino de cinco anos, colocou-o já no meio da escada e começou a subir atrás dele, gritando ao mais velho:

— Eu empurro e você puxa.

Num instante o garoto subiu, empurrado, puxado, impelido, arrastado e enfiado buraco adentro, antes que tivesse tempo de perceber o que estava acontecendo. Gavroche, entrando atrás dele, empurrou com o pé a escada, que caiu no gramado, e bateu palmas, gritando:

— Cá estamos! Viva o general Lafayette!

Passada essa explosão, acrescentou:

— Olá, crianças! Estão na minha casa!

Gavroche estava, com efeito, em casa.

Ó utilidade inesperada do que é inútil! Caridade das grandes coisas! Bondade dos gigantes! Aquele monumento desmedido que havia representado um pensamento do imperador, se tornara o cafofo de um moleque. O colosso havia aceitado o menino e o abrigava. Os burgueses endomingados que passavam diante do elefante da Bastilha diziam, olhando com ar de desprezo:

— Para que serve isso?

Serviu para salvar do frio, da geada, da neve e da chuva, para abrigar do vento e do inverno, para livrar do sono na lama, que gera febre, e do sono na neve, que gera a morte, uma pessoinha sem pai nem mãe, sem comida, sem roupa e sem asilo. Serviu para aceitar um inocente que a sociedade repelia. Serviu para atenuar o descaso público. Era uma toca aberta para quem se fechavam todas as portas. O velho mastodonte miserável, invadido por todas as pragas e pelo esquecimento, todo bichado, mofado e ulcerado, cambaleante, podre, abandonado, condenado, espécie de mendigo colossal que em vão pedia a esmola de um olhar simpático no meio de um cruzamento, tivera pena daquele outro carente, um pobre pigmeu que andava sem sapatos nos pés, sem um teto sobre a cabeça, soprando nos dedos para se aquecer, esfarrapado, alimentado com o que jogam fora. É para o que servia o elefante da Bastilha. Aquela ideia de Napoleão, desdenhada pelos homens, fora adotada por Deus. Aquilo que só teria sido ilustre, se tornara augusto. Precisaria o imperador, para realizar o que projetava, pórfiro, bronze, ferro, ouro e mármore; para Deus bastou um velho amontoamento de tábuas, vigas e estuque. O imperador teve um sonho genial com o elefante titânico, armado, prodigioso erguendo sua tromba, carregando sua torre, espalhando a seu redor águas alegres e vivas, ele quis encarnar o povo; Deus tornou isso algo ainda maior, o elefante abrigava uma criança.

O buraco por onde Gavroche entrara era uma brecha que mal se via de fora, oculta sob o ventre do elefante e tão estreita que só gatos e crianças poderiam passar por ali.

— Comecemos — observou Gavroche — por dizer ao porteiro que não estamos em casa.

E penetrando no escuro como quem conhece todo aquele espaço, pegou uma tábua e tapou o buraco.

Tudo voltou a mergulhar em completa escuridão e as crianças ouviram o chiado do fósforo metido na garrafa fosfórica. O fósforo químico não existia ainda e o isqueiro Fumade representava um grande progresso, naquela época.

A claridade súbita fez os olhos piscarem. Gavroche acabava de acender um barbante retorcido e embebido em resina e que chamavam "ratos de porão". O rato de porão fazia mais fumaça do que iluminava e só muito confusamente deixava ver no interior do elefante.

Os hóspedes de Gavroche olharam em volta e se sentiram meio como se sentiria um sujeito preso num grande tonel de Heidelberg ou, melhor ainda, o que decerto sentiu Jonas no ventre bíblico da baleia. Um esqueleto gigante os rodeava e envolvia por todos os lados. Na parte superior, uma comprida viga parda, da qual partiam de distância em distância outras peças arqueadas, formava a coluna vertebral com as costelas; dali pendiam estalactites de gesso e, de uma costela a outra, vastas teias de aranha formavam diafragmas poeirentos. Por um e por outro lado, aos cantos, viam-se grandes manchas negras que pareciam vivas e mudavam rapidamente de lugar, com um movimento súbito e assustado.

Os fragmentos caídos do dorso do elefante no ventre haviam preenchido a concavidade, de modo que se podia andar ali como num soalho.

O menor chegou bem perto do irmão e disse baixinho:

— É tão escuro!

A observação chamou a atenção de Gavroche. O medo dos meninos o obrigava a uma atitude qualquer, e ele exclamou:

— O que estão aí a resmungar? Isso é uma piada? Querem agora bancar os finos? Esperavam o quê? O palácio das Tulherias? É isso? Digam logo, mas vou avisando que não sou do regimento dos carolas. É só o que faltava, estão acostumados a serem recebidos pelo papa?

Uma sacudida funciona bem num início de pânico. É uma coisa que tranquiliza. Os dois meninos se aproximaram mais de Gavroche, que, paternalmente comovido com a demonstração de confiança, passou do "grave ao doce" e, dirigindo-se ao menor:

— Seu tolo — disse ele, acentuando a ofensa com uma nuance amigável —, lá fora é que está escuro. Lá fora está chovendo, aqui não; lá fora está frio, aqui não

tem vento nenhum; lá fora tem montões de gente, aqui só estamos nós; lá fora nem lua tem e aqui essa vela resolve, caramba!

As duas crianças começaram a ver o recinto com menos medo; mas Gavroche não lhes deixou muito tempo para a contemplação.

— Depressa — disse ele.

E empurrou-os para o que ficamos felizes em poder chamar o fundo da casa.

Era onde estava a sua cama.

Uma cama completa, isto é, tinha um colchão, um cobertor e cortinas, formando uma alcova.

O colchão era uma esteira de palha, o cobertor, uma manta de grossa lã cinza, que agasalhava bem e era quase nova. A alcova se completava por três estacas compridas, fixadas e seguras no entulho do solo, isto é, no ventre do elefante, duas na frente e uma atrás, reunidas por uma corda que passava pelo alto, de maneira a formar um feixe piramidal. Esse feixe servia de forro a uma rede de arame, simplesmente dobrada sobre a corda, mas com muita arte, presa por fios também de arame, de modo a cobrir inteiramente as três estacas. Uma fileira de pedras grandes fixava toda essa rede no solo, de sorte a não deixar passar coisa alguma. Essa rede não era outra coisa mais do que um pedaço de grade usada para revestir viveiros de pássaros. A cama de Gavroche ficava protegida como numa gaiola. O conjunto parecia a tenda de um esquimó.

A grade é que servia de cortinado.

Gavroche afastou um pouco as pedras que seguravam a rede pela frente e dois batentes de arame, que fechavam um sobre o outro, se abriram.

— De gatinhas, meninada! — disse Gavroche.

Com todo o cuidado fez os hóspedes entrarem na gaiola e entrou logo atrás, também engatinhando, tornou a juntar as pedras e fechou hermeticamente a abertura.

Estavam os três estendidos no colchão.

Por menor que fossem, nenhum deles podia ficar de pé na alcova. Gavroche continuava tendo à mão o rato de porão.

— Agora, tratem de dormir! Vou apagar o candelabro — avisou ele.

— Para que é isso, senhor? — perguntou o mais velho dos dois irmãos, apontando para a rede de arame.

— Isso — disse Gavroche com gravidade — é contra os ratos.

Contudo, julgou-se obrigado a acrescentar algumas palavras para a instrução daqueles seres em formação e continuou:

— São coisas do Jardin des Plantes que servem para os animais selvagens. Eles têm um depósito cheio. É só saltar um muro, trepar numa janela e passar por baixo de uma porta. Conseguem-se quantas se queiram.

Enquanto falava, ia embrulhando com uma ponta da manta o menor, que murmurou:

— É tão bom, tão quente!

Gavroche lançou um olhar satisfeito para o seu cobertor.

— Também do Jardin des Plantes. Era dos macacos.

E mostrando ao mais velho a esteira em que estavam deitados, uma esteira muito espessa e admiravelmente tecida, acrescentou:

— Isto era da girafa.

Depois de uma pausa, prosseguiu:

— Os animais tinham tudo isso. Tirei o que precisava, mas eles não se zangaram. Contei que era para o elefante.

Tornou a calar-se por um momento e depois continuou:

— Salta-se por cima dos muros e dane-se o pessoal do governo. Só isso.

As duas crianças consideravam com um respeito temeroso e estupefato aquele ser intrépido e inventivo, vagabundo, isolado e raquítico como eles, mas com algo admirável e onipotente que lhes parecia sobrenatural, além de um rosto com todas as grimaças de um velho saltimbanco e um ingênuo e encantador sorriso.

— Senhor — perguntou timidamente o mais velho —, não tem medo dos policiais?

— Menino, não diga policiais, são canas!

O menor estava de olhos bem abertos, mas não dizia nada. Como estava na beira da esteira e o mais velho no centro, Gavroche tinha prendido a coberta como faria uma mãe e erguera mais a esteira sob a cabeça, com farrapos, para fazer de travesseiro. Em seguida voltou-se para o mais velho:

— Hein?! Não estamos magnificamente aqui?

— É verdade — respondeu o mais velho, contemplando admirado o seu protetor.

Os dois pobrezinhos, que estavam encharcados, começavam a se aquecer.

— Aliás — continuou Gavroche —, por que estavam chorando?

E indicando o menor.

— Um pequenininho assim eu entendo, mas um já taludo como você, chorar não dá; fica parecendo um bezerro.

— Ora, não tínhamos para onde ir — respondeu o mais velho —, sem um teto.

— Seu tonto! — replicou Gavroche. — E não se diz teto, se diz zaca.

— E estávamos com medo de andar assim sozinhos de noite.

— Também não se diz noite, se diz calada.

— Obrigado, senhor.

— Ouçam — continuou Gavroche —, não chorem mais por coisa nenhuma. Vou cuidar de vocês. Vão ver como a gente se diverte. No verão iremos à Glacière com o Navet, que é meu amigo, tomaremos banho na estação e correremos nus por cima dos trens na ponte de Austerlitz: isso deixa as lavadeiras que trabalham ali furiosas. Elas gritam, xingam, é muito engraçado! Iremos ver o homem-esqueleto. Ele está vivo, na Champs-Élysées. É magro como um bacalhau, o fulano. E irão comigo ao teatro. Conhecerão Fréderick-Lemaître. Tenho ingressos, conheço atores, até já representei uma vez numa peça. Éramos um monte de meninos correndo debaixo de uma lona, fazendo o mar. Deixem estar que vão entrar no meu teatro. Iremos ver os selvagens. Esses não são de verdade. Usam malha cor da pele, mas dá para ver as dobras e os remendos nos cotovelos, feitos com linha branca. E iremos à ópera. Entraremos com os que batem palmas. O aplauso, na ópera, é de altíssimo nível. Eu nem poderia andar com eles nos boulevards. Na ópera, imagine, há quem ganhe até vinte soldos, mas são os importantes. Uns maria vai com as outras. Iremos ver guilhotinar. Vou mostrar a vocês o carrasco. Mora na rua do Marais, o sr. Sanson. Tem na porta uma caixa para receber cartas e tudo. Ah, a gente se diverte à beça!

Neste momento escorreu cera por um dedo de Gavroche e isso o chamou de volta à realidade da vida:

— Droga! Já se foi o pavio todo. Atenção! Não posso gastar mais de um soldo por mês com a iluminação. Quando a gente se deita, é para dormir. Não temos tempo para ler romances do sr. Paul de Kock. E inclusive a luz poderia ser vista pelas fendas da porta e os canas virem ver.

— Além disso — observou timidamente o mais velho, que era o que ousava conversar com Gavroche —, pode cair alguma faísca na palha e é preciso tomar cuidado para não queimar a casa.

— Não se diz queimar a casa, é esfumaçar o barraco.

A tempestade redobrava. Ouvia-se, junto das trovoadas, a chuva batendo violentamente no dorso do colosso.

— É demais, a chuva — disse Gavroche. — É divertido ouvir derramar a botija pelas pernas da casa. O inverno é burro, perde sua mercadoria, trabalha à toa, não consegue nos molhar e isso deixa esse carregador de água furibundo e barulhento.

A alusão ao trovão, da qual Gavroche, como filósofo do século XIX, aceitava todas as consequências, foi completada por um grande relâmpago, tão forte que

alguma coisa dele entrou pela ferida que havia na barriga do elefante. Quase ao mesmo tempo ribombou o trovão muito furiosamente. Os dois menores deram um grito e se levantaram com tanta vivacidade, que quase iam deslocando a grade; mas Gavroche voltou para eles o rosto atrevido e aproveitou o estouro do trovão para soltar uma gargalhada.

— Sosseguem, rapazes. Nada de balançar o edifício. Bons trovões, que sejam bem-vindos! Não é uma piada do relâmpago. Deus está de parabéns! Caramba! Foi quase tão bom quanto no teatro Ambigu.

Dito isso, ele arrumou a grade, empurrou com cuidado os dois pequenos para a cabeceira da cama, juntou-lhes os joelhos para que ficassem bem ao comprido e exclamou:

— Já que Deus acende a sua vela, posso apagar a minha! Rapazes, é preciso dormir; é muito ruim para os humanos não dormir: dá cheiro ruim no corredor ou, como se diz no mundo chique, fede. Tratem de se enroscar bem na coberta! Vou apagar. Estão prontos?

— Estamos — murmurou o mais velho —, já estou bem. Parece que tenho um travesseiro de penas debaixo da cabeça.

— Não se diz cabeça — gritou Gavroche —, é mufla.

Os dois irmãos se aconchegaram bem junto um do outro. Gavroche acabou de arrumá-los na esteira, puxando-lhes a manta até as orelhas, e repetiu pela terceira vez a injunção em língua hierática:

— Desligar!

E apagou a luz.

Mal isso aconteceu, um singular estremecimento começou a abalar a grade sob a qual estavam deitadas as três crianças. Era uma multidão de fricções surdas que produziam um som metálico, como o raspar de dentes ou de unhas no arame da rede; e isso acompanhado por uma grande série de guinchos agudos.

O pequenino de cinco anos, ouvindo aquele motim acima da cabeça, gelado de medo, bateu com o cotovelo no irmão mais velho, mas este já "desligara", como Gavroche havia recomendado. O menino então, não podendo controlar o medo, se arriscou a chamar Gavroche, mas muito devagarinho e contendo a respiração:

— Senhor...

— Que é? — disse Gavroche, que acabava de fechar os olhos.

— Que barulho é esse?

— São os ratos — respondeu ele.

E tornou a deitar a cabeça na esteira.

Os ratos, com efeito, pululavam no interior do elefante e formavam as tais manchas negras e vivas de que há pouco falamos. Tinham se mantido respeitosos enquanto a chama da vela brilhou, mas assim que aquela caverna, que era como a cidade deles, voltara à escuridão, sentindo ali o cheiro que o excelente contista Perrault chama de "carne fresca", acometeram em turba à tenda de Gavroche, trepando até o alto, e mordiam as malhas de arame, tentando furar aquela barreira.

O pequeno entretanto não dormia.

— Senhor... — insistiu ele.

— O quê? — respondeu Gavroche.

— O que são ratos?

— Camundongos.

A explicação sossegou um pouco a criança. Já havia visto uma vez ratinhos brancos e não tivera medo. Mas voltou a chamar:

— Senhor...

— O quê?

— Por que não tem um gato?

— Já tive um — respondeu Gavroche —, mas eles o comeram.

Essa segunda explicação desfez a obra da primeira e o pequenino recomeçou a tremer. O diálogo foi retomado pela quarta vez.

— Senhor...

— O quê?

— Quem foi comido?

— O gato.

— Quem comeu o gato?

— Os ratos.

— Os camundongos?

— Isso, os ratos.

O pequeno, consternado com aqueles camundongos que comiam gatos, prosseguiu:

— Acha que esses camundongos comeriam também a gente?

— Tranquilamente! – reconheceu Gavroche.

O terror do menino chegou ao auge, mas o anfitrião acrescentou:

— Não tenha medo que não podem entrar. E depois estou eu aqui. Olha, toma a minha mão. Fica quieto e trata de dormir!

Dizendo isso, pegou a mão do pequenino por cima do irmão. O outro apertou muito aquela mão e sentiu-se mais sossegado. A coragem e a força conseguem essas comunicações misteriosas. O silêncio se restabeleceu em torno deles, as vozes

espantaram e afastaram os ratos. Passados alguns minutos eles atacaram de novo: os três garotos, já adormecidos, não ouviram nada.

As horas da noite passaram. As sombras cobriam a imensa praça da Bastilha, um vento de inverno, que acompanhava a chuva, soprava em rajadas. As patrulhas inspecionavam as portas, as alamedas, os tapumes, os cantos mais escuros, procurando vagabundos noturnos, e passavam silenciosamente na frente do elefante. O monstro, de pé, imóvel, com os olhos abertos no meio das trevas parecia meditar satisfeito por sua boa ação, abrigando, contra o céu e contra os homens, as três pobres crianças adormecidas.

Para que compreendam o que virá, é necessário lembrar que o Corpo de Guarda da Bastilha ficava na outra extremidade da praça, e o que se passava junto do elefante não podia ser visto nem ouvido pela sentinela.

No fim da hora que precede imediatamente o despontar do dia, desembocou correndo, pela rua Saint-Antoine, um homem. Ele atravessou a praça, contornou o grande tapume da Coluna de Julho e meteu-se por entre a estacada, até ficar sob o ventre do elefante. Se uma luz qualquer iluminasse aquele homem, poderia se adivinhar, de tanto que estava encharcado, que passara a noite na chuva. Chegando debaixo do elefante, soltou um grito extravagante, que não pertencia a nenhuma língua humana e que só um periquito poderia reproduzir. Repetiu duas vezes o tal grito, do qual a seguinte ortografia dá imperfeitamente uma ideia:

— *Kirikikiou!*

Ao segundo grito respondeu do ventre do elefante uma voz clara, fresca e alegre!

— Pronto!

Quase imediatamente foi afastada a tábua que estava tapando o buraco e deu passagem a um rapazinho, que se deixou escorregar pela perna do elefante e foi cair ao pé do homem. Era Gavroche. O homem era Montparnasse.

Quanto ao grito *kirikikiou*, era sem dúvida o que o menino quis dizer por: procure pelo sr. Gavroche.

Ouvindo-o, ele acordou sobressaltado e se arrastou para fora da "alcova", afastando um pouco a rede, que logo voltou a prender com todo o cuidado. Depois abriu o alçapão e desceu.

O homem e a criança se reconheceram em silêncio na escuridão. Ele se limitou a dizer:

— Precisamos de ti, vem dar-nos uma ajuda.

Não foram pedidas maiores explicações:

— Estou aqui.

E tomaram a direção da rua Saint-Antoine, de onde viera Montparnasse, serpenteando rapidamente por entre a comprida fileira de carroças que àquela hora seguiam para o mercado aberto do Halles.

Agachados nas carroças entre a hortaliça e os legumes, meio adormecidos e embrulhados até os olhos nos seus gabões por causa da chuva, os hortelões nem mesmo reparavam nos dois estranhos transeuntes.

III

Peripécias da evasão

Eis o que naquela mesma noite se passou na prisão da Force.

Fora combinada uma fuga entre Babet, Brujon, Gueulemer e Thénardier, apesar de este último estar no isolamento. Babet resolveu o problema no mesmo dia, como se viu pela narração de Montparnasse a Gavroche. Montparnasse devia prestar ajuda do lado de fora.

Brujon, tendo passado um mês numa câmara de punição, teve tempo, em primeiro lugar, de fazer uma corda e, em seguida, de amadurecer um plano.

Na prisão daquele tempo, as celas disciplinares mais severas deixavam o condenado entregue a si mesmo e eram compostas por quatro paredes de pedra, um teto em abóbada, um piso lajeado, uma cama rudimentar, uma janela com grades, uma porta forrada de ferro e eram denominadas *masmorras*. A masmorra foi, porém, considerada horrível demais e esse tipo de cela agora é feito de uma porta de ferro, uma janela com grade de ferro, uma cama rudimentar, um piso lajeado, um teto em abóbada, quatro paredes de pedra e se chama *câmara de punição*. Ao meio-dia chega a penetrar alguma claridade. O inconveniente dessas câmaras — que, como vimos, não são masmorras — é que deixam pensar à solta pessoas que deviam estar ocupadas.

Brujon, pois, pensara, e saíra de câmara de punição com uma corda. Como o consideravam perigoso demais para o pátio Carlos Magno, mandaram-no para o Prédio Novo. A primeira coisa que ele encontrou no Prédio Novo foi Gueulemer, a segunda foi um prego; Gueulemer era o crime, um prego era a liberdade.

Brujon — já é tempo de se ter dele uma ideia mais completa —aparentava uma compleição delicada e uma profundamente meditada brandura. Era educado, inteligente e ladrão, com olhar meigo e sorriso atroz. O olhar era resultado da força de vontade, o sorriso provinha da sua natureza. Seus primeiros estudos na arte que escolheu o especializaram em telhados; fez grandes progressos na indústria dos ladrões de chumbo que atacam a cobertura dos prédios e as calhas, pelo processo denominado *dobrada*.

O que tornava a ocasião favorável para uma tentativa de evasão era uma obra de reparo que se fazia numa parte do telhado da cadeia. O pátio São Bernardo não estava mais totalmente isolado do Carlos Magno e do São Luís. E havia no alto andaimes e escadas de mão, ou seja, pontes para a liberdade.

O Prédio Novo, que não se pode imaginar mais deteriorado e decrépito, era o ponto fraco da prisão. As paredes estavam de tal modo corroídas pelo salitre, que fora preciso revestir com um forro de madeira as arcadas dos dormitórios, porque pedras se soltavam e caíam nos presos que dormiam. Apesar da vetustez, continuavam a mandar para o Prédio Novo os indivíduos mais perigosos, os "coisas ruins", como se diz na linguagem da prisão, o que era um erro.

O Prédio Novo contava com quatro dormitórios sobrepostos e um sótão, chamado Bel-Air. Uma larga chaminé, provavelmente de alguma antiga cozinha dos duques da Force, partia do térreo, atravessava os quatro andares e cortava ao meio todos os dormitórios, onde ela aparecia como uma espécie de pilar achatado, e ia sair no telhado.

Gueulemer e Brujon se recolhiam no mesmo dormitório. Por acaso, as cabeceiras das duas camas estavam encostadas à chaminé.

Thénardier achava-se precisamente acima deles, no tal sótão denominado Bel-Air.

O passante que para na rua Culture-Sainte-Catherine, depois de um quartel do Corpo de Bombeiros, diante da porta de uma casa de banhos, vê um pátio cheio de flores e arbustos em patamares, no fundo do qual se ergue, com duas alas, uma pequena rotunda branca, alegrada pelos batentes verdes das janelas, o sonho bucólico de Rousseau. Há nem mesmo dez anos, acima daquela rotunda se elevava um muro negro, enorme, medonho e nu, no qual ela se encostava. Era o muro do caminho de ronda da Force.

Esse paredão atrás da rotunda era como Milton atrás de Berquin.

Por mais alto que fosse, o muro era ainda superado por um telhado mais negro ainda, que se avistava do lado de lá. Era o telhado do Prédio Novo. Viam-se ali

quatro lucarnas armadas de barras de ferro e que eram as janelas do Bel-Air. Acima do telhado subia uma chaminé — a mesma que atravessava os dormitórios.

O Bel-Air, sótão do Prédio Novo, era uma espécie de grande espaço com compartimentos fechados por tríplices grades e portas forradas de metal, pregadas com pregos de enormes cabeças. Quem entrasse naquele recinto pela extremidade norte tinha, à esquerda, as quatro lucarnas, e, à direita, de frente para as lucarnas, quatro gaiolas quadradas bastante grandes, espaçadas, separadas por corredores estreitos, construídas até a altura do apoio em alvenaria e o restante, até o teto, em barras de ferro.

Thénardier estava isolado numa dessas gaiolas desde a noite de 3 de fevereiro. Nunca se descobriu como, e por qual cumplicidade, ele havia conseguido e ocultado ali uma garrafa daquele vinho inventado, segundo dizem, por Desrues, com um narcótico e que a quadrilha dos *Adormentadores* tornou tão célebre.

Há em muitos presídios funcionários corruptos, meio guardas, meio ladrões, que ajudam as evasões e vendem à polícia um trabalho infiel, fazendo girar a porta do xadrez.

Na mesma noite em que o pequeno Gavroche havia abrigado as duas crianças perdidas, Brujon e Gueulemer, sabendo que Babet tinha fugido naquela manhã e os esperava na rua, assim como Montparnasse, levantaram-se sem alarde e começaram a furar, com o prego achado por Brujon, a chaminé a que estavam encostadas as suas camas. A caliça, caindo em cima da cama deles, não fazia barulho nenhum. A chuvarada e os trovões abalavam as portas em seus gonzos e causavam na prisão uma barulheira enorme que os ajudava. Os prisioneiros que acordavam fingiam dormir, para não atrapalhar. Brujon era habilidoso e Gueulemer, forte. Antes que o menor ruído chegasse aos ouvidos do guarda deitado na cela gradeada que dava para o dormitório, estava a parede furada, a chaminé escalada, a grade de ferro que a fechava na parte superior arrombada e os dois temíveis bandidos no telhado. A chuva e o vento pareciam cada vez mais fortes; o telhado, escorregadio.

— *Quelle bonne sorgue pour un crampe!*[1] — observou Brujon.

Separava-os do muro de ronda um abismo de seis pés de largura e oitenta de profundidade. No fundo desse abismo via-se luzir na escuridão a espingarda da sentinela. Amarraram por uma ponta aos varões da chaminé que tinham acabado de retorcer a corda fabricada por Brujon na masmorra, lançaram a outra ponta por cima do muro de ronda, saltaram o abismo, agarraram-se à beira do muro, sentaram-se nele, escorregaram pela corda, um de cada vez, até um telhadinho que confina com a casa de banhos, puxaram de volta a corda, saltaram para o pátio dos

banhos, atravessaram, abriram a janelinha do porteiro, junto da qual pendia um cordão, puxaram, o portão foi aberto e eles estavam na rua.

Em menos de quarenta e cinco minutos tinham se posto de pé em cima das camas com o prego na mão e o projeto na cabeça.

Instantes depois se juntaram a eles Babet e Montparnasse, que os buscavam pelos arredores.

Quando puxaram a corda de volta do telhado, ela arrebentou e parte dela ficou presa na chaminé. Nada sofreram em toda aquela operação, a não ser nas mãos, que ficaram inteiramente sem pele.

Thénardier, naquela noite, sem que nunca se tenha podido saber como, tinha sido prevenido e não dormia.

Por volta da uma hora da manhã, estando a noite muito escura, ele viu passar pelo telhado, no meio da borrasca, pela lucarna à frente da sua gaiola, duas sombras. Uma delas parou ali o tempo de dar uma olhada. Era Brujon. Thénardier o reconheceu e entendeu tudo. Não precisou de maiores explicações.

Considerado perigoso e preso por cilada noturna à mão armada, Thénardier ficava sob vigilância. Um guarda armado rondava em frente à sua gaiola e era trocado de duas em duas horas. Uma lanterna iluminava o Bel-Air. O preso tinha nos pés um par de bolas de ferro de vinte e cinco quilos cada. Diariamente, às quatro horas da tarde, entrava na gaiola um guarda escoltado por dois cães de fila — naquela época ainda se fazia assim —, deixava junto da cama um pão preto de um quilo, uma bilha de água e uma tigela com um caldo escuro, no qual boiavam algumas favas. Conferia se as bolas de ferro estavam bem presas e batia as grades. O mesmo homem voltava duas vezes, durante a noite, com os cães.

Thénardier obtivera licença para guardar com ele uma espécie de cavilha de ferro de que se servia para pregar o pão numa fenda da parede, para que, segundo ele, "não fosse comido pelos ratos". Como era guardado à vista, não se viu inconveniente na tal cavilha.

Às duas horas da manhã houve a troca da guarda e o soldado já tarimbado que estava de sentinela foi rendido por um recruta. Pouco depois o homem dos cães fez a sua visita e se foi, sem ter notado coisa nenhuma estranha, além da pouca idade e o "ar matuto do soldado". Duas horas depois, às quatro, quando foram render o recruta, acharam-no caído no chão, dormindo profundamente junto da gaiola de Thénardier, que estava vazia. As bolas de ferro estavam jogadas no chão. Na parte superior da gaiola havia um buraco e, acima dele, no telhado, um outro. Uma das tábuas da cama fora levada, pois não foi encontrada. Achou-se também na cela uma

garrafa pela metade, contendo o resto do vinho entorpecedor com que o soldado fora narcotizado, cuja baioneta também havia desaparecido.

Chegando ao telhado do Prédio Novo, Thénardier encontrou o resto da corda de Brujon, presa aos varões do alçapão superior da chaminé, mas como o pedaço que havia ali era muito curto, ele não pôde saltar por sobre o caminho de ronda, como os dois outros bandidos tinham feito.

Quando se volta da rua de Ballets para a Roi-de-Sicile, encontra-se quase imediatamente à direita um espaço vazio sórdido. Havia ali, no século passado, uma casa da qual já não resta mais que a parede dos fundos, verdadeiro paredão de edifício velho, se erguendo à altura de um terceiro andar, entre os prédios vizinhos. Reconhece-se facilmente essa ruína por duas grandes janelas quadradas que ainda se veem. A mais centralizada e mais próxima da empena direita está barrada por uma viga carcomida colocada como esteio. Por essas janelas se percebia antigamente uma alta e lúgubre muralha que era parte da cercadura do caminho de ronda da Force.

O vazio que a casa demolida deixou na rua está quase todo cercado por um tapume de tábuas podres, sustentadas por cinco pedras grandes. Por trás desse tapume se esconde um barracão encostado na ruína ainda de pé. A cercadura tem uma porta que até poucos anos ainda se fechava só com uma tranqueta.

Foi ao alto dessa ruína que Thénardier havia conseguido chegar, pouco depois das três horas da manhã.

Como chegou ali? Foi o que nunca se pôde explicar nem compreender. Os relâmpagos devem ter ajudado tanto quanto atrapalhado. Talvez tenha se servido das escadas de mão e dos andaimes dos pedreiros para ir, de telhado em telhado, de pátio em pátio, de compartimento em compartimento, pelos edifícios do Carlos Magno e do São Luís, passando pela muralha da ronda até a ruína da rua Roi-de-Sicile. Mas há nesse percurso problemas de continuidade que parecem torná-lo impossível. Teria usado a tábua, que tirou da cama, como ponte entre o telhado do Bel-Air e o muro do caminho de ronda, arrastando-se de bruços por cima do muro em toda a volta da prisão, até a ruína? Mas a muralha do caminho de ronda, com suas ameias, era irregular, subindo e descendo. Era baixa no quartel dos bombeiros, alta na casa de banhos, cortada por algumas construções, não tinha as mesmas alturas na residência Lamoignon e na rua Pavée, com quedas abruptas e ângulos retos. Além disso, as sentinelas teriam visto o vulto escuro do fugitivo. Enfim, o caminho feito por Thénardier continua mais ou menos sem explicação. De qualquer maneira, uma fuga impossível. Iluminado por essa incrível sede de liberdade que transforma precipícios em fossas, grades de ferro em cercas de palha, homens-troncos em atletas, gotosos em lépidos pássaros, a estupidez em instinto, o instinto

em inteligência e a inteligência em genialidade, talvez Thénardier tenha inventado e improvisado uma nova maneira. Nunca se soube.

Nem sempre se pode dar conta das maravilhas da evasão. O homem que escapa é um inspirado, voltamos a dizer. Há estrela e lampejos no misterioso clarão da fuga. O esforço rumo à libertação é tão surpreendente quanto o voo rumo ao sublime. Diz-se de um ladrão que conseguiu fugir: "Como ele escalou esse telhado?" da mesma maneira que se diz de Corneille: "Aonde ele foi encontrar o verso '*Qu'il mourût?*"

Fosse como fosse, alagado de suor, encharcado de chuva, com a roupa esfarrapada, as mãos feridas, os cotovelos e os joelhos ensanguentados, Thénardier chegara ao que as crianças, na sua linguagem figurada, chamam o *corte* do paredão da ruína, deitou-se lá em cima ao comprido e sentiu lhe faltarem forças. Estava separado da rua por uma altura de um terceiro andar, a pique.

A corda de que poderia dispor era curta.

Esperou ali, pálido, exausto, já sem resto algum da esperança que tivera, coberto pela noite, mas lembrando-se de que em breve amanheceria, apavorado com a ideia de que em poucos minutos ouviria as quatro horas baterem no vizinho relógio de Saint-Paul, hora em que renderiam a sentinela e a encontrariam adormecida sob o teto furado. Via com espanto, numa profundidade terrível à luz dos lampiões, a calçada molhada e negra, calçada tão desejada e medonha, significando a morte ou a liberdade.

Perguntava a si mesmo se os seus três cúmplices de evasão tinham sido bem-sucedidos, se o ouviram e se viriam socorrê-lo. Aplicava o ouvido. À exceção de uma patrulha, não passara ninguém pela rua desde que estava ali. Quase todos os camponeses que descem de Montreuil, de Charonne, de Vincennes e de Bercy, indo ao mercado aberto, passam pela rua Saint-Antoine.

Quatro horas! Thénardier estremeceu. Poucos minutos depois rebentou por toda a prisão o confuso rumor que sucede à descoberta de uma evasão. O bater das portas que se abriam e fechavam, o ranger das grades, o tumulto no Corpo de Guarda, as vozes roucas dos encarregados das chaves, o choque de coronhas nas pedras dos pátios, tudo chegava até ele. Pelas janelas gradeadas dos dormitórios subiam e desciam algumas luzes, no telhado do Prédio Novo via-se de um lado para outro um archote, tinham sido chamados os bombeiros do quartel vizinho e os seus capacetes, iluminados pelo archote, se agitavam debaixo das torrentes de chuva, de um para outro ponto, ao longo dos telhados. Ao mesmo tempo, Thénardier via, para os lados da Bastilha, a sombra pálida do dia que ia aclarando lugubremente o céu.

Estava sobre um muro de dez polegadas de grossura, estendido ao comprido, debaixo de chuva, com um abismo à direita e outro à esquerda, não podendo fazer o mínimo movimento, na vertigem de uma queda possível e no horror de uma prisão certa. O seu pensamento, como um badalo de sino, batia ora numa, ora noutra destas duas ideias:

— Se caio, morro; se fico, sou preso.

Nessa aflição, ele viu de repente na rua, ainda completamente escura, um homem que caminhava muito rente às paredes, vindo da rua Pavée, e que parou no terreno baldio acima do qual estava Thénardier como que suspenso.

A esse homem veio juntar-se outro, que caminhava com a mesma precaução, depois um terceiro e finalmente um quarto.

Esses homens, depois de todos reunidos, levantaram a tranqueta que fechava a porta do tapume e entraram na cercadura do barracão. Achavam-se precisamente abaixo de Thénardier. Tinham, evidentemente, escolhido aquele lugar escuro para conversar sem serem vistos por quem passasse pela rua nem pela sentinela da entrada da Force, que ficava a pequeníssima distância. É preciso também dizer que a chuva mantinha essa sentinela abrigada na guarita. Thénardier, não podendo distinguir os rostos, apurou o ouvido às palavras, com a atenção desesperada de um miserável que se sente perdido.

Sentiu-se invadido por algo semelhante à esperança: os quatro homens conversavam em gíria.

O primeiro dizia em voz muito baixa, mas distintamente:

— *Décarrons. Qu'est-ce que nous maquillons icigo?* [2]

O segundo respondeu:

— *Il lansquine à éteindre le riffe du rabouin. Et puis les coqueurs vont passer, il y a là un grivier qui porte gaffe, nous allons nous faire emballer icicaille?*[3]

Essas duas palavras, *icigo* e *icicaille*, ambas significando "aqui", pertencem, a primeira à gíria das barreiras, a segunda à gíria do Temple e foram dois raios de luz para Thénardier. Por *icigo* ele reconheceu Brujon, que era frequentador das barreiras, e por *icicaille* Babet, que, entre as suas variadas ocupações, fora receptador no Temple.

A antiga gíria do grande século só era então falada na área do Temple e Babet, inclusive, parecia ser o único a nela se expressar com pureza. Sem *icicaille*, Thénardier não o teria reconhecido, pois ele havia alterado totalmente a voz.

Entretanto o terceiro interveio:

— Não há por enquanto urgência. Esperemos ainda. É possível que ele precise de nós.

Por essa frase, que era em linguagem comum, Thénardier logo reconheceu Montparnasse, cuja elegância, nesses casos, consistia em entender todas as gírias e não falar nenhuma.

Quanto ao quarto personagem, ele se conservava calado, mas a largura dos ombros o denunciava. Thénardier não teve dúvida, era Gueulemer.

Brujon replicou quase brusco, mas sempre em voz baixa:

— *Qu'est ce que tu nous bonis là? Le tapissier n'aura pas pu tirer sa crampe. Il ne sait pas le truc, quoi! Bouliner sa limace et faucher ses empaffes pour maquiller une tortouse, caler des boulins aux lourdes, braser des faffes, maquiller des caroubles, faucher les durs, balancer sa tortouse dehors, se planquer, se camouffler, il faut être mariol! Le vieux n'aura pas pu, il ne sait pas goupiner!*[4]

Babet acrescentou, ainda na boa gíria clássica falada por Poulailler e Cartouche e que está, com relação à gíria impetuosa, nova, colorida e arriscada de Brujon como a língua de Racine está para a língua de André Chénier:

— *Ton orgue tapissier aura été fait marron dans l'escalier. Il faut être arcasien. C'est un galifard. Il se sera laissé jouer l'harnache par un roussin, peut-être même par un roussi qui lui aura battu comtois. Prête l'oche, Montparnasse, entends-tu ces criblements dans le collège? Tu as vu toutes ces camoufles. Il est tombé, va! Il en sera quitte pour tirer ses vingt longes. Je n'ai pas taf, je ne suis pas un taffeur, c'est colombé, mais il n'y a plus qu'à faire les lézards, ou autrement on nous la fera gambiller. Ne renaude pas, viens avec nousiergue. Allons picter une rouillarde encible*![5]

— Não se abandona assim um amigo em dificuldade — resmungou Montparnasse.

— *Je te bonis qu'il est malade, reprit Brujon. À l'heure qui toque, le tapissier ne vaut pas une broque ! Nous n'y pouvons rien. Décarrons. Je crois à tout moment qu'un cogne me cintre en pogne!*[6]

Montparnasse já quase não resistia. O fato é que os quatro homens, com a fidelidade própria dos bandidos de nunca se abandonarem uns aos outros, tinham girado toda a noite pelos arredores da Force, apesar do perigo, com a esperança de verem Thénardier surgir no alto de algum muro. Mas a noite, realmente boa, era um dilúvio que tornava absolutamente desertas todas as ruas. O frio que os congelava, as roupas encharcadas, os sapatos furados, o alvoroço inquietador que acabava de se manifestar no presídio, as horas que iam avançando, as patrulhas que passavam, a esperança que ia diminuindo e sendo substituída pelo medo, tudo isso forçava a retirada. O próprio Montparnasse, que talvez já fosse meio genro de Thénardier, cedia. Já estavam prestes a partir. Enquanto isso o "taberneiro" ofegava

lá em cima do muro como os náufragos do *Medusa* na sua jangada, vendo desaparecer no horizonte o navio que tinham avistado.

Thénardier não se arriscava a chamá-los; um grito que se ouvisse podia pôr tudo a perder. Teve uma ideia, a última, um lampejo: tirou da algibeira o pedaço da corda de Brujon, que ele tinha desatado da chaminé do Prédio Novo, e atirou-a no recinto fechado pelo tapume.

A corda caiu nos pés dos que ali estavam.

— Uma teresa! — disse Babet.

— A minha! — disse Brujon.

— O taberneiro está por aqui — murmurou Montparnasse.

Olharam todos para cima. Thénardier pôs a cabeça um pouco para fora.

— Depressa! Ainda tem o outro pedaço da corda, Brujon? — perguntou Montparnasse.

— Tenho.

— Amarra as duas metades e jogamos para ele. Prendendo-a no muro, poderá descer.

Thénardier se arriscou a levantar a voz:

— Estou gelado.

— Depois você se aquece.

— Já não consigo me mexer.

— Escorrega e nós te aparamos.

— Minhas mãos estão dormentes.

— Apenas prende a corda no muro.

— É preciso que um de nós suba — disse Montparnasse.

— São três andares! — disse Brujon.

Um antigo tubo de pedra e cal, que servira noutro tempo a um fogão que se acendia no barracão, subia pelo muro quase até o lugar onde se achava Thénardier. Essa chaminé, já então muito escalavrada e cheia de fendas, desmoronou-se depois, mas ainda se vê o lugar em que esteve. Era bem estreita.

— Alguém pode subir por ali — disse Montparnasse.

— Por aquilo?! — exclamou Babet. — Não tem como. Só um garoto!

— Mas onde vamos arranjar um?

— Esperem — disse Montparnasse —, eu consigo.

Ele entreabriu com cuidado a porta do tapume, certificou-se de não haver ninguém passando na rua, saiu com precaução, fechou a porta e partiu rápido em direção à Bastilha.

Passaram-se sete ou oito minutos, que foram oito mil séculos para Thénardier. Babet, Brujon e Gueulemer não abriram a boca. A porta voltou enfim a se abrir e entraram Montparnasse esbaforido e Gavroche. A chuva ainda mantinha a rua completamente deserta.

O pequeno Gavroche entrou no recinto fechado pelo tapume e encarou com tranquilidade os bandidos. Dos cabelos escorria água. Gueulemer foi quem falou:

— És um homem, moleque?

Gavroche encolheu os ombros e respondeu:

— *Un môme comme mézig est un orgue, et des orgues comme vousailles sont des mômes.*[7]

— Como o *mion joue du crachoir!*[8] — exclamou Babet.

— *Le môme pantinois n'est pas maquillé de fertille lansquinée*[9] — acrescentou Brujon.

— O que é para fazer? — perguntou Gavroche.

Montparnasse respondeu:

— Subir por aquele cano.

— Com esta teresa — disse Babet.

— E *ligoter la tortouse*[10] — continuou Brujon.

— *Au monté du montant*[11] — acrescentou Babet.

— *Au pieu de la vanterne* [12] — completou Brujon.

— E depois? — Gavroche quis saber.

— Só isso — retorquiu Gueulemer.

O moleque examinou a corda, o cano, o muro, as janelas e fez o inexplicável e desdenhoso ruído com os beiços, que significa:

— Moleza!

— Vai salvar um homem que está lá em cima — explicou Montparnasse.

— Tudo bem? — inquietou-se Brujon.

— Que pergunta! — respondeu o menino, como se a dúvida fosse imbecil. E tirou os sapatos.

Gueulemer pegou Gavroche por um braço e o colocou no telhado do barracão, cujas tábuas pareceram ceder com o peso, e passou a corda que Brujon havia amarrado durante a ausência de Montparnasse. O rapaz foi até o cano, em que era fácil entrar por um buraco perto do telhado. No momento em que ia subir, Thénardier, que via aproximar-se a salvação e também a vida, debruçou-se na borda do muro. Os primeiros alvores da manhã já lhe branqueavam a testa inundada de suor, as faces lívidas, o nariz afilado e selvático, a barba grisalha e toda eriçada, de modo que Gavroche logo o reconheceu.

— Olha! É o meu pai!… Bom, mesmo assim... — disse ele.

E, pegando a corda com os dentes, começou resolutamente a escalada.

Chegou ao alto, montou na muralha como num cavalo e amarrou firmemente a corda num dos varões transversais da janela.

Passado um momento, Thénardier já estava na rua.

Mal pôs os pés no chão, vendo-se fora de perigo, já não se sentiu cansado, nem gelado, nem trêmulo. As coisas terríveis pelas quais havia acabado de passar desapareceram como fumaça. Toda aquela estranha e feroz inteligência despertou: estava de pé e livre, pronto para caminhar adiante. Eis as suas primeiras palavras:

— E agora, a quem vamos comer?

É inútil explicar o sentido dessa palavra medonhamente transparente, que significa ao mesmo tempo matar, ferir e roubar. *Comer,* no verdadeiro sentido: devorar.

— Cheguem-se mais — disse Brujon. — Acabamos a coisa com três palavras e depois nos separamos. Havia um negócio que parecia bom na rua Plumet, uma rua deserta, uma casa isolada, grades enferrujadas num jardim e mulheres sozinhas.

— E então? O que esperamos? — perguntou Thénardier.

— A sua Éponine foi ver a coisa — respondeu Babet — e disse que não há nada de bom ali.

— Ela não é boba, mas é melhor conferir — disse Thénardier.

— Sim, sim — disse Brujon —, é melhor sim.

Ninguém parecia mais se lembrar de Gavroche, sentado numa das pedras que sustentavam o tapume. Ele esperou alguns instantes, talvez que seu pai o olhasse, voltou a calçar os sapatos e disse:

— Era só isso? Já não precisam de mim? Já estão desenrolados, então caio fora: tenho de ir levantar os meus meninos.

E foi-se.

Os cinco homens saíram do tapume um a um.

Depois de Gavroche ter desaparecido na esquina da rua dos Ballets, Babet chamou Thénardier de parte:

— Reparou no moleque?

— Qual?

— O que subiu no muro e levou a corda.

— Não reparei muito, não.

— Pois olha, não sei, mas acho que era seu filho.

— Ah! — disse Thénardier. — Acha mesmo?

Notas

1 Que boa noite para uma fuga! (N.T.)

2 Vamos embora. O que fazemos aqui? (N.T.)

3 Chove de apagar o fogo do diabo. E a polícia já vai passar. Tem um soldado ali de sentinela. Vamos acabar sendo presos aqui. (N.T.)

4 O que está dizendo aí? O taberneiro não conseguiu fugir. Não é do ramo, diabos! Rasgar a camisa e os lençóis para fazer uma corda, abrir buracos nas portas, fabricar documentos falsos, chaves falsas, cortar as argolas, pendurar a corda do lado de fora, se esconder, se disfarçar, precisa ser esperto. O velho não deu conta, não conhece o trabalho. (N.T.)

5 Esse teu taberneiro deve ter sido pego no lance. Precisa ser esperto. É um aprendiz. Deve ter sido entregue por um alcaguete ou até por um "carneiro" que fingiu ser amigo. Escuta, Montparnasse, não está ouvindo essa gritaria na prisão? Já viu isso antes. Ele foi pego, entende! Está feito para cumprir seus vinte anos. Não sou de ter medo, não sou nenhum covarde, todo mundo sabe, mas temos que fugir ou dançamos. Não fica chateado, vem conosco. Vamos tomar uma garrafa de um bom vinho juntos. (N.T.)

6 Insisto, ele foi pego. A essa hora o taberneiro já não vale mais nada. Não há o que fazer. Vamos embora. Já me vejo o tempo todo nas mãos de um cana.(N.T.)

7 Uma criança como eu é um homem e homens como vocês são crianças. (N.T.)

8 Que menino mais atrevido! (N.T.)

9 Um menino de Paris não é feito de palha molhada. (N.T.)

10 E amarrar a corda. (N.T.)

11 Na beira do muro. (N.T.)

12 Através da janela. (N.T.)

LIVRO SÉTIMO

A GÍRIA

I

Origem

Pigritia é palavra terrível.

Em francês, essa palavra gera um mundo: *pègre*, leia-se *roubo*; e um inferno, *pégrenne*, leia-se *fome*.

Assim, a preguiça é mãe. Tem um filho, o roubo, e uma filha, a fome.

Mas de que falamos nesse momento? Da gíria.

O que é a gíria? É ao mesmo tempo a nação e o idioma; é o roubo sob suas duas espécies: povo e língua.

Quando, há trinta e quatro anos, o narrador desta séria e sombria história introduziu num romance, escrito com a mesma finalidade que este,[1] um ladrão falando gíria, houve espanto e clamor.

— O quê! Como assim? Gíria? Gíria é uma coisa horrível! É a língua das galés, dos forçados, das prisões, de tudo que a sociedade tem de mais abominável etc., etc., etc.!

Nunca aceitamos esse tipo de objeção.

Depois disso, dois poderosos romancistas, um que é profundo observador do coração humano e outro intrépido amigo do povo, Balzac e Eugène Sue, tendo apresentado ladrões falando a sua língua natural, como fizera em 1823 o autor de *O último dia de um condenado*, viram erguerem-se as mesmas reclamações. Repetiu-se: "O que querem os escritores com esse repugnante dialeto?", "A gíria é odiosa!", "A gíria causa arrepios de horror!"

Sem dúvida. Quem o nega?

Quando se trata de sondar uma ferida, um abismo ou uma sociedade, desde quando é um erro se adiantar e descer ao fundo? Sempre achamos ser às vezes um ato de coragem e, no mínimo, uma ação simples e útil, digna da atenção simpática que o dever aceito e cumprido merece. Por que não explorar tudo, não estudar, por que parar no caminho? Parar cabe à sonda e não ao sondador.

É claro, procurar na parte baixa da ordem social, ali onde a terra acaba e começa a lama, revirar essas camadas espessas, continuar, pinçar e lançar, ainda palpitante na

rua esse idioma abjeto que respinga sujeira, expor à luz esse vocabulário pustulento, em que cada palavra parece um tentáculo imundo de um monstro do lodo e das trevas, não é tarefa agradável nem fácil. Nada mais lúgubre do que contemplar assim, a nu, sob o foco do pensamento, o fervilhar terrível da gíria. Parece, de fato, ser uma espécie de bicho apavorante, feito para a noite, que se tirou da pocilga. Tem-se a impressão de um duro matagal vivo e encrespado que estremece, se move, se agita, quer voltar para a sombra, ameaça e olha. Certa palavra tem tudo de uma grade, outra de um olho apagado e sangrento. Certa frase parece se mexer como a pinça de um caranguejo. Tudo isso vive com essa vitalidade infame das coisas que se organizaram na desorganização.

Mas desde quando o horror exclui o estudo? Desde quando a doença afasta o médico? Pode-se imaginar um naturalista que se negue a estudar a víbora, o morcego, o escorpião, a escolopendra, a tarântula a pretexto de serem feios? O pensador que evitasse a gíria seria como um cirurgião evitando a úlcera e a verruga. Seria um filólogo hesitando examinar um fato linguístico, um filósofo hesitando observar um fato humanístico. Que fique claro então aos que não sabem, a gíria é simultaneamente um fenômeno literário e um resultado social. O que é a gíria, propriamente dita? A gíria é a língua da miséria.

Neste ponto poderiam parar-nos e generalizar o fato, o que às vezes é uma maneira de atenuá-lo, poderiam dizer que todas as ocupações, todas as profissões — pode-se quase acrescentar, todos os acidentes da hierarquia social e todas as formas da inteligência — têm a sua gíria. O feirante que diz *Montpellier disponível, Marseille de ótima qualidade*; o agente de câmbio que diz *adiamento*, *bônus*, *fim corrente*; o jogador que diz *tiers et tout* na roleta, ou *restaurar espadas* nas cartas; o notário das ilhas normandas que diz *l'affieffeur s'arrêtant à son fonds ne peut clâmer les fruits de ce fonds pendant la saisie héréditale des immeubles du renonciateur,*[2] o autor de vaudevilles que diz *alegraram o urso*, o ator que diz *j'ai fait four*;[3] o filósofo que diz *triplicidade fenomenal*; o caçador que diz *voileci allais, voileci fuyant*;[4] o frenologista que diz *amatividade*, *combatividade*, *secretividade*; o soldado de infantaria que diz do seu fuzil *minha clarineta*, o de cavalaria que diz da sua montaria *meu porquinho-da-índia*; o professor de esgrima que diz *tierce*, *quarte*, *rompez*; o impressor que diz *parlons batio*; todos, impressor, professor de esgrima, cavaleiro, infante, frenologista, caçador, filósofo, ator, vaudevillista, tabelião, jogador, agente de câmbio e feirante falam gíria. O pintor que diz *mon rapin*, o notário que diz *mon saute-ruisseau*, o barbeiro que diz *mon commis*, o sapateiro que diz *mon gniaf*, todos se referem a seu subalterno, em gíria. Na verdade, se quisermos continuar, essas diversas maneiras de indicar o lado direito e o lado esquerdo, que o marinheiro diz *bombordo* e *estibordo*,

o maquinista de palco, *côté cour* e *côté jardin*, o sacristão, lado da epístola e lado do evangelho, são gírias. As jovens afetadas têm sua gíria própria como, antes delas, as "preciosas" do século XVII tinham a sua. O palacete de Rambouillet era quase vizinho do Pátio dos Milagres. Há a gíria das duquesas, como se pode ver num bilhetinho de amor de uma grande e belíssima dama da Restauração: "*Vous trouverez dans ces potains-là une foultitude de raisons pour que je me libertise*".[5] Os códigos diplomáticos são gíria; a chancelaria pontifical, dizendo *26* no lugar de *Roma*, *grkztntgzyal* no lugar de envio e *abfxustgrnogrkzu* no lugar de *duque de Modena*, fala gíria. Os médicos da Idade Média que, se referindo a cenoura, rabanete e nabo diziam *opoponach*, *pefroschinum*, *reptitalmus*, *dracatholicum angelorum*, *postmegorum*, falavam gíria. O fabricante de açúcar que diz *vergeoise*, *tête*, *claircé*, *tape*, *lumps*, *mélis*, *bâtarde*, *commun*, *brûlé*, *plaque*, esse honesto manufatureiro fala gíria. Uma certa escola de crítica de vinte anos atrás dizia: *A metade de Shakespeare é em jogos de palavras e trocadilhos*, ou seja, Shakespeare falava gíria. O poeta e o artista que, com profundo bom senso, qualificam o sr. De Montmorency de "burguês", se não estiverem se referindo a versos ou estátuas, falam gíria. O acadêmico clássico que chama as flores de *Flora*, as frutas de *Pomona*, o mar de *Netuno*, o amor de *os ardores*, a beleza de *os atrativos*, um cavalo de *um corcel*, o penacho branco ou tricolor do barrete de *a rosa de Bellone*, o chapéu de três bicos de *o triângulo de Marte*, esse acadêmico clássico fala gíria. A álgebra, a medicina, a botânica têm as suas gírias. A língua que se fala a bordo, a admirável língua do mar, tão completa e pitoresca, falada por Jean Bart, Duquesne, Suffren e Duperré, que se mistura aos assobios dos cabos da mastreação, ao barulho dos megafones, ao choque dos machados de abordagem, ao balanço, ao vento, às rajadas, ao canhão, constitui uma gíria heroica e brilhante, que está para a áspera gíria da canalha como o leão para o chacal.

Sem dúvida, mas, diga-se o que for, essa maneira de compreender a palavra gíria é uma extensão que nem todo mundo admite. No que nos concerne, mantemos para essa palavra a sua velha acepção precisa, circunscrita e determinada e limitamos a gíria à gíria. À verdadeira gíria, à gíria por excelência. Se essas duas palavras puderem ser juntadas, a imemorial gíria, que era um reino, nada mais é, repetimos, que a língua feia, inquieta, sonsa, traidora, venenosa, cruel, suspeita, vil, profunda, fatal, da miséria. Há, no extremo de todos os rebaixamentos e de todos os infortúnios, uma última miséria que se revolta e resolve lutar contra o conjunto dos fatos felizes e dos direitos reinantes. Luta terrível em que, ora ardilosa, ora violenta, ao mesmo tempo pouco saudável e feroz, ela ataca a ordem social a alfinetadas pelo

vício e a bordoadas pelo crime. Para as necessidades dessa luta, a miséria inventou uma língua de combate, que é a gíria.

Fazê-la sobreviver e sustentá-la acima do esquecimento, acima do abismo, nem que seja um fragmento de uma língua qualquer que o homem tenha falado e que se perdia, quer dizer, um dos elementos, bons ou não, que compõem a civilização ou a complicam, é estender os dados da observação social, é servir à própria civilização. Plauto prestou esse serviço, querendo ou não, deixando que falassem fenício dois soldados cartagineses. Molière igualmente, fazendo com que falassem o levantino e todo tipo de patoá tantos dos seus personagens. As objeções crescem nesse ponto. O fenício, tudo bem! O levantino, ótimo! Até o patoá aceita-se! São línguas que pertenceram a nações ou a regiões, mas a gíria? Para que conservar a gíria? Para que "fazer sobreviver" a gíria?

Nossa resposta se limita a um só argumento. É verdade, a língua que uma nação ou uma região falou é digna de interesse, mas mais digna ainda de atenção e de estudo é a língua em que se exprimiu uma miséria.

Foi a língua por mais de quatro séculos falada na França, por exemplo, por não só uma miséria, mas pela Miséria, toda a miséria humana possível.

Além disso, insistimos, estudar as deformações e as enfermidades sociais, apontando-as para a cura, não é uma tarefa que se possa escolher. O historiador dos costumes e das ideias tem uma missão tão austera quanto o historiador dos acontecimentos. Este último tem a superfície da civilização, as lutas das Coroas, o nascimento de príncipes, os casamentos de reis, as batalhas, as assembleias, os grandes homens públicos, as revoluções às claras, todo o exterior. O outro historiador tem o interno, o fundo, o povo que trabalha, que sofre e espera, a mulher sobrecarregada, a criança que agoniza, as guerras surdas de homem a homem, as ferocidades obscuras, os preconceitos, as iniquidades convencionadas, os contragolpes subterrâneos da lei, as evoluções secretas das almas, os arrepios indistintos das multidões, os mortos de fome, os descalços, os malvestidos, os deserdados, os órfãos, os infelizes e os infames, todas as larvas que erram no escuro. Ele precisa descer aí, com o coração cheio de caridade e, ao mesmo tempo, de severidade, como irmão e como juiz, até essas casamatas impenetráveis em que se arrastam, misturados, os que sangram e os que batem, os que choram e os que amaldiçoam, os que jejuam e os que devoram, os que suportam o mal e os que o fazem. Teriam, esses historiadores dos corações e das almas, deveres menores que os seus colegas dos fatos externos? Por acaso Alighieri tinha menos a dizer que Maquiavel? A parte de baixo da civilização, por ser mais profunda e mais sombria,

seria menos importante que a de cima? Podemos dizer conhecer bem uma montanha se não conhecemos a caverna?

Aliás, digamos de passagem, de algumas palavras que dissemos pode-se inferir, entre as duas classes de historiadores, uma separação clara que não existe em nosso espírito. Não há bom historiador da vida patente, visível, brilhante e pública dos povos que não seja, ao mesmo tempo e em certa medida, historiador da vida profunda e oculta; e não será bom historiador do interno quem não puder ser, sempre que necessário, historiador do exterior. A história dos costumes e das ideias penetra na história dos fatos e vice-versa. São duas ordens diferentes de fatos que se correspondem, sempre se encadeiam e frequentemente se engendram. Todas as linhas que a Providência traça na superfície de uma nação têm suas paralelas sombrias, mas distintas, no fundo; e todas convulsões do fundo produzem agitações na superfície. Estando, a verdadeira história, nisso tudo, o verdadeiro historiador se ocupa de tudo.

O homem não é um círculo com um só centro, é uma elipse com dois focos. Os fatos constituem um; as ideias, o outro.

A gíria é apenas um vestiário em que a língua, tendo alguma ação ruim a praticar, se fantasia. Ela se disfarça ali com palavras que mascaram e com metáforas esfarrapadas.

Desse modo torna-se horrível.

Fica difícil reconhecê-la. Será mesmo língua francesa isso que se ouve, a grande língua humana? Ei-la pronta a entrar em cena e a dar ao crime a réplica, prestando-se a todo o repertório do mal. Não anda mais, manqueja; manqueja com a muleta do Pátio dos Milagres, muleta metamorfoseada em porrete. Chama-se bandidagem. Todos os espectros que a vestem a caracterizaram. Ela se arrasta e se ergue, dupla postura do réptil. De agora em diante, está apta a todos os papéis, tornada suspeita pelo falsário, acobreada pelo envenenador, carbonizada pela fuligem do incendiário e o assassino acrescenta nela o seu vermelho.

Quando se ouve à porta da sociedade, pelo lado das "pessoas de bem", surpreende-se o diálogo dos que estão lá fora. Distinguem-se perguntas e respostas. Percebe-se, sem compreender, um murmúrio horrível, com tonalidade quase humana, mais próximo do urro do que da palavra. É a gíria. As palavras são disformes e impregnadas de não se sabe qual bestialidade fantástica. A impressão é de se ouvirem hidras falando.

É o ininteligível no tenebroso, rangendo e cochichando, completando o crepúsculo pelo enigma. O escuro reina na desgraça e é ainda maior no crime; esses dois negrumes amalgamados compõem a gíria. Obscuridade na atmosfera,

obscuridade nos atos, obscuridade nas vozes. Terrível língua de sapo que vai, vem, salta, rasteja, baba e se move monstruosamente nessa imensa bruma cinzenta feita de chuva, de noite, de fome, de vício, de mentira, de injustiça, de nudez, de asfixia e de inverno, pleno meio-dia dos miseráveis.

Tenhamos piedade dos castigados. *Hélas!* O que nós mesmos somos? Quem sou eu, que lhes falo? Quem são vocês que me ouvem? De onde viemos? E podemos estar certos de nada termos feito antes de nascermos? A Terra não deixa de se assemelhar a um cárcere. Quem sabe se o homem não é um foragido da justiça divina?

Olhem a vida de perto. É feita de tal modo que se sente por todo canto a punição.

Seria você um desses assim denominados felizes? E, mesmo assim, diariamente se sente triste. Todo dia tem a sua grande tristeza e sua pequena preocupação. Ontem mesmo você temia pela saúde de alguém que lhe é caro, hoje pela sua própria, amanhã será uma preocupação com o dinheiro, depois de amanhã a diatribe de um caluniador, mais adiante a infelicidade de um amigo. Se não apenas o tempo que está fazendo, ou alguma coisa que se quebra ou se perde, um prazer que a consciência e a coluna vertebral lhe aconselham evitar. Ou o andamento dos negócios públicos. Sem contar as dores sentimentais. E assim em diante. Uma nuvem se desfaz, outra se forma. Mal se consegue um dia, entre cem outros, de plena alegria e pleno sol. E você pertence a essa minoria que goza de felicidade! Já as demais pessoas, a noite sangrenta as encobre.

Os espíritos ponderados usam pouco essa locução: os felizes e os infelizes. Nesse mundo, vestíbulo de outro, é evidente não haver felizes.

A verdadeira divisão humana é esta: luminosos e tenebrosos.

Diminuir o número de tenebrosos, aumentar o de luminosos, é esta a meta. Por isso gritamos: Ensino! Ciência! Ensinar a ler é acender a chama; toda sílaba soletrada lança faíscas.

No entanto, quem diz luz não diz necessariamente alegria. Sofre-se na luz; o excesso queima. A chama é inimiga da asa. Arder sem deixar de voar, este é o prodígio do gênio.

Mesmo tendo todos os conhecimentos, mesmo amando, sofre-se ainda. O dia nasce em lágrimas. Os luminosos choram, nem que seja somente pelo destino dos tenebrosos.

A gíria é a língua dos tenebrosos.

II

Raízes

O pensamento se comove em suas mais sombrias profundidades, a filosofia social é solicitada para suas mais penetrantes meditações na presença desse enigmático dialeto machucado e revoltado. É onde há castigo visível. Nele, cada sílaba parece marcada. As palavras da língua vulgar nele dão a impressão de terem sido amarrotadas e endurecidas pelo ferro em brasa do carrasco. De algumas parece ainda sair fumaça. Há frases que causam o mesmo efeito que um ombro bruscamente posto à mostra, no qual se vê a flor de lis com que se marcavam os ladrões. O pensamento quase recusa a se exprimir por tais substantivos fora da lei. A metáfora, neles, é às vezes tão explícita que deixa claro ter passado pela cadeia.

Além disso, apesar disso e por tudo isso, esse estranho patoá tem, por direito, seu compartimento nessa grande ficha imparcial em que há lugar tanto para a velha moeda de cobre azinhavrada como também para a medalha de ouro, que se chama literatura. A gíria, aceite-se ou não, tem sua sintaxe e sua poesia. É uma língua. Mesmo que, pela deformação de certos vocábulos, sintamos que foi mascada por Mandrin, e, pelo esplendor de certas metonímias, fique claro que foi falada por Villon.

Esse verso tão extraordinário e tão célebre *Mais où sont les neiges d'antan?* é um verso de gíria. *Antan — ante annum —* é uma palavra da gíria de Thunes que significava "ano passado" e, por extensão, "outrora". Lia-se ainda, há trinta e cinco anos, na época da partida da grande cadeia galeriana de 1827, numa das masmorras de Bicêtre, essa máxima gravada com um prego numa parede por um rei de Thunes condenado a trabalhos forçados: *Les dabs d'antan trimaient siempre pour la pierre du coëstre*. O que quer dizer: "Os reis de antigamente iam sempre à coroação." No pensamento daquele rei, a coroação era o trabalho forçado.

A palavra *décarade*, que exprime a movimentação de uma viatura pesada a galope, é atribuída a Villon e é digna dele. Essa palavra, que solta fogo por seus quatro pés, resume, numa onomatopeia magistral, todo o admirável verso de La Fontaine: *Six forts chevaux tiraient un coche* / "Seis fortes cavalos puxavam um coche".

Do ponto de vista puramente literário, poucos estudos seriam mais curiosos e mais fecundos que o da gíria. É uma língua dentro da língua, uma espécie de

excrescência doente, um enxerto pouco sadio que produz uma vegetação, um parasita com raízes no velho tronco gaulês e cuja ramagem sinistra rasteja por todo um lado da língua. Isso é o que se poderia chamar de o primeiro aspecto, o aspecto vulgar da gíria. Mas aqueles que estudam a língua como ela deve ser estudada, isto é, como os geólogos estudam a terra, a gíria aparece como verdadeira aluvião. De acordo com o ponto em que se escava, encontram-se na gíria, sob o antigo francês popular, o provençal, o espanhol, o italiano, o levantino, que era aquela língua dos portos mediterrâneos, o inglês e o alemão, o romeno em suas três variedades — romeno francês, romeno italiano e romeno romeno —, o latim e finalmente o basco e o celta. Formação profunda e estranha. Edifício subterrâneo construído em comum por todos os miseráveis. Cada raça maldita acrescentou sua camada, cada sofrimento deu o seu tijolo. Uma multidão de almas ruins, baixas ou irritadas que atravessou a vida e foi desaparecer na eternidade está ali quase inteira e, de certa forma, visível ainda sob a forma de uma palavra monstruosa.

Da língua espanhola a nossa velha gíria gótica está cheia. Por exemplo *boffette*, "*soufflet*" (bofetão), vem de *bofeton*; *vantane*, "*fenêtre*" (janela), vem de *vantana*; *gat*, "*chat*" (gato), vem de *gato*; *acite*, "*huile*" (azeite), vem de *aceyte*. Do italiano? Temos *spade*, "*épée*" (espada), que vem de *spada*; *carvel*, "*bateau*" (navio), vem de *caravella*. Do inglês? Basta pegar *bichot*, "*évêque*" (bispo), vindo de *bishop*; *raille*, espião, vindo de *rascal*; *rascalion*, velhaco; *pilche*, estojo, caixa, a partir de *pilcher*, bainha. Do alemão? Veja-se *caleur*, menino, *kellner*; *hers*, chefe, *herzog* (duque). Do latim temos *frangir*, quebrar, *frangere*; *affurer*, roubar, *fur*; *cadène*, cadeia, corrente, *catena*. Há uma palavra que aparece em todas as línguas do continente com uma espécie de força e autoridade misteriosas, a palavra *magnus*; dela a Escócia *fez mac*, que designa o chefe do clã, MacFarlane, MacCallummore, o grande Farlane, o grande Callummore,[6] a gíria fez daí *meck* e, mais tarde, *meg*, quer dizer, Deus. Do basco veio *gahisto*, o diabo, que vem de *gaïztoa*, ruim; *sorgabon*, boa-noite, que vem de *gabon*. Do celta? Temos *blavin*, lenço, que vem de *blavet*, água que brota; *ménesse*, mulher (de maneira negativa), que vem de *meinec*, cheio de pedras; *barant*, riacho, de *baranton*, fonte; *goffeur*, serralheiro, de *goff*, ferreiro; *guédouze*, a morte, que vem de *guenn-du*, branca-negra. Um pouco de história? A gíria chama a moeda escudo de *maltèse*, lembrando o dinheiro que circulava nos trabalhos forçados de Malta.

Além das origens filológicas que foram citadas, a gíria tem outras raízes ainda mais naturais e que saem, por assim dizer, do próprio espírito do homem.

Antes de tudo, a criação direta das palavras. É o maior mistério das línguas. Descrever por palavras que formam, não se sabe como nem por quê, imagens. É o fundo primitivo de toda linguagem humana, o que se poderia denominar o seu

granito. A gíria está repleta de palavras desse tipo, palavras imediatas, criadas de qualquer jeito, não se sabe onde nem por quem, sem etimologias, sem analogias, sem derivados, palavras solitárias, bárbaras, algumas vezes horríveis, com singular força de expressão e vivas. O carrasco, *le taule*; a floresta, *le sabri*; o medo e a fuga, *taf*; o lacaio, *le larbin*; o general, chefe de polícia ou ministro, *pharos*; o diabo, *le rabouin*. Nada mais estranho que essas palavras que mascaram e mostram. Algumas, por exemplo *rabouin*, parecem ao mesmo tempo grotescas e terríveis, dando a sensação de uma carranca ciclópica.

Em seguida, a metáfora. A característica de uma língua que quer dizer tudo e tudo esconder é a abundância de imagens. A metáfora é um enigma em que se refugia o ladrão que trama um golpe, o prisioneiro que combina uma fuga. Idioma algum é mais metafórico que a gíria. *Dévisser le coco*, torcer o pescoço; *tortiller*, comer; *être gerbé*, ser julgado; *un rat*, um ladrão de comida; *il lansquine*, chove, antiga imagem impressionante que patenteia, de certa forma, a sua data, assimilando as longas linhas oblíquas da chuva nas alabardas inclinadas dos *lansquenets* da infantaria alemã. É o contraponto, numa só palavra, da metonímia popular *il pleut des hallebardes*, chovem alabardas (chove a cântaros). Algumas vezes, na medida em que a gíria vai daquela primeira formação à segunda, as palavras passam do estado selvagem e primitivo ao sentido metafórico. O diabo deixa de ser *le rabouin* e se torna *le boulanger*, o padeiro, aquele que "enforna". É mais espirituoso, mas menos grandioso, algo como Racine depois de Corneille ou Eurípedes depois de Ésquilo. Algumas frases da gíria, que participam das duas épocas, têm conjuntamente o caráter bárbaro e o caráter metafórico, parecendo fantasmagorias. *Les sorgueurs vont solliciter des gails à la lune* (os ladrões vão roubar cavalos à noite). A imagem passa à nossa frente como um grupo de espectros, não se sabe o que se vê.

Em terceiro lugar, o expediente. A gíria vive da língua. Usa-a à sua maneira, toma seus empréstimos ao acaso e frequentemente se limita, quando surge a ocasião, a sumária e grosseiramente desnaturalizá-la. Às vezes, com palavras usuais assim deformadas, ou palavras da gíria pura tornadas mais complicadas, compõem-se locuções pitorescas, nas quais se sente a mistura dos dois elementos precedentes, a criação direta e a metáfora: *Le cab jaspine, je marrone que la roulotte de Pantin trime dans le sabri*: o cachorro late, acho que a diligência de Paris passa pelo bosque. *Le dab est sinve, la dabuge est merloussière, la fée est bative*: o burguês é tolo, a burguesa é esperta, a filha é bonita. Na maior parte das vezes, para despistar o intruso, a gíria se limita a acrescentar indistintamente a cada palavra da língua uma espécie de continuação infame em *aille*, *orgue*, *iergue* ou *uche*. Por exemplo: *Vouziergue trouvaille bonorgue ce gigotmuche?* (Acha esse assado bom?) Frase de Cartouche a um

carcereiro, para confirmar se a propina para a fuga era suficiente. A terminação em *mar* se acrescentou mais recentemente.

A gíria, sendo o idioma da corrupção, rapidamente se corrompe. Além disso, como está sempre procurando escapulir, assim que sente que a compreendem, ela se transforma. Ao contrário de qualquer outra vegetação, nela qualquer raio de luz mata aquilo que esclarece. Assim a gíria incessantemente se decompõe e se recompõe, num trabalho obscuro e rápido que nunca para. Em dez anos, caminha mais do que a língua em dez séculos. *Larton*[7] se torna *lartif*; *gail*[8] se torna *gaye*; *fertanche*[9] se torna *fertille*; *momignard*, *momacque*; *siques*,[10] *frusques*; *chique*,[11] *égrugeoir*; *colabre*,[12] *colas*. O diabo é primeiro *gahisto*, depois *rabouin*, depois *boulanger*. O padre passa de *ratichon* a *sanglier*. O punhal é 22, depois *surin*, depois *lingre*. Os policiais são *railles*, depois *roussins*, depois *rousses*, depois "vendedores de cadarços", depois *coqueurs*, depois *cognes*. O carrasco é *taule*, depois *Charlot*, depois *atigeur*, depois *becquillard*. No século XVII, lutar era *se donner du tabac*, no XIX é *se chiquer la gueule*. Vinte formas diferentes se sucederam entre esses dois extremos. Para Lacenaire Cartouche falava hebraico. Todas as palavras dessa língua estão em perpétua fuga, como aqueles que as pronunciam.

De vez em quando, porém, até por causa desse movimento, a gíria antiga ressurge e volta a ser nova. Tem suas cidadelas, onde pode se sustentar. A área do Temple guardava a gíria do século XVII; Bicêtre, enquanto foi prisão, guardava a gíria de Thunes. Ouviam-se ali as terminações em *anche* dos velhos *thuneurs*. *Boyanches-tu* (bebes?)? Ele *croyanche* (ele crê/acredita). Mas o perpétuo movimento se mantém lei.

Se, para observação, o filósofo conseguir por um momento fixar essa língua que se evapora o tempo todo, ele cai em dolorosas e úteis meditações. Estudo nenhum é mais eficaz e fecundo em ensinamentos. Não há metáfora ou etimologia da gíria que não proporcione uma lição. Para aqueles homens, "bater" quer dizer "fingir": "bate-se" uma doença. A força deles é a esperteza.

Para eles, a ideia do homem não se separa da ideia da sombra. A noite se diz *la sorgue*; o homem, *l'orgue*. O homem é um derivado da noite.

Eles criaram o hábito de ver na sociedade uma atmosfera funesta, como uma força fatal, e falam da liberdade como falam da saúde. Um homem preso está "doente"; um homem condenado é um "morto".

O que há de pior para o prisioneiro entre as quatro paredes de pedra em que ele está sepultado é uma espécie de castidade glacial, e por isso a masmorra é chamada *castus*. Nesse lugar fúnebre, é sempre sob seu aspecto mais risonho que para ele a vida externa se mostra. O prisioneiro carrega ferros nos pés. Acham que ele imagina

ser com os pés que se anda? Não. Ele imagina ser com os pés que se dança. Se conseguir serrar esses ferros, sua primeira ideia será de que pode então dançar, e ele chama a serra de *bastringue*, que é o baile popular. Um "nome" é um "centro", profunda assimilação. O bandido tem duas cabeças, uma que raciocina e o dirige ao longo da vida e outra que está presa ao pescoço, no dia da sua morte. A cabeça que aconselha os crimes é chamada de *sorbonne*; a cabeça que é cortada, de *tronche*. Quando um homem tem apenas farrapos no corpo e vícios no coração, ele chegou a essa dupla degradação, material e moral, que caracteriza, em suas duas acepções, a palavra *gueux* (indigente/velhaco) e está pronto para o crime, é como uma faca afiada e tem dois cortes: a penúria e a maldade. De forma que a gíria não diz um *gueux*, diz um *réguisé* ("reafiado"). O que é um campo de trabalhos forçados? Um braseiro de danações, um inferno. O forçado se chama *fagot* ("feixe de lenha"). Para terminar, que nome os bandidos dão ao presídio? O "colégio". Pode-se tirar todo um sistema penitenciário disso.

O ladrão tem também a sua bucha de canhão, a matéria roubável, você, eu, qualquer um que passe, o *pantre* (*pan*, todo mundo).

Querem saber onde nasceu a maior parte das canções das galés, esses refrãos chamados no vocabulário especial *lirlonfa*? Ouçam isto:

Havia, na prisão do Châtelet de Paris, um grande e comprido subterrâneo. Este subterrâneo ficava oito pés abaixo do nível do Sena. Não tinha janelas nem frestas; a única abertura era a porta; os homens podiam ali entrar, o ar não. Esse subterrâneo tinha como teto uma abóbada de cantaria e como piso dez polegadas de lama. Fora pavimentado, mas o contínuo ressudar das águas desunira e deslocara completamente as lajes. A oito pés acima do solo, esse subterrâneo era atravessado, de lado a lado, por uma grossa e comprida viga e dessa viga pendia, de distância em distância, uma corrente de três pés de comprimento, tendo nas extremidades gargalheiras. Nesse subterrâneo é que ficavam os condenados às galés, até o dia em que partiam para Toulon. Eram empurrados até aquela viga, onde cada um era preso à sua ferragem oscilante nas trevas. As correntes e as gargalheiras eram como braços pendidos e mãos abertas que agarravam aqueles infelizes pelo pescoço e eles ali ficavam. A corrente era demasiado curta e não permitia que se deitassem. Permaneciam imóveis no subterrâneo, na escuridão, sob a viga, quase enforcados, obrigados a esforços inauditos para chegarem ao pão ou à bilha de água, com os pés metidos na lama, os excrementos correndo-lhes pelas pernas, exaustos, dobrando-se pelos quadris e pelos joelhos, pendurando-se pelas mãos às correntes para assim repousarem, não podendo dormir senão de pé e sendo acordados a cada instante pelo estrangulamento da gargalheira; alguns não acordavam. Para comer traziam

com o calcanhar, com a mão, o pão que lhes atiravam na lama. Quanto tempo permaneciam assim? Um, dois, algumas vezes seis meses; houve quem ficasse um ano. Uma antecâmara para as galés. Era possível estar ali por ter roubado uma lebre em algum parque do rei. Nesse sepulcro-inferno o que eles faziam? O que se pode fazer num sepulcro: agonizavam; e o que se pode fazer num inferno: cantavam. Onde já não há esperança, resta o canto. Nas águas de Malta, quando uma galé se aproximava, ouvia-se primeiro o canto dos remadores e só depois o ruído dos remos. O pobre caçador clandestino em bosques privados Survincent, que conheceu a prisão-subterrâneo do Châtelet, dizia: "Foram as rimas que me sustentaram." Inutilidade da poesia. Para que rima? Foi naquele subsolo que nasceram quase todas as canções da gíria. Foi dessa masmorra do Grand-Châtelet de Paris que veio o melancólico refrão da galé de Montgomery: *Timaloumisaine, timoulamison*. A maior parte dessas canções é lúgubre, algumas são alegres e uma é até doce: *Icicaille est le théâtre / Du petit dardan*.[13]

Faça-se o que for, nunca se aniquilará essa eterna sobra do coração do homem, o amor.

Nesse mundo de ações sombrias, guarda-se segredo. O segredo é algo comum a todos. O segredo, para aqueles miseráveis, é a unidade que serve de base à união. Romper o segredo é arrancar de cada um dos membros daquela comunidade persistente algo pessoal. Denunciar, na enérgica linguagem da gíria, se diz: "comer o bocado". Como se o denunciador puxasse para si um pouco da substância de todos e se alimentasse com um bocado da carne de cada um.

O que é receber um *soufflet* ("bofetão")? A metáfora banal responde: é *voir trente-six chadelles* ("ver 36 velas"). Nisso intervém a gíria: *chandelle*, *camoufle* ("vela, camufla") e a linguagem usual dá ao *soufflet*, como sinônimo, *camouflet*. Desse modo, por uma forma de penetração do baixo no alto, com ajuda da metáfora, essa trajetória incalculável, a gíria sobe da caverna à Academia e Poulailler, dizendo "Acendo minha *camoufle*", faz Voltaire escrever: "Langleviel La Beaumelle merece cem *camouflets*."

Uma perquirição na gíria é uma descoberta a cada passo. O estudo e o aprofundamento desse estranho idioma levam ao misterioso ponto de intersecção da sociedade regular com a sociedade maldita.

A gíria é o verbo tornado galeriano.

É triste que o princípio pensante do homem possa ser jogado tão baixo, possa ser arrastado e algemado por obscuras tiranias da fatalidade, possa ser amarrado por não se sabe quais nós nesse precipício.

Ah, pobre pensamento dos miseráveis!

Como? Ninguém virá socorrer a alma humana em tal escuridão? Será o seu destino esperar para sempre o espírito, o libertador, o imenso cavaleiro dos pégasos e dos hipogrifos, o combatente cor de aurora que desce do céu entre duas asas, radioso paladino do futuro? Terá que sempre chamar em vão a lança luminosa do ideal? Condenada a ouvir assustadoramente se aproximar, na espessura do abismo, o Mal? A vislumbrar sob a água hedionda, cada vez mais perto, a cabeça draconiana, essa goela vomitando escuma e a ondulação serpenteando garras, inchaços e tentáculos? Terá então que permanecer ali sem um clarão, sem esperança, exposta a essa aproximação formidável, vagamente farejada pelo monstro, trêmula, desgrenhada, retorcendo os braços, para sempre agrilhoada ao rochedo da noite, sombria Andrômeda branca e nua nas trevas?

III

Gíria que chora e gíria que ri

Como se vê, a gíria inteira, a gíria de quatrocentos anos atrás, como a de hoje, é influenciada pelo sombrio espírito simbólico que dá a todas as palavras ora um aspecto dolente, ora um ar ameaçador. Sente-se nela a velha tristeza feroz daqueles bandidos do Pátio dos Milagres, que jogavam cartas com baralhos exclusivos, só deles, e dos quais alguns foram conservados. O oito de paus, por exemplo, era representado por uma árvore grande, com oito enormes folhas de trevo, espécie de personificação fantástica da floresta. Ao pé dessa árvore via-se uma fogueira em que três lebres assavam um caçador no espeto e mais atrás, numa outra fogueira, uma panela fumegante, da qual saía a cabeça de um cão. Nada mais lúgubre do que essas representálias num baralho, numa época em que contrabandistas eram queimados vivos em fogueiras e falsários cozinhados em caldeirões. As diversas formas que o pensamento ganhava no reino da gíria, inclusive a canção, a zombaria e a ameaça, tinham essa característica de impotência e opressão. Todas as canções, das quais algumas melodias foram guardadas, eram singelas e lamentosas, de fazer chorar. O ladrão é chamado de "o pobre ladrão", identificado com a lebre que se esconde, com o camundongo que escapa, com o pássaro que foge. Ele pouco reclama, limita-se a

suspirar. Um desses gemidos chegou até nós: *Je n'entrave que le dail comment meck, le daron des orgues, peut atiger ses mômes et ses momignards et les locher criblant sans être atigé lui-même*.[14] O miserável, sempre que tem tempo para pensar, faz-se de pequeno diante da lei e de fraco diante da sociedade. Deita-se de bruços, suplica, vira-se para o lado da piedade: ele sabe que está errado.

Pela metade do século XVIII, uma mudança ocorreu. Os cantos de prisioneiros, os estribilhos de ladrões ganharam, por assim dizer, um gesto insolente e jovial. O lamentoso *maluré* foi substituído por *larifla*. Nota-se nesse século, em quase todas as canções das galés e dos trabalhos forçados, uma diabólica e enigmática alegria. Ouve-se esse refrão estridente e saltitante que se diria iluminado por um luar fosforescente, parecendo lançado na floresta por um fogo-fátuo tocando pífaro: *Mirlababi surlababo,/ Mirliton ribon ribette,/ Surlababi, mirlababo,/ Mirliton ribon ribo*.

Podia-se cantar isso enquanto se degolava um homem num porão ou num canto do bosque.

Sintoma grave. No século XVIII a antiga melancolia daquelas classes tristes se dissipa. Ela ri. Debocham do grande *meg* e do grande *dab*. Com o rei Luís XV acabado, elas o chamam "marquês de Pantin". Estão quase alegres. Uma espécie de luz suave se desprende desses miseráveis como se a consciência não os incomodasse mais. Aquelas tristes tribos da sombra têm não só a audácia desesperada das ações, mas também a audácia despreocupada das tiradas espirituosas. É indício de que perdem o sentimento da criminalidade e sentem, inclusive entre pensadores e poetas, não sei quais apoios desconhecidos. Indício de que o roubo e o saque começam a se infiltrar até em doutrinas e em sofismas, perdendo um pouco da sua feiura e passando muito dela aos sofismas e às doutrinas. Indício, enfim, se nenhuma diversão surgir, de alguma eclosão prodigiosa e próxima.

Vamos dar uma parada. A quem estamos acusando? O século XVIII? A sua filosofia? É claro que não. A obra do século XVIII é sadia e boa. Os enciclopedistas, Diderot à frente, os fisiocratas, Turgot à frente, os filósofos, Voltaire à frente, os utopistas, Rousseau à frente, são quatro legiões sagradas. O imenso avanço da humanidade na direção da luz é incontestável. São as quatro vanguardas do gênero humano, indo aos quatro pontos cardeais do progresso: Diderot indo ao belo, Turgot ao útil, Voltaire ao verdadeiro, Rousseau ao justo. Mas ao lado e abaixo desses filósofos havia sofistas, vegetação venenosa misturada no crescimento salubre, cicuta na floresta virgem.

Enquanto o carrasco queimava no pátio do Palácio da Justiça os grandes livros libertadores do século, alguns escritores, esquecidos hoje, publicavam, com

privilégio do rei, não sei que escritos estranhamente desorganizadores, avidamente lidos pelos miseráveis. Algumas dessas publicações, patrocinadas por um príncipe, estranhamente se encontram na Biblioteca Secreta. Esses fatos, profundos mas ignorados, não eram percebidos na superfície. Por vezes, é a própria obscuridade de um fato que constitui o seu perigo. É obscuro porque subterrâneo. De todos os escritores, quem talvez tenha aberto nas massas a galeria mais insalubre foi Restif de la Bretonne.

Esse trabalho, que afetou a Europa inteira, fez na Alemanha mais estrago do que em qualquer outro país. Na Alemanha, durante certo período, resumido por Schiller em seu drama famoso *Os bandoleiros*, o roubo e a pilhagem se colocavam como protesto contra a propriedade e o trabalho, assimilando algumas ideias elementares tendenciosas e falsas, aparentando serem justas, mas na realidade absurdas. Junto dessas ideias e desaparecendo, de certa forma, por trás delas, o crime ganhava um nome abstrato e um status de teoria e dessa maneira circulava entre a multidão laboriosa, sofredora e honesta, sem que sequer se dessem conta os químicos que tinham preparado a mistura e sem que igualmente sequer se dessem conta as massas que a aceitavam. Sempre que um fato desse tipo se produz, a situação é grave. O sofrimento engendra a cólera, e enquanto as classes prósperas preferem não ver ou dormem, isto é, fecham os olhos, o rancor das classes infelizes acende seu archote num espírito qualquer, triste ou deformado, que sonha num canto e se põe a examinar a sociedade. O exame rancoroso é algo terrível!

A partir daí, se as desgraças da época assim permitirem, acontecem essas assustadoras comoções populares antigamente chamadas *jacqueries* e em comparação às quais as agitações puramente políticas parecem brincadeira de crianças, pois deixam de se limitar à luta do oprimido contra o opressor para ser revolta do mal-estar contra o bem-estar. E tudo se desmorona.

As *jacqueries* são os abalos do povo.

Foi diante desse perigo, talvez iminente na Europa do final do século XVIII, que a Revolução Francesa agiu, esse imenso ato de probidade.

A Revolução Francesa, o ideal armado com o gládio, se ergueu e, nesse mesmo movimento brusco, fechou a porta do Mal e abriu a porta do Bem.

Realçou a questão, promulgou a verdade, afastou o miasma, saneou o século, coroou o povo.

Pode-se dizer que ela recriou o homem, dando-lhe uma segunda alma, o direito.

O século XIX herdou e se beneficia da sua obra e, hoje, a catástrofe social que indicávamos há pouco é simplesmente impossível. Cego quem apontá-la! Tolo quem a temer! A Revolução foi a vacina contra a *jacquerie*.

Graças à Revolução, as condições sociais mudaram. As doenças feudais e monárquicas não estão mais em nosso sangue. Não há mais Idade Média em nossa constituição. Não estamos mais no tempo em que terríveis formigamentos interiores irrompiam, em que se ouvia sob os pés a expansão obscura de um rumor surdo, em que surdiam na superfície da civilização não se sabe quais agitações vindas da galeria das toupeiras, em que o chão rachava, em que o alto das cavernas se abria, em que de repente se viam, saindo da terra, cabeças monstruosas.

O sentido revolucionário é um sentido moral. O sentimento do direito, uma vez desenvolvido, desenvolve o sentimento do dever. A lei de todos é a liberdade, que acaba onde começa a liberdade do outro, segundo a admirável definição de Robespierre. Desde 1789, o povo inteiro se dilata no indivíduo sublimado. Não há mais pobre que, tendo o seu direito, não tenha a sua arma. O morto de fome sente nele a honestidade da França. A dignidade do cidadão é uma armadura interior. Quem é livre tem escrúpulos. Quem vota reina. Daí a incorruptibilidade, o aborto das cobiças pouco saudáveis, o olhar heroicamente abaixado diante das tentações. O saneamento revolucionário é tamanho que num dia de libertação, num 14 de julho, num 10 de agosto, não há mais populacho. O primeiro grito das multidões iluminadas e crescentes é: morte aos ladrões! O progresso é o homem digno; o ideal e o absoluto não são batedores de carteira. Por quem foram escoltados, em 1848, os carros fechados com as riquezas do Palácio das Tulherias? Pelos trapeiros do bairro de Saint-Antoine. O trapo montando guarda diante do tesouro. A virtude tornou aqueles esfarrapados resplendentes. Estava ali, naqueles carros, em caixas mal trancadas, algumas inclusive entreabertas, entre cem joias deslumbrantes, a velha coroa da França repleta de diamantes, tendo no alto o rubi da realeza, do regente, valendo trinta milhões. Eles guardavam, de pés descalços, essa coroa.

Nada mais, então, de *jacquerie*. Sinto muito pelos hábeis. Era apenas o antigo medo causando seu último efeito e que não pode mais ser utilizado em política. A grande alavanca do espectro vermelho quebrou. Todo mundo agora sabe. O espantalho já não espanta. Os pássaros se familiarizaram com ele, os estercorários pousam, os burgueses acham graça.

IV

Os dois deveres: guardar e esperar

Posto isto, está dissipado todo perigo social? Não, decerto. A sociedade pode sossegar por esse lado; o sangue não tornará a subir-lhe à cabeça, mas ela deve cuidar do modo por que respira. Já não se corre o risco da apoplexia, mas resta o da tuberculose. A tuberculose social chama-se miséria.

Morre-se minado do mesmo modo que fulminado.

Não nos cansemos de repetir, deve-se, antes de tudo, pensar nas multidões deserdadas e sofredoras, aliviá-las, aerá-las, esclarecê-las, amá-las, alargar-lhes magnificamente os horizontes, prodigar, sob todas as suas formas, a educação, oferecer o exemplo do trabalho, nunca o exemplo do ócio, amortecer o peso do fardo individual aumentando a noção de meta universal, limitar a pobreza sem limitar a riqueza, criar vastos campos de atividade pública e popular, ter, como Briarée, cem mãos a estender em volta aos sobrecarregados e aos vulneráveis, empregar a força coletiva nesse grande dever de abrir ateliês para todos os braços, escolas para todas as aptidões, laboratórios para todas as inteligências, aumentar o salário, diminuir a labuta, contrabalançar o que se deve e o que se tem, quer dizer, proporcionar prazer ao esforço e satisfação à necessidade, resumindo, fazer com que saia do aparelho social, em prol dos que sofrem e dos que ignoram, maior esclarecimento e maior bem-estar. Isso, que as almas afins não esqueçam, é a primeira das obrigações fraternais; isso, que saibam os corações egoístas, é a primeira das necessidades políticas.

E tudo isso, sejamos claros, é apenas um início. A verdadeira questão é a seguinte: o trabalho não pode ser uma lei sem ser um direito.

Não insistiremos mais, não é este o lugar.

Se a natureza se chama Providência, a sociedade deve se chamar previdência.

O crescimento intelectual e moral é tão indispensável quanto a melhora material. Saber é um viático, pensar é primeira necessidade, a verdade é um alimento como o trigo. Um raciocínio em jejum de ciência e de sabedoria emagrece. Lamentemos como se fossem estômagos os espíritos que não comem. Se algo é mais aflitivo que um corpo agonizando por falta de pão, é uma alma que morre por fome de luz.

O progresso inteiro tende para a solução. Um dia estaremos muito surpresos. Com a subida do gênero humano, as camadas profundas sairão naturalmente da zona de aflição. O fim da miséria virá por uma simples elevação do nível.

Seria um erro duvidar dessa abençoada solução.

O passado, é verdade, está muito forte no momento em que nos encontramos. Ele volta. É surpreendente esse rejuvenescimento de um cadáver. Pôs-se a andar e

está vindo. Tem ares de vencedor, esse morto é um conquistador. Chega com sua legião, as superstições, com sua espada, o despotismo, com sua bandeira, a ignorância, e ganhou dez batalhas nos últimos tempos. Avança, ameaça, ri, está às nossas portas. Entretanto, não nos desesperemos. Vendamos o campo em que Aníbal acampa.

Nós, que acreditamos, o que podemos temer?

As ideias, como os rios, não recuam.

Que pensem nisso os que não querem saber do futuro. Dizendo não ao progresso, eles próprios é que são condenados, não o futuro, pois dão a si mesmos uma triste doença, inoculam o passado nas suas pessoas. Há uma só maneira de recusar o Amanhã, é morrendo.

No entanto, morte nenhuma — a do corpo o mais tardiamente possível, a da alma nunca — é o que queremos.

Sim, o enigma dirá a sua chave, a esfinge falará, o problema será resolvido. O povo esboçado pelo século XVIII será concluído pelo século XIX. Idiota quem tiver dúvida quanto a isso! A eclosão futura, a eclosão próxima do bem-estar universal, é um fenômeno divinamente fatal.

Imensos movimentos de conjunto regem os fatos humanos e os levam todos, em determinado tempo, ao estado lógico, ou seja, à equidade. Uma força composta de terra e de céu resulta da humanidade e a governa. Essa força é uma fazedora de milagres, para ela os resultados maravilhosos são tão simples quanto as peripécias extraordinárias. Ajudada pela ciência que vem do homem e pelo acontecimento que vem do exterior, ela pouco se assusta com essas contradições na colocação dos problemas, que ao vulgo parecem impossibilidades. E é também competente para fazer brotar uma solução, tanto da aproximação das ideias quanto do ensinamento da aproximação dos fatos. Podemos então tudo esperar, por parte dessa misteriosa capacidade do progresso que, um belo dia, confronta o Oriente com o Ocidente no fundo do sepulcro e faz imames dialogarem com Bonaparte no interior da grande pirâmide.

Enquanto isso, nesse intervalo, nada de hesitação, nada de estagnação na grandiosa marcha dos espíritos. A filosofia social é, essencialmente, a ciência da paz. Tem como meta, e deve ter como resultado, dissolver os ódios pelo estudo dos antagonismos. Ela examina, escruta, analisa e depois recompõe. Procede por via de redução, retirando todo rancor.

Que uma sociedade se abisme, sob o vento que se abate sobre os homens, já se viu mais de uma vez. A história está cheia de naufrágios de povos e de impérios. Costumes, leis e religiões um belo dia são carregados por esse desconhecido, o

furacão. As civilizações da Índia, da Caldeia, da Pérsia, da Assíria, do Egito desapareceram, uma depois da outra. Por quê? Não sabemos. Quais as causas desses desastres? Ignoramos. Essas sociedades poderiam ter se salvado? Houve culpa por parte delas? Insistiram em algum vício fatal que as levou à perdição? Quantos suicídios não há nessas mortes terríveis de nações e de raças? São perguntas sem resposta. A sombra cobre as civilizações condenadas. Começou a entrar água no porão e elas afundaram, nada mais podemos dizer. E é com algum sobressalto que vemos, no fundo desse mar que se chama passado, por trás das ondas colossais que são os séculos, esses imensos navios naufragados, Babilônia, Nínive, Tarso, Tebas, Roma, sob o sopro assustador que sai de todas as bocas das trevas. Trevas lá, claridade aqui. Ignoramos as doenças das civilizações antigas, conhecemos as enfermidades da nossa. Temos por todo canto dela o direito de luz; contemplamos suas belezas e acusamos suas deformidades. Onde o mal se encontra, sondamos e, constatado o sofrimento, a análise da causa leva à descoberta do remédio. Nossa civilização, obra de vinte séculos, é, ao mesmo tempo, o monstro e o prodígio; ela vale a pena de ser salva. E será. Desoprimi-la já é muito, esclarecê-la é ainda mais. Todos os trabalhos da filosofia social devem convergir para essa meta. O pensador hoje tem um grande dever: auscultar a civilização.

Repetimos, essa auscultação é animadora, e é insistindo nisso que queremos terminar estas páginas, entreato austero de um drama doloroso. Sob a mortalidade social sente-se a imortalidade humana. Suas eventuais feridas e dermatoses são como as crateras, as solfataras de um vulcão que lança o seu pus e nem por isso destrói o globo. Doenças do povo não matam o homem.

No entanto, qualquer um que siga a clínica social balança a cabeça por instantes. Os mais fortes, os mais sensíveis, os mais lógicos têm suas horas de dúvida.

O futuro chegará? A pergunta parece possível, com tantas sombras terríveis à vista. Sombrio enfrentamento de egoístas e miseráveis. Nos egoístas, os preconceitos, as trevas da educação rica, o apetite crescendo pela embriaguez, uma tontura da prosperidade que ensurdece, o receio de sofrer que, em alguns, chega à aversão pelos que sofrem, uma satisfação implacável, o eu tão inchado que fecha a alma. Nos miseráveis, a cobiça, a inveja, a raiva de ver os outros no desfrute da vida, os profundos ímpetos da besta humana para a saciedade, os corações cheios de bruma, a tristeza, a fatalidade, a ignorância impura e simples.

Devemos ainda erguer os olhos para o céu? O ponto luminoso que ali se distingue é daqueles que se apagam? O ideal é medonho de se ver, assim perdido nas profundidades, pequeno, isolado, imperceptível, brilhante, mas rodeado de todas as

grandes ameaças negras, monstruosamente amontoadas em torno dele. No entanto, o perigo que ele corre é o mesmo que o de uma estrela frente ao apetite das nuvens.

Notas

1 Trata-se de *O último dia de um condenado.* (N.T.)

2 Forma retorcida de dizer, num jargão cartorial, "o afiançador se limitando a seus fundos não pode exigir frutos desses fundos durante o embargo hereditário dos imóveis do renunciante". (N.T.)

3 Fui vaiado. (N.T.)

4 Grito que se dava para atiçar os cães de caça, querendo dizer: "Coisa vista, coisa fugindo!" (N.T.)

5 "Veja nessas maledicências uma quantidade de motivos para que eu assuma minha liberdade". (N.T.)

6 Deve-se porém observar que, em celta, *mac* quer dizer filho. (N.T.)

7 Pão. (N.T.)

8 Cavalo. (N.T.)

9 Palha. (N.T.)

10 Roupa do dia a dia. (N.T.)

11 Igreja. (N.T.)

12 Pescoço. (N.T.)

13 Arqueiro. Cupido. (N.T.)

14 Não entendo como Deus, o pai dos homens, pode torturar seus filhos e ouvi-los gritar sem se sentir torturado. (N.T.)

LIVRO OITAVO

ENCANTOS E AMARGURAS

I

Luz plena

O leitor certamente compreendeu que Éponine, tendo reconhecido através da grade a moradora da rua Plumet, onde ela fora a mando de Magnon, começou por desanimar os bandidos e depois levou Marius até o endereço. Ele próprio, somente ao cabo de muitos dias de êxtase diante da grade, arrastado pela força que impele o ferro ao ímã, acabara por entrar no jardim de Cosette como Romeu no jardim de Julieta.

A coisa inclusive foi mais fácil para ele do que para Romeu, que era obrigado a escalar uma parede, enquanto Marius teve apenas que forçar um pouco uma das barras da grade decrépita, que bambeava na sua fixação enferrujada como os dentes na boca dos idosos. O jovem era magro e não foi difícil a invasão.

Como nunca passava ninguém pela rua e Marius só entrava no jardim à noite, não corria risco algum de ser visto.

A partir do momento abençoado e santo em que um beijo selou o noivado daquelas duas almas, Marius voltou à rua Plumet todas as noites. Se Cosette, naquele momento da vida, tivesse amado um homem pouco escrupuloso e libertino, estaria perdida; pois existem naturezas generosas que se entregam e Cosette era uma delas. Uma das magnanimidades da mulher está em ceder. O amor, nesse momento em que é absoluto, se complica com não se sabe qual celeste cegueira do pudor. Mas quantos perigos correm as nobres almas! Frequentemente cede-se o coração e é ao corpo que se toma. O coração fica e você o vê jogado à sombra, trêmulo. O amor não tem meio-termo, ele ou perde a pessoa ou a salva. Todo destino humano está nesse dilema. Esse dilema da perda ou da salvação, fatalidade nenhuma o coloca mais inexoravelmente que o amor. O amor é vida, quando não é morte. Berço e também esquife. O mesmo sentimento que diz não diz também sim no coração humano. De todas as coisas que Deus fez, nosso coração é aquela que mais luz espalha, e também mais escuridão.

Quis Deus que o amor encontrado por Cosette fosse um desses que salvam.

Enquanto durou o mês de maio daquele ano de 1832, encontraram-se todas as noites, no pobre jardim selvático, sob aquela moita cada vez mais odorífera e espessa, dois enamorados plenos de todas as castidades e de todas as inocências, transbordantes de todas as felicidades do céu, mais próximos dos arcanjos que dos

homens; puros, honestos, embriagados, radiantes, resplendendo um para o outro nas trevas. Cosette tinha a impressão de ver na cabeça de Marius uma coroa, enquanto ele via na sua uma auréola. Os dois se tocavam, se olhavam, pegavam-se as mãos, abraçavam-se, mas havia um passo que não era dado. Não que o respeitassem, mas por ignorá-lo. Marius via uma barreira: a pureza de Cosette. E ela tinha sempre um apoio: a lealdade de Marius. O primeiro beijo fora também o último. Desde então, o rapaz não tinha ido além de encostar os lábios na mão, no xale ou numa mecha de cabelos de Cosette. Para ele, a jovem amada era um perfume e não uma mulher. Marius a respirava. Ela nada recusava, ele nada pedia. Cosette se sentia feliz e Marius, satisfeito. Viviam ambos nesse encantador estado que se poderia chamar deslumbramento da alma. Era o inefável primeiro beijo de duas virgindades no ideal. Dois cisnes se encontrando no Jungfrau.

Naquele momento do amor, momento em que a volúpia se cala absolutamente sob a onipotência do êxtase, Marius, o puro e seráfico Marius, seria mais capaz de procurar uma mulher pública do que erguer o vestido de Cosette até a altura do tornozelo. Uma vez, ao luar, Cosette curvou-se para apanhar alguma coisa no chão, o decote do vestido se abriu um pouco e deixou que se visse o colo; Marius afastou os olhos.

O que se passava entre aqueles dois? Nada. Adoravam-se.

À noite, quando estavam juntos, parecia-lhes o jardim um lugar vivo e sagrado. As flores se abriam em volta e lhes enviavam incenso, enquanto eles abriam as suas almas e as estendiam às flores. A vegetação lasciva e vigorosa se sacudia transbordante de seiva e de embriaguez ao redor dos dois inocentes, e eles diziam palavras de amor que faziam estremecer as árvores.

Quais palavras? Suspiros. Nada mais. Suspiros bastavam para afetar e enternecer toda aquela natureza. Força mágica que dificilmente compreenderia quem lesse, num livro, aquelas conversas feitas para serem carregadas e dissipadas como fumaça ao vento, sob as folhas. Tire dos murmúrios de dois enamorados essa melodia que sai da alma e os acompanha como uma lira e o que resta nada é. Você diz: "Como? Só isso?" Exato, bobagens, repetições, risos sem motivo, inutilidades, criancices, tudo que há no mundo de mais sublime e profundo! As únicas coisas que valem a pena de serem ditas e ouvidas!

Bobagens desse tipo, ninharias assim, quem nunca as tiver ouvido nem dito pode se considerar um imbecil, ou uma pessoa má.

Cosette dizia a Marius:

— Sabe?...

(Nisso tudo, dentro daquela celestial virgindade e sem que nenhum dos dois pudesse dizer como, eles já se tratavam como se desde sempre se conhecessem.)

— Sabe? Meu nome é Euphrasie.

— Euphrasie? Sei que não, é Cosette.

— Ah! Cosette é feio, um nome que me deram quando eu era pequena: mas o meu nome de verdade é Euphrasie. Não gosta desse nome?

— Gosto… Mas Cosette não é feio.

— Gosta mais dele do que de Euphrasie?

— Eu… gosto, sim.

— Então eu também. É verdade, Cosette é bonito. Continue a me chamar de Cosette.

E o sorriso que acompanhou todo esse diálogo fazia dele um idílio digno de um bosque a se situar no céu.

Em outra ocasião, olhando-o fixamente, ela disse:

— Você tem bela figura, é bonito, inteligente, nada tem de bobo e sua cultura é maior que a minha, mas duvido que diga melhor que eu: eu te amo!

E Marius, em pleno céu, tinha a impressão de ouvir uma estrofe cantada por uma estrela.

Ou quando, certa vez, ela deu nele um tapinha por causa de um acesso de tosse e disse:

— Não tussa. Não quero que tussam aqui sem minha permissão. É feio me preocupar assim. Quero que esteja em boa saúde, primeiro porque, se não estiver bem, vai me deixar pior ainda. O que quer que eu faça?

E isso era simplesmente divino.

Uma vez Marius disse a Cosette:

— Por certo tempo achei que se chamava Ursule.

Isto os fez rir pelo resto do tempo que estiveram juntos naquela noite.

Numa dessas conversas à toa, ele confessou:

— Um dia, no Luxembourg, tive vontade de acabar de vez com um estropiado!

Mas calou-se de repente e não continuou. Teria de falar da liga que entrevira, e isso era impossível. Seria abordar uma aproximação desconhecida o corpo, diante do qual ele recuava com uma espécie de pavor sagrado nesse imenso amor inocente.

Marius imaginava a vida com Cosette daquela maneira, sem nada acrescentar: vir todas as noites à rua Plumet, afastar a velha e complacente barra de ferro da grade, sentarem-se juntos naquele banco, olhar entre as árvores a cintilação da noite que começava, ajustar a dobra do joelho da sua calça ao rodado do vestido de Cosette, alisar a unha do seu dedo, tratá-la pela segunda pessoa do singular, como só

fazem os muito próximos, respirarem juntos a mesma flor para sempre, indefinidamente. Enquanto isso, as nuvens passavam sobre as suas cabeças. Sempre que o vento sopra, carrega mais sonhos do homem do que nuvens do céu.

Não que esse casto e quase furioso amor desconhecesse qualquer galanteria. "Fazer elogios" a quem se ama é a primeira forma de carinho. Uma tímida audácia que se tenta. O elogio é como um beijo por cima do véu. A volúpia entra nisso, mesmo se disfarçando. Diante da volúpia, o coração recua, para amar ainda mais. Os cumprimentos de Marius, carregados de quimera, eram, por assim dizer, como o azul do céu. Os pássaros, quando voam lá no alto, perto dos anjos, devem ouvir tais palavras. Mas havia nelas vida, humanidade, toda a positividade natural de Marius. Era o que se diz na gruta, prelúdio do que se dirá na alcova. Uma efusão lírica, estrofe e soneto misturados, doces hipérboles do arrulho, exalando o sutil perfume celeste, inefável gorjeio de coração a coração.

— Ah! — murmurava Marius. — Como você é bonita! Mal me atrevo a olhá-la. Por isso contemplo-a tanto. É uma dádiva. Não sei o que digo. A bainha do seu vestido, quando a ponta do seu sapato aparece, me perturba. E que claridade encantada quando se entreabre o seu pensamento! Você fala de forma espantosamente ponderada. Tenho às vezes a impressão de ser um sonho. Fale, eu ouço e admiro. Ah, Cosette, como é estranho e lindo! Fico realmente louco. Você, minha amiga, é adorável. Estudo no microscópio os seus pés e no telescópio a sua alma.

E Cosette respondia:

— Amo-o ainda um pouco mais, nesse espaço de tempo que se passou, da manhã até agora.

Perguntas e respostas abriam caminho como podiam nesse diálogo, sempre concordes no que se refere ao amor, como os bonequinhos em sabugueiro que se prendem num prego.

Cosette inteira era ingenuidade, transparência, alvura, candidez, luz. Dela se poderia dizer que era pura clareza. Quem a via ficava com uma sensação de mês de abril e de despontar do dia. Havia orvalho nos seus olhos. Era uma condensação da luz do alvorecer em forma de mulher.

Nada mais normal que Marius, adorando-a, a admirasse. Mas a verdade é que a pequena pensionista, saída há não muito tempo do convento, se expressava de forma adorável e penetrante, com todo tipo de palavras exatas e delicadas. Mesmo sua tagarelice era inteligente. Sobre nada se enganava e a tudo enxergava com correção. A mulher sente e fala com o terno instinto do coração, que é infalível.

Homem nenhum consegue dizer, como ela, coisas ao mesmo tempo meigas e profundas. A meiguice e a profundidade são a mulher — são o céu.

Nessa plena felicidade, por quase nada as lágrimas vinham aos olhos dos dois. Um bichinho de Deus esmagado, uma pena caída de um ninho, um galho de espinheiro quebrado os enchia de pena e, no êxtase em que se encontravam, submersos em melancolia, o melhor caminho era o choro. Frequente sintoma do amor, pode gerar uma sensibilidade quase insuportável.

Junto a tudo isso — todas essas contradições fazem parte do relampejar do amor —, eles facilmente também riam, com encantadora liberdade e de forma tão familiar que às vezes quase pareciam dois meninos. No entanto, mesmo que os corações embriagados de castidade não se deem conta, a natureza, inesquecível, continua presente. E presente com sua meta brutal e sublime, fazendo com que, por mais que sejam inocentes as almas, pode-se sentir, nos mais pudicos encontros a dois, a adorável e misteriosa nuance que separa um casal de enamorados de uma dupla de amigos.

Eles se idolatravam.

O permanente e o imutável subsistem. Duas pessoas se amam, sorriem uma para a outra, riem, fazem muxoxos pouco perceptíveis, entrelaçam os dedos das mãos, falam-se próximos e isso não impede a eternidade. Dois enamorados se escondem na penumbra do fim do dia, no invisível, com os pássaros, com as rosas, fascinam-se mutuamente na sombra dos seus corações transpostos aos olhos, murmuram, cochicham e, esse tempo todo, imensos movimentos de astros preenchem o infinito.

II

Vertigem da felicidade completa

Cosette e Marius existiam na vaguidão, sob o domínio da felicidade. Nem se davam conta da epidemia de cólera que dizimava Paris precisamente naquele mês. Tinham trocado o maior número de confidências possível, mas não sabiam muito mais que os respectivos nomes. Marius contara ser órfão e chamar-se Pontmercy. Também que era advogado, mas vivia de escrever coisas para editores de livros. O pai tinha

sido coronel, herói de guerra e que, ele próprio, havia rompido com o avô, um homem rico. Chegou também a dizer que era barão; mas isso não causou o menor efeito em Cosette. Marius, barão? Não compreendia. Não via o que isso podia significar. Marius era Marius. Ela, por sua vez, contou ter sido educada no convento do Petit-Picpus, que sua mãe morrera como a dele, o pai se chamava Fauchelevent, era muito caridoso, ajudava os pobres, mas também era pobre, privando-se de tudo para não privá-la de nada.

Coisa estranha, na espécie de sinfonia em que Marius vivia desde que vinha à casa de Cosette, o passado, mesmo recente, se tornara tão confuso e distante que tudo que a ouviu contar o satisfez plenamente. Nem sequer pensou em falar da aventura noturna no cortiço, dos Thénardier, da queimadura, da estranha atitude e mais estranha ainda fuga do seu pai. Ele momentaneamente se esqueceu de tudo aquilo; à noite nem sabia o que havia feito pela manhã, ou onde almoçara e com quem eventualmente conversara. Uma música no interior da cabeça o impedia de ouvir qualquer outra coisa, sua existência se limitava às horas passadas com Cosette. Estando no céu, nada mais natural que se esquecesse da terra. Os dois enamorados carregavam em languidez o peso de indefiníveis volúpias imateriais. É como vivem esses sonâmbulos, os que estão apaixonados.

No entanto, quem não passou por tudo isso? Por que, em certo momento, abandona-se o empíreo e por que a vida prossegue depois disso?

Amar quase substitui o pensar. O amor é um ardente esquecimento de tudo o mais. Não se pode esperar lógica da paixão. Há tão pouco encadeamento lógico absoluto no coração humano quanto figura geométrica perfeita na mecânica celeste. Para Cosette e Marius nada mais existia, além de Marius e Cosette. O universo ao redor havia caído num buraco. Eles viviam num minuto de ouro. Nada à frente, nada atrás. Mal se lembrava Marius de Cosette ter um pai. Em seu cérebro, tudo se apagara pelo deslumbramento. De que então falam os enamorados? Já vimos, das flores, das andorinhas, do sol poente, do surgimento da lua, de todas essas coisas importantes. Eles haviam dito, um para o outro, tudo, à exceção de tudo. O tudo dos apaixonados é o nada. O pai, as realidades, o cortiço, os bandidos, aquele episódio sinistro, para quê? Aliás, aquele pesadelo havia mesmo acontecido? Eles eram dois e se adoravam, só isso contava. Nada mais. É provável que o desaparecimento do inferno seja inerente à chegada ao paraíso. Vimos demônios? Isso existe? Tememos? Sofremos? De nada se tem certeza. Uma nuvem cor-de-rosa paira sobre tudo isso.

Era então como viviam aqueles dois seres, em grande altitude, com toda inverossimilhança que há na natureza. Nem no nadir nem no zênite, entre o homem

e o serafim, acima da lama, abaixo do éter, na nuvem. De osso e carne muito pouco, alma e êxtase da cabeça aos pés. Já sublimados demais para andar na terra, ainda carregados demais de humanidade para desaparecer no azul, em suspensão como átomos que esperam o precipitado. Aparentemente fora do destino, ignorando esses limites do ontem, do hoje, do amanhã, maravilhados, pasmados, flutuantes. Às vezes bastante leves para a fuga no infinito, quase prontos para o voo eterno.

Dormiam acordados nesse sono. Ah, letargia esplêndida da realidade embebida de ideal!

Algumas vezes, por mais bela que fosse Cosette, Marius fechava os olhos à sua frente. De olhos fechados é como melhor se vê a alma.

Marius e Cosette não se perguntavam aonde tudo aquilo os conduziria. Olhavam-se como tendo já chegado. É uma estranha pretensão dos homens quererem que o amor conduza a algum lugar.

III

Princípio de sombra

Jean Valjean não suspeitava de coisa alguma.

Menos sonhadora que Marius, Cosette mostrava-se alegre, o que bastava para que o pai estivesse satisfeito. Os pensamentos da jovem, suas doces preocupações, a imagem de Marius que lhe preenchia a alma, nada tiravam da pureza incomparável da sua bela face casta e sorridente. Era a idade em que a virgem carrega o seu amor como o anjo carrega o lírio. Jean Valjean, então, se sentia tranquilo. Além disso, quando dois enamorados se entendem, correm as coisas maravilhosamente e a terceira pessoa, qualquer que seja, que possa perturbar o amor é mantida em perfeita ignorância por um pequeno número de precauções, sempre as mesmas para todos que amam. Assim, Cosette nunca fazia objeções ao pai. Queria passear? Sim, paizinho. Preferia ficar em casa? Ótimo. Queria que estivessem juntos depois do jantar? Ela se mostrava encantada. Como Jean Valjean sempre se recolhia às dez horas, nessas noites Marius só ia ao jardim depois dessa hora, depois de ouvir Cosette abrir a porta de entrada da casa. Nem é preciso dizer que, durante o dia,

Marius nunca estava por ali. Jean Valjean nem mais se lembrava da sua existência. Só uma manhã é que ele disse a Cosette:

— Está com as costas sujas de cal!

Marius, na véspera, num momento de maior empolgação, a pressionara contra o muro.

A velha Toussaint se deitava cedo e só tratava de dormir depois de feito o trabalho. Tudo ignorava, do mesmo modo que Jean Valjean.

Nunca Marius punha os pés na casa. Quando estava com Cosette, escondiam-se num recuo perto da entrada, para não serem vistos nem ouvidos da rua. Sentavam-se ali, contentando-se, quase sempre, de se apertarem as mãos vinte vezes por minuto, olhando os galhos das árvores. Nesses momentos, caísse um raio a trinta pés que eles não notariam, de tanto que o devaneio de um se absorvia e profundamente mergulhava no devaneio do outro.

Límpidas purezas. Horas brancas, quase sempre iguais. Esse tipo de amor é sempre uma coleção de flores-de-lis e plumas de pomba.

O jardim inteiro ficava entre a rua e eles. A cada vez que saía ou entrava, Marius arrumava com todo o cuidado a barra da grade, de maneira a que não chamasse atenção.

Ia embora em geral à meia-noite e voltava para a casa de Courfeyrac, que um dia comentou com Bahorel:

— Dá para acreditar? Marius agora só chega por volta da uma da manhã.

E Bahorel respondeu:

— Não é de admirar. Há sempre uma bomba num seminarista.

Às vezes Courfeyrac cruzava os braços, assumia um ar sério e dizia a Marius:

— Está indo num ritmo forte demais, meu jovem!

Como homem prático, Courfeyrac não via com bons olhos esse reflexo de um paraíso invisível em Marius. Estava pouco acostumado com paixões inéditas e se impacientava, fazendo de vez em quando chamadas para que o amigo voltasse ao real.

Certa manhã, ele disse:

— Meu querido, você me dá a impressão de estar na lua, no reino dos sonhos, província da ilusão, que tem como capital Bolha de Sabão. Vamos lá, seja bom moço, como ela se chama?

Mas nada podia fazer Marius falar. Seria mais fácil lhe arrancar as unhas do que qualquer uma das três sílabas que compunham o inefável nome *Cosette*. O amor de verdade é luminoso como a aurora e silencioso como o túmulo. A grande diferença em Marius, para Courfeyrac, é que ele agora tinha uma taciturnidade fulgurante.

Naquele doce mês de maio, Marius e Cosette gozaram de imensas felicidades:

Brigar e se tratarem com circunspecção, apenas para voltarem a se tratar mais estreitamente em seguida;

Falar demoradamente, nos mais minuciosos detalhes, de pessoas que em nada os interessava; prova a mais de que, nessa maravilhosa ópera que é o amor, o libreto não tem a menor importância;

Para Marius, ouvir Cosette falar de roupas e sapatos;

Para Cosette, ouvir Marius falar de política;

Ouvir, joelho colado a joelho, carros passarem pela rua de Babylone;

Considerar o mesmo planeta no espaço ou a mesma lesma na grama;

Calarem-se juntos; prazer ainda maior que conversar;

Etc. etc.

Mas diversas complicações se aproximavam.

Uma noite, seguia Marius pelo Boulevard dos Invalides, indo à rua Plumet. Caminhava como sempre de olhos baixos e, virando a esquina, ouviu bem perto:

— Boa noite, sr. Marius.

Ergueu a cabeça e era Éponine.

O encontro produziu um efeito singular. Não havia pensado uma só vez nela, desde o dia em que descobriu o endereço de Cosette. Sem vê-la, ela lhe saíra completamente da lembrança. Não tinha senão motivos para ser grato à antiga vizinha, pois devia-lhe a atual felicidade, mas foi desagradável encontrá-la.

É um erro acreditar que a paixão, quando feliz e pura, leva o homem a um estado de perfeição. Ela simplesmente o leva, como constatamos, a um estado de esquecimento. Nessa situação, ele se esquece de ser mau, mas se esquece também de ser bom. A gratidão, o dever, as lembranças essenciais e inoportunas desaparecem. Em qualquer outra época, Marius teria se mostrado diferente com Éponine. Fixado em Cosette como estava, ele nem sequer se deu conta de que a moça à sua frente se chamava Thénardier, um nome escrito no testamento do seu pai, nome pelo qual ele se teria, poucos meses antes, tão ardentemente dedicado. Mas mostramos Marius como ele realmente estava. Até mesmo o seu pai desaparecia um pouco da sua alma, sob a resplandecência do amor.

Ele respondeu, meio embaraçado:

— Ah, é você, Éponine?

— Por que fala comigo assim? Fiz-lhe algum mal?

— Não — respondeu ele.

Ele certamente não tinha queixa alguma. Pelo contrário. Mas foi a sua reação natural. Acostumado a falar apenas com Cosette, qualquer outra pessoa o

embaraçava. Como ficou em seguida calado, Éponine continuou:

— Diga-me…

Mas calou-se. Aparentemente faltavam palavras àquela criatura antes tão despreocupada e atrevida. Quis sorrir, mas não pôde.

— Bem... — prosseguiu ela.

Depois tornou a calar-se e baixou os olhos.

— Boa noite, sr. Marius — despediu-se ela bruscamente e se afastou.

IV

Cab, cabriolé em inglês, e um cão que morde, na gíria

O dia seguinte era 3 de junho, 3 de junho de 1832, data que convém indicar, tendo em vista os graves acontecimentos que se achavam, naquela época, como nuvens carregadas suspensas no horizonte de Paris. Seguia Marius, ao anoitecer, pelo mesmo caminho da véspera, com os mesmos devaneios no coração, quando viu Éponine entre as árvores do boulevard, vindo na sua direção. Dois dias seguidos era um pouco demais e ele rapidamente deixou o boulevard, mudou de caminho e dirigiu-se à rua Plumet pela rua Monsieur.

Isso fez com que Éponine o seguisse até a rua Plumet, coisa que ainda não tinha feito. Contentara-se até então em vê-lo passar pelo boulevard, sem sequer procurar encontrá-lo. Só na véspera é que havia tentado dizer alguma coisa.

Éponine então o seguiu sem ser notada. Viu-o afastar a barra da grade e entrar no jardim.

— Veja só! — surpreendeu-se ela. — Até entra na casa!

Aproximou-se em seguida da grade, apalpou cada uma das barras e facilmente achou a que Marius havia deslocado.

E murmurou a meia-voz num tom lúgubre.

— Isso é que não, Lisette!

Sentou-se em seguida na base da grade, bem ao lado da barra que servia de porta, como se a guardasse. Era precisamente o ponto em que a grade chegava ao

muro vizinho, formando um ângulo escuro, no qual Éponine desaparecia completamente.

Permaneceu assim por mais de uma hora sem se mover, entregue a seus pensamentos.

Por volta das dez horas, um dos dois ou três moradores da rua Plumet, um burguês já velho, andando apressado por aquele lugar deserto e mal falado, passando junto à grade do jardim, próximo do ângulo formado pelo muro, ouviu uma voz surda e ameaçadora dizer:

— Já não me admiro de que ele venha todas as noites!

O burguês olhou para todos os lados, não viu ninguém, não se atreveu a procurar no canto escuro e, muito assustado, apressou o passo.

E felizmente fez isso, porque, poucos instantes depois, seis homens caminhando a alguma distância uns dos outros, rentes ao muro e que se poderia tomar por uma patrulha, entraram na rua Plumet.

O primeiro que chegou à grade do jardim parou e esperou os outros. Um segundo depois estavam todos reunidos.

Os seis homens conversaram em voz baixa.

— É *icicaille* — disse um deles.

— Tem *cab*[1] no jardim? — perguntou outro.

— Não sei. Na dúvida *levé*[2] uma bolota para ele *morfiler*.[3]

— Trouxe a massa para a *vanterne?*[4]

— Trouxe.

— A grade é velha — disse um quinto, que tinha voz de ventríloquo.

— Melhor ainda — disse o segundo —, assim não *criblera*[5] com a *bastringue*[6] e não será tão difícil de *faucher.*[7]

O sexto, que não abrira ainda a boca, começou a examinar a grade como fizera Éponine uma hora antes, agarrando sucessivamente todas as barras e sacudindo-as com precaução. Chegou assim à que Marius descolara da base. Quando ia sacudi-la, uma mão que saiu da sombra segurou-lhe o braço e o empurrou com firmeza. Uma voz rouquenha disse, sem gritar:

— Tem um *cab*.

Ele então viu à sua frente, de pé, uma moça pálida.

O homem teve a reação que se tem diante do inesperado. Crispou-se inteiro, de forma a dar medo. Nada é tão impressionante quanto o medo nos animais ferozes: assustados, eles são assustadores.

— Quem é a marafona?

— É a sua filha.

Era, com efeito, Éponine que falava a Thénardier.

Com a aparição de Éponine, os outros cinco — Claquesous, Gueulemer, Babet, Montparnasse e Brujon — se aproximaram sem barulho, sem pressa, sem nada dizer, na lentidão sinistra que é característica dos homens da noite.

Nas suas mãos, distinguiam-se não sei quais hediondos objetos. Gueulemer empunhava um pequeno pé de cabra, dos que usam ordinariamente os arrombadores de portas.

— Que diabo está fazendo aqui? O que está querendo? Enlouqueceu?! — exclamou Thénardier, gritando quanto é possível gritar em voz baixa. — Por que nos atrapalha no trabalho?

Éponine riu e o abraçou.

— Estou mesmo aqui, paizinho, sem mais nem menos. Não se pode mais ficar sentada numa pedra? O senhor é que não devia estar aqui. Por que vieram? É biscoito! Eu disse a Magnon. Estão perdendo tempo. Mas, abrace-me, papaizinho! Há quanto tempo não nos víamos! Então está fora?

Thénardier tentou se soltar dos braços de Éponine e resmungou:

— Está bom, já me abraçou. Estou fora, já que não estou lá… E agora vá embora!

Mas Éponine não o largava, redobrando o carinho:

— Mas como foi que conseguiu, papai? Tem que ser bem esperto para escapar de lá. Conte como fez… E mamãe? Onde está minha mãe? Dê notícias de mamãe!

Thénardier respondeu:

— Está bem, não sei. Mas, repito, vá embora.

— É que não quero ir, justamente — disse Éponine com um tom de filha mimada —, ir embora assim, depois de quatro meses, mal tive tempo de abraçá-lo!

E se agarrou de novo ao pai.

— Diabo! Isso é estupidez!

— Rápido! Os *coqueurs* podem passar — disse Gueulemer.

A voz de ventríloquo murmurou um dístico:

Não estamos no ano-novo.
Para ficar de beijinho com papai e mamãe.

Éponine voltou-se para os cinco bandidos.

— Veja! O sr. Brujon. Boa noite, sr. Babet. Boa noite, sr. Claquesous. Não me conhece, sr. Gueulemer? Como vai, Montparnasse?

— Sim, todos a conhecem! — impacientou-se Thénardier. — Mas vá saindo e nos deixe em paz.

— É hora das raposas e não das frangas — disse Montparnasse.

— Bem vê que temos que *goupiner icigo*[8] — acrescentou Babet.

Éponine pegou a mão de Montparnasse.

— Cuidado! — disse ele. — Vai se cortar; tenho um *lingre* aberto.[9]

— Mas, querido Montparnasse — respondeu Éponine com carinho —, é preciso confiar nas pessoas. Posso até ser filha de meu pai. Sr. Babet, sr. Gueulemer, eu é que fui encarregada de esclarecer o negócio.

Pode-se notar que Éponine não falava em gíria. Desde que conhecera Marius, passara a achar horrível aquela língua.

Apertou, na sua mãozinha ossuda e fraca como a de um esqueleto, os dedos grosseiros de Gueulemer e continuou:

— Sabem que não sou tola. Sempre acreditaram em mim. Já prestei serviços em outras ocasiões. Tomei todas as informações e garanto que vão se expor à toa. Juro que não têm o que fazer nessa casa.

— Só mulheres moram aqui — disse Gueulemer.

— Não, já se mudaram.

— Mas há luzes! — disse Babet.

E mostrou a Éponine, através do arvoredo, uma luz que andava de um para outro lado, no sótão do pavilhão. Era Toussaint que ainda punha para secar algumas roupas.

Éponine ainda tentou:

— É gente muito pobre, não vão conseguir um soldo.

— Vá para o diabo! — gritou Thénardier. — Depois de revirar a casa de cabeça para baixo diremos se são *balles*, *ronds* ou *broques*.[10]

E empurrou-a para poder passar.

— Meu amigo Montparnasse, que é tão bom rapaz, peço que não entre!

— Tome cuidado, olha que você se corta! — replicou Montparnasse.

Thénardier continuou no tom decisivo que lhe era próprio:

— Sai fora, pirralha! E deixe os homens tratarem dos seus negócios.

Éponine largou a mão de Montparnasse, que ela voltara a pegar, e disse:

— Querem mesmo entrar nessa casa?

— A ideia é essa! — disse o ventríloquo em tom de zombaria.

Ela então se encostou na grade, enfrentando os seis ladrões armados até os dentes, aos quais a noite dava aspecto de demônios, e disse com voz firme e baixa:

— Pois eu não quero que entrem.

Os ladrões pararam perplexos e o ventríloquo não riu mais. Ela continuou:

— Meus amigos, ouçam! Não se trata disso. Deixem-me falar. Se entrarem, se encostarem nessa grade, vou gritar, bater nas portas, acordar todo mundo. Vão ser todos presos. A polícia vai vir!

— Ela é capaz disso — cochichou Thénardier a Brujon e ao ventríloquo.

Éponine abanou a cabeça e acrescentou:

— Começando por meu pai.

Thénardier se aproximou.

— Não se chegue tanto! — avisou ela.

O pai recuou, resmungando entre dentes:

— Mas que diabo deu nela? — E acrescentou: — Cadela!

Éponine deu um riso terrível.

— Como queiram, mas não vão entrar. Não sou filha de cão, sou filha de lobo. Vocês são seis; que importa? São homens e eu mulher, mas não me metem medo. Digo que não vão entrar nessa casa porque não quero que entrem. Se tentarem se aproximar, ladro. Já disse, o *cab* sou eu. Não estou nem aí para vocês. Sigam seu caminho, já estão me fazendo perder a paciência! Podem ir aonde quiserem, mas aqui estão proibidos! Vocês dando facadas e eu dando chutes, vamos ver quem ganha!

E, terrível, ela deu um passo na direção dos ladrões e riu:

— Diabos, não me assustam! No verão vou ter fome e no inverno vou ter frio. Que estúpidos, achando que metem medo! Medo! Por quê? Ah, sei! É porque têm amantes que se escondem debaixo da cama quando falam grosso! Só que não tenho medo de ninguém!

Olhando diretamente para Thénardier, ela acrescentou:

— Nem de você, paizinho.

Depois prosseguiu, fitando os ladrões com as suas pupilas de espectro:

— Que me importa que me encontrem amanhã estendida no meio da rua, morta a facadas por meu pai, ou que dentro de um ano me achem nas redes de triagem do Sena, em Saint-Cloud ou na ilha de Cygnes, entre coisas podres e cães afogados!

Foi obrigada a se interromper, atacada por uma tosse seca. A respiração saía como um estertor do peito magro e débil.

Em seguida continuou:

— Basta que eu grite e virão; vocês são seis, eu sou todo mundo!

Thénardier deu um passo até ela.

— Não se aproxime!

Ele parou e disse com calma:

— Está bem, não me aproximo, mas não fale tão alto. Não quer nos deixar trabalhar, filha? Precisamos ganhar a vida! Já não é amiga de seu pai?

— Ora! Não me venha com essa — disse Éponine.

— Precisamos viver, comer...

— Por mim, podem morrer!

Dito isso, ela se sentou na base da grade, cantarolando:

Meu braço roliço,
Minha perna bem-feita.
E o tempo perdido.

Tinha o cotovelo apoiado no joelho, o queixo na mão e balançava o pé com ar de indiferença. Pelos buracos do vestido viam-se as magras clavículas. O lampião, próximo, iluminava seu rosto e não se pode imaginar atitude mais resoluta nem mais surpreendente.

Os seis bandidos, confusos e sem saber o que fazer, neutralizados por uma menina, se afastaram para o lado em que não chegava a luz do lampião e formaram conselho, erguendo os ombros, humilhados e furiosos.

Éponine, enquanto isso, os olhava com ar sereno.

— Ela tem alguma coisa — disse Babet. — Tem por força uma razão. Estará enamorada do *cab*? É uma pena que isto falhe. Duas mulheres e um velho que dorme num pátio atrás da casa! Tem boas cortinas nas janelas. O velho deve ser um *guinal*.[11] Ainda acho que é um bom negócio.

— Pois então entrem vocês — propôs Montparnasse —, façam a coisa que eu cuido da moça; e se ela chiar…

E fez luzir com o reflexo do lampião a navalha que tinha na mão, oculta na manga.

Thénardier não dizia coisa nenhuma e parecia se dispor ao que resolvessem.

Brujon, que tinha inspirações de oráculo e, como se sabe, fora quem havia "indicado o negócio", não falara ainda. Parecia pensar. Era notório que não recuava diante de coisa alguma e todos sabiam que uma vez assaltou, e só por bravata, uma delegacia de polícia. Além disso, compunha versos e canções, o que lhe conferia grande autoridade.

— Não diz nada, Brujon? — perguntou Babet.

Brujon manteve-se ainda um instante silencioso, depois meneou a cabeça e decidiu enfim falar:

— Olhem: esta manhã vi dois pardais que se bicavam; agora, uma mulher que compra briga. Isto é mau. Vamos embora!

E se foram.

Montparnasse ainda murmurou:

— Tudo bem; mas, se quisessem, eu daria um empurrãozinho.

Babet respondeu.

— Eu, não; não toco numa dama.

Na esquina da rua pararam e trocaram em voz surda esse diálogo enigmático:

— Onde vamos dormir esta noite?

— Em *Pantin*.[12]

— Tem a chave da grade, Thénardier?

— Como não?

Éponine, sem perdê-los de vista, viu que tomavam caminho por onde tinham vindo. Levantou-se e foi de fininho atrás deles, sempre encostada nos muros e nas casas. Seguiu-os assim até o boulevard. Ali viu os seis homens se separarem e mergulharem na escuridão, na qual pareciam se confundir.

V

Coisas da noite

Depois de os ladrões se afastarem, a rua Plumet voltou a seu tranquilo aspecto noturno.

O que acabava de ocorrer ali não teria causado admiração numa floresta. Os bosques, as charnecas, os galhos rudemente entrelaçados, o mato, existem de um modo sombrio; o irregular movimento selvático entrevê ali as súbitas aparições do invisível; o que está debaixo do homem distingue através do nevoeiro o que está além dele, e as coisas que nós, viventes, ignoramos confrontam-se na escuridão. A natureza encrespada e selvagem se assusta diante de certas aproximações consideradas sobrenaturais. As forças da sombra se conhecem e mantêm, entre si,

misteriosos equilíbrios. As presas e as garras temem o inapreensível. A bestialidade bebedora de sangue, os vorazes apetites em busca de vítimas, os instintos armados com unhas e mandíbulas, que têm como origem e meta o abdômen, veem e farejam com preocupação o impassível lineamento espectral latente sob um sudário, de pé em sua vaga roupagem, parecendo viver de algo morto e terrível. Essas brutalidades, que não passam de matéria, confusamente temem ter pela frente a imensa obscuridade, condensada num ser desconhecido.

Uma figura negra barrando a passagem faz bruscamente parar o animal feroz. O que sai do cemitério intimida e desorienta o que sai do antro; o que é feroz teme o sinistro; os lobos, encontrando um vampiro, recuam.

VI

Marius volta à realidade, a ponto de dizer a Cosette onde mora

Enquanto aquela espécie de cadela com forma humana guardava a grade e os seis ladrões eram obrigados a se retirar, ameaçados por uma adolescente, Marius estava ao lado de Cosette.

Nunca o céu parecera mais estrelado e mais encantador, nunca o perfume das plantas fora mais penetrante. Nunca os passarinhos dormiram entre as folhas com mais doce rumor, nunca as harmonias da serenidade universal melhor acompanharam as músicas internas do amor. Nunca Marius se sentira mais apaixonado, mais feliz, mais extasiado. Havia encontrado Cosette triste. Tinha os olhos vermelhos, provavelmente chorara.

Era a primeira nuvem naquele admirável sonho.

— O que houve? — Foram as primeiras palavras do rapaz.

— Uma coisa... — disse ela se sentando no banco junto à entrada da casa, enquanto ele, todo trêmulo, tomava lugar a seu lado. — Meu pai me avisou, de manhã, que precisa tratar de uns negócios e talvez tenhamos de partir.

Marius estremeceu dos pés à cabeça.

Para quem está no fim da vida, morrer quer dizer partir; para quem está no começo, partir quer dizer morrer.

Há seis semanas Marius, pouco a pouco, lenta e gradativamente, se apossara de Cosette. Possessão ideal, mas profunda. Como já explicamos, no primeiro amor toma-se a alma e só depois o corpo. Mais tarde toma-se o corpo bem antes da alma, às vezes nem se chega perto da alma. Os Faublas e os Prudhomme acrescentam: porque ela não existe; mas tal sarcasmo, felizmente, é uma blasfêmia. Marius então possuía Cosette à maneira dos espíritos, mas envolvendo-a com toda a sua alma e cuidado, absolutamente convicto. Possuía seu sorriso, sua respiração, seu perfume, o brilho profundo das suas pupilas azuis, a maciez da sua pele quando ele lhe tocava a mão, o encantador sinal que havia em seu pescoço, todos os seus pensamentos. Tinham combinado nunca dormirem sem sonhar um com o outro, e cumpriam a promessa. Ele então possuía todos os sonhos de Cosette. O tempo todo Marius olhava e às vezes sentia, com a respiração, a penugem que havia na sua nuca e dizia para si mesmo que todos aqueles pequeníssimos fios de cabelo lhe pertenciam. Ele contemplava e adorava as coisas que Cosette usava, o nó da fita, as luvas, os punhos da blusa e os sapatos como objetos sagrados dos quais era ele o dono. Imaginava-se senhor daquelas bonitas travessas de cabelo em tartaruga e inclusive, com surdas e confusas hesitações de volúpia que despontava, achava não haver um só cordão do seu vestido ou malha das suas meias, nenhuma dobra do seu corpete que não lhe pertencesse. Ao lado de Cosette, ele se sentia junto do que era seu, sua coisa, seu déspota e seu escravo. A impressão era de terem de tal forma misturado suas almas que se porventura as quisessem de volta seria impossível reconhecê-las. “Esta é minha.” “Não, é minha.” “Juro que se engana, este sou eu.” “O que imagina ser você, sou eu.” Marius era algo que fazia parte de Cosette e Cosette algo que fazia parte de Marius. Ele a sentia viver na sua própria pessoa. Ter Cosette, possuí-la, não era diferente de respirar.

Foi no meio de toda essa fé, essa embriaguez, essa posse virginal, inaudita e absoluta, que caíram de repente as palavras “Vamos partir”, e a áspera voz da realidade gritou: “Cosette não é sua!”

Marius despertou. Há seis semanas vivia fora da vida; a palavra “partir” o trouxe violentamente de volta. Não achou uma palavra para dizer. Cosette apenas sentiu que sua mão ficara muito fria e, por sua vez, perguntou:

— O que houve?

Ele respondeu tão baixinho, que Cosette mal o ouviu:

— Não compreendo o que disse.

— De manhã — repetiu Cosette —, meu pai disse que preparasse as minhas coisas e que me daria sua roupa para meter numa mala, pois terá de fazer uma viagem. Uma mala grande para mim e outra pequena para ele. É provável que dentro de uma semana tenhamos que ir à Inglaterra.

— Mas isso é monstruoso! — exclamou Marius.

Naquele momento, para Marius, nenhum abuso de poder, nenhuma violência, nenhuma abominação dos mais prodigiosos tiranos, Busiris, Tibério ou Henrique VIII, se igualava à ferocidade do sr. Fauchelevent levando sua filha para a Inglaterra, só por ter negócios a tratar.

— Quando partirão? — perguntou Marius com voz fraca.

— Ele não disse.

— E quando voltarão?

— Também não disse.

Marius se levantou e perguntou com frieza:

— E você irá?

Cosette virou para ele os seus belos olhos aflitos e respondeu, se sentindo perdida:

— Aonde?

— À Inglaterra, você irá?

— Por que está falando com esse tom?

— Estou perguntando se irá.

— O que posso fazer? — respondeu ela, juntando as mãos.

— Então, irá?

— Se o meu pai for.

— Isso quer dizer que irá.

Cosette pegou a mão de Marius e apertou-a sem responder.

— Bem — disse ele. — Então irei a outro lugar.

Cosette percebeu mais o sentido dessas palavras do que propriamente compreendeu. Ficou de tal modo pálida que o rosto pareceu se destacar na escuridão e ela balbuciou:

— O que quer dizer?

Marius encarou-a, levantou depois os olhos para o céu e respondeu:

— Nada.

Quando baixou os olhos, viu Cosette sorrindo. O sorriso de uma mulher que se ama é um clarão que se vê no meio da noite.

— Que imbecis que somos! Tenho uma ideia, Marius.

— Qual?

— Se eu for, vá também! Direi onde vamos estar. Vá me encontrar!

Marius já estava completamente desperto. Voltara à realidade e então exclamou:

— Ir também! Está louca? Para isso é preciso dinheiro e eu não tenho! Ir à Inglaterra? Mas se eu já devo não sei quanto, mais de dez luíses, a Courfeyrac, um dos meus amigos, que você não conhece! Tenho um chapéu velho que não vale três francos, uma casaca quase sem botões, a minha camisa está toda despedaçada, os cotovelos rotos e as botas despalmilhadas. Há seis semanas que não penso em nada disso e não cheguei a lhe contar: sou um miserável, Cosette! Só nos vemos à noite e você me dá o seu amor, mas se me visse à luz do dia me daria um soldo. Ir à Inglaterra! Nem tenho com que pagar o passaporte.

E se jogou contra uma árvore ali perto, de pé, com os dois braços acima da cabeça, a testa apoiada no tronco, sem nem sentir que arranhava a pele, sem perceber que as têmporas latejavam, imóvel e quase caindo, verdadeira estátua do desespero.

Assim permaneceu muito tempo. Ficaria uma eternidade naquela espécie de abismo. Enfim, voltou-se, e ouviu um ligeiro ruído sufocado, suave e triste.

Era Cosette soluçando.

Há mais de duas horas chorava ao lado dele.

Marius foi até ela, se ajoelhou e, prostrando-se devagar, pegou a ponta do pé que saía fora da roda do vestido e beijou-a.

Em silêncio, ela não o interrompeu. Há momentos em que a mulher aceita, deusa sombria e resignada, a religião do amor.

— Não chore! — disse ele.

Cosette murmurou:

— Choro porque talvez esteja indo embora e você não pode ir!

— Você me ama? — tornou Marius.

Cosette respondeu, soluçando, essas palavras do paraíso que nunca são tão encantadoras quando através das lágrimas:

— Adoro-o!

Ele então prosseguiu num tom de voz de inexprimível ternura:

— Não chore. Faça isso por mim, não chore mais!

— E você, me ama? — perguntou ela.

— Cosette — respondeu ele, pegando-lhe a mão —, nunca dei minha palavra de honra a ninguém, porque me causa medo; sinto meu pai ao lado dela. Pois bem, dou minha mais sagrada palavra de honra que, se você se for, eu morro.

Essas palavras foram pronunciadas com tão solene e tranquila melancolia que Cosette estremeceu. Sentiu esse frio que as coisas sombrias e verdadeiras causam.

Com a surpresa, ela parou de chorar.

— Agora ouça — disse ele —, não me espere amanhã.

— Por quê?

— Virei apenas depois de amanhã.

— Mas por quê?

— Você verá.

— Um dia sem nos vermos! É impossível.

— Sacrifiquemos um dia para termos talvez toda a vida.

E Marius acrescentou em voz baixa e à parte:

— É alguém que não altera por coisa alguma os seus hábitos; não recebe ninguém senão à noite.

— De quem está falando? — perguntou Cosette.

— Eu não disse nada.

— Mas que esperança é essa sua?

— Espere até depois de amanhã.

— Quer que assim seja?

— Sim, Cosette.

Ela então tomou-lhe a cabeça entre as mãos, pondo-se nas pontas dos pés para ficar da mesma altura e tentou ler-lhe nos olhos que esperança era aquela.

— É verdade — tornou Marius —, é melhor que saiba onde moro: ninguém sabe o que pode acontecer; moro na casa do amigo de que falei, chamado Courfeyrac, na rua Verrerie, nº 16.

Ele procurou no bolso um canivete, abriu-o e com a ponta escreveu na parede: 16, rua Verrerie.

Cosette, entretanto, continuava a olhá-lo fixamente.

— Diga o que está pensando, Marius. Por favor, para que eu passe bem a noite!

— Penso ser impossível que Deus queira nos separar. Espere-me depois de amanhã.

— E o que farei até lá? — disse Cosette. — Você pode estar na rua de um para outro lado! Como são felizes os homens! Eu estarei sozinha! Como será triste! O que vai fazer amanhã à noite?

— Vou tentar uma coisa.

— Então rezarei e pensarei em você para que tudo dê certo. Não farei mais perguntas, já que não quer; obedecerei. Passarei a noite cantando a música de *Euryanthe*, que você veio um dia ouvir à minha janela. Mas depois de amanhã venha cedo. Estarei esperando às nove horas em ponto, saiba. Deus do céu, que tristeza os dias serem tão longos! Lembre-se, às nove horas estarei no jardim.

— Eu também.

E sem que combinassem, movidos pelo mesmo pensamento, arrastados por essas correntes elétricas que colocam dois enamorados em contínua comunicação, embriagados de uma volúpia que chegava à dor, eles caíram nos braços um do outro, sem repararem que os seus lábios se tinham unido, enquanto os olhos erguidos e arrasados de lágrimas contemplavam as estrelas.

Quando Marius saiu, a rua estava deserta. Foi no momento em que Éponine seguia os malfeitores até o boulevard.

Enquanto Marius pensava, com a cabeça encostada na árvore, atravessara-lhe o espírito uma ideia que ele próprio julgava insensata e impossível. Tratava-se de uma resolução violenta.

VII

Um coração novo na presença de um coração velho

O velho Gillenormand tinha naquela época seus bons noventa e um anos. Morava ainda com a srta. Gillenormand na rua Filles-du-Calvaire, nº 6, naquela velha casa de que era dono. Era, como devem se lembrar, um daqueles velhos à antiga, que esperam a morte bem de pé, em que a idade pesa, mas sem dobrá-los, algo que nem as tristezas conseguem.

Contudo havia algum tempo que sua filha dizia:

— Meu pai vai decaindo.

Ele já não esbofeteava as criadas, já não batia tão energicamente com a bengala no patamar da escada quando Basco demorava a vir abrir a porta. A Revolução de Julho o irritara por apenas seis meses. Vira quase com tranquilidade no *Moniteur* este ajuntamento de palavras: "Sr. Humblot-Conté, par de França." Fato é que o velho estava cheio de amargor. Não esmorecia, não se entregava, eram coisas que não faziam parte da sua natureza física nem da sua natureza moral, mas ele se sentia interiormente fraquejar. Há quatro anos esperava Marius de pé firme, é bem o termo, convencido de que o fulaninho lhe bateria à porta mais dia, menos dia; mas agora chegava já a dizer consigo mesmo, em suas horas tristes, que por pouco que

Marius demorasse... Não que a morte lhe fosse insuportável, era sobretudo a ideia de que talvez não mais revisse o neto. Não mais revê-lo era uma ideia que jamais lhe entrara um só instante no cérebro até então, mas agora começava a surgir e o deixava gelado. A ausência, como sempre acontece com os sentimentos naturais e verdadeiros, só fizera aumentar o amor do avô pelo neto ingrato, que se fora sem mais nem menos. É nas noites de dezembro, com uma temperatura de dez graus, que se pensa mais no sol. O sr. Gillenormand sobretudo era, ou julgava ser, incapaz de dar um passo, ele avô, na direção do neto; "melhor morrer", dizia ele. Imaginava-se sempre coberto de razão, mas só pensava em Marius com a profunda ternura e o mudo desespero de um velho que parte para as trevas.

Começava a perder os dentes e isso aumentava-lhe ainda mais a tristeza.

O velho Gillenormand, sem contudo confessar a si mesmo, porque ficaria furioso e envergonhado, nunca se apegara a uma amante como se apegara a Marius.

Mandara colocar no seu quarto, em frente da cama, para ser a primeira coisa que visse ao acordar, um antigo retrato da outra filha, já morta, a sra. Pontmercy, retrato do tempo em que ela estava com dezoito anos. Olhava sem cessar o retrato e um dia disse, contemplando-o.

— Parece-se muito.

— Com minha irmã? — disse a srta. Gillenormand. — Decerto.

O velho acrescentou:

— E com o outro também.

Uma ocasião em que ele estava sentado com os joelhos unidos e os olhos quase fechados, numa atitude de grande abatimento, arriscou-se a filha a dizer-lhe:

— Ainda está muito zangado com ele, meu pai?…

E calou-se, sem se atrever a continuar.

— Com quem? — perguntou ele.

— Com o pobre Marius.

O velho ergueu a cabeça, apoiou o punho emagrecido e encarquilhado na mesa e gritou com sua voz mais irritada e vibrante:

— Pobre Marius! É um patife, um velhaco, um vaidoso ingrato, sem coração, sem alma, um orgulhoso, um indivíduo de má índole!

E voltou-se para o outro lado, para que a filha não visse as lágrimas que tinha nos olhos.

Três dias depois, ele saiu de um silêncio que já durava quatro horas para dizer à filha, à queima-roupa:

— Creio ter me dado ao trabalho de pedir à senhorita que não me falasse mais dele.

A tia Gillenormand desistiu então de qualquer outra tentativa, estabelecendo este diagnóstico profundo: "Meu pai deixou de gostar da minha irmã, depois da besteira que ela cometeu. É claro que detesta Marius."

"A besteira" significava: ter se casado com o coronel.

Aliás, como se pode imaginar, a srta. Gillenormand fracassara em sua tentativa de substituir Marius por seu favorito, o oficial dos lanceiros. O substituto Théodule se saíra mal. O sr. Gillenormand não aceitara o quiproquó. O vazio do coração não se preenche com qualquer coisa. Théodule, por sua vez, mesmo farejando uma herança, não se dispunha tanto a agradar a qualquer preço. O velho incomodava o lanceiro e o lanceiro chocava o velho. O tenente Théodule era bem alegre, sem dúvida, mas falastrão. Frívolo, mas vulgar. Aproveitava a vida, mas em má companhia. Tinha amantes, é verdade, mas falava muito delas, outra verdade — e falava mal. Todas as suas qualidades tinham um defeito. O sr. Gillenormand se irritava ouvindo-o contar os bons casos que conseguia nos arredores do seu quartel, na rua de Babylone. Além disso, o tenente Théodule aparecia às vezes fardado e com o laço tricolor. Isso tornava o convívio simplesmente impossível. O velho Gillenormand acabou dizendo à filha:

— Já estou farto do Théodule. Tenho pouco apreço pela gente de guerra em tempo de paz. Mas esteja à vontade para recebê-lo. Nem sei se não prefiro os homens do sabre aos que só arrastam os sabres. O tinir das lâminas nas batalhas é, no fim das contas, menos miserável que a barulheira das bainhas nas pedras das ruas. Além disso, ter trejeitos de toureiro, todo apertado no dólmã como uma mulher, com um espartilho por debaixo da couraça, é ser duplamente ridículo. Um homem de verdade deve manter equilíbrio entre a bravata e a elegância exagerada. Nem fanfarrão nem cheio de sensibilidades. Bom, guarde para você esse seu Théodule.

Em vão a filha insistia:

— É um sobrinho!

Mas o sr. Gillenormand era avô até o último fio de cabelo e nada tinha de tio.

No fundo, como era inteligente e fazia comparações, Théodule só servira para que tivesse maior saudade de Marius.

Certa noite, 4 de junho, o que não impedia que o velho Gillenormand tivesse lenha queimando na lareira, ele já havia dispensado a filha, que costurava no cômodo ao lado. Estava sozinho em seu quarto decorado com cenas pastoris, os pés esticados junto do fogo, protegido por seu biombo de nove folhas em laca de Coromandel, cotovelos na mesa em que duas velas queimavam sob um abajur verde, mergulhado na poltrona acolchoada, com um livro na mão, mas não lia. Estava vestido à sua maneira, como os *incroyables* de outros tempos, parecendo um retrato

antigo de Garat. Isso o faria chamar muita atenção na rua, mas a filha, sempre que ele saía, o cobria com uma larga capa de bispo que escondia seus trajes. Em casa, a não ser para se levantar e se deitar, ele nunca usava robe de chambre, que dá "aparência de velho", segundo dizia..

O sr. Gillenormand pensava em Marius, amorosa e amargamente, e, como de ordinário, era a amargura que dominava. Seu carinho cheio de mágoa acabava sempre entrando em ebulição e se tornando indignação. Ele se encontrava nesse ponto em que a pessoa procura tomar partido e escolhe o que mais lhe faz mal. Explicava a si mesmo não haver mais motivo para a volta de Marius que, se fosse voltar, já teria voltado, sendo então preciso tirar essa ideia da cabeça. Tentava então se habituar à ideia de estar tudo terminado e que morreria sem ver "aquele sujeitinho". Mas toda a sua natureza se revoltava e o seu velho paternalismo não podia admitir essa hipótese. "É isso, ele não vai vir!", era o seu doloroso refrão. A cabeça calva caiu de queixo colado no peito, enquanto ele vagamente olhava a cinza da lareira com tristeza e irritação.

No meio dessa profunda meditação, entrou o já idoso criado Basco e perguntou:

— Pode receber o sr. Marius?

O ancião endireitou-se na poltrona, lívido e parecendo um cadáver que se ergue por um impulso galvânico. Todo o sangue do corpo refluiu ao coração, mas ele conseguiu dizer:

— Sr. Marius de quê?

— Não sei — respondeu Basco intimidado e desconcertado com a atitude do patrão. — Não o vi. Nicolette foi quem me disse: Está ali um rapaz; diga que é o sr. Marius.

Gillenormand balbuciou em voz baixa:

— Mande entrar.

E manteve-se na mesma posição, com a cabeça trêmula e os olhos fixos na porta, que afinal se abriu. Entrou um rapaz. Era Marius.

Ele parou junto à porta, como se esperasse ser convidado a entrar.

Suas roupas miseráveis não chamavam atenção na pouca claridade deixada pelo abajur. Notava-se apenas o rosto sossegado e grave, mas estranhamente triste.

O velho Gillenormand, paralisado pela surpresa e pela alegria, ficou ainda por um momento sem nada ver além de uma claridade, que tinha ares de aparição. Estava prestes a desfalecer; via Marius através de um deslumbramento. Era ele! Era, com efeito, Marius!

Finalmente! Ao cabo de quatro anos! Ele o abarcou inteiro, por assim dizer, com um só olhar. Achou-o bonito, nobre, distinto, crescido, homem-feito, com atitude

conveniente, parecendo encantador. Teve vontade de abrir os braços, chamá-lo, correr. Suas vísceras se remoeram de alegria, palavras de carinho o inflaram, querendo escapar do peito. Toda essa ternura afinal se organizou e chegou à boca, mas, pelo contraste, que era o fundo do seu temperamento, ele perguntou áspera e bruscamente:

— O que vem fazer aqui?

Marius respondeu embaraçado:

— Senhor…

Gillenormand esperava que Marius corresse a seus braços. Sentiu-se descontente do neto e de si mesmo. Deu-se conta de estar sendo ríspido e Marius, frio. Era, para o velho, uma insuportável e irritante ansiedade, sentir-se tão afetivo e vulnerável por dentro e só poder ser duro por fora. O azedume voltou e ele interrompeu o neto, teimoso:

— Então, para que veio?

Esse "então" significava: *Se não veio para me abraçar.* Marius olhou para o avô, a quem a palidez dera um rosto de mármore.

— Senhor…

O velho prosseguiu com voz severa:

— Veio pedir perdão? Reconheceu o seu erro?

Julgou que assim meteria Marius no caminho certo e que o "menino" cederia. Marius estremeceu: era que renegasse o seu pai que o avô exigia; baixou os olhos e respondeu:

— Não, senhor.

— Nesse caso — exclamou impetuosamente o velho, com uma dor pungente e raivosa —, o que quer?!

Marius juntou as mãos, deu mais um passo e disse, com voz fraca e trêmula:

— Tenha pena de mim!

Essas palavras comoveram o avô; ditas mais cedo, o teriam abalado, mas vinham tarde demais. Ele se ergueu, apoiou-se na bengala com ambas as mãos; tinha os lábios lívidos, todo o seu rosto vacilava, mas com a sua elevada estatura dominava Marius curvado.

— Pena do senhor? É o adolescente que exige piedade ao velho de noventa e um anos! O senhor entra na vida e eu saio dela; vai aos teatros, aos bailes, aos cafés, aos bilhares, tem espírito, agrada às mulheres, é um bonito rapaz, enquanto cuspo meus pulmões nessas brasas, em pleno verão. Tem todas as riquezas positivas e eu todas as pobrezas da velhice; enfermidades, isolamento! Tem os seus trinta e dois dentes, excelente estômago, olhos vivos, força, apetite, saúde, alegria, uma floresta de

cabelos pretos, eu nem mesmo os tenho já brancos, perdi meus dentes, perco as pernas, perco a memória... Tem três ruas das quais confundo o tempo todo os nomes, rua Charlot, rua Chaume e rua Saint-Claude; cheguei a esse ponto. Tem à sua frente o futuro inteiro sob sol a pino, enquanto começo a não enxergar mais coisa alguma, de tanto que ando no breu. Está apaixonado, nem é preciso dizer, enquanto ninguém no mundo gosta de mim, e quer que eu tenha pena! Caramba, Molière se esqueceu disso! Se é assim que os advogados se divertem no Palácio, meus sinceros parabéns. São realmente engraçados.

E o nonagenário prosseguiu, com voz colérica e grave:

— Mas então o que quer?

— Sei que a minha presença o desagrada, mas venho unicamente fazer um pedido e em seguida vou embora.

— O senhor é um tolo! Quem lhe disse para ir embora?

Isso era a tradução das palavras de carinho que ele tinha no coração: *Mas pede-me perdão! Abraça-me!* O velho sabia que Marius o deixaria dali a instantes, que a sua atitude hostil o afastava, a sua aspereza o repelia. Dizia a si mesmo tudo isso, e a dor só aumentava, mas como isso imediatamente se transformava em raiva, aumentava também a sua dureza. Queria que Marius compreendesse e Marius não compreendia; isso o deixava furioso.

— Como? — prosseguiu ele. — Pois então deixou-me, a mim, seu avô, saiu de minha casa para ir não sei aonde, afligiu sua tia. Quis, é claro, é bem cômodo, ir levar vida de rapaz solteiro, bancar o moço fino, chegar a qualquer hora, se divertir sem dar o menor sinal de vida. Fez dívidas sem nem ao menos pedir que eu as pagasse, tornou-se um arruaceiro brigão. No fim de quatro anos vem procurar-me e é só o que tem a dizer?

Esse modo violento de forçá-lo à ternura só provocou o silêncio de Marius. O sr. Gillenormand cruzou os braços, gesto que nele era particularmente imperioso, e interrogou o neto amargamente:

— Acabemos com isso. O senhor diz que veio fazer um pedido? Pois fale e diga qual.

— Venho pedir licença para me casar — disse Marius, com o olhar de quem sabe que está à beira de um precipício.

O sr. Gillenormand tocou a campainha. Basco entreabriu a porta.

— Chame a minha filha.

Um segundo depois a porta voltou a se abrir e a srta. Gillenormand não chegou a entrar, apenas se mostrou. Marius estava de pé, mudo, com os braços pendentes e

aspecto de culpado. O sr. Gillenormand ia e vinha pelo quarto, de um lado para outro. Voltou-se para a filha e disse:

— Não é nada. É o sr. Marius. Cumprimente-o, ele quer casar. Só isso; pode ir embora.

A voz breve e rouca do velho nada anunciava de bom. A tia olhou espantada o sobrinho, pareceu quase não reconhecê-lo, não fez gesto e nada disse, preferindo desaparecer enquanto era tempo.

Entretanto o sr. Gillenormand tornara a encostar-se na lareira.

— Casar-se! Com vinte e um anos! Com que então já arranjou isso! Só faltava uma licença a pedir, uma formalidade! Queira sentar-se. Pois bem, houve uma revolução desde que não tive mais a honra de vê-lo. Já não é republicano desde que se tornou barão? Sabe bem acomodar essas coisas. A república faz toda uma salada com os baronatos. Foi um dos condecorados de Julho? Participou um pouco da tomada do Louvre? Há bem perto daqui, na rua Saint-Antoine, frente à rua Nonandières, um tiro incrustado na parede do terceiro andar de um prédio com esta inscrição: 28 DE JULHO DE 1830. Vá ver isso. Causa impressão. Ah, que bela cambada, esses seus amigos! Aliás, não querem fazer uma fonte no lugar do monumento ao duque de Berry? Quer então casar-se? Com quem? Pode-se, sem indiscrição, perguntar com quem?

Ele se calou e, antes que Marius tivesse tempo de responder, acrescentou violentamente:

— Mas o senhor tem uma profissão? Tem fortuna feita? Diga-me, quanto ganha como advogado?

— Nada — disse Marius com firmeza e tom quase de provocação.

— Nada? Então não tem para viver senão os mil francos que lhe dou?

Marius não respondeu e o sr. Gillenormand prosseguiu:

— Entendi, a noiva é rica?

— Tanto quanto eu.

— O quê! Não tem dote?

— Não, senhor.

— Nem esperanças?

— Não creio.

— Completamente nua! E o pai o que é?

— Não sei.

— E como ela se chama?

— Srta. Fauchelevent.

— Fauche… o quê? *Puh!* — fez o velho.

— Senhor! — exclamou Marius.

Gillenormand interrompeu-o como quem fala consigo mesmo:

— Então é isso: vinte e um anos, nenhuma profissão, mil e duzentos francos por ano, e a sra. baronesa de Pontmercy indo comprar dois soldos de salsa na quitanda!

— Por favor… — tornou Marius, vendo desvanecer-se sua última esperança. — Em nome do céu, de mãos postas, de joelhos, permita-me que a despose!

O velho soltou uma gargalhada estridente e lúgubre, que causou um acesso de tosse, e disse:

— Ah, estou vendo! Deve ter pensado: "Vou procurar aquele velho gagá! Que pena não ter já os meus vinte e cinco anos! Como eu lhe daria uma boa lição! Como passaria bem sem ele! Mesmo assim, direi: velho cretino, considere-se feliz por me ver, quero me casar com a fulaninha qualquer coisa, filha do senhor qualquer coisa; não tenho sapatos e ela não tem roupa, mas não faz mal, minha vontade é mesmo de jogar fora minha carreira, meu futuro, minha juventude, minha vida e mergulhar na miséria com uma mulher no pescoço. É essa a minha ideia e preciso da sua autorização! E o velho fóssil consentirá, dizendo: 'Como queira, meu rapaz, vá fundo e se case com essa sua Pousselevent, Coupelevent...'" Nunca, meu caro, nunca!

— Meu pai…

— Nunca!

O tom com que foi pronunciado este *nunca* fez Marius perder toda a esperança. Ele atravessou o quarto devagar, de cabeça caída, cambaleando, mais parecendo alguém que morre do que alguém que se retira. O sr. Gillenormand seguiu-o com a vista e, no momento em que a porta ia se fechar e Marius desaparecer, ele deu quatro passos com a vivacidade senil dos velhos impetuosos e cabeçudos, agarrou Marius pela casaca e o fez se sentar numa poltrona, dizendo:

— Conte-me essa história!

Foram só as palavras *meu pai*, ditas inopinadamente, que produziram aquela transformação.

Marius olhou-o desorientado. A fisionomia do sr. Gillenormand exprimia uma rude e inefável tranquilidade. O ancião cedera lugar ao avô.

— Vejamos; fale desses seus namoricos, solte a língua, conte tudo, *sapristi*! Como são idiotas os jovens!

— Meu pai! — tornou Marius.

— Assim mesmo, chame-me de pai e vai ver uma coisa!

Havia algo tão carinhoso, tão meigo, tão aberto, tão paternal naquelas palavras, que Marius, indo do desânimo à esperança, sentiu-se atordoado e fora de si. Estava

sentado junto da mesa e a luz das velas realçava o mau estado da sua roupa, que o sr. Gillenormand observava com espanto.

— Pois bem, meu pai… — disse Marius.

— Puxa! Mas realmente não tem nada? Está vestido como um ladrão!

E abrindo uma gaveta tirou dela uma bolsa, que colocou em cima da mesa:

— Aqui tem cem luíses; compre um chapéu.

— Meu pai — prosseguiu Marius —, meu bom pai, se soubesse como a amo! Não faz ideia; a primeira vez que a vi foi no Luxembourg, aonde ela ia; a princípio não reparava muito nela, mas depois, não sei como, me apaixonei. Como isso me fez sofrer! Enfim, agora vejo-a todos os dias em sua casa; o pai não sabe, mas imagine que vão partir. É no jardim que nos vemos, à noite; o pai quer levá-la para a Inglaterra. Então pensei: vou procurar meu avô e contar-lhe tudo. Se não fizer algo, vou primeiro enlouquecer, morrer, ficar doente, me jogar no rio. Preciso absolutamente me casar com ela, ou vou enlouquecer. Enfim, é essa a verdade. Creio que não me esqueci de coisa nenhuma. Ela mora num jardim com uma grade, na rua Plumet. É perto dos Invalides.

O sr. Gillenormand sentara-se radiante ao lado de Marius. Enquanto o escutava e saboreava o som da sua voz, sorvia ao mesmo tempo uma pitada de rapé. Ouvindo falar na rua Plumet, interrompeu a aspiração e deixou cair o resto do rapé nos joelhos.

— Rua Plumet! Disse rua Plumet? Ora, vejamos! Não existe um quartel por lá? Mas é isso. O seu primo Théodule falou-me disso. O lanceiro, o oficial. Uma leviana, meu amigo, uma leviana! Caramba, isso mesmo, rua Plumet! Que noutro tempo se chamava rua Blomet. Agora me lembro. Já ouvi falar da tal menina da grade da rua Plumet. Num jardim. Tem bom gosto. Dizem que é bem-arrumadinha. Cá entre nós, creio que o parvo do lanceiro andou arrastando também a asa; não sei até onde o caso chegou; mas, enfim, isso não quer dizer nada. Além disso, não acredito muito no que ele diz. É um gabarola! Acho normal que um rapaz como você esteja apaixonado. É da idade. Moças bonitas são moças bonitas, que diabo! A isto não há objeções. Quanto à menina, recebe-o às escondidas do pai? É coisa corrente. Também tive histórias assim. Mais de uma. Sabe o que se faz nesse caso? Não se encara a coisa a ferro e fogo; não se precipite no trágico. Não se concluem coisas assim pelo casamento, assinando contratos. Deve-se ter bom senso. Procedei com destreza, mortais, mas não caseis! Procure o avô, que no íntimo é bom homem e tem sempre alguns cartuchos de luíses numa gaveta, diz-se: "Vovô, eis o que há." E o avô responde: "Bem, nada mais simples. É preciso que a mocidade goze e a velhice caia fora. Já fui moço e você será velho. Vá, meu amigo, devolva um

dia esse empréstimo ao seu neto. Aqui estão duzentas pistolas! Divirta-se. Não há nada melhor." É assim que as coisas se devem passar. Não se case; isso nada impede. Entende?

Marius, petrificado e sem poder articular uma palavra, fez um sinal negativo.

O ancião desatou a rir, piscou a pálpebra enrugada, deu-lhe uma palmadinha num joelho, olhou-o com um ar misterioso e cúmplice, dizendo com o mais fraternal movimento de ombros:

— Tolo! Faz dela sua amante.

Marius empalideceu. O avô não compreendera nada do que ele dissera. Toda aquela lenga-lenga sobre a rua Blomet, quartel, lanceiro havia passado sem que ele nada entendesse desse delírio. Nada daquilo podia ter a ver com Cosette, que era um lírio. O velho divagava. Mas aquela divagação terminara com palavras que Marius compreendera e constituíam mortal injúria à sua amada. Aquelas palavras — *faz dela sua amante* — penetraram no coração severo do rapaz como uma espada.

Levantou-se, pegou o chapéu que estava no chão e encaminhou-se para a porta com passo firme e decidido. Chegando ali voltou-se, inclinou-se profundamente diante do avô, ergueu a cabeça e disse:

— Há cinco anos o senhor ultrajou meu pai, hoje ultrajou minha mulher. Não lhe peço mais nada. Adeus.

O sr. Gillenormand, estupefato, abriu a boca, estendeu os braços, tentou levantar-se, mas antes que pudesse pronunciar uma palavra Marius tinha desaparecido.

O velho ficou por alguns instantes imóvel e como fulminado, sem poder falar nem respirar, como se uma poderosa empunhadura lhe apertasse a garganta. Enfim arrancou-se da poltrona, correu para a porta, tanto quanto se pode correr aos noventa e um anos, abriu-a e gritou:

— Socorro! Socorro!

A filha logo apareceu, depois os criados. Ele então continuou com um ar miserável:

— Corram atrás dele! Agarrem-no! Que mal lhe fiz? Está doido! Foi embora. Valha-me Deus! Dessa vez não voltará!

Em seguida foi direto à janela que dava para a rua, abriu-a com as velhas mãos encarquilhadas, debruçou para fora mais de meio corpo, sendo logo seguro por Basco e Nicolette, e gritou:

— Marius! Marius! Marius!

Mas o rapaz já não podia ouvi-lo; dobrava naquele momento a esquina da rua Saint-Louis.

O nonagenário levou por duas ou três vezes as mãos à cabeça aflito, recuou cambaleando e caiu numa poltrona sem pulso, sem voz, sem lágrimas, balançando a cabeça e movendo os lábios com ar estúpido, não tendo já nos olhos e no coração senão algo triste e profundo como a noite.

Notas

1 Cachorro. (N.T.)

2 Trouxe, do espanhol *llevar*. (N.T.)

3 Comer. (N.T.)

4 Janela. A "massa", grudada no vidro, não deixava que os pedaços quebrados caíssem e fizessem barulho. (N.T.)

5 Rangerá. (N.T.)

6 A serra de cortar. (N.T.)

7 Arrancar, quebrar. (N.T.)

8 Trabalhar aqui. (N.T.)

9 Lâmina. (N.T.)

10 Francos, soldos ou ninharias. (N.T.)

11 Um judeu. (N.T.)

12 Paris. (N.T.)

LIVRO NONO

PARA ONDE TODOS ESTÃO INDO?

I

Jean Valjean

Naquele mesmo dia, seriam quatro horas da tarde e estava Jean Valjean sozinho, sentado junto a um dos taludes mais solitários do Champ de Mars. Por prudência, por desejo de se recolher em si mesmo, ou simplesmente por uma dessas sensíveis mudanças de hábito que pouco a pouco se introduzem em todas as existências, ele passara a raras vezes sair com Cosette. Estava com a sua veste de operário, calças de brim cinza e o tal boné de aba grande que lhe cobria quase todo o rosto. Sentia-se agora tranquilo com relação a Cosette; o que o assustara e perturbara por algum tempo se dissipara, mas há uma ou duas semanas inquietações de outra ordem o incomodavam. Um dia, passeando pelo boulevard, havia visto Thénardier. Graças ao seu disfarce não foi reconhecido, mas depois de vê-lo outras vezes por ali, teve certeza de que estava tramando alguma coisa. Bastou isso para que tomasse uma decisão. A presença de Thénardier resumia todos os perigos. Além disso, Paris estava agitada. Das perturbações políticas resulta um inconveniente para quem tem o que ocultar na vida, pois a polícia, extremamente inquieta e agressiva, podia, procurando alguém como Pépin ou Morey, descobrir alguém como Jean Valjean. Ele resolveu então deixar Paris e até mesmo a França, mudando-se para a Inglaterra. Preveniu então Cosette. Esperava partir em oito dias. Sentara-se no talude do Champ de Mars revirando na cabeça todo tipo de coisa: Thénardier, a polícia, a viagem e a dificuldade para obter um passaporte.

E tudo era preocupante.

Para terminar, um fato inexplicável o havia impressionado, se acrescentando logo cedo naquela manhã: bem cedo, sendo o único em casa a estar de pé, passeando no jardim antes que Cosette abrisse as janelas, ele de repente viu essa inscrição gravada na parede, provavelmente com um prego:

RUA VERRERIE, Nº 16

Era coisa muito recente: os traços ainda eram brancos na velha e negra argamassa por baixo. Na base do muro, além disso, uma moita de urtigas estava polvilhada de cal fina e muito fresca. Aquilo provavelmente tinha sido escrito durante a noite. O que seria? Um endereço? Um sinal? Um aviso para ele? Fosse o que fosse, era evidente que o jardim tinha sido invadido e desconhecidos haviam entrado ali. Recordou-se de incidentes extravagantes que tinham já causado susto em casa. Sua cabeça passou a trabalhar com essa hipótese. De imediato decidiu não falar a Cosette sobre as palavras escritas no muro, com receio de assustá-la.

No meio dessas preocupações notou, por uma sombra projetada pelo sol, que alguém acabava de aparecer no topo do talude, às suas costas. Ia se virar, quando caiu sobre ele um papel dobrado em quatro. Desdobrou-o e leu essas palavras, escritas a lápis, em letras grandes:

MUDE DE CASA.

Jean Valjean levantou-se rápido, mas não viu ninguém; olhou em torno e avistou alguma coisa, maior que uma criança, menor que um homem, vestida com uma blusa parda e calças de veludo cinza, saltando o parapeito e desaparecendo no fosso do Champ de Mars.

Ele imediatamente foi para casa, bem pensativo.

II

Marius

Marius saíra desorientado da casa do sr. Gillenormand. Sua esperança não era grande ao chegar, mas o desespero era imenso ao sair.

No entanto, e quem já tiver observado as bases do coração humano compreenderá, o lanceiro, o oficial, o bobalhão, o primo Théodule não deixara sombra nenhuma em seus sentimentos. Nada. O poeta dramático poderia perfeitamente esperar algumas complicações daquela revelação tão brusca, feita pelo

avô ao neto, mas o que o drama lucraria, perderia a verdade. Marius se encontrava na idade em que não se acredita no mal. Só mais tarde vem a idade em que nele se acredita, de imediato. As desconfianças nada são além de rugas. A primeira juventude não padece disso. O que inferniza Otelo não abala minimamente Candide. Pôr em dúvida Cosette! Marius poderia cometer uma quantidade de crimes antes desse.

Começou a andar pelas ruas ao acaso — recurso dos que sofrem. Não pensou em coisa nenhuma de que pudesse recordar-se. Às duas horas da manhã foi para a casa de Courfeyrac e deitou-se inteiramente vestido no seu colchão. Ia já alto o sol quando adormeceu, nesse horrível sono pesado em que as ideias vão e voltam na cabeça. Ao acordar, viu em pé no meio do quarto e prontos para sair, Courfeyrac, Enjolras, Feuilly e Combeferre.

— Não vai ao enterro do general Lamarque? — perguntou Courfeyrac.

A Marius pareceu que Courfeyrac falara chinês.

Saiu pouco depois deles. Meteu na algibeira as pistolas que Javert lhe confiara por ocasião da aventura do dia 3 de fevereiro e que tinham ficado com ele. Estavam ainda carregadas. Seria difícil dizer que pensamento obscuro tinha em mente, levando-as consigo.

Perambulou o dia inteiro sem saber por onde; de vez em quando chovia, mas ele não se dava por isso; comprou num padeiro, para jantar, um pão, meteu-o no bolso e esqueceu-se dele. Parece que tomou também um banho no Sena, sem ter consciência do que fazia. Há momentos em que se tem a impressão de que um forno nos faz o crânio ferver. Era num momento assim que estava Marius. Não tinha mais esperança alguma e nada mais temia. Esperava a noite com febril impaciência; não tinha senão uma ideia clara: às nove horas veria Cosette. Essa última felicidade era então todo o seu futuro; depois, a sombra. De vez em quando, caminhando pelos boulevards mais desertos, tinha a impressão de ouvir estranhos rumores na cidade. Deixava de lado sua abstração e se perguntava: "Estarão combatendo?"

Pouco depois de anoitecer, às nove horas em ponto, como prometera a Cosette, estava na rua Plumet. Quando se aproximou da grade, esqueceu-se de tudo. Há quarenta e oito horas não via Cosette; ia tornar a vê-la; todos os demais pensamentos se desvaneceram, restando apenas uma alegria enorme e profunda. Esses minutos em que vivemos séculos têm sempre isso de soberano e admirável de, no momento em que ocorrem, preencherem completamente o coração.

Marius afastou a barra da grade e entrou no jardim. Cosette não estava no lugar em que sempre o esperava. Atravessou as moitas e foi até o recuo perto da porta,

dizendo a si mesmo: “É lá que ela está me esperando.” Nada de Cosette. Ergueu os olhos e viu que as janelas estavam fechadas por dentro e por fora. Percorreu o jardim deserto. Então foi até a casa e, desesperado de amor, embriagado, assustado, exasperado pela dor e pela inquietação, como se chegasse na própria casa em má hora, bateu numa janela. Bateu e tornou a bater, com risco de vê-la se abrir e aparecer o pai, perguntando o que queria. Mas isso era nada em comparação ao que ele temia. Depois de ter batido, ergueu a voz e chamou: “Cosette!” Em seguida gritou: “Cosette!” E repetiu imperiosamente: “Cosette!” Resposta alguma. Estava tudo terminado. Ninguém no jardim, ninguém na casa.

Marius fitou com olhos desesperados a casa lúgubre, tão negra, tão silenciosa e mais vazia que um túmulo. Olhou para o banco de pedra onde passara tão adoráveis horas ao lado de Cosette. Então sentou-se nos degraus da entrada, com o coração sereno e determinado. Abençoou o seu amor do fundo do coração e disse consigo mesmo que, uma vez que Cosette partira, só lhe restava morrer.

De repente, ouviu uma voz que parecia vir da rua e que chamava por entre as árvores:

— Sr. Marius!

Ele se endireitou.

— O quê?

— Está aí, sr. Marius?

— Estou.

— Os seus amigos esperam-no na barricada da rua da Chanvrerie — tornou a falar a mesma voz.

Essa voz não era de todo desconhecida. Parecia a voz rouquenha e áspera de Éponine. Marius correu à grade, afastou a barra móvel, passou a cabeça e viu alguém que pareceu ser um rapaz desaparecer no crepúsculo, correndo.

III

O sr. Mabeuf

A bolsa de Jean Valjean foi inútil ao sr. Mabeuf. O bondoso velho, com a sua austeridade infantil, não quis aceitar o presente dos astros; não admitiu que uma estrela dispusesse de luíses de ouro. Não podia imaginar que tivesse vindo de Gavroche o que caíra do céu. Levou a bolsa ao comissariado de polícia do seu bairro, como objeto perdido. A bolsa foi com efeito perdida. É escusado dizer que ninguém a reclamou e ela não serviu ao sr. Mabeuf.

E o sr. Mabeuf continuou a descer ladeira abaixo.

As experiências com o anil não deram certo no Jardin des Plantes, como não haviam dado certo no jardim de Austerlitz. No ano anterior ele já devia o ordenado da governanta; agora, como se viu, devia o aluguel da casa. A loja de penhor, passados treze meses, vendeu as placas de cobre do *Flore*. Algum caldeireiro deve tê-las transformado em panelas. Sem as placas, o velho Mabeuf nem sequer podia completar os exemplares avulsos da coleção, que ele ainda possuía e acabou vendendo a um preço vil, a um livreiro de sebo, tanto as gravuras quanto o texto, como *encalhe*. Nada mais restou do trabalho de toda a sua vida. Começou então a comer o dinheiro produzido por esses exemplares. Quando viu que se ia esgotando aquele mesquinho recurso, desistiu do quintal e deixou que o mato tomasse conta. Antes disso, muito tempo antes, já havia renunciado aos dois ovos e ao pedaço de carne que comia de vez em quando. Jantava pão e batatas. Vendera também os últimos móveis, depois tudo o que tinha em duplicado de roupa de cama, cobertores e vestuário. Em seguida os herbários e as estampas, mas conservava ainda os seus livros mais preciosos, entre os quais alguns muito raros, como *Quadrains historiques de la Bible*, numa edição de 1560, *La concordance des Bibles*, de Pierre de Besse, *Les marguerites de la Marguerite*, de Jean de La Haye, com dedicatória para a rainha de Navarra, o livro sobre *La charge et dignité de l'ambassadeur*, pelo sr. De Villiers-Hotman, um *Florilegium rabbinicum* de 1644, um Tibullo de 1567, com essa esplêndida inscrição: *Venetiis, in ædibus Manutianis* e, enfim, um Diógenes Laerte impresso na cidade de Lyon, em 1644, no qual constavam as famosas variantes do manuscrito 411, século XIII, do Vaticano, e as dos dois manuscritos de Veneza, 393 e 394, tão frutuosamente consultados por Henri Estienne, assim como todos os trechos em dialeto dórico, que só se encontram no célebre manuscrito do século XII, da Biblioteca de Nápoles. O sr. Mabeuf nunca aquecia o seu quarto e deitava-se ao escurecer, para não gastar velas. Parecia já não ter mais vizinhos e, quando saía, todos fingiam não vê-lo, o que não lhe passava despercebido. A miséria de uma criança preocupa à mãe, a miséria de um jovem pode preocupar uma jovem, mas a miséria de um velho não preocupa ninguém. É, de todas as infelicidades, a

mais fria. O sr. Mabeuf, porém, não perdeu de todo sua serenidade de criança. Seus olhos ganhavam certa vivacidade sempre que fitavam os seus livros e ele sorria para o Diógenes Laerte, um exemplar único. A estante com portas envidraçadas era o único móvel que ele conservara, além do indispensável.

Um dia a velha Plutarco disse-lhe:

— Não tenho com que comprar o jantar.

O que ela chamava jantar era um pão e quatro ou cinco batatas.

— Traga a crédito — disse o sr. Mabeuf.

— Bem sabe que não temos mais.

O ancião abriu a estante, contemplou por muito tempo os livros, um por um, como um pai obrigado a dizimar seus filhos os contemplaria antes de fazer a escolha, depois pegou de repente um deles, meteu-o debaixo do braço, e saiu. Voltou para casa duas horas depois, sem já nada debaixo do braço e pôs trinta soldos na mesa, dizendo:

— Aí está para o jantar.

A partir desse momento, a velha Plutarco percebeu no cândido rosto do patrão um sombrio véu, que não o abandonou mais.

No dia seguinte e nos outros, enfim, diariamente, o sr. Mabeuf saía de casa com um livro e voltava com uma moeda de prata. Como os livreiros o viam obrigado a vender, pagavam-lhe vinte soldos o que ele comprara por vinte francos, às vezes nas mesmas livrarias. Volume a volume, toda a coleção se foi, do mesmo modo. Havia ocasião em que ele dizia "Bem, já passei dos oitenta anos" como se tivesse não sei qual esperança de chegar ao termo dos seus dias antes de chegar ao fim dos seus livros. A tristeza aumentava sem cessar. Houve, todavia, uma ocasião feliz. Saíra com um Robert Estienne, vendido por trinta e cinco soldos no cais Malaquais, e voltou com um Aldus, comprado por quarenta soldos na rua de Grès. "Devo cinco soldos", disse ele com a maior satisfação à velha Plutarco. Naquele dia não jantou.

O sr. Mabeuf pertencia à Sociedade Horticultora, na qual era conhecida a sua penúria. O presidente da instituição foi visitá-lo, prometeu que falaria dele ao ministro da Agricultura e Comércio e não faltou à promessa. "O quê?", horrorizou-se o ministro. "Um velho, sábio e profundo botânico que nunca fez mal a ninguém! Precisamos fazer alguma coisa por ele!" No dia seguinte, o sr. Mabeuf recebeu um convite para ir jantar na casa do ministro. Trêmulo de alegria, mostrou a carta à velha Plutarco. "Estamos salvos!", comemorou ele. No dia marcado, foi à casa da autoridade. Chegando, notou que sua gravata maltratada, sua grande casaca de abas quadradas e os sapatos lustrados com clara de ovo causavam espanto aos criados. Ninguém lhe dirigiu a palavra, nem mesmo o ministro. Pelas dez horas da noite,

esperando ainda que lhe dissessem algo, ouviu a dona da casa, interessante senhora decotada de quem não ousara aproximar-se, perguntar: "Quem é aquele senhor idoso?" Mabeuf voltou para casa a pé, à meia-noite, debaixo de uma chuva torrencial. Para alugar um fiacre na ida, vendera um Elzevir.

Todas as noites, antes de se deitar, tinha como hábito ler algumas páginas do seu Diógenes Laerte. Sabia grego o suficiente para usufruir das particularidades do exemplar que possuía. Era esta a sua última alegria. Algumas semanas se passaram e, um dia, caiu doente a velha Plutarco. Há uma coisa ainda mais triste do que não ter com que comprar pão do padeiro: é não ter com que pagar remédios no boticário. Uma tarde, receitou o médico uma poção muito cara. A doença agravara-se, era preciso uma acompanhante. O sr. Mabeuf abriu a sua estante, onde nada mais havia. O último volume desaparecera. Já não lhe restava senão o Diógenes Laerte.

Meteu o exemplar único debaixo do braço e saiu; foi no dia 4 de junho de 1832. Dirigiu-se à Porta Saint-Jacques, à loja do sucessor de Royal, e voltou com cem francos. Pôs a pilha de moedas de cinco francos na banquinha de cabeceira da velha criada e recolheu-se no seu quarto sem dizer uma só palavra.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, foi sentar-se no marco quebrado que tinha no quintal e, por cima da sebe, seria possível vê-lo ali a manhã inteira, imóvel, cabeça caída e a vista vagamente presa aos canteiros abandonados. De vez em quando chovia; o velho parecia não sentir a chuva. À tarde barulhos extraordinários estouraram em Paris. Algo como tiros e clamores de uma multidão.

O velho Mabeuf levantou a cabeça. Viu um jardineiro que ia passando e perguntou:

— O que está acontecendo?

O jardineiro respondeu, com uma enxada num dos ombros e o tom mais tranquilo:

— São tumultos.

— O quê? Tumultos?

— Sim, estão combatendo.

— Mas por que combatem?

— Vai saber! — disse o jardineiro.

— Para que lado é? — perguntou ainda Mabeuf.

— Para o lado do Arsenal.

O velho Mabeuf entrou em casa, pegou o chapéu, procurou maquinalmente um livro para meter debaixo do braço e, como não achou, disse consigo: "Ah, é verdade!" E saiu desorientado.

LIVRO DÉCIMO

O DIA 5 DE JUNHO DE 1832

I

A superfície da questão

De que se compõe a revolta? De nada e de tudo. De uma eletricidade que pouco a pouco se desprende, de uma chama subitamente surgida, de uma força que circula, de um sopro. Esse sopro encontra cabeças que falam, cérebros que sonham, almas que sofrem, paixões que ardem, misérias que urram, e carrega tudo.

Para onde?

Ao acaso. Através do Estado, das leis, da prosperidade e da insolência dos outros.

As convicções irritadas, os entusiasmos contrariados, as indignações acirradas, os instintos de guerra comprimidos, as jovens coragens exaltadas, as cegueiras generalizadas; a curiosidade, o gosto pela mudança, a sede pelo inesperado, o sentimento que faz as pessoas gostarem de ler o cartaz de um novo espetáculo e de ouvir no teatro o apito do maquinista; os ódios indefinidos, os rancores, os desapontamentos, toda vaidade que acha ter sido injustiçada pelo destino; os mal-estares, os castelos de areia, as ambições cercadas de obstáculos; pessoas que esperam de um desabamento uma saída e, enfim, mais abaixo, a massa inflamável da turfa: tais são os elementos das revoltas.

O que há de maior e o que há de mais ínfimo; os seres que vagueiam fora de tudo, esperando uma ocasião, boêmios, gente sem eira nem beira, vagabundos das encruzilhadas, os que dormem à noite num deserto de casas sem outro telhado além das nuvens do céu, os que pedem o pão de cada dia ao acaso e não ao trabalho, os desconhecidos da miséria e do vazio, os braços despidos, os pés descalços, todos esses pertencem à revolta.

Quem quer que tenha na alma uma rebelião secreta contra um fato qualquer do Estado, da vida ou da sorte, confina com a revolta e, tão logo ela se manifesta, começa a se agitar e a se sentir carregado pelo turbilhão.

A revolta é uma espécie de tromba-d'água da atmosfera social, que se forma repentinamente, dadas certas condições de temperatura, e que no seu redemoinho sobe, corre, arranca, arrasa, esmaga, demole e arrasta consigo as grandes e as

pequenas naturezas, o homem forte e o espírito fraco, o tronco de árvore e o fiapo de palha.

Pobre tanto de quem é por ela arrastado como de quem por ela é combatido! Serão ambos espatifados um contra o outro.

Ela comunica àqueles de quem se apodera não sei que poder extraordinário. Impregna com a força dos acontecimentos qualquer um que lhe apareça pela frente; de tudo faz projéteis. Transforma em bala uma pedra bruta e um estivador em general.

Podemos ver com desconfiança certos oráculos da política, mas, pelo ponto de vista do poder, alguma revolta é saudável. Sistema: a revolta consolida governos que ela não derruba. Exercita as Forças Armadas; concentra a burguesia; ativa os músculos da polícia; constata a força da estrutura social. É uma ginástica, quase uma higiene física e mental. O poder se sente melhor depois de uma revolta, como o indivíduo depois de uma massagem.

Há trinta anos, a revolta era percebida por ainda outros pontos de vista.

Para todo tipo de coisa há uma teoria que se autoproclama "bom senso"; Filinto de contra Alceste, em Molière; mediação que se oferece entre o verdadeiro e o falso; explicação, admonição, atenuação altiva que, por vir misturada com crítica e condescendência, acredita-se ponderada e frequentemente não passa de pedantismo. Toda uma escola política, chamada "centro", se origina nisso. Entre a água fria e a água quente, o partido da água morna. Essa escola, com sua falsa profundidade que não vai além da superfície, que disseca os efeitos sem ir às causas, condena, do alto de uma meia ciência, as agitações da praça pública.

Ouve-se dessa escola: "As revoltas que complicaram os acontecimentos de 1830 tiraram deles uma parte da sua pureza. A Revolução de Julho tinha sido um belo sopro popular, que bruscamente abriu um céu azul. Elas trouxeram de volta a nebulosidade. Fizeram degenerar em querela aquela revolução de início tão notável por sua unanimidade. Na Revolução de Julho, como em todo progresso aos trancos, houve fraturas secretas; a revolta as tornaram mais claras. Pôde-se dizer: "Ah, isso está partido!" Depois da Revolução de Julho, sentia-se apenas libertação; depois das revoltas, sentiu-se a catástrofe.

"Toda revolta fecha lojas, sacrifica os fundos, dificulta a Bolsa, suspende o comércio, paralisa os negócios, precipita as falências; desaparece o dinheiro; as fortunas privadas se inquietam, o crédito público se abala, a indústria se desconcerta, os capitais recuam, o trabalho cai, o medo se generaliza; sequelas por todas as cidades. Daí abrem-se abismos. Calculou-se que o primeiro dia de revolta custou à França vinte milhões, o segundo quarenta, o terceiro, sessenta. Uma revolta

de três dias custa cento e vinte milhões, ou seja, apenas pelo resultado financeiro, ela equivale a um desastre, um naufrágio, uma batalha perdida que aniquilaria uma frota de sessenta navios cargueiros.

"É claro, historicamente as revoltas tiveram sua beleza; a guerra de paralelepípedos não é menos grandiosa que a guerra nos bosques; se numa há a alma das florestas, na outra há o coração das cidades; uma tem Jean Chouan, a outra tem Joana. As revoltas iluminam em vermelho, mas esplendidamente, todas as características mais originais da personalidade parisiense: a generosidade, a dedicação, a alegria tempestuosa, os estudantes provando que a bravura faz parte da inteligência, a Guarda Nacional inabalável, os acampamentos de pequenos comerciantes, as fortalezas de meninos de rua, o descuido com a morte para todos que escolhem não ficar em casa. Escolas e legiões entravam em choque. No final, entre os que combatiam havia só uma diferença de idade, era a mesma raça de homens estoicos que morrem aos vinte anos por suas ideias e aos quarenta por suas famílias. O exército, sempre infeliz nas guerras civis, opunha prudência à audácia. As revoltas, ao mesmo tempo em que manifestaram a intrepidez popular, completaram a educação da coragem burguesa.

"Tudo bem. Mas valeu o sangue derramado? E ao sangue derramado acrescentem-se o futuro ensombrado, o progresso comprometido, a preocupação entre os melhores, o desespero dos liberais honestos, o absolutismo estrangeiro feliz com esses ferimentos causados à revolução por ela própria, os derrotados de 1830 triunfantes e dizendo: "Nós bem que avisamos!" Acrescentem a isso Paris talvez até engrandecida, mas a França certamente diminuída. Acrescentem, pois deve-se tudo dizer, os massacres que muito frequentemente envergonham a vitória da ordem, tornada feroz, sobre a liberdade, tornada louca. No final, as revoltas foram funestas."

É como fala essa sabedoria mediana com que a burguesia, esse povo mediano, tão facilmente se contenta.

Por nossa parte, repelimos esse termo demasiadamente elástico e, por consequência, demasiadamente cômodo: as revoltas. Entre os movimentos populares fazemos distinção. Não queremos saber se uma revolta custa tanto quanto uma batalha. Em primeiro lugar, por que razão uma batalha? Aqui surge a questão. A guerra é porventura menor flagelo do que a revolta? E depois, as revoltas são sempre calamidade? E se o 14 de Julho custasse cento e vinte milhões? Colocar Filipe V na Espanha custou à França dois bilhões. Mesmo por igual preço preferimos o 14 de Julho. Aliás, recusamos esses números, que parecem razões e não

passam de palavras. Examinemos cada revolta por si mesma. Em tudo que diz a objeção doutrinária exposta acima, só se trata do efeito; nós procuramos a causa.

Resumamos.

II

O fundo da questão

Há revolta e há insurreição; são duas cóleras; uma errada, a outra certa. Nos Estados democráticos, únicos baseados na justiça, sucede algumas vezes a fração usurpar; então ergue-se o todo, e a necessária reivindicação do seu direito pode levá-lo até a luta armada. Em todas as questões que se remetem à soberania coletiva, a guerra do todo contra a fração é insurreição e a ofensiva da fração contra o todo é revolta. O ataque ao Palácio das Tulherias será justo ou injusto, dependendo de quem nele se encontra, se o rei ou a Convenção. O mesmo canhão apontado contra a multidão esteve errado em 10 de Agosto e certo em 14 Vendermiário. Aparência semelhante, fundo diferente; os guardas suíços defendiam o erro, Bonaparte defendeu o certo. O que o sufrágio universal resolveu em sua liberdade e soberania não pode ser desfeito pela rua. Coisa igual se passa nos fatos de pura civilização; o instinto das massas, ontem clarividente, pode amanhã não sê-lo. A mesma fúria é legítima contra Terray e absurda contra Turgot. A quebra de máquinas, o saque de depósitos, a destruição de trilhos ferroviários, a demolição de docas, os caminhos errados da multidão, a negação de direito do progresso pelo povo, Ramus assassinado por alunos de escola, Rousseau expulso da Suíça a pedradas são exemplos de revolta. Israel contra Moisés, Atenas contra Fócion, Roma contra Cipião são exemplos de revolta, mas Paris contra a Bastilha é insurreição. Os soldados contra Alexandre, os marujos contra Cristóvão Colombo demonstram a mesma revolta; revolta ímpia; por quê? Porque Alexandre fez pela Ásia, com a espada, o que Cristóvão Colombo fez pela América com a bússola; tanto Alexandre quanto Colombo descobriram um mundo. Esse dom de um mundo à civilização representa tal aumento de luz que qualquer resistência, nesse caso, é culpada. Às vezes o povo erra na fidelidade a si mesmo. A multidão trai o povo. Pode haver, por exemplo, algo mais estranho que esse longo e

sangrento protesto dos contrabandistas de sal, legítima revolta crônica que, na hora decisiva, no dia da salvação, no momento da vitória popular, adere ao trono, vira *chouannerie* e, de insurreição contra, se torna revolta a favor?! Tristes obras-primas da ignorância! O contrabandista de sal escapa do patíbulo do rei e, ainda com um pedaço de corda no pescoço, ostenta o penacho branco da monarquia. "Abaixo a gabela!" se torna um "Viva o rei!" Criminosos da Saint-Barthélemy, degoladores de Setembro, massacradores de Avignon, assassinos de Coligny, assassinos da sra. De Lamballe, assassinos de Brune, *miquelets* catalães, *verdets* monarquistas, soldados com tranças *cadenettes*, *compagnons de Jéhu*, cavaleiros da braçadeira são exemplos de revolta. A Vendeia é uma grande revolta católica. O rumor do direito em movimento se reconhece e nem sempre sai do tremor das massas em agitação; há raivas loucas como há sinos rachados; nem todos os toques a rebate têm o som do bronze. O movimento das paixões e das ignorâncias é diferente do balanço do progresso. Levantem-se, concordo, mas para o crescimento. Mostrem para qual lado se encaminham. Só há insurreição para a frente. Qualquer outro levante é ruim. Todo passo violento para trás é revolta; recuar é uma via de fato contra o gênero humano. A insurreição é o acesso de fúria da verdade; os paralelepípedos que a insurreição desloca são a centelha do direito. Esses paralelepípedos deixam à revolta apenas a sua lama. Danton contra Luís XVI é insurreição; Hébert contra Danton é revolta.

Disso decorre que a insurreição, em certos casos, pode ser o mais sagrado dos deveres, como disse Lafayette, e a revolta pode ser o mais fatal dos atentados.

Há nisso também alguma diferença de intensidade calórica: a insurreição é muitas vezes vulcão e a revolta, fogo de palha.

A revolta, já dissemos, reside por vezes no poder. Polignac é um revoltoso, Camille Desmoulins é um governante.

A insurreição é, por vezes, ressurreição.

Sendo um fato absolutamente moderno a solução de tudo pelo sufrágio universal, e sendo, toda a história anterior a esse fato, há quatro mil anos, repleta de direito violado e de sofrimento dos povos, cada época da história trouxe consigo o protesto que era possível. Sob os césares, não havia insurreição, mas houve Juvenal.

O *facit indignatio* substituiu os irmãos Graco.

Sob os césares houve o exilado de Siene, mas também o homem dos *Anais*.

Nem queremos mencionar o imenso exilado de Patmos, que também incomodou o mundo real com um protesto em nome do mundo ideal, fez da visão uma sátira enorme e lançou sobre Roma-Nínive, sobre Roma-Babilônia, sobre Roma-Sodoma, a flamejante reverberação do Apocalipse.

Em seu rochedo, João é a esfinge no seu pedestal; é impossível compreendê-lo; é um judeu e é um hebreu; mas o homem que escreveu os *Anais* é um latino — digamos melhor, um romano.

Como um Nero reina à maneira negra, ele deve ser assim descrito. O trabalho ao buril, sozinho, seria pouco; deve-se derramar no entalhe uma prosa concentrada e mordente.

Os déspotas têm sua função entre os pensadores. A palavra acorrentada é uma palavra terrível. O escritor duplica e triplica seu estilo quando o silêncio é imposto ao povo por um déspota. Desse silêncio escapa certa plenitude misteriosa que filtra e se fixa em bronze no pensamento. A compressão na história produz a concisão no historiador. A solidez granítica de determinada prosa célebre nada é senão um esmagamento produzido por um tirano.

A tirania obriga o escritor a encolhimentos de diâmetro que representam concentração de força. O período ciceroniano, suficiente contra Caio Verres, se enfraqueceria contra Calígula. Menor envergadura na frase, maior força no golpe. Tácito pensa com braço forte.

A honestidade de um grande coração, condensada em justiça e verdade, fulmina.

Diga-se de passagem, é notável que, historicamente, Tácito não se sobreponha a César. Tibério foi o que lhe coube. César e Tácito são dois fenômenos sucessivos cujo encontro parece ser misteriosamente evitado por aquele que, na condução dos séculos, marca as entradas e saídas de cena. César é grande, Tácito é grande; Deus poupa essas duas grandezas sem chocá-las uma com a outra. O justiceiro, atacando César, poderia bater forte demais e ser injusto. Deus não quer isso. As grandes guerras da África e da Espanha, os piratas de Cilícia destruídos, a civilização introduzida na Gália, na Bretanha, na Germânia, toda essa glória cobre o Rubicão. Vê-se nisso uma forma de delicadeza da justiça divina, não querendo lançar sobre o usurpador o ilustre historiador formidável, poupando César de Tácito e dando circunstâncias atenuantes ao gênio.

Claro, o despotismo continua sendo despotismo, mesmo sob um déspota genial. Há corrupção sob tiranos ilustres, mas a peste moral é mais horrenda ainda sob tiranos infames. Em reinados assim, nada disfarça a vergonha, e aqueles que criam exemplos, Tácito ou Juvenal, esbofeteiam mais utilmente, na presença do gênero humano, essa ignomínia sem réplica.

Roma exala cheiro pior sob Vitélio do que sob Sila. Sob Cláudio e sob Domiciano há uma deformidade de baixeza correspondente à feiura do tirano. A vilania dos escravos é um produto direto do déspota; um miasma escapa dessas consciências corrompidas que refletem o amo; os poderes públicos são imundos; os

corações são pequenos, as consciências são rasas; as almas são percevejos; foi assim sob Caracala, foi assim sob Cômodo, foi assim sob Heliogábalo, enquanto do senado romano, sob César, saía apenas o cheiro de excremento, próprio dos ninhos de águia.

Donde a chegada, aparentemente tardia, de um Tácito, de um Juvenal; é na hora da evidência que o demonstrador aparece.

Mas Juvenal e Tácito, assim como Isaías nos tempos bíblicos, ou Dante na Idade Média, são o homem; a revolta e a insurreição são a multidão, que ora erra, ora acerta.

Nos casos mais gerais, a revolta sai de um fato material; a insurreição é sempre um fenômeno moral. A revolta é Masaniello; a insurreição é Espártaco. A insurreição se remete ao espírito, a revolta ao estômago. Gaster se irrita, mas Gaster, é claro, nem sempre está errado. Nas questões de fome, a revolta; Buzançais, por exemplo, tem um ponto de partida verdadeiro, patético e justo. No entanto, permanece revolta. Por quê? Porque, mesmo no fundo tendo razão, errou na forma. Feroz, mesmo tendo direito, violento, apesar de forte, feriu ao acaso; andou como um elefante cego, esmagando; deixou no seu rastro cadáveres de idosos, de mulheres, de crianças; derramou, sem saber por quê, o sangue de inofensivos e inocentes. Alimentar o povo é boa finalidade, massacrá-lo é um meio ruim.

Todos os protestos armados, inclusive os mais legítimos, inclusive o 10 de Agosto, inclusive o 14 de Julho, começam pela mesma perturbação. Antes do surgimento do direito, há tumulto e alvoroço. No início, a insurreição é revolta, assim como o rio é torrente. Normalmente ela chega a esse oceano: a revolução. Às vezes, no entanto, vinda dessas altas montanhas que dominam o horizonte moral, como a justiça, a sabedoria, a razão, o direito, feita da mais pura neve do ideal, após uma longa queda de rochedo em rochedo, após refletir o céu em sua transparência e ter se avolumado com cem afluentes na majestosa postura do triunfo, a insurreição se perde de repente numa fenda burguesa qualquer, como o Reno num pântano.

Tudo isso faz parte do passado, o futuro é outro. O sufrágio universal tem essa característica admirável de dissolver a revolta em seu princípio e, dando voto à insurreição, retira a sua arma. O fim das guerras, tanto da guerra de rua como da guerra de fronteiras, é o inevitável progresso. Qualquer que seja o hoje, a paz é o Amanhã.

No fim de tudo, insurreição ou revolta, o que diferencia a primeira da segunda são nuances que pouco interessam ao burguês propriamente dito. Para ele tudo é sedição, rebelião pura e simples, rebeldia do cão de guarda contra o dono, tentativa de mordida que é preciso punir com a corrente e o canil. São uivos e latidos, até o

dia em que a cabeça do cachorro, de repente maior, se esboça na sombra, com ares leão.

Então o burguês grita: "Viva o povo!"

Dada essa explicação, o que foi para a história o movimento de junho de 1832? Uma revolta ou uma insurreição?

Uma insurreição.

Poderá acontecer, colocando em cena esse acontecimento terrível, que às vezes falemos em revolta, mas será apenas para qualificar fatos superficiais. A distinção entre revolta e insurreição sempre será mantida.

O movimento de 1832 teve, em sua explosão rápida e lúgubre extinção, tanta grandeza que mesmo quem a ele se refere como revolta nem por isso deixa de respeitá-lo. Para essas pessoas, o movimento foi como uma sobra de 1830. Uma vez incitadas, elas dizem, há quem não se acalme de um dia para outro. Uma revolução não se dobra de uma só vez. Tem sempre, forçosamente, algumas ondulações, até voltar ao estado de paz, como uma montanha descendo em direção à planície. Não há Alpes sem o maciço do Jura nem Pireneus sem Astúrias.

Essa crise patética da história contemporânea, que a memória dos parisienses chama *a época das revoltas*, é certamente um momento característico entre os momentos tempestuosos do século.

Um último lembrete, antes de entrar na narrativa.

Os fatos que vão ser apresentados pertencem à realidade dramática e viva que a história algumas vezes despreza por falta de tempo e de espaço. No entanto, insistimos ser neles que se encontram a vida, a palpitação, o arrepio humano. Os pormenores são, por assim dizer, a folhagem dos grandes acontecimentos que se perdem nos longes da história. A época chamada das *revoltas* abunda em minúcias desse gênero. As perquirições judiciais, por outros motivos que a história, não revelaram tudo nem, provavelmente, tudo aprofundaram. Vamos, pois, trazer à luz, entre as particularidades conhecidas e publicadas, coisas que não foram expostas, fatos que foram tragados pelo esquecimento de uns e pela morte de outros. A maior parte dos que participaram dessas cenas gigantescas desapareceu; logo em seguida todos se calaram; mas o que vamos contar, podemos afirmar: presenciamos. Mudaremos alguns nomes porque a história conta, mas não denuncia. Entretanto, descreveremos coisas verdadeiras. Nas condições do livro que escrevemos, não mostraremos senão um lado e um episódio, certamente o menos conhecido, dos dias 5 e 6 de junho de 1832; mas faremos de modo a que o leitor perceba, por baixo do sombrio véu que será levantado, a imagem verdadeira daquela assustadora aventura pública.

III

Um enterro: ocasião de renascer

Paris, na primavera de 1832, mesmo que há três meses a cólera gelasse todos os espíritos, lançando em sua permanente agitação uma desanimada tranquilidade, estava havia muito preparada para um abalo. Como já dissemos, a grande cidade é como um canhão: quando está carregado, basta uma faísca qualquer para o disparo. Em junho de 1832, a faísca foi a morte do general Lamarque.

Lamarque era um renomado homem de ação. Teve sucessivamente, no tempo do império e no da Restauração, as duas bravuras necessárias às duas épocas, a dos campos de batalha e a da tribuna. Era eloquente como fora valente; sentia-se uma espada na sua palavra. Como Foy, seu antecessor, depois de sustentar em alto nível o princípio da autoridade, fazia o mesmo com o princípio da liberdade. Colocava-se entre a esquerda e a extrema esquerda, amado pelo povo por aceitar as oportunidades do futuro, amado pela multidão por ter servido com brio ao imperador. Assim como os condes Gérard e Drouet, era um dos marechais *in petto* de Napoleão. Odiava Wellington com um ódio direto que agradava à multidão, e há dezessete anos, pouco interessado nos acontecimentos intermediários, ele majestosamente guardava a tristeza de Waterloo. Agonizante, na sua última hora ele estreitou junto do coração uma espada que lhe fora oferecida pelos oficiais dos Cem Dias. Napoleão morrera pronunciando a palavra *exército*; Lamarque, pronunciando a palavra *pátria*.

A sua morte, já esperada, era vista pelo povo como uma perda e pelo governo como um alívio. Representou um grande luto. E como tudo que é amargo, o luto pode se tornar revolta. Foi o que aconteceu.

Na véspera e na manhã do dia 5 de junho, dia marcado para o enterro do general Lamarque, o bairro de Saint-Antoine, pelos limites do qual o comboio fúnebre devia passar, assumiu um aspecto ameaçador. Aquela tumultuosa rede de ruas encheu-se de boatos. Todos se armaram como podiam. Marceneiros muniam-se de barriletes das suas bancadas "para derrubar portas". Um deles fabricou um punhal a partir de um gancho de sapateiro, quebrando o gancho e afiando um pedaço. Outro, indócil para "atacar", dormia vestido há três noites. Um carpinteiro chamado Lombier encontrou um companheiro e perguntou:

— Aonde está indo?

— Bem...! Não tenho armas!

— Qual o problema? Vou à oficina buscar o meu compasso.

— Para fazer o quê?

— Não sei ainda — respondeu Lombier.

Um tal Jacqueline, que trabalhava num setor de expedição, abordava qualquer operário que passasse e dizia:

— Venha comigo, camarada!

Pagava dez soldos de vinho e perguntava:

— Está fazendo alguma coisa?

— Não.

— Vá então à casa Filspierre, entre as barreiras de Montreuil e de Charone, e terá o que fazer.

Na casa Filspierre havia cartuchos e armas. Certos chefes conhecidos *faziam o correio*, quer dizer, iam de um ponto a outro para reunir sua gente. Na Barthélemy, perto da barreira do Trône, na Capel, no Petit-Chapeau, os que estavam ali bebendo perguntavam uns aos outros, com certa gravidade:

— Cadê a pistola?

— Debaixo do avental. E a tua?

— Debaixo da camisa.

Na rua Travesière, diante da oficina de Bernier, grupos conversavam em voz baixa. Entre eles estava um certo Mavot, o mais ardente, conhecido por não parar mais do que uma semana numa oficina, sendo sempre despedido "por discutir as ordens o tempo todo". Mavot foi morto no dia seguinte, na barricada da rua Ménilmontant. Pretot, que também morreria na luta, dava apoio a Mavot, e à pergunta:

— O que está querendo?

Ele respondia:

— A *insurreição*.

Operários reunidos na esquina da rua de Bercy esperavam um tal Lemarin, agente revolucionário do bairro de Saint-Marceau. Palavras de ordem eram trocadas quase publicamente.

Em 5 de junho, então, dia entremeado de chuva e de sol, atravessou Paris o cortejo fúnebre do general Lamarque, com a pompa militar oficial um tanto aumentada, por precaução. Dois batalhões, com os tambores cobertos de crepe e as espingardas voltadas para o chão, dez mil homens da Guarda Nacional, com seus sabres e baterias de artilharia, escoltaram o coche, puxado por rapazes. Logo atrás iam os oficiais dos Invalides, carregando ramos de louro. Depois seguia a multidão

inumerável, agitada, desconhecida, os representantes das diversas seções da Amigos do Povo, das Escolas de Direito e de Medicina, refugiados de todas as nações, bandeiras espanholas, italianas, alemãs, polonesas, bandeiras tricolores horizontais, todos os estandartes possíveis, crianças agitando ramos verdes, talhadores de pedra e carpinteiros em greve naquele momento, impressores, conhecidos pelos seus carapuços de papel, marchando de dois em dois, três em três, soltando gritos, quase todos agitando paus e alguns brandindo sabres, desordenadamente, mas com uma só alma, ora em confusão, ora em colunas. Pelotões escolhiam chefes e um homem, armado com um par de pistolas perfeitamente visível, parecia passar em revista outros, cujas fileiras se abriam para ele. Nas contra-aleias dos boulevards, nas árvores, nas janelas, nos telhados, era prodigiosa a quantidade de cabeças de homens, de mulheres e de crianças com olhos aflitos. Uma multidão assustada vendo passar uma multidão armada.

O governo observava. Observava com a mão no punho da espada. Na praça Luís XV podiam ser vistos, prontos para marchar, de cartucheiras cheias, espingardas e clavinas carregadas, quatro esquadrões de carabineiros a cavalo e clarins à frente. No Quartier Latin e no Jardin des Plantes, a Guarda Municipal, escalonada de rua em rua. No Mercado dos Vinhos, um esquadrão de dragões. Na praça da Grève, metade do 12º Regimento de Linha, estando a outra metade na Bastilha. No Célestins estava o 6º de dragões, e a artilharia concentrada no pátio do Louvre. O resto das tropas aguardava de prontidão nos quartéis, sem contar os regimentos dos arredores de Paris. O poder, inquieto, tinha suspensos sobre a multidão ameaçadora vinte e quatro mil soldados na cidade e trinta mil no subúrbio.

No cortejo circulavam diferentes boatos sobre diversas manobras legitimistas e sobre também o duque de Reichstadt, que Deus, aliás, marcava para a morte naquele mesmo minuto em que a multidão o designava para o império. Um personagem, de quem ninguém guardou o nome, anunciava que dois contramestres coniventes a certa hora abririam ao povo as portas de uma fábrica de armas. Predominava em todos aqueles rostos descobertos, da maior parte dos que acompanhavam o féretro, um entusiasmo misturado à preocupação. Viam-se também, no meio da multidão, sujeita a tantas emoções violentas, mas nobres, alguns mal-intencionados que diziam: "Vamos saquear!" Certas agitações revolvem o fundo do charco e fazem subir à tona a vasa e a lama. É um fenômeno que as polícias "bem constituídas" conhecem bem.

O cortejo encaminhou-se com febril lentidão pelos boulevards, da casa mortuária à Bastilha. De vez em quando chovia; mas a chuva não produzia efeito algum na multidão. Vários incidentes marcaram o trajeto, como o caixão sendo

levado a passar em volta da coluna Vendôme, as pedras que foram atiradas contra o duque de Fitz-James, que apareceu numa varanda com o chapéu na cabeça, o galo gaulês arrancado de uma bandeira popular e arrastado na lama, um policial ferido a golpe de espada, na Porta Saint-Martin, um oficial do 12º Regimento Ligeiro dizendo em voz alta: "Sou republicano", a presença da Escola Politécnica militar, tendo transgredido as ordens que recebera de não sair, o que motivou gritos de "Viva a Escola Politécnica! Viva a República!". Na Bastilha juntaram-se ao cortejo longas e preocupantes filas de curiosos que vinham do bairro de Saint-Antoine e uma forte ebulição começou a agitar a multidão.

Ouviu-se um homem dizer a outro:

— Está vendo aquele ali, de barbicha ruiva? É quem dirá quando se deve atirar.

Parece que o mesmo barbicha ruiva tornou a aparecer, mais tarde e com a mesma função, em outra revolta, a do caso Quénisset.

O coche passou pela Bastilha, seguiu o canal, atravessou a ponte pequena e chegou à esplanada da ponte de Austerlitz. Ali parou. Naquele momento a multidão, vista do alto, teria o aspecto de um cometa, cuja cabeça estaria na esplanada e a cauda estendida pelo cais Bourdon, cobrindo a Bastilha e se prolongando pelo boulevard até a Porta Saint-Martin. Um círculo se fez em torno do coche. A vasta turba conteve-se em silêncio: Lafayette falou e se despediu de Lamarque. Foi um momento tocante e augusto; todas as cabeças se descobriram, todos os corações palpitaram. De repente apareceu no meio do grupo um homem a cavalo, vestido de preto, e com uma bandeira vermelha — há quem diga que era um barrete vermelho, espetado num chuço. Lafayette desviou o olhar. Excelmans deixou o cortejo.

Essa bandeira vermelha desencadeou uma tempestade e por ela foi tragada. Do Boulevard Bourbon à ponte de Austerlitz a multidão se agitou com um clamor, desses que se assemelham a ondas do mar. Ergueram-se dois gritos formidáveis:

— *Lamarque no panteão!*

— *Lafayette na prefeitura!*

Alguns jovens, seguindo as aclamações da turba, começaram a puxar o coche pela ponte de Austerlitz e Lafayette, num fiacre, pelo cais Morland.

No meio da multidão que rodeava e aclamava Lafayette, notava-se, e quem o reconhecia o apontava aos outros, um alemão chamado Ludwig Snyder, que depois morreu centenário, e participara da guerra de 1776, tendo combatido em Treton, sob as ordens de Washington, e sob as de Lafayette em Brandywine.

Enquanto isso, na margem esquerda movia-se a cavalaria municipal para impedir a travessia da ponte; e na margem direita os dragões deixavam Célestins e ocupavam

o cais Morland. Os que conduziam Lafayette os viram numa esquina do cais e gritaram:

— Os dragões! Aí vêm os dragões!

Os cavalarianos avançavam a passo, silenciosos, com as pistolas nos coldres, os sabres nas bainhas, as clavinas nos arções, em sombria expectativa.

A duzentos passos da ponte pequena fizeram alto. O fiacre em que ia Lafayette dirigiu-se a eles; os dragões abriram as fileiras, deixaram-no passar e tornaram logo a fechá-las.

Nesse momento tocavam-se os soldados e a multidão. As mulheres fugiam aterrorizadas.

O que aconteceu naquele minuto fatal? Ninguém saberia dizer. Foi o momento tenebroso do encontro de duas nuvens. Uns contam que se ouviu um toque de carga, do lado do Arsenal, outros que um menino deu uma punhalada num dragão. O fato é que subitamente foram disparados três tiros, o primeiro matou o chefe de esquadrão Cholet, o segundo matou uma velha surda, que estava fechando sua janela na rua Contrescarpe, o terceiro chamuscou a dragona de um oficial. Uma mulher gritou: "Estão começando cedo demais!" e de repente surgiu, do lado oposto ao cais Morland, um esquadrão de dragões, que ficara no quartel. Ele desembocou a galope e de sabres em punho pela rua Bassompierre e seguiu para o boulevard Bourdon, varrendo quantos achava no caminho.

Não se hesitou mais, a tempestade desencadeou-se, choveram pedras e a fuzilaria começou. Muita gente desceu correndo até a margem do rio e atravessou o pequeno braço do Sena, hoje entulhado. Nos canteiros de obra da ilha Louviers, essa vasta cidadela natural, agitaram-se combatentes que arrancavam estacas. Tiros de pistola foram disparados; esboçou-se uma barricada. Os jovens que conduziam o coche atravessaram com ele a ponte de Austerlitz a passo de carga e investiram contra a Guarda Municipal. Os carabineiros avançaram, os dragões distribuíram golpes de sabre, a multidão dispersou-se em todas as direções, o rumor de guerra repercutiu nos quatro cantos de Paris, com todos gritando "Às armas!" e correndo, caindo, fugindo, resistindo. A cólera ateia a revolta como o vento ateia o fogo.

IV

As fermentações de um outro tempo

Não há coisa mais extraordinária do que o primeiro movimento de uma revolta. Tudo explode ao mesmo tempo e em toda parte. Era coisa prevista? Era. Estava preparada? Não. De onde saiu aquilo? Das ruas. De onde caiu? Das nuvens. A insurreição tem um caráter de conspiração, num ponto, e, mais além, de improviso. Um indivíduo qualquer assume a liderança de uma ala da multidão e leva-a aonde bem entende. Início cheio de pavor, no qual se mistura uma espécie de alegria formidável. Começou com clamores, lojas fecharam as portas, os balcões de rua dos armazéns desapareceram. Depois, tiros isolados, pessoas que fugiam, coronhadas que abalavam portões de prédios. No pátio de algumas casas, as criadas riam, dizendo: "Vai ter coisa!"

Não tinha ainda passado um quarto de hora e vários incidentes aconteceram ao mesmo tempo, em vinte diferentes pontos de Paris:

Na rua Sainte-Croix-de-la-Bretonnerie, uns vinte rapazes barbudos e de cabelos compridos entraram num botequim e saíram logo depois, levando uma bandeira tricolor horizontal com o crepe do luto e tendo à frente deles três homens armados, um com um sabre, outro com uma espingarda e o terceiro com um chuço.

Na rua Nonaindières, um burguês bem-vestido, barrigudo, de voz forte, careca, testa larga, barba preta e um bigode cheio, desses impossíveis de serem assentados, oferecia publicamente cartuchos a todos que passavam.

Na rua Saint-Pierre-Montmartre, homens de braços nus carregavam uma bandeira preta, na qual se liam essas palavras em letras brancas: *República ou morte.* Nas ruas Jeûneurs, Cadran, Montorgueil e Mandar, grupos agitavam bandeiras em que se distinguiam letras douradas, formando a palavra *seção,* com um número. Uma dessas bandeiras era azul e encarnada, com uma imperceptível listra branca entre as duas cores.

Uma fábrica de armas foi saqueada no Boulevard Saint-Martin e também três lojas de armeiros, nas ruas Beabourg, Michel-le-Comte e Temple. Em poucos minutos, as muitas mãos da multidão se apoderaram de duzentas e trinta espingardas, quase todas de dois canos, sessenta e quatro sabres e oitenta e três pistolas. Para que mais pessoas estivessem armadas, uns ficavam com as espingardas, outros com as baionetas.

Em frente do cais da Grève, alguns rapazes com mosquetes tomaram posição num prédio em que só estavam mulheres, para dali abrirem fogo. Um deles tinha um mosquete com fecho de roda. Batiam à porta, entravam e punham-se a fazer cartuchos. Uma das moradoras contou depois: "Eu nem sabia o que eram cartuchos; foi meu marido quem depois me disse."

Um grupo arrombou uma loja de curiosidades na rua Vieilles-Haudrittes e se apoderou de iatagãs e outras armas turcas.

Na rua Perle jazia o cadáver de um pedreiro, morto por um tiro.

Junto a isso, nas margens direita e esquerda, no cais, nos boulevards, no Quartier Latin e na área do Halles, viam-se homens esbaforidos, operários, estudantes, lendo proclamações e pregando a luta armada. Lampiões eram quebrados, veículos desaparelhados, ruas descalçadas, portões arrombados, árvores arrancadas. Adegas no subsolo eram invadidas e as pipas roladas para fora. Amontoavam-se pedras, lajes e tábuas, levantando barricadas.

Os burgueses eram obrigados a ajudar. Casas em que só as mulheres estavam eram visitadas, exigindo-se o sabre ou as pistolas dos maridos ausentes. Depois, nas portas se escrevia com giz: "Já entregaram as armas." Alguns assinavam com o próprio nome o recibo de uma espingarda ou um sabre e diziam: "Mande amanhã buscar na administração do bairro." Pelas ruas, sentinelas isoladas e guardas nacionais que se dirigiam a seus pontos de chamada perdiam suas armas. Dos oficiais arrancavam-se as dragonas. Na rua Cemitière-Saint-Nicolas, um oficial da Guarda Nacional, perseguido por um bando armado de paus e floretes, refugiou-se a muito custo numa casa, de onde só pôde sair à noite, e disfarçado.

Na área de Saint-Jacques, os estudantes saíam como enxames das suas pensões, subiam pela rua Saint-Hyacinthe até o Café du Progrès, de onde seguiam depois para o Sept-Billards, na rua Mathurins. Ali, alguns rapazes trepados em marcos de pedra distribuíam armas. O canteiro de obras da rua Transnonain foi saqueado para montar barricadas. Houve um só ponto em que os moradores resistiram, na esquina das ruas Sainte-Avoye e Simon-le-Franc, destruindo por conta própria a barricada levantada. Num só ponto os insurgentes cederam e abandonaram uma barricada começada, na rua do Temple, depois de terem aberto fogo contra um destacamento da Guarda Nacional. Eles em seguida fugiram pela rua da Corderie. O destacamento achou na barricada uma bandeira vermelha, um maço de cartuchos e trezentas balas de pistola. Os guardas nacionais despedaçaram a bandeira e levaram os farrapos nas pontas das baionetas.

Tudo o que aqui contamos, lenta e sucessivamente era executado ao mesmo tempo em todos os pontos da cidade, em meio a um imenso tumulto, como uma quantidade de relâmpagos num só trovão.

Só na área do Halles surgiram do nada, em menos de uma hora, vinte e sete barricadas. No centro estava a famosa casa nº 50, que foi a fortaleza de Jeanne com os seus cento e seis companheiros, e que, flanqueada de um lado por uma barricada em Saint-Merry e do outro por uma barricada na rua Maubuée, dominava três ruas,

a Arcis, a Saint-Martin e a Aubry-le-Boucher, com a qual ela fazia frente. Da rua Montorgueil para a Grande-Truanderie, e da Geoffroy-Langevin para a Sainte-Avoye dobravam-se acompanhando o ângulo duas barricadas. Sem contar as inumeráveis outras, em mais vinte pontos de Paris, no Marais, na montanha Sainte-Geneviève. Numa, na rua Ménilmontant, se via um portão arrancado de seus gonzos; em outra, junto à ponte pequena do Hôtel-Dieu, uma carruagem desaparelhada e deitada de lado, a trezentos passos do Departamento de Polícia.

Na barricada da rua Ménétriers, um homem bem-vestido distribuía dinheiro aos trabalhadores. Na da rua Greneta, um sujeito a cavalo de repente surgiu e entregou a quem parecia ser o chefe da barricada, um rolo, provavelmente de dinheiro, e disse:

— Aqui está, para pagar as despesas, o vinho etc.

Um rapaz louro, sem gravata, corria de uma a outra barricada, comunicando senhas. Outro, de sabre desembainhado e um boné azul de polícia na cabeça, postava sentinelas. No interior, aquém das barricadas, tabernas e cubículos de porteiros foram convertidos em corpos de guarda. A revolta se organizava dentro da mais estudada tática militar. As ruas estreitas, desiguais, sinuosas, cheias de ângulos e de voltas foram admiravelmente bem escolhidas; sobretudo as dos arredores do Halles, numa rede mais intrincada que uma floresta. A Sociedade Amigos do Povo, segundo se dizia, tomara a direção da insurreição no bairro Sainte-Avoye. Um homem que foi morto na rua Ponceau tinha com ele um mapa de Paris.

Mas o que realmente imperou na revolta foi uma espécie de impetuosidade desconhecida, que circulava no ar. A insurreição rapidamente levantou com uma das mãos as barricadas e com a outra controlou quase todos os postos da guarnição. Em menos de três horas, como um rastilho de pólvora a que se lança fogo, os insurretos tinham invadido e ocupado, na margem direita, o Arsenal, a prefeitura da praça Royale, todo o Marais, a fábrica de armas Popincourt, a Galiote, o Château d'Eau, todas as ruas próximas do Halles. Na margem esquerda, o quartel dos Veteranos, Sainte-Pélagie, a praça Maubert, o paiol Deux-Moulins e todas as barreiras. Às cinco horas da tarde controlavam a Bastilha, a Lingerie e Blancs-Manteaux. Os postos avançados chegavam quase à praça de Victoires e ameaçavam o banco, o quartel de Petit-Pères e o Correio. Um terço de Paris pertencia aos revoltosos.

Em todos os pontos, lutava-se gigantescamente e, dos desarmamentos individuais, das visitas domiciliares, das lojas de armas violentamente invadidas resultou que o combate iniciado às pedradas continuava aos tiros.

Por volta das seis da noite, a passagem Saumon se tornou um campo de batalha. Os revoltosos estavam num ponto, a tropa no extremo oposto. Trocavam-se tiros de

uma grade a outra. Um observador, um sonhador, o autor deste livro, que fora admirar de perto o vulcão, viu-se entre os dois fogos. Não tinha, para escapar das balas, senão a saliência das meias-colunas que separam as lojas. Esteve perto de meia hora nessa delicada situação.

Entretanto ouviam-se toques de chamada, os guardas nacionais fardavam-se e armavam-se apressadamente, as legiões saíam das prefeituras de bairros e os regimentos dos quartéis. Em frente da passagem Ancre, um tambor foi ferido com uma punhalada. Outro, na rua Cygne, foi atacado por uns trinta rapazes que lhe arrebentaram o instrumento e ficaram com o seu sabre. Na rua Grenier-Saint-Lazare, um outro foi morto. Na rua Michel-le-Comte três oficiais igualmente caíram mortos. Muitos guardas, atacados na rua de Lombards, retrocederam.

Diante da Cour-Batave, um destacamento de guardas nacionais encontrou uma bandeira vermelha com a seguinte inscrição: Revolução republicana, nº 127. Seria de fato uma revolução?

A insurreição havia armado, no centro de Paris, uma espécie de cidadela inextricável, tortuosa, colossal.

Ali residia o fogo e, com toda a evidência, a questão. Tudo o mais eram apenas escaramuças. A prova de que tudo se decidiria ali é que não se viam ainda combates, propriamente.

Em alguns regimentos soldados tinham dúvidas, o que aumentava ainda a medonha obscuridade da crise. Recordavam-se da ovação popular que, em julho de 1830, comemorara a neutralidade do 53º de Linha. Dois homens intrépidos e experimentados em grandes guerras tinham o comando-geral das tropas, o marechal de Lobau e o general Bugeaud; o segundo sob as ordens do primeiro. Enormes patrulhas, compostas de batalhões da tropa de linha, fechadas por companhias inteiras da Guarda Nacional e precedidas por um comissário de polícia com sua faixa de representação, faziam o reconhecimento das ruas insurgidas. Os revoltosos, por sua vez, posicionavam sentinelas nas esquinas e nos cruzamentos, além de audaciosamente destacarem patrulhas fora das barricadas. Observavam-se de ambos os lados. O governo, com um exército na mão, hesitava; aproximava-se a noite e ouvia-se já o sino de Saint-Merry, tocando a rebate. O marechal Soult, então ministro da Guerra e que tinha visto Austerlitz, olhava para tudo aquilo com ar sombrio.

Aqueles velhos marujos, habituados à manobra correta e não tendo outro recurso além da tática, essa bússola das batalhas, sentiam-se desorientados na presença dessa imensa incógnita que é a ira pública. O vento das revoluções não é manejável.

As Guardas Nacionais dos subúrbios chegavam às pressas e desordenadamente. De Saint-Denis veio, marchando acelerado, o 12º de Linha; o 14º de Linha chegou de Courbevoie, as baterias da Escola Militar tomaram posição no Carroussel; de Vincennes vinha também a artilharia.

A solidão reinava nas Tulherias. Luís Filipe era todo serenidade.

V

Originalidade de Paris

Nos últimos dois anos, como dissemos, Paris vira mais de uma insurreição. Fora dos bairros insurgidos, em geral nada é mais estranhamente sossegado que a fisionomia de Paris durante uma revolta. Paris acostuma-se muito depressa a tudo: é só uma revolta, e são tantos os negócios que ninguém se incomoda por tão pouca coisa. Só cidades colossais podem oferecer semelhantes espetáculos. Só essas imensas áreas urbanas podem ao mesmo tempo estar em plena guerra civil, mantendo uma estranha tranquilidade. Habitualmente, quando começa a insurreição, quando se ouve o tambor, o toque de chamada, limita-se o lojista a dizer:

— Parece que há barulho lá para o lado da rua Saint-Martin.

Ou:

— Do bairro de Saint-Antoine.

Muitas vezes acrescenta com indiferença:

— Em algum desses lugares.

Mais tarde, quando já se distingue o estampido despedaçador e lúgubre das descargas cerradas e dos fogos de pelotão, diz o lojista:

— Então? A coisa está aquecendo!

Em seguida, se a revolta se aproxima e ganha terreno, ele fecha rápido a loja e veste seu uniforme, ou seja, põe as mercadorias em segurança e sai para arriscar sua pessoa.

Há troca de tiros num cruzamento, numa passagem, num beco sem saída; tomam-se, perdem-se e retomam-se barricadas, o sangue corre, a metralha criva as fachadas dos prédios, balas matam pessoas até em seus quartos de dormir, a rua está

juncada de cadáveres. Passadas meia dúzia de ruas, ouve-se nos cafés o ruído das bolas de bilhar.

Os teatros abrem as portas e apresentam seus espetáculos, os curiosos conversam e riem a duzentos passos de ruas em plena guerra. Carruagens seguem de um lado para outro, pessoas tranquilamente saem para jantar, às vezes no próprio bairro onde se está combatendo. Em 1831, interrompeu-se um tiroteio para deixar passar um casamento.

Por ocasião da insurreição de 12 de maio de 1839, na rua Saint-Martin, um velhinho estropiado, puxando um carrinho de mão que ostentava um pedaço de pano tricolor, carregado de garrafas cheias de um líquido qualquer, andava da barricada para a tropa, e desta para aquela, oferecendo as suas bebidas, ora à anarquia, ora ao governo.

Nada mais estranho e é esta a particularidade das revoltas em Paris, que não se comparam às de nenhuma outra capital. Isso se deve a duas coisas específicas, sua grandiosidade e sua alegria. Só mesmo a cidade de Voltaire e de Napoleão.

Dessa vez, contudo, no levantamento de 5 de junho de 1832, sentiu a cidade alguma coisa que lhe era superior e de que teve medo. Viram-se por toda parte, mesmo nos bairros mais afastados e mais "desinteressados", portas, janelas e postigos fechados durante o dia. Os corajosos se armaram, os covardes se esconderam. Os transeuntes, tanto o despreocupado quanto o atarefado, desapareceram. Muitas das ruas estavam desertas como às quatro horas da manhã. Passavam de boca em boca os boatos mais assustadores e inculcavam-se fatais notícias: "*Eles* se assenhoraram do banco"; "Só no claustro de Saint-Merry estão seiscentos deles, entrincheirados e protegidos pelas ameias da igreja"; "A tropa não se sente segura"; "Armand Carrel procurou o marechal Clausel, que lhe disse: 'Tratem de ter primeiro um regimento'"; "Lafayette está doente, mas mesmo assim disse a eles: 'Estou à disposição. Acompanho-os por toda parte, se houver uma cadeira'"; "É preciso que cada um se previna, pois durante a noite haverá pilhagem em casas isoladas, nos pontos desertos de Paris (nisso se vê o dedo da polícia, essa Ann Radcliffe infiltrada no governo)"; "Uma bateria foi montada na rua Aubry-le-Boucher"; "Lobau e Bugeaud estão de acordo e, à meia-noite ou, no mais tardar, ao amanhecer, quatro colunas avançarão ao mesmo tempo contra o centro da revolta, a primeira vinda da Bastilha, a segunda da Porta Saint-Martin, a terceira da Grève e a quarta do Halles"; "Talvez as tropas deixem Paris e se retirem no Champ de Mars; "Não se sabe o que vai ser, mas, dessa vez, a gravidade é grande". As pessoas se preocupavam com as hesitações do marechal Soult; por que não atacavam logo? Ele evidentemente estava

assoberbado. O velho leão parecia farejar naquela sombra um monstro desconhecido.

Anoiteceu e os teatros não abriram. As patrulhas faziam a ronda com um ar irritado. Revistavam os passantes e prendiam os suspeitos. Às oito horas estavam presas mais de oitocentas pessoas. A Delegacia de Polícia, a Conciergerie e a Force estavam lotadas. Na Conciergerie, sobretudo o longo caminho subterrâneo que é chamado rua de Paris, estava cheio de feixes de palha, nos quais tinham sido jogados montes de prisioneiros, a quem o homem de Lyon, Lagrange, fazia discursos veementes. Toda aquela palha, remexida por tantos homens, produzia um ruído semelhante ao de um temporal. Em outros lugares os presos eram deixados ao ar livre, amontoados uns sobre os outros. A ansiedade era geral, numa tensão rara em Paris.

No interior das casas todos tratavam de se entrincheirar, as esposas e as mães se preocupavam e o que mais se ouvia era: "Valha-me Deus! Ele ainda não voltou!" Poucas carruagens circulavam. Escutavam-se junto às portas, rumores, gritos, tumultos, barulhos surdos e indistintos das coisas que eram ditas: "É a cavalaria", ou "São carroças de munições a galope". E clarins, tambores, fuzilaria, além, sobretudo, do terrível sino de Saint-Merry tocando o rebate. Esperava-se o primeiro tiro de canhão. Nas esquinas das ruas apareciam e rapidamente desapareciam alguns homens que gritavam: "Vão para casa!" E logo cada um tratava de aferrolhar as portas. Dizia-se: "Como acabará isto?" De instante a instante, à medida que ia anoitecendo, parecia que Paris se coloria mais lugubremente com o formidável flamejar da revolta.

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO

O ÁTOMO FRATERNIZA COM O FURACÃO

I

Alguns esclarecimentos sobre a origem da poesia de Gavroche
Influência de um acadêmico sobre essa poesia

No momento em que a insurreição, surgindo do choque entre o povo e a tropa, diante do prédio do Arsenal, determinou um retorno da multidão que seguia o coche e que, em toda a extensão dos boulevards, pesava, por assim dizer, sobre a frente do préstito, houve um medonho refluxo. A turba oscilou, as fileiras descerraram-se, todos correram, dispersaram-se, fugiram. Uns com gritos de ataque, outros com a palidez da fuga. O grande rio que cobria os boulevards dividiu-se num abrir e fechar de olhos, transbordou para a direita e para a esquerda e espalhou-se em torrentes, por duzentas ruas ao mesmo tempo, com o ímpeto de uma catarata. Neste momento, um menino esfarrapado que descia pela rua Ménilmontant, tendo na mão um galho de falso ébano em flor que ele havia colhido nas alturas de Belleville, viu na vitrine de uma loja de artigos usados uma garrucha velha. Jogou fora o ramo florido e gritou:

— Ei, dona fulana, vou pegar emprestada essa garrucha.

E fugiu levando-a com ele.

Daí a dois minutos, uma onda de burgueses apavorados, que fugiam pela rua Amelot e pela rua Basse, se deparou com o menino brandindo a pistola e cantando:

La nuit on ne voit rien
Le jour on voit très bien
D'un écrit apocryphe
Le bourgeois s'ébouriffe;
Pratiquez la Vertu,
Tutu chapeau pointu![1]

Era Gavroche que partia para a guerra.

No boulevard, ele percebeu que a arma não tinha cão.

De quem era a copla com que ele ritmava os seus passos, assim como todas as demais canções que, nas horas certas, ele gostava de cantar? Ignoramos. Quem saberia dizer? Talvez fossem dele próprio. Mas Gavroche tinha conhecimento de todo tipo de cançoneta popular em circulação e nelas, então, misturava a sua própria lavra. Alegre e pau pra toda obra, ele montava um *pot-pourri* com vozes da natureza e vozes de Paris. Combinava o repertório dos pássaros com o repertório das oficinas de trabalho. Conhecia os aprendizes dessas oficinas, que formavam uma tribo próxima da sua. Ele mesmo, ao que parece, tinha sido por três meses aprendiz numa impressora. Um dia, inclusive, fez uma entrega na casa do poeta e acadêmico Baour-Lormian, um dos "quarenta". Gavroche podia então se considerar um moleque das Letras.

Ele não suspeitava que, naquela péssima noite chuvosa em que ofereceu aos dois pirralhos a hospitalidade do seu elefante, estava exercendo as funções da Providência para os seus próprios irmãos. Salvara ao anoitecer os irmãos e ao alvorecer o pai; é como se pode resumir aquela noite. Deixando a rua dos Ballets no despontar do dia, ele voltou correndo para o elefante, arrancou muito artisticamente do seu interior os dois garotos, repartiu com eles o almoço que improvisou e depois se foi, confiando-os à excelente mãe que mais ou menos o havia criado, a rua. Deixando-os, marcou de se encontrarem no fim do dia, no mesmo lugar, e se despediu com o seguinte discurso:

— Dou nas canelas, ou seja, caio fora, ou ainda, como se diz na corte, tchau. Pirralhada, se não encontrarem papai e mamãe, voltem à noite. Garanto casa e comida.

Os dois meninos, pegos por algum policial e jogados num depósito, roubados por algum cigano ou simplesmente perdidos no imenso labirinto parisiense, não apareceram. Os fundos do mundo social de hoje estão cheios desses rastros perdidos. Gavroche não voltou a vê-los. Dez ou doze semanas se passaram e mais de uma vez ele coçou a cabeça e se perguntou: "Onde diabo se meteram minhas crianças?"

Gavroche havia então chegado, com sua pistola em punho, à rua Pont-aux-Choux. Reparou em que já não havia naquela rua senão uma loja aberta e, coisa digna de reflexão, uma loja de doces. Era uma ocasião providencial para comer uma tortinha de maçã, antes de entrar no desconhecido. Ele parou, apalpou-se e vasculhou os bolsos, não achou nada, nem ao menos um soldo, e gritou:

— Socorro!

Pois é realmente duro ver escapar a guloseima suprema.

Mas nem por isso deixou de continuar o seu caminho.

Dali a dez minutos estava na rua Saint-Louis. Atravessando a rua Parc-Royal, sentiu a necessidade de se compensar da tortinha de maçã inacessível e entregou-se à imensa volúpia de rasgar, à luz do dia, os cartazes dos espetáculos.

Mais adiante, vendo passar um grupo de seres com aparência de magnatas, ele deu de ombros e cuspiu ao acaso essa expectoração de bile filosófica:

— Que bochechas têm estes ricaços! Vê-se mesmo que se empanturram em bons jantares! Perguntem o que fazem com o dinheiro que têm e eles nem sabem. Comem tudo, é claro! Tanto comem que rebentam!

II

Gavroche a caminho

Agitar no ar uma pistola que se tem em punho, mesmo sem cão, no meio da rua, é uma tal atitude pública que Gavroche sentia aumentar sua verve a cada passo e gritava, por entre os fragmentos de "A marselhesa", que ia cantando:

— Vai tudo bem. Dói muito a pata esquerda, estou maltratando meu reumatismo, mas sinto só felicidade, cidadãos. Os burgueses que se aguentem; vou espirrar neles umas coplas subversivas. O que são os caguetes? Uns cachorros. Ai, diabo! Nada de faltar com o respeito aos cães. Bem que gostaria de ter um na minha pistola. Estou vindo do boulevard, meus amigos; a coisa está quente, dá para fazer um caldo, é só deixar ferver. Está na hora de esvaziar o penico. Avante, minha gente! Que um sangue impuro encharque o solo! Dou meus dias pela pátria, não verei mais minha concubina, fi-fi, fim-fim! Mas está tudo bem, viva a alegria! Ao combate, caramba! Estou farto do despotismo.

Nesse instante, o cavalo de um guarda nacional lanceiro passava por ali, escorregou e caiu. Gavroche deixou sua pistola no chão, ajudou o homem a se pôr de pé e, juntos, conseguiram levantar o animal. Feito isso, pegou sua pistola de volta e continuou seu caminho.

Na rua Thorigny, tudo era paz e silêncio. Essa apatia, típica do Marais, contrastava com a barulheira em volta. Quatro comadres conversavam à entrada de

uma casa. A Escócia pode ter suas trincas de bruxas, mas Paris tem quartetos de comadres, e o "serás rei" poderia da mesma forma lúgubre ter sido lançado a Bonaparte na encruzilhada Baudoyer como a Macbeth na charneca de Armuyr. Seria mais ou menos o mesmo coaxar.

As comadres da rua Thorigny só cuidavam das próprias vidas. Eram três porteiras e uma trapeira, com seu gancho e cesto.

Elas pareciam, as quatro, bem postadas nos quatro cantos da velhice, que são a caducidade, a decrepitude, a ruína e a tristeza.

A trapeira era humilde. Nesse mundo exposto ao vento, a trapeira cumprimenta, a porteira protege. Os panos ficavam amontoados numa esquina com pedra de marcação, como exigem os zeladores das residências, volumosos ou magros, segundo a fantasia de quem monta o serviço. Pode haver bondade na vassoura.

A trapeira, com seu cesto, era agradecida e sorria — que sorriso! — às três porteiras. Coisas como estas eram ditas:

— Ah, e o seu gato, ainda malvado?

— Meu Deus, os gatos, como se sabe, são naturalmente inimigos dos cães. Os cães é que se queixam.

— E a gente também.

— Mas as pulgas dos gatos não passam para a gente.

— Com os cachorros não é só a dificuldade, é também o perigo. Lembro de um ano que tanto cachorro andava pelas ruas que se era obrigado a reclamar nos jornais. Foi no tempo em que tinha, nos jardins das Tulherias, uns carneiros grandes que puxavam a charretinha do rei de Roma. Vocês se lembram do rei de Roma?

— Eu gostava mais do duque de Bordeaux.

— E eu conheci Luís XVII. Prefiro Luís XVII.

— É a carne que está cara, sra. Patagon!

— Ah, nem me fale! O açougue está um horror. Um horror mesmo. Não se tem mais alegria.

Nisso a trapeira comentou:

— Senhoras, o comércio está mal. Só se joga fora porcaria imprestável. Não sobra nada.

— Há ainda pessoas mais pobres que você, Vargoulême.

— Ah, isso é verdade — respondeu a trapeira com deferência. — Tenho uma profissão.

Houve uma pausa e a trapeira, cedendo a essa necessidade de ostentação que é a base do ser humano, acrescentou:

— De manhã, chegando em casa, descasco o cesto, faço minha trilhagem (provavelmente triagem). Separo montes no meu quarto. Coloco os trapos num cesto menor, os talos de legumes numa bacia, as roupas no armário, as lãs na cômoda, os papéis velhos no canto da janela, as coisas boas de comer numa tigela, os pedaços de vidro na lareira, os sapatos atrás da porta e os ossos debaixo da cama.

Gavroche, parado um pouco atrás, escutava a conversa.

— Que têm vocês que falar de política, ó velharada!

A reação foi imediata, com resposta quádrupla:

— Um criminoso!

— O que ele tem na mão? Uma pistola?

— Era só o que faltava, esse pivete miserável!

— É gente que não sossega enquanto não derruba a autoridade.

Gavroche, debochado, limitou-se a levantar a ponta do nariz com o polegar, abrindo a mão inteira.

A trapeira exclamou:

— Fedelho!

Aquela que atendia pelo nome de Patagon, bateu com as mãos uma na outra, parecendo se escandalizar:

— Isso é sinal de grandes desgraças! O jovenzinho aqui ao lado, aquele que tem uma barbicha, todo dia passava dando o braço a uma mocinha de touca cor-de-rosa e hoje passou de braço dado com uma espingarda. Diz a sra. Bacheux que houve, semana passada, uma revolução em… em… ora. Ah, em Pontoise! E vejam só esse bandidinho com uma pistola! Parece que está cheio de canhões em Célestins. O que pode fazer o governo com essa cambada que não sabe o que inventar para atrapalhar a gente, logo quando tudo começava já a estar sossegado, depois de tanta desgraça que tivemos, Deus do céu! A pobre rainha que vi passar na charrete! Tudo isso vai acabar fazendo o tabaco ficar mais caro. É infame! Vou com certeza te ver guilhotinado, seu patife.

— Está fungando, minha velha — respondeu Gavroche. — Trata de assoar o promontório.

E saiu dali.

Quando chegou à rua Pavée, compôs este solilóquio, lembrando-se da trapeira:

— Fazes mal em insultar os revolucionários, tia carroça do lixo. Esta pistola vai ser usada a teu favor. É para que tenhas no teu cesto coisas melhores de comer.

De repente ouviu barulho vindo de trás: era a porteira Patagon que o tinha seguido e, de longe, mostrava o punho fechado, gritando:

— Só pode mesmo ser um bastardo!

— É coisa que, realmente, não me preocupa! — gritou de volta Gavroche.

Pouco depois ele passou diante do palacete Lamoignon e ali deu esse grito de guerra:

— A caminho para a batalha!

Mas teve um acesso de tristeza. Olhou para a pistola com um ar de censura que parecia tentar melhorar as coisas.

— Eu vou — disse ele —, mas tu não me acompanhas.

Um cão pode nos fazer esquecer outro. Um cachorrinho bem magro passou. Gavroche teve pena.

— Meu pobre au-au — disse ele. — Você deve ter comido um tonel, pois dá para ver todos os seus aros!

E tomou a direção de Orme-Saint-Gervais.

III

Justa indignação de um cabeleireiro

O digno cabeleireiro que expulsara os dois meninos, aos quais Gavroche franqueara o intestino paternal do elefante, estava naquele momento na sua loja, ocupado em barbear um velho soldado legionário que servira no tempo do império. Eles conversavam. O barbeiro tinha provavelmente falado da revolta, depois do general Lamarque e, conversa puxa conversa, chegaram ao imperador. Disso resultou um diálogo entre o barbeiro e o veterano que, se fosse ouvido por Prudhomme, se enriqueceria com arabescos e poderia se intitular: *Diálogo entre a navalha e o sabre*.

— Que tal montava a cavalo o imperador? — perguntava o barbeiro.

— Mal. Não sabia cair, por isso nunca caía.

— Tinha belos cavalos? Devia ter bonitos cavalos, sendo imperador.

— No dia em que me condecorou, reparei bem de perto. Era uma égua veloz, toda branca. Tinha as orelhas muito afastadas, sela profunda, cabeça bem fina, com uma estrela preta, pescoço muito comprido, os jarretes fortemente articulados, os ilhais salientes, as espáduas oblíquas e forte movimento de garupa. Com pouco mais de quinze palmos de altura.

— Belo animal! — disse o barbeiro.

— O cavalo de Sua Majestade.

O barbeiro percebeu ser conveniente um momento de silêncio depois dessas palavras, conformou-se, mas logo depois continuou:

— O imperador foi ferido apenas uma vez, não é verdade?

O velho soldado respondeu com o tom tranquilo e soberano de quem presenciou o fato:

— No calcanhar. Foi em Ratisbona. Nunca o vi tão bem-vestido como naquele dia. Estava limpo como uma moeda de um soldo.

— O senhor é que deve ter sido ferido muitas vezes.

— Eu? — disse o soldado. — Ah, nada grave! Em Marengo levei dois golpes de sabre na nuca, uma bala no braço direito em Austerlitz, outra no quadril esquerdo em Jena, em Friedland uma baionetada, bem aqui, em Moscou sete ou oito pontadas de lança em diferentes partes do corpo, em Lützen um estilhaço de granada me esmigalhou um dedo … Ah! E depois em Waterloo, um biscainho numa coxa. Foi tudo.

— É invejável a morte no campo de batalha! — exclamou o barbeiro, com um tom pindárico. — Eu, palavra de honra, em vez de espichar de uma doença na cama, lentamente e um pouquinho cada dia, tomando medicamentos e coberto de cataplasmas, a seringa, o médico... prefiro uma bola de canhão na barriga.

— Não é difícil conseguir — observou o soldado.

Ele mal disse isso e uma barulheira imensa abalou toda a loja. Era um vidro da fachada que se tinha violentamente arrebentado.

O barbeiro ficou branco.

— Valha-me Deus! É uma!

— Uma o quê?

— Bola de canhão!

— Aqui está ela — disse o soldado.

E apanhou um objeto que rolara pelo chão. Era uma pedra.

O barbeiro correu à vidraça partida e ainda viu Gavroche fugindo às pressas para o mercado Saint-Jean. O moleque, sentindo pesar no coração a lembrança dos dois meninos e passando diante da loja do barbeiro, não pôde resistir ao desejo de cumprimentá-lo, o que fez, atirando-lhe uma pedra na vidraça.

— Ora, veja só! — revoltou-se o barbeiro, que de branco ficara azul. — É mesmo o mal pelo mal! O que podem ter feito ao garoto?

IV

A criança se espanta com o velho

No mercado Saint-Jean, cuja guarda já fora desarmada, Gavroche se juntou a um bando conduzido por Enjolras, Courfeyrac, Combeferre e Feuilly. Estavam todos mais ou menos armados. Bahorel e Jean Prouvaire tinham chegado um pouco depois e reforçaram o grupo. Enjolras tinha uma espingarda de caça de dois canos; Combeferre, uma espingarda da Guarda Nacional com o número da legião a que pertencera e à cintura levava duas pistolas que a sobrecasaca desabotoada deixava ver; Jean Prouvaire e Bahorel, duas velhas carabinas de cavalaria; Courfeyrac brandia um estoque. Na frente marchava Feuilly, empunhando um sabre e gritando: "Viva a Polônia!"

Vinham assim do cais Morland, sem gravata, sem chapéu, esbaforidos, encharcados pela chuva e com os olhos faiscantes. Com toda a calma, Gavroche se dirigiu a eles:

— Aonde vamos?

— Vem — disse Courfeyrac.

Atrás de Feuilly marchava, ou antes, dava pulos, Bahorel, como peixe em águas revoltas. Vestia um colete encarnado e gritava palavras de ordem. O colete assustou um passante, que gritou:

— Os vermelhos!

— O vermelho, os vermelhos! — respondeu Bahorel. — Isso é um medo tolo, burguês. Eu é que não tremeria diante de uma papoula, e Chapeuzinho Vermelho não me assusta nada. O melhor a fazer, senhor burguês, é deixar o medo do vermelho aos animais com chifres.

Quase ao mesmo tempo, notou uma parede em que estava afixada a mais pacata folha de papel do mundo, um convite a que se comessem ovos, uma pastoral da Quaresma, dirigida pelo arcebispo de Paris às suas "ovelhas".

Bahorel exclamou:

— Ovelhas; maneira delicada de dizer patos!

E arrancou da parede a pastoral. Isso impressionou Gavroche, que dali em diante se interessou por Bahorel.

— Fizeste mal, Bahorel! — exclamou Enjolras. Devias deixar tranquila a pastoral; temos outras coisas de que tratar; não despendas cólera inutilmente.

Conserva a que tens. Não se desperdiça fogo, seja da alma, seja da espingarda, fora do alvo.

— Cada um no seu gênero, Enjolras — respondeu Bahorel. — Essa prosa de bispo me irrita; quero comer ovos sem que me deem licença para isso. Teu gênero é o do frio que queima, e eu procuro me divertir. Aliás, não era um desperdício, era um treino. E se rasguei a pastoral, *Hercle!*, foi para criar apetite.

O *Hercle* maravilhou Gavroche, que procurava todas as ocasiões para se instruir. Aquele destruidor de cartazes tinha a sua estima e ele então perguntou:

— O que quer dizer *Hercle*?

— Quer dizer puta que o pariu em latim — respondeu Bahorel.

Nisso Bahorel reconheceu numa janela um rapaz pálido, de barba preta, que os via passar, provavelmente um Amigo do ABC, e gritou:

— Depressa, cartuchos, *para bellum*!

— Belo homem, é verdade! — disse Gavroche, que já entendia latim.

Um tumultuoso cortejo os acompanhava; estudantes, artistas, jovens filiados da Cogourde de Aix, operários armados de paus e baionetas, alguns, como Combeferre, com pistolas metidas na cintura das calças. Nesse bando ia também um homem que parecia muito velho. Não levava arma alguma e fazia grandes esforços para não ficar atrás, apesar de parecer pensativo. Gavroche o viu.

— Quequeisso? — perguntou ele a Courfeyrac.

— É um velho.

Era o sr. Mabeuf.

V

O velho

Vamos contar o que houve.

Enjolras e os seus amigos estavam no boulevard Bourdon, perto dos celeiros, no momento em que os dragões tinham dado a carga. Enjolras, Courfeyrac e Combeferre estavam entre os que partiram pela rua Bassompierre gritando: "Às barricadas!" Na rua Lesdiguières, encontraram um velho que ia andando.

O que lhes chamou a atenção foi que o pobre homem caminhava fazendo ziguezagues, como se estivesse embriagado. Além disso, levava o chapéu na mão, apesar de ter chovido toda a manhã e de chover ainda muito naquela ocasião. Courfeyrac reconheceu o velho Mabeuf. Conhecia-o por ter, muitas vezes, acompanhado Marius até a sua porta. Conhecendo os hábitos pacatos e mais que tímidos do velho sacristão alfarrabista, e surpreso de vê-lo naquele tumulto, a dois passos das cargas de cavalaria, quase no meio da fuzilaria, com a cabeça descoberta debaixo d'água e passeando por entre as balas, foi até ele. Estabeleceu-se entre o revoltoso de vinte e cinco anos e o octogenário o seguinte diálogo:

— Vá para casa, sr. Mabeuf.

— Por quê?

— Vai haver barulho.

— Está bem.

— Ferimentos a sabre e muitos tiros, sr. Mabeuf.

— Bem, bem.

— Tiros de artilharia.

— Bem, bem; mas os senhores, aonde vão?

— Vamos derrubar o governo.

— Bem, bem.

E passou a segui-los. Depois daquele momento não voltou a dizer uma palavra. Seus passos se tornaram firmes; alguns operários lhe ofereceram o braço e ele recusou com um gesto. Ia quase na primeira fileira da coluna, tendo ao mesmo tempo os movimentos de um homem que anda e o rosto de um homem que dorme.

— Que velho danado! — murmuravam os estudantes.

Por todo o bando circulou o boato de que era um antigo participante da Convenção, um velho regicida. O ajuntamento tomou a rua Verrerie.

Gavroche marchava na frente, cantando com toda a força dos pulmões, suprindo assim a falta de um clarim. Ele cantava:

Voici la lune qui parait,
Quand irons-nous dans la forêt?
Demandait Charlot à Charlotte.

Tou tou tou
Pour Chatou.

Je n'ai qu'un Dieu, qu'un roi, qu'un liard, et qu'une botte.
Pour avoir bu de grand matin
La rosée à même le thym,
Deux moineaux étaient en ribote.

Zi zi zi
Pour Passy.

Je n'ai qu'un Dieu, qu'un roi, qu'un liard, et qu'une botte.
Et ces deux pauvres petits loups
Comme deux grives étaient soûls;
Un tigre en riait dans sa grotte.

Don don don
Pour Meudon.

Je n'ai qu'un Dieu, qu'un roi, qu'un liard, et qu'une botte.
L'un jurait et l'autre sacrait.
Quand irons-nous dans la forêt?
Demandait Charlot à Charlotte.

Tin tin tin
Pour Pantin.

Je n'ai qu'un Dieu, qu'un roi, qu'un liard,et qu'une botte.[2]

E assim tomaram a direção de Saint-Merry.

VI

Recrutas

O bando aumentava a cada passo. Na rua das Billettes juntou-se um homem de elevada estatura, já grisalho, com ares rudes e atrevidos que Courfeyrac, Enjolras e Combeferre notaram, mas que nenhum deles conhecia. Gavroche, ocupado em cantar, assobiar, zumbir, ir sempre à frente e bater na porta das lojas com a coronha da sua pistola sem cão, não reparou no sujeito.

Na rua Verrerie, acabaram passando diante do endereço de Cour-feyrac.

— Ótimo — disse ele —, esqueci a bolsa e perdi meu chapéu.

E saindo do ajuntamento, subiu de quatro em quatro degraus a escada até o seu apartamento. Chegando ali pegou a bolsa e um chapéu velho. Pegou também uma caixa grande e quadrada, com as dimensões de uma mala, que estava escondida entre a roupa suja. Quando descia às pressas, ouviu a voz da porteira:

— Sr. De Courfeyrac!

— Como se chama, senhora porteira?

A porteira ficou embasbacada.

— O senhor sabe muito bem que me chamo sra. Veuvain.

— Muito bem; se continuar a dizer sr. De Courfeyrac chamarei-a sra. De Veuvain. Mas agora diga; por que me chamou?

— Uma pessoa quer lhe falar.

— Quem é?

— Não sei.

— Onde está?

— Na minha saleta.

— Agora não posso! — disse Courfeyrac.

— Há mais de uma hora que o espera! — insistiu a porteira.

Ao mesmo tempo saiu da tal saleta um jovem com aparência de operário, magro, pálido, pequeno, sardento, com uma veste esburacada, calças remendadas de veludo e que mais parecia uma moça vestida de rapaz do que um homem. O desconhecido saiu e disse a Courfeyrac, com uma voz nada feminina:

— Procuro o sr. Marius.

— Não está em casa.

— Sabe se ele volta hoje?

— Não sei.

E Courfeyrac acrescentou:

— Eu, em todo caso, não volto.

O rapaz olhou-o bem e perguntou:

— Por quê?

— É assim.

— E para onde vai o senhor?

— Em que isso o interessa?

— Quer que eu carregue a sua caixa?

— Vou para as barricadas.

— Quer que eu vá com o senhor?

— Se quiser! — respondeu Courfeyrac. — A rua é livre, os paralelepípedos são de todos.

E ele correu para ir encontrar os amigos. Assim que chegou, entregou a caixa a um deles. Só quinze minutos depois notou que o tal rapaz os acompanhava.

Um ajuntamento não vai precisamente aonde quer. Já explicamos que é levado por uma rajada de vento. Ele passou então por Saint-Merry e, sem saber muito bem como, chegou à rua Saint-Denis.

Notas

1 Literalmente: De noite nada se vê,/ De dia se vê muito bem,/ De um escrito apócrifo/ O burguês pouco liga,/ Pratiquem a Virtude,/ Tutu chapéu pontudo! (N.T.)

2 Literalmente: Eis que surge a lua,/ Quando iremos à floresta?/ Perguntava Charlot a Charlotte./ Tou tou tou/ Por Chatou./ Tenho um só Deus, um só rei, um só tostão e uma só bota./ Por terem bebido de manhã cedo/ Orvalho com tomilho,/ dois pardais estavam meio altos./ Zi zi zi/ Por Passy./ Tenho um só Deus, um só rei, um só tostão e uma só bota./ E esses dois pobres filhotes/ Como dois gambás estavam bêbados;/ Um tigre ria deles na sua toca./ Don don don/ Por Meudon./ Tenho um só Deus, um só rei, um só tostão e uma só bota./ Um xingava, quem respondia destratava./ Quando iremos à floresta?/ Perguntava Charlot a Charlotte./ Tin tin tin/ Por Pantin./ Tenho um só Deus, um só rei, um só tostão e uma só bota. (N.T.)

LIVRO DÉCIMO SEGUNDO

CORINTO

I

História do Corinto desde a sua fundação

Os parisienses de hoje em dia que tomarem a rua Rambuteau pelo lado do Halles poderão observar à direita e à frente da rua Mondétour, numa loja de objetos de vime, uma tabuleta apresentando um cesto com a imagem do imperador e essa inscrição:

NAPOLEÃO ESTÁ FEITO

E não terão ideia das cenas terríveis das quais esse mesmo lugar foi palco, há apenas trinta anos.

Era ali a rua da Chanvrerie, que as antigas placas escreviam Chanverrerie, e a célebre taberna denominada Corinto.

Já se falou da barricada levantada nesse lugar, eclipsada, aliás, pela de Saint-Merry. Mas é sobre essa famosa barricada da rua da Chanvrerie, caída hoje em profunda escuridão, que vamos lançar um pouco de luz.

Seja-nos permitido recorrer, para clareza da narrativa, ao meio simples que já empregamos para falar de Waterloo. As pessoas que quiserem ter ideia, de maneira bastante exata, do amontoado de casas que se erguia naquela época, junto da ponta de Saint-Eustache, no ângulo nordeste do Halles, de onde parte hoje a rua Rambuteau, precisam imaginar, tocando a rua Saint-Denis pelo alto e pela base o Halles, um N maiúsculo, cujas duas pernas verticais seriam as ruas da Grande-Truanderie e da Chanvrerie, com a rua da Petite-Truanderie fazendo a ligação transversal. A velha rua Mondétour cortava as três linhas do N por ângulos dos mais tortuosos. De tal modo que a confusão labiríntica daquelas quatro ruas bastava para criar, num espaço de cem toesas quadradas, entre o Halles e a rua Saint-Denis de um lado e entre a rua do Cygne e a dos Prêcheurs do outro, sete ilhotas de casas extravagantemente construídas, de dimensões diversas, jogadas como ao acaso, de

através, e apenas separadas, como os grandes blocos de pedras nos canteiros, por estreitas fendas.

Dizemos estreitas fendas e não podemos dar ideia mais exata daqueles becos escuros, apertados e angulosos, orlados de construções mambembes de oito andares. Esses prédios eram tão decrépitos que nas ruas da Chanvrerie e da Petite-Truanderie as fachadas se escoravam umas nas outras. A rua era estreita e a sarjeta, larga; o transeunte andava sempre numa calçada molhada, passando junto de lojas que pareciam subterrâneos, com grandes marcos de sinalização reforçados de ferro, montões de lixo e portões armados por enormes grades seculares. A rua Rambuteau derrubou tudo isso.

O nome Mondétour descreve maravilhosamente a sinuosidade de toda essa área. Um pouco mais adiante, e lançando-se na Mondétour, a rua Pirouette faz isso de forma ainda mais veemente.

Quem passasse da rua Saint-Denis à rua da Chanvrerie, via-a pouco a pouco estreitar, criando-lhe a sensação de ter entrado num comprido funil. No fim da rua, que era muito curta, a passagem do lado do Halles era cortada por uma alta fileira de casas, dando a impressão de um beco sem saída, mas havia, à direita e à esquerda, dois cortes negros, possibilitando uma saída. Era a rua Mondétour, que se ligava de um lado à rua dos Prêcheurs e, do outro, às ruas do Cygne e da Petite-Truanderie. No fundo dessa espécie de beco, na esquina da direita, notava-se uma casa menos elevada do que as outras e formando na rua uma saliência.

Era nessa casa, de dois andares apenas, que estava festivamente estabelecida, há trezentos anos, uma taberna ilustre, responsável por grandes agitações de alegria, como o velho Théophile assinalou nesses dois versos:

Là branle le squelette horrible
D'un pauvre amant qui se pendit.[1]

O local era bom, os taberneiros sucediam-se ali de pai para filho.

No tempo de Mathurin Régnier, o lugar se chamava Pot-aux-Roses, e como na época estavam em moda as charadas, o letreiro era um poste cor-de-rosa.[2] No século passado, o digno Natoire, um mestre fantasista hoje em dia desprezado pela escola intransigente, embriagando-se muitas vezes naquela taberna, à mesma mesa em que tanto se embriagara Régnier, pintou, por gratidão, no poste cor-de-rosa, um cacho de uvas de Corinto. O dono da casa, contente com a obra, mandou dourar por baixo do cacho de uvas essas palavras: *Uvas de Corinto*. Daí o nome Corinto. Nada

mais natural, para os que bebem muito, que a elipse. A elipse é o zigue-zague da frase. Corinto pouco a pouco destronou Pot-aux-Roses. O último taberneiro da dinastia, sr. Hucheloup, não tendo conhecimento da tradição, mandou pintar o poste de azul.

Uma sala embaixo, onde ficava o balcão, uma sala no primeiro andar, onde ficava o bilhar, uma escada de madeira em espiral, furando o teto, o vinho nas mesas, paredes tisnadas, velas acesas mesmo durante o dia; tal era a taberna. Embaixo havia um alçapão por onde se descia à cave. No segundo andar habitavam os Hucheloup. Subia-se por uma escada que mais parecia de mão, sendo a entrada uma porta disfarçada no salão do primeiro andar. Por cima de tudo havia um sótão dividido em dois, com mansardas, onde moravam as serventes. A cozinha era no térreo, contígua à sala do balcão.

Hucheloup talvez tivesse uma alma de químico; o fato é que foi também cozinheiro: na sua taberna não se bebia apenas, comia-se. Ele inventara algo excelente, que só se comia na sua casa, carpas recheadas, que eram chamadas *carpes au gras*. Comia-se à luz de uma vela de sebo ou de um candeeiro do tempo de Luís XVI, em mesas em que havia pregados uns oleados em vez de toalhas. Muita gente vinha de longe comer ali. Hucheloup pensou um dia em avisar as pessoas sobre a sua "especialidade". Molhou um pincel num balde de tinta preta e, como tinha não só uma cozinha pessoal, mas também uma ortografia, ele improvisou na parede este notável dístico:

CARPES HO GRAS

Um inverno, as tempestades e as geadas tiveram a fantasia de apagar o S que terminava a primeira palavra e o G que começava a última, ficando isto:

CARPE HO RAS

Com a ajuda do tempo e da chuva, o singelo anúncio gastronômico se tornou um conselho profundo.

Desse modo aconteceu que Hucheloup, não sabendo bem francês, soube latim, tirou filosofia da cozinha e, querendo unicamente suplantar Carême, se igualou a Horácio. E o mais impressionante é que isso significava também: entra na minha taberna.

Nada disso existe mais. O dédalo Mondétour, estripado e amplamente aberto já em 1847, provavelmente desapareceu. A rua da Chanvrerie e o Corinto desapareceram na pavimentação da rua Rambuteau.

Como já foi dito, o Corinto era um dos pontos de reunião de Courfeyrac e seus amigos. Grantaire é que havia descoberto a taberna, por causa do *Carpe Horas*, e lá voltou por causa das *Carpes au gras.* Ali comia-se, bebia-se, gritava-se, gastava-se pouco, pagava-se mal ou mesmo não se pagava, e era-se sempre bem recebido. O velho Hucheloup era um bom sujeito.

Bom sujeito, é verdade, e cozinheiro bigodudo, o que dá um personagem interessante. Parecia sempre mal-humorado, querendo intimidar o pessoal da casa, e resmungava toda vez que alguém abria a porta para entrar. Parecia mais disposto a comprar briga do que a vender refeições. Mesmo assim, insistimos, todos eram bem recebidos ali. Essa esquisitice trazia clientes e muitos diziam: "Vamos lá ver o Hucheloup fazer cara feia." Ele tinha sido professor de esgrima. De repente, soltava uma gargalhada. Voz forte, bom coração. No fundo, era um cômico com aparência de trágico. Tudo que queria era assustar, mais ou menos como essas caixinhas de rapé em forma de pistola. Uma detonação que espirra.

Sua mulher era a sra. Hucheloup, barbuda e extremamente feia.

O sr. Hucheloup morreu por volta de 1830 e com ele desapareceu o segredo das *carpes au gras*. A viúva, inconsolável, continuou com a taberna; mas a cozinha degenerou e tornou-se execrável. O vinho, que nunca fora bom, tornou-se horrível. Não obstante Courfeyrac e os seus amigos continuaram a frequentar o Corinto. "Por caridade", dizia Bossuet.

A viúva Hucheloup tinha o fôlego curto, corpo disforme e guardava recordações camponesas. Compensava a insipidez dessas lembranças com a pronúncia. Tinha um modo particular de contar histórias, e com isso temperava suas reminiscências aldeãs e primaveris. Por exemplo, dizia ter sido sua felicidade ouvir "os *loups-de-gorge chanter dans les ogrépines*".[3]

A sala do primeiro andar, onde se situava "o restaurante", era um espaçoso e comprido cômodo, entulhado de tamboretes, banquinhos, bancos, cadeiras e mesas, além de uma velha mesa de bilhar capenga. Chegava-se pela escada em espiral, que desembocava numa quina da sala, por um buraco quadrado, mais parecendo a escotilha de um navio.

Essa sala, iluminada por uma só janela estreita e um fraco lampião sempre aceso, parecia um pardieiro. Todos os móveis de quatro pernas se comportavam como se só tivessem três. As paredes, pintadas de cal, tinham como único ornamento essa quadrinha em homenagem à sra. Hocheloup:

Elle étonne à dix pas, ele épouvante à deux.
Une verrue habite en son nez hasardeux;
On tremble à chaque instant qu'elle ne vous la mouche,
Et qu'un beau jour son nez ne tombe dans sa bouche.[4]

Isso tinha sido escrito com carvão, na parede.

A sra. Hucheloup, bem retratada, ia e vinha à frente da quadrinha, perfeitamente tranquila. Duas criadas, chamadas Matelote e Gibelotte, das quais nunca se soube outros nomes, ajudavam a sra. Hucheloup a pôr nas mesas as jarras de vinho ordinário e os variados caldos que eram servidos aos famintos em tigelas de barro. Matelote, gorda, arredondada, ruiva e berradora, antiga favorita do defunto Hucheloup, era mais feia do que qualquer monstro mitológico; contudo, como a criada deve sempre ficar atrás da patroa, era menos feia do que a sra. Hucheloup. Gibelotte, alta, delicada, clara, de uma alvura linfática, com olheiras e pálpebras caídas, sempre exausta e atarefada, sofrendo do que se poderia chamar fadiga crônica, primeira a se levantar e última a se deitar, servia todo mundo, em silêncio e cuidadosamente, inclusive a colega de trabalho, com uma espécie de vago sorriso adormecido.

Antes de se entrar na sala do "restaurante", lia-se por cima da porta este verso, escrito a giz por Courfeyrac:

REGALE-SE SE PUDER E COMA SE TIVER CORAGEM.

II

Alegrias preliminares

Laigle de Meaux, como se sabe, morava mais na casa de Joly do que em outro lugar. Tinha uma habitação como o passarinho tem um ramo. Os dois amigos viviam juntos, comiam e dormiam juntos. Tudo tinham em comum, incluindo, de certa forma, Musichetta. Na manhã do dia 5, eles foram almoçar no Corinto. Joly,

resfriado, tinha uma forte coriza, que já contagiava Laigle. A casaca de Laigle se mostrava bem gasta, mas Joly estava bem-vestido.

Eram pouco mais de nove horas da manhã quando empurraram a porta do Corinto.

Subiram ao primeiro andar.

Foram recebidos por Matelote e Gibelotte.

— Ostras, queijo e presunto — pediu Laigle.

E sentaram-se a uma mesa.

A taberna estava vazia; eram eles os únicos clientes.

Gibelotte, reconhecendo Joly e Laigle, pôs na mesa uma garrafa de vinho.

Saboreavam suas primeiras ostras, quando viram surgir uma cabeça na escotilha da escada e alguém disse:

— Ia passando, mas senti da rua um cheiro de queijo de Brie tão bom que não pude deixar de entrar.

Era Grantaire, que pegou um tamborete e se juntou aos amigos.

Gibelotte, vendo Grantaire, trouxe mais duas garrafas de vinho.

Ficaram sendo três.

— Vai beber essas duas garrafas? — perguntou Laigle a Grantaire, que respondeu:

— Talentosos são todos, mas ingênuo só você. Duas garrafas de vinho nunca causaram espanto a homem nenhum.

Os outros tinham começado pela comida, Grantaire começou pela bebida

Meia garrafa rapidamente desceu.

— Tem um buraco no estômago? — perguntou Laigle.

— Você, em todo caso, tem um, mas é no cotovelo — respondeu Grantaire.

E depois de esvaziar o copo, acrescentou:

— Ah, Laigle dos discursos fúnebres, tens uma casaca bem velha!

— É por isso que me dou bem com ela. Adapta-se a todas as minhas dobras, ajeita-se às minhas deformidades, acompanha todos os meus movimentos; sinto que estou vestido só porque me aquece. Roupa velha é como os velhos amigos.

— Exatamente — exclamou Joly, querendo entrar na conversa —, como velhos *abigos*.

— Sobretudo para alguém resfriado — disse Grantaire.

— Está vindo do boulevard, Grantaire?

— Não.

— Joly e eu vimos há pouco passar o início do cortejo.

— Um espetáculo baravilhoso — disse Joly.

— Como é tranquila essa rua! — exclamou Laigle. — Quem imaginaria que Paris está de cabeça para baixo? Vê-se logo que havia somente conventos aqui, antigamente! Du Breul e Sauval dão a lista deles; e o padre Lebeuf. Não havia outra coisa ao redor: frades calçados, descalços, tonsurados, barbadinhos, pardos, pretos, brancos, franciscanos, mínimos, capuchos, carmelitas, agostinhos maiores, agostinhos menores, velhos agostinhos… enfim, pululavam!

— Não falemos de frades — disse Grantaire —, eles me dão coceira.

Em seguida exclamou:

— Droga! Engoli uma ostra ruim. A hipocondria outra vez, não escapo. Ostras estragadas e serventes feias. Odeio a espécie humana. Passei há pouco pela rua Richelieu, diante da enorme Biblioteca Pública. Aquela montoeira de cascas de ostras a que chamam biblioteca me faz não querer mais pensar. Quanto papel! Quanta tinta! Quanto rabisco! Tudo registrado! Quem foi o cretino que descreveu o homem como um bípede implume? E depois encontrei uma jovenzinha que conheço, radiante como a primavera, digna de se clamar Floreal, e feliz da vida, flutuando satisfeitíssima, nas nuvens, a miserável, porque ontem um infame banqueiro, marchetado de bexigas, se dignou querê-la! Que miséria! A mulher anda atrás do financista tanto quanto do buquê de junquilho; as gatas tanto caçam ratos quanto passarinhos. Essa mesma donzela, não tem nem dois meses, vivia com juízo numa mansarda, aplicando ilhoses de latão em espartilhos, como diabo se chama isto?, costurava. Tinha uma cama de armar para dormir, morava com um vaso de flores e se considerava satisfeita. E agora, banqueira. A transformação operou-se esta noite. Encontrei a vítima logo pela manhã, saltitante. E o terrível é que a danada está tão bonita hoje como era ontem. O banqueiro não aparecia no seu rosto. As rosas têm algo a mais ou a menos que as mulheres, pois as marcas que as lagartas lhes deixam são visíveis. Não há moralidade nessa terra, prova disso o mirto ser símbolo do amor, o louro o símbolo da guerra, a oliveira, essa bobagem, símbolo da paz, a macieira, que quase asfixiou Adão com seu caroço, e a figueira, avó das saias. Já o direito, querem saber o que é o direito? Os gauleses querem Cluses, os romanos protegem Cluses; podemos nos perguntar que diabos lhes fez Cluses. Breno responde: "O mesmo que fez Alba, o mesmo que fez Fidene, o mesmo que fizeram os équos, os volscos e os sabinos: eram seus vizinhos. Os clusianos são vizinhos nossos. Entendemos a vizinhança como vocês. Roubaram Alba, pegamos Cluses." Roma responde: "Não vão pegar Cluses." Breno pegou Roma. Depois gritou: "*Væ victis!*" É isso o direito. Ah, nesse mundo, quanta rapina! Águias! Me sinto uma galinha .

Ele estendeu o copo a Joly, que o encheu. Em seguida bebeu e continuou seu discurso sem se interromper com o copo de vinho, copo este que ninguém percebeu, nem ele próprio:

— Breno, que toma Roma, é uma águia. O banqueiro, que toma a costureirinha, é uma águia. Como lá, pudor nenhum aqui. Em nada se pode acreditar. Há uma só realidade: beber. Qualquer que seja a sua opinião, prefiram o galo magro, como no cantão de Uri, ou o galo gordo, como no cantão de Glaris, pouco importa, bebam. Falaram do boulevard, do cortejo fúnebre etc. Ah, vamos então ter mais uma revolução? Essa indigência de meios, por parte desse nosso Deus, me espanta. Ele o tempo todo precisa ajeitar as brechas dos acontecimentos. A coisa está indo, não vai mais, rápido, uma revolução. Deus está eternamente com as mãos sujas por causa desse trabalho malfeito. No lugar dele, eu seria mais simples, não ficaria o tempo todo dando corda na mecânica, levaria o gênero humano direitinho, tricotando malha a malha os fatos, sem partir a linha, nunca apelaria para alternativas, não precisaria de repertório extraordinário. O que vocês chamam progresso funciona com dois motores: os homens e os acontecimentos. Mas, infelizmente, de vez em quando o excepcional é necessário. Tanto no que se refere aos acontecimentos quanto aos homens, a tropa ordinária não basta; entre os homens são necessários os gênios e, entre os acontecimentos, as revoluções. Os grandes acidentes são a regra; a ordem das coisas não pode se passar deles. E a se verem as aparições dos cometas, pode-se dizer que inclusive o céu precisa de atores representando. No momento em que a gente menos espera, Deus afixa um meteoro no muro do firmamento. Alguma estrela estranha aparece, arrastando uma cauda enorme. E isso mata César. Brutus deu-lhe um golpe com a faca e Deus com um cometa. Pimba, uma aurora boreal! Uma revolução! Um grande homem! 1793 em letras grandes, Napoleão estrelando, o cometa de 1811 no alto do cartaz. Ah! O belo cartaz azul, constelado de brilhos inesperados! *Bum! Bum!* Espetáculo extraordinário. Ergam os olhos, bobalhões. Tudo desgrenhado, o astro e o drama. Santo Deus, é demais e não o bastante. Esses recursos, pegos na exceção, parecem magnificência e são pobreza. Meus amigos, a Providência apela para expedientes. Uma revolução; isso prova o quê? Que Deus não sabe o que fazer. Causa um golpe de Estado por não ter solução de continuidade entre o presente e o futuro. E porque ele, Deus, não conseguiu juntar as duas pontas. Aliás, isso só me confirma em minhas conjecturas sobre a situação de Jeová. Vendo tanta dificuldade no alto e embaixo, tanta mesquinharia e avareza e sordidez e desespero no céu e na terra, desde o pássaro sem seu grão de milho, como eu sem uma renda de cem mil libras, vendo o destino do homem, bem desgastado, e inclusive o destino da realeza, no bagaço, vide o príncipe

de Condé enforcado, vendo o inverno, que nada mais é do que um rasgão no zênite pelo qual o vento sopra, vendo tanto frangalho, mesmo na púrpura novinha da manhã no alto das colinas, vendo as gotas de orvalho, essas pérolas falsas, vendo a geada, esse diamante falso, vendo a humanidade disparatada e os acontecimentos remendados, e tantas manchas no sol, tantos buracos na lua, vendo tanta miséria por todo lugar, desconfio de Deus não ser nada rico. Mostra aparato, é verdade, mas sinto a falta de recursos. Sob o dourado do céu, percebo um universo pobre. Na Criação há falência. Daí o meu desagrado. Vejam, 5 de junho e está quase escuro. Desde cedo espero que o dia chegue; não chegou e aposto que não virá o dia todo. É uma inexatidão de assalariado mal pago. Ouçam, tudo está mal arranjado, nada se ajusta a nada, esse velho mundo está todo empenado, coloco-me na oposição. Tudo vai aos trancos e barrancos, o universo zomba. É como com os filhos, os que querem não têm, os que não querem têm. Total: estou fora. Além disso, Laigle de Meaux, me incomoda ver esse desgaste. É humilhante pensar que tenho a mesma idade que esse joelho de calça. Aliás, sou crítico, mas não insulto. O universo é o que é. Falo sem más intenções e só por boa consciência. Aceitai, Pai eterno, meus sinceros cumprimentos. Ah! Por todos os santos do Olimpo e todos os deuses do paraíso, não fui feito para ser parisiense, quer dizer, ricochetear para sempre, como uma peteca entre duas raquetes, do grupo dos passeadores desocupados ao grupo dos turbulentos! Fui feito para ser turco, assistindo o dia inteiro a essas fulaninhas orientais nessas lindas danças do Egito, lúbricas como os devaneios de um homem casto ou de um camponês da Beauce. Ou um fidalgo veneziano cercado de fidalgas; ou um principezinho alemão fornecendo meio soldado de infantaria à Confederação Germânica e preenchendo as horas de lazer a secar as meias na sua sebe, quer dizer, na sua fronteira! Para tais destinos foi que nasci! Aliás, eu disse turco e não volto atrás. Não entendo que vejam os turcos com maus olhos. Maomé tem boas coisas. Respeitemos o inventor dos serralhos com huris e paraísos com odaliscas! Não insultemos o maometismo, a única religião que pensou em montar um galinheiro! Dito isso, insisto em beber. A terra é uma enorme besteira. E parece que esses imbecis todos vão à luta, quebrar a cara uns dos outros, se massacrar em pleno verão, no mês de junho, podendo sair com uma criatura no braço, respirar no campo a imensa xícara de chá do feno cortado. Realmente, faz-se muita bobagem. Uma lanterna velha que vi ainda há pouco numa loja de quinquilharia me sugere uma reflexão: é hora de iluminar o gênero humano. Pronto, voltei a ficar triste! É no que dá engolir uma ostra e uma revolução de través! Estou lúgubre. Ah, horrível velho mundo! A gente se esforça, se destitui, se prostitui, se mata e se habitua!

E Grantaire, depois desse acesso de eloquência, foi acometido por um violento acesso de tosse, realmente merecido.

— Por falar em revolução — disse Joly —, parece que *Barius* está, com efeito, *abaixonado*.

— E sabe-se por quem? — perguntou Laigle.

— *Dão.*

— Não?

— *Dão*! Acabei de dizer!

— Os amores de Marius! — exclamou Grantaire. — Posso ver daqui. Marius é um nevoeiro, deve ter achado uma nebulosa. Marius é da raça poética. Quem diz poeta, diz doido. *Tymbrœus Apollo*. Marius e sua Maria, ou sua Mariette ou sua Marion; devem ser uns amores bem estranhos. Posso imaginar, êxtase em que se esquecem de beijar. Castos na terra, mas se acasalando no infinito. São almas com sentidos. Deitam juntos nas estrelas.

Grantaire partia para sua segunda garrafa e talvez o seu segundo grande discurso, quando surgiu da abertura quadrada da escada um novo personagem. Era um rapazinho de menos de dez anos, esfarrapado, amarelo, rosto em forma de focinho, olho vivo, cabelos muito grandes, encharcado de chuva e com ar satisfeito.

O garoto, escolhendo sem hesitar entre os três, conquanto não conhecesse evidentemente nenhum deles, dirigiu-se a Laigle de Meaux.

— É o sr. Bossuet? — perguntou ele.

— Sou, sim — respondeu Laigle —, o que quer de mim?

— Já lhe digo. No boulevard disse-me um sujeito louro: "Conhece a sra. Hucheloup?" "Conheço", disse eu, "na rua da Chanvrerie, a viúva do velho". Ele então continuou: "Vá até lá procurar o sr. Bossuet e diga da minha parte: ABC." Isto é troça com o senhor, não é? Ele me deu dez soldos.

— Joly, me empreste dez soldos — pediu Laigle e, voltando-se para Grantaire, acrescentou: — Grantaire, me empreste dez soldos.

E juntando os vinte soldos deu-os ao menino.

— Muito obrigado — agradeceu ele.

— Como se chama? — perguntou Laigle.

— Navet. Sou amigo do Gavroche.

— Fique conosco — disse Laigle.

— Almoce conosco — acrescentou Grantaire.

— Não posso — retorquiu o pequeno —, sou do cortejo; eu é que grito "Abaixo Polignac".

E recuando muito um dos pés, que é o mais respeitoso dos cumprimentos possíveis, foi-se embora.

Depois que o rapaz saiu, Grantaire tomou novamente a palavra.

— Aquilo é o moleque puro. Há muitas variedades no gênero moleque. O moleque notário se chama salta-sarjeta, o moleque cozinheiro se chama marmita, o moleque padeiro se chama farinha, o moleque criado se chama menino de recados, o moleque soldado se chama tambor, o moleque pintor se chama raspador, o moleque vendedor se chama calçadeiro, o moleque cortesão se chama *ménin*, o moleque rei se chama delfim, o moleque deus se chama bambino.

Entretanto Laigle, que estava meditando, disse a meia-voz:

— ABC, quer dizer: Enterro de Lamarque.

— E o sujeito louro que mandou te chamar é Enjolras — observou Grantaire.

— Vamos? — propôs Bossuet.

— Está chovendo — disse Joly. — Jurei ir ao fogo e não à água. Não quero ficar *bior*.

— Fico aqui — disse Grantaire. — Prefiro um almoço a um coche de enterro.

— Em conclusão — tornou Laigle —, não vamos. Então, bebamos. Aliás, podemos faltar ao enterro sem faltar ao motim.

— Ah, ao *botim* eu vou! — declarou Joly.

Laigle esfregou as mãos:

— São necessários alguns retoques na Revolução de 1830. Na verdade, ela incomoda o povo em seus contornos.

— Essa sua revolução me deixa indiferente — disse Grantaire. — Não detesto esse governo. É a coroa suavizada pela touca de algodão. Um cetro que é meio guarda-chuva. Na verdade, pensei nisso agora, com o tempo que está fazendo hoje, Luís Filipe pode aplicar sua realeza a duas finalidades, estender a parte cetro contra o povo e abrir a parte guarda-chuva contra o céu.

A sala escurecera; espessas nuvens acabavam com a impressão de ser ainda dia. Ninguém na taberna nem na rua; todo mundo tinha ido "ver a confusão".

— É meio-dia ou meia-noite? — gritou Bossuet. — Não se vê nada, Gibelotte, luz!

Grantaire, triste, bebia, enquanto murmurava:

— Enjolras não me leva em consideração. Deve ter dito a si mesmo "Joly está doente e Grantaire, bêbado", por isso mandou Navet com recado para Bossuet. Se tivesse me chamado, eu iria. Azar o dele! Não vou ao enterro.

Tomada essa decisão, Bossuet, Joly e Grantaire não se moveram da taberna. Às duas horas da tarde, a mesa que ocupavam estava coberta de garrafas vazias. E

também duas velas acesas, uma num castiçal de cobre perfeitamente verde, outra no gargalo de uma garrafa lascada.

Grantaire arrastara Joly e Bossuet ao vinho, Bossuet e Joly tinham trazido Grantaire de volta à alegria.

Já desde o meio-dia, Grantaire havia superado o vinho, medíocre fonte de sonhos. O vinho, para beberrões empedernidos, tem um sucesso apenas afetivo. Distinguem-se, no referente à ebriedade, magia negra e magia branca; o vinho não passa de magia branca. Grantaire era um aventuroso bebedor de sonhos. O negrume de uma perigosa bebedeira, que se abrisse à sua frente, em vez de assustá-lo o atraía. Ele tinha deixado de lado as garrafas e aderira ao canecão. O canecão é o abismo. Sem ter à disposição ópio nem haxixe, e querendo encher o cérebro de sombras, ele recorreu a essa terrível mistura de aguardente, cerveja escura e absinto, capaz de produzir letargias tremendas. É com esses três vapores — cerveja, aguardente e absinto — que se faz o chumbo da alma. São três escuridões em que a borboleta celeste se afoga e nelas se forma, numa névoa membranosa vagamente condensada como asa de morcego, três Fúrias silenciosas, o pesadelo, a noite e a morte, esvoaçantes acima de Psiquê adormecida.

Grantaire não chegara ainda a essa fase lúgubre; pelo contrário. Estava prodigiosamente alegre, com Bossuet e Joly a acompanhá-lo. Brindavam. Grantaire acrescentava ao tom excêntrico das palavras e das ideias a divagação do gesto. Apoiava com dignidade o punho direito no joelho, o braço num ângulo apropriado e, com a gravata desatada, a cavalo num banco e copo cheio na mão direita, dirigia à alentada Matelote estas palavras solenes:

— Abram-se as portas do palácio! Que todo o mundo seja da Academia Francesa e tenha o direito de beijar a sra. Hucheloup! Bebamos!

Em seguida, voltando-se para a sra. Hucheloup, acrescentou:

— Mulher antiga e consagrada pelo uso, aproxima-te, deixa-me contemplar-te!

Joly gritou:

— *Batelote* e Gibelotte, *dão* deem *bais* vinho a Grantaire, que já gastou dinheiro *debais*. Desde a *banhã* já se foram, na conta dele, dois francos e noventa e cinco cêntimos!

Grantaire continuou:

— Quem foi que dependurou as estrelas sem minha licença, para vir pô-las na mesa como velas?

Bossuet, completamente bêbado, se mantinha calmo.

Ele estava sentado no parapeito da janela aberta, molhando as costas com a chuva que caía, admirando os dois amigos.

De repente, ouviu logo atrás um tumulto, passos precipitados e gritos de “Às armas!”. Voltou-se e viu passar, na rua Saint-Denis, no fim da rua da Chanvrerie, Enjolras de carabina na mão, Gavroche com a pistola, Feuilly com um sabre, Courfeyrac de espada, Jean Provaire, Combeferre e Bahorel com suas espingardas e, enfim, todo o ajuntamento armado e tempestuoso que os seguia.

A rua da Chanvrerie, da taberna até o seu extremo, não era mais comprida do que o alcance de uma carabina. Bossuet improvisou com as mãos um megafone e gritou:

— Courfeyrac! Courfeyrac! Ei!

Courfeyrac ouviu o chamado, viu Bossuet, deu uns passos na Chanvrerie e perguntou:

— O quê?

A pergunta cruzou com outra:

— Aonde vai?

— Fazer uma barricada — respondeu Courfeyrac.

— Vem fazê-la aqui, é bom lugar; vem fazê-la aqui!

— Tens razão, Laigle de Meaux — disse Courfeyrac.

E fez sinal ao bando, que se precipitou em peso pela rua Chanvrerie.

III

Começa a anoitecer para Grantaire

O ponto era, com efeito, admiravelmente apropriado: larga a entrada da rua, com final estreito e sem saída. O Corinto apertava ainda mais a passagem, a rua Mondétour era fácil de ser embarreirada por ambos os lados e não havia a menor possibilidade de ataque pela rua Saint-Denis; quer dizer, nem pela frente nem pelos fundos. Bêbado, Bossuet tivera a perspicácia de Aníbal sóbrio.

A irrupção dos amotinados assustou toda a rua e incauto nenhum permaneceu na calçada. Num piscar de olhos, atrás, à direita e à esquerda, lojas, oficinas, portas de entrada, persianas, mansardas, janelas de todo tamanho se fecharam de cima a baixo. Apavorada, uma velha pendurou à frente da janela, em dois paus de estender

roupa, um colchão, para amortecer a força das balas. Só a taberna ficou aberta, e isso pela excelente razão de que fora invadida pelos revoltosos.

— Valha-me Deus! — suspirava a sra. Hucheloup.

Bossuet tinha descido ao encontro de Courfeyrac.

Joly, que se tinha posto à janela, gritou:

— Courfeyrac, devia ter trazido um guarda-chuva. Vai pegar um resfriado.

Enquanto isso, em poucos minutos vinte barras de ferro tinham sido arrancadas da grade em frente da taberna e boa parte da rua foi descalçada. Gavroche e Bahorel confiscaram no caminho, e a deitaram de lado, a carroça de um fabricante de cal chamado Anceau, com três barricas cheias, que logo foram colocadas sobre os montões de pedra. Enjolras levantara o alçapão da cave no subsolo e todo o vasilhame vazio da viúva Hucheloup foi se juntar às barricas de cal. Feuilly, com os dedos habituados a colorir as delicadas lâminas de leques, tinha amparado as barricas e a carroça com duas maciças pilhas de entulho, tirado não se sabe de onde. Além disso, tinham sido atravessadas sobre o vasilhame juntado umas vigas bem sólidas que serviam de escora à fachada de uma casa próxima. Quando Bossuet e Courfeyrac desceram, a metade da rua já estava entrincheirada atrás de um muro mais alto que um homem. Nada é mais eficiente do que a mão popular para construir tudo que se pode construir demolindo.

Matelote e Gibelotte se juntaram aos trabalhadores. Gibelotte levava para a barricada cestos de cascalho. Sua indolência ajudava a barricada. Ela servia pedras como teria servido vinho, parecendo dormir.

Pelo fim da rua passou um ônibus, puxado por dois cavalos brancos.

Bossuet saltou por cima das pedras, correu, fez parar o ônibus, convidou os passageiros a saltar, ofereceu a mão às "damas", mandou embora o cocheiro e voltou conduzindo veículo e cavalos pela rédea.

— Ônibus — proclamou ele— não passam diante do Corinto. *Non licet omnibus adire Corinthum.*

Ao cabo de um instante os cavalos desatrelados do veículo caminhavam ao acaso pela rua Mondétour e o ônibus, deitado de lado, completava o bloqueio da rua.

A sra. Hucheloup, transtornada, refugiara-se no primeiro andar.

Tinha os olhos arregalados, olhava sem ver e gritava em voz baixa. Os gritos, de tão apavorados, não ousavam sair da garganta.

— É o fim do mundo! — murmurava ela.

Joly lascou um beijo no volumoso, vermelho e encarquilhado pescoço da sra. Hucheloup, dizendo a Grantaire:

— Sempre considerei, meu amigo, o pescoço feminino algo infinitamente delicado.

Mas Grantaire chegava então às mais altas regiões do ditirambo. Tendo Matelote subido ao primeiro andar, ele a agarrou pela cintura, soltando, junto à janela, estrondosas gargalhadas.

— Matelote é feia! — gritava ele. — Matelote é o sonho da feiura! É uma quimera. Vou revelar o segredo do seu nascimento: um Pigmalião gótico, que fazia gárgulas para catedrais, um dia se apaixonou por uma delas, a mais horrível, e suplicou que Amor a animasse; foi como criou Matelote. Olhai para ela, cidadãos! Tem os cabelos cor de cromato de chumbo como a amante de Ticiano e é boa moça. Garanto que lutará com afinco. Em toda boa moça há um herói. Já a sra. Hucheloup, é uma velha corajosa. Basta ver os bigodes que tem! Herdou-os do marido. Uma hussarda, tenho certeza! Também lutará. Juntas aterrorizarão o subúrbio. Camaradas, derrubaremos o governo; isso é verdade, tanto quanto é verdade haver quinze ácidos intermediários entre o ácido margárico e o ácido fórmico. Aliás, não dou a mínima para isso. Senhores! Meu pai detestou-me sempre, porque nunca pude aprender matemática. Só aprendi o amor e a liberdade. Sou Grantaire, um bom rapaz! Como nunca tive dinheiro, não me acostumei a ele e, por isso, nunca senti sua falta; mas se eu fosse rico, não haveria mais pobres! Vocês veriam! Ah! Se os bons corações tivessem bolsas bem recheadas! Como tudo seria melhor! Imaginem Jesus Cristo com a fortuna de Rothschild! Quanto bem ele não faria! Dá cá um beijo, Matelote! Você tem a volúpia da timidez! Bochechas que pedem beijos de um irmão e lábios que reclamam os de um amante!

— Cala-te, barril! — disse Courfeyrac.

— Sou capitão e mestre nos jogos florais! — respondeu Grantaire.

Enjolras, que estava de pé no alto da barricada, com a espingarda na mão, ergueu seu belo rosto austero. Como foi dito, ele tinha algo do espartano e do puritano. Teria morrido em Termópilas com Leônidas e sido queimado em Drogheda com Cromwell.

— Grantaire! — gritou ele. — Vai curtir o pileque em outro lugar. Aqui só cabe a embriaguez, não os embriagados. Não desonre a barricada!

Essas palavras irritadas produziram em Grantaire um efeito singular. Era como se tivesse recebido um copo de água fria no rosto. Pareceu ficar imediatamente sóbrio. Sentou-se, encostou o cotovelo numa mesa próxima da janela, olhou para Enjolras com imensa doçura e disse.

— Deixe-me dormir aqui.

— Vá dormir noutro canto — gritou-lhe Enjolras.

Mas Grantaire, ainda fitando nele seus olhos ternos e turvos, respondeu:

— Deixe-me dormir aqui até morrer.

Enjolras respondeu com desprezo:

— É incapaz de crer, de pensar, de viver e até de morrer!

Grantaire replicou com voz grave:

— Você verá.

Balbuciou ainda algumas palavras ininteligíveis, deixou cair pesadamente a cabeça na mesa e, o que constituía um efeito bastante comum naquela segunda fase da ebriedade a que Enjolras o havia tão rude e bruscamente lançado, um instante depois ele adormeceu.

IV

Tentativa de consolação à viúva Hucheloup

Bahorel, extasiado com a barricada, exclamou:

— A rua está enfeitada! Como é bom isso!

Courfeyrac, enquanto quase demolia a taberna, tentava consolar a viúva:

— Ó sra. Hucheloup, não se queixava há dias de ter sido intimada a pagar uma multa por Gibelotte ter sacudido um tapetinho à janela?

— É verdade, sr. Courfeyrac. Valha-me Deus! Também leva embora essa mesa? E não só pelo tapete, como também por um vaso de flores que caiu da mansarda na rua, extorquiu-me o governo cem francos de multa. Veja se não é um desaforo!

— Pois é disso que nós vamos vingá-la, sra. Hucheloup.

A velha não parecia compreender muito bem o que ganhava naquele tipo de reparação que lhe faziam. Parecia uma satisfação à maneira daquela árabe, que, tendo levado do marido uma bofetada, foi se queixar a seu pai, pedindo vingança e dizendo: "Pai, pague a meu marido afronta por afronta!" E o pai perguntou: "Em que face ele bateu?" "Na esquerda." O pai deu-lhe então uma bofetada na direita, e disse: "Aí está. Ele esbofeteou minha filha, mas eu lhe esbofeteei a mulher."

A chuva havia parado. Tinham chegado novos recrutas. Alguns operários trouxeram debaixo da roupa um pequeno barril de pólvora, dois ou três archotes do

carnaval, um cesto com garrafas de vitríolo e outro cheio de tigelinhas de iluminação, "sobra da festa do rei", relativamente recente, ocorrida em 1º de maio. As munições, ao que se disse, vinham de um dono de armazém do bairro de Saint-Antoine, chamado Pépin. O único lampião por perto foi quebrado, assim como a lanterna correspondente da rua Saint-Denis e de todas mais em volta: Mondétour, Cygne, Prêcheurs, Grande e Petite-Truanderie.

Enjolras, Combeferre e Courfeyrac dirigiam tudo. Duas barricadas foram levantadas ao mesmo tempo, apoiando-se ambas no Corinto e formando ângulo. A maior fechava a rua da Chanvrerie, a outra fechava a rua Mondétour do lado da rua do Cygne. Esta última, bastante fina, contava apenas com pipas e pedras da pavimentação. Havia nela uns cinquenta trabalhadores, dos quais trinta armados com espingardas, pois a caminho tinham assaltado uma loja de armeiro.

Nada era mais extravagante nem mais colorido que aquele bando. Um vestia traje de noite e empunhava um sabre de cavalaria e duas pistolas de sela, outro em mangas de camisa, chapéu redondo e um polvorinho pendente ao lado, outro se encouraçara com um plastrão de nove folhas de papelão e se armara com uma sovela de seleiro. Havia também um que gritava: "Exterminemos até o último deles e morramos na ponta das nossas baionetas!" Este, aliás, não tinha baioneta. Outro apresentava em cima da sobrecasaca umas correias e patrona da Guarda Nacional, tendo na copa a inscrição, em lã vermelha: Ordem pública. Muitas espingardas com os números de diversas legiões, poucos chapéus, nenhuma gravata, grande número de braços nus, vários chuços. Acrescentem-se a isso todas as idades, todo tipo de fisionomia, rapazotes magros e lívidos e trabalhadores do porto, queimados de sol. Todos se atarefavam e, ajudando-se uns aos outros, comentavam as diferentes probabilidades: receberiam socorro pelas três horas da manhã; contavam com pelo menos um regimento que se aliaria; Paris inteira se sublevaria... Eram alternativas terríveis, nas quais se misturava uma espécie de cordial jovialidade. Sentiam-se todos irmãos e nem sequer sabiam os nomes uns dos outros. Os grandes perigos têm isto de bom: trazem à luz a fraternidade de desconhecidos.

Na cozinha tinham acendido um fogo e fundiam, num molde de balas, canecos, colheres e quanto havia de estanho na taberna. Durante todo esse tempo bebia-se. Cápsulas e mosquetes se espalhavam por cima das mesas, entre copos de vinho. Na sala de bilhar, a sra. Hucheloup, Matelote e Gibelotte, diversamente transformadas pelo terror, uma embrutecida, outra esbaforida e a terceira desperta, rasgavam trapos de linho para ataduras; junto delas, três insurgentes cabeludos, barbudos e bigodudos também desfiavam trapos com dedos que pareciam habituados àquele trabalho e as faziam tremer de medo.

O homem de elevada estatura que Courfeyrac, Combeferre e Enjolras haviam notado, no momento em que ele se juntara ao grupo, na esquina da rua das Billettes, trabalhava na barricada menor, ajudando bastante. Gavroche estava na grande. Já o rapaz que esperara por Courfeyrac em sua casa, para saber de Marius, havia desaparecido mais ou menos no momento em que o ônibus foi tombado.

Gavroche, radiante e parecendo voar, se encarregava dos preparativos. Corria de um lado para outro, subia, descia, tornava a subir, gritava, lançava faíscas. Parecia estar ali para dar ânimo a todos. Tinha uma força extra? Tinha: a miséria. Tinha asas? Com certeza: a alegria. O moleque parecia um azougue. Era visto o tempo todo, ouvido sempre. Preenchia o lugar, onipresente. Tinha uma espécie de ubiquidade quase irritante; nada de pausa, com ele por perto. A enorme barricada o sentia na garupa. Repreendia os ociosos, instigava os preguiçosos, reanimava os cansados, impacientava os pensativos, distribuía alegria a uns, canseira a outros, encolerizava muitos. Sempre em movimento, podia beliscar um estudante e morder um operário. Colocava-se, parava, afastava-se, voava acima do tumulto e do esforço, saltava destes para aqueles, murmurava, zumbia e agitava todo o aparelho. Era a mosca do imenso carro revolucionário.

O moto-contínuo estava nos seus braços frágeis e o perpétuo clamor nos seus pequenos pulmões:

— Caramba! Mais pedras, mais tonéis, mais coisas! Onde tem? Um cesto de entulho aqui, para tapar esse buraco. Está muito pequena, essa barricada. É preciso que cresça. Ponham de tudo, arrumem tudo que acharem. Derrubem a casa, se for preciso. Uma barricada é a casa da mãe Joana. Olhem, temos ali uma porta de vidro.

Isso fez os trabalhadores exclamarem:

— Uma porta de vidro! O que quer que se faça de uma porta de vidro, energúmeno?

— Energúmenos são vocês! — retorquiu Gavroche. — Uma porta de vidro numa barricada é ótima coisa; não impede que seja atacada, mais atrapalha quem quiser tomá-la. Nunca saltaram um muro coberto de fundos de garrafa para roubar maçãs? Uma porta de vidro vai cortar os calos dos guardas nacionais que tentarem escalar a barricada. O vidro engana! E vocês, amigos, têm a imaginação curta!

Ele, na verdade, estava furioso com sua pistola sem cão e o tempo todo corria de um lado para outro gritando:

— Quero uma espingarda! Me deem uma espingarda! Por que não me dão uma espingarda?

— Para você, uma espingarda? — estranhou Combeferre.

— Ora essa! — replicou Gavroche. — Por que não? Então não tive uma em 1830, quando a gente brigou com Carlos X?

Enjolras deu de ombros.

— Quando houver para todos os homens, então daremos também às crianças.

Gavroche voltou-se atrevidamente para ele e respondeu:

— Se morrer antes de mim, vou ficar com a sua.

— Garoto! — censurou-o Enjolras.

— Não sabe de nada! — devolveu Gavroche.

Um homem moço e bem-vestido, entrando sem se dar conta pelo fim da rua, desviou a atenção de Gavroche, que imediatamente gritou para ele

— Ei! Aproxime-se, meu jovem! E então, não faz nada por essa nossa velha pátria?

O rapaz fugiu rápido.

V

Os preparativos

Os jornais daquele tempo, que descreveram a barricada da rua da Chanvrerie como "construção quase inexpugnável", como disseram, chegando à altura de um primeiro andar, se enganaram. Na verdade, a altura média não passava de seis ou sete pés. Estava construída de modo a que os combatentes pudessem, à vontade, abrigar-se atrás, controlar o bloqueio, ou ainda escalar o cimo, por meio de uma quádrupla fileira de pedras, superpostas como degraus pela parte de dentro. Exteriormente a barricada, composta de pedras de calçada, de pipas seguras por vigas e tábuas, encaixadas nas rodas da carroça e do ônibus tombados, apresentava o aspecto de um obstáculo sólido e inextricável. Entre a parede das casas e a extremidade da barricada mais afastada da taberna tinham deixado uma abertura suficiente para passar um homem, tornando possível sair. Na lança do ônibus, erguida no alto sobre a barricada, flutuava, segura com cordas, uma bandeira vermelha.

A barricada menor, erguida na rua Mondétour, oculta por trás da taberna, passava despercebida. As duas, reunidas, formavam um verdadeiro reduto. Enjolras e Courfeyrac não tinham julgado necessário barricar o outro trecho da rua Mondétour, dando acesso pela rua dos Prêcheurs ao Halles, querendo, sem dúvida, manter possível a comunicação com o exterior e pouco se preocupando com um eventual ataque por aquela perigosa e difícil ruela.

Pelo fato de essa saída ter sido deixada livre, constituindo o que Folard, em seu estilo estratégico, denominaria uma "tripa", e considerando também o corte exíguo deixado aberto para a rua da Chanvrerie, o interior da barricada, em que a taberna formava um ângulo saliente, apresentava o aspecto de um quadrilátero irregular, fechado por todos os lados. Entre a grande barragem e as altas casas que formavam o fundo da rua, havia um intervalo de uns vinte passos, de sorte que se podia achar que a barricada se apoiava naquelas casas habitadas, mas fechadas de cima a baixo.

Todo esse trabalho foi executado, sem impedimentos, em menos de uma hora e sem que aquele punhado de valentes visse surgir uma barretina da Guarda ou uma baioneta. Os raros burgueses que se arriscavam ainda, naquele momento da revolta, a passar pela rua Saint-Denis, olhavam para a rua da Chanvrerie, viam a barricada e dobravam o passo.

Concluídas as duas barricadas e desfraldada a bandeira, trouxeram para fora uma mesa e Courfeyrac subiu nela.

Enjolras foi buscar um baú quadrado, que Courfeyrac abriu. Estava cheio de cartuchos. Quando apareceram os cartuchos, um arrepio percorreu os mais bravos e houve um silêncio.

Com um sorriso, Courfeyrac distribuiu a munição.

Cada um recebeu trinta cartuchos. Muitos tinham pólvora e puseram-se a fazer mais, com as balas que estavam fundindo. Quanto ao barril de pólvora, ficou numa outra mesa, de reserva.

O toque da chamada, que percorria Paris inteira, não cessava, mas se tornara apenas um ruído monótono, a que eles não davam atenção. Um ruído que ora se afastava, ora se aproximava com lúgubres ondulações.

Carregavam todos ao mesmo tempo as espingardas e as clavinas, sem precipitação e com solene gravidade. Enjolras foi postar três sentinelas fora das barricadas, uma na rua da Chanvrerie, outra na dos Prêcheurs e a terceira na esquina da Petite-Truanderie.

Construídas as barricadas, distribuídos os postos, carregadas as armas, postadas as sentinelas, isolados no meio daquelas temíveis ruas por onde já não passava ninguém, cercados por aquelas casas mudas e como mortas, onde não palpitava o

mínimo movimento humano, envolvidos pelas primeiras sombras do crepúsculo, no meio daquela obscuridade e silêncio em que se sentia avançar o que quer que fosse e tinha algo de trágico e aterrador, sós, armados, resolutos e tranquilos, eles esperaram.

VI

Enquanto esperavam

O que fizeram naquelas horas de espera?

É indispensável que o digamos, pois tudo isso pertence à história. Enquanto os homens faziam cartuchos e as mulheres ataduras, enquanto as sentinelas velavam, de armas no braço, pela barricada, enquanto Enjolras, incapaz de se distrair, velava pelas sentinelas, reuniram-se Combeferre, Courfeyrac, Jean Prouvaire, Feuilly, Bossuet, Joly, Bahorel e outros mais, como nos dias tranquilos das conversas de estudantes, num canto da taberna transformada em casamata, a dois passos do reduto que tinham levantado, com as carabinas carregadas e engatilhadas, apoiadas no encosto das cadeiras, todos aqueles belos rapazes, tão próximos de uma hora suprema, começaram a recitar versos de amor.

Mas que versos? Estes:

Dize, filha, ainda te lembras
Desses tempos descuidados,
Quando eram só nossos sonhos
Sermos amantes e amados?

Juntando aos meus os teus anos
Ninguém quarenta fizera;
No próprio inverno sombrio
Nos sorria a primavera.

Bom tempo era então; bom tempo!…
Vivia a França em banquete.
Certo dia, no teu cinto
Piquei-me num alfinete.

Eras o enlevo de todos;
Se ias ao Prado jantar,
Quantas vezes via as rosas
De pura inveja corar!…

E então diziam: “Reparem,
“Que aroma, que formosura;
“Hão de pender-lhe dos ombros
“Asas de esplêndida alvura.”

Íamos sós; quem nos via
Punha-se a olhar de soslaio:
Era o doce mês de abril
Casado com o mês de maio.

O nosso refúgio humilde
Todo era amor e alegria;
Mal a boca eu descerrava
Tua alma me respondia.

Tivemos, junto à Sorbonne,
Tanto idílio de inocência!…
Não se imolava a ternura
Sobre as asas da ciência.

Quando, a perna recurvando,
Teu corpo airoso cingia;
Eu, sob o teto da casa,

Uma estrela a brilhar via.

Li Platão, mas esqueceu-me.
Porém, se esses dedos teus
Uma florinha me davam…
Cria logo no bom Deus.

Que amizade aquela nossa,
E, como o tempo desliza…
Às vezes via-te ao espelho,
A sorrir… só em camisa.

Como hei de esquecer-me agora
Dessa quadra de luzeiros,
Quando o amor, como avezinha,
Chilrava dias inteiros!

Um vaso, jardim nos era,
Cobria um pano a vidraça;
Em qualquer taça eu bebia,
Mas tu em chinesa taça.

E bem desgraças pequenas…
O mantelete a esgarçar,
A efígie de Shakespeare
Vendida para cear…

Beijava-te os braços nédios,
Depois as mãos pequeninas.
Um Dante "in-fólio" era a mesa
De centos de guloseimas.

Quando, no canto em que vivo,

Teus lábios senti nos meus,
Tu saíste em desalinho,
Eu fiquei pensando em Deus.

Dessas auroras perdidas
Só resta o vago lembrar.
Oh, com os nossos suspiros
Se hão de na sombra encontrar!

A hora, o local, as recordações da mocidade, algumas estrelas que começavam a brilhar no céu, o repouso fúnebre daquelas ruas desertas e a iminência da inexorável aventura que se preparava davam um encanto patético àqueles versos murmurados a meia-voz no crepúsculo por Jean Prouvaire, que, como dissemos, era um meigo poeta.

Entretanto tinham acendido uma lanterna na barricada pequena, e na grande um daqueles archotes de cera, como os que na terça-feira Gorda se veem nas carruagens carregadas de mascarados, que se dirigem para a Courtille. Os archotes, como se disse, vinham do bairro de Saint-Antoine.

O archote fora colocado dentro de uma espécie de caixa feita de pedras, fechada por três lados, para protegê-lo do vento, e disposto de modo a que a luz se projetasse na bandeira. A rua e a barricada estavam mergulhadas na escuridão e nada se via além da bandeira vermelha, formidavelmente iluminada por uma enorme lanterna furta-fogo.

Aquela luz juntava, ao escarlate da bandeira, não sei qual terrível púrpura.

VII

O homem recrutado na rua das Billettes

Tinha já anoitecido e nada acontecia. Só se ouviam rumores confusos e por instantes algum tiroteio, mas raros, pouco intensos e longínquos. Tanta calma, que

se prolongava, era sinal de que o governo queria tempo e reunia as suas forças. Aqueles cinquenta homens esperavam sessenta mil.

Enjolras sucumbia à impaciência que invade as almas fortes no limiar dos acontecimentos terríveis. Foi procurar Gavroche, que preferira ir fazer cartuchos na sala de teto baixo, à claridade duvidosa de duas velas colocadas com cautela sobre o balcão, por causa da pólvora espalhada pelas mesas. As duas velas não davam o mínimo reflexo para a rua. Os insurgentes, além disso, tinham tido todo o cuidado de não acender luz no primeiro e no segundo andares.

Naquele momento Gavroche parecia muito preocupado, mas não precisamente com os cartuchos.

O homem da rua das Billettes acabara de entrar na sala e sentara-se à mesa que estava no canto mais escuro. Tinha uma espingarda de munição de grande modelo, que ele mantinha entre as pernas. Gavroche, até aquele momento distraído por cem coisas "divertidas", nem mesmo reparara no homem.

Quando ele entrou, Gavroche automaticamente o acompanhou com os olhos, admirando a espingarda. Quando o homem se sentou, o menino rapidamente se levantou. Quem tivesse acompanhado o desconhecido, o teria visto observar todos os detalhes da barricada e todos os insurgentes, com muita atenção, mas ao entrar na taberna parecia ter se concentrado nos próprios pensamentos, sem por nada mais se interessar.

Gavroche se aproximou do pensativo personagem, andando em volta na ponta dos pés, como quando não se quer acordar alguém que está dormindo. No seu rosto infantil, ao mesmo tempo descarado e sério, leve e profundo, alegre e aflitivo, simultaneamente se esboçaram todas as caretas de velho que significam: "Ora esta!", "Não pode ser!", "Estou sonhando!", "Será?…", "Não, não pode ser!", "Mas é!", "Nãããão!" etc. etc.

Gavroche oscilava de uma perna para a outra, apertava os dois punhos dentro dos bolsos, movia o pescoço como um pássaro, punha num bico desmedido toda a sagacidade do seu lábio inferior. Estava estupefato, incerto, incrédulo, convencido, deslumbrado. Parecia um chefe de eunucos que descobrisse no mercado de escravas uma Vênus entre feiosas, ou um diletante reconhecendo um Rafael num monte de porcarias. Tudo nele se achava em exercício; o instinto que fareja e a inteligência que combina. Ele evidentemente, chegava a algo importante.

Foi no auge dessa preocupação que Enjolras chegou junto dele.

— Você é pequeno — disse Enjolras —, portanto não o verão. Saia das barricadas, ande pelas ruas, sempre encostado às casas, e depois me conte o que tiver visto e ouvido.

Gavroche empertigou-se o quanto pôde.

— Então os pequenos servem para alguma coisa!? Que bom! Faço isso! Confie nos pequenos e desconfie dos grandes…

E, levantando a cabeça e abaixando a voz, ele acrescentou, indicando o homem da rua das Billettes:

— Vê aquele ali?

— Vejo.

— É um espião da polícia.

— Tem certeza?

— Há menos de quinze dias me puxou pelas orelhas da cornija da ponte Royal, onde eu estava tomando ar.

Enjolras afastou-se rapidamente do menino e foi dizer algumas palavras quase em segredo a um trabalhador do mercado dos vinhos, que estava por perto. O homem deixou a sala e voltou quase imediatamente com três outros. Os quatro, quatro estivadores de ombros largos, foram se colocar, sem chamar atenção, atrás da mesa em que estava o homem da rua das Billettes, claramente prontos para se lançarem em cima dele. Enjolras aproximou-se então do sujeito e perguntou:

— Quem é o senhor?

Ouvindo a pergunta inesperada, o homem deu um pulo. Mergulhou o olhar até o fundo das cândidas pupilas de Enjolras e pareceu entender o fundo da questão. Sorriu com o sorriso mais desdenhoso, enérgico e resoluto que se pode imaginar no mundo e respondeu, com grave altivez:

— Entendo... Tem razão!

— É um espião?

— Sou agente da autoridade.

— Como se chama?

— Javert.

Enjolras fez sinal aos quatro homens. Num abrir e fechar de olhos, antes que Javert pudesse se levantar, foi agarrado pelo pescoço, lançado por terra, amarrado e revistado.

Acharam um cartãozinho redondo preso entre dois vidros, tendo de um lado as armas da França com os dizeres: SEGURANÇA E VIGILÂNCIA. Do outro lado: JAVERT, INSPETOR DE POLÍCIA; CINQUENTA E DOIS ANOS DE IDADE e a assinatura de Gisquet, então chefe de polícia.

Encontraram, além disso, um relógio e uma bolsa com algumas moedas de ouro, que lhe foram deixados. No mesmo bolso em que estava o relógio, havia também

um envelope, com um papel em que Enjolras leu essas cinco linhas, escritas de próprio punho pelo chefe de polícia:

> Assim que terminada sua missão política, o inspetor Javert deve averiguar, por vigilância especial, se malfeitores se estabelecem junto ao rio, na margem direita do Sena, na altura da ponte de Iéna.

Uma vez completamente revistado, Javert foi posto de pé, teve os braços amarrados atrás das costas e o prenderam no célebre poste que, noutro tempo, deu nome à taberna, no meio da sala.

Gavroche, que presenciou toda essa cena, aprovando-a com um silencioso meneio da cabeça, aproximou-se de Javert e disse:

— Foi o rato que apanhou o gato.

Tudo isso se passou tão rapidamente que, só depois de terminado, notou-se que Javert não soltara um só grito. Courfeyrac, Bossuet, Joly, Combeferre e os demais que estavam na rua, vendo Javert amarrado, correram para se informar.

Javert, preso ao poste e tão bem amarrado que não podia fazer o mínimo movimento, ergueu a cabeça com a intrépida serenidade de quem nunca mentiu.

— É um espião — explicou Enjolras.

E voltando-se para Javert:

— Dez minutos antes de tomada a barricada será fuzilado.

Javert replicou no seu tom mais imperioso.

— Por que não agora?

— Porque precisamos poupar a pólvora.

— Usem a faca.

— Espião — disse o belo Enjolras —, somos juízes e não assassinos.

Em seguida ele chamou Gavroche.

— Não fez o que eu disse?

— Já estou indo — gritou ele.

Mas parando um instante antes de partir, acrescentou:

— Ah, quero a espingarda! Fiquem com o músico, mas o fagote é meu.

O moleque fez uma continência militar e saiu feliz da vida pela abertura da grande barricada.

VIII

Muitos pontos de interrogação sobre um certo Le Cabuc, que provavelmente não se chamava assim

A descrição trágica que fizemos não estaria completa se o leitor não apreciasse em seu relevo exato e real os grandes momentos do parto social e do nascimento revolucionário — em que há convulsão envolta em esforço —, se omitíssemos, no esboço aqui traçado, um incidente cheio de horror épico e feroz, que sobreveio logo após a partida de Gavroche.

Os ajuntamentos, como é sabido, se comportam como bolas de neve e aglomeram, enquanto rolam, muitos homens tumultuosos. São pessoas que não se perguntam, umas às outras, de onde vêm. Entre os indivíduos que se tinham juntado ao grupo conduzido por Enjolras, Combeferre e Courfeyrac, havia um com jaquetão de estivador, puído nos ombros, que gesticulava, vociferava e parecia um bêbado selvagem. O sujeito, chamado ou apelidado Le Cabuc, e aliás desconhecido daqueles que diziam conhecê-lo, muito embriagado ou fingindo estar, sentara-se com alguns outros a uma mesa que tinha puxado para fora da taberna. Esse tal Cabuc, incentivando a beber os que lhe faziam companhia, parecia observar com ar de reflexão o grande prédio que ficava no fundo da barricada, cujos cinco andares dominavam toda a rua da Chanvrerie e davam para a rua Saint-Denis. De repente ele exclamou:

— Sabem de uma coisa, camaradas?! Daquela casa é que devemos fazer fogo. Se estivermos naquelas janelas, os diabos me levem se alguém for capaz de entrar na rua!

— Sim, mas a casa está fechada — disse um dos companheiros.

— Batamos!

— Não abrirão.

— Arrombemos!

Le Cabuc correu para a porta, que tinha uma pesada argola de ferro, e bateu. A porta não se abriu. Bateu uma segunda vez. Nada. Uma terceira vez. O mesmo silêncio.

— Tem alguém aí? — gritou Le Cabuc.

Não se ouviu o mínimo rumor.

Então pegou uma espingarda e começou a desferir coronhadas contra a porta. Era uma porta antiga e reforçada, baixa, estreita, sólida, toda de carvalho e forrada por dentro com uma folha de ferro; digna de uma bastilha. As coronhadas faziam tremer o edifício, mas não abalavam a porta.

É de se crer, no entanto, que os moradores tenham se assustado, porque se viu, enfim, aparecer luz numa janelinha quadrada do terceiro andar, e pouco depois surgir uma vela e o rosto beato e assustado de um velho, que era porteiro do prédio.

O homem que estava batendo interrompeu-se.

— O que querem os senhores? — perguntou o porteiro.

— Abra! — disse Le Cabuc.

— Não posso fazer isso!

— Já disse para abrir!

— É impossível.

Le Cabuc meteu a espingarda na cara e fez pontaria no porteiro; mas como estava embaixo e a noite era muito escura, não foi visto por ele.

— Vai abrir ou não?

— Não.

— Disse que não?

— Digo que não, meu ami…

O porteiro não terminou a palavra. Disparado o tiro, a bala entrou por baixo do queixo e saiu pela nuca, depois de atravessar a jugular. O velho desabou sem soltar um suspiro. A vela caiu e se apagou, ficando apenas uma cabeça imóvel pousada sobre o parapeito da janelinha e um pouco de fumaça esbranquiçada que se ia em direção ao telhado.

— É isso aí! — disse Le Cabuc, deixando cair no chão a coronha da espingarda.

Mal tinha porém pronunciado essas palavras, sentiu descer no seu ombro uma dura mão com o peso de uma garra de águia e ouviu lhe dizerem:

— Ajoelhe!

O assassino voltou-se e se deparou com o rosto alvo e frio de Enjolras, que tinha na mão uma pistola.

Ouvindo a detonação, ele tinha vindo.

Com a mão esquerda agarrara a gola, o jaquetão de operário, a camisa e o suspensório de Cabuc.

— Ajoelhe! — repetiu ele.

O frágil rapaz de vinte anos dobrou como um junco o homem atarracado e forte, obrigando-o a se ajoelhar na lama. Le Cabuc tentou resistir, mas era como se um pulso sobrenatural o dominasse.

Pálido, com o pescoço nu, cabelos despenteados e seu rosto feminino, naquele momento Enjolras era, de certa maneira, a representação da antiga Têmis. As narinas dilatadas e os olhos baixos davam, a seu implacável perfil grego, a expressão da cólera e da castidade que, segundo o modo de ver do antigo mundo, convém à justiça.

Toda a gente da barricada se concentrou ali, dispondo-se em círculo a certa distância, sabendo ser impossível pronunciar qualquer palavra diante do que se ia presenciar.

Subjugado, Le Cabuc já não tentava resistir e tremia como vara verde.

Enjolras largou-o e puxou o relógio.

— Recolha-se em seu íntimo — disse ele —, reze ou simplesmente pense. Tem um minuto apenas.

— Perdão! — murmurou o assassino; depois curvou a cabeça e balbuciou alguns juramentos inarticulados.

Enjolras não afastou os olhos do relógio; deixou passar um minuto e meteu-o de volta no bolso. Feito isso, pegou Le Cabuc pelos cabelos, que se agarrava a seus joelhos, e apoiou no seu ouvido o cano da pistola. Muitos daqueles homens intrépidos, que tinham entrado com tanta tranquilidade naquela terrível aventura, desviaram a cabeça.

Ouviu-se a detonação, o assassino caiu, batendo com a fronte na calçada, e Enjolras endireitou-se, lançando em volta um olhar de severa convicção.

Depois deu com o pé no cadáver, dizendo:

— Joguem isto fora.

Três homens ergueram o corpo do miserável, que se agitava com as últimas convulsões maquinais da vida extinta, e lançaram-no por cima da barricada pequena, na rua Mondétour.

Enjolras ficou pensativo. Sob a sua terrível serenidade espalhavam-se vagarosamente não sei quais grandiosas trevas. De repente ergueu a voz. Tudo ficou silencioso.

— Cidadãos — disse ele —, o que esse homem fez é medonho, o que eu fiz é horrível. Matei-o porque matou. Fui obrigado a isso, porque é necessário manter a disciplina da insurreição; o assassínio aqui é maior crime do que em qualquer outra parte; estamos sob as vistas da revolução, somos as hóstias do dever, é necessário que não possam caluniar o nosso combate. Julguei e condenei à morte esse homem. A mim mesmo, forçado a fazer o que fiz, detestando isso, julguei-me também, e dentro em pouco verão a que me condenei.

Os que estavam escutando estremeceram.

— Participaremos da tua sorte! — exclamou Combeferre.

— Pois seja — tornou Enjolras. — Ainda uma palavra. Punindo esse homem, obedeci à necessidade; mas a necessidade é um monstro do velho mundo; a necessidade chama-se Fatalidade. Ora, a lei do progresso reza que os monstros desapareçam diante dos anjos e que a Fatalidade se desvaneça em presença da Fraternidade. Não é o melhor momento para pronunciar a palavra amor. Mesmo assim pronuncio e glorifico-a. O Amor é o futuro. Sirvo à Morte, mas odiando-a. Cidadãos, no futuro não haverá trevas, raios, ignorância feroz nem talião sangrento. Não haverá mais Satã nem Miguel. No futuro ninguém matará seu semelhante, a terra resplandecerá, o gênero humano amará. Chegará o dia, cidadãos, em que tudo será concórdia, harmonia, luz, alegria e vida; há de chegar. E é para que chegue que morreremos!

Enjolras calou-se. Seus lábios de virgem cerraram-se e ele permaneceu ainda por algum tempo de pé no lugar em que derramara sangue, numa imobilidade de mármore. O seu olhar fixo fazia com que todos falassem baixo ao redor.

Jean Prouvaire e Combeferre apertaram-se silenciosamente a mão e, postados um e outro no ponto que formava o ângulo da barricada, contemplavam, com um assombro em que havia compaixão, o grave rapaz, algoz e sacerdote, luminoso como o cristal, mas feito de rocha.

Digamos desde já que mais tarde, depois da ação, quando os cadáveres foram recolhidos e revistados para serem em seguida enterrados, foi achada em Le Cabuc uma identificação de agente da polícia. O autor deste livro teve nas mãos, em 1848, o relatório especial que foi apresentado sobre esse episódio ao chefe de polícia de 1832.

Acrescentemos que, a se dar crédito a uma estranha tradição policial, provavelmente bem fundada, Le Cabuc era Claquesous. De qualquer forma, a partir da morte de um, não se falou mais do outro. Claquesous não deixou o menor rastro do seu desaparecimento: parece ter se amalgamado ao invisível. Sua vida compusera-se de trevas; o seu fim foi a noite.

O grupo insurgente ainda se encontrava sob o impacto do trágico processo, tão rapidamente instaurado e tão rapidamente terminado, quando Courfeyrac viu na barricada o rapaz que de manhã procurava Marius no seu endereço.

O rapaz, que tinha aparência atrevida e despreocupada, voltara à noite para se juntar aos insurgentes.

Notas

1 Literalmente: Lá balança o esqueleto horrível/ De um pobre amante que se enforcou. (N.T.)

2 A expressão em francês significa “vaso de rosas”, mas por homofonia pode ser um “poste rosa”. (N.T.)

3 Provavelmente “*les rouge-gorge chanter dans les aubépines*”, isto é, “os pintarroxos cantarem nos espinheiros”. (N.T.)

4 Literalmente: Ela a dez passos espanta e a dois assusta./ Uma verruga mora ao acaso no seu nariz;/ Treme-se de medo a cada instante que ela a assoe,/ E que um belo dia o nariz lhe caia na boca. (N.T.)

LIVRO DÉCIMO TERCEIRO

MARIUS ENTRA NA SOMBRA

I

Da rua Plumet ao bairro de Saint-Denis

Aquela voz que no crepúsculo chamara Marius para a barricada da rua da Chanvrerie produziu nele o efeito da voz do destino. Queria morrer e a ocasião se oferecia: batiam na porta do sepulcro, uma invisível mão emergia da sombra e oferecia a chave. Essas lúgubres aberturas que se criam nas trevas, frente ao desespero, são tentadoras. Marius afastou a grade que tantas vezes o deixara passar, saiu do jardim e disse: "Vamos!"

Enlouquecido de dor, não sentindo já coisa alguma firme nem sólida no cérebro, incapaz de aceitar o menor favor da sorte depois daqueles dois meses de arroubos juvenis e apaixonados, tinha apenas um desejo: chegar ao fim.

Pôs-se a caminhar apressado. Por acaso estava armado, tendo nos bolsos as pistolas de Javert.

O rapaz que ele achou ter visto desaparecera por uma das ruas próximas.

Marius, que saiu da rua Plumet pelo boulevard, atravessou a Esplanada e a ponte dos Invalides, a Champs-Élysées, a praça Luís XV e chegou à rua de Rivoli. As lojas estavam abertas, o gás iluminava as arcadas, as casas de modas estavam cheias de senhoras fazendo compras, no Café Laiter tomava-se sorvete e comiam-se docinhos na Pâtisserie Anglaise.

Marius tomou a passagem Delorme e chegou à rua Saint-Honoré. As lojas já tinham semifechado as suas portas e os lojistas conversavam diante delas. Pedestres circulavam ainda, os lampiões estavam acesos e, a partir do primeiro andar, em todas as janelas se via luz, como num dia normal. Na praça do Palais-Royal estacionava uma força de cavalaria.

Marius seguiu pela rua Saint-Honoré. À medida que se afastava do Palais-Royal, viam-se menos janelas iluminadas. As lojas estavam completamente fechadas, ninguém conversava às portas, a rua ia ficando mais escura e, ao mesmo tempo, mais espessa a multidão. Pois não eram mais passantes que circulavam, era uma

multidão. Não se ouvia ninguém falar, não obstante saía daquele ajuntamento um surdo e profundo zumbido.

Ali pela fonte do Arbre-Sec, viam-se "agrupamentos", amontoados imóveis e sombrios, formados pelos que iam e os que vinham, como pedras no meio de um fluxo d'água.

À entrada da rua de Prouvaires, a multidão já não caminhava. Era um bloco resistente, maciço, sólido, compacto, quase impenetrável, de gente falando em voz baixa. Quase não se via ali sobrecasaca ou chapéu redondo. Jaquetões, vestes de trabalho e bonés; cabelos desgrenhados e terrosos. Gente que confusamente ondulava no meio da bruma noturna. A troca de palavras em voz baixa tinha o tom rouco de um bramido. Mesmo que ninguém andasse, ouvia-se um pisotear na lama. Para além dessa massa de pessoas, na rua do Roule, na de Prouvaires e no prolongamento da Saint-Honoré, não havia uma única janela em que brilhasse luz. Gradativamente desapareciam nessas ruas as filas solitárias de lampiões. Estes, naquele tempo, pareciam estrelas grandes e vermelhas penduradas em cordas, lançando na pavimentação uma sombra com a forma de uma enorme aranha. Mas não que as ruas estivessem desertas. Distinguiam-se sarilhos de armas, baionetas movendo-se e tropas em expectativa. Nenhum curioso ultrapassava aquele limite. Ali cessava a circulação. Ali terminava a multidão e começava o exército.

Marius seguia, com a vontade de quem já não espera coisa alguma. Tinha sido chamado, era preciso que fosse. Achou meio de atravessar a multidão e o espaço ocupado pelas tropas, escondeu-se à passagem das patrulhas e evitou as sentinelas. Improvisou um desvio, chegou à rua Béthisy e se dirigiu ao Halles. Na esquina da rua de Bourdonnais já não havia lampiões.

Depois de ter ultrapassado a zona da multidão e atravessado a raia das tropas, estava dentro de algo assustador. Pedestre nenhum, nenhum soldado, nenhuma luz; ninguém. A solidão, o silêncio, a noite e não sei que frio a penetrar no corpo. Cada rua parecia um subterrâneo.

Marius continuou em frente.

Deu alguns passos. A seu lado passou alguém correndo. Homem ou mulher? Uma ou mais pessoas? Não saberia dizer. O que quer que fosse, passara e desaparecera.

Finalmente chegou a uma rua que julgou ser a de Poterie e, no meio dela, esbarrou num obstáculo. Estendeu as mãos. Era uma carroça tombada. Com os pés sentiu haver poças úmidas, desníveis e muitas pedras, umas dispersas, outras amontoadas. Era uma barricada começada e abandonada. Subiu por um monte de entulho e atravessou a barreira. Guiou-se pelos marcos de rua, seguindo junto das

casas. Pouco depois da barricada, achou distinguir mais adiante algo esbranquiçado. Aproximou-se e a coisa tomou forma. Eram dois cavalos brancos: os do ônibus desatrelado de manhã por Bossuet, que tinham o dia todo vagado ao acaso, de rua em rua, e acabaram ali, com a perplexidade dos irracionais que não compreendem mais as ações do homem, assim como o homem não compreende as da Providência.

Marius não fez caso dos cavalos. Chegando a uma rua que lhe pareceu ser a do Contrat-Social, ouviu um tiro de espingarda disparado não soube de onde. A bala, em todo caso, atravessou a escuridão, sibilou bem perto dele e foi furar uma bacia de cobre pendurada acima da porta de um barbeiro. Em 1846 via-se ainda, na rua do Contrat-Social, na altura dos pilares do Halles, essa bacia de barba, furada.

Mas o tiro foi ainda um indício de vida. Depois disso não houve mais coisa nenhuma.

Todo aquele itinerário parecia uma descida por negros degraus.

Marius nem por isso deixou de seguir em frente.

II

Paris vista do alto, por uma coruja

Alguém que naquele momento pudesse pairar sobre Paris com as asas de um morcego ou de uma coruja veria um triste espetáculo.

Toda a velha área do Halles, que é uma cidade dentro da cidade, atravessada pelas ruas Saint-Denis e Saint-Martin e pela qual se entrecruzam mil ruelas, que os revoltosos tinham transformado em reduto e praça de armas, teria dado a impressão de um enorme buraco sombrio, aberto no centro de Paris. A vista, ali, caía num abismo. Devido aos lampiões quebrados e às janelas fechadas, cessara todo brilho, toda vida, todo rumor, todo movimento. A invisível polícia da revolta vigiava por todo canto e mantinha a ordem, isto é, a noite. Mergulhar a minoria numa ampla escuridão, multiplicar cada combatente pelas possibilidades que essa escuridão oferece é a tática necessária da insurreição. No final do dia, qualquer abertura pela qual uma vela desse sinal de vida, recebia bala. A luz se apagava, às vezes com o morador morto. Nada também se mexia. Restava por ali apenas o medo, o luto, a

surpresa no interior das casas e, nas ruas, o horror sagrado. Nem sequer se percebiam as compridas linhas de janelas e de andares, o desenho das chaminés e dos telhados, os vagos reflexos que brilham nas ruas enlameadas e molhadas. O olho que observasse do alto aquele amontoamento de sombras talvez percebesse, num ponto ou noutro, distantes, claridades indistintas realçando linhas quebradas e estranhas, o desenho de construções singulares, algo semelhante a fulgores, indo e vindo entre as ruínas. Eram as barricadas. O resto era um lago escuro, brumoso, pesado, fúnebre, acima do qual se erguiam vultos imóveis e lúgubres, a torre Saint-Jacques, a igreja Saint-Merry e dois ou três desses edifícios que o homem constrói como gigantes e a noite transforma em fantasmas.

Em torno de todo aquele labirinto deserto e inquietante, nos lugares em que a circulação parisiense ainda existia, onde brilhavam alguns raros lampiões, poderia o observador aéreo distinguir a cintilação metálica dos sabres e das baionetas, o rodar surdo da artilharia, os movimentos dos batalhões silenciosos, engrossados a cada minuto, formando um fecho formidável, que vagarosamente tolhia e espremia a revolta.

O bairro cercado se tornara uma espécie de monstruosa caverna; tudo ali parecia adormecido ou imóvel. Como acabamos de ver, nenhuma das ruas por onde se podia penetrar apresentava o que fosse, além da sombra.

Sombra feroz, cheia de armadilhas, de choques desconhecidos e assustadores, onde era medonho penetrar e horrível permanecer, onde os que entravam tremiam pensando nos que os esperavam, onde os que esperavam tremiam pensando nos que iam chegar. Combatentes invisíveis entrincheirados a cada esquina de rua, obstáculos sepulcrais na escuridão da noite. Estava tudo acabado. Já não havia a esperar outra claridade que não fosse o lampejo das armas, nem outro encontro além da aparição brusca e rápida da morte. Onde? Como? Quando? Não se sabia; mas era certa e inevitável. Ali, naquele lugar escolhido para a luta, o governo e a insurreição, a Guarda Nacional e as sociedades populares, a burguesia e a revolta se tateavam. Tanto para uns quanto para outros, a necessidade era a mesma. Saírem dali mortos ou vencedores era o único fim possível. Situação tão extrema, obscuridade tão poderosa que os mais tímidos se sentiam resolutos e os destemidos se horrorizavam.

No mais, de ambos os lados a mesma fúria, a mesma persistência, a mesma determinação. Para uns, avançar significava morrer, mas ninguém pensava em recuar; para outros, ficar significava morrer, mas ninguém pensava em fugir.

Era preciso que no dia seguinte tudo estivesse terminado, que o triunfo ficasse de um lado ou de outro, que a insurreição fosse uma revolução ou simples escaramuça. Era como entendiam o governo e os partidos, qualquer burguês o

pressentia. Donde a aflição que se colava à sombra impenetrável daquela área da cidade em que tudo se decidiria; donde o crescimento da ansiedade sob aquele silêncio do qual sairia uma catástrofe. Ouvia-se um só barulho, dilacerante como um estertor, ameaçador como uma maldição, o toque a rebate de Saint-Merry. Nada mais glacial do que o clamor daquele sino desesperado, lamentando-se nas trevas.

Como sucede muitas vezes, a natureza parecia estar de acordo com aquilo a que os homens se preparavam. Nada incomodava as funestas harmonias daquele conjunto. As estrelas tinham desaparecido; pesadas nuvens envolviam todo o horizonte com suas dobras melancólicas. Um céu negro cobria aquelas ruas mortas, como imensa mortalha estendida sobre imenso túmulo.

Enquanto uma batalha ainda política se preparava naquele local, que já tinha visto tantos acontecimentos revolucionários, enquanto os jovens, as sociedades secretas, as escolas, em nome dos princípios, e a classe média, em nome dos interesses, se abordavam para o combate, para o choque e para se destruírem, enquanto cada um apressava e esperava aquela hora última e decisiva da crise; distante e fora dessa área fatal, nas profundezas das insondáveis cavidades dessa velha Paris miserável, que desaparecia sob os esplendores da Paris feliz e opulenta, ouvia-se bramir surdamente a sombria voz do povo.

Voz terrível e sagrada, que se compõe do rugido da fera e da palavra de Deus, que aterra os fracos e adverte os sábios, que ao mesmo tempo vem de baixo, como a voz do leão, e de cima, como a do trovão.

III

O ponto extremo

Marius chegou ao Halles.

Ali estava tudo mais sossegado, mais escuro, mais imóvel ainda do que nas ruas vizinhas. Era como se a paz glacial do sepulcro tivesse escapado da terra e se espalhado sob o céu.

Sobre esse fundo negro, no entanto, certa vermelhidão realçava os altos telhados das casas que fechavam a rua da Chanvrerie pelo lado da igreja de Saint-Eustache. Era o reflexo do archote que ardia na barricada do Corinto. Marius se dirigia para essa vermelhidão que o levou ao Marché-aux-poirées, e ele pôde perceber a tenebrosa embocadura da rua dos Prêcheurs, pela qual entrou. A sentinela dos insurgentes que vigiava no extremo oposto não o viu. Ele se sentia bem perto daquilo que viera procurar e andava na ponta dos pés. Chegou assim ao ângulo reto formado por aquele curto trecho da rua Mondétour, que era, como devem lembrar, a única comunicação que Enjolras conservava com o exterior. À esquina da última casa, à esquerda, ele espichou o pescoço e olhou para a Mondétour.

Pouco depois da esquina escura dessa e da rua da Chanvrerie, que projetava uma grande sombra, em que ele próprio estava mergulhado, Marius notou certa claridade nas pedras, parte da taberna e, mais atrás, uma lanterna piscando numa espécie de muralha informe, além de homens sentados com espingardas nos joelhos. Tudo isso a dez toesas dele. Era o interior da barricada.

As casas que orlavam a rua do lado direito, ocultavam-lhe o resto da taberna, a grande barricada e a bandeira.

Marius teria de dar apenas mais um passo.

Sentindo-se infeliz, sentou-se num marco de rua, cruzou os braços e pensou no seu pai.

Pensou no heroico coronel Pontmercy, que foi tão bravo soldado, que guardou, sob a República, a fronteira da França e, sob o imperador, chegou à fronteira da Ásia, viu Gênova, Alexandria, Milão, Torino, Madri, Viena, Dresden, Berlim, Moscou, deixando em todos os campos de vitória da Europa gotas daquele mesmo sangue que ele tinha nas veias, que encanecera precocemente, na disciplina e no comando, que viveu com o cinturão afivelado, as dragonas caindo no peito, as insígnias escurecidas pela pólvora, a testa marcada pela barretina; na barraca, no acampamento, nos acantonamentos, nas ambulâncias e que, no fim de vinte anos, voltara das grandes guerras com a face riscada por uma cicatriz, o rosto risonho, simples, tranquilo, admirável, puro como uma criança, tendo feito tudo pela França e nada contra ela.

Marius achou que o seu dia também havia chegado, sua hora finalmente soava e ele, seguindo o pai, seria também bravo, intrépido, corajoso, sem medo das balas, oferecendo o peito às baionetas, derramando o próprio sangue, procurando o inimigo, buscando a morte. Ia também à guerra, descia ao campo de batalha e esse campo de batalha era a rua. A guerra a travar era uma guerra civil!

A guerra civil se abria como um abismo à sua frente, no qual ele cairia.

Sentiu um arrepio.

Lembrou-se da espada do coronel, que o avô vendera a um antiquário, venda que ele tão dolorosamente lastimara. Felizmente aquela valorosa e casta espada lhe escapara, se retirando irritada nas trevas. Ao retirar-se assim, mostrou ser inteligente, prevendo o futuro. Pressentira o levante, a guerra nas sarjetas, a guerra dos paralelepípedos, as fuzilarias por respiros de subsolos, os golpes aplicados e recebidos pelas costas. Vinda de Marengo e de Friedland, ela não quis acabar na rua da Chanvrerie. Depois de tudo que fez com o pai, não quis fazer o mesmo com o filho! Marius pensou que se tivesse aquela espada, se, tendo-a achado à cabeceira do pai já morto, ele tivesse ousado pegá-la e trazê-la para aquele combate noturno entre franceses, num cruzamento, ela certamente lhe queimaria as mãos, pondo-se a flamejar como a espada do anjo! Melhor então que não estivesse ali e houvesse desaparecido, era mais justo. O avô, afinal, foi o verdadeiro guardião da glória paterna. Por felicidade a espada do coronel tinha sido barganhada, vendida a um comerciante, jogada ao ferro-velho, para que não a fizessem agora sangrar o flanco da pátria.

Marius desatou a chorar amargamente.

Era uma coisa horrível. Mas o que fazer? Viver sem Cosette não era possível. Tendo partido, era indispensável que ele morresse. Não tinha dado sua palavra de honra de que morreria? Cosette se fora sabendo disso; logo, não importava a ela a sua morte. Além disso, era evidente que já não o amava, pois se fora sem avisar, sem um bilhete, uma carta, mesmo sabendo o seu endereço. Para que continuar a viver? Ter ido ali para recuar? Ter se aproximado do perigo e fugir? Ver a barricada e ir embora, trêmulo? Dizer: "Bem, isso basta, é uma guerra civil; não tenho o que fazer aqui!" Abandonar os amigos que o esperavam, que talvez precisassem dele? O que podia um punhado de homens contra um exército? Falhar com relação a tudo ao mesmo tempo, à amizade, à palavra dada! Dar à sua fraqueza o pretexto do patriotismo! Era impossível; e se o fantasma de seu pai estivesse ali, na sombra, e o visse recuar, bateria nele com o lado da espada e gritaria: "À frente, covarde!"

No vaivém dos pensamentos, Marius curvara a cabeça.

De repente ergueu-a. Acabava de se operar em seu espírito uma espécie de esplêndida retificação. Há uma expansão do pensamento que é própria da proximidade da tumba; estar perto da morte faz com que se veja a verdade. A ação na qual se sentia prestes a talvez entrar apareceu-lhe, não mais lamentável, mas soberba. A guerra da rua subitamente se transfigurou, por não sei qual trabalho interior da alma, na visão do pensamento. Todos os tumultuosos pontos de

interrogação do seu devaneio voltaram em atropelo, mas sem perturbá-lo. Nenhum ficou sem resposta.

Vejamos, por que seu pai se indignaria? Não há casos em que a insurreição ganha a dignidade do dever? O que haveria, no combate que tinha início, que pudesse diminuir o filho do coronel Pontmercy? Não é mais Montmirail nem Champaubert, é outra coisa. Não se trata mais de um território sagrado, mas de uma ideia santa. A pátria se queixa, é verdade, mas a humanidade aplaude. E a pátria de fato se queixa? A França sangra, mas a liberdade sorri e, diante do sorriso da liberdade, a França esquece seu ferimento. Além disso, a se verem as coisas mais do alto ainda, por que falar de guerra civil?

Guerra civil? O que é? Há uma guerra estrangeira? Não seria, toda guerra entre homens, guerra entre irmãos? A guerra se qualifica apenas pela finalidade. Não há guerra estrangeira nem guerra civil; há apenas guerra justa e guerra injusta. Até o dia em que a grande concordância humana se concluir, a guerra, pelo menos essa que é o esforço do futuro que se apressa contra o passado que se atrasa, pode ser necessária. O que se pode censurar a essa guerra? A guerra só se torna vergonhosa, a espada só se torna punhal quando assassina o direito, o progresso, a razão, a civilização, a verdade. Nesse caso, seja ela civil, seja ela estrangeira, é guerra iníqua, chama-se crime. Fora dessa coisa santa, que é a justiça, com que direito uma forma de guerra pode desprezar outra? Com que direito a espada de Washington renegaria o chuço de Camille Desmoulins? Leônidas contra o estrangeiro, Timoleão contra o tirano, quem é maior? Um defende, outro liberta. Pode-se enlamear, sem considerar a finalidade, qualquer apelo às armas dentro da cidade? Nesse caso, marquem com o opróbrio Brutus, Marcel, Arnould de Blankenheim, Coligny. Guerra nas moitas? Guerra nas ruas? Por que não? Foi a guerra de Ambiorix, de Artevelde, de Marnix, de Pelágio. Mas Ambiorix lutava contra Roma, Artevelde contra a França, Marnix contra a Espanha, Pelágio contra os mouros; todos contra o estrangeiro. Pois bem, a monarquia é o estrangeiro. O despotismo violenta a fronteira moral, como a invasão violenta a fronteira geográfica. Expulsar o tirano ou expulsar o inglês é, nos dois casos, retomar seu território. Chega uma hora em que protestar não basta mais; primeiro a filosofia, depois a ação; a força viva conclui o que o pensamento começou. *Prometeu acorrentado* começa, Aristógito acaba. A *Enciclopédia* ilumina as almas, 10 de agosto as eletriza. Depois de Ésquilo, Trasíbulo; depois de Diderot, Danton. As multidões tendem a aceitar o líder. Na sua massa repousa a apatia. Um agrupamento facilmente se totaliza em obediência. É preciso sacudir, empurrar, forçar os homens à sua própria libertação, ferir seus olhos com a verdade, lançar neles punhados terríveis de luz. É preciso que sejam até brutalmente agitados pela

própria salvação; esse deslumbramento os desperta. Daí a necessidade dos toques a rebate e das guerras. É preciso que grandes combatentes se levantem, iluminem as nações pela audácia, sacudam essa triste humanidade coberta pela sombra do direito divino, da glória cesárea, da força, do fanatismo, do poder irresponsável e das majestades absolutas; gente estupidamente ocupada em contemplar, em seu esplendor crepuscular, esses tristes triunfos da noite. Abaixo o tirano? Como? A quem se referem? A Luís Filipe? Não; nem Luís XVI. São ambos o que a história costuma denominar bons reis, mas não se retalham os princípios, a lógica do correto é retilínea, o próprio da verdade é não ter complacência; então, nada de concessão. Toda invasão dos direitos do homem deve ser reprimida. Há direito divino em Luís XVI, há em Luís Filipe, *por ser Bourbon*. Os dois, em certa medida, representam a confiscação do direito e, para desbastar a usurpação universal, deve-se combatê-los. Deve-se, sendo a França sempre quem começa. Quando o poder senhorial cai na França, cai em todo lugar. Resumindo, restabelecer a verdade social, devolver o trono à liberdade, devolver o povo ao povo, devolver o homem à soberania, repor a púrpura sobre a cabeça da França, restaurar em sua plenitude a razão e a equidade, suprimir todo germe de antagonismo, restituindo cada um a si mesmo, aniquilar o obstáculo que a realeza estabelece à imensa concórdia universal, repor o gênero humano em equilíbrio com o direito, qual causa mais justa e, consequentemente, qual guerra mais importante? Tais guerras constroem a paz. Uma enorme fortaleza de preconceitos, de privilégios, de superstições, de mentiras, de más ações, de abusos, de violências, de iniquidades, de trevas está ainda de pé contra o mundo, com suas torres de ódio. É preciso derrubá-la. É preciso demolir essa massa monstruosa.

Vencer em Austerlitz é grandioso; tomar a Bastilha é imenso.

Não há quem não tenha notado em si mesmo a alma, e é essa a maravilha da sua complicada ubiquidade, com a estranha aptidão de quase friamente podermos raciocinar nos extremos mais violentos. Com isso, às vezes a paixão desolada e o profundo desespero, na própria agonia dos seus mais negros monólogos, tratam dos assuntos e discutem teses. A lógica se mistura à convulsão e o fio do silogismo flutua, sem partir, na tempestade lúgubre do pensamento. Era essa a situação de Marius.

Enquanto assim pensava, opresso, mas resoluto, hesitando todavia e, em suma, tremendo diante do que ia fazer, deixava vagar a vista pelo interior da barricada. Insurgentes conversavam a meia-voz, sem se moverem, e sentia-se em torno o quase silêncio que marca a última fase da expectativa. Acima deles, numa lucarna de um terceiro andar, Marius distinguiu uma espécie de espectador, ou testemunha, que

parecia singularmente atento. Era o porteiro morto por Le Cabuc. Da rua, pelo reflexo do archote abrigado nas pedras, percebia-se vagamente a cabeça. Nada mais estranho, sob a claridade sombria e incerta, do que o rosto lívido, imóvel, espantado, com os cabelos desgrenhados, os olhos abertos e fixos, a boca escancarada, debruçado numa atitude de curiosidade. Era como se o morto espreitasse os que iam morrer.

Um longo rastro de sangue, escorrido daquela cabeça, descia em fios avermelhados da lucarna até a altura do primeiro andar, onde se extinguia.

LIVRO DÉCIMO QUARTO

GRANDEZA DA DESESPERANÇA

I

A bandeira, primeiro ato

Tinham soado dez horas em Saint-Merry. Ainda não se via ninguém. Enjolras e Combeferre estavam sentados junto da estreita abertura da grande barricada, de carabina na mão. Não diziam uma única palavra; escutavam, tentando ouvir até os passos mais leves e mais longínquos.

Inopinadamente, em meio àquele sossego lúgubre, ouviu-se uma voz clara, fresca e alegre, que parecia vir da rua Saint-Denis, cantando muito distintamente, na velha música popular "Au clair de la lune", a seguinte poesia, terminada por um grito semelhante ao canto do galo:

Mon nez est en larmes,
Mon ami Bugeaud,
Prêt'moi tes gendarmes
Pour leur dire un mot.
En capote bleue,
La poule au shako,
Voici la banlieue!
Co-cocorico![1]

Os dois se apertaram as mãos.

— É Gavroche — disse Enjolras.

— Dando um aviso — completou Combeferre.

O silêncio da rua deserta foi perturbado por uma corrida ligeira e viu-se um vulto mais ágil do que um acrobata trepar pelo ônibus e saltar no meio da barricada.

Era Gavroche, esbaforido e dizendo:

— Minha espingarda! Eles estão vindo!

Uma vibração elétrica percorreu toda a barricada e ouviu-se o movimento das mãos em busca das armas.

— Quer a minha carabina? — perguntou Enjolras ao menino.

— Quero a espingarda grande — respondeu Gavroche.

E pegou a arma de Javert.

Duas sentinelas voltaram à barricada quase ao mesmo tempo que Gavroche. Era a que se postara no extremo da rua e a da Petite-Truanderie. A da rua dos Prêcheurs continuou onde estava, o que indicava não vir nada do lado das pontes e do Halles.

A rua da Chanvrerie, de que apenas se viam algumas pedras com o reflexo da luz que se projetava na bandeira, aparecia aos insurgentes como um grande pórtico negro, vagamente aberto dentro da bruma.

Cada um correu a seu posto de combate.

Quarenta e três insurgentes, entre os quais se contavam Enjolras, Combeferre, Courfeyrac, Bossuet, Joly, Bahorel e Gavroche, estavam de joelhos na grande barricada, apenas com a cabeça acima do parapeito, os canos das espingardas e clavinas assestados sobre as pedras como em seteiras, atentos, mudos e prontos para abrir fogo. Seis deles, comandados por Feuilly, tinham se postado, com as armas apontadas, nas janelas dos dois andares do Corinto.

Passaram ainda alguns minutos, depois ouviu-se, do lado de Saint-Leu, um ruído de passos marcados, pesados, em quantidade. Esse ruído, de início fraco, depois mais acentuado, em seguida firme e sonoro, aproximava-se devagar e sempre, sem interrupção, com tranquila e terrível continuidade. Nada mais se ouvia. Era ao mesmo tempo o silêncio e o barulho da estátua do Comendador, na ópera de Mozart, mas esse passo de pedra tinha algo de enorme e múltiplo, dando a impressão de uma multidão e, simultaneamente, a de um espectro. Ouvia-se avançar a terrível estátua Legião. As passadas se aproximaram; aproximaram-se ainda mais e pararam. Tinha-se a impressão de ouvir, no fim da rua, a respiração de muitos homens. Contudo, não se via coisa alguma; mas no fundo daquela espessa escuridão se distinguia uma quantidade de fios metálicos, finos como agulhas e quase imperceptíveis, que se agitavam, como essas indescritíveis redes fosfóricas que, no momento de adormecer, percebemos, sob as pálpebras fechadas, nas primeiras névoas do sono. Eram as baionetas e os canos das espingardas, confusamente iluminados pela reverberação longínqua do archote.

Houve ainda uma pausa, como se ambos os lados esperassem. De repente, do fundo daquela sombra, uma voz, ainda mais sinistra por não se ver pessoa alguma, parecendo ser a própria escuridão que falava, gritou:

— Alguém aí?

Ao mesmo tempo, ouviu-se o estalo das espingardas sendo engatilhadas.

Enjolras respondeu num tom vibrante e altivo:

— Revolução Francesa.

— Fogo! — comandou a voz.

A rua foi instantaneamente iluminada por um relâmpago vermelho, como se houvessem aberto e imediatamente fechado a boca de uma fornalha.

Uma tremenda detonação explodiu contra a barricada. A bandeira vermelha caiu. A descarga foi tão violenta e tão cerrada que cortou a haste; isto é, o extremo da lança do ônibus. Algumas balas, depois de baterem nas paredes das casas voltaram de ricochete para dentro da barricada e feriram vários homens.

A impressão produzida por essa primeira descarga causou um calafrio. O ataque foi brutal e podia fazer até os mais ousados hesitarem.

Era evidente que se tinha pela frente um regimento inteiro, pelo menos.

— Camaradas — gritou Courfeyrac —, não desperdicem pólvora. Esperemos que se aproximem mais para responder.

— Antes de tudo — disse Enjolras —, ergamos a bandeira!

E levantou do chão a bandeira, que tinha caído a seus pés.

Da parte de fora ouvia-se o tinir das varetas nas espingardas; a tropa recarregava as armas.

Enjolras prosseguiu:

— Quem se habilita? Quem volta a prender a bandeira no alto da barricada?

Ninguém respondeu. Subir ao alto da barricada no momento em que ela estava, sem dúvida, sob nova pontaria, era simplesmente a morte.

Os mais bravos hesitavam. O próprio Enjolras sentiu um estremecimento e repetiu:

— Ninguém se apresenta?

II

A bandeira, segundo ato

Desde que tinham chegado ao Corinto e começado a construir a barricada, ninguém mais dera atenção ao velho Mabeuf. Ele, no entanto, não se afastara do bando. Havia entrado na taberna e lá ficou, sentado atrás do balcão. Parecia, por assim dizer, esquecido de si mesmo, sem ouvir nem ver. Courfeyrac e outros tinham se aproximado duas ou três vezes, mencionando o perigo e aconselhando que se fosse, mas ele parecia não entender. Sua boca, quando ninguém estava falando com ele, se movia como se respondesse, e assim que lhe falavam, seus lábios ficavam imóveis e os olhos pareciam mortos. Horas antes do ataque à barricada, Mabeuf assumiu uma atitude que não deixou mais: os dois punhos nos joelhos e a cabeça caída para a frente, como se olhasse um abismo. Nada mais conseguiu tirá-lo dessa postura, seu pensamento não parecia estar ali. Quando cada um foi tomar seu lugar de combate, ficaram na sala baixa da taberna apenas Javert, amarrado ao poste, um revoltoso de sabre desembainhado, fazendo a guarda, e o sr. Mabeuf. No momento do ataque, ao ouvir a detonação, o abalo físico gerado o afetou e, aparentemente, despertou. Ele se levantou de maneira brusca e atravessou a sala, de modo que quando Enjolras repetiu o seu apelo, "Ninguém se apresenta?", o velho apareceu no limiar da taberna.

Sua presença produziu certa comoção nos grupos. Alguém gritou:

— É o convencional que votou pela morte do rei, o representante do povo!

É provável que ele não ouvisse.

Mabeuf foi direto à bandeira — todos abriram passagem, com certo temor religioso —, tirou-a das mãos de Enjolras, que estava petrificado, e então, sem que ninguém ousasse impedir nem ajudar, aquele velho de oitenta anos, com a cabeça trêmula e o pé firme, subiu vagarosamente a escada de pedras da barricada. Tudo era tão sombrio e grandioso que todos em volta solenemente tiravam o chapéu à sua passagem. Cada degrau superado o tornava mais terrível: os cabelos brancos, a face decrépita, a elevada fronte calva e enrugada, os olhos encovados, a boca aberta e assombrada, aquele velho braço carregando a bandeira vermelha, surgindo da sombra e aparecendo cada vez mais à claridade sanguinolenta do archote; todos tinham a impressão de ver sair da terra o espectro de 1793, empunhando a bandeira do Terror.

Quando chegou ao último degrau, quando aquele fantasma trêmulo e terrível, de pé sobre o monte de entulho, na presença de mil e duzentas espingardas invisíveis, se ergueu frente à morte, como se fosse mais forte do que ela, toda a barricada assumiu nas trevas um vulto sobre-humano e colossal.

Houve um silêncio dos que só se observam em volta dos prodígios.

No meio desse silêncio, o velho agitou a bandeira vermelha e gritou:

— Viva a Revolução! Viva a República, a igualdade, a fraternidade e a morte!

Ouviu-se então na barricada um murmúrio ininteligível e rápido, semelhante ao de um padre querendo, com pressa, chegar logo ao fim de uma reza. Era provavelmente o comissário de polícia fazendo as intimações legais, do outro extremo da rua.

Depois, a mesma voz estridente que tinha gritado "Alguém aí?" ordenou:

— Retirem-se!

O sr. Mabeuf, pálido, desorientado, as pupilas iluminadas com as lúgubres chamas do desvario, ergueu a bandeira acima da cabeça e repetiu:

— Viva a República.

— Fogo! — disse a voz.

Uma segunda descarga, semelhante à metralha, logo se abateu sobre a barricada.

O velho se ajoelhou, voltou a erguer-se, deixou escapar a bandeira e caiu para trás na calçada, como uma tábua, estendido e com os braços em cruz.

Debaixo dele surgiu um rio de sangue. O velho rosto, lívido e triste, parecia olhar para o céu.

Uma dessas comoções superiores ao homem, que os fazem esquecer até de se defenderem, invadiu os insurretos, que se aproximaram do cadáver com um respeitoso pavor.

— Que homens, esses regicidas! — disse Enjolras.

Courfeyrac se aproximou e disse a seu ouvido.

— Isto é só para ti e não quero diminuir o entusiasmo: este homem estava muito longe de ser um regicida. Eu o conhecia, chamava-se Mabeuf; mas não sei o que deu nele hoje. Vivia alheio, nas nuvens, mas bom sujeito.

— Vivia nas nuvens, mas se comportou como um Brutus — respondeu Enjolras.

E depois, erguendo a voz:

— Cidadãos! Eis o exemplo que os velhos dão aos moços. Nós hesitamos e ele não! Recuamos e ele avançou! Os que tremem de velhice ensinam aos que tremem de medo! Este ancião é augusto diante da pátria. Teve longa vida e magnífica morte! Recolhamos o cadáver e que cada um o defenda como defenderia o próprio pai, que a sua presença aqui torne inexpugnável a barricada!

Um murmúrio de solidariedade triste e enérgico seguiu-se a essas palavras.

Enjolras se curvou, levantou a cabeça do velho e, respeitosamente, beijou-o na testa; depois, abrindo-lhe os braços e movendo-o com o mais terno cuidado, como

se temesse machucá-lo, despiu-lhe a casaca e, mostrando a todos os buracos ensanguentados, disse:

— É esta agora a nossa bandeira.

III

Seria melhor, para Gavroche, ter aceitado a carabina

O velho Mabeuf foi coberto com um grande xale preto da viúva Hucheloup. Seis homens fizeram das espingardas uma padiola, sobre a qual foi posto o cadáver, e assim o levaram, todos de cabeça descoberta, vagarosa e solenemente, até a maior mesa que havia na sala.

Entregues àquele ato grave e sagrado que cumpriam, ninguém já nem pensava mais na perigosa situação em que se achava.

Quando o cadáver passou próximo de Javert, como sempre impassível, disse Enjolras ao espião:

— Você, daqui a pouco!

Durante esse tempo Gavroche, o único a não ter deixado seu posto e se mantendo vigilante, achou ver alguns homens se aproximando da barricada, sem fazer barulho, e gritou:

— Perigo!

Courfeyrac, Enjolras, Jean Prouvaire, Combeferre, Joly, Bahorel e Bossuet saíram tumultuosamente da taberna. Tarde demais; via-se já ondular no alto da barricada uma cintilante quantidade de baionetas. Alguns enormes guardas municipais penetravam já na barricada, uns subindo pelo ônibus, outros pela abertura de comunicação, tendo à frente deles Gavroche, que recuava mas não fugia.

O momento era crítico, como o primeiro e temível minuto da inundação, quando o rio sobe ao nível tolerável e a água começa a se infiltrar pelas fendas do dique. Mais um segundo e estaria tomada a barricada.

Bahorel lançou-se sobre o primeiro guarda municipal que ia entrando e matou-o com um tiro de clavina à queima-roupa; o segundo, matou-o à baioneta. Outro tinha já jogado no chão Courfeyrac, que gritava: “Ajudem aqui!” O mais alto de

todos, espécie de colosso, avançou na direção de Gavroche de baioneta calada. O menino ergueu com os pequenos braços a enorme espingarda de Javert, fez resolutamente pontaria contra o gigante e atirou. A arma não abriu fogo, Javert não a havia carregado. O soldado soltou uma gargalhada e ergueu a baioneta contra o moleque.

Antes, porém, que a lâmina encostasse em Gavroche, a arma caiu das mãos do guarda, lançado para trás com um tiro na testa. Ao mesmo tempo, outra bala atravessou o peito do guarda que dominava Courfeyrac, jogando-o no chão.

Era Marius que acabava de entrar na barricada.

IV

O barril de pólvora

Marius, ainda escondido no ângulo da rua Mondétour, assistira à primeira fase do combate, hesitante e trêmulo. Contudo não conseguiu resistir por muito tempo à vertigem misteriosa e soberana que se pode chamar atração do abismo. Diante da iminência do perigo, diante da morte do sr. Mabeuf, fúnebre enigma, diante de Bahorel morto, de Courfeyrac pedindo ajuda, daquele menino ameaçado, dos amigos a socorrer ou a vingar, toda hesitação se desvaneceu e ele se lançou na refrega, com as duas pistolas em punho. O primeiro tiro salvou Gavroche, o segundo libertou Courfeyrac.

Com o barulho dos tiros e os gritos dos guardas feridos, os invasores tinham escalado a barricada, com meio corpo já a aparecer no alto, em quantidade. Eram guardas municipais, soldados de linha e guardas nacionais chamados do subúrbio, de espingarda na mão. Já cobriam mais de dois terços da trincheira, mas não saltavam para dentro, indecisos, parecendo temer alguma cilada. Olhavam para o escuro interior da barricada como se fosse um antro de leões. A claridade do archote só iluminava as baionetas, as felpudas barretinas e a parte superior dos rostos inquietos e irritados.

Marius estava desarmado, tendo largado as pistolas descarregadas; mas tinha visto o barril de pólvora na sala, junto da porta.

Ao se virar, procurando o barril, um soldado apontou a arma na sua direção. No momento em que se preparava para atirar, a mão de alguém desceu sobre o cano da espingarda, perto demais da boca: era o jovem operário com calças de veludo. O soldado atirou, a bala atravessou a mão, e talvez não só a mão, pois o operário caiu. Marius, em todo caso, não foi atingido. Tudo isso naquele ambiente enfumaçado, em que nada propriamente se via. Mesmo assim, entrando na sala baixa da taberna, Marius vagamente percebera o cano da arma apontado para ele e a mão que o desviou, como ouviu em seguida o estampido. Mas em momentos assim as coisas que se veem vacilam e precipitam-se, sem que paremos para entender melhor. Sentimo-nos inexplicavelmente empurrados à obscuridade e tudo é bruma.

Os rebeldes, surpresos, mas não atemorizados, tinham se reorganizado. Enjolras gritou:

— Esperem! Não atirem a esmo!

De fato, no primeiro momento de confusão podiam até ferir-se uns aos outros. A maior parte subira para a janela do primeiro andar e para as mansardas, de onde dominavam os invasores. Os mais decididos, como Enjolras, Courfeyrac, Jean Prouvaire e Combeferre, tinham simplesmente se encostado nas casas do fundo, a descoberto, fazendo frente às fileiras de soldados que apareciam no alto da barricada.

Tudo isso sem precipitação, com a estranha e ameaçadora gravidade que precede as lutas. De ambos os lados se apontaram as armas à queima-roupa, tão próximos uns dos outros que poderiam falar e serem ouvidos. Estavam naquele ponto em que só se espera a centelha que tudo pode explodir. Um oficial de gola bordada e grandes dragonas ergueu a espada e ordenou:

— Entreguem as armas!

— Fogo! — respondeu Enjolras.

Ecoaram ao mesmo tempo detonações dos dois lados e tudo desapareceu no meio da fumaça.

Fumaça acre e sufocante em que se arrastavam com gemidos fracos e surdos os moribundos e os feridos.

Quando a fumaça se dissipou, de ambos os lados continuavam os combatentes, com baixas mas nos mesmos lugares e carregando as armas em silêncio.

De repente, ouviu-se uma voz estrondosa gritar:

— Retirem-se ou faço ir pelo ar a barricada!

Todos se voltaram para o lado de onde vinha a voz.

Marius havia entrado na sala da taberna e pegado o barril de pólvora. Depois, aproveitando-se da fumaça e da espécie de nevoeiro que enchera o espaço entrincheirado, correu ao longo da barricada até o monte de pedras que abrigava o

archote. Tirar o archote e pôr no seu lugar o barril de pólvora, colocar as pedras sob o barril, que imediatamente se desfez, com uma espécie de terrível obediência, tudo isso havia custado a Marius o tempo de se agachar e se endireitar. Todos, guardas nacionais e municipais, oficiais e soldados, encolhidos no outro extremo da barricada, o olhavam pasmados, de pé em cima das pedras, o archote na mão e seu altivo rosto iluminado por uma resolução fatal, inclinando a chama para o terrível amontoado em que se distinguia o barril de pólvora arrombado e soltando este grito aterrador:

— Retirem-se ou faço ir pelo ar a barricada!

Naquela barricada, primeiro o octogenário, e depois Marius, eram o retrato, respectivamente, da velha revolução e da revolução nova.

— Fazer ir pelo ar a barricada! — observou um sargento. — E você também!

Marius respondeu:

— E eu também!

E aproximou o facho do barril de pólvora.

Mas já não havia ninguém na trincheira. Os invasores, abandonando mortos e feridos, haviam fugido em confusão e desordem para o extremo da rua, lá se perdendo novamente na escuridão. Foi um salve-se quem puder. A barricada estava livre.

V

Fim dos versos de Jean Prouvaire

Todos rodearam Marius. Courfeyrac o abraçou:

— Você!

— Que felicidade! — disse Combeferre.

— Bem a tempo! — disse Bossuet.

— Não fosse você e eu já estaria morto! — insistiu Courfeyrac.

— E eu estripado! — acrescentou Gavroche.

Marius perguntou:

— Onde está o chefe?

— O chefe é você — disse Enjolras.

Marius tivera, o dia todo, uma fornalha no cérebro, agora era um turbilhão. Mas um turbilhão que, visto de dentro, parecia externo e querendo carregá-lo. Sua impressão era de estar já a uma distância imensa da vida. Os dois luminosos meses de alegria e amor acabavam bruscamente naquele terrível precipício. Cosette perdida, a barricada, o sr. Mabeuf se matando pela República, ele próprio chefe dos revoltosos, coisas que pareciam, por momentos, um monstruoso pesadelo. Era obrigado a um esforço mental para se lembrar de que tudo aquilo era mesmo realidade. Marius vivera pouco demais, até então, para saber que nada é mais iminente que o impossível, devendo-se sempre prever o imprevisto. O seu próprio drama se descortinava como a uma peça que não se compreende.

Na turbação em que estava seu pensamento, ele não reconheceu Javert, o qual, amarrado no poste, não fizera o mínimo movimento durante o ataque e via agitar-se em volta a rebelião com a resignação de um mártir e a majestade de um juiz. Marius nem sequer o havia percebido.

As forças policiais não atacavam; eram ouvidas andar e se agitar no fim da rua, mas não se aventuravam a novo assalto, talvez por esperarem ordens, ou por aguardarem reforço, contra o inexpugnável reduto. Os rebeldes tinham postado sentinelas e alguns, que eram estudantes de Medicina, começavam a atender os feridos.

Todas as mesas da taberna foram levadas para a rua e acrescentadas à barricada, com exceção das duas reservadas para ataduras e cartuchos, além daquela em que jazia o velho Mabeuf. Para a sala então foram trazidos os colchões das camas da sra. Hucheloup e das serventes, nos quais foram deitados os feridos. Quanto às três pobres moradoras do Corinto, não se sabia o que fora feito delas. Afinal as encontraram escondidas na cave.

Uma tremenda comoção abalou a alegria da barricada liberada: fora feita uma chamada e faltava um dos companheiros. E logo quem? Um dos mais queridos e mais valentes, Jean Prouvaire. Procuraram-no entre os feridos, não o acharam; procuraram-no entre os mortos, também não estava. Era evidente que fora preso.

— Apanharam o nosso amigo — disse Combeferre a Enjolras —, mas temos o agente. Faz muita questão da morte do espião?

— Faço — respondeu Enjolras —, mas muito menos que da vida de Jean Prouvaire.

Tudo isso se passava na sala baixa, perto do poste de Javert.

— Nesse caso — tornou Combeferre — vou atar um lenço na minha bengala e tentar negociar a troca de prisioneiros.

— Escuta — disse Enjolras, pondo a mão no braço de Combeferre.
Houve, no fim da rua, um muito significativo tinir de armas.
Ouviu-se uma voz gritar com energia:
— Viva a França! Viva o futuro!
Era a voz de Prouvaire.
Logo em seguida viu-se um clarão, acompanhado de uma detonação.
Depois tudo voltou a ficar silencioso.
— Mataram-no! — exclamou Combeferre.
Enjolras olhou para Javert e disse:
— Acaba de ser fuzilado pelos seus amigos.

VI

Agonia da morte após a agonia da vida

Uma singularidade desse tipo de guerra é que o ataque às barricadas se faz quase sempre pela frente: em geral os assaltantes se abstêm de cercar as posições, por temerem emboscadas ou por medo de se aventurarem por ruas tortuosas. Toda a atenção dos revoltosos se dirigia então para o lado da grande barricada, que era, com toda a certeza, o ponto mais ameaçado, no qual infalivelmente deveria recomeçar a luta. Marius, porém, lembrando-se da barricada pequena, foi observá-la. Estava deserta e era guardada apenas pela lanterna que tremulava entre as pedras. Tudo o mais, isto é, a rua Mondétour e os entroncamentos das ruas da Petite-Truanderie e do Cygne, estava em total tranquilidade.

Quando Marius, feita a inspeção, se retirava, ouviu chamarem o seu nome baixinho.

— Sr. Marius…

Ele estremeceu, reconhecendo a voz que duas horas antes lhe dera o recado através da grade da rua Plumet.

A diferença era que a voz já não parecia mais que um sopro.

Olhou em volta e não viu ninguém.

Achou ter se enganado e que sofrera alguma alucinação. Deu então um passo, se afastando da barricada.

— Sr. Marius! — repetiu a voz.

Dessa vez não podia haver dúvida, ouvira distintamente. Tornou a olhar, mas sem nada ver ainda.

— Aqui embaixo… — disse a voz.

Então ele curvou-se e viu, no meio da sombra, um vulto que se arrastava na rua, em sua direção. Era de onde vinha o chamado.

A lanterna permitiu que se distinguissem uma blusa, umas calças de veludo rasgadas, pés descalços e algo que parecia ser uma poça de sangue. Marius em seguida percebeu um rosto lívido que tentava se erguer e perguntou:

— Não me reconhece?

— Não.

— Éponine.

Ele se curvou e, de fato, era a pobre menina, vestida de homem.

— Éponine? O que está fazendo aqui?

— Morrendo — disse ela.

Há palavras e incidentes que podem despertar mesmo as pessoas nas situações mais deprimidas. Marius se assustou e disse:

— Está ferida! Espere, vou levá-la para a sala! Vai ser tratada! É muito grave? Como devo pegá-la para que não doa? Em que lugar está ferida? Santo Deus! Acudam! Mas o que veio fazer aqui?

E tentou passar o braço por baixo do corpo para erguê-lo.

Fazendo isso, pegou-a pela mão.

Ela gemeu, sem forças.

— Doeu?

— Um pouco.

— Mas só peguei a sua mão.

Ela ergueu a mão e Marius pôde ver, no centro, um buraco mais escuro.

— O que houve na sua mão? — perguntou ele.

— Foi furada.

— Furada?

— Sim.

— Com quê?

— Uma bala.

— Mas como?

— Não viu a espingarda que um soldado lhe apontava?

— Vi, e vi também a mão de alguém tapando o cano.

— Era a minha.

Marius estremeceu.

— Que loucura! Pobre criança! Mas ainda bem que é só isso, não há perigo, deixe-me levá-la para uma cama. Vão cuidar de você; não se morre de um ferimento na mão.

Éponine explicou:

— A bala atravessou a mão, mas saiu pelas costas. Não adianta tentar. Vou dizer o que será melhor que um cirurgião. Sente-se aqui perto, nessa pedra.

Marius obedeceu; ela apoiou a cabeça nos seus joelhos e disse, sem olhar para ele:

— Ah, como é bom! Como estou bem! Pronto, não sinto mais dor nenhuma.

Depois ficou por um momento calada e, afinal, voltou com muito custo o rosto e olhou para Marius.

— Sabe? Me chateava muito vê-lo entrar no jardim. Não devia, pois eu mesma havia mostrado a casa. E devia saber que um rapaz como o senhor...

Ela se interrompeu e, superando as sombrias transições que provavelmente se faziam em sua cabeça, perguntou, com dilacerante sorriso:

— Me acha feia, não é?

E prosseguiu:

— Estão perdidos! Agora ninguém sairá da barricada. E eu o fiz vir, veja só! Vai morrer, tenho toda a certeza, mas quando vi que ia levar um tiro, tapei o cano com a mão. Que burrice! Mas queria morrer antes do senhor. Quando recebi a bala, arrastei-me até aqui, ninguém me viu, não me levantaram. Estava à sua espera e pensava: "Será que ele não vai vir?" Como mordi minha blusa, por causa da dor! Agora estou bem. Lembra-se do dia em que entrei no seu quarto e me olhei no seu espelho? E no dia em que o encontrei no boulevard? Como os passarinhos cantavam! Não faz tanto tempo. O senhor me deu cem soldos e eu disse: "Não quero o seu dinheiro." Pelo menos pegou de volta a moeda? O senhor não é rico e nem me lembrei de dizer que a pegasse. Fazia sol, não se sentia frio. Lembra-se disso, sr. Marius? Ah! Estou feliz! Todo mundo vai morrer.

Éponine parecia delirar, grave e pungente. A blusa rasgada deixava-lhe o peito nu. Enquanto falava, apoiava a mão furada no peito, onde havia outro buraco, do qual saía de vez em quando uma golfada de sangue.

Marius contemplava a desventurada criatura com profunda dor.

— Ai! — disse ela. — Aí vem outra vez; não respiro!

E pegando na blusa, mordeu-a; as pernas se enrijeceram convulsivamente em cima da calçada.

Nesse momento ressoou na barricada a voz de garnisé de Gavroche, que havia subido numa mesa para carregar a espingarda e cantava feliz uma canção, na época muito popular.

En voyant Lafayette,
Le gendarme répète
Sauvons-nous! Sauvons-nous! Sauvons-nous![2]

Éponine ergueu-se um pouco, prestou atenção e murmurou:

— É ele.

E voltando para Marius:

— Meu irmão está ali. Não pode me ver. Vai brigar comigo.

— Seu irmão? — perguntou Marius, que pensava, no fundo mais amargo e doloroso do coração, nos deveres que seu pai lhe legara com relação aos Thénardiers. — Quem é seu irmão?

— Esse menino.

— O que está cantando?

— Sim.

Marius fez um movimento.

— Não se vá — disse ela —, não vai demorar muito!

Éponine estava quase sentada, mas a voz saía muito baixa e entrecortada de soluços. De vez em quando um estertor a interrompia e ela aproximou o quanto pôde o rosto. Em seguida acrescentou, com estranha expressão:

— Ouça, não quero ficar com essa culpa. Tenho no meu bolso uma carta para o senhor, desde ontem. Tinham-me dito que a colocasse no correio, mas guardei-a; não queria que chegasse às suas mãos. Mas o senhor ficaria chateado quando nos víssemos. E voltamos a nos ver, não é verdade? Pegue a sua carta.

Em seguida agarrou convulsivamente a mão de Marius com a sua mão despedaçada, mas parecendo já não sentir dor, e levou-a ao bolso da blusa. Marius sentiu haver ali, com efeito, um papel.

— Pegue — disse ela.

Marius tirou a carta.

Éponine fez um sinal de satisfação.

— Agora, pelo meu trabalho, prometa…

E calou-se.

— O quê? — perguntou Marius.

— Prometa!

— Prometo.

— Prometa que me dará um beijo na testa depois que eu morrer. Vou senti-lo.

E tornou a deixar cair a cabeça nos joelhos de Marius. Seus olhos se fecharam. Ele achou que a pobre alma havia partido. Éponine ficou imóvel, mas de repente, no instante em que Marius imaginou-a para sempre adormecida, ela abriu devagar os olhos, em que já se via a sombria profundidade da morte, e disse, com uma suavidade que parecia vir do outro mundo:

— Na verdade, sr. Marius, acho que estava um pouco apaixonada pelo senhor…

Tentou ainda sorrir e expirou.

VII

Gavroche profundo calculador de distâncias

Marius cumpriu a promessa e beijou aquela fronte lívida e coberta de suor frio. Não era uma infidelidade a Cosette, era um adeus triste e suave a uma alma desventurada.

Não foi sem estremecer que ele pegou a carta. Logo pressentiu nela algo importante. Estava impaciente para ler. Nosso coração é feito de tal maneira que mal a infeliz criatura fechou os olhos, Marius só pensava em abrir o envelope. Estendeu o cadáver brandamente no chão e afastou-se. Alguma coisa lhe dizia que não devia ler aquela carta diante do cadáver.

Aproximou-se de uma vela na sala da taberna. Era um bilhetinho dobrado e lacrado com todo o cuidado elegante das mulheres. Uma letra feminina o havia endereçado:

Sr. Marius Pontmercy, na casa do sr. Courfeyrac, rua Verrerie nº 16.

Marius abriu o envelope e leu.

> Ai de mim, querido! Meu pai quer que partamos imediatamente. Esta noite estaremos na rua do Homme-Armé, nº 7. Dentro de oito dias estaremos em Londres.
>
> *Cosette, 4 de junho.*

Era tal a inocência daqueles amores que Marius nem mesmo conhecia a letra de Cosette.

O que aconteceu pode ser dito em poucas palavras. Éponine se ocupou de tudo. Depois da noite de 3 de junho, ela teve um duplo pensamento: desmanchar os projetos de seu pai e dos bandidos com relação à casa da rua Plumet e separar Marius de Cosette. Trocou seus farrapos com o primeiro conhecido que encontrou e achou divertido vestir-se de mulher, enquanto ela própria se disfarçava de homem. Foi Éponine quem, no Champ de Mars, mandou aquele aviso imperativo a Jean Valjean para que se mudasse e ele, de fato, voltou imediatamente para casa e disse à filha: "Esta noite vamos com Toussaint para a rua do Homme-Armé. Na semana que vem estaremos em Londres." Cosette, aterrada por tão inesperado golpe, escreveu às pressas duas linhas a Marius. Mas como levar a carta ao correio? Não saía só e Toussaint, surpresa com a incumbência, certamente a mostraria ao sr. Fauchelevent. Em sua aflição, ela viu, do outro lado da grade, Éponine vestida de homem, que agora andava o tempo todo pelas proximidades do jardim. Cosette chamou o "rapazinho", deu-lhe cinco francos, o envelope e disse: "Leve imediatamente essa carta a esse endereço." Éponine meteu a carta no bolso. No dia seguinte, 5 de junho, foi à casa de Courfeyrac e perguntou por Marius, não para entregar a carta, mas — coisa que todas as almas apaixonadas compreenderão — "para ver". Ali esperou Marius, ou pelo menos Courfeyrac, ainda apenas para ver. Quando Courfeyrac disse "Vou para as barricadas", ela teve uma ideia. Lançar-se à morte, e poderia ser qualquer outra, levando junto com ela Marius. Seguiu Courfeyrac, olhou bem o lugar em que construíam a barricada e, tendo certeza de que Marius — que de nada sabia nem recebera a carta interceptada — iria à noite ao encontro de costume, esperou o rapaz na rua Plumet. Lá, deixou para ele aquele apelo, em nome dos amigos. Isso com certeza o levaria à barricada. Ela contava com o desespero de Marius ao não achar Cosette, e não se enganou. Daí voltou à rua da

Chanvrerie. Já vimos o que fez ali. Morreu com a alegria trágica dos corações dominados pelo ciúme, que arrastam o ser amado na morte, se dizendo: "Ninguém então o terá."

Marius cobriu de beijos a carta de Cosette. Ela o amava! Teve, por um instante, a ideia de não mais morrer. Depois pensou: "De qualquer forma, ela parte. O pai leva-a para a Inglaterra e meu avô não autoriza o casamento. Nada mudou, na fatalidade." Sonhadores como Marius têm essas sensações de aniquilamento e tiram daí escolhas desesperadas.

Ele se lembrou então de ter ainda dois deveres a cumprir: enviar a Cosette um supremo adeus e salvar da catástrofe que se preparava aquele pobre menino, irmão de Éponine e filho de Thénardier.

Tinha com ele uma pasta; a mesma que guardava antes o caderninho em que escrevera tantos pensamentos de amor para Cosette. Pegou uma folha e escreveu, a lápis, estas linhas:

> O nosso casamento é impossível. Pedi a meu avô o seu consentimento e ele negou. Eu, como você, não tenho fortuna. Corri *à sua* casa e não a encontrei. Dei-lhe minha palavra e cumpro-a: morro. Amo-a.
>
> Quando ler este bilhete, a minha alma estará a seu lado, sorrindo.

Não tendo um envelope, limitou-se a dobrar o papel em quatro e a escrever em cima:

> Para a jovem Cosette Fauchelevent, rua do Homme-Armé nº 7.

Depois disso, ficou por um momento pensativo, tornou a pegar a pasta, abriu-a e escreveu com o mesmo lápis, na primeira página, estas linhas:

> Chamo-me Marius Pontmercy. Levem meu cadáver à casa de meu avô, sr. Gillenormand, na rua das Filles-du-Calvaire, nº 6, no Marais.

Guardou em seguida a pasta no bolso da casaca e chamou Gavroche. O menino, ouvindo a voz de Marius, veio logo, com alegria e dedicação estampadas no rosto.

— Quer fazer uma coisa por mim?

— Tudo — disse Gavroche. — Se não fosse o senhor, eu nem estava aqui.

— Está vendo esta carta?

— Sim, senhor.

— Guarde-a. Saia já da barricada (Gavroche, inquieto, começou a coçar atrás da orelha) e amanhã de manhã leve-a à jovem Cosette, na casa do sr. Fauchelevent, rua do Homme-Armé, nº 7.

O heroico menino respondeu:

— Bom, mas enquanto isso vão tomar a barricada e não vou estar nela.

— A barricada só será atacada ao amanhecer, tudo indica, e não será tomada antes do meio-dia.

O tempo que as forças militares davam à barricada ia-se com efeito prolongando. Era uma dessas intermitências frequentes nos combates noturnos, que são sempre seguidos de um redobrar da violência.

— E se eu levar a carta amanhã de manhã?

— Será tarde demais. A barricada vai estar cercada e você não poderá sair. Vá agora.

Gavroche não encontrou o que dizer; ficou imóvel, indeciso, coçando atrás da orelha. De repente, com um daqueles movimentos de pássaro que lhe eram naturais, pegou a carta.

— Bem… — disse ele; e disparou pela rua Mondétour.

Gavroche tinha tido uma ideia que o determinara, mas não contou com medo de que Marius fizesse alguma objeção. A ideia era:

— É apenas meia-noite, a rua do Homme-Armé não é longe; vou, entrego logo a carta e ainda volto a tempo.

Notas

1 Literalmente: Meu nariz está em lágrimas,/ Meu amigo Bugeaud,/ M'empresta teus policiais/ Para lhes dizer uma palavrinha./ De capa azul,/ A namorada do milico,/ Vem vindo o subúrbio!/ Cocoricó (N.T.)

2 Literalmente: Vendo Lafayette,/ O policial repete/ Vamos embora! Vamos embora! Vamos embora! (N.T.)

LIVRO DÉCIMO QUINTO

A RUA DO HOMME-ARMÉ

I

Mata-borrão indiscreto

O que são as comoções de uma cidade se comparadas às revoltas da alma? O homem é uma profundidade maior ainda que o povo. Naquele mesmo momento, Jean Valjean atravessava uma terrível agitação interior. Tinham-se aberto novamente todos os abismos. Ele estremecia como Paris, no limiar de uma revolução formidável e obscura. Para isto tinham bastado apenas algumas horas. Seu destino e sua consciência se haviam bruscamente ensombrado. Dele, como de Paris, podia-se dizer: os dois princípios se confrontam. O anjo branco e o anjo negro vão entrar em corpo a corpo na ponte do abismo. Qual dos dois precipitará o outro? Qual será vencedor?

Na véspera daquele mesmo 5 de junho, acompanhado de Cosette e de Toussaint, Jean Valjean se mudou para a rua do Homme-Armé. Ali o aguardava uma nova peripécia.

Cosette não tinha deixado a rua Plumet sem resistência. Era a primeira vez, desde que passaram a conviver, que a vontade de Cosette e a vontade de Jean Valjean se opunham e, mesmo não chegando ao choque, se viram em contradição, com objeção de um lado e inflexibilidade do outro. O inopinado conselho para que se mudasse, dado por um desconhecido, assustara Jean Valjean a ponto de torná-lo despótico. Viu-se desmascarado e perseguido. Cosette precisou ceder.

Chegaram à rua do Homme-Armé sem abrir a boca e sem uma só palavra, absorto cada um em sua preocupação pessoal. Jean Valjean estava tão atormentado que não via a tristeza de Cosette, e esta, tão triste que não via a apreensão do pai.

Jean Valjean levara Toussaint, coisa que nunca havia feito nas precedentes mudanças de casa. Era possível que talvez não voltasse à rua Plumet e por isso não podia deixá-la nem contar o que estava acontecendo. No entanto, confiava na sua dedicação. Entre o criado e o amo, é pela curiosidade que começa a traição. E Toussaint, como se fosse sua predestinação ser criada de Jean Valjean, não era curiosa. Ela dizia, em sua gagueira e maneira de falar de camponesa de Barneville:

“Sou mesma de mesma; coiso meu fato; o restando não é meu afazer (Sou assim; faço meu trabalho; o resto não me interessa).

Naquela saída da rua Plumet, que foi quase uma fuga, Jean Valjean levou com ele apenas a cheirosa malinha, batizada por Cosette como *a inseparável*. Malas volumosas exigem carregadores, e carregadores são testemunhas. Chamou-se um fiacre à porta da rua de Babylone e assim se foram.

Apenas com muita dificuldade Toussaint obteve permissão para empacotar alguma roupa de cama, de vestir e uns poucos objetos de toalete. Cosette levou apenas seu material de escrivaninha, incluindo o bloco mata-borrão.

Para maior discrição nesse desaparecimento, Jean Valjean preparou tudo de modo a saírem da rua Plumet apenas ao anoitecer, o que deu tempo a Cosette de escrever o bilhete para Marius. Chegaram à rua do Homme-Armé já noite fechada.

Foram se deitar em silêncio.

A habitação da rua do Homme-Armé era num segundo andar, de fundos, com dois quartos de dormir, uma sala de jantar, ligada à cozinha, e um vão de escada, onde havia uma cama de armar para Toussaint. A sala de jantar servia também de antecâmara, separando os dois quartos de dormir. O apartamento dispunha dos utensílios necessários.

O homem tranquiliza-se de forma quase tão louca quanto se inquieta; é assim a natureza humana. Assim que se viu na rua do Homme-Armé, Jean Valjean sentiu diminuir e, pouco a pouco, se dissipar a aflição. Há lugares tranquilizantes que, de certa forma, agem mecanicamente sobre o espírito. Rua obscura, moradores calmos. Jean Valjean recebeu um verdadeiro contágio de tranquilidade daquela ruela da antiga Paris, tão estreita que é vedada aos carros por uma barreira transversal, colocada entre dois postes; muda e surda no meio do rumor da cidade, crepuscular em pleno dia e, por assim dizer, inviabilizando qualquer grande emoção entre suas duas fileiras de casas centenárias, que se calam como todo idoso dessa idade. Há, nessa rua, um esquecimento estagnante. Jean Valjean respirou-o.

Como, mesmo assim, conseguiram encontrá-lo ali?

Seu primeiro cuidado foi colocar a *inseparável* bem a seu lado.

Dormiu bem. A noite é boa conselheira, e pode-se acrescentar: a noite tranquiliza. No dia seguinte, ergueu-se quase alegre. Achou agradável a sala de jantar, que era horrível, com uma velha mesa redonda, um aparador baixo com espelho inclinado, uma poltrona carcomida e algumas cadeiras ocupadas pelos pacotes de Toussaint. Num desses embrulhos podia-se ver a farda de guarda nacional de Jean Valjean.

Quanto a Cosette, ela pediu a Toussaint que lhe levasse alguma coisa leve para comer sem sair do quarto e só apareceu à tarde.

Ali pelas cinco horas, Toussaint, que andava de um lado para outro, ocupada com os arranjos da casa, colocou na mesa uma galinha assada, fria, que Cosette, só por respeito ao pai, fingiu comer um pouco.

Depois disso, a pretexto de uma enxaqueca, desejou boa-noite e foi se trancar no quarto. Jean Valjean comeu com apetite um pedaço de frango e, encostado à mesa, tranquilo, voltou a se sentir plenamente seguro.

Enquanto comia tão sóbrio jantar, por duas vezes ouviu confusamente o gaguejar de Toussaint, que dizia:

— O senhor olhe que temos barulho, parece que estão combatendo na cidade.

Mas, absorto numa quantidade de pensamentos interiores, não se preocupou. A bem da verdade, nem tinha ouvido.

Levantou-se e começou a andar da janela à porta e da porta à janela, cada vez mais calmo.

Com isso, voltou a ser Cosette sua única preocupação. Não por causa da tal enxaqueca, mera crise nervosa, teimosia de adolescente, nuvem passageira que desapareceria em um ou dois dias; mas por pensar no seu futuro, como sempre com carinho e amor. Na verdade, não via qualquer obstáculo para que a vida feliz voltasse a seguir seu curso. Em certas horas tudo se mostra impossível; em outras tudo parece fácil; Jean Valjean estava numa destas últimas. Elas vêm, em geral, depois daquelas, como o dia depois da noite, pela lei da sucessão e do contraste, que é o fundo da própria natureza e que os espíritos superficiais chamam antítese. Naquela pacata rua em que se refugiara, Jean Valjean se livrava de tudo que o incomodava havia algum tempo. Pelo fato mesmo de ter visto muitas trevas, começava a entrever um pouco de céu azul. Ter deixado a rua Plumet sem complicação e sem incidente fora já um bom passo. Talvez devesse por prudência mudar de terra, mesmo que apenas por alguns meses, e ir para Londres. Assim faria. Tanto fazia a França ou a Inglaterra, estando Cosette a seu lado. Cosette era a sua pátria. E isso era suficiente para a felicidade. A ideia de que talvez ele não bastasse para a felicidade dela — ideia que já o deixara febril e insone — não se apresentava mais à sua mente. Ele se encontrava no colapso de todas as dores passadas e em pleno otimismo. Cosette, estando a seu lado, parecia ser sua; é um efeito de óptica que afeta todo mundo.

Ele intimamente organizava, e com toda a facilidade, a partida para a Inglaterra com a filha, vendo a felicidade se reconstruir fosse onde fosse, nas perspectivas do seu sonhar acordado.

Enquanto andava de um lado para outro a passos lentos, chamou-lhe atenção, de repente, algo estranho.

À sua frente, no espelho inclinado do bufê, ele distintamente leu as seguintes linhas:

> Ai de mim, querido! Meu pai quer que partamos imediatamente. Esta noite estaremos na rua do Homme-Armé, nº 7. Dentro de oito dias estaremos em Londres.
>
> *Cosette, 4 de junho.*

Jean Valjean parou estupefato.

Cosette, ao chegar, havia deixado o papel mata-borrão em cima do aparador e bem diante do espelho. Entregue à sua aflição, esqueceu-o ali, sem nem reparar que estava aberto, e exatamente na página que havia enxugado as cinco linhas que escrevera, em seguida expedidas por intermédio do jovem operário que passava pela rua Plumet. O bilhete tinha se reproduzido no mata-borrão.

E o espelho o refletia.

Resultou o que em geometria se chama imagem simétrica: as letras, que no mata-borrão estavam invertidas, apresentavam-se no espelho no sentido natural; e Jean Valjean tinha diante dos olhos o que Cosette escrevera na véspera a Marius.

Era simples e fulminante.

Ele se aproximou do espelho. Releu aquelas linhas, mas sem poder acreditar. Era como se surgissem no clarão de um relâmpago. Só podia se tratar de uma alucinação. Impossível. Não podia ser.

Pouco a pouco sua percepção se tornou mais precisa. Ele olhou o mata-borrão, tentando fixar o fato real. Pegou o papel e disse para si mesmo: "Isso vem daqui." Examinou febrilmente as linhas impressas, a inclinação das letras produzia um rabisco estranho, sem qualquer sentido. Então pensou: isso não significa nada, não tem coisa alguma escrita aqui. E respirou com toda a força dos pulmões, incrivelmente aliviado. Quem não teve dessas alegrias bobas em momentos terríveis? A alma não se entrega ao desespero sem antes esgotar todas as ilusões

Ele contemplava o mata-borrão segurando-o, estupidamente feliz, quase rindo da alucinação de que fora vítima. De repente voltou a olhar o espelho e a visão se impôs novamente. As linhas ali apareciam com inexorável clareza. Não era miragem.

A reincidência de uma visão é uma realidade, era palpável, eram as letras recompostas no espelho. Ele entendeu.

Jean Valjean se sentiu fraquejar, largou o mata-borrão e desabou na velha poltrona ao lado do aparador, de cabeça pendente, olhos apagados, perdido. Aquilo era evidente, a luz do mundo estava para sempre extinta e Cosette havia escrito aquilo para alguém. Ele ouviu a sua alma, novamente terrível, soltar nas trevas um surdo rugido. Tentem tirar do leão o cão que ele tem em sua jaula!

Estranha e triste coisa: naquele momento Marius ainda não tinha recebido a carta de Cosette; traiçoeiramente o acaso permitiu que Jean Valjean a lesse antes do destinatário.

Até aquele dia, nunca as provações haviam submetido Jean Valjean. Ele passou por experiências tremendas, sem que nem uma só via de fato da má fortuna lhe fosse poupada; a ferocidade da sorte, armada com todas as vinditas e todos os equívocos sociais, tomara-o por alvo, obstinadamente, sem que ele recuasse ou vergasse diante do que fosse. Aceitara, quando preciso, todos os extremos, sacrificou sua inviolabilidade reconquistada, entregou sua própria liberdade, pôs em risco a cabeça, perdeu tudo, sofreu tudo, mantendo-se desinteressado e estoico, a ponto de às vezes poderem achá-lo ausente de si, como um mártir. Sua consciência, treinada contra todos os assaltos possíveis da adversidade, podia parecer para sempre inexpugnável. Pois bem, se alguém, naquele momento, pudesse ler no seu íntimo, constataria que ela fraquejava.

Isso porque, de todas as torturas por que tinha passado, nesse longo desenvolvimento que o destino lhe apresentava, era esta a mais temível. Nunca semelhante tenaz o havia esmagado de tal forma. Mostrava-se claro o reviramento misterioso de todas as sensibilidades latentes. Sentiu o pinçar da fibra desconhecida. Infelizmente, a provação suprema, digamos melhor, a provação única, é a perda da pessoa amada.

O pobre velho, é claro, não amava senão como pai. Mas, já dissemos antes, nessa paternidade, a própria viuvez da sua vida havia introduzido todos os amores: ele amava Cosette como filha, amava-a como mãe e amava-a como irmã. Como jamais tivera amante ou esposa, como a natureza é um credor que não aceita protesto, também esse sentimento, o mais imperdível de todos, se misturava aos outros, vago, ignorante, com a pureza da cegueira, inconsciente, celeste, angélico, divino; menos como sentimento do que como instinto, menos como instinto do que como propensão, imperceptível e invisível, mas real; e o amor propriamente dito estava na sua ternura enorme por Cosette, como o filão de ouro está na montanha, tenebrosa e virgem.

Relembremos essa situação afetiva que já indicamos. Casamento nenhum era possível entre eles, nem sequer o das almas; no entanto, com certeza os seus destinos estavam acasalados. À exceção de Cosette, ou seja, à exceção de uma criança, Jean Valjean nunca, em toda a sua longa vida, nada conheceu do que se pode amar. As paixões e os amores que se sucedem não haviam criado nele esses verdes sucessivos, verde tenro e verde-escuro, observáveis nas folhagens que passam o inverno e nos homens que passam pelos cinquenta anos. Resumindo, e já insistimos nisso mais de uma vez, toda essa fusão interior, todo esse conjunto, cuja resultante era uma alta virtude, terminava por fazer de Jean Valjean um pai para Cosette. Pai estranho, em que participavam o avô, o filho, o irmão e o marido que havia nele, pai em que havia inclusive uma mãe. Pai que amava e adorava Cosette, tendo nela a sua luz, a sua morada, a sua família, a sua pátria, o seu paraíso.

Assim, quando ele viu que tudo decididamente acabava, que ela escapava, escorregava das suas mãos, como nuvem, como água; quando teve diante dos olhos essa evidência esmagadora: um outro é o alvo do seu coração, um outro constitui a aspiração da sua vida; há um amado, sou apenas o pai; não existo mais. Quando não pôde mais duvidar e se disse "ela sai de mim", a dor ultrapassou os limites do possível. Ter feito tudo que fez para chegar a isso! Como? No fim de tudo não ser nada? Então, como há pouco dissemos, houve nele, da cabeça aos pés, um tremor de revolta. Ele sentiu até na raiz dos cabelos o imenso despertar do egoísmo: o eu uivou no abismo daquele homem.

Há desmoronamentos interiores. Uma certeza desesperadora, quando invade o homem, faz isso afastando e rompendo certos elementos profundos que às vezes são o próprio homem. A dor, quando chega a esse grau, cria um salve-se quem puder para todas as forças da consciência. São crises fatais. Poucos saem disso incólumes e firmes em seu dever. Quando o limite do sofrimento é ultrapassado, a mais imperturbável virtude se desconcerta. Jean Valjean pegou de volta o mata-borrão e outra vez se convenceu, parou petrificado nas linhas irrefutáveis, com o olhar fixo. Fez-se nele uma tal bruma que se podia achar que todo o interior da sua alma desabava.

Essa revelação foi examinada através da lente de aumento do sonho, com uma tranquilidade aparente e medonha, pois é terrível quando a calma leva o indivíduo à frieza da estátua.

Mediu o passo espantoso que o seu destino tinha dado, sem que ele suspeitasse. Lembrou-se dos receios do verão anterior, tão levianamente dissipados; reconheceu o precipício, era ainda o mesmo, a diferença consistia em já não estar, ele, Jean Valjean, à beira, e sim no fundo.

E seu instinto não hesitou. Aproximou certas circunstâncias, certas datas, o rubor e a palidez de Cosette em dadas ocasiões, e disse consigo: "É ele." A adivinhação do desespero forma uma espécie de arco misterioso que nunca erra o tiro. Logo na primeira conjectura chegou a Marius. Não sabia o nome, mas rapidamente encontrou o homem. Viu distintamente, no fundo da implacável evocação das recordações, o desconhecido que perambulava pelo Luxembourg, o miserável caçador de namoradinhas, desocupado de romance, imbecil e covarde; pois é covardia trocar olhares doces com uma jovem que se encontra ao lado do pai, que a ama.

Depois de bem convencido de, no fundo de toda essa situação, estar aquele rapaz, de tudo vir dele, Jean Valjean, o homem regenerado que tanto procurou aperfeiçoar a sua alma, o homem que tanto se esforçou para resolver a própria vida, a miséria e toda a infelicidade amorosa, olhou para dentro de si e viu um espectro, o Ódio.

As grandes dores comportam um aniquilamento. Elas inibem o ser. Aquele em quem elas penetram sente algo se retirar. Na juventude, a sua visita é lúgubre, mais tarde se torna sinistra. Infelizmente, enquanto o sangue fervilha, os cabelos são negros, a cabeça se mantém ereta no corpo como a chama no archote, enquanto o rolo do destino tem todo o seu volume e o coração, cheio de amor desejoso, bate ainda de forma a poder esperar um retorno, quando se tem à frente tempo para tudo reparar, quando todas as mulheres estão ali, e todos os sorrisos, e todo o futuro e todo o mundo, quando a força da vida é completa; se mesmo aí se mostra terrível o desespero, o que dizer quando ele vem na velhice, quando os anos se precipitam cada vez mais pálidos, nessa hora crepuscular em que se começam a vislumbrar as estrelas da tumba?

Enquanto Jean Valjean pensava, entrou Toussaint. Ele se levantou e perguntou:

— De que lado é, sabe?

Toussaint, surpresa, só pôde perguntar:

— De que lado, o quê?

— Não me disse há pouco haver um combate nas ruas? — tornou Jean Valjean.

— Há, sim — respondeu Toussaint —, lá para o lado de Saint-Merry.

Existem certos automatismos que nos vêm do pensamento mais profundo, sem que nem saibamos. Foi certamente um impulso desse gênero, e do qual Jean Valjean mal tinha consciência, que, cinco minutos depois, o levou à rua.

Tinha a cabeça descoberta, sentou-se na pedra de sinalização do seu prédio, parecendo escutar.

Tinha já anoitecido.

II

O moleque inimigo das luzes

Quanto tempo ficou Jean Valjean ali? Quais foram os fluxos e refluxos dessa meditação trágica? Ergueu-se? Permaneceu curvado? Curvar-se-ia até quebrar? Teria como ainda se aprumar e retomar pé em algum ponto sólido da consciência? Provavelmente nem ele próprio poderia dizer.

A rua estava deserta. Alguns burgueses que passaram, preocupados em rapidamente voltar para casa, mal o notavam. É cada um por si, em tempo de perigo. O acendedor noturno de lampiões veio, como de hábito, ativar o que ficava precisamente diante do nº 7 e se foi. Quem observasse Jean Valjean naquela atitude, no meio da escuridão, provavelmente não o imaginaria vivo. Estava sentado na pedra em frente à sua porta, imóvel como uma larva de gelo. Há congelação no desespero. Ouvia-se o toque a rebate e vagos rumores tumultuosos. No meio de todas aquelas convulsões do sino e da revolta, o relógio de Saint-Paul gravemente soou onze horas, sem se apressar; pois o rebate do sino é da alçada do homem, mas Deus é quem faz a hora. O passar da hora não produziu efeito sobre Jean Valjean. Mas quase ao mesmo tempo ressoou no espaço uma inesperada detonação vinda da área do Halles, seguida por outra, mais violenta ainda. Provavelmente aquele ataque à barricada da rua da Chanvrerie, que há pouco vimos ser rechaçado por Marius.

Ao ouvir a dupla descarga, cujo estrondar parecia ainda maior pela vacuidade da noite, Jean Valjean estremeceu; ergueu-se para o lado de onde viera o barulho; depois tornou a sentar-se, cruzou os braços e deixou que a cabeça voltasse a cair no peito.

Continuou o tenebroso diálogo que travava em seu íntimo.

De repente ergueu os olhos, vinha alguém pela rua. Ouviu passos não distantes, olhou e, à luz do lampião, do lado da rua que leva aos Arquivos, viu um rosto claro, jovem e alegre.

Gavroche acabava de chegar à rua do Homme-Armé.

Olhava para o alto e parecia procurar alguma coisa. Via perfeitamente Jean Valjean, mas sem nem mesmo se dar conta.

Depois de tanto olhar para cima, olhou para baixo; punha-se na ponta dos pés e tateava portas e janelas, todas fechadas e trancadas. Depois de examinar cinco ou

seis fachadas, todas bem protegidas, encolheu os ombros e argumentou consigo mesmo, nestes termos:

— Que droga!

E voltou a olhar para o ar.

Jean Valjean, que pouco antes, no estado de espírito em que se encontrava, não teria falado nem mesmo olhado para pessoa alguma, sentiu-se irresistivelmente impelido a perguntar.

— O que tem aí, pequeno?

— O que tenho é fome — respondeu Gavroche prontamente. E acrescentou: — Pequeno é você.

Jean Valjean meteu a mão no bolso e tirou uma moeda de cinco francos.

Mas Gavroche, que era pássaro de espécie arisca e passava rapidamente de uma coisa a outra, acabara de pegar uma pedra. Descobrira o lampião.

— Olha! — disse ele. — Ainda tem luz por aqui. Não estão seguindo a ordem, meus amigos. Isto é bagunça. Vamos acabar com isso.

E atirou a pedra no lampião, cujo vidro caiu em pedaços com tal estardalhaço, que uns burgueses atrás das suas cortinas na casa da frente se disseram: "Pronto! Estamos de novo em 93!"

O lampião balançou violentamente e se apagou. A rua ficou de repente escura.

— É assim mesmo, sua rua velha; pode vestir a sua touca de dormir.

E voltando-se para Jean Valjean:

— Como é que vocês chamam aquele monumento enorme lá no fim da rua? É o prédio dos Arquivos, não é? Aquelas colunas é que seriam boas para uma barricada.

Jean Valjean aproximou-se dele.

— Pobre criança — disse ele a meia-voz, falando consigo mesmo: —, tem fome.

E meteu-lhe na mão a moeda de cinco francos.

Gavroche levantou o nariz, espantado pela grandeza do presente. Olhou-a no escuro e ficou deslumbrado com a sua alvura. Não conhecia as moedas de cinco francos senão *por ouvir dizer*, mas sua reputação era muito agradável. Ficou então encantado de ver uma e disse consigo: "Contemplemos o tigre."

Fez isso por alguns instantes, extasiado; depois voltou-se para Jean Valjean e disse majestosamente, devolvendo a moeda:

— Burguês, prefiro quebrar os lampiões. Guarde essa sua fera. A mim ninguém corrompe. Esse bicho tem cinco garras, mas não me arranha.

— Tem mãe? — perguntou Jean Valjean.

— Talvez mais que você.

— Pois então dê esse dinheiro a ela — insistiu o homem.

Isso impressionou Gavroche. Além do mais, acabava de reparar que o sujeito não usava chapéu, o que lhe inspirava confiança.

— Então não é só para que eu não quebre os lampiões?

— Quebre tudo que quiser.

— Você é um cara direito — disse Gavroche.

E meteu num dos bolsos a moeda de cinco francos.

Sentindo-se mais confiante, perguntou:

— Mora nesta rua?

— Moro, por quê?

— Sabe dizer onde é o nº 7?

— O nº 7, para quê?

Gavroche se calou, achando ter falado demais. Meteu com força os dedos nos cabelos e se limitou a responder:

— Ah, é isso!

Uma ideia atravessou Jean Valjean. A aflição tem às vezes esse tipo de lucidez.

— Trouxe a carta que estou esperando? — perguntou ele.

— O senhor? — espantou-se Gavroche. — O senhor não é mulher.

— A carta não é para a jovem Cosette?

— Cosette? — murmurou Gavroche. — Acho que era um nome assim esquisito.

— Eu é que devo entregar a carta. Pode me dar.

— Então sabe que me mandaram da barricada?

— Sei, sim — respondeu Jean Valjean, imperturbável.

Gavroche mergulhou a mão no outro bolso e sacou um papel dobrado em quatro.

Em seguida prestou continência.

— Respeite-se o despacho — disse ele —, vem do governo provisório.

— Por favor — insistiu Jean Valjean.

Gavroche conservava o papel acima da cabeça.

— Não pense que se trate de uma carta de amor. É para uma mulher, mas é para o povo. Lutamos, mas respeitamos os sexos. Não somos como a alta sociedade, onde há leões que mandam suas jovens aos camelos.

— Por favor.

— Realmente — continuou Gavroche —, parece ser um homem direito.

— Depressa.

— Aqui está.

E entregou o papel a Jean Valjean.

— Seja rápido, sr. Coisa, pois a jovem Coisete espera.

Gavroche ficou muito contente do trocadilho.

— É a Saint-Merry que se deve levar a resposta?

— Estaria assim fazendo o que vulgarmente se chama lambança! — exclamou Gavroche. — A carta vem da barricada da rua da Chanvrerie, para onde já estou correndo. Boa noite, cidadão.

Dito isso, Gavroche se foi, ou, melhor dizendo, retomou, para o lugar de onde vinha, seu voo de pássaro solto. Mergulhou na escuridão, como se nela se abrisse um buraco, com a rapidez implacável de um projétil. A rua do Homme-Armé voltou a ficar silenciosa e solitária. Num piscar de olhos, aquela estranha criança, que tinha um pouco de sombra e de sonho em sua composição, enfiou-se na bruma daqueles edifícios escuros e se perdeu como fumaça nas trevas. Podia-se achar que se dissipara, não fosse, poucos minutos depois, um brusco barulho de vidro quebrado e a esplêndida explosão de um lampião se espatifando na calçada acordar de novo os burgueses indignados. Era Gavroche que passava pela rua do Chaume.

III

Enquanto Cosette e Toussaint dormiam

Jean Valjean entrou de volta no prédio com a carta de Marius.

Subiu a escada às apalpadelas, satisfeito no escuro como a coruja que carrega sua presa. Abriu e fechou com cuidado a porta, escutou, viu que, aparentemente, tanto Cosette como Toussaint dormiam. De tanto que a sua mão tremia, precisou de três ou quatro fósforos até conseguir uma faísca do isqueiro Fumade. Afinal, era roubo o que acabava de fazer. Acendeu a vela, encostou-se à mesa, desdobrou o papel e leu.

Sob violentas emoções não se lê, devora-se, por assim dizer, o papel que se tem na mão, agarrado como uma vítima, amarrotado. Cravam-se nele as unhas, com raiva ou com alegria. Vai-se logo ao fim, salta-se o início. Cuidado com a tensão. Na verdade, compreende-se mais ou menos o essencial, um ponto é realçado e tudo o mais desaparece.

Do bilhete de Marius a Cosette, Jean Valjean só viu o seguinte:

… Morro. Quando ler este bilhete, a minha alma estará a seu lado…

Diante dessas duas linhas, houve nele um deslumbramento horrível. Sentiu-se por um momento esmagado pela mudança de emoção que ocorria e olhou para o bilhete de Marius com uma espécie de espanto bêbado — tinha diante dos olhos essa maravilha — a morte da pessoa odiada.

Ele soltou um medonho grito de alegria íntima. Sim, estava tudo acabado. O desfecho vinha mais depressa do que poderia esperar. O obstáculo que se criara no seu destino desaparecia. Ia-se por conta própria, livremente, com boa vontade e sem que ele, Jean Valjean, tivesse participado. "Aquele homem" ia desaparecer sem que ele fosse culpado. Talvez até já estivesse morto.

Nesse ponto, seu estado febril fez as contas: não, ainda não está morto. A carta foi visivelmente escrita para ser lida por Cosette na manhã seguinte. Desde os disparos ouvidos entre as onze e a meia-noite, nada mais aconteceu; a barricada só será atacada mais seriamente ao alvorecer, mas não faz mal, já que "aquele homem" está envolvido nisso, não tem como escapar, foi pego pela engrenagem.

Jean Valjean sentiu-se livre. Voltaria a estar só com Cosette. A concorrência cessava; retomava-se o futuro. Bastava guardar a carta no bolso. Cosette não saberia nunca o que foi feito "daquele homem". "É só deixar que as coisas sigam. Ele não pode escapar. Se não está morto ainda, com certeza morrerá! Que felicidade!"

Depois de pensar tudo isso, ficou sombrio. Em seguida voltou a descer e acordou o porteiro.

Mais ou menos uma hora depois, Jean Valjean saía de casa, fardado e armado como guarda nacional. O porteiro facilmente conseguiu na vizinhança com que completar o seu armamento. Tinha uma espingarda carregada, uma patrona cheia de cartuchos e tomou a direção do Halles.

IV

Excesso de boas intenções de Gavroche

Entretanto, ocorreu um incidente no caminho de Gavroche.

Depois de conscienciosamente apedrejar o lampião da rua das Vieilles-Haudriettes e sem nada enxergar, achou excelente a ocasião para berrar todas as canções possíveis.

A sua caminhada, em vez de se desacelerar com a cantoria, ficou mais rápida e ele foi semeando, ao longo das casas adormecidas ou aterradas, essas coplas incendiárias:

L'oiseau médit, dans les charmilles,
Et prétend qu'hier Atala
Avec un russe s'en alla.
Où vont les belles filles,
Lon la.

Mon ami Pierrot, tu babilles,
Parce que l'autre jour Mila
Cogna sa vitre, et m'appela.
Où vont les belles filles,
Lon la.

Les drôlesses sont fort gentilles,
Leur poison qui m'ensorcela
Griserait monsieur Orfila.
Où vont les belles filles,
Lon la.

J'aime l'amour et ses bisbilles,
J'aime Agnès, j'aime Paméla,
Lise en m'allumant se brûla.
Où vont les belles filles,
Lon la.

Jadis, quand je vis les mantilles,
De Suzette et de Zeïla,
Mon âme à leurs plis se mêla.

Où vont les belles filles,
Lon la.

Amour, quand, dans l'ombre où tu brilles.
Tu coiffes de roses Lola
Je me damnerais pour cela.
Où vont les belles filles,
Lon la.

Jeanne, à ton miroir tu t'habilles!
Mon cœur un beau jour s'envola;
Je crois que c'est Jeanne qui l'a.
Où vont les belles filles,
Lon la.

Le soir, en sortant des quadrilles,
Je montre aux étoiles Stella
Et je leur dis: regardez-la.
Où vont les belles filles,
Lon la.[1]

Enquanto cantava, Gavroche esbanjava uma pantomima. O gesto é o ponto de apoio do refrão. Seu rosto, inesgotável repertório de máscaras, fazia caretas mais convulsivas e absurdas que as bocas de um pano furado sob um vento forte. Infelizmente, como estava sozinho e no escuro, isso não foi visto nem era visível. São muitas as riquezas que se perdem.

De repente, ele parou.

— Interrompamos a cantoria — disse ele.

A sua pupila felina acabava de descobrir, na reentrância de um portão, o que em pintura se chama uma composição, isto é, um personagem e uma coisa; a coisa era um carrinho de mão e o personagem um sujeito que dormia em cima dele.

Os varais do carrinho descansavam no chão e a cabeça do homem se apoiava no alto do estrado, com o corpo estendido nesse plano inclinado e os pés tocando o chão.

Gavroche, com a sua experiência das coisas deste mundo, viu logo se tratar de

um bêbado.

Era algum pau para toda obra que bebera demais e, consequentemente, dormia.

— Aí está — disse Gavroche — para que servem as noites de verão. O sujeito dorme dentro do carro. Toma-se o carro para a república e deixa-se o sujeito para a monarquia.

Sua inteligência acabava de se iluminar com a seguinte ideia:

— Esse carro ficaria ótimo na nossa barricada.

O homem roncava.

Gavroche puxou suavemente o carro pela ré e o dorminhoco pela frente, isto é, pelos pés. Um minuto depois o repousava, imperturbável, bem estirado no chão.

Gavroche, habituado a lidar com todo tipo de imprevisto, tinha sempre de tudo nos bolsos. Procurou e conseguiu um pedaço de papel, um toco de lápis vermelho e escreveu:

República Francesa.
Foi recebida a tua carreta.

Gavroche

Feito isso, meteu o recibo no bolso do colete do homem, que continuava a roncar, empunhou as duas varas do carro e partiu na direção do Halles, empurrando a galope o carrinho, numa barulheira gloriosamente triunfal.

Era algo perigoso. Na Imprensa Real havia um posto de guarda e ele não tinha pensado nisso. O posto estava ocupado por guardas nacionais do subúrbio. O estado de prontidão já agitava o esquadrão e as cabeças começavam a se erguer em cima das camas de armar. Dois lampiões quebrados e uma canção cantada aos berros, isso era muito para ruas tão tímidas, que logo ao pôr do sol têm sono e cobrem bem cedo as suas velas. Há uma hora o moleque fazia, naquele bairro tranquilo, a algazarra de um besouro dentro de uma garrafa. O sargento da guarda estava de orelhas em pé e esperava. Era um homem prudente.

O rolar exagerado do carro foi a gota d'água e obrigou a autoridade a um reconhecimento.

— É um bando inteiro — disse o sargento —, é melhor ir devagar.

Era evidente que a Hidra da Anarquia estava solta e se agitava por aquelas ruas.

O militar se arriscou fora da casa da guarda, na ponta dos pés.

De repente Gavroche, empurrando o carrinho, no momento em que desembocava na rua das Vieilles-Haudriettes, deu de cara com uma farda, uma barretina, um penacho e uma espingarda.

Pela segunda vez parou brusco e exclamou:

— Olha se não é ela!? Como tem passado, senhora ordem pública?

Os espantos de Gavroche eram curtos e se desmanchavam logo.

— Aonde pensa que vai, patife? — gritou o sargento.

— Cidadão — respondeu Gavroche —, ainda não o chamei de burguês. Por que me insulta?

— Aonde pensa que vai, pivete?

— Talvez ontem o senhor ainda fosse um animal racional — tornou Gavroche —, mas foi destituído pela manhã.

— Estou perguntando aonde está indo, cretino.

— Isso é que é falar — respondeu Gavroche. — Realmente ninguém diria a idade que tem. Por que não vende os seus cabelos a cem francos cada um? Deve dar uns quinhentos francos.

— Aonde está indo? Aonde está indo, salafrário?

— Quantas palavras feias. A primeira vez que lhe derem de mamar é melhor que limpem bem a sua boca.

O sargento calou a baioneta.

— Vai ou não vai responder, miserável?

— Meu general — disse Gavroche —, vou chamar um médico para minha esposa, que está em trabalhos de parto.

— Às armas! — gritou o sargento.

Salvar-se por meio daquilo que o ameaça é a obra-prima dos homens fortes. Com uma só olhadela, Gavroche mediu toda a situação. O carrinho havia criado aquele problema, o carrinho devia protegê-lo.

No momento em que o sargento arremetia, o carrinho partiu furiosamente contra ele, transformado em projétil, arremessado com toda a força possível. O militar, recebendo a pancada bem na barriga, caiu para trás na lama, enquanto a espingarda disparava para o alto.

Ao grito do sargento os soldados saíram em confusão da casa da guarda; o tiro isolado gerou uma descarga geral ao acaso, depois da qual tornaram a carregar as armas e recomeçaram.

A fuzilaria às cegas durou uns quinze minutos e "matou" alguns vidros de diferentes janelas.

Nesse meio-tempo, Gavroche, que tinha voltado atrás correndo, parou depois de ter cruzado cinco ou seis ruas e sentou-se na esquina dos Enfants-Rouges.

Prestou atenção.

Depois de respirar fundo por alguns instantes, voltou-se para o lado de onde se ouviam os tiros, ergueu a mão esquerda à altura do nariz e lançou-a três vezes para a frente, batendo ao mesmo tempo outras tantas vezes com a mão direita na nuca, gesto soberano no qual a molecada parisiense condensou a ironia francesa. Gesto evidentemente eficaz, pois já dura meio século.

Essa alegria foi perturbada por uma reflexão amarga.

— É verdade — disse ele —, me divirto, mas estou perdendo tempo; preciso de um atalho. Tomara que não chegue tarde demais à barricada.

Ato contínuo, prosseguiu sua corrida.

— Aliás, em que ponto eu estava? — perguntou-se ele, enquanto corria.

E continuou a cantar a canção, atravessando rapidamente diferentes ruas, parecendo com isso diminuir a escuridão.

Mais il reste encore des bastilles,
Et je vais mettre le holà
Dans l'ordre public que voilà.
Où vont les belles filles,
Lon la.

Quelqu'un veut-il jouer aux quilles?
Tout de vieux monde s'écroula
Quand la grosse boule roula.
Où vont les belles filles,
Lon la.

Vieux bon peuple, à coups de béquilles,
Casson ce Louvre où s'étala
La monarchie en falbala.
Où vont les belles filles,
Lon la.

Nous en avons forcé les grilles,

Le roi Charles Dix, ce jour-là,
Tenait mal et se décolla.
Où vont les belles filles,
Lon la.[2]

As operações militares da Guarda não foram inúteis. Foi conquistado o carrinho e preso o bêbado. Um foi levado ao depósito, o outro, mais tarde, ao Conselho de Guerra como cúmplice. O Ministério Público de então demonstrou, nessa ocasião, o seu incansável zelo em defesa da sociedade.

Essa aventura de Gavroche, que faz parte da tradição do antigo bairro do Temple, é uma das recordações mais terríveis dos velhos burgueses do Marais, guardada na memória como: o ataque noturno à Guarda da Imprensa Real.

Notas

1 Literalmente: O pássaro faz fofoca nas alamedas/ E diz que ontem Atala/ Com um russo foi embora./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la./ Meu amigo Pierrô, falas muito,/ Porque outro dia Mila/ Bateu no vidro e me chamou./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la./ As belezocas são boazinhas/ Seu veneno que me enfeitiçou/ Embebedaria o senhor Orfila./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la./ Aprecio o amor e suas besteirinhas,/ Aprecio Agnès, aprecio Paméla./ Lise me acendendo se queimou./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la./ Outrora quando vi as mantilhas/ De Suzette e de Zeila,/ Minha alma nas suas dobras se enredou./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la./ Amor, quando na sombra tu brilhas./ Coroa de rosas Lola,/ Eu me danaria por isso./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la./ Jeanne, no teu espelho te vestes!/ Meu coração um belo dia saiu voando;/ Acho que Jeanne ficou com ele./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la./ À noite saindo das danças,/ Mostro às estrelas Stella/ E digo a elas: admirem./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la. (N.T.)

2 Literalmente: Mas restam ainda bastilhas,/ E vou dar um basta/ Nessa ordem pública que aí está./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la./ Alguém quer jogar bola?/ O velho mundo inteiro desabou/ Quando a bolona rolou./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la./ Velho e bom povo, a golpes de muletas/ Quebremos o Louvre onde se espichou/ A monarquia em falbalá./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la./ Forçamos as grades./ O rei Carlos X nesse dia/ Não se aguentou e se foi./ Aonde vão as moças bonitas,/ Lon la. (N.T.)

PARTE QUINTA

JEAN VALJEAN

LIVRO PRIMEIRO

A GUERRA ENTRE QUATRO PAREDES

I

Caríbdes do bairro de Saint-Antoine e Cila do bairro do Temple

As duas mais memoráveis barricadas que podem ser mencionadas pelo observador das doenças sociais não pertencem ao período em que se inclui a ação deste livro. Essas duas barricadas, símbolos de uma situação ameaçadora, sob dois diferentes aspectos surgiram do chão por ocasião da fatal insurreição de junho de 1848, a maior guerra de ruas que já houve na história.

Algumas vezes, mesmo contra os princípios, mesmo contra a liberdade, a igualdade e a fraternidade, mesmo contra o voto universal e mesmo contra o governo de todos por todos, acontece de, do fundo das suas aflições, do seu desânimo, da sua carência, de suas febres, privações, miasmas, ignorâncias e trevas, essa grande desesperada, a canalha, protestar, e vê-se, aí, o populacho lutar contra o povo.

Os miseráveis atacam o direito comum, a oclocracia se insurge contra o *demo*.

São dias lúgubres que então ocorrem, pois há sempre certa parcela de direito, mesmo nessa demência; há suicídio nesse duelo, e essas palavras, que se pretendem injuriosas — miseráveis, canalha, oclocracia, populacho, constatam, infelizmente, mais a culpa dos que reinam do que a dos que sofrem; mais a culpa dos privilegiados do que a dos deserdados.

Da nossa parte, nunca é sem dor ou de maneira desrespeitosa que pronunciamos essas palavras, pois quando a filosofia sonda os objetos a que elas correspondem, frequentemente encontra grandeza do lado das misérias. Atenas era uma oclocracia, os miseráveis construíram a Holanda, o populacho mais de uma vez salvou Roma e a canalha seguia Jesus Cristo.

Não há pensador que não tenha às vezes contemplado as magnificências de baixo.

Era nessa canalha que provavelmente pensava são Jerônimo — e em todos esses pobres, esses vagabundos e esses miseráveis, de onde saíram os apóstolos e os

mártires — quando pronunciou esse dito misterioso: *Fex urbis, lex orbis*.

As irritações dessa multidão que sofre e sangra, suas violências em contrassenso com os princípios que são a sua própria vida, seus posicionamentos contra o direito, são golpes de Estado populares e devem ser reprimidos. O homem probo dá seu apoio e, inclusive por amor, se opõe a isso. Mas como ele a desculpa, mesmo quando se coloca contra! Como a venera, mesmo resistindo! É este um dos raros momentos em que, fazendo o que deve fazer, ele sente algo desconcertante, que quase o desaconselha a seguir mais além. Ele persiste por ser preciso. A consciência se sente satisfeita, mas triste, e o cumprimento do dever se complica por um aperto no coração.

Junho de 1848, diga-se logo, foi um fato excepcional e quase impossível de se classificar na filosofia da história. Todas as palavras acima assinaladas devem ser afastadas, ao se tratar dessa revolta extraordinária em que se sentiu a santa ansiedade do trabalho reclamando seus direitos. Foi preciso combatê-la, era este o dever, pois atacava a República, mas, no fundo, o que foi Junho de 1848? Uma revolta do povo contra si mesmo.

Quando não se perde o assunto de vista, não há digressão. Permitam-nos então prender por um momento a atenção do leitor nessas duas barricadas absolutamente únicas das quais acabamos de falar e que caracterizaram essa insurreição.

Uma fechava a entrada do bairro de Saint-Antoine; a outra impedia a aproximação do bairro do Temple. Aqueles diante dos quais se ergueram, sob o brilhante céu de junho, as duas tremendas obras-primas da guerra civil, nunca as esquecerão.

A barricada Saint-Antoine era monstruosa, tinha a altura de três andares e media setecentos pés de largura. Fechava, de um a outro ângulo, a vasta embocadura do bairro, ou seja, três ruas. Cheia de irregularidades, aos pedaços, denteada, picada, com seteiras abertas como num rasgão, sustentada e resguardada por grandes amontoamentos que também serviam como bastiões, com extensões em alguns pontos e solidamente apoiada nos dois grandes promontórios de casas do bairro. Ela surgia como dique ciclópico no fundo da temível praça que presenciou o 14 de Julho. Nas ruas internas, por trás dessa barricada principal, escalonavam-se dezenove barricadas menores. Só de vê-las, sentia-se o imenso e agonizante sofrimento do subúrbio, empurrado a esse momento extremo em que a penúria quer se transformar em catástrofe. De que era feita aquela barricada? Do entulho de três prédios de seis andares, demolidos para isso, diziam alguns. Ou do prodígio de tantas raivas, diziam outros. Tinha o triste aspecto de todas as construções do ódio: a ruína. Podia se perguntar: quem construiu isto. Ou, do mesmo modo, quem

destruiu isto. Era o improviso da fermentação. Olha! Essa porta, essa grade, esse alpendre, esse batente, esse fogareiro quebrado, esse caldeirão rachado! Tudo serve, juntem tudo, empurrem, rolem, cavem, desmantelem, derrubem tudo! Era a colaboração do calçamento, da viga, da barra de ferro, do trapo, do farrapo, do andrajo e da maldição. O grande e o pequeno serviam. Era o abismo parodiado ali pela confusão. A massa perto do átomo; a parede inteira arrancada e o prato quebrado, uma fraternização ameaçadora de todos os cacos. Sísifo acrescentou ali o seu rochedo e Jó a sua louça quebrada. Era, em suma, terrível. A acrópole dos mortos de fome. Carroças tombadas formavam excrescências no paredão; um comprido carro de transportar vinho, de cabeça para baixo, parecia uma cicatriz naquela tumultuosa fachada. Um ônibus, entusiasticamente içado à força de braços ao cume do paredão, como se os arquitetos daquela selvageria tivessem querido acrescentar alguma diversão ao horror, oferecia a lança desaparelhada não se sabe a quais cavalos aéreos.

Esse ajuntamento gigantesco, aluvião da revolta, era a superposição das montanhas Ossa e Pelion de todas as revoluções: 1793 sobre 1789, o 9 Termidor sobre o 10 de Agosto, o 18 Brumário sobre o 21 de Janeiro, Vendermiário sobre *prairial*, 1848 sobre 1830. A praça valia isso e aquela barricada era digna de estar no lugar de onde a Bastilha havia desaparecido. Se o oceano montasse diques, é como ele os construiria. A fúria das ondas marcava aquele monte disforme. Quais ondas? A multidão. A impressão era a de se ver o estrondear petrificado. E de se ouvir zumbir o alto da barricada, como se as enormes e tenebrosas abelhas do progresso violento estivessem na sua colmeia. Seria um espinheiro? Uma bacanal? Uma fortaleza? A vertigem parecia ter construído aquilo a golpes de asa. Havia algo da cloaca naquele reduto e algo olímpico naquela miscelânea. Viam-se, numa mistura cheia de desespero, caibros de telhados, pedaços de mansardas com seus papéis de parede, armações de janelas com todos os vidros, tudo no amontoamento, esperando o canhão, lareiras arrancadas, armários, mesas, bancos, tudo gritantemente sem sentido e mil coisas indigentes mais, refugo até do mendigo e que concentram, ao mesmo tempo, furor e vazio. Era como os farrapos de um povo, farrapos de madeira, de ferro, de bronze, de pedra e que o bairro de Saint-Antoine o havia deixado ali, à sua porta, com uma colossal vassourada, fazendo da sua miséria uma barricada. Blocos que mais pareciam cepos, correntes desconjuntadas, vigas de sustentação em forma de forcas, rodas horizontais saindo dos entulhos, tudo isso amalgamava àquele edifício da anarquia a terrível imagem dos antigos suplícios infligidos ao povo.

A barricada Saint-Antoine de tudo fazia armas; tudo que a guerra civil pode atirar à cabeça da sociedade saía dali. Não era combate, era paroxismo. As carabinas que defendiam aquele reduto, e entre as quais havia alguns bacamartes, disparavam cacos de louça, ossos, botões de roupa; disparavam até rodinhas de mesinhas de cabeceira, perigosíssimos por serem de cobre. Era uma barricada extremada, lançava às nuvens um clamor inexprimível. Em certos momentos, provocando o exército, ela se cobria de multidão e tempestade, uma turba de cabeças flamejantes a coroava; o formigamento a preenchia; tinha o alto encrespado de espingardas, sabres, varapaus, machados, chuços e baionetas; uma vasta bandeira vermelha flutuava solta ao vento; ouviam-se vozes de comando, canções de ataque, rufar de tambores, soluços de mulheres e gargalhadas de famintos. Era descomunal e viva, propagando uma cintilação de raios, como se fosse o lombo de um animal elétrico. O espírito de revolução cobria com sua nuvem aquela cumeeira, onde trovejava a voz do povo, semelhante à voz de Deus; uma estranha majestade se desprendia daquele titânico amontoamento de cascalho. Era um lixão e era o Sinai.

Como dissemos mais acima, ela atacava em nome da revolução e atacava o quê? A revolução. Essa barricada — o acaso, a desordem, o espanto, o mal-entendido, o desconhecido — tinha à sua frente a Assembleia Constituinte, a soberania do povo, o sufrágio universal, a nação, a República e era "A Carmagnole" desafiando "A Marselhesa".

Desafio insensato, mas heroico; pois esse velho bairro é um herói.

O bairro e o seu reduto davam-se recíproca ajuda. O bairro se sustentava no reduto, o reduto se apoiava no bairro. A vasta barricada era como um penhasco, em que ia se quebrar a estratégia dos generais da África. Suas cavernas, excrescências, verrugas e sinuosidades, faziam caretas, por assim dizer, e riam com escárnio sob as nuvens de fumaça. A metralha era assimilada pelo disforme; os obuses ali afundavam, eram tragados, desapareciam; as bolas de canhão só conseguiam abrir buracos, de que serve bombardear o caos? E os regimentos, acostumados às mais ferozes visões da guerra, olhavam inquietos para o reduto como se olha uma fera, mistura de javali, pelos objetos pontiagudos, e montanha, pela enormidade.

A um quarto de légua dali, na esquina da rua do Temple, que desemboca do boulevard perto do Chateau d'Eau, quem corajosamente passasse um pouco a cabeça fora da ponta formada pela fachada da loja Dallemagne, percebia ao longe, além do canal, na rua que sobe pelas rampas de Belleville, no ponto culminante da elevação, uma estranha muralha, chegando à altura do segundo andar dos prédios, espécie de traço de união entre as casas da direita e as da esquerda, como se a rua tivesse por conta própria dobrado a sua mais alta parede para bruscamente se fechar.

Essa muralha era construída com pedras de calçamento. Era direita, correta, fria, perpendicular e nivelada por esquadro, alinhada e aprumada. Faltava-lhe, sem dúvida, cimento, mas como falta em certas muralhas romanas, sem perturbar sua rígida arquitetura. Pela altura, imaginava-se a espessura. A cimalha era matematicamente paralela à base. Distinguiam-se de espaço em espaço, na superfície parda, seteiras quase invisíveis, que se assemelhavam a fios negros. Essas seteiras eram separadas umas das outras por intervalos iguais. A rua parecia deserta até onde a vista alcançava, com todas as portas e todas as janelas fechadas. No fundo se erguia essa barragem que tornava a rua sem saída; muralha imóvel e tranquila, não se via ninguém, não se ouvia coisa alguma, nenhum grito, nenhum ruído, nenhum suspiro. Um sepulcro.

O deslumbrante sol de junho inundava de luz aquela coisa terrível.

Era a barricada do bairro do Temple.

Assim que se chegava ali e via aquilo, era impossível, mesmo aos mais corajosos, não hesitar diante daquela aparição misteriosa. Era aprumada, encaixada, imbricada, retilínea, simétrica e fúnebre. Demonstrava ciência e trevas. Julgava-se que o chefe da barricada seria um geômetra ou um espectro. Quem via aquilo, imediatamente falava baixo.

De vez em quando, se algum soldado, oficial ou deputado se arriscasse a atravessar a solitária rua, ouvia-se um assobio agudo e fraco e o incauto caía ferido ou morto. Se porventura escapasse, via-se cravar numa parede, porta ou janela fechada uma bala. Às vezes apenas um biscainho, pois os insurgentes tinham feito, com dois pedaços de tubos do encanamento de gás, tapados num dos extremos com estopa e barro, dois minicanhões. Não se desperdiçava pólvora. Era muito raro perder um tiro. Viam-se alguns cadáveres em alguns cantos e poças de sangue na rua. Pessoalmente, no entanto, me lembro de ter visto uma borboleta branca volteando na rua. O verão não abdica.

Nos arredores, os vãos das portas estavam cheios de feridos.

Quem por ali passava sentia-se alvo de alguém que não se via; a rua estava sob pontaria o tempo todo e em toda a sua extensão.

Os soldados da coluna de ataque, concentrados à entrada do bairro do Temple, atrás da curva formada pela ponte arqueada do canal, observavam com gravidade e em silêncio o lúgubre reduto; aquela imobilidade e impassibilidade da qual saía a morte. Alguns arrastavam-se de bruços até o alto do arco da ponte, mas com todo o cuidado em não deixarem aparecer as barretinas.

O valoroso coronel Monteynard admirava a barricada: “Que construção! Nem uma só pedra desalinhada. Parece porcelana”, dizia ele a um deputado. Nesse

momento uma bala quebrou a cruz que ele tinha pendurada no peito e derrubou-o.

Dizia-se: "Covardes! Apresentem-se! Deixem-se ver! Não se atrevem! Escondem-se!" A barricada do bairro do Temple, defendida por oitenta homens e atacada por dez mil, resistiu três dias. No quarto, fizeram como em Zaatka e em Constantina: entraram nas casas, passaram pelos telhados e a barricada foi tomada. Nenhum dos seus oitenta defensores pensou em fugir: todos foram mortos, à exceção do chefe, Barthélemy, de quem daqui a pouco falaremos.

A barricada Saint-Antoine era um tumulto dos diabos; a do Temple era o silêncio. Entre aqueles dois redutos havia a diferença que vai do que é formidável ao que é sinistro. Uma parecia uma carranca; a outra, uma máscara.

As duas fortalezas foram construídas por dois homens conhecidos, Cournet e Barthélemy. Cournet fez a barricada Saint-Antoine, Barthélemy a do Temple. Cada uma era a imagem do seu construtor.

Cournet era alguém de avantajada estatura, com ombros largos, rosto sanguíneo, punhos esmagadores, coração impetuoso, alma leal, olhar sincero e terrível. Intrépido, enérgico, irascível e tempestuoso; o mais cordial dos homens e o mais temível dos combatentes. A guerra, a luta, o confronto formavam o ambiente em que se sentia à vontade e o alegravam. Tinha sido oficial de Marinha e, por seus gestos e voz, via-se que vinha do oceano e da tempestade; a batalha continuava a tormenta. Sem a mesma genialidade, havia em Cournet um pouco de Danton, como em Danton havia um pouco de Hércules.

Barthélemy, magro, raquítico, pálido, taciturno, era uma espécie de moleque trágico que, esbofeteado por um policial, o esperou e matou. Foi para as galés aos dezessete anos. Depois saiu e montou aquela barricada.

Mais tarde — coisa fatal — em Londres, ambos proscritos, Barthélemy matou Cournet. Foi um duelo fúnebre. Algum tempo depois, apanhado pela engrenagem de uma dessas misteriosas aventuras em que se envolve a paixão, catástrofes em que a justiça francesa vê sempre circunstâncias atenuantes e a justiça inglesa só vê a morte, Barthélemy foi enforcado. A sombria construção social é de tal forma montada que, devido à penúria material, devido à obscuridade moral, esse infeliz indivíduo, dono de uma inteligência com certeza pertinaz, talvez grande, começou pelos trabalhos forçados na França e acabou num patíbulo inglês. Barthélemy tinha uma só bandeira, a bandeira negra.

II

O que fazer no abismo senão conversar?

Dezesseis anos contam na subterrânea educação da revolta, e Junho de 1848 sabia bem mais do que Junho de 1832. Assim, a barricada da rua da Chanvrerie não passava de um esboço, um embrião, comparada às duas barricadas colossais que acabamos de descrever; mas, na época, era impressionante.

Os revoltosos, sob os olhos de Enjolras, porque Marius já não via coisa alguma, se aproveitaram da noite. A barricada foi não só reformada, mas ampliada. Tinham-na levantado mais dois pés. Muitas barras de ferro cravadas entre as pedras pareciam lanças preparadas. Complicava ainda mais o aspecto externo um acréscimo de entulho variado, trazido de todo canto. O reduto foi inteligentemente reconstruído: por dentro muralha, por fora objetos pontiagudos.

A escada de pedras que permitia subir ao cimo da barricada como a um parapeito de cidadela foi refeita.

Arrumou-se a barricada, abriu-se espaço na sala baixa da taberna, a cozinha se organizou como hospital, os feridos receberam curativos, a pólvora espalhada pelo chão e pelos bancos foi recuperada, fundiram-se balas, fabricaram-se cartuchos, mais ataduras foram preparadas, redistribuíram-se as armas vacantes, o interior do reduto foi desobstruído e os cadáveres retirados.

Os mortos foram empilhados na rua Mondétour, ainda livre. Por muito tempo o calçamento se manteve vermelho naquele lugar. Entre os mortos havia quatro guardas nacionais do subúrbio e Enjolras mandou que pegassem os seus uniformes.

Ele também aconselhou a todos duas horas de sono, e um conselho de Enjolras era uma ordem. Mesmo assim, só três ou quatro se aproveitaram. Feuilly empregou essas duas horas gravando uma inscrição na parede em frente à taberna:

VIVAM OS POVOS!

Essas palavras, escavadas com um prego, eram ainda legíveis em 1848.

As três mulheres aproveitaram a noite para desaparecer definitivamente, o que deixava os revolucionários respirar com mais liberdade.

Tinham achado meio de se refugiar em alguma casa da vizinhança.

A maior parte dos feridos podia e queria ainda combater. Na cozinha-enfermaria estavam deitados, nos colchões e em feixes de palha, cinco homens, dos quais dois

eram guardas municipais, que foram os primeiros a receberem cuidados.

Na sala ficaram apenas Mabeuf, sob o xale preto, e Javert, preso ao poste.

— Aqui é a sala dos mortos — disse Enjolras.

No interior dessa sala, mal iluminada por uma só vela, no fundo estava a mesa mortuária, atrás do poste como uma travessa horizontal, de sorte que, de Javert em pé e Mabeuf deitado, vagamente resultava uma grande cruz.

A lança do ônibus, apesar de quebrada pelas balas, era ainda bastante grande para que se içasse uma bandeira.

Enjolras, que possuía as qualidades de um chefe, executando sempre o que dizia, pendurou no que restava da lança a casaca esburacada e ensanguentada do velho morto.

Comer era já impossível. Não havia pão nem carne. Os cinquenta homens da barricada, ali havia dezesseis horas, tinham esgotado as magras provisões da taberna. Chega uma hora em que qualquer barricada, que dure, inevitavelmente se torna a balsa dos náufragos do *Méduse*. Foi preciso se resignar à fome. Estavam nas primeiras horas daquele dia espartano de 6 de junho em que, na barricada de Saint-Merry, Jeanne, com seus insurretos que tinham fome e pediam o que comer, respondia: "Para quê? São três horas, às quatro estaremos mortos."

Como não se podia comer, Enjolras proibiu que se bebesse. Suspendeu o vinho e racionou a aguardente.

Na adega foram achadas umas quinze garrafas cheias e lacradas. Enjolras e Combeferre as examinaram. Combeferre, ao voltar ao térreo, comentou:

— É o antigo estoque do velho Hucheloup, que começou com um armazém.

— Deve ser vinho de verdade — observou Bossuet. — Felizmente Grantaire está dormindo; se estivesse de pé, seria difícil salvar essas garrafas.

Apesar das reclamações, Enjolras vetou as quinze garrafas e, para que fossem respeitadas, mandou colocá-las na mesa em que estava o velho Mabeuf.

Pelas duas horas da manhã contaram-se as cabeças. Eram ainda trinta e sete.

O dia começava a despontar. Tinham acabado de apagar o archote, que fora aceso novamente no seu abrigo de pedras. O interior da barricada, espécie de pequeno pátio criado na rua, estava mergulhado em trevas e tinha tudo, naquele vago horror crepuscular, de um convés de navio condenado. Os combatentes iam e vinham, movendo-se como vultos escuros. Acima desse medonho ninho de sombra, esboçavam-se lividamente os andares das casas silenciosas. Ainda acima delas, podia-se já distinguir o desenho das chaminés. O céu tinha essa encantadora nuance indecisa entre o branco e o azul. Pássaros voavam com pios de felicidade. O prédio alto que servia de fundo à barricada, sendo voltado para o levante, tinha no telhado

um reflexo rosado. Na lucarna do terceiro andar, o vento matinal agitava os cabelos grisalhos na cabeça do homem morto.

— Ótimo que tenham apagado o archote — disse Courfeyrac a Feuilly. — Essa chama agitada ao vento me incomodava. Parecia estar com medo. A luz dos archotes é como o bom senso dos covardes, ilumina mal porque treme.

A aurora desperta os espíritos como desperta os pássaros; todos conversavam.

Joly, vendo um gato passar numa calha de telhado, filosofou:

— O que vem a ser um gato? É um corretivo. Depois de fazer o rato, Deus reconheceu: "Puxa, fiz uma besteira!" Foi aí que fez o gato. O gato é a errata do rato. O rato, junto com o gato, é a cópia revisada e corrigida da Criação.

Combeferre, cercado de estudantes e operários, falava dos mortos, de Jean Prouvaire, de Bahorel, de Mabeuf, até de Cabuc e da tristeza severa de Enjolras. Ele dizia:

— Harmódio e Aristógito, Brutus, Chereas, Stephanus, Cromwell, Charlotte Corday, Sand... todos tiveram, depois do ato grandioso, um momento de angústia. Nosso coração é tão sensível e a vida humana comporta tamanho mistério que, mesmo num assassinato cívico, mesmo num assassinato liberador, se isso existir, o remorso por ter matado um homem supera a alegria de ter servido ao gênero humano.

São muitos os meandros da palavra e, no minuto seguinte, por uma transição vinda dos versos de Jean Prouvaire, Combeferre comparava os tradutores das *Geórgicas*, Raux, Cournand e Delille, acrescentando alguns trechos traduzidos por Malfilâtre, sobretudo aqueles referentes aos prodígios ocorridos após a morte de César. Por causa de César, a conversa voltou a Brutus e Combeferre continuou:

— Foi justa a morte de César. Cícero foi severo com ele, e tinha razão. Tal severidade nada tem a ver com a diatribe. Quando Zoilo insulta Homero, quando Mævius insulta Virgílio, quando Visé insulta Molière, quando Pope insulta Shakespeare, quando Fréron insulta Voltaire é a velha lei da inveja e do ódio que falam. Os gênios atraem a injúria, os grandes homens são sempre mais ou menos vaiados. Mas Zoilo e Cícero não são a mesma coisa. Cícero é um justiceiro pelo pensamento, como Brutus é um justiceiro pelo punhal. Critico, no que me concerne, esta última forma de justiça, a espada, mas a Antiguidade a admitia. César, violador do Rubicão, conferindo, como se fossem suas, dignidades que pertenciam ao povo, não se pondo de pé à entrada dos senadores, fazendo, como disse Eutropo, coisas de rei e quase de tirano, *regia ac pene tyrannica*, era um grande homem. De uma forma ou de outra, a lição é superior. Seus vinte e três ferimentos me chocam menos que a cusparada no rosto de Jesus Cristo. César foi apunhalado

por senadores, Cristo foi esbofeteado por lacaios. Pela dimensão do ultraje, sente-se Deus.

Do alto de um monte de pedras, Bossuet observava a conversa e exclamou, de carabina na mão:

— Ó Cydathenæum, ó Myrrhinus, ó Probalinthe, ó graças de Æantide! Ó, quem me dera recitar versos de Homero como um grego de Laurium ou de Edaptéon!

III

Luz e sombras

Enjolras saiu para um reconhecimento. Foi pela rua Mondétour, serpenteando ao longo das casas.

Os revoltosos, diga-se, estavam cheios de esperança. O modo por que tinham repelido o ataque noturno quase os fazia não temer o ataque da alvorada. Esperavam e sorriam. Não tinham mais dúvidas quanto ao sucesso da causa. Aliás, o socorro evidentemente viria. Contavam com isso. Com essa vantagem da profecia triunfante, que é uma das forças do francês combatente, eles dividiam o dia que se iniciava em três fases certas: às seis horas da manhã, o regimento "já amaciado" voltaria; ao meio-dia, a insurreição estaria espalhada por toda Paris; ao anoitecer, a revolução.

O toque a rebate de Saint-Merry, que desde a véspera não cessara um instante, indicava que a outra barricada, a grande, a de Jeanne, ainda resistia.

Todas essas esperanças se trocavam entre um grupo e outro, numa espécie de segredar alegre que se assemelhava ao zumbido de guerra de um cortiço de abelhas.

Enjolras voltou. Vinha do seu sombrio passeio de águia pela escuridão exterior. Escutou por um instante toda aquela alegria, de braços cruzados e uma das mãos na boca. Depois, tranquilo na crescente claridade da manhã, disse:

— Todo o exército de Paris está a postos. Um terço pesa sobre a nossa barricada. Além disto, há também a Guarda Nacional. Distingui as barretinas do 5º de Linha e os estandartes da 6ª Legião. Dentro de uma hora seremos atacados. O povo, que

ontem parecia se agitar, hoje não se move. Não há o que esperar. Fomos abandonados.

Essas palavras caíram no zum-zum dos grupos, causando efeito igual ao que produz no enxame a primeira gota de um temporal! Todos se emudeceram. No inexprimível silêncio que se fez, seria possível ouvir voar a morte.

Mas foi um momento curto.

Do fundo mais obscuro dos grupos alguém gritou:

— Que seja! Elevemos a barricada a vinte pés de altura e fiquemos todos nela. Cidadãos! Façamos a proteção dos cadáveres. Mostremos que se o povo abandonou os republicanos, os republicanos não abandonam o povo.

Essas palavras liberaram, da penosa nuvem das ansiedades individuais, o pensamento coletivo e foram acolhidas por entusiástica aclamação.

Nunca se soube quem assim falou; um fulano ignorado, um desconhecido, um esquecido, um herói de passagem, esse grande anônimo sempre presente nas crises humanas e nas gêneses sociais, que em determinado momento profere de modo supremo a palavra decisiva e depois desvanece nas trevas, tendo por um minuto representado, à luz de um relâmpago, o povo e Deus.

Essa decisão inexorável estava de tal modo na atmosfera do dia 6 de junho de 1832 que, quase à mesma hora, na barricada de Saint-Merry, os revoltosos soltaram esse grito, que se tornou histórico e ficou registrado no processo:

— Que nos importa que venham ou não nos socorrer! Morramos aqui, até o último!

Como se vê, as duas barricadas, ainda que materialmente isoladas, comunicavam-se.

IV

Cinco a menos, um a mais

Depois do companheiro, quem quer que fosse ele, ter decretado o "protesto dos cadáveres", resumindo o espírito da alma comum, de todas as bocas saiu um grito estranhamente satisfeito e terrível, fúnebre pelo sentido e triunfal pelo tom.

— Viva a morte! Fiquemos todos aqui!

— Todos, para quê? — questionou Enjolras.

— Todos, todos!

Ele continuou:

— A posição é boa, a barricada excelente. Trinta homens bastam. Para que sacrificar quarenta?

— Porque ninguém vai querer ir embora. — Foi a resposta.

— Cidadãos! — gritou Enjolras; em sua voz havia uma vibração quase irritada. — A república não é rica o bastante em homens para perdê-los inutilmente. Se para alguns o dever é se retirar, ele deve ser cumprido como qualquer outro.

Enjolras, o homem-princípio, tinha sobre os correligionários essa onipotência que vem do absoluto. Entretanto, apesar disso, houve um murmúrio de desacordo.

Imbuído do seu cargo e percebendo a resistência, ele insistiu com firmeza:

— Os que temem permanecer se não formos mais do que trinta, digam.

Os murmúrios redobraram.

— Além disso — observou alguém —, sair daqui não é tão fácil, a barricada está cercada.

— Não pelo lado do Halles — afirmou Enjolras. — A rua Mondétour está livre; pela rua dos Prêcheurs pode-se chegar ao mercado de Innocents.

— Mas lá — disse um outro —, quem sair será preso. Quem sair cairá em alguma guarda da linha ou do subúrbio. Sendo visto passar com roupa e boné de trabalhador, será interrogado: "De onde está vindo? Não é da barricada?" Em seguida verão as mãos: com vestígios e cheiro de pólvora. Fuzilamento certo.

Sem nada responder, Enjolras tocou com a mão o ombro de Combeferre, e os dois entraram na sala da taberna.

Pouco depois voltaram. Enjolras tinha nas mãos os quatro fardamentos deixados de reserva; Combeferre vinha atrás, com as correias e as barretinas.

— Com estes uniformes — disse Enjolras — poderão se misturar nas fileiras e escapar. Aqui estão, para quatro de vocês.

E deixou cair no chão os quatro fardamentos.

Ninguém do estoico auditório se ofereceu. Foi a vez de Combeferre falar:

— Vamos, é preciso pensar nos outros. Sabem qual é a questão? Falemos das mulheres. Vejam. Há ou não quem tenha esposa? Quem tenha filhos? Há ou não mães que embalam o berço com o pé, rodeadas de crianças pequenas? Que aquele de vocês que nunca tenha visto um seio que amamenta erga a mão. Ah! Querem morrer? Também eu; mas não quero sentir em torno de mim os fantasmas de esposas aflitas. Morram, mas não causem a morte. Suicídios como o que vai

acontecer aqui são sublimes; mas o suicídio deve ser particular, sem extensões. Quando ele se comunica ao próximo, passa a se chamar assassinato. Lembrem-se das cabecinhas inocentes e dos cabelos brancos! Escutem: há pouco Enjolras me disse ter visto, na esquina da rua do Cygne, luz na janela de um quinto andar e, lá, a trêmula sombra da cabeça de uma velha que parecia ter esperado a noite toda. Talvez seja a mãe de um de vocês. Pois que este se retire e vá correndo dizer à pobre velhinha: "Aqui estou, minha mãe!" Pode ir tranquilo, tudo se fará aqui do mesmo modo. Quem sustenta seus próximos com o trabalho não tem o direito de se sacrificar. Isso seria deserdar a família. E os que têm filhas, que têm irmãs! Não pensam nisso?! Morrem aqui; muito bem; e amanhã? Moças sem ter o que comer é algo terrível. O homem mendiga, a mulher vende-se. Ah! Essas jovens tão graciosas e tão meigas, com suas toucas floridas, que enchem a casa de castidade, cantam e tagarelam, que são como um perfume vivo e provam a existência dos anjos no céu pela pureza das virgens na terra. Essa Jeanne, essa Lise, essa Mimi, essas adoráveis e honestas criaturas que são a nossa bênção e o nosso orgulho, ah! Meu Deus!, sentirão a fome! O que querem que eu diga? Há um mercado de carne humana e não será com as suas mãos de sombra, trêmulas ao redor delas, que as protegerão disso! Lembrem-se da rua, dos que as enchem, lembrem-se das lojas diante das quais vão e voltam mulheres decotadas, caminhando na lama! Todas elas foram puras. Lembrem-se de suas irmãs, os que as têm. A miséria, a prostituição, a polícia, o hospital, é onde vão parar essas delicadas jovens, essas frágeis maravilhas de pudor, de graça e de beleza, mais frescas do que o lilás no mês de maio! Ah, preferiram ser mortos! Já não existem! Muito bem; quiseram tirar o povo das garras da realeza e entregam suas filhas às da polícia. Amigos, pensem nisso, tenham compaixão. As mulheres, as pobres mulheres não estão acostumadas a pensar muito nisso. Não receberam a educação dos homens, são impedidas de ler, de se ocuparem de política; vão impedi-las também de ir hoje à noite ao necrotério para reconhecer os seus cadáveres? Vamos, é preciso que os que têm família nos abracem e se despeçam dos que ficam, deixando que façamos o resto. Sei muito bem que é preciso coragem para ir, é difícil, mas quanto mais difícil, mais meritório. Podem pensar: tenho uma espingarda, estou na barricada; então fico. É fácil dizer. Meus amigos, há o dia de amanhã. Vocês não estarão nele, mas as suas famílias, sim. E quanto sofrimento! Vejam, uma bela criança saudável, com bochechas que parecem maçãs, que começa a falar e fala pelos cotovelos, que ri, que tem a pele fresca quando a beijamos, sabem o que se torna quando é abandonada? Vi uma assim, bem pequena. O pai tinha morrido. Pessoas pobres a haviam adotado por caridade, mas não tinham comida nem para elas próprias. A criança estava sempre com fome. Era preciso atravessar o

inverno. Ela não chorava. Ia para perto do fogão, onde nunca havia lenha, e o tubo de saída, vocês sabem, era soldado com argila amarela. A criança retirava um pouco dessa terra com os dedinhos e comia. Tinha a respiração dura, as faces lívidas, as pernas inseguras, a barriga inchada. Nada mais dizia. Quando lhe falavam, não respondia. Morreu. Foi levada para morrer no hospital Necker, onde a vi, pois era interno. Agora, se houver entre vocês quem seja pai, pai que tenha como felicidade passear aos domingos, segurando na sua mão robusta a mãozinha do filho, que cada um imagine ser o seu filho a criança que descrevi. O pobre menino, eu me lembro, tenho a impressão de ainda vê-lo, quando estava nu na mesa de anatomia, suas costelas empurravam a pele como as fossas sob a relva de um cemitério. Achou-se uma espécie de lama no seu estômago. Cinza nos dentes. Vamos, ponham a mão na consciência e aceitem o conselho do coração. As estatísticas constatam que a mortalidade das crianças abandonadas é de 55%. Repito, pensemos nas mulheres, pensemos nas mães, pensemos nas jovens, pensemos nas crianças. Não estamos falando de vocês próprios. Sabemos o que são, sabemos que são todos corajosos! Sabemos que têm na alma a alegria e a glória de dar a vida por uma grande causa; sabemos que se sentem eleitos por morrer de forma útil e magnífica. Sabemos que todos querem sua parte no triunfo. Que seja! Mas não estão sozinhos no mundo. Há outras pessoas em que devem pensar. Não podem ser egoístas.

Todos curvaram a cabeça com ar sombrio.

Estranhas contradições do coração humano, em seus momentos mais sublimes! Combeferre, que assim falava, não era órfão. Pensava nas mães dos outros e esquecia-se da sua. Candidatava-se à morte certa. Era um "egoísta".

Em jejum e febril, tendo pouco a pouco perdido toda esperança, sobrevivendo na dor, no mais sombrio dos naufrágios, saturado de emoções violentas, sentindo o fim se aproximar, Marius estava cada vez mais mergulhado no estupor visionário que sempre precede a hora fatal voluntariamente aceita.

Um fisiologista poderia estudar nele os crescentes sintomas dessa concentração febril, conhecida e classificada pela ciência, e que está para o sofrimento como a volúpia está para o prazer. O desespero tem também seu êxtase. Marius estava nesse ponto. Assistia a tudo do lado de fora. Como foi dito, coisas que se passavam à sua frente pareciam distantes, ele distinguia o conjunto sem perceber os detalhes. Via as idas e vindas dentro de um fulgor. Ouvia as vozes que falavam como se estivessem no fundo de um abismo.

Mas tudo aquilo o comoveu. Houve naquela cena algo que o afetou, o fez acordar. Sua única ideia era morrer, e não queria se desviar dela, mas em seu sonambulismo fúnebre pensou que nada o impedia de, morrendo, salvar alguém.

Ele ergueu a voz:

— Enjolras e Combeferre têm razão, nada de sacrifícios inúteis. Junto-me a eles. O que Combeferre disse é decisivo. Entre vocês há quem tenha família, mãe, irmãos, esposa e filhos. Que esses saiam das fileiras.

Ninguém se moveu.

— Os homens casados e os que sustentam famílias, saiam das fileiras! — repetiu Marius.

Sua autoridade era grande. Enjolras era o chefe da barricada, mas Marius o seu salvador.

— É uma ordem! — gritou Enjolras.

— Peço encarecidamente! — disse Marius.

Então aqueles homens heroicos, comovidos com as palavras de Combeferre, abalados com a ordem de Enjolras e tocados pela súplica de Marius, começaram a acusar uns aos outros.

Disse um rapaz a um homem-feito:

— É verdade, você é pai de família, saia.

— E você sustenta duas irmãs — respondeu o homem.

Teve início uma luta inaudita, ninguém querendo ser expulso do túmulo.

— Decidam-se — interrompeu Courfeyrac. — Daqui a quinze minutos será tarde.

— Cidadãos — emendou Enjolras —, temos aqui uma república, com o reino do sufrágio universal. Que cada um indique os que devem partir.

Foi feito isso. Poucos minutos depois, cinco homens tinham sido unanimemente designados e saíram das fileiras.

— São cinco! — exclamou Marius.

Havia apenas quatro uniformes.

— Nesse caso — disseram os cinco ao mesmo tempo —, é preciso que fique um.

Discutiram quem ficaria, encontrando nos outros mais razões para não ficar. Recomeçava a generosa disputa.

"Você tem mulher que o ama", "Você tem mãe já muito velha", "Você já não tem pai nem mãe, o que vai ser dos seus três irmãos, que são pequenos?", "Você é pai de cinco filhos", "Tens direito de viver, aos dezessete anos é muito cedo".

Aquelas grandes barricadas revolucionárias eram ponto de encontro de heroísmos. O extraordinário era o corriqueiro. Aqueles homens não se surpreendiam com os companheiros.

— Rápido — insistiu Courfeyrac.

Dos diferentes grupos gritaram a Marius:

— Indique quem deve ficar.

— Sim, sim, escolha — disseram os cinco —, obedeceremos.

Marius já não acreditava que algo o pudesse abalar, mas a ideia de escolher um homem para morrer fez com que seu coração quase explodisse. Teria empalidecido, se isso ainda lhe fosse possível.

Dirigiu-se aos cinco, que o olhavam sorrindo, e cada um gritava:

— Eu, eu, eu!

Ele estupidamente os contou; continuavam a ser cinco! Depois baixou a vista para os quatro fardamentos.

Nesse momento, um quinto uniforme caiu como que do céu sobre os outros quatro.

O quinto homem estava salvo.

Marius ergueu os olhos e reconheceu o sr. Fauchelevent.

Jean Valjean acabava de entrar na barricada.

Fosse por ter se informado, fosse por instinto ou por acaso, ele tinha vindo pela rua Mondétour. Graças ao uniforme de guarda nacional, passara sem dificuldade.

A sentinela postada pelos revoltosos na rua Mondétour não dera sinal de alarme, vendo um só guarda nacional. Deixou-o entrar, dizendo: é provavelmente um reforço ou, no pior dos casos, um prisioneiro. O momento era grave demais para que a sentinela se distraísse do dever e deixasse o posto de observação.

No momento em que Jean Valjean entrou no reduto ninguém percebeu, pois todos olhavam os cinco escolhidos e as quatro fardas. Jean Valjean viu e ouviu tudo em silêncio, despiu a farda e lançou-a junto das outras.

O efeito foi indescritível.

— Quem é esse homem? — perguntou Bossuet.

— É um homem que salva outros — respondeu Combeferre.

Marius acrescentou com voz grave.

— Eu o conheço.

Essa garantia satisfez todo mundo.

Enjolras voltou-se para Jean Valjean.

— Cidadão, seja bem-vindo.

E acrescentou:

— Sabe que vamos morrer?

Jean Valjean, sem responder, ajudou o homem a quem salvava a vestir a sua farda.

V

Panorama do alto da barricada

A situação geral, naquela hora fatal e naquele lugar inexorável, tinha como resultante e pináculo a melancolia suprema de Enjolras.

Ele, sem dúvida, representava a plenitude da revolução e, mesmo assim, era incompleto, dentro dos limites em que o absoluto pode ser incompleto. Havia nele Saint-Just demais e faltava Anacharsis Cloots, mas seu espírito, na sociedade dos Amigos do ABC, acabara recebendo certa imantação das ideias de Combeferre e, já há algum tempo, ele pouco a pouco se afastava da forma estreita do dogma e se deixava levar pelas expansões do progresso, aceitando, como evolução definitiva e magnífica, a transformação da grande República francesa em imensa república humana. Quanto aos meios imediatos, diante de uma situação violenta, ele os imaginava igualmente violentos; e disso ele não abria mão. Enjolras continuava a pertencer à temível e épica escola que se resume nesta data: 1793.

Estava de pé na escada de pedra, apoiado por um dos cotovelos na carabina. Visivelmente pensava, com o corpo inteiro tensionado como à passagem dos vendavais. Os locais em que a morte se estabelece têm de fato esse poder. Dos seus olhos, cheios de visões interiores, dardejavam fagulhas abafadas. De repente ele ergueu a testa, os cabelos louros caíram para trás, como os do anjo na sombria quadriga feita de estrelas. Foi como uma juba de leão espalhada num flamejar de auréolas, e Enjolras exclamou:

— Cidadãos! Podem imaginar o futuro? As ruas das cidades inundadas de luz, ramos verdes nas portas, as nações irmanadas, os homens justos, os velhos abençoando as crianças, o passado amando o presente, os pensadores em completa liberdade, os que creem podendo crer em completa igualdade, fiéis à religião do céu, tendo Deus como sacerdote direto e a consciência humana como altar. Não haverá ódios, será total a fraternidade entre a escola e a fábrica, a reputação será penalidade e recompensa. Trabalho para todos, direito para todos, para todos a paz, nada mais de sangue derramado, nada de guerras, as mães serão felizes! Domar a matéria é o primeiro passo, realizar o ideal é o segundo. Pensem em tudo que o progresso já fez. Antigamente as primeiras raças viam com terror passar diante dos seus olhos a hidra que soprava acima das águas, o dragão que vomitava fogo, o grifo que era o monstro dos ares e voava com asas de águia e garras de tigre. Animais apavorantes, que

estavam acima do homem. Este, no entanto, construiu armadilhas, as sagradas armadilhas da inteligência, e acabou aprisionando os monstros. Domamos a hidra e ela se chama navio a vapor, domamos o dragão e ele se chama locomotiva; estamos prestes a domar o grifo, já quase sob controle, e ele se chama balão. No dia em que essa obra prometeica se concluir, o homem terá definitivamente atrelada à sua vontade a tripla Quimera antiga, a hidra, o dragão e o grifo, ele terá o controle da água, do fogo e do ar; será para o resto da Criação animada o que os deuses eram antigamente para ele. Coragem, sigamos em frente! E aonde vamos, cidadãos? À ciência tornada governo, à força das coisas tornada força pública, à lei natural tendo sua sanção e sua penalidade em si mesma e se promulgando pela evidência. Vamos a um despontar da verdade que será igual ao despontar do dia. Vamos à união dos povos, à unidade do homem. Ao fim das ficções, fim dos parasitas. O real governado pelo verdadeiro, essa é a meta. A civilização organizará sua assembleia no topo da Europa e, mais tarde, no centro dos continentes, num grande parlamento da inteligência. Já se viu algo assim. Os anfictiões tinham duas sessões por ano, uma em Delfos, lugar dos deuses, outra em Termópilas, lugar dos heróis. A Europa terá seus anfictiões, o globo terá seus anfictiões. A França carrega em si esse futuro sublime. É essa a gestação do século XIX, o que a Grécia esboçou é digno de se concluir pela França. Ouça-me, Feuilly, valoroso operário, homem do povo, homem dos povos. Eu o venero. Você claramente vê os tempos futuros e tem toda a razão. Você não tinha pai nem mãe, Feuilly, e adotou como mãe a humanidade e como pai o direito. Morrerá aqui, isto é, triunfará. Cidadãos! Suceda hoje o que suceder, tanto pela nossa derrota como pela nossa vitória, é uma revolução que estaremos fazendo. Assim como os incêndios iluminam toda a cidade, as revoluções iluminam todo o gênero humano. E que revolução faremos? Acabei há pouco de dizer: a revolução da Verdade. Pelo modo de ver político, não há senão um princípio: a soberania do homem sobre si mesmo. Essa soberania se chama Liberdade. Ali onde duas ou mais dessas soberanias se associam começa o Estado. Mas nessa associação não há abdicação alguma. Cada soberania concede certa quantidade de si mesma, para formar o direito comum. Essa quantidade é a mesma para todos. A identidade de concessão que cada um faz a todos se chama Igualdade. O direito comum não é mais do que a proteção de todos se refletindo sobre o direito de cada um. Essa proteção de todos por cada um se chama Fraternidade. O ponto de interseção de todas essas soberanias que se agregam se chama Sociedade. Sendo essa interseção uma junção, esse ponto é um nó. Daí o que chamamos laço social. Alguns dizem contrato social, é a mesma coisa, com a palavra contrato etimologicamente formada pela ideia de laço. Entendamo-nos sobre a igualdade;

porque, se a liberdade é o cume, a igualdade é a base. A Igualdade, cidadãos, não é o nivelamento de toda a vegetação, uma sociedade com capim alto e carvalhos baixos, um convívio estreito de invejas. Ela se mostra quando, civilmente, todas as aptidões têm a mesma abertura; politicamente, todos os votos têm o mesmo peso; e, religiosamente, todas as consciências têm o mesmo direito. A Igualdade tem um órgão: a instrução gratuita e obrigatória. O direito ao alfabeto, é por onde se deve começar. A escola primária imposta a todos, a escola secundária oferecida a todos; é esta a lei. Sim, instrução! Luz! Luz! Tudo provém da luz, e tudo a ela volta. Cidadãos, o século XIX é grande, mas o século XX será feliz. Já não haverá nada semelhante à velha História; já não haverá a temer, como hoje, uma conquista, uma invasão, uma usurpação, uma rivalidade de nação à mão armada, uma interrupção de civilização dependente de um casamento de reis, de um nascimento nas tiranias hereditárias, de uma divisão de povos por um congresso, de um desmembramento por desabamento de uma dinastia, de um combate entre duas religiões que se chocam de frente como dois bodes da sombra, na ponte do infinito; não se terá mais que temer a fome, a exploração, a prostituição pela penúria, a miséria pela falta de trabalho e o patíbulo, o gládio, as batalhas e todos os banditismos do acaso, na floresta dos acontecimentos. Poderíamos quase dizer: não haverá mais acontecimentos. Seremos felizes. O gênero humano cumprirá sua lei como o globo terrestre cumpre a sua. A harmonia entre a alma e o astro se restabelecerá; a alma gravitará em torno da verdade como o astro em torno da luz. Amigos, o momento em que estamos, este em que lhes falo, é um momento sombrio, mas é o pagamento terrível pela compra do futuro. Uma revolução é um pedágio. O gênero humano será libertado, reerguido e consolado! Afirmamos, por esta barricada. De onde se soltaria o grito de amor senão do alto do sacrifício? Meus irmãos, é este o ponto de junção dos que pensam e dos que padecem; esta barricada não é feita de pedras, nem de vigas, nem de ferros; é feita de dois amontoados, um amontoado de ideias e um amontoado de dores. A miséria aqui encontra o ideal. O dia aqui abraça a noite e diz: morrerei contigo e renascerás comigo. A fé brota do abraço de todas as desolações. Os sofrimentos trazem sua aflição; as ideias, sua imortalidade. Essa aflição e esta imortalidade vão se confundir e compor a nossa morte. Irmãos! Quem morre aqui, morre na radiação do futuro; o túmulo em que entramos é todo iluminado pela aurora.

Enjolras calou-se, ou antes, interrompeu-se, mas os lábios continuavam a se mover silenciosamente, o que fez com que, para ouvi-lo, todos o olhassem atentos. Não houve aplausos, mas segredou-se por muito tempo. Sendo a palavra um sopro, os frêmitos das inteligências se assemelham aos frêmitos da folhagem.

VI

Marius desvairado, Javert lacônico

O que se passava no pensamento de Marius?

Lembremos em que estado de espírito ele se encontrava. Como se disse ainda há pouco: coisa alguma era para ele mais do que uma visão. A sua apreciação geral se turvara. Ele estava sob a sombra das grandes asas tenebrosas abertas sobre os agonizantes.

Sentia-se já dentro do túmulo, do outro lado da muralha, e não via os rostos dos vivos senão com os olhos de um morto.

Como o sr. Fauchelevent se encontrava ali? Por que viera? Para quê? Marius nem a si mesmo fez essas perguntas.

Nosso desespero tem a particularidade de envolver os outros do mesmo modo com que nos envolve, e, por isso, Marius considerava normal que todo mundo viesse para ali morrer.

Pensando porém em Cosette, sentiu um aperto no coração.

Aliás, o sr. Fauchelevent não falou com ele, nem sequer o olhou nem demonstrou ouvir, quando ele disse conhecê-lo.

Essa atitude do sr. Fauchelevent na verdade o aliviava e, se fosse possível empregar tal palavra naquela situação, diríamos que o agradava. Sentira-se sempre na mais absoluta impossibilidade de dirigir a palavra àquele homem enigmático, que para ele era, ao mesmo tempo, equívoco e majestoso. Além disso, havia muito tempo não o via, o que, para a sua natureza tímida e reservada, aumentava ainda mais a impossibilidade.

Os cinco homens escolhidos deixaram a barricada pela rua Mondé-tour, perfeitamente disfarçados como guardas nacionais. Um deles saiu chorando. Antes de partirem, abraçaram os que ficavam.

Quando os cinco homens encaminhados à vida se foram, Enjolras lembrou-se do condenado à morte e entrou na taberna; Javert, amarrado ao poste, pensava.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou Enjolras.

Javert respondeu:

— Quando me matam?

— Espere um pouco. Por enquanto precisamos de todos os nossos cartuchos.

— Então dê-me de beber — disse Javert.

Enjolras pegou ele próprio um copo de água e, como Javert estava amarrado, ajudou-o a beber.

— Nada mais?

— Estou mal neste poste — respondeu o prisioneiro. — Foram duros em me deixar passar a noite aqui de pé. Amarrem-me como quiserem, mas deitem-me numa mesa, como o outro.

E, com a cabeça, designou o cadáver do sr. Mabeuf.

No fundo da sala, como devem lembrar, havia uma mesa grande, que servira para a fabricação de balas e cartuchos. Como os cartuchos estavam todos feitos e a pólvora toda empregada, ela estava desocupada.

Por ordem de Enjolras, quatro companheiros desamarraram então Javert do poste. Enquanto fazia isso, um outro o mantinha sob a ameaça da baioneta. Deixaram suas mãos presas atrás das costas. Nos pés, um laço com uma corda fina e resistente permitia que ele desse passos de quinze polegadas, como os condenados que sobem ao cadafalso. Javert foi assim até a bancada do fundo, onde o estenderam e prenderam bem, pelo meio do corpo.

Para maior segurança, usou-se o sistema que nas prisões chamam gamarra, em que uma corda parte da nuca, se bifurca à altura do estômago e chega às mãos, depois de passar entre as pernas, o que torna impossível a fuga.

Enquanto isso estava sendo feito, apareceu à porta um homem que observou o prisioneiro com toda a atenção. Sua sombra fez Javert voltar a cabeça, e ele, erguendo os olhos, reconheceu Jean Valjean. Não demonstrou qualquer emoção, voltou a tranquilamente baixar os olhos e limitou-se a dizer:

— É bem simples.

VII

Agrava-se a situação

O dia clareava rapidamente. No entanto, janela ou porta alguma se abriam nos edifícios em volta; era a aurora, mas não o despertar. A extremidade da rua da Chanvrerie oposta à barricada fora evacuada pelas tropas, como já dissemos; parecia

desimpedida e aberta a qualquer um, com sinistra tranquilidade. A Saint-Denis estava muda como a avenida da Esfinge em Tebas. Não se via vivalma nos cruzamentos branqueados pelo reflexo do sol. Nada é tão lúgubre como essa claridade matinal das ruas desertas.

Nada se via, mas se ouvia. Acontecia, a certa distância, um movimento misterioso. Era evidente que se aproximava o instante crítico. Como no fim do dia anterior, as sentinelas se afastaram, só que, dessa vez, todas elas.

A barricada estava mais forte do que por ocasião do primeiro ataque. Depois da partida dos cinco, tinham-na erguido ainda mais.

Seguindo a opinião do vigia que observava a região do Halles, e temendo uma surpresa pela retaguarda, Enjolras tomou uma resolução grave. Fechou a estreita garganta da rua Mondétour, desimpedida até então. Para isto descalçou-se mais um trecho de rua. Desse modo, a barricada, murada contra três ruas — com a frente virada para a rua da Chanvrerie, a esquerda voltada para as ruas do Cygne e da Petite-Truanderie e a direita para a rua de Mondétour —, era realmente quase inexpugnável. É verdade que também fatalmente fechada. Tinha três frentes e nenhuma saída.

— Fortaleza, mas também ratoeira — observou Courfeyrac, rindo.

Enjolras mandou amontoar junto da porta da taberna umas trinta pedras, "extraídas em excesso", disse Bossuet.

O silêncio se tornou tão profundo do lado de onde devia vir o ataque que Enjolras fez com que cada um ocupasse imediatamente o seu posto de combate.

Distribuiu-se a todos uma dose de aguardente.

Não há nada mais curioso que uma barricada que se prepara para um assalto. Cada um escolhe um lugar, como no teatro. Escoram-se, encostam-se e empurram-se. Há os que improvisam logo um assento de pedras. Se um ângulo de muro incomoda, todos o evitam; se for um canto que pode proteger, todos se abrigam nele. Os canhotos são valiosos, ocupam os lugares incômodos aos demais. Muitos dispõem-se para combater sentados. Querem comodidade para matar e para morrer. Na funesta guerra de Junho de 1848, um rebelde que tinha pontaria certeira e atirava do terraço de um telhado colocou lá uma poltrona Voltaire; foi onde um tiro de metralha o encontrou.

Assim que o chefe comandou "a postos", todos os movimentos desordenados se interromperam, assim como as brincadeiras, as conversas, os apartes. Desfizeram-se os pequenos grupos; tudo nesse momento converge e se fixa na expectativa do assalto. Uma barricada antes do perigo é caos; no perigo é disciplina. O perigo gera ordem.

Logo que Enjolras pegou sua carabina de tiro duplo e se postou numa espécie de seteira que ele havia preparado, todos se calaram. Ao longo das pedras retiniu confusamente uma série de estalidos secos. Era o engatilhar das espingardas.

Em todos, a atitude se mostrava mais altiva e confiante do que nunca. O excesso do sacrifício dá firmeza. Ninguém mais tinha esperança, mas tinha o desespero. O desespero é uma última arma, que às vezes produz a vitória, disse Virgílio. Recursos supremos saem de resoluções extremas. Embarcar na morte pode ser um meio de escapar do naufrágio, e a tampa do caixão se torna tábua de salvação.

Como na noite da véspera, todas as atenções estavam voltadas para a extremidade da rua, agora iluminada e visível.

A espera não foi longa. O movimento recomeçou distintamente do lado de Saint-Leu, mas não como o do primeiro ataque. Um ruído de correntes, o balanço inquietante de uma massa, um tinir de bronze batendo na calçada, uma espécie de estrondear solene anunciaram a aproximação de algo sinistro. Houve um tremor nas entranhas daquelas velhas e pacatas ruas, abertas e construídas para a circulação fecunda dos interesses e das ideias e não para o monstruoso rodar de máquinas de guerra.

A fixidez dos olhos de todos os combatentes no extremo da rua tornou-se hipnótica.

Apareceu um canhão.

Os artilheiros empurravam a peça, já na sua carreta. A frente tinha sido liberada, dois a equilibravam, quatro ajudavam nas rodas; os outros seguiam com a caixa de munição. Via-se fumegar a mecha.

— Fogo! — gritou Enjolras.

Toda a barricada disparou; a deflagração foi terrível, uma nuvem de fumaça cobriu e fez desaparecer o canhão e os artilheiros. Passados alguns segundos dissipou-se a fumaça e a ameaça voltou inteira; os que moviam a peça acabavam de posicioná-la diante da barricada, vagarosa e corretamente, sem pressa. Nenhum deles tinha sido atingido pela descarga.

Em seguida, o chefe da peça, pisando sobre a culatra para elevar o tiro, começou a ajustar a pontaria com a gravidade de um astrônomo, assestando um óculo.

— Bravo, artilheiro! — gritou Bossuet.

E toda a barricada bateu palmas.

Um momento depois, bem colocado no centro da rua, a cavalo sobre a sarjeta, o canhão estava pronto. Mostrava aberta para a barricada sua goela formidável.

— Vamos, alegria! — gritou Courfeyrac. — Acabou a brincadeira. Depois do piparote, o soco. O exército nos brinda com seu jogo pesado. A barricada vai ser

bem sacudida. A fuzilaria amacia, o canhão termina.

— É uma peça de oito, modelo novo, de bronze — acrescentou Combeferre. — Essas peças, por pouco que se ultrapasse a proporção de dez partes de estanho para cem de cobre, podem explodir. Estanho demais as enfraquece. Podem criar bolsões e cavidades no cano. Para evitar esse perigo e poder forçar a carga, seria preciso voltar à técnica do século XIV, amarrando aros externos de aço sem solda, desde a culatra até o munhão. Enquanto isso, remedeia-se como é possível esse defeito, é possível ver onde estão as falhas no interior do tubo por meio do chicote, mas a melhor maneira é a estrela móvel de Gribeauval.

— No século XVI — observou Bossuet — faziam-se raias no interior.

— É verdade — concordou Combeferre —, aumenta-se o poder balístico, mas a precisão do tiro diminui. A curta distância, a trajetória não tem a firmeza ideal, a parábola se amplia, o caminho do projétil fica menos retilíneo e deixa de atingir objetos intermediários, o que seria uma necessidade do combate, cuja importância cresce com a proximidade do inimigo e a precipitação do tiro. Esse defeito de tensão da curva do projétil, nos canhões raiados do século XVI, se dava pela fraqueza da carga. Cargas fracas para esse tipo de máquina são impostas por necessidades balísticas como, por exemplo, a conservação da carreta. Resumindo, esse déspota, que é o canhão, não pode tudo que pretende; a força é a sua grande fraqueza. Uma bala de canhão não passa das seiscentas léguas por hora, a luz faz setenta mil por segundo. É a superioridade de Jesus Cristo sobre Napoleão.

— Tornem a carregar as armas — disse Enjolras.

De que modo se comportaria com a artilharia o revestimento da barricada? O tiro abriria uma brecha? Esta era a questão. Enquanto os revoltosos tornavam a carregar as espingardas, os artilheiros carregavam o canhão.

A ansiedade era profunda em todo o reduto.

O canhão foi disparado, explodiu a detonação.

— Presente! — gritou uma voz alegre.

Ao mesmo tempo que a bala atingiu a barricada, caiu dentro dela Gavroche.

Vinha do lado da rua do Cygne e havia tranquilamente atravessado a barreira acessória, que dava para o dédalo da Petite-Truanderie.

Gavroche causou mais efeito na barricada do que o canhão.

A bala perdeu-se no monte de caliça. Apenas partiu uma roda do ônibus e acabou com a carroça do caiador Anceau. A barricada, vendo isso, desatou a rir.

— Continuem! — gritou Bossuet aos artilheiros.

VIII

Os artilheiros fazem com que os levem a sério

Todos rodearam Gavroche.

Mas o moleque não teve tempo de contar coisa alguma. Muito surpreso e contrariado, Marius o chamou.

— O que está fazendo aqui?

— Ora essa! — disse o menino. — E o senhor?

E olhou para Marius com seu atrevimento épico. Os olhos pareciam crescer com a luz de orgulho do seu interior.

Marius continuou em tom severo:

— Quem lhe disse para voltar? Pelo menos entregou a carta onde devia?

Gavroche não se sentia perfeitamente tranquilo com relação à carta. Na pressa de voltar para a barricada, ele mais se desfizera dela do que a entregara. Via-se obrigado a reconhecer tê-la confiado, um tanto levianamente, a um desconhecido de quem nem ao menos pudera distinguir o rosto. Verdade que era um sujeito de cabeça descoberta, mas mesmo assim... Em suma, ele fazia pequenos mea-culpas e sentia estar sujeito a críticas. Para sair desse aperto, tomou o caminho mais simples; mentiu descaradamente.

— Cidadão, entreguei a carta ao porteiro. A destinatária dormia; quando acordar a receberá.

Com aquela carta, Marius planejara duas coisas: despedir-se de Cosette e salvar Gavroche. Teve de se contentar com apenas metade do que queria.

Mas fez a aproximação entre a carta e a presença do sr. Fauchelevent na barricada e mostrou-o a Gavroche:

— Conhece aquele homem?

— Não.

E de fato, como há pouco dissemos, Gavroche só vira Jean Valjean no escuro.

As conjecturas confusas e mal fundadas, esboçadas no espírito de Marius, se dissiparam. Por acaso conhecia as opiniões do sr. Fauchelevent? Talvez fosse republicano, o que explicaria a sua presença ali.

Enquanto isso Gavroche já estava no outro extremo da barricada, gritando: "Minha espingarda!"

Courfeyrac mandou que a entregassem.

Gavroche avisou “aos camaradas”, como ele os denominava, que a barricada estava cercada e fora muito difícil chegar ali. Os sarilhos de um batalhão de linha ocupavam a Petite-Truanderie e controlava também a rua do Cygne; do lado oposto, a Guarda Municipal enchia a rua dos Prêcheurs. Na frente estava o grosso do exército.

Depois de dar essas informações, Gavroche acrescentou:

— Autorizo-os então a aplicar-lhes uma tremenda sova.

Na sua seteira, entretanto, Enjolras mantinha o ouvido atento e o olho vigilante.

Os agressores, provavelmente decepcionados com o ataque feito, não o haviam repetido.

O extremo da rua, atrás da peça de artilharia, tinha sido ocupado por uma companhia de infantaria. Os soldados descalçavam a rua e construíam ali, com as pedras, uma mureta, uma espécie de pequeno parapeito que não passava de dezoito polegadas de altura, de frente para a barricada. No canto esquerdo dessa mureta, via-se a frente de um batalhão do subúrbio, estacionado na rua Saint-Denis.

Enjolras, sempre atento, achou perceber o ruído que se faz quando se tiram das caixas as bombas de metralha e viu o chefe de peça mudar a pontaria e inclinar ligeiramente sua boca para a esquerda. Depois os artilheiros começaram a carregar. Em seguida o próprio chefe de peça pegou o morrão e aproximou-o do fogo.

— Abaixem-se, colem-se à parede! — gritou Enjolras — Todos de joelhos ao longo da barricada!

Os revoltosos, dispersos diante da taberna e que tinham deixado seus postos à chegada de Gavroche, correram em confusão para a barricada; mas, antes que a ordem de Enjolras fosse executada, disparou-se a peça com o medonho estampido de um tiro de metralha. Pois era de fato um.

O tiro fora dirigido para a quina do reduto e dali fez um ricochete espantoso na parede, matando dois homens e ferindo três.

Se a metralha continuasse, a barricada ficaria insustentável.

Houve um rumor de apreensão.

— Tratemos de impedir o segundo tiro — disse Enjolras.

E, baixando a carabina, fez mira no chefe de peça curvado naquele momento sobre a culatra, retificando e fixando definitivamente a pontaria.

O chefe de peça era um belo sargento de artilharia, muito moço, louro, de rosto afável, ar inteligente, característico dessa arma predestinada e temível, que à força de se aperfeiçoar no horror deve acabar por matar a guerra.

Combeferre, de pé ao lado de Enjolras, observava o rapaz.

— Que pena! — disse ele. — Que terrível coisa são essas carnificinas! Quando já não houver reis, não haverá mais guerras. Enjolras, você está fazendo pontaria no sargento e não o vê, mas parece ótimo rapaz. É intrépido, pode-se ver que pensa. São muito instruídos esses jovens da artilharia. Tem pai, mãe, uma família e, provavelmente, um amor. Quando muito tem vinte e cinco anos, podia ser seu irmão.

— E é — disse Enjolras.

— Com certeza — tornou Combeferre —, e também meu. Pois bem, não o matemos.

— Não piore as coisas. O que é preciso, é preciso.

E pelo rosto de mármore de Enjolras desceu lentamente uma lágrima.

Ao mesmo tempo, ele puxou o gatilho da carabina e deu-se o relâmpago. O artilheiro rodopiou duas vezes, com os braços estendidos para a frente, a cabeça erguida como se procurasse respirar, depois caiu de lado sobre a peça, sem movimento. Do meio das costas esguichou sangue. A bala o atravessara de lado a lado. Estava morto.

Foi necessário tirá-lo dali e substituí-lo. Eram, com efeito, alguns minutos de ganho.

IX

Emprego da antiga habilidade de caçador clandestino e da pontaria infalível que influiu na sentença de 1796

Na barricada cruzavam-se as opiniões. Com os tiros de metralha, em quinze minutos estaria tudo acabado. Era absolutamente necessário diminuir o seu efeito.

Enjolras deu esta ordem:

— É preciso pôr ali um colchão.

— Não temos. Os feridos os ocupam.

Jean Valjean, sentado numa pedra de marcação na quina da taberna, com a espingarda sobre as pernas, não tinha até então tomado parte em coisa alguma do

que ocorrera. Parecia não ouvir os combatentes dizerem: "Está ali uma espingarda que não faz nada."

Quando Enjolras deu a ordem, ele se levantou.

Como devem se lembrar, à chegada dos revoltosos à rua da Chanvrerie, uma moradora, prevendo as balas, pendurara um colchão diante da sua janela.

Essa janela, janela de trapeira, ficava no telhado de um prédio de seis andares, um pouco fora da barricada. O colchão, de través, se apoiava embaixo em dois paus de estender roupa e estava preso no alto por duas cordas que, de longe, pareciam fixadas em pregos cravados nas ombreiras da trapeira. Viam-se distintamente as duas cordas contra o céu, como fios de cabelo.

— Alguém pode me emprestar uma espingarda de dois canos? — perguntou Jean Valjean.

Enjolras, que acabava de carregar a sua, entregou-a.

Jean Valjean apontou para a janela e atirou.

Uma das cordas do colchão estava cortada.

O colchão pendia por um só fio.

Ele deu o segundo tiro. A corda restante bateu forte na vidraça, o colchão escorregou entre os dois paus e caiu na rua.

A barricada aplaudiu.

Todos gritaram:

— Temos um colchão.

— É verdade — disse Combeferre —, mas quem vai buscar?

O colchão tinha, com efeito, caído fora da barricada, entre sitiados e sitiantes. Diga-se que a morte do sargento de artilharia havia deixado os soldados mais irritados, e eles, não fazia muito tempo, deitados atrás da mureta que haviam levantado, atiravam contra a barricada, enquanto não se reorganizava o serviço do canhão. Os revoltosos não respondiam a esses tiros esparsos, procurando poupar munição. As balas perdiam-se a esmo, mas a rua estava intransitável.

Jean Valjean saiu de onde estava, atravessou a chuva de balas, foi até o colchão, apanhou-o, colocou-o nas costas e voltou para dentro.

Ele próprio fixou o colchão na parede, onde as balas ricocheteavam, mas de modo a que os artilheiros não o vissem.

Feito isso, esperaram o segundo tiro de metralha.

Não tardou.

A peça vomitou com um rugido o seu pacote de chumbo. Mas não houve ricochete. A metralha foi amortecida pelo colchão, como se esperava. A barricada estava preservada.

— Cidadão — disse Enjolras a Jean Valjean —, a república lhe agradece.

Bossuet admirado ria, exclamando:

— É uma imoralidade que um colchão tenha tanto poder! Vitória do que cede sobre o que fulmina. Mas dá no mesmo; glória ao colchão que anula a peça de artilharia!

X

Aurora

Naquele mesmo momento, Cosette acordava.

Seu quarto era pequeno, asseado, discreto, com janela para o nascente e dando para o pátio de fundos do prédio.

Cosette nada sabia do que se passava em Paris. Estava praticamente inconsciente na véspera e já se tinha recolhido quando Toussaint disse ouvir barulho nas ruas.

Ela dormira poucas horas, mas bem. Teve agradáveis sonhos, o que talvez se devesse ao fato de sua cama ser totalmente branca. Alguém, que era Marius, tinha aparecido na luz. Ela acordou com o sol nos olhos, parecendo de início uma continuação do sonho.

Seu primeiro pensamento foi risonho. Sentia-se tranquila. Atravessava, como Jean Valjean algumas horas antes, essa reação da alma que não quer absolutamente a infelicidade. Começou com todas as suas forças a ter esperança, sem saber em quê. Depois veio um aperto no coração. Havia três dias não via Marius. Mas calculava que ele devia ter recebido a sua carta, sabia então onde ela estava e encontraria meio de vir. E isso certamente hoje, talvez até pela manhã. Já era dia claro, mas com o raio de luz ainda bem horizontal, devia, ela pensou, ser muito cedo. Mas era preciso se levantar, para receber Marius.

Sentia não poder viver sem ele, e isso era razão suficiente para que ele viesse. Não havia outra forma. Era impensável e já monstruoso demais ter sofrido por três dias. Marius ausente três dias era coisa horrível aos olhos de Deus. Mas agora já atravessara aquela cruel provação vinda do Altíssimo. Marius viria e traria a boa-nova. É assim a mocidade: depressa limpa os olhos; acha inútil a dor e não a aceita.

A mocidade é o sorriso do futuro, diante do desconhecido que ele próprio é. A felicidade lhe parece algo natural. Sua respiração é feita de esperança.

Além disso, Cosette não conseguia se lembrar do que Marius havia dito a respeito daquela ausência, que só devia ser de um dia; qual explicação havia sido dada. Todo mundo sabe com que habilidade uma moeda que cai no chão corre para se esconder e com que arte se torna invisível. Certos pensamentos têm essa mesma capacidade, se disfarçam num canto do cérebro e pronto, se perdem; impossível fazer a memória encontrá-los. Cosette se incomodava um pouco pelo pequeno e inútil esforço que fazia a sua lembrança. Reconhecia ser um erro seu, nada bonito, ter esquecido o que Marius dissera.

Levantou-se da cama, fez duas abluções, da alma e do corpo, rezou e começou a se vestir.

Pode-se, a rigor, introduzir o leitor numa câmara nupcial, mas não numa câmara virginal. O verso mal ousaria e a prosa não deve tentar.

É o interior de uma flor ainda não desabrochada, uma brancura sem mácula, a célula íntima de um lírio fechado, que não deve ser vista pelo homem enquanto não for vista pelo sol. A mulher em botão é sagrada. Esse leito inocente que se descobre, essa adorável seminudez que teme a si mesma, o pezinho branco que se refugia na pantufa, esse colo que se cobre diante do espelho como se esse espelho tivesse um olho, essa camisola que corre a se ajeitar e esconder o ombro por causa de um móvel que estala ou um carro que passa, os fios passados pelas presilhas e repuxados, esses estremeceres e pequenos arrepios de frio e de pudor, os movimentos ariscos, essa inquietude quase esvoaçante em que nada há a se temer, as fases sucessivas do vestir-se, tão encantadoras quanto as nuvens da aurora, nada disso deve ser contado e já é demais mencionar.

O olho do homem deve ser ainda mais religioso diante do despertar de uma jovem do que diante do despertar de uma estrela. A possibilidade de aceder a isso deve aumentar o respeito. A penugem do pêssego, a cinza da ameixa, o cristal irradiado da neve, a asa da borboleta salpicada de plumas são coisas grosseiras se comparadas a essa castidade que nem sequer sabe que é casta. A jovem é apenas um reflexo do sonho e não é ainda uma estátua. Sua alcova se esconde na parte sombria do ideal. O indiscreto toque do olhar brutaliza essa vaga penumbra. Aqui, contemplar é profanar.

Nada mostraremos, então, da suave agitação do despertar de Cosette.

Diz um conto do Oriente que Deus fizera branca a rosa, mas que, tendo Adão olhado para ela no momento em que se entreabria, a flor se intimidou e se tornou

rósea. Por nossa parte, somos desses que se paralisam diante das jovens e das flores, por considerá-las veneráveis.

Cosette vestiu-se depressa e penteou-se, o que era mais simples naquele tempo, em que as mulheres não avolumavam seus cachos e madeixas com rolinhos e não punham armação nos cabelos. Em seguida abriu a janela e olhou para todos os lados, esperando descobrir algum trecho de rua, alguma esquina de prédio, um pedaço de calçamento para poder vigiar a chegada de Marius. Mas nada se via. O pátio dos fundos era quase todo cercado de muros muito altos, com uma brecha apenas, que dava para alguns quintais. Ela considerou horríveis todos aqueles quintais. Pela primeira vez na vida, achou feias as flores. O menor pedacinho de sarjeta da esquina seria bem melhor. Ela resolveu então olhar para o céu, talvez achando que Marius pudesse também vir dali.

De repente, se desmanchou em lágrimas. Não se tratava de uma mobilidade exagerada da alma, mas sua situação era de esperanças entre-cortadas por aflições. Confusamente sentiu a ameaça de algo horrível. As coisas, é verdade, passam pelo ar. Viu não ter certeza de nada, que perder-se de vista era se perder, e a ideia de que Marius pudesse vir do céu deixou de parecer encantadora, para se tornar lúgubre.

Logo em seguida, pois assim são essas nuvens, a calma voltou, assim como a esperança, com uma espécie de sorriso inconsciente, mas confiante em Deus.

O prédio inteiro ainda dormia. Reinava um silêncio provinciano. Não se abrira janela alguma. A cabine do porteiro estava fechada. Toussaint não se levantara ainda e Cosette, muito naturalmente, achou que o pai dormia. Era preciso que tivesse sofrido muito, e ainda sofresse, para se dizer que o pai tinha sido cruel; mas contava com Marius. Perder semelhante luz era decididamente impossível.

De vez em quando ela ouvia, a certa distância, uns abalos surdos, e pensava: "É estranho que a essa hora se abram e fechem portões dessa maneira." Eram os tiros de canhão contra a barricada.

Havia, pouco abaixo da janela de Cosette, na velha cornija escura da parede, um ninho de andorinhão. O arredondado do ninho saía um pouco da cornija, de modo que se podia, de cima, ver um pouco daquele pequeno paraíso. A mãe estava presente, abrindo suas asas em leque sobre a ninhada. O pai ia e vinha voando e trazendo no bico o alimento e beijos. O sol nascente dourava aquele ambiente feliz e a grande lei "Multiplicai-vos" ali estava, sorridente e augusta, espalhando o seu doce mistério na glória matinal.

Cosette, com os cabelos cobertos de sol, a alma cheia de quimera, iluminada interiormente pelo amor e exteriormente pela aurora, debruçou-se naturalmente e sem quase ousar confessar a si mesma que pensava ao mesmo tempo em Marius.

Olhava os passarinhos, aquela família, o macho e a fêmea, a mãe e os filhotes, com a profunda perturbação que um ninho pode provocar em uma virgem.

XI

O tiro que nunca erra o alvo e não mata ninguém

O fogo do cerco continuava. Os disparos de mosquetão e a metralha alternavam-se, sem produzir, na verdade, grandes baixas. A parte superior da fachada do Corinto era a que mais sofria, com a janela do primeiro andar e as mansardas crivadas de balas e de biscainhos, se demolindo pouco a pouco. Os combatentes ali postado tiveram de mudar de lugar. Era, afinal, a velha tática de ataque a barricadas: fazer fogo por muito tempo para esgotar a munição dos revoltosos, se eles caíssem no erro de revidar. Quando se suspeita, pelo enfraquecimento dessa resposta, de que já não têm pólvora nem bala, dá-se o assalto. Enjolras não caiu nessa armadilha; a barricada se controlava.

A cada nova descarga do pelotão, Gavroche enchia a bochecha com a língua, em sinal de soberano desprezo.

— Bem — dizia ele —, tratem de rasgar pano. Precisamos muito de ataduras.

Courfeyrac zombava da metralha pelo seu pouco efeito, gritando para o canhão:

— Está perdendo concentração, meu velho!

Na batalha os combatentes se medem, como no baile. É provável que o silêncio do reduto começasse a incomodar os militares, fazendo-os pensar em alguma possibilidade inesperada e querendo saber o que acontecia dentro daquele monte de pedras que, impassível, recebia as descargas sem responder. Os rebeldes de repente descobriram um capacete brilhando sob o sol, num telhado vizinho. Era um bombeiro, encostado numa chaminé, parecendo estar de sentinela. Sua visão abrangia todo o interior da barricada.

— É um vigia bem incômodo — disse Enjolras.

Jean Valjean devolvera a Enjolras a carabina, mas tinha a sua espingarda.

Sem nada dizer, ele fez pontaria no bombeiro e, um segundo depois, o capacete caiu com estardalhaço na rua, atingido por uma bala. O soldado, apavorado,

apressou-se em desaparecer.

Seu lugar foi logo ocupado por um segundo observador, um oficial. Jean Valjean, que tornara a carregar a espingarda, novamente ajustou a mira e mandou o capacete do oficial juntar-se ao do soldado. O homem não insistiu e rapidamente se retirou. O recado estava dado e ninguém voltou a aparecer no telhado. Desistiu-se de espionar a barricada.

— Por que não matou o homem? — perguntou Bossuet a Jean Valjean.

Jean Valjean não respondeu.

XII

A desordem partidária da ordem

Bossuet cochichou ao ouvido de Combeferre:

— Ele não respondeu à minha pergunta.

— É alguém que distribui a bondade a tiros — disse Combeferre.

Quem guarda alguma lembrança daquela época já distante sabe que a Guarda Nacional do subúrbio era aguerrida nas insurreições, mas naqueles dias de junho de 1832 ela foi particularmente intrépida e feroz. Certo taberneiro de Pantin, de Vertus ou de Cunette, como a revolta prejudicava o seu "estabelecimento", enlouqueceu vendo a sala de dança abandonada e foi morto querendo salvar a ordem que a sua baiuca representava. Os interesses, naquele tempo, tinham também os seus paladinos. Mas o prosaísmo desse guarda móvel em nada contradiz a bravura do movimento. A diminuição de uma pilha de escudos fazia banqueiros cantarem a "Marselhesa". Derramava-se liricamente o próprio sangue pelo negócio e defendia-se com um entusiasmo lacedemônio a sua loja, esse imenso diminutivo da pátria.

No fundo, digamos, tudo isso são coisas bem sérias. Eram elementos sociais em luta, esperando o dia em que estariam em equilíbrio.

Outro sinal daquele tempo era a anarquia misturada ao governamentalismo (nome bárbaro do partido correto). Apoiava-se a ordem com indisciplina. Inopinadamente o tambor batia, sob o comando de tal coronel da Guarda Nacional, convocações por puro capricho. Certo capitão ia à batalha por simples inspiração e

alguns guardas nacionais lutavam "por fantasia" e por conta própria. Nos minutos de crise, naqueles dias de junho, davam-se mais ouvidos aos instintos do que aos superiores. Havia, no exército da ordem, verdadeiros guerrilheiros, uns da espada, como Fannicot, outros da pena, como Henri Fonfrède.

A civilização, infelizmente representada naquela época mais por uma agregação de interesses do que por um grupo de princípios, estava, ou assim se imaginava, em perigo. Dava gritos de alarme e cada um se tornava um centro, defendendo, socorrendo e protegendo como lhe dava na cabeça. Qualquer um assumia o papel de salvar a sociedade.

O zelo chegava às vezes ao extermínio. Um pelotão qualquer de guardas nacionais se autorizava como Conselho de Guerra, julgando e executando em cinco minutos um insurreto prisioneiro. Foi uma improvisação desse tipo que matou Jean Prouvaire. Feroz lei de Lynch que partido nenhum pode criticar nos demais, pois se aplicou na república da América, assim como na monarquia da Europa. Essa lei de Lynch se complicava por más interpretações. Num dia da insurreição, um jovem poeta chamado Paul-Aimé Garnier foi perseguido na praça Royale, sob a ameaça de baionetas, e escapou se refugiando no portão do prédio nº 6. Os guardas gritavam "É um daqueles saint-simonianos!", e queriam matá-lo. Isso porque o rapaz carregava um volume das memórias do duque de Saint-Simon e um guarda nacional achou ser um livro do socialista Saint-Simon.

No dia 6 de junho de 1832, uma companhia de guardas nacionais do subúrbio, comandada pelo capitão Fannicot, acima citado, por simples tolice foi dizimada na rua da Chanvrerie. O fato, por mais singular que pareça, foi registrado no processo judicial instaurado logo depois da insurreição de 1832. O capitão Fannicot, burguês impaciente e impulsivo, espécie de *condottiero* da ordem, do tipo que acabamos de caracterizar, governamentalista fanático e insubmisso, não resistiu à tentação de fazer fogo antes da hora e à ambição de tomar a barricada sozinho, isto é, com a sua companhia. Exasperado com a aparição primeiro da bandeira vermelha e depois da casaca velha, que ele tomou por bandeira preta, criticava em voz alta os generais e os chefes em conselho, que julgavam não ser ainda hora para o ataque decisivo e deixavam, segundo a expressão célebre de um deles, "a insurreição cozinhar no seu próprio molho". Pessoalmente, ele considerou madura a barricada e, como o que está maduro deve cair, ele tentou.

Os homens a quem comandava eram decididos como ele; "furiosos", disse uma testemunha. Sua companhia, a mesma que fuzilara o poeta Jean Prouvaire, era a primeira do batalhão postado na esquina da rua.

No momento em que menos se esperava, o capitão lançou seus homens contra a barricada. Esse movimento, executado com mais boa vontade do que estratégia, custou caro à companhia Fannicot. Antes que ela chegasse a dois terços da rua, foi recebida por uma descarga geral da barricada. Quatro, os mais audazes, que avançavam na frente, foram fulminados à queima-roupa junto do reduto, e a corajosa turba de guardas nacionais, gente extremamente valorosa, mas sem a tenacidade militar, teve que recuar, após certa hesitação, deixando na rua quinze cadáveres. O instante de hesitação deu aos insurgentes tempo para recarregar as armas e uma segunda descarga, bastante mortífera, atingiu a companhia antes que ela pudesse chegar à esquina da rua, que era o seu abrigo. Por um momento inclusive ela ficou entre dois fogos e recebeu a metralha também do canhão que, sem ter recebido ordem contrária, continuara a fazer fogo. O intrépido e imprudente Fannicot morreu sob esse fogo amigo. Foi morto pelo canhão, ou seja, pela ordem.

Esse ataque, mais furioso do que sério, irritou Enjolras.

— Que imbecis! — disse ele. — Provocam a morte dos soldados e nos fazem gastar munição. Tudo isso para nada!

Enjolras falava como o verdadeiro general de revolta que ele era. A insurreição e a repressão não lutam com armas iguais. A insurreição, com poucos recursos, só pode gastar certo número de tiros e certo número de combatentes. Um homem morto ou uma cartucheira vazia não podem ser substituídos. Já a repressão, tendo o exército, não conta seus soldados e, dispondo do paiol de Vincennes, não conta os tiros. A repressão tem tantos regimentos quanto a barricada tem combatentes e tantos arsenais quanto a barricada tem cartucheiras. Com isso são lutas de um contra cem e terminam sempre pela aniquilação das barricadas; salvo quando a revolução, surgindo de repente, joga na balança o seu flamejante gládio de arcanjo. Pode acontecer. Então tudo se ergue, as pedras entram em ebulição, os redutos populares se multiplicam, Paris se agita soberanamente, o *quid divinum* desprende-se, pairam na atmosfera um 10 de agosto e um 29 de julho, aparece uma prodigiosa luz, a goela escancarada da força recua e o exército, esse leão, vê diante de si, de pé e tranquilo, esse profeta, a França.

XIII

Clarões passageiros

No caos de sentimentos e de paixões que defendem uma barricada, há de tudo; bravura, juventude, questões de honra, entusiasmo, ideal, convicção, teimosia de jogador e, sobretudo, intermitências de esperança.

Uma dessas intermitências, um desses vagos frêmitos de esperança atravessou subitamente, no momento mais inesperado, a barricada da rua da Chanvrerie.

— Escutem — exclamou de repente Enjolras, sempre de vigia —, tenho a impressão de que Paris desperta!

É certo que, na manhã de 6 de junho, a insurreição teve, por uma ou duas horas, certa recrudescência. A obstinação do rebate de Saint-Merry reanimou algumas veleidades. Na rua do Poirier e na dos Gravilliers, esboçaram-se barricadas. Diante da Porta Saint-Martin, um rapaz isolado, armado com uma carabina, atacou um esquadrão de cavalaria. A descoberto, no meio do boulevard, pôs um joelho em terra, meteu a arma à cara, disparou contra o chefe do esquadrão e voltou-se dizendo: "É mais um que não nos fará mal." Foi morto com um golpe de sabre. Na rua Saint-Denis, uma mulher atirou contra a Guarda Municipal, detrás de uma persiana descida, cujas lâminas tremiam a cada novo disparo. Na rua da Cassonnerie foi preso um menino de quatorze anos com os bolsos cheios de cartuchos. Muitos corpos de guarda foram atacados. À entrada da rua Bertin-Poirée foi recebido, por uma descarga muito cerrada e imprevista, um regimento de cavalaria, a cuja frente ia o general Cavaignac de Baragne. Na rua Planche-Mibray, foram lançados dos telhados, sobre a tropa, muitos cacos de louça e vários utensílios caseiros. É mau sinal, e quando deram parte desse fato ao marechal Soult, esse antigo tenente de Napoleão ficou pensativo e se lembrou das palavras do marechal Suchet em Zaragoza: "Estamos perdidos quando as velhas começam a jogar os penicos na nossa cabeça."

Esses sintomas gerais, manifestados num momento em que se julgava a revolta localizada em certos pontos, essa febre de cólera que crescia, as faíscas que esvoaçavam aqui e ali sobre essas massas profundas de combustível que são os subúrbios de Paris, todo esse conjunto inquietou os chefes militares. Eles procuraram então extinguir logo esses princípios de incêndio. Até estar abafada aquela efervescência, o ataque das barricadas Maubée, Chanvrerie e Saint-Merry foi adiado, para depois se dedicar a elas apenas e poder acabar tudo de uma só vez. Diferentes colunas foram destacadas pelas ruas mais agitadas, varrendo as maiores,

sondando as pequenas, à direita, à esquerda, ora com lenta precaução, ora a passo de carga. A tropa arrombava as portas das casas de onde partiam tiros; ao mesmo tempo, manobras de cavalaria dispersavam os grupos nos boulevards. Essa repressão não se deu sem reclamações e sem o estranho tumulto que é próprio dos confrontos entre o exército e o povo. Era o que Enjolras percebia, nos intervalos das descargas de fuzilaria e dos tiros de canhão. Além disso, vira passar no fim da rua feridos em padiolas e disse a Courfeyrac: "Aqueles feridos não são daqui."

A esperança durou pouco e essa luz eclipsou-se rapidamente. Em menos de meia hora desvaneceu-se tudo o que estava na atmosfera, como um relâmpago sem trovão e os insurretos sentiram voltar a pesar sobre eles essa espécie de placa de chumbo que a indiferença do povo lança sobre os obstinados abandonados.

O movimento geral, que parecia ter-se vagamente esboçado, abortou, podendo então concentrar-se a atenção do ministro da Guerra e a estratégia dos generais nas três ou quatro barricadas que restavam de pé.

O sol levantava-se no horizonte.

Um insurgente disse a Enjolras:

— Estamos com fome. Será que vamos morrer assim, sem comer?

Enjolras, sem nunca abandonar sua seteira, sem afastar os olhos da extremidade da rua, fez um sinal afirmativo.

XIV

Onde se lerá o nome da amante de Enjolras

Sentado numa pedra ao lado de Enjolras, Courfeyrac continuava a insultar o canhão e, toda vez que passava, com o seu ruído monstruoso, a sombria nuvem de projéteis que se chama metralha, ele o cumprimentava com nova ironia.

— Tenho dó de ti, meu pobre brutamontes, estás deitando os bofes pela boca afora e não aproveitas nada de toda essa barulheira. Isso não é trovão, é tosse.

E todos em volta riam.

Courfeyrac e Bossuet, cujo valoroso bom humor aumentava com o perigo, substituíam, como a sra. Scarron, o alimento pelo gracejo e, já que faltava também o

vinho, esbanjavam alegria.

— Admiro Enjolras — dizia Bossuet. — A sua impassível temeridade maravilha-me. Vive sozinho, o que talvez faça dele alguém meio triste; ele se queixa daquilo que o faz grande, e que vem dessa sua viuvez. Todos temos amantes, que mais ou menos nos deixam doidos, quer dizer, corajosos. É uma maneira de nos vingarmos das maldades que nossas costureirinhas nos fazem. Roland morreu só para irritar Angélique. Todos os heroísmos vêm delas. Um homem sem mulher é uma pistola sem cão; a mulher é que provoca o disparo. Já Enjolras, não tem mulher. Não está apaixonado e acha meio de ser intrépido. É incrível que se possa ser frio como gelo e ardente como fogo!

Enjolras parecia não prestar atenção; mas quem estivesse junto dele o teria ouvido murmurar baixinho: *Pátria!*

Bossuet ria ainda, quando Courfeyrac exclamou:

— Temos novidade!

E imitando o tom de um oficial de justiça acrescentou:

— Chama-se peça de oito.

Com efeito, acabava de entrar em cena um novo personagem. Era a segunda boca de fogo.

Os artilheiros fizeram imediatamente a manobra braçal e posicionaram a segunda peça de bateria ao lado da primeira.

Isso esboçava já o desfecho.

Alguns instantes depois, ativamente municiadas, ambas as peças abriam fogo de frente contra a barricada; as descargas de pelotão da linha e do subúrbio sustentavam a artilharia.

Ao mesmo tempo que as duas peças se dedicavam à barricada da rua da Chanvrerie, outras duas bocas de fogo, uma na rua Saint-Denis, outra na de Aubry-le-Boucher, crivavam a Saint-Merry. As quatro peças lugubremente ecoavam umas às outras.

Os latidos dos sombrios cães da guerra se respondiam.

Das duas peças que investiam contra a da rua da Chanvrerie, uma disparava bala e a outra, metralha.

A peça que atirava bala tinha uma pontaria alta e o tiro era calculado de modo a ferir o rebordo externo da aresta superior da barricada, despedaçando-a e lançando as pedras esmigalhadas sobre os insurgentes, como metralha.

Isso tinha como finalidade afastar os combatentes do cimo do reduto, obrigando-os a se concentrarem no interior; ou seja, anunciava-se o assalto.

Uma vez expulsos os combatentes do alto da barricada pelas balas, e das janelas da taberna pela metralha, as colunas de ataque podiam se aventurar na rua sem serem atingidas, e talvez até sem serem vistas, escalar rapidamente o reduto como na noite da véspera e, quem sabe, tomá-lo de surpresa.

— É preciso absolutamente diminuir o estrago — disse Enjolras, e gritou: — Fogo nos artilheiros!

Todos estavam prontos. A barricada, já havia tanto tempo calada, abriu fogo energicamente. Seis ou oito descargas se sucederam com raiva e alegria. A rua encheu-se de uma fumaça que nada deixava ver e, passados alguns minutos, em meio àquele nevoeiro cortado por chamas, constatou-se confusamente que dois terços dos artilheiros estavam caídos sobre as rodas das carretas. Os que tinham ficado de pé continuavam a servir as peças com disciplinada tranquilidade, mas o fogo enfraquecera.

— Boa coisa — disse Bossuet a Enjolras. — Um sucesso.

Enjolras balançou a cabeça e respondeu:

— Mais quinze minutos de sucesso assim e não restarão na barricada nem dez cartuchos.

Aparentemente Gavroche ouviu isso.

XV

Gavroche fora da barricada

Courfeyrac de repente percebeu alguém junto à barricada, mas na rua, do lado de fora, sob as balas.

Gavroche tinha pegado um cesto encontrado na taberna, saíra pela abertura do parapeito e tranquilamente recolhia as patronas cheias de cartuchos dos guardas nacionais mortos na rua.

— O que está fazendo? — alarmou-se Courfeyrac.

Gavroche levantou o nariz:

— Enchendo o meu cesto, cidadão.

— Não vê a metralha?

Gavroche respondeu:

— É verdade que chove, mas e daí?

Courfeyrac gritou:

— Volte para dentro!

— Daqui a pouco — respondeu o menino.

E com um pulo afastou-se mais pela rua.

Como devem lembrar, a companhia Fannicot, se retirando, deixara um rastro de cadáveres atrás dela.

Ao longo da rua jaziam uns vinte mortos.

Vinte patronas para Gavroche.

Um fornecimento de cartuchos para a barricada.

A fumaça enchia a rua com um nevoeiro. Quem quer que já tenha visto uma nuvem dentro de uma garganta de montanha, entre duas escarpas bem verticais, pode imaginar essa fumaça densa e ainda mais fechada pelas duas linhas escuras dos prédios. Ela subia devagar e renovava-se o tempo todo, donde um escurecimento que afetaria até a luz de um dia claro. Os adversários mal se enxergavam de uma extremidade à outra da rua, apesar da sua pouca extensão.

Essa obscuridade, provavelmente bem-vinda e calculada pelos chefes que deviam dirigir o assalto à barricada, foi útil a Gavroche.

Envolvido naquele véu de fumaça e graças a seu tamanho, ele conseguiu avançar bastante sem ser visto e se apoderar das primeiras sete ou oito patronas sem grande perigo.

Arrastava-se de bruços, corria de quatro, carregando o cesto com os dentes, contorcia-se, escorregava, ondulava, serpenteava de um morto a outro e esvaziava-lhe a patrona ou a cartucheira como um macaco abre um coco.

Da barricada, de onde estava ainda bastante perto, não ousavam gritar que voltasse, temendo chamar atenção.

No cadáver de um cabo de esquadra, achou um polvorinho.

— Para matar a sede — disse ele, metendo-o no bolso.

Continuando sempre a avançar, chegou ao ponto onde o nevoeiro ficava mais transparente.

Com isso os atiradores de linha, emboscados atrás do parapeito, e os do subúrbio, agrupados na esquina, começaram a perceber que algo se movia em meio à fumaça.

No momento em que Gavroche aliviava dos cartuchos um sargento que jazia junto de uma pedra de marcação, o cadáver foi atingido por uma bala.

— Desaforados! — exclamou o menino. — Começam agora a matar os mortos!

Uma segunda bala tirou faíscas de uma pedra ao lado e outra derrubou o cesto.

Ele constatou que tudo aquilo vinha do subúrbio.

Endireitou-se então, de pé com os cabelos soltos ao vento, as mãos nos quadris, os olhos fixos nos guardas nacionais, e cantou:

On est laid à Nanterre,
C'est la faute à Voltaire;
Et bête à Palaiseau,
C'est la faute à Rousseau.[1]

Depois pegou o cesto e colocou de volta todos os cartuchos que tinham caído, sem deixar nenhum. Em seguida, avançando ainda, foi saquear outra patrona. Escapou de uma quarta bala, que passou perto, e cantou:

Je ne suis pas notaire,
C'est la faute à Voltaire;
Je suis petit oiseau,
C'est la faute à Rousseau.[2]

Uma quinta bala o fez cantar uma terceira estrofe:

Joie est mon caractère,
C'est la faute à Voltaire;
Misère est mon trousseau,
C'est la faute à Rousseau.[3]

E isso continuou ainda por algum tempo.

O espetáculo era horrível e encantador. Gavroche, sob fuzilaria, debochava dos fuzis. Parecia estar se divertindo muito. Era o pardal bicando os caçadores. Respondia cada tiro com uma copla. Apontavam e atiravam nele, mas erravam sempre. Os guardas nacionais e os soldados já até riam, mas sem deixar de disparar. Gavroche se deitava, voltava a se levantar, escondia-se num vão de porta, depois saltava, desaparecia, tornava a aparecer, fugia, voltava, respondia aos tiros com uma

careta, sem nunca deixar de roubar os cartuchos, esvaziando as patronas e enchendo o cesto. Os insurgentes acompanhavam tudo isso aflitos. A barricada tremia, ele cantava. Não era uma criança nem era um homem, era uma estranha fada em forma de moleque. Era o anão invulnerável da batalha. As balas pareciam correr atrás dele, que era mais rápido que as balas. Brincava de não sei qual medonho esconde-esconde com a morte, e toda vez que a face terrível do espectro se aproximava, recebia um piparote.

Uma bala, no entanto, mais certeira ou mais traidora que as outras, atingiu o menino fogo-fátuo. Gavroche cambaleou e dobrou os joelhos. A barricada inteira gritou; mas havia algo de Anteu naquele pigmeu, e cair no chão, para ele, era como para o gigante. Gavroche logo se endireitou, mas ficou sentado. Um largo filete de sangue escorria ao longo do rosto. Ele ergueu os braços, olhou para o lado de onde viera o tiro e cantou:

Je suis tombé par terre,
C'est la faute à Voltaire.
Le nez dans le ruisseau,
C'est la faute à…[4]

Não concluiu o verso. Uma segunda bala do mesmo atirador o fez subitamente se calar. Ele então caiu de bruços e não se mexeu mais. Aquela pequena grande alma acabava de levantar voo.

XVI

De como o irmão se torna pai

Naquele mesmo momento, no jardim do Luxembourg — pois o olhar do drama deve se estender por toda parte —, dois meninos se davam a mão. Um poderia ter uns sete anos e o outro, cinco. Como a chuva os havia molhado, eles caminhavam

pelas aleias do lado do sol: o mais velho conduzia o mais moço; estavam muito pálidos e cobertos de andrajos; eram como pássaros ariscos. O menor dizia:

— Estou com muita fome.

O mais velho levava o irmão pela mão esquerda e tinha na direita uma vareta.

Estavam sozinhos no jardim, que se mostrava deserto. A polícia mandara fechar as portas por causa da insurreição. Tropas tinham estado estacionadas ali, mas haviam saído pelas necessidades do combate.

Como foram parar no Luxembourg aquelas crianças? Talvez evadidas de alguma casa de guarda com a porta entreaberta; talvez tivessem fugido de algum acampamento de saltimbancos das proximidades, na barreira do Enfer, na esplanada do Observatório, ou na encruzilhada vizinha, onde se lia um frontão com os dizeres: *INVENERUNT PARVULUM PANNIS INVOLUTUM*. Talvez tivessem, na véspera, iludido a vigilância dos guardas do jardim na hora de fechar, para passar a noite em alguma daquelas guaritas em que se leem jornais? O fato é que andavam à toa e pareciam livres. Andar à toa e parecer livre é estar perdido. E os pobres meninos estavam, com efeito, perdidos.

Eram aquelas mesmas crianças que Gavroche havia procurado ajudar e das quais o leitor deve se lembrar. Filhos de Thénardier, emprestados à Magnon, explorando a suposta paternidade do sr. Gillenormand, mas agora folhas caídas de todos esses ramos sem raízes e roladas no pó pelo vento.

Suas roupas, tão limpinhas à época da Magnon, pois serviam como prospecto para tirar dinheiro do sr. Gillenormand, caía em frangalhos.

Aquelas criaturinhas pertenciam agora à estatística das "crianças abandonadas" que a polícia registra, apanha, perde e torna a achar nas ruas de Paris.

Só graças à perturbação generalizada daquele dia os dois miseraveizinhos podiam estar ali. Se os guardas houvessem visto aqueles esfarrapados os teriam expulsado. As crianças pobres não podem entrar nos jardins públicos; no entanto, sendo crianças, deveriam também ter direito às flores.

Aquelas, em todo caso, ali estavam apesar das grades fechadas. Era uma infração. Haviam entrado às escondidas e lá ficado. Estarem fechadas as grades não implica maior descaso por parte da vigilância, mas esta inevitavelmente afrouxa e descansa. Mas é claro também que os guardas do jardim, contagiados pela ansiedade pública, se ocupavam mais com o lado externo do que com o interno e não viram nossos dois delinquentes.

Na véspera havia chovido e também um pouco pela manhã. Mas em junho as pancadas de chuva nem se contam. Elas mal chamam a atenção e, uma hora após o

aguaceiro, ninguém mais se lembra de haver chovido em tão belo dia. Também a terra se seca tão rapidamente quanto as faces de uma criança depois do choro.

Nessa época do ano, a luz do meio-dia é, por assim dizer, acachapante. Invade tudo. Aplica-se e se superpõe à terra com uma espécie de sucção. É como se o sol tivesse sede. Uma borrasca é um copo d'água e a chuva é imediatamente tragada. Pela manhã tudo escorria, à tarde tudo já se empoeira.

Nada mais admirável que uma vegetação refrescada pela chuva e secada pelos raios de sol; é um frescor quente. Os jardins e as campinas, tendo água nas raízes e sol nas suas flores, se tornam defumadores de incenso, distribuindo todos os perfumes ao mesmo tempo. Tudo ri, canta e se oferece. Uma suave embriaguez nos invade. A primavera é um paraíso provisório; o sol ajuda o homem a ser paciente.

Há quem não peça mais do que isso, seres vivos que, tendo o céu azul, dizem: "Já basta!" São sonhadores absortos no prodígio, tirando da idolatria pela natureza a indiferença entre o bem e o mal, contempladores do cosmo, radiosamente alheios ao homem, que não compreendem a preocupação com a fome de uns, a sede de outros, a nudez do pobre no inverno, a curvatura linfática de uma pequena espinha dorsal, o leito tosco, o porão, a masmorra e os trapos de jovens que passam frio, uma vez que eles próprios podem sonhar sob as árvores. São espíritos tranquilos e terríveis, implacavelmente satisfeitos. Coisa estranha, o infinito lhes basta. Ignoram essa grande necessidade do homem, o finito, que admite a abrangência. Não pensam no finito, que admite esse trabalho sublime que é o progresso. O indefinido, que nasce da combinação humana e divina entre infinito e finito, lhes escapa. Se puderem estar frente a frente com a imensidão, eles sorriem. Nunca a alegria, sempre o êxtase. Abismar-se, é isso a vida para eles. A história da humanidade é apenas um plano parcelar, o Tudo se mantém ausente, o verdadeiro Tudo permanece fora. Para que se ocupar desse detalhe? O homem sofre, é possível, mas veja Aldebarã que desponta! A mãe não tem mais leite, o recém-nascido morre, não sei, mas veja essa rosácea maravilhosa formada pela rodela do alburno de um pinheiro no microscópio! Compare a mais fina renda com isso! Os que assim pensam se esquecem de amar. O zodíaco funciona tão bem que os impede de ver a criança que chora. Deus lhes eclipsa a alma. É um tipo de sensibilidade mesquinha e grande ao mesmo tempo. Horácio era assim, Goethe era assim, talvez também La Fontaine. Magníficos egoístas do infinito, espectadores tranquilos da dor, que não verão Nero se o dia estiver bonito. O sol oculta a fogueira em que ardem hereges; assistindo a uma execução, interessam-se pelos reflexos de luz da guilhotina; não ouvem o grito, o pranto, o estertor, o rebate do sino, pois tudo é ótimo no mês de maio; declaram-se contentes, já que nuvens de púrpura e de ouro pairam sobre as suas cabeças,

certos da felicidade até o esgotamento da radiação dos astros e do canto dos pássaros.

São radiantes tenebrosos. Não imaginam que se deva ter pena deles, mas com certeza é o caso. Quem não chora não vê. Devemos admirá-los e lamentá-los, como lamentaríamos e admiraríamos alguém ao mesmo tempo noite e dia, sem olho sob a sobrancelha, mas com um astro no meio da testa.

Para alguns, a indiferença desse tipo de pensador constitui uma filosofia superior. Que seja, mas nessa superioridade há enfermidade. Pode-se ser imortal e manco, como Vulcano. Pode-se ser mais que um homem e menos que um homem. O incompleto imenso está na natureza. Quem sabe se o sol não é cego?

Mas então, como?! Em quem se fiar? *Solem quis dicere falsum audeat?* Gênios, altíssimos seres humanos, astros em forma de homem podem se enganar? O que está lá em cima, no ápice, no topo, no zênite, o que envia à terra tanta claridade por acaso veria pouco, veria mal, não veria? Não é aflitivo? Não. O que pode haver acima do sol? O deus.

Por volta das onze horas da manhã, em 6 de junho de 1832, o Luxembourg solitário e deserto estava lindo. Os quincunces e os canteiros sob a luz mutuamente se enviavam perfumes e fulgores. Os galhos, enlouquecidos sob tanta claridade, pareciam querer se abraçar e se beijar. Havia, nos sicômoros, uma algazarra de toutinegras, os pardais triunfavam, os pica-paus trepavam nas castanheiras dando bicadas nos buracos da casca. As platibandas aceitavam a realeza legítima dos lírios; o mais augusto perfume é o que sai da brancura. Respirava-se o odor apimentado do cravo. As velhas gralhas de Maria de Médici pareciam apaixonadas nas árvores maiores. O sol dourava, empurpurava e acendia as tulipas, que nada são além das variedades todas da chama, transformadas em flor. Em torno das bancadas de tulipas rodopiavam as abelhas, faíscas dessas flores-chama. Tudo era graça e alegria, inclusive a chuva próxima; essa recidiva, da qual os junquilhos e as madressilvas se aproveitariam, nada tinha de preocupante. Apenas as andorinhas ameaçavam voar baixo. Quem estava ali respirava felicidade; a vida cheirava bem, toda aquela natureza exalava candura, socorro, assistência, paternidade, carinho, aurora. Os pensamentos que caíam do céu eram doces como a mãozinha de uma criança que beijamos.

As estátuas sob as árvores, nuas e brancas, tinham mantos de sombra rasgados pela luz; aquelas deusas estavam todas esfarrapadas pelo sol, com raios que surgiam por todos os lados. Em torno do grande lago a terra já estava seca, quase queimada. Ventava o suficiente para, num ponto ou noutro, levantarem-se pequenos turbilhões

de poeira. Algumas folhas amarelas, restantes ainda do último outono, perseguiam-se alegres e pareciam brincar.

A abundância de claridade tinha algo tranquilizador. Vida, seiva, calor, eflúvios transbordavam. Sentia-se, sob a Criação, a enormidade da fonte, em todos aqueles sopros cheios de amor, no vai e vem de reverberações e reflexos, no prodigioso dardejar de raios, no indefinido derramar de ouro fluido, em tudo se sentia a prodigalidade do inesgotável e, por trás desse esplendor, como por trás de uma cortina de fogo, entrevia-se Deus, esse milionário de estrelas.

Graças à areia, não havia uma mancha de lama; graças à chuva, não havia um grão de cinza. Os buquês acabavam de ser lavados; todos os veludos, todos os cetins, todos os vernizes, todos os ouros que saem da terra sob forma de flor estavam irrepreensíveis. Uma magnificência limpa. O grande silêncio da natureza feliz enchia o jardim. Silêncio celeste compatível com mil músicas, arrulhos de ninhos, zumbidos de enxames, palpitações do vento. Toda a harmonia da estação se perfazia num gracioso conjunto. As entradas e saídas da primavera aconteciam na boa ordem: os lilases terminavam, os jasmins começavam. Algumas flores estavam atrasadas, alguns insetos adiantados. A vanguarda de borboletas vermelhas de junho fraternizava com a retaguarda das borboletas brancas de maio. Os plátanos criavam pele nova. A brisa escavava ondulações na enormidade magnífica das castanheiras. Era esplêndido. Um veterano do quartel vizinho, olhando através da grade, disse: "É a primavera no apresentar armas e em uniforme de gala."

A natureza inteira almoçava; a Criação estava à mesa. Era hora, a grande toalha azul estendida no céu e a grande toalha verde na terra; o sol iluminava *a giorno*. Deus servia a refeição universal. Cada ser tinha a sua cota ou sua ração. A pomba-trocaz encontrava grãos de cânhamo, o tentilhão encontrava milho miúdo, o pintassilgo encontrava morrião, o pintarroxo encontrava minhocas, a abelha encontrava flores, a mosca encontrava bactérias, o lagarto encontrava moscas. Todos se comiam uns aos outros, o que é o mistério do mal misturado ao bem. Animal nenhum estava de estômago vazio.

Os dois meninos abandonados tinham chegado ao grande lago do Luxembourg. Um tanto perturbados por toda aquela luz, eles procuravam se esconder — instinto do pobre e do fraco diante da magnificência, ainda que impessoal — e se mantinham atrás da casinha dos cisnes.

De vez em quando, num ou noutro ponto, quando o vento soprava, ouviam-se confusamente gritos, rumor, estertores tumultuosos, que eram descargas de fuzilaria, e grandes pancadas surdas, que eram tiros de canhão. Acima dos telhados, para os lados do Halles, via-se fumaça. Um sino, que parecia chamar, tocava ao longe.

Os dois meninos não pareciam perceber nada disso. O menor repetia de vez em quando, baixinho:

— Estou com fome.

Quase ao mesmo tempo que as duas crianças, aproximara-se do lago outro duo. Era um velho de cinquenta anos, levando pela mão um garoto de seis. Provavelmente pai e filho. O menino tinha na mão um brioche grande.

Naquela época, algumas casas, confinantes com o jardim pelas ruas Madame e do Enfer, tinham uma chave do Luxembourg e seus moradores podiam usá-la, mesmo com o jardim fechado ao público; tolerância que mais tarde foi suprimida. Pai e filho certamente vinham de uma dessas casas.

Os meninos, vendo aproximar-se aquele "senhor", esconderam-se ainda mais.

Tratava-se de um burguês; talvez o mesmo que um dia Marius, em plena febre de amor, tinha ouvido à beira daquele mesmo lago, aconselhando o filho "a evitar os excessos". Tinha um ar afável e satisfeito. Como a boca não se fechava, ele sorria sempre. Esse sorriso mecânico, causado por um maxilar avantajado e pouca pele, mais mostra os dentes do que a alma. O menino, com o brioche já mordido, parecia empanturrado. Estava vestido como guarda nacional, por causa da revolta, e o pai como burguês, por causa da prudência.

Pai e filho pararam à beira do lago em que deslizavam os dois cisnes. Aquele burguês parecia ter pelos cisnes uma admiração particular. Inclusive se parecia um pouco com eles, pela maneira de andar.

Mas naquele momento os cisnes nadavam, o que é o seu principal talento, e eram magníficos.

Se os dois pequeninos tivessem escutado e tivessem idade para compreender, usufruiriam das palavras de um homem sério. Ele dizia ao filho:

— Quem tem juízo se contenta com pouco. Veja o meu exemplo, filho. Não gosto de fausto. Nunca me veem coberto de ouro nem de pedrarias; deixo esse falso esplendor para as almas mal organizadas.

Nisso, os gritos profundos que vinham do Halles redobraram, acompanhados de um toque mais intenso do sino.

— O que é isso? — perguntou a criança.

O pai respondeu:

— Uma espécie de carnaval.

Mas de repente notou os dois garotos esfarrapados, imóveis atrás da casinha dos cisnes.

— Ali está o princípio — acrescentou ele.

E depois de um momento de silêncio, constatou:

— A anarquia já entrou neste jardim.

O filho deu mais uma mordida no brioche, cuspiu e começou a chorar.

— Por que está chorando? — perguntou o pai.

— Não estou com fome — respondeu o filho.

O sorriso do pai se acentuou.

— Um bolo a gente come mesmo sem fome.

— Não gosto dele: está seco.

— Não quer mais?

— Não.

O pai apontou para os cisnes.

— Jogue para esses palmípedes.

O menino pensou melhor. Não ter mais vontade de comer não é razão para dar um brioche.

O pai prosseguiu:

— Seja humano. Tenha pena dos animais.

E, tirando o bolo da mão do filho, atirou-o na água.

Os cisnes estavam longe da margem e entretidos com alguma presa. Não tinham visto nem os burgueses nem o bolo.

O homem, vendo o risco em que estava o bolo de se perder, e inquieto por tão inútil naufrágio, entregou-se a uma agitação telegráfica, que acabou por atrair a atenção dos cisnes.

Eles avistaram algo que boiava, viraram de bordo, como verdadeiros navios que são, e vagarosamente tomaram a direção do brioche, com a majestade beatífica que convém a animais brancos.

— Os cisnes compreendem os sinais — disse o burguês, satisfeito por ter tido uma ideia boa.

Nesse momento o tumulto longínquo da cidade teve súbita recrudescência. Dessa vez parecia sinistro. Há rajadas de vento que falam mais distintamente que outras. A que soprou naquele momento trouxe nitidamente rufos de tambor, clamores, descargas cerradas e lúgubres réplicas de toques a rebate e tiros de artilharia. Isso coincidiu com uma nuvem negra que ocultou repentinamente o sol.

Os cisnes não tinham ainda chegado ao brioche.

— É melhor voltar para casa — disse o pai —, estão atacando as Tulherias.

Ele pegou a mão do filho e continuou:

— Das Tulherias ao Luxembourg é apenas a distância que separa o rei da Câmara dos Pares, não é tanta. Não tarda que chovam balas.

Depois olhou para a nuvem.

— E também é possível que chova chuva propriamente. O céu toma parte nisso. A linhagem mais moça está condenada. Vamos para casa depressa.

— Queria ver os cisnes comerem o brioche — disse o menino.

O pai respondeu:

— Seria uma imprudência.

E levou com ele o burguesinho.

O garoto, sem esquecer dos cisnes, andou olhando para trás, até que numa curva do jardim deixou de ver o lago.

Enquanto isso, e ao mesmo tempo que os cisnes, os dois abandonados famintos se aproximavam do brioche, que flutuava na água. O menor olhava para a guloseima, o maior vigiava o burguês que se afastava.

Pai e filho entraram no labirinto de aleias que leva ao maciço de arvoredo, para o lado da rua Madame.

Assim que os dois desapareceram, o mais velho se deitou rápido de bruços no rebordo arredondado do lago e, se agarrando com a mão esquerda, debruçado na água a ponto de quase cair, estendeu com a mão direita sua vareta até o brioche. Os cisnes, vendo o inimigo, apressaram-se e, apressando-se, seus movimentos de peito ajudaram o pequeno pescador; a água refluiu diante dos cisnes e as suaves marolas impeliram devagar o brioche até a vareta do menino. Quando os cisnes estavam já prestes a alcançar o brioche, a vareta o puxou primeiro. Com uma pancada mais brusca na água, o menino assustou os cisnes, pegou o brioche e se levantou. O bolo estava molhado; mas eles tinham não só fome como também sede. O mais velho dividiu o brioche em duas partes desiguais, ficou com a menor e deu a maior para o irmão, dizendo:

— Enfia isso na caçamba.

XVII

Mortuus pater filium moriturum expectat

Marius correu para fora da barricada. Combeferre foi atrás dele. Já era tarde. Gavroche estava morto. Combeferre pegou o cesto de cartuchos. Marius pegou o

menino.

O que o pai dele havia feito pelo seu, pensou Marius, ele fazia pelo filho; a diferença era que Thénardier carregara o pai vivo e ele carregava Gavroche morto.

Ao entrar no reduto com o menino nos braços, ele tinha também o rosto coberto de sangue.

No momento em que se abaixara para erguer Gavroche, uma bala atingiu de raspão sua cabeça; mas ele pouco se deu conta disso.

Courfeyrac tirou o lenço do pescoço e fez uma atadura cobrindo a testa de Marius.

Puseram Gavroche na mesma mesa em que estava Mabeuf, e o mesmo xale preto cobriu os dois corpos, suficientemente grande para o velho e a criança.

Combeferre distribuiu os cartuchos do cesto.

Com isso, cada um podia dar mais quinze tiros.

Jean Valjean continuava no mesmo lugar, imóvel na mesma pedra. Quando Combeferre lhe entregou seus quinze cartuchos, ele abanou negativamente a cabeça.

— Este é realmente excêntrico — disse Combeferre em voz baixa a Enjolras —, acha meio de não lutar numa barricada.

— O que não o impede de defendê-la — respondeu Enjolras.

— O heroísmo tem os seus originais — tornou Combeferre.

E Courfeyrac, que ouvira as últimas palavras, acrescentou:

— É de um gênero completamente diferente do velho Mabeuf.

O que se deve notar é que o fogo que varria a barricada mal perturbava seu interior. Quem nunca passou pelo turbilhão dessa espécie de guerra não pode ter ideia dos singulares momentos de tranquilidade, mesmo dentro de tais convulsões. Os que ali estão caminham, conversam, fazem brincadeiras, ficam à toa. Um conhecido nosso ouviu um colega comentar, sob a metralha: "Estamos aqui como num almoço só de rapazes." O reduto da rua da Chanvrerie, repetimos, parecia interiormente em extremo sossego. Todas as peripécias e todas as fases tinham sido ou iam ser esgotadas. A posição de crítica tornara-se ameaçadora, e provavelmente se tornaria desesperada. Quanto mais a situação se ensombrecia, mais o clarão heroico purpurizava a barricada. Enjolras, sério e grave, mantinha-se chefe, na atitude de um jovem espartano que dedicasse o gládio nu ao sombrio gênio de Epidotas.

Combeferre, de avental amarrado na cintura, tratava dos feridos. Bossuet e Feuilly faziam cartuchos com a pólvora do polvorinho que Gavroche tirara de um morto e Bossuet dizia ao colega: "Não demora e tomaremos lugar na diligência para outro planeta." Courfeyrac, em cima das pedras que ele reservara para si ao lado de Enjolras, dispunha e arranjava um arsenal completo: bengala de estoque, espingarda,

duas pistolas de coldre e um soco-inglês, com o cuidado de uma jovem arrumando a sua caixa de costura. Jean Valjean, mudo, olhava para a parede da frente. Um operário prendia bem na cabeça, com um barbante, um amplo chapéu de palha da velha Hucheloup "temendo se expor ao sol", explicou ele. Os rapazes da Cougourde de Aix conversavam animadamente entre eles, como se quisessem muito falar pela última vez o seu patuá. Joly, que tinha trazido para baixo o espelho da viúva, aproveitava-o para examinar a língua. Alguns combatentes, tendo achado numa gaveta uns pedaços duros de pão bolorento, os comiam com avidez. Marius se preocupava com o que o seu pai lhe diria.

XVIII

O abutre tornado presa

Insistamos num fato psicológico próprio das barricadas, pois nada do que caracteriza essa surpreendente guerra das ruas deve ser omitido.

Qualquer que seja a tranquilidade interior, a que acabamos de nos referir, a barricada, para os que estão dentro, nem por isso deixa de ser uma visão.

Há um pouco de apocalipse na guerra civil, todas as brumas do desconhecido se envolvem nesses tensos fulgores. As revoluções são esfinges, e quem quer que tenha passado por uma barricada acha ter passado por um sonho.

O que se sente nesses locais, indicamos isso falando de Marius e veremos as suas consequências, é mais e é menos que a vida. Quem sai de uma barricada não sabe mais o que viu. Pode-se ser terrível e ignorá-lo. São ideias combatentes com rostos humanos, mergulhados na luz do futuro. Há cadáveres deitados e fantasmas de pé. As horas são colossais e parecem horas de eternidade. Vive-se na morte. Sombras passaram. O que era? Mãos têm manchas de sangue, é um ensurdecimento pavoroso e também um silêncio terrível. Bocas abertas gritam e outras, também abertas, se calam. Em volta há fumaça, talvez noite. Parece que se chegou à ressumação sinistra de profundidades desconhecidas, vê-se algo vermelho nas unhas. Não nos lembramos mais.

Voltemos à rua da Chanvrerie.

De repente, entre duas descargas, soaram horas ao longe.

— É meio-dia — disse Combeferre.

As doze badaladas não tinham ainda acabado de bater quando Enjolras se ergueu e lançou com voz forte, do alto da barricada, essa ordem:

— Levem pedras para dentro da casa. Guarneçam o parapeito da janela e das trapeiras. Metade dos homens com espingardas, a outra metade com pedras. Não há um minuto a perder.

Na extremidade da rua acabava de aparecer, em ordem de batalha, um pelotão de bombeiros com machados no ombro.

Só podia ser uma frente de coluna. Evidentemente da coluna de ataque, pois os bombeiros, encarregados de demolir a barricada, vêm sempre antes dos soldados encarregados da escalada.

Chegava-se obviamente ao momento que o sr. De Clermont-Tonerre, em 1822, denominou "a hora do estrangulamento".

A ordem de Enjolras foi executada com a correta presteza própria dos navios e das barricadas, únicos lugares de combate dos quais é impossível a fuga. Em menos de um minuto, das pedras que Enjolras fizera amontoar à porta do Corinto, pelo menos duas terças partes tinham sido levadas para o primeiro andar e para o sótão. Antes que se passasse o segundo minuto, estavam todas artisticamente colocadas umas sobre as outras, murando a janela do primeiro andar e das trapeiras, até meia altura. Alguns intervalos foram cuidadosamente conservados por Feuilly, principal construtor, para que se pudesse passar os canos das espingardas. Essa fortificação das janelas pôde fazer-se com certa facilidade, já que a metralha havia cessado. As duas peças de artilharia naquele momento atiravam balas no centro da muralha, tentando abrir uma brecha para o assalto.

Depois de colocadas as pedras que sustentariam a última defesa, Enjolras mandou que levassem para o primeiro andar da taberna as garrafas da mesa em que estava o corpo do sr. Mabeuf.

— Quem beberá isto? — perguntou Bossuet.

— Eles — respondeu Enjolras.

Em seguida foi fortificada a janela de baixo e deixadas ao alcance da mão as barras de ferro que serviam para, à noite, trancar por dentro a porta da taberna.

A fortaleza estava completa. A barricada era a muralha e a taberna, o torreão.

Com as pedras que restavam, taparam a abertura que servia de porta à barricada.

Como os sitiados são sempre obrigados a poupar as munições, e as forças sitiantes sabem disso, elas executam seus preparativos com irritante tranquilidade, expondo-se prematuramente ao fogo, mais na aparência do que na realidade, à

vontade. Toda essa parte inicial se faz sempre com metódica lentidão. Depois disso, cai o raio.

Essa lentidão permitiu que Enjolras revisse e aperfeiçoasse tudo. Estava certo de que todos morreriam, queria então que aquela morte fosse uma obra-prima.

Ele disse a Marius:

— Somos os dois chefes. Vou dar as últimas ordens lá dentro, fique do lado de fora, na vigilância.

Marius se postou em observação no alto da barricada.

Enjolras mandou vedar a porta da cozinha que, como devem lembrar, era a enfermaria.

— Nada de respingos nos feridos — disse ele.

Em seguida deu as últimas ordens na sala de baixo, em voz rápida, mas perfeitamente tranquila; Feuilly escutava e respondia em nome de todos.

— No primeiro andar, tenhamos machados prontos para cortar a escada. Temos?

— Temos — disse Feuilly.

— Quantos?

— Dois machados e um malho.

— Ótimo. Somos ainda vinte e seis combatentes; quantas espingardas temos?

— Trinta e quatro.

— São oito que sobram. Tenham essas espingardas carregadas como as outras e ao alcance da mão. À cintura os sabres e as pistolas. Na barricada, vinte homens; os seis restantes emboscados nas trapeiras e na janela do primeiro andar para abrir fogo pelas seteiras deixadas entre as pedras. Que ninguém fique ocioso. Daqui a pouco, quando o tambor bater a carga, precipitem-se os vinte de baixo à barricada. Os que chegarem primeiro estarão mais bem colocados.

Dito isso, ele se voltou para Javert e disse:

— Não me esqueci de você.

E, pondo em cima da mesa uma pistola, acrescentou:

— Que o último a sair daqui estoure os miolos desse espião.

— Aqui? — perguntou alguém.

— Não, não misturemos o seu cadáver aos nossos. É fácil saltar a barricada pequena da rua Mondétour, tem apenas quatro pés de altura. O sujeito está bem amarrado. Pode ser levado para lá e executado.

Alguém, naquele momento, mostrava-se mais impassível que Enjolras: Javert.

Nisso apareceu Jean Valjean, misturado no grupo de insurgentes.

Adiantou-se e disse a Enjolras:

— O senhor é o comandante?

— Sou.

— Há pouco me fez um agradecimento.

— Em nome da república. A barricada tem dois salvadores, Marius Pontmercy e o senhor.

— Mereço uma recompensa?

— Sem dúvida.

— Então, tenho um pedido.

— Qual é?

— Ser eu a estourar a cabeça desse homem.

Javert ergueu os olhos, viu Jean Valjean, fez um movimento imperceptível e disse:

— É justo.

Enjolras se pusera a recarregar sua carabina, olhou em volta e perguntou.

— Alguma objeção?

E voltando-se para Jean Valjean:

— Fique com o espião.

Jean Valjean tomou posse, com efeito, de Javert, sentando-se na ponta da mesa. Pegou a pistola e um pequeno estalido anunciou que a engatilhara.

Quase ao mesmo tempo, ouviu-se um toque de clarim.

— Perigo! — gritou Marius do alto da barricada.

Javert deu uma risada com aquele riso que lhe era próprio e, olhando para os insurgentes, disse:

— Não estão em melhor situação que eu.

— Todos para fora! — gritou Enjolras.

Os insurgentes correram em tumulto e, saindo, ouviram ainda às costas, permitam-nos a expressão, essas palavras de Javert:

— Até daqui a pouco!

XIX

Vingança de Jean Valjean

Assim que Jean Valjean se viu a sós com o prisioneiro, desatou a corda que o prendia pelo meio do corpo, com nó por baixo da mesa. Depois disso fez sinal para que ele se levantasse.

Javert obedeceu, com o indefinível sorriso em que se condensa a supremacia da autoridade manietada.

Jean Valjean pegou o inspetor pela gamarra como pegaria uma besta de carga pela arriata e, puxando-o, saiu lentamente da taberna, pois Javert, com as pernas amarradas, só podia dar passadas muito curtas.

Jean Valjean levava a pistola na mão.

Atravessaram a parte interna da barricada. Os insurgentes, atentos ao ataque iminente, estavam de costas para eles.

Somente Marius, na extremidade esquerda, os viu passar. A cena, com o condenado e seu algoz, se iluminou à luz sepulcral que ele próprio tinha na alma.

Com alguma dificuldade, os dois escalaram o pequeno parapeito da rua Mondétour, mas sem que Jean Valjean largasse Javert por um só instante.

Depois de saltarem a barreira acharam-se sozinhos no beco, sem que ninguém os visse. O ângulo formado pelas casas os ocultava dos insurgentes. A alguns passos estava o horrível amontoamento de cadáveres tirados do interior da barricada.

Entre os mortos chamava a atenção uma face lívida com cabelos soltos, a mão furada e um seio seminu. Era Éponine.

Javert olhou de revés para a morta e, com toda a calma, disse a meia-voz:

— Acho que conheço essa moça.

Depois voltou-se para Jean Valjean, que, prendendo a pistola sob o braço, o olhava de um modo que não precisava de palavras para dizer: "Javert, sou eu."

O policial disse:

— Tenha sua desforra.

Jean Valjean tirou do bolso uma navalha e abriu-a.

— Vai me cortar?! — exclamou Javert. — Tem razão. Combina mais com você.

Jean Valjean cortou a corda que prendia o pescoço e depois a que prendia os punhos. Em seguida abaixou-se, cortou a que amarrava os pés e, endireitando-se, disse:

— Está livre.

Javert não se surpreendia facilmente, mesmo assim, apesar de todo seu autocontrole, não pôde deixar de se espantar.

Ficou parado, de boca aberta.

Jean Valjean continuou:

— Não creio que eu próprio saia vivo daqui. Mas se por acaso sair, moro na rua do Homme-Armé, nº 7, com o nome de Fauchelevent.

Javert teve uma contração de tigre, que o fez entreabrir um canto da boca, e murmurou por entre os dentes:

— Tome cuidado.

— Pode ir.

— Disse Fauchelevent, rua do Homme-Armé?

— Nº 7.

Javert repetiu baixinho: "Nº 7."

Tornou a abotoar a sobrecasaca, abriu os ombros para reassumir uma postura militar, deu meia-volta, cruzou os braços e tomou a direção do Halles. Jean Valjean seguiu-o com a vista. Depois de dar alguns passos, Javert se virou e gritou para Jean Valjean:

— Não gosto disso. Prefiro que me mate.

Javert nem reparou, mas disse essa frase já com um tom de respeito.

— Vá embora — disse Jean Valjean.

Javert afastou-se lentamente. Passado um momento, virou a esquina da rua dos Prêcheurs.

Assim que Javert desapareceu, Jean Valjean disparou a pistola para o alto.

Depois entrou na barricada e disse:

— Pronto.

Na barricada, enquanto isso, mais ocupado com o lado externo do que com o interno, Marius não tinha até então olhado com atenção o espião preso no fundo escuro da sala baixa.

Quando, porém, o viu à luz do dia, atravessando a barricada para ir morrer, reconheceu-o. Uma súbita recordação voltou à sua memória. Lembrou-se do inspetor da rua Pontoise, das duas pistolas que ele lhe emprestara e das quais ele se servira na barricada. Não somente se recordou da fisionomia, mas também do nome.

Mas era uma imagem nebulosa e confusa, como todas as suas ideias naqueles últimos dias. Não chegou a nenhuma afirmação, mas, sim, a uma pergunta, feita a si mesmo: "Não foi o inspetor de polícia que me disse se chamar Javert?"

Talvez ainda pudesse intervir a favor daquele homem. Mas em primeiro lugar precisava saber se era, com efeito, Javert.

Chamou Enjolras, que acabava de se postar no outro extremo da barricada.

— Enjolras!

— O quê?

— Como se chama aquele homem?
— Que homem?
— O agente de polícia. Sabe o seu nome?
— Sei. Foi ele que disse.
— Então como se chama?
— Javert.
Marius se endireitou.
Nesse momento ouviu-se o tiro de pistola.
Jean Valjean tornou a aparecer e gritou: “Pronto.”
Marius sentiu um aperto no coração.

XX

Os mortos têm razão e os vivos não erram

A agonia da barricada ia começar.

Tudo concorria para a majestade trágica daquele momento supremo: mil estrondos misteriosos na atmosfera e a respiração das massas armadas postas em movimento nas ruas, mesmo que invisíveis. Distinguiam-se o galope intermitente da cavalaria, as pesadas carretas da artilharia avançando, as descargas de pelotão e os tiros de canhão, tudo isso se cruzando no dédalo de Paris, com a fumaça da batalha elevando-se dourada acima dos telhados, além dos indistintos e longínquos gritos, vagamente terríveis. Por toda parte, relâmpagos ameaçadores, o toque a rebate de Saint-Merry, que se assemelhava a soluços, a suavidade da estação, o esplendor do firmamento cheio de sol e nuvens, a beleza do dia e o espantoso silêncio das casas.

É verdade, desde a véspera as duas fileiras de prédios da rua da Chanvrerie tinham se transformado em muralhas; muralhas impraticáveis. Portas e janelas, tudo fechado.

Naquele tempo, tão diferentes destes em que estamos, quando chegava a hora em que o povo queria acabar com uma situação que já havia durado demais, com uma Constituição outorgada ou com um país legal, quando a cólera universal estava difusa na atmosfera, quando a cidade consentia com a retirada das pedras do

calçamento, quando a insurreição fazia sorrir a burguesia, cochichando seu slogan ao ouvido, nesse momento, o morador, contagiado pela revolta, por assim dizer, era o ajudante do combatente e a casa confraternizava com a fortaleza improvisada, que nela se apoiava. Não estando madura a situação, quando a insurreição realmente não goza de consentimento, quando a massa se afasta do movimento, estão perdidos os combatentes, a cidade se transforma em deserto em torno da revolta, as almas se petrificam, os asilos se fecham e as ruas se tornam avenidas para ajudar o exército a tomar a barricada.

Não se consegue, só pela surpresa, fazer um povo avançar mais rápido do que ele quer. Pobre de quem tenta forçá-lo! Um povo não se deixa levar. E ele aí abandona a insurreição a si mesma. Os insurretos parecem empesteados. Um prédio se torna uma escarpa, toda porta se recusa, uma fachada é um muro. Mas um muro que vê, ouve e diz não. Poderia se entreabrir e salvá-los, mas se nega. Esse muro é um juiz. Ele olha e condena. Que terrível coisa, essas casas fechadas! Fingem-se de mortas, mas estão vivas. A vida, que ali parece em estado de suspensão, continua. Há 24 horas que ninguém sai, mas há gente lá. No interior desse rochedo, pessoas vão e vêm, dormem e acordam, vivem em família, bebem e comem — e têm medo, o que é terrível! O medo explica essa inospitalidade tremenda, pois levanta a questão da segurança, como circunstância atenuante. Às vezes, inclusive, e isso já foi visto, o medo vira paixão, pode se tornar fúria, como a prudência pode se tornar furor. Daí essa expressão tão profunda: "Os enfurecidos da moderação." Há fulgores de pavor supremo dos quais sai, como lúgubre fumaça, a cólera. "O que quer essa gente, que nunca está satisfeita? Comprometem as pessoas de bem. Como se já não estivéssemos cheios desse tipo de revolução! O que vêm fazer aqui? Que tratem de ir embora. Vão levar a pior e é culpa deles. Vão receber o que merecem. Nada temos com isso. E a nossa pobre rua toda furada de bala. Bando de baderneiros. De jeito nenhum abram a porta." E o edifício ganha ares de tumba. Um insurreto agoniza diante dessa porta, vê se aproximar a metralha e os sabres nus; ele grita, sabe que está sendo ouvido, mas não virão ajudá-lo; são paredes que poderiam protegê-lo, pessoas que poderiam salvá-lo, mas essas paredes têm ouvidos humanos, e essas pessoas, entranhas de pedra.

A quem acusar?

A ninguém e a todo mundo.

Aos tempos incompletos em que vivemos.

É sempre a seus próprios riscos que a utopia se transforma em insurreição e, de protesto filosófico, se torna protesto armado; Minerva se torna Palas. A utopia que perde a paciência e se torna revolta sabe o que a espera; ela quase sempre chega cedo

demais. E então se resigna, aceita estoicamente e, no lugar do triunfo, admite a catástrofe. Serve sem se queixar e inclusive desculpa quem a renega. Sua magnanimidade está em consentir ser abandonada. É indomável contra o obstáculo e suave contra a ingratidão.

Pode-se, aliás, chamar de ingratidão?

Sim, do ponto de vista do gênero humano.

Não, do ponto de vista do indivíduo.

O progresso é o modo do homem. A vida geral do gênero humano se chama Progresso; o passo coletivo do gênero humano se chama Progresso. O progresso anda; faz a grande viagem humana e terrestre ao celeste e ao divino; tem seus pousos, em que reúne o rebanho que se atrasa; suas estadas em que medita. Diante de alguma Canaã esplêndida que de repente descortina seu horizonte; tem suas noites, em que dorme. E é uma das torturantes ansiedades do pensador ver a sombra na alma humana e tatear nas trevas, sem poder acordar o progresso que dorme.

"Deus talvez tenha morrido", disse um dia, a este que escreve estas linhas, Gérard de Nerval, confundindo o progresso com Deus e a interrupção do movimento com a morte do Ser.

Erra quem se desespera. O progresso infalivelmente acorda e pode-se até dizer que ele anda, mesmo dormindo, pois cresceu. Quando voltamos a vê-lo de pé, percebemos que está mais alto. Mostrar-se sempre tranquilo é algo que não depende do progresso, como não depende do rio; que não se ergam barragens, não lhe joguem um rochedo; o obstáculo faz subir a água e fervilhar a humanidade. Daí as perturbações, mas depois delas vê-se que um caminho foi percorrido. Até que a ordem, que outra coisa não é senão a paz universal, seja estabelecida, até que reinem a harmonia e a unidade, o progresso terá como etapas as revoluções.

O que então é o progresso? Acabamos de dizer, a vida permanente dos povos.

Contudo, acontece às vezes uma resistência, por parte da vida momentânea dos indivíduos, contra a vida eterna do gênero humano.

Confessemos sem amarguras, o indivíduo tem seu interesse distinto e pode, sem canalhice, favorecer esse interesse e defendê-lo; o presente tem sua cota desculpável de egoísmo, a vida momentânea tem seu direito e não é suposta se sacrificar sempre pelo futuro. A geração que atualmente tem o seu direito de passagem pela Terra não está forçada a abreviá-la a favor das gerações, afinal iguais a ela, que terão sua vez mais tarde. "Existo", murmura esse alguém que se chama Todos, "sou moço e estou apaixonado, sou velho e quero descansar, sou pai de família, trabalho, prospero, faço bons negócios, tenho casa para alugar, tenho direito aplicado no Estado, sou feliz, tenho mulher e filhos, gosto de tudo isso, quero viver, deixe-me em paz". Por isso,

em certos momentos, o profundo frio que se abate sobre as magnânimas vanguardas do gênero humano.

A utopia, aliás, convenhamos, deixa sua esfera radiante ao fazer a guerra. Ela, que é a verdade de amanhã, toma emprestado o procedimento, que é a batalha, da mentira de ontem. Ela, que é o futuro, age como o passado. Ela, ideia pura, se torna vias de fato. Complica seu heroísmo com uma violência pela qual é justo que responda; violência de ocasião e de expediente, contrária aos princípios e pela qual ela é fatalmente punida. A utopia da insurreição combate, com o velho código militar em mão: fuzila os espiões, executa os traidores, suprime seres vivos e joga-os em trevas desconhecidas. Serve-se da morte, o que é coisa grave. A utopia parece não ter mais fé em sua radiação, em sua força irresistível e incorruptível. Fere com o gládio e gládio nenhum é simples. Toda espada tem dois gumes; quem fere com um se fere no outro.

Feita essa reserva, e feita com toda a severidade, é impossível não admirar, bem-sucedidos ou não, os gloriosos combatentes do futuro, os confessores da utopia. Mesmo quando fracassam completamente, são veneráveis e talvez seja na derrota que têm maior majestade. A vitória, conseguida de acordo com o progresso, merece o aplauso dos povos, mas a derrota heroica merece ternura. Uma é magnífica, outra é sublime. Para nós, que valorizamos mais o mártir que o sucesso, John Brown é maior que Washington e Pisacane maior que Garibaldi.

É preciso que alguém se coloque no lugar dos vencidos.

O mundo é injusto com essas grandes tentativas de futuro que não deram certo.

Os revolucionários são acusados de semear o medo. Toda barricada parece um atentado. Incriminam-se suas teorias, suspeita-se da finalidade, teme-se algum pensamento por detrás, denuncia-se sua má consciência. São criticados por cultivarem, estruturarem e juntarem contra o fato social reinante um amontoado de misérias, de dores, de iniquidades, de queixas, de desesperos e de trazerem do fundo blocos de trevas para se embarreirarem e combater. Gritam contra eles: “Estão despavimentando o inferno!” E eles poderiam responder: “Por isso é que nossa barricada é feita de boas intenções.”

Melhor, sem dúvida, a solução pacífica. Convenhamos, quando se veem os paralelepípedos, pensa-se na fera e é uma boa intenção que não tranquiliza a sociedade. Mas depende da sociedade salvar a si própria e é à sua boa intenção que fazemos apelo. Remédio violento nenhum é necessário. Analisar o mal de forma amigável, constatá-lo e depois curar. É ao que a convidamos.

Seja como for, mesmo caídos, e sobretudo caídos, são augustos esses homens que, em todos os pontos do universo, com o olhar fixado na França, lutam pela

grande obra com a lógica inflexível do ideal. Eles dão a vida como pura dádiva ao progresso, cumprem os desígnios da Providência, realizam um ato religioso. Em dado momento, com o desinteresse de um ator que chega à sua réplica, obedecendo a um roteiro divino, eles entram na tumba. E esse combate sem esperança, esse desaparecimento estoico, é aceito para levar a suas esplêndidas e supremas consequências universais o magnífico movimento humano irresistivelmente começado em 14 de julho de 1789. Esses soldados são sacerdotes. A Revolução Francesa foi um gesto de Deus.

Junte-se a isso que há — e convém acrescentar a distinção àquelas já indicadas num outro capítulo — insurreições aceitas, que se chamam revoluções, e revoluções rejeitadas, que se chamam revoltas. Uma insurreição que eclode é uma ideia que presta exame diante do povo. Se o povo der uma nota baixa, a ideia gorou, a insurreição fracassa.

A entrada em guerra a cada apelo e sempre que a utopia assim deseja não depende dos povos. As nações nem sempre e a qualquer momento têm o temperamento dos heróis e dos mártires.

Elas são positivas. A insurreição, em princípio, não lhes agrada, primeiro por frequentemente ter como resultado uma catástrofe e depois por sempre partir de uma abstração.

Pois — e isso é bonito — é sempre pelo ideal, e apenas pelo ideal, que se dedicam os que se dedicam. Uma insurreição é um entusiasmo. O entusiasmo pode ser raivoso, donde a luta armada. Mas toda insurreição que coloca na alça de mira um governo ou um regime visa a mais alto. Assim, por exemplo, insistamos, o que os chefes da insurreição de 1832 combatiam, e sobretudo os jovens entusiastas da rua da Chanvrerie, não era exatamente Luís Filipe. A maior parte deles, falando abertamente, reconhecia as qualidades daquele rei a meio caminho entre a monarquia e a revolução; ninguém o detestava. O que se atacava era a linhagem mais recente do direito divino, encarnado em Luís Filipe, como se atacou a linhagem mais velha em Carlos X. O que se queria derrubar, derrubando a monarquia na França, como explicamos, era a usurpação do homem pelo homem e do privilégio contra o direito no universo inteiro. Paris sem rei tem, na sua sequência, o mundo sem déspotas. Era como se raciocinava. A meta era sem dúvida longínqua, talvez vaga e hesitante diante do pavor, mas grandiosa.

É como se passa. E pessoas se sacrificam por tais visões que, para os sacrificados, são ilusões quase sempre, mas ilusões nas quais, em suma, toda a certeza humana se mistura. O insurreto poetiza e doura a insurreição. Lança-se nessas coisas trágicas embriagando-se com o que será feito. Quem sabe? Talvez seja possível. Somos

minoria, temos contra o exército inteiro, mas defendemos o direito, a lei natural, a soberania de cada um sobre si mesmo, que não tem abdicação possível, a justiça, a verdade e, se necessário, morremos como os trezentos espartanos. Não se pensa em Dom Quixote e sim em Leônidas. Avança-se e, começado o caminho, não se recua mais, segue-se de cabeça erguida, tendo como esperança uma vitória inaudita, a revolução completada, o progresso de novo em liberdade, o engrandecimento do gênero humano, a libertação universal e, na pior das hipóteses, Termópilas.

Esses confrontos armados para o progresso frequentemente fracassam e acabamos de dizer por quê. A multidão é reativa à iniciativa de paladinos. As massas pesadas, frágeis até pelo próprio peso, temem as aventuras — e há aventura no ideal.

Aliás, não se deve esquecer, os interesses estão presentes, sempre contrários ao ideal e ao sentimental. Às vezes o estômago paralisa o coração.

A grandeza e a beleza da França estão no fato de ela ter menos barriga que outros povos, ela aperta com mais facilidade o cinto. É a primeira a despertar e a última a dormir. Ela vai em frente, busca.

E isso por ela ser artista.

O ideal nada é senão o ponto culminante da lógica, assim como o belo é o topo do verdadeiro. Os povos artistas são também os mais consequentes. Amar a beleza é ver a luz. É o que faz com que a chama da Europa, isto é, da civilização, tenha sido primeiro conduzida pela Grécia, que passou-a à Itália, que passou-a à França. Divinos povos clareadores! *Vitaï lampada tradunt*.

Coisa admirável, a poesia de um povo é o elemento do seu progresso. A quantidade de civilização se mede pela quantidade de imaginação. Um povo civilizador deve permanecer um povo másculo. Corinto, sim; Síbaris, não. Quem se afemina se abastarda. Não se deve ser diletante nem virtuose, mas deve-se ser artista. Em matéria de civilização, não se deve requintar, mas sublimar. Sob essa condição, pode-se dar ao gênero humano o molde do ideal.

O ideal moderno tem seu perfil na arte e o seu meio na ciência. É pela ciência que se realizará essa visão augusta dos poetas, o belo social. O Éden será refeito a partir de A + B. No ponto a que chegou a civilização, o exato é um elemento necessário ao esplêndido e a sensibilidade artística é não só servida, mas completada pelo órgão científico; o sonho deve calcular. A arte, que é o elemento conquistador, deve ter como ponto de apoio a ciência, que é o transporte. A solidez da montaria tem sua importância. O espírito moderno é o gênio da Grécia, tendo como veículo o gênio da Índia; Alexandre montado no elefante.

As raças petrificadas no dogma ou desmoralizadas pelo lucro são impróprias para conduzir a civilização. A genuflexão diante do ídolo ou diante do dinheiro atrofia o

músculo que caminha e a vontade que avança. A absorção hierática ou mercantil diminui a irradiação de um povo, abaixa seu horizonte abaixando seu nível e retira dele essa inteligência simultaneamente humana e divina da meta universal, que torna as nações missionárias. Babilônia não tem ideal; Cartago não tem ideal. Atenas e Roma têm e mantêm, mesmo através de toda a espessura noturna dos séculos, auréolas de civilização.

A França tem a mesma qualidade de povo que a Grécia e a Itália. É ateniense pelo belo e romana pelo grande. Em outras palavras, é boa. Ela se dá. Está, mais frequentemente que os outros povos, disposta à dedicação e ao sacrifício. Só que essa disposição vem e vai. E é esse o grande perigo para aqueles que correm quando ela quer apenas andar, ou que andam quando ela quer parar. A França tem suas recaídas de materialismo e, em certos momentos, as ideias que obstruem esse cérebro sublime nada mais têm daquilo que lembra a grandeza francesa e que tem a dimensão de um Missouri e uma Carolina do Sul. O que fazer? A giganta brinca de ser anã; a imensa França tem suas fantasias de pequenez. Só isso.

Não se pode dizer o contrário. Os povos, como os astros, têm direito a eclipses. E tudo bem, contanto que a luz volte e o eclipse não degenere em noite. Aurora e ressurreição são sinônimos. O ressurgimento da luz é idêntico à persistência do eu.

Constatemos com calma esses fatos. A morte na barricada, ou a tumba no exílio, é, para a dedicação, uma alternativa aceitável. O verdadeiro nome da dedicação é desinteresse. Que os abandonados se deixem abandonar, que os exilados se deixem exilar, limitemo-nos a pedir aos grandes povos que não recuem demais quando recuam. Não se deve, a pretexto de volta ao bom senso, ir muito longe na descida.

A matéria existe, o minuto existe, os interesses existem, o estômago existe, mas não deve ser o estômago o único parâmetro de sabedoria. A vida momentânea tem seus direitos, admitimos, mas a vida permanente também tem os seus. Infelizmente, ter subido não impede a queda. Vê-se isso na história com mais frequência do que gostaríamos. Uma nação é ilustre, degusta o ideal, mas depois mergulha na lama e acha bom; se lhe perguntarmos como abandonou Sócrates e preferiu Falstaff, ela responderá: “É que gosto de homens de Estado.”

Uma palavra ainda antes de voltar ao confronto.

Uma batalha como a que descrevemos nada é senão uma convulsão rumo ao ideal. O progresso paralisado é doentio e sofre trágicas epilepsias. Essa doença do progresso, a guerra civil, nós a encontramos em nosso caminho. É essa uma das fases fatais, ao mesmo tempo ato e entreato do drama, cujo eixo é um réprobo social e cujo verdadeiro título é: O Progresso.

O Progresso!

Esse grito que repetidas vezes soltamos é todo nosso pensamento. No ponto a que chegamos deste drama, e tendo a ideia nele embutida mais de uma provação por que passar, se não pudermos erguer o véu que o oculta, talvez possamos, pelo menos, deixá-lo claramente transparecer.

O livro que o leitor tem neste momento diante dos olhos é, do princípio ao fim, no todo e nos pormenores, quaisquer que sejam as intermitências, as exceções ou as fraquezas, o caminhar do mal para o bem, do injusto ao justo, do falso ao verdadeiro, da noite ao dia, do apetite à consciência, da podridão à vida, da bestialidade ao dever, do inferno ao céu, do nada a Deus. Ponto de partida: a matéria; ponto de chegada: a alma. No começo, hidra; no fim, anjo.

XXI

Os heróis

De repente ouviu-se o tambor rufando à carga.

O ataque foi a tempestade. Na véspera, à noite, a barricada tinha sido atacada silenciosamente como por uma jiboia. Mas à luz do dia era impossível a surpresa; além disso, tinha-se já mostrado a força bruta, a artilharia começava a rugir e o exército precipitou-se sobre a barricada.

A fúria agora se aplicava com habilidade. Uma forte coluna de infantaria de linha, cortada em intervalos iguais pelas Guardas Nacional e Municipal a pé, e apoiada por massas profundas que eram ouvidas, mas não vistas, surgiu na rua a passo rápido, com o tambor batendo, o clarim soando, baionetas cruzadas, os sapadores à frente. Tudo isso avançou imperturbável sob os projéteis e investiu contra a muralha da barricada com o peso de um aríete.

A muralha resistiu.

Os insurgentes fizeram fogo pesado. No alto da barreira escalada desenhou-se uma linha de relâmpagos. O assalto foi tão violento que ela por um instante esteve inundada de soldados, mas os sacudiu como leão aos cães, e só esteve coberta de invasores como o penhasco pelas ondas, para ressurgir logo depois escarpada, negra e formidável.

A coluna, forçada a recuar, permaneceu compactada na rua, a descoberto, mas terrível, e respondendo aos sitiados com tremenda fuzilaria. Quem já tiver visto exibições de fogos de artifício se lembra desse feixe composto por um cruzamento de raios, chamado buquê. Que se imagine esse buquê não mais vertical, mas horizontal e tendo uma bala, um chumbo ou um biscainho na ponta de cada um desses raios de fogo, levando a morte em seus cachos de trovões. A barricada estava sob esse espetáculo.

A determinação era igual de ambos os lados. A bravura era quase bárbara e aliava-se a uma espécie de ferocidade heroica, que começava pelo próprio sacrifício. Era uma época em que um guarda nacional lutava como um zuavo. A tropa queria acabar com aquilo; a insurreição queria lutar. Aceitar a agonia em plena juventude e plena saúde torna a intrepidez um frenesi. Todos, naquele confronto, tinham a grandeza da hora suprema. A rua entulhou-se de cadáveres.

A barricada tinha, numa das extremidades, Enjolras e na outra Marius. Enjolras, que tinha toda a barricada no cérebro, protegia-se e abrigava-se; três soldados caíram sucessivamente sob a sua seteira sem ao menos o terem visto; Marius combatia a peito descoberto. Fazia-se de alvo. Tinha mais de meio corpo fora da crista do reduto. Não há prodígio mais violento que um avaro desenfreado, como não há homem mais assustador na ação que um sonhador. Marius estava formidável e pensativo. Colocava-se na batalha como num devaneio. Era um fantasma disparando tiros.

Os cartuchos dos sitiados se aproximavam do fim; os sarcasmos, não. No turbilhão de sepulcro em que se encontravam, riam.

Courfeyrac estava com a cabeça descoberta.

— O que fez do chapéu? — perguntou Bossuet.

— Acabam de levá-lo a tiros de canhão.

Ou então eram altos rompantes, como este de Feuilly, que amargamente dizia:

— Como entender esses homens (e citava nomes, nomes conhecidos, até célebres, alguns do antigo exército) que tinham prometido juntar-se a nós, jurado ajudar-nos, empenhando nisso a própria honra, nossos generais, e nos abandonaram?

E Combeferre limitou-se a responder, com grave sorriso:

— Há muita gente que observa as regras de honra como se observam as estrelas, de muito longe.

O interior da barricada estava de tal modo semeado de papéis e cartuchos que parecia ter recebido uma nevasca.

Os militares tinham a vantagem do número, os insurgentes da posição. Estavam no alto de uma muralha e fulminavam à queima-roupa os soldados, que tropeçavam nos mortos e nos feridos, enroscados no paredão a ser escalado. A barricada, construída como tinha sido e admiravelmente amparada pela parte de dentro, era de fato uma dessas posições em que um punhado de homens pode fazer frente a uma legião. No entanto, a coluna de ataque, sempre renovada sob a chuva de balas, aproximava-se inexoravelmente, e agora, pouco a pouco, passo a passo, mas com firmeza, o exército esmagava a barricada como um torno.

Os assaltos se sucediam. O horror aumentava.

Travou-se então, naquele amontoado de pedra da rua da Chanvrerie, uma luta digna de uma muralha de Troia. Aqueles homens macilentos, rotos, exaustos, que não comiam há vinte e quatro horas nem dormiam, que só dispunham de mais alguns tiros, que apalpavam as algibeiras vazias de cartuchos, quase todos feridos, com a cabeça ou com o braço envolvido num trapo sujo, tendo na roupa buracos por onde corria sangue, armados com espingardas velhas e velhos sabres enferrujados, tornaram-se titãs. A barricada foi dez vezes assaltada e escalada, mas não tomada.

Para se ter ideia de uma luta assim, seria preciso imaginar o fogo ateado numa pilha de coragens terríveis e o incêndio que se presenciaria. Não era combate, era o interior de uma fornalha; as bocas exalavam chamas, em rostos extraordinários. A forma humana parecia impossível, os combatentes flamejavam e era monstruoso ver se agitarem em meio à fumaça vermelha aquelas salamandras da batalha. Preferimos não tentar descrever as sucessivas e simultâneas cenas daquela grandiosa matança. Somente a epopeia tem o direito de montar doze mil versos com uma batalha.

Poderia se comparar ao inferno do bramanismo, o mais temível dos dezessete abismos, que o Veda chama Floresta de Espadas.

Lutava-se corpo a corpo, palmo a palmo, a tiro de pistola, a golpes de sabre, a socos, de longe, de perto, do alto, de baixo, de todo lugar, do telhado da casa, das janelas da taberna e dos suspiros da cave, para onde alguns tinham descido. Era um contra sessenta. A fachada do Corinto, meio demolida, estava horrível. A janela, arrebentada pela metralha, perdera vidros e caixilhos, e não passava de um buraco disforme, tapado às pressas com pedras do calçamento. Bossuet foi morto, Feuilly foi morto, Courfeyrac foi morto, Joly foi morto. Combeferre, atravessado por três golpes de baioneta no momento em que levantava um soldado ferido, só teve tempo de olhar para o céu e expirar.

Marius, que continuava a combater, estava tão ferido, sobretudo na cabeça, que o rosto desaparecia no sangue, como se o tivesse coberto com um lenço vermelho.

Só Enjolras se mantinha intacto. Quando se via desarmado, estendia o braço para a esquerda ou para a direita e logo um insurgente lhe passava uma arma branca qualquer. Restava-lhe apenas um toco de quatro espadas; uma a mais que Francisco I em Marignan.

Homero disse: "Diomedes degolou Axile, filho de Teutranis, que morava na feliz Arisba; Eurílalo, filho de Mecisteu, exterminou Dresos, Ofeltios, Esepo e aquele Pedasus que a náiade Abarbaré concebeu do irrepreensível Bucoleão; Ulisses derrubou Pidite de Percose; Antíloco, Ablere; Polipaetes, Astiale; Polidamas, Otos de Cilene; e Teucer, Aretaão. Megantios foi morto pela lança de Eurípilo. Agamêmnon, rei dos heróis, arrasou Élatos, nascido na cidade escarpada que banha o sonoro rio Satnois." Em nossos velhos poemas de gesta, Esplandian ataca com uma bisogra incandescente o marquês gigante Swantibore, que se defende lapidando o cavaleiro com torres que ele arranca do chão. Nossos antigos afrescos murais mostram os duques de Bretanha e de Bourbon armados, armoriados e com os ornamentos de guerra no alto da cabeça, a cavalo e investindo um contra o outro com machados, viseiras de ferro, botas de ferro, luvas de ferro, um envolto em arminho e o outro num tecido azul; Bretanha com seu leão entre as duas pontas da coroa, Bourbon protegido por uma monstruosa flor de lis na viseira. Mas para ser formidável não é necessário dispor, como Yvon, de um morrião ducal, de ter na mão, como Esplandian, uma chama viva, ou, como Filés, pai de Polidamas, de ter trazido do Éfiro uma boa armadura, presente do rei dos homens, Eufeto; basta oferecer a vida por uma convicção ou uma lealdade. O soldadinho ingênuo que ontem ainda era camponês na Beauce ou no Limousin, e que, de sabre na cinta, roda em torno das babás que cuidam de crianças no jardim do Luxembourg, e o jovem estudante pálido debruçado numa peça de anatomia ou num livro, louro adolescente que faz a barba com tesouras, peguem os dois, joguem neles um sopro de dever, coloquem um à frente do outro na encruzilhada Boucherat ou no beco Planche-Mibray, um combatendo por sua bandeira e o outro por seu ideal, os dois imaginando combater pela pátria, e a luta será colossal. A sombra que esses dois ineptos farão no grande campo épico em que se debate a humanidade se igualará à sombra lançada por Megarião, rei da Lícia cheia de tigres, abraçando corpo a corpo o imenso Ajax, semelhante aos deuses...

XXII

Palmo a palmo

Quando já não havia mais chefes vivos além de Enjolras e Marius nas duas pontas da barricada, o centro, que tanto tempo fora sustentado por Courfeyrac, Joly, Feuilly e Combeferre, teve de ceder. A artilharia, sem abrir uma brecha que desse passagem, afundara bem profundamente o centro da muralha, onde o topo desabou sob os projéteis, com seus fragmentos caindo tanto para dentro como para fora, se amontoando e formando uma espécie de talude que, do lado externo, facilitou a abordagem, oferecendo um plano inclinado.

Foi por onde teve início um assalto definitivo e bem-sucedido. A massa enfarpelada de baionetas avançou irresistivelmente e a densa frente de batalha da coluna de ataque apareceu de repente em meio à fumaça, no alto da escarpa. Dessa vez seria o fim. O grupo de insurgentes que defendia o centro recuou em confusão.

Revelou-se em alguns o sombrio amor à vida. Sob a pontaria daquela floresta de espingardas, vários não quiseram morrer. É um dos momentos em que o instinto de conservação uiva e o animal reaparece no homem. Eles recuaram até o prédio de seis andares que formava o fundo do reduto e poderia ser a salvação. O prédio estava interiormente fortificado de alto a baixo e parecia murado. Antes que a tropa de linha ocupasse completamente o interior do reduto, uma porta poderia se abrir e voltar a se fechar, no espaço de tempo de um relâmpago, e isso significaria a vida para aqueles desesperados pois, logo atrás, havia ruas, a possibilidade de fuga, a liberdade. Bateram na porta a coronhadas e aos chutes, chamando, gritando, suplicando. Ninguém abriu. Da janela do terceiro andar, somente a cabeça do morto parecia ainda observar.

Mas Enjolras, Marius e mais sete ou oito que continuavam com eles correram em socorro, procurando protegê-los. Enjolras gritou aos soldados: “Não avancem mais!”

Um oficial não obedeceu e foi morto. Enjolras estava já no interior do reduto, encostado ao Corinto, com a espada numa das mãos e a carabina na outra, mantendo aberta a porta, da qual procurava afastar os assaltantes. Gritou então aos desesperados: “Esta é a única porta aberta.”.

Cobrindo-os com o próprio corpo, diante de todo um batalhão, ele deu passagem aos companheiros. Todos correram para o interior da taberna, entrando ele mesmo por último, depois de manter a distância todas as baionetas que o atacavam, agitando a carabina como um bastão, de um lado para outro. Houve um

momento terrível, com os soldados tentando entrar e os insurgentes tentando empurrar a porta. Ela afinal foi fechada com tal violência que trouxe com ela, decepados no batente, os cinco dedos de um soldado que a ele se agarrara.

Marius tinha ficado de fora. Acabava de ter uma clavícula quebrada por uma bala e viu que ia perder os sentidos. Nesse momento, com os olhos já fechados, ele sentiu ser agarrado por uma vigorosa mão e, desmaiando, teve tempo apenas de formular esse pensamento, junto à lembrança de Cosette: "Fui preso; serei fuzilado."

Não vendo Marius entre os refugiados da taberna, Enjolras achou a mesma coisa. Mas estavam todos num momento em que só podiam mesmo pensar na própria morte. Ele passou a barra através da porta e aferrolhou-a bem, enquanto do lado de fora os soldados tentavam arrombá-la com a coronha das armas e os sapadores com os machados. Todos os militares se concentraram ali, era agora que o cerco à taberna propriamente começava.

A morte do sargento de artilharia os havia irritado. Além disso, coisa mais funesta ainda, naquelas horas anteriores ao ataque, espalhara-se a falsa notícia de que os insurgentes mutilavam os prisioneiros e havia, na taberna, o cadáver de um soldado decapitado. Esses boatos são comuns nas guerras civis, e foi um deles que, mais tarde, causou a catástrofe da rua Transnonain.

Depois de fortificada a porta, Enjolras disse aos companheiros:

— Vendamos caro a nossa vida!

Ele se aproximou da mesa onde estavam Gavroche e Mabeuf. Sob o pano preto viam-se os dois vultos hirtos e rígidos, um grande, outro pequeno; e os dois rostos esboçavam-se vagamente sob as frias pregas do sudário. Da mortalha, pendia a mão de um deles. Era a do velho.

Enjolras curvou-se e beijou a mão venerável, do mesmo modo que na véspera beijara o rosto.

Foram os dois únicos beijos que ele deu em toda a sua vida.

Resumamos. A barricada lutou como se fosse uma porta de Tebas; a taberna lutaria como uma casa de Saragoça. São resistências teimosas. Sem trégua. Sem negociação possível. Aceita-se morrer, mas não sem antes matar. Quando Suchet comandou "Capitulem", Palofoz respondeu: "Depois da guerra a tiro, a guerra a faca." Nada faltou ao assalto da taberna Hucheloup: as pedras chovendo da janela e do telhado sobre os soldados, ferindo e enraivecendo ainda mais, os tiros disparados dos respiradouros da cave e das trapeiras, o furor do ataque, a ferocidade da defesa e, finalmente, quando a porta cedeu, as frenéticas insanidades do extermínio. Os assaltantes, conseguindo entrar na taberna, com o avanço atrapalhado pelos pedaços da porta arrombada e jogada ao chão, não acharam nenhum combatente. A escada

caracol, quebrada a machado, estava no meio da sala; alguns feridos acabavam de expirar e todos que ainda viviam tinham sido levados para o primeiro andar. Dali, do buraco em que desembocava a escada, partiram fortíssimos disparos. Eram os últimos cartuchos que restavam. Depois de todos queimados, quando aqueles formidáveis agonizantes já não tinham pólvora nem bala, cada um pegou duas daquelas garrafas separadas por Enjolras, das quais já falamos, e resistiram ainda à escalada com esses frágeis porretes. Eram garrafas de água-forte. Contamos, como elas são, as coisas sombrias da carnificina. O sitiado faz de tudo uma arma. O fogo produzido por Arquimedes não o desonrou, o piche fervente não desonrou Bayard. Toda guerra gera horrores, não há como escolher. O fogo dos invasores, ainda que dificultado e de baixo para cima, era mortífero. O rebordo do buraco no teto logo ficou rodeado de cabeças mortas, das quais caíam compridos e mornos fios vermelhos. O fragor era indescritível; a fumaça densa e ardente deixava tudo em completa escuridão. Faltam palavras para descrever semelhante grau de horror. Já não havia homens naquela luta infernal. Já não eram gigantes contra colossos. Tinha mais de Milton e de Dante que de Homero. Demônios atacando, espectros resistindo.

Era o heroísmo monstruoso.

XXIII

Orestes a seco e Pílades embriagado

Finalmente, nos ombros uns dos outros, ajudando-se com o esqueleto da escada, trepando pelas paredes, pendurando-se no teto, na beirada do alçapão e destroçando os últimos que resistiam, uns vinte soldados, guardas nacionais e municipais em confusão, todos desfigurados por ferimentos recebidos no rosto durante a terrível subida, conseguiram entrar na sala do primeiro andar. Havia apenas um homem de pé, Enjolras. Sem cartuchos, sem espada, já não tinha na mão senão o cano da carabina, da qual havia quebrado a coronha na cabeça dos que iam entrando. Entrincheirara-se atrás da mesa de bilhar, recuada a um canto da sala, e ali, com o

olhar altivo, a cabeça erguida, o resto da arma na mão, parecia ainda bastante perigoso, fazendo com que ninguém se aproximasse muito. Alguém gritou.

— É o chefe deles. Foi quem matou o artilheiro. Que fique no canto em que se meteu. Fuzilem-no ali mesmo.

— Fuzilem-me — disse Enjolras.

E, jogando longe o cano da carabina, cruzou os braços e ofereceu o peito. A audácia na hora da morte sempre impressiona as pessoas. Assim que Enjolras cruzou os braços, aceitando o fim, cessou na sala toda a barulheira de luta, transformando-se o caos em certa solenidade sepulcral. A altivez ameaçadora do insurgente, desarmado e imóvel, parecia se impor ao tumulto e, apenas pela autoridade do olhar tranquilo, aquele rapaz, único sem um só ferimento, soberbo, ultrajante, encantador, impassível como se acreditasse na própria invulnerabilidade, forçava a turba sinistra a matá-lo de forma respeitosa.

Sua beleza, aumentada ali pela altivez, resplendia e, como se não pudesse estar cansado, como não estava ferido, mostrava-se lépido e corado, apesar das medonhas vinte e quatro horas que acabava de passar. Talvez fosse dele que uma testemunha, no Conselho de Guerra, posteriormente disse: "Havia um insurgente a quem ouvi chamar Apolo." Um guarda nacional, que apontou a arma para Enjolras, tornou a baixá-la, dizendo: "Tive a impressão de que ia atirar numa flor." No ângulo oposto àquele em que ele estava, formou-se um pelotão de doze homens, que silenciosamente prepararam as armas.

Em seguida, disse um sargento:

— Apontar!

Nisso interveio um oficial.

— Esperem.

E dirigindo-se a Enjolras:

— Quer que lhe vendem os olhos?

— Não.

— Foi realmente o senhor quem matou o sargento de artilharia?

— Fui.

Havia alguns instantes que Grantaire acordara.

Grantaire, como devem se lembrar, dormia desde a véspera na sala do primeiro andar, sentado numa cadeira, caído numa mesa.

Realizava, com toda a clareza, a metáfora "morto de tão bêbado". A terrível mistura absinto-cerveja-álcool o havia deixado letárgico. A mesa em que estava era pequena, não serviu para a barricada e foi deixada ali. Ele continuou na mesma posição: o peito encostado à mesa, o rosto apoiado nos braços e rodeado de copos e

garrafas. Dormia o sono inalterável do urso de barriga cheia e da sanguessuga satisfeita. Nem a fuzilaria ou os tiros de canhão, que destroçavam a sala do primeiro andar, nem a tremenda confusão do assalto o haviam afetado. Tudo que fez foi às vezes responder à artilharia com roncos mais fortes. Parecia esperar que uma bala o poupasse do trabalho de acordar. Em torno dele jaziam muitos cadáveres e, à primeira vista, coisa alguma o diferençava dos que dormiam o sono eterno.

O barulho não acorda o bêbado, mas o silêncio, sim. Essa singularidade já mais de uma vez chamou a atenção das pessoas. A derrocada de tudo ao redor aumentava o aniquilamento de Grantaire; todo aquele desmoronamento ajudava o seu sono. A interrupção do tumulto naquele momento, para a execução de Enjolras, foi uma sacudidela no inabalável sono. É o efeito de um carro a pleno galope que de repente para. Quem cochila acorda. Grantaire deu um pulo, estendeu os braços, esfregou os olhos, olhou, bocejou e entendeu.

A embriaguez que termina é como um véu que se rasga. Vê-se de uma vez só, e com um só olhar, tudo o que ele ocultava. Tudo se apresenta subitamente à memória e o bêbado, que não sabe coisa alguma do que se passou nas últimas vinte e quatro horas, nem terminou de abrir os olhos e já está a par de tudo. As lembranças vêm com brusca lucidez, o apagamento da bebedeira, espécie de névoa que cobria o cérebro, se dissipa e cede vez à clara e limpa obsessão das realidades.

Grantaire, quase escondido num canto e como que abrigado pela mesa de bilhar, nem tinha sido visto pelos soldados, que não afastavam os olhos de Enjolras. O sargento preparava-se já para repetir a voz de "Apontar!" quando de repente alguém gritou com voz forte, bem perto:

— Viva a República!

Grantaire estava de pé.

A imensa luz de todo aquele combate do qual não havia participado apareceu no olhar brilhante de bêbado transfigurado.

Ele repetiu "Viva a República!", atravessou a sala com firmeza e foi colocar-se diante das espingardas, em pé, ao lado de Enjolras.

— Dois de uma vez — disse ele.

Voltando-se em seguida para o amigo, perguntou com carinho:

— Permite?

Enjolras apertou-lhe a mão, com um sorriso.

Não tinha ainda terminado o sorriso quando ecoou a detonação.

Enjolras, atravessado por oito balas, ficou encostado à parede, como se ali o tivessem pregado, mas com a cabeça caída.

Grantaire, fulminado, caiu a seu lado.

Alguns instantes depois, os soldados desalojaram os últimos insurgentes refugiados no sótão da casa, onde ainda lutavam. Jogaram os corpos pelas janelas, alguns ainda vivos. Dois soldados que se esforçavam em pôr de pé o ônibus da barricada tinham sido mortos por tiros disparados das trapeiras. Um homem com roupa de operário foi lançado lá de cima com um rasgão de baioneta na barriga e agonizava no meio da rua. Um soldado e um insurgente, escorregando juntos pelo telhado e não querendo largar-se, caíram também na rua, ferozmente abraçados. Na adega também havia luta. Gritos, tiros, um atropelo infernal. Depois o silêncio. Estava tomada a barricada.

Os soldados começaram logo a fazer busca nas casas próximas e a perseguir os fugitivos.

XXIV

Prisioneiro

Marius, com efeito, estava preso. Prisioneiro de Jean Valjean.

A mão que o agarrara por trás no momento em que ia cair, e da qual, perdendo os sentidos, sentira a força, era a mão de Jean Valjean.

Tudo que Jean Valjean fez no combate foi se expor constantemente. Ninguém, além dele, pensou nos feridos na hora suprema da agonia. Graças à sua presença providencial na carnificina, os que caíam eram levantados, transportados para a sala e tratados. Nos intervalos, ele reparava a barricada. Mas de suas mãos não saiu coisa alguma que se assemelhasse a um tiro, a um ataque ou a uma defesa de qualquer espécie. Sempre calado, socorria a todos. No final tinha apenas alguns arranhões; as balas não o quiseram. Se o suicídio estava em suas pretensões ao ir para ali, foi malsucedido. Mas duvidamos que pensasse em suicídio, ato irreligioso.

No denso nevoeiro do combate, ele parecia nem sequer ver Marius, mas, na verdade, nunca o perdia de vista. Quando uma bala derrubou o rapaz, Jean Valjean correu com a velocidade de um tigre e o levantou.

A violência do ataque estava naquele momento tão concentrada em Enjolras e a porta da taberna, que ninguém percebeu Jean Valjean, com Marius desmaiado nos

braços, atravessar o espaço da rua descalçada dentro da barricada e desaparecer por trás do ângulo formado pelo Corinto.

Esse ângulo, como já dissemos, fazia na rua uma espécie de ponta, que protegia das balas, da metralha e também das vistas uma pequena área. Às vezes há nos incêndios um quarto que não arde, e nos mais furiosos mares, atrás de um promontório ou de recifes, um cantinho tranquilo. Fora naquela espécie de desdobramento da barricada que Éponine havia agonizado.

Jean Valjean parou, deitou Marius no chão e olhou em volta.

A situação era medonha.

Naquele momento, e por talvez mais dois ou três minutos, estavam abrigados; mas como sair daquele horror? Ele se lembrou da aflição em que estivera na rua Polonceau, oito anos antes, e de como conseguira escapar. Ali tinha sido difícil, mas agora era impossível. Tinha à sua frente o implacável e surdo prédio de seis andares, que parecia não ser habitado senão pelo morto debruçado na janela do terceiro andar. À direita, a barricada baixa que fechava a Petite-Truanderie. Transpor esse obstáculo parecia fácil, mas por cima do parapeito divisava-se uma fileira de pontas de baionetas. Era a tropa de linha, postada em observação, fora da barricada. Quem saltasse o parapeito receberia, sem dúvida alguma, uma descarga de pelotão e qualquer cabeça que se arriscasse a aparecer no alto da muralha de pedra serviria de alvo a sessenta tiros de espingarda. E à esquerda estava o campo de luta. A morte estava logo ali.

O que fazer?

Só um passarinho poderia escapar dali.

Precisava resolver rápido, encontrar uma saída, tomar uma decisão. O combate acontecia a poucos passos dele; por sorte todos se concentravam num ponto único, que era a porta da taberna, mas se apenas um soldado pensasse em dar a volta na casa, ou atacá-la pelo flanco, estava tudo acabado.

Jean Valjean olhou para o edifício que tinha à frente, olhou para a barricada ao lado, depois para o chão, desorientado como se quisesse abrir uma passagem com a vista.

De tanto olhar, esboçou-se e tomou forma a seus pés algo ainda um tanto vago na sua aflição. Viu a alguns passos, na base da barricada pequena, tão inexoravelmente guardada e vigiada pelo lado de fora, sob um monte de pedras caídas, que parcialmente a ocultavam, uma grade nivelada com o solo. Era uma grade de ferro de mais ou menos dois pés quadrados, colocada horizontalmente e feita de grossos varões transversais. O caixilho de pedra que a fixava fora arrancado e

ela estava solta. Atrás da grade entrevia-se uma abertura escura, que parecia a tubulação de uma chaminé ou o cilindro de uma cisterna.

Jean Valjean correu até ela. Sua velha ciência de evasões subiu-lhe ao cérebro como um clarão. Afastar as pedras, levantar a grade, tomar nos ombros Marius, inerte como um corpo morto, descer com todo esse peso, ajudando-se com os cotovelos e os joelhos, naquela espécie de poço, felizmente pouco profundo, deixar cair novamente o pesado alçapão de ferro numa superfície lajeada, três metros abaixo do solo, foi tudo obra de poucos minutos e executado como num delírio, com força de gigante e agilidade de águia.

Jean Valjean viu-se, com Marius ainda sem sentidos, numa espécie de comprido corredor subterrâneo.

Ali, profunda paz, silêncio absoluto, noite fechada.

Voltou a mesma impressão que sentira caindo da rua no convento. A diferença era que não conduzia Cosette; conduzia Marius.

Mal se ouvia, mais acima, como um vago murmúrio, o formidável tumulto da taberna tomada de assalto.

Notas

1 Literalmente: São feios em Nanterre,/ Culpa de Voltaire;/ Burros em Palaiseau,/ Culpa de Rousseau. (N.T.)

2 Literalmente: Não sou tabelião,/ Culpa de Voltaire;/ Sou passarinho,/ Culpa de Rousseau. (N.T.)

3 Literalmente: Alegria é a minha marca,/ Culpa de Voltaire;/ Miséria é o meu lote,/ Culpa de Rousseau. (N.T.)

4 Literalmente: Caí no chão,/ Culpa de Voltaire,/ Nariz na sarjeta./ Culpa de... (N.T.)

LIVRO SEGUNDO

O INTESTINO DE LEVIATÁ

I

A terra empobrecida pelo mar

Paris lança, a cada ano, vinte e cinco milhões de francos ao mar. E isso sem metáfora. Como, e de que modo? De dia e de noite. Com que fim? Sem fim algum. Para quê? Para nada. Por meio de que órgão? Por meio de seu intestino. O que é o seu intestino? O seu esgoto.

Vinte e cinco milhões é o mais moderado dos números aproximativos, dado pelas apreciações da ciência especializada.

A ciência, depois de muito procurar, sabe hoje que o mais fecundo e eficaz dos adubos é o adubo humano. Os chineses, é vergonhoso para nós, já sabiam disso. Segundo Eckeberg, na China, camponês nenhum volta da cidade sem levar, nas duas extremidades do seu bambu, dois baldes cheios do que chamamos imundícies. Graças ao adubo humano, a terra naquele país continua tão jovem quanto no tempo de Abraão. O trigo chinês reproduz a semente cento e vinte vezes. Não há guano que se compare, em termos de fertilidade, ao detrito de uma capital. Uma cidade grande é o mais poderoso dos produtores estercorários. Utilizar a cidade para adubar o campo teria sucesso garantido. Nosso ouro é esterco e, em contrapartida, nosso esterco é ouro.

O que é que se faz desse esterco-ouro? Varre-se para o abismo.

Expedem-se ao polo austral, a enorme custo, grandes comboios de navios que recolhem o estrume de petréis e de pinguins, e lança-se ao mar o incalculável elemento de opulência que se tem à mão. A totalidade do estrume humano e animal que se perde, restituído à terra em vez de ser lançado à água, seria suficiente para alimentar o mundo.

Esses montes de lixo juntados nas esquinas, essas carroças de lama retiradas à noite, essas horríveis pipas de limpeza, os fétidos escorrimentos subterrâneos que o calçamento esconde, sabem o que é? É o campo em flor, a relva verde, o serpão, o tomilho e a sálvia, é caça, é gado, é o mugido satisfeito do rebanho gordo no fim da

tarde, é feno cheiroso, trigo dourado, pão na sua mesa, sangue quente nas suas veias, é saúde, alegria, é transformação na terra e transfiguração no céu.

Coloquem tudo isso no cadinho e terão a abundância. A nutrição das plantas gera a nutrição dos homens.

Podem à vontade perder essa riqueza e, ainda por cima, me achar ridículo, mas estarão realizando uma obra-prima da ignorância.

A estatística calculou que a França, sozinha, derrama anualmente no Atlântico, através dos seus rios, meio bilhão de francos. Pensem nisto: com esses quinhentos milhões se pagaria um quarto das despesas do orçamento. O engenho do homem é tal que ele prefere se livrar desses quinhentos milhões na sarjeta. É a própria substância do povo que, gota a gota ou em torrentes, o miserável vômito dos nossos esgotos nos rios e o gigantesco vômito dos nossos rios no oceano carregam. Cada soluço das nossas cloacas nos custa mil francos. Daí dois resultados: a terra empobrecida e a água emporcalhada. A fome saindo do sulco da terra e a doença saindo do rio.

É notório, por exemplo, que atualmente o Tâmisa envenena Londres.

No tocante a Paris, foi preciso, nos últimos tempos, transportar a maioria das saídas de esgoto para depois da última ponte, descendo o Sena.

Um duplo aparelho tubular, dotado de válvulas e de comportas de despejo e aspiração, um sistema de drenagem elementar, simples como o pulmão humano e que já está em pleno funcionamento em várias comunas da Inglaterra, bastaria para trazer às nossas cidades a água pura dos campos e para enviar aos campos a água rica das cidades. Esse fácil vai e vem, o mais simples do mundo, manteria conosco os quinhentos milhões jogados fora. Mas pensa-se em outra coisa.

O processo atual, querendo fazer o bem, faz o mal. A intenção é boa, o resultado é triste. Querendo expurgar a cidade, estiola-se a população. Um esgoto é um mal-entendido. Quando em todo lugar a drenagem, com sua dupla função, devolvendo o que toma, tiver substituído o esgoto, simples lavagem empobrecedora, e isso combinado com os dados de uma economia social nova, a produção da terra se decuplicará e o problema da miséria será bastante atenuado. Acrescente-se a supressão do parasitismo e ele estará resolvido.

Enquanto isso, a riqueza pública vai rio abaixo e o escoamento acontece. Escoamento é a palavra. A Europa se arruína dessa maneira, por esgotamento.

No que se refere à França, acabamos de dizer os seus números. Paris tem 25% da população francesa total e, sendo o guano parisiense o mais rico, estamos abaixo da verdade ao avaliar em vinte e cinco milhões a perda de Paris no meio bilhão que a França recusa anualmente. Esses vinte e cinco milhões, aplicados em assistência e

lazer, dobraria o esplendor de Paris. A cidade os gasta em cloacas. De forma que se pode dizer que a grande prodigalidade de Paris, sua festa maravilhosa, seu parque de diversões, sua orgia, seu escorrer de ouro a mancheias, seu fausto, seu luxo, sua magnificência é o seu esgoto.

É dessa maneira que, na cegueira de uma má economia política, afoga-se e deixa-se ir água abaixo, para se perder nos abismos, o bem-estar de todos. Deveria haver, em Saint-Cloud, redes de recuperação da fortuna pública, como as que há para o lixo.

Economicamente isso pode ser resumido assim: Paris é um cesto furado.

Paris, essa cidade-modelo, molde para as capitais bem-feitas e da qual todo povo tenta ter uma cópia, metrópole do ideal, pátria augusta da iniciativa, do impulso e da experiência, centro e lugar dos espíritos, cidade nação, colmeia do futuro, mistura maravilhosa de Babilônia e Corinto, faria, do ponto de vista que acabamos de assinalar, um camponês de Fo-Kian encolher os ombros

Imitem Paris e se arruinarão.

Aliás, sobretudo nesse desperdício imemorial e louco, Paris também imita.

Essas surpreendentes inépcias não são novas, de forma alguma se trata de uma tolice jovem. Os antigos agiam como os modernos. "As cloacas de Roma absorveram todo o bem-estar do camponês romano", diz Liebig. Quando o campo de Roma foi arruinado pelo esgoto romano, Roma esgotou a Itália e, tendo colocado a Itália na sua cloaca, ela incluiu a Sicília, depois a Sardenha e depois a África. O esgoto de Roma afundou o mundo. A cloaca oferecia o seu engolir à cidade e ao universo. *Urbi et orbi*. Cidade eterna, esgoto insondável.

Para essas coisas, como para outras, Roma deu o exemplo.

E Paris o segue, com toda a estupidez própria das cidades inteligentes.

Para as necessidades da operação sobre a qual acabamos de nos explicar, Paris tem, debaixo dela, uma outra Paris, uma Paris de esgotos, com suas ruas, suas encruzilhadas, suas praças, seus becos, suas artérias e sua circulação de vasa, onde só falta a forma humana.

Pois nada se deve elogiar demais, nem mesmo um grande povo. Ali onde há tudo, há ignomínia ao lado do sublime. Se Paris contém Atenas, a cidade da luz, Tiro, a cidade do poder, Esparta, a cidade da virtude, Nínive, a cidade do prodígio, contém também Lutécia, a cidade da lama.

Aliás, o selo da sua força está igualmente aí, e a titânica latrina de Paris realiza, entre os monumentos, esse ideal estranho realizado na humanidade por alguns homens como Maquiavel, Bacon e Mirabeau, o grandioso abjeto.

O subsolo de Paris, se a vista pudesse atravessar a superfície, apresentaria o aspecto de uma colossal madrépora. Uma esponja não tem mais passagens e corredores do que o torrão de seis léguas de circunferência, sobre o qual se assenta a antiga e grande cidade. Sem falar das catacumbas, que são um subterrâneo excepcional, ou da inextricável rede de condutos de gás, ou ainda do vasto sistema tubular de distribuição de água para os chafarizes; os esgotos, por si só, formam, sob as duas margens, prodigiosa e tenebrosa rede; labirinto que tem por fio o seu declive.

Ali reina, na bruma úmida, o rato, que parece ser o produto do parto de Paris.

II

História antiga do esgoto

Imagine-se Paris retirada como se fosse uma tampa; a rede subterrânea dos esgotos, vista então do alto, traçaria, nas duas margens do Sena, uma espécie de grande ramagem enxertada no rio. Na margem direita, o esgoto de cintura é o tronco dessa ramagem; os condutos secundários são os ramos menores e os becos, os raminhos ainda menores.

Essa figura é sumária e não muito exata, pois o ângulo reto, que é o ângulo habitual nesse gênero de ramificações subterrâneas, é extremamente raro na vegetação.

Teremos uma imagem mais fiel desse estranho plano geometral supondo que se vê, deitado sobre um fundo de trevas, algum extravagante alfabeto oriental embaralhado, cujas letras disformes estão coladas umas às outras em visível confusão aleatória, ora por seus ângulos, ora pelas extremidades.

As sentinas e os esgotos tinham um grande papel na Idade Média, no Baixo Império e no velho Oriente. Era onde nascia a peste e onde morriam os déspotas. As multidões olhavam quase com temor religioso esses leitos de podridão, monstruosos berços da morte. A fossa dos vermes de Benares é tão vertiginosa quanto a fossa dos leões da Babilônia. Teglath-Phalasar, segundo os livros rabínicos, jurava pela sentina de Nínive. Era do esgoto de Münster que João de Leyde fazia sair sua falsa lua e era

do poço-cloaca de Kekhscheb que o seu menecmo oriental, Mokannã, o profeta velado do Khorassã, fazia sair seu falso sol.

A história dos homens se reflete na história das cloacas. As gemônias contavam Roma. O esgoto de Paris foi uma velha coisa formidável. Foi sepulcro e foi asilo. O crime, a inteligência, o protesto social, a liberdade de consciência, o pensamento, o roubo, tudo que as leis humanas perseguem ou perseguiram se escondeu nesse buraco: os *maillotins* do século XIV, os *tire-laine* do XV, os huguenotes do XVI, os iluminados de Morin do XVII, os *chauffeurs* do XVIII. Há cem anos, era de onde saía o punhal noturno e onde se abrigava o bandido em perigo. A floresta tinha a caverna, Paris tinha o esgoto. A vagabundagem, essa *picareria* gaulesa, aceitava o esgoto como sucursal do Pátio dos Milagres e à noite, velhaca e feroz, acedia a ele por sob a rampa Maubée como a uma alcova.

Era bem simples, para quem tinha como local de trabalho cotidiano os suspeitos beco Vide-Gousset ou a rua Coupe-Gorge, considerar como domicílio noturno a pontezinha do Chemin-Vert ou a toca Hurepoix. Vem daí uma efervescência de lembranças. Todo tipo de fantasma assombra esses compridos corredores solitários; por todo lugar putrefação e miasma. Num ponto ou noutro um respiro, onde Villon, do lado de dentro, conversa com Rabelais, do lado de fora.

O esgoto, na antiga Paris, era o ponto de encontro de todos os colapsos e de todas as provas. A economia política vê nele um detrito, a filosofia social vê nele um resíduo.

O esgoto é a consciência da cidade. Tudo converge para lá e lá se confronta. Há trevas nesse lugar lívido, mas não há mais segredos. Cada coisa tem sua forma verdadeira ou, pelo menos, sua forma definitiva. O monte de lixo tem isso a seu favor, ele não é mentiroso. A ingenuidade se refugiou nele. A máscara de Basile lá se encontra, mas vê-se a caixa e as fitas de amarrar, o interior e o exterior, acentuado por uma lama honesta. O nariz falso de Scapino o torna mais próximo. Todas as sujeiras da civilização, já fora de serviço, caem nessa fossa da verdade em que desemboca o imenso descarrego social. Elas ali despencam, mas se espalham. Esse amontoamento é uma confissão. Não há mais falsas aparências, nenhum retoque com gesso é possível, a sujeira se desnuda por completo, afasta ilusões e miragens, resta só o que é, com a sinistra imagem do que acaba. Realidade e desaparecimento. Ali, um fundo de garrafa confessa sua bebedeira, uma alça de cesto fala da sua domesticidade. Ali, um caroço de maçã que teve opiniões literárias volta a ser um caroço de maçã. A efígie da moeda de cem soldos se azinhavra irremediavelmente, a cusparada de Caifás encontra o vômito de Falstaff, o luís de ouro que sai da calúnia se choca no prego em que se amarra o pedaço de corda do suicida, um feto lívido

rola em lantejoulas que estiveram na última terça-feira de carnaval da ópera, uma toga que julgou homens se agarra numa podridão que foi a saia de uma fulaninha qualquer; é mais do que fraternidade, é uma intimidade. Tudo que se maquiava se enlameia. O último véu é arrancado. O esgoto é um cínico, ele diz tudo.

Essa sinceridade da imundície nos agrada e tranquiliza a alma. Para quem passou seu tempo sendo obrigado, na terra, ao espetáculo dos grandes ares que tomam a razão de Estado, a promessa, o bom senso político, a justiça humana, as probidades profissionais, as austeridades de ocasião, as togas incorruptíveis, se torna um alívio entrar num esgoto e ver a lama correta.

Ao mesmo tempo serve de lição. Como há pouco dissemos, a história passa pelo esgoto. As Saint-Barthélemy filtram-se gota a gota pelas pedras das ruas. Os grandes assassinatos públicos, as carnificinas políticas e religiosas atravessam esse subterrâneo da civilização e para ele empurram seus cadáveres. Para o sonhador, todos os assassinos históricos ali estão, de joelhos, na horrível penumbra, com um pedaço da própria mortalha como avental, limpando lugubremente sua obra. Luís XI lá está com Tristão, Francisco I com Duprat, Carlos IX com sua mãe, Richelieu com Luís XIII, Louvois, Letellier, Hébert e Maillard também ali estão, arranhando as pedras e tentando tirar as manchas das suas ações. Ouve-se sob aquelas arcadas a escova desses espectros. Respira-se ali o enorme fedor das catástrofes sociais, veem-se nos cantos reflexos avermelhados. Corre por lá a água terrível que lavou mãos ensanguentadas.

O observador social deve entrar nessas sombras. Fazem parte do seu laboratório. A filosofia é o microscópio do pensamento. Tudo quer fugir, mas nada lhe escapa. Qualquer tergiversação é inútil. Qual lado de si mesmo mostra quem tergiversa? O lado vergonha. A filosofia persegue o mal com o seu olhar probo e não permite que ele se esconda no vazio. No apagar das coisas que desaparecem, no apequenar das coisas que esmaecem, ela reconhece tudo. Ela reconstrói a púrpura a partir do farrapo e a mulher a partir do trapo. Com a cloaca ela refaz a cidade; com a lama ela refaz os costumes. Do caco ela recompõe a ânfora ou o cântaro. Reconhece, pela impressão de uma unha num pergaminho, a diferença que separa os judeus da Judengasse dos judeus do Gueto. No que resta ela encontra o que foi; o bem, o mal, o falso, o verdadeiro, a mancha de sangue do palácio, o borrão de tinta da caverna, o pingo de sebo do prostíbulo, as provações por que se passou, as tentações bem-vindas, as orgias vomitadas, a dobra que produziram alguns ao se abaixarem, a marca deixada pela prostituição nas almas que, pela própria grosseria, foram capazes de se prostituir, como aquela outra, deixada pelas cotoveladas de Messalina nas vestes da lacaiada de Roma.

III

Bruneseau

O esgoto de Paris, na Idade Média, era famoso. No século XVI, Henrique II tentou uma sondagem que não deu certo. Segundo afirma Mercier, até cem anos atrás a cloaca estava abandonada a si mesma, mantendo-se como podia.

Era assim a antiga Paris, entregue às disputas, às indecisões, às tentativas. Foi, por muito tempo, bastante estúpida. Mais tarde, 1789 mostrou como a inteligência chega às cidades. Mas no bom velho tempo a capital tinha pouco tino; não sabia tratar dos seus interesses morais ou materiais, não sabia varrer as imundícies como não sabia varrer os abusos. Tudo era obstáculo, tudo suscitava questão. O esgoto, por exemplo, era refratário a toda espécie de itinerário. Era difícil se orientar nas suas ruas, como era difícil se entender na cidade. No alto o ininteligível, embaixo o inextricável. Sob a confusão das línguas, havia a confusão dos subsolos; Dédalo se juntando a Babel.

Às vezes o esgoto de Paris resolvia transbordar, como se aquele Nilo desconhecido sofresse um súbito acesso de cólera. Havia, infame coisa, inundações de esgoto. Em certas ocasiões, aquele estômago da civilização digeria mal, a cloaca refluía à garganta da cidade, e Paris sentia o ressaibo da sua imundície. Essas semelhanças entre o esgoto e o remorso tinha um lado bom, eram avisos; aliás muito mal aceitos. A cidade se indignava com tamanha audácia por parte da sua lama e não admitia aquele retorno do lixo. Tratem de se desfazer dele melhor.

A inundação de 1802 é ainda uma das recordações dos parisienses de oitenta anos. A vasa espalhou-se em cruz a partir da praça de Victoires, onde está a estátua de Luís XIV; entrou na rua Saint-Honoré pelas duas bocas de esgoto de Champs-Élysées, na rua Saint-Florentin pelo esgoto Saint-Florentin, na rua Pierre-à-Poisson pelo esgoto da Sonnerie, na rua Popincourt pelo Chemin-Vert e na rua da Roquette pelo da rua de Lappe. Encheu o escoamento da rua Champs-Élysées até uma altura de trinta e cinco centímetros e, ao sul, pelo despejo do Sena funcionando em sentido inverso, penetrou pelas ruas Mazarine, Échaudé e do Marais, onde parou apenas a uma distância de novecentos metros, a alguns passos da casa onde morou Racine, respeitando mais o poeta do que o rei, em se tratando do século XVII. Ela chegou à sua altura máxima na rua Saint-Pierre, onde foi a quase um metro acima

das lajes da bica que ali havia, e à sua extensão máxima na rua Saint-Sabin, onde se espalhou por uma largura de duzentos e trinta e oito metros.

No começo deste século, o esgoto de Paris era ainda um lugar misterioso. A lama nunca tem boa fama, mas ali essa má reputação causava verdadeiro pavor. Paris confusamente sabia estar assentada sobre um subsolo terrível. Falava-se disso como daquela monstruosa maldição de Tebas, onde fervilhavam escolopendras de quinze pés de comprimento e poderia servir de banheira para Beemote.

As grossas botas dos encarregados da limpeza não se aventuravam nunca além de certos pontos conhecidos. Estava-se ainda muito próximo do tempo em que as carroças de lama, do alto das quais Saint-Foix confraternizava com o marquês de Créqui, simplesmente eram esvaziadas no esgoto. Quanto ao escoamento, deixava-se a cargo das chuvas fortes, que mais entulhavam do que limpavam. Roma via ainda com certa poesia sua cloaca e chamava-a Gemônias, mas Paris insultava a sua, chamando-a Buraco Fedorento. A ciência e a superstição concordavam no referente ao horror. O Buraco Fedorento era repugnante tanto pela higiene quanto por suas lendas. O sobrenatural *moine bourru* eclodiu sob a abóbada fétida do esgoto Mouffetard e os cadáveres dos *marmousets* foram jogados no esgoto da Barillerie. Fagon atribuiu a terrível febre maligna de 1685 ao grande trecho a céu aberto do esgoto do Marais, que esteve escancarado até 1833, na rua Saint-Louis, quase em frente à vitrine do Messager Galant. A boca de esgoto da rua da Mortellerie era célebre pelas pestes que saíam dela; com a sua grade de pontas de ferro imitando uma fileira de dentes, ela se colocava, naquela rua fatal, como uma goela de dragão soprando o ar do inferno nas pessoas. A imaginação popular temperava a sombria bandeja parisiense com não sei que mistura de infinito. O esgoto não tinha fundo, era o Barathre de Atenas. A ideia de explorar aquelas regiões leprosas nem mesmo ocorria à polícia. Tatear o desconhecido, sondar aquela sombra, ir à descoberta do abismo, quem ousaria? Era medonho. Alguém, no entanto, se apresentou para isso. A cloaca teve o seu Cristóvão Colombo.

Um dia, em 1805, numa das raras aparições do imperador em Paris, o ministro do Interior, um Decrès ou Crétet qualquer, compareceu à cerimônia do acordar imperial. Ouvia-se no Carroussel o arrastar dos sabres de todos esses soldados extraordinários da Grande República e do Grande Império. Havia congestionamento de heróis à porta de Napoleão; homens do Reno, do Escaut, do Adige e do Nilo, companheiros de Joubert, de Desaix, de Marceau, de Hoche, de Kléber; aeróstatas de Fleurus, granadeiros de Maiença, portageiros de Gênova, hussardos que haviam visto as pirâmides, artilheiros que haviam enlameado a bola de canhão de Junot, couraceiros que haviam tomado de assalto a frota ancorada em

Zuyderzee; uns haviam seguido Bonaparte na ponte de Lodi, outros haviam acompanhado Murat na trincheira de Mântua, e havia ainda quem tivesse tomado a dianteira de Lannes no caminho vasado de Montebello. Todo o exército de então se achava no pátio das Tulherias, representado por uma esquadra ou por um pelotão, guardando Napoleão que repousava; e era a época esplêndida em que o Grande Exército tinha atrás de si Marengo e à frente Austerlitz.

Disse o ministro do Interior a Napoleão:

— *Sire*, vi ontem o homem mais intrépido do império.

— Quem é ele? — perguntou, brusco, o imperador. — O que ele fez?

— Pretende ainda fazer, *sire*.

— O quê?

— Visitar os esgotos de Paris.

Esse homem existia e se chamava Bruneseau.

IV

Detalhes ignorados

Fez-se a visita. Foi uma temível campanha; uma batalha noturna contra a peste e contra a asfixia. Ao mesmo tempo, uma viagem de descoberta. Um dos que sobreviveram a essa exploração, operário inteligente e muito moço à época, há poucos anos ainda contava pormenores que Bruneseau preferiu omitir do seu relatório ao chefe de polícia, por achar impróprios ao estilo administrativo. Os procedimentos desinfetantes eram naquela época bastante rudimentares. Assim que a expedição ultrapassou as primeiras articulações da rede subterrânea, oito dos vinte participantes se recusaram a ir mais além. A operação era complicada; a visita devia fazer a limpeza e, ao mesmo tempo, avançar, registrar as entradas de água, contar as grades e as bocas, especificar as ramificações, indicar as correntes nos pontos de divisão, reconhecer as respectivas circunscrições das diversas bacias, sondar os esgotos menores enxertados no esgoto principal, medir o pé-direito de cada corredor e a largura, tanto na base das arcadas quanto no rés do piso, determinando as ordenadas do nivelamento perpendicular de cada entrada de água, pelo piso do

subterrâneo ou pelo piso da rua. Avançava-se com dificuldade. Frequentemente as escadas de mão mergulhavam até três pés de vasa. As lanternas periclitavam nos miasmas. De vez em quando era preciso carregar um dos homens, desmaiado. Em certos pontos, abria-se um precipício: o solo havia cedido, o lajedo despencado, o esgoto se transformava em sorvedouro. Não se achava ponto algum sólido; um dos homens desapareceu de repente e foi uma dificuldade retirá-lo de lá. Por conselho de Fourcroy, eles acendiam, de distância em distância, grandes fogachos de estopa embebida em alcatrão. Num ou noutro ponto as paredes estavam cobertas de disformes excrescências fungosas que pareciam tumores; a própria pedra parecia doente naquele ambiente irrespirável.

Bruneseau, na sua exploração, avançou acompanhando a inclinação do piso. No ponto de divisão dos dois condutores de água do Grand-Hurleur, ele decifrou numa pedra saliente a data de 1550; essa pedra indicava até onde tinha ido Philibert Delorme, encarregado por Henrique II de visitar a canalização subterrânea de Paris. Aquela pedra era a marca do século XVI no esgoto.

Bruneseau encontrou a mão de obra do século XVII no conduto do Ponceau e no da rua Vieille-du-Temple, abobadadas entre 1600 e 1650; e a mão de obra do século XVIII na seção oeste do canal coletor, encaixada e abobadada em 1740. Essas duas abóbadas, sobretudo a menos antiga, de 1740, estavam mais fissuradas e decrépitas que a alvenaria do esgoto de cintura, que data de 1412, época em que o esgoto a céu aberto de Ménilmontant foi elevado à condição de Grande Esgoto de Paris, promoção equivalente à de um camponês que se tornasse camareiro do rei; algo como Gros-Jean transformado em Lebel.

Julgou-se reconhecer, num ou noutro ponto, especialmente sob o Palácio da Justiça, cubículos de antigos cárceres abertos no próprio esgoto. Masmorras secretas infames. Uma gargalheira de ferro pendia numa delas. Foram todas muradas. Houve achados estranhos; entre os quais o esqueleto de um orangotango desaparecido do Jardin des Plantes em 1800, desaparecimento que provavelmente tem a ver com a famosa e incontestável aparição do diabo na rua dos Bernardins no último ano do século passado. O pobre-diabo acabou se afogando no esgoto.

No comprido corredor abobadado que termina no Arche-Marion causou admiração uma alcofa de trapeiro, perfeitamente conservada. Por toda parte na vasa, com a qual os trabalhadores já lidavam mais à vontade, abundavam objetos de valor, joias de ouro e de prata, pedras preciosas e moedas. Um gigante que peneirasse aquela cloaca acharia na sua triagem a riqueza dos séculos. No ponto em que se dividem os dois ramos das ruas do Temple e da Sainte-Avoye, foi encontrada uma

singular medalha huguenote de cobre, tendo de um lado um porco com gorro de cardeal e do outro um lobo de tiara na cabeça.

O encontro mais surpreendente foi à entrada do Grande Esgoto. Essa entrada fora noutro tempo fechada por uma grade da qual só restavam os gonzos. De um desses gonzos pendia uma espécie de farrapo informe e sujo que, sem dúvida preso ali ao passar, flutuava no meio da sombra e acabara por se desfiar. Bruneseau aproximou a lanterna e examinou o farrapo. Era de cambraia finíssima e num dos cantos menos consumidos do que o resto, distinguia-se uma coroa heráldica bordada acima de sete letras: LAVBESP. A coroa era de marquês e as letras significavam LAUBESPINE. Reconheceram que o que tinham diante dos olhos era um pedaço da mortalha de Marat. Marat, na mocidade, tivera uns amores. Foi quando esteve a serviço do conde de Artois, na qualidade de médico dos escudeiros. Daqueles amores, historicamente comprovados, com uma senhora de alta linhagem, tinha lhe restado aquele lençol, deixado de lado ou guardado como lembrança. Quando ele morreu, sendo o único pano mais fino que encontraram por perto, foi usado como mortalha. As velhas que preparavam o trágico Amigo do Povo para a tumba enrolaram o corpo naquele lençol, que havia passado por volúpias.

Bruneseau continuou em frente. O trapo foi deixado onde estava. Por desprezo ou por respeito? Marat merecia os dois. Além disso, o destino estava suficientemente impresso naquilo, justificando que nada se fizesse. Aliás, deve se deixar às coisas do sepulcro o lugar que escolheram. Resumindo, a relíquia era estranha. Uma marquesa havia dormido naquele lençol e Marat nele apodreceu. Aquilo havia atravessado o Panteão para chegar aos ratos do esgoto. O pano, do qual Watteau teria na sua época tranquilamente desenhado todas as dobras, acabara sendo digno do olhar fixo de Dante.

A visita total da canalização dos despejos de Paris durou sete anos, de 1805 a 1812. Bruneseau, ao passo que avançava, ia determinando, dirigindo e fazendo executar consideráveis trabalhos. Em 1808, mandou rebaixar o piso do trecho Ponceau e, criando por toda parte novas linhas, levou o esgoto, em 1809, sob a rua Saint-Denis, até a fonte dos Innocents. Em 1810, expandiu-o sob a rua Froidmanteau e sob a Salpêtrière. Em 1811, sob as ruas Neuve-des-Petits-Pères, do Mail, da Échape e sob a praça Royale. Em 1812, os trabalhos prosseguiram sob a rua da Paix e sob a *chaussée* d'Antin. Ao mesmo tempo, fez desinfetar e melhorou toda a canalização. Desde o segundo ano dessa atividade, juntara-se a Bruneseau seu genro, Nargaud.

Foi assim que, no princípio deste século, a velha sociedade cuidou do seu segundo fundo e da toalete do seu esgoto. Pelo menos isso foi limpo.

Tortuoso, fendido, deslajeado, subindo e descendo, fétido, selvagem, feroz, submerso na escuridão, com cicatrizes no piso e nas paredes, apavorante, era como, retrospectivamente, via-se o antigo esgoto de Paris. Ramificações em todos os sentidos, cruzamento de fossos, entroncamentos, encruzilhadas, fundos sem saída, abóbadas salitrosas, barrancas infectas, purulências nas paredes, gotas caindo do teto, trevas; coisa alguma igualava o horror daquela velha cripta ulcerosa, aparelho digestivo da Babilônia, antro, fosso, abismo cheio de ruas, escavação titânica em que o espírito tem impressão de ver girar, na sombra, na imundície que foi esplendor, a enorme toupeira cega chamada passado.

Isso, repetimos, era o esgoto de antigamente.

V

Progresso atual

Hoje o esgoto é limpo, frio, retilíneo e correto. Realiza quase o ideal do que na Inglaterra se entende pela palavra "respeitável". É digno e grisalho; alinhado. Tem tudo de um fazedor de negócios que se torna conselheiro de Estado. No esgoto de hoje vê-se quase claro; a imundície comporta-se decentemente. À primeira vista, mais parece um daqueles corredores subterrâneos tão comuns noutro tempo e úteis para fugas de monarcas e príncipes; naquele bom tempo "em que o povo amava os seus reis". O esgoto atual é um belo esgoto, no qual reina o estilo puro. O clássico alexandrino retilíneo que, expulso da poesia parece ter se refugiado na arquitetura, mistura-se às pedras dessa longa abóbada tenebrosa e esbranquiçada; cada garganta é uma arcada: a rua de Rivoli faz escola até na cloaca. Aliás, se a linha geométrica se sente à vontade em algum lugar, é certamente no corte estercoral de uma cidade grande, onde tudo se subordina ao caminho mais curto. Nem sequer nos boletins policiais em que ele às vezes é citado vê-se falta de respeito. As palavras que o caracterizam na linguagem administrativa são rebuscadas e dignas. O que se chamava entranha passou a se dizer galeria; o que se chamava buraco passou a se dizer vista. Villon não reconheceria mais seu antigo abrigo de improviso. Mas essa rede subterrânea continua tendo sua imemorial população de roedores, pululante

como nunca; de vez em quando um rato, velho bigode, aventura a cabeça à janela do esgoto e examina os parisienses, mas essa praga logo volta à sua prisão, satisfeita com o palácio subterrâneo de que dispõe. A cloaca nada mais tem da sua ferocidade primitiva. A chuva que antigamente sujava, lava o esgoto de hoje. Mas não confiem tanto nisso. Os miasmas ainda o habitam. O esgoto é mais hipócrita do que irrepreensível. Por mais que a polícia e o Conselho de Saúde se esforcem, e apesar de todos os aperfeiçoamentos na salubridade, o esgoto exala ainda um cheiro vago e suspeito, como Tartufo depois da confissão.

É necessário convir que, como afinal a limpeza é um serviço que o esgoto presta à civilização, e como, desse ponto de vista, a consciência de Tartufo é um progresso com relação aos estábulos de Augias, sem dúvida o esgoto de Paris tem melhorado.

É mais do que progresso; é uma transmutação. Entre o esgoto antigo e o atual, houve uma revolução. E quem fez essa revolução?

Aquele de quem todo mundo se esquece e que nós nomeamos: Bruneseau.

VI

Progresso futuro

A abertura do esgoto de Paris não foi pequena tarefa. Os dez últimos séculos trabalharam nisso sem conseguir terminar, do mesmo modo que não puderam terminar Paris. O esgoto, com efeito, recebe todas as contrapartidas do crescimento da cidade. É uma espécie de pólipo tenebroso, de mil antenas, no interior da terra, que cresce por baixo ao mesmo tempo que a cidade por cima. Toda vez que a cidade abre uma rua, o esgoto estende um braço. A velha monarquia construiu apenas 23.300 metros de esgoto. Era o número a que Paris havia chegado em 1º de janeiro de 1806. A partir dessa época, da qual falaremos logo mais, a obra foi retomada e continuada, de forma útil e enérgica. Napoleão construiu, são números curiosos, 4.804 metros; Luís XVIII 5.709; Carlos X, 10.836; Luís Filipe, 89.020; a República de 1848, 23.381; o regime atual, 70.500. Ao todo, neste momento, 226.110 metros; sessenta léguas de esgoto, as enormes entranhas de Paris. Ramificação obscura, em permanente trabalho; construção ignorada e imensa.

Como se vê, o dédalo subterrâneo de Paris é hoje mais de dez vezes maior do que era no início do século. Mal se pode imaginar tudo que custou, em termos de perseverança e esforço, para levar essa cloaca ao ponto de relativa perfeição em que se encontra. Foi com muita dificuldade que o velho prebostado monárquico e, nos dez últimos anos do século XVIII, a prefeitura revolucionária conseguiram perfurar as cinco léguas de esgoto existentes em 1806. Todo tipo de obstáculo atrasava a operação, uns devidos à natureza do solo, outros inerentes aos preconceitos da população laboriosa de Paris. De fato, a cidade foi erguida sobre um terreno estranhamente rebelde ao alvião, à enxada, à sonda e ao trabalho humano. Nada mais difícil de furar e penetrar que essa formação geológica a que se superpôs a maravilhosa formação histórica chamada Paris. Assim que, sob qualquer forma que seja, o trabalho tenha início e se aventure nessa camada de aluviões, as resistências subterrâneas abundam. São argilas líquidas, olhos-d'água, rochas duras e essa vasa mole e profunda que os especialistas chamam "mostarda". A picareta só com muito trabalho avança em lâminas calcárias alternadas a filetes de greda muito finos e camadas xistosas com folhas incrustadas de cascas de ostras contemporâneas dos oceanos pré-adâmicos. Às vezes um fluxo líquido arrebenta bruscamente uma abóbada começada e inunda os trabalhadores; ou é um derramamento de marga que aparece e desce com a fúria de uma catarata, partindo como se fossem de vidro as mais sólidas vigas de sustentação. Bem recentemente, na área de La Villette, quando foi preciso passar o duto coletor sob o canal Saint-Martin, sem interromper a navegação e sem esvaziá-lo, ocorreu uma rachadura no leito do canal e a água invadiu subitamente o canteiro subterrâneo para além de toda a força das bombas. Foi preciso que um mergulhador encontrasse a rachadura, que estava no gargalo da grande bacia e só a muito custo foi tapada. Aliás, perto do Sena e também bastante longe do rio, como, por exemplo, em Belleville, Grande-Rue e passagem Lunière, encontram-se areias movediças nas quais um adulto pode cair e desaparecer diante dos olhos de todos. Juntem a isso a asfixia pelos miasmas, o soterramento e os súbitos desmoronamentos. Juntem o tifo, com que os trabalhadores lentamente se impregnam. Nos dias de hoje, depois de ter perfurado a galeria de Clichy, com banqueta para receber um conduto principal de água do Ourcq, trabalho executado em trincheira, a dez metros de profundidade; depois de ter, entre desmoronamentos, em escavações frequentemente pútridas e escoramentos, aberto um corredor abobadado do fundo do Boulevard de l'Hôpital até o Sena; depois de ter, para livrar Paris das águas torrenciais de Montmartre e dar vazão à poça fluvial de nove hectares, que apodrecia perto da barreira de Martyrs; depois de ter, insistimos, construído a linha de esgoto da barreira Blanche ao caminho de

Aubervilliers em quatro meses, noite e dia, a uma profundidade de onze metros; depois de ter, coisa nunca vista até então, executado subterraneamente um esgoto sob a rua Barre-du-Bec, sem corte, a seis metros abaixo do chão, o chefe de equipe Monnot morreu. Depois de ter abobadado três mil metros de esgoto em todos os pontos da cidade, da rua Traversière-Saint-Antoine à rua de l'Ourcine; depois de ter, pelo entroncamento de l'Arbalète, descarregado das inundações pluviais o cruzamento Censier-Mouffetard; depois de ter construído o esgoto Saint-Georges com rocha e concreto sobre areias móveis; depois de ter dirigido o perigoso rebaixamento de piso do entroncamento Notre-Dame-de-Nazareth, o engenheiro Duleau morreu. Não há boletim oficial para tais atos de bravura, no entanto mais úteis que as matanças idiotas do campo de batalha.

Os esgotos de Paris, em 1832, estavam longe de ser o que são hoje em dia. Bruneseau tinha dado início, mas foi preciso uma epidemia de cólera para determinar a ampla reconstrução ocorrida depois. É surpreendente, por exemplo, que em 1821 uma parte do esgoto de cintura, chamado Grande Canal, como em Veneza, apodrecia ainda a céu aberto, na rua de Gourdes. Apenas em 1823 o município de Paris conseguiu na sua bolsa os 266.080,06 francos necessários para cobrir aquela torpeza. Os três poços absorventes de Combat, La Cunette e Saint-Mandé, com suas saídas, sumidouros e entroncamentos depuratórios, datam apenas de 1836. O tráfego intestinal de Paris foi todo refeito e, como dissemos, mais do que decuplicou no último quarto de século.

Há trinta anos, na época da insurreição de 5 e 6 de junho, em muitos pontos funcionava ainda quase exclusivamente o antigo esgoto. Muitas ruas, hoje com bom escoamento, eram na época calçadas fendidas. Frequentemente se via, no ponto de declive em que as vertentes de uma rua ou de um cruzamento afluíam, grades quadradas grandes e com fortes barras, cujo ferro brilhava, gasto pelos passos dos transeuntes, perigosas e escorregadias para os carros, acidentando os cavalos, que tinham então de ser sacrificados. A língua oficial da engenharia de rodagem chamava esses pontos de declive e essas grades pelo sugestivo nome de *cassis*. Em 1832, numa vasta quantidade de ruas, Étoile, Saint-Louis, do Temple, Vieille-du-Temple, Notre-Dame-de-Nazareth, Folie-Méricourt, do Petit-Musc, de Normandie, Pont-aux-Biches, Marais, do bairro de Saint-Martin, Notre-Dame-des-Victoires, do bairro de Montmartre, Grange-Batelière, Champs-Élysées, Jacob, de Tournon e no cais aux Fleurs, a velha cloaca gótica cinicamente mostrava ainda a sua cara. Eram enormes vazios ao sol, às vezes cercados de pedras, com monumental insolência.

Paris, em 1806, tinha praticamente a mesma extensão de esgoto constatada em maio de 1663, 5.328 toesas. Segundo Bruneseau, em 1º de janeiro de 1832 havia 40.300 metros. De 1806 a 1831, abriram-se, em média, setecentos e cinquenta metros por ano. Depois disso, construíram-se todo ano oito e até dez mil metros de galerias, em alvenaria banhada a cal hidráulica sobre fundação em concreto. A duzentos francos o metro, as sessenta léguas de esgoto da Paris atual representam quarenta e oito milhões.

Além do progresso econômico que indicamos no início, graves problemas de higiene pública estão ligados a essa imensa questão do esgoto de Paris.

Paris está entre dois lençóis, um lençol d'água e um lençol de ar. O lençol d'água, brotando a muito grande profundidade subterrânea, mas já sondado por duas perfurações, é fornecido pela camada de arenito situada entre a greda e o calcário jurássico. Essa camada pode ser representada por um disco de vinte e cinco léguas de raio, que recebe o ressumbro de vários rios e riachos. Num copo d'água do poço de Grenelle, bebe-se um pouco do Sena, do Marne, do Yonne, do Oise, do Aisne, do Cher, do Vienne e do Loire. O lençol d'água é salubre, vem primeiro do céu e depois da terra; o lençol de ar não é saudável, vem do esgoto. Todos os miasmas da cloaca se misturam na respiração da cidade, donde o seu mau hálito. O ar acima de uma estrumeira — isso já foi cientificamente constatado — é mais puro que o ar de Paris. Um dia, com a ajuda do progresso, com os mecanismos se aperfeiçoando e fazendo-se luz, o lençol d'água será utilizado para purificar o lençol de ar. Ou seja, para lavar o esgoto. Sabe-se que por lavar o esgoto entendemos restituição da vasa à terra; reenvio do estrume ao chão e do adubo aos campos. Haverá, por esse simples fato e para toda a comunidade social, diminuição da miséria e aumento da saúde. No presente momento, a radiação das doenças de Paris chega a cinquenta léguas ao redor do Louvre, pego como cubo dessa roda pestilencial.

Pode-se dizer que, há dez séculos, a doença de Paris é a cloaca. O esgoto é o vício que a cidade tem no sangue. O instinto popular nunca se enganou a esse respeito. Trabalhar nos esgotos era, noutro tempo, quase tão arriscado, e também quase tão abjeto, como o trabalho de esquartejador de cavalos, por tanto tempo tido como infame e afinal deixado aos carrascos. Era preciso pagar muito bem para fazer um pedreiro se enfiar naquele fétido subterrâneo. Mesmo a escada que se usa em poços hesitava em mergulhar ali. Dizia-se proverbialmente: "descer ao esgoto é entrar na cova". Todo tipo de histórias terríveis, como dissemos, cobriam de horror essa colossal bacia. Assustadora sentina, que conserva o rastro das revoluções do

globo, assim como das revoluções dos homens, onde se acham vestígios de todos os cataclismos, desde a concha diluviana até o farrapo de Marat.

LIVRO TERCEIRO

A LAMA, MAS TAMBÉM A ALMA

I

A cloaca e o que há nela de surpreendente

Era no esgoto de Paris que Jean Valjean se encontrava.

Outra semelhança de Paris com o mar. Como no oceano, um mergulhador pode nela desaparecer.

A transição era tremenda. Em pleno centro da cidade, bastou levantar e abaixar uma tampa que Jean Valjean, num abrir e fechar de olhos, passou da luz do dia à completa escuridão, do meio-dia à meia-noite, do tumulto ao silêncio, do turbilhão dos trovões à estagnação do túmulo e, por peripécia ainda mais prodigiosa que a da rua Polonceau, ele foi do extremo perigo à segurança absoluta.

Inopinada queda num buraco; o desaparecimento no limbo de Paris; deixar a rua, onde a morte estava por toda parte, e entrar naquela espécie de sepulcro onde havia vida; foi um momento estranho. Ele permaneceu alguns segundos atordoado, ouvindo estupefato. O alçapão salvador se abrira inesperadamente a seus pés. A bondade celeste, de certo modo, pegou-o à traição. Adoráveis emboscadas da Providência!

O ferido, porém, não se movia e Jean Valjean não sabia se o que levava às costas, cova adentro, era um morto ou um vivo.

A primeira sensação foi de cegueira. Ele bruscamente deixou de ver. Por um minuto teve a impressão de ter ficado surdo. Não ouvia coisa alguma. A frenética tempestade de morte que se desencadeava alguns pés acima só chegava até ali indistinta, como um rumor que viesse das profundezas, graças à camada de terra que o separava de tudo aquilo, como já dissemos. Ele só tinha certeza de estar em chão firme, mas já era o bastante. Estendeu um braço, depois outro, tocou paredes dos dois lados e viu se tratar de um corredor estreito. Avançou um pouco e percebeu que o piso estava molhado. Adiantou com precaução um pé, temendo algum buraco, um sumidouro, um abismo, mas constatou que o lajedo se prolongava. Uma baforada de ar fétido o fez saber onde se encontrava.

Passados alguns minutos, já não estava cego: através do respiradouro pelo qual tinha descido, penetrava um pouco de luz, e também a sua visão ia se adaptando. Começou a distinguir alguma coisa. O corredor em que se enterrara — é a palavra que melhor exprimia a situação — era murado logo atrás. Tratava-se de um dos becos sem saída que a linguagem especializada denomina entroncamento. Na frente havia outro muro, um muro de trevas. A luz do respiradouro extinguia-se a dez ou doze passos do lugar em que Jean Valjean se achava e deixava apenas uma pálida claridade por alguns metros de parede úmida. Depois disso, a escuridão era completa e penetrar ali parecia um mergulho sem volta. Mas nada impedia o avanço e, de qualquer forma, não havia muita escolha. Jean Valjean lembrou-se de que também os soldados veriam a grade sob as pedras e que tudo dependia do acaso: eles poderiam igualmente descer e averiguar. Não havia um minuto a perder. Marius tinha sido deixado no chão e ele voltou a colocá-lo nos ombros, partindo em frente na escuridão, sem pensar em mais nada.

A realidade é que estavam menos salvos do que parecia. Perigos de outro gênero, e não menores, os aguardavam. Depois do turbilhão fulgurante do combate, a caverna dos miasmas; depois do caos, a cloaca. Eles tinham apenas passado de um círculo do inferno para outro.

Dados uns cinquenta passos, ele teve de parar diante de um problema. O corredor terminava em outro, que o cruzava transversalmente. Dois caminhos se ofereciam. Qual deles tomar? Deveria seguir pela esquerda ou pela direita? Como se orientar num labirinto escuro? Mas esse labirinto, já havíamos dito, tinha um fio, o seu declive. Segui-lo seria se encaminhar para o rio.

Isso Jean Valjean compreendeu de imediato.

Imaginou que provavelmente se encontrava no esgoto do Halles e, se optasse pelo caminho da esquerda, seguindo o declive, em menos de quinze minutos chegaria a algum desaguadouro no Sena, entre a ponte au-Change e a ponte Neuf, ou seja, apareceria à luz do dia, no ponto mais populoso de Paris. Talvez em algum cruzamento movimentado. Pode-se imaginar o espanto das pessoas, vendo sair da terra, de sob seus pés, dois homens ensanguentados. Viriam policiais, alarme no corpo de guarda vizinho, e seriam presos antes mesmo de respirar o ar livre. Era melhor continuar no dédalo, confiar na escuridão e na Providência.

Escolheu subir o declive, virando à direita.

Depois de dobrar essa esquina da galeria, a claridade do respiradouro definitivamente desapareceu, o véu da escuridão tornou a cair e ele a andar às cegas. Nem por isso deixou de avançar, e o mais rapidamente que pôde. Tinha passado os dois braços de Marius em volta do pescoço e os pés do rapaz se arrastavam no chão.

Com uma das mãos segurava os braços, com a outra ia apalpando as paredes. A face de Marius tocava a sua, as duas coladas, por causa do sangue. Sentia correr e penetrar na sua roupa um líquido morno, que vinha de Marius. No entanto, o calor úmido na sua orelha, encostada na boca do ferido, indicava respiração e, consequentemente, vida. O corredor por onde seguiam agora era menos estreito do que o primeiro. O avanço se revelava bem difícil. As chuvas da véspera não tinham escoado de todo e formavam um pequeno riacho no centro do piso, obrigando-o a caminhar encostado à parede para não ter os pés o tempo todo encharcados. Prosseguiu assim, tenebrosamente, como um ser da noite tateando no invisível e subterraneamente perdido nas veias da sombra.

Pouco a pouco, porém, talvez por respiradouros distantes enviarem alguma luz, ou por seus olhos se acostumarem cada vez mais, ele começou a vagamente distinguir o que tinha em volta, tanto a parede em que tocava quanto a arcada sob a qual passava. A pupila dilata-se na escuridão e acaba por encontrar alguma luz, como a alma se dilata na infelicidade e acaba por encontrar Deus.

Orientar-se não era fácil.

O traçado dos esgotos reproduz, por assim dizer, o traçado das ruas logo acima. Na Paris de então havia duas mil e duzentas ruas. Que se imagine, debaixo delas, essa floresta de galhos tenebrosos que se chama esgoto. O sistema existente naquela época, disposto em linha reta, teria um comprimento de onze léguas. Já dissemos, mais acima, que a rede atual, graças à atividade especial dos últimos trinta anos, não tem menos de sessenta léguas.

Jean Valjean começou se equivocando. Julgou estar sob a rua Saint-Denis, mas infelizmente não estava. Por baixo da rua Saint-Denis há um velho esgoto, todo em pedra de cantaria, datando do tempo de Luís XIII e se dirigindo diretamente ao esgoto coletor chamado Grande Esgoto, com um único ângulo, à direita, na altura do antigo Pátio dos Milagres, e uma só ramificação, o esgoto Saint-Martin, cujos quatro braços se cortam em cruz. Mas o corredor da Petite-Truanderie, cuja entrada ficava próxima da taberna Corinto, nunca se comunicou com o subterrâneo da rua Saint-Denis, e dava no esgoto Montmartre, que era onde Jean Valjean se encontrava. Ali eram muitas as possibilidades de se perder. O esgoto Montmartre é um dos mais labirínticos da antiga rede. Felizmente Jean Valjean tinha deixado para trás o subsolo do Halles, com plano geométrico extremamente complicado, mas tinha pela frente algumas decisões complexas a tomar em várias esquinas de ruas — pois são ruas —, numa escuridão que era como um ponto de interrogação. Primeiro, à sua esquerda, o extenso esgoto Plâtrière, espécie de quebra-cabeça chinês, desenvolvendo e confundindo seu caos de T e de Z sob o palacete dos

Correios e sob a rotunda do mercado do trigo, até o Sena, onde ele desemboca em Y. Depois, à direita, o corredor curvo da rua do Cadran, com seus três dentes, que são três impasses. Em seguida, ainda à esquerda, o entroncamento do Mail, complicado, quase à entrada de uma espécie de garfo e seguindo, de zigue-zague em zigue-zague, até a grande cripta de despejo do Louvre, recortada e ramificada em todas as direções. Para terminar, outra vez à direita, o corredor sem saída da rua dos Jeûneurs. E isso sem contar os pequenos puxadinhos aqui e ali, antes de se chegar ao esgoto de cintura, único a poder levá-lo a alguma saída suficientemente distante para ser segura.

Se Jean Valjean tivesse alguma noção disso que acabamos de indicar, ele rapidamente perceberia, só de tatear a parede, não estar na galeria subterrânea da rua Saint-Denis. Em vez da velha pedra de cantaria, em vez da antiga arquitetura, altiva e monárquica até no esgoto, com piso e assentamentos correntes em granito e argamassa de cal gorda, ao preço de oitocentas libras a toesa, ele teria sentido na mão o baixo custo do contemporâneo, o expediente econômico, a pedra miúda banhada em argamassa hidráulica sobre camada de concreto que custa duzentos francos o metro e que a alvenaria burguesa denomina de "pequenos materiais". Mas ele nada sabia de tudo isso.

Caminhava em frente, tenso mas tranquilo, nada vendo nem sabendo, mergulhado no acaso, quer dizer, entregue à Providência.

Pouco a pouco, deve se dizer, ele foi se sentindo mais inquieto. A sombra reinante em volta penetra no espírito de qualquer um. É como caminhar num enigma, e esse aqueduto da cloaca, com seus cruzamentos vertiginosos, mostra-se assustador. É um tanto lúgubre estar preso nessa Paris de trevas. Jean Valjean era obrigado a encontrar e quase a inventar seu trajeto, sem ver. Nesse desconhecido, cada novo passo podia ser o último. Como escapar dali? Acharia uma saída? A tempo? A colossal esponja com alvéolos de pedra permitiria sua travessia? Não surgiria algum inesperado e tenebroso nó? Não chegariam ao inextricável e ao intransponível? Não morreriam, Marius de hemorragia e ele de fome? Não acabariam por se perder, deixando apenas seus esqueletos num canto daquela escuridão? Impossível qualquer afirmação. Ele fazia a si mesmo essas perguntas, sem encontrar resposta. O intestino de Paris é um precipício. Como o profeta, ele estava na barriga do monstro.

De repente, uma surpresa. No momento mais improvável, e sem ter cessado de caminhar em linha reta, reparou que já não subia; a água que corria batia nos seus calcanhares, em vez de vir ao bico dos sapatos. O esgoto descia. Por quê? Estaria

então, inesperadamente, chegando ao Sena? O risco era grande, mas recuar seria ainda mais perigoso. Continuou a avançar.

Não era para o Sena que estavam indo. Uma ligeira curvatura do solo de Paris, na margem direita, derrama uma das suas vertentes no Sena e outra no Grande Esgoto. O alto dessa curvatura, divisor das águas, traça uma linha bem caprichosa. O ponto culminante, que é também o lugar de separação dos escoamentos, fica, no esgoto Sainte-Avoye, para além da rua Michel-le-Comte; no esgoto do Louvre, perto dos boulevards; e, no esgoto Montmartre, perto do Halles. Era a esse ponto culminante que Jean Valjean tinha chegado. Dirigia-se para o esgoto de cintura: estava no bom caminho, mas não sabia.

Toda vez que surgia uma ramificação, ele passava a mão nas quinas e, se a nova abertura lhe parecesse mais estreita que o corredor em que se achava, não a tomava, mantendo-se na mesma rota, por perceber, com razão, que os corredores menos importantes terminariam num impasse, afastando-o da meta, que era chegar a uma saída. Ele soube, assim, evitar a quádrupla armadilha que lhe colocavam, no escuro, os quatro dédalos que enumeramos.

Num certo momento, Jean Valjean percebeu já não estar mais sob a parte de Paris paralisada pela revolta, na qual as barricadas tinham suprimido a circulação, mas que penetrava na Paris viva e normal — ou pelo menos em seu subsolo —, pois nitidamente sentiu, acima da cabeça, uma espécie de trovejar, longínquo mas contínuo. Era o rodar das carruagens.

Caminhava há mais ou menos meia hora, pelos seus cálculos, e não pensara em descansar; apenas mudava a mão com que segurava Marius. A escuridão era mais profunda que nunca, mas isso inclusive o tranquilizava.

De repente, viu à frente a sua própria sombra, projetada numa frouxa vermelhidão quase imperceptível, que vagamente purpurizava o piso a seus pés e a abóbada no alto, parecendo escorregar, de ambos os lados, pelas viscosas paredes do corredor. Estupefato, parou e voltou-se.

Atrás dele, no trecho já percorrido, a uma distância que pareceu imensa, flamejava, raiando a densa escuridão, uma espécie de astro terrível, que parecia olhar para ele.

Era a sombria estrela da polícia que despontava no esgoto.

Atrás daquela estrela agitavam-se, confusamente, oito ou dez vultos negros, hirtos, indistintos e terríveis.

II

Explicação

No dia 6 de junho, foi ordenada uma rigorosa busca nos esgotos. Receava-se que eles servissem de refúgio aos derrotados e o chefe de polícia Gisquet ficou encarregado de controlar a Paris oculta enquanto o general Bugeaud varria a Paris pública; dupla operação conexa, que exigia dupla estratégia da força pública, representada no alto pelo exército e embaixo pela polícia. Três pelotões de guardas e de trabalhadores dos esgotos exploraram a rede subterrânea de Paris, começando pela margem direita do Sena, depois a esquerda e, finalmente, a ilha da Cité.

Os guardas levavam carabinas, cassetetes, espadas e punhais.

O que naquele momento se aproximava de Jean Valjean era a lanterna da ronda na margem direita.

Essa ronda acabava de visitar a galeria curva e os três impasses sob a rua do Cadran. Enquanto ela perdia tempo em corredores sem saída, Jean Valjean tinha passado pela entrada daquela galeria que, mais estreita do que o corredor principal, foi deixada de lado. Os homens da ronda, ao saírem da galeria do Cadran, acharam ouvir um ruído de passos na direção do esgoto de cintura. E eram, com efeito, os passos de Jean Valjean. O sargento comandante da expedição havia levantado a lanterna e todos se esforçavam para enxergar alguma coisa na escuridão, do lado de onde partira o ruído.

Foi um minuto terrível para o fugitivo.

Felizmente, ele via bem a lanterna, mas ela não, pois era a fonte de luz e ele a sombra. Estavam ainda distantes e Jean Valjean se perdia na escuridão. Ele se protegeu contra a parede e parou.

Na verdade, não sabia muito bem o que se movia lá atrás. A insônia, a falta de alimento e as sucessivas emoções o haviam também feito passar a um estado visionário. Ele via um ponto flamejante e, em torno desse ponto, larvas. O que podia ser? Não compreendia, mas quando parou, o ruído cessou.

Os homens da ronda aguçaram o ouvido e, não ouvindo mais nada, além de também nada ver, fizeram-se perguntas.

Naquele ponto do esgoto de Montmartre, havia na época uma espécie de encruzilhada chamada de *serventia*, que foi em seguida eliminada, por causa de um

pequeno lago interno que se formava por ocasião das tempestades mais fortes. Foi nessa encruzilhada que a ronda parou.

Jean Valjean viu as larvas formarem uma espécie de círculo. Aquelas cabeças de cães de fila se aproximaram umas das outras e conversaram baixinho.

O resultado do conselho formado pelos cães de guarda foi de que se tinham enganado: não ouviram ruído algum, não havia ninguém por ali, sendo então inútil internarem-se no esgoto de cintura, pois perderiam tempo. Melhor seria tomar a direção de Saint-Merry, pois se houvesse algum *bousingot* republicano a farejar e prender, seria por lá.

De vez em quando os partidos recauchutam os velhos xingamentos. Em 1832, a palavra *bousingot* cumpria sua função entre "jacobino", já gasta, e "demagogo", ainda quase inusitada, mas que depois prestou excelentes serviços.

O sargento deu ordem de virar à esquerda, para a vertente do Sena. Se pensassem em se dividirem e caminharem em duas direções, teriam agarrado Jean Valjean. Foi por muito pouco. Mas é provável que instruções superiores proibissem a divisão da ronda, prevendo a possibilidade de combate, e com insurgentes numerosos. Seja como for, ela continuou seu caminho, deixando para trás o fugitivo. E ele próprio, de tudo isso, só percebeu o eclipse da lanterna, que subitamente se voltou para outro lado.

Por desencargo de consciência, antes de se afastar o sargento descarregou sua carabina na direção que abandonava e onde estava Jean Valjean. A detonação repercutiu de eco em eco pela cripta. Uma porção de caliça que caiu fez salpicar a água a poucos passos de Jean Valjean, indicando que a bala atingira a abóbada acima da sua cabeça.

Por algum tempo ressoaram pela galeria os passos vagarosos e comedidos da ronda, amortecidos cada vez mais pela distância. O grupo dos vultos negros foi se tornando confuso, flutuou e oscilou num clarão, criando na abóbada uma cinta avermelhada, que foi diminuindo até desaparecer. O silêncio e o escuro voltaram a ser totais, com a cegueira e a surdez tomando de novo posse das trevas, mas sem que Jean Valjean se atrevesse já a retomar seu caminho. Permaneceu por um bom tempo encostado na parede, com o ouvido atento, as pupilas dilatadas, vendo desvanecer-se a patrulha de fantasmas.

III

O homem seguido

Deve-se reconhecer que a polícia daquele tempo, mesmo nas mais graves conjunturas políticas, imperturbavelmente cumpria seus deveres de vigilância. A seu ver, uma revolta não era pretexto para deixar rédea solta aos malfeitores e se descuidar da sociedade pelo fato de o governo se achar em perigo. O serviço ordinário se mantinha corretamente por meio dos serviços extraordinários, sem que fosse de modo algum perturbado. Mesmo diante de um incalculável acontecimento político, e sob a pressão de uma possível revolução, sem se deixar distrair pela insurreição e pela barricada, um policial seguia a pista de um ladrão.

Era precisamente algo assim que ocorria na tarde de 6 de junho, à beira do Sena, na ribanceira da margem esquerda, pouco além da ponte dos Invalides.

Essa ribanceira já não existe hoje em dia. O aspecto do lugar mudou.

Ali, dois homens, a certa distância, pareciam reciprocamente se observar, mas sem que isso transparecesse. O que caminhava à frente tentava se afastar, o que ia atrás tentava se aproximar.

Era como uma partida de xadrez jogada a distância e silenciosamente. Nem um nem outro queria parecer apressado; caminhavam ambos devagar, como se cada um temesse, demonstrando pressa, que o outro dobrasse o passo.

Era como um predador seguindo a presa, mas sem dar mostras de fazer isso de caso pensado. A presa era matreira e tomava suas precauções.

As proporções que se imaginam entre a fuinha e o cão de caça eram observadas. O que tentava escapar parecia frágil e tinha aspecto pouco saudável, o que tentava agarrá-lo era alto, de forte e ameaçadora compleição.

O primeiro, sentindo-se mais vulnerável, evitava o segundo, mas fazia isso de modo extremamente violento. Quem pudesse observá-lo, veria nos seus olhos a sombria hostilidade da fuga e quanto o medo pode ser ameaçador.

O local era deserto; não havia vivalma, nem mesmo um barqueiro ou descarregador de lenha dos batéis amarrados aqui e ali.

Só se podia ver bem os dois homens do cais da outra margem; e quem os examinasse a essa distância descreveria o homem da frente como alguém nervoso, malvestido, suspeito, inquieto e tremendo de frio sob uma roupa de trabalho caindo aos pedaços. Já o outro, parecia mais clássico e oficial, com a sobrecasaca das autoridades abotoada até o pescoço.

O leitor provavelmente reconheceria os dois homens, se os visse mais de perto.

Qual era a intenção do perseguidor?

É possível que quisesse vestir o primeiro mais adequadamente.

Quando um homem vestido pelo Estado persegue outro, malvestido, é querendo também vesti-lo por conta do Estado. A diferença está apenas na cor do vestuário. Vestir-se de azul é ótimo; de vermelho bem menos. Há uma púrpura do alto e uma púrpura de baixo.

Era provavelmente do incômodo de uma púrpura desse último tipo que o homem da frente queria evitar.

O outro o deixava ir e não o agarrava logo, certamente por achar que, segundo todas as aparências, a presa se dirigia a um encontro significativo, talvez com algum grupo que valesse mais a pena. Essa operação delicada se chama "perseguição em surdina".

O que torna essa conjectura bastante provável é que o homem abotoado, vendo da encosta um fiacre que passava pelo cais, fez sinal ao cocheiro; que percebeu, entendeu do que se tratava, mudou de direção e começou a seguir a passo os dois homens, do alto do cais. Nada disto foi percebido pelo personagem equívoco e mal-ajambrado.

O fiacre rodava ao longo das árvores da área de Champs-Élysées. Acima do parapeito, via-se passar o busto do cocheiro, com o chicote na mão.

Uma das instruções secretas da polícia aos seus agentes, diz: "Tenha sempre por perto um carro de praça, para uma eventualidade."

Com cada um manobrando do seu lado, e numa estratégia irrepreensível, os dois homens se aproximaram de uma rampa que permitia aos cocheiros que vinham de Passy descer até a beira do rio, para darem de beber aos cavalos. Essa rampa foi mais tarde suprimida, pois quebrava a simetria. Os cavalos agora morrem de sede, mas o senso estético agradece.

Era possível que o homem andrajoso subisse essa rampa, a fim de tentar escapar pelos Champs-Élysées, com muitas árvores, mas também infestado de guardas e onde o outro facilmente conseguiria ajuda.

Esse ponto do cais não fica longe da casa trazida de Moret para Paris, em 1824, pelo coronel Brack, chamada casa de Francisco I. Muito próximo havia um corpo de guarda.

O homem perseguido, para grande surpresa do outro, não subiu a rampa por onde os cavalos iam beber. Continuou a caminhar pela beira do rio, ao longo do cais.

Sua posição tornava-se visivelmente crítica.

A menos que se lançasse no Sena, o que mais poderia fazer?

Já não tinha como subir ao cais, sem rampa nem escada, e se aproximava muito de uma curvatura do Sena, dando para a ponte de Iéna, onde a encosta se estreita cada vez mais e termina numa faixa que se perde na água. Ficaria ali irremediavelmente bloqueado entre o elevado muro à sua direita, o rio à esquerda e a autoridade nos seus calcanhares.

É verdade que o extremo da encosta ocultava-se à vista por um monte de entulho com seis ou sete pés de altura, produto de não se sabe qual demolição. Mas será que ele achava poder se esconder ali? Seria muita ingenuidade e a inocência dos ladrões não chega a tal ponto.

O monte de entulho formava à beira do rio uma protuberância que se prolongava como um promontório até a muralha do cais.

O homem perseguido passou por essa pequena colina e deixou de ser visto pelo outro. Se este não o via, também não era visto, e ele então aproveitou para deixar de lado a cautela e andar rápido. Logo chegou ao monte de entulho, ultrapassou-o e parou estupefato. Sua caça não estava ali. Eclipse total do malvestido.

A partir do monte de entulho, a encosta não ia além de uns trinta passos. Depois mergulhava na água, que batia no muro do cais.

O fugitivo não poderia ter se jogado no Sena nem escalado o paredão sem ser visto. Que fim tinha levado?

O homem da sobrecasaca abotoada foi até a extremidade e ali ficou por um momento, pensativo, punhos nervosos e olhar investigador. De repente bateu na testa. Acabava de ver, no lugar em que terminava a terra e começava a água, uma grade de ferro, larga, baixa e reforçada, com uma fechadura grande e três gonzos enormes. Essa grade, espécie de porta praticada na base do cais, abria-se tanto para o rio quanto para a encosta. Um regato escuro passava por baixo dela e desaparecia no Sena.

Para além das fortes barras enferrujadas, via-se uma espécie de corredor abobadado e escuro.

O homem cruzou os braços e examinou a grade com ar de repreensão.

Só olhar não bastou, então ele tentou empurrá-la e sacudi-la, mas a grade se manteve firme. Era provável que tivesse sido aberta e ele nada ouviu, o que parecia estranho, vindo de uma grade tão enferrujada. Depois fora novamente fechada, indicando que o sujeito usou não uma alavanca, mas uma chave.

Isso ficou claro para o homem, que se esforçava em abalar a grade, exclamando indignado:

— É demais! Uma chave do Estado!

Entretanto, tranquilizou-se imediatamente e exprimiu um mundo de ideias próprias com esta avalanche de monossílabos, num tom quase irônico:

— Ora, ora, ora, ora!

Depois disso, esperando não se sabe o que, talvez ver sair o homem ou entrar outros, postou-se de vigia atrás do monte de entulho, com a raiva paciente do cão de caça.

O fiacre, por sua vez, que acompanhava todos esses movimentos, estacionara logo acima, junto do parapeito. O cocheiro, prevendo demorada espera, meteu no focinho dos cavalos o saco de aveia úmida, tão conhecido dos parisienses e nos quais o governo, diga-se entre parênteses, às vezes faz o mesmo. Os raros transeuntes da ponte de Iéna, antes de continuarem seu caminho, viravam a cabeça para ver, por um momento, aqueles dois detalhes imóveis da paisagem: o homem na encosta e o fiacre no cais.

IV

Também ele leva a sua cruz

Jean Valjean continuou seu caminho e não voltou mais a parar.

O avanço era cada vez mais difícil. O nível daquelas abóbadas varia; a altura média é de aproximadamente cinco pés e seis polegadas, calculada para a estatura de um homem: Jean Valjean era obrigado a curvar-se, para evitar que Marius batesse no teto. Frequentemente precisava abaixar-se e depois endireitar-se, sem deixar de acompanhar com a mão as paredes. A umidade das pedras e a viscosidade do piso não ofereciam bons pontos de apoio para as mãos nem para os pés. Ele a cada passo escorregava nos horríveis dejetos da cidade. Os reflexos intermitentes de respiradouros apareciam a intervalos bem longos e tão fracos que o pleno sol parecia um luar, mas sem esses momentos tudo era bruma, miasma, opacidade, negror. Ele tinha fome e sede, sobretudo sede. Estava como no mar, cercado de água, mas sem poder beber. A sua força física, que era prodigiosa, como sabemos, e pouco abatida pela idade, graças a uma vida casta e sóbria, começava contudo a diminuir. O cansaço chegava e a queda de energia fazia parecer maior o peso do fardo. Marius,

que talvez estivesse morto, pesava como pesam os corpos inertes. Jean Valjean o carregava de maneira a não pressionar seu tórax, para que a respiração pudesse se fazer da melhor forma. Entre seus pés ele sentia a corrida rápida dos ratos. Um deles, de susto, chegou a mordê-lo. De vez em quando, pelas canaletas dos bueiros, um sopro de ar fresco o reanimava.

Seriam três horas da tarde quando chegou ao esgoto de cintura.

Ele primeiro se espantou com o súbito alargamento. Viu-se de repente numa galeria, cujas paredes não alcançava ao mesmo tempo com os dois braços estendidos, e sob uma abóbada em que não tocava com a cabeça. O Grande Esgoto, de fato, tem oito pés de largura e sete de altura.

No ponto em que o esgoto de Montmartre se liga ao Grande Esgoto, há uma encruzilhada formada por outras duas galerias subterrâneas, a da rua de Provence e a do Abattoir. Qualquer um menos observador ficaria indeciso entre aqueles quatro caminhos, mas Jean Valjean escolheu o mais amplo, que era o esgoto de cintura. Só que novamente se apresentava a dúvida: descer ou subir. Considerou que a situação não podia mais demorar, sendo preciso, a todo custo, chegar ao Sena, ou, noutros termos, descer. Optou pela esquerda.

Fez bem, pois seria um grande erro supor duas saídas para o esgoto de cintura, uma para Bercy, outra para Passy, já que se trata, como o seu nome indica, do cinto subterrâneo da margem direita de Paris. Lembremos que o Grande Esgoto, na verdade, é o antigo riacho Ménilmontant e chega, se o subirmos, a um impasse, isto é, ao seu antigo ponto de partida, que foi a sua nascente, na base da colina de Ménilmontant. Ele só se comunica diretamente com o entroncamento que recolhe as águas de Paris a partir do bairro de Popincourt, e se joga no Sena pelo esgoto Amelot, acima da antiga ilha Louviers. Esse entroncamento, que completa o esgoto coletor, dele se separa sob a própria rua Ménilmontant, por um maciço divisor de águas. Se Jean Valjean tivesse subido a galeria, chegaria agonizante, depois de mil esforços e exausto de fadiga, no meio das trevas, a uma parede; e seria o seu fim.

A bem dizer, se ele voltasse um pouco e tomasse o corredor de Filles-du-Calvaire, à condição de não hesitar diante do garfo subterrâneo da encruzilhada Boucherat e fosse pelo corredor Saint-Louis, para depois, à esquerda, seguir pela tripa Saint-Gilles e, em seguida, virando à direita e evitando a galeria Saint-Sébastien, alcançar o esgoto Amelot, de lá, se não se perdesse na espécie de F que existe sob a Bastilha, chegaria ao Sena, num ponto depois do Arsenal. Mas para isso ele precisaria conhecer a fundo, com todas suas ramificações e entradas, a enorme madrépora do esgoto. No entanto, devemos insistir, ele nada sabia da horripilante

rede por onde caminhava e, se alguém lhe perguntasse onde ele estava, a resposta certamente seria: na noite.

Mas o seu instinto funcionou bem. Descer era, de fato, uma salvação possível.

Ele deixou à direita os dois corredores, que se ramificavam em forma de garra por baixo das ruas Laffitte e Saint-Georges, e o comprido corredor bifurcado da *chaussée* d'Antin.

Pouco além de um confluente, que segundo todas as probabilidades era o ramal da Madeleine, ele parou. Sentia-se muito fraco. Um respiradouro bastante largo, provavelmente o da rua de Anjou, dava uma luz quase viva. Jean Valjean, com a delicadeza que teria alguém com um irmão ferido, deitou Marius na banqueta do esgoto. O rosto ensanguentado parecia, à claridade que vinha daquela abertura, estar no fundo de um túmulo: tinha os olhos fechados, os cabelos empastados nas têmporas, as mãos pendentes e inertes, os membros frios, com sangue coagulado nos cantos da boca. No laço da gravata tinha se juntado sangue seco; a camisa penetrava nas feridas, o pano da casaca arranhava os cortes em carne viva. Afastando a roupa com as pontas dos dedos, Jean Valjean aplicou a palma da mão no peito do rapaz; o coração ainda batia. Ele rasgou a camisa, ligou o melhor que pôde as feridas e estancou o sangue que corria. Depois, debruçando-se sobre o jovem, imóvel e quase sem alento naquela claridade baça, olhou-o com inenarrável ódio.

Desabotoando e afastando a roupa de Marius, ele encontrou nos bolsos duas coisas: o pedaço de pão esquecido desde a véspera e uma carteira. Comeu o pão e abriu a carteira. Logo na primeira página achou quatro linhas escritas por Marius. Como devem lembrar-se, elas diziam:

"Chamo-me Marius Pontmercy. Levem meu cadáver para a casa de meu avô, sr. Gillenormand, na rua das Filles-du-Calvaire, nº 6, no Marais."

Jean Valjean leu à claridade do respiradouro essas quatro linhas e permaneceu um momento como que absorto, repetindo baixinho: rua das Filles-du-Calvaire, nº 6, sr. Gillenormand. Depois tornou a meter a carteira no bolso de Marius. Como tinha comido, recuperara alguma força. Voltou a pegar o ferido, apoiou com cuidado a cabeça no seu ombro direito e continuou a descer pelo esgoto.

O Grande Esgoto, seguindo o talvegue do riacho Ménilmontant, tem quase duas léguas de comprimento. É pavimentado boa parte do seu percurso.

Essa diretiva do nome das ruas de Paris, com que iluminamos o leitor na marcha subterrânea de Jean Valjean, ele próprio não tinha. Nada indicava qual trecho da cidade ele atravessava nem qual trajeto havia feito. Somente a crescente palidez da luz, que de vez em quando aparecia, mostrava que o sol se retirava e o dia não demoraria a declinar. Junto a isso, o rumor dos carros acima da sua cabeça, passando

de contínuo a intermitente, para depois quase cessar, o fez concluir que não estava mais sob a parte central de Paris e se aproximava de alguma região solitária, próxima aos boulevards externos ou dos cais extremos. Onde há menos imóveis e menos ruas, o esgoto tem menos respiradouros.

A escuridão tornava-se em volta cada vez mais espessa, mas nem por isso Jean Valjean deixou de avançar, tateando a sombra.

E essa sombra tornou-se de repente terrível.

V

Na areia, assim como na mulher, há certa finura pérfida

Ele sentiu que entrava na água e tinha sob os pés não mais o calçamento e sim a vasa.

Acontece às vezes, em certas costas da Bretanha ou da Escócia, que alguém — um viajante ou pescador —, caminhando na vazante pela praia e afastando-se da terra firme, comece de repente a notar que já há alguns minutos ficou mais difícil andar. O terreno sob seus pés parece pegajoso, as solas dos sapatos ficam presas. Não é mais areia, é visco. A praia está enxuta, mas a cada passo, mal se levanta o pé, enche-se de água a sua pegada. O olho, aliás, não percebe mudança alguma, a imensa praia parece igual e tranquila, a areia mostra o mesmo aspecto, nada diferencia o terreno firme anterior deste de agora. A alegre nuvenzinha de pulgas-do-mar continua a saltitar em tumulto nos pés de quem passa. A pessoa segue em frente, volta a tomar a direção da terra firme, se afastando do mar. Não se preocupa. Preocupar-se com o quê? Mas sente algo que faz seus pés parecerem mais pesados a cada passo. De repente, ela afunda duas ou três polegadas, de uma só vez. Realmente, não era o melhor caminho; ela para, tentando se orientar. Mas olha os próprios pés; eles desapareceram sob a areia. Com esforço, ela puxa um deles, quer voltar atrás, mas enterra-se ainda mais. A areia chega-lhe ao tornozelo. Puxa novamente um pé e toma mais para a esquerda, mas a areia chega à panturrilha; volta-se para a direita e a areia se aproxima dos joelhos. A pessoa então reconhece, com indizível terror, que se acha num bolsão de areia movediça, um alagado em que

o homem não pode andar nem o peixe nadar. É preciso desfazer-se dos objetos pesados, como qualquer navio em perigo; mas já é tarde, a areia tranquilamente já lhe paralisa os joelhos.

A pessoa nessa situação chama por socorro, agita o chapéu ou o lenço, mas a areia a engole cada vez mais. Se o local for deserto, se a terra firme estiver muito longe, se o banco arenoso tiver má fama e se não houver heróis nas imediações, acabou-se tudo para a infeliz, condenada a uma terrível agonia. Não terá como evitar a horrível submersão. Está condenada a ser enterrada viva, de forma espantosa e demorada, infalível e implacável, impossível de se retardar ou apressar, que dura horas, não mata logo e traga um corpo livre e em perfeita saúde, puxando-o pelos pés, cada vez mais, a cada esforço que se tenta, a cada grito que se solta. Toda resistência é punida por um maior estreitamento do abraço, que faz a pessoa lentamente entrar na terra, deixando todo tempo do mundo para que ela olhe em volta o horizonte, as árvores, os verdes campos, a fumaça das casas distantes, as velas dos navios no mar, os pássaros que voam e cantam, o sol, o céu. Tal submersão é o sepulcro que se transforma em maré e sobe do fundo da terra. Cada minuto é um afundar inexorável. O infeliz tenta se sentar, se deitar, se arrastar, cada movimento o enterra mais. Se ele se põe ereto, afunda. Sente estar sendo devorado, grita, implora, grita para as nuvens, contorce os braços, se desespera. Está preso na areia até a barriga. A areia depois chega ao peito; quem afunda passa a ser um busto. Ergue as mãos, lança gemidos furibundos, procura em volta onde enfiar as unhas, quer se agarrar ao que for, apoia-se nos cotovelos para tentar sair daquela massa molenga, chora freneticamente; a areia só faz subir. Ela afinal chega aos seus ombros, alcança o pescoço; já não se vê senão o rosto. A boca se abre e a areia a invade. Os olhos ainda veem, mas a areia os fecha; cai a noite. Depois vai desaparecendo a fronte, acima da superfície dançam ainda algumas mechas de cabelo. Uma das mãos sai, fura a camada lisa, move-se, agita-se e some. Sinistro desaparecimento de uma pessoa.

Algumas vezes um cavaleiro é sorvido com o cavalo; outras, o carreteiro com o carro; tudo afunda nessa areia. É um naufrágio sem ser na água. É a terra afogando o homem. A terra, confundindo-se com o oceano, se torna armadilha. Oferece-se como planície e abre-se como o mar. O abismo tem dessas traições.

Essa fúnebre aventura, possível nesta ou naquela praia do litoral, há trinta anos podia acontecer também no esgoto de Paris.

Antes dos importantes trabalhos começados em 1833, a rede subterrânea era sujeita a súbitas depressões.

A água infiltrava-se em certos terrenos subjacentes, particularmente permeáveis. O piso, de pedra como no esgoto mais antigo, ou de cal hidráulica como nas novas galerias, sem apoios, cedia. Esse afundamento, num chão desse tipo, abre uma fenda e gera desabamentos. O piso desabava numa certa extensão. Esse sumidouro aberto chamava-se, na linguagem especializada, *fontis.* O que vem a ser um *fontis*? É a areia movediça da beira-mar, encontrada de repente debaixo da terra; é a praia do monte Saint-Michel no esgoto. O solo, encharcado, está como em fusão; todas as suas moléculas se encontram em suspensão, num meio flácido; não é terra e não é água. Algumas vezes, com grande profundidade. Nada pior de se ter pela frente. Se a dominante for a água, a morte é rápida, por afogamento; se for a terra, a morte é lenta, por afundamento.

Pode-se imaginar semelhantes mortes? Se já é apavorante numa praia, torna-se ainda pior numa cloaca. Em vez do ar livre, da luz do dia, do sol, de um extenso horizonte, dos vastos ruídos, das livres nuvens que distribuem vida, dos barcos visto ao longe, da esperança sob todas as formas, dos eventuais passantes podendo até o último minuto trazer socorro; em vez de tudo isso, a surdez, a cegueira, uma abóbada negra, um interior de túmulo já preparado, a morte no lodo sob uma tampa! A lenta asfixia pela imundície, uma caixa de pedra em que uma arrastada sufocação estende sua garra na lama e o prende pela garganta. A fetidez misturada ao estertor, a vasa no lugar da praia, o hidrogênio sulfuroso no lugar do vento, o lixo no lugar do oceano! Chamar, ranger os dentes, contorcer-se, debater-se e agonizar com essa cidade enorme logo acima da nossa cabeça e que nada sabe!

Inexprimível horror, semelhante morte! A morte às vezes procura compensar sua atrocidade com certa terrível dignidade. Na fogueira, no naufrágio é possível alguma grandeza; nas labaredas ou na espuma do mar pode-se ter uma atitude admirável, a pessoa pode se transfigurar no desaparecimento. Mas não aqui. Trata-se de uma morte suja. É humilhante expirar. As supremas visões fluidas são abjetas. Lama é sinônimo de vergonha. É algo pequeno, feio, infame. Morrer num tonel de vinho, como Clarence, é aceitável, mas no fosso do limpador de lama, como Escoubleau, é abjeto. Debater-se ali é horrível, uma agonia em que se chafurda. Há trevas suficientes para que pareça o inferno e lama o bastante para que seja apenas um lamaçal: quem morre não sabe se vai se tornar espectro ou sapo.

Em qualquer lugar, o sepulcro é sinistro, no lodaçal, é disforme.

A profundidade dos *fontis* variava, assim como o comprimento e a densidade, de acordo com a qualidade do subsolo. Um *fontis* podia ter três ou quatro pés de altura, algumas vezes oito ou dez, mas também se podia não encontrar o fundo. Em alguns a vasa era quase sólida, em outros quase líquida. No *fontis* Lunière, um homem

levaria um dia inteiro para desaparecer, enquanto no Phélippeaux seria tragado em cinco minutos. A vasa se comporta segundo sua maior ou menor densidade. Uma criança pode se salvar e um adulto morrer. A primeira regra é se livrar de todo peso extra. Abandonar seu saco de ferramentas, sua alcofa, seu cocho é o que imediatamente fazia qualquer trabalhador dos esgotos assim que sentia o chão ceder a seus pés.

O *fontis* tinha causas diversas: permeabilidade do solo; alguma movimentação da terra a uma profundidade fora da percepção do homem; violentas chuvas de verão; aguaceiro persistente de inverno; demoradas chuvas finas. Eventualmente o peso dos prédios em volta, num terreno com muita marga ou muita areia, abalava as arcadas das galerias subterrâneas e as empenava, ou podia o piso se partir e rachar, sob esse forte aumento de pressão. A construção do Panthéon abalou dessa maneira, há um século, algumas caves na área de Sainte-Geneviève. Quando um esgoto cedia sob a pressão dos prédios, a desordem, em certas ocasiões, se traduzia na superfície da cidade por uma espécie de afastamento dentado entre as pedras da pavimentação e esse rasgão se estendia, em linha serpenteante, ao longo de toda a abóbada fissurada. Sendo visível o mal, o remédio podia ser rápido. Mas às vezes o estrago interior nada revelava externamente. Nesse caso, pobres dos trabalhadores do esgoto. Se entrassem sem precaução num ponto que cedia, podia ser a perdição para eles.

Os antigos registros mencionam alguns casos de vítimas dos *fontis*. Citam vários nomes, entre os quais o de um trabalhador que afundou numa depressão, sob a rua Carême-Prenant, chamado Blaise Poutrain. Esse Blaise Poutrain era irmão de Nicolas Poutrain, que foi o último coveiro do cemitério conhecido como *charnier des Innocents*, em 1785, data da morte desse cemitério.

Teve também a mesma sorte o jovem e galante visconde d'Escoubleau, que já mencionamos, um dos heróis do cerco de Lérida, do qual participou com meias de seda e pensando em violinos. D'Escoubleau, surpreendido certa noite na casa de sua prima, duquesa de Sourdis, afogou-se numa depressão do esgoto Bautrellis, no qual se refugiara para escapar do duque. A sra. De Sourdis, ao saber dessa morte, pediu seu frasquinho e esqueceu-se de chorar à força de respirar seus sais. Não há amor que sobreviva a semelhante morte; a cloaca impede qualquer sentimento. Hero se recusa a lavar o cadáver de Leandro. Tisbe tapa o nariz diante de Píramo e diz: "Eca!"

VI

O *fontis*

Jean Valjean estava diante de um *fontis*, um desses sumidouros de que acabamos de falar.

Na época, esse tipo de depressão do terreno era frequente no subsolo da região de Champs-Élysées, de difícil manejo para os trabalhos hidráulicos e complicando a conservação das construções subterrâneas, dada sua excessiva fluidez. Uma fluidez superior inclusive à inconstância das areias do bairro Saint-Georges, que só pôde ser remediada graças a uma fixação sobre concreto, e das camadas gredosas, infectadas de gás, do bairro de Martyrs, tão líquidas que a abertura só se fez por meio de uma tubulação de ferro fundido. Em 1836, quando demoliram, para reconstrução, o que havia debaixo do bairro de Saint-Honoré — o velho esgoto de pedra que era onde, justamente, Jean Valjean se encontrava naquele momento —, a areia movediça, que forma o subsolo de Champs-Élysées até o Sena, foi um problema, prolongando por seis meses a operação, o que gerou muita reclamação por parte dos moradores, sobretudo dos palacetes, que não podiam ter acesso às suas casas com suas carruagens. Os trabalhos não foram apenas difíceis, foram perigosos. Mas é verdade também que coincidiram com quatro meses e meio de chuva e três enchentes do Sena.

O *fontis* que Jean Valjean encontrou se criara com a chuva da véspera. A pavimentação mal sustentada pela areia subjacente cedeu, produzindo um ponto de entrada para as águas pluviais. A partir dessa infiltração, aconteceu o afundamento. O piso, deslocado, deslizou na vasa. Por qual extensão? Impossível dizer. A escuridão ali era mais densa do que em qualquer outro ponto. Tratava-se de um buraco de lama, numa caverna de trevas.

Jean Valjean sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés. Entrou no lodaçal. Era água na superfície e, no fundo, vasa. Mas era preciso atravessar. Voltar atrás era impossível. Marius estava agonizante e ele próprio exausto. E, aliás, para onde iria? Então, seguiu em frente. Além disso, dados os primeiros passos, o charco pareceu pouco profundo. À medida, porém, que avançava, sentia mergulhar mais os pés. Em pouco tempo tinha vasa até a metade da perna e água acima dos joelhos. Procurava erguer Marius o máximo que podia, com ambos os braços. A vasa chegava já às panturrilhas e a água, à cintura. Já não podia recuar e descia cada vez mais. A vasa, bastante densa para o peso de um homem, não podia, evidentemente, suportar o de

dois. Jean Valjean continuou a avançar, levando às costas o moribundo, que talvez já fosse um cadáver.

A água chegava às suas axilas e só com muito custo era possível mover-se em tanto lodo. A densidade, que o sustentava, era também obstáculo. Ele continuava a erguer Marius ao máximo, mas, apesar de um enorme gasto de força, os dois afundavam. Já não tinha fora d'água senão a cabeça e os braços, erguendo Marius. Numa velha pintura mostrando o dilúvio, vê-se uma cena assim, com a mãe carregando o filho.

Afundando sempre, ele inclinou a cabeça para trás, a fim de afastar a boca da água e poder respirar. Quem o visse naquela escuridão, acharia ser uma máscara flutuando no vazio, mas ele vagamente percebia, acima da sua, a cabeça pendente e o rosto lívido de Marius. Com um esforço desesperado, Jean Valjean moveu um pé para a frente e topou em algo que se mostrou sólido: um ponto de apoio. Era tempo.

Endireitou-se e se lançou numa espécie de fúria até aquele ponto de apoio, que pareceu ser o primeiro degrau de uma escada para voltar à vida.

Aquele ponto de apoio, encontrado na vasa no momento supremo, era o começo da outra vertente do piso, que cedera sem se partir, curvando-se debaixo d'água como uma tábua e numa só peça. As pavimentações bem-feitas vergam e podem se manter firmes. Aquele fragmento do piso, em parte submerso, mas sólido, formava uma verdadeira rampa e, uma vez ali, ele estava salvo. Jean Valjean subiu por esse plano inclinado e chegou ao outro lado do charco.

Ao sair da água bateu numa pedra e isso o fez cair de joelhos. Achou ser justo e assim permaneceu por algum tempo, com a alma entregue a não se sabe qual conversa com Deus.

Tornou a erguer-se, trêmulo, gelado, infecto, curvado sob o peso do moribundo que ele arrastava escorrendo lama, mas com a alma iluminada por uma estranha luz.

VII

Às vezes encalha-se onde se julga desembarcar

Mais uma vez pôs-se Jean Valjean a caminho.

É verdade que não tinha deixado a vida no *fontis*, mas sua impressão era a de ter deixado ali toda a sua força. O cansaço era tamanho que de três em três ou de quatro em quatro passos via-se obrigado a tomar fôlego, encostando-se à parede. Uma vez precisou se sentar na banqueta para mudar Marius de posição e achou que ali ficaria. O vigor estava morto, mas não a energia. Ele se levantou.

Começou a andar em desespero, quase rápido, deu uns cem passos sem erguer a cabeça, mal respirando, e de repente bateu na parede. Tinha chegado a uma esquina do esgoto e, da maneira como vinha, foi direto ao muro. Ergueu os olhos: na extremidade do subterrâneo à sua frente, longe, havia claridade. Não era a luz assustadora de antes, era a boa e branca luz. Era o dia.

Jean Valjean via a saída.

A alma perdida que, de dentro do forno, visse de repente a saída da geena, sentiria o que sentiu Jean Valjean. Essa alma afoitamente voaria, com o toco restante das suas asas queimadas, para a porta radiante. Jean Valjean deixou de sentir o cansaço e o peso de Marius, recuperou seus jarretes de aço e passou mais a correr do que propriamente a caminhar. À medida que se aproximava, desenhava-se a saída mais distintamente. Era em forma de arco, mais baixo que a abóbada, que ia também descendo gradualmente, e menos largo que a galeria, que igualmente se estreitava, acompanhando a abóbada que descia. O túnel terminava em funil, num estreitamento insensato, copiado das prisões, onde isso se justifica, mas bastante ilógico num esgoto. Esse detalhe, aliás, foi corrigido depois.

Jean Valjean chegou à saída.

Ali, parou.

Era, com efeito, a saída, mas pela qual não se saía.

O arco estava fechado por uma fortíssima grade, e esta, que segundo todas as aparências girava raras vezes seus gonzos oxidados, estava presa à ombreira de pedra por uma sólida fechadura que, vermelha de ferrugem, parecia um enorme tijolo. Via-se o buraco da chave e a forte lingueta profundamente embutida em seu encaixe de ferro, à dupla volta. Era uma daquelas fechaduras de bastilha, frequentes na Paris antiga.

Do outro lado da grade, o ar livre, o rio, o dia e a encosta, estreitíssima, mas suficiente para chegar aos cais distantes e a Paris, onde é tão fácil se esconder, com suas amplas perspectivas; a liberdade. Via-se à direita, descendo o Sena, a ponte de Iéna, e à esquerda, subindo, a dos Invalides. O lugar era propício para esperar a

noite e fugir. Um dos pontos mais solitários de Paris, à beira do rio, de frente para o Gros-Caillou. As moscas entravam e saíam entre as barras da grade.

Seriam umas oito e meia da noite; ainda escurecia.

Jean Valjean deixou Marius no chão, encostado à parede e num ponto enxuto do piso, foi direto à grade e agarrou com as duas mãos os varões. A sacudida foi frenética, mas o abalo foi nulo. A grade não se moveu. Ele experimentou uma barra de cada vez, esperando poder arrancar a menos sólida e usá-la como alavanca para levantar a porta ou quebrar a fechadura. Nada. Os dentes de um tigre não estariam mais firmes nos seus alvéolos e, sem alavanca, não teria como mover o obstáculo, que se mostrava invencível. Não havia meio de abrir a porta.

Acabaria ali? O que fazer? Que decisão tomar? Voltar atrás, recomeçar o medonho trajeto já percorrido? Não se sentia com forças para isso. Como atravessar de novo aquele charco de onde só por milagre havia saído? E depois do charco, não havia aquela ronda da polícia, da qual dificilmente se escapa duas vezes? Além disso, para onde iria? Que direção deveria tomar? Seguir o declive não significava sair dali. Chegaria a outra saída e ela estaria fechada por uma tampa ou uma grade. Todas estariam, com certeza, fechadas do mesmo modo. Por acaso a grade pela qual havia entrado estava solta, mas, evidentemente, as outras não. Ele conseguira se evadir, mas para cair numa prisão.

Era o fim. Todo aquele esforço tinha sido inútil, tanta exaustão para chegar ao fracasso.

Estavam ambos presos na sombria e imensa teia da morte e Jean Valjean sentia correr pelos seus negros fios, estremecendo no meio das trevas, a terrível aranha.

Virou as costas para a grade e caiu no chão, mais prostrado do que sentado, perto de Marius, que continuava imóvel. Deixou a cabeça cair sobre os joelhos. Não tinha saída. Era a última gota da agonia.

E em quem ele pensava, dentro de tão profundo abatimento? Não em si nem em Marius. Pensava em Cosette.

VIII

A aba da casaca rasgada

Naquele aniquilamento, Jean Valjean sentiu um toque no ombro e ouviu lhe dizerem em voz baixa:

— Partes iguais.

Haveria alguém naquela sombra? Nada se parece tanto com o sonho quanto o desespero, e Jean Valjean imaginou estar sonhando. Não ouvira passos. Seria possível? Ergueu os olhos.

Um homem estava à sua frente.

Vestia uma blusa de trabalho e estava descalço, com os sapatos na mão esquerda. Era evidente que os descalçara para se aproximar sem ser notado.

Jean Valjean não teve um só momento de hesitação. Por mais imprevisto que fosse o encontro, reconheceu imediatamente quem estava ali.

Era Thénardier.

Mesmo tendo sido desperto, por assim dizer, com um susto, mas habituado a isso e aos golpes inesperados do destino, aos quais é necessário reagir rápido, Jean Valjean imediatamente recuperou a presença de espírito. A situação, aliás, não podia piorar e nem o próprio Thénardier teria como agravar a sua aflição naquele momento.

Houve um instante de expectativa.

O recém-chegado ergueu a mão direita à altura da testa, para quebrar a contraluz, depois franziu as sobrancelhas piscando os olhos, o que, com ligeira contração da boca, caracteriza o esforço de alguém que tenta reconhecer o outro. Não conseguiu. Como já dissemos, Jean Valjean estava de costas para a claridade e, além disso, tão desfigurado, coberto de lama e ensanguentado que, mesmo à luz do meio-dia, seria difícil reconhecê-lo. Thénardier, pelo contrário, de frente para a luz que vinha da grade, numa lívida iluminação de subsolo, é verdade, mas precisa em sua lividez, saltou imediatamente, como diz a enérgica metáfora, aos olhos de Jean Valjean. Essa desigualdade de condições bastava para garantir alguma vantagem a quem ainda podia se manter incógnito, no misterioso duelo que se travaria entre as duas situações e os dois homens. Um confronto entre um mascarado e um desmascarado.

Jean Valjean imediatamente percebeu que o outro não o reconhecia.

Observaram-se por um momento na penumbra, como se mutuamente se medissem. Thénardier foi o primeiro a romper o silêncio.

— O que vai fazer para sair?

Jean Valjean não respondeu.

O outro prosseguiu:

— É impossível abrir a grade; mas é preciso sair daqui.

— É verdade — concordou Jean Valjean.

— Pois bem, partes iguais.

— O que quer dizer?

— Você matou o homem, ótimo. E eu tenho a chave.

Thénardier apontou para Marius e continuou:

— Não o conheço, mas quero ajudar. Deve ser um amigo.

Jean Valjean começou a compreender. Estava sendo tomado por assassino.

— Ouça, camarada — tornou Thénardier. — Você não matou esse homem sem ver o que ele tinha nos bolsos. Se me der a metade, abro a porta.

E tirando uma enorme chave, acrescentou:

— Quer ver como é feita a chave da liberdade? É esta aqui.

Jean Valjean "quedou-se estupidificado", como diria o velho Corneille, a ponto de duvidar da realidade do que via. Era a Providência se mostrando horrível e o bom anjo saindo da terra, sob a forma de Thénardier.

O bandido meteu a mão num grande bolso sob a roupa e tirou dele uma corda, que ofereceu a Jean Valjean.

— Pegue — disse ele —, ainda por cima dou a corda.

— Uma corda? Para quê?

— Precisa também de uma pedra, mas vai encontrar lá fora. Logo à saída tem um grande monte de entulho.

— E para que preciso de uma pedra?

— Imbecil! Se vai jogar o defunto no rio, precisa de uma corda e uma pedra, senão fica boiando.

Jean Valjean pegou a corda. Não há quem não aceite automaticamente o que lhe dão.

Thénardier estalou os dedos, como subitamente acometido por uma ideia.

— É verdade, camarada, como, diabos, atravessou o charco? Não me atrevi. Argh! Você está fedendo um bocado! Estou fazendo perguntas e você tem razão em não responder. Serve como treino para os malditos quinze minutos de interrogatório judicial. Além disso, calado a gente não corre o risco de falar alto demais. Tanto faz, mas é um erro achar que não sei quem é, só por não ver sua cara nem saber o seu nome. Tudo certo. Quebrou um bocado o cavalheiro e agora precisa enfiá-lo em algum lugar. O rio está aí para isso, é o grande tapa-tolices. Vou tirá-lo do aperto, gosto de ajudar um bom sujeito no trabalho.

Ao passo que aprovava o silêncio do outro, ele claramente queria fazê-lo falar. Empurrou-lhe o ombro, tentando ver o perfil.

— E por falar no charco, és um grandíssimo animal! — exclamou ele, sem sair do tom mediano em que mantinha a voz. — Por que não jogou o homem ali?

Jean Valjean se manteve silencioso.

Thénardier prosseguiu, subindo até o pomo de adão o trapo que lhe servia de gravata, gesto que completa a imagem de grande capacidade de um homem sério:

— Na verdade, acho que fez bem. Os operários, vindo amanhã tapar o buraco, achariam o fulano deixado ali e depois, fio a fio, passo a passo, poderiam chegar a você. Alguém passou por aqui. Quem? Por onde saiu? A polícia é cheia de astúcias. O esgoto não é confiável, ele denuncia. Um tal achado é raridade que atrai a atenção; pouca gente se serve deste lugar para os seus negócios, ao passo que o rio é de todos. O rio é a verdadeira vala comum. No fim de um mês o homem é pescado nas redes de Saint-Cloud. Quem se importa? É só um defunto! Quem matou? Paris. E a justiça nem se interessa. Você pensou certo.

Quanto maior a loquacidade de um, mais profundo era o silêncio do outro. Thénardier sacudiu novamente o ombro de Jean Valjean:

— Vamos concluir o negócio. Já viu a minha chave, mostre o dinheiro.

Ele era brusco, feroz, suspeito e um tanto ameaçador, mas apesar disso amigável.

Notava-se em toda essa cena uma coisa estranha; os modos de Thénardier não eram diretos; ele se mostrava pouco à vontade. Mesmo sem querer parecer misterioso, falava baixo e, de vez em quando, punha o dedo na boca e fazia sinal de silêncio. Não se via por quê. Além dos dois não havia mais ninguém ali. Jean Valjean achou que talvez outros bandidos estivessem em algum canto por perto e Thénardier não quisesse dividir com os demais o que conseguiria.

Ele continuou:

— Acabemos com isso. Quanto o cara tinha nas profundezas?

Jean Valjean meteu as mãos nos bolsos.

Como se sabe, ele costumava ter sempre dinheiro à mão. Na sombria vida a que estava condenado, isso era imprescindível. Ali, no entanto, tinha muito pouco. Vestindo na noite anterior a farda de guarda nacional, esquecera-se, lugubremente pensativo como estava, de pegar a carteira. Tinha apenas algum dinheiro no bolso do colete. Voltou-o de dentro para fora, cheio de lama, e colocou na banqueta do piso um luís de ouro, duas moedas de cinco francos e uns soldos em cobre.

Thénardier estendeu o beiço inferior e fez um movimento de pescoço significativo.

— Matou por bem pouco.

Em seguida começou a revistar, com toda a familiaridade, os bolsos dos dois homens. Jean Valjean, preocupado sobretudo em se manter de costas para a

claridade, não se opôs. Ao revistar Marius, Thénardier, com sua destreza de gatuno, arranjou como arrancar e esconder uma tira da casaca, achando provavelmente que isso poderia, mais tarde, servir para reconhecer o assassinado e o assassino. Além disso, aliás, nada mais achou senão os trinta francos.

— É verdade — resignou-se ele —, não há mesmo mais do que isto.

E esquecendo sua proposta de "partes iguais", ficou com tudo. Hesitou ainda um momento diante das moedas de cobre, mas acabou guardando-as também, resmungando:

— Realmente, é suprimir um sujeito por muito pouco!

Feito isso, tirou de novo a chave de dentro da roupa.

— E agora, meu amigo, precisa cair fora daqui. É como na feira, paga-se ao sair. Pagou, pode sair.

E riu.

Prestando com sua chave ajuda a um desconhecido, e deixando que saísse por aquela porta, seria sua intenção pura e desinteressada apenas ajudar um assassino? É algo de que podemos duvidar.

Thénardier auxiliou Jean Valjean a pôr novamente Marius às costas e se dirigiu à grade na ponta dos pés descalços, fazendo sinal para que o outro o seguisse. Deu uma olhada do lado de fora, pôs um dedo na boca, permaneceu por alguns segundos observando e, terminada a inspeção, meteu a chave na fechadura.

A lingueta recolheu-se e a porta foi aberta sem o mais leve ruído. Tudo com a maior suavidade. Era visível que aquela grade e os seus gonzos cuidadosamente azeitados se abriam mais vezes do que se poderia pensar. Tanta serenidade era sinistra, sentiam-se as idas e vindas furtivas, as entradas e saídas silenciosas de homens noturnos e os passos sorrateiros do crime. O esgoto era, evidentemente, cúmplice de alguma misteriosa quadrilha. Aquela grade silenciosa era uma receptadora.

Thénardier entreabriu a grade, o suficiente para Jean Valjean poder passar, tornou a fechá-la com duas voltas da chave e mergulhou novamente na escuridão, sem o menor ruído. Parecia caminhar com as patas de veludo do tigre. Passado um momento, a hedionda Providência voltou ao invisível.

Jean Valjean estava do lado de fora.

IX

Marius passa por morto aos olhos de quem não é fácil de enganar

Jean Valjean deixou Marius escorregar até o chão.

Estavam fora do esgoto!

Os miasmas, a escuridão, o horror ficavam para trás. O ar saudável, puro, vivificante, alegre, livremente respirável o inundava. Ao redor o silêncio, mas o silêncio do sol que se punha em pleno céu. Fizera-se o crepúsculo e vinha a noite, a grande libertadora, amiga de todos que necessitam de uma cobertura de sombra para sair de uma aflição. O céu se oferecia inteiro, como um banho de serenidade. O rio chegava aos pés com o som de um beijo. Ouvia-se o diálogo aéreo dos ninhos que se desejavam boa-noite nos olmos de Champs-Élysées. Algumas estrelas, roubando suavemente o azul-claro do zênite e visíveis apenas ao devaneio, criavam na imensidão pequenos esplendores imperceptíveis. A noite estendia por sobre a cabeça de Jean Valjean todas as doçuras do infinito.

Era aquela hora indecisa e maravilhosa que não diz sim nem não. Havia já escuridão suficiente para que qualquer pessoa pudesse se perder a pouca distância, e ainda suficiente claridade para, de perto, ser reconhecida.

Jean Valjean esteve por alguns instantes irresistivelmente subjugado por tão augusta e acariciadora serenidade. Acontecem às vezes momentos assim de esquecimento; o sofrimento deixa de torturar o miserável, tudo se eclipsa no pensamento, a paz recobre, como se fosse o manto da noite, o sonhador e, sob o crepúsculo radiante, imitando o céu que se ilumina, a alma se espraia. Jean Valjean não pôde deixar de contemplar a vasta sombra clara que tinha diante do olhos. Pensativo ele mergulhou, cercado pelo majestoso silêncio do céu eterno, no êxtase e na oração. Depois, como se subitamente voltasse o sentimento de um dever, ele se curvou sobre Marius e, tomando do rio um pouco de água, derramou delicadamente algumas gotas no rosto do rapaz. As pálpebras não se moveram, mas a boca entreaberta respirava.

Jean Valjean ia de novo mergulhar a mão no rio quando sentiu algo estranho, como sentimos quando alguém nos olha às nossas costas.

Ele então olhou para trás.

Como ainda há pouco, havia uma pessoa ali.

A alguns passos de distância, estava de pé um homem grande, vestindo uma sobrecasaca comprida, de braços cruzados e tendo na mão direita um cassetete, do

qual se via o castão de chumbo.

No lusco-fusco reinante, era uma espécie de aparição. Um homem simples teria medo por causa do crepúsculo e um homem sensato por causa do cassetete.

Jean Valjean reconheceu Javert.

O leitor certamente adivinhou que o homem que seguia Thénardier não era outro senão Javert. Depois da sua saída inesperada da barricada, ele se dirigira ao Departamento de Polícia para, numa curta audiência, prestar verbalmente conta a seu superior da missão de que fora encarregado. Depois retomou imediatamente seu serviço, que implicava, como devem se lembrar pelo cartão em seu bolso, quando foi desmascarado na barricada, a vigilância da encosta à margem direita do Sena, na altura de Champs-Élysées, que já atraía a atenção da polícia. Foi como descobriu Thénardier e o seguiu. O resto já se sabe.

Facilmente se compreende que a grade, tão obsequiosamente aberta, fora um expediente do bandido, que suspeitava da presença policial nas proximidades. O homem seguido tem um faro que nunca se engana, e Thénardier quis apenas lançar um osso ao cão de caça. Um assassino, nada melhor! Era um osso bem suculento, desses que cão nenhum rejeita. Colocando em seu lugar Jean Valjean, ele dava uma boa presa à polícia, que abandonaria sua pista, interessada em algo maior. Recompensava assim Javert pela espera, o que sempre satisfaz o perseguidor, ganhava trinta francos e ele próprio escapava.

Jean Valjean, por sua vez, passara de um impasse a outro.

Encontrar Thénardier e logo em seguida Javert era algo bem pesado.

O policial não reconheceu Jean Valjean, que, como dissemos, já pouco tinha de si mesmo. Não descruzou os braços, mas com um movimento imperceptível firmou bem o cassetete na mão e perguntou, com voz breve e tranquila:

— Quem é você?

— Eu.

— Eu quem?

— Jean Valjean.

Javert segurou o cassetete com os dentes, dobrou os joelhos, inclinou o corpo, assentou as duas potentes mãos nos ombros de Jean Valjean, que ficaram seguros como em dois tornos, examinou-o e reconheceu-o. Os dois rostos quase se tocavam. O olhar de Javert era terrível.

Jean Valjean permaneceu inerte sob a pressão das mãos de Javert, como um leão que aceitasse as unhas de um lince.

— Estou à sua mercê, inspetor Javert. Aliás, desde essa manhã me considero seu prisioneiro. Não indiquei meu endereço para tentar escapar. Prenda-me; só peço

que me conceda uma coisa.

Javert parecia não ouvir e olhava fixamente Jean Valjean. Seu queixo, tensionado, empurrava os lábios na direção do nariz, sinal de intensa concentração. Largou afinal sua presa, aprumou-se, retomou o cassetete na mão e murmurou, mais do que propriamente articulou essa pergunta:

— O que faz aqui? Quem é esse homem?

Voltara a se dirigir a Jean Valjean de forma respeitosa, sem demonstrar qualquer familiaridade ou superioridade.

Apenas o som da voz que respondia pareceu despertar o inspetor:

— Era precisamente dele que eu queria falar. Disponha de mim como bem entender; mas ajude-me primeiro a levá-lo à casa dele. É só o que peço.

As feições de Javert se contraíram, como sempre acontecia quando alguém o julgava capaz de uma concessão. Entretanto não disse não.

Curvou-se novamente, tirou do bolso um lenço, molhou-o no rio e limpou o rosto ensanguentado de Marius.

— Ele estava na barricada — disse o policial a meia-voz, como se falasse consigo mesmo. — Os outros o chamavam Marius.

Como espião de primeira qualidade, mesmo próximo da morte, Javert havia observado, escutado e ouvido tudo. Na hora da agonia e já no primeiro degrau do sepulcro, ele estaria ainda registrando tudo.

Tomou o pulso de Marius.

— É um ferido — disse Jean Valjean.

— É um morto — disse Javert.

— Ainda não — respondeu Jean Valjean.

— O senhor, então, trouxe-o da barricada até aqui?

Era necessário que fosse profunda a sua preocupação, para não insistir na inquietante fuga pelo esgoto nem ao menos notar o silêncio de Jean Valjean depois da pergunta.

Este último, por sua vez, parecendo ter um só pensamento, prosseguiu:

— Mora na rua das Filles-du-Calvaire, na casa do avô... Já não me lembro do nome.

Jean Valjean procurou nas roupas de Marius, pegou a carteira, abriu-a, pegou a página escrita a lápis e mostrou a Javert.

Flutuava ainda no ar suficiente claridade para que se pudesse ler. O inspetor, além disso, tinha nos olhos a fosforescência felina das aves noturnas. Leu as quatro linhas escritas por Marius e murmurou:

— Gillenormand, rua das Filles-du-Calvaire, nº 6.

Em seguida gritou:

— Cocheiro!

Como devem se lembrar, um fiacre esperava, caso houvesse necessidade.

Javert guardou a carteira de Marius.

O carro, passado um momento, desceu pela rampa que já conhecemos e chegou à beira do rio. O moribundo foi colocado no assento do fundo e no da frente Javert se sentou, ao lado de Jean Valjean.

Fechada a portinhola, o fiacre afastou-se rapidamente, seguindo pelo cais na direção da Bastilha.

Deixaram a margem do rio e entraram pelas ruas. O cocheiro, sombra negra sobre sua banqueta, fustigava os magros cavalos. No fiacre era glacial o silêncio. Marius, imóvel, encostado no fundo, com a cabeça caída no peito, os braços estendidos, as pernas esticadas, visivelmente só esperava o caixão. Jean Valjean parecia feito de sombra, Javert, de pedra e, naquele carro cheio de negrume, cujo interior, cada vez que passava pela frente de um lampião, parecia lividamente iluminado como por um relâmpago intermitente, reunia o acaso, e lugubremente confrontava, as três imobilidades trágicas: o cadáver, o espectro e a estátua.

X

Regresso do filho pródigo

A cada solavanco do fiacre caía dos cabelos de Marius um pingo de sangue.

Era noite fechada quando o carro chegou à porta do nº 6 da rua das Filles-du-Calvaire.

Javert foi o primeiro a descer, certificou-se com um olhar rápido do número que havia em cima da porta e, levantando a pesada argola de ferro fundido, com a tradicional imagem de um bode ou sátiro, bateu com força. A porta entreabriu-se e Javert a empurrou. Ato contínuo, apareceu o porteiro bocejando, sonolento e com uma lamparina na mão.

A casa inteira dormia. No Marais, todos se recolhem cedo, principalmente nos dias de revolta. O pacífico e antigo bairro, com medo de uma revolução, refugia-se

no sono como as crianças rapidamente escondem a cabeça debaixo da coberta, quando ouvem chegar o bicho-papão.

Jean Valjean e o cocheiro tiraram Marius do fiacre, sustentando-o, um pelas axilas o outro pelas pernas.

Carregando o rapaz, Jean Valjean espalmou a mão no seu peito, por baixo da roupa despedaçada, e confirmou que o coração ainda batia. Até mais forte, como se o movimento do carro o tivesse reanimado.

Javert dirigiu-se ao porteiro com o tom que convém ao governo diante do porteiro de um subversivo.

— Alguém aqui se chama Gillenormand?

— É a casa dele, sim. O que quer o senhor?

— Trago o filho dele.

— Filho?! — espantou-se o porteiro.

— Está morto.

Jean Valjean, que estava logo atrás, todo sujo, esfarrapado e para quem o porteiro olhava desconfiado, fez com a cabeça um sinal negativo.

O homem parecia não compreender as palavras de Javert nem o sinal de Jean Valjean.

O inspetor continuou:

— Ele foi para a barricada e deu nisso.

— Para a barricada! — exclamou o porteiro.

— Foi morto. Vá acordar o pai.

O porteiro não se mexeu.

— Faça o que digo — tornou Javert.

E acrescentou:

— Amanhã terão enterro.

Para Javert, as ocorrências em vias públicas se classificavam categoricamente, o que é a base da prevenção e da vigilância, e cada eventualidade tinha a sua gaveta certa. Todas as possibilidades estavam, de certa forma, nessas gavetas e delas ocasionalmente saíam em quantidades variáveis. Na rua, por exemplo, havia briga, motim, carnaval e enterro.

O porteiro limitou-se a acordar Basco, que acordou Nicolette, que acordou tia Gillenormand. Já o avô deixaram que dormisse, pois mais cedo ou mais tarde saberia do acontecido e não tinha por que ser logo.

Levaram Marius para o primeiro andar, sem que ninguém no restante do prédio se desse por isso. Ele foi deitado num velho canapé da antecâmara do sr. Gillenormand e, enquanto Basco saía para chamar um médico e Nicolette abria os

armários em busca de panos limpos, Jean Valjean sentiu a mão de Javert tocar-lhe o ombro. Compreendendo, desceu para a rua, seguido de perto pelo inspetor.

O porteiro os viu sair como os vira chegar, assustado e sonolento.

Entraram no fiacre e o cocheiro subiu ao seu assento.

— Inspetor Javert — disse Jean Valjean —, peço ainda uma coisa.

— O que é? — perguntou Javert.

— Deixe-me passar em casa. Será rápido. Depois, faça de mim o que bem entender.

Javert permaneceu alguns instantes silencioso, com o queixo quase oculto na gola da sobrecasaca, depois abaixou a janela da frente e disse ao cocheiro:

— Rua do Homme-Armé, nº 7.

XI

Abalo no absoluto

Em todo o restante do caminho não voltaram a abrir a boca.

O que queria Jean Valjean? Terminar o que havia começado: avisar Cosette, dizer onde estava Marius, dar talvez alguma outra indicação útil e tomar, se possível, certas disposições supremas. Quanto a si mesmo, à sua pessoa, estava tudo acabado; punha-se nas mãos da polícia, sem resistência. Qualquer outro, em semelhante situação, talvez pensasse, pelo menos vagamente, na corda dada por Thénardier e nas barras da primeira cela para a qual fosse levado. Jean Valjean, porém, desde que conhecera o bispo, via-se em profunda hesitação religiosa diante de qualquer atentado, mesmo contra si próprio.

O suicídio, essa misteriosa via para o desconhecido, pode implicar, em certa medida, na morte da alma. Seria impossível para Jean Valjean.

À entrada da rua do Homme-Armé, o fiacre parou, por ser ela muito estreita para que os carros pudessem entrar. Javert e Jean Valjean desceram.

O cocheiro humildemente fez ver ao "senhor inspetor" que os assentos do seu veículo, em veludo de Utrecht, estavam muito manchados, com o sangue do assassinado e a lama do assassino. Era o que ele havia compreendido da situação. E

acrescentou ter direito a uma indenização. Tirando então do bolso o seu livro de ocorrências, pediu ao senhor inspetor que tivesse a bondade de escrever nele "alguma coisa que atestasse o seu direito".

Javert afastou o livreto e perguntou:

— Em quanto calcula, incluindo a espera e o caminho percorrido?

— São sete horas e um quarto; e o meu veludo era novo. Oitenta francos, senhor inspetor.

Javert tirou do bolso quatro napoleões e dispensou o fiacre.

Jean Valjean achou que a intenção de Javert seria levá-lo a pé à guarda de Blancs-Manteaux ou à dos Arquivos, não distantes.

Seguiram pela rua, normalmente deserta. Javert ia atrás de Jean Valjean. Chegaram à porta do nº 7; Jean Valjean bateu e a porta se abriu.

— Muito bem — disse Javert —, suba.

E acrescentou, com uma expressão estranha e como se fizesse um esforço enorme para dizer isso:

— Espero aqui.

Jean Valjean olhou para ele. Era um modo de proceder bastante inabitual. Mesmo que Javert agora tivesse nele uma espécie de confiança superior, como a que o gato concede ao camundongo, e que não vai além do alcance das suas garras, como Jean Valjean estava resolvido a se entregar e pôr um ponto-final a tudo aquilo, isso não o surpreendia tanto. Ele empurrou a porta, entrou e disse ao porteiro, que estava deitado e havia aberto a cortininha da sua cabine:

— Sou eu! — E subiu a escada.

Chegando ao primeiro andar, parou. Todas as vias sacras têm suas estações. A janela do corredor, que era uma janela guilhotina, estava aberta. Como em muitos prédios antigas, a escada ficava à luz do dia e dava para a rua. O lampião, bem à frente dessa janela, iluminava um pouco a escada, do que resultava uma economia de iluminação.

Jean Valjean, fosse para respirar, fosse apenas maquinalmente, pôs a cabeça para fora. Debruçou-se. A rua era pequena e o lampião iluminava-a toda. Jean Valjean ficou paralisado de surpresa. Não havia ninguém.

Javert se fora.

XII

O avô

Basco e o porteiro transportaram Marius do canapé em que o haviam deitado ao chegar para o salão. O rapaz continuava inerte. O médico, a quem tinham ido chamar, viera sem demora. Tia Gillenormand se levantara.

Ela andava de um lado para outro, assustada, erguendo as mãos para o céu e incapaz de fazer outra coisa além de dizer:

— Nunca se viu uma coisa dessas!

De vez em quando acrescentava:

— Fica tudo sujo de sangue!

Passado o primeiro momento de susto, organizou-se em seu espírito certa filosofia se remetendo à situação e que se traduziu numa exclamação:

— Só podia acabar assim!

Mas não chegou a dizer "Eu bem que avisei!", como se faz nessas circunstâncias.

Por ordem do médico, uma cama de armar foi colocada ao lado do canapé. Ele examinou Marius e, constatando que o pulso persistia, que o paciente não tinha no peito ferida alguma mais profunda e que o sangue nos cantos da boca vinha das fossas nasais, mandou que o estendessem na cama, sem travesseiro, com a cabeça no mesmo plano que o corpo, e inclusive mais baixa, nu da cintura para cima, a fim de facilitar a respiração.

A srta. Gillenormand, vendo que despiam Marius, retirou-se. Foi para o seu quarto rezar.

O corpo não sofria nenhuma lesão interna. Uma bala fora desviada das costelas pela carteira, produzindo um rasgão feio de se ver, mas pouco profundo e, consequentemente, sem perigo. A grande caminhada subterrânea completara a deslocação da clavícula fraturada, com sequelas mais sérias. Os braços apresentavam entalhes de arma branca. Corte nenhum desfigurava o rosto, mas o couro cabeludo parecia riscado de ferimentos. De que espécie seriam? Superficiais? Atingiam a caixa craniana? Não se podia ainda dizer. Um sintoma grave era a prolongada perda dos sentidos e de tais desmaios nem sempre o paciente desperta. Além disso, a hemorragia havia enfraquecido muito o ferido. Da cintura para baixo, porém, o corpo tinha sido protegido pela barricada.

Basco e Nicolette rasgavam panos de linho e preparavam ligaduras; Nicolette cosia-as e Basco enrolava-as. À falta de gaze, o médico tinha provisoriamente estancado o sangue das feridas com chumaços de algodão. Ao lado da cama, três

velas queimavam numa mesa, em que estava aberto o estojo de cirurgia. O médico lavou o rosto e os cabelos de Marius com água fria; um balde cheio ficou num instante vermelho de sangue. O porteiro ajudava a iluminar com sua lamparina.

O médico se mantinha pensativo e não muito animado. De vez em quando, balançava negativamente a cabeça, como se respondesse a alguma pergunta que fazia a si mesmo. São um mau sinal para o doente, esses misteriosos monólogos interiores do médico.

No momento em que ele limpava o rosto do ferido e tocava-lhe ligeiramente as pálpebras, que permaneciam fechadas, abriu-se uma porta ao fundo da sala e uma longa e pálida figura apareceu.

Era o avô.

Há dois dias a revolta agitava, indignava e preocupava o sr. Gillenormand. Não pôde dormir na noite anterior e teve febre o dia todo. Deitara-se muito cedo, recomendando que trancassem bem a casa; e como estava muito cansado, dormiu logo.

Os velhos têm o sono leve e o quarto do sr. Gillenormand era contíguo à sala. Surpreso de ver luz pelos cantos da porta, ele se levantou e foi no escuro saber o que havia.

Estava no limiar da porta, com uma das mãos no fecho, avançando a cabeça um tanto trêmula, vestido apenas com um roupão branco, reto e sem pregas como uma mortalha, espantado. Era um fantasma olhando um túmulo.

Viu a cama e, em cima, um rapaz sangrando, branco como cera, de olhos fechados, boca aberta, lábios azulados, nu até a cintura, coberto de ferimentos vermelhos, imóvel e vivamente iluminado.

O avô teve, dos pés à cabeça, todo o tremor que pode acometer membros ossificados; seus olhos, amarelados pela velhice, se nublaram com uma espécie de reflexo vítreo, todo o seu rosto ganhou num instante os ângulos terrosos de uma caveira, os braços caíram como se uma mola de sustentação tivesse se partido e o estupor se traduziu numa crispação dos dedos de suas velhas e trêmulas mãos. Os joelhos fizeram um ângulo para a frente, deixando ver, pela abertura do roupão, as pobres pernas nuas eriçadas de pelos brancos. Ele murmurou:

— Marius!

— Vieram trazê-lo, senhor — disse Basco. — Estava numa barricada e...

— Está morto! — gritou o velho com uma voz terrível. — Ah! Tratante!

Então operou-se uma transfiguração sepulcral, que tornou o centenário firme como um jovem.

— O senhor que é o médico, comece por me dizer, ele está morto, não está?

O interpelado, no cúmulo da aflição, se manteve calado.

O sr. Gillenormand torceu as mãos, com um riso assustador:

— Está morto! Está morto! Foi se matar nas barricadas! Só por raiva de mim! Foi contra mim que fez tudo isso! Ah, bebedor de sangue! E me aparece desse jeito! Desgraça da minha vida! Está morto!

Em seguida foi direto a uma janela, abriu-a toda, como se lhe faltasse ar, e de pé, diante da sombra, começou a falar para a rua e para a noite:

— Estraçalhado, acutilado, degolado, exterminado, despedaçado, em pedaços! Vejam só, o vagabundo! Sabia muito bem que o esperava, que mandei arrumar o seu quarto, que tenho o retrato dele na minha cabeceira, o retrato de quando era menino! Sabia muito bem que era só voltar, que há anos eu o chamava e passava as noites junto do fogo, com as mãos nos joelhos, sem saber o que fazer, abestalhado! Sabia muito bem que bastava chegar e dizer "Sou eu", e imediatamente seria o dono da casa e faria o que quisesse com esse velho basbaque! Sabia muito bem, mas preferiu dizer "Não, é um monarquista, não vou!". Foi para as barricadas e por maldade fez com que o matassem, para se vingar do que eu dizia sobre o senhor duque De Berry! Isso é que é infame! Podem ir se deitar e dormir tranquilamente. Está morto. Foi para isso que acordei.

O médico, que começava a se preocupar em dobro, deixou por um momento Marius, foi até o sr. Gillenormand e pegou seu braço. O velho se virou, fixou no homem olhos que pareciam ter ficado maiores e injetados de sangue, e disse com calma:

— Fico muito agradecido. Estou bem, sou um homem, vi a morte de Luís XVI, sei suportar os acontecimentos. Há nisso tudo uma coisa terrível: é a ideia de que todo o mal vem desses seus jornais. Teremos escrevinhadores, advogados, oradores, tribunos, discussões, progressos, luzes, direitos humanos, liberdade de imprensa, mas é desse modo que os filhos nos voltarão para casa. Ah, Marius! É abominável! Morto! Morto antes de mim! Uma barricada! Bandido! Doutor, o senhor mora neste bairro, não é? Eu o conheço, vejo muitas vezes da janela passar o seu cabriolé. Vou dizer uma coisa, está errado se acha que estou com raiva. Ninguém fica com raiva de um morto. Seria estupidez. Mas é uma criança que eu criei; ainda era pequeno e eu já era velho. Brincava nas Tulherias com sua pazinha e sua cadeirinha. Para que os guardas não brigassem com ele, eu ia atrás, tapando com a bengala os buracos que ele fazia na terra com a pá. Um dia ele gritou "ABAIXO LUÍS XVIII" e foi embora. Não é culpa minha. Era rosadinho e louro, já não tinha mãe. Já notou como todas as criancinhas são louras? Por quê? É filho de um daqueles bandidos do Loire, mas os filhos são inocentes dos crimes paternos. Lembro-me de quando ele

era dessa altura. Não conseguia nunca pronunciar os D. Tinha uma fala tão suave e estranha que parecia um passarinho. Uma vez, diante do Hércules Farnésio, as pessoas se juntavam maravilhadas, mas para admirar como era bonita aquela criança! Uma cabecinha com as que vemos nos quadros. Eu falava grosso, assustava com a bengala, mas ele sabia que não era a sério. Pela manhã, quando entrava no meu quarto, eu resmungava; mas a sua presença era como o sol. Contra esses traquinas a gente não tem como se defender. Tomam conta e não nos largam mais. Nada havia de igual àquela criança. E o que me diz dos seus Lafayette, dos seus Benjamim Constant e dos seus Tirecuir de Corcelles, que o mataram! Isso não pode ficar assim.

Ele se aproximou de Marius, que permanecia no mesmo estado de lividez e imobilidade, para junto do qual o médico voltara. Estorceu os braços. Os lábios descorados do ancião moviam-se maquinalmente e deixavam passar, entre suspiros e estertores, palavras quase ininteligíveis, que mal se ouviam:

— Ah, desalmado! Clubista! Celerado! Setembrizador!

Repreensões em voz baixa de um agonizante a um cadáver.

Pouco a pouco, como é sempre inevitável que as irrupções interiores se externem, voltou um encadeamento de palavras, mas o avô parecia já não ter forças para pronunciá-las, a voz ficara de tal modo surda e fraca que parecia vir de um abismo.

— Para mim pouco importa, morro também. Mas quando penso não haver em toda Paris uma só pilantra que não adoraria fazer a felicidade desse miserável! Mas o tratante, em vez de gozar a vida, foi combater, expor-se para que o matassem como a um bruto! E por quem, para quê? Pela República! Em lugar de ir dançar na Chaumière, como é dever de todo rapaz! Para que então ter vinte anos? A República! Que tolice! Pobres mães, continuem a fazer belos rapazes! Vamos, está morto. Sairão dois enterros pela mesma porta. Tudo isso pelos belos olhos do general Lamarque! O que devia a esse general Lamarque? Um manejador de sabre, um parlapatão! Deixar-se matar por causa de um morto! Se não é para enlouquecer! Quem pode compreender semelhante coisa?! E aos vinte anos! Sem nem virar a cabeça para ver se não está deixando alguma coisa para trás! E agora pobres velhos são obrigados a morrer sozinhos. Morra no seu canto, coruja velha! Melhor assim, é o que eu esperava, isso vai me matar logo. Estou velho demais, tenho cem anos, tenho cem mil anos; há muito tempo tenho o direito de estar morto. Dessa vez é certo. Acaba-se com isto de uma vez; que felicidade! Para que fazê-lo respirar amoníaco e toda essa burundanga inútil? Está perdendo seu tempo, médico idiota! Pode deixar, ele está morto, bem morto. Sei o que digo, estou morto também. Ele não fez a coisa pela metade. Estamos num tempo infame, infame, infame! É o que

penso de vocês, das suas ideias, dos seus sistemas, dos seus mestres, dos seus oráculos e doutores, de todos esses escritores engomados, de todos os filósofos miseráveis e de todas as revoluções que há sessenta anos espantam os corvos das Tulherias! Já que não teve pena, fazendo com que o matassem desse jeito, também não lamentarei a sua morte, está ouvindo, assassino?

Nesse momento Marius abriu lentamente as pálpebras e o seu olhar, ainda velado pela surpresa letárgica, fixou-se no sr. Gillenormand.

— Marius! — exclamou o ancião. — Marius! Marius, meu filho, meu filho querido! Está abrindo os olhos, me olhando, está vivo, obrigado!

E caiu desmaiado.

LIVRO QUARTO

JAVERT FORA DOS TRILHOS

I

Javert fora dos trilhos

Javert afastara-se a passos lentos da rua do Homme-Armé.

Pela primeira vez na vida caminhava cabisbaixo e, igualmente pela primeira vez na vida, com as mãos atrás das costas.

Até aquele dia não adotara Javert, das atitudes de Napoleão, senão a que exprimia resolução, os braços cruzados sobre o peito; a que exprime incerteza, as mãos atrás das costas, ele desconhecia. Algo havia acontecido e o seu aspecto, taciturno e sombrio, demonstrava aflição.

Embrenhou-se por ruas mais silenciosas.

No entanto, seguia uma direção.

Seguiu o Sena pelo caminho mais curto, chegou ao cais dos Ormes, seguiu por ele, passou a Grève e parou a pouca distância do posto da praça do Châtelet, junto à ponte Notre-Dame. O Sena forma ali, entre a ponte Notre-Dame e a ponte au-Change, de um lado, e os cais de Mégisserie e Fleurs, de outro, uma espécie de lago quadrado, atravessado por forte correnteza.

Esse ponto do Sena é temido pelos barqueiros. Nada mais perigoso do que essa torrente, estreitada e tornada mais violenta pelos pilares do moinho que havia ali, hoje demolido. As duas pontes, tão próximas uma da outra, aumentam o perigo; a água corre muito rápido por baixo dos arcos. Forma terríveis dobras, cresce e se firma. O fluxo força os pilares das pontes como se quisesse arrancá-los, com suas cordas líquidas. Quem cai ali não torna a aparecer; os melhores nadadores se afogam.

Javert plantou os cotovelos no parapeito, com o queixo nas mãos e, metendo maquinalmente os dedos nas bastas suíças, pôs-se a pensar.

Seu sofrimento era imenso.

Há algumas horas as coisas já não pareciam mais simples. Estava perturbado. Aquele cérebro, tão límpido em sua cegueira, havia perdido a transparência. Uma nuvem se impunha no seu cristal. Javert via o senso do dever se bifurcar na

consciência. Ao encontrar Jean Valjean, tão inopinadamente, à beira do Sena, sentiu algo do lobo que se reapodera da presa e do cão que encontra o dono.

Via à sua frente dois caminhos, igualmente retos, mas eram dois; e isso o aterrava. Nunca, a vida toda, conhecera senão uma única linha reta. Uma daquelas duas retas excluía a outra. Qual das duas seria a verdadeira?

Sua situação era inexprimível.

Dever a vida a um malfeitor, reconhecer essa dívida e pagá-la; colocar-se em pé de igualdade com um foragido da justiça e retribuir um favor com outro; aceitar que lhe dissessem "Pode ir embora" e, por sua vez, dizer "Está livre"; sacrificar, por motivos pessoais, o dever, que é uma obrigação geral; trair a sociedade para se manter fiel à consciência... São absurdos que se realizavam e se acumulavam para esmagá-lo, era o que o aterrava.

Jean Valjean ter-lhe concedido graça o havia surpreendido, mas ter ele próprio concedido graça a Jean Valjean o petrificava.

Onde ele se encontrava, depois disso? Por mais que procurasse a si mesmo, não saberia dizer.

O que fazer? Entregar Jean Valjean seria errado, deixar Jean Valjean em liberdade também. Pela primeira escolha, caía o homem da autoridade mais baixo que o homem da galé; pela segunda, um forçado se colocava acima da lei e a espezinhava. Em ambos os casos, era uma desonra para ele, Javert. Qualquer que fosse a decisão, havia queda. O destino tem certos extremos abissais relativos ao impossível, além dos quais a vida se torna um precipício. Javert se encontrava num desses extremos.

Ser obrigado a pensar era aflitivo, mas a própria violência de todas aquelas emoções contraditórias o forçava a isso. E pensar, coisa a que não estava acostumado, mostrava-se estranhamente doloroso.

O que acabava de fazer causava-lhe calafrios. Ele havia, contra todos os regulamentos de polícia, contra toda a organização social e judicial, contra o Código, decidido a soltura de um preso. Foi o que decidira fazer, sobrepondo os seus próprios interesses aos interesses públicos. Não era algo inqualificável? Cada vez que olhava de frente a ação cometida, estremecia dos pés à cabeça. O que decidir agora? Só lhe restava um recurso, voltar correndo à rua do Homme-Armé e prender Jean Valjean. Não tinha a mínima dúvida, era o que devia fazer. Mas não podia.

Algo lhe barrava esse caminho.

Algo? O quê? O que pode haver no mundo, além dos tribunais, das sentenças executórias, da polícia e da autoridade? Javert se sentia completamente revirado.

Um grilheta santificado! Um forçado fora do alcance da justiça! E isso graças a Javert!

Não era assustador que ele e Jean Valjean, um feito para reprimir, outro para fugir, ambos objetos da lei, se pusessem acima dela?

Como? Enormidades tais aconteciam e ninguém seria punido? Jean Valjean, superior à ordem social inteira, se manteria livre e ele, Javert, continuaria a ser alimentado pelo governo?

Pensar se tornava cada vez mais terrível.

Nessa mesma ordem de ideias, ele poderia ainda acrescentar o insurgente levado à rua das Filles-du-Calvaire, mas não pensou nisso. Era uma culpa que se perdia diante da outra, bem maior. Além disso, aquele insurgente era claramente um homem morto e, do ponto de vista legal, a morte anula o processo.

Jean Valjean é que representava todo o peso que oprimia o seu espírito.

Isso o desconcertava. Todos os axiomas que haviam norteado sua vida desabavam. A generosidade demonstrada por Jean Valjean o esmagava. Outros fatos, dos quais se lembrava e que ele antes havia considerado falsos e loucos, reapareciam agora como reais. O sr. Madeleine voltou a aparecer atrás de Jean Valjean, e os dois se sobrepunham como sendo apenas um, venerável. Javert sentia alguma coisa horrível penetrar na sua alma: a admiração por um forçado. Seria realmente possível respeitar um grilheta? Ele tremia diante da ideia, sem poder evitá-la. Por mais que raciocinasse, via-se levado a confessar a sublimidade daquele miserável. E isso era odioso.

Um malfeitor do bem, um forçado compadecido, bom, clemente, pagando o mal com o bem, dando o perdão em troca do ódio, preferindo a piedade no lugar da vingança, escolhendo a própria perdição para evitar a do inimigo, salvando quem o feriu, ajoelhado no alto da virtude, mais próximo do anjo do que do homem! Javert via-se forçado a confessar a existência de tal monstro.

Isso não podia continuar assim.

Diga-se, insistimos, não foi sem resistência que ele passou a aceitar aquele monstro, aquele anjo infame, herói horrendo que o indignava quase tanto quanto assombrava. Vinte vezes, estando no carro com o foragido, rugira nele o tigre legal. Vinte vezes se sentiu tentado a se lançar sobre a presa e devorá-la, ou seja, prendê-la. Com efeito, haveria algo mais simples? Gritar para o primeiro posto de guarda por que passasse: “Um foragido da justiça, fiquem com ele!” Depois continuar seu caminho, deixar ali aquele amaldiçoado, desinteressar-se e não pensar mais nisso. Era um preso à perpetuidade, a lei que fizesse com ele o que bem entendesse. O que pode ser mais justo? Javert pensou nisso tudo e quis seguir adiante, agir, prender o

homem, mas não pôde, como também não podia agora. Cada vez que ergueu convulsivamente a mão na direção do pescoço de Jean Valjean, essa mão, como se cedesse a um enorme peso, voltara a cair. Do fundo do pensamento, ele ouvia uma voz, uma extraordinária voz que gritava: "Muito bem. Entregue o seu salvador. Em seguida mande trazer a bacia de Pôncio Pilatos e lave as garras."

Depois a reflexão se voltava para a sua própria pessoa e ele se via diminuto, ao lado de um Jean Valjean enorme.

Seu benfeitor era um forçado!

Mas também por que permitira a semelhante pessoa que o deixasse viver? Tinha o direito de ser morto na barricada. Deveria ter usado esse direito. Poderia ter chamado os outros insurgentes contra o seu libertador, teria sido melhor.

Sua suprema aflição era o desaparecimento de toda certeza. Sentia-se desenraizado. O Código agora era apenas um farrapo nas suas mãos. Confrontava-se com problemas de uma espécie desconhecida. Criava-se em seu entendimento uma revelação sentimental totalmente distinta da afirmação legal, até então sua única medida. Permanecer na antiga honestidade já não bastava. Toda uma ordem de fatos inesperados surgia e o subjugava. Todo um novo mundo aparecia à sua alma, por causa do favor aceito e devolvido; a dedicação, a misericórdia, a indulgência, as violências que a piedade pode fazer contra a austeridade, o aceitar pessoas, o fim das condenações definitivas, o fim das danações, a possibilidade de uma lágrima no olho da lei, certa indizível justiça divina indo no sentido inverso da justiça humana. Ele percebia nas trevas o assustador erguer de um sol moral desconhecido. Isso o horrorizava e deslumbrava, coruja forçada a olhares de águia.

Ele se via levado a reconhecer que então era verdade, havia exceções, a autoridade podia ser desmontada, a regra podia ficar sem recurso diante de um fato, nem tudo se encaixava dentro do texto do Código, o imprevisto podia se impor, a virtude de um forçado estava apta a pôr em xeque a virtude de um funcionário, o monstruoso podia ser divino, o destino comportava emboscadas desse tipo e Javert, em desespero, via que nem ele estava ao abrigo da surpresa.

Era obrigado a reconhecer que a bondade existia. Aquele forçado tinha sido bom. Ele próprio, coisa inacreditável, acabava de ser bom. Ou seja, se depravara.

Via-se frouxo. Causava horror a si mesmo.

O ideal, para Javert, não era ser humano, ser grande ou sublime, era ser irrepreensível.

E ele acabava de fraquejar.

Como chegara a isso? Como tal coisa pôde acontecer? Ele não poderia explicar a si mesmo. Segurava a cabeça com as duas mãos, mas, por mais que se esforçasse, não

conseguia.

Ele evidentemente sempre quis entregar Jean Valjean à lei, da qual era foragido e ele, Javert, escravo. Em momento algum, desde que o apanhara, havia pensado em deixá-lo livre. Foi contra a sua própria vontade, de certa maneira, que ele abriu a mão e o soltou.

Uma infinidade de novidades enigmáticas se abriam a seus olhos. Fazia-se perguntas e as respondia, respostas que o assustavam. Ele se dizia: esse forçado, esse desesperado, do qual me pus no encalço a ponto de perseguir e me teve sob o pé, podendo se vingar, coisa que devia fazer, tanto por rancor quanto por segurança, ao me deixar vivo, ao conceder-me graça, o que fez? Cumpriu seu dever. Não, fez algo mais. E eu, concedendo-lhe graça, o que fiz? Cumpri meu dever. Não, fiz algo mais. Há então algo mais, além do dever? Nesse ponto ele se assustava, sua balança se desgovernava: um dos pratos descia ao abismo, o outro subia ao céu, e ambos eram apavorantes. Javert não era minimamente o que se chama um voltairiano, um filósofo ou um incrédulo, pelo contrário, era instintivamente respeitoso com relação à Igreja, que conhecia apenas como augusto fragmento do conjunto social. A ordem era o seu dogma e lhe bastava. Desde a idade adulta e do seu ingresso na polícia, era nela que ele mais ou menos concentrava toda a sua religiosidade, sendo — e empregamos aqui as palavras sem a menor ironia e com toda a seriedade — espião como se pode ser padre. Javert tinha um superior, o sr. Gisquet, e até aquele momento nunca havia pensado nesse outro superior, Deus.

Esse novo chefe, Deus, aparecia agora inopinadamente e isso o perturbava.

Sentia-se desorientado com essa presença inesperada. Não sabia o que fazer com esse superior, tendo aprendido, enquanto subalterno, a sempre se curvar, nunca desobedecer nem criticar ou questionar. Diante de um superior que se mostrasse surpreendente demais, ele sabia, o inferior tem uma só coisa a fazer, pedir demissão.

Mas o que fazer para apresentar sua demissão a Deus?

De um jeito ou de outro, e era ao que ele voltava sempre, um fato dominava tudo, ele acabava de cometer uma infração tremenda. Acabava de fechar os olhos, favorecendo um condenado reincidente e foragido. Acabava de dar liberdade a um galeriano condenado. Acabava de roubar das leis um homem que a elas pertencia. É o que havia feito. Todo seu entendimento se desorganizava. Não podia mais confiar em si mesmo. As próprias razões do seu ato lhe escapavam, deixando, no lugar, apenas a vertigem. Ele até então havia vivido da fé cega que engendra a probidade tenebrosa. Essa fé o abandonara, aquela probidade fazia falta. Tudo em que havia acreditado se dissipava. Verdades indesejadas o obcecavam inexoravelmente. Precisaria agora ser outro homem. Sofria as estranhas dores de uma consciência

bruscamente operada de catarata. Via coisas que não queria ver. Sentia-se vazio, inútil, deslocado da vida passada, destituído, dissolvido. A autoridade morrera em seu interior. Não tinha mais razão de ser.

Situação terrível, ter emoções!

Ser granito e ter dúvidas! Ser a estátua do castigo, fundida inteira na forma da lei, e subitamente perceber a presença, no seu peito de bronze, dessa coisa feita de absurdo e de desobediência, que quase parece um coração! E chegar a ponto de pagar o bem com o bem, por mais que, até esse dia, fosse claro que esse bem é o mal! Ser cão de guarda e lamber! Ser gelo e derreter! Ser alicate e tornar-se mão! Sentir os dedos se abrirem! Largar a presa, coisa horrível!

O projétil sem saber mais seu caminho; e recuando!

Ser obrigado a confessar: a infalibilidade não é infalível, pode haver erro no dogma, nem tudo está dito, mesmo que um código tenha falado, a sociedade não é perfeita, a autoridade é recheada de vacilações, um estalo no imutável é possível, os juízes são seres humanos, a lei pode se enganar, os tribunais podem se equivocar! É como ver uma rachadura na imensa vidraça azul do firmamento!

O que acontecia em Javert era o desastre ferroviário de uma consciência retilínea, a saída dos trilhos de uma alma, o esmagamento de uma probidade irresistivelmente lançada em linha reta e se espatifando em Deus. É claro, era estranho que o ajudante da ordem, o maquinista da autoridade, a bordo do cego cavalo da via férrea, possa ficar tão alvoroçado por um simples clarão! Que o incomutável, o direto, o correto, o geométrico, o passivo possa curvar! Que haja para a locomotiva uma contramão!

Deus, sempre interno no homem e refratário, ele que é a verdadeira consciência em oposição à falsa, proibição à faísca de se apagar, ordem ao raio para que se lembre do sol, injunção à alma para que reconheça o verdadeiro absoluto, no confronto com o absoluto fictício, a humanidade imperdível, o coração humano inamissível, esse fenômeno esplêndido, talvez o mais belo dos nossos prodígios interiores, será que Javert os compreendia? Apreendia-os? Dava-se conta? É evidente que não. Mas sob a pressão desse incompreensível incontestável, ele sentia sua cabeça se entreabrir.

Sentia-se mais vitimado do que transfigurado por esse prodígio. Irritado, sofria sua consequência. Nisso tudo, via apenas uma imensa dificuldade de ser. Tinha a impressão de sua respiração estar para sempre comprometida.

Ter sobre a cabeça algo desconhecido era coisa a que não estava acostumado.

Até então, tudo que tivera acima dele podia ser visto como tendo uma superfície delineada, simples, límpida; nada que se ignorasse, parecesse obscuro; nada que não

fosse definido, coordenado, encadeado, preciso, exato, circunscrito, limitado, fechado; tudo previsto; a autoridade era uma coisa plana; sem quedas nem vertigens. Javert só via o desconhecido embaixo. O irregular, o inesperado, a abertura desordenada do caos, o escorregão possível num precipício eram eventualidades das regiões inferiores, dos rebeldes, dos maus, dos miseráveis. Agora ele tombava para trás e bruscamente se assustava com essa aparição inaudita: um abismo no alto.

Como? Era possível ser desmantelado de cima a baixo? Absolutamente desconcertante! Fiar-se em quê? Aquilo de que se estava convencido se desmanchava!

Como? O defeito na couraça da sociedade podia ser apontado por um miserável magnânimo? Como? Um honesto servidor da lei podia, de repente, se ver entre dois crimes: o de deixar escapar um homem e o de prendê-lo! Nem tudo era indubitável na ordem dada pelo Estado ao funcionário! Era possível haver impasses no dever! Como? Tudo isso era real! Podia um ex-bandido, esmagado sob condenações, se endireitar e acabar tendo razão? Seria possível? Haveria casos em que a lei devesse se retirar diante do crime transfigurado, pedindo desculpa?

Era o que estava acontecendo e Javert percebia! Podia tocar com a mão! E não só não podia negar, como também tomava parte. Coisas concretas. Era abominável que fatos reais pudessem chegar a tal deformação.

Se os fatos cumprissem seu dever, se limitariam a ser provas da lei; Deus é quem os envia. A anarquia agora desceria lá do alto?

No crescendo da aflição, na ilusão óptica da consternação, tudo que podia restringir e corrigir sua impressão se apagava; a sociedade, o gênero humano e o universo passavam a se resumir, para ele, a um lineamento simples e terrível. Assim, a penalidade, a coisa julgada, a força que se devia à legislação, os mandatos das cortes soberanas, a magistratura, o governo, a prevenção e a repressão, a sabedoria oficial, a infalibilidade legal, o princípio de autoridade, todos os dogmas sobre os quais repousa a segurança política e civil, a soberania, a justiça, a lógica decorrente do Código, o absoluto social, a verdade pública, tudo isso se tornava ruína, entulho, caos. Ele próprio, Javert, o vigilante da ordem, a incorruptibilidade a serviço da polícia, a canina providência da sociedade, vencido e arrasado. E sobre todo esse desmoronamento, um homem de pé, de gorro verde e auréola na cabeça; era a essa inversão que ele chegara, era a visão horrível que habitava sua alma.

Podia-se suportar algo assim? Não.

Se há um estado violento, é este. Não havia para ele senão dois modos de sair de semelhante situação. Um, ir resolutamente a Jean Valjean e devolver à prisão o forçado. O outro…

Javert afastou-se do parapeito e, agora de cabeça em pé, dirigiu-se a passos firmes ao posto de guarda, indicado por uma lanterna na esquina da praça do Châtelet.

Chegando, viu pela vidraça um policial e entrou. Já pela maneira de abrir a porta de um corpo de guarda, os homens da polícia se reconhecem entre si. Javert disse quem era, mostrou sua identificação e sentou-se à mesa, sobre a qual ardia uma vela. Havia à sua frente uma pena, um tinteiro de chumbo e papel, para eventuais processos verbais e registros das rondas noturnas.

Essa mesa, sempre completada por sua cadeira de palhinha, é uma verdadeira instituição; existe em todos os postos de polícia; tem invariavelmente um prato de madeira com serragem e uma caixa de papelão com massa vermelha para selar; é o andar térreo do estilo oficial, é onde começa a literatura do Estado.

Javert pegou a pena, uma folha de papel e escreveu:

Observações para o bem do Serviço:

1 — Peço a atenção do senhor chefe de polícia.

2 — Os presos, chegando do interrogatório, são obrigados a tirar os sapatos e ficam descalços na laje enquanto são revistados. Muitos já tossem nessa ocasião e isso gera despesas de enfermaria.

3 — A perseguição de suspeitos se passa bem, com troca de agentes de um ponto a outro, mas seria necessário, nas ocasiões importantes, que pelo menos dois agentes não se perdessem de vista, visto que o agente perseguidor pode falsear no desempenho do serviço e ser, desse modo, substituído por outro.

4 — Não se entende por que o regulamento especial da prisão de Madelonettes proíbe ao preso ter uma cadeira, mesmo pagando por ela.

5 — Em Madelonettes há somente duas barras no guichê da cantina, o que permite à funcionária deixar que os presos lhe toquem a mão.

6 — Os presos denominados sirenes, que chamam os outros presos ao locutório, fazem com que cada um deles pague dois soldos para que gritem distintamente os seus nomes. É um roubo.

7 — Para cada fio deslocado descontam do preso, na oficina dos tecelões, dez soldos; é um abuso do responsável, pois o tecido não fica pior.

8 — É de lastimar que os visitantes da Force tenham de atravessar o pátio das crianças para chegar ao locutório de Sainte-Marie-l'Égyptienne.

9 — É comum diariamente ouvirmos gendarmes comentarem, no pátio da chefatura, interrogatórios dos magistrados aos indiciados. É uma

grave falta de ordem um gendarme, que deve estar imbuído da sua função, repetir o que ouve no gabinete do juiz.

10 — A sra. Henry é uma honrada mulher; a sua cantina é muito asseada; mas é mau que o postigo do isolamento esteja nas mãos de uma mulher. É indigno da Conciergérie de uma grande civilização.

Javert escreveu essas linhas com sua mais tranquila e correta letra, sem omitir uma só vírgula e fazendo ranger com firmeza o papel sob a pena. Por baixo da última linha assinou:

JAVERT
Inspetor 1ª classe
Posto da praça do Châtelet, 7 de junho de 1832, próximo de 1 hora da manhã.

Ele enxugou a tinta fresca com o mata-borrão, dobrou o papel como carta, selou-o e escreveu por fora: *Nota para* a *administração.* Deixou-o na mesa e saiu do posto. A porta de vidro, reforçada com tela de arame, fechou-se logo atrás.

Ele atravessou de novo na diagonal a praça do Châtelet, chegou ao cais e voltou, com precisão automática, ao ponto em que estava quinze minutos antes. Acotovelou-se ali, na mesma posição e na mesma laje do parapeito. Era como se não tivesse se ausentado.

A escuridão era completa, nesse momento sepulcral que segue a meia-noite. As estrelas estavam ocultas por um teto de nuvens. O céu tinha uma espessura sinistra. Nos prédios da Cité não se via luz nenhuma. Não passava vivalma. Tudo que se podia ver das ruas e dos cais estava deserto. Notre-Dame e as torres do Palácio de Justiça pareciam apenas linhas no escuro. Um lampião avermelhava as pedras de beira do cais. As sombras das pontes se deformavam na bruma, sucessivamente. As chuvas tinham engrossado o rio.

O lugar em que Javert estava, como devem se lembrar, era exatamente acima da voragem do Sena, diretamente sobre a temível espiral de turbilhões, que se aparafusa e desaparafusa interminavelmente.

Ele se debruçou e olhou. Não se via nada. Ouvia-se o som das águas, mas sem ver o rio. Às vezes, naquela profundeza vertiginosa, aparecia e vagamente serpenteava um clarão, tendo a água esse poder de, na mais completa escuridão,

pegar não se sabe de onde um raio de luz e transformá-lo numa serpente. Mesmo isso desaparecia e tudo voltava ao indistinto. A imensidão parecia aberta. O que se tinha abaixo não era água, era abismo. O muro do cais, abrupto, confuso, envolto no nevoeiro e nele desaparecendo logo adiante, dava a impressão de uma escarpa do infinito.

Nada se via, mas sentia-se o frio hostil da água e o cheiro insípido das pedras molhadas. Uma respiração feroz subia do abismo. A cheia do rio, mais pressentida do que propriamente vista, o trágico cochichar da correnteza, a lúgubre enormidade dos arcos da ponte, a queda imaginária no escuro vazio, tudo isso se imprimia de horror.

Javert permaneceu imóvel por alguns instantes, olhando essa abertura nas trevas. Considerou o invisível com uma fixidez que se aproximava da atenção. A água rugia. Ele de repente tirou o chapéu e deixou-o no parapeito do cais. Logo depois, uma figura alta e negra se pôs de pé no parapeito. De longe poderia parecer, para um eventual passante àquela hora tardia, um fantasma. Ele se curvou na direção do Sena, voltou a se endireitar e sumiu nas trevas. Houve um barulho surdo e somente a sombra é testemunha das convulsões daquele vulto escuro no turbilhão das águas.

LIVRO QUINTO

O NETO E O AVÔ

I

Onde se volta a ver a árvore que tinha um emplastro de zinco

Pouco tempo após os acontecimentos que acabamos de narrar, passou o sr. Boulatruelle por forte emoção.

Boulatruelle era aquele cantoneiro de Montfermeil que já apareceu secundariamente em momentos tenebrosos deste livro.

Boulatruelle, como o leitor talvez se lembre, era dado a atividades diversas e quase sempre equívocas. Britava pedra e assediava viajantes que passavam pela estrada. Além de trabalhar na terraplenagem e com roubos, ele tinha um sonho: acreditava na existência de um tesouro enterrado na mata de Montfermeil. Esperava, algum outro dia, achar dinheiro enterrado ao pé de uma árvore. Enquanto isso não acontecia, procurava-o nos bolsos dos viajantes.

Mas por agora ele andava calmo. Acabava de escapar por um fio. Como se sabe, fora preso junto com ou outros bandidos, no antro dos Jondrette. São as vantagens de um vício: a ebriedade o salvou. Nunca foi possível saber ao certo se ele se encontrava ali como ladrão ou como vítima. Uma ação judicial, baseada no seu estado de comprovada embriaguez na noite do crime, garantiu-lhe a liberdade. Ele voltou à estrada que lhe era familiar, de Gagny a Lagny, para, sob vigilância administrativa, trabalhar por conta do Estado. Cumpria sua função cabisbaixo, pensativo, distante das atividades que quase o desgraçaram, mas voltando-se com ainda maior carinho para o vinho, que o salvara.

Mas vamos à forte emoção por que passou, pouco depois de voltar à sua cabana de cantoneiro.

Certa manhã, Boulatruelle se dirigia como de hábito ao trabalho e, talvez à sua espera, um pouco antes do amanhecer, ele percebeu no mato um homem, de quem na verdade mal via as costas, mas que não lhe pareceu, apesar da distância e da pouca claridade, totalmente desconhecido. Boulatruelle, mesmo que beberrão

consumado, tinha boa e lúcida memória, arma defensiva indispensável para alguém sempre mais ou menos em luta com a ordem legal.

— Onde diabos já vi alguma coisa que se parecia com esse sujeito? — perguntou-se ele.

Mas o máximo que encontrou como resposta foi que a pessoa se parecia com alguém de quem ele vagamente se lembrava.

Boulatruelle, porém, deixando de lado a identidade que ele não conseguia confirmar, começou a fazer aproximações e cálculos. O sujeito em questão não era daquelas bandas, chegara havia pouco tempo. A pé, é claro. Transporte público nenhum passa tão cedo por Montfermeil. Ele havia andado a noite toda. De onde vinha? Não de muito longe. Não carregava alforje nem trouxa. Provavelmente de Paris. Por que estava naquele bosque? E por que àquela hora? O que fazia por ali?

Boulatruelle pensou no tesouro. De tanto barafustar a memória, lembrou-se de ter tido, muitos anos antes, igual suspeita com relação a alguém que talvez fosse o mesmo sujeito.

Enquanto tão profundamente pensava, ele havia curvado a cabeça sob o peso do esforço — coisa natural, mas pouco acertada. Quando tornou a erguê-la já não havia ninguém. O homem desaparecera na mata e no crepúsculo.

— Que diabos! — disse Boulatruelle. — Vou encontrá-lo e descobrir a qual paróquia pertence nosso paroquiano. Esse aprendiz do *Patron-Minette* tem alguma intenção e vou saber qual. Não há segredo nesses bosques dos quais eu não tome parte.

Ele pegou o enxadão, que tinha corte bem afiado.

— Tenho aqui com que revirar a terra e também um homem.

E como se atasse um fio a outro, seguindo o melhor possível o caminho que o desconhecido teria seguido, embrenhou-se no mato.

Depois de ter dado uma centena de passos, o dia, que já despontava, começou a ajudar. As pegadas na areia num ponto ou noutro, a relva pisoteada, os arbustos amassados, os galhinhos dobrados que se endireitavam com graciosa fleuma, como os braços de formosa mulher espreguiçando-se ao despertar, indicaram uma pista, mas que em seguida se perdeu. O tempo passava. Ele enfiou-se mais profundamente na mata e chegou a uma espécie de pequeno outeiro. Um caçador matinal, que ia passando por uma trilha ao longe, assobiando a cançoneta de Guillery, suscitou nele a ideia de subir numa árvore. Mesmo velho, Boulatruelle era bastante ágil. Viu ali perto uma faia bem alta e subiu até a maior altura que pôde.

A ideia foi boa. Explorando a solidão, do lado em que a mata é mais densa e difícil, ele descobriu de repente o homem.

Mal o viu, perdeu-o novamente de vista.

O desconhecido entrou, ou melhor, mergulhou por uma clareira mais afastada e encoberta por árvores grandes, mas que Boulatruelle conhecia bem, por ter notado, perto de um monte de pedras talhadas, um castanheiro doente, tratado com uma chapa de zinco pregada diretamente na casca. Essa clareira era a que noutro tempo chamavam Terra Blaru. O monte de pedras, destinado não se sabe a quê, ali estava há trinta anos e talvez ainda lá esteja até hoje. Nada se iguala em longevidade a um monte de pedras, a não ser um tapume de tábuas. Estão ali provisoriamente. Razão suficiente para durar!

Boulatruelle, com a rapidez da alegria, desceu, ou antes, pulou da árvore. Estava descoberto o covil, só faltava agarrar o animal. O famoso tesouro sonhado provavelmente estava ali.

Não era contudo empresa de pouca monta chegar à tal clareira. Pelos caminhos batidos, em irritantes zigue-zagues, era preciso um bom quarto de hora. Em linha reta, pelo mato, singularmente espesso, espinhoso e agressivo naquela área, levaria uma boa meia hora. Foi o que Boulatruelle fez muito mal em não compreender. Acreditou na linha reta; respeitável ilusão de óptica, mas que ocasiona a perda de muitos homens.

A brenha, apesar de extremamente intrincada, pareceu-lhe o melhor caminho.

— Vamos pegar a rua de Rivoli dos lobos — disse ele.

Boulatruelle, acostumado a andar de través, cometeu dessa vez o erro de andar reto.

Teve de se haver com azevinhos, urtigas, roseiras-bravas, cardos e toda espécie de raízes das mais irascíveis. Ou seja, ficou todo arranhado.

Assim que alcançou o plano, havia um pântano, que foi preciso atravessar.

Chegou enfim à clareira Blaru, mas somente depois de quarenta minutos, suado, encharcado, esbaforido, arranhado e furioso.

Ninguém na clareira.

Boulatruelle foi direto ao monte de pedras. Estava no mesmo lugar. Não o tinham mudado.

Quanto ao homem, desaparecera na mata. Fugira. Para onde? Para que lado? Era impossível adivinhar.

E o mais terrível era que, atrás das pedras, junto da árvore com emplastro de zinco, a terra tinha sido cavada recentemente, um enxadão estava perto, esquecido ou abandonado, e um buraco foi deixado aberto.

Um buraco vazio.

— Ladrão! — gritou Boulatruelle, estendendo para o horizonte os punhos cerrados.

II

Saindo da guerra civil, Marius se prepara para a guerra doméstica

Marius esteve por muito tempo entre a vida e a morte. Por muitas semanas teve febre, acompanhada de delírio, dando mostras de graves sintomas cerebrais, causados mais pelo abalo das feridas na cabeça do que pelas feridas propriamente.

Por noites inteiras repetiu o nome de Cosette, com a lúgubre veemência da febre e a sombria obstinação da agonia. A amplitude de algumas lesões representou um sério perigo, com a supuração podendo ser assimilada internamente pelo corpo e consequentemente matar o paciente, sob certas influências atmosféricas. A cada mudança do tempo, então, ou à menor tempestade, o médico se inquietava.

— O doente não deve sofrer grandes emoções — repetia ele.

Os curativos eram complicados e difíceis, com a fixação dos aparelhos e das ataduras pelo esparadrapo não tendo ainda sido descoberta naquela época. Nicolette consumiu em ataduras um lençol inteiro, "do tamanho da casa", dizia ela. Não foi sem muito custo que os banhos clorados e o nitrato de prata conseguiram evitar a gangrena. Enquanto houve perigo, o sr. Gillenormand esteve à cabeceira do neto, igual a ele: nem morto nem vivo.

Diariamente, ou até duas vezes, no mesmo dia, ia um homem de cabelos brancos, muito bem-vestido, segundo o porteiro, saber do estado do convalescente, e deixava um volumoso embrulho de ataduras para os curativos.

Finalmente, no dia 7 de setembro, quatro meses exatos depois da dolorosa noite em que o tinham trazido moribundo à casa do avô, o médico o declarou fora de perigo.

Começou a convalescença. Marius teve, porém, de permanecer ainda mais dois meses estendido num sofá, por causa da clavícula fraturada. Há sempre uma última ferida que teima em não cicatrizar e eterniza os curativos, para desgosto do doente.

Por outro lado, a prolongada convalescença livrou-o de ser processado. Na França não há rancor, mesmo público, que não se extinga em seis meses. As revoltas, no estado em que se encontra a sociedade, são tão claramente culpa de todo mundo, que, depois delas, tudo que todo mundo quer é fechar os olhos.

Acrescentemos que a inqualificável ordem de Gisquet, obrigando os médicos a denunciarem os feridos, tendo provocado a indignação pública e não somente pública, mas também do rei, acabou protegendo-os e acobertando. À exceção dos que foram presos em combate, ninguém foi incomodado pelos conselhos de guerra. Marius pôde se recuperar tranquilamente.

O sr. Gillenormand passou primeiro por todas as aflições e depois por todos os êxtases. Foi muito difícil impedi-lo de passar todas as noites ao lado do ferido. Transferiu sua poltrona para a cabeceira de Marius e exigiu que a filha fizesse as compressas e ligaduras com o melhor e mais fino linho da casa. A srta. Gillenormand, judiciosa e experiente, achou meio de poupar o pano de linho de melhor qualidade, sem deixar que o ancião percebesse não estar sendo obedecido. Ninguém o convenceria de que, para as ataduras, o pano mais grosseiro valia tanto quanto a cambraia e o pano já usado e lavado, tanto quanto o pano novo. Ele assistia a todos os curativos, dos quais a srta. Gillenormand pudicamente se afastava. Quando as carnes mortas eram recortadas com a tesoura, ele dizia "Ai!" e enchia o médico de perguntas, sem reparar que eram quase sempre as mesmas.

No dia em que o médico declarou Marius fora de perigo, chegou o excelente velho a delirar. Nesse dia deu três luíses de gratificação ao porteiro. À noite, já no seu quarto, dançou uma gavota, dando estalinhos com os dedos e cantando:

Jeanne est née à Fougère,
Vraie nid d'une bergère;
J'adore son jupon
Fripon.

Amour, tu vis en elle;
Car c'est dans sa prunelle
Que tu mets ton carquois,
Narquois!

Moi, je la chante, et j'aime

Plus que Diane même,
Jeanne et ses durs tétons
Bretons.[1]

Ele em seguida se ajoelhou sobre uma cadeira. Basco, que o observava pela porta entreaberta, ficou convencido de que estava orando.

Até ali não acreditava em Deus.

A cada nova fase de restabelecimento, que mais e mais se confirmava, o ancião se tornava mais extravagante. Cumpria uma série de ações maquinais cheio de alegria; subia e descia as escadas sem saber para quê. Uma vizinha, aliás bonita, ficou muito surpresa, um dia de manhã, ao receber flores, mandadas pelo sr. Gillenormand. O marido fez toda uma cena de ciúme. O velho tentava à vezes fazer Nicolette se sentar nos seus joelhos; chamava Marius senhor barão e gritava: "Viva a República!"

O tempo todo perguntava ao médico:

— Não é verdade que já não há perigo?

Olhava Marius com olhos de avó. Desmanchava-se de ternura, vendo-o comer. Não reconhecia mais a si mesmo nem se dava mais qualquer importância. O dono da casa era Marius; havia abdicação na sua alegria, tornara-se neto do seu neto.

No meio de tanto júbilo, ele era a mais venerável das crianças. Temendo fatigar ou importunar o convalescente, colocava-se atrás dele para poder sorrir sem ser visto. Estava contente, alegre, deslumbrado, encantador e até mais moço. Os cabelos brancos acrescentavam suave dignidade à luz que brilhava em seu rosto. Quando a graça se infiltra nas rugas, é adorável. Descobre-se uma estranha aurora na velhice satisfeita.

Entretanto Marius, ao passo que se deixava curar e tratar, tinha uma só ideia fixa: Cosette.

Desde que se viu livre da febre e do delírio, ele não voltou mais a pronunciar esse nome; podia parecer até que já nem pensava mais nisso. Mantinha-se calado por ser exatamente naquele nome que estava na sua alma.

Ignorava o que era feito de Cosette; os acontecimentos da rua da Chanvrerie apareciam na sua memória como uma nuvem, fazendo flutuar em seu espírito sombras quase indistintas: Éponine, Gavroche, Mabeuf, os Thénardier e tantos amigos lugubremente envoltos na fumaça da barricada. A estranha passagem do sr. Fauchelevent naquela sanguinolenta aventura era como um enigma em toda aquela tempestade. Não compreendia como estava vivo, não sabia como nem por quem fora salvo e ninguém, das pessoas a seu redor sabia. Pôde saber apenas que o

trouxeram num fiacre à rua das Files-du-Calvaire. Passado, presente, futuro, tudo para ele não passava de bruma, numa ideia vaga, mas no meio disso tudo havia um só ponto imutável, uma linha clara e precisa, algo sólido como o granito, uma decisão, uma vontade: encontrar Cosette. Para ele, a ideia da vida não era distinta da ideia de Cosette; decretara não aceitar uma sem a outra e estava inabalavelmente decidido a exigir, de quem quer que procurasse obrigá-lo a viver, fosse o avô, o destino ou o inferno, a restituição do seu Éden perdido.

Não procurava, porém, esconder de si mesmo os obstáculos.

Sublinhemos o seguinte detalhe: Marius não se dava por vencido e mostrava-se pouco sensibilizado com as solicitudes e provas de carinho do avô. Em primeiro lugar, não estava ciente de todas; além disso, em seus pensamentos de enfermo, talvez ainda sob influência da febre, desconfiava de tanta doçura como algo estranho e com a intenção de domá-lo. Mantinha-se frio e o avô desperdiçava seu pobre e velho sorriso. Marius se dizia que o deixariam em paz enquanto nada dissesse, mas tão logo voltasse a mencionar Cosette, tudo mudaria e ficaria clara a verdadeira atitude do avô. As coisas então se tornariam mais duras, com confronto de posições, sarcasmos e todas as objeções anteriores, Fauchelevent, Coupelevent, o dinheiro, a pobreza, a miséria, a pedra no pescoço, o futuro. Resistência violenta, conclusão, recusa. Marius já ficava tenso por antecipação.

Depois, à medida que ia voltando à vida, ressurgiam as antigas ofensas. O coronel Pontmercy interpunha-se novamente entre ele e o avô e o rapaz se convencia de não poder esperar bondade alguma de quem havia sido tão injusto e duro com o seu pai. Com a saúde, ele recobrava certa aspereza contra o avô. O velho suportava-a com doçura.

O sr. Gillenormand, sem demonstrar, notava que Marius, desde que fora levado para sua casa e recobrara os sentidos, não lhe chamara pai uma única vez. Não o tratava de forma explicitamente impessoal, é verdade, mas encontrava como se manter entre os dois extremos, pela maneira de formar as frases.

Aproximava-se evidentemente uma crise.

Como sempre se passa em casos assim, Marius tentou uma escaramuça antes de travar batalha. Certa manhã, referindo-se a algum jornal que lhe chegara às mãos, o sr. Gillenormand falou de forma desatenciosa da Convenção e soltou um dos seus epifonemas monarquistas sobre Danton, Saint-Just e Robespierre.

— Os homens de 1793 eram gigantes — disse Marius com alguma brusquidão.

O velho calou-se e nada mais falou o dia todo.

Marius, que tinha sempre à lembrança o inflexível avô dos seus primeiros anos, viu naquele silêncio uma concentração de raiva e previu um duro confronto,

aumentando no espírito os preparativos de combate.

Decidiu que, em caso de recusa, arrancaria os aparelhos, deslocaria a clavícula, poria em carne viva as feridas que restavam e rejeitaria qualquer alimentação. As feridas eram as suas munições. Ter Cosette ou morrer.

Depois esperou a ocasião favorável, com a dissimulada paciência dos doentes.

E a ocasião se apresentou.

III

Marius ataca

Um dia, enquanto a filha arrumava os vidros e as xícaras no mármore da cômoda, o sr. Gillenormand, debruçado na direção do neto, disse, de forma perfeitamente carinhosa:

— Veja, meu querido, no seu lugar eu comeria carne e não peixe. Um linguado frito é bom para começar uma convalescença, mas para pôr um doente em pé nada melhor que uma boa costeleta.

Marius, que já tinha recobrado quase inteiramente as forças, reuniu-as, sentou-se na cama, apoiou os punhos fechados no lençol, olhou o avô de frente e disse com firmeza:

— Isso leva-me a outra coisa.

— O que é?

— É que quero casar-me.

— Isso já se sabe — disse o avô. E desatou a rir.

— Como assim, já se sabe?

— Isso, já se sabe. Não vai demorar, a sua menina.

Marius, paralisado de surpresa, estremeceu.

O sr. Gillenormand continuou:

— Foi o que eu disse, não vai demorar, a belezoca vem aqui todos os dias, sob a forma de um sujeito idoso, saber notícias suas. Desde que está ferido, ela passa o tempo a chorar e a preparar ligaduras. Procurei me informar. Mora na rua do Homme-Armé, nº 7. Ah! se é o que quer, vai tê-la. Está surpreso, não é? Tinha já

preparado o seu complô, pensando: "Vou dizer de uma só vez a esse velho, essa múmia da Regência e do Diretório, que também já fez suas estripulias e teve seus namoros, as suas *grisettes* e Cosettes; fez o que pôde; também usou as asas, também comeu o pão da primavera: há de lembrar-se, por força, de tudo que fez. Vamos ver, comecemos a batalha." Resolveu pôr em pratos limpos. Muito bem. Ofereço uma costeleta e você me responde: e por falar em costeletas, quero me casar. Isso é que é transição! Contava com uma boa briga! Não sabia que sou um velho frouxo. O que diz agora? Está frustrado. Descobrir que o avô é ainda mais idiota que você, não esperava por essa; perdeu o discurso que tencionava me impingir, senhor advogado. Chato, não é? Pois é isso, azar o seu. Faço o que quer e não pode dizer nada, imbecil! Mas ouça, consegui todas as informações, também sou sonso. É encantadora e tem juízo; a história do lanceiro é mentira; e tem feito montes de ataduras; é mesmo uma joia, ela o adora. Se você tivesse morrido, seríamos três; o caixão dela acompanharia o meu. Pensas que não tive a ideia, assim que começou a melhorar, de trazê-la aqui? Mas só nos romances colocam mocinhas à cabeceira dos feridos que as interessam. Não é coisa que se faça. O que diria sua tia? Você estava praticamente nu a maior parte do tempo. Pergunte a Nicolette, que nem um instante saiu de junto de você, se havia meio de trazer alguém assim. E depois, o que pensaria o médico? Uma bonita moça não é o ideal para acalmar a febre. Enfim, não falemos mais nisso; está dito, está feito, está concluído, fique com a moça. Viu como é a minha ferocidade? Vi que você não gostava de mim e pensei: o que posso fazer para que esse animal goste de mim? Daí me lembrei de uma coisa e disse. Pronto! Tenho à mão a sua Cosettezinha! Pois vou resolver isso e então, se mesmo assim ele não gostar de mim, vai ter de dizer por quê. Achou que o velho praguejaria, falaria grosso, gritaria e ergueria a bengala contra toda essa aurora! Pois enganou-se: Viva Cosette; viva o amor; não desejo outra coisa. Cavalheiro, queira se dar ao trabalho de casar. Seja feliz, meu querido filho.

E dizendo isso, rompeu o velho em soluços.

Cingiu a cabeça de Marius com ambos os braços contra o peito e desataram ambos a chorar. É uma das formas da felicidade suprema.

— Meu pai! — exclamou Marius.

— Ah! Então gosta de mim? — disse o velho.

Houve então um momento inefável. Estavam ambos sem poder respirar nem falar.

Enfim o ancião balbuciou:

— Bom, consegui! Chamou-me "meu pai"!

Marius afastou-se do abraço do avô e disse com carinho:

— Mas, meu pai, agora que já estou bem, já poderia vê-la.

— Também já se sabe isso! Ela virá amanhã.

— Pai...

— O quê?

— Por que não hoje?

— Hoje? Que seja. Já me chamou três vezes de pai e uma coisa vale bem a outra. Vou já tratar disso. Descanse que ela virá. Já disse que é coisa certa. Isso inclusive foi colocado em versos. É o final da elegia *Jeune malade*, de André Chénier, André Chénier que foi degolado pelos ban... pelos gigantes de 1793.

O sr. Gillenormand achou perceber uma ligeira tensão nas sobrancelhas de Marius, que, na verdade, devemos dizer, não ouvia mais, partido em êxtase e pensando muito mais em Cosette do que em 1793. O avô, preocupado por ter sido tão inábil com a menção a André Chénier, tentou consertar:

— Degolado não é bem a palavra, fato é que os grandes gênios revolucionários, que não eram maus, sem dúvida, verdadeiros heróis, caramba!, acharam que o André Chénier incomodava um pouco e o guilho... Quer dizer, aqueles grandes homens, do sete Thermidor, no interesse da salvação pública, pediram que André Chénier aceitasse ir...

Engasgado com sua frase, o sr. Gillenormand não pôde continuar. Sem conseguir terminar nem retirá-la, enquanto a filha ajeitava o travesseiro atrás de Marius, transtornado por tanta emoção, o velho saiu, com toda a ligeireza que a idade lhe permitia, do quarto, fechou a porta atrás e, vermelho, sufocado, espumando, com os olhos esbugalhados, viu-se cara a cara com o impecável Basco, que estava na antecâmara, engraxando as botas. Agarrou Basco pela gola e disse-lhe furiosamente:

— Por todos os demônios do universo! Aquela corja de ladrões o assassinou!

— Quem, senhor?!

— André Chenier!

— Foi, sim senhor — disse Basco muito espantado.

IV

A srta. Gillenormand não acha de todo mau que o sr. Fauchelevent tenha entrado com alguma coisa debaixo

do braço

Cosette e Marius se viram.

O que foi esse encontro, não tentaremos contar. Há coisas que não devem ser descritas. O sol, por exemplo.

No momento em que Cosette entrou no quarto de Marius, toda a família, incluindo Basco e Nicolette, estava ali reunida.

Ela apareceu à porta; parecia resplender.

Exatamente naquele momento, ia o avô assoar-se, mas parou de repente, com o nariz no lenço e, observando Cosette, exclamou:

— Admirável!

E em seguida assoou-se ruidosamente.

Cosette flutuava encantada, assustada, achando-se no céu. Tão insegura quanto é possível na felicidade. Balbuciou alguma coisa corando, depois empalidecendo, querendo apenas lançar-se nos braços de Marius e não ousando, envergonhada por amar diante de tanta gente. As pessoas detestam os amantes felizes e permanecem presentes, quando tudo que eles querem é estar sós. E quem ama não precisa minimamente de ninguém mais.

Atrás de Cosette entrou um homem de cabelos brancos, fisionomia grave e séria, mas sorridente, com vago e comovente sorriso.

Era o "sr. Fauchelevent"; era Jean Valjean.

Alguém *muito bem-vestido* como dizia o porteiro, de traje preto e novo, com gravata branca.

O porteiro estava a mil léguas de reconhecer naquele burguês correto, talvez um tabelião, o horrível carregador de cadáver da noite de 7 de junho, esfarrapado, enlameado, horrível, assustador e coberto de sangue e lama, carregando Marius sem sentidos. Mas seu faro de porteiro não dormia: quando o sr. Fauchelevent chegou com Cosette, ele não deixou de comentar com a mulher:

— Não sei por que, mas sempre tenho a impressão de já ter visto essa cara em algum lugar.

No quarto de Marius, o sr. Fauchelevent se mantinha afastado, junto à porta. Debaixo do braço tinha um pacote semelhante a um volume in-oitavo, embrulhado num papel esverdeado, parecendo mofado.

— Será que esse homem anda sempre com livros debaixo do braço? — perguntou em voz baixa a Nicolette a srta. Gillenormand, que não era amiga dos

livros.

— E o que tem isso? — interferiu no mesmo tom o sr. Gillenormand, que ouvira a pergunta. — É um estudioso; que mal tem nisso? Boulard, que conheci muito bem, nunca ia a parte alguma sem um livro debaixo do braço e andava sempre assim, com um volume junto do coração.

E cumprimentou-o:

— Sr. Tranchelevent…

Não foi proposital a gafe; a falta de atenção com os nomes próprios era, para o sr. Gillenormand, uma atitude aristocrática.

— Sr. Tranchelevent, tenho a honra de pedir para meu neto, o senhor barão Marius Pontmercy, a mão desta jovem.

O "sr. Tranchelevent" inclinou-se.

— Está feito — considerou o avô e, voltando-se para Marius e Cosette, com os braços estendidos, exclamou dando-lhes a bênção: — Têm licença para se adorarem.

Os dois não esperaram que insistissem. Que assim fosse! Puseram-se imediatamente a cochichar, com Marius recostado em sua poltrona e Cosette a seu lado:

— Por Deus! — murmurou a jovem. — Volto a vê-lo! É você; o senhor! Ir combater daquela maneira! Para quê? Foi horrível! Estive quatro meses como morta. Foi crueldade ter ido para aquele lugar! Que mal lhe fiz? Perdoo, mas não faça mais isso. Ainda agora, quando nos foram dizer que viéssemos, achei que ia morrer, mas era de alegria. Estava tão triste! Nem tive tempo de me vestir, devo estar horrível. O que os seus parentes vão dizer, vendo essa gola toda amassada? Mas diga! Só eu estou falando. Ainda estamos na rua do Homme-Armé. Parece que foi horrível a ferida no ombro. Disseram que cabia a mão inteira lá dentro. Além disso, parece que cortaram a carne com uma tesoura… Jesus! Faz estremecer. Choro tanto que quase nem tenho olhos. Que engraçado que se possa sofrer assim. Seu avô parece ser muito bom! Mas não se esforce, não se apoie assim no cotovelo, vai lhe fazer mal. Como estou feliz! Passou toda aquela desgraça! Que idiota que sou. Tinha muitas coisas para dizer, já não me lembro. Ainda me ama? Moramos na rua do Homme-Armé. Não temos jardim. Fiz ataduras o tempo todo. Veja, é culpa sua, tenho calos nos dedos.

— Anjo! — disse Marius.

Anjo é a única palavra da língua que não se desgasta. Nenhuma outra resistiria ao uso implacável que fazem os enamorados.

Depois, como havia outras pessoas, eles pararam e nada mais disseram, limitando-se a um leve toque das mãos.

O sr. Gillenormand voltou-se para os que ali estavam e disse em voz alta:

— Falem, temos de fazer barulho! É preciso certa confusão, que diabo!, para que os jovens possam conversar à vontade.

E, aproximando-se dos dois enamorados, disse baixinho:

— Conversem do jeito que estão acostumados, não se preocupem conosco.

Tia Gillenormand assistia estupefata àquela irrupção de luz no seu ambiente velhusco. Nada havia de agressivo nesse seu espanto; nem de longe seria o olhar escandalizado e invejoso da coruja contra dois pombinhos; era a parvoíce de uma pobre inocente de cinquenta e sete anos; era a vida frustrada assistindo àquele triunfo, o amor.

— Srta. Gillenormand mais velha — disse para ela o pai —, bem que eu disse que te aconteceria isto.

E depois de um curto silêncio, acrescentou:

— Vê a felicidade dos outros.

Depois voltando-se para Cosette:

— Como é bonita, é linda! Uma pintura de Greuze. Vai ter isso só para você, seu espertinho! Ah! meu menino; escapou de boa por eu não ter quinze anos a menos, duelaríamos com espadas para decidir quem ficaria com ela. Olhe, minha jovem, já estou apaixonado. Nada mais simples; está no seu direito. Que linda e encantadora cerimônia vamos ter! Saint-Denis du Saint-Sacrement é a nossa paróquia, mas conseguirei uma dispensa para que se casem em Saint-Paul. É uma igreja melhor, construída pelos jesuítas. É mais adequada, à frente da fonte do cardeal de Birague. A obra-prima do arquiteto jesuíta fica em Namur, chama-se Saint-Loup. Têm que ir lá, depois de casados, vale a viagem. Menina, concordo plenamente: moças devem se casar, são feitas para isso. Há uma certa santa Catarina que eu sempre quis ver descabelada. Ficar solteira é belo, mas frio. Multiplicai, diz a Bíblia. Para salvar o povo, é preciso Joana d'Arc, mas para gerá-lo, precisamos da mãe Cegonha. Que então se casem as jovens! Realmente, não sei que utilidade possa ter ficar solteira! Sei haver uma capela anexa à igreja, com sua confraria da Virgem, mas, caramba!, um bonito marido com todas as boas qualidades e, passado um ano, um robusto e louro pequerrucho mamando com vontade, com dobras de gordura nas coxas e que procura se agarrar no seu peito com as mãozinhas rosadas, rindo como a aurora, tem muito mais valor do que segurar um círio nas Vésperas e cantar *Turris eburnea!*

O avô deu em seguida uma pirueta nos calcanhares de noventa anos e continuou a falar, como uma caixinha de música aberta:

Ainsi, bornant le cours de tes rêvasseries,
Alcippe, il est donc vrai, dans peu tu te maries.[2]

— Aliás...

— O que é, meu pai?

— Não tinha um amigo?

— Tinha, Courfeyrac.

— O que foi feito dele?

— Morreu.

— Que bom.

Sentou-se depois junto do casal, fazendo com que Cosette também se sentasse e juntou nas suas encarquilhadas mãos as quatro dos dois namorados.

— É maravilhosa, essa mocinha! Uma obra-prima, essa jovem Cosette! Tão nova e tão senhora. Será apenas baronesa; é pena, pois nasceu marquesa. Que cílios! Meus filhos, enfiem nas suas cabecinhas que chegaram ao que é verdadeiro! Amem-se. Sejam tolos. O amor é a tolice dos homens e a sabedoria de Deus. Adorem-se! Mas — acrescentou ele, de repente preocupado — lembrei-me de algo terrível! Mais da metade do que tenho já está comprometida; enquanto eu estiver vivo, ainda temos alguma coisa, mas quando eu morrer, daqui a vinte anos, ah! Meus pobres filhos, ficarão sem um tostão! As suas lindas e alvas mãos, senhora baronesa, darão ao diabo a honra de lhe puxar pelo rabo.

Nesse momento ouviu-se uma voz grave e tranquila dizer:

— A srta. Euphrasie Fauchelevent tem seiscentos mil francos.

Era a voz de Jean Valjean.

Não tinha dito ainda coisa alguma; ninguém sequer parecia notar sua presença e ele estava ali, de pé e imóvel, atrás de toda aquela gente feliz.

— Quem é a srta. Euphrasie, de quem se trata? — perguntou o avô, assustado.

— Sou eu — respondeu Cosette.

— Seiscentos mil francos! — repetiu Gillenormand.

— Menos quatorze ou quinze mil francos, talvez — disse Jean Valjean, colocando em cima da mesa o pacote que tia Gillenormand achou ser um livro.

O próprio Jean Valjean abriu o pacote; eram notas de banco. Que foram folheadas e contadas. Quinhentas notas de mil francos e cento e sessenta e oito de quinhentos.

— Isso é que é um bom livro — disse o sr. Gillenormand.

— Quinhentos e oitenta e quatro mil francos! — murmurou a tia.

— Isso resolve bem as coisas, não é, srta. Gillenormand mais velha? — tornou o avô. — Esse danadinho do Marius conseguiu achar na árvore dos sonhos uma costureirinha milionária! Como imaginar coisa assim num namorico?! Estudantes encontrando moças estudantes com seiscentos mil francos! Querubim faz melhor que Rothschild.

— Quinhentos e oitenta e quatro mil francos! — repetia baixinho a srta. Gillenormand. — Quinhentos e oitenta e quatro mil! É o mesmo que dizer seiscentos mil!

Já Marius e Cosette, apenas olhavam um para o outro durante todo esse tempo e quase não deram atenção ao pormenor.

V

Melhor deixar o dinheiro numa floresta do que com um tabelião

Sem dúvida já se percebeu, sem que seja necessário explicar minuciosamente, que Jean Valjean, depois do caso Champmathieu, graças à sua primeira evasão de alguns dias, pôde ir a Paris e sacar a tempo, na Casa Laffitte, a soma que havia ganhado, como sr. Madeleine, em Montreuil-sur-Mer. Temendo ser de novo preso, como de fato aconteceu pouco tempo depois, ele enterrou aquela soma na floresta de Montfermeil, no lugar chamado Terra Blaru. A soma, seiscentos e trinta mil francos, toda em notas de banco, não fazia muito volume, cabendo numa caixa de pequenas dimensões. Para preservá-la da umidade, metera-a noutra de carvalho, cheia de aparas de castanheiro. Nessa mesma caixa ele guardara seu outro tesouro, os castiçais do bispo. Como devem se lembrar, levara-os consigo, ao fugir de Montreuil-sur-Mer. O homem visto pela primeira vez, num fim de tarde, por Boulatruelle, era Jean Valjean. Em seguida, toda vez que ele precisava de dinheiro, ia buscá-lo na clareira Blaru. Daí suas diversas ausências, de que já falamos. Um enxadão ficava sempre bem escondido no mato. Ao confirmar a convalescença de Marius, vendo se aproximar a ocasião em que aquele dinheiro poderia ser útil, ele

foi buscá-lo. Boulatruelle mais uma vez o viu, só que pela manhã cedo e não mais no fim da tarde. Boulatruelle, pelo menos, herdou o enxadão.

A soma existente era de quinhentos e oitenta e quatro mil e quinhentos francos. Jean Valjean separou esses quinhentos francos, pensando: "Depois veremos."

A diferença entre essa soma e os seiscentos e trinta mil francos sacados da Casa Laffitte representava a despesa de dez anos, de 1823 a 1833. Os cinco anos no convento tinham custado apenas cinco mil francos.

Jean Valjean pôs os castiçais de prata reluzentes em cima da lareira, para grande espanto de Toussaint.

Junto a isso, ele sabia estar livre de Javert. Ouviu comentarem e confirmou o fato no *Moniteur*, que o publicara, dizendo que o corpo de um inspetor de polícia, chamado Javert, fora encontrado sob um batel de lavadeiras, entre a ponte au-Change e a ponte Neuf. Uma nota redigida pelo funcionário, aliás irrepreensível e muito estimado por seus chefes, levava a crer num acesso de alienação mental, do qual decerto resultara o suicídio.

"Com efeito", pensou Jean Valjean, "para me deixar em liberdade, tendo-me à mão, certamente já estava doido".

VI

Os dois velhos fazem quanto podem, cada um à sua maneira, para que Cosette seja feliz

Preparou-se tudo para o casamento. Consultado, o médico declarou que poderia ser realizado em fevereiro. Estavam em dezembro. Algumas encantadoras semanas de perfeita felicidade se passaram.

E o menos feliz não era o avô, que passava quartos de horas inteiros na contemplação de Cosette.

— Que admirável moça! — exclamava ele. — E que ar meigo e amável ela tem! Não há o que dizer; é a mais encantadora jovem que vi em toda a minha vida. Mais tarde, virão virtudes com perfume de violeta. É uma graça. Só se pode viver com

nobreza ao lado de semelhante criatura. Marius, meu filho, você é barão, é rico, não vá advogar, peço encarecidamente.

Cosette e Marius tinham bruscamente passado do sepulcro ao paraíso. A transição fora um tanto brutal e eles a sentiriam, se não estivessem tão deslumbrados.

— Entende alguma coisa nisso tudo? — perguntava o rapaz à noiva.

— Não — respondia ela—, mas tenho a impressão de que Deus olha por nós.

Jean Valjean fez tudo, aplainou tudo, conciliou tudo, tornou tudo fácil. Apressava-se para a felicidade de Cosette com tanta solicitude e, aparentemente, tanta alegria, quanto a própria Cosette.

Como tinha sido prefeito, soube como resolver um problema delicado, cujo segredo só ele conhecia: a filiação de Cosette. Declarar sem rodeios a sua origem, quem sabe talvez isso pudesse dificultar o casamento? Livrou-se então de todos os possíveis entraves. Colocou-a numa família de pessoas falecidas, meio seguro de não se expor a reclamações. Cosette era sobrevivente de uma família extinta. Não era sua filha, mas filha de um outro Fauchelevent. Havia dois irmãos Fauchelevent no convento do Petit-Picpus, ambos jardineiros.

Procurou-se o convento e abundaram as melhores e mais respeitáveis referências. As excelentes religiosas, pouco aptas e pouco inclinadas a sondar questões de paternidade, e não vendo em semelhante coisa a menor sombra de malícia, nunca tinham procurado saber ao certo de qual Fauchelevent Cosette era filha. Disseram tudo que delas se esperava, com toda a boa vontade. Lavrou-se uma certidão. Cosette tornou-se, perante a lei, Euphrasie Fauchelevent, e declarada órfã de pai e mãe. Jean Valjean dispôs as coisas de modo que fosse, sob o nome de Fauchelevent, designado tutor de Cosette, com o sr. Gillenormand subtutor.

Quanto aos quinhentos e oitenta e quatro mil francos, vinham do legado deixado a Cosette por uma pessoa já falecida e que desejara se manter anônima. O legado primitivo fora de quinhentos e noventa e quatro mil francos; mas dez mil haviam sido despendidos na educação da menina, dos quais cinco mil foram pagos ao convento. Essa doação, deixada nas mãos de um terceiro, devia ser entregue a Cosette quando chegasse à maioridade ou quando se casasse. Todo esse conjunto de coisas era, como se vê, muito aceitável, sobretudo com mais de meio milhão de francos. Havia certamente algumas singularidades, mas ninguém queria vê-las. Um dos interessados tinha os olhos vendados pelo amor, os outros pelos seiscentos mil francos.

Cosette soube que não era filha daquele velho senhor a quem por tanto tempo chamara de pai. Era apenas um parente, sendo o seu verdadeiro pai um outro

Fauchelevent. Em qualquer outra ocasião, essa descoberta a teria desconsolado. Mas no inefável momento em que se encontrava, isso não passou de ligeira nuvem, ligeira sombra que durou muito pouco no meio de tanta alegria. Tinha Marius; o rapaz chegava, o velho senhor se retirava; é como é feita a vida.

Além disso, havia muitos anos Cosette se habituara a estar rodeada de enigmas. Toda pessoa que teve uma infância misteriosa está sempre disposta a certas renúncias.

Mas continuou a chamar Jean Valjean de pai.

Nas nuvens, Cosette estava entusiasmada com o avô Gillenormand, que a enchia de elogios e de presentes. Enquanto Jean Valjean fabricava para Cosette uma situação sustentável no mundo e um estado social inatacável, cuidava o sr. Gillenormand do enxoval. Deu a Cosette um vestido de rendas de linho de Binche, que pertencera à sua avó, dizendo:

— Essas modas estão renascendo; as velharias fazem furor e as jovens da minha velhice se vestem como as velhas da minha infância.

Ele assaltava as respeitáveis arcas bojudas em laca de Coromandel que não eram abertas havia anos. "Vamos averiguar esse baú de velharias chiques", dizia ele, "vamos ver o que tem na barriga". Violentava com estardalhaço gavetas cheias de roupas de todas as ex-mulheres, as amantes e as antepassadas. Sedas finas, damascos, tecidos pintados, tafetás, lenços da Índia bordados em ouro e mesmo assim laváveis, bordados *dauphine*, em ponto de Gênova e de Alençon, enfeites em antiga ourivesaria, caixas de bombom de marfim, representando microscópicas batalhas, trastes, fitas, ele dava tudo a Cosette que, maravilhada, perdida de amor por Marius e grata ao sr. Gillenormand, sonhava com uma felicidade sem limites, vestida de cetim e veludo. Seu enxoval parecia transportado por serafins, sua alma esvoaçava no céu, graças a asas com renda de Malines.

A embriaguez do casal só se igualava, como dissemos, ao êxtase do avô. Era como se houvesse permanente fanfarra na rua das Filles-du-Calvaire.

Todas as manhãs surgia novo presente de velharias do avô. Todos os falbalás imagináveis esplendidamente se juntavam ao redor da jovem.

Um dia Marius, que tinha momentos de gravidade dentro de toda a sua felicidade, disse, a respeito de não sei qual incidente:

— Os homens da Revolução são tão grandes que desde já têm o prestígio dos séculos, como Catão e como Fócion, cada um parece uma memória antiga.

— Mória antiga![3] — exclamou o velho. — Obrigado, Marius, é exatamente a ideia que eu procurava.

E no dia seguinte, um magnífico vestido de *moire* antiga, cor de chá, se acrescentou ao enxoval de Cosette.

O avô extraía dos seus panos toda uma sabedoria:

— O amor é excelente coisa, mas é preciso tudo isso junto. O inútil é necessário à felicidade. A felicidade é o básico, mas deve ser bem temperada. Um palácio e o seu coração. Seu coração e o Louvre. Seu coração e os jardins de Versalhes. Quero minha pastora, mas ótimo se ela for duquesa. Tragam Fílis coroada de florezinhas do campo e acrescentem cem mil libras de rendas. Abram-me uma bucólica a se perder de vista sob uma colunata de mármore, aceito a bucólica, mas também a festa de mármore e ouro. A felicidade a seco é como o pão dormido. Come-se, mas não se pode chamar de jantar. Quero o supérfluo, o inútil, o extravagante, o exagero, o que não serve para nada. Lembro que vi em Estrasburgo um relógio da altura de uma casa de três andares que dizia as horas, tinha a generosidade de dizer as horas, mas não foi feito para isso; depois de bater meio-dia ou meia-noite, meio-dia, hora do sol, meia-noite, hora do amor, ou qualquer outra hora que queiram, dava a lua e as estrelas, a terra e o mar, os pássaros e os peixes, Febo e Febea, além de uma pilha de coisas que saíam de um buraco: os doze apóstolos, o imperador Carlos V, Eponina e Sabino, além de um monte de homenzinhos dourados tocando trombeta, ainda por cima. Sem falar dos lindos repiques que ele espalhava ao vento, sem que se soubesse muito por quê. Um relógio nu, que apenas diz as horas, o que vale? No que me concerne, fico com o relógio enorme de Estrasburgo, melhor que o cuco da Floresta Negra.

O sr. Gillenormand desarrazoava ainda mais quando falava da cerimônia e suas recordações do século XVII se misturavam aos ditirambos.

— Hoje, desconhece-se a arte das festas. No tempo presente, não se sabe organizar um dia de alegria! — exclamava ele. — Este século XIX de vocês é sem graça. Falta o excessivo. Ignora o que é rico, o que é nobre. É raso em todo tipo de coisa. Este Terceiro Estado reinante é insípido, incolor, inodoro e informe. Sonhos de uma burguesa de agora que montam, como elas dizem, "um *boudoir* bonitinho, recém-decorado em jacarandá e cânhamo." Por favor! Por favor! Seu Fulano casando com dona Fulaninha. Suntuosidade e esplendor. No máximo colam um luís de ouro num círio. É essa época. Prefiro voltar aos sármatas. Ah, já em 1787 previ que tudo estava perdido, no dia em que vi o duque de Rohan, príncipe de Léon, duque de Chabot, duque de Montbazon, marquês de Soubise, visconde de Thouars e par da França ir a Longchamps num reles tílburi. Deu no que deu. Neste século fazem-se negócios, joga-se na Bolsa, ganha-se dinheiro e continua-se sovina. Cuidam e dão brilho na superfície, vestem-se com esmero, bem lavados, ensaboados, raspados,

barbeados, penteados, engraxados, alisados, esfregados, escovados, limpos por fora, irrepreensíveis, polidos como um seixo, discretos, asseados e, ao mesmo tempo, virtude nenhuma! No fundo da consciência, estrume e cloaca capazes de assustar uma pastora de vacas que se assoa com os dedos. Dou ao tempo presente esta divisa: "Limpeza suja." Marius, não se zangue, permita-me falar, não estou falando mal do povo, está vendo? Encho a boca para falar desse seu povo, mas aceite que eu espinafre a burguesia. Faço parte dela. Quem gosta de uma coisa pode falar mal. Resumindo, hoje em dia as pessoas se casam, mas não sabem mais se casar. É verdade, sinto falta do bom gosto dos antigos costumes. Sinto falta de tudo. Da elegância, do cavalheirismo, das maneiras corteses e bonitas, do luxo alegre que as pessoas tinham, da música fazendo parte das núpcias, sinfonia no alto, tamborins no baixo, as danças, os rostos alegres à mesa, os madrigais rebuscados, as canções, os fogos de artifício, os risos soltos, o diabo e seu trá-lá-lá, os nós enormes de fitas. Saudades da liga de meia da noiva. A liga da noiva é prima da cinta de Vênus. O que motivou a guerra de Troia? Caramba, foi a liga da Helena! Por que lutam, por que o divino Diomedes arrebenta na cabeça de Merioneu aquele forte capacete de bronze com dez pontas? Por que Aquiles e Heitor se espetam com suas lanças? Tudo porque Helena deixou Páris pegar a sua liga. Com a liga de Cosette, Homero reescreveria a *Ilíada*. Colocaria no poema um velho tagarela como eu e o chamaria Nestor. Meus amigos, antigamente, naquele adorável antigamente, os casamentos eram sábios: um bom contrato e depois a comilança. O tabelião saía e o vaudeville começava. Mas, veja, o estômago é uma fera afável e espera o que lhe cabe, querendo festejar também. Jantava-se bem e sempre havia à mesa uma bela comensal sem escapulário que escondia apenas moderadamente o colo! Ah, os risos amplos, como eram alegres naquele tempo! A juventude era um buquê, todo rapaz terminava com um galhinho de lilás ou um apanhado de rosas. O guerreiro se tornava pastor e, se por acaso o jovem fosse capitão dos dragões, encontrava meio de ser chamado Florian. Todos procuravam ser bonitos, bordados e empurpurados. O burguês parecia uma flor, o marquês, uma pedra preciosa. Nada de presilha na barra das calças, nada de botas. Eram pimpões, lustrosos, coloridos, cambiantes, esvoaçantes, gentis, graciosos, o que não impedia de ter a espada à cinta. O colibri tem bico e garras. Era o tempo das óperas *Indes galantes*. Uma das faces do século era o delicado, outra era o magnífico. E, macacos me mordam!, a gente se divertia. Hoje em dia, todo mundo é sério. O burguês é sovina, a burguesia é toda contida; esse século de vocês é infeliz. Censurariam as Graças por se mostrarem decotadas demais. É triste, escondem a beleza como se fosse feiura. Desde a Revolução, tudo tem calças, até as bailarinas. Uma comediante deve se mostrar grave, um rigodão

toma ares professorais. Tudo é majestoso. Causa má impressão não andar com o queixo enfiado no nó da gravata. O ideal de um jovenzinho de vinte anos que se casa é se parecer com o sr. Royer-Collard. E sabem a que se chega com tanta gravidade? A ser pequeno. Saibam disso: a alegria não é só alegre, ela é grande. Sejam apaixonados de modo alegre, que diabo! Casem-se, quando forem se casar, com a febre, a vertigem, a barulheira e a algazarra da felicidade! Gravidade na igreja, concordo. Mas, terminada a missa, com a breca!, que tudo rode em torno da noiva. Um casamento deve ter realeza e quimera, deve continuar sua cerimônia, da catedral de Reims ao pagode de Chanteloup. Detesto casamentos mesquinhos. *Vade retro*, estejam no Olimpo, pelo menos nesse dia. Sejam deuses. Ah, podemos ser sílfides, encarnar os prazeres, os guerreiros com escudos de prata de Alexandre e somos uns zé-ninguém. Meus amigos, todo noivo deve ser o príncipe Aldobrandini. Aproveitem esse minuto único na vida para se alçar ao empíreo com os cisnes e as águias, mesmo que seja preciso no dia seguinte voltar à burguesia das pererecas. Não façam economias para o himeneu, não corroam seus esplendores, não amesquinhem o dia em que devem resplandecer. A núpcia não é o cotidiano doméstico. Ah, se eu puder fazer a meu gosto, será algo galante. Com violinos tocando nas árvores. O meu programa seria: azul-celeste e prata. Misturaria na festa as divindades agrestes, convocaria dríades de nereidas. As bodas de Anfitrite, uma bruma rosada, ninfas bem penteadas e nuas, um acadêmico oferecendo quadras à deusa, um carro puxado por monstros marinhos.

> *Triton trottait devant, et tirait de sa conque*
> *Des sons si ravissants qu'il ravissait quiconque!*[4]

"Isso é um programa de festa, se não for é que nada sei, de coisa alguma, diabos!"

Enquanto o avô, em pleno delírio lírico, ouvia a si mesmo, Cosette e Marius embriagavam-se a se olhar, com toda a liberdade.

Tia Gillenormand observava tudo com a sua imperturbável placidez. Passara por boa quantidade de emoções nos últimos cinco ou seis meses: o regresso de Marius; Marius todo ensanguentado; Marius trazido de uma barricada; Marius morto e depois vivo; Marius reconciliado; Marius querendo casar com uma moça pobre, Marius se casando com uma milionária. Os seiscentos mil francos tinham sido a última surpresa. Depois voltou à sua indiferença habitual, indo regularmente à missa, rezando seu terço, lendo suas Horas, recitando baixinho num canto da casa a

ave-maria, enquanto num outro canto cochichavam *I love you*. Ela via Marius e Cosette como duas sombras, enquanto era ela a sombra.

Existe um estado de ascetismo inerte em que a alma, neutralizada por embotamento, distante daquilo que se poderia chamar atividade de vida, não percebe, além dos tremores de terra e outras catástrofes, nenhuma das impressões humanas, agradáveis ou desagradáveis. Dizia o velho Gillenormand à filha: "Esse seu tipo de devoção corresponde a uma coriza; você nada sente da vida, não sente o cheiro ruim, mas também não sente o cheiro bom."

No mais, os seiscentos mil francos tinham fixado as indecisões da velha donzela. O pai se habituara a contar tão pouco com ela, que não a consultou sobre o consentimento ao casamento de Marius. Procedeu impetuosamente, como era seu costume, sem pensar, déspota que se tornava escravo, senão numa coisa: satisfazer Marius. Já à tia, que existia e podia ter uma opinião, o velho não levou minimamente em consideração. E ela, por mais dócil que fosse, ficou chateada. Um pouco revoltada então em seu foro íntimo, mas exteriormente impassível, ela disse consigo: "Meu pai resolveu a questão do casamento sem mim; pois resolverei a questão da herança sem ele." De fato, ela era rica e o pai não. Reservou então só para si a decisão a esse respeito. É provável que se o casamento fosse pobre, ela pobre o deixasse. Mas o meio milhão de Cosette agradou à tia e modificou seu entendimento pessoal com relação ao apaixonado casal. Seiscentos mil francos são algo que se impõe e era, portanto, evidente que ela não podia deixar de legar sua fortuna àqueles moços, já que não precisavam dela.

Combinou-se que o jovem casal moraria na casa do avô. O sr. Gillenormand quis absolutamente ceder seu quarto, que era o melhor.

— Isso vai me rejuvenescer — declarava ele. — É um projeto antigo meu, sempre achei que meu quarto foi feito para bodas.

Sem mais demora, mobiliou o quarto com uma série de velhos bibelôs galantes. Mandou forrar o teto e as paredes com um tecido do qual tinha uma peça inteira e que ele acreditava ser de Utrecht, com fundo acetinado, cor de ranúnculo, com flores orelha-de-urso.

— Esse tecido forrava a cama da duquesa d'Anville, em Rocheguyon — dizia ele.

Em cima da lareira, ele colocou um bibelô em cerâmica de Saxe, segurando um abafo de vela sobre o ventre nu.

A biblioteca do sr. Gillenormand foi transformada em gabinete de advogado para Marius, uma vez que, como já foi dito, o Conselho da Ordem exigia um gabinete montado.

VII

Efeitos de sonho misturados à felicidade

Os dois noivos viam-se todos os dias. Cosette ia à casa do sr. Gillenormand na companhia de Fauchelevent.

— O mundo está de cabeça para baixo — assustava-se a srta. Gillenormand. — Onde já se viu a noiva ir à casa do noivo para a corte?

Mas a convalescença de Marius criou esse hábito e as poltronas da rua das Filles-du-Calvaire eram melhores para os *tête-à-tête* que as cadeiras de palhinha da rua do Homme-Armé; e o costume se enraizou. Marius e o sr. Fauchelevent viam-se, mas não se falavam. Pareciam quase ter combinado assim. Cosette não poderia ir sem o sr. Fauchelevent e, para Marius, o sr. Fauchelevent era a condição para que visse Cosette. Trazendo à baila, de maneira vaga e sem maiores precisões, assuntos da política, pelo ponto de vista de uma melhoria geral para todos, eles chegavam a trocar algumas palavras mais do que sim e não. Uma vez, acerca do ensino, que Marius queria gratuito e obrigatório, aplicando-se a todas as formas, distribuído a todos como o ar e o sol, ou seja, respirável para todo o povo, descobriram ter opiniões iguais e quase conversaram. Marius notou que o sr. Fauchelevent se exprimia bem e até com certo apuro de linguagem. Faltava contudo alguma coisa. O sr. Fauchelevent tinha alguma coisa a menos que um homem de boa sociedade e alguma coisa a mais.

Interiormente, e no fundo do seu pensamento, Marius fazia uma quantidade de perguntas mudas sobre aquele sr. Fauchelevent que, com relação a ele, era apenas condescendente e frio. Às vezes duvidava das próprias recordações. Tinha na memória uma lacuna, um ponto negro, um abismo cavado por quatro meses de agonia. Muitas coisas se perderam. Chegava a ponto de se perguntar se realmente havia visto o sr. Fauchelevent, um homem tão sério e calmo, na barricada.

Não era esse, aliás, o único sobressalto que as aparições e desaparições do passado criavam em seu espírito. Ele não estava livre de todas essas obsessões da memória que nos forçam, mesmo felizes e satisfeitos, a melancolicamente olhar para trás. O olhar que não se volta a horizontes apagados é inacessível ao pensamento e ao amor. De vez em quando, Marius levava as mãos ao rosto e o passado tumultuoso e vago atravessava o crepúsculo que havia no seu cérebro. Voltava a ver Mabeuf cair, a ouvir Gavroche cantar sob a metralha, sentia nos lábios o frio da

testa de Éponine. Enjolras, Courfeyrac, Jean Prouvaire, Combeferre, Bossuet, Grantaire, todos os seus amigos se erguiam à sua frente e logo se dissipavam. Seriam sonhos todas aquelas pessoas queridas, doloridas, corajosas, encantadoras e trágicas? Tinham com efeito existido? A revolta envolvera tudo na sua bruma. Essas grandes febres têm grandes sonhos. Ele se perguntava, sondava, sentia a vertigem por tantas realidades desaparecidas. Onde estavam todos? Seria mesmo verdade que todos haviam morrido? Uma queda nas trevas havia tudo levado, exceto ele. Tudo aquilo parecia ter desaparecido como atrás de uma cortina de teatro. Há cortinas assim, que descem na vida. Deus passa ao ato seguinte.

Ele próprio, seria ainda o mesmo homem? De pobre que era, tornara-se rico; abandonado, tinha uma família; desesperado, casava-se com Cosette. Tinha a impressão de ter atravessado um túmulo, tendo entrado negro e saído branco. E nesse túmulo aqueles outros tinham ficado. Em certos momentos, todos aqueles seres do passado, de volta e presentes, formavam em torno dele um círculo e o assustavam; ele pensava então em Cosette e recuperava a serenidade. Mas somente essa felicidade podia apagar a catástrofe.

O sr. Fauchelevent quase tinha lugar entre os desaparecidos. Marius tinha dificuldade em imaginar que o Fauchelevent da barricada fosse o mesmo ali presente em carne e osso, sentado com tanta gravidade ao lado de Cosette. O primeiro era certamente um daqueles pesadelos trazidos e levados embora pelas horas de delírio. Aliás, como ambos Fauchelevent eram arredios, nenhuma pergunta se mostrava possível. A ideia nem sequer aflorava em seu espírito, já assinalamos esse detalhe característico.

Dois homens que compartilham um mesmo segredo e, por uma espécie de acordo tácito, não falam sobre o assunto, é coisa menos rara do que se pensa.

Uma única vez Marius tentou. Trouxe à conversa a rua da Chanvrerie e, voltando-se para o sr. Fauchelevent, perguntou:

— O senhor conhece essa rua?

— Que rua?

— A rua da Chanvrerie.

— Nunca ouvi falar — disse o sr. Fauchelevent, da maneira mais natural que se possa imaginar.

A resposta, referindo-se ao nome da rua e não à rua em si, pareceu a Marius mais concludente do que de fato era e ele pensou: “Realmente sonhei, tive uma alucinação; deve ter sido alguém parecido, o sr. Fauchelevent não podia estar lá.”

VIII

Dois homens impossíveis de serem encontrados

A felicidade, por maior que fosse, nem por isso apagou do espírito de Marius outras preocupações.

Durante os preparativos para o casamento, enquanto esperava a data fixada, ele deu continuidade a difíceis e meticulosas investigações retrospectivas.

Queria pagar dívidas de gratidão contraídas de diferentes formas; dívidas com relação a seu pai e a ele próprio. Havia Thénardier e também o desconhecido que o levara à casa do sr. Gillenormand.

Queria muito descobrir esses dois homens, pretendendo não se casar, ser feliz e esquecê-los, temendo que essas dívidas do dever, não pagas, sombreassem sua vida, tão luminosa agora. Era impossível deixar todo esse passado em espera, sendo necessário, antes de profundamente entrar no futuro, quitar o passado.

Que Thénardier fosse um celerado não tirava dele o mérito de ter salvado o coronel Pontmercy. Podia para todo mundo ser um ladrão, mas não para Marius.

Pois o jovem, ignorando a verdadeira cena do campo de batalha de Waterloo, não conhecia a particularidade de seu pai estar na estranha situação de dever a vida a Thénardier, sem lhe dever reconhecimento.

Nenhum dos diversos agentes utilizados conseguiu achar a pista do bandido. Parecia completo o seu desaparecimento. A esposa havia morrido na prisão, enquanto era instaurado o processo. Thénardier e a filha Azelma, os dois únicos que restavam de tão lamentável grupo, tinham novamente mergulhado nas trevas. O abismo do anonimato social se tinha silenciosamente fechado sobre as suas duas pessoas. Nem se via mais, na superfície, o ligeiro tremor, aqueles obscuros círculos concêntricos a lembrar que alguma coisa havia caído ali e que se poderia lançar a sonda.

Tendo morrido a mulher, estando Boulatruelle fora de cena, havendo Claquesous desaparecido e tendo fugido da prisão os principais acusados, o processo sobre o golpe no cortiço Gorbeau ficou bastante comprometido e o caso continuou obscuro. Os jurados tiveram de se contentar com dois acusados menores, Panchaud, chamado Printanier, chamado Bigrenaille, e Demi-Liard, chamado Deux Milliards, que foram afinal condenados às galés por dez anos. A sentença de trabalhos forçados por toda a vida foi proclamada contra os cúmplices foragidos e Thénardier, como

chefe e promotor do crime, assim como por contumácia, foi condenado à morte. Essa sentença era a única coisa que restava sobre Thénardier, cujo nome submergia com seu clarão sinistro, como uma vela ao lado de um caixão.

A condenação, aliás, aumentava ainda mais a densidade das trevas que envolviam o indivíduo em suas derradeiras profundidades, pelo receio de ser apanhado,

Quanto ao outro, o desconhecido que salvou Marius, as investigações de início deram certo resultado, mas não foram muito adiante. Localizou-se o fiacre que havia levado o ferido à rua das Filles-du-Calvaire, na noite de 6 de junho. O cocheiro declarou que nesse dia "estacionara", por ordem de um agente de polícia, das três horas da tarde até a noite, no cais da Champs-Élysées, à altura da boca do Grande Esgoto. Por volta das nove horas da noite a grade do cano que dá para a beira do rio foi aberta e dali saiu um homem trazendo às costas um outro, que parecia morto. O policial, que vigiava aquela saída, prendeu o homem vivo e ficou também com o morto. Por ordem da autoridade, ele, o cocheiro, recebeu "toda aquela gente" no fiacre. Primeiro foram à rua das Filles-du-Calvaire e lá deixaram o homem morto. Esse homem morto era o sr. Marius, que o cocheiro reconhecia muito bem, apesar "de agora estar vivo". Em seguida os dois homens voltaram ao carro, pararam a alguns passos da porta dos Arquivos e ali mesmo, na rua, ele foi pago e dispensado. O policial seguiu adiante com o outro homem e o cocheiro nada mais pôde dizer, senão que estava a noite muito escura.

Marius, como já dissemos, não se recordava de coisa alguma. Apenas se lembrava de ter sido agarrado por mão enérgica, no momento em que caía na barricada; depois tudo se apagara. Só voltara a si já na casa do sr. Gillenormand.

Ele se perdia em conjecturas.

Não podia duvidar da própria identidade. Como, tendo caído na rua da Chanvrerie, foi parar nas mãos de um agente de polícia na margem do Sena, junto da ponte dos Invalides? Alguém o carregara do bairro do Halles até Champs-Élysées. E como? Pelo esgoto. Inacreditável dedicação!

Alguém. Mas quem?

Era o que Marius procurava descobrir.

Desse homem, que era o seu salvador, ele nada conseguiu; nem o mais leve rastro nem o menor indício.

Mesmo que forçado a muita discrição, ele levou suas buscas até o Departamento de Polícia. Lá, como nos outros lugares, as informações que conseguiu nada esclareceram. O Departamento sabia menos que o cocheiro do fiacre. Não se tinha conhecimento de qualquer prisão efetuada em 6 de junho na grade do Grande Esgoto. Não havia qualquer registro de ocorrência sobre o fato, e os policiais o viam

como fábula, inventada pelo cocheiro. Por uma gorjeta, eles são capazes de tudo, até de ter imaginação. Mas o fato, no entanto, era inquestionável, a menos, como acabamos de dizer, que Marius duvidasse da própria identidade.

Tudo era inexplicável naquele estranho enigma.

O que foi feito do misterioso homem que o cocheiro viu sair da boca do Grande Esgoto, carregando nas costas Marius desfalecido, e que o agente de polícia prendeu em flagrante delito de salvar um insurgente? O que foi feito do próprio agente? Por que manteve silêncio sobre o caso? O homem teria conseguido fugir? Subornara o policial? Por que não dava sinal de vida a Marius, que lhe devia tudo? Seu desinteresse era tão surpreendente quanto a dedicação demonstrada. Por que não reaparecia? Talvez estivesse acima da recompensa, mas ninguém está acima da gratidão. Teria morrido? Que tipo de homem era? Que aspecto tinha? Ninguém sabia dizer. O cocheiro dizia: "A noite estava muito escura." Basco e Nicolette, assustados, só se lembravam do jovem patrão todo ensanguentado. O porteiro, cuja lamparina alumiara a trágica chegada de Marius, foi o único a ter reparado e tudo que pôde dizer foi: "Era um homem que dava medo."

Marius pediu que não jogassem fora a roupa ensanguentada com que estava vestido, quando o levaram à casa do avô, com esperança de que pudesse ajudar nas indagações. Ao examinarem a casaca, notaram que tinha sido estranhamente rasgada e faltava um pedaço.

Numa tarde, Marius comentava, diante de Cosette e Jean Valjean, toda aquela singular aventura, as inúmeras informações que buscou e a inutilidade dos seus esforços. A atitude fria e impassível do "sr. Fauchelevent" chegou perto de irritá-lo e ele exclamou, com certa rispidez:

— Sim, quem quer que seja, ele foi sublime! Sabe o senhor o que ele fez? Atuou como o arcanjo. Entrou em pleno combate, tirou-me dali, abriu a tubulação do esgoto e me arrastou por mais de légua e meia em medonhas galerias subterrâneas, curvado, dobrado, no escuro, enfiado na lama. Mais de légua e meia com um cadáver às costas! E com que finalidade? Com a única finalidade de salvar um cadáver. E esse cadáver era eu. A si mesmo ele disse: "Talvez ainda haja um resto de vida, vou arriscar a existência para salvar essa miserável possibilidade!" E não arriscou sua existência uma única vez, mas vinte vezes! Cada passo era um perigo. A prova é que foi preso ao sair do esgoto. Fez tudo isso e sem esperar a mínima recompensa! O senhor consegue entender? Quem era eu? Um insurgente; um derrotado. Ah! Se os seiscentos mil francos de Cosette fossem meus…

— São seus — interrompeu Jean Valjean.

— Pois eu os daria para encontrar esse homem.

Jean Valjean ficou em silêncio.

Notas

1 Literalmente: Jeanne nasceu em Fougère,/ Verdadeiro ninho para uma pastora;/ Adora a sua saia/ Marota./ Amor, chegas a ela/ Pois é na sua pupila/ Que pões tua aljava, malicioso!/ Quanto a mim, canto e amo/ Mais que à própria Diana/ Jeanne e suas duras tetas/ Bretãs. (N.T.)

2 Da peça *Pierre et Thomas*, de Corneille. Literalmente: Assim, limitando o curso dos teus devaneios,/ Alcippe, então é verdade, logo estarás casada. (N.T.)

3 Trocadilho com *mémoire,* antiga, e *moire*, "chamalote", tecido com reflexos ondulados. (N.T.)

4 Literalmente: Tritão trotava à frente, e tirava da sua concha/ Sons tão encantadores que encantavam qualquer um! (N.T.)

LIVRO SEXTO

A NOITE BRANCA

I

O dia 16 de fevereiro de 1833

A noite de 16 para 17 de fevereiro de 1833 foi uma noite abençoada. Teve acima da sua sombra o céu aberto. Foi a noite das núpcias de Marius e Cosette.

O dia já tinha sido adorável.

Não foi a festa azul sonhada pelo avô, um deslumbre em que se confundiriam querubins e cupidos sobre a cabeça do jovem casal, um casamento digno de um frontispício, mas foi agradável e alegre.

A moda para os casamentos não era, em 1833, a mesma de hoje. A França não tinha ainda adotado da Inglaterra a suprema delicadeza de o marido arrebatar a mulher e fugir com ela ao sair da igreja, ocultando com vergonha a sua felicidade, dando ares de bancarrota aos encantos do *Cântico dos cânticos*. Não se tinha ainda compreendido tudo que há de casto, delicado e decente em sacolejar seu paraíso numa carruagem de posta, entrecortar o mistério com estalos de chicote e em ter como leito nupcial uma cama de estalagem; deixando ali, numa alcova banal, a preço prefixado por noite, a mais sagrada das recordações da vida, misturada às conversas do cocheiro de diligência com a criada do albergue.

Nesta segunda metade do século XIX em que estamos, já não bastam o prefeito e sua faixa, o padre e sua casula, a lei e Deus; é necessário completar tudo isso com o postilhão de Longjumeau; jaqueta azul com bandas encarnadas e botões de guizo, braçadeira, culotes de couro verde, imprecações contra os cavalos normandos de caudas em nó, falsos galões, chapéu de oleado, cabeleira empoada, enorme chicote e botas de montaria. A França não leva ainda a elegância até fazer, como a *nobility* inglesa, chover sobre a carruagem de posta dos noivos uma quantidade de chinelos acalcanhados e sapatos velhos, em homenagem à lembrança de Churchill, em Marlborough ou Malbrouck, assaltado, no dia do seu casamento, pela ira de uma tia que acabou lhe dando sorte. Os sapatos e os chinelos não fazem ainda parte nas nossas cerimônias nupciais; mas paciência, o bom gosto continua a propagar-se e isso vai acabar chegando aqui.

Em 1833, há cem anos, não se casava a trote rápido.

Coisa estranha, ainda se imaginava, naquela época, ser o casamento uma festa íntima, social, e que um banquete patriarcal de forma alguma compromete a solenidade doméstica. A alegria, mesmo que eventualmente excessiva, mantendo-se honesta não causa mal nenhum à felicidade e, afinal, é venerável e de bom-tom que a fusão de dois destinos, da qual sairá uma família, comece em casa, com o casal guardando, como testemunha disso, seu próprio quarto nupcial.

Tinha-se o impudor de se casar na própria casa.

O casamento aconteceu, pois, segundo essa moda, hoje caduca, na casa do sr. Gillenormand.

Por mais natural e ordinário que seja casar-se, a proclamação pública, a certidão, a prefeitura e a igreja representam sempre alguma dificuldade. Só se pôde preparar tudo para a data de 16 de fevereiro.

Ora, assinalamos esse pormenor só pelo prazer da exatidão: sucedeu que o dia 16 de fevereiro coincidia com a terça-feira de carnaval, o que causou constrangimentos, sobretudo por parte da tia Gillenormand.

— É terça-feira Gorda! — exclamou o avô. — Melhor ainda! Há um provérbio que diz:

Mariage un mardi gras.
N'aura point d'enfants ingrats.[1]

"Vamos em frente. Que seja no dia 16! Por acaso prefere transferir, Marius?"

— De jeito nenhum! — respondeu o noivo.

— Então casemos! — disse o avô.

O casamento efetuou-se então no dia 16, em plena alegria pública. Chovia nesse dia; mas no céu há sempre um cantinho azul a serviço da felicidade, e os amantes o veem, mesmo que o resto da Criação esteja sob um guarda-chuva.

Na véspera, Jean Valjean havia entregado a Marius, na presença do sr. Gillenormand, os quinhentos e oitenta e quatro mil francos.

O casamento se fazia sob o regime de comunhão de bens; portanto as escrituras foram simples.

Jean Valjean não precisaria mais de Toussaint e Cosette herdou-a, promovida ao grau de criada de quarto.

Havia na casa do sr. Gillenormand um excelente quarto que foi expressamente preparado para Jean Valjean. Cosette pediu de forma tão irresistível que ele fosse

morar ali que isso ficou praticamente resolvido.

Alguns dias antes do previsto para o casamento aconteceu um acidente que quase esmagou o polegar da mão direita de Jean Valjean. Não era coisa grave e ele não permitiu que ninguém o tratasse ou sequer visse o machucado, nem mesmo Cosette. Mas isso o obrigava a manter a mão amarrada e o braço no peito, impedindo-o de assinar fosse o que fosse. O sr. Gillenormand, como subtutor, substituiu-o.

Não levaremos o leitor à prefeitura nem à igreja. Não se acompanham dois enamorados até aí e tem-se o hábito de virar as costas ao drama assim que se coloca na lapela um ramalhete de buquê de noiva. Vamos nos limitar a registrar um incidente que, mesmo passando despercebido ao casamento, afetou o trajeto entre a rua das Filles-du-Calvaire e a igreja Saint-Paul.

Refazia-se, naqueles dias, o calçamento da extremidade norte da rua Saint-Louis, que estava então bloqueada a partir da rua do Parc-Royal. Era impossível aos carros irem diretamente à Saint-Paul. Foi necessário alterar o itinerário e o mais simples era seguir pelo boulevard. Um dos convidados observou que, sendo terça-feira de carnaval, provavelmente aquele caminho estaria bem congestionado.

— Por quê? — perguntou o sr. Gillenormand.

— Por causa do desfile de máscaras.

— Ótimo — disse o avô. — Vamos por lá. Os jovens estão casando; vão entrar no lado sério da vida. É bom que vejam uma mascarada

Foram, pois, pelo boulevard. Na primeira das carruagens nupciais ia Cosette, tia Gillenormand, o sr. Gillenormand e Jean Valjean. Marius, ainda separado da noiva, segundo o uso, ia na segunda. O cortejo, saindo da rua das Filles-du-Calvaire, entrou na longa procissão de carros que formava uma interminável fila, da Madeleine à Bastilha e da Bastilha à Madeleine.

Abundavam máscaras no boulevard. Mesmo com pequenas chuvas de vez em quando, arlequins e pierrôs se obstinavam. No bom humor daquele inverno de 1833, Paris se fantasiou de Veneza. Não se veem mais terças-feiras Gordas assim. Como o que existe agora é um carnaval espalhado, não há mais carnaval.

As contra-aleias estavam repletas de gente e as janelas, de curiosos. Nas áreas junto do peristilo dos teatros amontoavam-se espectadores. Além das máscaras, assistia-se ao desfile, próprio da terça-feira Gorda, como em Longchamps, de carros de todo tipo, berlindas, cabriolés, caleches, carriolas andando em ordem, rigorosamente colados uns aos outros, como ditam as notificações policiais, parecendo seguir num trilho. Quem se encontra num desses veículos é ao mesmo tempo espectador e espetáculo. Guardas mantinham na parte baixa do boulevard as

duas intermináveis filas paralelas se movendo em direção contrária, controlando para que nada impedisse a dupla correnteza dos dois rios de carros, um subindo e o outro descendo, um seguindo na direção da *chaussé* d'Antin e o outro na direção do bairro de Saint-Antoine. Os carros armoriados de pares da França e de embaixadores tinham o centro da rua, indo e vindo livremente. A alguns cortejos magníficos e alegres, como o Bœuf Gras, dava-se o mesmo privilégio. Nessa alegria de Paris, a Inglaterra estalava seu chicote, e a diligência de posta de lorde Seymour, batizada com um apelido popular, passava com estardalhaço.

Na dupla fila, ao longo da qual guardas municipais galopavam como cães pastores, modestas berlindas de família, lotadas de tias e avós, tinham nas portinholas alegres grupos de crianças fantasiadas, pierrôs de sete anos, *pierrettes* de seis, lindas criaturinhas sentindo que oficialmente faziam parte da festa pública, compenetradas na dignidade da sua arlequinada, com a gravidade de um funcionário.

De vez em quando sobrevinha embaraço num ou noutro ponto da procissão de veículos; uma ou outra das duas fileiras laterais parava até que o nó se desatasse; um carro com algum impedimento bastava para paralisar toda a linha. Depois tudo voltava a andar.

As carruagens do noivado trafegavam na fileira que se dirigia para a Bastilha, pelo lado direito do boulevard. Próximo da rua Pont-aux-Choux houve uma parada. Quase ao mesmo tempo teve também de parar a outra fileira que se movia para o lado da Madeleine. Naquele ponto desta última fileira havia um carro com mascarados.

Esses carros, ou, melhor dizendo, essas carreadas de máscaras são bem conhecidos dos parisienses. Se não se exibissem numa terça de carnaval ou na festa de metade da Quaresma, as pessoas veriam nisso algum mau augúrio e diriam: "Tem coisa aí. Provavelmente o ministério vai mudar." Um amontoado de cassandras, de arlequins e de colombinas, sacolejados acima dos pedestres, com todos os grotescos possíveis, do turco ao índio, hércules carregando marquesas, chulices que fariam Rabelais tapar os ouvidos, assim como bacantes que fariam Aristófanes baixar os olhos, perucas de filaça, malhas cor-de-rosa, chapéu pomposo, óculos afetados, tricórnios de Janot com uma borboleta, gritos lançados aos pedestres, mãos nos quadris, posturas ousadas, ombros nus, rostos cobertos, impudores soltos; um caos de provocações transportado por um cocheiro com flores na cabeça; é um resumo dessa instituição festiva.

A Grécia precisava do carro de Téspis, a França precisa do fiacre de Vadé.

Tudo pode ser parodiado, inclusive a paródia. A saturnal, essa careta da beleza antiga, chega, de exagero em exagero, à terça-feira de carnaval. A bacante, antigamente coroada de pâmpanos, inundada de sol, mostrando seios de mármore numa seminudez divina, naquele dia desfeita sob trapos molhados, terminou se chamando mascarada.

A tradição dos carros de máscaras remonta aos mais antigos tempos da monarquia. A contabilidade de Luís XI indica o repasse ao bailio do palácio de "vinte soldos *tournois* para três carros de máscaras nos cruzamentos". Nos dias de hoje, esse ruidoso amontoado de criaturas em geral consegue ser transportado por algum velho pândego de quem elas lotam a carruagem. Ou o tumultuoso grupo aluga um landau, do qual a capota é descida. São vinte passageiros num veículo previsto para seis. Há gente nos bancos, nos assentos dobráveis, no almofadado da capota, na lança. Até nas lanternas do carro há pessoas enroscadas. Tem gente de pé, deitada, sentada, acocorada, com as pernas penduradas para fora. As mulheres sentam-se no colo dos homens. Veem-se de longe, num fervilhar de cabeças, essas pirâmides loucas. São montanhas de alegria no meio da turba. Nelas tiveram origem Collé, Panard e Piron, que, ainda por cima, acrescentaram gíria. Um catecismo chulo é cuspido, de cima dos carros, sobre o povaréu. Qualquer fiacre se torna colossal com essa carga que transporta e ganha ares invencíveis. Algazarra vai à frente e Alvoroço, atrás. Vociferam, vocalizam, urram, explodem, contorcem-se de felicidade. A alegria ruge, o sarcasmo floresce, a jovialidade se espalha como púrpura. Dois pangarés rebocam a farsa expandida em apoteose; é o carro de triunfo do Riso.

Riso cínico demais para ser franco. E é, de fato, um riso suspeito. Um riso que tem uma missão. É encarregado de provar aos parisienses o carnaval.

Esses carros chulos, nos quais se sentem estranhas trevas, dão o que pensar ao filósofo. Há algo do governo nisso. Tem-se na mão uma misteriosa afinidade entre os homens públicos e as mulheres públicas.

Torpezas amontoadas produzem um somatório de alegria; a ignomínia, justaposta ao opróbrio, excita uma população; a espionagem, servindo de cariátide à prostituição, diverte a multidão, afrontando-a; a massa gosta de ver passar em cima das quatro rodas de um fiacre esse monstruoso amontoado vivo, tinindo sujeira, meio a meio lixo e luz, que uiva e canta, que se aplaude por essa glória feita de todas as vergonhas; não há festa para as multidões se a polícia não infiltrar no meio essas espécies de hidras de vinte cabeças. Sem dúvida tudo isso é triste, mas fazer o quê? Essas carroças de lama enfeitada e florida são insultadas e anistiadas pelo riso público. O riso geral é cúmplice da degradação universal. Certas festas nada

salutares desagregam o povo e o tornam populacho. E ao populacho, como aos tiranos, são necessários bufões. O rei tem Roquelaure, o povo tem Paillasse. Paris é a grande cidade louca, sempre que deixa de ser a grande cidade sublime. O carnaval faz parte da política. Paris, reconheçamos, facilmente aceita a comédia pela infâmia. Apenas pede a seus donos — havendo donos — que enfeitem a lama. Roma tinha o mesmo espírito. Amava Nero. Nero era um descarregador titânico.

Como acabamos de dizer, o acaso fez com que um desses disformes cachos de mulheres e homens mascarados, a bordo de uma ampla caleche, parasse à esquerda do boulevard, enquanto os carros das núpcias paravam à direita.

De um dos lados do boulevard, o carro em que estavam os mascarados viu, na direção inversa, aquele outro, que conduzia a noiva.

— Olhem — disse um mascarado —, um casamento.

— É um casamento de brincadeira — disse outro. — Tudo que há de verdade aqui somos nós.

E os dois mascarados, muito distantes para poderem gritar até o carro da noiva e temendo chamar a atenção dos guardas, deixaram de lado o casamento.

Toda a carreada mascarada também logo em seguida ficou ocupada com a multidão, que começou a vaiá-la, o que é uma forma de carinho da sua parte, com relação aos mascarados. Os dois mascarados que pouco antes haviam falado tiveram, junto com os demais colegas do carro, que enfrentar o mundaréu, obrigados a apelar a todos os projéteis do repertório das feiras para responder aos enormes desvarios do povo. Houve, entre os mascarados e a multidão, uma formidável troca de metáforas.

Nisso, dois outros máscaras do mesmo carro, um espanhol de enorme nariz, velhusco, com enormes bigodes pretos, e uma feirante magra e muito moça, com máscara de lobo, tinham também notado o noivado que ia pelo lado oposto; e enquanto seus companheiros e o público se insultavam, tiveram um significativo diálogo em voz baixa.

Esse aparte era suplantado pelo tumulto e se perdeu. Os repetidos chuviscos tinham molhado a caleche, que ia toda aberta. O vento de fevereiro não tem nada de quente, e a feirante, com traje bem decotado, tiritava, ria e tossia, respondendo ao espanhol.

O diálogo:

— Ei.

— O que há, *daron*?[2]

— Está vendo aquele velho?

— Qual velho?

— O que vai na primeira *roulotte*[3] da boda, ali do lado.

— O que tem o braço pendurado num lenço preto?

— Ele.

— O que tem?

— Eu o conheço.

— Ah!

— Quero *qu'on me fauche le colabre et n'avoir de ma vioc dit vousaille, tonorgue ni mézig, si je ne colombe pas ce pantinois-là*.[4]

— Hoje é que Paris é *Pantin*.

— Debruçando-se, pode ver a noiva?

— Não.

— E o noivo?

— Não tem noivo nenhum naquela *roulotte*.

— Droga!

— Só se for o outro velho.

— Tente ver a noiva, se debruçando bem.

— Não consigo.

— Tudo bem. Esse velho tem alguma coisa na pata, tenho certeza, conheço essas coisas.

— E serve para quê, tudo isso?

— Não sei! Às vezes, quem sabe…

— Não estou nem aí para os velhos.

— Conheço ele.

— Esteja à vontade.

— Como, diabo, ele está na boda?

— Também estamos.

— De onde vem essa boda?

— Como vou saber?

— Ouça.

— O quê?

— Precisa fazer uma coisa.

— Que coisa?

— Descer do nosso carro e seguir a boda.

— Pra quê?

— Pra saber aonde vai e o que é. Vá depressa, filha, corra, já que é moça.

— Não posso sair do carro.

— Por quê?

— Fui paga para isso.

— Diabo!

— É o meu dia de feirante pago pela prefeitura.

— É verdade.

— Se sair da caleche, o primeiro inspetor que me vir me prende. Você sabe.

— É, sei.

— Hoje estou por conta do *Pharos*.[5]

— Tudo bem, mas esse velho me irrita.

— Todos os velhos o irritam. E olhe que você não é nenhuma mocinha.

— Ele está na primeira carruagem.

— E daí?

— Na *roulotte* da noiva.

— E daí?

— Daí que é o pai.

— E o que me importa isso?

— Estou dizendo que é o pai.

— Não é o único.

— Ouça.

— O quê?

— Só posso sair mascarado. Hoje estou escondido, ninguém sabe quem sou. Mas, amanhã, já não há máscaras, é quarta-feira de Cinzas e posso cair.[6] Vou ter que voltar para a toca, mas você está livre.

— Nem tanto.

— Mais do que eu, em todo caso.

— Sei, e então?

— Preciso que descubra aonde vai esse casamento.

— Aonde vai?

— É.

— Eu sei aonde vai.

— Aonde?

— Ao Cadran Bleu.

— Se assim fosse não ia para aquele lado.

— Ao Rapée, então.

— Ou a qualquer outro lugar.

— Está no seu direito. As bodas são livres.

— Mas não é só isso. O que eu quero é que descubra que boda é essa em que vai o velho e onde essa gente mora.

— Tranquilo, e até engraçado! É bem fácil encontrar, oito dias depois, um casamento que passou por Paris na terça-feira Gorda. Uma *tiquante*[7] num palheiro! Acha que dá?

— Não quero saber, precisa tentar, está ouvindo, Azelma?

As duas fileiras de carros continuaram pelos dois lados do boulevard o seu movimento em sentidos inversos e a caleche dos mascarados perdeu de vista a *roulotte* da noiva.

II

Jean Valjean continua com o braço na tipoia

A quem é dado realizar seu sonho? Deve, para isso, haver eleições no céu. Sem que saibamos, somos todos candidatos: os eleitores são os anjos. Cosette e Marius tinham sido eleitos.

Na prefeitura e na igreja Cosette esteve comovente e magnífica. Toussaint, ajudada por Nicolette, a havia vestido.

Usava uma saia de tafetá branco sobre o vestido com rendas de Binche, um véu em ponto da Inglaterra, um colar de pérolas finas, uma coroa em flores de laranjeira. Tudo isso branco e, nessa brancura, ela radiava. Era uma candura formidável, se dilatando e se transfigurando na clareza. Uma virgem que se tornava deusa.

Os belos cabelos de Marius estavam brilhantes e perfumados, mas sob a espessura dos cachos viam-se ainda, num ou noutro ponto, umas linhas descoradas, que eram das cicatrizes deixadas pela barricada.

O avô, esplêndido, de cabeça erguida, moldando, mais do que nunca, seu vestuário e suas maneiras nas elegâncias do tempo de Barras, conduzia a noiva. Substituía assim o tutor que, com o braço na tipoia, não podia dar a mão.

Este último, Jean Valjean, vestido de preto, seguia-os risonho.

— Isto é que é um bom dia, sr. Fauchelevent — dizia-lhe o avô. — Voto pelo fim das aflições e das contrariedades. Não deve mais haver tristeza em parte nenhuma. Isso! Decreto a alegria! O mal não tem direito de existir. É uma vergonha para o azul do céu que haja homens infelizes. O mal não vem do homem, que é

essencialmente bom. Todas as misérias humanas têm, como capital e governo central, o inferno, ou, por outra, as Tulherias do diabo. Veja só, já estou até fazendo desses discursos demagógicos! Não tenho mais opinião política; que todos os homens sejam ricos, isto é, alegres, é ao que me limito.

Quando, no fim de todas as cerimônias, depois de terem assinado todos os registros possíveis, da municipalidade e da Igreja, depois de trocarem os anéis, depois de terem estado de joelhos, ao lado um do outro, sob o calor com reflexos claros, na fumaça do incensório, Marius de preto, Cosette de branco, de mãos dadas, admirados e invejados por todos, com um guarda suíço, agaloado como um coronel, a marcar os passos batendo sua alabarda no piso, entre duas colunas de espectadores maravilhados; quando então chegaram ao portal da igreja, totalmente aberto, prontos para subir às carruagens, estava tudo terminado e Cosette ainda não podia acreditar. Via Marius, via a multidão, via o céu; tinha medo de acordar. O seu ar admirado e inquieto acrescentava ainda maior encanto. Ao sair da igreja, subiram ambos na primeira carruagem. Marius junto de Cosette, o sr. Gillenormand e Jean Valjean de frente para eles. Tia Gillenormand descera um grau na hierarquia e seguia na segunda carruagem.

— Meus filhos — dizia o avô —, aí estão vocês, senhor barão e senhora baronesa, com trinta mil libras de renda.

E Cosette, se aproximando bem do marido, fez a seu ouvido essa declaração angelical:

— Então tudo isso é verdade e chamo-me Marius. Sou a senhora Você.

Aquelas duas criaturas resplendiam. Encontravam-se naquele minuto irrevogável e inencontrável, no deslumbrante ponto de intersecção da plena juventude e da plena alegria. Realizavam o verso de Jean Prouvaire; juntos, não tinham quarenta anos. Era o casamento sublimado, aquelas duas crianças eram dois lírios. Não se olhavam, se contemplavam. Cosette percebia Marius numa glória; Marius percebia Cosette num altar. Nesse altar e nessa glória, com as duas apoteoses se misturando no fundo, não se sabe como, ela atrás de uma nuvem, ele atrás de um chamejar, havia a coisa ideal, a coisa real, o encontro do beijo e do sonho, o travesseiro nupcial.

Todos os tormentos por que haviam passado retornavam como embriaguez. Tinham a impressão de que as tristezas, as insônias, as lágrimas, as aflições, os medos e os desesperos, tudo isso transformado em meigo radiar, tornava mais poética ainda a hora aprazível que se aproximava. As ansiedades tinham sido as camareiras que preparavam a apresentação da alegria. Como era bom ter sofrido! A aflição construíra a auréola da felicidade. A longa agonia do amor chegava a uma ascensão.

Era o mesmo encantamento nas duas almas, com uma nuance de volúpia em Marius e de pudor em Cosette. Eles se diziam baixinho: "Iremos rever nosso jardinzinho da rua Plumet." As dobras do vestido de Cosette estavam em cima de Marius.

Um dia como esse é uma mistura inefável de sonho e de certeza. Possui-se e supõe-se. Há ainda tempo disponível à frente para adivinhar. É uma indizível emoção, nessa hora, estar no meio-dia e pensar na meia-noite. As delícias daqueles dois corações transbordavam sobre as pessoas em volta, espalhando alegria.

Na rua Saint-Antoine, diante de Saint-Paul, muita gente parava para ver, pelos vidros da carruagem, tremerem as flores de laranjeira que ornavam a cabeça de Cosette.

Depois eles voltaram para casa, na rua das Filles-du-Calvaire. Triunfante e resplandecente, Marius, ao lado de Cosette, subiu aquela escada por onde o tinham carregado moribundo. Os pobres, amontoados à frente da porta, repartiam o que lhes fora distribuído, abençoando-os. Havia flores por todos os lados. A casa estava tão perfumada quanto a igreja; depois do incenso, as rosas. Parecia que ouviam cantar no infinito; era a presença de Deus nos seus corações. O destino era como um teto de estrelas, viam acima das suas cabeças uma claridade de sol nascente. De repente, soou o relógio. Marius olhou para o encantador braço nu de Cosette e para os pontos rosados que vagamente apareciam através das rendas do corpete e ela, notando esse olhar, corou até as pupilas.

Tinham sido convidados muitos antigos amigos da família Gille-normand; todos rodeavam Cosette com as mais solícitas atenções, chamando-a senhora baronesa.

Théodule Gillenormand, já capitão, viera de Chartres, onde estava a sua guarnição, para assistir à boda do primo Pontmercy. Cosette não o reconheceu.

Ele, por sua vez, habituado à admiração das mulheres, também não se lembrava mais dela.

— Como tive razão em não dar crédito à tal história do lanceiro! — dizia à parte e consigo mesmo o velho Gillenormand.

Cosette nunca fora tão terna para com Jean Valjean. Estava no mesmo diapasão que o sr. Gillenormand; enquanto ele erigia a alegria em aforismos e máximas, ela distribuía amor e bondade como um perfume. A felicidade quer todo o mundo feliz.

Para falar com Jean Valjean, Cosette conseguia as inflexões de voz de quando era menina. Fazia carinhos com o sorriso.

Na sala de jantar fora disposto um banquete.

A iluminação *a giorno* é o tempero necessário para uma grande alegria. O brumoso e a obscuridade não são aceitáveis para os que se sentem felizes. Eles não admitem o sombrio. A noite, sim, mas trevas, não. Se não há sol, que se crie um.

A sala de jantar se tornara um forno para coisas alegres. No centro, acima da mesa branca e luminosa, um lustre de Veneza com lâminas finas em que figurava todo tipo de pássaros coloridos, azuis, lilases, vermelhos, verdes, empoleirados entre as velas. Além do lustre, candelabros de três ou cinco braços, espelhos, cristais, vidros, louças, porcelanas, faianças, cerâmicas, ourivesarias, pratarias, tudo resplendia alegremente. Os vazios entre as luminárias eram preenchidos por buquês, de forma que, onde não houvesse uma fonte de luz, havia flor.

Na sala imediata estavam três violinos e uma flauta, executando em surdina quartetos de Haydn.

Jean Valjean sentara-se numa cadeira na sala, atrás da porta cujo batente quase o ocultava. Alguns momentos antes de se sentarem à mesa, Cosette foi diretamente até ele com uma grande reverência, estendendo com as duas mãos seu vestido de noiva. Com olhar ternamente travesso perguntou:

— Está satisfeito, meu pai?

— Estou — disse Jean Valjean —, estou satisfeito.

— Pois então ria.

E Jean Valjean riu.

Alguns instantes depois Basco anunciou que o jantar estava servido.

Os convivas, precedidos pelo sr. Gillenormand dando o braço a Cosette, entraram na sala de jantar e à vontade escolheram seus lugares à mesa.

À direita e à esquerda da noiva estavam duas cadeiras, uma para o sr. Gillenormand, outra para Jean Valjean. O sr. Gillenormand sentou-se. A outra cadeira ficou vazia.

Todos procuraram o "sr. Fauchelevent".

Não estava mais presente.

O sr. Gillenormand perguntou a Basco:

— Sabe onde está o sr. Fauchelevent?

— Ah, é verdade, senhor — respondeu Basco. — O sr. Fauchelevent não se sentia bem por causa da mão e pediu que o desculpasse por não poder jantar com o senhor barão e a senhora baronesa. Saiu nesse instante, dizendo que virá amanhã.

A cadeira vazia esfriou momentaneamente a alegria do jantar nupcial. Mas estando ausente o sr. Fauchelevent, o sr. Gillenormand continuava bem presente e brilhava pelos dois. Tranquilizou a todos, dizendo que o sr. Fauchelevent fazia muito bem em se recolher cedo, se não estava bem, mas que era apenas um "dodói".

Isso bastou. Aliás, o que poderia pesar um ponto negativo em tal inundação de alegria? Cosette e Marius estavam num desses momentos egoístas e abençoados em que nada se pode fazer, além de aceitar a felicidade. E, ainda por cima, o sr. Gillenormand logo teve uma ideia:

— Caramba, essa cadeira está vazia. Venha para cá, Marius. Sua tia, mesmo tendo prioridade, permitirá. A cadeira é sua. É legal e é simpático. *Fortunatus* perto de *Fortunata*.

Aplausos gerais. Marius assumiu, ao lado de Cosette, o lugar de Jean Valjean e as coisas correram de tal maneira que a noiva, primeiro triste pela ausência do pai, acabou ficando contente. Sendo Marius o substituto, Cosette não lamentaria a presença nem mesmo de Deus, e colocou seu pezinho calçado de cetim branco sobre o pé de Marius.

Ocupada a cadeira, foi esquecido o sr. Fauchelevent e não se sentiu falta de coisa alguma. Cinco minutos depois era geral o riso em toda a mesa, de um a outro extremo, com a verve do esquecimento.

À sobremesa, o sr. Gillenormand, de pé, tendo na mão uma taça de champanha, cheia até a metade para que o tremor dos seus noventa e dois anos não a entornasse, fez o brinde aos noivos.

— Não hão de escapar de dois sermões — disse ele. — De manhã tiveram o do cura, vão ter agora o do avô. Ouçam meu conselho: adorem-se. Não junto palavras à toa, vou direto ao assunto, sem rodeios: saibam ser felizes. Nada na Criação é mais sábio que as rolinhas. Os filósofos dizem: moderem os seus prazeres. Mas proponho que lhes deem rédeas soltas. Amem-se como demônios, furiosamente. Os filósofos dizem bobagem. Gostaria de enfiar-lhes goela adentro toda a sua filosofia. Como pode haver perfume demais, botões de rosa demais, rouxinóis demais cantando, folhas verdes demais, aurora demais na vida? Como seria possível amar-se demais? Agradar demais um ao outro? Cuidado, Estelle, você é bonita demais! Cuidado, Némorin, você é belo demais! Bela idiotice, isso sim! Como se encantar, se mimar, se arrebatar demais? Pode-se estar vivo demais? Ser feliz demais? Moderem as alegrias. Não me venham com essa! Abaixo os filósofos! Sábio é o júbilo. Jubilem, jubilemos. Somos felizes por sermos bons ou somos bons por sermos felizes? O diamante Sancy se chama Sancy por ter pertencido a Harlay de Sancy ou por pesar 106 quilates? Não sei. A vida está repleta de problemas assim. O que importa é ter o Sancy e a felicidade. Sejamos felizes sem chicanear. Obedeçamos cegamente ao sol. O que é o sol? É o amor. Quem diz amor, diz mulher. Ah! a mulher sim, é uma onipotência! Perguntem a esse demagogo Marius se não é escravo dessa adorável tirana. E por vontade própria, o covarde! A mulher! Não há Robespierre que resista

ao império da mulher; a mulher reina, é a única realeza à qual me filio. O que é Adão? É o reino de Eva. Não há 1789 para Eva. Houve o cetro real com a flor de lis no alto, houve o cetro imperial com um globo, houve o cetro de Carlos Magno que era de ferro, a Revolução os torceu todos entre o polegar e o indicador, como se fossem de palha: fim, estão quebrados, derrubados, não se fala mais em cetros! Mas inventem revoluções contra esse lencinho bordado cheirando a patchuli! Queria vê-los. Podem tentar. Por que é tão sólido? Por ser um paninho. Ah, vocês são do século XIX? E depois? Éramos do XVIII! E tão bobos quanto vocês. Nem creiam que mudaram alguma coisa no universo só porque a peste que mata hoje se chama cólera-morbo e por dançarem a *cachucha* e não a *bourrée*. No fundo, será preciso continuar amando as mulheres. Duvido que saiamos disso. Essas diabas são nossas anjas. Isso, o amor, a mulher, o beijo, é um círculo do qual duvido que escapem. Pessoalmente, tudo que eu queria era voltar a ele. Quem de vocês viu despontar no infinito, tudo acalmando abaixo dela, a estrela Vênus, a grande coquete do abismo, a Clímene do oceano? O oceano é um Alceste dos mais duros. Pois bem, ele pode resmungar à vontade, Vênus surge e ele tem de sorrir. A fera bruta se submete. Somos todos assim. Ira, tempestade, raios, tudo fervendo até o teto; uma mulher entra em cena, uma estrela sobe, todos no chão! Marius lutava há seis meses atrás, hoje está se casando. Bem feito. Sim, Marius, sim, Cosette, vocês têm razão. Existam ardentemente um pelo outro, façam festinhas um no outro, matem-nos de raiva por não podermos fazer o mesmo, idolatrem-se. Peguem no bico todo galhinho de felicidade que há na Terra e construam um ninho para a vida. Caramba, amar, ser amado é o melhor dos milagres para quem é jovem. Não achem que inventaram isso. Eu também sonhei, devaneei, suspirei; também tive uma alma "à luz do luar". O amor é uma criança de seis mil anos. O amor tem direito a uma longa barba branca. Matusalém é um menino, perto de Cupido. Há sessenta séculos o homem e a mulher seguem em frente, se amando. O diabo, que é esperto, passou a odiar o homem, e o homem, que é ainda mais esperto, passou a amar a mulher. Dessa maneira, fez a si mesmo mais bem do que o diabo conseguiu lhe fazer mal. Essa sutileza foi encontrada desde o paraíso terrestre. Meus amigos, a invenção é velha, mas continua nova. Aproveitem. Sejam Dáfnis e Cloé enquanto não forem Filémon e Báucis. Façam de maneira que, quando estiverem um com o outro, nada lhes falte. Que Cosette seja o sol para Marius e Marius o universo para Cosette. Cosette, que o dia bonito seja o sorriso do seu marido, Marius, que a chuva seja a lágrima da sua mulher. E que nunca chova no lar de vocês. Conseguiram na loteria o número certo, o amor no sacramento; ganharam o prêmio, guardem-no bem trancado, não o desperdicem, adorem-se e não se importem com o resto. Ouçam o

que digo. É puro bom senso. Bom senso não mente. Sejam, um para o outro, uma religião. Cada um tem sua maneira de adorar Deus. Por todos os raios! A melhor maneira de se adorar Deus é amando a sua mulher. Eu te amo!, é o meu catecismo. Quem ama é sempre ortodoxo. Henrique IV praguejava colocando a santidade entre a comilança e a bebedeira: *Ventre-saint-gris!* Não é a minha religião. A mulher foi esquecida. Fico, nesse ponto, decepcionado com Henrique IV. Meus amigos, viva a mulher! Sou velho, pelo que dizem, mas é incrível como me sinto remoçar. Gostaria de ir a um baile popular num bosque. Aquela garotada, que conseguia ser bonita e contente, é o que me embala. Caso-me agora mesmo, se alguém quiser. Não se pode imaginar que Deus nos tenha feito para outra coisa que não seja se idolatrar, arrulhar, adonisar, ser pombo, ser galo, dar bicadinhas no seu amor da manhã à noite, ver-se na sua mulher, orgulhar-se, sentir-se triunfante, encher a pança; é a meta da vida. É isso, podem discordar, mas é o que pensávamos, na época em que éramos nós os jovens. Ai, ai, diabos! Que lindas mulherezinhas, na época da minha mocidade, carinhosas, ternas! Fiz estragos. Não deixem então de se amar. Se as pessoas não se amassem, realmente não sei por que haveria primavera. Se fosse o caso, pediria a Deus que guardasse todas as belas coisas que nos mostra, que pusesse de volta na sua caixinha florida os passarinhos e as moças bonitas. Meus filhos, recebam a bênção deste velho.

A noitada foi boa e animada. O soberano bom humor do avô deu o tom à festa, com todos se afinando por aquela cordialidade quase centenária. Dançou-se um pouco e riu-se muito; foi uma boda bem-comportada. Poderia ter sido convidado o personagem Outrora. Aliás, ele inclusive estava ali, na pessoa do velho Gillenormand.

Houve tumulto e depois silêncio.

Os noivos desapareceram.

Pouco depois da meia-noite a casa Gillenormand se transformou em templo.

Aqui paramos. No limiar das noites de núpcias está um anjo de pé, sorridente, com um dedo nos lábios.

A alma entra em contemplação diante desse santuário em que se celebra o amor.

Algum tipo de brilho deve pairar acima dessas casas. A alegria que elas contêm deve escapar por entre as pedras das paredes como claridade, e vagamente cortar as trevas. É impossível que essa festa sagrada e fatal não envie um raio celeste ao infinito. O amor é o cadinho sublime em que se faz a fusão do homem e da mulher. O ser uno, o ser triplo, o ser final, a trindade humana se cria aí. Esse nascimento de duas almas em uma deve constituir uma emoção para a sombra. O amante é sacerdote, a virgem sequestrada se assusta. Algo dessa alegria chega a Deus. Ali onde

realmente há casamento, isto é, onde há amor, o ideal tem participação. Um leito nupcial cria nas trevas um canto de aurora. Se fosse dado ao olho humano perceber as imagens terríveis e encantadoras da vida superior, é provável que se distinguiriam formas da noite, os desconhecidos alados, os passantes azuis do invisível, se debruçarem, multidão de cabeças sombrias em volta da casa luminosa, satisfeitos, abençoando, mostrando uns aos outros a virgem esposa pudicamente assustada, com o reflexo da felicidade humana nos seus rostos divinos. Se, nesse momento supremo, os esposos deslumbrados de volúpia, imaginando-se sós, ouvissem, escutariam no quarto um confuso roçar de asas. A felicidade perfeita necessita da solidariedade dos anjos. A pequena alcova obscura tem como teto o céu inteiro. Quando duas bocas, santificadas pelo amor, se aproximam para criar, é impossível que sobre esse beijo inefável não ocorra um tremor no imenso mistério das estrelas.

São estas as verdadeiras felicidades. Não há alegria fora dessas alegrias. O amor é o único êxtase. Todo o resto chora.

Amar ou ter amado, é quanto basta. Em seguida não se deve pedir mais nada. Não há outra pérola a se encontrar nas tenebrosas rugas da vida. Amar é o cumprimento da tarefa humana.

III

A inseparável

O que era feito de Jean Valjean?

Logo depois de rir, satisfazendo ao gracioso pedido de Cosette, sem que ninguém notasse, ele deixou a cadeira em que estava sentado e passou para a antecâmara. Era a mesma sala onde, oito meses antes, ele havia entrado, negro de lama, de sangue e de pólvora, trazendo o neto para o avô. Os velhos lambris tinham sido enfeitados com ramagens e flores e músicos estavam sentados no sofá em que haviam deixado Marius. Basco, de casaca preta, calção curto, meias e luvas brancas, dispunha coroas de rosas em volta de cada um dos pratos que deviam ser servidos. Mostrando o braço na tipoia, Jean Valjean pediu que explicasse sua ausência e saiu.

As janelas da sala de jantar davam para a rua. Jean Valjean demorou-se por instantes em pé e imóvel no meio da escuridão, sob as radiantes janelas, escutando o confuso ruído do banquete que lhe chegava aos ouvidos. Ouvia a voz altiva e magistral do avô, o som dos violinos, o tinir dos pratos e dos copos, os risos e, no meio de toda aquela alegre balbúrdia, distinguia a suave e meiga voz de Cosette.

Deixou, enfim, a rua das Filles-du-Calvaire e voltou para a do Homme-Armé.

Para chegar em casa, seguiu pelas ruas Saint-Louis, Cloture-Sainte-Catherina e Blancs-Manteaux. Era um caminho um pouco mais longo, mas era ao que se habituara nos últimos três meses, fugindo do movimento e da lama da rua Vieille-du-Temple, para diariamente ir, com Cosette, da rua do Homme-Armé à das Filles-du-Calvaire.

Para ele, o caminho por onde Cosette havia passado excluía qualquer outro itinerário.

Entrou no prédio, acendeu sua vela e subiu. O apartamento estava vazio. Nem Toussaint se encontrava mais ali. Seus passos faziam no piso mais barulho do que de costume. Todos os armários estavam abertos. Entrou no quarto de Cosette. A cama não tinha lençóis e o travesseiro, sem fronha nem rendas, estava sobre os cobertores dobrados no colchão, de que se via o forro e no qual ninguém mais deveria se deitar. Todas as pequenas coisas queridas de Cosette tinham sido levadas; não restando senão os móveis maiores e as quatro paredes.

A cama de Toussaint fora igualmente desfeita. A única ali, arrumada e esperando alguém, era a dele.

Jean Valjean olhou para as paredes, fechou as portas de alguns armários e andou de um cômodo a outro.

Parando afinal no seu quarto, deixou a vela em cima de uma mesa.

Havia já livrado o braço do lenço que o sustinha ao peito e servia-se da mão direita como se nada o incomodasse.

Aproximou-se da cama e, por acaso ou não, olhou para a *inseparável* de que Cosette dizia ter ciúmes; a maleta da qual nunca se separava. No dia 4 de junho, chegando ao apartamento da rua do Homme-Armé, ele a havia deixado numa mesinha perto da cama. Foi até ali e, um pouco nervoso, tirou do bolso uma chave e abriu a maleta.

De dentro tirou lentamente a roupa que, dez anos antes, Cosette vestia quando saiu de Montfermeil. Primeiro o vestidinho preto, depois a echarpe, também preta, os bons e pesados sapatos de criança que Cosette ainda quase poderia calçar, o mantelete de fustão, a saia de tricô, o avental com bolsos e as meias de lã. Essas meias, nas quais estava ainda bem marcada a forma de uma perninha, não eram

maiores que a mão de Jean Valjean. Tudo era preto. Ele é que levara a Montfermeil aquela roupa. À medida que tirava da maleta as diferentes peças, arrumava-as em cima da cama.

E pensava, lembrava. Era inverno, um mês de dezembro muito frio e a criança tiritava nos seus farrapos, com os pobres pés roxos dentro de tamancos. Ele a fez trocar os andrajos que vestia por aquelas roupas de luto. A mãe estaria satisfeita na sepultura, vendo a filha de luto por ela, mas sobretudo por vê-la vestida com roupas quentes. Pensou na mata de Montfermeil, atravessada com Cosette, só os dois, lembrando do tempo que fazia, com as árvores sem folhas, o bosque sem passarinhos, o céu sem sol; mesmo assim, tudo era bonito. Tudo foi posto em ordem em cima da cama, a echarpe perto da saia, o mantelete ao lado do vestido, e ele observou, uma a uma, cada peça. Cosette era dessa altura, tinha uma boneca grande nos braços, guardara no bolso do avental a moeda de ouro que havia ganhado e ria, andando de mão dada com ele, e tendo só ele no mundo.

A venerável cabeça branca de Jean Valjean encostou na cama, seu velho e estoico coração se partiu, o rosto mergulhou, por assim dizer, nas roupas de Cosette, e se alguém naquele momento tivesse passado pela escada lá fora teria ouvido um choro assustador.

IV

Combate sem fim

A velha e formidável luta de que já vimos diversas fases recomeçou.

Jacó lutou com o anjo por apenas uma noite. Ah! Quantas vezes vimos Jean Valjean num corpo a corpo nas trevas com a própria consciência, lutando desesperadamente?

Inaudita luta! Em certos momentos era o pé que falseava, em outros o chão que afundava. Quantas vezes a consciência, impassível no bem, não o subjugara e esmagara? Quantas vezes a verdade inexorável não calcara o joelho no seu peito? Quantas vezes, prostrado pela luz, ele não havia pedido graça? Quantas vezes, implacável, essa mesma luz, nele acendida pelo bispo, não o iluminara à força,

enquanto ele só queria se manter cego? Quantas vezes ele não se aprumara no combate, preso no rochedo, agarrado no sofisma, arrastado no pó, ora derrubando a consciência a seus pés, ora derrubado por ela? Quantas vezes, depois de um equívoco, depois de um raciocínio falacioso do egoísmo, ele não ouvira a consciência irritada gritar-lhe ao ouvido: "Miserável!" Quantas vezes o seu pensamento refratário não havia convulsivamente resmungado, sob a evidência do dever? Resistindo a Deus! Suores fúnebres. Quantos ferimentos secretos que somente ele sentia sangrar! Quantos arranhões em sua lamentável existência! Quantas vezes ele não havia se levantado sangrento, machucado, quebrado, iluminado, com desespero no coração e serenidade na alma? Vencido, ele se sentia vencedor. E a consciência, depois de tê-lo deslocado, atenazado, destroçado, de pé em cima dele, temível, luminosa e tranquila, dizia: "Agora, vá em paz!"

Era uma lúgubre paz, ao sair de tão sombria luta!

Naquela noite, no entanto, Jean Valjean sentiu que seria o seu último combate.

Uma pergunta se apresentava, dilacerante.

Nem todas as predestinações são retas; não se desenvolvem numa avenida sem dobras diante do predestinado. Têm impasses, bolsões, esquinas escuras, encruzilhadas inquietantes abrindo diferentes possibilidades. Jean Valjean estava, ali, parado numa das mais perigosas dessas encruzilhadas.

Estava onde supremamente se cruzam o bem e o mal. Tinha essa tenebrosa intersecção sob os olhos. Ainda dessa vez, como já lhe sucedera noutras peripécias dolorosas, dois caminhos se apresentavam à frente: um tentador, outro assustador. Qual tomar?

O assustador era aconselhado pelo misterioso dedo indicador que todos vemos sempre que fixamos os olhos na sombra.

Jean Valjean, uma vez mais, tinha escolha entre o porto terrível e a armadilha sorridente.

Seria então verdade? A alma pode ser curada, a sorte não. Coisa terrível! Um destino incurável!

A questão que se apresentava era a seguinte:

De que modo ele se comportaria diante da felicidade de Cosette e Marius? Essa felicidade fora ele que quisera, ele que a construiu: ele próprio a encravara nas entranhas. Olhando-a, ele podia apenas ter a satisfação de um armeiro que reconhece a marca da sua fabricação numa faca, ao arrancá-la sangrenta do peito.

Cosette tinha Marius, Marius tinha Cosette. Tudo lhes sorria, inclusive a riqueza; e era obra sua.

Mas o que fazer, ele, Jean Valjean, nessa felicidade, agora que ela existia, que era real? Impor-se nela? Tratá-la como propriedade sua? Cosette pertencia sem dúvida a outro; mas ele próprio, guardaria de Cosette tudo o que poderia guardar? Ficar sendo a espécie de pai incompleto, mas respeitado, que fora até então? Poderia tranquilamente se intrometer na casa de Cosette? Juntar, sem nada dizer, o seu passado àquele futuro? Apresentar-se como tendo direito e sentar-se, com todas suas dubiedades, naquele luminoso lar? Pegar, com um sorriso, as mãos daquelas inocentes crianças nas suas mãos trágicas? Descansar, na lareira da sala Gillenormand, seus pés que arrastavam em seu rastro a sombra infame da lei? Compartilhar as respectivas sortes com Cosette e Marius? Não estaria tornando mais densa sua própria obscuridade e também trazendo uma nuvem que ameaçaria o casal? Não estaria infiltrando sua catástrofe naquelas duas felicidades? Continuar se calando? Resumindo, junto daquelas duas criaturas felizes, não seria ele o sinistro mistério do destino?

É preciso estar habituado à fatalidade e às suas contradições para ousar erguer os olhos quando certas perguntas se apresentam em sua horrível nudez. Por detrás de tão severo ponto de interrogação estão o bem e o mal. “O que farás?”, perguntou a esfinge.

Jean Valjean tinha o hábito da provação e olhou fixamente a esfinge.

Examinou o implacável problema por todas as suas faces.

Cosette, aquela linda existência, era a tábua de salvação daquele náufrago. O que fazer? Agarrar-se ainda, soltá-la?

Caso se agarrasse, saía do desastre, voltava ao sol, deixava escorrer das roupas e dos cabelos a água amarga, estava salvo, vivia.

Soltaria?

Seria então o abismo.

Era a dolorosa discussão que ele travava com o próprio pensamento. Ou, melhor dizendo, o combate. Ele atacava, furioso, o seu interior, ora contra sua vontade, ora contra sua convicção.

Foi uma felicidade para Jean Valjean ter conseguido chorar. Isso talvez o tenha ajudado a se esclarecer. No entanto, o início foi terrível. Uma tempestade tremenda se desencadeou dentro dele, como a que o levou uma vez a Arras, ou ainda mais furiosa. Olhando o presente, o passado voltava. Ele comparava e chorava. Uma vez aberta a represa das lágrimas, o pobre desesperado se contorceu.

Sentia-se preso.

Infelizmente, no pugilato intenso entre o egoísmo e o dever, quando passo a passo recuamos diante do ideal incomutável, perdidos, desesperados e irritados por

ceder, disputando terreno, esperando uma fuga possível, procurando uma saída, que brusca e sinistra resistência atrás de nós, a parede!

Sentir a sombra sagrada que cria obstáculo!

O invisível inexorável, que obsessão!

Com a consciência, nunca se está quite. Tome seu partido, Brutus; tome seu partido, Catão. Ela não tem fundo, já que é Deus. Joga-se nesse poço o trabalho de uma vida inteira. Lança-se nele a fortuna, a riqueza, o sucesso, a liberdade, a pátria. Lança-se o bem-estar, o repouso, a alegria. Mais! Mais! Esvazie o vaso! Vire a urna! Acaba-se lançando o coração.

Em algum lugar, na bruma dos antigos infernos, há um barril assim.

Não seria perdoável a recusa? O inesgotável pode ter direito? As cadeias sem fim não estão acima da força humana? Quem criticaria Sísifo ou Jean Valjean por dizerem: "Chega!?"

A obediência da matéria é limitada pelo desgaste; não haveria limite para a obediência da alma? Se o moto-perpétuo é impossível, pode-se exigir a dedicação perpétua?

O primeiro passo é fácil, o último é que é difícil. O que podia ser o caso Champmathieu, comparado ao casamento de Cosette e tudo que isso acarretava? O que é entrar nos trabalhos forçados comparado a entrar no vazio?

Ah, primeiro degrau a descer, como és escuro! Ah, segundo degrau, como és negro!

Como não virar a cabeça dessa vez?

O martírio é uma sublimação, sublimação corrosiva. É uma tortura que sacraliza. Pode-se consentir num primeiro momento: pode-se sentar num trono de ferro em brasa, colocar na cabeça a coroa de ferro em brasa, aceitar o globo de ferro em brasa, empunhar o cetro de ferro em brasa, mas falta ainda vestir o manto em chamas; não chega uma hora em que a carne miserável se revolta, em que se desiste do suplício?

Jean Valjean entrou, enfim, na calma do desânimo.

Pesou, meditou e considerou as alternativas da misteriosa balança de luz e sombra.

Impor seu período de trabalhos forçados àquelas duas crianças maravilhosas ou consumar, ele próprio, seu irremediável afundamento. De um lado, o sacrifício de Cosette, de outro, o seu próprio.

Qual das soluções adotou?

Qual das soluções? Qual foi, em seu interior, a resposta ao incorruptível interrogatório da fatalidade? Qual porta ele decidiu abrir? Qual lado da sua vida ele

preferiu fechar e condenar? Entre tantas escarpas insondáveis que o cercavam, qual foi a sua escolha? Qual extremo ele aceitou? Qual desses dois abismos lhe fez um aceno?

A vertiginosa meditação durou toda a noite.

Permaneceu até o amanhecer na mesma atitude, dobrado sobre a cama, prostrado sob a enormidade do destino, esmagado talvez por isso, com os punhos cerrados e os braços estendidos em ângulo reto, como um crucificado que tivessem despregado da cruz, jogado com o rosto na terra. Assim permaneceu doze horas, doze horas de uma longa noite de inverno; gelado, sem erguer a cabeça, sem pronunciar uma palavra. Imóvel como um cadáver, enquanto o pensamento rolava pelo chão e voava, ora como hidra, ora como águia. Quem o visse assim, sem movimento, o imaginaria morto. Ele de repente estremeceu convulsivamente e a sua boca, colada à roupa de Cosette, beijou-a. Soube-se então que ele estava vivo.

Quem soube? Que alguém seria esse? Jean Valjean estava só e não havia ninguém.

Era o Alguém que existe nas trevas.

Notas

1 Casamento numa terça-feira Gorda./ Não gera filhos ingratos. (N.T.)

2 Pai. (N.T.)

3 Carroça. (N.T.)

4 Quero que me cortem o pescoço e não ter na vida dito o senhor, você, eu, se não conheço esse parisiense. (N.T.)

5 Governo. (N.T.)

6 Ser preso. (N.T.)

7 Agulha. (N.T.)

LIVRO SÉTIMO

A ÚLTIMA GOTA DO CÁLICE

I

O Sétimo Círculo e o Oitavo Céu

Os dias imediatos às bodas são solitários. Todos respeitam o recolhimento dos felizes; e também um tanto o seu sono atrasado. A confusão das visitas e dos parabéns é retomada apenas mais tarde. No dia 17 de fevereiro, pouco depois do meio-dia, Basco, com o pano de pó e o espanador no braço, "arrumando a antecâmara", ouviu baterem de leve à porta. Não tinham tocado a campainha, detalhe de discrição num dia como aquele. Basco abriu a porta e era o sr. Fauchelevent. Levou-o para a sala, que estava ainda desarrumada e com o aspecto de um campo de batalha, das alegrias da véspera.

— Queira desculpar — observou Basco —; acordamos muito tarde.

— Seu patrão já está de pé? — perguntou Jean Valjean.

— O senhor está melhor do braço? — respondeu Basco.

— Melhor. Seu patrão já está de pé?

— Qual? O antigo ou o novo?

— O sr. Pontmercy.

— O senhor barão? — disse Basco com certa importância.

Quem é barão, é barão sobretudo para os seus criados, nos quais respinga um pouco de tal dignidade. Eles ganham o que um filósofo chamaria salpicos do título e isso os lisonjeia. Marius, seja dito de passagem, republicano militante, como já dera provas, era um barão à revelia. Uma pequena revolução havia sacudido a família com relação a esse título, pois era agora o sr. Gillenormand quem mais valor lhe dava e Marius quem menos importância lhe ligava. Mas o coronel Pontmercy tinha escrito *Meu filho usará* o *meu título* e Marius obedecia. Além disso, Cosette, em quem começava a manifestar-se a mulher, estava encantada em ser baronesa.

— O senhor barão? — repetiu Basco. — Vou ver. Anunciarei a visita do sr. Fauchelevent.

— Não; não diga que sou eu. Diga que está aqui uma pessoa que deseja falar-lhe em particular, mas não diga quem.

— Ah! — fez Basco.

— Quero fazer uma surpresa.

— Ah! — tornou Basco, dirigindo a si mesmo esse segundo "Ah!" como explicação do primeiro.

E saiu.

Jean Valjean ficou só.

A sala, como acabamos de dizer, estava em desordem. Tinha-se a impressão de que, prestando bem atenção, seria ainda possível ouvir os barulhos da festa. Havia no chão todo tipo de flores, caídas das guirlandas e dos penteados. As velas, queimadas até o fim, juntavam aos cristais dos lustres estalactites de cera. Móvel nenhum estava no seu devido lugar. Nos cantos, três ou quatro poltronas, aproximadas umas das outras em círculo, pareciam continuar uma conversa. O conjunto era alegre. Resta ainda certa graça nas festas mortas. Houve ali felicidade. Naquelas cadeiras desarrumadas, entre essas flores que murcham, sob as luzes extintas, pensou-se alegria. O sol sucedia ao lustre e animadamente entrava na sala.

Passaram-se alguns minutos. Jean Valjean se mantinha imóvel no mesmo lugar em que Basco o deixara, bastante pálido. Os olhos estavam tão encovados e sumidos pela insônia que quase não eram vistos. O amarrotado da casaca preta mostrava que passara a noite sem ser despida. Os cotovelos estavam esbranquiçados pela penugem deixada pelo arrastar no forro do colchão. Jean Valjean olhava, junto dos seus pés, o desenho da janela projetado no piso pelo sol.

Ouvindo a porta ser aberta, ele ergueu os olhos.

Marius entrou de cabeça erguida, sorriso nos lábios, com o rosto iluminado por não sei que luz e o olhar triunfante. Também ele não dormira.

— Ah! É o senhor, pai! — exclamou ele, vendo Jean Valjean. — E o imbecil do Basco com ar tão misterioso! Mas veio muito cedo; não passa do meio-dia e meia. Cosette ainda dorme.

Aquele tratamento de pai, dado por Marius ao sr. Fauchelevent, significava felicidade suprema. Sempre houve, como se sabe, frieza e constrangimento de ambas as partes; um gelo a ser quebrado ou derretido. Mas Marius se sentia num tal ponto de entusiasmo que as arestas se aplainavam e o sr. Fauchelevent se tornava, como para Cosette, pai.

Ele prosseguiu; as palavras transbordavam, como acontece nesses divinos paroxismos da alegria:

— Que prazer vê-lo! Se soubesse que falta nos fez ontem! Como está a sua mão? Melhor, não é?

Satisfeito com a excelente resposta dada a si mesmo, ele continuou:

— Falamos muito a seu respeito. Cosette gosta tanto do senhor. Não se esqueça de que tem o seu quarto aqui. Não queremos mais saber da rua do Homme-Armé; de jeito nenhum. Como pôde ir morar numa rua como aquela, insalubre, feia, com uma barreira a atravessar e onde se sente sempre frio; uma rua onde não se pode entrar? O senhor deve se mudar para cá, e ainda hoje, ou terá de se haver com Cosette. Ela pretende nos levar, todos, pela ponta do nariz, vou logo avisando. O senhor já viu o quarto, é perto do nosso e dá para o jardim. Um problema que havia na fechadura já foi resolvido, a cama está feita, tudo preparado, é só vir. Cosette colocou perto da cama uma grande e antiga poltrona em veludo de Utrecht que, segundo ela, está ali estendendo-lhe os braços. Nas primaveras, vem sempre um rouxinol para as acácias que ficam à frente das suas janelas. Dentro de dois meses ele já estará morando ali. O senhor terá esse ninho à sua esquerda e o nosso à sua direita. À noite ele cantará e durante o dia Cosette falará. O quarto dá para o sul. Cosette arrumará os seus livros, a viagem do capitão Cook e o outro, o de Vancouver, todas as suas coisas. Sei de uma maleta, a qual o senhor tanto preza, já arranjei um cantinho de honra para ela. Saiba que conquistou meu avô e que muito lhe agrada. Viveremos todos juntos. Sabe jogar *whist*? Se souber deixará meu avô felicíssimo. O senhor levará Cosette para passear nos dias em que eu tiver de ir ao tribunal, irão de braços dados como no Luxembourg, antigamente. Estamos realmente decididos a ser muito felizes. E saiba, meu pai, que o senhor faz parte da nossa felicidade. É verdade, almoça conosco hoje?

— Tenho uma coisa a dizer-lhe, sr. Pontmercy. Eu sou um ex-detento.

O limite dos sons agudos perceptíveis não pode ser ultrapassado, tanto pelo entendimento quanto pelo ouvido. Essas palavras "sou um ex-detento", saindo da boca do sr. Fauchelevent e entrando nos ouvidos de Marius, foram além do que é possível; ele não as ouviu. Percebeu que acabavam de lhe dizer alguma coisa, mas não soube o quê. Ficou de boca aberta.

Só então notou que o homem à sua frente estava num estado assustador. No seu entusiasmo, não havia, até aquele momento, reparado sua extrema palidez.

Jean Valjean desatou o lenço que sustinha o seu braço direito, desenrolou a atadura que envolvia a mão e mostrou o dedo polegar a Marius.

— Não tenho nada na mão — disse ele.

Não tinha, com efeito, o menor traço de ferimento.

Continuou:

— Eu devia me manter o mais afastado possível do casamento. Fiz isso da melhor maneira que pude. Fingi este machucado para ser dispensado de assinar e criar algo que poderia causar a nulidade da certidão de casamento.

Marius balbuciou:

— O que isso quer dizer?

— Isso quer dizer — respondeu Jean Valjean — que estive nas galés.

— Está querendo me assustar! — exclamou Marius espantado.

— Sr. Pontmercy — disse Jean Valjean —, estive dezenove anos nos trabalhos forçados, por roubo. Depois fui condenado à perpetuidade, por roubo reincidente. Hoje sou um foragido da justiça.

Por mais que recuasse diante da realidade, recusasse o fato, resistisse à evidência, seria preciso aceitar. Marius começou a compreender e, como sempre se passa em casos assim, foi além da compreensão. Sentiu o tremor causado por um terrível relâmpago interior, uma ideia que o fez estremecer. Entreviu, no futuro, um destino disforme.

— Diga tudo! Diga tudo! — exclamou ele. — O senhor é pai de Cosette!

E recuou dois passos, com indizível movimento de horror.

Jean Valjean ergueu a cabeça com tal majestade de atitude que pareceu crescer até ao teto.

— É necessário que o senhor acredite, embora a justiça não aceite o nosso juramento…

Houve uma pausa e depois, com uma espécie de autoridade soberana e sepulcral, ele acrescentou, articulando lentamente as palavras e acentuando bem as sílabas:

— … O senhor há de acreditar. Pai de Cosette, eu! Diante de Deus afirmo que não sou. Senhor barão Pontmercy, sou um camponês de Faverolles; ganhava a vida podando árvores. Não me chamo Fauchelevent, chamo-me Jean Valjean. Não tenho parentesco algum com Cosette; tranquilize-se.

Marius balbuciou:

— Quem me prova…

— Eu, visto que estou dizendo.

Marius olhou para aquele homem. Estava lugubremente tranquilo. Mentira nenhuma podia sair de tanta serenidade. Sentia-se a verdade em sua frieza de túmulo.

— Acredito no que diz — confirmou Marius.

Jean Valjean inclinou a cabeça e continuou:

— O que sou para Cosette? Um passante. Há dez anos ignorava ainda a sua existência. Sou muito afeiçoado a ela, é verdade. Não teria como não ser assim, uma criança que vi ainda pequena, já sendo velho. Na velhice, nos sentimos avós de todas as crianças. O senhor pode, imagino, supor que eu tenha algo parecido com um coração. Era uma órfã, não tinha pai nem mãe, precisava de mim; por isso me

afeiçoei a ela. É algo tão frágil, uma criança, que o primeiro que aparece, mesmo alguém como eu, pode ser seu protetor. Cumpri esse dever com relação a Cosette. Não creio que se possa chamar boa ação tão pequena coisa, mas, caso tenha sido uma boa ação, eu a fiz. Registre isso como circunstância atenuante. Hoje, Cosette deixa a minha vida; os nossos caminhos se separam. Daqui em diante já não poderei fazer mais nada por ela. É a sra. Pontmercy. A sua providência mudou e ela ganha com isso. Tudo está da melhor maneira. Quanto aos seiscentos mil francos, o senhor não me perguntou, mas me adianto à sua questão: é um depósito. Como estava esse depósito nas minhas mãos? Que importa? Restituo o depósito, não há mais nada a perguntar. Completo a restituição dizendo o meu verdadeiro nome. Isso diz ainda respeito a mim, quero que saiba quem sou.

E Jean Valjean olhou Marius de frente.

Tudo que Marius sentia era tumultuoso e incoerente. Certas rajadas de vento do destino causam esses vazios na alma.

Todos passamos por momentos assim, perturbados, nos quais tudo em nós se dispersa. Dizemos a primeira coisa que nos vem à cabeça que, aliás, são sempre aquelas que se devia dizer. Há revelações súbitas difíceis de serem carregadas e que embriagam como um vinho funesto. Marius estava estupefato com a nova situação que se apresentava, a ponto de falar àquele homem quase como alguém que se incomodasse com tal confissão.

— Mas, afinal — exclamou ele —, por que me conta isso?! O que o obriga? Poderia manter segredo. Não foi denunciado, ninguém o persegue ou ameaça. Deve ter um motivo para, sem mais nem menos, fazer semelhante revelação. Conclua. Tem outra coisa mais. A troco de que fez essa confissão? Por que motivo?

— Por que motivo? — respondeu Jean Valjean com voz tão baixa e surda que parecia falar mais consigo mesmo do que com Marius. — Com efeito, por que motivo vem esse forçado dizer: eu sou um forçado? É verdade, o motivo é estranho. É por honestidade. Olhe, a desgraça está num fio que tenho no coração e me mantém preso. Sobretudo na velhice, esses fios são fortes. A vida pode se desmanchar ao redor e esses fios resistem. Se eu tivesse podido parti-lo, desatar o nó ou cortá-lo, ir para longe, estaria salvo, seria só me afastar. Na rua do Bouloy há diligências, vocês estão felizes, posso ir embora. Tentei quebrar esse fio, puxei-o, mas ele resistiu, não quebrou, o coração vinha junto. Então disse comigo: não posso viver em outro lugar, preciso ficar. E nisso o senhor tem toda a razão; por que não ficar, simplesmente? Oferecem-me um quarto, a sra. Pontmercy tem todo o carinho por mim e pede a uma velha poltrona que me estenda os braços, seu avô ficará contente de me ter por perto; viveremos todos juntos, refeições em comum, darei o

braço a Cosette… à sra. Pontmercy, desculpe, é efeito do hábito. Teremos um só teto, uma mesa, um lar, uma mesma lareira no inverno, o mesmo passeio no verão; é a felicidade, é a alegria, é tudo. Viveremos em família. Em família!

Ao dizer essa palavra, Jean Valjean se crispou. Cruzou os braços, olhou para o chão como se nele quisesse cavar um abismo, e sua voz ficou mais forte:

— Em família! Não! Não pertenço a famílias. Não faço parte da sua nem de nenhuma mais. Nas casas em que se vive uma vida íntima, sou sempre um intruso. Há nelas famílias, mas não para mim. Eu sou o desgraçado; estou fora de tudo. Tive pai e mãe? Quase duvido. No dia em que casei essa criança, acabou-se tudo para mim, ela está feliz e com o homem que ama, já tem na casa um bom velhinho e dois anjos, todas as alegrias. Quando vi que tudo está bem, disse para mim mesmo: não entre aí. Poderia mentir, é verdade, enganá-los, continuar sendo o sr. Fauchelevent. Enquanto foi por ela, pude mentir; mas agora seria por mim e não devo fazer isso. Bastaria me calar, é verdade, e tudo continuaria igual. Perguntou-me o que me fez falar? Uma coisa estranha: minha consciência. Calar-me seria fácil. Passei a noite tentando me convencer disso. Está sendo meu confessor e o que acabo de contar é tão extraordinário que o senhor tem esse direito. Pois bem, passei a noite a repetir os motivos que tenho para me calar, juntei bons motivos, fiz realmente o que pude. Mas há duas coisas que não consegui: quebrar o fio que me prende, bem amarrado aqui, o coração, nem fazer com que se calasse alguém que fala baixinho em meu interior, quando estou só. Por isso vim esta manhã, para contar tudo. Tudo ou quase tudo. Há coisas desnecessárias e que só concernem a mim; guardo-as então. O essencial, o senhor já sabe. Peguei o meu mistério e trouxe-o aqui. Exponho para o senhor o meu segredo. Não foi uma decisão fácil. A noite inteira me debati. Ah, não imagina o quanto me disse não ser aqui a mesma situação que no caso Champmathieu, que escondendo meu nome eu não faço mal a ninguém, que o nome Fauchelevent me foi dado pelo próprio Fauchelevent, por um favor que lhe fiz. Posso perfeitamente mantê-lo, seria feliz nesse quarto que me oferece. Não incomodaria, ficaria no meu canto e, tendo o senhor Cosette, eu estaria ainda na mesma casa que ela. Cada um com sua felicidade proporcional. Continuar sendo o sr. Fauchelevent resolveria tudo. Com certeza, à exceção da minha alma. Toda a minha pessoa estaria alegre, mas o fundo da alma, negro. Não basta ser feliz, é preciso estar contente. Eu continuaria sendo o sr. Fauchelevent, escondendo meu verdadeiro rosto. Convivendo com a felicidade de vocês e me mantendo um enigma; junto da plena luz, eu continuaria nas trevas. Dessa maneira, sem que soubessem, o presídio estaria se introduzindo na vida de vocês. Sentado à sua mesa, eu saberia que, se tivessem ideia de quem sou, me expulsariam, os empregados da

casa, se soubessem a quem serviam, ficariam horrorizados. Cumprimentaríamo-nos familiarmente, sem que eu tivesse esse direito, ganharia apertos de mão indevidos! O respeito pelos idosos, na casa, se dividiria entre cabelos brancos veneráveis e cabelos brancos aviltados. Nos momentos mais íntimos, com todos os corações se imaginando reciprocamente abertos, estando nós quatro... o seu avô, vocês dois e eu... juntos, um intruso estaria ali! Perto de vocês ao longo da existência, com a eterna preocupação de nunca levantar a tampa do meu poço terrível. Eu, um morto, me impondo a vocês, que estão vivos. Condenaria Cosette à perpetuidade. O senhor, ela e eu seríamos três cabeças com o boné verde. Não estremece, imaginando isso? Sou o mais torturado dos homens e me tornaria o mais monstruoso. Um novo crime, diariamente cometido! Uma mentira diariamente repetida! Uma face sombria diariamente disfarçada no rosto! E o meu opróbrio, do qual eu diariamente transmitiria a vocês uma parte! Diariamente! A vocês, meus queridos, minhas crianças, meus inocentes! É fácil calar? É simples guardar um segredo? Não é simples. Há um silêncio que mente. E minha mentira, minha fraude, minha indignidade, minha covardia, minha traição e meu crime, eu beberia gota a gota. Cuspiria e voltaria a beber; terminando à meia-noite, recomeçando ao meio-dia. Meus "bom-dia" e "boa-noite" seriam mentirosos. Eu dormiria em cima disso, comeria isso com o meu pão, olharia Cosette de frente, respondendo ao sorriso do anjo com o sorriso do condenado. Um abominável impostor! E tudo para quê? Para ser feliz. Para ser feliz, eu! Tenho porventura o direito de ser feliz? Estou fora da vida, senhor barão.

Jean Valjean calou-se. Marius escutava. Semelhantes encadeamentos de ideias e aflições não podem ser interrompidos. Jean Valjean abaixou novamente a voz, mas já não era uma voz surda, era uma voz sinistra.

— O senhor pergunta por que resolvi falar, já que não estou sendo denunciado nem perseguido. Ledo engano. Estou, sim, sendo denunciado e perseguido! Por quem? Por mim mesmo. Eu próprio impeço a minha passagem, prendo-me e levo-me à execução; e quando fazemos isso, nós mesmos, conosco, estamos bem presos.

Agarrando firme a própria casaca e puxando-a na direção de Marius, ele continuou:

— Olhe para esta mão. Não lhe parece que segura essa lapela de modo que não largará? Pois bem! É outro punho como este, a consciência! Quem quiser ser feliz, senhor barão, não deve nunca compreender o dever porque, a partir daí, ele se torna implacável. Pode parecer que nos pune por tê-lo compreendido, mas não, trata-se de uma recompensa, pois nos coloca num inferno em que sentimos Deus ao nosso lado. Assim que se despedaçam as entranhas, vem a paz interior.

Com dolorosa ênfase, ele acrescentou:

— Sr. Pontmercy, não pelo senso comum, mas sou um homem honrado. É degradando-me a seus olhos que me elevo aos meus. Já passei por isso antes, mas menos dolorosamente; nada tão grave. Sim, um homem honrado. Não o seria se o senhor tivesse, por minha culpa, continuado a estimar-me, mas agora que me despreza, posso assim me considerar. Pesa sobre mim a fatalidade de, não podendo ter nunca consideração senão roubada, sentir-me humilhado e oprimido interiormente por essa consideração, sendo necessário que me desprezem para que eu me respeite. É quando cresço. Sou um forçado que obedece à sua consciência. Sei muito bem quanto isso é inverossímil. Mas o que posso fazer? É assim. Impus compromissos a mim mesmo; mantenho-os. Há encontros que nos ligam, há casos que nos arrastam a deveres. Como vê, sr. Pontmercy, têm-me sucedido coisas na vida.

Jean Valjean fez mais uma pausa, engolindo com dificuldade a saliva, como se sentisse nas palavras ressaibo amargo, e continuou:

— Quem tem semelhante horror pesando sobre a própria alma, não tem o direito de fazer com que outras pessoas, inadvertidamente, participem disso; não tem o direito de contagiá-las com a sua peste, não tem o direito de fazê-las, sem perceber, cair no seu precipício, não tem o direito de estender sua veste vermelha a elas, não tem o direito de, dissimuladamente, impor sua miséria na felicidade alheia. Aproximar-se de pessoas sadias e, à sombra, encostar nelas a sua chaga invisível é infame. Em vão Fauchelevent me emprestou seu nome, não tenho direito de usá-lo. Por mais que tenha sido dado, não posso assumi-lo. Um nome é uma individualidade. Tenho pensado, tenho lido e, mesmo sendo um camponês, bem vê que me exprimo convenientemente. Compreendo as coisas. Eduquei a mim mesmo e, subtrair um nome e colocar-se nele, é desonesto. Letras do alfabeto podem ser roubadas como uma carteira ou um relógio. Ser uma falsa assinatura em carne e osso, ser uma chave falsa viva, entrar na casa de pessoas honestas trapaceando, nunca mais olhar reto, sempre de viés, ser infame em seu interior, não! Não! Não! Não! Mais vale sofrer, sangrar, chorar, arrancar a própria pele com as unhas, passar as noites se contorcendo de aflição, corroer-se o corpo e a alma. Por isso vim contar tudo isso, por conta própria, como o senhor disse.

Ele respirou com dificuldade e acrescentou:

— Para viver, uma vez, roubei um pão; hoje, para viver, não quero roubar um nome.

— Para viver! — interrompeu Marius. — Não precisa desse nome para viver?

— Ah! Percebo — respondeu Jean Valjean, abanando repetidas vezes a cabeça, lentamente.

Seguiu-se um momento de silêncio. Ambos se calaram, cada qual mergulhado num abismo de pensamentos. Marius sentara-se junto de uma mesa e apoiava o canto da boca num dos seus dedos, dobrado. Jean Valjean ia e vinha. De repente parou diante de um espelho. Depois, como se respondesse a um raciocínio interior, disse, olhando para o espelho, sem se ver:

— Ao passo que, agora, sinto-me aliviado!

E continuou a andar de um lado para outro da sala. No momento em que se voltou, notou que Marius observava o seu modo de andar e então disse com inexplicável ênfase:

— Arrasto um pouco a perna. Já sabe o motivo.

Depois acabou de se voltar para Marius.

— Agora, imagine isto: eu não disse coisa alguma, continuei sendo o sr. Fauchelevent, assumi meu lugar em sua casa, pertenço à sua família, ocupo o meu quarto, venho de manhã almoçar de chinelas, à noite vamos ao teatro, os três, acompanho a sra. Pontmercy às Tulherias e à praça Royal, estamos juntos, o senhor julga-me seu igual e, um belo dia, com todos conversando e rindo, ouve-se uma voz gritar "Jean Valjean!", e sai da sombra a pavorosa mão da polícia, que bruscamente me arranca a máscara!

Calou-se novamente. Marius levantara-se com um estremecimento. Jean Valjean prosseguiu:

— O que diz disso?

O silêncio de Marius era uma resposta.

Jean Valjean tornou ainda:

— Bem vê que tenho razão em não ficar calado. Seja feliz, viva no céu, seja o anjo de um anjo, fique ao sol, sinta-se contente com isso e não se preocupe com a maneira pela qual um pobre amaldiçoado rasga o próprio peito e cumpre o seu dever. O senhor tem um homem miserável à sua frente.

Marius atravessou vagarosamente a sala e, quando chegou perto de Jean Valjean, estendeu-lhe a mão.

Mas precisou ir buscar a mão, que não se apresentava. Jean Valjean aceitou e Marius achou apertar uma mão de mármore.

— Meu avô tem amigos — disse ele —, vou conseguir seu perdão.

— Não é preciso — respondeu Jean Valjean. — Julgam-me morto e isso basta. Os mortos não estão sujeitos a vigilância; podem tranquilamente apodrecer. A morte é a mesma coisa que o perdão.

Soltando a mão que Marius ainda mantinha entre as suas, ele acrescentou, com inexorável dignidade:

— Aliás, o cumprimento do meu dever é o amigo a que recorro; preciso de um único perdão, o da minha consciência.

Nesse momento entreabriu-se brandamente a porta do outro extremo da sala e viu-se o rosto de Cosette; apenas o rosto. Estava totalmente despenteada e tinha os olhos inchados de sono.

Fez o movimento do passarinho pondo a cabeça para fora do ninho, olhou primeiro para o marido, depois para Jean Valjean, e disse-lhes rindo, com um sorriso que parecia vir do fundo de uma rosa:

— Aposto que estavam falando de política! Que perda de tempo, podendo estar comigo!

Jean Valjean estremeceu.

— Cosette… — balbuciou Marius; e calou-se. Pareciam dois culpados.

Radiante de alegria, ela continuava a olhá-los:

— Surpreendi-os em flagrante delito. Acabo de ouvir através da porta a voz de meu pai, dizendo: "A consciência… o cumprimento do dever…" Isso é política; não quero, não se deve falar em política já no dia seguinte. Não é justo.

— Está enganada, Cosette — respondeu Marius. — Tratávamos de negócios. Procurávamos a melhor maneira de empregar os seus seiscentos mil francos…

— Pois continuem — interrompeu Cosette. — Estou aqui, aceitam minha presença?

E, transpondo resolutamente a porta, ela entrou na sala. Vestia um amplo penhoar branco com mil pregas e mangas largas que, partindo do pescoço, iam até os pés. Veem-se, nos céus de ouro de velhos quadros góticos, desses encantadores sacos, em que se pode abrigar um anjo.

Olhou-se dos pés à cabeça no espelho grande e exclamou, numa inefável explosão de êxtase:

— Era uma vez um rei e uma rainha. Ah, como me sinto contente!

Dito isso, fez uma mesura a Marius e a Jean Valjean.

— Pronto — disse ela —, vou me sentar aqui perto dos senhores, daqui a meia hora almoçamos. Podem dizer tudo que quiserem. Sei que os homens precisam falar, vou me comportar.

Marius pegou-lhe o braço e disse carinhosamente:

— Falamos de negócios.

— Justamente — respondeu Cosette. — Abri a janela e tinha acabado de chegar um monte de pardais no jardim. Hoje é quarta-feira de Cinzas, mas eles

continuavam muito animados.

— Como disse, tratávamos de números, querida Cosette, deixe-nos ainda um pouco. Isso só vai aborrecê-la.

— Que bonita gravata está usando esta manhã, Marius! O cavalheiro está muito elegante. Não, não vai me aborrecer.

— Garanto que sim.

— Não, já que são vocês. Não compreenderei, mas ouvirei. Não é preciso entender as palavras, se são as vozes das pessoas que amamos. Quero apenas que estejamos todos juntos. Ou seja, daqui não saio!

— Isso não pode ser, minha querida Cosette.

— Não pode ser?

— Não.

— Azar o de vocês — tornou Cosette. — Saberiam de muitas novidades. Eu contaria que o avô ainda está dormindo, que a tia foi à missa, que a lareira do quarto de meu pai Fauchelevent está soltando fumaça, que Nicolette mandou chamar o limpa-chaminés, que Toussaint e Nicolette já brigaram, pois Nicolette zomba da gagueira de Toussaint, e não saberão de nada disso. Não pode ser? Pois digo também, por minha vez: não pode ser. E agora? Por favor, Mariuzinho, deixe eu ficar aqui com vocês.

— Juro que precisamos estar a sós.

— Mas então eu sou alguém?

Jean Valjean nada havia dito. Cosette voltou-se para ele:

— Antes de mais nada, meu pai, quero que me dê um beijo. O que está fazendo que não toma o meu partido? Quem foi que me deu um pai assim? Bem vê que sou muito infeliz na vida de casada. Meu marido bate em mim. Vamos, dê-me um beijo.

Jean Valjean aproximou-se.

Cosette se virou para Marius:

— Ao senhor, faço uma careta.

E ofereceu a fronte a Jean Valjean, que deu um passo até ela.

Cosette recuou.

— Está tão pálido, pai. Está pior da mão?

— Está curada — disse Jean Valjean.

— Dormiu mal?

— Não.

— Está triste?

— Não.

— Então beije-me. Se está bem, se dormiu bem, se está contente, não ficará de castigo.

E ofereceu de novo a fronte.

Jean Valjean beijou aquela testa, em que havia um reflexo celeste.

— Sorria.

Jean Valjean obedeceu. Foi o riso de um espectro.

— Agora, defenda-me de meu marido.

— Cosette… — disse Marius.

— Zangue-se, pai. Diga-lhe que devo ficar. Podem falar diante de mim. Devem me achar bem tola. Fico surpresa com o que dizem! Negócios, aplicar dinheiro num banco, grandes coisas. Fazem mistérios por nada. Quero ficar. Estou bem bonita esta manhã. Veja, Marius.

E com um adorável movimento de ombros e delicada teimosia, olhou provocativamente Marius. Houve algo como um relâmpago, entre aqueles dois seres. Pouco importava que ali estivesse mais alguém.

— Amo-te! — disse Marius.

— E eu te adoro! — disse Cosette.

E precipitaram-se irresistivelmente nos braços um do outro.

— Agora — tornou Cosette, compondo com uma pequena careta triunfante uma prega do penhoar —, fico.

— Isso não — respondeu Marius num tom suplicante. — Temos uma coisa a concluir.

— Outra vez, não.

Marius deu à voz uma inflexão grave:

— Por favor, Cosette, é impossível.

— Ah! O cavalheiro faz a sua voz de homem? Muito bem: vou embora. Meu pai não me defendeu. Senhor meu marido e senhor meu papai, vocês são dois tiranos; vou fazer queixa ao vovô. Se acham que vou voltar e dizer bobagens, estão enganados. Tenho meu orgulho. Esperarei que me chamem. Verão que vão sentir minha falta. Vou embora; é bem feito.

E saiu.

Passados dois segundos, tornou a entreabrir a porta, mostrou novamente o fresco e rosado rosto entre os dois batentes e gritou:

— Estou furiosa.

A porta foi fechada e voltaram as trevas.

Foi como um raio de sol extraviado que, sem se dar conta, houvesse bruscamente atravessado a noite.

Marius certificou-se de que a porta estava bem fechada.

— Pobre Cosette! — murmurou ele. — Quando souber…

Ouvindo isso, Jean Valjean estremeceu de cima a baixo e fixou em Marius olhos assustados.

— Cosette! Ah! Sim, é verdade, vai contar a Cosette. É justo; não tinha pensado nisso. Somos fortes numa coisa, não em tudo. Senhor barão, suplico, dê-me a sua palavra sagrada de nada dizer a ela. Não é bastante que o senhor saiba? Pude, por mim mesmo, contar, sem que coisa nenhuma me obrigasse; contaria ao universo, ao mundo inteiro, sem ver nisso o menor problema. Ela porém ignora o que sejam todas essas coisas, se assustaria. Um forçado! Seriam obrigados a explicar, a dizer: é um homem que esteve nas galés. Ela, um dia, viu passar um comboio. Oh! Meu Deus!

Ele se deixou cair numa poltrona, escondendo o rosto com as mãos. Não se ouvia, mas, pelos movimentos dos ombros, via-se que chorava. Lágrimas silenciosas, lágrimas terríveis.

Há asfixia no choro. Uma espécie de convulsão o dominou, ele se jogou para trás no espaldar da poltrona, como se quisesse respirar, deixando caírem os braços e que Marius visse seu rosto inundado de lágrimas. Ele murmurou com voz tão baixa que parecia sair de incomensurável profundidade:

— Como seria melhor morrer!

— Não se preocupe — disse Marius —, manterei só meu o segredo.

E talvez menos enternecido do que deveria estar, mas há uma hora obrigado a se familiarizar com algo inesperado e medonho, vendo gradualmente um forçado tomar o lugar do sr. Fauchelevent, vencido pouco a pouco por essa lúgubre realidade e levado, pelo natural declive da situação, a constatar o abismo que acabava de se abrir entre aquele homem e ele, Marius acrescentou:

— É impossível não lhe dizer alguma coisa acerca do depósito, que tão fiel e honradamente restituiu. Foi um ato de probidade. É justo que seja recompensado. Determine o senhor mesmo a soma; não tenha receio de fixá-la muito alta.

— Agradeço muito — respondeu Jean Valjean com doçura.

E permaneceu por um momento pensativo, passando maquinalmente a ponta do dedo indicador na unha do polegar, e depois disse em voz alta:

— Tudo está quase terminado. Resta ainda uma coisa…

— O que é?

Jean Valjean passou por uma espécie de suprema hesitação e, sem voz, quase sem alento, balbuciou:

— Agora que o senhor já sabe, e pode ordenar as coisas, acha que não devo mais ver Cosette?

— Parece-me que seria melhor — respondeu friamente Marius.

— Não tornarei a vê-la — murmurou Jean Valjean.

E encaminhou-se para a porta.

Levou a mão ao fecho, que logo cedeu e a porta entreabriu-se. Jean Valjean puxou-a o necessário para poder passar, ficou um segundo imóvel, em seguida tornou a fechá-la e voltou-se para Marius.

Já não estava pálido, estava lívido; já não tinha lágrimas nos olhos e sim uma espécie de chama trágica. A voz tornara-se estranhamente tranquila.

— Veja, se me permitir, virei vê-la. Gostaria muito. Se não fosse o caso, não teria feito a confissão que fiz, teria partido para longe; mas, querendo ficar onde está Cosette, e continuar a vê-la, tive de honestamente contar tudo. Acompanha o que quero dizer? É algo que se pode compreender. Entenda, há nove anos estamos juntos. Primeiro moramos num cortiço do boulevard, depois no convento, depois perto do Luxembourg. Foi onde a viu pela primeira vez. Deve se lembrar do chapéu de pelúcia. Em seguida nos mudamos para o bairro dos Invalides, onde havia uma grade e um jardim, na rua Plumet. Eu vivia num pátio dos fundos, de onde podia ouvi-la tocar piano. Foi essa a minha vida. Nunca nos separávamos. Isso durou nove anos e alguns meses. Eu era como seu pai e ela minha filha. Não sei se compreende, sr. Pontmercy, mas ir embora agora, não vê-la mais, não falar com ela, nada mais ter, seria difícil. Se não achar ruim, virei de vez em quando ver Cosette. Não frequentemente demais. Não ficarei muito tempo. Dê ordens para que eu seja recebido na saleta baixa, no térreo. Posso entrar pela porta dos fundos, dos empregados, mas causaria surpresa. É melhor que eu entre pela porta comum a todos. Realmente, gostaria de ver Cosette ainda algumas vezes, as vezes que o senhor achar apropriado. Coloque-se no meu lugar; não tenho mais nada. Além disso, é preciso não chamar atenção, eu não voltar mais aqui causaria má impressão, comentariam. O que posso fazer, por exemplo, é vir no fim da tarde, quando começa a anoitecer.

— Venha todos os fins de tarde. Cosette estará à sua espera.

— O senhor tem bom coração — disse Jean Valjean.

Marius cumprimentou Jean Valjean. A felicidade acompanhou até a porta o desespero e os dois homens se separaram.

II

Obscuridades que uma revelação pode conter

Marius estava transtornado.

A espécie de distância que sempre se impusera com relação ao homem junto de quem ele via Cosette acabava de se explicar. Havia no personagem um não sei quê de enigmático, do qual o seu instinto desconfiava. E esse enigma vinha da mais hedionda das vergonhas, a galé. O sr. Fauchelevent era o forçado Jean Valjean.

Saber de semelhante segredo, de forma tão brusca, em plena felicidade, era como descobrir um escorpião num ninho de rolinhas.

A felicidade de Marius e Cosette ficaria condenada a esse convívio? Era um fato consumado? Aceitar aquele homem fazia parte da realização do casamento? Não havia, com relação a isso, nada mais a fazer?

A aliança incluía também o forçado?

Por mais coroados que nos sintamos de luz e de alegria, por mais que se saboreie a grande hora púrpura da vida, o amor feliz, coisas assim abalariam até o arcanjo em seu êxtase ou o semideus em sua glória.

Como sempre acontece em mudanças desse tipo, Marius procurou ver se não tinha, ele próprio, uma parcela de culpa. Não devia ter previsto? Ter sido mais cauteloso? Não fora voluntariamente ingênuo? Um pouco, talvez. Embarcara naquela aventura, que o levou ao casamento com Cosette, de forma cega demais, sem procurar esclarecer os contornos da situação. Constatou — é como a vida pouco a pouco nos pune, com uma série de constatações a respeito de nós mesmos — o lado quimérico e visionário da sua natureza, espécie de nuvem interior, natural em muitas personalidades, e que nos paroxismos da paixão e da dor se dilata, muda a temperatura da alma e invade a pessoa inteira, deixando apenas uma consciência flutuando na bruma. Mais de uma vez indicamos esse elemento característico da individualidade de Marius. Ele se lembrava de que, na embriaguez do amor, na rua Plumet, durante aquelas seis ou sete semanas extáticas, ele nem sequer havia comentado com Cosette o drama enigmático do cortiço Gorbeau, onde a vítima tão estranhamente havia preferido o silêncio durante o confronto e a fuga depois. Como podia nada ter dito a Cosette? Era, no entanto, algo tão recente e horrível! Como nem sequer havia mencionado os Thénardier e, sobretudo, o dia em que havia encontrado Éponine? Era difícil explicar, agora, o seu silêncio de então. Mas ele se

dava conta. Lembrava-se do desvario, da embriaguez que Cosette lhe causava, do amor absorvendo tudo, do mútuo sequestro no ideal e talvez também, com a imperceptível parcela de razão que se mistura nesse estado violento e encantador da alma, de um vago e surdo instinto. Esse instinto é que procurava esconder e abolir, na memória, aquela aventura ameaçadora, da qual ele temia o contato. Evitara, assim, ter tido qualquer papel naquilo, procurando se esquivar, pois não poderia narrar nem testemunhar sem se tornar acusador. Aliás, aquelas primeiras semanas tinham sido um relâmpago, sem haver tempo para coisa alguma, exceto para o amor. Enfim, tudo bem pesado, bem pensado e examinado, mesmo que tivesse contado a Cosette a armadilha do cortiço Gorbeau, que tivesse falado dos Thénardier, quaisquer que fossem as consequências, mesmo que tivesse descoberto o passado de Jean Valjean, o que isso teria mudado nele ou em Cosette? Teriam recuado? Adorariam-se menos? Teriam deixado de se casar? Não. Nada havia a lastimar, nada do que se arrepender. Tudo se passara da melhor maneira. Há certamente um deus para esses ébrios que são os enamorados. Cego, Marius seguira o caminho que seguiria com perfeita visão. O amor havia vendado seus olhos e o conduzira; para onde? Para o paraíso.

E esse paraíso estava agora ameaçado por um convívio infernal.

O antigo distanciamento que Marius sentia com relação àquele homem, aquele Fauchelevent que se tornara Jean Valjean, misturava-se agora ao horror.

Nesse horror, diga-se, havia certa comiseração e alguma surpresa.

Aquele ladrão, ladrão reincidente, restituíra uma quantia deixada em depósito. E que quantia! Seiscentos mil francos. Só ele tinha o segredo disso; podia guardar tudo e entregou-a toda.

Além disso, revelara voluntariamente sua situação. Nada o obrigava. Sabia-se quem ele era, por ele mesmo. Naquela confissão aceitara mais do que a simples humilhação, aceitara o perigo. Para um condenado, uma máscara não é uma máscara, é um abrigo. Ele se desfizera desse abrigo. Um nome falso é uma segurança, ele havia rejeitado esse nome falso. Ele podia, sendo foragido, ocultar-se para sempre no seio de uma família honesta e havia resistido a essa tentação. E por que motivo? Por escrúpulo de consciência. Explicara ele próprio, com toda a veemência da realidade. Em suma, fosse quem fosse aquele Jean Valjean, era incontestavelmente uma consciência que despertava. Havia ali não sei qual misteriosa reabilitação começada e, tudo indicava, há muito tempo o escrúpulo dominava aquele homem. Tais acessos do bem e do justo não ocorrem em naturezas vulgares. O despertar da consciência é a grandeza da alma.

Jean Valjean era sincero. Tal sinceridade, visível, palpável, irrefragável, evidente até pela dor que lhe causava, tornava as informações inúteis e dava autoridade a tudo que ele dizia. Aqui, para Marius, havia uma estranha interversão das situações. O que despertava nele o sr. Fauchelevent? A desconfiança. E Jean Valjean? A confiança.

No misterioso balanço que o pensativo Marius fazia do personagem, ele constatava o ativo, constatava o passivo e tentava chegar a um resultado. Mas tudo isso dentro de uma espécie de tempestade. Esforçava-se para ter uma ideia clara daquele homem e perseguindo, por assim dizer, Jean Valjean no fundo do seu pensamento, ele o perdia, para reavê-lo numa bruma fatal.

A quantia honestamente restituída e a probidade da confissão pesavam a seu favor. Eram como uma abertura de claridade numa nuvem; mas depois essa nuvem voltava a escurecer. Por mais turvas que fossem as recordações de Marius, sempre lhe restavam delas algumas sombras.

O que significava, afinal, aquela aventura no antro dos Jondrette? Por que, à chegada da polícia, a vítima fugira, em vez de se queixar? Para isso Marius tinha resposta. Por ser um foragido da justiça; um forçado evadido.

Outra pergunta: por que Jean Valjean esteve na barricada? Pois agora Marius distintamente revia essa lembrança, ressurgida entre as emoções como tinta mágica no calor do fogo. Ele esteve na barricada e não combatia. O que fora fazer ali? Diante dessa pergunta erguia-se um espectro, que dava a resposta: Javert. Marius lembrou-se então da fúnebre visão de Jean Valjean arrastando para fora da barricada Javert amarrado, e ouvia ainda, por trás da esquina da rua Mondétour, o terrível tiro de pistola. Havia, provavelmente, ódio entre o espião e o forçado. Um incomodava o outro. Jean Valjean foi à barricada para se vingar. Chegou tarde. Provavelmente soube que Javert tinha sido descoberto e era prisioneiro. A vendeta corsa penetrou em certos submundos e tornou-se lei. É tão simples que nem sequer surpreende as almas mais ou menos voltadas para o bem. E esses corações são feitos de tal maneira que um criminoso, em vias de arrependimento, pode ter escrúpulos com relação ao roubo e não com relação à vingança. Jean Valjean matara Javert. Isso parecia evidente.

Havia ainda outra pergunta, que não tinha resposta. Esta sentia-a Marius como uma tenaz. Por que a existência de Jean Valjean esteve, por tanto tempo, ligada à de Cosette? Que sombrio jogo da Providência era aquele que colocara a criança em contato com tal homem? Forjam-se porventura, lá em cima, duplas grilhetas, com que Deus se compraz em acorrentar o anjo ao demônio? Um crime e uma inocência podem então coexistir em camaradagem na misteriosa prisão das misérias? Nesse

desfile de condenados que chamamos o destino humano, dois seres podem conviver, um ao lado do outro, um ingênuo, o outro formidável, um banhado nas divinas alvuras da aurora, o outro para sempre descorado pela luz de um eterno relâmpago? Quem poderia ter determinado tal inexplicável aparelhamento? De que maneira, em consequência de qual prodígio, a comunidade de vida se estabeleceu entre a celestial criança e o velho condenado? Quem podia ter ligado o cordeiro ao lobo e, ainda mais incompreensível, ter ligado o lobo ao cordeiro? Pois o lobo amava o cordeiro, o ser feroz adorava o ser frágil e, por nove anos, o anjo teve como ponto de apoio o monstro. A infância e a adolescência de Cosette, seu desabrochar, seu virginal crescimento rumo à vida e à luz tinham sido protegidos por aquela devoção disforme. Nesse ponto, as questões se esfoliavam, por assim dizer, em enigmas variados. Abismos se abriam no fundo dos abismos e Marius não podia mais se voltar na direção de Jean Valjean sem vertigem. O que era então aquele homem, aquele precipício?

Os velhos símbolos genesíacos são eternos. Na sociedade humana, tal como ela existe e até que uma luz maior a transforme, há dois homens, um superior, outro subterrâneo. O que se organiza pelo bem é Abel; o que busca o mal é Caim. O que podia ser aquele Caim compassivo, aquele bandido religiosamente dedicado à adoração de uma virgem, velando por ela, educando, cuidando, dignificando e envolvendo-a em pureza, apesar da sua própria impureza? Que cloaca era essa que venerava a inocência a ponto de nela não respingar mancha nenhuma? Como um Jean Valjean podia ser o responsável pela educação de Cosette? O que era essa figura das trevas, tendo como única finalidade preservar, de qualquer sombra e de qualquer nuvem, o despontar de um astro?

Era esse o segredo de Jean Valjean; era também o segredo de Deus.

Diante desse duplo segredo, Marius recuava. Um, de certo modo, o tranquilizava com relação ao outro. Deus estava tão visível naquilo tudo quanto Jean Valjean. Deus tem os seus instrumentos e serve-se deles como melhor lhe apraz. Não tem responsabilidades para com o homem. O que sabemos da sua ação? Jean Valjean havia trabalhado em Cosette. Havia participado da criação daquela alma, era incontestável. E agora? O artesão era horrível, mas a obra admirável. Deus produz seus milagres como bem entende. Construiu a encantadora Cosette e usou para isso Jean Valjean. Escolheu se servir daquele estranho auxiliar. O que mais pedir? Seria a primeira vez que o estrume ajuda a primavera a criar a rosa?

Marius fazia essas perguntas, que considerava pertinentes. Sob todos os pontos que acabamos de indicar, ele não ousara pressionar Jean Valjean, mas sem confessar a si mesmo essa falta de ousadia. Adorava Cosette, que agora era sua,

esplendidamente pura. Bastava isso. De que esclarecimento precisava? Cosette era uma luz. A luz precisa ser esclarecida? Ele tinha tudo; que mais poderia desejar? Ter tudo não é o bastante? Os negócios pessoais de Jean Valjean não o interessavam e, debruçando-se ainda sobre a sombra terrível daquele homem, ele se agarrava à sua declaração solene: nada sou de Cosette; há dez anos ignorava ainda a sua existência.

Jean Valjean era um passante. Ele próprio havia dito. Pois bem, que ele passasse! Qualquer que tivesse sido o seu papel, estava acabado. Havia agora Marius com as funções da Providência, no que concernia a Cosette. Ela agora teria, no mesmo azul, seu igual, seu amante, seu esposo celeste. Levantando voo, alada e transfigurada, Cosette deixava para trás na terra, vazia e horrível, sua crisálida: Jean Valjean.

Em qualquer círculo de ideias que Marius girasse, ele voltava sempre a certo horror por Jean Valjean. Horror sagrado, talvez; pois, como acabamos de assinalar, ele sentia um *quid divinum* naquele homem. Mas, fosse o que fosse e por melhor atenuação que conseguisse, ele caía sempre no mesmo: era um forçado, quer dizer, alguém que, na escala social, nem sequer tem um lugar, estando abaixo do último grau. Depois do último dos homens vem o forçado. O forçado, por assim dizer, deixou de se assemelhar aos vivos. A lei o destituiu de toda humanidade que se pode tirar de alguém. Marius, no concernente às questões penais, por mais democrata que fosse, estava ainda em seu sistema inexorável e tinha, sobre quem a lei se abate, as mesmas ideias que a própria lei. Não havia ainda, reconheçamos, feito todos os progressos. Não fazia ainda distinção entre o que foi escrito pelo homem e o que foi escrito por Deus, entre a lei e o direito. Não havia examinado e pesado o direito que assume o homem de dispor do irrevogável e do irreparável. Não se revoltava com a palavra *vindicte*. Achava normal que a certas efrações da lei escrita se seguissem penas eternas e aceitava, como processo civilizatório, a danação social. Era onde ele ainda se encontrava, devendo infalivelmente avançar mais tarde, pois sua natureza era boa e, no fundo, toda feita de progresso latente.

No meio dessas ideias, aparecia Jean Valjean, disforme e repelente. Um reprovado, um forçado. Essa palavra era como a trombeta do Juízo Final. Depois então de por muito tempo considerar Jean Valjean, o último gesto de Marius foi o de desviar a cabeça. *Vade retro.*

Ele, é necessário reconhecer e ainda insistir nisso, apesar de interrogar Jean Valjean, a ponto de este lhe dizer "Está sendo meu confessor", não havia feito duas ou três perguntas decisivas. Não que não pensasse nelas, mas por ter medo. O quarto dos Jondrette? A barricada? Javert? Quem sabe onde parariam as revelações? Jean Valjean não parecia alguém que recuasse; e talvez Marius, depois de empurrá-lo nessa direção, tivesse de contê-lo. Em certas conjecturas extremas, já não aconteceu

a todos nós, depois de fazermos uma pergunta, tapar os ouvidos para não ouvir a resposta? Sobretudo quem ama sofre desse tipo de covardia. Não se devem questionar demais situações sinistras, sobretudo quando o lado indissolúvel da nossa própria vida se encontra fatalmente emaranhado nelas. Das explicações desesperadas de Jean Valjean, alguma horrenda luz poderia sair e, quem sabe, essa claridade medonha não chegaria a Cosette? Quem sabe se um pouco de claridade infernal não ficaria no rosto daquele anjo? O respingo de um relâmpago é ainda um raio. A fatalidade gera esse tipo de solidariedade, em que, na própria inocência, se imprime o crime, pela sombria lei dos reflexos colorantes. As mais puras figuras podem guardar para sempre a reverberação de um contato horrível. Certo ou errado, Marius teve medo. O que sabia já era demais e ele mais procurava amenizar essa carga do que aprofundá-la. Assustado, ele carregava Cosette nos braços, fechando os olhos no que se referisse a Jean Valjean.

Aquele homem tinha a noite em sua pessoa, uma noite viva e terrível. Como se atrever a buscar o fundo? É apavorante questionar a sombra. Quem sabe o que ela vai responder? A aurora pode ficar escurecida para sempre.

Nessas condições, causava em Marius uma incômoda expectativa pensar que aquele homem pudesse ainda ter algum contato com Cosette. As perguntas terríveis, diante das quais ele havia recuado, e das quais poderia ter saído uma decisão implacável e definitiva, ele agora quase lamentava não tê-las feito. Tinha sido bom demais, compreensivo demais e — digamos a palavra — fraco demais. Essa fraqueza o levara a uma concessão imprudente. Ele se deixara impressionar. Foi um erro. Deveria ter, pura e simplesmente, rejeitado Jean Valjean. Jean Valjean era a parte a ser abandonada, ele deveria ter feito isso e livrado a sua casa da sua presença. Ele lamentava sua atitude, como lamentava a brusquidez daquele turbilhão de emoções que o ensurdecera, cegara e carregara. Estava descontente consigo mesmo.

O que fazer agora? As visitas de Jean Valjean francamente o incomodavam. Para que ter aquele homem na casa? O que fazer? Nesse ponto ele se perdia, não queria esmiuçar, sobretudo em si mesmo. Havia prometido; deixara-se arrastar a uma promessa; Jean Valjean tinha sua palavra e, mesmo a um forçado, sobretudo a um forçado, deve-se cumprir a palavra dada. Mas o seu primeiro dever era com Cosette. Em suma, sentia-se agitado por uma repulsão que dominava tudo.

Ele revolvia no espírito todo esse conjunto de ideias, passando sucessivamente de uma a outra, agitado por todas. Daí sua profunda perturbação. Não foi fácil ocultá-la de Cosette; mas o amor é um talento e Marius conseguiu.

No mais, sem demonstrar qualquer intenção, fez algumas perguntas à esposa, que, cândida como é alva a pomba, de nada suspeitou. Cosette, assim, falou da sua

infância e adolescência, convencendo Marius, cada vez mais, de que tudo que um homem pode ter de bom, de paternal e de respeitável, aquele forçado tinha demonstrado com relação a ela. Tudo que Marius tinha vislumbrado e suposto era real. A sinistra urtiga amara e protegera o lírio.

LIVRO OITAVO

O DECRESCIMENTO CREPUSCULAR

I

A saleta do térreo

No dia seguinte, ao anoitecer, Jean Valjean bateu no portão externo da casa Gillenormand. Foi Basco quem o recebeu, já estando no pátio, como se tivesse ordens nesse sentido. Acontece muitas vezes de se dizer a um criado: esteja atento para quando o sr. Fulano chegar.

Sem esperar que Jean Valjean se aproximasse, ele tomou a dianteira:

— O senhor barão encarregou-me de perguntar se deseja subir ou ficar embaixo.

— Fico embaixo.

Basco, aliás perfeitamente respeitoso, abriu a porta de uma saleta do andar térreo e disse:

— Vou prevenir a senhora!

O cômodo em que Jean Valjean entrou era abobadado e úmido, servindo de depósito quando necessário, dando para a rua, ladrilhado de vermelho e pouco iluminado por uma janela com grade de ferro.

Não era um lugar que fosse muito visitado por qualquer vassoura de palha ou dessas compridas para limpar o teto. A poeira ali se sentia em casa. A perseguição às aranhas não parecia sistemática. Uma bela teia, bem estendida e negra, ornada de moscas mortas, tapava um dos vidros da janela. A sala, pequena e baixa, tinha como mobília um monte de garrafas vazias jogadas num canto. A parede, caiada de amarelo-ocre, apresentava em alguns lugares grandes escamas. Ao fundo, havia uma lareira de manta estreita, em madeira pintada de preto. Ardia lenha, o que indicava estar prevista a resposta de Jean Valjean: "Fico embaixo."

Duas poltronas tinham sido colocadas junto da lareira. Entre elas, estendida como tapete, uma velha alcatifa das que se põem ao lado das camas, mas já no fio.

A saleta era iluminada apenas pelo fogo da lareira e pelo crepúsculo que vinha da janela.

Jean Valjean estava cansado. Há dias não comia nem dormia. Desabou numa das poltronas.

Basco voltou, deixou na lareira um castiçal com uma vela acesa e retirou-se. Jean Valjean, com a cabeça curvada e o queixo fincado no peito, não notou Basco nem a vela.

De repente endireitou-se em sobressalto. Atrás dele estava Cosette. Não a tinha visto entrar, mas sentiu a sua presença. Olhou-a; estava adoravelmente bela. Mas o que ele observava, com a profundeza do seu olhar, não era a beleza, era a sua alma.

— Francamente, pai! — disse ela. — Conheço suas singularidades; mas esta me surpreendeu! Que ideia! Marius disse ser sua, e que preferia me ver aqui.

— Sim, foi ideia minha.

— Já esperava essa resposta. Muito bem. Mas aviso que vai ter de me ouvir. Comecemos pelo principal; dê-me um beijo.

E ofereceu-lhe a face.

Jean Valjean ficou imóvel.

— Então? Não se mexe! Estou vendo. É uma atitude de culpado; mas não faz mal, perdoo. Jesus Cristo disse: ofereça a outra face. Aqui está.

E ofereceu a outra face.

Jean Valjean permaneceu imóvel. Parecia ter os pés pregados no chão.

— Isso está ficando sério — disse Cosette. — Que mal lhe fiz? Declaro-me zangada e não faço as pazes se não jantar conosco.

— Já jantei.

— Isso não é verdade. Vou fazer com que o avô lhe chame a atenção. Para pôr os pais na linha é que foram feitos os avós. Vamos, suba comigo para a sala, agora mesmo.

— É impossível.

Cosette perdeu algum terreno. Deixou de comandar para fazer perguntas.

— Mas por quê? E escolheu para me ver na sala mais feia da casa; é mesmo horrível aqui…

— Bem sabe… — começou Jean Valjean, que logo corrigiu: — Bem sabe, senhora, que estou sujeito a certos caprichos…

Cosette bateu uma na outra suas lindas mãozinhas.

— Senhora...! Outra novidade! O que significa isso?

Jean Valjean esboçou um dos seus sorrisos tristes, aos quais às vezes recorria:

— Quis ser uma senhora, é uma senhora.

— Mas não para o meu pai.

— Não torne a chamar-me pai.

— Como?

— Chame-me sr. Jean; ou simplesmente Jean, se preferir.

— Não é mais meu pai, é o sr. Jean, e já não sou Cosette? Mas o que é isso? São revoluções! O que foi que aconteceu? Olhe bem para mim. E não quer morar conosco! Não fez caso do quarto que preparei. O que lhe fiz? Algum mal? Houve alguma coisa?

— Nada.

— E então?

— Não houve a menor alteração; está tudo como estava.

— E por que muda de nome?

— Também a senhora.

E sorrindo ainda com o mesmo sorriso, acrescentou:

— Agora é sra. Pontmercy; posso perfeitamente ser sr. Jean.

— Não entendo. Nada disso tem sentido algum. Pedirei licença a meu marido para que seja sr. Jean. Espero que não consinta. Está me deixando muito triste. Sempre teve seus caprichos, mas nunca fez isso com sua pequena Cosette. Não gostei. Não tem o direito de fazer coisas ruins, pois sempre foi bom.

Ele não respondeu.

Cosette pegou-lhe vivamente as mãos e, com um movimento irresistível, elevando-as até a altura do rosto, apertou-as contra o pescoço, abaixo do queixo, num gesto de profunda ternura.

— Não seja mau! — disse ela.

E prosseguiu:

— Vou dizer como, venha morar aqui; há passarinhos como na rua Plumet, venha morar conosco. Deixe aquele buraco da rua do Homme-Armé, não invente charadas que eu tenha de adivinhar, seja como todo mundo, jante conosco, almoce conosco, seja meu pai.

Jean Valjean desvencilhou as mãos.

— Não precisa mais de pai; tem um marido.

Cosette se irritou.

— Não preciso mais de um pai? A coisas assim, fora do senso comum, realmente não sei o que responder!

— Se Toussaint estivesse aqui — continuou Jean Valjean, como quem procura uma opinião inquestionável, tentando se agarrar a qualquer coisa —, seria a primeira a concordar que sempre tive dessas particularidades. Não vejo novidade nisso. Sempre gostei de ter meu cantinho escuro.

— Mas aqui está frio, não se vê coisa alguma. É horrível isso de querer ser chamado sr. Jean! E não quero que me trate por senhora.

— Ainda há pouco, vindo — respondeu Jean Valjean —, vi um móvel na rua Saint-Louis. Num marceneiro. Se eu fosse uma bonita mulher, me daria de presente um móvel assim. Uma penteadeira muito boa, como fazem agora. Acho que chamam *bois de rose*. Com incrustações, um espelho bem grande e gavetas. Bem bonita.

— Ah, que homem ruim! — exclamou Cosette e, com suprema delicadeza, fechando os dentes e afastando os lábios, ela soprou em Jean Valjean. Era uma Graça imitando uma gata.

— Estou furiosa! — continuou ela. — Desde ontem, só me contrariam. E nem sei por quê. O senhor não me defende de Marius, Marius não me apoia contra o senhor. Estou só. Preparo um quarto com todo o carinho. Se pudesse teria colocado Deus ali e não sei mais o que fazer com meu quarto. Meu inquilino não se interessou. Peço a Nicolette que prepare um bom jantarzinho e não querem saber do meu jantar. E agora meu pai Fauchelevent quer que o chame sr. Jean e o receba num velho e feio porão bolorento, com paredes que parecem ter barbas, onde no lugar dos cristais há garrafas vazias e no lugar das cortinas, teias de aranha! Tem suas singularidades, aceito, sempre foi assim, mas dê uma trégua a quem se casa. Podia não ter voltado a ser singular tão rapidamente. Vai estar feliz naquela abominável rua do Homme-Armé. Para mim foi bem horrível! Mas o que tem contra mim? Está me deixando muito triste, droga!

Subitamente séria, ela olhou fixamente Jean Valjean e acrescentou:

— Tem raiva de mim por eu ser feliz?

A ingenuidade, sem ter essa intenção, às vezes penetra bem profundamente. A pergunta, simples para Cosette, era grave para Jean Valjean. Ela quis apenas arranhar e dilacerava.

Jean Valjean empalideceu. Ficou por um momento sem responder e depois, com inexprimível ênfase, falando consigo, murmurou:

— A sua felicidade era a finalidade da minha vida. Agora pode Deus marcar a hora. És feliz, minha Cosette; terminei o que tinha a fazer.

— Ah! Tratou-me como filha! — exclamou Cosette.

E lançou-se a seu pescoço.

Jean Valjean, desnorteado, estreitou-a contra o peito, quase com a impressão de tê-la de volta.

— Obrigada, pai!

Aquele abraço ia tornar as coisas mais difíceis para Jean Valjean. Ele se desfez suavemente dos braços de Cosette e pegou seu chapéu.

— Então? — disse Cosette.

Jean Valjean respondeu:

— Retiro-me, senhora; esperam-na.

Já na porta, ele acrescentou:

— Tratei-a como filha; mas diga a seu marido que isso não voltará a acontecer. Perdoem-me.

E saiu, deixando Cosette estupefata com tão enigmática despedida.

II

Outros passos para trás

No dia seguinte, à mesma hora, Jean Valjean voltou.

Cosette não fez perguntas, não se mostrou mais surpresa, já não disse que fazia frio, não falou da sala de visitas do apartamento e evitou chamá-lo tanto de pai quanto de sr. Jean, deixando-se tratar por senhora. Mas havia certa diminuição de alegria. Estaria triste, se a tristeza lhe fosse possível.

É provável que tivesse tido com Marius uma dessas conversas em que o homem amado diz o que quer, nada explica e mesmo assim satisfaz a mulher amada. A curiosidade dos enamorados não vai muito além do próprio amor.

A saleta tinha passado por uma limpeza. Basco se desfizera das garrafas vazias e Nicolette das aranhas.

Os dias seguintes trouxeram Jean Valjean à mesma hora. Ia todos os dias, não tendo força para tomar as palavras de Marius senão ao pé da letra. Marius dispunha sempre as coisas de modo a estar ausente à hora da visita de Jean Valjean. A casa acostumou-se ao novo modo de ser do sr. Fauchelevent, concorrendo Toussaint muito para isso, a repetir muitas vezes: "O patrão foi sempre assim." O avô promulgou este decreto: "É um original." E tudo estava dito. Aliás, aos noventa anos, não há mais ligações possíveis, apenas justaposições. Toda nova relação é um incômodo. Não há mais espaço, todos os hábitos estão fixados. Sr. Fauchelevent, sr. Tranchelevent, o velho Gillenormand se sentia bem aliviado de se ver livre "daquele cavalheiro." Ele inclusive explicou:

— Não há nada mais comum do que esses originais. Fazem todo tipo de coisa estranha. Sem motivo. O marquês de Canaples fez pior, comprou um palacete e vivia no celeiro. São apenas coisas fantasiosas.

Ninguém percebia o fundo sinistro. Quem, afinal, poderia imaginar semelhante coisa? Há lagos assim na Índia, a água parece extraordinária, inexplicável, borbulhante sem que haja vento, agitada quando deveria estar calma. Veem-se na superfície essas borbulhas sem porquê. Não se imagina a hidra que se arrasta lá no fundo.

Muitos homens têm, assim, um monstro secreto, um mal que eles alimentam, um dragão que os corrói, um desespero que lhes habita a escuridão. Eles se parecem com os outros, vão, vêm. Não se vê, em seu interior, uma terrível dor parasita, com mil dentes, dentro do infeliz, que morre disso. Não se vê que esse homem é um abismo. É estagnante, mas profundo. De vez em quando uma perturbação, da qual nada se compreende, aparece à superfície. Uma ruga misteriosa se cava, depois some, depois ressurge; uma bolha que sobe à tona e estoura. É pouca coisa, é terrível. É a respiração da fera desconhecida.

Certos hábitos estranhos, chegar na hora em que os outros se vão, apagar-se enquanto os outros se ostentam, manter em todas as ocasiões o que se poderia chamar um manto cor da parede, buscar a aleia mais solitária, a rua mais deserta, não participar das conversas, evitar as multidões e as festas, parecer ter recursos confortáveis e viver pobremente, ter, por mais rico, sua chave no bolso e sua vela na portaria do prédio, entrar pela porta dos fundos, subir a escada mais escondida, todas essas singularidades insignificantes, rugas, bolhas de ar, marolas fugidias na superfície, frequentemente vêm de um fundo formidável.

Passaram assim muitas semanas. Uma nova vida pouco a pouco se estabeleceu para Cosette; as relações geradas pelo casamento, as visitas, os cuidados domésticos, as diversões, tantas coisas. As diversões de Cosette não eram caras; reduziam-se a uma só: estar com Marius. Sair com ele, estar com ele; se tornou a grande ocupação da sua vida. Era para os dois uma alegria sempre renovada sair de braços dados, ao sol, em plena rua, sem se esconder, diante de todos, os dois sozinhos. Houve uma contrariedade. Toussaint não pôde se entender com Nicolette e, não havendo como conciliar as duas solteironas, deixou a casa. O avô passava bem; Marius defendia no tribunal uma ou outra causa; tia Gillenormand vivia tranquilamente, junto do novo casal, a vida lateral que lhe bastava. Jean Valjean vinha todos os dias.

A proscrição do tratamento familiar, chamarem-se sr. Jean, sra. Pontmercy, eram coisas que o tornavam outra pessoa para Cosette. O cuidado com que ele havia procurado manter distâncias dava bons resultados. Ela se mostrava cada vez mais

alegre e menos terna. No entanto gostava muito dele, e ele se dava conta. Um dia ela disse:

— O senhor era meu pai e já não é, era meu tio e já não é, era o sr. Fauchelevent e agora é Jean. No fim de tudo, quem é? Não gosto de nada disso. Se não soubesse quanto é bom o seu coração, teria medo.

Ele continuava a morar na rua do Homme-Armé, não podendo se afastar do bairro onde morava Cosette.

Nos primeiros tempos, ficava apenas alguns minutos com ela e se ia.

Pouco a pouco foi tomando o hábito de prolongar mais as visitas. Era como se aproveitasse a autorização dos dias, que iam sendo maiores: ele chegava mais cedo e retirava-se mais tarde.

Um dia, sem querer Cosette chamou-o pai. O velho rosto sombrio de Jean Valjean iluminou-se com um relâmpago de alegria, mas ele a repreendeu:

— Jean.

— Ah! É verdade — respondeu ela rindo —, sr. Jean.

— Isso mesmo — tornou ele.

E voltou o rosto para o lado, para que ela não o visse enxugar os olhos.

III

Recordações do jardim da rua Plumet

Foi a última vez. A partir daquele último lampejo, tudo se extinguiu. Acabou a familiaridade, acabou o beijo à chegada, nunca mais se ouviram essas palavras tão profundamente afetuosas: meu pai! A pedido seu e com sua cumplicidade, Jean Valjean foi progressivamente expulso de todas as felicidades que tinha. Depois de perder Cosette inteira num só dia, restou-lhe ainda a miséria de voltar a perdê-la pouco a pouco.

O olho acabou se habituando aos dias de porão. Em suma, era suficiente ter uma aparição diária de Cosette. Sua vida passou a se concentrar nessa hora. Sentava-se a seu lado, contemplava-a em silêncio ou falava do tempo passado, da sua infância, do convento e das coleguinhas de então.

Numa das primeiras tardes de abril, já quente e ainda fresca, no momento da grande alegria do sol, os jardins visíveis das janelas de Marius e Cosette tinham a emoção do despertar. O espinheiro ia pôr suas espigas, uma riqueza de goiveiros se espalhava pelos velhos muros, as bocas-de-leão rosadas bocejavam nos vãos entre as pedras, havia na relva um lindo recomeço de margaridas e ranúnculos, as primeiras borboletas brancas do ano apareciam e o vento, esse menestrel da eterna núpcia, experimentava nas árvores os acordes iniciais da grande sinfonia auroral que os antigos poetas chamavam Renovação. Numa dessas tardes, então, Marius disse a Cosette:

— Combinamos que iríamos visitar o nosso jardim da rua Plumet. Vamos? Não devemos ser ingratos.

E voaram como duas andorinhas que buscam a primavera. Aquele jardim da rua Plumet era para eles como uma aurora. A adorada casa, alugada a longo prazo, estava agora à disposição de Cosette e eles então foram vê-la, com seu jardim. Uma vez lá, esqueceram-se de tudo o mais. No fim do dia, à hora de costume, Jean Valjean foi à rua das Filles-du-Calvaire.

— A sra. e o sr. Pontmercy saíram e ainda não voltaram — disse-lhe Basco.

Jean Valjean sentou-se em silêncio e esperou por uma hora. Cosette não chegou; ele curvou a cabeça e se foi.

No dia seguinte, Cosette estava tão encantada com o passeio ao "jardim" e tão alegre "por ter vivido um dia inteiro no seu passado" que não falou de outra coisa com Jean Valjean nem se lembrou de não tê-lo visto.

— De que modo foram até lá? — perguntou Jean Valjean.

— A pé.

— E como voltaram?

— Num fiacre.

Havia algum tempo, Jean Valjean percebia a parcimônia com que o jovem casal vivia e isso o incomodava. A economia de Marius era severa e isso tinha, para Jean Valjean, um sentido maior. Um dia, ele arriscou uma pergunta:

— Por que não têm uma carruagem própria? Um bonito *coupé* não lhes custaria mais de quinhentos francos por mês. Têm meios para isso.

— Não sei — respondeu Cosette.

— E Toussaint foi embora e não a substituíram. Por quê? — insistiu ele.

— Nicolette basta.

— Mas precisa de uma camareira.

— Então não tenho Marius?

— Deveriam ter uma casa de vocês, criados de vocês, um carro, um camarote no teatro. Nada é demais para vocês. Por que não aproveitar que são ricos? A riqueza melhora ainda mais a felicidade.

Cosette não respondeu.

As visitas de Jean Valjean não se encurtavam; pelo contrário. Quando é o coração que se precipita, não se consegue parar a queda.

Querendo prolongar a visita e fazer com que Cosette esquecesse as horas, Jean Valjean elogiava Marius. Dizia-o belo, nobre, corajoso, eloquente, inteligente e bom. A jovem realçava ainda mais tudo isso e depois voltava Jean Valjean a insistir nos louvores. Desse modo ele conseguia ficar muito tempo. Era tão bom estar com Cosette e esquecer-se de tudo, na sua companhia! Era o curativo para a sua dor. Muitas vezes Basco precisou ir dizer, duas vezes: "O sr. Gillenormand mandou-me lembrar à senhora baronesa que já está servido o jantar."

Nesses dias Jean Valjean voltava para casa mais pensativo.

Certa vez ele ficou ainda mais do que costumava. No dia seguinte notou que não havia fogo na lareira. "Hum, não temos aquecimento", pensou ele e, logo em seguida deu a si mesmo a explicação: "É normal, estamos em abril; faz menos frio."

— Jesus! Como está frio aqui! — exclamou Cosette assim que entrou na saleta.

— Está agradável — disse Jean Valjean.

— Foi o senhor que disse ao Basco para não acender a lareira?

— Foi. Estamos quase em maio.

— Mas é necessário até o mês de junho. E nesse porão, o ano inteiro.

— Achei não ser preciso.

— O senhor e suas ideias! — respondeu Cosette.

No dia seguinte, a lareira estava acesa; mas as duas poltronas no extremo oposto da sala, junto da porta.

"O que isso quer dizer?", perguntou-se Jean Valjean.

E foi buscar as poltronas, colocando-as no seu lugar de sempre, ao lado da lareira.

O fogo novamente aceso reanimou-o e ele prolongou o encontro ainda mais tempo do que costumava. Quando se levantou para ir embora, Cosette comentou:

— Meu marido ontem disse uma coisa estranha.

— O quê?

— "Cosette, temos trinta mil libras de renda. Vinte e sete que são suas e três que meu avô me deu." Respondi: "O que soma trinta." Ele continuou: "Poderia viver só com as três mil?" "Até sem nada, se for com você", respondi-lhe. E depois perguntei: "Por que está dizendo isso?" "Só para saber", respondeu ele.

Jean Valjean não achou o que dizer sobre a conversa. Cosette provavelmente esperava uma explicação; mas ele a ouviu, num sombrio silêncio. Em seguida voltou para a rua do Homme-Armé; e ia tão absorto que se enganou de porta, entrando pela escada vizinha, em vez de entrar pela sua. Só depois de ter subido quase dois andares é que deu pelo engano e tornou a descer.

Tinha a mente atormentada por conjecturas. Era evidente que Marius alimentava dúvidas sobre a origem dos seiscentos mil francos, temendo que viessem de alguma fonte impura, quem sabe? Talvez houvesse descoberto que o dinheiro fosse do próprio Jean Valjean e hesitasse diante daquela riqueza suspeita, preferindo não vê-la como sua, achando melhor viver pobre com Cosette do que rico, graças a uma fortuna equívoca.

Jean Valjean percebeu que estava sendo afastado.

No dia seguinte, sofreu um abalo ao entrar na saleta. As poltronas tinham desaparecido. Não havia sequer uma cadeira.

— O que é isso?! — exclamou Cosette, assim que entrou. — Onde estão as poltronas?

— Não estão mais aqui — disse Jean Valjean.

— Isso é bem anormal!

Ele balbuciou:

— Eu disse ao Basco que as levasse.

— E por quê?

— Ficarei apenas alguns minutos.

— Não é motivo para estarmos de pé.

— Creio que Basco precisava delas na sala.

— Para quê?

— Provavelmente terão visitas à noite.

— Não esperamos ninguém.

Jean Valjean não soube mais o que dizer.

Cosette encolheu os ombros.

— Mandar levar daqui as poltronas! Outro dia disse não ser preciso acender a lareira. Continua bem excêntrico!

— Adeus — murmurou Jean Valjean.

Não disse “adeus, Cosette”, mas também não conseguiu dizer “adeus, sra. Pontmercy”.

E saiu acabrunhado.

Tinha finalmente compreendido.

No dia seguinte não voltou. Cosette só à noite se deu conta.

— É verdade! O sr. Jean não veio hoje.

Sentiu como um ligeiro aperto de coração. Porém, mal o notou, foi logo distraída por um beijo de Marius.

No dia seguinte Jean Valjean também não apareceu.

Ela não reparou nisso, teve excelente noite, dormiu tão bem como sempre e só pensou na ausência do sr. Jean quando acordou. Sentia-se tão feliz! Mas mandou Nicolette à casa do sr. Jean, saber se estava doente e por que não tinha vindo vê-la na véspera.

Nicolette voltou dizendo que o sr. Jean não estava doente; apenas muito ocupado, mas voltaria assim que pudesse. Além disso, faria uma pequena viagem. A sra. Pontmercy sabia ser costume seu ausentar-se de tempos em tempos; não devia se preocupar, nem mesmo pensar nele.

Entrando na casa do sr. Jean, Nicolette havia repetido as palavras exatas da patroa, dizendo que a senhora mandava saber "por que motivo não tinha o sr. Jean ido na véspera".

— Há dois dias não vou — disse Jean Valjean com doçura.

Mas a observação não despertou a atenção de Nicolette, que não a mencionou a Cosette.

IV

A atração e a extinção

Durante os últimos meses da primavera e os primeiros do verão de 1833, notavam os poucos transeuntes do Marais, os lojistas e os ociosos que passavam o dia encostados aos batentes das portas, um velho, corretamente vestido de preto, que todos os dias, à mesma hora, logo ao anoitecer, saía da rua do Homme-Armé pelo lado da rua Sainte-Croix-de-la-Bretonnerie, passava à frente dos Blancs Manteaux, dirigia-se à rua Culture-Sainte-Catherine e, chegando à da Écharpe, virava à esquerda, tomando a rua Saint-Louis.

Chegando aí, ele caminhava a passos lentos, olhando adiante sem nada ver, sem nada ouvir, os olhos imutavelmente fixados num ponto, sempre o mesmo, que para

ele parecia estrelado, a esquina da rua das Filles-du-Calvaire. Quanto mais se aproximava dessa esquina, mais seus olhos brilhavam, com uma espécie de alegria a iluminar-lhe as pupilas como uma aurora interior. Ele parecia fascinado e enternecido, os lábios se moviam obscuramente, como se falasse com alguém que não via, sorria de um modo vago e caminhava o mais devagar que podia. Era como, mesmo querendo chegar, ele temesse esse momento. A poucas casas daquela rua que parecia atraí-lo, seus passos iam se tornando ainda mais lentos e às vezes tinha-se a impressão de que ele não caminhava mais. O balanço da cabeça e a fixidez das pupilas lembravam a agulha magnética que procura o polo. Por mais tempo que gastasse para chegar, ele no entanto acabava chegando. Alcançava a esquina da rua das Filles-du-Calvaire e aí parava, tremia, olhava com uma espécie de sombria timidez a rua que se estendia e, no seu trágico olhar, podia-se notar algo que se assemelhava ao deslumbre do impossível e à reverberação de um paraíso fechado. Depois uma lágrima, que se tinha pouco a pouco juntado no ângulo das pálpebras, ficava pesada o bastante para cair, escorrendo pela face e parando às vezes na boca. O velho sentia o seu sabor amargo. Permanecia assim por alguns minutos, como se fosse de pedra. Depois refazia o mesmo caminho, com as mesmas passadas e, à medida que se afastava, seu olhar se apagava.

Aquele velho deixou pouco a pouco de ir até a esquina da rua das Filles-du-Calvaire, parando a meio caminho, na rua Saint-Louis, ora mais longe, ora mais perto. Num dia não passou da esquina da rua Culture-Sainte-Catherine e olhou de longe a das Filles-du-Calvaire. Depois balançou negativamente a cabeça, como se dissesse não a si mesmo, e voltou.

Logo nem sequer à rua Saint-Louis ele chegava. Ia até a rua Pavée, abanava a cabeça e voltava. Depois passou a não ir além da rua dos Trois-Pavillons e por fim não ultrapassava os Blancs-Manteaux. Fazia lembrar um pêndulo ao qual não se deu corda e cujas oscilações vão progressivamente diminuindo até pararem de vez.

Todos os dias saía de casa à mesma hora, fazia o mesmo trajeto e, talvez sem ter consciência disso, encurtava-o cada vez mais. O rosto parecia expressar uma única ideia: para quê? As pupilas pareciam apagadas, já não resplandeciam. A lágrima também secara, já não crescia no ângulo das pálpebras. Aqueles olhos pensativos estavam esgotados. A cabeça do velho continuava voltada para a frente; o queixo movia-se de vez em quando; as rugas do pescoço emagrecido causavam dó. Às vezes, quando o tempo estava feio, ele carregava debaixo do braço um guarda-chuva, que não abria. As mulheres do lugar diziam: “É um senil.” As crianças o seguiam, rindo.

LIVRO NONO

SUPREMA SOMBRA,
SUPREMA AURORA

I

Piedade para os infelizes, mas indulgência para os venturosos

É algo terrível ser feliz! Como isso basta! Como parece ser o suficiente! Como, de posse dessa falsa meta, que é a felicidade, cai no esquecimento a verdadeira, que é o dever!

Mas não devemos acusar Marius.

Como já explicamos, antes do casamento ele não fez perguntas ao sr. Fauchelevent e, depois, receou fazê-las a Jean Valjean. Arrependeu-se da promessa que foi levado a fazer. Muitas vezes lamentou o erro cometido com essa concessão ao desespero. Limitou-se a afastar pouco a pouco Jean Valjean de sua casa e a apagá-lo, o máximo possível, do espírito de Cosette. De certa forma, ele sempre se colocou entre Cosette e Jean Valjean, certo de que assim, sem perceber, ela deixaria de pensar nele. Não se tratava apenas de distanciar, mas de eclipsar.

Marius fazia o que achava necessário e justo. Acreditava ter razões sérias para afastar Jean Valjean — sem aspereza, mas sem fraqueza —, razões que já apreciamos, e ainda outras, que apreciaremos mais tarde. O acaso lhe fizera encontrar, por via de um processo em que trabalhava, um ex-caixeiro da Casa Laffitte e ele, sem procurá-las, obteve misteriosas informações, que não puderam ser aprofundadas, por causa não só do segredo profissional, mas também pela delicada situação de Jean Valjean. Marius achava ter um grave dever a cumprir: a restituição dos seiscentos mil francos a alguém, e ele, o mais discretamente possível, procurava localizar essa pessoa. Enquanto isso, abstinha-se de tocar naquele dinheiro.

Quanto a Cosette, não tinha qualquer conhecimento desses segredos, mas seria também cruel condená-la.

Marius dispunha de uma todo-poderosa ascendência sobre a esposa que, por instinto e quase maquinalmente, seguia os desejos do marido. Pressentindo, no referente ao "sr. Jean", uma vontade de Marius, Cosette a isso se conformara. O marido nada precisou dizer; ela sentia, das suas intenções tácitas, uma impressão

vaga, mas clara, e obedecia cegamente. Sua obediência, nesse momento, consistia em não se lembrar daquilo que Marius esquecia. Não precisou de esforço nenhum para tanto. Sem que soubesse por quê, e sem que nisso haja qualquer culpa, sua alma se tornara tão exatamente a mesma do marido, que o que se cobria de sombra no pensamento de Marius se obscurecia no seu.

Mas não devemos ir longe demais; no concernente a Jean Valjean, esse esquecimento ou apagamento eram superficiais. Cosette estava mais atordoada do que esquecida. No fundo, gostava muito daquele a quem por tanto tempo havia chamado pai. Mas, sobretudo, gostava do marido. Foi o que falseou um pouco a balança do seu coração, que pesou de um só lado.

Sucedia às vezes de Cosette falar de Jean Valjean e se espantar. Marius então tranquilizava-a:

— Acho que não está em Paris. Não mandou dizer que ia viajar?

"É verdade", pensava Cosette, "ele costumava desaparecer assim desse modo, mas não por tanto tempo". Duas ou três vezes ela mandou Nicolette à rua do Homme-Armé para saber se o sr. Jean já tinha voltado de viagem e Jean Valjean mandou dizer que não.

A jovem não insistiu mais, já que sua única necessidade na terra era Marius.

Digamos, ainda, que Marius e Cosette também estiveram fora. Foram a Vernon, visitar o túmulo do coronel Pontmercy.

Marius pouco a pouco subtraíra Cosette de Jean Valjean e ela aceitara.

Aliás, o que se chama — de forma dura demais, em muitos casos — ingratidão dos filhos, nem sempre é coisa tão censurável quanto parece. É a ingratidão da natureza. A natureza, já dissemos em outro lugar, "olha sempre adiante". A natureza divide os seres vivos entre os que chegam e os que partem. Os que partem estão voltados para a sombra, os que chegam, para a luz. Donde o afastamento que para os velhos é fatal e, para os moços, é involuntário. Esse afastamento, de início insensível, lentamente cresce. É como numa árvore, os galhos não se separam do tronco, mas se afastam. A culpa não é sua. A juventude encaminha-se para a alegria, para as festas, para as vivas luzes, para os amores. A velhice encaminha-se para o fim. Não se perdem de vista, mas já não há abraço. Os jovens sentem o resfriamento da vida; os velhos o do túmulo. Não acusemos as crianças.

II

Último bruxulear da lâmpada sem azeite

Jean Valjean um dia desceu sua escada, deu três passos na rua, sentou-se numa pedra de marcação, aquela mesma em que Gavroche, na noite de 5 para 6 de junho, o havia deixado pensativo. Ficou ali uns minutos e depois voltou a subir. Foi a última oscilação do pêndulo. No dia seguinte não saiu de casa e no outro não saiu da cama.

A zeladora do prédio, que também lhe preparava a magra refeição, com algumas couves ou batatas e um pedaço de toucinho, olhou para a tigela de barro e exclamou:

— Mas o senhor ontem não comeu, meu pobre amigo!

— Comi, sim — respondeu Jean Valjean.

— A tigela está cheia.

— Veja a bilha. Está vazia.

— Isso prova que bebeu, mas não prova que tenha comido.

— Posso ter tido fome somente de água.

— Isso chama-se sede; e quando não se come ao mesmo tempo é porque se tem febre.

— Amanhã comerei.

— Ou semana que vem! Por que não come hoje? Ninguém diz "vou comer amanhã"! Deixar o que fiz sem nem provar! Minhas batatas *vitelottes* estavam tão boas!

Jean Valjean pegou as mãos da mulher:

— Prometo que vou comer — disse ele com um tom afetuoso.

— Estou muito chateada — respondeu a velha.

A pobre mulher era a única pessoa que ele via. Há em Paris ruas por onde ninguém passa e casas aonde ninguém vai. Era uma dessas ruas e numa dessas casas que ele se encontrava.

Na época em que ainda saía, ele havia comprado num caldeireiro, por uns poucos soldos, um pequeno crucifixo de cobre, desde então pendurado num prego diante da cama. É sempre um sacrifício bom de se ver.

Uma semana se passou sem que Jean Valjean desse um passo no quarto. Estava sempre deitado. A zeladora dizia a seu marido:

— O inquilino lá de cima já não se levanta nem come; não deve durar muito. É por chateações. Ninguém me tira da cabeça que a filha fez mau casamento.

O marido respondeu, com o tom da soberania marital:

— Se for rico, que tenha um médico; se não for, não tem e, se não tem, vai morrer.

— E se tiver?

— Vai morrer, mesmo assim — disse o homem.

Ela foi arrancar com uma faca velha o mato que nascia no que ela chamava sua calçada e, enquanto cortava o mato, resmungava:

— É uma pena! Um velho tão direito! Está branco como um peito de frango.

Nisso viu passar no fim da rua um médico das redondezas e resolveu pedir que fosse até lá.

— É no segundo andar — disse ela. — É só entrar. Como o pobre homem não sai mais da cama, a chave está na porta.

O médico foi ver Jean Valjean e falou com ele.

Quando desceu, a zeladora foi perguntar:

— E então, doutor?

— O seu doente está bem doente.

— O que tem ele?

— Tudo e nada. É um homem que, tudo indica, perdeu uma pessoa amada. Morre-se disso.

— O que ele disse?

— Que estava bem.

— O senhor volta, doutor?

— Volto — respondeu o médico. — Mas será necessário que venha mais alguém.

III

Quanto pesa uma pena para quem ergueu a carroça de cima de Fauchelevent

Uma tarde, com muito custo conseguiu Jean Valjean apoiar-se no cotovelo. Tomou seu pulso e não o sentiu; sua respiração era curta e interrompia-se

intermitentemente. Deu-se conta de nunca ter estado tão fraco. Sem dúvida sob a pressão de uma preocupação suprema, ele fez um esforço, sentou-se na cama e vestiu-se. Colocou sua velha roupa de operário. Não saindo mais, voltara a ela, que era a sua preferida. Precisou parar várias vezes enquanto se vestia; só para enfiar as mangas da veste o suor já escorria pela testa.

Desde que estava só, havia transferido sua cama para o saguão, querendo ocupar o menos possível aquele apartamento deserto.

Abriu sua maleta e tirou de dentro a roupa de Cosette.

Em seguida estendeu-a na cama.

Os castiçais do bispo estavam no seu lugar, em cima da lareira. Ele colocou neles duas velas de cera, que tirou de uma gaveta. Depois, apesar de ser ainda dia claro — estavam no verão —, acendeu-as. Às vezes se veem velas assim, acesas durante o dia, em quartos em que repousam defuntos.

Os passos que dava, indo de um móvel a outro, o extenuaram, obrigando-o a se sentar. Não era a fadiga de sempre, que precisa de força para se renovar; era o resto dos movimentos possíveis. Era a vida exaurida, que se vai em esforços exaustivos que não mais serão recomeçados.

Uma das cadeiras em que ele se sentara estava diante do espelho, tão fatal para ele e tão providencial para Marius, em que se refletira o mata-borrão com o bilhete invertido de Cosette. Viu-se no espelho e não se reconheceu. Parecia ter oitenta anos. Antes do casamento de Marius, mal lhe dariam cinquenta; aquele ano valera por trinta. O que se via no seu rosto não eram mais as rugas da idade, era a marca misteriosa da morte. Sentia-se ali o escavar da implacável unha. As faces tombavam, a pele do rosto tinha essa cor que dá a impressão de já haver terra por cima dela, os dois cantos da boca estavam caídos como nessa máscara que os antigos esculpiam nos túmulos. Ele olhava o vazio com ar de censura, como um desses grandes seres trágicos que se queixam de alguém.

Era essa a situação em que ele se encontrava, a última fase do esgotamento, em que a dor não flui mais e está, por assim dizer, emassada, tendo na alma um coágulo de desespero.

Tinha anoitecido. Jean Valjean arrastou custosamente uma mesa e a velha poltrona para junto da lareira e pôs sobre a mesa uma pena, tinteiro e papel.

Feito isso, desmaiou. Quando voltou a si, sentiu sede. Não podendo levantar a bilha de água, inclinou-a com dificuldade para a boca e bebeu um pouco.

Depois voltou-se para a cama, ainda sentado, pois não conseguia se manter de pé, e viu o vestidinho preto e todos aqueles queridos objetos.

Contemplações assim duram horas que parecem minutos. De repente teve um arrepio, sentindo-se esfriar. Apoiou os cotovelos na mesa, iluminada pelos castiçais do bispo, e pegou a pena.

Como a pena e a tinta não tinham sido usadas havia bastante tempo, a pena tinha o bico recurvado e o tinteiro estava seco. Ele precisou se levantar e colocar uns pingos de água para diluir a tinta, o que só conseguiu parando duas ou três vezes, sendo depois obrigado a escrever com o dorso da pena. De vez em quando enxugava a testa.

Sua mão tremia; contudo escreveu muito vagarosamente as seguintes linhas:

> Cosette, abençoo-a. Vou explicar tudo. O seu marido teve razão em me dar a entender que eu devia me afastar, mas houve erro no que ele concluiu. Mesmo assim, teve razão. É excelente pessoa. Ame-o sempre muito depois da minha morte. Sr. Pontmercy, não deixe nunca de amar minha criança querida. Neste papel que hão de encontrar aqui, Cosette, você verá o que quero dizer; verá os algarismos, se eu tiver força para me recordar deles. Ouça bem: esse dinheiro é perfeitamente seu. Vou dizer como tudo se passou. O azeviche claro vem da Noruega, o preto vem da Inglaterra e os vidrilhos pretos vêm da Alemanha. O azeviche é mais leve, mais precioso e mais caro. Na França podem fazer-se imitações como na Alemanha. Para amolecer a massa precisa-se de uma bigorna de duas polegadas quadradas, uma lâmpada de espírito de vinho. Noutro tempo fazia-se a massa com resina e fuligem, e custava quatro francos cada libra. Imaginei fazê-la com goma laca e terebintina. Desse modo não custa mais de trinta soldos e é muito melhor. As fivelas fazem-se com um vidro roxo, colado por meio dessa massa, sobre ferro preto. O vidro deve ser roxo para as bijuterias de ferro e preto para as de ouro. A Espanha compra muito desse produto. É o país do azeviche…

Neste ponto ele parou, sufocado por um daqueles soluços desesperados que em certos momentos vinham do fundo da alma. A pena caiu dos seus dedos. O pobre homem segurou a cabeça com ambas as mãos, e meditou.

"Ah!", exclamou dentro de si mesmo lamentoso grito ouvido só por Deus, "está tudo acabado. Não volto a vê-la. Ah! Um minuto, um instante, ouvir a sua voz, tocar o seu vestido, olhá-la, a ela, o anjo, e depois morrer. Morrer é nada; terrível é morrer sem vê-la. Ela sorriria e pelo menos me diria uma palavra. Como isto pode

fazer mal a alguém? Mas não, acabou-se para sempre. Estou só. Meu Deus, meu Deus, não a verei mais!"

Nesse momento bateram à porta.

IV

Garrafa de tinta que só consegue aclarar

Naquele mesmo dia, ou melhor dizendo, naquela mesma tarde, Marius havia acabado de sair da mesa e se retirado seu gabinete para estudar um processo, quando Basco trouxe uma carta, dizendo a ele: está lá fora a pessoa que a escreveu.

Cosette dava um passeio pelo jardim, com o avô.

Uma carta pode, como um homem, ter mau aspecto. Papel grosseiro e dobras malfeitas, só de vê-las algumas já desagradam. A carta que Basco entregou era desse gênero.

Marius pegou-a. Cheirava a tabaco. Nada desperta melhor uma recordação que um cheiro. Marius reconheceu-o. Examinou o sobrescrito. Lia-se: *Ao senhor barão Pontmercy. Em seu palacete*. O tabaco reconhecido o fez reconhecer a letra. Pode-se dizer que a surpresa causa clarões — um desses clarões praticamente iluminou Marius.

O olfato, esse misterioso despertador da memória, acabava de trazer de volta todo um mundo. Era, com efeito, o papel, a maneira de dobrá-lo, a tinta amarelada. Tratava-se, inquestionavelmente, da mesma letra e, sobretudo, do mesmo cheiro de tabaco. Ele tinha à sua frente o antro Jondrette.

Por uma estranha teimosia do acaso, uma das duas pistas que ele tanto havia procurado, aquela pela qual, ainda bem recentemente, ele tanto se esforçara e parecia para sempre perdida, vinha por conta própria se oferecer.

Abriu com ansiedade a carta e leu:

Senhor barão,

Se o Ser Supremo me tivesse dado talentos, eu poderia ser o barão Thénard, membro do Instituto (Academia das Ciências), mas não sou.

Tenho apenas o mesmo nome que ele e muito feliz estarei se esta recordação me recomendar à excelência das suas bondades. O amparo com que me honrar será recíproco. Tenho um segredo concernente a um indivíduo ao qual está ligado. Desejando ter a honra de lhe ser útil, coloco esse segredo à sua disposição. Tenho o meio simples de banir da sua honrada família esse indivíduo, que não tem direito de fazer parte dela, sendo a senhora baronesa de alta linhagem. O santuário da virtude não pode coabitar por mais tempo com o crime sem abdicar.

Espero na antecâmara as ordens do senhor barão, com todo o respeito.

A carta estava assinada THÉNARD.

A assinatura não era falsa. Apenas abreviada.

A verbosidade e a ortografia completavam a revelação. O atestado de origem estava completo. Não era possível a menor dúvida.

Foi profunda a comoção de Marius. Depois da primeira reação, de surpresa, seguiu-se outra, de satisfação. Se achasse também o homem que o havia salvo, não teria mais o que desejar.

Abriu uma gaveta da escrivaninha, tirou dela algumas notas de banco, meteu-as no bolso, tornou a fechar o móvel e tocou a campainha.

Basco entreabriu a porta.

— Mande entrar — disse Marius.

Basco anunciou:

— O sr. Thénard.

Entrou um homem.

Nova surpresa para Marius. O personagem que se apresentou era um total desconhecido.

O sujeito, já velho, tinha um nariz volumoso, o queixo metido na gravata, óculos verdes nos olhos, cabelos alisados e colados na testa, quase tocando as sobrancelhas, como a peruca dos cocheiros ingleses do *high-life*. Os cabelos eram grisalhos. Estava vestido de preto da cabeça aos pés, um preto já bem surrado, mas limpo. Uma correntinha que se perdia no bolso do colete fazia supor ali a existência de um relógio. Na mão, tinha um chapéu velho. Caminhava curvado e isso ainda mais se acentuava dada a profundidade dos cumprimentos.

O que à primeira vista chamava a atenção é que a casaca do personagem, larga demais, apesar de abotoada com muito cuidado, não parecia feita para ele. Aqui, torna-se necessária certa digressão.

Havia em Paris, naquela época, numa velha e capenga casa da rua Beautrellis, perto do Arsenal, um talentoso judeu que tinha como profissão transformar qualquer vigarista em homem de bem. Não por muito tempo, o que podia ser incômodo para o vigarista. A mudança se fazia na hora, por um ou dois dias, ao preço de trinta soldos a diária, graças a um traje que se parecia ao máximo com a aparência, em geral aceita, da honestidade. O responsável por esse aluguel de roupas era conhecido como o Troca. Os vigaristas de Paris lhe deram esse nome e não conheciam outro. Ele dispunha de um guarda-roupa bastante completo. Os andrajos com que o Troca vestia as pessoas eram mais ou menos apresentáveis. Havia especializações e categorias; a cada prego do seu estabelecimento se pendurava, gasta e amarrotada, uma condição social; aqui um traje de magistrado, ali o de um padre, mais adiante o de um banqueiro, o de um militar reformado, de um homem de letras, de um homem de Estado... Ele era o alfaiate do imenso drama que a bandidagem representa em Paris. O seu covil era o palco do qual saía o ladrão e entrava o escroque. Qualquer gatuno esfarrapado chegava àquele vestiário, pagava trinta soldos e escolhia, segundo o papel que pretendia representar, a roupa que convinha. Ao descer a escada, ele já parecia alguém. No dia seguinte a roupa era fielmente devolvida e o Troca, que confiava nos ladrões, não era nunca roubado. Esses trajes tinham um inconveniente, não eram "sob medida". Não tinham sido feitos para o cliente do momento, podiam estar justos demais para um, soltos demais para outro, nunca caíam bem em ninguém. Todo vigarista um pouco maior ou menor que a média humana já parecia suspeito nos trajes do Troca. Não se podia ser gordo ou magro demais. O Troca só havia previsto manequins ordinários. Tomara como modelo o primeiro cliente, que não era gordo nem magro, alto nem baixo. Daí as adaptações, às vezes complexas, com as quais as práticas do Troca lidavam como podiam. Azar o das exceções! O traje de homem de Estado, por exemplo, negro do chapéu aos sapatos e, assim sendo, correto, teria sido grande demais para Pitt e pequeno para Castelcicala. O traje homem de Estado era descrito da seguinte maneira no catálogo do Troca, textualmente: "Uma veste negra de algodão, calça negra de lã, colete de seda, botas e o que mais for necessário." Podia-se ler na margem *Ex-embaixador* e uma nota que igualmente transcrevemos: "Numa caixa em separado, uma peruca corretamente cacheada, óculos verdes, berloques e dois pequenos tubos de pena, com uma polegada de comprimento, envoltos em algodão." Tudo isso compunha o homem de Estado, o ex-embaixador. O traje inteiro estava, se podemos assim dizer, extenuado; as costuras se descoraram, um vago rasgão se entreabria num dos cotovelos, faltava um botão da veste, no peito. Mas isso não era tão grave, já que a mão do homem de Estado, devendo estar

sempre no traje e à altura do coração, escondia a falta do botão.

Se Marius estivesse familiarizado com as instituições ocultas de Paris, teria imediatamente reconhecido, no corpo do visitante trazido por Basco, o traje "homem de Estado" saído dos cabides do Troca.

O desapontamento de Marius, ao ver entrar um homem diferente do que esperava, não foi bom para o recém-chegado, que foi examinado dos pés à cabeça e, enquanto se inclinava de maneira desmedida, rudemente interpelado:

— O que quer?

O homem respondeu com uma contração facial amável, da qual o sorriso amistoso de um crocodilo poderia dar ideia:

— É incrível que não tenha já tido a honra de encontrar em sociedade o senhor barão. Parece-me tê-lo particularmente visto, há alguns anos, na casa da senhora princesa Bagration e nas salas de Sua Senhoria o visconde Dambray, par de França.

É sempre boa tática, na vigarice, fingir reconhecer alguém, mesmo sem nunca tê-lo visto.

Marius prestava atenção na maneira de falar do visitante. Observava a entonação e o gesto, mas seu assombro crescia cada vez mais; a voz era anasalada e absolutamente diferente da que esperava ouvir. Sentia-se desnorteado.

— Não conheço a princesa Bagration nem o sr. Dambray. Nunca pus os pés em nenhuma das duas casas — disse ele.

A resposta era ríspida. O personagem, procurando ainda ser agradável, insistiu.

— Talvez então na casa de Chateaubriand! Conheço muito Chateaubriand; é extremamente afável. Quantas vezes já não me disse: "Então meu amigo Thénard… toma alguma coisa comigo?"

A fisionomia de Marius tornou-se mais severa.

— Nunca tive a honra de ser recebido pelo sr. De Chateaubriand. Mas abreviemos: o que deseja o senhor?

O homem, sentindo que a voz se tornara mais áspera, cumprimentou ainda mais profundamente.

— Senhor barão, por favor me ouça. Há na América, num território ao lado do Panamá, uma aldeia chamada Joya. Nessa aldeia há um só edifício. É uma grande construção quadrada, de três andares, feita de tijolos cozidos ao sol. Cada lado do quadrado tem quinhentos pés, cada andar recua doze pés com relação ao andar inferior, de modo que deixa à sua frente um terraço que circunda todo o edifício. No centro, há um pátio interno, onde ficam as provisões e as munições. Em vez de janelas, seteiras, em vez de portas, escadas de mão para subir do térreo ao primeiro terraço, do primeiro ao segundo, do segundo ao terceiro; e escada de mão para

descer ao pátio interno. Em vez de portas nos diferentes cômodos, alçapões. À noite, fecham-se esses alçapões, recolhem-se as escadas, assentam-se bacamartes e clavinas nas seteiras; não resta o mínimo meio de entrar. Habitação de dia, fortaleza de noite, e oitocentos habitantes; tal é a aldeia. Para que tantas precauções? Porque o país é perigoso e infestado de antropófagos. E por que vão para ali? Porque o país é maravilhoso: tem ouro em quantidade.

— Mas aonde quer chegar? — interrompeu Marius, que do desapontamento ia passando à impaciência.

— Ao que vou lhe dizer, senhor barão. Sou um ex-diplomata cansado. A velha civilização deixou-me com os nervos em frangalhos. Quero tentar o mundo dos selvagens.

— E então?

— Senhor barão, o egoísmo é a lei do mundo. A camponesa diarista, trabalhando, se vira para olhar a diligência que passa, a camponesa proprietária, que trabalha na sua terra, não se vira. O cão do pobre late contra o rico, o cão do rico late contra o pobre. É cada um por si. O lucro é a meta de todos os homens; o ouro é o ímã que os atrai.

— Mas então? Conclua.

— Gostaria de ir me estabelecer em Joya. Somos três: eu, minha esposa e uma menina; uma menina de extrema beleza. A viagem é longa e cara. Preciso de algum dinheiro.

— Mas em que isso pode me interessar? — perguntou Marius.

O desconhecido estendeu o pescoço fora da gravata, gesto próprio do abutre, e replicou, redobrando o sorriso:

— O senhor barão não leu a minha carta?

Era quase verdade. Marius de fato não dera muita atenção ao seu conteúdo. Esteve mais interessado na letra do que na carta propriamente. Mal se lembrava do que ela dizia. Então limitou-se a dizer:

— Queira explicar-se.

O desconhecido meteu ambas as mãos nos bolsos, ergueu a cabeça, sem endireitar a espinha dorsal, mas observando Marius pelos vidros verdes dos óculos.

— Que seja, senhor barão. Farei isso. Tenho um segredo para lhe vender.

— Um segredo?

— Um segredo.

— Que me diz respeito?

— Bastante.

— Que segredo?

Marius examinava cada vez mais atentamente o homem, enquanto o ouvia.

— Começo grátis — disse o desconhecido. — Verá que inspiro interesse.

— Vamos, fale.

— O senhor barão tem em sua casa um ladrão e assassino.

Marius estremeceu.

— Em minha casa, não — disse ele.

O desconhecido, imperturbável, escovou o chapéu com a manga da casaca e prosseguiu:

— Assassino e ladrão. Note, senhor barão, que não me refiro aqui a fatos antigos, atrasados, caducos, que podem ser apagados pela prescrição perante a lei e pelo arrependimento perante Deus. Falo de fatos recentes, de fatos da atualidade, ainda ignorados pela justiça. Continuo. Esse homem introduziu-se na sua confiança e quase na sua família, sob um nome falso. Vou dizer o seu verdadeiro nome. E direi sem nada cobrar.

— Estou ouvindo.

— Chama-se Jean Valjean.

— Sei disso.

— Vou dizer, também de graça, o que ele é.

— Diga.

— É um ex-forçado.

— Sei disso.

— Sabe porque tive a honra de lhe dizer.

— Não. Já sabia.

O tom frio de Marius, suas respostas monossilábicas, o duplo "sei disso", seu laconismo avesso ao diálogo provocaram no desconhecido uma raiva surda. Ele deixou à socapa escapar um olhar furioso, que imediatamente foi controlado. Por mais rápido que fosse o olhar, era desses dos quais nunca nos esquecemos e ele não escapou a Marius.

O desconhecido continuou sorrindo:

— Não tomo a liberdade de desmentir o senhor barão. Ainda assim, deve reconhecer que estou bem informado. Mas o que tenho ainda a contar só eu sei. Diz respeito à fortuna da senhora baronesa. É um segredo extraordinário e está à venda. Ofereço-o ao senhor barão em primeiro lugar. A bom preço: vinte mil francos.

— Conheço esse segredo, como conheço os outros.

O desconhecido se viu na necessidade de baixar um pouco o preço.

— Senhor barão, dê-me dez mil francos e falarei.

— Repito que nada tem a revelar. Sei o que quer contar.

Um novo relâmpago brilhou nos olhos do homem.

— Preciso jantar hoje. É um segredo extraordinário, repito. Vou contar, senhor barão. Dê-me vinte francos.

Marius encarou-o fixamente.

— Conheço o seu segredo extraordinário, do mesmo modo que sei o nome de Jean Valjean, e também o seu.

— O meu nome?

— Sim, o seu nome!…

— Não é difícil, senhor barão. Tive a honra de assiná-lo na carta que lhe dirigi. Thénard.

— Dier.

— Como?

— Thénardier.

— Quem?

Diante do perigo, o porco-espinho se eriça, o escaravelho se faz de morto, a antiga guarda se fecha em quadrado; aquele homem se pôs a rir.

Depois limpou com um peteleco um grão de poeira da sobrecasaca.

Marius prosseguiu:

— O senhor é também o operário Jondrette, o ator Fabantou, o poeta Genflot, o espanhol Don Alvarez e a mulher Belizard.

— A mulher o quê?…

— E teve uma taberna em Montfermeil.

— Uma taberna? Nunca!

— Repito que se chama Thénardier.

— Nego.

— E que é um vagabundo. Aí tem.

E Marius, tirando do bolso uma nota de banco, atirou-a no seu rosto.

— Obrigado, senhor barão! Perdão, quinhentos francos!

E o homem, transtornado e fazendo profundas reverências, pegou a nota e examinou-a.

— Quinhentos francos! — repetiu ele, boquiaberto. E murmurou a meia-voz: — Uma bolada, de verdade!

Depois, bruscamente:

— Pois que seja! — exclamou ele. — Ponhamo-nos à vontade.

E com a agilidade de um macaco, jogando para trás a cabeleira, tirando os óculos, arrancando o nariz e guardando os dois tubos de pena de que já falamos em outra página desse livro, ele mudou de cara como se muda de chapéu.

O olho se iluminou. A testa irregular, devastada, com alguns calombos e horrivelmente enrugada no alto se mostrou, o nariz voltou a ser pontudo como um bico; o perfil feroz e sagaz do homem de rapina ressurgiu.

— O senhor barão é infalível — disse ele com voz clara, da qual havia desaparecido toda nasalização —, sou, com efeito, Thénardier.

E endireitou as costas até ali encurvadas.

Thénardier, pois de fato era ele, estava muito impressionado. Estaria perturbado, se fosse capaz disso. Fora ali para causar surpresa, e era ele que se surpreendia. Uma humilhação pela qual lhe pagavam quinhentos francos e que ele, de qualquer forma, aceitava; mas nem por isso se sentia menos espantado.

Era a primeira vez que via aquele barão Pontmercy e, apesar do seu disfarce, aquele barão Pontmercy o reconhecia, e o reconhecia a fundo. E não somente o barão sabia da sua vida, mas também da de Jean Valjean. Que rapazote era aquele, quase imberbe, tão glacial e tão generoso, que sabia o nome das pessoas, todos os nomes, abria a própria bolsa, tratava os pilantras como um juiz e os pagava como um tolo?

Thénardier, como devem se lembrar, mesmo tendo sido vizinho de Marius, nunca o tinha visto, o que é comum em Paris. As filhas, naquela época, haviam vagamente falado de um rapaz muito pobre, chamado Marius, que morava no cortiço, mas não havia, no seu espírito, a mínima possibilidade de aproximação entre aquele Marius e o barão Pontmercy.

Já o nome Pontmercy, lembremos que, no campo de Waterloo, ele só tinha ouvido as duas últimas sílabas, pelas quais, aliás, sempre tivera o mais legítimo desprezo.

Afora isso, pela filha Azelma, a quem lançara na pista do casamento do dia 16 de fevereiro, e por suas próprias investigações, ele chegara a saber muitas coisas e, do fundo das suas trevas, conseguira juntar alguns fios misteriosos. Por astúcia ou por deduções, conseguira descobrir ou adivinhar quem era o homem que certo dia encontrara na saída do Grande Esgoto. Do homem ele chegou facilmente ao nome. Sabia que a senhora baronesa de Pontmercy era Cosette; mas, com relação a isso, queria se manter discreto. Quem era Cosette? Nem ele próprio sabia. Tinha suas suspeitas, provavelmente uma bastarda. A história de Fantine sempre lhe parecera mal contada; mas para que falar disso? Para fazer com que pagassem o seu silêncio? Tinha, ou julgava ter, coisa melhor para vender. Segundo todas as aparências, chegar e dizer ao barão Pontmercy, sem prova, "Sua esposa é uma bastarda", só o levaria a ganhar do marido um chute no traseiro.

No entender de Thénardier, a conversa com Marius nem sequer tinha começado. Ele precisou recuar, modificar a estratégia, abandonar a posição, mudar de frente; mas nada do essencial estava comprometido e já havia embolsado quinhentos francos. Além disso, tinha de fato algo decisivo a dizer, até mesmo àquele barão Pontmercy, tão bem informado, tão bem preparado.

Para homens da têmpera de Thénardier, todo diálogo é um combate. Naquele que se travaria, qual era a sua posição? Ele não sabia com quem falava, mas sabia do que falava. Fez rapidamente esse balanço interior das próprias forças e, depois de ter dito "sou Thénardier", esperou.

Marius, estava pensativo. Tinha finalmente nas mãos Thénardier, que ele tanto quis encontrar. Ia enfim poder honrar o pedido do coronel Pontmercy. Era humilhante que o herói devesse alguma coisa àquele bandido e que a dívida repassada a ele, Marius, do fundo do túmulo, estivesse até aquele dia em aberto. Pareceu-lhe também, na situação complexa em que se encontrava o seu espírito com relação a Thénardier, ser possível vingar o coronel por ter sido salvo graças a semelhante canalha. Fosse como fosse, estava satisfeito. Ia enfim libertar daquele credor indigno a sombra paterna, tendo a impressão de soltar da prisão, por dívidas, a sua memória.

Além desse dever, havia ainda outro: esclarecer, se possível, a origem da fortuna de Cosette. A ocasião parecia apresentar-se. Thénardier talvez soubesse alguma coisa a respeito. Podia ser útil ver o que havia no fundo daquele homem. Foi por onde começou.

Thénardier havia feito desaparecer a "bolada" no bolso e olhava para o dono da casa de maneira quase carinhosa.

Foi Marius quem rompeu o silêncio.

— Já disse o seu nome. Quer que lhe diga agora o seu segredo, esse que veio contar? Tenho também minhas informações. Verá que sei mais do que sabe. Jean Valjean, como disse, é assassino e ladrão. Ladrão, porque roubou um rico manufatureiro chamado Madeleine, de quem causou a ruína. Assassino porque matou o agente de polícia Javert.

— Não estou entendendo, senhor barão — disse Thénardier.

— Farei com que entenda. Escute. Houve, em 1822, num dos municípios de Pas-de-Calais, um homem que aparentemente teve, numa época anterior, problemas com a justiça, mas, sob o nome de Madeleine, se havia erguido e reabilitado. Esse homem se tornou um justo, em toda a extensão da palavra. Com uma indústria manufatureira, fabricando vidrilhos pretos, fez a fortuna de uma cidade inteira. Ficou rico também, mas não parecia ser, para ele, o que importava. Madeleine era o

pai e o benfeitor dos pobres; fundou hospitais, abriu escolas, visitava os enfermos, providenciava um dote para que moças casassem, amparou viúvas e adotou órfãos. Foi uma espécie de tutor da sua localidade. Recusou a cruz da Legião de Honra e foi nomeado prefeito. Um forçado liberto, que sabia de uma pena a que Madeleine fora condenado anos antes o denunciou, fez com que fosse preso e aproveitou-se disso para vir a Paris e ficar com toda a sua fortuna, sacada junto ao banqueiro Laffitte, por meio de uma assinatura falsa, uma soma superior a meio milhão. Obtive essas informações do próprio guarda-livros da casa Laffitte. Esse forçado, que roubou Madeleine, é Jean Valjean. Quanto ao outro fato, nada tem o senhor a contar. Jean Valjean matou o agente Javert com um tiro de pistola. Eu estava presente.

Thénardier lançou a Marius o olhar soberano de um homem já derrotado que volta a ter nas mãos a vitória e acaba de ganhar, em um minuto, todo terreno que havia perdido. Mas o sorriso reapareceu imediatamente, pois o subalterno deve sempre se mostrar humilde no triunfo, e Thénardier se limitou então a dizer:

— Senhor barão, pegamos o caminho errado.

E sublinhou essa frase com uma expressiva sacudidela na correntinha de relógio.

— O quê! — surpreendeu-se Marius. — Contesta o que eu disse? São fatos.

— São quimeras. A confiança com que o senhor barão me honra impõe-me o dever de dizê-lo. Antes de tudo, a verdade e a justiça. Não gosto de ouvir acusar os outros injustamente. Senhor barão, Jean Valjean não roubou Madeleine nem matou Javert.

— Mas como assim?

— Por duas razões.

— Quais são? Diga.

— Eis a primeira: não roubou Madeleine, visto que Jean Valjean é o próprio Madeleine.

— Que está dizendo?

— Eis a segunda: não assassinou Javert, visto que este último matou a si mesmo.

— Que história é essa?

— Javert se suicidou.

— Prove! Prove! — gritou Marius, fora de si.

Thénardier retomou o que disse, soletrando a frase como um verso alexandrino antigo:

— O agente-de-polícia-Ja-vert-foi-achado-sob-um-batel-da-ponte-au-Change.

— Prove o que diz!

Thénardier tirou do bolso lateral da casaca uma pasta de papel pardo, que parecia conter papéis dobrados de diversos formatos.

— Também tenho meu registro — disse ele com calma.

E acrescentou:

— Senhor barão, em seu interesse, procurei conhecer a fundo Jean Valjean. Digo que ele e Madeleine são o mesmo homem e que Javert não teve outro assassino além de si mesmo. E, quando digo coisas assim, é porque tenho provas. Não provas manuscritas, sendo a letra de mão suspeita e condescendente; provas impressas!

Enquanto falava, Thénardier extraía da sua pasta dois números de jornais amarelados, amassados e saturados de tabaco. Um deles, rasgado em todas as dobras e desfazendo-se em pedaços quadrados, parecia muito mais velho que o outro.

— Dois fatos, duas provas — disse Thénardier, oferecendo a Marius os dois jornais abertos.

Essas duas folhas são já conhecidas do leitor. Uma, a mais antiga, era um número do *Drapeau blanc*, de 25 de julho de 1823, cujo texto se viu anteriormente neste livro, na página 406 do primeiro volume, e que estabelecia a identidade de Madeleine e de Jean Valjean. A outra, um *Moniteur*, de 15 de julho de 1832, constatava o suicídio de Javert, acrescentando que, por declaração verbal feita ao chefe de polícia, Javert, desmascarado como espião na barricada da rua Chanvrerie, foi preso e devia a vida à magnanimidade de um insurgente que, devendo executá-lo, dera o tiro para o ar.

Marius leu. Havia evidências: data certa, prova irrefragável; aqueles dois periódicos não tinham sido expressamente fabricados para reforçar as asserções de Thénardier. A nota publicada pelo *Moniteur* se apoiava num comunicado oficial do Departamento de Polícia. Não podia duvidar. As informações do guarda-livros estavam erradas e ele próprio se enganara. Jean Valjean engrandecia-se absurdamente, saía da nuvem. Marius não pôde conter um grito de alegria:

— Então aquele desventurado é alguém admirável! Toda essa fortuna era realmente dele! E Madeleine, a previdência de uma região inteira! E Jean Valjean salvou Javert! É um herói! Um santo!

— Nem santo nem herói — disse Thénardier. — É um assassino e ladrão.

E acrescentou, com o tom de quem começa a sentir que conseguiu certa autoridade:

— Vamos com calma.

Essas duas palavras, ladrão e assassino, das quais Marius achou ter se livrado, voltavam a aparecer e caíram nele como um balde de água fria.

— Ainda? — perguntou ele.

— Sempre! — respondeu Thénardier. — Jean Valjean não roubou Madeleine, mas é um ladrão; não matou Javert, mas é um assassino.

— Refere-se — tornou Marius — ao miserável roubo de há quarenta anos, expiado, segundo os seus próprios periódicos, por uma vida inteira de arrependimento, abnegação e virtude?

— Falo de assassinato e roubo, senhor barão; e repito que me refiro a fatos recentes. O que tenho a revelar é absolutamente desconhecido. Inédito. Talvez possa com isso descobrir a origem da riqueza habilmente oferecida por Jean Valjean à ssenhora baronesa. Digo habilmente porque, com essa doação, ele pôde se introduzir numa casa honrada, gozando de bem-estar e, ao mesmo tempo, ocultando seu crime, aproveitando-se do roubo, encobrindo sua identidade e criando para si uma família, o que não é coisa a se desprezar.

— Eu podia aqui interrompê-lo — observou Marius —, mas continue.

— Vou contar o que sei, deixando a recompensa à generosidade do senhor barão. Esse segredo vale ouro em pó. Talvez me pergunte: por que não se dirigiu diretamente a Jean Valjean? Por uma razão muito simples, sei que se desfez do que tinha, que passou tudo às mãos do senhor barão, o que achei bastante esperto. Ele não tem mais um tostão, mostrará as mãos vazias e preciso de algum dinheiro para empreender a minha viagem a Joya. Por isso vim ao senhor barão, visto que possui tudo e ele nada. Estou um pouco cansado; permita-me que me sente.

Marius sentou-se e fez sinal para que o visitante fizesse o mesmo.

Thénardier sentou-se numa cadeira estofada, pegou seus dois jornais, meteu-os novamente dentro da improvisada pasta de papel pardo e murmurou, raspando com a unha do indicador o *Drapeau blanc*:

— Este foi difícil de conseguir.

Feito isto, cruzou as pernas e recostou-se, na atitude própria de quem está seguro do que diz. Começou sua narrativa, com gravidade e sublinhando bem as palavras:

— Ssenhor barão, em 6 de julho de 1832, há quase um ano, no dia da revolta, um homem se encontrava no Grande Esgoto de Paris, do lado em que ele desemboca no rio, entre as pontes dos Invalides e Iéna.

Marius aproximou com interesse sua cadeira da de Thénardier, que notou o movimento e continuou com a tranquilidade de um orador que sabe ter a atenção do seu ouvinte e sente sob suas palavras a expectativa do adversário.

— Esse homem, obrigado a ocultar-se, por razões que nada tinham a ver com a política, se domiciliava no esgoto, do qual ele possuía a chave. Era, repito, o dia 6 de junho, por volta de umas seis da tarde. O homem percebeu rumores na tubulação. Surpreso, ele se esgueirou e observou. Ouviu passos; alguém caminhava na sombra e se aproximava de onde ele estava. Era estranho que houvesse no esgoto outra pessoa além dele. A grade dando para a saída não ficava longe; a claridade que por ela

penetrava lhe permitiu reconhecer o recém-chegado e ver que conduzia às costas algo que o obrigava a caminhar todo curvado. O homem que assim caminhava era um ex-forçado e o objeto que conduzia às costas um cadáver. Um flagrante delito de assassinato. Quanto ao roubo, ele era óbvio: não se mata um homem à toa. O forçado ia lançar o cadáver no rio. Uma circunstância que chama a atenção é que o forçado, que vinha pelo esgoto desde longe, antes de chegar ali, tinha necessariamente encontrado um sorvedouro terrível, onde poderia ter se livrado do cadáver; mas logo no dia seguinte, os operários trabalhando ali teriam descoberto o defunto e o assassino acabaria sendo localizado. Ele preferiu atravessar o charco com o fardo, tarefa tremendamente perigosa. Não se pode arriscar mais completamente a vida e não compreendo como ele saiu dali vivo!

Marius aproximou ainda mais a cadeira. Thénardier aproveitou para respirar um pouco e prosseguiu:

— Como pode imaginar, o esgoto não é o Champs de Mars. Falta tudo, inclusive espaço. Dois homens ali, é impensável que não se encontrem. Foi o que aconteceu. O morador e o transeunte foram obrigados a se cumprimentar, contra a vontade de ambos. O segundo disse então ao primeiro: "Bem vê o que trago às costas, preciso sair; você tem a chave, abra." Esse ex-forçado tem uma força descomunal; não havia como recusar. O outro, que tinha a chave, procurou esticar a conversa, unicamente para ganhar tempo. Examinou o morto, mas não pôde ver senão que era moço, bem-vestido, com aspecto de pessoa rica e todo desfigurado pelo sangue. Enquanto falava, ele teve como rasgar e arrancar, pela parte de trás e sem que o assassino percebesse, um pedaço da casaca do homem assassinado. É uma peça de corpo de delito, um meio de tornar a achar a pista do acontecimento e de provar o crime no tribunal. Ele meteu a prova no bolso, depois do que abriu a grade e permitiu a saída do homem com o que carregava às costas. Voltou a fechar a grade e fugiu, não querendo se envolver em semelhante aventura e, sobretudo, não querendo estar presente quando o assassino lançasse o assassinado no rio. O homem que levava o cadáver era Jean Valjean; o que tinha a chave da grade está na sua presença; e o pedaço da casaca…

Thénardier terminou a frase tirando do bolso e levantando, à altura dos olhos, seguro pelos dois dedos polegares e os dois indicadores, um farrapo de pano preto todo desfiado e coberto de manchas sombrias.

Marius levantou-se pálido, mal respirando, com o olhar fixo no pedaço de pano. Sem dizer uma só palavra, sem desviar os olhos do farrapo, recuou até a parede, com a mão direita estendida para trás, procurando às cegas uma chave que estava na fechadura de um armário, perto da lareira. Achou, enfim, a chave, abriu o armário e

meteu nele o braço; tudo sem olhar, sem que a sua pupila assustada deixasse de fitar o farrapo que Thénardier mostrava.

Este último, entretanto, continuava a falar:

— Senhor barão, tenho as mais fortes razões para acreditar que o rapaz assassinado era um opulento estrangeiro, atraído por Jean Valjean para uma cilada, e que tinha consigo uma soma enorme.

— O rapaz era eu; aí está a casaca! — gritou Marius, lançando no soalho uma velha casaca preta, toda ensanguentada.

Em seguida, arrancando o farrapo das mãos de Thénardier, curvou-se e ajustou sobre a aba rasgada o pedaço que faltava, que se encaixou perfeitamente.

Thénardier estava petrificado e disse a si mesmo: "Diabos!"

Marius endireitou-se trêmulo, desesperado, fulgurante.

Meteu a mão no bolso, tirou-a cheia de notas de quinhentos e de mil francos e dirigiu-se furioso a Thénardier, estendendo o dinheiro quase no seu nariz.

— O senhor é um infame, um mentiroso, um caluniador, um celerado! Veio acusar esse homem e justificou-o; tentou perdê-lo e só conseguiu exaltá-lo! O senhor é que é ladrão e assassino! Eu o vi, sr. Thénardier Jondrette, naquele cortiço do Boulevard de l'Hôpital. Sei o bastante a seu respeito para mandá-lo aos trabalhos forçados ou para mais longe ainda, se quiser. Fique com esses mil francos, canalha!

E jogou o dinheiro no outro, continuando seu desabafo:

— Ah! Jondrette Thénardier, vil patife! Que lhe sirva de lição, senhor vendedor de segredos, mascate de mistérios, fuçador miserável das trevas! Guarde todo esse dinheiro e saia daqui! É Waterloo que o protege.

— Waterloo! — resmungou Thénardier, guardando a nota de mil francos junto da anterior, de quinhentos.

— Exatamente, assassino! Em Waterloo salvou a vida de um coronel…

— De um general — disse Thénardier, erguendo a cabeça.

— De um coronel! — repetiu Marius, furioso. — Não lhe daria nada, se fosse um general. E veio para um golpe infame! Sei que comete todo tipo de crime. Saia daqui, desapareça! Seja feliz, é o que lhe desejo. Monstro! Tome mais três mil francos; guarde-os. Parta amanhã para a América com sua filha, pois sua mulher já não existe, abominável impostor! Vou vigiar sua partida e depois disso terá seus vinte mil francos. Vá fazer com que o enforquem, mas longe daqui!

— Senhor barão — respondeu Thénardier, curvando-se quase até ao chão —, o meu reconhecimento será eterno.

E ele se foi, sem entender nada de tudo aquilo, estupefato e encantado por aquela tempestade fulminante de notas do banco que lhe caíra sobre a cabeça.

Sentia-se de fato fulminado, mas também contente, e ficaria muito chateado se existissem para-raios para semelhantes descargas.

Apressemo-nos a dar logo um ponto final a esse personagem. Dois dias após os acontecimentos que acabamos de narrar, forçado por Marius ele partiu para a América, com um nome inventado e levando junto a filha Azelma, além de uma letra de vinte mil francos a ser descontada em Nova York. A miséria moral de Thénardier, burguês malogrado, era irremediável. Ele foi, na América, o que já era na Europa. O contato de um homem mau basta muitas vezes para denegrir uma boa ação e fazer sair dela uma coisa má. Com o dinheiro de Marius, Thénardier se tornou traficante de escravos.

Mal o vigarista saiu do seu gabinete, Marius correu ao jardim, onde Cosette ainda passeava:

— Cosette! Cosette! Depressa, temos que sair! Basco, chame um fiacre. Vamos, Cosette. Ah! Meu Deus! Foi ele quem me salvou a vida! Põe já um xale; não percamos um minuto.

Cosette achou que o marido havia enlouquecido, mas obedeceu.

Marius quase não conseguia respirar, punha a mão no peito, como se quisesse comprimir as palpitações do coração, andava a passos largos de um lado para outro e beijava Cosette o tempo todo.

— Ah! Cosette, sou um miserável! — dizia ele.

Logo apareceu à porta um fiacre.

Marius precipitou-se com Cosette para dentro.

— Cocheiro — disse ele —, rua do Homme-Armé, nº 7.

O fiacre partiu.

— Que felicidade! — disse Cosette. — Vamos à rua do Homme-Armé! Não me atrevia a falar disso. Vamos visitar o sr. Jean?

— O seu pai, Cosette, o seu pai, mais do que nunca! Estou entendendo tudo. Você nunca recebeu a carta que mandei pelo Gavroche; foi com certeza parar nas mãos dele, Cosette. Por isso ele foi à barricada e me salvou; mas como tem necessidade de ser um anjo, de passagem ele salvou outros, e salvou Javert. Arrancou-me daquele abismo para me entregar a você e carregou-me às costas pelo medonho esgoto. Sou um monstruoso ingrato. Depois de ter sido a Providência para você, Cosette, foi também para mim. Imagine que havia no caminho um terrível sorvedouro, em que ele poderia se afogar cem vezes, afogar-se em lama. Atravessou também a mim, que estava sem sentidos, sem ver nem ouvir nada, sem saber coisa alguma da minha própria aventura. Vamos buscá-lo, trazê-lo conosco, queira ele ou não. Não se separará mais de nós. Passarei o resto da minha vida a

venerá-lo. Sim, deve ter sido isso, Cosette. Foi a ele que Gavroche entregou a carta. Tudo se explica, não vê?

Cosette não compreendia uma só palavra.

— Deve ser isso — concordou ela.

O fiacre seguia o seu caminho.

V

Noite por trás da qual há dia

Jean Valjean, ouvindo bater a porta, voltou-se.

— Entre — disse ele com voz fraquíssima.

A porta abriu-se e logo apareceram Cosette e Marius.

Cosette precipitou-se dentro do quarto.

Marius ficou à entrada, encostado no batente.

— Cosette! — exclamou Jean Valjean.

Ele se endireitou na cadeira com os braços abertos e trêmulos, confuso, lívido, sinistro, mas com imensa alegria nos olhos.

Cosette, sufocada pela comoção, precipitou-se ao encontro dele:

— Meu pai!

Jean Valjean, atordoado, balbuciou.

— Cosette! Ela! A senhora! É você! Oh! Meu Deus!

E estreitado pelos braços de Cosette, continuou:

— É você, está aqui! Então me perdoou!

Marius, baixando os olhos para impedir que as lágrimas caíssem, deu um passo e murmurou, com os lábios convulsivamente contraídos para abafar os soluços:

— Meu pai!

— E também o senhor me perdoa! — disse Jean Valjean.

Marius não soube o que dizer e Jean Valjean acrescentou:

— Obrigado!

Cosette tirou o xale e jogou o chapéu em cima da cama, dizendo:

— Tudo isso só está atrapalhando.

E sentando-se nos joelhos do velho, afastou seus cabelos brancos com um movimento adorável, beijando-o na testa.

Jean Valjean nem se movia, ainda aturdido.

Cosette, que só muito confusamente compreendia a situação, aumentava os afagos, como se quisesse pagar a dívida de Marius.

Jean Valjean balbuciou:

— Como somos tolos! Achei que não voltaria a vê-la. Imagine, sr. Pontmercy, que no momento em que entraram eu me dizia: "Está tudo acabado! Ali está o seu vestidinho; sou um miserável, não voltarei mais a ver Cosette"; é o que eu dizia e vocês estavam subindo a escada. Que idiota! Veja como podemos ser idiotas! Não contava com Deus! E ele disse: "Acha que o abandono, idiota? Não, não é assim que as coisas se passam. Vamos, é um pobre velho que precisa de um anjo." E o anjo veio. E volto a ver minha pequena Cosette! Minha pequena Cosette! Ah! Estava bem infeliz!

Ele ficou um momento sem conseguir falar e depois prosseguiu:

— Tinha realmente necessidade de vê-la, Cosette, só um pouquinho, de vez em quando. O coração precisa de um osso para roer. Mas sabia não ter mais o que fazer ali. E via as razões: não precisam de você, fique no seu canto, ninguém tem o direito de se eternizar. Mas louvado seja Deus! Volto a vê-la! Sabe, Cosette? Seu marido é muito bonito. Ah! Que bonito esse bordado da sua gola. Gosto muito desse desenho. Foi ele que escolheu, não foi? Você precisa também de caxemiras. Deixe-me tratá-lo como amigo, sr. Pontmercy; não será por muito tempo.

Cosette voltou à carga:

— Que maldade deixar-nos daquela maneira! Aonde é que foi? Por que demorou tanto tempo? Antes suas viagens não duravam mais do que três ou quatro dias. Sempre que mandei Nicolette saber notícias suas, respondiam que estava ausente. Quando foi que voltou? Por que não nos avisou? Está muito mudado. Não são modos de um pai! Esteve doente e nem soubemos! Olhe , Marius, como está fria a mão dele!

— Então veio, sr. Pontmercy, isso quer dizer que me perdoa! — repetiu Jean Valjean.

Diante do que Jean Valjean dizia pela segunda vez, tudo que tanto oprimia o coração de Marius não se conteve mais e ele explodiu:

— Ouviu isso, Cosette? A que ponto chegamos, pedir-me perdão! E sabe o que ele fez? Salvou-me a vida. E fez mais, nos uniu. E depois de me salvar, depois de nos unir, Cosette, o que ele fez? Sacrificou-se. É quem temos aqui. E é a mim, o ingrato, o descuidado, a mim que ele diz: "Obrigado!" Mesmo que eu passasse o resto da

vida a seus pés ainda seria pouco. A barricada, o esgoto, a fornalha e a cloaca, tudo ele atravessou por mim. E por você, Cosette. Carregou-me através de todas as mortes, afastando-as de mim e aceitando-as para si. Todas as coragens, todas as virtudes, todos os heroísmos, todas as santidades se resumem nele! Este homem, Cosette, é um anjo!

— Por favor — pediu muito baixinho Jean Valjean —, para que falar dessas coisas?

— Mas o senhor! — zangou-se Marius, sem no entanto esconder o quanto havia de veneração. — Por que não contou? É também culpa sua. Salva a vida de pessoas e não permite que se saiba! Faz ainda pior: para não se desmascarar, calunia-se. É péssimo!

— O que eu disse era verdade — respondeu Jean Valjean.

— Não — insistiu Marius —, a verdade é a verdade inteira; e o senhor não contou. Era o sr. Madeleine; por que não disse? Salvou a vida de Javert e também não disse. Devo-lhe a vida; por que o ocultou?

— Por pensar como o senhor; achei que estava certo. Era melhor que me afastasse. Se soubesse da história do esgoto, teria se esforçado para que eu ficasse; portanto devia me calar. Falando, atrapalharia tudo.

— Atrapalharia o quê, a quem? — tornou Marius. — Acha que vai ficar aqui? Viemos buscá-lo. Meu Deus! E pensar que só por acaso soube de tudo isso! Vamos levá-lo. Faz parte de nós; é tanto pai de Cosette quanto meu. Não passará nem mais um dia nesta casa triste. Nem imagine que estará aqui amanhã.

— Amanhã — disse Jean Valjean — não estarei aqui nem na casa de vocês.

— O que está dizendo? — replicou Marius. — Saiba que não permitiremos mais viagens; não se separará de nós. É nosso e não o deixamos mais.

— Dessa vez é sério — acrescentou Cosette —, temos um carro esperando lá embaixo. Está sendo sequestrado; se for preciso, irá à força.

E, rindo, ela fez menção de erguer o velho nos braços.

— Em nossa casa ainda não deixou de haver o seu quarto — prosseguiu ela. — Não faz ideia de como está bonito o jardim! As azaléas brotam perfeitamente. Os caminhos foram cobertos com areia do rio, de forma que há muitas conchinhas roxas. Vai comer dos meus morangos, que eu mesma rego. E nada mais de "senhora" nem "sr. Jean"; estamos em regime republicano, todos se tratam por "você"; não é assim, Marius? Se soubesse, pai, houve uma infelicidade, um pintarroxo fez seu ninho num buraco do muro e um gato horrível o comeu. Meu pobre e lindo pintarroxinho que punha a cabeça para fora e me olhava! Como chorei! Seria capaz de matar o gato! Mas agora ninguém mais está chorando. Todo

mundo ri e está feliz. Venha conosco, como o avô vai ficar contente! Terá um quadrado seu no jardim, para plantar, e veremos se conseguirá morangos como os meus. Farei tudo que o senhor quiser e terá também que me obedecer.

Jean Valjean escutava sem ouvir, prestava atenção mais na música da voz do que no sentido das palavras. Uma dessas lágrimas, que são as sombrias pérolas da alma, lentamente se formava no canto do seu olho. Ele murmurou:

— A prova de que Deus é bom é que a vejo aqui.

— Meu pai! — disse Cosette.

Jean Valjean continuou:

— É realmente verdade que seria maravilhoso vivermos juntos. Há muitos passarinhos nas árvores. Eu passearia com Cosette. Ver-se, falar-se, chamar-se no jardim, é muito bonito! Ver-se desde cedo, pela manhã. Cultivaríamos cada um o nosso cantinho de terra. Ela daria dos seus morangos para provar e eu colheria minhas rosas para ela. Seria lindo. Mas…

Interrompeu-se e disse com suavidade:

— É pena!

A lágrima não caiu, recolheu-se e Jean Valjean substituiu-a por um sorriso.

Cosette juntou as mãos do velho nas suas.

— Por Deus! — Ela se assustou. — Suas mãos estão ainda mais frias. Sente alguma coisa? Está doente?

— Eu? Não — ele respondeu. — Estou bem. Mas…

E calou-se.

— Mas o quê?

— Vou morrer daqui a pouco.

Cosette e Marius estremeceram.

— Morrer?! — exclamou Marius.

— Sim, mas não é nada — disse Jean Valjean.

Tornou a respirar, sorriu e continuou:

— Estava falando comigo, Cosette; fale mais, continue. O pintarroxo, então, morreu. Fale, quero ouvir a sua voz.

Marius, petrificado, olhava para o velho.

Cosette soltou um grito desesperado.

— Pai! Precisa viver, pai! Quero que viva!

Jean Valjean ergueu os olhos como em adoração.

— Sim, sim, proíba-me de morrer. Quem sabe? Talvez eu obedeça. Quando chegaram eu já estava prestes a morrer. A sua chegada me interrompeu; tive a impressão de renascer.

— Está ainda cheio de força e de vida! — exclamou Marius. — Acha que se morre assim? Sofreu decepções, isso não acontecerá mais. Sou eu que peço perdão, e de joelhos! Vai viver, e viver conosco, por muito tempo. Vamos tê-lo de volta. Somos dois aqui, com um único pensamento: a sua felicidade!

— Viu? — voltou Cosette, debulhada em lágrimas. — Marius disse que não vai morrer.

Jean Valjean continuou a sorrir.

— Ter-me de volta, sr. Pontmercy, faria com que eu deixasse de ser o que sou? Não. Deus pensou como o senhor e como eu, e ele não muda de opinião: é melhor que eu parta. A morte acomoda tudo. Deus sabe melhor que nós o que nos convém. Que sejam muito felizes. Que o sr. Pontmercy tenha Cosette, que a juventude despose a manhã, que haja ao redor de vocês lilases e rouxinóis, que a vida seja um belo gramado sob o sol, que todos os encantos do céu lhes preencha a alma; e eu, que para nada mais sirvo, devo morrer. Não há dúvida ser assim que deve ser. Vamos, sejamos razoáveis, nada mais é possível agora, sinto que está tudo acabado! Há uma hora, tive um desmaio. Esta noite bebi toda a água que havia naquela bilha. Como é bom o seu marido, Cosette! Está melhor com ele do que comigo.

Ouviu-se um barulho à porta. Era o médico.

— Boa tarde e adeus, doutor — disse Jean Valjean. — Estão aqui os meus pobres filhos.

Marius aproximou-se do médico e apenas pela maneira como disse: "Doutor?…" já fazia uma pergunta completa.

O médico respondeu com olhar expressivo.

— Não é por as coisas nos desagradarem — disse Jean Valjean — que devemos ser injustos com Deus.

Seguiu-se um momento de silêncio. Todos se sentiam opressos.

Jean Valjean voltou-se para Cosette, a contemplá-la como se quisesse fazer isso por toda a eternidade. Na profundidade da sombra que já descia, havia ainda êxtase em seu olhar para Cosette.

O médico tomou-lhe o pulso e murmurou, olhando para Cosette e Marius:

— Eram os senhores o que faltava a ele!

Em seguida, inclinando-se ao ouvido de Marius, acrescentou muito baixinho:

— É tarde demais.

Jean Valjean, quase sem deixar de olhar para Cosette, observou Marius e o médico com a maior serenidade e disse, quase sem conseguir articular as palavras:

— Morrer é simples; não viver é que é horrível.

De repente levantou-se. Esses refluxos da força são muitas vezes um indício da agonia. Dirigiu-se a passos firmes até a parede, afastou Marius e o médico, que queriam ajudá-lo, pegou o crucifixo de cobre que ali estava pendurado e tornou a sentar-se, com os movimento livres dos dias de perfeita saúde. Afinal disse em voz alta, pondo o crucifixo em cima da mesa:

— Este é o grande mártir!

Depois inclinou-se, a cabeça pareceu vacilar como se a embriaguez do túmulo já o dominasse e suas mãos, apoiadas nos joelhos, começaram a raspar com as unhas o pano das calças.

Cosette sustinha-lhe os ombros e chorava, tentando falar sem conseguir. Percebiam-se entre os sons misturados à lúgubre saliva que acompanha as lágrimas palavras como:

— Pai! Não nos deixe. Tornar a ver-nos para nos perder?

Pode-se dizer que a agonia serpenteia. Ela vai, volta, avança para o sepulcro e vira-se de novo para a vida. Há hesitação na ação de morrer.

Jean Valjean, depois dessa meia síncope, recobrou o ânimo, sacudiu a cabeça como querendo se livrar das trevas, ficou quase plenamente lúcido. Pegou numa das mangas de Cosette e beijou-a.

— Ele voltou a si, doutor, voltou a si! — gritou Marius.

— Têm ambos muito bom coração — disse Jean Valjean. — Vou dizer o que tanto me mortificou. Foi sobretudo, sr. Pontmercy, o senhor não querer tocar naquele dinheiro. Ele é da sua mulher. Vou explicar como o obtive. Por isso fico tão contente de vê-los. O azeviche preto vem da Inglaterra, o claro da Noruega. Tudo isso está nesse papel que ali está, leiam. Para os braceletes, inventei fios encadeados, substituindo os que eram soldados. É mais bonito, melhor e mais barato. Pode imaginar quanto dinheiro se pode ganhar com isso. A fortuna de Cosette foi honestamente ganha. Conto esses pormenores para sossego do seu espírito.

A zeladora tinha subido e olhava pela porta entreaberta. O médico dispensou-a, mas não pôde evitar que a pobre mulher, antes de descer, gritasse, com a melhor das intenções, ao moribundo.

— Quer um padre?

— Já tenho um — respondeu Jean Valjean.

E com o dedo ele pareceu mostrar um ponto acima da cabeça, onde ele parecia ver alguém.

É provável que o bispo de fato assistisse à sua agonia.

Delicadamente, Cosette ajeitou um travesseiro às suas costas.

Jean Valjean continuou:

— Sr. Pontmercy, por favor, não tenha receio. Os seiscentos mil francos pertencem de direito a Cosette. Eu estaria perdendo toda a minha vida se não usufruírem dele! Chegamos próximo da perfeição naquele gênero de fabricação. Rivalizávamos com o que se faz em Berlim. Por exemplo, não se pode competir com a miçanga preta da Alemanha. Uma grosa, que contém mil e duzentas contas bem achatadas, custa apenas três francos.

Quando está para morrer alguém que nos é caro, o olhar parece agarrar-se a ele, para não deixá-lo ir. Ambos mudos de aflição, não sabendo o que dizer à morte, trêmulos e sem esperança, Cosette e Marius, de mãos dadas, apenas olhavam.

Jean Valjean declinava a cada instante. Enfraquecia, aproximava-se do horizonte sombrio. A respiração se tornou intermitente, entrecortada pelo estertor. Mal conseguiu mover o antebraço, os pés não tinham mais movimento e, ao mesmo tempo em que crescia o desfalecimento do corpo, toda a majestade da alma se patenteava resplandecente na fronte. Ele já via a luz do mundo desconhecido.

O seu rosto empalidecia e sorria. Já não havia vida ali; era outra coisa em seu lugar. O alento diminuía, seu olhar se ampliava. Era um cadáver no qual se pressentiam asas.

Ele fez sinal a Cosette e depois a Marius para que se aproximassem. Era evidente ser o último minuto da última hora. Falou com eles com voz tão fraca que parecia vir de longe. Era como se desde já houvesse uma muralha entre o casal e ele.

— Aproximem-se, aproximem-se os dois. Eu os amo; como é bom morrer assim! Sei que também me ama, minha Cosette. Eu bem sabia que nunca deixaria de ter amizade por este seu pobre velho. Como é delicada por me ter posto essa almofada às costas! Chorará por mim, não é? Não muito. Não quero que fique triste demais. Devem divertir-se muito, meus filhos. Esqueci de dizer que as fivelas sem pino eram o que dava maior lucro. Cada grosa, doze dúzias, saía por dez francos e vendiam-se por sessenta. Era realmente um bom comércio. Não devem causar-lhe susto os seiscentos mil francos, sr. Pontmercy. É dinheiro honrado. Podem ser ricos despreocupadamente. Precisam ter um carro, de vez em quando um camarote num teatro, bonitos vestidos de baile, minha Cosette; dar bons jantares aos amigos, serem muito felizes. Ainda agora escrevia a Cosette, que encontrará por aí a minha carta. É a ela que deixo os dois castiçais que estão em cima da lareira. São de prata, mas para mim são de ouro, de diamante; transformam em círios as velas que queimam. Não sei se quem os deu para mim está satisfeito comigo, lá em cima. Fiz quanto pude. Meus filhos, nunca se esqueçam de que sou um pobre; enterrem-me num canto de terra qualquer, com uma pedra em cima para marcar o lugar. É a minha vontade. Sem nome algum nessa pedra. Se Cosette quiser ir lá às vezes, ficarei feliz; e também

o sr. Pontmercy. Devo confessar que nem sempre gostei do senhor; peço que me perdoe. Mas agora os dois são para mim uma só pessoa. Devo-lhe muito reconhecimento. Sei que fará a felicidade de Cosette. Sabe, sr. Pontmercy, as faces coradas de Cosette eram a minha alegria; quando as via pálidas, ficava triste. Na cômoda tem uma nota de quinhentos francos; não toquei nela; é para os pobres. Reconhece o seu vestidinho ali em cima da cama, Cosette? Lembra dele? No entanto são apenas dez anos. Como o tempo passa! Fomos muito felizes! Acabou. Meus filhos, não chorem, não estarei longe; verei-os de lá. À noite, se olharem, vão me ver sorrir. Cosette, lembra-se de Montfermeil? Você estava no mato, com muito medo. Lembra de quando peguei a alça do balde d'água? Foi a primeira vez que toquei na sua pobre mãozinha; estava tão fria! Naquele tempo suas mãos eram bem vermelhas, e agora bem alvas. E da boneca grande, lembra? Catherine, é como você a chamava. Como ficou triste por não tê-la levado para o convento. Quantas vezes me fez rir, meu anjo! Depois das chuvas, você fazia navegar na água que corria uma palhinha para ficar vendo-a se afastar. Um dia eu te dei uma raquete de vime e uma peteca com penas amarelas, azuis e verdes. Isso você já esqueceu. Era tão levada quando pequena! Brincava com tudo! Punha cerejas na orelha. São coisas do passado. As florestas atravessadas com sua criança, as árvores sob as quais passaram, os conventos onde se esconderam, as brincadeiras, os doces risos de infância, é tudo sombra. Tinha chegado a imaginar que tudo isso me pertencia; foi a minha tolice. Aqueles Thénardier foram muito maus; é preciso perdoá-los. Cosette, chegou o momento de dizer o nome da sua mãe. Chamava-se Fantine. Guarde este nome: Fantine. Ponha-se de joelhos sempre que o pronunciar. Padeceu muito e amava-a ainda mais. Teve de infelicidade tanto quanto você tem de felicidade. São partilhas feitas por Deus. Ele está lá em cima, nos vê a todos, e sabe o que fazer entre as suas grandes estrelas. Estou indo, meus filhos. Amem-se sempre muito. Nada mais há no mundo além disso: amar-se. Pensem um pouco, de vez em quando, no pobre velho que aqui morreu. Ah, Cosette, não foi por querer que não a vi ultimamente, isso me despedaçava o coração. Ia até a esquina da rua em que você mora. As pessoas que me viam passar achavam estranho; eu andava como louco; uma vez saí de casa sem o chapéu. Meus filhos, não estou mais vendo bem; tinha ainda coisas a dizer, mas não faz mal. Pensem às vezes em mim. São abençoados. Não sei o que tenho, estou vendo luz. Aproximem-se mais. Morro feliz. Deixem-me tocar suas cabeças amadas.

Cosette e Marius se ajoelharam, desorientados, sufocados pelas lágrimas, cada um sob uma das mãos de Jean Valjean. Aquelas mãos augustas já não se moviam.

Estava caído para trás; a luz dos dois castiçais o iluminava; o rosto descorado olhava para o céu e deixava que Cosette e Marius cobrissem suas mãos de beijos;

estava morto.

A noite não tinha estrelas e era profundamente escura. Sem dúvida, no meio da sombra, estava de pé algum anjo imenso, de asas abertas, esperando sua alma.

VI

A erva oculta e a chuva apaga

No cemitério Père-Lachaise, nas proximidades da vala comum, longe do bairro elegante daquela cidade dos sepulcros, longe de todos aqueles túmulos fantasiosos que ostentam, diante da eternidade, as hediondas modas da morte, num canto deserto, junto de um velho muro, sob um grande teixo, tomado por trepadeiras, entre moitas de grama e de outros matos, há uma pedra. Essa pedra não está mais protegida que as outras das lepras do tempo, do bolor, do musgo e do excremento dos passarinhos. A água a enverdece, o ar a enegrece. Não está próxima de nenhum caminho e ninguém vai para aqueles lados, porque o mato ali é alto e rapidamente têm-se os pés encharcados. Quando há sol, lagartos se aventuram nessa área. Em volta, há um frequente balançar da relva. Na primavera, as toutinegras cantam na árvore.

Essa pedra está completamente nua. Só pensaram, ao talhá-la, no essencial para o túmulo. O único cuidado foi fazê-la comprida e estreita o bastante para cobrir um homem.

Não se vê nome nenhum.

Mas há anos, porém, houve quem escrevesse nela a lápis estes quatro versos, que pouco a pouco se tornaram ilegíveis pela ação da chuva e da poeira, e que provavelmente hoje estão já apagados:

> Dorme. Viveu na terra em luta contra a sorte;
> Mal seu anjo voou, ele pediu refúgio à morte.
> O caso aconteceu por essa lei sombria
> Que faz que a noite chegue, mal foge o dia.

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
André Marinho
Thais Entriel

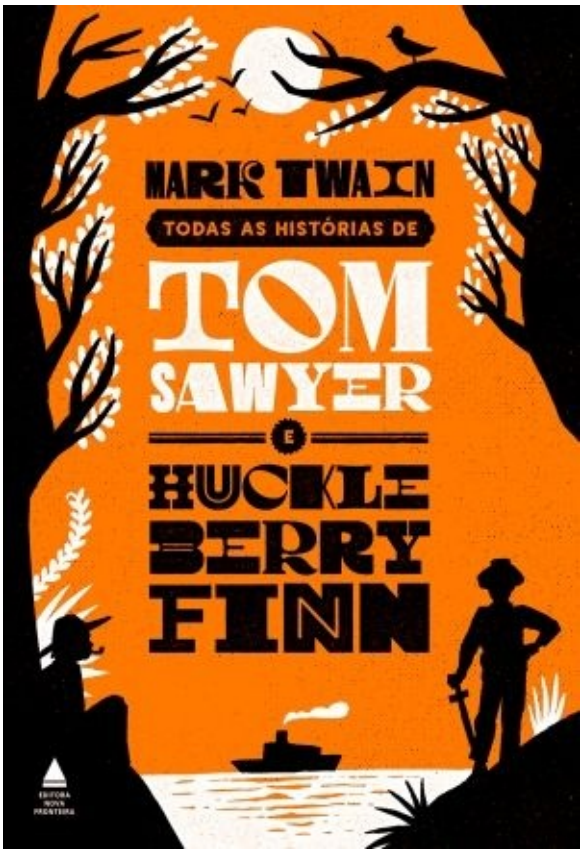
REVISÃO DE TRADUÇÃO
Eduardo Rosal
Jorge Bastos Cruz

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Carolina Leocadio
Juliana Souza

CAPA
Sergio Campante

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Larissa Fernandez Carvalho
Leticia Fernandez Carvalho

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio


MARK TWAIN
TODAS AS HISTÓRIAS DE
TOM SAWYER
E
HUCKLEBERRY FINN

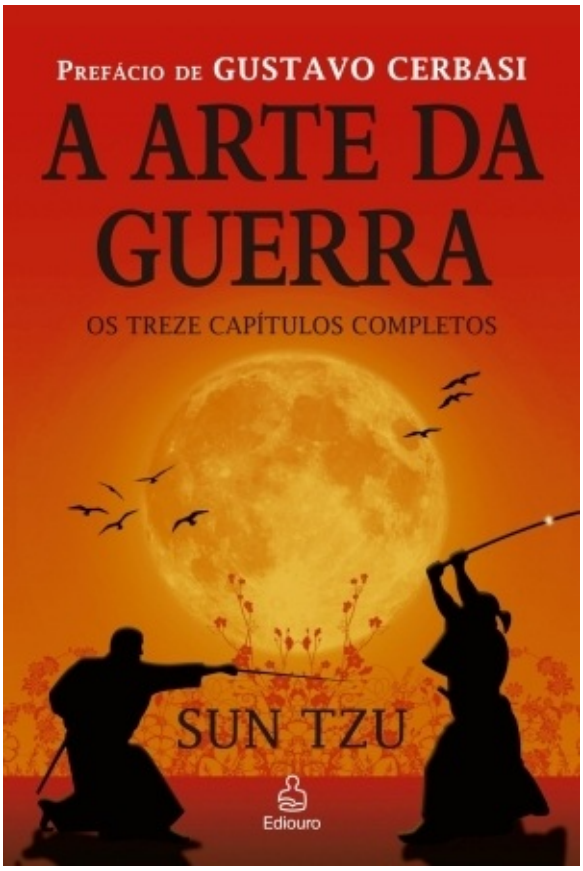
Box Todas as histórias de Tom Sawyer e Huckleberry Finn

Twain, Mark
9788520944868
784 páginas

Compre agora e leia

Tom Sawyer e Huckleberry Finn formam a dupla mais famosa da literatura norte-americana. Neste box, estão reunidas todas as histórias desses parceiros inseparáveis, que são consideradas as maiores criações do genial Mark Twain. Tom é um garoto esperto que vive com a tia, o irmão e a prima em um povoado às margens do mítico rio Mississippi, durante o período escravocrata. No seu tempo livre, ele se junta a Huck e realiza as mais mirabolantes façanhas em busca de tesouros. Em As aventuras de Tom Sawyer, os dois amigos presenciam um assassinato, cujo desenrolar mudará para sempre as suas vidas. Já no aclamado As aventuras de Huckleberry Finn, segundo volume do box, Huck embarca em uma viagem pelo rio Mississippi na companhia de Jim, um escravo fugitivo que encontra no garoto a única chance de sobreviver. O terceiro tomo traz as duas histórias finais da dupla. Em As viagens de Tom Sawyer, a fome de aventuras de Tom e Huck extravasa os limites do Sul dos Estados Unidos e ganha o mundo. Em Tom Sawyer, detetive, os meninos precisam usar todas as suas técnicas de detetives-mirins para livrar um inocente da forca.

Compre agora e leia


PREFÁCIO DE GUSTAVO CERBASI
A ARTE DA GUERRA
OS TREZE CAPÍTULOS COMPLETOS
SUN TZU
Ediouro

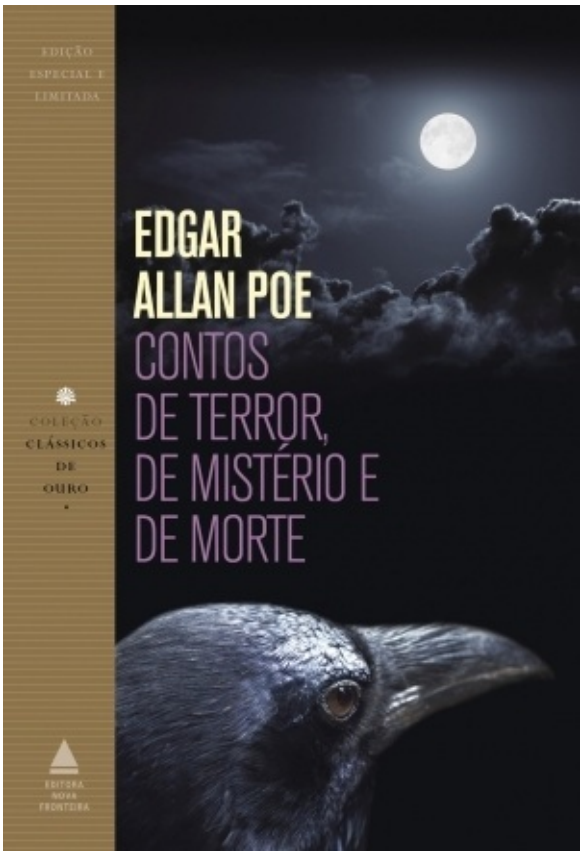
A arte da guerra

Tzu, Sun
9788520926307
112 páginas

Compre agora e leia

Milenar tratado militar de Sun Tzu, *A Arte da Guerra* é tão compreensível e atual que se tornou um texto clássico. Acredita-se, inclusive, que o livro tenha sido usado ao longo dos tempos por estrategistas militares como Napoleão, Adolf Hitler e Mao Tse Tung. Hoje, o livro migrou das estantes dos estrategistas para a dos economistas, administradores, políticos, vendedores, empresários e todos aqueles cuja meta é a vitória – em todos os níveis.Nesta edição, além dos 13 capítulos completos, o leitor vai se aprofundar no tema com a riquíssima introdução dos professores Antonio J. B. de Menezes Júnior e Chen Tsung Jye, ambos do curso de chinês do Departamento de Letras Orientais da USP. Outro diferencial é o prefácio de Gustavo Cerbasi, autor de best-sellers na área de negócios como *Casais Inteligentes Enriquecem Juntos* e *Investimentos Inteligentes.*

Compre agora e leia


EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA
EDGAR
ALLAN POE
CONTOS
DE TERROR,
DE MISTÉRIO E
DE MORTE
COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO
EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

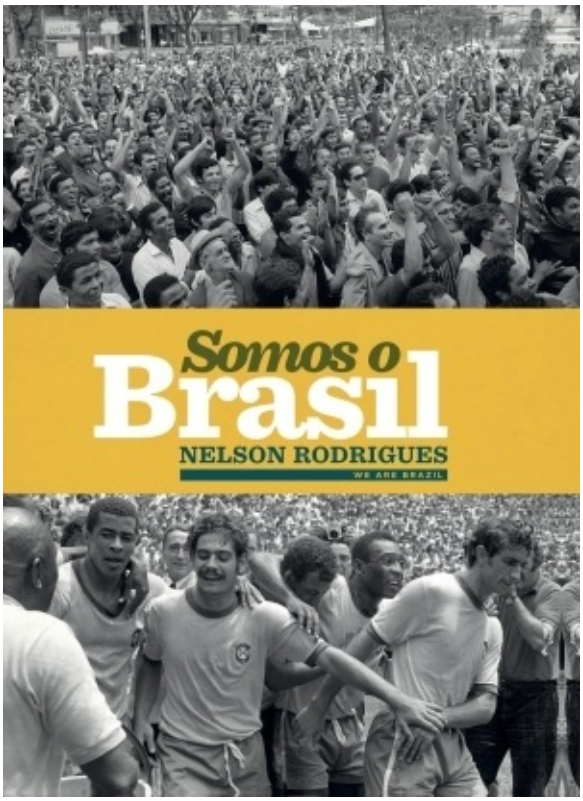
Contos de terror, de mistério e de morte

Allan Poe, Edgar
9788520941720
240 páginas

Compre agora e leia

Com esta coletânea, o leitor entrará em contato com alguns das melhores histórias da obra de Edgar Allan Poe, considerado o criador do conto policial. Nelas, associam-se medos reais a casos extraordinários, e o resultado é espetacular e surpreendente. Neste Contos de terror, de mistério e de morte estão reunidas algumas de suas melhores narrativas e, dialogando com elas, ao final do volume, o aclamado poema "O corvo", que se tornou emblemático da produção literária do autor norte-americano. Como resultado temos uma coletânea em que se associam medos reais a casos extraordinários, o espetacular e o surpreendente em concentradas doses do mais puro terror.

Compre agora e leia


Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL

Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson
9788520938218
128 páginas

Compre agora e leia

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!" *Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"*EDIÇÃO BILÍNGUE / *BILINGUAL EDITION*

Compre agora e leia


RUBEM
FONSECA
Calibre 22

Calibre 22

Fonseca, Rubem
9788520941355
208 páginas

Compre agora e leia

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certeiros de um autor do mais alto calibre.

Compre agora e leia